

TRILOGIA

RENEGADOS

MARISSA MEYER

AUTORA BESTSELLER #1 DA SÉRIE
CRÔNICAS LUNARES

Rocco
DIGITAL



TRILOGIA RENEGADOS

ISBN: 978-65-5595-149-3

Contém os títulos:

Renegados | 978-85-7980-489-2

Arqui-inimigos | 978-65-5595-072-4

Supernova | 978-65-5595-129-5

SUMÁRIO

Renegados

Arqui-inimigos

Supernova

ESCOLHA SEU LADO

ELE QUER JUSTIÇA
RENEGADOS
ELA QUER VINGANÇA

MARISSA MEYER

AUTORA BESTSELLER #1 DA SÉRIE
CRÔNICAS LUNARES

Pocco
DIGITAL

RENEGADOS

Tradução de Regiane Winarski

MARISSA MEYER

Rocco:
DIGITAL

Para Jeffrey, o primeiro herói que tive

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Lista de personagens

Introdução

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Agradecimientos

Créditos

A Autora

LISTA DE PERSONAGENS



OS RENEGADOS: EQUIPE DE RABISCO

RABISCO – Adrian Everhart

Consegue dar vida aos seus desenhos e artes

MONARCA – Danna Bell

Transforma-se em um enxame de borboletas-monarcas

ASSASSINA VERMELHA – Ruby Tucker

Quando ferida, o sangue se cristaliza em forma de armas; sua marca registrada é um gancho feito de heliotrópio

CORTINA DE FUMAÇA – Oscar Silva

Conjura fumaça e vapor

OS ANARQUISTAS

PESADELO – Nova Artino

Não dorme nunca e pode fazer os outros dormirem com um toque

DETONADORA – Ingrid Thompson

Cria explosivos a partir do ar que podem ser detonados quando quer

FOBIA – nome verdadeiro desconhecido

Transforma o corpo e sua foice na personificação de vários medos

TITEREIRO – Winston Pratt

Transforma as pessoas em marionetes indefesas que fazem o que ele quer

ABELHA-RAINHA – Mel Harper

Exerce controle sobre todas as abelhas e vespas

CIANETO – Leroy Flinn

Gera venenos ácidos pela pele

CONSELHO DOS RENEGADOS

CAPITÃO CROMO – Hugh Everhart

Tem superforça e é quase invencível a ataques físicos; capaz de gerar armas de cromo

GUARDIÃO TERROR – Simon Westwood

Pode ficar invisível

TSUNAMI – Kasumi Hasegawa

Gera e manipula água

PÁSSARO DO TROVÃO – Tamaya Rae

Gera trovões e relâmpagos; é capaz de voar

LUZ NEGRA – Evander Wade

Cria e manipula luz e escuridão

ÉRAMOS TODOS VILÕES NO começo.

É Durante centenas de anos, prodígios foram temidos pelo restante do mundo. Nós começamos a ser caçados. Atormentados. Temidos e oprimidos. Acreditavam que éramos bruxas e demônios, aberrações e abominações. Fomos apedrejados, enforcados e queimados, enquanto multidões se reuniam para assistir, com expressões cruéis, orgulhosas de livrarem o mundo de mais um pária.

Elas estavam certas de terem medo.

Centenas de anos. Quem teria aguentado?

Ace Anarquia mudou tudo. Uniu os prodígios mais poderosos que conseguiu encontrar e juntos eles se rebelaram.

Ele começou com a infraestrutura. Prédios do governo arrancados das bases. Bancos e bolsas de valores destruídos. Pontes arrancadas do céu. Rodovias inteiras reduzidas a montes de pedras. Quando os militares enviaram jatos, ele os arrancou do céu como se fossem mariposas. Quando enviaram tanques, ele os esmagou como se fossem latas de alumínio.

Depois, foi atrás das pessoas que falharam com ele. Com todos eles.

Governos inteiros destruídos. Forças da lei desfeitas. Os burocratas metidos que compraram cargos de poder e influência... todos mortos, em questão de semanas.

Os Anarquistas não se importavam muito com o que viria depois que o mundo desmoronasse. Só queriam mudança, e conseguiram. Em pouco tempo, uma série de gangues de vilões começou a sair das cinzas da sociedade, cada uma ávida por sua fatia de poder, e não demorou para que a influência de Ace Anarquia se espalhasse pelo planeta. Prodígios se uniram

pela primeira vez na história, alguns cheios de ira e ressentimento, outros desesperados por uma aceitação que nunca veio. Eles exigiam tratamento justo, direitos humanos e proteção da lei, e, em alguns países, os governos em pânico correram para oferecer exatamente isso.

Mas, em outros países, as rebeliões ficaram violentas, e a violência virou anarquia.

O caos surgiu para ocupar o vazio que a sociedade civilizada deixou para trás. O comércio e a indústria pararam de funcionar. Guerras civis explodiram em todos os continentes. Gatlon foi isolada do mundo, e o medo e a desconfiança que prevaleceram continuariam presentes por vinte anos.

Essa época foi chamada de Era da Anarquia.

Ao olhar para trás agora, as pessoas falam dos Anarquistas e das outras gangues como se fossem a pior parte daqueles vinte anos, mas não foram. Claro, todo mundo morria de medo deles, mas eles deixavam as pessoas em paz, desde que pagassem o que deviam e não causassem problemas.

Mas as pessoas. As pessoas normais. Elas eram bem piores. Sem regra e sem lei, acabou sendo cada homem, mulher e criança por si. Não havia repercussão por crimes nem por violência; não havia para quem correr quando se levava uma surra ou era roubado. Não havia polícia. Não havia prisão. Não legítimas, pelo menos. Vizinhos roubavam de vizinhos. Lojas eram saqueadas e suprimentos eram estocados, e crianças morriam de fome na sarjeta. Passou a ser os fortes contra os fracos, e, no fim das contas, os fortes em geral eram uns idiotas.

A humanidade perde a fé em momentos assim. Sem ninguém para admirar, sem ninguém em quem acreditar, todos nós viramos ratos correndo pelos esgotos.

Talvez Ace tenha sido mesmo um vilão. Ou talvez tenha sido um visionário.

Talvez não haja muita diferença

De qualquer modo, as gangues comandaram a cidade de Gatlon por vinte anos, enquanto o crime e os vícios se espalhavam como esgoto em volta de um cano furado. E a Era da Anarquia talvez continuasse por mais vinte anos. Cinquenta. Uma eternidade.

Mas aí, da noite para o dia... esperança.

Uma esperança luminosa e cintilante, vestindo capas e máscaras.

Uma esperança linda e alegre, prometendo resolver todos os seus problemas, usar a justiça contra os seus inimigos e, provavelmente, ter uma conversa séria com alguns pedestres imprudentes no caminho.

Uma esperança calorosa e promissora, que encorajava as pessoas normais a ficarem dentro de casa, onde era seguro, enquanto eles davam um jeito em tudo. Não se preocupem com nada.

Vocês já têm muita coisa em que pensar, tendo que se esconder e chorar secretamente como têm feito ultimamente. Podem tirar o dia de folga. Somos super-heróis. Nós cuidamos disso.

A esperança se chamava Renegados.

PRÓLOGO



NOVA ESTAVA RECOLHENDO SERINGAS no beco atrás do prédio havia semanas. Ela sabia que os pais as pegariam se descobrissem, então escondia todas em uma caixa de sapatos velha, junto com uma variedade de parafusos, lacres, fios de cobre, bolas de algodão e qualquer coisa que ela achasse que pudesse ser útil em suas invenções. Com seis, quase sete anos, ela já tinha percebido como era importante ser versátil e econômica. Afinal, não podia exatamente fazer uma lista e mandar o pai à loja comprar suprimentos.

As seringas seriam úteis. Ela sabia desde o começo.

Ela prendeu um tubo fino de plástico na ponta de uma e enfiou a ponta oposta do tubo em um copo de água que tinha enchido na pia do banheiro. Puxou o êmbolo e encheu o tubo de água. Com a língua aparecendo pela abertura do primeiro dente que tinha perdido recentemente, ela pegou uma segunda seringa e a enfiou no lado oposto do tubo, depois remexeu na caixa de ferramentas para pegar um arame comprido o suficiente para prender o sistema de roldanas que tinha desenvolvido no alto da casinha de bonecas.

Demorou o dia inteiro, mas Nova, finalmente, estava pronta para o teste.

Ela prendeu alguns móveis da casa de bonecas na plataforma do elevador, pegou a seringa e apertou o êmbolo. A água se deslocou pelo tubo, empurrando o segundo êmbolo para cima e botando a série complicada de roldanas em ação.

O elevador subiu.

Se recostando, Nova abriu um sorriso.

— Elevador movido a energia hidráulica. *Sucesso.*

Um grito do quarto ao lado atrapalhou o momento, seguido da voz tranquilizadora da mãe. Nova olhou para a porta fechada do quarto. Evie estava doente de novo. Parecia que vivia com febre agora e havia dias que não tinham remédio para ela. O tio Alec deveria trazer mais, mas talvez demorasse horas.

Quando Nova ouviu o pai perguntando ao tio Alec se ele conseguiria ibuprofeno infantil para a febre do bebê, ela pensou em pedir mais jujubas de frutas como as que ele tinha lhe dado no aniversário do ano anterior, ou talvez um pacote de pilhas recarregáveis.

Poderia fazer muita coisa com pilhas recarregáveis.

Mas Papà devia ter visto o pedido nascendo em seu rosto e olhou para ela de um jeito que a silenciou. Nova não sabia bem o que aquilo queria dizer. Tio Alec sempre foi bom com eles, levava comida e roupas e, às vezes, até brinquedos dos espólios semanais, mas seus pais nunca queriam pedir nada especial, por mais que precisassem. Quando havia algo específico, eles tinham que ir aos mercados e propor trocas, geralmente pelas coisas que seu pai fazia.

A última vez que o pai tinha ido ao mercado, ele voltou com um saco de fraldas reutilizáveis para Evie e um corte irregular na sobancelha. A própria mãe que deu os pontos. Nova assistiu, fascinada ao perceber que era exatamente do mesmo jeito que a mãe costurava o urso Dolly quando as costuras se abriam.

Nova se voltou para o sistema hidráulico. O elevador estava quase na altura do segundo andar da casa de bonecas. Se conseguisse aumentar a capacidade da seringa, ou fazer ajustes ao sistema de alavancas...

Atrás da porta, o choro continuava. O piso estava gemendo agora que seus pais estavam se revezando para consolar Evie, andando de um lado para o outro do apartamento.

Os vizinhos começariam a reclamar em pouco tempo.

Suspirando, Nova colocou a seringa no chão e se levantou.

Papà estava segurando Evie no colo na sala da frente, balançando-a e tentando encostar uma toalha fresca na testa quente, mas isso só a fazia chorar mais alto e tentar empurrar o paninho. Pela porta da cozinha pequena, Nova viu sua mãe remexendo nos armários, reclamando do suco de maçã no lugar errado, apesar de todos eles saberem que não tinha suco nenhum.

— Quer que eu ajude? — perguntou Nova.

Papà se virou para ela, a consternação no olhar. Evie gritou mais alto quando ele esqueceu de balançá-la por dois segundos inteiros.

— Desculpa, Nova — pediu ele, balançando Evie de novo. — Não é justo pedir que você faça isso... mas se ela pudesse dormir mais uma ou duas horas... descansar pode fazer bem a ela, e pode ser que Alec já tenha chegado até ela acordar.

— Não me importo — disse Nova, esticando a mão para o bebê. — É fácil.

Papà franziu a testa. Às vezes Nova achava que ele não gostava de seu dom, embora não soubesse por quê. A única coisa que já tinha feito foi deixar o apartamento mais tranquilo.

Ele se agachou e colocou Evie nos braços de Nova, verificando se ela estava segurando direito. Evie estava ficando tão pesada, não mais o bebezinho que era menos de um ano antes. Agora, estava com coxas gorduchas e braços agitados. Começaria a andar qualquer dia daqueles, seus pais sempre diziam.

Nova se sentou no colchão no canto do quarto e passou os dedos pelos cachos macios do bebê. Evie estava confusa, com lágrimas grandes rolando pelas bochechas fofas. Encontrava-se tão febril que a sensação era de estar segurando uma fornalha em miniatura.

Nova afundou nos cobertores e travesseiros e encostou o polegar na bochecha da irmã para pegar uma lágrima quente. Deixou que seu poder penetrasse nela. Uma pulsação tranquila e gentil.

O choro parou.

Os olhos de Evie tremeram, as pálpebras ficaram pesadas. A boca se abriu em um “O” trêmulo.

E assim, do nada, ela estava dormindo.

Nova ergueu o olhar e viu os ombros do pai relaxarem de alívio. Sua mãe apareceu na porta, surpresa e curiosa, até ver Nova com o bebê no colo.

— Esse é meu jeito favorito — sussurrou Nova para eles. — Quando ela está toda macia e aconchegada e... *quieta*.

O rosto de sua mãe relaxou.

— Obrigada, Nova. Talvez ela esteja melhor quando acordar.

— E não tenhamos que começar a procurar outro lugar pra morar — resmungou Papà. — Charlie já expulsou gente por menos do que um bebê chorão.

Sua mãe balançou a cabeça.

— Ele não arriscaria irritar seu irmão assim.

— Não sei. — Papà franziu a testa. — Não sei mais o que as pessoas fariam e não fariam. Além do mais... não quero ter mais dívidas com Alec do que já temos.

Sua mãe se recolheu para a cozinha para começar a guardar as latas e caixas que tinha espalhado pelo piso, enquanto Papà afundava em uma cadeira em frente à única mesa do apartamento. Nova o viu massagear as têmporas por um momento, depois empertigar os ombros e começar a trabalhar em um projeto novo. Nova não sabia bem o que ele estava fazendo, mas amava vê-lo trabalhar. O dom dele era bem mais interessante do que o dela: o jeito como conseguia puxar fios de energia do ar, dobrá-los e esculpi-los como filigrana de ouro.

Era lindo de ver. Hipnotizante, até, quando as tiras luminosas surgiam do nada, fazendo o ar no apartamento zumbir, depois ficavam em silêncio e escureciam quando seu pai deixava que endurecessem para formar algo tangível e real.

— O que você está fazendo, Papà?

Ele olhou para ela, e uma sombra surgiu em seu rosto ao mesmo tempo que ele sorria para ela.

— Ainda não sei direito — disse ele, os dedos contornando o trabalho delicado de metal. — Alguma coisa... alguma coisa que espero que conserte parte dos grandes males que causei a este mundo.

Ele suspirou, um som pesado que fez Nova franzir a testa. Ela sabia que havia coisas que os pais não lhe contavam, coisas que tentavam esconder dela, e odiava isso. Às vezes, ouvia conversas entre os dois, palavras trocadas pelas longas horas da noite, quando eles achavam que ela estava dormindo. Eles sussurravam sobre prédios que caíram e bairros inteiros queimados até não sobrar nada. Murmuravam sobre lutas pelo poder e como não parecia haver mais lugar seguro e que eles até poderiam fugir da cidade, mas que a violência parecia ter consumido todo o mundo agora, então para onde eles iriam?

Uma semana antes, Nova ouviu a mãe dizer: “Vão acabar com todos nós se ninguém os impedir...”

Nova quis perguntar sobre isso, mas sabia que só receberia respostas vagas e sorrisos tristes e ouviria que não era para ela se preocupar.

— Papà —repetiu ela, depois de observá-lo por um tempo. — A gente vai ficar bem?

Um fiapo de energia cor de cobre tremeu e se desintegrou no ar. Seu pai a olhou com expressão arrasada.

— Claro, querida. Nós vamos ficar bem.

— Então por que você sempre parece tão preocupado?

Ele colocou o trabalho na mesa e se encostou na cadeira. Por um momento, ela achou que o pai estava quase chorando, mas ele piscou e a expressão se desfez.

— Escuta, Nova — disse ele, saindo da cadeira para se agachar na frente dela. — Tem muita gente perigosa no mundo. Mas também tem muita gente boa. Gente corajosa. Por pior que as coisas fiquem, temos que nos lembrar disso. Desde que haja heróis no mundo, há esperança de que amanhã será melhor.

— Os Renegados — sussurrou ela, a voz carregada com um toque de admiração.

Um leve sorriso surgiu nas feições do pai.

— Os Renegados — confirmou ele.

Nova encostou as bochechas nos cachos macios de Evie. Os Renegados pareciam mesmo estar ajudando todo mundo atualmente. Um tinha capturado um assaltante que tentou levar a bolsa da Sra. Ogilvie, e ela soube que um grupo de Renegados tinha invadido um dos armazéns de uma gangue e tirado toda a comida para levar para um orfanato.

— E eles vão nos ajudar? — perguntou ela. — A gente pode pedir remédio pra *eles* da próxima vez.

Seu pai balançou a cabeça.

— Nós não precisamos desse tipo de ajuda tanto quanto outras pessoas da cidade.

Nova franziu a testa. Não conseguia imaginar alguém precisando desse tipo de ajuda mais do que eles.

— Mas — continuou seu pai —, quando precisarmos deles... quando *realmente* precisarmos, eles estarão aqui, certo? — Ele engoliu em seco, e pareceu mais esperançoso do que convincente quando acrescentou: — Eles vão nos proteger.

Nova não questionou o que ele disse. Os Renegados eram super-heróis. Eram os mocinhos. Todo mundo sabia.

Ela encontrou os dedos gorduchos de Evie e começou a contar cada dobra enquanto repassava todas as histórias que tinha ouvido. Os Renegados resgataram o

motorista de um caminhão de entregas capotado. Os Renegados acabaram com uma troca de tiros em um bairro comercial próximo. Os Renegados salvaram uma criança que tinha caído na baía Harrow.

Eles estavam sempre ajudando, sempre aparecendo no momento certo. Era isso que eles *faziam*.

Talvez, ela pensou (enquanto o pai se voltava novamente para o trabalho), talvez eles só estivessem esperando o momento certo para aparecer e ajudá-los também.

Seu olhar pousou nas mãos do pai. Ela ficou olhando enquanto elas moldavam, esculpiam, puxavam mais fios de energia do ar.

As pálpebras de Nova começaram a pesar.

Mesmo nos sonhos ela via as mãos do pai, só que agora ele estava puxando estrelas cadentes do céu, juntando-as como contas douradas cintilantes...



UMA PORTA BATEU.

Nova acordou com um susto. Evie bufou e rolou para longe dela.

Grogue e desorientada, Nova se sentou e sacudiu o braço, que formigava pelo tempo passado embaixo da cabeça de Evie. As sombras no quarto tinham mudado. Havia vozes baixas no corredor. Papà parecia tenso. Sua mãe murmurava *por favor, por favor*...

Nova afastou o cobertor que tinha sido colocado por cima dela e o ajeitou em volta de Evie, passando sorrateiramente pela mesa onde uma pulseira delicada da cor de cobre estava abandonada, um espaço vazio na filigrana esperando para ser preenchido por uma pedra preciosa.

Quando chegou à porta da frente, virou a maçaneta o mais lentamente que conseguiu e abriu o suficiente para poder espiar o corredor escuro.

Havia um homem no patamar, com barba por fazer no queixo e cabelo claro preso em um rabo de cavalo lustroso. Ele usava um casaco pesado, apesar de não estar frio lá fora.

Estava segurando uma arma.

Seu olhar indiferente se desviou para Nova e ela recuou, mas sua atenção voltou para o pai, como se ele não a tivesse visto.

— É um mal-entendido — disse Papà. Ele tinha entrado entre o homem e a mãe de Nova. — Me deixa falar com ele. Tenho certeza de que posso explicar...

— Não houve mal-entendido nenhum — cortou o homem. A voz estava baixa e fria. — Você traiu a confiança dele, Sr. Artino. Ele não gosta disso.

— Por favor — disse a mãe. — As crianças estão aqui. Por favor, tenha misericórdia. Ele inclinou a cabeça e olhou de um para o outro.

O medo contraiu o estômago de Nova.

— Me deixa falar com ele — repetiu Papà. — Nós não fizemos nada. Sou leal, eu juro. Sempre fui. E minha família... por favor, não faça mal à minha família.

Houve um momento em que pareceu que o homem poderia sorrir, mas passou.

— Minhas ordens foram bem claras. Não é meu trabalho fazer perguntas... nem ter misericórdia.

Seu pai deu um passo para trás.

— Tala, pega as garotas. *Vai*.

— David... — choramingou a mãe dela, se movendo na direção da porta.

Ela mal tinha dado um passo quando o estranho ergueu o braço.

Um tiro.

Nova ofegou. O sangue fez um arco na porta e algumas gotas acertaram sua testa. Ela ficou olhando, sem conseguir se mexer. Papà gritou e segurou a esposa. Ele a virou nos braços. Estava tremendo enquanto a mãe ofegava e se engasgava.

— Sem sobreviventes — disse o homem com a voz baixa e regular. — Essas foram as minhas ordens, Sr. Artino. O único culpado disso é você mesmo.

O pai de Nova a viu do outro lado da porta. Seus olhos se arregalaram, cheios de pânico.

— Nova. Cor...

Outro tiro.

Desta vez, Nova gritou. Seu pai caiu por cima do corpo da mãe, tão perto que daria para ela tocar nos dois.

Ela se virou e cambaleou dentro do apartamento. Passou pela cozinha, entrou no quarto. Bateu a porta e abriu o armário. Subiu em cima dos livros e ferramentas e caixas que cobriam o chão. Fechou a porta e se encolheu em um canto, ofegando para respirar, a visão dos pais queimada na mente cada vez que ela fechava os olhos. Tarde demais, ela pensou que devia ter ido pela saída de incêndio. Tarde demais.

Tarde demais, ela lembrou...

Evie.

Tinha deixado Evie lá fora.

Tinha deixado *Evie*.

Um ofegar trêmulo foi sufocado por um grito horrorizado, apesar de ela tentar engolir os dois. A mão pousou na porta do armário, e ela tentou avaliar com que velocidade conseguiria ir até a sala e voltar, se havia alguma chance de pegar o bebê sem ser vista...

A porta da frente gemeu ao ser aberta, e ela ficou paralisada.

Ela botou a mão na boca.

Talvez ele não reparasse em Evie. Talvez ela ficasse dormindo.

Ela ouviu os passos lentos e pesados. O piso gemendo.

Nova estava tremendo tanto que teve medo do barulho dos ossos entregar onde estava. Também sabia que não importaria.

O apartamento era pequeno, e ela não tinha para onde correr.

— Os Renegados virão — sussurrou ela, a voz pouco mais do que um sopro na escuridão. As palavras surgiram do nada na cabeça dela, mas estavam lá mesmo assim. Uma coisa sólida. Uma coisa à qual se agarrar.

Bam.

O sangue da mãe na porta.

Ela choramingou.

— Os Renegados virão...

Uma verdade, inspirada pelas incontáveis notícias ouvidas no rádio. Uma certeza, montada a partir das palavras dos vizinhos fofoqueiros.

Eles sempre vinham.

Bam.

O corpo do pai caindo no corredor.

Nova cerrou os olhos enquanto lágrimas quentes desciam pelas bochechas.

— Os Renegados... os Renegados virão.

O choro agudo de Evie soou na sala.

Nova abriu os olhos. O choro subiu pela garganta, e ela não conseguiu mais dizer as palavras em voz alta.

Por favor, por favor, que venham...

Um terceiro tiro.

O ar entalou nos pulmões de Nova.

Seu mundo parou. Sua mente ficou vazia.

Ela afundou na bagunça no fundo do armário.

Evie tinha parado de chorar.

Evie tinha parado.

Ao longe, ela ouviu o homem se movendo pelo apartamento, verificando dentro dos armários e atrás das portas. Lento. Metódico.

Quando a encontrou, Nova tinha parado de tremer. Ela não conseguia sentir mais nada. Não conseguia pensar. As palavras ainda ecoavam na mente dela, mas tinham perdido todo o significado.

Os Renegados... os Renegados virão...

Banhada com a luz do quarto, Nova ergueu os olhos. O homem estava na sua frente. Havia sangue na camisa dele. Mais tarde, ela lembraria que não havia arrependimento, não havia um pedido de desculpa, não havia remorso.

Nada quando ele ergueu a arma.

O metal foi encostado na testa, onde o sangue da mãe dela já tinha esfriado.

Nova esticou a mão, segurou o pulso dele e liberou seu poder com mais força do que já tinha feito na vida.

O maxilar do homem ficou frouxo. Os olhos embotaram e rolaram para dentro da cabeça. Ele caiu para trás e bateu no chão do quarto dela com um ruído retumbante, esmagando a casinha de bonecas com o peso. O prédio todo pareceu sacudir com a queda dele.

Segundos depois, uma respiração profunda e pacífica ocupou o apartamento.

Os pulmões de Nova se contraíram de novo. O ar se moveu pela garganta, tremendo. Para dentro. E para fora.

Ela se obrigou a se levantar e a limpar as lágrimas e o catarro do rosto.

Pegou a arma, apesar de senti-la estranha e pesada na mão, e enfiou o dedo na frente do gatilho.

Deu um passo adiante, uma das mãos segurando o batente da porta enquanto saía da proteção do armário. Não sabia bem onde devia mirar. Na cabeça. No peito. Na barriga.

Decidiu pelo coração. Chegou tão perto dele que conseguia sentir a camisa com os dedos dos pés.

Bam. Sua mãe estava morta.

Bam. Seu pai.

Bam. Evie...

Os Renegados não tinham vindo.

Eles não viriam.

— Puxa o gatilho — sussurrou ela no quarto vazio. — Puxa o gatilho, Nova.

Mas ela não puxou o gatilho.

— Puxa o gatilho.

Não conseguia.

Minutos, talvez horas depois, o tio a encontrou. Ela ainda estava parada ao lado da forma adormecida do estranho, ordenando a si mesma a puxar o gatilho. Ouvindo os disparos repetidamente cada vez que ousava fechar os olhos.

— Nova? — Uma sacola plástica caiu no chão, com um frasco de remédio de plástico dentro. Nova levou um susto e virou a arma para ele.

Tio Alec nem se encolheu quando se agachou na frente dela. Estava vestido como sempre: com o uniforme preto e dourado, os olhos escuros quase invisíveis pelo elmo cor de cobre que disfarçava boa parte do rosto.

— Nova... Seus pais... Sua irmã... — Ele olhou para baixo e pegou a arma. Nova não resistiu quando ele a tirou da mão dela. Sua atenção se voltou para o homem. — Eu sempre achei que você talvez fosse uma de nós, mas seu pai não queria me contar o que você era capaz de fazer...

Ele encarou Nova de novo. Havia pena e, talvez, admiração.

Com esse olhar, Nova desmontou e se jogou nos braços dele.

— Tio Alec — disse ela aos prantos, chorando no peito dele. — Ele atirou neles... ele... ele matou...

O tio a pegou no colo e a aninhou contra o peito.

— Eu sei — murmurou ele no cabelo dela. — Eu sei, minha criança doce e perigosa. Mas você está em segurança agora. Vou proteger você.

Ela quase não o ouviu em meio ao barulho na cabeça. O tumulto pressionando o interior do crânio. *Bam-bam-bam.*

— Mas você não pode me chamar mais de Alec, não lá fora. Tudo bem, meu pequeno pesadelo? — Ele fez carinho no cabelo dela. E o cabo da arma bateu na sua orelha. — Para o resto do mundo, sou Ace. Entendeu? Tio Ace.

Mas Nova não estava ouvindo. E talvez ele soubesse disso.

Em meio ao choro dela, ele a apertou com força, mirou a arma no homem adormecido e atirou.

CAPÍTULO UM



DEZ ANOS DEPOIS

AS RUAS DO CENTRO DE GATLON estavam lotadas de super-heróis falsos. Crianças corriam como loucas com capas laranja, berrando e balançando estrelinhas da marca do Luz Negra acima da cabeça, ou atirando umas nas outras com revólveres de água da Tsunami. Homens adultos tinham se espremido em leggings azuis e pintado ombreiras para parecerem uma armadura do Capitão e agora estavam sentados brindando nos terraços de bares isolados que se espalhavam pela rua principal. A troca de gênero também estava na moda naquele ano, com incontáveis mulheres usando versões ousadas do macacão típico do Guardiã Terror, e vários homens com réplicas baratas das asas de penas pretas da Pássaro do Trovão nas costas.

Ah, como Nova desprezava o Desfile dos Renegados.

Os vendedores de rua não eram melhores e vendiam de tudo, desde varinhas luminosas bregas a versões de pelúcia do famoso quinteto de Renegados. Até os *food trucks* estavam comemorando o tema do dia, com *funnel cake* do Capitão Cromo e cestas de peixe empanado com batatas da Tsunami e um cartaz anunciando A PIPOCA DE FRANGO FAVORITA DO GUARDIÃO TERROR: COMPRE AGORA, ANTES QUE DESAPAREÇA!

Se Nova tivesse apetite, com certeza já o teria perdido.

Um grito surgiu na multidão, e o som da banda marcial se destacou na barulheira. Trompetes e tambores, e o barulho regular de centenas de músicos sincronizados se deslocavam pela rua. A música foi ficando mais alta, chegando perto

agora. Canhões explodiam no alto e cobriam a multidão de confete. As crianças ficavam loucas. Os adultos não estavam muito diferentes.

Nova balançou a cabeça, ligeiramente decepcionada com a humanidade. Ficou atrás da multidão, sem conseguir ver muito da parada em si, o que não era problema para ela. Os braços estavam cruzados sobre o peito, na defensiva. Os dedos batiam um ritmo impaciente no cotovelo. Já parecia que ela estava ali havia uma eternidade.

Os gritos viraram de repente vaías altas e exuberantes, o que só podia significar uma coisa. Os primeiros carros alegóricos tinham aparecido.

Era tradição que os carros alegóricos dos vilões viessem primeiro, para agitar bem a plateia e lembrar a todos o que eles estavam comemorando. Aquele era o nono aniversário da Batalha de Gatlon, quando os Renegados enfrentaram os Anarquistas e as outras gangues de vilões em uma luta sangrenta que terminou com dezenas de mortes dos dois lados.

Os Renegados venceram, claro. Os revolucionários de Ace foram derrotados, e os poucos vilões que não pereceram naquele dia se esconderam ou fugiram da cidade de vez.

E Ace...

Ace Anarquia estava morto. Fora aniquilado na explosão que derrubou metade da catedral que ele tinha tomado como sua casa.

Aquele dia marcava oficialmente o fim da Era da Anarquia e o começo do governo do Conselho.

Eles chamavam de Dia do Triunfo.

Nova olhou para o alto e viu um balão enorme, quase da mesma largura da rua, flutuando entre os arranha-céus. Era uma réplica estilo desenho animado do Cérebro Atômico, que tinha sido um dos aliados mais próximos de Ace antes de os Renegados o terem matado, quase quinze anos antes. Nova não o tinha conhecido pessoalmente, mas ainda sentia uma fagulha de ressentimento ao ver o tratamento que davam a ele no balão: a cabeça inchada e o rosto desfigurado, grotesco.

A multidão riu e riu.

O pequeno transmissor chiou dentro do ouvido dela.

— E assim começa — disse Ingrid, a voz sarcástica e sem humor.

— Eles que riam — respondeu Fobia. — Não vão rir por muito mais tempo. Pesadelo, está em posição?

— Estou — confirmou Nova, tomando o cuidado de mover os lábios o mínimo possível, apesar de duvidar que alguém na multidão estivesse prestando atenção nela.
— Só preciso saber em qual terraço de prédio você me quer.

— O Conselho ainda não saiu do armazém — disse Fobia. — Vou te alertar quando saírem.

Nova olhou para o outro lado da rua, para a janela do segundo andar de um prédio de escritórios, onde mal conseguia ver Ingrid (ou Detonadora, como o público a conhecia) espiando pela persiana.

As vaías da multidão recomeçaram, mais entusiasmadas do que nunca. Acima da cabeça dos espectadores, Nova teve vislumbres de um carro alegórico elaborado. Nele havia uma versão em miniatura da paisagem de Gatlon e, no meio dos prédios, atores usando fantasias estilizadas demais feitas para lembrarem alguns dos membros mais conhecidos da gangue de Ace. Nova reconheceu Rato e Enxofre, ambos mortos nas mãos dos Renegados, mas, antes que pudesse se ofender por eles, ela viu uma figura escura perto do alto do carro alegórico. Uma gargalhada de surpresa escapou dela e aliviou um pouco da ansiedade que vinha crescendo a manhã toda.

— Fobia — disse ela —, você sabia que ia aparecer no carro alegórico dos vilões este ano?

Um chiado soou no aparelho no ouvido dela.

— Nós não estamos aqui para admirar o desfile, Pesadelo.

— Não se preocupe. Você está ótimo lá em cima — disse ela, olhando para o ator. Ele tinha colocado uma capa preta comprida e estava carregando uma foice enorme de plástico com umas cobras de borracha grudadas no cabo. Mas, quando abriu a capa, em vez de ser consumido por sombras, o ator revelou um físico pálido e magrelo vestido apenas com uma sunga de natação verde-limão.

A plateia foi à loucura. Até a bochecha de Nova tremeu.

— Eles podem ter tomado algumas liberdades.

— Acho que gosto mais assim — disse Ingrid com uma risada debochada, vendo o desfile da janela.

— Com certeza inspira pavor — concordou Nova.

Fobia não disse nada.

— Aquilo é...? — Ingrid começou a dizer. — Ah, meu sagrado esquadrão antibombas, tem uma Abelha-Rainha este ano.

Nova olhou de novo. Primeiro a atriz estava escondida do outro lado da paisagem da cidade, mas depois ela apareceu, e Nova ergueu as sobrancelhas. A peruca loira da mulher tinha o dobro do tamanho da cabeça dela, e o vestido preto e amarelo de lantejoulas não podia ser mais chamativo, cintilando no sol da tarde. Tinha rímel preto escorrendo pelas bochechas e ela estava abraçando uma abelha de pelúcia grande contra o peito, chorando pelo tratamento injusto dado às suas pequenas fazedoras de mel.

– Uau – admirou Nova. – Até que a imitação não está ruim.

– Mal posso esperar pra contar pra Mel – disse Ingrid. – A gente devia estar gravando isso.

Os olhos de Nova percorreram a multidão pelo que poderia ser a milésima vez. Ficar parada a deixava tensa. Ela tinha sido treinada para se mover.

– Você está ofendida de não haver uma Detonadora? – perguntou ela.

Houve uma longa pausa antes de Ingrid dizer:

– Bom, estou *agora*.

Nova se voltou novamente para o desfile. Ficou nas pontas dos pés para tentar identificar se algum outro colega estava no meio das fantasias, quando um estrondo alto assustou os espectadores. O topo do prédio mais alto no carro alegórico, uma réplica da torre Merchant, tinha explodido para cima, e uma nova figura estava surgindo, rindo loucamente enquanto levantava as mãos para o céu.

Nova apertou o maxilar, a diversão do momento sufocada por uma onda de fúria.

A fantasia de Ace Anarquia era a mais próxima da realidade: o traje familiar preto e dourado, o elmo ousado e icônico.

A surpresa dos espectadores passou rapidamente. Para muitos, era o ponto alto do desfile, uma atração ainda maior do que ver o amado Conselho.

Em segundos, as pessoas começaram a pegar as frutas podres e os repolhos murchos que tinham levado especificamente para isso. Passaram a arremessá-los no carro alegórico, gritando obscenidades e debochando dos vilões em cima. Os atores aguentaram com resistência impressionante, se escondendo atrás de prédios e berrando com horror fingido. O imitador de Ace Anarquia levou o pior do ataque, mas não abandonou o personagem: sacudiu o punho e chamou as crianças da frente de *pirralhos patifes* e *pequenos pesadelos* antes de finalmente se esconder no prédio oco

e puxar o topo de volta ele mesmo, preparando a surpresa para a plateia da rua seguinte.

Nova engoliu em seco e sentiu o nó no estômago afrouxar somente depois que o carro alegórico dos vilões passou.

Meu pequeno pesadelo...

Ele também a chamara assim, tantos anos antes.

Os carros alegóricos foram seguidos de um grupo de acrobatas e um balão da Pássaro do Trovão deslizando acima. Nova viu uma faixa ser levantada em hastes altas, anunciando os testes para os Renegados, em breve.

OUSADO. VALENTE. JUSTO. VOCÊ TEM O QUE É PRECISO PARA SER HERÓI?

Ela fingiu um som alto de vômito, e uma mulher idosa ali perto a olhou com expressão azeda.

Um corpo se chocou no dela, e Nova cambaleou para trás, as mãos pousando instintivamente nos ombros da garota e a colocando de pé antes de ela cair no chão.

— Cuidado — disse Nova.

A garota olhou para cima; estava com uma máscara preta nos olhos, fazendo-a parecer uma versão menor, mais magrela e mais feminina do Guardião Terror.

— O que você disse, Pesadelo? — questionou Ingrid no ouvido dela. Nova a ignorou.

A garota se afastou murmurando um pedido de desculpas, se virou e voltou para o meio da multidão.

Nova ajustou a blusa e estava prestes a se virar para o desfile quando viu a garota esbarrar em outra pessoa. Só que em vez de a ajustar, como Nova tinha feito, o estranho se abaixou, segurou o tornozelo da garota e a virou de cabeça para baixo em um movimento ágil.

Nova ficou boquiaberta enquanto o estranho carregava a garota, gritando e batendo no peito dele, na direção de Nova. Ele devia ter a mesma idade dela, mas era bem mais alto, tinha pele escura, cabelo curtinho e óculos de armação grossa. O jeito como ele andava pela multidão fez parecer que estava carregando um daqueles bichos de pelúcia bregas do Capitão Cromo em vez de uma criança zangada se debatendo.

Ele parou na frente de Nova, um sorriso paciente no rosto.

— Devolve — disse ele.

— Me coloca no chão! — gritou a garota. — Me solta!

Nova olhou do garoto para a criança, depois avaliou rapidamente as pessoas próximas. Tinha gente demais olhando para eles. Olhando para *ela*.

Isso não era bom.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, se virando para o garoto. — Coloca ela no chão.

O sorriso dele ficou ainda mais sereno, e o coração de Nova deu um salto. Não só porque ele tinha um daqueles sorrisos tranquilos que deixavam as garotas tontas, mas porque havia alguma coisa perturbadoramente familiar nele, e Nova começou naquele instante a revirar o cérebro para descobrir de onde o conhecia e se ele era ou não uma ameaça.

— Tudo bem, Mini-Pega — disse ele de um jeito meio condescendente —, você tem três segundos antes de eu fazer um pedido para que coloquem você em condicional. Pensando bem, tenho certeza de que a equipe de zeladores anda precisando de ajuda ultimamente...

A garota bufou e parou de lutar. A máscara tinha começado a escorregar e estava quase caindo da testa.

— Eu te odeio — rosnou ela, e enfiou a mão no bolso. Tirou a mão e esticou na direção de Nova, que levantou a sua com incerteza.

Uma pulseira, a pulseira *dela*, caiu em sua palma.

Nova olhou para o pulso, onde existia uma marca leve no lugar em que usava a pulseira todos os dias havia anos.

A voz de Ingrid soou na cabeça dela.

— O que está acontecendo aí, Pesadelo?

Nova não respondeu. Enquanto apertava a pulseira na mão fechada, ela olhou de cara feia para a menina, que só retribuiu a cara feia.

O rapaz a largou sem-cerimônia, mas a garota rolou com facilidade quando bateu no chão e ficou de pé novamente antes que Nova pudesse piscar.

— Não vou denunciar isso — disse o garoto — porque acredito que você vá fazer escolhas melhores depois disso. Certo, Pega?

A garota olhou para ele com repulsa.

— Você não é meu pai, Rabisco — gritou ela, deu meia-volta e foi pisando duro até a esquina mais próxima.

Nova apertou os olhos para o garoto.

— Ela vai roubar de outra pessoa, sabe.

A voz de Ingrid zumbiu no ouvido dela.

— Pesadelo, com quem você está falando? Quem está sendo roubado?

— ... posso esperar que isso faça ela repensar suas escolhas — dizia o garoto. Seu olhar se encontrou brevemente com o dela e desceu até o punho fechado. — Quer ajuda com isso?

Ela apertou mais os dedos.

— Com o quê? A pulseira?

Ele assentiu e, antes que Nova percebesse o que estava acontecendo, tinha segurado a mão dela e começado a abrir seus dedos. Ela ficou tão perplexa pelo gesto que ele conseguiu soltar a pulseira da mão dela antes que Nova pensasse em impedir.

— Quando eu era criança — disse ele, pegando a filigrana cor de cobre nos dedos —, minha mãe sempre me pedia pra ajudar com a puls... — Ele fez uma pausa. — Ah. O fecho quebrou.

Nova, que estava observando o rosto dele com surpresa cautelosa, olhou para a pulseira. Sua pulsação deu um pulo.

— Que pestinha!

— Nova. — A voz de Ingrid estalou. — Houve algum comprometimento?

Nova a ignorou.

— Tudo bem — disse o garoto. — Posso consertar.

— Consertar? — Ela tentou tirar a pulseira dele, mas ele não permitiu. — Você não entende. Essa pulseira não é... é...

— Não, pode confiar em mim — assegurou ele, enfiando a mão no bolso de trás e tirando uma caneta preta de ponta fina. — Este pulso, né? — Ele colocou a pulseira em volta do pulso de Nova, e, novamente, a sensação de um toque tão raro e inesperado a fez ficar paralisada.

Segurando a pulseira com uma das mãos, ele abriu a caneta com os dentes e se inclinou por cima do pulso dela. Começou a desenhar na pele, no espaço entre as duas pontas da pulseira arrebitada. Nova olhou para o desenho: dois elos pequenos conectando a filigrana e, entre eles, um fecho delicado, surpreendentemente

decorado para um desenho feito de caneta, e combinando perfeitamente com o estilo da pulseira.

Quando terminou, o garoto tampou a caneta com os dentes de novo e levou o pulso dela para perto do rosto. Ele soprou; foi um movimento de ar suave e quase inexistente na parte de dentro do pulso que gerou arrepios pelo braço dela.

O desenho ganhou vida, soltou-se da pele e assumiu forma física. Os elos se mesclaram com as pontas da pulseira, até Nova não conseguir saber onde a pulseira real terminava e o fecho criado começava.

Não... isso não era totalmente verdade. Numa inspeção mais detalhada, ela viu que o fecho que ele fez não era exatamente da mesma cor dourado-acobreada, mas tinha um toque rosado e até uma linha leve azul onde o desenho atravessou uma das veias embaixo da pele dela.

— E a pedra? — perguntou o garoto, virando a mão dela e batendo com a caneta no lugar vazio feito para uma pedra.

— Já estava sem — gaguejou Nova.

— Quer que eu desenhe uma?

— Não — disse ela, puxando a mão de volta. Seus olhos se ergueram a tempo de perceber um brilho de surpresa, e acrescentou rapidamente: — Não, obrigada.

O garoto pareceu prestes a insistir, mas se segurou e sorriu.

— Tudo bem — disse ele, e guardou a caneta no bolso de trás de novo.

Nova balançou a mão para um lado e para o outro. O fecho não soltou.

O sorriso do garoto assumiu um tom sutil de orgulho.

Obviamente, um prodígio. Mas ele também era...

— Renegado? — perguntou ela, fazendo pouco esforço para esconder a desconfiança da voz.

— Renegado? — indagou Ingrid. — Com quem você está falando, Nova? Por que não...

A multidão explodiu em um novo frenesi de gritos e aplausos, sufocando a voz de Ingrid. Uma série de fogos de artifício foi disparada para o alto do carro alegórico que tinha acabado de surgir e explodiu e cintilou com gritos furiosos das pessoas abaixo.

— Parece que as atrações principais chegaram — disse o garoto, um tanto desinteressado ao olhar para o carro alegórico atrás dele.

A voz de Fobia estalou.

– Estação oeste, Pesadelo. Estação oeste.

A determinação desceu pela coluna de Nova.

– Roger.

O garoto se virou para ela com uma pequena ruga se formando acima dos óculos.

– Adrian, na verdade.

Ela deu um passo para trás.

– Tenho que ir. – Ela deu meia-volta e abriu caminho por um grupo de apoiadores fantasiados dos Renegados.

– Testes para os Renegados na semana que vem! – disse um deles, enfiando um pedaço de papel na mão dela. – Abertos ao público. Venham, venham todos!

Nova amassou o folheto sem nem olhar e enfiou no bolso. Atrás, ouviu o garoto gritando:

– De nada!

Ela não olhou para trás.

– Alvo passando agora pela Altcorp – disse Fobia enquanto Nova entrava na sombra de um beco. – Qual é seu status, Pesadelo?

Nova verificou se o beco estava vazio antes de levantar a tampa de um latão de lixo e subir na beirada. A bolsa esportiva a esperava no alto da pilha.

– Pegando minhas coisas – disse ela, retirando a bolsa. Ela pulou de volta ao chão. A tampa do latão se fechou com um estalo. – Estarei no telhado em dois minutos.

– Que seja em um – disse Fobia. – Você tem um super-herói pra matar.

CAPÍTULO DOIS



NOVA PENDUROU A BOLSA no ombro e esticou a mão para pegar uma das cordas que tinha prendido no chão do beco na noite anterior. Enrolou o braço na corda e soltou o nó de marinheiro nos pesos que a seguravam no chão.

Os pesos presos na ponta oposta caíram, puxando-a pela roldana no telhado acima. Nova foi levada para cima, segurando-se com força enquanto a corda subia pela parede de concreto do prédio.

O segundo conjunto de pesos bateu no chão.

Ela parou com um tremor, a mão a centímetros da roldana, o corpo balançando seis andares no ar. Nova jogou a bolsa no telhado, segurou a beirada e se ergueu. Caiu agachada e remexeu na bolsa para pegar o uniforme que tinha elaborado com a ajuda da Abelha-Rainha. Prendeu o cinto de armamentos nos quadris, onde ele se acomodou de forma confortável, com bolsos especiais e ganchos para todas as suas invenções favoritas. Em seguida, vestiu a jaqueta preta justa com capuz: à prova d'água e retardadora de chamas, mas leve o suficiente para não inibir seus movimentos. Ela a fechou até o pescoço e puxou as mangas até os dedos antes de botar o capuz, onde dois pequenos pesos amarrados na bainha o seguravam no lugar acima da testa.

A máscara foi a última coisa. Uma cobertura metálica dura modelada perfeitamente ao nariz, que desaparecia na gola alta da jaqueta, escondendo a parte inferior do rosto.

Com a transformação completa, ela se inclinou e pegou o rifle e o único dardo envenenado na bolsa.

— Cadê você, Pesadelo? — questionou Fobia.

— Aqui. Quase em posição. — Ela se aproximou da beirada do prédio e olhou para a comemoração abaixo. Estava mais silencioso lá em cima; o barulho da multidão ficava baixo com o apito do vento e o zumbido baixo dos geradores. A rua estava uma confusão de confetes e cores, balões e fantasias, risadas e música e gritos.

Nova carregou o dardo na câmara da arma.

Ingrid tinha elaborado o plano, e era lindo em sua simplicidade. Quando contou para o grupo, Winston reclamou de não ter sido incluído, mas Fobia observou sabiamente que Winston, que a maioria das pessoas conhecia como Titereiro, não era capaz de manter nada simples.

Então eram só os três no campo hoje. Não precisavam dos outros. Nova tinha um dardo feito à mão por Leroy Flinn, o mestre dos venenos. Só precisava de um. Se errasse, não teria uma segunda chance.

Mas não erraria.

Ela mataria o Capitão.

Quando ele fosse atingido, Ingrid, a Detonadora, surgiria do esconderijo e acertaria o carro alegórico do Conselho com o máximo de suas típicas bombas, feitas de uma fusão de gases no ar, que conseguisse lançar. Fobia se concentraria na Pássaro do Trovão, pois ela costumava levantar voo durante as batalhas, o que lhe dava uma vantagem frustrantemente injusta. Eles tinham ouvido falar que a Pássaro do Trovão morria de medo de cobras, uma das especialidades dele. Eles estavam torcendo para que os boatos fossem verdade. O pior cenário possível: Fobia a surpreenderia por tempo suficiente para Nova ou Ingrid a derrubarem. O melhor: Ela teria um ataque cardíaco em pleno voo.

E era isso. O Conselho, os cinco Renegados originais, todos erradicados de uma vez.

Mas começaria com Nova passando pela suposta invencibilidade do Capitão Cromo.

— E aí... Pesadelo?

— Estou *aqui*, Detonadora. Relaxa.

— É, estou vendo você aí. Mas tenho quase certeza de que o Fobia queria você na estação oeste.

Nova ficou paralisada. Olhou para o telhado de trás e para o que ficava depois do vão até o prédio do outro lado do beco, onde sua segunda corda com peso estava esperando, sem uso. Ela apertou os olhos para o sol do meio-dia e falou um palavrão.

Fobia falou no ouvido dela.

— Me diz que ela não foi pro prédio errado.

— Eu estava distraída — disse ela por entredentes.

Fobia deu um suspiro pesado.

— Ela não consegue acertar o alvo do telhado oeste? — perguntou a Detonadora.

Depois de um breve silêncio, Fobia disse:

— Pode ser que consiga uma linha de tiro até a Tsunami ou o Luz Negra, mas não até o Capitão Cromo. A rota do desfile vai fazer com que eles se viem antes de ela estar alinhada. — Ele murmurou, pensativo. — Ela pode acabar com um membro do Conselho, e vamos ter que nos preocupar com os outros em outra ocasião.

— Nossa prioridade era o Capitão — insistiu Ingrid. — Essa missão inteira foi planejada para eliminar o *Capitão*.

— Um Renegado é melhor do que nenhum.

— Mas ainda faz a missão ser um fracasso.

Lambendo os lábios, Nova olhou para o telhado em frente, estimando a distância por cima do beco.

— Calma, todo mundo. Consigo chegar do outro lado. Fobia, quanto tempo eu tenho?

— Não o bastante.

— *Quanto?*

— Dez segundos até o carro alegórico entrar na sua área principal de alvo, depois talvez quarenta e cinco para disparar.

Nova pegou a bolsa e a jogou por cima do vão. Caiu com um baque no outro telhado.

A voz de Fobia estalou.

— Isso não me parece aconselhável.

— Deixa ela tentar — disse Ingrid. — Vai ser culpa dela se cair.

— Não vou cair — murmurou Nova. Ela pendurou o fuzil nas costas e soltou um par de luvas de um aro no cinto. Enfiou as mãos nas luvas e afivelou os punhos, prendendo-as no lugar, depois apertou os polegares nos botões dos pulsos. Um tremor de eletricidade disparou pelo tecido preto, formando ventosas pressurizadas nas pontas dos dedos e nas palmas das mãos.

Ela avaliou a distância mais uma vez. Andou até o outro lado do prédio. Inspirou.

E saiu correndo.

Suas botas bateram no chão. O ar chiou nos ouvidos e empurrou o capuz para trás. Ela firmou o pé direito no chão e pulou.

Sua barriga bateu na beirada da parede de tijolos do outro lado do beco. Uma dor se espalhou pelos ossos. Ela gemeu e apertou as palmas das mãos no concreto para se segurar antes que começasse a escorregar.

Ingrid deu um grito agudo no ouvido dela.

Fobia não disse nada até que Nova ergueu o corpo no telhado leste, depois apenas:

— Quatro segundos até contato visual.

Nova alterou a pressão das luvas, deixou que as ventosas se retraíssem no tecido e puxou o capuz sobre o rosto novamente. Tirou o fuzil das costas à medida que andava pelo elevador de carga do prédio e parou na beirada, enquanto a pulsação latejava nas veias. Apesar de não conseguir ver o carro alegórico do Conselho, ela percebeu que estava chegando pelo aumento na empolgação das pessoas.

Ignorando a dor latejante no local onde a barriga tinha batido na parede, ela se apoiou em um joelho e pousou o cano da arma na beirada do telhado. Verificou o dardo carregado.

— Pronta.

— Muito bem, Pesadelo — disse Detonadora.

— Ela ainda não fez nada — ressaltou Fobia.

— Eu sei, mas não é bom ter uma atiradora na equipe de novo?

— Ela também ainda não atirou em nada.

— Dá pra vocês dois calarem a boca? — rosnou Nova, tirando as luvas e enfiando-as no aro no cinto.

Abaixo, o carro alegórico do Conselho apareceu. Era uma estrutura enorme em andares com cinco pedestais surgindo de uma nuvem preta de tempestade. Uma

nuvem de tempestade literalmente cheia de trovões e relâmpagos, como se eles achassem que eram deuses ou algo do tipo.

Correção. Eles realmente acreditavam que eram deuses.

Pássaro do Trovão, a inimitável Tamaya Rae, estava no primeiro pedestal, as asas pretas enormes totalmente abertas no carro alegórico e o vento balançando o cabelo comprido e escuro, fazendo-a parecer a mascote orgulhosa no mastro de um navio. Ela lançava raios ocasionais para acender mais a nuvem aos seus pés.

Sem querer ser ofuscado, Luz Negra estava no segundo andar, soltando fogos e fazendo faíscas estroboscópicas piscarem no ar enquanto a multidão ofegava e gritava. Com a barba ruiva e o bigode encaracolado, Nova sempre achou que Evander Wade parecia mais um duende de um metro e oitenta do que um super-herói, mas supostamente ele tinha um séquito dedicado de fãs, e os gritos histéricos da multidão pareciam sustentar essa teoria.

Acima dele, Kasumi Hasegawa talvez nem estivesse ciente de que se encontrava no meio de um desfile. Essa era a imagem que a Tsunami sempre passava: absorta no próprio mundo, um sorriso tranquilo e cheio de segredos nos lábios. Enquanto ela mal se mexia e mantinha os braços esticados, o fluxo de água cheia de peixes que estava manipulando se movia em volta dela como uma fita em uma dança hipnotizante. Um jato de espuma, spray e acarás girando, rodopiando, espiralando em todas as direções.

O quarto pedestal parecia, num primeiro olhar, estar vazio, o que queria dizer que era lá que Simon Westwood estava. E realmente, enquanto Nova olhava, o Guardiã Terror surgiu, uma pose de Pensador. Um segundo depois, sumiu de novo, só para reaparecer plantando bananeira, primeiro com as duas mãos e depois com uma só. Outro segundo depois, ele ficou invisível de novo. A multidão caiu na gargalhada quando ele reapareceu, não no próprio pedestal, mas na quinta e mais alta plataforma do carro alegórico, usando os dedos para fazer orelhinhas de coelho no Capitão Cromo.

Ao lado um do outro, eles pareciam a noite e o dia. Simon Westwood tinha pele morena, barba bem aparada e cabelo ondulado escuro, enquanto Hugh Everhart, o amado Capitão, era a imagem do charme masculino jovem, com cabelo dourado e até covinhas.

O Capitão Cromo revirou os olhos e olhou para o Guardião Terror por cima do ombro. Eles trocaram um olhar que era repugnantemente carinhoso.

Nova era pequena demais para perceber se houve algum choque ou escândalo quando dois dos Renegados originais anunciaram que estavam apaixonados ou mesmo se houve qualquer comunicado. Talvez eles só *existissem assim*, desde o começo. De qualquer forma, ela desconfiava que o mundo estava lidando com destruição demais para se importar, e naquela época o Capitão Cromo e o Guardião Terror eram praticamente o casal favorito do mundo. Os tabloides falavam sem parar se eles estavam planejando ou não adotar outro filho, ou se ambos se aposentariam do Conselho para se mudarem para os trópicos, ou se um segredo sombrio do passado estava ameaçando os separar.

Mas, pelos sorrisos dos dois, Nova duvidava que houvesse verdade nos boatos, e isso a fez trincar os dentes.

Por que *eles* deviam ter tanta felicidade?

Ela se ajeitou na posição e calculou a distância e o ângulo enquanto a arma se aquecia em sua mão.

O Guardião Terror desapareceu novamente e voltou ao próprio pedestal, deixando o Capitão em paz, um rei perante seus amorosos súditos. Era tão familiar para Nova quanto o próprio reflexo. O cabelo louro encaracolado na testa. As ombreiras azuis se projetando acima de um peito largo e musculoso. Um sorriso contagiante com dentes tão brancos que cintilavam ao sol.

Quando os gritos da multidão chegaram a um pico ensurdecador, ele esticou a mão para um suporte que havia ao seu lado. A mão se fechou em uma haste de metal alta e ele a levantou acima da cabeça. Um dos fogos de artifício do Luz Negra explodiu nessa hora, iluminando a todos em um tom de dourado acobreado.

O estômago da Nova se contraiu.

— Isso é...?

— Não pensa nisso — disse Fobia.

— Pensar em quê? — perguntou Ingrid.

Nova engoliu em seco mesmo com o nó na garganta, sem conseguir responder.

O Capitão Cromo, o amado super-herói e adorado Renegado, estava com um elmo do Ace Anarquia enfiado no alto de um pique. Tinha sido enfiado pelo crânio,

rompendo o material pintado de bronze que um dia fora elaborado a partir do ar pelas pontas dos dedos de seu pai, anos antes da Nova nascer.

A voz da Detonadora soou pelo fone de novo, em compreensão, quando o carro alegórico ficou visível para ela. Nova mal ouviu.

— *Ah...*

Nova tinha seis anos de novo. Estava com medo. Arrasada. Olhando para os olhos atrás daquele elmo, se jogou nos braços dele.

Os Renegados não tinham aparecido, mas ele tinha. Talvez não tão rápido a ponto de salvar sua família, mas tinha ido mesmo assim. Ele foi o salvador *dela*.

— Você está pensando — disse Fobia, a voz quase uma provocação.

Nova empertigou os ombros.

— Não estou.

Fobia não respondeu, mas ela sentiu uma resposta arrogante no silêncio dele.

— Tudo bem, Pesadelo — disse a Detonadora. — Estamos fazendo isso por Ace, não estamos? Use a raiva. Use pra se vingar por ele.

Nova não respondeu. O mundo ficou imóvel. Sereno. Preto e branco.

Ela olhou pela mira e alinhou com o alvo.

Tinha que ser no olho. Em qualquer outra parte do corpo, a ponta do dardo se quebraria na camada de cromo por baixo da pele, e o veneno não chegaria ao organismo dele.

A mira tinha que ser perfeita.

E seria.

Ela estava se preparando para aquele momento havia anos.

Use essa raiva.

Não era só para vingar Ace, embora isso já pudesse ser suficiente. Era para vingar sua família também, que o Conselho poderia ter salvado, mas não salvou.

Era para revitalizar a visão de Ace. O sonho dele de liberdade para *todos* os prodígios, não só para os que estivessem dispostos a se submeterem ao Conselho automeado e suas leis autocráticas.

Era porque Nova sabia que o Conselho havia falhado com as pessoas, estava falhando mesmo agora, mas ninguém tinha coragem de dizer.

A sociedade ficaria melhor sem eles.

A rua abaixo pareceu ficar em silêncio, coberta pela determinação martelando na cabeça dela. O olho do Capitão entrou em foco. Um azul chocante e rugas leves no canto quando sorriu. Ele não era mais jovem, como quando formou os Renegados. O Conselho estava envelhecendo, passando o legado para uma nova geração.

— Puxa o gatilho — sussurrou para si mesma. *Inspira*. O gatilho fez pressão no dedo de Nova.

Eles estavam envelhecendo, mas ainda detinham todo o poder. Todo o controle. Mais, talvez, do que tinham quando andavam pelas ruas à noite, procurando criminosos e vilões.

Mais do que quando ele tirou o elmo do verdadeiro dono.

Expira.

— Puxa o gatilho agora, Nova.

Os Renegados virão.

Nova fez uma careta.

— O que houve? — perguntou Detonadora.

— Nada. — Nova lambeu os lábios. Ajeitou a mira de novo. O carro alegórico estava dobrando a esquina agora. Em pouco tempo, ficaria fora do campo de visão. Em pouco tempo, ele ficaria de costas para ela, o sorriso e o charme cumprimentando a próxima rua de adoradores.

Aquela era a melhor oportunidade que eles teriam de derrubar o Capitão, e, em pouco tempo, o restante do Conselho iria atrás.

Enquanto os Renegados corressem para repor o Conselho, os Anarquistas ressurgiriam. Sem as gangues de vilões para interferir agora, eles mostrariam às pessoas daquela cidade como a anarquia devia ser. Liberdade real. Independência real. Para *todo mundo*.

Ela só tinha que puxar o gatilho.

Um inseto surgiu no canto da visão dela. Nova o espantou.

Ela encontrou o alvo de novo.

O Capitão se mexeu e virou a cabeça de leve na direção dela.

Era a melhor oportunidade que ela teria.

Nova começou a apertar o gatilho.

Alguma coisa pousou na ponta do fuzil. Nova ergueu o olhar e se concentrou na borboleta dourada e preta, as asas se abrindo e fechando, pousada no cano.

Nova olhou para cima.

Uma revoada de borboletas-monarcas surgiu no alto: centenas, talvez milhares de asas vibrantes batendo acima dela.

— Temos companhia.

Um momento de silêncio foi seguido de:

— Renegados?

Ela não respondeu. O carro alegórico estava virando. Cinco segundos, talvez menos.

Nova olhou pela mira e encontrou o Capitão, encontrou o cabelo perfeito, o sorriso perfeito, os olhos azuis perfeitos...

Um monte de balões passou entre eles, cada um com o *R* icônico dos Renegados.

Ela esperou, paralisada no tempo, o suor escorrendo pelo pescoço.

Os balões passaram.

O Capitão Cromo voltou o olhar para cima, parecendo quase olhar *diretamente para ela*.

Ela disparou.

O Capitão se moveu, só um fio de cabelo.

O dardo acertou a têmpora dele. A ponta de agulha se quebrou.

O Capitão Cromo ficou alerta e começou a procurar nos telhados e a sinalizar para os outros. Nova soltou uma série de palavrões enquanto se escondia atrás da beirada.

Um gancho vermelho voou na lateral da visão dela, preso a um fio fino. Enrolou-se na arma e a arrancou das suas mãos.

Nova deu um pulo e ficou de pé.

Uma garota adolescente, pálida e cheia de sardas, estava parada no canto do telhado, segurando a arma de Nova com uma das mãos e o gancho reluzente na outra. Usava o uniforme dos Renegados: lycra cinza-escura grudada no corpo do pescoço até as botas, com viés vermelho e um brasão de *R* pequeno sobre o coração. O cabelo era uma mistura de platinado e preto como carvão, preso num rabo de cavalo descuidado.

As borboletas chegaram perto dela, girando até as asas virarem um borrão, e se materializaram no corpo de uma segunda garota, usando um traje cinza idêntico e com dreadlocks compridos e louros em volta do rosto.

A Assassina Vermelha e a Monarca.

Nova já as tinha encontrado uma vez, quando elas tentaram impedi-la de roubar uma pequena farmácia para buscar os suprimentos de que Leroy precisava, mas eles estavam em número maior daquela vez.

Nova ergueu uma sobrancelha.

— Cadê todo mundo? Aproveitando a vida no bar?

Assim que falou, ela ouviu um *ding*, e a grade de metal na frente do elevador de carga se abriu.

Um terceiro Renegado saiu do elevador: um garoto com pele marrom-clara e cabelo preto denso. Ele mancava um pouco ao andar e usava uma bengala, com leves filetes de fumaça atrás.

O Cortina de Fumaça.

O canto da boca de Nova se curvou para cima.

— Agora sim.

A voz da Detonadora estalou no ouvido dela.

— O que está acontecendo aí em cima?

Nova a ignorou.

— Pesadelo — disse o Cortina de Fumaça, com uma inclinação sutil da cabeça. — Quanto tempo.

— Você logo vai desejar que tivesse sido mais tempo. — Nova levou a mão ao cinto e soltou duas das estrelas termossensíveis, uma invenção que tinha trabalhado o verão todo para aperfeiçoar.

Ela jogou as duas na Assassina Vermelha, sabendo como ela podia ser perigosa com aquele gancho que tinha. A Assassina desviou. Monarca se desfez de novo em uma revoada de borboletas.

Um raio de fumaça negra acertou Nova na cara. Ela tropeçou para trás, cega.

— Pesadelo, responda — disse Ingrid.

Rosnando, Nova levou a mão ao transmissor atrás da orelha e o desligou.

Ela se obrigou a abrir os olhos que ardiam e viu uma mancha amarela, e de repente a Monarca estava ao lado dela. Um joelho acertou a lateral do corpo de Nova, que caiu no concreto e rolou pela força do golpe. Ela usou o impulso para pular de volta e ficar de pé, deixando de lado a dor nas costelas, piscando em meio às lágrimas ardidas que borravam sua visão.

Alguma coisa se prendeu embaixo do queixo dela e puxou o pescoço com força; era a bengala do Cortina de Fumaça. Ele a puxou para perto. Apesar de não ser um homem grande, os braços dele pareciam ferro e a bochecha ficou encostada na lateral do capuz.

— Seus dias de vilania acabaram, Pesadelo.

Ela riu com deboche.

— Você fala como alguém que leu quadrinhos demais.

— Você fala como se isso fosse uma coisa ruim — retorquiu ele.

Ela procurou as mãos dele dos lados da bengala, mas as luvas do uniforme se sobrepunham às mangas, não deixando pele vulnerável exposta.

O aperto do Cortina de Fumaça aumentou.

— Você está trabalhando sozinha?

Na frente dela, a Assassina Vermelha pegou uma das estrelas com o fio e a jogou em um cano de ventilação. Bateu e fez um ruído metálico. A segunda estrela fez a volta acima do beco e voltou na direção dela. Ela rodopiou o gancho rubi na frente do corpo e jogou a estrela no concreto com a ponta de pedra preciosa antes que pudesse subir de novo.

A Assassina Vermelha soltou a pedra e se virou para Nova e Cortina de Fumaça, ofegante. Começou a girar o rubi preso por um fio como um laço acima da cabeça.

Nova fez cara feia. Tanto trabalho desperdiçado.

Monarca se formou novamente, os braços cruzados sobre o peito.

— Acredito que o Cortina de Fumaça tenha feito uma pergunta.

— Ah, me desculpem — debochou Nova. — Eu estava ocupada fantasiando com os enterros de vocês.

Ela segurou a bengala e projetou os quadris para trás, jogando o Cortina de Fumaça por cima da cabeça. Ele caiu de costas com um grunhido.

Arrancando a bengala das mãos dele, Nova bateu na parte de trás dos joelhos da Monarca, derrubando-a no chão.

A Assassina Vermelha jogou a pedra em Nova. O fio se enrolou em seu tornozelo, e ela foi derrubada no chão e arrastada pelo telhado áspero. Nova tentou soltar outra estrela do cinto, mas antes que conseguisse pegá-la a Assassina puxou uma adaga feita do mesmo cristal vermelho do gancho e apertou o joelho no peito da Nova. Ela enfiou a ponta da adaga na direção da jugular da Nova.

— Para quem — disse a Assassina Vermelha, pronunciando as palavras devagar — você está trabalhando?

Ao sentir os próprios batimentos na pedra preciosa, Nova não pôde deixar de sorrir por trás da máscara.

— Seu pior pesadelo — disse ela, enfiando as pontas dos dedos na barra da bota da Assassina e encontrando a pele do tornozelo. O poder emanou dela. A lâmina afundou em sua garganta, mas a Assassina Vermelha fechou os olhos e desabou ao seu lado.

Uma onda de neblina branca se espalhou pelo telhado. Nova olhou ao redor, mas a neblina já estava densa demais para ela ver o Cortina de Fumaça. Depois de se sentar, ela soltou o fio da perna e pegou a adaga. Era mais leve do que qualquer faca que já tivesse segurado e parecia ter sido feita de um único rubi, embora ela soubesse que uma pedra preciosa de verdade seria bem mais pesada.

Fosse qual fosse o material que a Assassina Vermelha usasse para suas armas especiais, era afiado, e Nova só estava mesmo preocupada com isso.

De pé novamente, ela espiou a fumaça branca sem odor, prestando atenção em sinais do Cortina de Fumaça e da Monarca. Seus sentidos pareciam entorpecidos na neblina. Óculos infravermelhos teriam ajudado. Ela teria que trabalhar nisso em breve.

Ela viu uma figura escura: sua bolsa esportiva. Com mais uma olhada ao redor, correu até a bolsa e enfiou o cotovelo pelas alças.

Monarca apareceu do nada, os dreadlocks balançando atrás dela quando mirou um soco na cabeça da Nova, que se abaixou e bateu com o ombro no abdome da Monarca. A Renegada se inclinou para a frente, e Nova atacou com a adaga para cima, mas assim que sentiu a lâmina perfurar a pele da perna Monarca explodiu em asas agitadas.

A fumaça estava começando a sumir, e Nova viu uma escada de incêndio meio bamba no prédio ao lado. Enfiou a adaga no cinto, correu para a beirada do telhado e pulou. Segurou-se no corrimão da escada de incêndio, pulou por cima e caiu na escada de metal, que tremeu e fez um barulho metálico.

A voz do Cortina de Fumaça soou na neblina.

— Monarca!

Nova fez uma pausa suficiente para olhar para trás e ver a Monarca reaparecer, mas ela caiu na mesma hora e apertou com a mão o corte na coxa. O tecido cinza do uniforme estava ficando escuro de sangue.

Nova jogou a bolsa esportiva no ombro e subiu pela escada de incêndio dois degraus de cada vez.

Ela chegou ao telhado e correu até o outro lado.

Estava na metade quando uma figura grande pulou da rua abaixo e pairou uns seis metros acima do telhado. Nova parou de repente e a respiração ofegante aqueceu a parte de dentro da máscara.

A forma pousou na frente dela com um estrondo.

Em vez de um traje cinza-carvão, ele estava usando uma coisa parecida com uma armadura; todos os membros protegidos, todos os músculos esculpidos na cobertura dura, o rosto disfarçado por trás de um elmo e um visor escurecido. O *R* de Renegado aparecia no peito dele, mas a armadura não se parecia com nenhum uniforme de Renegado que ela tivesse visto.

Apesar de não conseguir ver os olhos, ela sentia que estavam a observando. Nova deu meio passo para trás e olhou a figura da cabeça aos pés. Não havia pele visível, só junções estreitas entre as placas da armadura que poderiam ser vulneráveis a ataques mais tradicionais.

— Você deve ser novo por aqui — disse ela.

Ele inclinou a cabeça.

— Estou aqui há tempo suficiente pra saber quem você é... Pesadelo.

Os dedos de Nova percorreram o próprio cinto, apesar de ela não saber bem se alguma das armas seria eficiente.

— Devo me sentir lisonjeada?

Antes que a figura pudesse responder, uma série de gargalhadas agudas ecoou nos arranha-céus e se espalhou pelas ruas e becos do centro de Gatlon. O som era irritante, agudo e familiar demais.

Nova fez uma careta.

— O que esse idiota está fazendo aqui?

CAPÍTULO TRÊS



O ESTRANHO DE ARMADURA VIROU a cabeça na direção da gargalhada na mesma hora que a curva de um balão surgiu acima do desfile. O balão estava decorado no preto e branco de um arlequim, com um símbolo enorme verde-limão dos Anarquistas por cima. A cesta de vime carregava um ocupante: um homem com cabelo laranja, as bochechas pintadas de vermelho e linhas fortes desenhadas dos cantos da boca pelo queixo, imitando uma marionete.

O Titereiro estava de pé sobre a beirada da cesta usando um terno quadriculado, segurando as barras do alto enquanto a cesta abaixo se balançava.

— Ah, *Renegaaaaados* — gritou ele, a voz cantarolada. — Ninguém quer brincar comigo?

Os gritos abaixo viraram berros de medo, e ele riu de novo, esticando uma das mãos sobre a multidão, se inclinando tanto que parecia que ele ia cair da cesta.

— Uni, duni... *tê!*

Oito fios dourados cintilantes deslizaram das pontas dos dedos na multidão, e, apesar de Nova não conseguir ver onde caíram, ela sabia que ele estaria procurando crianças no caos abaixo. Os que fossem tocados pelos fios se transformariam em marionetes que ele poderia controlar. Depois de tantos anos, ela ainda não tinha certeza se o poder dele só funcionava em crianças ou se ele só as preferia porque crianças raivosas e desmioladas de quatro anos eram simplesmente sinistras.

— Peguei! — gritou o Titereiro. — Tá com você!

Os gritos ficaram mais altos.

— Amigo seu?

Nova olhou de lado para a figura de armadura.

— Não exatamente.

O Titereiro riu de novo, e os punhos do estranho se fecharam. Nova não o culpava pela irritação. Também não era exatamente a maior fã de Winston Pratt, mesmo que, tecnicamente, ela estivesse do mesmo lado dele desde os seis anos.

Em um movimento, Nova puxou a bolsa para a frente do corpo e enfiou a mão dentro para pegar a arma de rede que tinha feito a partir de uma bazuca de brinquedo quando tinha onze anos. A figura se virou para ela no mesmo momento em que ela ergueu a arma e puxou o gatilho, disparando uma rede de cordas de náilon na direção dele. As oito pontas se abriram como um polvo. O estranho cambaleou para trás com surpresa e levantou a mão para se defender conforme a rede foi caindo.

Ele se apoiou em um joelho. A rede o envolveu e se emaranhou nos membros. O elmo se virou de um lado para o outro enquanto ele tentava afastar as cordas, mas cada movimento só as apertava.

— Foi um prazer conhecer você — disse Nova enquanto enfiava a bazuca de volta na bolsa. Ela passou correndo por ele e observou o telhado seguinte antes de dar o salto fácil.

— Ainda não acabamos.

Ela olhou para trás. Os ombros do estranho estavam encolhidos. Ele fechou os dedos enluvados nas cordas amarradas e começou a expelir fumaça pelas pontas dos dedos.

As cordas pegaram fogo. Chamas lamberam o náilon e deixaram a rede preta, até que pedaços caíram, tendo virado cinzas.

Quando uma parte suficiente da rede tinha se consumido, ele abriu um buraco e saiu da prisão, deixando o resto fumegando no telhado de concreto.

Ele foi até a beirada e olhou para Nova.

Ela deu um sorrisinho debochado, nada impressionada.

— Outro elemental do fogo. Que peculiar. Não é exatamente uma raça rara, mas é difícil criticar um clássico.

Ele dobrou os joelhos, se agachou de leve e pulou para cima, passando com o corpo bem acima da cabeça dela. Nova seguiu a trajetória dele pelo ar, um arco

completo que o levou até o telhado atrás dela. Apesar do pouso ser gracioso, o peso da armadura fez o piso entre eles tremer.

O sorriso de Nova hesitou.

Um elemental do fogo com um traje chique antigravidade... ou um prodígio com velocidade e força superiores, que por acaso também era capaz de queimar coisas... ou um super-herói com os dois poderes? Ela nunca tinha ouvido falar de uma combinação assim.

— Você não pode fugir de mim, Pesadelo — disse ele. — Vou te levar presa e você vai responder pelos seus crimes.

— Por mais adorável que isso possa parecer, tenho outros planos pra tarde de hoje.

Uma sombra passou acima deles; borboletas-monarcas se mesclando lentamente em uma forma de garota.

Quando a Monarca tomou forma, Nova olhou para ela e para o estranho. Estava encurralada entre os dois.

Ela não gostava de ficar encurralada.

Monarca franziu a testa para o homem de armadura. Uma atadura apressada tinha sido colocada no ferimento da coxa, cortada de tecido cinza.

— Quem é você?

O estranho não falou nada por um momento, e a Nova teve certeza de que a voz dele ficou mais grave quando ele respondeu, assumindo um ar de honra.

— Sou o Sentinela.

Nova riu.

— É sério?

O Sentinela virou a cabeça na direção dela, e ela não conseguiu ter certeza se imaginou o jeito como o peito dele se estufou, na defensiva.

— Amigo seu? — perguntou a Monarca, olhando para a Nova.

Ela apertou as mãos na alça da bolsa.

— Não tenho tantos amigos assim. Além do mais, ele está usando a *sua* marca.

Monarca apertou os olhos quando percebeu o *R* no peito do Sentinela.

Nova perdeu o interesse na confusão da Monarca, jogou a bolsa na cabeça do Sentinela e levou a mão às costas para pegar a adaga vermelha. Moveu a lâmina na direção do abdome da Monarca, mas só acertou o ar quando ela se dispersou

novamente. Rosnando de frustração, Nova golpeou de novo e de novo... até finalmente partir uma borboleta no meio.

Ela soltou o ar e olhou para o leve pó de asa na lâmina.

Dois braços a envolveram e prenderam seus cotovelos nas laterais do corpo. Se o Cortina de Fumaça já era forte, aquele cara era ferro e aço.

Ou talvez fosse o traje.

Nova trincou o maxilar e fez força para trás. Ele deu um gritinho, mas não a soltou quando o pé bateu na amurada baixa em volta da beirada do prédio.

Com mais um empurrão, Nova derrubou os dois pela lateral. Por um momento eles ficaram no ar, os braços dele travados em volta dela.

Eles bateram no telhado ao lado com um sacolejo que reverberou pelos ossos da Nova. Alguma coisa embaixo deles foi esmagada e estilhaçada.

Embora seu corpo doesse, ela se obrigou a rolar de cima do Sentinela, empurrando os braços dele enquanto caía trêmula em um tapete de vime. Nova olhou ao redor. Eles estavam em um pequeno jardim de terraço, cercado de móveis de vime e plantas em vasos... uma delas agora esmagada embaixo do Sentinela. Um chafariz gorgolejava na parede da qual eles tinham caído.

Ela teve um vislumbre do balão do Titereiro seguindo pela rua. Houve brilhos de luzes vermelhas que piscavam, iluminando as laterais de prédios na avenida principal. O Luz Negra, talvez, tentando distrair o Titereiro com fogos e brilhos, ou talvez Pássaro do Trovão lançando um dos relâmpagos em uma tentativa de derrubar o balão... ou eletrocutar o vilão. Talvez as duas coisas.

As borboletas voltaram e formaram uma nuvem escura acima. O Sentinela tinha rolado de lado e estava tentando se levantar.

— Ei, Sentinela — disse Nova, apertando a adaga.

Ele olhou.

Ela enfiou a faca no espaço entre o peito e as placas dos ombros.

O Sentinela rugiu e a empurrou para longe. Ele se agachou e apoiou uma das mãos no chão enquanto a outra se iluminava, engolida repentinamente por chamas laranja. Então puxou a mão de volta.

Nova se abaixou e puxou o capuz quando uma coluna de chamas surgiu às suas costas. Ela *sabia* que acrescentar uma cobertura resistente a fogo no uniforme tinha sido boa ideia.

Um grito de dor chegou aos seus ouvidos.

Nova olhou para cima pela sombra do capuz quando as borboletas se juntaram no corpo da Monarca. As chamas tinham acertado um grupo de insetos laranja, e os filetes restantes de cinzas pareceram derreter e formar a lateral esquerda da garota, das costelas ao quadril. O uniforme estava preto e fumegante, e o fedor de carne queimada se espalhava no ar.

A escada de incêndio sacolejou e estalou na lateral do prédio. Cortina de Fumaça apareceu na escada, prendendo a bengala na beirada do telhado para se erguer. Ele estava respirando pesadamente, o cabelo escuro grudado na testa enquanto avaliava a cena. Os olhos se arregalaram.

— Monarca?

Alguma coisa estalou aos pés de Nova. A adaga de rubi, com a lâmina escurecida de sangue.

Nova não se deu ao trabalho de olhar para nenhum deles quando se virou e correu de novo, escalando o chafariz de pedra e se lançando de volta ao telhado de onde eles tinham caído. Atrás, ouviu o Sentinela mandando o Cortina de Fumaça ajudar a Monarca e um incrédulo Cortina de Fumaça perguntando:

— E quem é você?

A cesta de vime do Titereiro apareceu novamente.

— Pega! — gritou Nova.

O Titereiro olhou na direção dela, mas não fez esforço nenhum para pegar a bolsa quando Nova a jogou na cesta.

— Boa tarde, pequena Pesadelo — disse Winston. — Que surpresa deliciosa essa. Só saí pra... desfilar um pouco. — Ele inclinou a cabeça para trás e começou a rir, as linhas de marionete no rosto o deixando mais sinistro do que ele já era.

As mãos dele ainda estavam esticadas sobre a multidão, fios finos de ouro brincando com as crianças indefesas abaixo. Nova conseguiu ver uma garota de maria-chiquinha morder com força o tornozelo de um homem grisalho... possivelmente o próprio avô.

Com uma careta, Nova subiu na beirada do telhado.

— Me joga uma corda.

O Titereiro ficou em silêncio e olhou para ela com olhos sem emoção.

— Você tem companhia.

A mão de alguém segurou o cotovelo dela e a virou com força. Dedos se fecharam na garganta dela, inclinando-a para trás e apertando o suficiente só para impedir que ela despencasse na rua embaixo.

— Você tentou assassinar o Capitão Cromo — rosnou o Sentinela. — Por quê? Quem mandou você fazer isso? O que mais estão planejando? — O visor do elmo era uma tela vazia, mas a voz estava furiosa. Nova achou que sentia o calor das chamas emanando das luvas.

— Vocês Renegados fazem muitas perguntas — disse ela, com pontos brancos piscando nos olhos.

Ele chegou tão perto que o visor quase bateu na máscara dela.

— É melhor você começar a responder.

— Você acha que tenho medo de um neófito pomposo com um traje de brinquedo?

Os dedos na garganta dela se afrouxaram de leve.

— Neófito?

— Quer dizer amador. Obviamente, você é novo no jogo.

— Eu sei o que... — O Sentinela fez um som de irritação. — Olha só, não ligo se você tem medo de mim ou não, mas estou disposto a apostar que você tem pelo menos um pouco de medo de morrer, como todo mundo. — Os dedos apertaram de novo, e Nova se sentiu forçada para trás. A mudança foi mínima, mas suficiente para ela sentir a alteração no equilíbrio, a força da gravidade.

Ela lutou contra a necessidade de respirar e forçou uma gargalhada, embora tenha saído mais como um chiado.

— Você sabe o que dizem... quem não tem medo não pode ser corajoso.

Ele deu um pulo para trás, como se ela tivesse batido nele. No mesmo momento, Nova esticou a mão e encostou no peito dele, enfiando os dedos no tecido cortado onde a faca tinha penetrado. Estava quente e grudento de sangue, e isso era tudo de que ela precisava. Pele, tecido e um batimento trovejando embaixo.

— O que você...

Ela direcionou o poder a ele, um martelo no peito.

A respiração travou, e ele ficou imóvel por um momento. Em seguida, afrouxou a mão no pescoço dela. Nova deu um grito e se agarrou ao antebraço dele, puxando

o centro de gravidade na direção dele enquanto o Sentinela caía para trás e despencava no chão com um estrondo de sacudir os ossos.

O coração de Nova estava ricocheteando no peito quando ela olhou para ele, ainda sentindo o nó no estômago quando, por uma fração de segundo, achou que estivesse caindo.

— *Pesadeeeeeelo...*

Massageando a garganta, ela se virou a tempo de pegar os fios dourados cintilantes que o Titereiro jogou para ela. Apesar de as pernas terem começado a tremer, Nova se obrigou a usar o que ainda tinha de força. Enrolou a corda no pulso e pulou, se balançando sobre a rua, onde as pessoas tinham se espalhado e um carro alegórico tinha batido na fachada de um salão de cabeleireiro.

Ela subiu pela corda até a cesta e caiu no chão lá dentro.

— Valeu, Winston.

Ele não respondeu; já estava concentrado de novo nas marionetes, a gargalhada louca soando acima do barulho do queimador de propano acima dos dois.

Quando Nova recuperou o fôlego, ela se segurou na beirada da cesta e se obrigou a ficar de pé.

A rua abaixo estava um caos. Os fios finos do Titereiro cobriam o chão, alguns ainda enrolados nos pescoços e pulsos das crianças, embora muitas marionetes já tivessem sido descartadas e estivessem caídas junto a prédios ou no meio da rua. Vários espectadores estavam feridos, os corpos caídos nas calçadas, rastros de sangue sendo deixados por quem tentava engatinhar até um lugar seguro. Winston ainda controlava quatro crianças, as cordas em volta dos pescoços como forcas enquanto elas jogavam instrumentos da banda nas vitrines das lojas, rasgavam carros alegóricos e atiravam comida nos membros do Conselho que estavam tentando impedi-las sem chegar a machucá-las.

O Guardiã Terror, claro, tinha ficado invisível, enquanto Tsunami tentava encurralar as marionetes em uma onda espumante; só que as crianças enfeitiçadas não pareciam se importar de se afogarem e mergulhavam na parede de água.

Nova procurou o Capitão Cromo, mas não o encontrou em meio à confusão.

O tempo todo, a gargalhada irritante de Winston ecoava pela cidade. Ele poderia estar no circo a julgar pela alegria aparente.

Nova levou a mão até a orelha e ligou o transmissor.

— Pesadelo se apresentando. Detonadora, Fobia, onde vocês estão?

A voz de Fobia soou em resposta, controlada e seca.

— Onde você estava?

Nova olhou para o telhado, agora a meio quarteirão de distância com o movimento do balão pela rua, mas não dava mais para ver os Renegados nem o Sentinela.

— Fiz umas novas amizades — disse ela.

Um rugido atraiu a atenção de Nova para cima a tempo de ver as asas enormes da Pássaro do Trovão se abrirem no céu azul. O rosto estava retorcido de fúria, uma das mãos segurando um raio branco estalando.

Nova falou um palavrão.

Winston riu.

— Oi, passarinha!

Pássaro do Trovão levantou a mão livre e lançou a palma na direção do balão. O ar explodiu e empurrou o balão para trás. A cesta bateu em um prédio comercial. Nova ricocheteou na lateral e caiu no chão de novo.

Winston se ergueu, uma das mãos segurando a barra superior enquanto ele puxava os fios dourados em volta do dedo, levando as crianças abaixo a fazerem sabe-se lá o quê.

— Ha-ha-ha — disse ele com uma risadinha infantil. — É falta de educação bater. Você devia pedir desculpas.

— Solta aquelas crianças agora, Titereiro — rosnou Pássaro do Trovão, erguendo o raio acima do ombro.

Nova abriu a bolsa e pegou a arma de rede. Expirou, apareceu na beirada, usou a lateral da cesta para firmar o braço e disparou.

As cordas envolveram o corpo da Pássaro do Trovão. Um lado se enrolou na asa esquerda, e ela deu um grito de surpresa. O raio acertou uma corda, e a rede toda se iluminou e estalou de eletricidade.

Pássaro do Trovão gritou.

De repente, estava caindo, caindo. Na direção da rua, na direção do chão...

Bem nos braços expectantes do Capitão Cromo.

Ele a colocou no chão e voltou os olhos azuis para o céu. Não estava mais sorrindo. Não parecia mais um imbecil superestimado em um carro alegórico

chamativo.

Seu olhar se encontrou com o de Nova, e ela engoliu em seco.

— O que está acontecendo aí embaixo, Detonadora? — perguntou ela. — Uma ajudinha seria boa.

— O Titereiro não era parte dessa operação. — A resposta foi seca. — Se ele quer agir sozinho, pode morrer sozinho.

Lá embaixo, o Capitão pegou o pique de metal que estava segurando antes. Nova o viu arrancar o elmo do Ace Anarquia da ponta e o jogar longe. O elmo rolou pela rua até um bueiro.

— Não é só o Titereiro agora — disse ela. — Eu também estou aqui em cima!

— Boa sorte, Pesadelo. Esta missão acabou.

O estalo leve no fone ficou silencioso.

O Capitão Cromo ergueu o pique acima da cabeça, o segurou como um dardo e arremessou.

Apesar de o balão estar a dezenas de metros no ar, o pique nem tremeu e voou na direção dela.

Nova se abaixou.

O dardo acertou o aquecedor do balão com um estrondo ensurdecedor e desconectou o cabo de propano. A chama oscilou e se apagou. O pique ricocheteou no metal e caiu novamente na rua.

O efeito foi instantâneo. Apesar de o balão continuar voando por um momento, o movimento para cima diminuiu de velocidade.

Nova olhou ao redor. Eles teriam passado pelos prédios seguintes com facilidade, mas, com a mudança de propulsão, ela duvidava que fossem conseguir agora. Sem o aquecedor esquentando o ar no balão, eles logo começariam a descer e cairiam nas mãos dos Renegados.

Winston inclinou a cabeça para o lado e olhou para Nova.

— Oh-oh.

Nova sustentou o olhar dele, considerando.

Se eles pudessem se livrar de um pouco de peso, talvez conseguissem chegar ao quarteirão seguinte e ganhar distância suficiente para escaparem antes de os Renegados os alcançarem.

Ela voltou a atenção para a bolsa, com todas as suas armas e invenções. Todos os seus esforços. Todo o seu trabalho.

Winston choramingou em solidariedade.

— Sacrifícios precisam ser feitos às vezes, mini-Anarquista.

Nova suspirou.

— Você está certo.

Ela passou o braço em volta dos tornozelos de Winston e o empurrou. Ele gritou, bateu os braços e caiu pela beirada.

Nova não esperou os gritos dele sumirem para se erguer e inspecionar o aquecedor. O balão mal tinha passado pelos telhados, dando a ela tempo suficiente de prender o cabo de propano. Ela mexeu no interruptor algumas vezes, e a chama ganhou vida.

O balão voou para o céu.

Nova soltou um gemido cansado e aliviado e ousou olhar para baixo, para a rua.

O Titereiro tinha caído em um carro alegórico. Estava coberto de confete e flores, e o Capitão Cromo o levava para o chão.

Winston não lutou. Seu olhar ficou grudado em Nova o tempo todo, a expressão contorcida naquele mesmo sorriso delirante.

Nova levantou o braço e acenou.

CAPÍTULO QUATRO



ADRIAN ACORDOU SENTINDO COMO se a cabeça tivesse sido enchida de lã. Gemeu e tentou rolar para o lado, mas lembrou que ainda estava usando a armadura. O material duro afundou dolorosamente nas costas.

Tudo estava doendo, mas o ombro era o pior. Latejava e queimava, e estava grudento de sangue.

Não conseguia acreditar que ela dera uma facada nele. Não sabia por que era tão surpreendente, exceto pelo fato de que... não era assim que os prodígios lutavam. Eles combatiam com superpoderes e habilidades extraordinárias, mas aquele foi um ataque sujo, nada além disso.

Ele teria que lembrar, para a próxima vez. A Pesadelo não seguia as mesmas regras do resto.

Mas, pensando bem, ele achava que também não seguia as mesmas regras do resto. Não mais. Não quando era o Sentinela.

Ele conseguiu se sentar. Apesar de ainda ser dia, o céu estava escurecendo, e as sombras do prédio ao lado tinham eclipsado o telhado. Ele devia ter ficado inconsciente umas cinco ou seis horas. Tinha sorte de ela o ter apagado lá em cima, onde era improvável que alguém o encontrasse. Apesar de estar claro que não tinha sido incomodado, ele ficou perturbado de se imaginar caído e vulnerável por tanto tempo.

Caído, vulnerável e inútil.

Por que Oscar não foi procurá-lo?

Não... era uma pergunta idiota. Por que teria ido? Oscar não sabia que era Adrian por baixo da armadura do Sentinela, e além do mais... Danna tinha sido ferida, e talvez Ruby também. Oscar tinha outros problemas para resolver. Eles teriam voltado direto para o quartel-general. Provavelmente ainda deviam estar lá.

Adrian verificou para ter certeza de que não havia ninguém espiando em janelas próximas e apertou os dedos no centro da placa do peito do traje.

A armadura estalou e chiou, dobrando-se como origami, rolando para dentro nos membros dele até estar do tamanho de uma lata de alumínio esmagada. Ele enfiou-a na pele acima do esterno e fechou a tatuagem de zíper que tinha desenhado ali mais de um mês antes.

Começou a abotoar a camisa, mas seu ombro gritou para que parasse. Ele olhou para baixo. A camisa tinha um corte no tecido, e apesar de a compressão do traje ter desacelerado o sangramento, um olhar bastou para ele saber que tinha perdido muito sangue. A lateral toda estava úmida, o tecido da camisa quase preto onde o sangue tinha coagulado. Ele se perguntou se era por isso que seu cérebro parecia estar lutando para funcionar ou se era resultado do poder da Pesadelo.

Provavelmente uma combinação das duas coisas.

Ele a xingou de todas as formas em que conseguiu pensar enquanto afastava o tecido da pele, depois xingou a si mesmo ao puxar a camisa por cima da cabeça.

Aquela garota tinha um monte de dispositivos de baixa tecnologia e um poder que só funcionava no contato com a pele. Como o tinha vencido?

Ele fez uma careta e reconheceu suas tentativas patéticas de defender seu orgulho. Mas quem queria enganar? Tinha subestimado uma oponente que não devia ter sido subestimada. Ela era forte. Era inteligente. E a maioria dos dispositivos de baixa tecnologia que ele a viu usar era bem impressionante.

Ele balançou a cabeça e começou a rir, com ironia no começo, mas logo virou humor de verdade, apesar de estar rindo de si mesmo.

Esse era o próximo grande super-herói da cidade?

— Na próxima vez — sussurrou ele para si mesmo. Uma promessa.

Ele continuaria treinando. Ficaria melhor. E *haveria* uma próxima vez.

Ele tirou a caneta do bolso de trás da calça, desenhou uma torneira na beirada de concreto do telhado e tornou o desenho tridimensional. Com um movimento, a água fria começou a jorrar.

Usou a metade limpa da camisa como pano para remover o máximo de sangue que conseguisse. O ferimento não pareceu tão ruim depois de limpo. Seu coração ainda estava batendo, e se o braço estava funcionando, então ela não podia ter acertado nada tão importante.

Depois de uma inspeção atenta do ferimento, ele colocou a ponta da caneta na pele e desenhou pontos, juntando a pele. Quando terminou, tampou a caneta e a guardou, desligou a água e ficou passando o polegar pela tatuagem do antebraço. Uma espiral de chama em tinta preta forte, as extremidades se misturando com a própria pele escura.

Manipulação de fogo. Talvez não fosse raro, mas ainda era um dos poderes mais desejados entre os prodígios. Com isso, e o traje e as molas que tinha desenhado nas solas dos pés, ele tinha ficado confiante de que seria capaz de fazer qualquer coisa, de impedir qualquer pessoa.

Mas Pesadelo nem sequer piscou.

Não foi só isso. Ela *debochou* dele.

Com um gemido, ele ficou de pé e reuniu coragem para olhar a rua onde o desfile tinha passado de manhã. A comemoração havia sido substituída por um silêncio sombrio enquanto as equipes de limpeza varriam o confete e os pacotes de comida junto com os cacos de vidro, os carros alegóricos destruídos e as mercadorias deixadas para trás com o ataque do Titereiro.

Pesadelo tinha pedido ao Titereiro para jogar uma corda para ela. Estavam trabalhando juntos? Ela era Anarquista?

Fazia sentido, de certa forma. Eles eram uma das poucas gangues de vilões que não tinham sumido completamente na década anterior e desprezavam os Renegados mais do que todo mundo, principalmente o Conselho.

Era por isso que ela estava ali em cima, não era? Estava atrás do Conselho. Estava atrás do Capitão.

Adrian apertou os óculos no alto do nariz. Na rua abaixo, uma garotinha estava sendo tirada de debaixo de um ônibus, onde devia ter ficado escondida a tarde toda. Estava chorando histericamente, e mesmo lá do alto, Adrian conseguia ver um fio dourado ainda amarrado no pescoço dela. Ficou pensando no que o Titereiro a tinha obrigado a fazer.

Seu maxilar se contraiu.

A maioria das identidades dos Anarquistas era conhecida havia anos. Winston Pratt. Ingrid Thompson. Mel Harper. Leroy Flinn.

Mas *Pesadelo*... ela era nova. Um mistério. E uma ameaça.

Quando fechava os olhos, ele a via, o leve brilho dos olhos visível na sombra do capuz. Sem expressão. Sem remorso. Sem *medo*, palavras que ela mesma dissera... as palavras que o assombravam havia anos. Mesmo agora, não tinha certeza se imaginara que ela as disse. Que não tinha sido parte de um sonho que se desenrolou quando ele estava inconsciente.

Quem não tem medo não pode ser corajoso.

Ele soltou o ar, trêmulo. Não foi sonho. Ela falou.

Não podia ser coincidência.

— Pesadelo — sussurrou ele, e foi como se aquela fosse a primeira vez que ela dizia o nome. A primeira vez que ele significou alguma coisa. Ela não era mais só uma vilã a ser detida. Mais uma mancha da cidade a ser resolvida. Agora, ela era alguém que podia ter respostas. — Quem é você de verdade?



A LERDEZA DOS PENSAMENTOS tinha passado quase toda quando Adrian chegou ao Quartel-General dos Renegados. Ele tinha desenhado uma camisa nova, com mangas compridas para esconder as tatuagens, o peito e o ombro ainda latejando embaixo do tecido.

Empurrou a porta giratória da entrada principal e parou no patamar com vista para o saguão enorme. Era um espaço amplo que estava sempre vibrando de atividade, conversas e botas pesadas pisando no enorme *R* no centro do piso. Renegados de uniformes cinza e vermelhos passavam por médicos de jaleco e se misturavam com administradores de ternos impecáveis. Pessoas corriam entre os vários departamentos, se reuniam em grupos, olhavam as telas que ocupavam as paredes, repetindo as cenas do ataque do Titereiro sem parar.

Hugh e Simon às vezes brincavam que tudo aquilo tinha começado no porão do Guardião Terror. Eles eram adolescentes, amigos desde a infância, os dois com poderes extraordinários, os dois cansados de assistir à cidade sendo comandada por Anarquistas e criminosos. Até uma noite em que decidiram fazer alguma coisa.

Conforme as aventuras ficavam mais ousadas e eram mais divulgadas, quatro outros prodígios se juntaram à equipe de justiceiros: Kasumi, Evander, Tamaya e a mãe de Adrian, Georgia Rawles. A incomparável Lady Indomável.

Foi Evander quem escolheu o nome que solidificaria o lugar deles na história. *Os Renegados*. Na época, pelo que Adrian sabia, eles não tinham dinheiro, não tinham quartel-general, não tinham influência. Nada além de uma profunda determinação de mudar o mundo para melhor. E fizeram isso sobrevivendo de macarrão com queijo de caixinha, usando trajes baratos feitos em casa e se revezando para dormir no sofá corroído dos outros.

Apesar de os seis originais ainda serem considerados o grupo central que começou os Renegados, a quantidade não parou de crescer: mais justiceiros se juntaram à causa, mais prodígios ousaram lutar contra os vilões que tinham destruído o mundo deles.

Ao ver o quartel-general agora, era quase impossível imaginar como tudo tinha começado naquele porão, tantos anos antes. Dois adolescentes e um desejo de mudar o mundo para melhor.

E agora... aquilo. Oitenta e dois andares e oito subníveis das instalações mais abrangentes do governo e das forças da lei.

Tudo bem que a maioria daqueles andares não tinha nada, mas Hugh costumava falar no quanto eles ficariam felizes de ter espaço quando precisassem se expandir. A torre tinha sido construída para ser o prédio principal de um banco internacional ou alguma outra coisa igualmente chata, mas agora tinha instalações modernas e tecnológicas, e simuladores de realidade virtual, onde os Renegados podiam treinar física e mentalmente dentro de uma variedade de situações programáveis. Havia um arsenal completo, onde diversas armas eram guardadas atrás de uma série de defesas cada vez mais impenetráveis, além de um andar inteiro dedicado ao armazenamento e à preservação de ferramentas e artefatos de superpoderes. Havia dois andares dedicados à vigilância da cidade e ao trabalho investigativo; o centro de atendimento de ligações sempre agitado; celas de prisão onde eram deixados criminosos prodígios perigosos demais para serem colocados em celas de prisão comuns; áreas de descanso para Renegados fora de horário de serviço; laboratórios de pesquisa; uma ala médica completa; e, a glória máxima deles, o Salão do Conselho, no andar mais alto, onde o Conselho aprovava leis e fazia decretos com a intenção de fortalecer a

sociedade que eles tinham liberado da anarquia e proteger o mundo de outro colapso.

O Conselho agia como se a única direção em que a sociedade pudesse se mover fosse para a frente, para longe dos anos terríveis de caos e crime, mas Adrian às vezes tinha a sensação de que a base de ordem que os Renegados tinham construído era mais precária do que qualquer um queria admitir.

Empertigando a coluna, ele começou a descer a grande escadaria até o piso principal e foi até os elevadores, a caminho da ala médica. Algumas telas no alto mostraram uma imagem da Pesadelo acenando para a multidão da cesta do balão, o rosto eclipsado pelo capuz.

Uma determinação renovada surgiu em Adrian quando ele a viu. Sua mente começou a repetir o momento em que Pesadelo enfiou a faca nele, e logo com a lâmina de Ruby. Ele perdeu o controle. Lançou aquela chama com a intenção de acertar a Pesadelo, mas estava cego de fúria, e não pensou no que podia haver atrás dela.

Ela o chamou de neófito, e estava certa. Foi um erro amador.

Assim que ouviu o grito da Monarca, Adrian soube que ela estava muito ferida. Ele não se segurou, e por mais que quisesse culpar a Pesadelo pelo que aconteceu, não podia. As chamas saíram das mãos dele, o resultado de um poder que mal tinha explorado. Ele foi arrogante e descuidado, e Danna estava sofrendo por isso.

Quando chegou à ala médica, ele viu Tamaya Rae, Pássaro do Trovão, pela janela do primeiro quarto. Ela estava sentada na beirada de uma cama enquanto um curandeiro cuidava das asas de penas pretas. Ela parecia enfurecida, mas só o que ele ouviu foram as palavras *Titereiro e balão e rede de pesca patética!*.

Ele encontrou Danna no terceiro quarto, deitada de lado, inconsciente. Boa parte do uniforme tinha sido cortada, revelando queimaduras extensas no braço esquerdo e no tronco. Havia uma máscara acima da boca e do nariz dela, provavelmente enchendo os pulmões com um elixir que impediria o corpo de se transformar com ela inconsciente, o que às vezes acontecia quando o cérebro dela entrava em reação de estresse agudo. Uma vez, ela havia dito que isso acontecia muito quando tinha pesadelos na infância.

Pesadelos.

Ah, que ironia.

O estômago de Adrian deu um nó. Ele não teve tempo de parar e ver se as queimaduras tinham sido muito ruins durante a luta, e agora foi atingido em cheio pelo peso da culpa do que tinha feito.

Oscar e Ruby também estavam lá, sentados em um banco no canto. A cabeça de Ruby apoiada no ombro de Oscar, e por um momento Adrian pensou que ela podia estar dormindo, mas seus olhos se abriram, atordoados. Ela viu Adrian e se sentou. Um breve sinal de decepção surgiu no rosto de Oscar, mas sumiu tão rápido a ponto de Adrian achar que pudesse ter imaginado.

— Ah, *agora* ele aparece — reclamou Oscar, se levantando. — Cara, onde você estava?

— Desculpe — disse Adrian, sentindo o arrependimento até a alma. — Recebi a sua mensagem sobre a Pesadela e estava indo até vocês quando o Titereiro apareceu e fiquei enrolado tentando levar um grupo de crianças pra um lugar seguro. Deviam ser umas cem crianças em um passeio de escola. Foi um caos. — Ele coçou de leve o ombro ferido pela camisa, surpreso com a facilidade com que a mentira veio. — Mas eu devia estar lá com vocês. Desculpe. Danna...?

Oscar deu um suspiro frustrado.

— Ela sofreu uma queimadura feia na briga.

Na cama, Danna inspirou e tremeu. Uma máquina na parede apitou mais rápido por um segundo e então voltou para um ritmo regular. Adrian chegou mais perto e se obrigou a levantar uma das compressas frias que tinham sido colocadas sobre as queimaduras. Obrigou-se a avaliar o dano que tinha provocado.

Quanta dor ela sentiu? Ou o corpo dela tinha entrado em choque imediato? Depois de colocar a compressa de volta na queimadura, ele esfregou a tatuagem de fogo por cima da manga. Apesar de ter cicatrizado havia semanas, ele imaginou por um momento que a sentia, como se a chama estivesse viva, como se estivesse queimando sua pele.

Ele se voltou para Oscar e Ruby.

— Os curandeiros já vieram vê-la?

Oscar assentiu.

— Vieram. Disseram que ela ficará bem, mas vai demorar um tempo. Foi bem ruim.

— Danna é nossos olhos quando estamos patrulhando — disse Adrian, coçando a nuca. — Vamos ficar em enorme desvantagem sem ela.

— O estranho mesmo — disse Ruby — é que isso não foi coisa da Pesadelo. Foi — ela apontou para Danna e fez aspas no ar — “*o Sentinela*”.

Adrian se encolheu ao ouvir o veneno na voz. A pequena parte dele que queria contar à equipe que ele estava no telhado com eles naquele dia evaporou rapidamente.

— Quem?

— Um cara que apareceu no meio da luta — disse Oscar. — Enfrentou a Pesadelo. Tinha um R no traje dele, mas... — Ele deu de ombros. — Nenhum de nós tinha visto esse cara antes.

Adrian manteve a testa franzida de confusão.

— O Sentinela?

— Foi o que a Monarca disse antes de apagarem ela. Era um elemental do fogo, eu acho. — Oscar franziu a testa. — Mas definitivamente não era o Fogo Indomável.

Fogo Indomável era o único elemental do fogo que havia entre os Renegados, pelo menos na filial da cidade de Gatlon. Adrian tinha tirado a maioria das ideias sobre manipulação de fogo de vê-lo nos salões de treinamento.

Ruby bocejou.

— Também acho que não era aquele prodígio da ilha. O que treinou aqui ano passado. Magma, não era? E esse Sentinela estava completamente coberto, da cabeça aos pés. Conseguiram uma foto dele da rua e estão começando a espalhar pra ver se alguém sabe alguma coisa.

— Ele também pulava de um jeito absurdo — disse Oscar —, e o traje parecia saído direto de uma revista em quadrinhos. Sinceramente, acho que ele pode ser da pesquisa e desenvolvimento, de repente uma espécie de novo supersoldado em que estão trabalhando lá, mas confidencial demais pra admitirem.

Ruby ofegou e se inclinou para a frente com empolgação, como se tivesse acabado de descobrir uma pista.

— Ou ele pode ser um vilão disfarçado de Renegado. Pode ser que esteja tentando manchar nossa reputação. Talvez seja tudo parte de um plano complicado que vai levar à nossa ruína final!

Adrian e Oscar olharam para ela.

Ruby deu de ombros.

– Talvez?

– Talvez – concordou Oscar.

Depois de se sentar de novo no banco, Ruby jogou um braço por cima dos olhos, como se o desabafo tivesse esgotado o que lhe restava de energia. O heliotrópio no pulso dela refletiu a luz do quarto, deixando sua bochecha rosada.

– Essa é minha teoria e é nela que acredito.

– Mas ele estava lutando com a Pesadelo primeiro – disse Oscar –, antes de atacar a Monarca. Mas também pode ter sido erro. Quem sabe?

– Mais alguém se machucou? – perguntou Adrian.

– Não – disse Ruby, um pouco na defensiva. – Estamos ótimos. Maravilhosos.

– A Pesadelo encostou nela – explicou Oscar. – Fez ela dormir.

Ele esticou a mão e fez carinho na cabeça da Ruby. Foi um dos gestos mais desajeitados que Adrian se lembrava de vê-lo fazer, e Oscar era bem desajeitado às vezes.

– Fofoqueiro – resmungou Ruby, dando um tapa nele. – Se quiserem saber, estou sentindo como se alguém tivesse enchido minha cabeça de concreto.

Adrian segurou o impulso de dizer que sabia exatamente o que ela estava sentindo.

– É a quarta vez este ano que uma equipe de Renegados entrou em contato com a Pesadelo. Ela não pode estar trabalhando sozinha.

– Ela fugiu no balão do Titereiro – disse Oscar. – Pode ser uma nova Anarquista.

– Mas – continuou Ruby, levantando um dedo no ar – ela jogou o Titereiro lá embaixo. Isso não é exatamente um gesto amigo.

– Mas eles são assim mesmo, não são? – disse Adrian. – Mesmo quando deviam estar trabalhando juntos, eles ainda acreditam em pisar nos mais fracos pra abrir caminho para os mais fortes.

Oscar deu de ombros.

– Não faz sentido pra mim, mas eles são vilões, né. Quem sabe o que pensam?

– O lado bom – disse Ruby, abrindo os olhos e dando um sorriso malicioso – é que peguei a arma da Pesadelo.

Adrian ergueu uma sobrancelha.

— Levaram lá pra cima pra inspecionar — disse Oscar. — Ela disparou um dardo no Capitão, chegou pertinho de acertar o olho dele. — Ele aproximou bem os dedos. — O dardo também está sendo examinado. Talvez consigam rastrear e descobrir onde ela conseguiu.

Adrian afastou o olhar. Não sabia quanta informação dava para descobrir na arma e no dardo que ela usou, mas era alguma coisa. Um começo.

Naquela manhã, ele só tinha se preocupado em provar suas habilidades como Sentinela. Ficou animado para mostrar tudo que era capaz de fazer. Fantasizou em tirar o elmo de Sentinela e se revelar para a equipe e para o resto dos Renegados.

Mas agora essas coisas nem tinham mais importância para ele. Uma frase da Pesadelo mudou tudo.

Adrian tinha que descobrir quem ela era. E também o que ela sabia.

Ele tinha que encontrá-la.

CAPÍTULO CINCO



ADRIAN ESTAVA FICANDO ANSIOSO, apesar de não saber bem por quê. Pássaro do Trovão tinha sido levada para o quartel-general horas antes para ser tratada dos ferimentos, mas o restante do Conselho ainda não tinha voltado. Ele já saberia se eles estivessem feridos, então esse não era o caso. Talvez estivesse curioso para saber se tinham ouvido falar do Sentinela. O que acharam. Se conseguiram descobrir a verdade sobre ele.

Ele passou um tempo na ala médica, verificando outros que tinham se ferido na luta contra o Titereiro, antes de subir para visitar Max, que devia estar se sentindo isolado de toda atividade, como sempre.

A quarentena de Max era depois de uma passarela acima do piso principal do saguão. Possivelmente, era o aposento mais chique do lugar: praticamente uma suíte de luxo, com janelas do chão ao teto que ofereciam uma vista maravilhosa do rio e com aposentos particulares fora de vista, com um quarto amplo e um banheiro com banheira e tudo, embora Adrian tivesse a sensação de que Max não aproveitava com tanta frequência. Max não parecia passar muito tempo lá. Estava sempre no espaço principal do confinamento. Sempre trabalhando na cidade de vidro que tinha construído com cuidado nos últimos quatro anos.

Quando Adrian se aproximou da quarentena, viu Max sentado de pernas cruzadas dentro do modelo do Parque da Cidade, um dos poucos pontos com espaço no chão para ele se sentar. Os olhos estavam grudados nas telas do lado de fora do confinamento, vendo as filmagens do desfile. Os dedos estavam brincando com um

dos bonecos de vidro que Adrian tinha feito anos antes: uma carruagem puxada a cavalo como as que levavam os turistas pelo parque.

Tinha começado como uma brincadeira. Max ainda era criancinha quando a quarentena foi construída para ele, e Adrian estava determinado a deixá-lo o mais à vontade possível. Tinha visto o quanto Max amava construir com um kit de blocos interligáveis que o Capitão levou para ele, então começou a fazer blocos também, usando a caneta para fazer desenhos novos no vidro e os empurrar para o lado de Max.

Conforme foi ficando mais velho, Max começou a fazer pedidos. Queria blocos que imitassem as torres altas e os tetos abobadados, ou cabos que pudesse usar para construir uma ponte. Antes de Adrian perceber o que o garoto queria fazer, viu uma paisagem familiar surgindo perante seus olhos.

Max tinha dez anos agora, e a cidade em miniatura estava quase completa. Era uma maravilha e ocupava o piso todo da sala circular. Uma réplica quase exata de Gatlon, criada toda de vidro transparente. Mas, assim como a cidade real, estava sempre mudando. Sendo derrubada, reconstruída, editada e refinada conforme o garoto trabalhava para deixá-la similar à verdadeira Gatlon, uma cidade da qual ele só podia imaginar fazer parte.

Max viu Adrian se aproximando e ergueu um bloco para ele ver. Tinha se esforçado para desenhar o carro alegórico do Conselho no desfile.

— Você consegue fazer isso? — perguntou Max, a voz abafada pelo vidro.

— Como é que é, nada de “oi”? Nada de “que bom ver que você não foi morto por um vilão psicótico hoje”?

Max baixou o bloco.

— Tem relatórios circulando a tarde toda, mais com foco na Pássaro do Trovão, se bem que sei que a Monarca e alguns outros foram feridos. O noticiário está passando atualizações sobre as mortes dos civis em intervalos de minutos. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar, por questão de clareza: — Obviamente, eu saberia se você tivesse se machucado.

Adrian grunhiu e se sentou no chão.

— Nesse caso, sim, claro, eu consigo fazer isso, mas a nuvem não vai ter um relâmpago de verdade saindo. Você vai ter que usar a sua imaginação. Quer uns carrinhos de comida de rua também?

Os olhos de Max se iluminaram.

– Quero. E o carro alegórico dos vilões. E a banda marcial.

– Eu por acaso pareço uma fábrica de miniaturas? – Ele pegou a caneta e começou a desenhar o carro alegórico, colocando o maior número de detalhes que conseguia lembrar de cabeça, embora estivesse distraído quando apareceu, absorto tentando consertar a pulseira daquela garota.

Ele fez uma pausa, o carro alegórico quase pronto.

Com tudo que veio depois, ele quase tinha se esquecido da garota e da forma como ela olhou para ele quando consertou o fecho: não como se o trabalho dele fosse a coisa mais incrível que ele tinha visto na vida, mas como se estivesse tentando entender se era um truque de golpista com o qual ela precisava tomar cuidado.

Talvez houvesse prodígios demais se espalhando pela cidade atualmente. A novidade de ver alguém com superpoderes devia estar passando.

Ele terminou o carro e acrescentou rodas embaixo para Max poder empurrá-lo pelas ruas se quisesse.

– Pronto – disse ele, apertando a mão no desenho e forçando sua vontade no vidro.

O desenho surgiu do lado de Max da janela. Uma réplica transparente do carro alegórico do desfile, com rodas giratórias e tudo.

A parede de vidro ficou intacta, o desenho apagado na transição.

Max esticou a mão e o rosto se contraiu de tensão. O carro alegórico em miniatura começou a tremer, subiu e pairou no ar. Balançou lenta e firmemente pela cidade, pela avenida Raikes, dobrando a esquina para a via Park, antes de cair no chão ao lado dele.

Ele expirou e abriu os olhos.

– Obrigado.

– Acho que você está ficando mais forte – observou Adrian. – Foi mais firme do que o habitual. Tenho certeza.

– Não estou, não – disse Max com aquele tom seguro que teria disfarçado a decepção de quase qualquer outra pessoa.

– Bom... um pouco de telecinese ainda é melhor do que nenhuma, né? – Adrian coçou a têmpora com a tampa da caneta. – Você queria bonequinhos do Conselho pra botar em cima?

Max fez que não.

— Ainda tenho os que você fez ano passado. — Ele olhou em volta. — Em algum lugar. — Sua expressão se fechou quando ele se virou para Adrian. — Tentaram mesmo assassinar o Capitão?

Adrian hesitou, mas não havia motivo para esconder a verdade de Max. Ele era um garoto inteligente e observador demais. Assistia a mais noticiários do que a filmes e desenhos, e mesmo dentro daquela prisão de vidro, sempre parecia saber mais do que estava acontecendo no mundo do que Adrian.

— Tentaram. Uma vilã chamada Pesadelo.

— Você já lutou com ela.

— Eu, não. Oscar e os outros tiveram um encontro com ela meses atrás, e algumas das outras equipes também já a viram antes.

— Por que ela ia querer fazer mal ao Conselho?

Adrian começou a desenhar personagens da banda marcial no vidro. Um tocador de tambor e um de tuba. Uma fila inteira de trombones.

— Algumas pessoas gostavam de como as coisas eram antes dos Renegados tomarem conta.

— Quando todo mundo estava sempre roubando coisas e se esfaqueando?

— Eu também não entendo. Mas acho que as pessoas no poder naquela época deviam estar vivendo bem, né? — Ele franziu a testa enquanto tentava desenhar as voltas intrincadas de uma trompa. Acabou desistindo e fez um trompete para o músico.

— Você acha que esse cara novo também quer isso? Devolver a cidade aos vilões?

— Cara novo?

Max apontou para a tela. Adrian seguiu o olhar e um arrepio desceu pela espinha dele. O noticiário estava mostrando uma foto do Sentinela. Era uma imagem granulada dele pulando entre telhados, tirada do chão trinta metros abaixo. Capturada naquele momento em que quase parecia que ele era capaz de voar.

Apesar da péssima qualidade da fotografia, foi a primeira vez que ele se viu com o traje, e foi ao mesmo tempo sinistro e reconfortante.

Não dava para saber que era ele. Não tinha como. Ninguém tinha que saber que foi ele quem fracassou na captura da Pesadelo. Que foi ele quem feriu Monarca.

— Eu não acho... — Adrian hesitou. — Nós não sabemos se ele é vilão. Pode ser que estivesse tentando ajudar. Ele lutou contra a Pesadelo, e dizem que tinha um *R* no peito.

— Mas ele não é um de nós, é?

Adrian começou a empurrar a banda marcial pelo vidro para Max, um músico de cada vez.

— Não sei. Oscar acha que ele pode ser uma arma secreta que estão desenvolvendo lá em cima.

Uma agitação no saguão chamou a atenção de Adrian para a entrada iluminada. O Conselho tinha finalmente voltado, arrastando o Titereiro, preso com correntes de cromo. O Capitão empurrou o vilão para uma das equipes que estavam aguardando e deu ordens para ele ser levado para o bloco da prisão. Tsunami foi junto, com um muro de água pronto, caso Winston Pratt tentasse qualquer coisa. Mas ele parecia estar eufórico demais por estar dentro do Quartel-General dos Renegados para elaborar um ataque.

Luz Negra deu tapinhas nas costas do Capitão e do Guardiã Terror, e mesmo lá de cima, Adrian ouvia a voz alta dele dizendo alguma coisa sobre Pássaro do Trovão enquanto também seguia para o elevador.

Adrian se levantou. O Capitão Cromo olhou na direção dele e seu rosto se suavizou, talvez de alívio, embora não tenha havido muito motivo para ele estar preocupado. Até onde sabia, até onde *qualquer um* sabia, Adrian estava na multidão vendo o desfile o tempo todo e era capaz de se defender de um grupo de crianças com lavagem cerebral.

Ainda assim, não segurou um sorriso quando levantou a mão para uma saudação de boas-vindas.

Ele se virou e bateu duas vezes na janela de Max, que deu um tchau sem erguer o rosto, já organizando a banda na frente do carro alegórico.

Adrian foi até o térreo. O Capitão andou pela multidão que tinha se reunido em volta dele, todos gritando perguntas sobre a tentativa de assassinato, o Titereiro, a Pesadelo, o Sentinela, mas as perguntas foram todas ignoradas. O Capitão se encontrou com Adrian no pé da escada e lhe deu um abraço rápido antes de se afastar e segurar os ombros dele. Adrian fez uma careta quando sentiu os pontos se repuxarem no ferimento, mas fez o melhor que pôde para disfarçar com um sorriso.

— Nós não sabíamos se você estava no desfile quando começou — disse o Capitão Cromo.

O Guardião Terror apareceu ao lado deles e deu um abraço lateral em Adrian.

— Estamos felizes de você ter voltado em segurança.

Para o mundo, eles eram Hugh Everhart e Simon Westwood. Super-heróis. Integrantes do Conselho. Membros fundadores dos Renegados.

Mas, para Adrian, eram seus pais.

Ele revirou os olhos para o teto.

— Parem com isso. Vocês estão me fazendo pagar mico.

— E não vai ser a última vez, tenho certeza — disse Simon. — Você se envolveu na luta?

Adrian balançou a cabeça.

— Eu estava a alguns quarteirões de lá quando começou. Passei a maior parte do tempo bancando o guarda de trânsito pra ajudar alguns ônibus cheios de crianças.

— É um trabalho difícil — comentou Hugh —, mas alguém tem que fazer.

— Já começou a investigação? — perguntou Adrian. — O Titereiro não estava agindo sozinho. Acho que havia mais Anarquistas lá... e a Pesadelo estava nos telhados. — Ele franziu a testa para Hugh. — Ela estava atrás de *you*.

— Eu estou bem — disse Hugh, coçando a têmpora. Adrian sabia que tinha sido ali que o dardo o atingiu, mas não tinha ficado nem marcado.

— Estou vendo, mas ela tentou assassinar você hoje... e quase conseguiu. *E* acertou a Pássaro do Trovão. Essa garota... ela fica aparecendo toda hora, e acho que não está trabalhando sozinha.

— Nós também achamos — disse Simon. — Estamos investigando, mas até agora não tem nenhuma prova concreta de que a Pesadelo estava com os Anarquistas e nem com nenhuma outra gangue, antiga ou nova. Ela pode só ter tido sorte de conseguir usar o balão do Winston pra uma fuga conveniente. E sem provas...

— ... é contra o código ir atrás deles — murmurou Adrian com voz monótona.

— Se não seguirmos as regras, vamos ser como eles — disse Hugh.

Adrian não respondeu. Quando os Renegados se formaram, eles não precisavam seguir regra nenhuma; não havia regras a seguir. Eles eram mais justiceiros do que agentes da lei, e certamente não eram *fazedores* de leis. Eles faziam o que precisava ser feito para tornar o mundo um lugar melhor e mais seguro. Mesmo que isso

significasse chantagear alguém para obter informações ou se infiltrar em um esconderijo por acharem que havia algo de suspeito acontecendo, com ou sem prova concreta.

Havia dias em que Adrian achava que as coisas eram melhores assim. Quando os super-heróis eram só super-heróis, não líderes.

Talvez fosse por isso que a ideia do Sentinela o atraía. Havia liberdade no anonimato. Havia poder em não ter que responder a ninguém.

Só que, como aquele dia tinha mostrado, isso não queria dizer que não havia consequências.

— Tenta não se preocupar tanto — disse Simon, e Adrian percebeu que estava de cara amarrada. — A arma da Pesadelo foi enviada mais cedo para exame. Vamos ver se revela algo de útil.

— Ela é só uma vilã novata tentando ganhar credibilidade — acrescentou Hugh. — Nós já encaramos coisa pior.

Adrian não podia discutir com isso. Eles tinham vencido o próprio Ace Anarquia, além de incontáveis outros. Ainda assim, algo dizia que a Pesadelo não devia ser ignorada. Até onde sabia, aquele dardo tinha chegado mais perto de matar o Capitão Cromo do que qualquer outra coisa antes.

Simon olhou para a parede coberta de telas, mudando entre imagens do Titereiro, da Pesadelo balançando na cesta do balão e, de vez em quando, do Sentinela.

Hugh seguiu o olhar de Simon e franziu a testa ao ver a imagem do prodígio de armadura.

— Falando em investigação, o que a gente sabe sobre ele?

Apesar de eles estarem cercados de repórteres, assistentes e equipes de patrulha, ninguém respondeu.

Adrian coçou o peito, onde a tatuagem de zíper ficava escondida, onde o Sentinela estava guardado em segurança, dentro dele.

— Minha equipe o viu quando eles estavam enfrentando a Pesadelo. O Sentinela também estava atrás dela.

Hugh olhou para ele.

— Ele foi visto usando alguma habilidade?

— Eu... acho que sim. É. — Ele engoliu em seco. — Oscar achou que ele talvez fosse produto da pesquisa e desenvolvimento.

— Seria novidade pra mim — murmurou Simon. — Vou falar com Oscar e Ruby e ver o que a gente descobre. — Uma clareza repentina surgiu nos olhos dele. — Eu soube sobre Danna. Ela está bem?

Adrian enrijeceu. Ainda conseguia sentir o calor do próprio fogo. Ainda era capaz de ver as borboletas ficando pretas e se desintegrando na frente dele.

— Os curandeiros disseram que ela vai ficar.

Simon apertou o ombro de Adrian, e ele sabia que era para ser um gesto paternal e reconfortante, mas alguma coisa o fez se sentir pior. Não só por causa de Danna, mas também porque já tinha decidido que não podia contar que *ele* era o Sentinela. Ainda não.

Hugh se virou para a multidão.

— Escutem — disse ele com aquela voz grave e heroica capaz de fazer uma minhoca prestar atenção. — Se alguém souber alguma coisa sobre esse prodígio que se chama Sentinela, que traga a informação para o Conselho. Até onde sabemos, ele não é um de nós... — Ele fez uma pausa, os olhos azuis firmes percorrendo o aposento para o caso de alguém querer se adiantar e confessar ali mesmo, *caramba, era eu o tempo todo!*. Evitando o olhar do pai, Adrian virou o rosto para Max, que estava espiando da quarentena.

Hugh prosseguiu.

— Mas ele está usando nosso símbolo e nosso nome. Quero saber os motivos dele. Se for inimigo, quero saber com quem está trabalhando. Se for aliado... quero saber por que não está trabalhando *conosco*.

Ele se virou para Adrian e exibiu o sorriso padrão do Capitão Cromo, aquele que, mesmo depois de tantos anos, ainda fazia Adrian se sentir como se estivesse olhando uma foto em uma caixa de cereal.

— Quem sabe? Pode ser que ele apareça nos testes.

— Sr. Everhart, Sr. Westwood. — Uma mulher de jaleco branco e tênis atravessou o saguão, carregando uma prancheta. — Posso falar com vocês? Nós terminamos nossos exames preliminares na solução que havia dentro do dardo.

Hugh e Simon se juntaram a ela e começaram a andar na direção de onde ela tinha vindo. Adrian foi atrás, fingindo que tinha sido convidado, enquanto o resto do

grupo se dispersava.

— Não temos resultado para o envoltório físico do projétil — disse a mulher, virando uma página da prancheta. — Mas a solução era quase idêntica a venenos que foram atribuídos ao Cianeto no passado.

— Cianeto — repetiu Hugh. — Leroy Flinn?

A mulher assentiu.

— Um Anarquista — disse Adrian.

Eles fizeram uma pausa e se viraram, e os três pareceram surpresos de ele ainda estar ali.

Suspirando, Hugh se virou para a técnica.

— Nada sobre a arma ainda?

Ela começou a balançar a cabeça, mas hesitou.

— Isso não foi confirmado, mas tinha marcas de fabricação parecidas com algumas que apreendemos de criminosos não afiliados. Mercado clandestino, se eu fosse dar um palpite.

— Pode ser de um traficante de armas novo na cidade — observou Hugh, coçando o queixo.

— Ou um antigo — acrescentou Simon — voltando ao trabalho.

— Quem liga pra origem da arma? — disse Adrian. — O Cianeto fez o veneno, e nós sabemos que ele é Anarquista. Considerando ele e o Titereiro, deve ser pra eles que a Pesadelo está trabalhando. Ou... com eles.

Simon afastou as beiradas da capa dos ombros.

— Os Anarquistas estão inativos há nove anos. É mais provável que a garota seja só uma prodígio canalha tentando ganhar nome nas ruas.

— Você não sabe se é isso mesmo — questionou Adrian. — E que importância tem? Eles nos atacaram hoje, o Titereiro e a Pesadelo, os dois. Isso deve ser motivo suficiente pra ir atrás dos Anarquistas, mesmo sob o código de autoridade.

— Não é suficiente confirmar que a Pesadelo é uma deles. — Hugh sorriu, e havia algo de tão caloroso e gentil naquele sorriso que Adrian se irritou, como se o pai estivesse tentando reconfortá-lo depois de um dia difícil no treino de softball. — Mas pode ser que você esteja certo. Vamos mandar alguém investigar os Anarquistas. Fazer algumas perguntas, ver o que consegue descobrir.

A pálpebra esquerda do Adrian começou a tremer.

— Por que você não me manda? *Nós?* Oscar e Ruby estavam no chão hoje. Eles sabem mais sobre a Pesadelo do que qualquer pessoa neste momento. Deixa a minha equipe ir.

— Sua equipe é excelente na patrulha — observou Simon —, mas vocês não são investigadores. Vamos encontrar alguém com mais experiência pra cuidar disso.

Adrian massageou a testa.

— Eu não acho... Só fico pensando se outra equipe vai levar isso tão a sério quanto deveria. A Pesadelo se mostrou uma verdadeira ameaça hoje, e se os Anarquistas estiverem envolvidos, vamos ter que parar de pensar neles como ratos de esgoto inofensivos. Mesmo sem Ace, eles ainda são vilões. Nós não temos como ter certeza do que eles são capazes.

Hugh riu.

— Você esquece com quem está falando, Rabisco — disse ele, usando seu nome de Renegado, e Adrian não conseguiu interpretar se foi de um jeito carinhoso ou ofensivo. — Que os Anarquistas tentem retomar o poder da cidade. Eles jamais teriam chance... com ou sem essa *Pesadelo*. Nós ainda somos super-heróis, sabe.

Eles se viraram e seguiram a mulher até os elevadores, e Adrian já os ouviu falando sobre outros tópicos do Conselho: como eles tranquilizariam as pessoas depois dos ataques de hoje, e o que fazer com Winston Pratt, e qual era a melhor forma de rastrear esse suposto distribuidor de armas do mercado clandestino.

Adrian os viu se afastarem, os braços cruzados com força sobre o peito. Só conseguia pensar que Hugh Everhart estava enganado. Eles não eram mais super-heróis, não do jeito como tinham sido antes. Não porque estivessem ficando velhos ou por não terem saído tanto em campo desde que reuniram o Conselho e deixaram boa parte da luta contra o crime para os recrutas mais novos. Era porque eles tinham regras agora. Regras que eles mesmos tinham criado, mas que ainda assim mantinham suas mãos atadas.

A solução pareceu muito simples para ele, muito óbvia. Eles sabiam onde os Anarquistas moravam. Equipes dos Renegados invadiam as fortalezas deles em intervalos de meses para ter certeza de que não estavam desenvolvendo armas ilegais, nem construindo bombas, nem criando venenos fatais exatamente como o que foi encontrado no dardo. Eles só precisavam ir lá e exigir que a Pesadelo fosse entregue.

Mas iam só enviar uma equipe que... faria o quê? Algumas perguntas sem sentido para depois pedir desculpas educadamente por terem ocupado o tempo deles?

O Titereiro e o Cianeto eram Anarquistas que foram leais ao Ace desde o começo. As chances de Winston Pratt estar trabalhando sozinho hoje pareciam improváveis, e a ideia de que o uso que a Pesadelo fez do balão dele e o fato de que o dardo tinha veneno do Cianeto serem coincidência parecia ingênua.

Se os Anarquistas estavam ficando ativos de novo, recrutando novos membros, tramando contra o Conselho, essa poderia ser a melhor oportunidade de os impedir, antes de poderem fugir do controle.

Porque eles não podiam fugir do controle. Não de novo. Nove anos tinham se passado, mas o mundo ainda carregava cicatrizes demais do domínio do Ace Anarquia.

Adrian não tinha certeza se eles conseguiriam se recuperar uma segunda vez.

CAPÍTULO SEIS



O BALÃO TINHA BATIDO EM um prédio residencial ao sul da via Bracken. Nova pulou da cesta antes que caísse no chão e desapareceu nas sombras de uma rua adjacente. Sabendo que os Renegados estariam rastreando o balão e procurando por ela, Nova forçou as pernas a se moverem por quase três quilômetros de vielas e pátios vazios até finalmente desabar atrás de uma lavanderia e um restaurante que anunciava teriyaki e cheeseburgers. Deitou-se no concreto e ficou olhando pelas grades da escada de incêndio, pelos varais cheios de calcinhas e toalhas, para o menor vislumbre do céu entre fachadas de tijolos. A brita machucou suas costas e todos os músculos estavam doendo, mas era bom retirar o capuz e a máscara. Respirar o ar, mesmo com cheiro de óleo velho e alho, e, ocasionalmente, um odor de cachorro molhado.

Só quando um cachorro molhado de verdade apareceu farejando perto da cabeça dela foi que Nova afastou o focinho dele, se levantou do chão e começou a voltar para casa.

Para as sombras e a imundície da vida diária.

Ela andou por mais de uma hora até chegar a uma das extintas entradas de metrô que tinham conexão com a rede de túneis dominada pelos Anarquistas depois que a vitória dos Renegados os obrigou a se esconderem. Havia oito anos que o Conselho vivia dizendo que ia fazer o metrô voltar a funcionar, mas até onde Nova percebia não fora feito progresso nenhum. Ela tinha dúvidas sérias de que aconteceria no futuro breve.

Ela passou pela tábua de compensado e entrou.

A escuridão a engoliu enquanto ela descia a escada. Foi só quando chegou ao primeiro patamar e se virou para o segundo que pegou a pequena lanterna no cinto e a acendeu. A luz dançou sobre rabiscos familiares de pichações e placas anunciando livros por muito tempo fora do mercado e peças que não eram encenadas em Gatlon havia mais de trinta anos.

O sistema do metrô tinha caído com o governo, no começo da revolução do Ace, e os túneis tinham se tornado um refúgio para os que estavam procurando consolo da agitação acima. Ofereciam abrigo e anonimato, pelo menos, e isso era alguma coisa. Agora, os túneis abandonados pertenciam aos Anarquistas, pelo menos naquele canto do labirinto, com os vagões quebrados, trilhos cheios de lixo e uma escuridão que parecia penetrar nas paredes.

Eles não estavam exatamente escondidos; os Renegados sabiam onde encontrá-los. Mas, anos antes, depois da Batalha por Gatlon, Leroy ofereceu uma trégua ao Conselho. Foi assim que ele chamou. *Trégua*. Apesar de Ingrid dizer que era um pouco melhor do que humilhação. Ainda assim, o Conselho aceitou os termos dele. Os poucos Anarquistas sobreviventes teriam permissão para um pouco de autonomia, aquela vidinha patética subterrânea, desde que nunca mais usassem as habilidades contra os Renegados ou contra o povo.

Nova não sabia muito bem o que tinha dado no Conselho para aceitar a proposta quando eles poderiam facilmente ter emboscado e enfiado todos na prisão naquele dia. Talvez o sentimento de retidão que os movia tivesse passado assim que eles viram o Capitão Cromo sair das ruínas da catedral com o elmo do Ace Anarquia no pique. Talvez tivessem sentido pena dos Anarquistas que perderam tudo tão de repente: a batalha, o líder, o lar.

Ou talvez só tivessem concluído que, sem o Ace, os Anarquistas não eram mais ameaça.

Os Renegados ainda os visitavam de tempos em tempos, para fiscalizar os túneis e ter certeza de que eles não estavam desenvolvendo armas ilegais e nem “causando confusão”, mas, fora isso, eles até que eram deixados em paz.

Nova se perguntou quanto tempo isso duraria agora, depois do fiasco de Winston no desfile. Se tivesse sido só ela, os Renegados talvez não conectassem a agressão ao grupo. Ela poderia ter trabalhado sozinha, na visão deles. Claro que, quando o Fobia

e Ingrid se apresentassem, eles revelariam o envolvimento dos Anarquistas de qualquer modo, mas, àquela altura, o Conselho estaria morto e não importaria.

Mas o Conselho não estava morto, e embora as alianças da Pesadelo ainda pudessem ser um mistério, o envolvimento do Titereiro levaria os Renegados direto a eles.

Ela não devia ter entrado naquele balão. Essa escolha foi só mais uma prova que os conectava.

Se não fosse aquele cara novo... *o Sentinela*... as coisas poderiam ter terminado de um jeito diferente.

Nova chegou ao andar mais baixo da estação do metrô e seguiu pela plataforma. Ratos saíram correndo quando ela pulou nos trilhos e foi para o túnel. Virou o facho da lanterna para a parede até encontrar o interruptor que tinha ajudado Ingrid a instalar alguns anos antes. Com um movimento, uma série de lâmpadas fracas se acenderam no teto e a guiaram para casa.

Nova apagou a lanterna e jogou na bolsa, que parecia vinte e cinco quilos mais pesada do que estava de manhã. Os braços queimavam de cansaço. Todos os músculos do seu corpo estavam se manifestando, cada um dolorido e cansado e comunicando suas reclamações.

Algumas dezenas de metros depois, encontrou Ingrid na plataforma central, colocando caixas de comida e suprimentos em um carrinho de compras.

Nova largou a bolsa nos trilhos. Ingrid se virou, os olhos arregalados, mas relaxou quando viu Nova.

— Você me deixou lá — disse Nova, apoiando a mão fechada no quadril.

Ingrid balançou a mão e se virou para as estantes, pegando latas de sardinha e feijão.

— Me ajuda a pegar essas coisas, tá?

— Tipo como você me ajudou?

Ingrid deu um gemido, se virou e olhou de cara feia para Nova. Ainda estava usando o uniforme da Detonadora: botas altas, calça cáqui justa, uma cropped azul e as braceiras azul-metálicas que espiralavam pela pele negra, dos ombros até os pulsos. A única diferença do visual durão de vilã de sempre era que tinha prendido o cabelo preto crespo com uma faixa com pedras, sem dúvida roubada de Mel.

— Está na hora de superar isso, Pesadelo — disse Ingrid. — Você sabia dos riscos da missão, sabia que não haveria tentativa de resgate se as coisas dessem errado. Mas olha... você está bem, eu estou bem, o Fobia... — ela revirou os olhos com exagero — eu não sei, deve estar fazendo uma sessão espírita, sei lá, aquele trapaceiro sinistro, mas pelo menos ele também está bem. Nós estamos todos bem.

— Winston não está bem.

— Winston mereceu o que teve. Planejar um ataque daqueles no centro da cidade! Ele quase nos levou à morte. É dele que você devia estar com raiva agora.

Nova curvou o lábio. Também estava com raiva de Winston, mas a raiva estava dominada pela culpa de saber que ele foi pego em parte por causa dela.

— E agora nós temos coisas mais urgentes para resolver do que aquele cretino — disse Ingrid —, então pare de ficar emburrada e leve isso aqui até o estoque embaixo da linha amarela. — Ela voltou a jogar alimentos dentro do carrinho.

Nova subiu na plataforma e jogou a bolsa em cima dos alimentos.

— Você acha que vai haver invasão hoje?

— Aposto. Os Renegados vão estar procurando confusão. — Ela colocou algumas caixas de arroz instantâneo na parte de baixo do carrinho. — Pronto. Eles podem invadir os túneis, mas pelo menos não vamos passar fome.

Um choro leve reverberou nas paredes. Nova virou a cabeça.

— Mel?

Ingrid bufou.

— Ela está assim desde que voltamos. Não sei bem por que está tão chateada. Talvez um zangão tenha morrido. Não sei. Ignora ela. Aqui, vou ajudar a botar o carrinho nos trilhos. — Ela empurrou o carrinho até a beirada da plataforma, as rodinhas velhas e irregulares chiando nos ouvidos delas. — Juro que tem dias em que fico me perguntando o que ainda estou fazendo aqui com vocês, seu bando de ultrapassados. Mel é causa perdida. Leroy matou neurônios demais com os produtos químicos que vive cheirando. E o Fobia... ele está ficando cada dia mais esquisito, você já reparou? — Ela desceu para os trilhos e segurou a frente do carrinho enquanto Nova o empurrava na direção dela.

— Talvez você fique por minha causa — disse Nova quando o carrinho estava em segurança lá embaixo.

Ingrid riu.

— Ah, querida. Você atirou no próprio Capitão hoje. — Ela estalou a língua, mas, pela primeira vez desde que Nova a encontrou na plataforma, seus olhos assumiram um ar amistoso. — Você talvez seja a mais maluca de todos nós.

— A ideia foi sua.

— Exatamente.

Quando Nova já tinha deixado o carrinho de suprimentos no depósito embaixo da linha amarela, que estava cheio de baratas e costumava ser ignorado durante as visitas dos Renegados, seus braços estavam vibrando de empurrar as rodinhas do carrinho pelos trilhos. Ela ficou feliz de finalmente chegar ao seu vagão abandonado e largar a bolsa.

Parou um momento para preparar uma xícara de chá com uma pequena chaleira elétrica. Era um dos rituais que regulavam seus dias. Embora o chá nunca a fizesse dormir e nem parecesse ajudar muito a acalmar a mente, como deveria, ainda sinalizava para o corpo que o dia tinha acabado e a noite estava prestes a começar. Dava uma sensação de normalidade, uma coisa tão simples e reconfortante quanto uma rotina da hora de dormir, mesmo ela pulando a parte de ir para a cama.

Com a caneca na mão, ela voltou para os túneis.

Os lamentos de Mel ficaram mais altos conforme Nova foi se aproximando dos aposentos dela, o choro perturbado apenas pelo zumbido das colmeias.

— Mel? — disse Nova, empurrando a porta de aço pesada com o ombro.

Mel Harper, a famosa Abelha-Rainha, estava com um humor daqueles. Tinha se arrumado como fazia quando as coisas ficavam realmente ruins, com delineador grosso e cintilante e cachos louros em um penteado que desafiava a gravidade. Estava usando um vestido colado que descia pelas curvas generosas, parada na frente de um espelho de corpo inteiro, alternando entre se admirar com apreciação e chorar nas mãos.

Ela seria a imagem perfeita de uma estrela de cinema do passado, toda dramática e cintilante, beirando o ridículo... se não fossem as abelhas.

Além da mobília esparsa do aposento (uma cama bagunçada, uma penteadeira, um guarda-roupa antigo), cada centímetro do espaço era ocupado por colmeias e ninhos e criaturinhas cujo zumbido acumulado era mais alto do que uma serra elétrica. Abelhas doces e gordas, operárias eficientes e trabalhadoras, zangões e vespas, alguns do tamanho do polegar da menina. Apesar de irem e virem dos túneis,

sempre havia milhares lá dentro, trabalhando, construindo, produzindo. Algumas dezenas andavam pelo vestido e pela pele da Mel, e Nova conseguia ver que duas tinham ficado presas nos fios grudentos de laquê do cabelo.

Nova tinha observado uma vez para Mel que, cientificamente falando, vespas não eram abelhas, e como ela podia ter domínio sobre elas se seu poder era relacionado a abelhas? Mas Mel só sorriu e fez carinho na bochecha dela, murmurando:

– É bom ser rainha.

Nova era criança na época; isso foi antes de eles terem sido expulsos para os túneis.

Quando os Renegados os derrotaram, Mel foi quem mais sofreu e encarou como um ataque pessoal ter sido forçada a ir com suas preciosas súditas para as cavernas escuras e sem sol. Ela vivia como uma rainha naquela época, e muitas vezes fingia que ainda era assim. Nova tinha quase certeza de que a negação inflexível da nova realidade deles a tinha deixado meio louca.

– Mel? – chamou ela de novo, mais alto agora, para ser ouvida acima do zumbido.

Mel se virou para ela, as bochechas vermelhas.

– O quê? – respondeu ela com rispidez.

A maquiagem dos olhos estava escorrendo, formando manchas pretas nas bochechas, mas isso não a deixou menos bonita. Estava mais para uma moça perturbada que precisava de ajuda. O tipo de mulher que muitos caras tentariam ajudar se não fosse a vespa preta no decote.

Ao ver Nova, ela se empertigou toda para poder olhá-la de cima enquanto se recompunha. Uma sombra de sorriso cruzou seus lábios cintilantes. Ela nunca usava batom, só espalhava mel... o melhor hidratante da natureza, ela lembrava repetidamente, sugerindo não tão sutilmente que Nova devia usar um pouco.

– Minhas desculpas, querida – disse Mel com um suspiro. Ela esticou a mão para um copo de martíni na penteadeira e ignorou a abelha na borda ao tomar um gole. – Não ouvi você entrando.

– Tudo bem. Posso pedir emprestado...

– Achei que você estivesse fora. O dia foi bem silencioso aqui. Para onde foi todo mundo?

Nova apertou as mãos nas laterais da caneca. Era frio nos túneis, e o calor vindo da cerâmica era bom nos dedos.

– Ao desfile?

Uma sobancelha bem desenhada subiu no rosto.

– Era hoje? Como foi?

Nova abriu a boca para contar a Mel o fracasso que a missão foi. Mas hesitou e acabou dizendo:

– Botaram uma atriz pra interpretar você no carro alegórico dos vilões.

Mel levou um susto. A abelha caiu na bebida, e ela enfiou o dedo e a tirou sem olhar, largando a criatura encharcada na penteadeira.

– Ela era muito bonita – acrescentou Nova. – Não chegava aos seus pés – ela indicou o vestido da Mel –, mas fez um bom trabalho. Era cheia de classe. Acho que não foi atingida por nenhuma fruta.

Mel olhou para dentro do copo, os cílios longos e falsos roçando na bochecha, e naquele momento ela pareceu um retrato. Triste e abandonada. Uma rainha separada do reino.

– Talvez não tenham me esquecido, afinal.

– Ah, para com isso – disse Nova, balançando o saquinho de chá na caneca. – Como poderiam esquecer você?

Um leve sorriso surgiu nos lábios brilhantes de Mel, na hora em que uma vespa subia até lá.

– A propósito... – Nova ergueu a caneca fumegante. – Você pode me emprestar um pouco de mel?

Mel olhou para ela, os olhos brilhando, e suspirou.

O chá já estava esfriando quando ela saiu dos aposentos de Mel e foi para a bifurcação nos túneis. Nova passou por outra plataforma abandonada, um mural de azulejos lascados e sujos marcando a parada na estação Blackmire, e parou novamente, refletindo.

A plataforma estava ocupada por três tendas de circo de tamanho infantil, e mal dava para ficar em pé dentro delas. As tiras largas de cores primárias que já tinham sido vibrantes haviam desbotado com anos de poeira e sujeira. As tendas eram conectadas por abas rasgadas no tecido e costuradas com retalhos de sacos de dormir e lençóis velhos, formando uma espécie de palácio de tendas em miniatura. Mas a

mudança mais impressionante foi que as bandeirolas tinham sido substituídas por cabeças de boneca cortadas, uma para cada tenda, os olhos pretos cegos observando qualquer um que ousasse se aproximar.

Nova botou a xícara no chão e subiu na plataforma. Abriu a aba da frente da tenda e esperou um momento, permitindo que os olhos se adaptassem à escuridão e que o nariz franzido se ajustasse ao odor forte de Winston Pratt, que nunca tinha sido muito adepto dos hábitos de higiene.

Ela prendeu o ar, parou junto aos restos de brinquedos de corda quebrados e kits de pintura secos e seguiu até a segunda tenda, onde uma cozinha de madeira para criança a recebeu, cheia de comida de verdade e de plástico.

Ela remexeu na geladeira e nos armários de brinquedo até encontrar um saco de pipoca e uma barra de chocolate. Enfiou ambos nos bolsos.

Winston não voltaria tão cedo mesmo.

Quando chegou ao vagão de Leroy, onde uma lanterna estava acesa na janela, o chá estava morno. As coisas nunca ficavam quentes por muito tempo nos túneis úmidos.

Nova foi até a porta lateral e bateu.

— Entre por sua própria conta e risco — bradou ele, o cumprimento familiar.

Nova abriu a porta de vidro, que tinha sido pintada de preto muito tempo antes, e entrou no vagão. Leroy, ou Cianeto, como o mundo o conhecia, estava à mesa de trabalho, medindo uma colher de pó verde e colocando dentro de um frasco cheio de líquido amarelado. A mistura estalou e chiou no tubo.

Ele olhou para Nova e sorriu enquanto empurrava os óculos para o alto da cabeça.

— Você está com uma cara péssima.

— Exatamente o que eu precisava ouvir, obrigada. — Ela se deitou em uma espreguiçadeira marrom. Apesar de a almofada já ter sido lar de uma família de ratos e de o estofamento de couro falso estar rasgado em vários pontos, ainda era um dos lugares mais confortáveis para se sentar na linha oeste. — Em que você está trabalhando?

— Só um pequeno experimento — disse Leroy.

Ele era um homem gorducho, com cabelo castanho sempre grudado na testa e um rosto que era uma colcha de retalhos de cicatrizes e descolorações por causa de

vários experimentos que deram errado ao longo dos anos. Não tinha três dentes e as sobancelhas sempre cheiravam a produtos químicos, mas, de todos os Anarquistas, ele sempre foi o favorito de Nova.

— Como foi o desfile?

Ela deu de ombros.

— Nós não matamos o Conselho. E nenhum Renegado, na verdade.

— Que pena.

— Mas acho que posso ter quebrado uma das asas da Pássaro do Trovão.

Os olhos de Leroy se iluminaram, impressionados, enquanto ele erguia o frasco.

A mistura dentro tinha parado de borbulhar.

— Conseguiu usar o dardo?

Ela franziu ainda mais a testa.

— Eu tentei. Errei.

Ele cantarolou, sem preocupação nenhuma.

— Talvez na próxima vez.

Nova se encostou e o apoio para pés subiu.

— Winston apareceu.

— É?

— Não era pra ele ir.

— Foi o que pensei.

Nova olhou para as barras de metal que seguiam o comprimento do vagão. Para os mapas velhos e amarelados da cidade. Para o teto que tinha começado a rachar na lateral.

— Ele foi capturado pelos Renegados. — Ela tomou um gole de chá. — Pode ter sido culpa minha.

Leroy não respondeu. Nova ouviu os sons do trabalho dele. Medindo, virando, misturando.

Ela colocou o chá no chão, levantou um braço e o cruzou atrás da cabeça, tentando alongar os músculos.

— Acho que talvez tivesse conseguido salvar nós dois se tivesse tentado de verdade.

Leroy botou uma rolha em um dos frascos e escreveu no rótulo.

— Se ele fosse mais forte do que os Renegados, não teria caído nas mãos deles.

Era lógico. Lógica anarquista. Lógica confortável, sem culpa.

– Mas, de qualquer modo – disse Nova, mudando o braço alongado –, Ingrid acha que os Renegados vêm invadir nosso esconderijo hoje, em retaliação, ou talvez pra tentar descobrir se estávamos envolvidos.

– Tenho certeza de que você vai estar bem escondida quando eles chegarem.

– É, mas... você não deveria guardar algumas dessas coisas?

Os lábios de Leroy subiram de um dos lados, fazendo metade do rosto dele ficar frouxa por falta de uso.

– Acredite ou não, tudo que faço aqui é perfeitamente legal.

Nova não conseguiu perceber se ele estava brincando.

– Ah, bom... não vá dizer que eu não avisei.

– O aviso foi recebido com um agradecimento de coração. – Ele pegou um pote vazio e um funil em um armário próximo. – Estavam anunciando os testes no desfile?

– Como se fosse feriado nacional – resmungou Nova, e acrescentou com deboche: – *Você tem o necessário para ser herói?* Ugh. Prefiro que me acertem com um batedor de ovo.

Ela tirou o saco de pipoca do bolso, que fez ruído quando o abriu. Ofereceu para Leroy, mas ele recusou.

– O mundo precisa de heróis – disse ele, botando os óculos de novo para virar a mistura na garrafa. Faziam seus olhos parecer três vezes maiores.

– É o que dizem. – Nova colocou um pouco de pipoca na boca. – Mas nós dois sabemos que o mundo ficaria melhor sem heróis. Sem vilões. Sem nenhum de nós atrapalhando as pessoas normais e felizes nas vidas normais e felizes.

Os lábios do Leroy se curvaram num sorriso sutil.

– Você já pensou em fazer o teste?

Ela riu.

– Pra quê, pra ser uma Renegada?

– Eles não sabem quem você é, como é sua aparência. – Ele botou a chama do bico de Bunsen mais baixa e o pote de vidro em cima. – Você seria uma espã promissora.

– Só que não tem a menor chance de eu conseguir fingir ter respeito por aqueles metidos, arrogantes, pretensiosos... *heróis* por tempo suficiente de descobrir

qualquer coisa útil.

Leroy deu de ombros.

— Você conseguiria se quisesse.

— Sem falar em passar pela verificação de antecedentes — continuou ela. — Não é qualquer um que entra para o grupinho deles, sabe. Você acha mesmo que deixariam uma garota com o sobrenome *Artino* entrar?

Ele balançou a mão para ela.

— Obstáculos menores. É fácil arrumar documentos falsos nesta cidade. Nós somos vilões ou não somos?

— Você tem pensado a respeito disso.

Ele olhou para ela.

— Só desde que começaram a anunciar os testes novamente. Ace sempre dizia que conhecimento é poder, e ele estava certo. Infelizmente, nos dias de hoje, os Renegados têm todo o conhecimento *e* o poder.

Nova pegou a caneca quase vazia e se levantou.

— Nesse caso, me enviar para os testes seria um plano perfeito. Se ao menos eu tivesse desejo de morrer...

— Dê um pouco mais de crédito a si mesma, pequena pesadelo — disse Leroy. — Pelo menos eu dou.

Nova grunhiu.

— Vou pensar — concedeu ela, abrindo a porta. — E não me chame assim.

Leroy apenas sorriu.

CAPÍTULO SETE



ADRIAN APOIOU OS PÉS na mesa de centro, um prato de cereal no colo. Era o cardápio padrão quando seus pais trabalhavam até tarde, o que acontecia com muita frequência, e depois do dia que tiveram, ele não esperava que chegassem tão cedo.

Ele pegou o controle remoto e ligou a televisão para ver os noticiários da noite. Uma filmagem trêmula do desfile apareceu na tela da televisão, um vídeo do balão de arlequim do Titereiro percorrendo as ruas do centro de Gatlon enquanto uma multidão gritava e corria para tentar escapar. A voz de um repórter fora da tela citava as estatísticas. Os números tinham aumentado desde que ele os ouviu naquela tarde, e agora estavam dizendo que foram sessenta e oito feridos, com cinquenta e um civis ainda recebendo tratamento no Hospital da Cidade de Gatlon e dois Renegados, incluindo a integrante do Conselho Tamaya Rae, tendo os ferimentos tratados no Quartel-General dos Renegados. Por sorte, não houve fatalidades. O criminoso, o Anarquista Winston Pratt, conhecido pela maioria das pessoas como Titereiro, estava detido...

Adrian afastou o olhar das imagens e botou a mão no caderno de desenho ao seu lado. Abriu a capa e usou o polegar para passar as páginas até encontrar os desenhos mais recentes, os que fez rapidamente assim que chegou em casa, com as ideias ainda frescas.

Enquanto mastigava o cereal, ele levou o caderno à altura dos olhos e inspecionou os desenhos.

Conceitos para uma nova tatuagem.

Não tinha planejado fazer mais nenhuma, mas, por outro lado, sempre achava que a tatuagem da vez era a última, e menos de dois meses depois de iniciar o experimento ele já tinha três na pele.

Mas tinha aprendido muito sobre as habilidades que tinha quando estava nos terraços enfrentando a Pesadelo. Ou melhor, aprendera muito sobre as habilidades do Sentinela.

Havia potencial ali. Grande potencial, ele sabia. A armadura tinha funcionado exatamente como ele queria, oferecendo ao mesmo tempo flexibilidade e proteção, mesmo a Pesadelo tendo conseguido encontrar uma vulnerabilidade no traje.

E as molas nos pés funcionaram como magia. Na primeira vez que pulou do nível da rua para um parapeito a três andares do chão, ele se sentiu quase como se tivesse levantado voo.

Mas o fogo... o fogo era problemático.

Pareceu uma ótima ideia quando ele tatuou. Na verdade, foi a primeira tatuagem que fez nele mesmo, antes de ter certeza se ao menos funcionaria. Antes que pudesse ter certeza de que o dom dos desenhos poderia se transferir a uma tatuagem permanente e imbuir seu corpo de um superpoder novinho e totalmente real.

Todo mundo queria manipulação do fogo. Era um clássico, e tinha tantas aplicações, desde acender velas de aniversário a incendiar um armazém inteiro lotado de narcóticos ilegais.

Não que ele já tivesse encontrado um armazém assim, mas, se *encontrasse*, gostava de saber que poderia fazer alguma coisa.

Mas fogo também era imprevisível. Era uma força da natureza, selvagem e incontrolável.

Adrian precisava era de algo novo e organizado. Algo que pudesse ser sistematicamente mirado e disparado, mesmo por ele, que, precisava admitir, não estava entre os melhores atiradores dos Renegados. Precisava de alguma coisa que tivesse bem menos chance de acertar um dos seus colegas.

Seu primeiro pensamento foi algum tipo de arma embutida na armadura, mas aí se lembrou de uma garota que foi treinada no quartel-general alguns anos antes, um prodígio capaz de disparar raios curtos de energia a partir de um nódulo no centro da testa e acertar qualquer alvo com grande impacto. As pessoas se referiam aos

disparos como lasers, mas não eram isso. Adrian não sabia bem *o que* eram, mas sabia que acertavam com força suficiente para atordoar um oponente e às vezes até deixá-los inconscientes, sem permitir qualquer evidência que uma bala deixaria. Nem cartucho, nem restos, nem um ferimento aberto.

Era perfeito.

O truque era pensar em como incorporar uma habilidade dessas na armadura do Sentinela... e que tipo de tatuagem lhe daria esse poder. Muitas vezes, ele achava irônico ser capaz de fazer praticamente qualquer coisa ganhar vida quando desenhava, desde que conseguisse primeiro convencer a si mesmo de que faria sentido na realidade. Ele tinha que ser estratégico. Prático.

Molas nas solas dos pés. Uma espiral de fogo no antebraço. Um zíper no esterno que podia ser aberto para liberar a armadura.

E agora, uma espécie de diodo de laser. Um cilindro longo e estreito, desta vez no antebraço direito, que surgiria na manopla do Sentinela, já carregado e pronto para disparar...

Ele colocou o caderno de lado e comeu outra colherada de cereal.

— ... e, sim, o Titereiro foi pego no final, mas não acho aceitável tantos passantes terem ficado feridos antes de ele ser detido.

Os olhos de Adrian se voltaram para a televisão, onde dois homens e duas mulheres, todos bem penteados, estavam sentados em volta de uma mesa dentro do estúdio.

— Exatamente! — disse um dos homens, se inclinando por cima da mesa e apontando um dedo acusador na direção da mulher que tinha falado, apesar de parecer estar concordando com ela. — Não é aceitável. Foi um evento com grande presença de público. Onde estava a segurança? E por que o Conselho demorou tanto para reagir a essa ameaça? É trabalho deles nos proteger, mas hoje eles pareceram mais preocupados com propaganda ruim do que com impedir esse louco.

— Em defesa do Conselho — disse o segundo homem, levantando as mãos em um gesto de calma —, nós temos relatos de testemunhas dizendo que, poucos minutos depois do ataque começar, o Capitão Cromo conseguiu salvar sete crianças pequenas do controle do Titereiro, enquanto o resto do Conselho e vários Renegados que não estavam a serviço levaram centenas de civis para lugares seguros dentro de prédios e garagens próximas. — Ele ergueu a mão em um gesto de silêncio quando o outro

homem tentou interromper. — *E* isso se alinha com o que o Conselho está nos dizendo desde o dia em que os Renegados viraram uma entidade oficial: que eles vão sempre se concentrar em proteger as vidas inocentes primeiro e partir para o ataque *depois*. Eles seguiram o protocolo hoje, e tenho que admirá-los por isso. Não pode ter sido fácil, principalmente com o Titereiro se mostrando um alvo tão óbvio.

Adrian levou o prato até a boca e bebeu o leite tingido de rosa.

— Sim — disse uma das mulheres —, mas quantos ferimentos poderiam ser impedidos se eles o tivessem detido?

O homem deu de ombros.

— E se um dos civis que eles levaram para um lugar seguro tivesse acabado morto? Nós nunca vamos saber.

— O que nós sabemos — disse a primeira mulher — é que, deixando os feridos de lado, Winston Pratt provavelmente não teria sido capturado hoje se não fosse aquela candidata a assassina o jogando para fora do próprio balão. Podemos, por favor, falar sobre o elefante na sala? — Ela abriu bem os braços, o rosto retorcido de descrença. — A Pesadelo! Quem ela é? De onde veio? Nós não sabemos nada sobre ela, só que quase assassinou o Capitão Cromo hoje, acertou a Pássaro do Trovão e escapou de uma unidade de patrulha dos Renegados em uma luta de uma contra três. Ninguém está preocupado com isso?

— Eu estou — disse o homem ao lado dela. — Mas o que me preocupa ainda mais do que esse ataque solitário, isso se *foi* solitário, é que, até onde sabemos, isso pode ser um sinal de que mais prodígios vão começar a sair dos seus esconderijos, determinados a provocar destruição e caos tudo de novo. Mostra que os Renegados podem não ter a cidade sob controle como eles querem que nós pensemos. Que prodígios novos e *vilões* ainda estão fora do radar. E, se for o caso, eu gostaria de ouvir do Conselho o que planejam fazer sobre essas ameaças.

— Com sorte — disse a mulher ao lado dele —, eles têm um plano melhor do que tinham hoje!

Adrian fez cara feia, pegou o controle remoto e desligou a televisão. Encostou-se no sofá e comeu outra colherada de cereal. No silêncio repentino, o barulho da mastigação ficou absurdo, a demolição de flocos de arroz com sabor artificial ocupando a sala toda.

Era impressionante o quanto as perguntas do âncora refletiam as que ficaram na cabeça dele o dia todo.

Pesadelo. O grande mistério. E eles nem sabiam o maior mistério de todos, as palavras que ele não conseguia silenciar.

Quem não tem medo não pode ser corajoso.

Adrian apoiou os pés no tapete, colocou o prato na mesa de centro e pegou o caderno.

O piso de madeira da casa estalou embaixo dele quando ele foi até o saguão e subiu a escadaria de carvalho até o segundo andar. Era uma casa velha e imponente. Já tinha sido a mansão do prefeito quando Gatlon tinha um. O prefeito, sua família e até alguns funcionários foram mortos naquela casa nos primeiros dias da Era da Anarquia. Quando era mais novo, Adrian tinha certeza de que os fantasmas deles ainda assombravam os andares de cima, e era por isso que tinha implorado para poder fazer do porão um quarto. Apesar de não acreditar mais que os espíritos dos mortos estivessem por lá, ele costumava sentir um arrepio de apreensão quando subia para o segundo andar, onde a suíte principal e vários quartos de hóspedes podiam ser acessados por um corredor central. Mas ele raramente tinha motivo para subir. O porão, a cozinha, a sala; esses eram seus domínios.

Mas o que ele precisava ver agora estava lá em cima, no escritório dos pais.

Ao chegar ao patamar, ele acendeu a luz do corredor e iluminou as portas escuras de madeira, a sanca intrincada, os tapetes orientais desbotados que ocupavam todo o corredor.

A casa estava em péssimo estado quando seus pais decidiram ir morar lá. Tinha sido alvo de saqueadores durante a Era da Anarquia, mas Simon achava que tinha história demais para sucumbir ao abandono eterno. Era um símbolo de uma época diferente; uma época pacífica e civilizada, quando a sociedade tinha ordem e regras e liderança.

Então, eles foram morar lá e estavam fazendo as reformas desde a mudança. Adrian mal conseguia lembrar as condições da casa nos primeiros dias, quando ele ficou apavorado com a ideia de realmente morar lá, com as pilhas de lixo e guimbas de cigarro, fios expostos saindo de buracos nas paredes, teias grossas e pichações em todas as superfícies. Mas, em pouco tempo, o sonho dos pais virou o dele, e agora ele já tinha participado tanto na reforma quanto os dois. Pelo menos suas habilidades

eram usadas com facilidade no projeto. Quando uma aba de janela estava fechada ou uma balaustrada destruída, era mais fácil Adrian simplesmente desenhar uma nova do que procurar um artesão que fosse reproduzir o estilo. O resultado era que Adrian tinha tanto orgulho da casa quanto imaginava que seus pais tivessem, mesmo ainda evitando os aposentos onde os assassinatos tinham acontecido.

Com o caderno embaixo do braço, ele encostou os dedos na porta do escritório e a empurrou. As dobradiças gemeram. A luz do corredor entrou nas sombras densas. Tateando o aposento, Adrian apertou o botão de cima do interruptor antigo, um dos poucos ainda originais da casa. O candelabro se acendeu, cinco lâmpadas pequenas com cúpulas cor de âmbar deixando a sala iluminada em tons sutis de dourado.

A mesa no centro da sala estava uma bagunça, as estantes atrás igualmente caóticas. Organizar o escritório nunca parecia prioridade quando havia uma cidade da qual cuidar, e qualquer tempo livre que seus pais tivessem era quase sempre dedicado a consertar a casa.

Adrian ignorou pilhas aleatórias de papel, arquivos e pastas, cartas e revistas e jornais. Foi direto até a estante, onde uma série de álbuns de fotos cheios de poeira estavam espremidos entre um atlas antiquado e um rádio quebrado.

Ele colocou a mão na lombada de um álbum coberto por uma capa marrom e o tirou da prateleira. O resto dos álbuns caiu para dentro, uns sobre os outros, enquanto Adrian se sentava na área ampla do tapete. Colocando o álbum em cima do caderno, ele virou as primeiras páginas. Apesar de haver anos que ele não olhava o álbum, ele ainda conhecia a maioria das fotos de cor.

Havia uma imagem granulada da sua festa de três anos, com ele sentado no meio de uma pilha de caixas e jornais rasgados que tinham sido usados como papel de embrulho, sua mãe e Kasumi sorrindo atrás.

Havia uma foto dele equilibrado no colo da mãe, com ela parada na frente de uma variedade de bolsas e caixas cheias de legumes enlatados e caixas de macarrão de massa seca. Os outros Renegados originais estavam todos lá também, menos Simon, que devia ter tirado a foto. Adrian lembrou a história daquele dia, quando eles conseguiram pegar toda aquela comida de um armazém controlado por uma das gangues de vilões, que estavam vendendo para cidadãos famintos por preços absurdos.

Sua mãe parou de aparecer nas fotografias depois disso, e com poucas viradas de páginas, o próprio Adrian passou de um bebê bochechudo a um garoto magrelo de oito anos. Os pais estavam atrás dele, as mãos em seus ombros, sorrindo com orgulho. Ele parecia feliz naquele dia, apesar de ser difícil lembrar como se sentia. Foi o dia em que eles o adotaram oficialmente, mais de um ano depois da morte da mãe. Os ferimentos não tinham cicatrizado, mas alguma coisa no fato de a papelada ter se encerrado o deixou se sentindo não mais vagando por aí, sem ligação com nenhuma família, separado de qualquer sensação de pertencimento. Na ocasião, pareceu absurdamente importante.

Ao olhar para trás, Adrian reconheceu que não havia adoção *oficial*. Evander Wade foi quem escreveu o certificado de adoção, pois não havia legislação para esse tipo de coisa. Seus pais estavam criando as leis conforme iam se mostrando necessárias. Mas talvez tivessem sentido a ansiedade de Adrian por não ter família para chamar de sua, mesmo acolhendo-o desde o começo. Talvez soubessem o que algumas assinaturas e um selo oficial significariam para ele.

Adrian passou pelas fotos da comemoração da adoção, pelo certificado com aparência oficial no meio das páginas. Mais alguns aniversários, algumas comemorações de feriados, embora os registros fotográficos fossem se tornando menos prioridade conforme Adrian crescia, e não havia nada de seus anos adolescentes, o que não era problema para ele. Não estava mesmo procurando um passeio pelo passado.

Finalmente encontrou o que estava procurando. Um pedaço de notícia bem dobrado e enfiado em um protetor de plástico perto do fim do álbum. Ele tirou o jornal da proteção. Estava meio amarelado, o que achou peculiar. Não fazia tanto tempo assim; não o suficiente para o tempo ter seu efeito nos recortes que tinham sido guardados. Havia dias em que parecia que tinha acabado de acontecer.

Mas também havia dias que parecia ter sido uma vida antes.

Adrian empurrou os óculos para cima e desdobrou o quadrado de papel cortado da *Gazeta de Gatlon*, o único jornal local que continuou operando durante a Era da Anarquia, embora tivesse havido anos em que os jornalistas foram pressionados pelas gangues a relatarem apenas algumas atividades, e não de forma verdadeira.

Ainda assim, *aquele* artigo Adrian tinha todos os motivos para acreditar que fosse verdade.

Uma foto em preto e branco mostrava a imagem dela em toda a sua glória de super-heroína: os pés com botas brancas pairando acima do chão, a capa dourada oscilando no ar, o sorriso largo familiar enquanto ela fazia um sinal de OK para o fotógrafo. Tudo em contraste tão drástico com a manchete no alto, em letras grossas de forma:

LADY INDOMÁVEL ENCONTRADA MORTA, ASSASSINO DESCONHECIDO

Adrian não esperava que as palavras o afetassem com aquela força toda tantos anos depois. Já tinha lido aquele artigo inúmeras vezes, e não achava que ainda fosse doer vê-la. Ele já havia se conformado com a morte da mãe. Tinha se ajustado a viver sem ela. Aceitara que o vilão que a matou quase certamente tinha morrido no Dia do Triunfo e que teria que se satisfazer com essa pequena justiça, mesmo se o mistério da morte dela nunca fosse solucionado.

Mas isso tudo foi antes da Pesadelo o macular com aquelas palavras. A expressão que significava bem mais para ele do que para qualquer outra pessoa. Ela sabia?

Mas... como podia?

Adrian passou os olhos pelas colunas do artigo até encontrar o parágrafo que estava procurando.

A autópsia revelou ossos quebrados e o crânio fraturado, consistentes com uma queda de sete andares no beco de concreto, e o legista declarou que essa é a causa da morte. Apesar de nenhum sinal adicional de agressão no corpo e na cena do crime ter sido encontrado, morte por potencial suicídio foi descartada rapidamente por causa de uma pista: um cartão branco enfiado no cinto da Lady Indomável, com a seguinte frase ambígua escrita: “Quem não tem medo não pode ser corajoso.”

Adrian desviou o rosto do papel e olhou cegamente para a traseira da escrivania.

Alguém a matou. Quase certamente um vilão, alguém que conseguiu anular o superpoder dela; afinal, como alguém capaz de *voar* morre de uma queda de sete andares?

Ele fechou os olhos, e embora não tivesse pesadelos com o corpo da mãe havia anos, sua imaginação conjurou a visão novamente. Ossos quebrados. Crânio fraturado. Apesar de o artigo não mencionar, ele tinha ouvido boatos de que, quando foi encontrada, seu rosto estava contorcido em um grito silencioso.

Um arrepio desceu pela sua espinha.

Quem não tem medo não pode ser corajoso...

Qual era o significado da Pesadelo conhecer aquelas palavras? Ela parecia nova demais para estar envolvida no assassinato, mas era possível que o assassino ainda estivesse vivo? Pesadelo sabia quem era? Estava ligada a ele?

Mas, se ela tinha mesmo se juntado aos Anarquistas, não fazia sentido o assassinato da sua mãe ser um *deles*?

Ele largou o álbum no chão e se levantou, massageando a nuca. Os pés começaram a se moverem, os olhos parecendo não enxergar enquanto ele andava de um lado para o outro do escritório.

Ele sabia que o Conselho ia enviar alguém para revistar a fortaleza dos Anarquistas em busca de sinais de que estivessem trabalhando com a Pesadelo, ou que mais integrantes deles estiveram envolvidos no ataque ao desfile. Talvez para prender Cianeto como cúmplice. Uma unidade de patrulha os investigaria naquela noite, talvez estivesse fazendo isso naquele exato momento. Uma “equipe experiente”.

Mas ele era o único que sabia sobre essa ligação a um caso antigo. O assassinato da Lady Indomável dez anos antes. Uma Renegada original. Sua *mãe*.

Se o assassino ainda estivesse vivo, ainda estivesse por aí... Adrian tinha que saber. E, até onde ele sabia, a única pessoa que podia ter aquela resposta era a Pesadelo.

Ele engoliu em seco e levou a mão ao esterno, onde a tatuagem de zíper vivia escondida por baixo da camiseta.

Seus pés pararam.

Adrian Everhart ir contra uma ordem direta e investigar os Anarquistas sozinho atrairia o risco de consequências demais... para ele e sua equipe. Rabisco não podia ir sozinho, e ele não queria envolver os outros. Não enquanto não tivesse alguma coisa mais substancial do que uma única frase enunciada num momento em que não havia ninguém por perto para ouvir.

Ele sabia que era perigoso e talvez um pouco idiota. Sua primeira missão como Sentinela não transcorreu exatamente como planejado. Mas ele já tinha tentado pedir permissão uma vez; sabia que não fazia sentido tentar de novo.

Contaria tudo ao Conselho. Sobre o Sentinela e a habilidade recém-descoberta. Sobre a Pesadelo e o que ela tinha dito. Contaria para eles em breve.

Contaria a verdade depois de conseguir algumas respostas de que precisava.

CAPÍTULO OITO



A CARACTERÍSTICA DE QUE NOVA mais gostava nos túneis era não haver noite ou dia. A noite podia ser solitária na superfície, quando todas as lojas estavam fechadas e até as corujas mais dedicadas acabavam cedendo à atração do sono quando o relógio se aproximava da manhã. Nova não se importava de ficar sozinha, mas ficava entediada às vezes enquanto esperava o mundo acordar e voltar para sua existência sombria e infeliz.

Nos túneis, o único lembrete de que Nova tinha oito horas a mais do que todo mundo era se ela conseguia ou não ouvir os roncoss da Ingrid vindos do vão de elevador desativado que ela chamava de quarto. Tudo relacionado a Ingrid era barulhento: suas bombas, sua personalidade e, evidentemente, até seus sonhos.

Nova recolheu os dardos do alvo e voltou pelo túnel, se preparando para treinar mais. Tinha passado a noite fazendo aquilo. Normalmente, gostava de dividir as horas noturnas entre mexer nas armas e invenções recentes, ou praticar meditação e artes marciais, ou seguir uma série de exercícios para melhorar a força e a resistência... ou qualquer habilidade de que pudesse precisar no encontro seguinte com os Renegados.

Mas, naquela noite, não conseguia afastar a lembrança do desfile. Os momentos em que estava no telhado. Quando o Capitão Cromo estava na sua mira.

Ela teria conseguido. Ela, Pesadelo, Nova Jean Artino, poderia ter sido quem matou o invencível Capitão Cromo.

Mas hesitou. Demorou demais para puxar o gatilho e estragou tudo.

Nunca mais.

Ela voltou para a linha que tinha desenhado no trilho e enfiou um dardo na arma. Não a arma que usou no telhado naquele dia; a Assassina Vermelha tirou aquela de suas mãos, e ela nunca teria a chance de recuperá-la. Era outra, encontrada na coleção de Ingrid.

Ela levantou a arma nos braços. Olhou pela mira. Apontou para o primeiro alvo.

Disparou.

De novo

E de novo.

E de novo, até cada dardo ter sido usado.

Ela expirou e foi recolhê-los. Só quando chegou perto dos alvos foi que pôde avaliar como tinha se saído bem.

Foi tudo na mosca. Havia doze dardos enfiados nas pupilas de doze recortes de revista, cada um deles uma fotografia brilhosa do rosto encantador do Capitão.

Ela nem sorriu quando retirou cada dardo. Era só um treino. Tinha falhado quando realmente importava. Quando poderia ter feito a diferença.

Todas as revoluções vêm com morte. Alguns precisam morrer para que outros tenham vida. É uma tragédia, mas também é a verdade.

Ela ainda conseguia se lembrar de Ace lhe dizendo isso quando era mais nova, quando perguntou a ele por que tantos tinham que morrer para que eles tivessem liberdade. Na ocasião, não conseguia imaginar o ódio e a violência direcionados aos prodígios nos séculos anteriores à Era da Anarquia, mas, mesmo então, mesmo em sua mente de seis anos, a paixão de Ace foi contagiosa.

Bem poucas pessoas realmente entenderam o que Ace estava tentando fazer. Ele não queria que o mundo se tornasse o que se tornou. Claro, houve muita brutalidade e destruição com o domínio dele, mas ele estava certo: sempre há durante uma revolução. O que ele realmente queria era um mundo em que os prodígios não fossem oprimidos e não sentissem mais medo, não fossem diminuídos nem atormentados. Ele queria um mundo em que todos pudessem ser livres para viver a própria vida como quisessem.

Foram todos, as *outras* pessoas famintas por poder, vilões e não prodígios, que começaram a competir por controle. Que se descontrolaram em um mundo sem regras.

Nova não queria voltar para a Era da Anarquia. Não queria que pessoas inocentes fossem massacradas, como aconteceu com sua família. Só queria a liberdade que Ace visualizou para ela e para as pessoas como ela. Queria que os Renegados e o Conselho a deixassem em paz, deixassem os Anarquistas em paz.

Ora, ela queria que o Conselho deixasse a sociedade em paz. Talvez eles achassem que estavam fazendo a coisa certa ao serem o núcleo da elite governante, mas a sociedade mal se aguentava em pé e eles eram orgulhosos demais para admitir que não era deles que as pessoas necessitavam.

As pessoas precisavam aprender a se cuidar, mas isso nunca aconteceria enquanto houvesse super-heróis mandando nas coisas.

Ela estava voltando pelo trilho quando o chão tremeu. Nova cambaleou e apoiou a mão na parede para se firmar. Pedacos de concreto solto caíram pelas laterais do túnel em fluxos pequenos. O trilho vibrou embaixo dos pés dela, e por um momento Nova teve o pensamento estranho e horrível de que havia um trem vindo... e ela não tinha para onde ir.

O tremor parou. Houve mais alguns de leve antes de o chão parar e se calar novamente.

Nova olhou pelo túnel, se questionando se tinha sido um terremoto; um daqueles bem fundos no subterrâneo, talvez até a mais de cento e cinquenta quilômetros dali. Nada com que se preocupar. Sem dúvida aqueles túneis antigos tinham aguentado coisas bem piores.

Mas o silêncio foi rompido de novo, desta vez por um estrondo. A acústica do túnel impossibilitava descobrir de que distância o som tinha vindo, mas Nova foi tomada de uma certeza.

Os Renegados estavam de volta.

Ela pegou a arma, enfiou um dardo e guardou os outros em uma bolsinha do cinto. Apesar de Leroy ainda não os ter enchido com veneno, achava que ainda conseguiria encontrar um jeito para que fossem úteis.

Ela voltou correndo na direção das plataformas e túneis onde ficavam os vagões. Quando se aproximou da plataforma principal, obrigou-se a ir mais devagar. Não estava com o capuz e a máscara para se disfarçar de Pesadelo, e sabia que seria tolice entregar sua identidade aos Renegados agora.

Quando dobrou uma esquina, as paredes começaram a tremer de novo, o que foi seguido de outro estrondo, mais alto e mais próximo desta vez.

Nova chegou aos fundos do vagão do Cianeto e parou. Ouvia coisas se espalhando pela plataforma e caindo nos trilhos. Um momento depois, uma pequena lata de feijão veio rolando na direção dela e bateu na lateral dos trilhos a alguns passos dos pés da Nova.

— Podem aparecer, Anarquistas — trinou uma voz feminina extravagante. — Está na hora de revisar sua performance.

Nova correu para trás do vagão do Leroy e se esgueirou até o outro lado. Ao espiar pelo canto, viu quatro figuras na plataforma central, onde muitos dos suprimentos deles estavam guardados. Ou estiveram; duas das estantes enormes de metal foram jogadas no chão, deixando uma confusão de garrafas quebradas, caixas amassadas e um fedor denso de vinagre no ar.

Ela reconheceu a equipe dos Renegados imediatamente; era uma das equipes mais populares da cidade, com reputação de ter detido incontáveis criminosos. A líder, a garota que falou, era Geladura. Alguns anos mais velha do que Pesadelo, era atlética e bonita, com cabelo branco-prateado na altura dos ombros e pele branca-prateada tão transparente que Nova via as veias azuis de leve mesmo com a iluminação fraca do túnel.

Havia também Sismo, um homem corpulento com um cavanhaque escuro que devia ter sido a causa dos terremotos. Ao lado dele estava Arraia, um garoto magro de olhos brilhantes que se movia com uma graça tão sinistra e escorregadia quanto o animal que lhe dava nome, uma cauda lustrosa e farpada atrás. Por último, havia o gigante. Gárgula, que parecia permanentemente corcunda por ter que se encolher para caber nos lugares e cujos membros podiam mudar de carne humana para pedra sólida em um instante.

— Bom — disse Geladura, apoiando as mãos nos quadris —, parece que são todos covardes demais para virem nos dar um oi. — Ela assentiu para o Sismo e o Gárgula. — Procurem nos túneis e vejam se conseguem arrancá-los dos esconderijos.

Enquanto os dois Renegados seguiam para túneis opostos, com Sismo passando ao alcance do esconderijo da Nova, Arraia começou a mexer nos suprimentos espalhados.

– Quiabo em conserva? – disse ele com desprezo e pegou um pote de vidro. – Que nojento.

Ele se virou e jogou o pote na parede, onde um mosaico de pequenos azulejos formava o nome da rua acima. O vidro se estilhaçou e espalhou mais vinagre e vegetais pela plataforma.

Nova apertou a arma.

– E Fruity Rings? – disse Geladura, chutando uma caixa de cereal que já estava esmagada em um canto. – Não como esse lixo desde os quatro anos. É melhor mesmo dar para os ratos. – Ela foi até a beirada da plataforma, pegou a caixa, abriu-a e jogou o cereal colorido nos trilhos.

A caixa era de Winston, o cereal favorito dele, e não seria uma grande perda para o resto. Mesmo assim, o desperdício fez Nova contrair o maxilar. Qualquer um que se lembrasse da Era da Anarquia sabia que o desperdício era um crime imperdoável, independentemente de que lado da batalha estivesse.

No lado oposto do vagão, uma porta se abriu. Geladura e Arraia se viraram para o carro. Nova se encolheu novamente nas sombras e ouviu os passos de Leroy descendo os degraus e pisando nos trilhos. Ela teve um vislumbre da expressão enojada da Geladura observando Leroy, com as cicatrizes e a pele descolorida.

Quando Leroy entrou na linha de visão, ela viu que ele estava usando o roupão surrado por cima da calça de moletom e dos chinelos. Seus pés esmagaram a pilha de cereal conforme ele foi andando até os degraus ao lado da plataforma.

– Ops – disse Geladura com uma voz melosa. – A gente te acordou?

– Ah, não – disse Leroy, parando a uns dez passos dos Renegados. – Estávamos esperando vocês depois do que aconteceu hoje. É bom ver que ainda cumprem as expectativas. Se bem que... – Ele suspirou pesadamente e indicou as estantes derrubadas e a bagunça que ocupava um quarto da plataforma. – Eu questiono o objetivo de tudo isso.

O rosto da Geladura foi rapidamente de arrogante a furiosa. Ela diminuiu a distância de Leroy, um pedaço longo de gelo cristalino se formando no punho.

– O objetivo é lembrar a vocês, suas aberrações, que qualquer coisa que vocês têm, seja comida ou água ou até esse buraco patético nesses túneis infestados de baratas, é porque *nós permitimos*. – Ela ergueu o pedaço de gelo, encostou a ponta no

queixo de Leroy e o obrigou a erguer o rosto. — E se decidirmos que vocês não merecem essa caridade, nós podemos tirar.

— Caridade? — disse Leroy, a voz firme apesar do gelo encostado no queixo. — Os Renegados não nos deram nada. Tudo que temos foi comprado e pago... ou recolhido de forma justa, como todo mundo faz.

— Recolhido — repetiu Arraia. Ele virou a cabeça e cuspiu na plataforma. — Nós não estaríamos recolhendo coisas por aí se não fossem vocês, não é verdade?

Leroy ergueu uma sobrancelha, ou o músculo onde ficava uma que tinha sido queimada anos antes.

— Se não fôssemos *nós*, o garoto com o rabo farpado quase certamente teria sido morto ao nascer, os restos enfiados em um pote de formaldeído para exames futuros.

O rosto do Arraia se contorceu de raiva, mas Leroy continuou falando:

— Seu Conselho está no domínio da cidade há quase dez anos. Se não conseguiram restaurar sua economia, talvez vocês devessem perguntar a eles por que estão demorando tanto em vez de perder tempo nos culpando.

Geladura arrastou o pedaço de gelo para o lado, fazendo um corte fino embaixo do queixo do Cianeto. Ele se encolheu, mas só de leve.

— Talvez se o Conselho não tivesse que defender as pessoas desta cidade de ataques insensatos, eles pudessem se concentrar em arrumar a bagunça que vilões como você fizeram no mundo.

— Talvez — disse Leroy — com tantos prodígios sofrendo lavagem cerebral sob a tutela deles, eles pudessem atualizar as medidas de segurança.

O chão tremeu de novo, e Sismo apareceu na entrada de um dos túneis. Cada passo que ele dava gerava novos tremores na terra.

— Não tinha nada ali além de uns livros mofados.

Ele apoiou uma das mãos na plataforma, subiu e foi parar ao lado do Arraia.

— Você não deve ter olhado direito — disse uma voz seca.

Sismo se virou e viu uma forma escura saindo do túnel de onde ele tinha acabado de sair, a capa preta do Fobia se formando como se feita de sombras, a lâmina da longa foice captando a luz fraca do teto. Nada de roupa de descanso para ele, claro. Do grupo todo, ele era o único que a Nova nunca via sem uniforme: a capa com capuz, a máscara de sombras, a foice curva acima da cabeça. Também

diferentemente de Ingrid e de Mel, de Winston e de Leroy, Fobia era o único membro dos Anarquistas cujo nome de batismo continuava sendo um mistério. Às vezes, Nova se questionava se ele nasceu tão apavorante que seus pais horrorizados escolheram *Fobia* naquela época mesmo.

— Eles são mesmo ruins nisso.

Nova olhou para cima, para onde Ingrid estava sentada na passarela estreita de pedestres que passava por cima dos trilhos até a plataforma oposta, as pernas compridas penduradas pela grade da amurada.

— Fiquei aqui em cima o tempo todo, e eles não olharam nem uma vez. Sinceramente, é uma surpresa que esta cidade funcione com vocês no comando.

Geladura rosnou.

— Tragam ela pra baixo.

Sismo ergueu um joelho e deu um pisão no chão... com força. Uma fissura se abriu no concreto e subiu na direção da escadaria. O chão se abriu entre os degraus, um vão na terra. A escada caiu. A passarela se inclinou. Ingrid se levantou momentos antes dos parafusos que seguravam a murada de metal se soltarem e a passarela inclinar para um lado, metade afundando no vão que Sismo tinha criado, o resto caindo nos trilhos. Ingrid pulou da passarela no último momento, rolou e parou agachada não muito longe do vagão de Leroy.

— Assim é melhor — disse Geladura em um tom leve, um quadril projetado para o lado.

Fagulhas brilharam nos olhos de Nova. Ela deu um passo para trás, ergueu o fuzil e apontou o cano na direção do Sismo. Mas assim que o encontrou na mira alguém entrou entre eles.

Nova baixou a arma. Ingrid estava entre ela e o Renegado, de costas para Nova. Ela moveu uma das mãos para trás e também os dedos na direção de Nova.

Nova fez cara feia e se irritou de ser expulsa como uma criança chata.

Mas teria ficado bem mais irritada se uma parte dela não soubesse que Ingrid estava certa. Seria descuido se entregar, e o que ela faria com aquela arma e um punhado de dardos? Sem veneno, um ataque ofensivo só serviria como um pequeno incômodo.

— Recomendo cautela — disse Fobia, a voz rouca paciente como sempre. — Esses túneis são velhos e têm bases velhas. Você não vai querer que sejamos todos

enterrados vivos, não é? — Ele girou a foice acima da cabeça. — Eu não me importaria tanto, mas duvido que tenha sido a intenção de vocês quando vieram interromper nosso repouso.

Com Ingrid ainda bloqueando a mira, Nova se encolheu entre a parede e o vagão. Esticou a mão para os degraus de metal na lateral do vagão e, ainda segurando a arma com uma das mãos, subiu até o teto. Deitou-se de bruços e foi chegando para a frente até conseguir ver a plataforma abaixo.

— Acho que o que o Fobia está dizendo — disse Ingrid, com fagulhas azuis nas pontas dos dedos — é que às vezes se exibir pode ter efeitos negativos.

Geladura deu um sorriso debochado.

— Eu não teria como saber.

Gritos de histeria ecoaram do túnel mais distante. Nova apoiou a mão no vagão e levantou a cabeça. No começo, os berros de Mel eram gritos indistintos de pânico, mas, conforme foram chegando mais perto, passaram a ser palavras de desespero.

— Coloca de volta! *Coloca de volta!* Você não sabe o que está fazendo!

Momentos depois, o Gárgula saiu da entrada do túnel, os braços aninhando umas vinte colmeias de vários tamanhos e estado de finalização. Os bandos de insetos furiosos zumbiam em volta dele e criavam uma nuvem preta que cobria seu tronco, mas ele tinha transformado o corpo todo em pedra, e as ferroadas pareciam não ter efeito nenhum.

Mel vinha andando atrás dele, usando um baby-doll rosa-claro, o cabelo preso em rolinhos.

— Você não faz ideia do trabalho que dá pra fazer isso, sua pilha gigante de pedras!

Como Gárgula continuou ignorando o que Mel dizia, ela saiu correndo e se jogou nele, tentando segurar o braço grosso. Ficou pendurada no cotovelo, as pernas pálidas chutando inutilmente a dele.

Irritado, Gárgula deu uma sacudidela poderosa de braço e jogou Mel longe, deslizando pela plataforma. Ela bateu na pilha de alimentos e o ombro se chocou com a estante de metal caída. Embora momentaneamente atordoada, seu olhar estava cheio de ódio quando ela ergueu o rosto.

Gárgula parou na frente de Geladura, que pareceu ficar tensa, o olhar observando com cautela a nuvem de vespas e abelhas, algumas com corpos compridos e grossos como um polegar e com veneno que queimava como fogo.

Geladura apontou para Mel.

— Manda elas pararem — exigiu ela, a voz sufocada pelos zumbidos ao redor. — Manda elas pra longe, senão isso vai ser tratado como uso de habilidades de prodígio contra um Renegado ativo.

Mel se sentou.

— Vou fazer isso assim que ele botar tudo no lugar onde encontrou!

— Botar no lugar? — disse Geladura, o tom carregado de diversão. Ela se virou para o Gárgula. — Onde você encontrou?

— Ela tem uma sala alguns metros pra lá — explicou ele. — Um antigo depósito. Estava lotado disso.

— Bom, pra um prodígio com controle de abelhas — disse Geladura, inclinando a cabeça —, isso me parece desenvolvimento de armas mortais.

Mel soltou um grito chocado.

— São os meus bebês! E agora você pegou a casa deles, que não tem o direito de pegar!

— E estou mandando você tirar seus bebês daqui agora — disse Geladura. — Senão a *sua* próxima casa vai ser uma cela de prisão no Quartel-General dos Renegados.

Mel lançou um olhar de irritação para ela, e Nova a viu tremer. Seus olhos faiscaram e o ar pareceu zumbir em volta dela... embora talvez fosse na verdade o zumbido das abelhas se jogando sem parar contra a pele impenetrável do Gárgula.

Nova viu a tentação no rosto de Mel, misturada com indecisão.

Talvez ela não pudesse fazer mal a Gárgula, mas Geladura era bem vulnerável aos ferrões das vespas mais mortais. Nova tinha que admitir, ver Geladura se contorcendo de dor de cem ferroadas venenosas pareceu muito tentador naquele momento.

Mas duraria poucos segundos, até o Gárgula chegar a Mel e a matar ou prender.

Essa pequena vingança não valia o que seria perdido, Nova sabia, e Mel pareceu perceber a mesma coisa. Ela se levantou em meio às latas e caixas derrubadas, empertigou os ombros e movimentou os braços amplamente.

Ao mesmo tempo, os insetos rodopiaram no ar, se viraram e voltaram para o túnel.

Quando estavam longe, Geladura assentiu para o Gárgula.

— Destrói tudo.

Nova ofegou, mas o som não foi ouvido por causa do berro de Mel.

Gárgula largou as colmeias no chão e começou a pisoteá-las, esmagando-as uma a uma embaixo dos pés de pedra gigantescos.

Os gritos de Mel passaram de furiosos a infelizes enquanto ela olhava a destruição das colmeias, muitas ainda com zangões e abelhas dentro. O corpo de Mel foi sendo sacudido pelo choro com a destruição. Os pedaços finos de colmeia se espalharam pela plataforma, e os cadáveres e asas arrancadas das abelhas foram esmagados no concreto.

O tempo todo, Gárgula sorria. Era o sorriso de uma criança que tinha acabado de descobrir o prazer sádico de esmagar besouros com os sapatos.

Nova trincou os dentes até o maxilar doer. Ela voltou a atenção de Mel para Ingrid, Cianeto e Fobia, mas ninguém se moveu para impedir o Gárgula.

Qualquer tentativa de impedi-lo seria vista como ataque contra o Renegado e seria motivação para uma prisão. Os Renegados deixaram bem claro quando aceitaram a trégua do Cianeto tantos anos atrás que os Anarquistas não teriam terceira chance.

Finalmente, Gárgula terminou. Ele chutou os restos da última colmeia de lado, que deslizou pela plataforma e caiu nos trilhos, não muito longe de onde Geladura tinha espalhado o cereal do Winston.

— Bom, agora que estamos todos aqui... — disse Geladura docemente, girando o pedaço de gelo como um bastão. — Temos coisas a resolver.

Ela se virou, e antes que Nova pudesse avaliar qual era a intenção, ela jogou o pedaço de gelo como um dardo em Fobia. Acertou-o no peito, e o corpo dele se dispersou em fumaça preta e voltou para as sombras do túnel.

No mesmo momento, Arraia se virou e acertou Mel com o rabo farpado. Os espinhos venenosos a acertaram na lateral, e o grito de surpresa passou a ser de dor quando o corpo ficou rígido e caiu. Quase no mesmo movimento, Arraia moveu o rabo na direção de Leroy e o acertou no ombro quando ele estava tentando recuar. Leroy ficou paralisado e caiu para trás com força no concreto.

Nova puxou a arma para mais perto, desta vez mirando no Arraia. Mas o ataque dele já tinha acabado e deixado Mel caída sobre a estante e Leroy imóvel exceto pelos olhos, que piscavam rapidamente enquanto ele olhava para o teto. Nova não tinha muita certeza de qual era o veneno que o Arraia tinha no rabo, mas os dois

pareciam paralisados, imóveis, exceto por um tremor nos membros conforme o veneno corria por suas veias.

Ingrid rugiu e correu na direção da plataforma, uma esfera de energia azul girando na palma da mão. Geladura moveu a mão na direção dos pés de Ingrid, e um raio de gelo saiu da pele, formando uma pequena geleira em volta das pernas. Ingrid gritou de surpresa e mal conseguiu se segurar, o movimento jogando a metade de cima do corpo para a frente enquanto o gelo prendia os pés nos trilhos. A bomba que ela estava desenvolvendo evaporou quando seu foco passou da fúria à surpresa.

— Vocês parecem ser os últimos Anarquistas que restaram — disse Geladura, retirando distraidamente alguns cristais de gelo que se formaram nos dedos e os soltando no chão. — Por enquanto, claro. Me ajudem aqui: existe algum motivo pra gente não matar vocês depois de tudo que aconteceu no desfile de hoje?

Ingrid rosnou. Uma energia azul começou a zumbir nas mãos dela de novo.

— Eu não estava no seu desfile idiota — disse ela, e apesar de Nova saber que era mentira, achou-a bem convincente.

— Não quero saber — disse Geladura. — Winston Pratt executou um ataque contra o povo inocente de Gatlon, e é meu dever cuidar pra que seja a última vez que nossos cidadãos sejam aterrorizados por Anarquistas.

— Winston Pratt atacou seu desfile e, até onde eu sei, vocês o levaram preso — disse Ingrid. — Então o que querem com a gente?

Geladura deu uma risada debochada.

— Você espera que eu acredite que aquele imbecil estava trabalhando sozinho?

— É exatamente nisso que eu espero que você acredite — disse Ingrid. Ela pareceu relaxar e o rosnado virou um olhar de desprezo. — E você e eu sabemos que você não tem prova nenhuma que sugira o contrário, porque, se tivesse, nós não estaríamos tendo essa conversinha enquanto você espera que eu diga alguma coisa que incrimine a mim ou aos outros. — Ela começou a jogar a bomba no ar e a pegar com facilidade cada vez que caía. — Já vi os decretos do seu Conselho. *Ninguém será considerado culpado por mera associação*, certo? Portanto, não nos ameace, queridinha. E boa sorte para encontrar alguma coisa que nos conecte aos crimes do Titereiro. Ele agiu por conta própria hoje. Nós não tivemos nada a ver com aquilo.

Geladura se aproximou até as pontas das botas ficarem na beirada da plataforma.

— Eu não preciso conectar vocês aos crimes no desfile — disse ela, balançando os dedos. Um novo fluxo de gelo foi disparado na direção da Ingrid. O bloco de gelo em volta das pernas dela ficou maior e se expandiu até as coxas e quadris. — Atacar um Renegado é um delito do maior tipo. Com seu descontrole, não vai ser difícil fazer você ceder. É tipo cutucar um cachorro raivoso, agora que estou pensando no assunto.

Ingrid chiou conforme a coluna de gelo foi subindo até o abdome. Ela tinha parado de jogar a bomba para o alto e a estava segurando na mão fechada.

— Sei o que você está pensando — disse Geladura. — Você vai insistir que foi legítima defesa. Só que, sem testemunha nenhuma aqui, quem vai acreditar na sua palavra contra a minha? Uma Anarquista contra uma Renegada celebrada. — Ela estalou a língua com pena fingida. — Parece que você tem uma decisão a tomar. Se me atacar, vamos prender você. Se confessar seu envolvimento no desfile de hoje, também vamos prender você, mas vamos ser mais gentis. — Ela deu de ombros. — Você também pode não fazer nada. O que acha que vai te matar primeiro? O frio ou sufocamento? Eu aposto na segunda opção.

O gelo chegou ao peito de Ingrid e começou a subir pelos ombros. Em pouco tempo, ela não teria como usar os braços e nem as bombas.

Nova apertou bem os olhos, tentando pensar com clareza apesar da forma como suas veias estavam pulsando, de um jeito quente e ritmado.

Esses eram os super-heróis que o mundo idolatrava? Talvez Ingrid não fosse totalmente inocente. Talvez nenhum deles fosse, mas os Renegados também não eram. Ali estavam eles, torturando Ingrid, tentando forçar uma confissão falsa. Eles tinham acabado com as colmeias de Mel, provocado destruição nos túneis, estragado os suprimentos de que eles precisavam para sobreviver, tudo para encontrar uma desculpa *legítima* para prendê-los.

Seu dedo escorregou no gatilho. Ela abriu os olhos, e sua visão pareceu clara de repente. A mente livre de obstruções.

Ela encontrou Geladura com a mira.

Os dardos podiam não estar envenenados, mas isso não queria dizer que um disparo bem mirado não poderia causar um grande dano.

Ela mirou em um olho da Geladura, que era azul-pálido. Mais claro do que os do Capitão Cromo, mas não muito.

O gatilho estava firme embaixo do dedo.

Ela tinha começado a apertar quando uma cascata de fogo luminoso e ardente surgiu nos trilhos.

CAPÍTULO NOVE



NOVA OFEGOU, RECUOU E espiou pela beirada do vagão.

O trilho estava pegando fogo.

Não... era uma coluna de fogo vinda das sombras. Em segundos tinha percorrido o canal de gelo entre Ingrid e a Geladura.

Geladura falou um palavrão e recuou, girando na direção do túnel quando passos pesados ecoaram nas paredes.

O queixo de Nova caiu quando ele apareceu, a armadura mais ameaçadora saindo da escuridão do que debaixo do sol nos telhados da cidade.

O Sentinela.

— Por mais que eu adorasse ver esses vilões atrás das grades — disse ele, a voz firme e grave —, alguma coisa me diz que o Conselho não aprovaria seus métodos para prendê-los.

— E quem é você? — perguntou a Geladura, fechando o punho e formando outro pedaço longo de gelo. — O cãozinho do Conselho?

— Que engraçado — disse o Sentinela sem humor nenhum —, já pensei a mesma coisa de você várias vezes.

Nova relaxou a mão na arma. Conseguia ver suas desconfianças espelhadas no rosto da Geladura. As palavras dele sugeriam que ele a conhecia, e não de um jeito genérico de quem leu no jornal.

— Nós estamos aqui em missão oficial dos Renegados — disse Geladura. — Se tentar nos impedir, vamos ficar bem satisfeitos em prender você também.

Uma manopla de chamas de pontas alaranjadas começou a lambar a mão esquerda do Sentinela.

— Vocês não são os únicos em missão oficial dos Renegados. A diferença é que eu recebo ordens diretamente do Conselho.

Nova chegou para a frente, pois não queria perder uma palavra. Se pegou olhando para o peitoral da armadura. Era um truque da luz fraca dos túneis ou do ângulo do alto do vagão? Dali, parecia que o corte no ombro da armadura tinha sumido.

Ela franziu mais a testa, tinha o esfaqueado entre o ombro e a placa do peitoral, mas não conseguia ver sinal de dano ali. Não havia sangue seco na parte externa da armadura. Ele nem parecia ferido. Talvez com os movimentos meio rígidos, mas não tão incapacitado quanto deveria estar depois de um ferimento daquele.

Era mais um mistério naquele tal de Sentinela, e mais uma prova de que ele *não* era um Renegado normal. Que era uma coisa nova. Um soldado? Um assassino? Uma arma criada pelo Conselho, para ser usada em missões nefastas demais para serem designadas a um super-herói típico?

— Diretamente do Conselho? — disse Geladura, soltando uma gargalhada. — Você acha que eu sou idiota? Ninguém no quartel-general ouviu falar de você. Você é um impostor. E isso — ela ergueu o pedaço de gelo por cima do ombro — torna você um inimigo.

— Ou significa que você está em posição baixa demais no ranking para ser informada de tudo em que estamos trabalhando — disse o Sentinela.

Geladura pareceu hesitar, e Nova viu uma pontada de dúvida surgir no rosto dela.

— Enquanto eu — prosseguiu Sentinela — sei que você foi enviada aqui por dois motivos: para determinar se algum outro membro dos Anarquistas estava envolvido no ataque do Titereiro e para descobrir a conexão deles com a Pesadelo. — Sentinela inclinou a cabeça, e Nova teve a impressão de que ele estava olhando para Ingrid, que ainda permanecia envolta em gelo do pescoço para baixo. Ela estava batendo o queixo. — Estou vendo que não descobriu muita coisa.

As narinas da Geladura se dilataram.

O Sentinela pulou para o alto de repente e caiu na plataforma a uma pequena distância da Geladura. Ela cambaleou um passo para trás, mas logo recuperou o equilíbrio. Atrás dela estavam Gárgula, Sismo e Arraia, na defensiva, prontos para

atacar, embora ninguém tivesse se movido. Ficou claro que a alegação do Sentinela de estar lá por ordens do Conselho os fez hesitar.

– Soltem a Detonadora – disse ele, abrindo o punho. As chamas se extinguiram.
– Em seguida, você e sua equipe podem ir embora. Vou assumir essa investigação.

Geladura soltou uma gargalhada de descrença. Girou o pedaço de gelo uma vez, mas baixou o braço e apoiou o gelo como uma bengala no concreto rachado.

– Se o Conselho quiser nos mandar parar, eles mesmos podem nos dizer.

– Eles disseram – declarou o Sentinela. – Pena que o sinal aqui embaixo é tão ruim. Vocês podiam ter se poupado desse constrangimento.

Geladura só pareceu mais desconfiada, mas Arraia e Sismo olharam para as faixas pretas idênticas em volta do pulso. Nova mordeu o lábio. Já tinha se perguntado muitas vezes o que eram as pulseiras que as unidades de patrulha dos Renegados usavam. Eram algum tipo de dispositivo de comunicação?

– Neste momento, não vou informar os seus superiores sobre os muitos, *muitos* códigos que vocês violaram hoje. No entanto, não desperdicem mais meu tempo – prosseguiu o Sentinela.

Com os dedos batucando no pedaço de gelo, Geladura desviou o olhar do visor para o *R* impresso no peito do Sentinela. Seu rosto ficou azedo, mas não menos arrogante.

– Tudo bem – disse ela com desprezo. – Não há mais nada a ser descoberto aqui, de qualquer modo. – Ela jogou o gelo para o lado, que se estilhaçou na parede.

Ela passou pelo Sentinela e fez sinal para a equipe ir atrás.

– Solte a Detonadora – ordenou o Sentinela.

– Solte você – retorquiu ela. – E se ela agradecer abrindo um buraco nesse traje chique, não venha atrás de mim chorando.

Nova ficou observando o Sentinela enquanto os quatro Renegados desapareciam pelo túnel que os levaria de volta à superfície. Queria desesperadamente ver o rosto dele... e saber se estava aliviado ou zangado, irritado ou agradecido. Mas não conseguia concluir nada a partir da postura, que era a imagem do heroísmo de quadrinhos. Alto e estoico, os ombros empertigados, as mãos fechadas nas laterais do corpo.

Lentamente, ele moveu a cabeça para olhar para Ingrid e soltou um suspiro frustrado. Pareceu considerar as opções por um longo e irritante momento até

finalmente esticar a mão e soltar um fluxo fino e constante de chamas na direção do bloco de gelo. Ele mirou nas partes mais grossas em volta dos pés, permitindo que derretessem devagar.

A mente de Nova estava em disparada. Ela não conseguia deixar de sentir uma pequena gratidão por ele ter chegado, mas, ainda assim, apesar do desprezo óbvio dele por Geladura e sua equipe, ela não era inocente o suficiente para achar que, de repente, ele tinha se tornado um aliado.

Ele era um Renegado, um que trabalhava para o Conselho. Um projeto secreto que o restante da organização desconhecia.

Alguma coisa dizia que eles talvez tivessem trocado uma ameaça por outra bem maior.

Quando uma parte suficiente do gelo tinha derretido, ele puxou o braço e apagou a chama. Com um grunhido de dor, Ingrid forçou um dos joelhos a quebrar a camada fina que restava. Uma folha de gelo se espatifou no trilho, e ela caiu para a frente de quatro, tremendo. Quando conseguiu se sentar nos calcanhares, começou a esfregar as mãos, tentando devolver o calor às extremidades.

O Sentinela não disse nada, só ficou olhando, imóvel. Nova tinha a impressão clara de que ele estava na dúvida sobre alguma coisa e, de vez em quando, via uma chama fraca surgir por entre os dedos apertados, como se ele estivesse pensando em gerar fogo para aquecer Ingrid.

Mas não fez isso.

Quando o bater dos dentes tinha sossegado o suficiente para parecer que ela conseguiria falar, o Sentinela foi até a beirada da plataforma.

— Eu vim atrás da Pesadelo — disse ele. — Onde ela está?

Ingrid olhou para ele com total desprezo.

— *Quem é a Pesadelo?*

— Dessa altura? — disse Sentinela, com a mão a uma altura que só podia ser deboche com a altura real dela. — Capuz preto? Tentou matar o Capitão Cromo hoje?

Ingrid flexionou os dedos e testou as fagulhas azuis que conseguiu gerar no ar antes de se levantar. Nova percebeu que ela estava fraca, mas se esforçava para esconder.

— Ah, aquela Pesadelo. — Ela deu de ombros. — Não vi.

A voz do Sentinela ficou mais firme.

– Talvez você saiba onde posso encontrá-la.

Atrás do Sentinela, Leroy grunhiu e rolou de lado. O herói se virou com chamadas surgindo nas palmas, mas pareceu relaxar quando viu Leroy tentando se sentar.

Leroy tossiu no vão do braço e olhou para a máscara do Sentinela.

– Ela não é do nosso grupo. – As palavras dele soaram tão regulares quanto se ele estivesse ensinando o caminho para chegar ao Parque da Cidade. – Nós não temos ligação com a garota que se chama Pesadelo e, portanto, não podemos dizer onde você pode encontrá-la.

Sentinela andou na direção dele, os passos medidos e intimidadores.

– Então me explica, Cianeto – disse ele, se agachando a ponto de ficar quase na altura do olhar do Leroy –, como um de seus venenos pessoais foi parar no projétil que ela usou pra tentar assassinar o Capitão.

– Um dos meus venenos? – questionou Leroy. – É mesmo? Que coincidência.

Sentinela segurou Leroy pelo maxilar e virou o rosto dele para cima. Nova curvou os dedos ao reconhecer como a tática era parecida com a forma como ele tentou intimidar no telhado.

Sendo experimento secreto de alta tecnologia dos Renegados ou não, ele não passava de um valentão desmiolado. Só mais um seguidor idiota do Conselho.

– Você não pode esperar que eu acredite que você não tem ligação com ela – rosnou ele.

– Não ligo para o que você acredita ou não – respondeu Leroy. Ele tinha começado a suar, e a pele escura estava brilhando. – Quanto ao meu veneno ter sido encontrado no projétil dela, bem... eu vendo venenos nesta cidade há décadas. – Ele sorriu e revelou dentes lascados e buracos. Havia uma aura de orgulho na imagem. Ele poderia estar se gabando de ser um cultivador de tulipas famoso mundialmente. – De fármacos a ajudar a livrar a casa das pessoas de pestes, há mil motivos para alguém ter um dos meus venenos, e nem *todos* os motivos são nefastos ou ilegais. Você já considerou que talvez essa Pesadelo, seja quem for, pode ter comprado o veneno de um dos meus distribuidores?

Nova sabia que aquilo era verdade. Os venenos que Leroy fazia eram legítimos e úteis de um modo geral. Seu negócio paralelo ainda era a fonte principal de renda para os Anarquistas. Uma dádiva quando estava ficando cada vez mais difícil obter ou

roubar até as necessidades mais básicas naquele mundo pós-Conselho, que era uma coisa que Geladura e seus capangas sem dúvida sabiam quando decidiram destruir o depósito de alimentos deles.

— Não era um simples pesticida — rosnou o Sentinela.

— E como eu posso saber disso? Você só disse que era um dos meus venenos, o que não restringe nada.

— Tudo bem, Cianeto, que tal um dos seus venenos com intenção de... — O Sentinela parou, interrompido por um chiado baixo. Ele se encolheu e afastou a mão que estava segurando o rosto de Leroy.

Nova botou a mão na boca para sufocar uma risadinha. Mesmo sem conseguir ver a expressão do Sentinela, a descrença dele estava clara na linguagem corporal. Com o braço totalmente esticado, a cabeça se inclinou para trás, como se tentando fugir do próprio membro, onde os dedos da manopla direita estavam cobertos de uma substância grudenta e escura que escorria dos poros do Leroy e corroíam agora a superfície de metal da luva.

Leroy ficou de pé, apertou o cinto do roupão e enfiou as mãos nos bolsos.

— Você estava dizendo?

— Ele estava dizendo — disse Mel, tentando afastar a paralisia enquanto se apoiava em uma das estantes caídas — que tem tanta evidência de atividade criminal quanto aquela garota gelada irritante. O que quer dizer nenhuma. — Ela tirou um dos rolinhos do cabelo e voltou a enrolar a mecha loura.

— Você está certa — disse o Sentinela. — Nós não temos provas... ainda. Mas sei que vocês estavam envolvidos no ataque de hoje. Sei que os Anarquistas querem ver os Renegados destruídos.

— Claro que queremos ver todos eles destruídos — soou a voz assombrosa do Fobia, como uma explosão de trovão ecoando em todos os cantos dos túneis. Sentinela se virou, procurando nos túneis escuros. — Mas querer uma coisa não é crime, nem com as leis *deles*.

As sombras atrás do Sentinela se solidificaram, e o Fobia saiu como se do nada, segurando a foice com as mãos.

— Nós toleramos essa invasão da nossa casa por tempo demais.

— Concordo — disse Leroy. — Se o Conselho acredita que estamos violando o acordo, eles que venham fazer a acusação. Até lá, exigimos a privacidade que nos

prometeram.

Pequenas chamas começaram a estalar em volta das mãos fechadas do Sentinela.

— Vocês receberam o direito à privacidade apenas enquanto seguissem as leis do Conselho. Quando temos motivo para acreditar que as coisas estão diferentes, é nosso direito investigar. Hoje, um Anarquista foi preso por terrorismo e agressão. Hoje, descobrimos uma mistura Anarquista implicada em uma tentativa de assassinato.

— E se isso fosse suficiente para nos prender — disse Ingrid, que estava de pé de novo, os braços cruzados em desafio sobre o peito —, nós todos estaríamos detidos agora mesmo.

— Mas não estamos, não é? — emendou Mel. De pé, ela se espreguiçou de leve, esticando os braços para cima. — Então pode desperdiçar o tempo que quiser nos ameaçando, mas vou consolar meus pobres e desolados filhos.

Ela lançou um olhar trêmulo para as colmeias destruídas, depois ergueu o queixo e começou a seguir em frente, descalça, em meio às garrafas quebradas e provisões espalhadas.

Ela não tinha dado dois passos quando o Sentinela deu um salto e pousou diretamente na frente dela. Mel recuou, prendeu o ar e inclinou a cabeça para trás para encarar o visor da figura ameaçadora.

A expressão de surpresa de Mel sumiu e ela firmou o maxilar e apoiou as mãos nos quadris. A aparência era um lembrete de por que ela se autointitulava Abelha-Rainha. Mesmo de baby-doll e rolinhos no cabelo, mesmo com os insetos venenosos enviados para longe, ela mantinha uma aura majestosa. Pelo menos perante a oposição. Nova não pôde deixar de notar como ela parecia diferente do total desespero poucas horas antes. Talvez Mel só se destacasse quando tinha algo contra o que lutar.

Talvez todos eles.

— Mais uma coisa antes de você ir — disse o Sentinela, a voz um ribombar trovejante dentro do elmo.

Nova ficou tensa e segurou a arma ao lado do corpo enquanto esperava que ele esticasse o braço e fechasse os dedos no pescoço ou no maxilar da Mel, como tinha feito com ela e com Leroy. Começou a avaliar suas alternativas novamente. O dardo

não faria nada contra aquela armadura, mas talvez ela pudesse usá-lo para criar algum tipo de distração...

Ela não era a única se preparando para o ataque. Leroy tinha tirado uma cápsula do bolso do roupão, e ela sabia que continha um ácido poderoso. Ingrid abriu as mãos e formou uma esfera nova de energia azul entre elas. O corpo todo do Fobia começou a crescer, se esticando para cima, se envolvendo em sombras tão densas que era difícil saber onde ele terminava e a escuridão começava. Até o zumbido das abelhas tinha voltado e estava ficando mais alto conforme elas saíam do túnel, um enxame agitado e furioso que pairava acima de forma ameaçadora.

O mundo parou exceto pelas abelhas. O Sentinela pareceu hesitar, a frente vazia do visor o fazendo parecer mais uma estátua do que um ser humano. Mais um robô do que um herói.

Os dedos dele tremeram, e Nova se questionou se ele realmente achava que o traje poderia protegê-lo de todos de uma vez. Duvidava que a armadura pudesse aguentar uma das bombas da Detonadora.

Uma parte dela desejava que eles descobrissem logo.

Mas em vez de segurar Mel ou de atacar com outro pilar de fogo Sentinela se inclinou e pegou uma das estantes de metal. Ergueu-a e a colocou no lugar junto à parede. Ele se virou, pegou a segunda estante e, com uma das mãos, também a colocou no lugar.

Nova franziu a testa.

— Independentemente do que qualquer um de vocês tenha feito com as suas vidas desde o Dia do Triunfo — disse ele —, vocês são todos inimigos do Conselho e dos Renegados. Mas, agora, a única inimiga que me interessa é a Pesadela.

Ele se virou para o vagão onde a Nova estava deitada. Ela se encolheu no alto enquanto o Sentinela andava na direção dela e pulava no trilho. Ele passou por Ingrid sem olhar para ela e para a bomba na mão dela.

— Quando vocês virem a Pesadela — disse ele, segurando os restos da passarela de concreto que Sismo tinha derrubado —, digam que na próxima vez que ela for atrás do Conselho, eu estarei lá esperando para destruí-la. E não vou esperar a permissão do Conselho pra isso.

Ele empurrou a ponte para a lateral da plataforma e liberou o trilho. Não se virou para ver como a mensagem tinha sido recebida, só seguiu em frente e entrou na

abertura preta do túnel. Em pouco tempo, a escuridão o engoliu, e o ruído regular dos passos dele sumiu no silêncio.

Demorou muito para a tensão se dispersar. Mel acabou enviando as abelhas de volta à alcova solitária. Ingrid terminou liberando a energia explosiva, Leroy guardou a bomba ácida no bolso e Fobia voltou à estatura normal.

Ingrid levantou as mãos para os dois lados da cabeça e fez uma careta para o túnel para onde o Sentinela tinha ido.

– Ser fraco – comentou Fobia com voz rouca. – Ser indefeso.

Ingrid olhou para ele de lado.

– Como é?

– Esse é o medo mais profundo dele – disse Fobia, girando a foice acima da cabeça. – Em essência, não ter poder.

Mel bufou.

– Tão adequado para um Renegado moralista.

– Talvez – disse Fobia, o capuz da capa oscilando com o movimento de concordância. – Mas é um medo difícil de explorar contra uma pessoa que tem tanto.

– As habilidades dele são produto da armadura? – refletiu Leroy, tirando um lenço que estava junto ao peito e secando o rosto. – Seria benéfico saber se ele representa uma nova evolução na força dos prodígios ou se os poderes dele são resultado de experimentação ou engenharia.

– E se podem ou não ser replicados – observou Ingrid, a desconfiança fazendo seu lábio se curvar.

Fobia não tinha resposta.

Soltando o ar lentamente, Nova rolou e ficou de costas. Muito tempo antes, alguém tinha pichado o teto ali, e ela se viu olhando para um rosto feio e demoníaco, com a língua para fora.

Eles estavam certos. Se o Sentinela era criação do Conselho, quem podia dizer que não haveria mais? Esse pensamento levou a uma série de preocupações. Se eles podiam dar superforça a alguém, superagilidade e até a capacidade de fazer e controlar fogo... quem sabia o que mais eles eram capazes de fazer?

Ela podia lidar com um Sentinela. Mas um exército inteiro? Acabaria deixando os Anarquistas, bem... impotentes.

Ela se mexeu e sentiu alguma coisa no quadril. Enfiou a mão no bolso e fechou a mão em um pedaço de papel amassado.

— A gente devia ter matado ele — disse Ingrid, e Nova ouviu os ruídos de quando eles começaram a botar os alimentos no lugar, nas estantes. — A gente devia ter matado todos eles.

— E passar o resto da vida atrás das grades? — Leroy estalou a língua. — Seria uma tentativa míope de vingança.

— Pelo menos vingaria minhas pobres queridinhas — disse Mel.

— Nada mudou — disse Fobia. — O Conselho é nosso inimigo. Os Renegados vão cair facilmente quando eles morrerem.

Nova desdobrou o papel. Era o folheto que lhe deram no desfile, anunciando os testes para os Renegados. No alto, estava escrito em letras de forma: VOCÊ TEM O QUE É PRECISO?

Com o maxilar tremendo, ela começou a rasgar o papel em pedacinhos.

Fobia estava enganado. As coisas mudaram naquele dia. Graças ao ataque de Winston e da tentativa fracassada de assassinato dela, os Renegados estariam mais alertas do que nunca.

E agora eles tinham que lidar com Sentinela.

Enquanto vinte e quatro horas antes ela se sentira otimista em relação às chances deles, agora parecia que qualquer esperança de retomar uma vida real estava evaporando perante seus olhos. A existência do Sentinela era prova de que não sabiam o suficiente sobre os inimigos, enquanto os Renegados sabiam tanto sobre *eles*. Onde moravam. A extensão de suas habilidades.

Mas eles não sabiam sobre *ela*.

E se essa era a única vantagem que tinha, Nova a usaria.

CAPÍTULO DEZ



DO GRUPO DELES, LEROY era o único que chegou a aprender a dirigir. Não era necessário para a maioria das pessoas da cidade, que podia ir andando até onde realmente precisassem ir, e muita gente ainda ganhava a vida levando os outros de um lugar para o outro, principalmente depois do colapso do sistema de transporte público.

Ainda assim, embora Leroy alegasse ter tirado habilitação legítima antes da Era da Anarquia ter começado, Nova às vezes se perguntava se ele dizia isso só para passar confiança aos passageiros; nesse caso, não funcionava. Talvez fosse em parte devido ao fato de que ele se sentava tão baixo no banco do motorista que ela não achava possível ele conseguir enxergar direito acima do painel, ou talvez fosse porque o agradável sorriso de sapo do Leroy nunca sumia quando ele estava dirigindo, independentemente de quantas pessoas buzinassem ou o xingassem ao passar, independentemente de qual fosse o objeto misterioso pelo qual ele passasse por cima, independentemente de quantos pedestres gritassem e corressem para sair da frente.

— Onde essa mulher mora, afinal? — perguntou ela, olhando para Leroy do banco do passageiro do carro esportivo amarelo, um veículo que ele alegava ter sido muito desejável na época em que o roubou. (De acordo com Leroy, pertenceu a um advogado famoso por ter defendido um homem que espancou um prodígio quase até a morte. O advogado conseguiu que o homem saísse só com uma multa e serviço

comunitário para pagar pelo crime. Portanto, roubar o carro dele foi questão de justiça e também de ambição.)

Trinta anos e zero lavagens depois, o carro mais parecia uma banana madura passada do que qualquer coisa remotamente desejável, pelo menos aos olhos de Nova. Tinha ferrugem em todos os cantos, incontáveis amassados e arranhões na tinta das portas, e o estofamento rasgado exalava o odor distinto de mofo.

— Perto da marina — disse Leroy, batucando com os dedos no volante.

Nova observou os prédios por onde passaram. Eles tinham saído do centro e estavam seguindo pelo bairro industrial, onde os depósitos e pátios de armazenamento já tinham sido lotados de contêineres prontos para serem carregados em navios de carga e distribuídos para o restante do país por trens e caminhões. Embora o comércio internacional estivesse voltando lentamente à cidade, a maioria dos prédios ainda estava deserta, abrigando apenas ratos e sem-teto que, por algum motivo, não tinham direito aos lares distribuídos pelo Conselho. Ou então eles preferiam fazer as próprias escolhas de onde e como viver suas vidas, fosse qual fosse o custo.

Por vãos entre os armazéns e as fábricas desativadas, ela teve vislumbres da baía Harrow, pouco iluminada por alguns barcos na água. Seus olhos foram até o horizonte, que se mesclava quase perfeitamente com o céu negro. Apesar de ainda estarem na cidade, a poluição luminosa era pequena ali a ponto de Nova conseguir ver estrelas espalhadas, e ela se viu procurando constelações que conhecia. O Guerreiro Caído. O Grande Cipreste. O Caçador e o Cervo.

Quando criança, Nova era fascinada pelas estrelas. Inventava histórias inteiras sobre os seres celestiais representados nessas constelações. Naquela época, convenceu a si mesma que todos os prodígios, como ela, seu pai e seu tio Ace, tinham nascido das estrelas, e que foi assim que eles haviam conseguido seus superpoderes. Nunca chegou à conclusão de como isso aconteceu exatamente, mas pareceu fazer sentido na lógica infantil.

Ela não sabia bem o que era mais incrível: sua teoria de infância sobre como os prodígios passaram a existir ou a verdade. Que cada uma daquelas estrelas era seu próprio sol, a milhares de anos-luz de distância. Que observar uma estrela era olhar para trás no tempo, para uma época em que não existiam prodígios.

Leroy dobrou uma esquina e o carro passou por alguns trilhos de trem antes de descer por uma ladeira íngreme na direção da marina.

— Como é que você conhece mesmo essa mulher? — perguntou Nova.

— Ah, sei lá. Mas pensando bem... o quanto a gente realmente conhece as pessoas? Podemos dizer com certeza absoluta que conhecemos a nós mesmos?

Nova revirou os olhos.

— Mais uma vez. Como você a conhece?

Leroy sorriu e virou o volante para o lado. Nova enrijeceu e olhou pela janela, mas não conseguiu ver de que ele estava se desviando. Um segundo depois, Leroy tinha ajeitado o carro na rua.

— Ela era membro dos Demônios — disse ele, citando uma das gangues de vilões que subiram ao poder durante a Era da Anarquia, uma que tinha feito uma espécie de aliança com os Anarquistas. — Eu trocava com ela tinta invisível por documentação falsa. Ainda troco quando necessário.

— Então ela é um prodígio.

Leroy confirmou.

— Algum poder do qual eu deva saber? — Mesmo ao encontrar uma suposta aliada, Nova gostava de estar preparada.

— Psicometria. Nada perigoso.

Psicometria. A capacidade de enxergar o passado de um objeto.

— Bom — acrescentou Leroy com uma risadinha —, nada perigoso se você não for esmagada por todas as coisas dela. Você vai ver quando a gente chegar. Ela me disse uma vez que é difícil abrir mão de coisas quando você sabe o que cada uma delas passou.

— Não tenho medo de coisas — declarou Nova —, desde que possamos confiar nela.

— Ah, eu não disse isso. Mas, fora da família, ela é o mais confiável que dá. E acho que não temos outra escolha. — Ele suspirou.

Nova afundou mais no banco e olhou para as casas flutuantes antigas que passaram.

Sua mente se voltou para aquela palavra efêmera.

Família.

Ela já tinha tido uma família. Mamãe. Papà. Evie. Quando eles foram tirados dela, ela acreditou que tinha perdido tudo. Tanto da infância dela se foi em uma confusão de dor e perda, de luto e raiva, traição e uma tristeza tão forte que havia dias inteiros em que ela não tinha energia para comer ou mesmo chorar. Noites inteiras em que sombras a aterrorizavam, tornando-se assassinos e monstros.

Houve só uma fonte de luz naqueles primeiros meses. A única família que ela ainda tinha.

O tio Ace.

Ele a abraçou para que ela não visse os corpos da família quando a levou do apartamento, parando só para pegar a pulseira inacabada na qual o pai dela estava trabalhando. Ele só a soltou quando eles chegaram à catedral, que ele e os Anarquistas chamavam de lar naquela época. Era a maior igreja da cidade, que Ace ocupou bem antes de Nova nascer. No começo, achou o lugar sinistro e assustador, com os tetos altos que ecoavam cada passo, a torre do sino que estava havia muito tempo em silêncio e cheia de teias, os quadros de santos mortos que a observavam com olhos de condenação.

Mas Ace fez o possível para que se parecesse com um lar para ela. Nova não se lembrava dele como alguém que falava muito, mas sempre parecia estar perto quando ela precisava de uma presença estável. Às vezes, segurava a mão dela ou massageava suas costas quando ela chorava com o rosto em seu ombro. Às vezes, usava seus poderes para distraí-la da dor, fazendo marionetes brincalhonas a partir das imagens e estátuas que ocupavam a nave e as paredes da capela. E quando a curiosidade superou a tristeza, ele mostrou a ela todas as alcovas escondidas da catedral. As tumbas embaixo da base, cheias de ossos e história. O órgão imenso cujas teclas Nova tinha liberdade de batucar conforme sua vontade, preenchendo o espaço amplo com acordes sinistros que se adequavam perfeitamente ao seu humor. Ele a levou até o campanário e deixou que ela puxasse as cordas que faziam os pequenos sinos tocarem, e mostrou como conseguia mover o enorme sino central só com os pensamentos. A música deles ecoava pelos telhados dos quarteirões da cidade ao redor.

A dor não passou, mas, quando Ace estava presente, parecia ir diminuindo aos poucos.

Até que, um dia, ele contou para ela a verdade sobre o que aconteceu com a família.

Nova estava inspecionando alguns relicários que tinha encontrado em uma das capelas menores quando Ace a encontrou e a botou sentada em um banco velho de madeira. Ele contou para ela que uma das gangues de vilões, os Baratas, exigiram que o pai dela fizesse uma coleção de armas usando seu dom. Eles ameaçaram a esposa e as filhas do David se ele não correspondesse às expectativas deles.

Quando o papà dela começou a se atrasar nos pedidos, ele foi até os Renegados e suplicou por proteção. O próprio Capitão Cromo prometeu que nenhum mal aconteceria a ele ou à família dele, mas só se ele parasse de fazer armas para os inimigos.

E assim, o pai dela parou. E os Baratas, em retaliação, enviaram um assassino atrás dele e da família.

Só que os Renegados não cumpriram a palavra. O Capitão Cromo também não. Eles não estavam lá protegendo a família de David quando mais precisavam deles.

Quando Ace terminou de contar a história, ele entregou a Nova uma xícara de leite frio e dois biscoitos wafer de baunilha tirados de uma embalagem plástica que fazia muito barulho. Nova, com seis anos e tão pequena que os pés não tocavam no chão de pedra quando ela se sentava no banco, comeu os biscoitos e bebeu o leite sem comentar. Ela lembrava que não tinha chorado. Lembrava que, naquele momento, não sentiu tristeza.

Ela só sentiu raiva.

Uma raiva cega e ofegante.

Quando se levantou para sair, para ela poder refletir sobre a morte da família, Ace disse simplesmente, de forma prática:

— Os Baratas tinham quarenta e sete integrantes. Ontem à noite, matei todos.

Aquela foi a única vez que eles conversaram sobre a morte da família dela. O que estava feito, estava feito. A gangue matou a família de Nova. Ace matou a gangue. A justiça estava feita.

Exceto pelos Renegados, que não cumpriram a promessa.

Dois meses depois disso, a vida de Nova virou de cabeça para baixo de novo.

No Dia do Triunfo, Nova recebeu a ordem de permanecer nas tumbas. Ela ficou sentada na escuridão, ouvindo os gritos e trovões da batalha, sentindo o ribombar e

os estrondos na terra e nas paredes em volta. Durou horas. *Eras.*

Mel a achou primeiro. Ou as abelhas a encontraram e levaram Mel até ela. Elas fugiram por uma passagem secreta, pequena e úmida, com cheiro de terra e ar mofado, iluminada só pela pequena lanterna que Nova tinha levado para as tumbas. A consternação de Mel impediu Nova de falar por muito tempo, mas quando a passagem finalmente as deixou em uma estação de metrô abandonada, Nova ousou perguntar o que tinha acontecido.

Recebeu só três palavras como resposta.

Os Renegados venceram.



— AQUI ESTAMOS.

Nova saiu do mundo dos pensamentos. Estava com a pele toda arrepiada pela lembrança daquele dia.

Ela se sentou mais ereta e espiou pelo para-brisa. Leroy tinha estacionado junto ao meio-fio de uma rua estreita e tranquila perto da baía Harrow. Formações rochosas e ondas cheias de espuma captavam a luz da lua hesitante, e ela viu um punhado de docas na água. A maioria estava vazia, mas algumas tinham pequenos barcos de pesca presos, as laterais batendo secamente no píer.

Ela se virou no banco. À direita havia um penhasco alto cheio de plantas feias que se agarravam desesperadamente à face de pedra e um cemitério de madeira esbranquiçada vinda do mar embaixo. Atrás deles, a rua escura seguia em curvas para longe do mar e desaparecia.

Não havia casas. Não havia apartamentos. Não havia armazéns. Não havia construção nenhuma.

— Encantador — disse ela.

Leroy desligou o motor. Estava virado para longe dela, olhando na direção da água.

— Não ligo muito para o mar — disse ele, solenemente. — Vê-lo sempre me enche de arrependimento.

— Arrependimento? — Nova observou as ondas agitadas. — Por quê?

— Porque, se eu tivesse aprendido a velejar, poderia ter ido embora deste lugar. De barco, pode-se ir a qualquer lugar.

— Você tem carro — apontou Nova, olhando para ele de lado. — Poderia ir embora dirigindo se quisesse.

— Não é a mesma coisa. — Leroy se virou, não para olhar para ela, mas para encarar os dedos tortos no volante. — Não tem nenhum lugar civilizado no mundo todo onde eu não seria reconhecido, e os outros também. Nossa reputação nos precederia onde quer que fôssemos. Enquanto a anarquia for sinônimo de caos e desespero, os Anarquistas sempre vão ser sinônimo de vilões. — Ele inclinou a cabeça para o lado e desta vez olhou para ela, embora estivesse tão escuro no carro que ela só conseguisse ver pontos fracos de luar refletidos nos olhos. — Mas não você, Pesadelo. Ninguém sabe quem você é. Você poderia nos deixar, sabe. Poderia ir para qualquer lugar.

Ela riu com um certo deboche.

— Aonde eu iria?

— Aonde você quisesse. Essa é a beleza da liberdade.

Ele sorriu, mas com uma expressão triste, cheia daquele arrependimento que mencionou.

Nova engoliu em seco. *Liberdade.*

Ela sabia que ele estava certo. O pensamento já tinha passado pela cabeça dela mil vezes. Ninguém sabia como Nova Artino era, nem mesmo que ela ainda estava viva. Ninguém sabia que ela tinha sido criada pelos Anarquistas. Ninguém sabia que ela era a Pesadelo.

— O que você está dizendo?

— Nós estamos aqui porque você diz que quer se infiltrar nos Renegados pra um dia podermos destruí-los — disse Leroy. — E ninguém ficaria mais feliz do que eu se isso acontecer. Mas não posso ir em frente com isso em sã consciência sem dar uma alternativa a você. Depois de hoje, você vai ter um novo nome, uma nova identidade. Poderia ir embora de Gatlon. Ou... poderia ficar. Arrumar um emprego e um apartamento. Começar uma vida real, como todo mundo está tentando fazer. Você teria muita companhia se fizesse essa escolha.

Nova se moveu no banco e cruzou os braços.

— E fazer o quê? Deixar vocês derrotarem os Renegados sem mim? Vai sonhando.

Leroy balançou a cabeça.

— Não vai haver derrota sem você e o que você pode descobrir. Sem o que você pode conseguir mudar. — A voz dele ficou baixa. — Tenho pouca esperança de ver a liberdade pela qual já lutamos. Pela qual *matamos*. Mas você não escolheu essa vida, Nova. Não como nós. Você ainda pode fazer uma escolha diferente.

Com o maxilar contraído, Nova olhou para um dos barcos. Oscilando pra lá e pra cá, um movimento incessante e regular.

— Os Anarquistas são a minha família — disse ela. — A única família que ainda tenho. Só vou ser livre quando vocês forem. Só vou descansar quando os Renegados forem punidos. Por como tratam vocês. Por como traíram a minha família. Pelo que fizeram com Ace.

Leroy fixou um olhar concentrado nela.

— E se a vingança não lhe der alegria?

— Não é alegria que estou procurando.

Leroy esticou a mão ao lado do volante, desligou os faróis e tirou a chave da ignição.

— Então vamos ver se conseguimos achar o que você *está* procurando.

CAPÍTULO ONZE



SEUS PENSAMENTOS ESTAVAM EM DISPARADA enquanto ela andava atrás de Leroy na calçada estreita da rua escura. A conversa no carro ainda ocupava sua mente. Ela estava fazendo aquilo por eles? Por Ace ou por Evie ou por si mesma?

Ou estava fazendo por toda a humanidade? Por todas as pessoas que eram cegas demais para ver que ficariam melhor sem o Conselho. Sem os Renegados.

Talvez, ela disse a si mesma, pudesse ser as duas coisas.

Não tinha certeza de quando tinha começado a pensar nos Anarquistas como família. Sem dúvida não durante os meses iniciais, quando só amava Ace e pensava só nos pais e na irmã e em si mesma. Apesar de eles terem todos ocupado os mesmos espaços dentro da catedral, ela via os Anarquistas mais como fantasmas passando por ela na nave ou discutindo no claustro. Havia mais deles na época. Muitos morreram na batalha, alguns cujos nomes ela nunca soube. E, de um modo geral, todos ignoravam a criança abandonada que Ace tinha levado com ele. Não eram *maus* com ela, Ace não teria tolerado isso, mas também não se esforçavam muito para serem gentis.

Porém, quando eles foram realocados para os túneis, isso começou a mudar. Tinham sobrado tão poucos, todos sofrendo a mesma derrota. Isso os uniu mais do que antes, até a pequena Nova. De repente, os Anarquistas que restaram se interessaram por ela.

Leroy descobriu seu interesse por ciência e começou a lhe ensinar química e até permitiu que ela brincasse com o equipamento de laboratório e fizesse diferentes misturas. Ingrid a treinou para lutar, tanto com as mãos quanto com qualquer arma que eles conseguissem obter ou trocar. Mel, com medo de eles acabarem criando outro selvagem como Winston, tornou seu propósito guiar Nova para que se tornasse uma *dama*... ou pelo menos o tipo de dama que sabia preparar um martíni adequado e passar delineador sem enfiar a ponta no olho. Quanto a Winston, por um tempo ele foi o único companheiro de brincadeiras de Nova, que contava histórias de contos de fadas com marionetes de sombras e ensinava a arte refinada do pique-esconde, com a casa nova deles oferecendo infinitos esconderijos.

E Fobia foi... bom. Fobia era Fobia.

Ele nunca foi gentil com ela, mas também nunca parecia ser gentil com mais ninguém, então Nova aprendeu logo cedo a não encarar a indiferença dele como uma coisa pessoal.

Leroy se aproximou de uma doca pequena e velha. Nova via a água formando espuma embaixo conforme eles iam andando pelas tábuas bambas, úmidas do borriço do mar. O ar tinha cheiro de sal, alga e criaturas mortas que foram parar nas margens.

Havia um único barco amarrado na ponta da doca; tinha seis metros e quase todo o comprimento era ocupado por uma cabine fechada. As laterais estavam cobertas de cracas e o teto plano cheio de baús de madeira e uma única bicicleta enferrujada. Havia uma cadeira de plástico no pequeno convés da proa, ao lado de uma garrafa de vinho vazia e um tomateiro murcho saindo de uma jarra de leite reutilizada.

Não havia luz vindo de dentro do barco, e Nova se perguntou se eles estavam sendo aguardados.

Leroy se inclinou na beirada da doca e bateu em uma das janelas escuras.

Dentro do barco, Nova ouviu som de passos e o estalo de madeira velha. A mesma janela na qual Leroy bateu se abriu alguns centímetros, deixando um brilho amarelo quente sair para a doca, e Nova percebeu que nenhuma luz passava porque as janelas eram todas pintadas de preto opaco.

Uma pistola apareceu pela janela aberta.

— Quem está aí?

— Sou só eu, Millie — disse Leroy. — Viemos buscar aqueles documentos.

A arma se moveu para o lado, e um olho de mulher espiou pela abertura, pequeno e cercado de rugas. Ela avaliou os dois.

— Onde eu estava na primeira vez que vi Leroy Flinn? — perguntou ela, a voz carregada de desconfiança.

Leroy nem hesitou.

— Remexendo nos suprimentos do departamento de arte da universidade. Procurando estiletes e laminados, se me lembro bem.

A mulher resmungou baixinho e bateu a janela.

Nova olhou para Leroy com o canto do olho.

— Ela teve um problema com um transformador de rostos um tempo atrás — sussurrou ele. — Quase a tirou de atividade. Ela ficou meio paranoica depois disso.

A porta no final da cabine se abriu, e a luz de dentro se espalhou pela água.

— Entrem, então — disse a mulher. — Rápido, antes que alguém veja vocês.

Nova olhou em volta. Não havia nada além de penhascos e a rua vazia e o mar em todas as direções. O carro amarelo solitário de Leroy era o único sinal de civilização por perto.

Leroy passou do deck por cima da amurada e entrou na cabine do barco. Nova foi atrás e fechou a porta depois de olhar para trás.

A cabine era estreita e estava tão cheia de coisas que Leroy teve que se virar de lado para caber no corredor, indo atrás conforme a mulher seguia para o fundo. Havia prateleiras cobrindo as paredes e exibiam de tudo, desde produtos de limpeza a latas de comida e mais vinho. Um fogão a lenha no canto era a fonte de luz e de um calor envolvente que chegava quase a ser opressivo. À esquerda, a parede era coberta de mais prateleiras e caixas de todos os formatos e tamanhos, muitos com pilhas de pratos, cerâmicas e pilhas de toalhas bem dobradas. À direita, um amontoado de impressoras e monitores de computador velhos, escâneres e uma copiadora de escritório, uma plastificadora, caixas de luvas azuis de látex e pilhas e pilhas e pilhas de papel das mais diferentes cores e gramaturas. Havia um labirinto de barbante acima, ocupando toda a cabine, com roupas lavadas e uma variedade de documentos pendurados.

— Millie — disse Leroy, parando atrás da mulher quando ela colocou a arma em cima de um arquivo e começou a tirar algumas folhas de papel do varal —, quero apresentar Nova, a sobrinha de Ace.

— Eu sei quem ela é — disse Millie, batendo com os cantos dos papéis juntos para ajeitar as folhas e tirando uma pasta vazia de uma gaveta e os colocando dentro. — Bem-vinda a bordo, Nova McLain.

— Hum. É Artino, na verdade.

Millie olhou para trás de Leroy e entregou a pasta para ela.

— Não mais.

Nova pegou a pasta, abriu e olhou a folha de cima. Era uma certidão de nascimento, simples e sem decoração nenhuma, como a maioria das criadas durante a Era da Anarquia. Com poucos consultórios médicos para fazer partos, muitas mulheres davam à luz em casa, com a ajuda de uma parteira, que podia ou não ter treinamento profissional, que podia ou não ter se dado ao trabalho de preencher qualquer papelada depois, principalmente não existindo nenhum departamento governamental esperando a entrega desses papéis. Nova sabia que tanto ela quanto Evie nasceram em casa, mas, até onde sabia, os pais nunca tiraram certidão para nenhuma das duas.

Mas aquele documento parecia tão profissional quanto os da época, carimbado e assinado por uma *Janice Kendall*, parteira. Incluía as assinaturas de seus pais imaginários, *Robert e Joy McLain*. Incluía seu aniversário, e era *mesmo* seu aniversário, dia 27 de maio, talvez para que Nova tivesse menos chance de errar a data se alguém perguntasse.

E escrito com caligrafia caprichada no meio da página estava o nome dela.

Quase.

Nova Jean McLain

— Eu pareço escocesa?

— Seu pai era escocês — disse Millie, abrindo a tampa de um escâner e tirando uma folha de papel. — Você puxou a sua mãe.

Nova abriu a boca para dizer que não, que seu pai era italiano e a mãe era filipina, e que ela gostava de pensar que era uma mistura forte dos dois, mas acabou parando. Que importância tinha o nome que o mundo achava que ela tinha ou de onde vieram os olhos azuis ou o cabelo preto? Que importância tinha se alguém achasse que seus pais eram Robert e Joy... fossem eles quem fossem.

Ela não podia ir para os testes dos Renegados com o sobrenome Artino, e Nova Jean McLain era uma identidade secreta tão boa quanto qualquer outra.

Ela levantou a certidão. O papel seguinte era o formulário necessário para participar dos testes dos Renegados. Tinha sido preenchido com uma máquina de escrever antiga.

Nome: Nova Jean McLain

Codinome: Insônia

Habilidade de prodígio (superpoder): Não precisa dormir nem descansar; fica totalmente desperta o tempo todo sem qualquer consequência da falta de sono.

— Insônia — murmurou Nova. Não era exatamente o tipo de nome que encheria o coração dos inimigos de medo, mas também não era ruim. Ela se perguntou se foi Leroy quem o criou ou Millie.

— Tem um lugar na última página pra sua assinatura — disse Millie, entregando uma esferográfica. — Não vá assinar o nome errado.

Nova pegou a caneta sem olhar. Do lado de fora, as ondas batucavam uma melodia regular na lateral do barco.

— Eu moro na Noventa e Quatro Leste com Wallowridge? — Ela franziu a testa. — Tem casas habitáveis naquela região?

— Você preferia que eu colocasse “túnel do metrô da defunta estação da rua Mission”? — perguntou Millie.

Nova olhou para ela.

— Eu só não quero que ninguém vá me investigar e acabe descobrindo que a residência nos meus documentos é, na verdade, uma loja de conveniência que pegou fogo vinte anos atrás ou algo desse tipo.

Millie lançou um olhar irritado para Leroy, que retribuiu com um sorriso apaziguador.

— Eu não sou amadora — disse ela com desprezo. Inclinação por cima da mesa, começou a separar as canetas espalhadas, as anotações adesivas e as navalhas em uma coleção de latas. — Se alguém for investigar você, vai encontrar um sobrado de dois quartos que pertence a Peter McLain há mais de quarenta anos.

— Quem é Peter McLain?

— Seu tio — disse ela. — Na página três, você vai encontrar um ensaio pessoal de duzentas palavras sobre como você tem gratidão por ele ter acolhido você depois da morte prematura dos seus pais.

— Tudo bem, mas quem ele é de verdade?

— Ninguém. Invenção da minha imaginação. Um fantasma que só existe no papel. Não se preocupe, todos os documentos vão bater. Pelo que as pessoas sabem, a casa realmente pertence e é ocupada pelo Sr. McLain, e agora pela sobrinha dele.

Nova olhou para Leroy, mas ele estava observando Millie.

— O formulário pedia referências pessoais, não pedia? O que você colocou?

— Uma professora do fundamental que achava Nova uma excelente aluna de se ter em sala de aula — disse Millie — e um antigo chefe que achou uma perda terrível quando Nova decidiu sair do emprego, mas que está animado por ela ir atrás do sonho de se tornar uma Renegada.

— Um antigo chefe? — Nova virou para a página seguinte, onde viu que Nova Jean McLain havia trabalhado no Parque de Diversões Cosmopolis até um mês antes. — Eu era operadora de brinquedo? Sem essa. Até um esquilo consegue fazer esse trabalho.

— As duas referências — continuou Millie como se Nova não tivesse falado — são fontes legítimas. Trabalhadores civis de verdade desta comunidade que aceitaram graciosamente elogiar a Srta. McLain se alguém os perguntasse sobre ela. — O olhar dela se desviou para Leroy. — Claro que você vai pagá-los por essa honra.

— Naturalmente — disse Leroy, olhando para o formulário. — Winston tinha um negócio paralelo no Cosmopolis. Acho que ele talvez tenha conhecido esse cavalheiro.

Millie assentiu.

— Os negócios dele prosperaram bem mais na época da anarquia do que na do Conselho. Não foi difícil persuadi-lo a se envolver nessa causa.

Nova sentiu a barriga se contrair enquanto foi lendo o formulário, e não achava que fosse do movimento do barco. Parecia haver buracos demais naquela vida construída às pressas. Um tio que ela não conhecia. Pais com quem não sentia ligação. Uma professora e um empregador, uma casa e um emprego, e qualquer uma dessas coisas poderia ser verificada como sendo falsa se alguém se desse ao trabalho de investigar a fundo.

Ela precisou lembrar a si mesma que todo mundo nascido na Era da Anarquia tinha buracos nos registros. Todas as coisas que mantiveram a sociedade organizada antes tinham sido destruídas, de registros médicos a matrículas de escola, imposto de renda e extratos de banco. Não havia nada disso. Só gente tentando sobreviver. Seguir com a vida da melhor maneira que pudesse.

Ninguém pensaria duas vezes sobre onde ela morava e com quem e se a antiga professora estava mentindo quando chamava Nova de excelente aluna.

Os Renegados queriam achar os melhores prodígios para tornar a organização mais forte, mais inteligente, melhor. Se ela entrasse, só teria que os persuadir de que era digna de ser mantida lá, e ninguém ligaria para seu passado e suas conexões.

Ninguém pensaria em pesquisar mais fundo até que fosse tarde demais.

– Devo concluir que está tudo satisfatório? – perguntou Millie, olhando não para Nova, mas para Leroy.

Ele assentiu e tirou um rolinho de dinheiro de um bolso interno. Millie o pegou e soltou o elástico, contou as notas e enrolou tudo de novo. Nova viu o dinheiro desaparecer no punho dela com um novo peso nos ombros. Ela não tinha pensado em pagamento, nem de onde esse dinheiro viria, mas claro que Millie ia querer alguma coisa pelos serviços. Ver a transação fez o esquema todo parecer bem real de repente. Leroy tinha trabalhado por aquele dinheiro; vendendo substâncias legais para matar insetos e pragas, ou então drogas e venenos menos legais distribuídos nos mercados subterrâneos. De qualquer modo, era fruto do trabalho dele, e ela sentiu uma pontada de responsabilidade por ver como aquele dinheiro todo obteve pouca coisa.

Uma identidade falsa. Um nome, um endereço, um passado.

Uma chance para Nova entrar nos testes dos Renegados e se tornar espiã.

– Não se esqueça de assinar o formulário – disse Millie.

Nova abriu o formulário na última página, apoiou o papel em cima da copiadora e clicou para acionar a ponta da caneta.

– McLain – lembrou Millie.

Ela inspirou fundo e rabiscou uma assinatura na linha de baixo. *Nova Jean McLain*.

Ela esticou a caneta para Millie, que, em vez de pegar, segurou o antebraço de Nova e a puxou para perto. Nova contraiu o corpo, pronta para lutar, mas a mulher só se inclinou sobre o pulso dela e inspecionou a pulseira.

– Trabalho de David Artino? – murmurou ela, a voz cheia de admiração. Ela passou um dedo pela corrente da pulseira. Os cílios tremeram e a testa se franziu como se em concentração profunda. – Ele era mesmo um mestre. – Ela virou o braço de Nova e lançou-lhe um olhar astuto enquanto batia com a unha do mindinho no fecho da pulseira. – E *ele* era um jovem lindo, não era?

— Como é? — gaguejou Nova.

Leroy olhou com interesse para Nova.

— Que jovem lindo?

— Eu não... — Nova hesitou e visualizou um sorriso relaxado e dedos calorosos em torno do pulso. Ela fez uma careta e arrancou o braço da mão da Millie. — Ninguém. Ele não era ninguém. Só um cara.

Rindo, Millie pegou a caneta da mão dela.

— Então isso é tudo. Boa sorte, *Insônia*.

Ainda franzindo a testa, Nova fechou a pasta.

— Tá, obrigada.

Ela se virou e percorreu a cabine. Leroy foi atrás, indo devagar para não derrubar nenhuma pilha de coisas.

— Por curiosidade — disse Millie quando eles estavam quase na porta —, o que você vai fazer em relação às digitais?

Nova olhou para trás.

— Digitais?

— Nós vamos dar um jeito nisso — disse Leroy. Ele esticou a mão na frente de Nova e abriu a porta, deixando um sopro de ar salgado entrar.

— Eles precisam de digitais? — perguntou Nova enquanto passava para a doca. A porta do barco bateu e, um segundo depois, ela ouviu o clique de um trinco.

Leroy passou por ela, a cabeça abaixada para se proteger do spray da água.

— Vão fazer uma verificação de digitais nos testes, sim.

Nova foi atrás dele.

— Mas... a arma. Eles estão com a arma usada no desfile. Devem ter pesquisado as digitais e inserido as encontradas no banco de dados. Se me verificarem nos testes, vão saber.

— Se as digitais forem compatíveis.

— Claro que vão ser! — Ela fez uma pausa. — Espera. Por que não seriam?

Os passos de Leroy aceleraram conforme ele foi seguindo pela doca, de volta à margem e pela rua, ansioso para sair do sopro forte do vento. Nova o acompanhou, esperando, mas ele ainda não tinha dito nada quando eles chegaram ao carro e entraram.

— Leroy — disse Nova enquanto fechava a porta. — Por que as digitais não seriam compatíveis?

Ele não olhou para ela quando falou:

— Porque nós vamos alterar as suas.

As pontas dos dedos dela formigaram com apreensão sutil.

— Como?

Leroy se virou para ela com expressão hesitante, como se soubesse que devia ter mencionado isso muito antes. Mas antes que pudesse responder, Nova entendeu exatamente como ele planejava alterar suas digitais.

Seu olhar desceu para a mão que ele tinha pousado compulsivamente no câmbio do carro.

— Ah.

— A dor vai ser tolerável — disse ele, de um jeito que talvez tivesse a intenção de ser reconfortante.

Mas não era a dor que a preocupava.

— Não vai ser suspeito? Chegar lá com digitais mutiladas?

— Não tanto quanto a correspondência perfeita com as digitais naquela arma.

Ela olhou para ele com sarcasmo.

Leroy suspirou.

— Vamos arrumar uma explicação plausível. Mas... se você não quiser...

— Claro que quero — disse ela, com mais raiva do que pretendia. — Não vai ser a pior coisa que já me aconteceu.

Leroy a olhou quase com pena e levantou a mão, como se pretendesse bater na mão dela em um high five. A luz de dentro do carro ainda não tinha se apagado, e no brilho doentio, Nova viu o veneno começar a escorrer da pele dele. Primeiro foram gotas bem pequenas, mas logo começaram a escorrer, até as pontas dos dedos estarem cobertas de uma camada meio preta. Nova não sabia se era uma espécie de veneno ou ácido que o corpo dele produzia, ou alguma substância química particular da sua fisiologia.

Não importava muito.

Ela inspirou e se preparou. Em seguida, levantou a mão e encostou os dedos nos dele.

CAPÍTULO DOZE



A ARENA JÁ ESTAVA TREMENDO com cantos de torcida e pés batendo no chão, e os testes ainda nem tinham começado. Adrian estava encostado na parede dentro da abertura que levava ao campo, olhando para as arquibancadas cheias de gente. A multidão estava cheia de placas vermelhas distribuídas na entrada, um lado com a palavra HERÓI e no outro, ZERO.

Essa era parte da diversão, ele achava, para os não prodígios que iam assistir aos testes. Apesar da decisão de quem era aceito nos Renegados fosse de cada equipe, a plateia podia fingir ter participação ao erguer as placas quando cada competidor entrava em campo.

Ele nunca tinha gostado dos dias de testes. Aquele era o quarto evento anual e ainda sentia uma inquietação no estômago. Mas havia algo de ridículo na situação toda, no fato de que o futuro de um prodígio podia ser decidido com base em algumas perguntas e uma demonstração de poder de trinta segundos. Isso poderia mesmo ser suficiente para decidir se alguém era adequado ou não para ser herói? Capaz de lutar por justiça, defender os fracos, proteger a cidade? Ele duvidava seriamente e, mais ainda, desconfiava que, se tivesse sido obrigado a entrar pelos testes, talvez não tivesse conseguido.

Adrian se tornou um Renegado praticamente de forma automática. Ele era filho da Lady Indomável, e desde a morte dela foi criado pelo Capitão Cromo e pelo Guardião Terror. Ninguém ousaria protestar quando chegou a hora de ele ganhar um uniforme, e, por causa disso, Adrian tinha muitas oportunidades de provar a si

mesmo e as suas habilidades. Dar vida à sua arte acabou sendo muito útil várias vezes.

Mas *útil* não era sempre o que importava nos testes. Ao menos, não para os espectadores. Eles queriam ser surpreendidos e impressionados, e talvez até um pouco assustados. Queriam explosões e terremotos, e o poder de Adrian deixaria a plateia insatisfeita.

A não ser que ele desenhasse uma granada de mão.

Na verdade, uma granada de mão até que seria incrível.

Ainda assim, ele não precisou competir para ter um lugar nos Renegados, então jamais saberia se teria sido escolhido ou não.

Atualmente, não importava muito o que achavam de seus poderes, não desde que ele alterou a própria habilidade com tatuagens. Ele não era mais só Rabisco, um Renegado e um artista.

Ele era o Sentinela, com mais poderes do que já residiram em um ser só, ao menos até onde sabia. Era diferente de qualquer outro prodígio que já tivesse sido visto. Tinha sido transformado.

Era estranho usar o uniforme de Renegado de novo depois de estar com a armadura do Sentinela; o tecido ajustado ao corpo de repente o fez se sentir vulnerável. Ele ficava passando o dedo entre a gola da camisa e o pescoço, tentando abrir espaço para respirar.

— Feliz dia de testes, *u-hu!*

Adrian se virou e viu Oscar descendo pelo corredor de concreto. Bateu com a bengala algumas vezes no ar antes de apoiá-la no chão de novo.

— Tragam os novatos, estou pronto pra *julgar geral*.

Ruby não estava muito atrás, se balançando na ponta dos pés.

— Como estão as coisas lá fora? — perguntou, parando ao lado de Adrian. Ela arregalou os olhos. — Caramba, tem muita gente.

O heliotrópio estava pendurado no pulso dela, apoiado na coxa enquanto ela observava a arena lotada. Sua atenção se deslocou para as mesas espalhadas pelo campo. Havia quase quarenta, cada uma coberta de um tecido vermelho. Todas as unidades de patrulha tinham que comparecer aos testes, ao menos as que não estavam de serviço naquela noite, e tinham que se sentar às mesas e assistir a prodígios esperançosos tentando impressioná-los e acabar decidindo o destino deles.

— Tem mesmo tantas equipes de patrulha agora? — perguntou Ruby. — Não tinha nem metade quando eu fiz o teste. Não parece cheio assim quando estamos no quartel-general.

— Não é comum que coloquem todos nós em um aposento só — disse Adrian. — Mas não sei bem quantas estão procurando integrantes novos. — Seu olhar foi até a plataforma pendurada na outra ponta do campo. Os membros do Conselho, inclusive seus pais, já estavam sentados, conversando agradavelmente e parando de vez em quando para sorrir para a câmera. Até a Pássaro do Trovão estava lá. Os curandeiros lhe deram permissão para ir, desde que não fizesse nenhuma besteira, tipo tentar voar. — Sei que o Conselho também espera encontrar novos talentos hoje, então vamos ver quantos eles vão escolher.

Ruby balançou a cabeça e pareceu meio atordoada por toda a comoção.

— Vocês conseguem imaginar fazer um teste nessas condições? É tanta pressão.

— Vocês dois foram escolhidos em testes — disse Adrian. — Não foi muita pressão na época?

— Ah, foi — lembrou Ruby com uma gargalhada nervosa. — Fiquei apavorada.

— Eu, não. — Oscar sorriu. — Mas eu sabia que seria escolhido. Quem não ia querer isto na equipe? — Ele levantou a palma da mão, e uma nuvem de fumaça azulada virou um dragão feroz. Saiu voando para a arquibancada e gerou gritinhos da plateia. — Falando sério? Há usos infinitos pra esse truque.

— Sério mesmo — disse Ruby com um movimento sábio de cabeça. — *Infinitos*.

— Engraçado — comentou Adrian. — Eu me lembro de você ter sido desafiado por... o quê? Nove equipes ao mesmo tempo?

— Isso! — disse Oscar, sorrindo com a lembrança. — E eles se arrependeram disso, né? Foi um momento de glória para mim. Pensando bem, devo ter chegado ao meu auge naquele dia. Acho que minha vida só piorou depois.

Ruby riu.

— Você se lembra da expressão na cara da Mia Hagner quando você derrotou o Rolo Compressor? Aquilo foi demais.

Oscar apoiou a cabeça no ombro da Ruby, os olhos brilhando.

— Continua. Me conta tudo que você lembra em detalhes completos e excruciantes.

Ruby encostou a cabeça na dele.

— Eu faria isso, só que você cobriu o campo todo com neblina para que nenhum de nós conseguisse ver nada.

Oscar apertou um olho.

— Ah, é. Mas pode confiar em mim, foi lavada.

Adrian balançou a cabeça enquanto olhava a arquibancada cheia de espectadores, sendo que alguns tinham começado a fazer a ola. Ele se lembrava claramente dos testes dos três colegas de equipe, embora não fosse líder de equipe na época. Danna foi aceita sem questionamento durante seu teste; ser capaz de se dispersar em um bando de borboletas a tornava rápida, convenientemente camuflável e um trunfo quando a questão era se esconder e se esgueirar em lugares que não eram de fácil acesso a outros.

Mas Oscar e Ruby foram ambos desafiados, o que queria dizer que, embora uma equipe tivesse visto seu potencial, outras tinham dúvida se eles mereciam um lugar entre os Renegados. Cada um teve que se provar em um combate mano a mano contra um membro da equipe desafiadora.

Oscar podia ter impressionado a plateia com um bando inteiro de dragões de fumaça e um exército de cavaleiros de vapor para destruí-los, mas alguém ainda teria questionado se um garoto com uma doença nos ossos que o mantinha preso a uma bengala poderia se tornar herói em Gatlon. Mas ele surpreendeu todo mundo derrotando o Rolo Compressor, um prodígio conhecido por esmagar qualquer pessoa e coisa que houvesse no caminho. Oscar lançou uma neblina densa no campo, cegando o Rolo Compressor, e o enganou para que fosse atrás dele até só estar menos de um metro dentro do campo. Finalmente, ele o prendeu com uma série de dardos feitos de fumaça preta densa. Rolo Compressor engasgou e começou a sufocar e saiu cambaleando do campo... e o Cortina de Fumaça entrou para os Renegados.

Ruby também foi subestimada. Apesar de ter praticado artes marciais durante anos, sua verdadeira habilidade — quando ela sangrava, seu sangue se cristalizava em pedras parecidas com rubis — era vista como algo que tinha mais espaço no mercado clandestino do que em uma vida de agente da lei. Ela enfrentou a Guilhotina, que achava que teria uma vitória fácil quando cortou o antebraço da Ruby durante o primeiro ataque. Mas, menos de um minuto depois, Ruby reagiu com força, o braço

e a mão de repente cobertos com estalagmites vermelhas afiadas como adagas. Guilhotina sofreu muitos cortes antes de desistir da batalha.

– Vou atrás de comida – disse Oscar. – O que vocês querem? Pretzel? Cachorro-quente?

– Algodão-doce – declarou Ruby. – O que tem azul e rosa misturados.

– Pode deixar. Rabisco?

– Não, obrigado – respondeu Adrian.

– Vou trazer pipoca. Não deixem nada legal acontecer sem mim. – Ele piscou e voltou pelo corredor.

– Não prometo nada – cantarolou Ruby para ele, que estava de costas. E seus olhos se iluminaram quando ela apontou para a arquibancada. – Ah, olha! Fizeram um cartaz pra você!

Sobressaltado, Adrian seguiu o gesto dela e viu uma mulher segurando um cartaz caseiro que dizia EVERHART = MEU HERÓI P/ SEMPRE!

– Tenho quase certeza de que isso é para o meu pai.

Ruby pareceu murchar.

– Você não sabe se é. – Ela inclinou a cabeça para o lado, como se ver o cartaz de outro ângulo pudesse mudar alguma coisa. – É, você deve estar certo. Mas podemos fingir que fizeram um cartaz pra você?

– Eu realmente não me importo – disse Adrian, franzindo a testa para a plateia. Mal podia esperar para que aquilo acabasse. Não estava exatamente nervoso. Era mais para... constrangido, de certa forma. Por estar participando de uma tradição que ele não tinha certeza se aprovava.

Eles deviam encorajar todos os prodígios... não, todos os *humanos* a serem o mais heroicos possível. Como rejeitar publicamente alguém poderia ajudar nesse objetivo?

Além do mais, não eram só os competidores que estariam sendo julgados hoje, os Renegados também. O público queria ver os prodígios paladinos que ficavam encarregados de proteger a cidade, de proteger *a todos eles*. Queriam saber que estavam em boas mãos.

E, tudo bem, eles também queriam uma tarde de entretenimento grátis.

Tudo parecia um jeito absurdo de lidar com o recrutamento. Ninguém tinha coisa melhor para fazer?

– Como está Danna? – perguntou Adrian, os olhos encontrando outro cartaz caseiro nas arquibancadas que dizia VOCÊ ME ILUMINA, LUZ NEGRA!!!

– Triste de não poder estar aqui – disse Ruby. – Ela odeia ficar presa em casa.

– Eu também odiaria – respondeu Adrian.

Ruby ficou tensa de repente ao lado dele. Adrian seguiu o olhar de raiva. Genissa Clark, também conhecida como Geladura, estava percorrendo o túnel, cercada pelo restante da equipe. Eles nem olharam para Adrian e Ruby ao passarem para o campo, apesar de as equipes terem que esperar para serem anunciadas antes de irem para suas mesas.

– Espero que nossa mesa seja longe da deles – murmurou Ruby, cruzando os braços.

O lábio do Adrian tremeu quando ele lembrou que Genissa foi uma das que desafiaram a aceitação de Ruby nos Renegados dois anos antes. Ele entendia o ressentimento dela.

Não que ele gostasse muito de Genissa e dos companheiros dela. Nunca tinha gostado, e ver como eles se comportaram com os Anarquistas também não despertou nenhuma grande afeição. Não que tivesse muita pena dos Anarquistas, mas Geladura e os outros agirem como agressores pretensiosos era inaceitável pelo código que os Renegados juravam seguir. Além do mais, ver aquelas colmeias destruídas, mesmo pertencendo a uma inimiga, fez Adrian torcer o nariz de repugnância.

As escolhas ruins de vida dos vilões não eram exatamente culpa das *abelhas*, afinal.

Apesar de não ter descoberto nada sobre a Pesadelo e nem encontrado provas que poderia usar para incriminar o resto dos Anarquistas, ele ficou feliz de ter decidido entrar nos túneis naquela noite. O boato de que o Sentinela tinha aparecido de novo, alegando ter sido enviado pelo próprio Conselho, se espalhou rápido pelo quartel-general. Quando o Conselho negou com firmeza essa alegação e ficou claro que o Sentinela mentiu, a humilhação de Genissa e da equipe dela foi quase palpável.

Adrian os enganou para que abandonassem a missão. Ele os fez se passarem por tolos e não podia deixar de sentir uma pontada de arrogância cada vez que pensava nisso.

Mas o lado ruim era que o mistério do Sentinela estava crescendo diariamente. Quem era ele? De onde tinha vindo? Podia ser um projeto secreto executado pela pesquisa e desenvolvimento ou estava envolvido com a Pesadelo e os Anarquistas — um inimigo com o intuito de confundir todos?

O que começou como uma investigação sobre Pesadelo estava se tornando rapidamente uma investigação sobre *ele*, e isso o deixou inquieto.

As outras equipes também começaram a se espalhar pelo campo, algumas olhando com dúvida para o Conselho, sem saber se deviam esperar ou não, mas o Conselho estava ocupado conversando entre si e não prestava muita atenção no campo. O círculo de mesas começou a ser ocupado. Os espectadores nas arquibancadas gritaram, fãs animados tentando chamar a atenção dos heróis favoritos.

— Lá vamos nós! — gritou Oscar, aparecendo no meio das pessoas no corredor. A mão livre estava carregando uma bandeja cheia de comidas e bebidas no estilo garçom, acima da cabeça. — Algodão-doce de duas cores para a moça, pipoca para o meu amigo, fiquem à vontade para pegar batata frita com alho ou crocante de chocolate, mas não toquem no meu smoothie ou não vou pensar duas vezes na hora de matar vocês e todo mundo que vocês já amaram.

Ruby pegou o saco de algodão-doce no alto da pilha.

— Oscar, posso tomar um gole do seu smoothie?

Oscar grudou um olhar gelado no rosto dela por três, quatro segundos e voltou atrás.

— Tá, tudo bem.

Ela deu uma dançadinha e pegou o smoothie na bandeja. Os olhos de Oscar seguiram o canudo para dentro da boca de Ruby, o pomo de adão subindo e descendo.

Adrian revirou os olhos e encheu a mão de pipoca.

Na plataforma do Conselho, Luz Negra se aproximou do microfone e abriu os braços para a plateia.

— Bem-vindos ao quarto evento anual de testes dos Renegados!

A multidão gritou. As arquibancadas estavam cheias de cartazes, fãs gritando, pés batendo.

Adrian desconfiava que essa não era a intenção quando os Renegados surgiram tantos anos antes. Na época, qualquer um disposto a lutar contra as gangues de vilões era herói. Não era preciso ter um broche especial nem um título. Não era preciso da aprovação de ninguém.

Agora, eles não eram tanto justiceiros, estavam mais para celebridades. Celebridades que tinham um trabalho importante, mas celebridades mesmo assim. E estavam ficando tão políticos, influenciados não pela necessidade do povo, mas pelo que obteriam mais apoio público. Por aquilo que os tornaria mais interessantes.

Ele sabia que o Conselho só estava tentando manter a cidade unida, ainda buscando solidificar seu controle tênue. Sabia que não tinha sido fácil para eles. Todos tinham vinte e poucos anos quando derrotaram Ace Anarquia, exceto Luz Negra, que tinha acabado de completar dezenove anos na época. Eles foram heróis e combatentes do crime durante anos, mas não tinham planejado se tornar líderes e criadores de leis.

Eles fizeram o melhor que puderam. Construíram uma cidade nova usando os ossos de uma antiga, trabalharam incansavelmente para curar os ferimentos que as gangues de vilões tinham deixado na sociedade. Ordem e justiça vinham primeiro — uma espécie de sistema legal, com os próprios Renegados como criadores e defensores da nova ordem. Mas aquilo tinha sido só o começo.

As pessoas disseram que precisavam de comida, e os Renegados limpavam os detritos e escombros de quarteirões inteiros das cidades para abrir espaço para jardins e lavouras comunitárias.

As pessoas precisavam de abrigo, então eles consertaram incontáveis prédios abandonados para torná-los habitáveis e seguros.

As pessoas precisavam de escolas para os filhos, e eles alocaram fundos para professores e materiais e selecionaram centros comunitários onde aulas regulares poderiam acontecer.

As pessoas precisavam de segurança e representação, então eles montaram um centro de atendimento telefônico dos Renegados e encontros semanais com o Conselho para os cidadãos que desejassem compartilhar seus problemas.

As pessoas precisavam de um ganha-pão, então o Conselho lutou para levar trabalho de manufatura e construção para a cidade, estabelecendo novos acordos de comércio com países de quem estavam isolados havia décadas.

Quando não havia fundos para manter a sociedade seguindo em frente, o Conselho trocou o único recurso que eles tinham: super-heróis e superpoderes. De certa forma, os Renegados haviam se tornado um bem de consumo, um dos mais valiosos do mundo. Apesar de virem prodígios de todo o mundo para serem treinados e doutrinados em Gatlon, depois que eram parte da organização, podiam ser enviados para outros países a fim de ajudarem com furacões e enchentes, lutarem em guerras, destruírem organizações criminosas ou ajudarem a extrair recursos naturais da terra. Governos estrangeiros, muitas vítimas da ascensão de vilões de gangues imitadoras dos Anarquistas, estavam dispostos a pagar bem pelos serviços dos Renegados, e essa riqueza foi revertida na cidade, o suficiente para mantê-los sempre em frente.

Os relacionamentos vieram com um benefício colateral. Em um curto período, os Renegados se tornaram uma corporação multinacional, com embaixadas espalhadas por todo o globo. O resultado foi que mais e mais jovens prodígios aspiravam a se tornar um dos maiores heróis do mundo e faziam a peregrinação aos testes anuais na esperança de serem aceitos no grupo.

E assim os Renegados iam ficando mais fortes, e a cidade também, e o Conselho também. Eles conquistaram muito em uma década. Tinham muito de que se orgulhar.

E, mesmo assim, com toda aquela agitação, toda a comoção e cerimônia, Adrian não conseguia fugir da sensação de que eles tinham perdido o objetivo principal de vista. Estavam esquecendo o que eram.

Não celebridades. Não políticos.

Heróis.

— Todas as unidades de patrulha, por favor, compareçam ao campo — disse Luz Negra.

As equipes que tinham optado por ficar no corredor seguiram em frente. Adrian viu que a mesa deles ficava quase do outro lado do portão por onde os competidores prodígios entrariam no campo. Ele se sentou no meio, com Ruby e Oscar um de cada lado. Oscar espalhou as guloseimas na frente de todos, e se ele ou Ruby se importavam de serem a única equipe comendo batata-frita e doces, eles não demonstraram.

Ruby pegou o pequeno tablet que ficava na mesa e começou a ler as instruções sobre como aceitar ou rejeitar um competidor, e a responsabilidade importante que cada equipe tinha de fazer escolhas que fortalecessem os Renegados como um todo.

Depois que a explosão inicial de entusiasmo da plateia virou silêncio, Luz Negra explicou as regras. Cada competidor seria chamado, um por vez, para responder a perguntas dos capitães de equipe e executar uma demonstração de seus poderes. Os capitães de equipes podiam aceitar ou rejeitar o candidato, e o Conselho teria uma oportunidade de aceitar todo mundo que não tivesse sido escolhido por uma equipe. Se duas ou mais equipes quisessem o mesmo candidato prodígio, ele poderia escolher a qual equipe se juntar.

— E, a qualquer momento — prosseguiu Luz Negra —, se uma equipe discordar da seleção dos colegas, pode desafiar uma escolha. Nesse caso, o candidato prodígio terá que enfrentar um componente da equipe que o desafiou e vencer para se juntar aos Renegados.

A plateia gritou. Era isso que eles queriam. Não um processo de seleção fácil, mas um que fosse cheio de viradas, desafios e duelos.

Não era para encontrar novos heróis para proteger as pessoas, pensou Adrian. Era o espetáculo.

Mas as regras não dependiam dele.

— E, agora — declarou Luz Negra, levantando um punho no ar —, que os testes comecem!

Jatos de luz explodiram da mão dele, raios vermelhos e cinzentos virando fogos acima da arena.

A plateia gritou.

Adrian pegou a caneta e desenhou um canhão em miniatura na toalha da mesa, o pavio já aceso. Não era maior do que a mão dele, mas soltou um *estruído* surpreendente ao liberar uma torrente de confete e fumaça. O coice empurrou o canhão para trás, e Adrian quase não o pegou quando rolou para a beirada da mesa. Ruby e Oscar bateram palmas, mas alguns Renegados na mesa ao lado olharam com irritação.

— Um kazoo — sussurrou Oscar. — Faz um kazoo pra mim.

— Ah... eu quero címbalos — disse Ruby. — Os pequeninhos de dedo, sabe?

Adrian colocou o canhão na mesa e continuou desenhando enquanto Luz Negra falava.

– Recebam nosso primeiro candidato da noite, fazendo sua terceira tentativa seguida... Dan Reynolds, também conhecido como... *O Garça!*

– Acho que me lembro desse cara – disse Ruby. – O do origami, né?

Era mesmo o do origami. Um cara com idade de universitário capaz de dobrar papel em criaturas de formato complexo e fazê-las se mover ou flutuar sob suas ordens. Infelizmente, as criaturas não eram sencientes, o que limitava severamente sua utilidade.

A plateia vaiou e levantou quase exclusivamente os lados das placas que diziam ZERO. Em pouco tempo, Dan Reynolds foi rejeitado pela terceira vez.

– Coitado – disse Ruby. – Que difícil.

– Ele devia fazer performances de rua – disse Oscar. – Os turistas pagariam uma grana pelas tartaruguinhas dele. – Ele indicou um punhado de tartarugas coloridas de papel que Dan tinha feito e que agora percorriam o campo lentamente. Ele soprou o kazoo em solidariedade.

A competidora seguinte, que se chamava Tagarela, era capaz de falar qualquer língua instantaneamente.

– *Legal* – sussurrou Ruby. – Eu queria ser capaz de fazer isso.

Oscar se inclinou para a frente.

– Você sangra armas feitas de cristal.

– É, mas falar todas as línguas sem ter que estudar? Pense no quanto poderia ser útil.

Nenhuma das equipes ficou com Tagarela, mas, depois de uma curta discussão, o Conselho decidiu trazê-la para a família dos Renegados mesmo assim.

A plateia não pareceu empolgada nem decepcionada. Talvez as pessoas entendessem como a decisão era prática.

– Pronto – disse Oscar, esfregando as mãos –, tem um bom vindo. Estou sentindo. – Ele fez uma pausa e acrescentou: – Aliás, estamos com esperanças de conseguir alguém hoje?

– Não – disse Ruby rapidamente. – Nós já somos uma ótima equipe. Não é, Rabisco?

Adrian piscou, os dedos parando na ilustração de um pequeno gongo.

— Sem dúvida — confirmou ele. — Nós somos uma equipe ótima mesmo. Mas... quem sabe? Pode ser que alguém nos surpreenda.

CAPÍTULO TREZE



— *N*OME?

— Nova McLain.

O homem sentado na mesa de registro digitou alguma coisa no tablet. Sem olhar de novo, ele esticou a mão.

Nova olhou para ele. Ele estava pedindo dinheiro? Era preciso pagar para se tornar um Renegado? Ela não se lembrava de ter visto nada sobre isso. Não tinha dinheiro nenhum. Eles realmente excluiriam um prodígio só porque...

O homem olhou para ela.

— Formulário? — disse ele lentamente.

Nova ficou corada e limpou a garganta.

— Certo — gaguejou ela, tirando o formulário da bolsa e colocando-o na mão aberta do homem.

O canto da boca do homem murchou quando ele colocou os papéis na mesa e desamassou as dobras.

— Seu codinome será anunciado quando você for chamada no campo. Tem certeza de que está feliz com... — Ele olhou o documento. — Insônia? Pode ser difícil mudar depois.

Nova se inclinou para a frente e passou os olhos pelo formulário de cabeça para baixo, apesar de saber tudo de cor. Ele estava tentando dizer que ela *devia* mudar? Insônia era uma escolha ruim? Ela até gostava, mas agora estava em dúvida. Não era *Pesadelo*, mas também não era ruim. Era?

— Hum... tenho...

O homem, a expressão indiferente, digitou o codinome no registro.

— Mão direita — disse ele, colocando a caneta na mesa e pegando uma bola de algodão em uma lata. Ele a mergulhou em uma tigela rasa cheia pela metade de líquido claro e olhou novamente para Nova, que não tinha se movido. — *Mão direita* — repetiu ele.

Ela engoliu em seco e esticou a mão. Ele passou a bola de algodão na ponta de cada dedo, e o aroma distinto de álcool chegou ao nariz dela. A bola de algodão estava fria, e as mãos dele eram ásperas e estavam grudentas, e a pele de Nova ficou arrepiada o tempo todo. Embora só tivesse levado um momento, ela não conseguiu evitar um suspiro de alívio quando ele terminou.

O homem bateu no alto de uma pequena máquina. Uma tela mostrou um diagrama de uma mão, os espaços precisos onde ela tinha que colocar as pontas dos dedos marcados por ovais azuis.

— Vá em frente — disse ele. — Você vai ter que pressionar por alguns segundos.

Nova se preparou e apertou as pontas dos dedos na tela. Sua mão estava tremendo, mas ela se esforçou para ficar firme enquanto o marcador no alto da tela indicava o progresso da avaliação das digitais.

Quando terminou e Nova cruzou os braços com ansiedade, o homem estava de testa franzida. Ele olhou para ela de novo, desconfiado mais uma vez.

As digitais na tela estavam obviamente mutiladas; pedaços inteiros das espirais entrecortados por placas vazias.

— Eu queimei quando era criança — disse ela, a mentira ensaiada saindo antes que ele pudesse perguntar. — Você vai ver no meu formulário que eu gosto de ciências: química e engenharia e... hum. Eu estava fazendo uma experiência. Com ácido. E... isso aconteceu. — Ela indicou a tela.

O homem repuxou os lábios.

— Bom — disse ele, olhando para um segundo monitor —, não está aparecendo nenhuma correspondência no nosso sistema. Então... — Ele fez sinal com o polegar por cima do ombro. — Pode entrar por aquelas portas e esperar ser chamada.

O corpo dela ficou imóvel.

— É sério?

— Sério o quê?

— É sério que eu vou... vou poder fazer o teste?

— É pra isso que você está aqui, não é? — Ele olhou atrás dela. — Próximo.

— Ah. Tudo bem. Obrigada.

Nova se afastou da mesa e entrou pela porta dupla.

A sala para a qual ele a mandou devia já ter sido um vestiário; era úmido, frio, cheio de concreto e iluminação ruim, com o leve aroma de suor velho permeando as paredes. Os armários tinham sido removidos, deixando marcas leves nas paredes, e uma alcova no canto ainda tinha ralos no piso frio, embora só buracos onde o encanamento e os chuveiros antes ficavam.

Agora o ambiente estava cheio de bancos desconfortáveis e muitos prodígios nervosos repetindo frases motivacionais. Uma janela com película escura dava vista para o campo, por onde eles podiam assistir aos testes em andamento. Um candidato a Renegado estava caminhando para o campo central. As mesas com as equipes estavam espalhadas pelo campo, e uma faixa de papel gigante tinha sido pendurada entre dois pilares no meio: VOCÊ TEM O QUE É PRECISO?

À direita dela, uma plataforma se projetava acima do campo, de onde os cinco membros do Conselho assistiam aos procedimentos. Mesmo dali de baixo ela via as ataduras na asa da Pássaro do Trovão, e sentiu uma pontada de orgulho pelo que viu.

No ano anterior, a Detonadora tinha sugerido que fizessem um ataque nos testes, mas Cianeto a convenceu de não fazer isso por acreditar que seria uma concentração grande demais de prodígios e apoiadores dos Renegados para que pudesse ser eficiente.

Quando viu o ambiente, Nova soube que ele estava certo. Havia prodígios para todo lado. Renegados *para todo lado*. Era como estar cercada das colmeias da Abelha-Rainha e ser alérgica a picadas de abelha.

Ela se concentrou no campo, onde o competidor tinha revelado quatro braços adicionais saindo do tronco. A multidão ganhou vida com placas vermelhas, a grande maioria dizendo: HERÓI!

Nova fez um ruído de deboche. Eles achavam mesmo que membros a mais tornavam alguém herói? Ou ser capaz de disparar fogos de artifício das mãos? Ou até mesmo ter uma camada de cromo embaixo da pele?

Heroísmo não tinha relação com o que a pessoa era capaz de fazer, e sim com o que a pessoa fazia.

Tinha relação com quem você salvava quando alguém precisava ser salvo.

Ela cruzou os braços e bateu os dedos nos cotovelos enquanto os testes prosseguiam. Havia prodígios vindos de todos os cantos da cidade, alguns de lugares distantes no mundo, até, na esperança de serem aceitos entre a elite.

Muitos eram aceitos, mas os que não eram... a expressão de decepção no rosto deles quase, *quase* fez Nova sentir pena deles. Mas era isso que eles ganhavam por terem botado tanta fé nos Renegados.

Ela fechou os olhos e expirou. A amargura estava formando uma poça na língua e enchendo sua boca com um gosto azedo. O cheiro de suor e nervos travou sua garganta.

Ali não era o lugar dela. Ela nem *queria* estar ali. Se Cianeto não tivesse botado a ideia na cabeça dela, ela duvidava que tivesse um dia pensado naquilo.

Mas, se conseguisse, caso se tornasse uma Renegada, ela poderia fazer a diferença. O que poderia aprender lá dentro, sobre o quartel-general, o Conselho, os planos para a cidade?

Sem mencionar seu novo inimigo.

O Sentinela.

Só de pensar no nome, seu estômago se contraiu, e ela pensou de novo na honradez arrogante que ele demonstrou no telhado quando falou. *Eu sou o Sentinela*.

Eca. Bleh.

Ele não passava de um experimento científico chique, mas a natureza do experimento lhe escapava quanto mais ela pensava no assunto. Ele tinha muitos poderes, capacidades demais para um prodígio só. Ela nunca tinha visto nada igual. E se os Renegados tivessem encontrado um jeito de conceder múltiplos superpoderes a um indivíduo, o que os impediria de fazer um exército inteiro de pessoas assim?

Já era bem difícil lutar contra eles. Por dez anos, os Anarquistas se agarraram aos últimos fiapos de sobrevivência e liberdade. Nova temia que o Sentinela pudesse ser o fim da vida que eles conheciam.

Mas não se ela conseguisse descobrir mais e encontrar uma forma de lutar contra ele ou destruí-lo completamente e a qualquer outra pessoa que fizessem como ele.

Conhecimento é poder.

Uma das frases favoritas de Ace, enfiada na cabeça dela ao longo dos anos. Para destituir os Renegados, eles precisavam de conhecimento. E também conhecer as

fraquezas e vulnerabilidades do inimigo.

E se eles conseguissem... se *ela* conseguisse...

Não ser mais vista como parasita na sociedade. Ser temida seria tão melhor do que isso: o desprezo, o deboche, os insultos baixos de pessoas que preferiam ser manipuladas pelos ídolos a terem liberdade de viver com vontades e escolhas próprias.

Ela abriu os olhos de novo. Seria capaz mesmo? Ela teria que passar dias ou semanas ou até meses fingindo ser uma deles. Quanto tempo conseguiria sustentar esse fingimento? Quanto tempo até eles perceberem que ali não era o lugar dela?

Na arena, a multidão teve crises de gargalhada quando uma prodígio demonstrou seu poder: expandir a cabeça como um balão de hélio e flutuar alguns poucos metros acima do chão até murchar de novo.

As gargalhadas que se espalharam pelas arquibancadas eram de diversão no começo, mas logo ficaram cruéis. Nova teve nojo. Claro, a aparência da garota pode ter sido meio boba, mas algum *deles* era capaz de fazer o que ela estava fazendo? Eles acreditavam mesmo que eram melhores do que ela?

As equipes de Renegados deram suas respostas, e a palavra REJEITADA apareceu no placar. A garota foi enviada para fora do campo sob um coral de vaias.

Nova sentiu um enjoo de repulsa quando ouviu seu nome saindo dos alto-falantes.

— A seguir... Nova McLain! Codinome: *Insônia*!

Ela lançou um olhar para o teto. Não tinha que fazer isso. Ainda poderia ir embora.

Ou poderia ficar e tentar fazer alguma coisa digna. Poderia dar orgulho à família.

Ela empertigou os ombros e seguiu para o campo.



ADRIAN SE EMPERTIGOU NO ASSENTO quando uma nova prodígio entrou no centro do campo. Havia algo de familiar nela. Ela parou embaixo da faixa e das luzes ofuscantes, sem olhar para as equipes ao redor, mas para cima. Para o Conselho.

Foi a postura que chamou a sua atenção primeiro, a forma como ela se posicionava, como se estivesse se preparando para um ataque vindo de todos os

lados. Como se quisesse. O queixo projetado, a postura dos ombros, os pés plantados com firmeza no chão. Relaxada, mas pronta para a luta.

Ele arregalou os olhos. Era a garota do desfile. A da pulseira.

Ela era uma *prodígio*?

Bom. Isso podia explicar por que ela não ficou impressionada com o que ele fez.

Empurrando os óculos para cima, ele se inclinou na direção da Ruby.

— Qual foi o nome que disseram?

— Hã... — Ruby olhou para o tablet. — Nova. Nova McLain.

— Insônia — disse a voz trovejante do Luz Negra. — Pode fazer uma demonstração do seu superpoder.

Adrian puxou a cadeira para a frente e apoiou os cotovelos na mesa. Seu olhar ficou indo da garota no campo para as telas acima das arquibancadas que mostravam um close do rosto dela. Cabelo preto ondulado cortado acima dos ombros. Nariz fino, queixo pontudo e maçãs proeminentes, a careta determinada fazendo tudo parecer severo demais. Olhos azuis intensos, tão cautelosos agora quanto estavam quando ele ofereceu de ajudar a consertar o fecho quebrado da pulseira.

O microfone suspenso espalhou a voz dela quando ela respondeu:

— Infelizmente, meu superpoder não pode ser demonstrado em um campo em trinta segundos ou menos.

Uma risadinha baixa se espalhou pela multidão. Havia algo de desafiador na voz dela, tão diferente dos outros competidores, que estavam entusiasmados e às vezes desesperados para mostrar o que sabiam fazer.

— Então o descreva — disse Luz Negra. — De forma sucinta, se possível.

Ela respondeu simplesmente:

— Eu não durmo.

Adrian franziu a testa. A plateia também pareceu se impressionar com a explicação, embora, depois de um momento hesitante, houvesse algumas vaias esporádicas e vários cartazes de ZERO erguidos no ar.

— Você pode explicar melhor? — pediu Luz Negra.

Um lado da boca de Nova McLain subiu um pouco.

— Sem dúvida. — Ela limpou a garganta. — Eu não durmo... *nunca*.

Algumas gargalhadas soaram na plateia. Dois líderes de equipe clicaram em *rejeitada* nas telas do tablet, incluindo Genissa Clark.

Adrian sentiu Ruby e Oscar olhando para ele, mas manteve o olhar em Nova McLain.

Insônia.

— Agora, se vocês quiserem saber que habilidades não *superpoderosas* úteis eu tenho, posso dizer que sou adepta do combate mano a mano e de uma variedade de armas. Consigo correr um quilômetro e meio em sete minutos, saltar uma distância de cinco metros e meio com impulso, e sei muita coisa sobre física, eletrônica e fontes renováveis de energia, entre outras coisas.

Oscar soltou um assobio.

— Não sei dizer se isso foi arrogância — murmurou Ruby — ou apenas... sabe como é, sinceridade.

— As duas coisas não são mutuamente exclusivas — disse Oscar.

— Ela não dorme — observou Adrian, batendo com a caneta na mesa. — Pode ser boa pra vigilância, vocês não acham? A gente talvez possa usá-la, principalmente com Danna se recuperando.

Ruby se inclinou para a frente.

— Mas por que ela parece que precisa provar alguma coisa?

Adrian deu um sorriso irônico.

— Isso aqui são os testes dos Renegados. Todo mundo precisa provar alguma coisa.

E com um poder que não podia ser demonstrado, que não oferecia atração nenhuma, ele conseguia entender por que ela estava agindo na defensiva.

Ao perceber que a plateia estava fazendo mais barulho, Adrian olhou para as arquibancadas. Havia uma mistura maior de cartazes de ZERO e HERÓI do que para qualquer outro dos candidatos anteriores; uma plateia dividida, o que o surpreendeu. Parecia que a atitude arrogante dela estava conquistando apoio, apesar da habilidade sem graça.

Mas então ele olhou para o placar e percebeu que a equipe dele era a única que ainda não tinha respondido. Todas as outras já tinham manifestado rejeição.

Nova McLain também estava olhando para o placar, e, se estava magoada, não demonstrou. Seu rosto ficou determinado quando ela olhou para a mesa deles. Seus olhares se encontraram, e a expressão foi substituída por surpresa e reconhecimento. Ela se empertigou.

Mais uma vez, aquele leve apertar de olhos. A mesma cautela que ele se lembrava do desfile. E apesar de ela estar bem longe dele para que Adrian enxergasse com clareza, ele percebeu com um sobressalto que conseguia lembrar o tom exato dos olhos dela. Um cobalto profundo, com partículas ocasionais de cinza-escuro.

Ele engoliu em seco.

— Rabisco — disse Luz Negra, chamando Adrian pelo codinome e o fazendo pular —, você e sua equipe têm alguma pergunta a fazer antes de tomar sua decisão?

Afastando o saco de pipoca, Adrian puxou o microfone para mais perto. Nova o encarou com desafio.

— Então — disse ele, arrastando a palavra enquanto formulava os pensamentos —, quando você diz que *nunca* dorme... você quer dizer nunca, nunca *mesmo*?

Algumas risadinhas foram ouvidas na plateia. Atrás dele, Oscar murmurou:

— Bem elaborado, Shakespeare.

Nova McLain pareceu insegura, como se talvez achasse que ele estava debochando dela. Quando a plateia tinha feito silêncio de novo, ela se inclinou para a frente e repetiu:

— Nunca, nunca... *mesmo*.

Adrian se encostou na cadeira. Olhou para ela pelo campo e Nova olhou para ele, sem desviar. Uma série de justificativas estava surgindo na cabeça dele, cada uma mais lógica do que a anterior.

Um prodígio que nunca dormia podia ser valioso: para vigilância, para segurança, para a simples matemática de horas de trabalho acumuladas na força. E eles estavam sem Danna agora. Estavam desfalcados. Poderiam usar alguém com habilidade de combate. Ela disse que tinha habilidade em combate, certo?

Além do mais, ela se interessava por ciência e eletrônica, e a divisão de pesquisa e desenvolvimento estava sempre procurando ajuda, sempre iniciando novos projetos e fazendo novos estudos. Sem dúvida aproveitariam alguém assim. Sem dúvida os Renegados poderiam aproveitá-la.

Mas nem toda a lógica do mundo era capaz de sufocar a verdade que Adrian sentia nos batimentos disparados.

Havia alguma coisa nela no desfile. Ele estava olhando para ela quando Pega pegou a pulseira dela, e esse foi o único motivo para Adrian ter visto acontecer. Porque se sentiu atraído por ela naquele momento. Não por ser bonita, apesar de ele

ter reparado nisso. Mas porque havia uma impetuosidade na posição do maxilar dela que o intrigou. Uma determinação nos olhos que o deixou curioso.

— Hã, Rabisco? — sussurrou Oscar. — Se é competição de quem não pisca, você perdeu uns oito minutos atrás.

Sem olhar para os colegas, Adrian pegou o tablet. Foi o instinto e não a lógica que moveu sua mão. A certeza inexplicável que ela devia ficar ali. Com ele.

Bom... não, não com *ele*. Mas com sua equipe. E com os Renegados.

Um sino tocou. Sua resposta apareceu no placar: ACEITA.

Nova se virou e olhou para o placar, como se não acreditando, e havia desconfiança de novo quando ela olhou para Adrian.

— Tuuudo bem — disse Oscar. — Pode ir em frente com isso. A gente não devia discutir a ideia como equipe nem nada mesmo.

— Confia em mim — sussurrou Adrian. — Tenho uma sensação em relação a ela.

Do outro lado, Ruby deu uma risadinha.

— É, eu sei exatamente que tipo de sensação é essa que você tem.

Adrian se virou para ela, irritado.

— Não *assim*.

Ela ergueu uma sobrancelha sugestiva.

Uma buzina de romper os tímpanos tocou acima do barulho da plateia. Adrian deu um pulo e olhou ao redor, atordoado. Demorou um momento para ele entender o que a buzina significava.

A decisão deles estava sendo desafiada.

Algumas mesas depois, Genissa Clark se levantou, as mãos nos quadris.

Adrian gemeu e se encostou na cadeira, passando a mão pelo cabelo quase raspado.

— É sério, Clark?

— A aceitação de Insônia foi desafiada! — disse Luz Negra, gerando um rugido de euforia da plateia. Adrian olhou para Nova, mas ela estava tão sem expressão que ele se perguntou se ela sabia o que isso queria dizer.

— Ah, para com *isso* — gritou Ruby. Ela empurrou a cadeira para trás e virou a cabeça para olhar para Genissa. — Você só está protestando porque somos *nós*.

Genissa fez expressão de desprezo.

— Não seja presunçosa — gritou ela em resposta. Ela pegou o microfone e fez sua voz ser amplificada para a plateia. — Nós desafiamos a aceitação de Nova McLain com a justificativa de que não temos como validar a verdade das coisas que ela disse. Não podemos provar se ela dorme ou não, nem vimos nenhuma prova de que ela sabe sobre eletrônica ou física ou... qualquer uma das coisas que ela mencionou. Nós protestamos contra essa aceitação com a justificativa de que, pelo que vimos de Nova McLain hoje, que foi precisamente *nada*, não temos como determinar se ela é digna do título de Renegada.

Era para isso que a plateia tinha ido lá. Drama. Dúvida. Um duelo em potencial.

Adrian suspirou e tentou chamar a atenção de Nova, com expressão de desculpas, talvez, embora não tivesse certeza do motivo que tinha para pedir desculpas. Mas a atenção dela ficou grudada em Genissa. Ela não pareceu chateada. Na verdade, um brilho de empolgação parecia ter surgido no olhar dela, um brilho que Adrian tinha certeza de que não estava lá antes.

— Um desafio foi feito! — repetiu Luz Negra para quem não estivesse prestando atenção. — Insônia, para assumir seu lugar entre os Renegados, você tem que derrotar um membro da equipe desafiadora em um duelo mano a mano. Você pode escolher seu oponente. Você aceita o desafio?

— Um momento — disse Adrian, tão alto que sua própria voz explodindo no microfone o fez pular. — Geladura, escute. — Genissa virou um olhar arrogante para ele, uma sobranceira erguida. — Sei que podemos usar habilidades como as dela, tanto na minha equipe quanto na organização dos Renegados. Peço respeitosamente que você retire o seu desafio.

Genissa riu.

— Tenho uma novidade para você, Everhart. O resto de nós também não dorme durante dezesseis horas do dia. Não é exatamente um *superpoder*, e, além do mais, como a gente pode ter certeza de que ela está falando a verdade?

— Por que ela mentiria? — perguntou ele, sua voz ecoando pelo estádio.

— Porque ela quer ser uma de nós — respondeu Genissa. — Porque *todos* eles querem ser um de nós.

— Então por que ela não inventaria um *superpoder* mais... — Adrian estalou os dedos no ar — ... *super*? Por que não...

— Eu aceito o desafio.

A atenção de Adrian voltou para o campo. Nova estava parada com as mãos unidas nas costas, o queixo erguido enquanto encarava Geladura.

— Eu aceito o duelo.

Com um sorrisinho superior, Genissa Clark empurrou a cadeira para longe da mesa, cristais de gelo já se formando nos nós dos dedos.

— Não com você.

Genissa parou.

Nova apontou o dedo para a figura enorme atrás da mesa de Genissa, grande demais para se sentar com os colegas, o corpo muito pesado para as cadeiras dobráveis. Ele se adiantou, e as luzes fortes da arena se refletiram nas pedras ásperas implantadas nos braços gigantesco.

O queixo de Adrian caiu.

Ao lado dele, Oscar engasgou com a bebida.

— Ela é maluca?

No campo, Nova virou a mão e fechou os dedos, fazendo sinal para a besta se aproximar.

— Vou lutar com o Gárgula.

CAPÍTULO QUATORZE



EVERHART.
Geladura o chamou de Everhart, e no período de um único batimento, Nova se deu conta de por que ele pareceu tão familiar para ela no desfile.

Ele era Adrian Everhart. Filho da Lady Indomável, uma das Renegadas originais, e filho adotivo de ninguém menos que o Capitão Cromo com o Guardião Terror. Sentiu-se idiota por não ter percebido antes. Já tinha visto o rosto dele em várias capas de tabloides, espalhados pelas bancas de jornal por toda a cidade, e apesar de preferir queimar esses jornais a ler um, ela devia ter percebido. Mesmo sendo nova demais para se importar quando a adoção saiu na primeira página. Mesmo acreditando que a idolatria do público pela família dele era um dos maiores problemas da sociedade naquela época e de ela se recusar a participar da obsessão da imprensa por eles.

Ele era filho dos inimigos dela, e ela devia ter sabido.

Mas compensaria essa ignorância agora. Ela tinha sido aceita por uma equipe de Renegados. Pela equipe *dele*, e se fosse haver alguma oportunidade de ela se infiltrar pelo grupo e descobrir mais sobre o Conselho e as fraquezas deles, sem dúvida era aquela.

Mas... uma coisa de cada vez.

A plateia estava histérica quando o Gárgula entrou no campo, mas estava abafada aos ouvidos de Nova. Na cabeça, ela ainda ouvia os gritos de Mel quando o Gárgula destruiu suas colmeias. Ela ainda via o jeito como ele sorriu ao fazer aquilo.

Gárgula estava flexionando sistematicamente os bíceps quando se aproximou, cada um mais grosso do que a cabeça de Nova. Os pedaços de pedra na pele exposta se moviam e ondulavam junto com os músculos flexionados.

Um leve sorriso surgiu nos cantos dos lábios dela.

Sabia que gostaria daquilo.

As regras foram explicadas pelos alto-falantes. Nova não precisava derrubá-lo nem deixá-lo inconsciente, o que era bom, pois ela não revelaria seu verdadeiro poder nem deixaria clara sua ligação com a Pesadela em território Renegado. Por sorte, não precisava de contato direto para derrotá-lo. Só precisava fazer com que ele tocasse no chão fora da arena.

E tentar não ser esmagada pelo monstro até lá.

— Os competidores entendem seus objetivos? — perguntou Luz Negra, apesar de os gritos da plateia serem tão ensurdecedores que Nova quase não conseguiu ouvir.

Ela levantou a mão no ar.

— Posso usar uma arma?

A pergunta ecoou pela arena e aquietou momentaneamente a plateia. Ela baixou a mão de novo.

— Nós não pudemos trazer armas de não prodígio hoje, mas como minha alegação de ter habilidade com várias armas é parte do que está sendo desafiado parece justo que eu tenha alguma coisa com que me defender.

Luz Negra olhou para o resto do Conselho. Aquela devia ser uma pergunta que nunca tinha surgido. Ele se virou novamente para o microfone e limpou a garganta.

— Gárgula, como oponente dela, você pode escolher aceitar ou recusar o pedido.

Gárgula abriu bem as mãos. A envergadura dos braços era do tamanho de um carro.

— Por que não? Não vai fazer diferença.

— O que você quer? — gritou Geladura. — Eu mesma faço.

Nova remexeu os ombros e os pulsos, soltando as juntas.

— Uma faca.

Geladura deu um sorrisinho debochado.

— Só isso?

— Só isso.

Geladura juntou os dedos no ar e os moveu para baixo. Uma adaga clara como cristal apareceu, com vinte centímetros de comprimento, o cabo e a lâmina feitos de gelo cintilante. Ela riu e jogou a faca para Nova, que a pegou sem hesitar. O gelo estava tão frio que queimou. Nova jogou a faca de uma das mãos para a outra, dando tempo à pele para se ajustar.

— Foi uma escolha ruim — disse Geladura, se sentando na cadeira entre os colegas de equipe e apoiando os pés na mesa. — Não vai nem penetrar na pele dele.

Nova retribuiu o sorriso e girou a lâmina nos dedos enquanto ia assumir seu lugar. À frente dela, o Gárgula era muito intimidante, os músculos virando pedra e voltando a serem músculos. Até os dentes, quando ele sorria, pareciam cortados de pedra cinza.

A buzina tocou e se espalhou acima do burburinho da plateia.

Gárgula se adiantou. O chão embaixo dele se abriu e rachou por causa da pressão dos passos, e nuvens de terra subiram atrás dele. Ele puxou um braço para trás, e Nova viu do cotovelo aos nós dos dedos endurecerem em pedra com manchas pretas.

Nova fintou para a esquerda. Ele mordeu a isca e atacou enquanto ela se virava e mergulhava para rolar por baixo do outro braço dele. Ela se levantou e estava se virando para olhar para ele quando um aríete acertou a lateral do crânio dela.

Ela ficou momentaneamente sem peso.

Seu corpo bateu na terra dura com uma reverberação que sacudiu seu esqueleto inteiro. Estrelas piscaram nos olhos dela. Gemendo, Nova piscou para a faixa de papel oscilando acima e ouviu os gritos da multidão e os baques dos passos do Gárgula indo para cima dela.

— Certo — murmurou ela depois que a cabeça parou de ecoar como um sino de bronze. — Não vou voltar a cometer esse erro.

Uma sombra eclipsou as luzes fortes da arena. Ela sorriu docemente para o Gárgula e levantou a mão.

— Pode ajudar uma dama a se levantar?

Rosnando, Gárgula se inclinou e segurou a camisa dela com o punho de pedra, levantando-a do chão.

— Todo super-herói deseja poder voar, né? — disse ele, repuxando os lábios e revelando uma série de dentes lascados. — Bom, querida, você vai ter esse prazer

agora. — Ele puxou o braço para trás, se preparando para jogar o corpo dela para fora do campo.

Antes que ele tivesse essa chance, Nova ergueu os pés, passou os tornozelos em volta do bíceps dele e travou as pernas. Quando o Gárgula tentou jogá-la longe, ela ficou agarrada. Ele rosnou e começou a sacudir o braço, como quem tenta se livrar de uma aranha teimosa.

A plateia explodiu em gargalhadas.

Ele moveu a outra mão para soltar as pernas dela, e Nova se balançou para a frente e enfiou a ponta da lâmina de gelo na palma da mão dele.

O gelo se estilhaçou, deixando só o cabo com um pedaço curto e quebrado.

Ele deu um sorriso irônico.

— Você achou mesmo...

Nova soltou os tornozelos, caiu no chão e passou a parte quebrada da lâmina na perna dele, em um pedaço de pele que ainda não tinha se transformado em pedra.

Gárgula berrou e deu um chute por instinto, acertando Nova no peito. Ela caiu de costas, junto da beirada do campo.

Esfregando o peito com a mão livre, ela rolou de lado e ficou de pé. Avaliou suas opções enquanto o Gárgula, bufando de raiva renovada e talvez de constrangimento, se preparou para atacar de novo.

Ela lambeu os lábios. Flexionou os dedos em volta do cabo da faca e a prendeu na cintura da calça, ignorando a queimadura do gelo na pele.

Ela se preparou... de novo.

O Gárgula correu.

Nova também correu. Correu de frente, direto para cima do oponente.

Um momento antes de eles colidirem, Nova deu um salto. Ela caiu com os pés nos ombros do Gárgula e usou o impulso para saltar para um dos pilares dentro do círculo. Seus braços e pernas se fecharam em volta do poste, e ela começou a subir.

Abaixo, ela ouviu a voz grave e provocadora do Gárgula, dizendo alguma coisa sobre a garotinha que estava fugindo, mas Nova não se importava com o que ele achava que ela estava fazendo.

Ao chegar ao alto do pilar, ela pegou o cabo da faca gelada nas costas e cortou as cordas que seguravam a faixa de papel acima do campo. A beirada ainda estava afiada,

e as cordas se partiram com facilidade. A ponta da faixa mais perto dela caiu no chão.

Alguma coisa se estilhaçou embaixo dela. A coluna tremeu. Nova olhou para baixo quando Gárgula deu um segundo soco na coluna, gerando uma rachadura profunda na viga de madeira.

A coluna começou a quebrar e se inclinar para o centro do campo.

Nova pulou e rolou quando caiu no chão. Pegou a ponta da faixa e se levantou. Girando para encarar o oponente, ela ergueu a lâmina e a jogou. A faca rodopiou no ar em um arco perfeito na direção do peito do Gárgula.

Ele a bloqueou com o braço. O que restava da faca se estilhaçou em cem pedacinhos de gelo.

A gargalhada dele ribombou pela arena, seguida dos milhares de estranhos na plateia.

— Qual é seu plano agora? — perguntou Gárgula. — Me estrangular com um pedaço de papel?

Nova fez uma careta. Queria que ele ficasse com raiva, não que achasse graça. Precisava que a atacasse, e desta vez com sentimento. Mas o Gárgula se virou para a plateia e começou a agitá-la ainda mais, soltando piadas sobre a garotinha que perdeu a faquinha.

Nova olhou em volta para procurar outra coisa que pudesse usar.

Encontrou Adrian Everhart.

Ele estava de pé atrás da mesa da equipe, as mãos apoiadas na toalha, os dedos batucando com ansiedade enquanto assistia ao duelo. Ele a encarou com uma intensidade que não tinha no desfile.

A pulsação dela acelerou.

Ela lambeu os lábios e avaliou a variedade aleatória de objetos espalhados na mesa dele.

Ela apontou.

— Aquilo.

Adrian olhou para baixo e levantou as mãos como se achasse que estavam escondendo alguma coisa.

— O canhão!

Inseguro, Adrian pegou o pequeno canhão.

Enrolando o antebraço na faixa e torcendo muito para que fosse forte o suficiente para aguentar seu peso, Nova começou a correr.

Gárgula se virou, curioso, quando Nova deu uma volta inteira no campo, um salto e subiu mais um pouco na faixa. Gárgula se abaixou quando ela chegou perto dele, mas ela não estava se preparando para um ataque. Nova bateu com os dois pés nos ombros dele com força e usou o impulso para se lançar para fora do campo.

— Agora!

Adrian jogou o canhão em miniatura para ela quando Nova passou voando pela mesa deles. Ela o pegou com a mão livre e escorregou pela faixa para pular novamente no campo.

A gargalhada do Gárgula explodiu pela arena.

— O que essa coisa dispara, bolas de gude? Ah, estou morrendo de medo! Por favor, não me machuque!

A multidão gritou em resposta.

Agachada no centro do campo, a faixa presa em uma das mãos e o canhão na outra, Nova sorriu.

— Se você é tão corajoso, por que não chega mais perto pra descobrir?

Gárgula balançou a cabeça com um sorrisinho.

— Cuidado com o que deseja.

Ele saiu correndo para cima dela.

Nova correu para trás com a faixa flutuando ao lado.

No último momento, jogou o canhão entre eles. Rolou no caminho do Gárgula, diretamente para baixo de um dos pés grandes. Ele pisou em cima e as rodas giraram, desequilibrando-o. Deu um gritinho. Uma das mãos se moveu na direção de Nova quando ele caiu, e ela saiu do alcance dele. Girando para o lado, ergueu a faixa no alto.

Gárgula bateu no papel como um touro ferido, e Nova pulou nas suas costas e enrolou o papel na cabeça dele para cegá-lo. A outra metade da faixa foi arrancada da segunda coluna, e o Gárgula tropeçou e caiu, e o impulso o jogou rolando de lado. Ele caiu a centímetros da beirada do campo enquanto as mãos enormes tentavam soltar a venda de papel.

Nova pulou na montanha do peito dele e pegou uma das mãos. A mão se afastou do rosto segurando uma bola de papel amassado. Confuso e desorientado, o olho

que aparecia olhava com raiva para Nova quando ela usou todo o peso do corpo para forçar a mão dele na grama falsa ao lado.

A buzina tocou.

Gárgula levantou a mão como se a grama o tivesse queimado. Ele se sentou e jogou Nova no chão. Ela caiu com um grunhido de lado, bem fora do campo, mas não se importou. Já estava rindo quando olhou para o gigante, que estava olhando com consternação para a marca da própria mão na grama.

— Pedra, papel ou tesoura — disse ela, se levantando e limpando a calça. — Papel ganha da pedra.

Ela passou por ele, ignorando a Geladura e sua equipe e olhando para Adrian Everhart. O garoto do desfile. O que tinha consertado a pulseira.

Ele sustentou o olhar dela quando ela se aproximou, e o jeito como a olhou fez a vitória parecer nova e inexplicavelmente real. Não foi totalmente uma expressão de choque, apesar de haver um pouco disso. Mas havia algo de perplexo e impressionado, e orgulhoso também, e isso fez seu coração crescer.

Ela tinha sido desafiada por um Renegado, nos *testes*, e venceu.

Mas antes de chegar à mesa ela foi atacada dos dois lados. Dois pares de braços a envolveram, e uma pessoa gritou no ouvido dela.

Instintivamente, Nova se jogou no chão, segurou os tornozelos das pessoas e puxou para cima.

Os dois Renegados bateram no chão com força. O garoto gemeu de forma lastimável. A garota ficou olhando boquiaberta para o teto da arena, a boca se abrindo e fechando, trêmula, com ela tentando recuperar o ar.

Nova rosnou ao reconhecer o Cortina de Fumaça e a Assassina Vermelha. Não tinha armas para se defender dos dois, mas viu a pedra de rubi presa no pulso da Assassina Vermelha e tentou pegar, considerando dez jeitos diferentes com que poderia usar em sua vantagem...

— Opa, opa, opa!

Nova parou de mexer a mão. Levantou a cabeça. Adrian Everhart pulou por cima da mesa e se aproximou dela com as mãos erguidas, uma caneta de ponta fina entre os dedos.

— Eles estão comigo... conosco — disse ele ao mesmo tempo que sua preocupação abria espaço para aquele sorriso meio perplexo e meio cativante. — São da sua

equipe.

Piscando, Nova olhou para baixo de novo. A Assassina Vermelha tinha conseguido se sentar, enquanto o Cortina de Fumaça grunhia:

– É um prazer conhecer você.

– Eu acho – ofegou a Assassina Vermelha, olhando para Nova, impressionada – que vamos nos dar muito bem.

Nova engoliu em seco.

– Está vendo. Eles são legais. Você é legal. Todo mundo é legal – disse Adrian.

– O Gárgula não é legal – observou o Cortina de Fumaça, massageando o quadril.

– Não estou preocupado com o Gárgula. – Adrian abriu a caneta, se agachou para estar na altura da Nova e começou a desenhar uma coisa na camisa dela, por cima do coração disparado. Ela se encolheu com o toque inesperado, mas, se ele reparou, fingiu que não.

Quando terminou, ele fechou a caneta e se levantou.

Nova olhou para o broche vermelho no peito. O *R* familiar, icônico e odioso.

– Sou Adrian – disse ele, esticando a mão. Um Renegado. Esticando a mão... *para ela.*

Nova se preparou, segurou a mão dele e permitiu que ele a ajudasse a se levantar. O aperto era firme, mas a expressão era calorosa e gentil, os olhos escuros concentrados nela por trás dos óculos de aros grossos. O caos da arena ficou mais baixo e distante. O mundo todo pareceu encolher para aquele bolsão de espaço, onde Nova sentia só a pressão da palma da mão dele, sem medo do toque da pele dela. Onde ela só conseguia ver aquele sorriso simpático e sem reservas. Onde ouvia não os cantos e gritos da plateia, mas somente a voz dele, as palavras dele.

– Bem-vinda aos Renegados.

CAPÍTULO QUINZE



ADRIAN ACORDOU CEDO, E toda a sensação de cansaço desapareceu assim que ele abriu os olhos. Não se considerava uma pessoa matinal, mas ao se sentar na cama sentiu-se recarregado de energia. Como se o dia à frente estivesse transbordando potencial.

Não só por causa dos testes. Não só porque eles tinham um membro novo na equipe a partir de hoje, uma pessoa que ele tinha quase certeza de que quase todas as outras equipes no campo tinham se arrependido de rejeitar no momento que ela derrotou o Gárgula.

Mas, mais do que isso, eles tinham uma pista nova no caso da Pesadelo.

Na noite anterior, ele ouviu seus pais conversando sobre a arma que Ruby pegou durante a briga no telhado. O departamento de investigações a tinha rastreado até o vendedor de armas que comprou e vendeu muitas armas durante a Era da Anarquia, um homem chamado Gene Cronin, que usava o codinome de Bibliotecário. Não era um nome muito original, pois ele tinha mesmo gerenciado uma biblioteca pública durante a Era da Anarquia, e ainda fazia isso.

Adrian tinha certeza de que escolheriam alguém para investigar Cronin em breve, talvez até hoje, e estava determinado a pegar a missão com sua equipe. Afinal, eles tinham um membro novo na equipe. Um prodígio que não dormia. Era a equipe de vigilância dos sonhos.

De uma forma estranha, parecia quase predeterminado.

Além disso, ele tinha finalmente aperfeiçoado o conceito da tatuagem nova e o novo poder do Sentinela, e (Adrian verificou o comunicador no pulso e viu que não eram nem cinco horas da manhã ainda) com mais de três horas até ter que sair para o quartel-general, até tinha tempo de fazer a tatuagem naquela manhã.

Ele subiu para fazer uma garrafa de café, apesar de sentir que não precisava, e para ver se os pais ainda dormiam. Parou no saguão, ouvindo os estalos da casa. Tudo estava imóvel e escuro.

Eles também não eram pessoas matinais.

Dez minutos depois, voltou para o porão convertido com uma caneca de café na mão. O porão era dividido em dois aposentos: no primeiro ficavam a sua cama, um sofá, uma estante cheia de cadernos de desenho velhos e quadrinhos e uma pequena televisão com uma variedade de jogos de videogame. O segundo aposento ele considerava seu ateliê de arte, apesar de chamar assim fazer o ambiente parecer bem mais legal do que era. Resumia-se basicamente a um cavalete, uma escrivaninha barata e o piso coberto de trapos sujos de tinta velha.

Tudo de que precisava estava na gaveta de baixo da escrivaninha. Ele se sentou na cadeira de rodinhas e começou a arrumar o material.

Álcool e bolas de algodão. Ataduras. O pote de tinta de tatuagem que ele tinha comprado em uma loja cheia de incenso no final do bairro Henbane, onde ficava guardado entre uma planta e um narguilé.

Ele colocou o braço direito em cima da escrivaninha com a palma virada para cima e usou os dedos da outra mão para medir o tamanho do cilindro que faria. Oito centímetros, talvez dez, na metade do antebraço, entre o pulso e o cotovelo. Em uma ponta, ele incluiria um símbolo de alvo. Básico, simples, eficiente.

Essa era a intenção, pelo menos. Tinha conseguido fazer o zíper funcionar, então aquela devia ser fácil. Ele foi bastante cuidadoso com o zíper, concentrando-se em desenhar a armadura precisa que queria, até os mínimos detalhes, sem permitir que o foco se desviasse enquanto ele desenhava a tatuagem na pele.

Cuidado. Ele tinha aprendido muito novo que era o mais importante no que dizia respeito à habilidade dele. Não talento. Não a execução. O cuidado.

Se o zíper era capaz de esconder uma armadura inteira, o cilindro poderia produzir um fluxo regular de raios de energia.

Fácil.

Adrian molhou uma bola de algodão no álcool e limpou a pele do antebraço. Depois que secou, ele desenhou o símbolo com uma caneta de tinta azul. Foi um processo mais lento do que as primeiras tatuagens, por ter que desenhar com a mão não dominante desta vez; mas, quando terminou, estava precisamente como ele queria.

Ele ficou tão nervoso na primeira vez, na primeira tatuagem. Seu cérebro havia fornecido constantemente inúmeros avisos práticos sobre doenças transmissíveis por agulhas, sem mencionar a dor que sabia acompanhar uma tatuagem feita em si mesmo. Apesar de todos os ferimentos e incidentes que eram parte de ser um Renegado, ele não gostava de dor quando era, rigorosamente falando, desnecessária.

Mas primeiro testou seu talento na casca de uma laranja, antes de reunir coragem de fazer em si mesmo.

A chama foi a primeira. Apesar de pequena, demorou mais de uma hora para ficar pronta.

Depois foram as molas nas solas dos pés, e *essas* doeram. Mas trincou os dentes e aguentou, e na primeira vez que pulou dois andares no ar, ele soube que tinha valido a pena.

Só depois do sucesso das molas foi que ele teve a ideia do Sentinela. Foi inspirado em um personagem fictício que tinha criado aos onze anos, quando ainda tinha o sonho de desenhar quadrinhos para ganhar a vida, o que na época era mais interessante para ele do que ser um Renegado. Ele fez três edições inteiras de um gibi que chamou de *Rebelde Z*, um que nunca tinha mostrado para ninguém. Na história, vinte e seis garotos de rua eram sequestrados e forçados a se tornarem experimentos científicos de um maluco. Os primeiros vinte e cinco morreram como resultado dos experimentos, mas o último garoto, conhecido apenas como Z, se tornou um super-herói com vários superpoderes impressionantes. No segundo volume, ele obteve uma armadura. No terceiro, começou a se chamar de Sentinela e se tornou um justiceiro determinado a destruir o maluco e qualquer pessoa que o ajudasse a tirar vantagem de tantas crianças inocentes.

Depois disso, Adrian se cansou da história e parou de fazer gibis. Nunca chegou a fazer Z executar sua vingança, mas se viu pensando no personagem várias vezes, mesmo com o passar dos anos. Um justiceiro com uma missão, um alter ego e um poder incontrolável. Um super-herói em todos os sentidos da palavra.

Quando teve a ideia da tatuagem de zíper, a tentação foi impossível de resistir. Não tinha pensado em se afastar dos códigos dos Renegados na época. Na verdade, ficou animado para contar aos pais e aos amigos sobre o Sentinela depois que soubesse que funcionava. Sua intenção era se revelar após o desfile.

Mas então o desfile aconteceu. Danna ficou ferida. A Pesadelo escapou. E de repente, ele percebeu o apelo de manter uma identidade secreta... bem, secreta.

Não seria para sempre. Quando tivesse certeza de que era capaz de controlar todos os poderes do Sentinela, ele se revelaria. Ou talvez esperasse até ter encontrado e capturado a Pesadelo. Ou até ter descoberto a ligação dela com o assassino da sua mãe e o levado à justiça também.

Assim como o Rebelde Z: quando sua missão estivesse completada, ele se revelaria. Até lá, o Sentinela tinha trabalho a fazer.

Adrian espalhou o material, encheu um prato raso com tinta preta e acendeu uma vela. Passou uma nova bola de algodão molhada de álcool na pele, o que fez a tinta azul se apagar um pouco, e secou a região com uma toalha limpa.

Finalmente, esterilizou a agulha, uma agulha comum que tinha encontrado em uma caixa de costura esquecida em um armário na lavanderia, passando a ponta pela chama.

Adrian flexionou o antebraço, molhou a agulha na tinta e começou a trabalhar.

A primeira picada era sempre a pior. Aquele momento em que ele se perguntava mais uma vez se não era uma ideia ruim estar fazendo aquilo.

Mas as dúvidas passavam cada vez mais rápido.

Ele logo caiu em um ritmo regular. Curvado sobre a mesa, vendo os dedos progredirem nas linhas azuis. Agulha entrando, agulha saindo. Parando ocasionalmente para limpar gotinhas de sangue com um pano limpo. Mil furinhos na pele conforme os segundos e minutos viravam horas. Em determinado ponto, ele ouviu os estalos reveladores nas tábuas do piso acima comunicando que tinha alguém na cozinha, mas os ignorou. Seus pais sempre o deixavam em paz quando ele estava no quarto e, além do mais, deviam achar que ele ainda estava dormindo.

Quando terminou, Adrian botou a agulha na mesa, esticou o pescoço, deu alguns estalos satisfatórios e estendeu o braço para admirar o trabalho. Dolorido, definido e permanente.

Ele guardou o material de volta na gaveta e seguiu para o banheiro no andar de cima para lavar e fazer um curativo na pele. Tinha acabado de puxar a manga comprida da camisa quando ouviu Simon o chamando.

– O quê? – perguntou ele, entrando na cozinha.

Simon estava na frente de uma frigideira que chiava com bacon dentro, enquanto Hugh se encontrava na frente da bancada, separando o conteúdo de uma pilha de correspondência.

– Achei que tinha ouvido você acordar – disse Simon, indicando um prato cheio de melão, morango e bolinhos. – Coma alguma coisa.

Adrian olhou para o prato.

– Sêrio?

– Sêrio – respondeu Simon, olhando para ele com severidade, embora Adrian soubesse que era só porque ele estava se sentindo culpado pela ideia de que um café da manhã caseiro fosse digno de confiança. – Vamos começar uma nova tradição familiar. Café da manhã juntos uma vez por semana. Agora, pega um pouco de bacon e se senta.

Adrian segurou um sorriso e obedeceu. Hugh e Simon gostavam de iniciar novas tradições familiares quase todos os meses, e ao longo dos anos tinham feito de tudo, desde noites de jogos de tabuleiro às sextas a piqueniques de verão no parque e um período curto em que todos concordaram em ir correr juntos às seis da manhã todos os dias, que durou exatamente um dia. Adrian sabia que era o jeito deles de *tentar*, como se depois de todos aqueles anos seus pais ainda não estivessem convencidos de que os três eram mesmo uma família.

Assim, Adrian, que amava seus pais, os homens que o acolheram sem pensar duas vezes depois que a mãe morreu, aceitou quatro fatias de bacon e se sentou em frente à bancada.

– Essa nova tradição familiar tem suco de laranja fresco?

– Não force a barra – avisou Simon, preparando um prato para si.

– E então – disse Hugh, colocando uma pilha de propaganda que chegou pelo correio na lixeira. O Conselho ficava dizendo que iniciaria um programa de reciclagem por toda a cidade qualquer dia, mas, como tantos dos planos deles, este ainda não tinha se tornado realidade. – Está ansioso para o primeiro dia da sua nova companheira de equipe?

Adrian piscou. Estava tão concentrado na tatuagem que tinha quase se esquecido de Nova McLain.

Quase.

— Ah, sim — disse ele, abrindo o bolinho e passando manteiga. — Acho que estamos todos animados com ela.

Simon balançou a cabeça.

— Quando ela escolheu lutar contra o Gárgula, eu achei que ela estava louca. Mas fiquei impressionado com a forma como ela lidou com tudo. Precisamos de pessoas que consigam ser engenhosas assim, que consigam pensar rápido durante uma alteração.

Adrian deu um sorriso irônico pelo termo *alteração*. Em algum momento, seus pais tinham parado de falar como super-heróis e começado a falar como chefes de polícia, e ele não tinha muita certeza de quando tinha acontecido.

— Só espero que vocês todos trabalhem bem juntos — disse Hugh, rasgando um envelope. — Química é uma coisa importante em uma equipe. E vocês todos parecem estar em sintonia. Espero que ela se encaixe bem.

— Se não acontecer — disse Simon —, vamos conseguir encontrar outro lugar para ela. Ela foi uma boa escolha, Adrian. Não sei bem o que fez você a aceitar, mas acho que ninguém vai questionar se ela merece ou não ser uma Renegada depois do que ela demonstrou. — Ele esticou a mão por cima da mesa, empurrou a pilha de cartas para o lado e colocou um prato de comida no lugar. — Hugh. Come.

Hugh olhou para baixo, momentaneamente surpreso, pegou uma tira de bacon e mordeu metade.

— Por curiosidade — continuou Simon, passando manteiga no pão —, o que fez você a escolher? Achei que não estivesse procurando mais ninguém para a equipe.

Adrian deu uma grande mordida e se deu conta logo em seguida de que podia ter sido uma tentativa subconsciente de ganhar um pouco de tempo antes de responder. Tomou um gole do café frio e deu de ombros.

— Intuição, eu acho.

— Intuição — repetiu Hugh, assentindo, como se Adrian tivesse falado com grande sabedoria. — É importante ouvir esses sentimentos quando os temos. Uma intuição forte pode salvar vidas, principalmente na nossa linha de trabalho.

Adrian colocou a caneca na mesa.

— Certo. Quanto a isso... como está indo a investigação sobre a Pesadelo?

Simon pegou o prato e contornou a bancada para se sentar ao lado de Adrian.

— Você ainda está preocupado com ela?

— Preocupado de haver uma pretensa assassina pela nossa cidade e de não termos a menor ideia do que ela é capaz e nem de que tipo de conexões ela pode ter? Um pouco, sim.

Simon olhou para ele contrariado.

— Talvez tenhamos obtido uma pista promissora ontem, na verdade. Vamos pesquisar mais hoje à tarde.

— A arma? — perguntou Adrian, fingindo indiferença. — A que está ligada a Gene Cronin?

Hugh ergueu o olhar.

— Você andou xeretando.

— Eu vim buscar um lanche. Se era segredo, vocês não deviam falar sobre isso na sala de jantar.

Hugh e Simon trocaram olhares.

— É — disse Simon. — Não temos certeza se o Bibliotecário vendeu a arma para ela, mas vamos investigar.

— Vocês vão interrogá-lo?

— Não imediatamente — respondeu Hugh. — Se ele ainda estiver envolvido com o comércio de armas ilegais, abordá-lo cedo demais e sem provas suficientes pode colocá-lo em alerta. Pode fazê-lo parar qualquer negociação na qual esteja envolvido.

— Aquela arma não é considerada prova suficiente?

Simon balançou a cabeça.

— Pode ter percorrido círculos criminosos nos últimos dez anos. Até essa arma cair na nossa mão, não tivemos motivo para acreditar que Gene Cronin ainda estivesse envolvido com tráfico. Até onde sabemos, o Cartel Vândalo se desfez depois que a maior parte dos membros foi morta na Batalha de Gatlon, e Gene Cronin não exibiu sinais de participar de atividades ilegais desde então. A arma pode ter passado por várias mãos até chegar a Pesadelo.

— Mas você não acha que seja isso — sugeriu Adrian. — Você acha que ele ainda está vendendo, não é?

Hugh deu um sorriso fraco.

— Nós achamos que vale a pena dar uma olhada.

— Acho que vamos começar com vigilância à biblioteca dele — disse Simon. — Ele é recluso, e se ainda estiver trabalhando no mercado clandestino, há boas chances de que os negócios estejam acontecendo lá. Vamos observar o lugar por um tempo, ver se há indicação de atividade ilegal.

— Mas isso pode levar dias... semanas, até. Por que não entram e fazem uma busca no lugar?

— Sem prova significativa de que ele tenha cometido um crime? — perguntou Simon, parecendo ofendido com a ideia.

— Ah, para com isso — desdenhou Adrian. — Ele é vendedor de armas. É criminoso. Por que defendê-lo?

— Ele *foi* criminoso — disse Hugh —, em uma época diferente, em uma sociedade diferente. Se começássemos a punir todo mundo por crimes cometidos uma década atrás, não sobraria ninguém a defender nesta cidade.

— Nós ainda estamos nos recuperando da Era da Anarquia — acrescentou Simon. — A autoridade do código protege os direitos e a privacidade de todo mundo, até os que já estiveram envolvidos com gangues de vilões. Como vamos poder esperar que as pessoas mudem se não dermos oportunidade disso?

Adrian fez cara feia, ainda não convencido. Ele achava que ter uma arma que podia ser ligada a Gene Cronin era motivo suficiente para revistar a biblioteca, mas percebeu que não chegaria a lugar nenhum com aquele argumento.

— Vocês escolheram a equipe pra vigilância?

— Não, mas provavelmente vamos usar...

— Nós nos voluntariamos.

Simon hesitou, o garfo a caminho da boca, um morango espetado.

— O quê?

— Adrian... — começou Hugh.

— Não digam não — insistiu ele, o olhar indo de um ao outro. — Só escutem. Queremos estar envolvidos na investigação da Pesadelo, e esse seria um jeito fácil de fazermos isso. Mais ninguém vai querer passar a noite sentado em frente a uma biblioteca pública, esperando que alguma coisa interessante aconteça. E nós vamos ter a garota nova. Ela nem precisa dormir.

Simon franziu a testa, pensativo, e Adrian viu que isso pelo menos parecia ter dado algum mérito para ele.

— Por que você está tão interessado no caso da Pesadelo? — perguntou Hugh, jogando outra pilha de cartas no lixo.

— Minha equipe já a enfrentou duas vezes — disse Adrian. — Está começando a parecer pessoal. Além do mais... ela atacou *você*.

Hugh deu uma risada debochada, e Adrian não sabia se foi só fachada ou se ele realmente achava que o ataque da Pesadelo não era digno de preocupação.

— Estou falando sério, pai. Caso você não tenha reparado, ela quase te matou.

Um músculo se contraiu no maxilar do Hugh.

— E ela derrubou Tamaya com... uma rede de pesca — prosseguiu Adrian. — Sem mencionar que foi parcialmente responsável pelos ferimentos da Monarca e que conseguiu fugir de Oscar e de Ruby e — ele inspirou fundo e girou a mão no ar em um gesto que esperava que demonstrasse uma certa indiferença — daquele tal de Sentinela. O poder dela pode não parecer grande coisa, mas ela é uma ameaça. Não podemos subestimá-la de novo.

— Não estamos subestimando — declarou Simon. — Estamos levando a tentativa de assassinato muito a sério. Tão a sério, na verdade, que seria irresponsável enviar uma unidade de patrulha de rua inexperiente para fazer um serviço investigativo.

Adrian ficou tenso e o calor subiu às suas bochechas.

— Durante o último ano, acho que nossa equipe mais do que provou a capacidade de lidar com qualquer tarefa designada a nós.

— Exceto as duas vezes em que a Pesadelo escapou, né? — apontou Simon.

Adrian fez cara feia.

— Golpe baixo, pai.

A expressão de Simon se suavizou.

— Olha, não estamos dizendo que achamos que vocês não são capazes de lidar com isso. Na verdade, preferimos manter vocês na patrulha de rua, onde suas habilidades são usadas verdadeiramente para a vantagem de todos. Você sabia que as taxas de crimes aumentaram oito por cento nos últimos quinze dias? Precisamos botar todas as unidades que pudermos nas ruas.

— E quanto um cara como Gene Cronin estaria participando dessas taxas? — questionou Adrian, se obrigando a falar devagar, a parecer racional. — Se ele estiver

mesmo vendendo armas ilegais para criminosos, o quanto não melhoraria com a captura desse cara?

— E, para isso — disse Hugh —, vamos enviar uma equipe investigativa.

Adrian suspirou com frustração.

— Parem com isso, escolham a gente. Por favor.

— Adrian, que importância tem? — perguntou Simon. — Você mesmo disse, ninguém quer ficar olhando uma biblioteca a noite toda se puder estar por aí ajudando gente.

— É que eu quero ser parte disso — declarou Adrian, perdendo a batalha para manter a voz firme. — Porque quero encontrar a Pesadelo.

Simon puxou o corpo para trás e inclinou a cabeça para o lado, e Adrian reparou pela primeira vez como a barba dele estava grande e desgrenhada. Ele olhou para Hugh e viu que o cabelo dele estava precisando de um corte, o rosto precisando ser barbeado.

Quando foi a última vez que os dois tiraram um dia para relaxar? Para *viver*? Era sempre o Conselho, a cidade, os Renegados. Adrian só podia imaginar a pressão que eles sofriam, junto com o restante do Conselho. O mundo todo procurava orientação e proteção deles, além de segurança e estabilidade e justiça.

Ele suspirou e passou o garfo pelas migalhas que tinham caído do bolinho.

— Oscar disse que ouviu uma coisa durante a luta no telhado — inventou ele, torcendo para que os dois jamais se dessem o trabalho de verificar a mentira. — Ela falou... *quem não tem medo não pode ser corajoso*.

Ele não precisou olhar para os pais para sentir a mudança no clima. Hugh inspirou fundo. Simon se afastou da bancada e se encostou no banco.

Hugh batucou com os dedos na mesa.

— Você não acha que a Pesadelo teve ligação com a morte dela, acha? Pelo que percebi, ela é jovem demais para estar envolvida.

— Não, eu sei que é — insistiu Adrian. — Mas e se ela conhecer quem foi? E se a pessoa ainda estiver viva?

— Pode ser coincidência — disse Simon.

— Ou não — contrapôs Adrian.

Simon apertou o ponto entre as sobrancelhas grossas, onde sempre massageava quando estava refletindo.

— Cartas como a que foi encontrada em Georgia também foram encontradas em incontáveis corpos durante a Era da Anarquia. Talvez a Pesadelo tenha lido sobre elas em algum lugar e... esteja adotando a frase pra si.

Adrian afastou o olhar. Havia uma lógica na sugestão, e devia ter passado pela cabeça dele como possibilidade bem antes. Mas... de alguma forma, não parecia certo. Quando a Pesadelo disse aquilo, ela não usou como frase de efeito, algo que esperava que fosse citado nos jornais no dia seguinte. Na verdade, pareceu tão casual, tão sem querer. Palavras que surgiram naturalmente, da forma como acontecia com as coisas ouvidas repetidamente ao longo do tempo.

— Não seria típico que um vilão parasse de deixar uma marca dessas se ainda estivesse na ativa — observou Hugh.

— Eu sei — disse Adrian. — Mas não impossível.

Era o motivo para todos terem suposto tão rapidamente que o assassino de Lady Indomável tinha sido morto na Batalha de Gatlon. Depois daquilo, os bilhetes misteriosos pararam de aparecer em corpos. Da noite para o dia, as pistas horríveis sumiram. Fazia sentido que a pessoa que os deixava tivesse morrido.

Mas Adrian não tinha mais certeza.

— Por favor — disse ele. — Eu só quero encontrá-la. Preciso saber onde ela ouviu aquelas palavras. Preciso saber o que significam pra ela. E vocês vão mandar uma equipe pra investigar de qualquer jeito, não vão? Nos deem uma chance. Só estou pedindo isso.

Hugh pegou o café ainda fumegante e bebeu em três goles grandes, e foi assim que Adrian soube que ele estava pensando no pedido, embora o ato em si tenha feito Adrian se encolher. Como tantas coisas, Hugh não era afetado por uma coisa tão simples quanto queimar a língua em uma xícara de café pelando.

Quando colocou a xícara na mesa, Hugh olhou para Simon.

E aquele olhar, por mais vazio que fosse, disse a Adrian tudo que ele precisava saber. Foi uma luta segurar o sorriso que ameaçava surgir.

Simon murchou.

— Sua equipe pode se retirar da patrulha de rua por duas semanas pra ajudar com a investigação da Pesadelo. Vamos enviar protocolos de segurança até o meio-dia e esperar relatos regulares das descobertas, por mais triviais que possam parecer.

Depois de duas semanas, vamos determinar se vocês podem continuar essa investigação ou se devem voltar para a patrulha da cidade.

Adrian começou a sorrir, mas Simon levantou a mão e o fez parar no meio.

— Mas estou falando sério, Adrian. Ao primeiro sinal de que Gene Cronin está envolvido em qualquer tipo de atividade ilegal, ou se vocês descobrirem qualquer prova que sugira uma ligação com a Pesadelo ou qualquer outro vilão, vocês têm que pedir reforços de uma equipe investigativa experiente. Vocês não vão enfrentar Cronin sozinhos. Entendeu?

— Sim, claro — concordou Adrian, permitindo que o sorriso se abrisse agora. — Pode deixar. Obrigado.

— Não nos agradeça ainda — disse Hugh. — Você ainda não sabe como esse tipo de trabalho pode ser dolorosamente tedioso.

Adrian deu de ombros.

— Oscar vai estar comigo. O quanto pode ser tedioso com ele?

Hugh deu um sorrisinho.

— Tem razão.

— Nós temos que ir — disse Simon. — Temos um monte de petições do Conselho hoje e uma infinidade de reuniões com a equipe de pesquisa e desenvolvimento, e temos que trabalhar nos detalhes do baile do mês que vem... — Ele gemeu. — Às vezes, acho que nunca vai ter fim.

— Não é fácil guiar o mundo para uma nova era — declarou Hugh. Ele botou o resto da comida na boca e largou o prato vazio na pia.

Adrian viu os pais reunirem suas coisas e vestirem blazers pretos e cachecóis por cima dos uniformes de uma maneira que parecia ridícula, como criancinhas vestindo casacos de inverno por cima da fantasia de Halloween.

Eles estavam quase saindo quando Simon parou e olhou para trás, o olhar especulativo.

— Adrian...

Adrian se sentou mais ereto, se preparando enquanto olhava Simon lutar com o que queria dizer.

— Quero que você seja cauteloso com isso, tá?

Adrian franziu a testa.

— Como assim?

— Independentemente do que acontecer, independentemente do que você descobrir, nada vai trazer sua mãe de volta. Sei que você quer respostas. Nós todos queremos. Mas não vai mudar o fato de que ela se foi.

— Isso não tem a ver com querer ela de volta — disse Adrian. — Também não é por querer respostas. Na verdade, eu só quero a mesma coisa que todos os Renegados querem. — Adrian se permitiu abrir um pequeno sorriso. — Justiça.

CAPÍTULO DEZESSEIS



NOVA FICOU NA CALÇADA em frente ao Quartel-General dos Renegados por mais tempo do que deveria, provavelmente, ignorando as pessoas se movendo ao redor, resmungando por causa da garota no caminho, e os turistas amontoados ao lado do ponto de ônibus tirando fotos das letras vermelhas acima das portas de vidro enormes.

Nem inclinando a cabeça para trás ela conseguia ver direito o topo do prédio. Ficava praticamente enevoadado lá no alto, perto do céu, maior do que o restante da paisagem da cidade. Ela tinha visto o prédio de longe mil vezes, tinha olhado dos telhados da cidade e imaginado como poderia escalar as paredes, entrar lá dentro, se vingar do Conselho e dos ditos heróis que o tratavam como um palácio. Mas nunca tinha se imaginado entrando pela porta giratória que era a entrada principal. Nunca achou que seria bem-vinda lá.

As portas giratórias estavam girando sem parar desde que ela chegou. Nova não achava que todos que trabalhavam no prédio eram prodígios, mas havia muita gente indo e vindo usando os uniformes cinza, embora a mesma quantidade de terno e roupas mais casuais de trabalho. Alguns dos Renegados paravam para sorrir e acenar para os turistas, e sempre eram recebidos por uma série de gritinhos e flashes de câmera. Todos os adoradores iam espiar.

Nova franziu a testa quando olhou ao redor e percebeu que *ela* estava entre os observadores encantados. Bufando, levantou os pés da calçada e se obrigou a seguir em frente. As palmas das mãos estavam suando quando ela chegou perto da porta.

Uma mulher de terninho elegante saiu. Nem olhou para Nova ao sair andando pela rua, falando no dispositivo que tinha no pulso e deixando a porta girando sozinha para trás. A abertura entre as barricadas de vidro surgiu.

Nova engoliu em seco e entrou.

Seus batimentos estavam disparados quando as portas a envolveram e a levaram ao outro lado.

De repente, estava dentro do Quartel-General dos Renegados. Ela desviou da porta giratória e parou, todos os músculos contraídos, mas nenhum alarme tocou.

Ela estava em um patamar que dava vista para um saguão iluminado e amplo, onde o R dos Renegados a recebia no piso branco reluzente. Uma escadaria à esquerda levava ao saguão, e à direita havia uma rampa, ambos na direção de uma recepção em meia-lua com a palavra INFORMAÇÕES na frente em letras grandes de aço.

Os Anarquistas pensaram mil vezes em um ataque ao QG dos Renegados, mas sempre souberam que seria arriscado demais tentar se infiltrar. Nunca chegaria a hora em que eles não estivessem em número bem menor, pois centenas de prodígios trabalhavam e treinavam no prédio todos os dias. Nova via agora que o que eles supuseram era verdade: os Renegados não se deixaram vulneráveis a ataques. Depois de uma olhada rápida pelo saguão, ela já tinha identificado mais de uma dezena de câmeras, sensores e alarmes, assim como Renegados armados e uniformizados, claro, localizados em intervalos estratégicos no ambiente, inclusive um de cada lado do patamar onde estava. Ela se perguntou se montar guarda era uma função de tempo integral aqui ou se era uma posição rotativa. Teria que descobrir. Esse era precisamente o tipo de informação em que Leroy pensou quando sugeriu que ela seria uma boa espiã.

Todo mundo parecia estar ignorando os guardas, e ela fez o mesmo, embora seus nervos tivessem tremido quando passou por um a caminho da escadaria. Um arrepio ameaçador desceu sua coluna, e ela teve a premonição de que seria atacada por trás. Seria presa, amarrada, obrigada a responder por seus crimes contra o Conselho. Que talvez sua aceitação nos Renegados tivesse sido só uma trama para atraí-la até lá.

Mas não. Nada aconteceu. Nova passou pelo guarda sem olhar na cara dele, e até onde percebeu, ele também não olhou para ela, embora pudesse ter olhado com

desinteresse para o R preso na blusa, o que parecia que estava abrindo um buraco na pele dela. Era seu passe, afinal. Era o código secreto para ela entrar naquele lugar.

Aquele broche era a prova de que ali era seu lugar.

Quando estava descendo a escada, o saguão amplo pareceu se transformar em volta dela. Não mais ladeada por seguranças, ela começou a observar os outros detalhes sobre o ambiente. Havia salas de espera com sofás de couro modernos e mesas de centro cheias de jornais e revistas. Havia um pequeno café no canto mais distante, cercado de mesinhas redondas onde as pessoas liam documentos enquanto bebiam de copos de papel. Do outro lado do saguão havia uma escada se curvando para uma passarela ampla e um mirante, um aposento grande e circular todo de vidro. Ela viu uma espécie de escultura de vidro ocupando o piso da sala, mas não conseguiu identificar daquela distância o que era.

Ela olhou para as telas de televisão espalhadas pelo saguão, penduradas no teto ou presas a pilares. A maioria estava sintonizada em vários canais de noticiários, tanto locais quanto internacionais, mas alguns ofereciam mensagens internas. JANTAR ANUAL DOS RENEGADOS NO DOMINGO, TRAGAM A FAMÍLIA TODA! Ou AGENTE NECESSÁRIO PARA EQUIPE DE PATRULHA NOTURNA — INSCRIÇÃO NA SEGURANÇA. Ou...

Os pés de Nova pararam no último degrau, quando uma das mensagens na tela foi substituída por uma nova. Uma foto borrada *dela*.

PROCURADA: “PESADELO” — RELATEM QUALQUER INFORMAÇÃO AO CONSELHO.

Suas costas ficaram rígidas e ela sentiu aquele embrulho horrível de ansiedade no estômago de novo, a mesma sensação que teve a noite toda e a manhã toda. O que estava *fazendo*?

Ela seria descoberta. Alguém a reconheceria.

Só que... dois dos Renegados que deviam tê-la reconhecido já tinham indicado não perceber nada. Se ela conseguiu enganar a Assassina Vermelha e o Cortina de Fumaça, seria capaz de enganar qualquer um.

Ela olhou com firmeza para a imagem na tela. Vestida de Pesadelo, não havia nada que a revelasse. Não dava nem para ver os olhos dela na foto, só o brilho da máscara por baixo do capuz preto. Ninguém a reconheceria, não pela aparência, pelo menos. Eram os maneirismos que ameaçavam entregá-la, as pequenas coisas que todo mundo fazia de forma inconsciente. O jeito como ela andava, ou onde botava as

mãos quando estava parada, ou até como lutava no combate mano a mano. E, talvez mais do que tudo, o desprezo dela pelos Renegados e o Conselho, e o ódio que sentia e que poderia transbordar pela boca a qualquer momento.

Ela teria que tomar cuidado para esconder esses instintos. Para fazer o jogo. Para ser uma deles.

Ela levou a mão ao broche preso à blusa, o que Adrian Everhart desenhou nos testes. Seus dedos percorreram os cantos do *R*, acompanharam a curva da letra.

Hoje, ela era uma Renegada, para que um dia pudesse ser a ruína deles.

Ela se aproximou do balcão de informações, onde um homem corpulento com costeletas impressionantes estava digitando em um computador. Ele sorriu quando olhou para ela, mas Nova não conseguiu retribuir.

— Oi — disse ela. — Fui recrutada nos testes. Eu tinha que...

— Insônia — interrompeu ele com alegria, ficando de pé e esticando a mão para ela, que ficou olhando por muito tempo, a pele rosada e as unhas bem cuidadas e uma pulseira de couro trançado em torno do pulso grosso. Embora fosse um gesto inocente, um gesto *normal*, tudo pareceu estranho.

Aqui estava um Renegado, talvez um prodígio, talvez não, mas, de qualquer modo, estava oferecendo a mão para ela. Contato. *Pele*.

Nem os Anarquistas gostavam de tocar nela. Não porque ser posto para dormir fosse uma grande tragédia, mas porque o sono deixava a pessoa vulnerável. *Ela* deixava as pessoas vulneráveis.

Ela esperou demais.

O homem (Sampson Cartwright, de acordo com a placa na mesa) fechou a mão com constrangimento e recuou.

— Eu vi você nos testes — disse ele, estalando os dedos como se isso pudesse compensar o momento constrangedor. — Você foi ótima. A cara do Gárgula... — Seus olhos brilharam quase com alegria, ou talvez deboche, e foi uma percepção estranha para Nova pensar que talvez nem todos os Renegados se dessem bem.

Sampson limpou a garganta.

— Você está na equipe do Rabisco, né? Acho que ele ainda não chegou, mas posso verificar se...

O coração de Nova entalou na garganta. Sampson continuou falando, mas as palavras dele viraram um zumbido irritante na cabeça dela.

O Conselho tinha acabado de sair de um dos elevadores atrás do balcão de informações.

Não, não o Conselho inteiro. Só o Capitão Cromo e a Tsunami.

A boca da Nova ficou seca quando ela os viu. Eles estavam conversando, tranquilos, descuidados. Tsunami ficava rindo e cobrindo a boca educadamente com os dedos. O olhar do Capitão brilhava, com um toque de alguma coisa que parecia malícia. Diferentemente dos demais Renegados, eles não estavam usando os uniformes típicos cinza e vermelhos, mas seus trajes icônicos: as ombreiras e a legging para o Capitão, a saia rodada para a Tsunami.

Eles andaram pelo saguão. Não exatamente na direção de Nova, mas também não para longe dela. Nenhum dos dois olhou para ela. Nenhum deles reparou que tinha uma vilã no meio deles. Nenhum dos dois fazia ideia de que sua mão foi até o cinto quando eles chegaram e os dedos alcançaram com destreza a caneta que ela havia pegado entre suas armas naquela manhã. A que possuía o compartimento secreto atrás dos refis de tinta. O que já tinha um dardo envenenado carregado.

Sua pulsação saltou. Ela estava *ali*. Estava dentro do Quartel-General dos Renegados, a poucos passos de dois membros do Conselho, e ninguém tinha a menor ideia de que ela era uma ameaça.

Era um gosto novo de poder. Não só por ser Pesadelo e todo o segredo e anonimato que isso a concedia. Mas, agora, por ser Insônia.

Ser *uma deles*. Andar no meio deles, chegar tão perto e ninguém nem olhar para ela.

A arma fez pressão na palma da mão dela.

Ela poderia abater um deles agora, naquele momento?

Seria seu fim, sem dúvida. Se não fosse morta instantaneamente, poderia ser capturada e ficar presa pelo resto da vida.

Ainda assim... a possibilidade existia. O *potencial*.

Se não agora, se não hoje, em breve. Uma oportunidade surgiria, e ela estaria preparada.

Engolindo em seco com dificuldade, ela forçou a mão a soltar a caneta na hora em que os dois membros do Conselho entraram em um corredor e desapareceram.

— Sei exatamente o que você está pensando.

Desorientada, Nova se virou para Sampson Cartwright, que a estava observando com um olhar conhecedor e sério. Seu coração pulou e a sensação de vulnerabilidade voltou. Seu ódio estava tão claro no rosto? Seus pensamentos eram decifrados com tanta facilidade?

Ou... pior...

Sua respiração falhou quando ela se inclinou na direção de Sampson.

— Você é telepata?

Sampson ficou olhando para ela, mudo por um momento, e soltou uma gargalhada alta.

— Quem me dera! Eu nem sou prodígio. Mas ora essa... todo mundo fica meio impressionado na primeira vez que vê o Conselho de perto. — Ele indicou a caneta presa ao cinto dela. — Você pode pedir autógrafo da próxima vez. Não se preocupe. Acontece o tempo todo, e eles são bem legais quando alguém pede.

Nova relaxou, aliviada porque o estranho não leu a mente dela enquanto ela estava planejando contra o precioso Conselho, mas também consternada por ele ter interpretado tão errado a expressão dela.

Ela foi salva da resposta irada que surgiu na garganta quando seu nome ecoou pelo saguão.

— Nova!

Ela se virou. Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha estavam indo na direção dela. O mesmo surto de adrenalina que sentiu na arena surgiu no seu organismo quando ela os viu, mas logo foi sufocado pelos sorrisos largos. Para começar, não havia neblina cinzenta nos tornozelos do Cortina de Fumaça, e a pedra da Assassina Vermelha estava pendurada inocentemente em um cordão no pulso dela. Ela também carregava um montinho de tecido cinza.

— Nova McLain — disse o Cortina de Fumaça, apoiando a bengala no piso enquanto indicava o saguão enorme com o braço livre. — Bem-vinda ao QG. Encontrou com facilidade?

Nova piscou.

— É o prédio mais alto da cidade.

— Ele está sendo engraçadinho — explicou a Assassina Vermelha. Ela passou o montinho de tecido para o outro braço e esticou a mão. Sem luva. — Sou Ruby, aliás. Este é Oscar.

Ruby. Oscar.

Nomes normais. *Gente normal.*

Desta vez, Nova aceitou a mão. Seu poder vibrou dentro dela com o toque, mas ela o segurou com o que esperava que fosse um sorriso simpático.

— Nova.

Em vez de apertar a mão dela, Oscar passou um braço em volta de seus ombros e começou a guiá-la pelo saguão. Nova ficou tensa com o contato, mas ele não reparou ou ignorou.

— Estamos muito felizes de receber você — disse ele. — Vem, o Adrian está chegando. Ele falou que nos encontraria no saguão.

— Hã... espera, só um segundo — pediu Nova quando uma coisa preocupante passou pela cabeça dela. Ela se soltou do braço de Oscar. Ele e Ruby ficaram olhando quando Nova correu de volta até o balcão de informações. Inclinando-se por cima da bancada na direção de Sampson, ela sussurrou:

— Ei, você pode me dizer se *tem* algum leitor de mente nos Renegados?

Sampson olhou na direção de Ruby e de Oscar e novamente para Nova.

— Hum. Não. Não agora. Tivemos uma alguns anos atrás, mas ela foi transferida pra uma das nossas embaixadas estrangeiras.

Nova abriu um sorriso.

— Ah, que ótimo. Obrigada. Eu só estava curiosa.

Ela acenou e voltou correndo até os outros.

— Tudo bem? — perguntou Ruby.

— Ótimo — confirmou Nova, reunindo todo o entusiasmo que conseguiu. — Aquele cara foi muito legal.

— Sampson é gente boa — disse Oscar, indicando os elevadores. — Vem, vamos trocar sua roupa.

— Trocar?

Andando ao lado dela, Ruby indicou o que estava carregando.

— Diga oi para o seu novo uniforme! Peguei um tamanho que achei que caberia, mas talvez a calça fique meio comprida. — Ela olhou para os pés de Nova. — Temos uma equipe de ajustes. Vão querer medir seus pés pra um par de botas antes de você ir embora. Pode ficar com seus sapatos por enquanto, mas esperamos que você já tenha os novos amanhã ou em dois dias. São muito chatos com as roupas aqui.

— Alguns anos atrás, um recruta estava perseguindo um ladrão de bolsas e torceu o tornozelo — disse Oscar. — Agora, o uniforme vem com botas que têm suportes no tornozelo, solas antiderrapantes e todas as outras características em que puderam pensar. São bem acolchoadas também. Você vai adorar.

Nova forçou um sorriso sem graça.

— De qualquer modo — continuou Ruby —, este uniforme vai ser bem melhor do que o que você está acostumada a usar, né?

Nova tropeçou nos próprios pés ao visualizar a jaqueta com capuz e a máscara de metal da Pesadelo.

— Como?

— Eu já fui ao parque Cosmopolis — disse Ruby, que estava praticamente pulando ao lado de Nova. — Os uniformes são horríveis, com as calças listradas e os chapéus... — Ela indicou o corpo todo, e apesar de haver anos que Nova tinha ido ao parque de diversões, visualizou com facilidade o traje que Ruby estava descrevendo, com a calça listrada de vermelho e branco, a gravata borboleta amarela e o chapeuzinho de palha.

Ela tremeu ao se imaginar usando aquilo.

— Você leu meu formulário?

— Nós queríamos te conhecer um pouco melhor antes de você chegar — disse Oscar, sorrindo. — Não se preocupe. Seus talentos foram totalmente desperdiçados como operadora de brinquedo. Você vai ser bem mais feliz aqui.

Eles chegaram aos elevadores, e Oscar apertou o botão de *subir* com a ponta da bengala. Quando eles entraram, Ruby entregou as roupas para Nova e recuou para inspecionar o cinto dela.

— São suas invenções?

— Só algumas — revelou Nova.

Foi difícil decidir o que levar naquela manhã. Ela não podia levar nenhuma das armas e dos dispositivos favoritos, pois todos seriam reconhecíveis como ferramentas com as quais Pesadelo tinha sido vista no ano anterior. Mas pediram que ela levasse exemplos do trabalho dela, então ela teve que escolher alguma coisa.

No final, escolheu a caneta que dispara dardos, uma arma de choque que podia imobilizar um oponente a até nove metros e um conjunto de microssinalizadores exotérmicos.

— Legal! — disse Ruby com mais empolgação do que Nova achava que as invenções mereciam. — Quando acabarmos de mostrar tudo pra você, você devia mostrar isso aí no P e D. Eles amam coisas assim.

— Não diz isso! — pediu Oscar, como se chocado. — Vão querer tirar ela da gente.

Ruby fingiu ofegar.

— É verdade. Nova, você não devia ir falar com o pessoal do P e D. Nunca.

— Eles são uns estraga-prazeres — acrescentou Oscar. — São os que sempre levam legumes pras festas, sabe como é? — Ele olhou para ela com sabedoria.

— É melhor aquela Pesadelo tomar cuidado agora que a gente tem você na equipe — acrescentou Ruby.

O pânico desceu pela coluna de Nova.

— Pesadelo? — disse ela, a voz tensa. — Como assim?

— Você ouviu falar dela, né? — perguntou Cortina de Fumaça. — Ela tem aparecido muito nos noticiários ultimamente.

Sem esperar a resposta de Nova, Ruby explicou:

— O lance dela é parecido com o seu. O superpoder dela é fazer as pessoas dormirem com o toque, mas ela também tem acesso a umas armas bem legais. Tem imagens dela de uns meses atrás escalando um prédio como uma aranha, sem usar apoios pras mãos. Dizem que era alguma coisa nas luvas que ela estava usando. — Ela deu de ombros. — O P e D está tentando replicar, mas acho que ainda não obtiveram muito sucesso. Ainda assim — ela deu um tapinha na arma de choque no quadril de Nova —, se tivéssemos isso no desfile, teria sido o fim dela.

Nova tentou abrir um sorriso encorajador, sem se dar ao trabalho de dizer para eles que a arma de choque disparava em uma velocidade bem mais lenta do que uma arma normal com munição normal. Ela tinha *quase certeza* de que a Pesadelo poderia ter desviado direitinho do disparo.

As portas do elevador se abriram, e um tanto aliviada de estar fora do confinamento da caixa de metal com dois dos seus inimigos transformados em aliados, Nova expirou e foi atrás. Eles levaram Nova para outro espaço aberto, embora esse fosse bem mais casual do que o saguão. Mais sofás e telas de televisão, e havia a mesma quantidade de videogames sendo jogados e telas exibindo notícias. Havia máquinas de lanches e bebidas ocupando uma parede, e várias mesas

compridas na frente das janelas, onde homens e mulheres de uniformes cinza riam em meio a sacos de frutas secas e balas.

Nova passou os olhos pelos ocupantes da mesa, procurando dicas de suas habilidades e fraquezas, mas havia pouco que ela conseguisse discernir com eles só sentados conversando. Um homem com cabelo preto ondulado carregava um ukulele nas costas. Uma jovem tinha uma marca de nascença no formato de uma chave-mestra na lateral do rosto. Uma pequena nuvem de poeira explodia dos dedos de uma mulher cada vez que ela estalava os dedos, evidentemente tentando pensar em uma palavra da qual não conseguia se lembrar.

— Aqui é o lounge — disse Ruby. — Acesso liberado pra qualquer um das forças de patrulha ou que trabalhe na execução das leis. Em geral, a gente vem aqui relaxar quando está esperando o começo de um turno ou se a noite foi lenta nos crimes.

— Não que a gente tenha tido muito disso ultimamente — disse Oscar. — Nem... nunca. — Ele indicou um corredor. — Tem quartos individuais ali se você precisar tirar um cochilo. — Ele fez uma pausa. — Ou não um cochilo, mas... uma coisa renovadora e... tranquila... como meditação. Sei lá. — As orelhas ficaram vermelhas e ele olhou para Ruby pedindo ajuda.

— Ou — retomou Ruby em voz alta, encontrando uma porta com placa de “vazio” perto da maçaneta — se você precisar trocar de roupa. — Ela abriu a porta. — Fique com o cinto por cima do uniforme. Vai ser parte da sua marca registrada.

— A gente espera aqui fora — concluiu Oscar. — Quer alguma coisa das máquinas?

— Não, obrigada — disse Nova, entrando no quarto e fechando a porta.

Depois de ter certeza de que estava sozinha, ela esticou a mão e passou a tranca. O quarto era como ela imaginava que um quarto de alojamento de faculdade seria, mas com móveis de melhor qualidade. Uma cama estreita, com os cobertores enfiados embaixo do colchão. Uma mesa de tampo de vidro com a edição do dia da *Gazeta de Gatlon* e um abajur moderno. Uma bancada pequena no canto com pia embutida. Um espelho de corpo inteiro em uma porta de armário.

A única decoração era um pôster grande emoldurado atrás da cama, uma gravura vintage mostrando as páginas centrais de uma revista em quadrinhos que Nova não reconheceu. No painel de cores vibrantes, um super-herói mascarado estava tomando uma mulher ruiva nos braços e voando com ela para um lugar seguro acima de uma paisagem de cidade. Os olhos da mulher estavam brilhando de forma

delirante enquanto ela exclamava em Comic Sans em negrito: “Eu sabia que você viria! Você *sempre* vem!”

Com uma gargalhada depreciativa, Nova se virou de costas para a gravura.

O quarto era legal. Bem mais legal do que ela estava acostumada. Mas havia algo meio irritante no local. Era limpo demais, arrumado demais, *perfeito* demais.

Cheio de promessas falsas demais.

Ela não seria atraída para a segurança por confortos simples como uma falta evidente de insetos deslizando pelo chão.

Ela desenrolou o tecido e segurou o uniforme pelos ombros. Era um macacão simples que a cobriria do pescoço até os pulsos e os tornozelos, com detalhes vermelhos nos membros e um *R* vermelho no peito.

Ela balançou a cabeça e suspirou.

— Tudo bem, Insônia — disse ela, colocando o uniforme na cama e tirando a blusa.
— É tarde demais pra mudar de ideia agora.

CAPÍTULO DEZESSETE



ADRIAN ESTAVA COM UM SORRISO LARGO quando entrou no lounge. Nas horas desde que tinha conseguido permissão dos pais para sua equipe cuidar da missão de vigilância da biblioteca, ele já tinha ido visitar o local da primeira tarefa deles que não era de patrulhamento. Não tinha entrado na biblioteca, mas encontrou um prédio comercial abandonado do outro lado da rua que seria o lugar perfeito para eles se estabelecerem e um escritório de canto em particular com uma janela que dava para a viela no lado leste da biblioteca, onde uma porta dos fundos pareceu a entrada perfeita para pessoas suspeitas indo fazer acordos suspeitos. Fez uma lista de suprimentos, de binóculos a lanches e um baralho, porque um Oscar entediado era uma coisa perigosa. Na verdade, sua cabeça ficou ocupada a manhã toda com fantasias nas quais sua equipe não só descobria um círculo de negociação de armas do mercado clandestino e botava Gene Cronin atrás das grades, mas também encontravam e prendiam a Pesadelo com facilidade.

Ele viu Oscar e Ruby jogando Batalha da Morte, um dos dois jogos de fliperama no lounge, que tinha sido colocado lá para entreter as unidades que esperavam uma missão. O jogo era um desafio clássico de combate entre duas pessoas, e os dois desenvolveram uma rivalidade instantânea quando o jogo foi levado para lá anos antes. Pelo que Adrian sabia, as habilidades deles continuavam semelhantes, para a frustração de ambos.

Ele parou atrás deles quando o avatar de Ruby deu um chute alto que jogou o de Oscar fora da tela. Ruby gritou e abriu os braços em comemoração, acertando

Adrian no nariz. Ele gritou e recuou, ajeitando os óculos com uma das mãos e apertando o nariz com a outra.

Ruby se encolheu.

– Desculpe! – exclamou ela, embora a expressão de remorso tenha passado rapidamente a uma de desconfiança. – Só que não, seu xereta sinistro. Há quanto tempo está parado aí?

– Uns dois segundos – disse Adrian, apertando o nariz duas vezes para ter certeza de que a dor era só na cartilagem.

– Ah. Nesse caso... desculpe! – Ruby fez uma pausa. – Só que não, porque *eu bati o recorde de Oscar!* – Ela levantou o punho no ar.

– Essa batalha está longe de acabar – avisou Oscar, se encostando na máquina. – Exijo uma revanche.

Ruby estalou os dedos.

– Você pode pedir quantas revanches quiser. Eu não vou perder a liderança.

– Ei, pessoal, cadê a garota nova? – perguntou Adrian. – Vocês não espantaram ela, né?

– Trocando de roupa – disse Oscar, apontando com o polegar por cima do ombro enquanto Ruby colocava uma nova moeda no buraco da máquina.

– Ah – disse Adrian, olhando na direção dos quartos na hora que uma figura apareceu no corredor. Ele se empertigou. – Ah.

Nova olhou para ele e pareceu hesitar.

Adrian se afastou dos outros e se aproximou dela, enfiando as mãos nos bolsos. Ele ainda estava de calça jeans e jaqueta, depois de ter concluído que não havia sentido em colocar o uniforme se eles não patrulhariam.

– Que tal? – perguntou ele.

Ela olhou para baixo. Com as roupas dobradas em uma das mãos, ela passou a outra mão com timidez pela lateral do uniforme.

– Comprido.

Adrian seguiu o olhar dela e viu que a barra da calça estava amontoada em volta dos tênis.

– Mas eu sei costurar – disse ela. – Vou consertar quando chegar em casa.

– Não, não se preocupe. Vou mandar o departamento de ajustes pegar outro uniforme e consertar. Você vai recebê-lo amanhã, ou talvez em dois dias. Eles ficam

cheios de serviço depois dos testes.

Nova abriu a boca, e ele viu um argumento surgindo, e por isso acrescentou rapidamente:

— A gente não trouxe você aqui pra ser costureira.

Ela hesitou, mas voltou a fechar a boca, e naquele momento, Adrian percebeu o que a deixou tão diferente quando ela saiu no corredor. Primeiro, ele achou que tinha sido por ver o uniforme, que representava coragem e força, características que ela exibiu nos testes, mas que agora estavam acentuadas pelo *R* vermelho em destaque.

Mas não, não era isso.

Ela estava diferente porque parecia naquele momento, comicamente, desconfortável à beira da histeria. Nervosa e talvez até um pouco constrangida, como ficou quando ele desenhou o fecho da pulseira dela. Quase não parecia possível que aquela fosse a mesma garota que desafiou o Gárgula com coragem inabalável. Que não demonstrou nada além de determinação feroz enquanto estava cercada por uma arena inteira de espectadores gritando.

— Aqui — disse Adrian, pegando a caneta. — Você precisa de uma bolsa. — Ele foi até a mesa mais próxima e desenhou uma bolsa grande estilo esportiva. Ergueu-a da superfície de acrílico, pegou as alças e sacudiu, depois a abriu para Nova colocar as roupas.

— Obrigada — murmurou ela, e guardou as peças. Ela fechou as mãos na base das alças da bolsa, quase como se estivesse evitando tocar nas mãos de Adrian quando pegou dele. — Você gosta mesmo de se exibir com esse truque, né?

O pescoço dele ficou quente. Ele estava se exibindo?

— Bom, pode ser bem conveniente... às vezes.

Nova pareceu brevemente que sorriria, e ele começou a se perguntar se ela estava de provocação.

— Você pode guardar nos armários ali enquanto fazemos a visita pelo local — disse ele, indicando o canto do lounge.

Um grito cheio de raiva chamou a atenção deles para o jogo de fliperama, onde Oscar estava rindo como um maníaco enquanto Ruby batia nos botões.

— Meus controles congelaram! Isso aí não conta!

— Dirija todas as reclamações ao grande guardião dos pontos no céu — disse Oscar, estalando os dedos com deboche, imitando como Ruby tinha feito antes.

Adrian botou a tampa na caneta e guardou.

— Pode acreditar, eles são ótimos super-heróis.

Nova olhou para ele, que percebeu que ela não estava convencida.

— Você falou alguma coisa sobre uma visita?



ADRIAN TINHA PLANEJADO só levar Nova pelas áreas do quartel-general que eles usavam com frequência como equipe. Ela já tinha visto o lounge, então ele achou que eles poderiam passar pelo refeitório e pelo centro de treinamento, depois fazer uma simulação rápida de equipe no piso de realidade virtual e encerrar o dia. Mas assim que os quatro entraram no elevador, a curiosidade de Nova o surpreendeu. Ela queria saber sobre o arsenal e como eles distinguiam que armas ficavam guardadas lá e as que ficavam guardadas nos cofres feitos especificamente para artefatos poderosos de prodígios. Queria ver os laboratórios de pesquisa e desenvolvimento, e apesar de eles não terem autorização para entrar, Adrian a viu esticando o pescoço para ver por uma porta aberta quando um dos técnicos saiu. Ela estava curiosa sobre o trabalho pericial, o departamento de investigação, o Salão do Conselho e as celas modernas da prisão... embora nisso, mais uma vez, Adrian só fora capaz de descrever da melhor maneira possível. Ele nunca tinha entrado lá para ver.

Para a surpresa dele, ela quis até ver a central de comunicação, localizada no septuagésimo quinto andar do prédio. Ruby e Oscar tentaram convencê-la a não ir lá, explicando que não era tão interessante assim, mas o entusiasmo de Nova pelos vários aspectos da organização, até mesmo os chatos, estava ficando contagioso. Ele e sua equipe passavam tanto tempo nas ruas, se comunicando com o quartel-general por mensagens rápidas transmitidas pelas bandas de comunicação, que era fácil esquecer como o sistema era complexo. Ver a curiosidade de Nova e tentar responder às perguntas enfáticas lembrou-lhe de que os Renegados tinham se tornado bem mais do que o grupo de justiceiros procurando defender as pessoas do mundo. Eles ainda eram protetores, mas agora eram inventores, criadores de leis e ativistas. Estavam trabalhando para melhorar a sociedade de cem jeitos diferentes a

qualquer momento, e ver como Nova estava interessada em tudo serviu para deixá-lo mais interessado também.

Ao chegarem o septuagésimo quinto andar, eles saíram do elevador em uma plataforma circular que dava vista para uma fileira de mesas de computador. As paredes ao redor eram ocupadas por imagens de satélite projetadas em tempo real em telas enormes, algumas mostrando Gatlon, outras os subúrbios próximos ou outras partes do país. Linhas verdes, marcas vermelhas e anotações digitais eram acrescentadas e tiradas da tela o tempo todo, e a sala vibrava de atividade. Telefones tocavam. Funcionários falavam nos microfones embutidos nos fones de ouvido e digitavam nos teclados. Pessoas gritavam ordens ou exigiam saber o status de várias situações em desenvolvimento.

Uma invasão de casa foi relatada em C14 – quando uma patrulha pode chegar lá?

O senhorio de East Bracken está reclamando de pichações de novo – temos uma equipe de limpeza disponível?

Preciso de um grupo para verificar uma ameaça de bomba do lado de fora da arena. Qual é o status do Metalock?

O Metalock ainda está resolvendo aquela explosão em Murkwater, mas podemos enviar Gota Mortal.

Ele diz que é a quarta vez que sua loja foi vandalizada nos últimos dois meses. A gente já não pegou os caras?

Temos uma situação no B-Mart na Sessenta e Dois... Parece que um homem está ficando agressivo por ter recebido o troco errado.

Adrian apoiou os ombros na amurada que envolvia a plataforma.

– Nós vemos isto como o sistema nervoso da cidade – disse ele. – As ligações de emergência chegam aqui, a situação é avaliada, e uma equipe de patrulha ou às vezes um Renegado sozinho é designado para resolver.

– Bem mais eficiente do que ficar andando pelas ruas à noite, procurando crimes – observou Ruby –, que era o que faziam antigamente.

– Mais eficiente – declarou Oscar, dando um suspiro dramático –, mas não tão glamouroso.

– É incrível como organizaram isso em tão pouco tempo – disse Nova. – Os laboratórios, os simuladores de realidade virtual, *isto*. Como construíram isso em apenas dez anos?

— Nove anos — disse Ruby.

— Oito — corrigiu Adrian. — Este prédio foi ocupado oito anos atrás. Foi ocupado por posseiros na Era da Anarquia, mas estava abandonado quando o Conselho decidiu fazer o quartel-general aqui. Quanto a transformar *nisto* — ele indicou o centro agitado de comunicação —, quando você tem uma equipe cheia de gente que mexe em metal e elementais da terra, prodígios que têm capacidade telecinética básica e superforça, sem mencionar um ciberlinguista muito atencioso, as coisas tendem a acontecer bem rápido.

— Ciberlinguista?

— Um prodígio que consegue se comunicar com tecnologia cibernética — explicou ele. — É o cara da parte técnica.

Nova fez um ruído, e ele não conseguiu interpretar a reação dela. Seu olhar voltou para um mapa da cidade de Gatlon, os olhos acompanhando um ponto amarelo que piscava na avenida Drury.

— Vocês parecem estar com pouca gente.

Adrian assentiu.

— É um problema atualmente.

— Então por que recusar tantos prodígios nos testes?

— Nós só estamos com pouca gente quando o assunto são as patrulhas. O resto do sistema está ótimo, mas precisamos de mais gente que possa ir pra rua, lidar com criminosos e aplicar a lei. Por isso, agora só admitimos recrutas que achamos que servem pra isso. — Ele franziu a testa. — Mas sou o primeiro a admitir que os testes provavelmente não são a melhor forma de encontrarmos novos talentos. Só que não depende de mim.

— Depende de quem? Do Conselho?

— Tudo — disse Ruby com uma risada alegre. — Tudo depende do Conselho.

— Basicamente. O que fazemos aqui não é só lutar contra o crime agora, nem só ajudar pessoas. Nós impedimos que a cidade desmorone de novo e, para isso, precisamos da união. E... bom, por mais horríveis que os testes possam ser, eles unem as pessoas.

O olhar de Nova continuou avaliando o aposento.

— Então por que vocês ainda vão resolver coisas como pintar sobre pichações ou ajudar um vendedor que não sabe calcular troco? Por que não montam uma força

policial de não prodígios para lidarem com situações que não precisam de um... vocês sabem. Um super-herói.

— Uma força policial de não prodígios? — repetiu Oscar, achando graça. — Ninguém se inscreveria.

— Por quê? — perguntou Nova. — Era o que existia antes da Era da Anarquia.

— Porque agora existem super-heróis pra resolver essas coisas pra eles — disse Oscar, dando de ombros.

— Mas a cidade também é deles — insistiu Nova. — A vida deles, a sobrevivência deles? Eles não podem esperar que os prodígios façam tudo pra eles o tempo todo.

A atenção dela tinha se voltado para Adrian, mas ele não sabia bem como responder. Era verdade que os ajudaria muito poder entregar algumas tarefas de prioridade menor para uma força policial civil, mas ele não conseguia deixar de achar que Oscar estava certo. Com os Renegados dispostos a assumir todas as responsabilidades, por que alguém se candidataria a uma força policial assim?

Os ombros de Nova murcharam um pouco.

— Ou não?

— Podemos sugerir para o Conselho? — questionou Ruby. — Talvez começar a convidar gente que era da polícia antes da Era da Anarquia para se candidatarem a uma força-tarefa especial?

Adrian assentiu.

— Posso falar com meus pais quando os encontrar mais tarde.

Ao lado dele, Nova pareceu ficar tensa, então um momento depois ela mudou de posição e se afastou alguns centímetros. Ele nem tinha percebido como eles estavam próximos. Adrian observou o rosto dela, mas tinha ficado ilegível quando ela começou a avaliar o mapa do bairro de Wallowridge.

Ele limpou a garganta.

— Pronta para ir ver o centro de treinamento?

O rosto de Nova se renovou quando ela se virou para ele, e qualquer desconforto que Adrian tenha percebido sumiu tão rapidamente que ele se perguntou se tinha sido imaginação. O sorriso dela foi repentino e ansioso.

— Claro.

CAPÍTULO DEZOITO



O CENTRO DE TREINAMENTO ERA a única parte do quartel-general que ficava no subsolo do prédio. Quando o arranha-céu foi construído, a base abrigava um estacionamento enorme. Depois que os Renegados foram para lá, eles demoliram andar por andar de concreto, deixando só as paredes e os pilares da fundação para proteger a integridade do prédio acima. O que sobrou foi um espaço amplo embaixo de tetos altos para eles exercitarem seus poderes.

Assim como o saguão e o centro de comunicações, o centro de treinamento era cheio de atividade, mas toda a falação dos andares de cima foi substituída por movimento e ação. Renegados pulando de plataformas, escalando paredes, atirando em alvos, se enfrentando em ringues grandes envolvido por redes, percorrendo uma pista de obstáculos feita de cordas e barras e, mais do que tudo, exibindo sua grande variedade de capacidades.

Adrian liderou o grupo quando eles saíram do elevador e foi pela passarela que passava por cima das divisões de treinamento. Ele logo percebeu que Nova passou a ir mais devagar, até que parou completamente. Adrian olhou para trás e viu o rosto dela tomado por espanto mudo.

Ele seguiu o olhar dela, tentando imaginar que aquela era a primeira vez que estava vendo aquilo tudo. À direita, irmãos gêmeos lutavam com bastões, mas um virava líquido laranja e o outro vapor laranja cada vez que levava um golpe. Ao lado, havia um garoto vendado disparando com arco e flecha em uma série de alvos móveis, acertando na mosca todas as vezes. À esquerda de Adrian, um elemental da

terra transformava o conteúdo de uma caixa de areia em um castelo de areia de dois andares sem tocar em um grão. À frente, uma mulher se transformou em urso-pardo num piscar de olhos e atacou um homem com grandes chifres de touro surgindo do crânio. Ao longe, uma garota tinha criado um vórtice acima da cabeça e estava sugando o oponente para ele, enquanto o tal oponente usava as mãos e os pés farpados para se segurar no chão e lutar contra a força que o sugava.

— Minha nossa — sussurrou Nova.

— É meio impressionante na primeira vez que a gente vê — disse Adrian.

Nova deu um passo à frente e segurou a amurada.

— Eu não tinha ideia de que vocês... eram tantos.

— Os números variam — explicou ele. — Nossa equipe permanente tem cerca de quatrocentas pessoas, mas recebemos prodígios de todo o mundo, que vêm aqui para serem treinados por alguns meses e vão embora. Temos as melhores instalações pra isso e a melhor reputação.

— Eles vêm ser treinados pra quê, exatamente?

— Pra serem super-heróis — disse Ruby, mexendo no cordão no pulso. — O que mais poderia ser?

— E quando eles estão prontos — prosseguiu Adrian —, eles voltam pra casa e assumem a causa dos Renegados onde estiverem. Há filiais dos Renegados no mundo todo agora. Pessoas que se dedicam a defender a justiça. E tudo começou aqui. Bom, não bem *aqui*. — Ele desviou o olhar para o teto alto. — Os Renegados começaram tecnicamente no porão do Guardião Terror, mas isso já faz muito tempo.

Ele os guiou pela passarela estreita que percorria o comprimento do centro de treinamento, dois andares acima do piso abaixo. Adrian mostrou áreas diferentes que Nova poderia querer explorar quando tivesse oportunidade, das pistas de obstáculos e treino com alvos a ringues de luta, e uma parede de escalada equipada com vários materiais que imitavam superfícies diferentes, e uma piscina de água salgada e fileira atrás de fileira de halteres e pesos.

— É só dizer se você precisar de um parceiro pra malhar com os pesos — disse Oscar. — Eu e Ruby estamos aqui o tempo todo.

— Adrian não? — perguntou Nova, olhando para ele.

Adrian olhou para Oscar com irritação.

— Eu gosto da parede de escalada e das pistas de obstáculos, mas os pesos me entediam.

— Ele fica intimidado por mim — declarou Oscar. — Não gosta de ser lembrado que consigo levantar mais peso do que ele.

— É verdade — concordou Adrian, dando de ombros.

Eles prosseguiram, Adrian se esforçando para mostrar qualquer recurso que pudesse ser do interesse de Nova, só que *tudo* parecia ser do interesse dela. Eles tinham acabado de passar pela bancada de aluguel de equipamentos, onde uma parede enorme exibia tudo, desde nunchakus e sapatos de neve, quando Nova ofegou e segurou o cotovelo de Adrian. Ele levou um susto e se virou para ela. Nova puxou a mão rapidamente e a encostou na barriga, fechada.

— É aquela garota — disse ela, indicando o piso. — A do desfile.

Ele seguiu o olhar dela.

— Ah, sim. Maggie. Codinome Pega, por causa do... hum... gosto por objetos pequenos e brilhantes.

Nova se endireitou e ficou com as bochechas vermelhas.

— Ela é uma ladra! Os Renegados toleram isso?

— De quem estamos falando? — perguntou Ruby, esticando o pescoço. Em um tatame abaixo, Pega estava sobre uma prancha acima de um tanque enorme cheio de terra e usava seu poder para extrair objetos metálicos cada vez maiores e mais pesados, como se a mãozinha dela tivesse o poder de um ímã industrial. — Ah, dela. Ela é mais uma catadora de coisas, eu acho.

Adrian assentiu.

— Tem muitos lugares abandonados nesta cidade, e ela nos ajudou a encontrar muitas coisas úteis. Talheres, baterias... coisas assim. É útil, principalmente quando tentamos fazer o comércio e a manufatura voltarem a funcionar.

Nova fez cara feia.

— Pegar a minha pulseira não foi catar uma coisa.

— Eu sei — admitiu Adrian. — Você está certa. Obviamente, roubo é contra o código. Mas muitos dos jovens que vêm parar aqui, inclusive a Pega, tiveram infâncias difíceis. Claro que há pais que acham ótimo quando o filho se mostra um prodígio, mas também tem muita gente que ainda tem medo do que somos capazes de fazer. Que não confia em nós. E, para eles, ter um filho com superpoderes... —

ele franziu a testa, o coração dando um nó enquanto pensava nas incontáveis histórias que ouviu de prodígios negligenciados, abusados e até abandonados – ... não é ideal – concluiu ele, sem jeito, voltando a olhar para Nova. – Quando eles chegam aqui, nós tentamos ensinar o que é certo e o que é errado, mas pode ser difícil superar alguns dos instintos de sobrevivência que eles desenvolveram até então. Estamos trabalhando nisso, no entanto.

Nova ainda estava observando Pega abaixo, os lábios repuxados. Ela olhou para o pulso, onde os dedos giravam a pulseira delicada por cima do uniforme cinza. Ela fechou a mão por sobre a pulseira e suspirou.

– Não me digam que os Renegados montaram um lar pra prodígios infantis abandonados além de todo o resto.

– Nada tão oficial – disse Adrian com um sorriso leve. – Mas quando crianças nos procuram sem terem família nós tentamos encontrar uma família de Renegados com a qual eles possam morar.

Nova o olhou, e ele viu uma pergunta por trás dos olhos dela. Talvez ela estivesse se questionando sobre a família dele, o passado dele. Os pais adotivos celebridades sobre quem todo mundo queria saber.

Mas ela se virou sem falar neles e ergueu o queixo enquanto observava o salão agitado.

– Onde o Sentinela treina?

Adrian ficou tenso.

– O quê?

A expressão dela estava pensativa enquanto olhava em volta.

– O Sentinela – repetiu ela. – Aquele Renegado que apareceu no desfile. Ele treina aqui com todo mundo ou tem uma área especial pra ele? Ou... Renegados como ele. Tem mais de um?

O tom dela estava leve, inocente, mas Adrian não conseguiu parar de olhar para Nova, sem conseguir decidir se a pergunta era mesmo tão inócua quanto parecia ou se havia mais alguma coisa do que aparentava na superfície. Se havia uma acusação por trás das palavras.

Quando Nova olhou para ele, a curiosidade moldava suas feições.

Foi Ruby quem respondeu primeiro.

— Ele é um impostor — disse ela, com desprezo suficiente para fazer Adrian se encolher.

Nova se virou para ela.

— O Sentinela?

— Ele está fingindo ser um Renegado — disse Ruby —, mas não é. Ele é falso.

O olhar de Nova foi de um para o outro, uma pequena ruga se formando na testa.

— Vocês acreditam mesmo nisso?

O foco dela ficou em Adrian, e ele conseguiu se recompor e afastar a paranoia.

— Ninguém tinha ouvido falar nele antes daquele dia. Seja lá quem ele for, ele não revelou a identidade pra ninguém aqui.

— Mas ele é prodígio e é bem poderoso — disse Nova, e, de alguma forma, esse pequeno elogio casual despertou uma pontada de orgulho no peito de Adrian. — E quem além dos Renegados teria recursos pra fazer uma armadura como a que ele usa? Ou pra encontrar um jeito de combinar múltiplos superpoderes em um ser humano? — Ela olhou para Ruby e Oscar, mas de alguma forma a atenção dela sempre parecia voltar para Adrian. Inquisitiva e curiosa, como se ela percebesse a dificuldade que ele estava tendo para agir com abstração. — Se vocês não sabem quem ele é, então... talvez ele seja um projeto confidencial que ainda não foi revelado pra todo mundo. Certo?

— Foi isso que pensei no começo — disse Oscar. — Mas quando o Conselho soube que ele estava agindo em nosso nome, alegando estar agindo sob ordens deles e tal, eles pareceram furiosos.

Adrian baixou o olhar.

— E não sei bem se dá pra fingir esse tipo de coisa — acrescentou Oscar. — Pelo menos, não todos eles. Não daquele jeito.

— Hã — disse Nova, e ficou claro que ela continuava cética. — Acho que vamos acabar descobrindo.

Adrian coçou o antebraço direito, onde a nova tatuagem ainda estava dolorida embaixo do curativo.

— Ah, olhem! — disse Ruby, apontando para o salão de treino. — É Danna.

Feliz pela distração, Adrian seguiu o gesto e viu Danna em um dos tatames abaixo, se preparando em um banco acolchoado. Do outro lado do tatame, um dos

treinadores estava segurando um estilingue.

Enquanto eles olhavam, Balístico, o treinador, mirou para cima e disparou, lançando um projétil com paraquedas na direção do teto.

Danna se agachou, jogou os dreadlocks compridos por cima do ombro e se concentrou no alvo. Em seguida, pulou, e seu corpo se dispersou em um ciclone de borboletas voando para cima. As criaturas cercaram o projétil, e Danna se materializou de novo, o pegou com uma das mãos e o jogou no chão. Foi um movimento quase perfeito, mas quando seus pés tocaram no chão ela soltou um grunhido de dor e se apoiou em um joelho.

Adrian fez uma careta.

– A Monarca? – perguntou Nova.

– Você pesquisou direitinho – disse Oscar. – Ela também é da nossa equipe, mas foi ferida no desfile e não pôde ir aos testes.

– Vem – disse Ruby, segurando o braço de Nova. – Vamos apresentar você.

Eles foram até a escadaria mais próxima. Quando se aproximaram do tatame de Danna, Adrian ouviu Balístico a lembrando de ficar em formação de bando enquanto descia, pois seu corpo não estava pronto para uma queda daquelas. Danna fechou as mãos e respondeu:

– Não é tão fácil assim! Vinte e nove borboletas se queimaram. Seria como você tentar pegar essa coisa com três dedos faltando!

Ela viu o grupo, se endireitou e passou o braço na testa para secar o suor. Sua atenção se voltou para Nova.

– Deixaram você sair da ala médica! – exclamou Ruby. Soltando Nova, ela abriu bem os braços em comemoração. Adrian mal teve tempo de se afastar antes de levar uma pancada no nariz. – Foi mais rápido do que eles pensaram, né?

Danna deu um suspiro e lançou um olhar azedo para o treinador.

– Disseram que eu poderia começar a treinar de novo pra usar o bando. Vocês ficariam impressionados com a diferença que faz quando eu perco tantas assim. É como aprender a controlá-las tudo de novo.

Os ombros de Adrian se contraíram. *Vinte e nove borboletas se queimaram.*

– Mas preciso passar pela pista de obstáculos pra me deixarem sair em patrulha de novo – continuou Danna. – Vou demorar pelo menos umas duas semanas.

— Depois daquelas queimaduras? — disse Oscar, indicando o local onde devia haver curativos por baixo do uniforme. — Sorte que não foi pior.

— E que os curandeiros são tão bons — acrescentou Ruby. Sorrindo, ela indicou Nova. — Você ainda não conheceu nossa garota nova.

Danna olhou para Nova.

— Insônia, né? — disse ela, esticando a mão. — Eu vi os testes. Impressionante.

Nova aceitou o aperto de mão, mas puxou rapidamente a mão de volta depois que Danna a soltou.

— O Gárgula não é tão assustador quanto acha que é.

Danna riu.

— Não vou mentir. Foi uma delícia ver alguém botar a equipe da Geladura no lugar dela. — Ela se sentou no banco. — Cinco minutos? — gritou ela para Balístico, mas ele já tinha se virado e começado a trabalhar com o Relâmpago, um garoto que tinha o que pareciam ser bolas de gude embutidas nas palmas das mãos.

Danna voltou o olhar para Nova.

— Eu soube que Rabisco acha que você vai ser boa em vigilância.

Nova ergueu as sobrancelhas e olhou para Adrian.

Ele coçou a nuca.

— Nós ainda não começamos a discutir...

— Mas há muito mais coisas em ser um bom espião do que as pessoas acham — interrompeu Danna.

O olhar de Nova se apurou.

— Não diga.

— Você foi ótima nos testes, mas eles não te preparam pra realidade, sabe. Em uma situação real, principalmente numa missão de vigilância, é preciso prestar atenção aos detalhes. E se lembrar deles. Juntar as menores pistas pra formar um todo. Nunca se sabe o que vai ser importante e não se pode descartar nada.

Adrian limpou a garganta.

— Danna é a especialista em vigilância da equipe. Mas, obviamente, o que ela é capaz de fazer envolve uma habilidade diferente da sua. Nós não esperamos... estamos felizes de ter as duas.

Os lábios de Nova formaram um sorriso fino.

— Obrigada pela dica, Monarca. De verdade, acho que aguento.

— Tenho certeza que sim — disse Danna. — Só quero que você fique alerta. Preciso ter certeza de que esses preguiçosos vão estar em boas mãos quando vocês estiverem trabalhando sem mim.

— Pode me testar se quiser — sugeriu Nova, dando de ombros casualmente. — Pra ver se eu passo.

Adrian lançou um olhar para Oscar e, ao ver o constrangimento evidente na cara dele, ficou feliz de não ser o único sentindo a tensão.

— Isso não é...

— Não, tudo bem — disse Nova. — Não me importo. Não foi justo ela não estar nos testes, e quero que Danna sinta confiança na sua escolha. Ela e eu também vamos acabar trabalhando juntas em algum momento, certo? Então, vamos lá. Vamos ver se sou boa nessa coisa de vigilância.

Danna se inclinou para trás apoiada nas palmas das mãos e apertou os olhos, pensativa.

— Tudo bem. Sem olhar... quantas saídas tem aqui neste salão?

— Ah, para com isso — disse Ruby. — Hoje é o primeiro dia dela.

— Sete — declarou Nova, sustentando o olhar de Danna.

Um segundo se passou e Oscar deu uma volta para contar as saídas baixinho. Quando terminou, ele soltou um som baixo.

Adrian também se viu observando o salão.

— Se bem que podemos argumentar — acrescentou Nova — que, com tantos prodígios aqui capazes de manipular metal ou explodir concreto, há potencial pra incontáveis saídas mais se necessário.

O rosto de Danna se suavizou. Ela estava começando a sorrir quando Nova continuou:

— Tem também dez câmeras de segurança, dois extintores de incêndio e cinco máquinas, sendo que uma só vende balas, o que me faz questionar seriamente o compromisso dos Renegados com a nutrição adequada.

Oscar riu.

— Ela já entendeu a gente direitinho. Espera só pra ver o refeitório. Tem um bufê de macarrão com queijo!

Os lábios de Danna se curvaram para cima.

— Quantos ocupantes?

Nova ergueu uma sobrancelha.

– *Você* sabe quantas pessoas estão aqui?

– Não – disse Danna. – Só estou verificando se você não é melhor nisso do que eu.

Nova se balançou nos calcanhares.

– Bom, não tenho a contagem exata. Umas cinquenta, eu diria. E até agora só discerni a habilidade de dezesseis.

No tatame ao lado, o treinador jogou um disco e Relâmpago levantou as mãos, disparando uma série de raios coloridos das palmas das mãos com bolas de gude, e acertou o disco no percurso sobre o salão.

– Dezessete – acrescentou Nova.

Adrian sorriu.

– Quem está se exibindo agora?

Nova voltou um olhar sobressaltado para ele, e houve um momento em que a competidora confiante e ousada dos testes apareceu ao lado dele. Mas um segundo depois as bochechas dela ficaram vermelhas e ela se encolheu de leve, tímida ou confusa. Ele não soube dizer qual das duas coisas.

Danna assentiu com apreciação.

– Ao que parece, você vai ser ótima. Só tente deixá-los fora de perigo, tá?

– Isso está na descrição do meu trabalho? – perguntou Nova.

– Não – disse Danna, puxando os dreadlocks e prendendo-os em um rabo de cavalo. – Mas eu me sentiria melhor se soubesse que você está gastando metade dessa energia nesse pessoal aqui.

Nova deu um sorriso largo e mostrou os polegares, no que Adrian teve certeza absoluta que era uma positividade debochada.

– Pode contar comigo.

– Bom – disse Adrian, juntando as mãos. – É melhor deixarmos você voltar ao treino. Não deixa o Balístico pegar muito no seu pé, tá?

Danna grunhiu e acenou sem animação quando eles voltaram na direção da escada.

– Só está faltando uma parada nessa visita – disse Adrian.

– O refeitório? – perguntou Nova sem muito entusiasmo.

– Não fala mal do refeitório – avisou Oscar. – É de graça e é incrível.

Adrian balançou a cabeça.

— Não o refeitório, se bem que tenho certeza de que Oscar pode mostrar como é mais tarde se você pedir. Na verdade, tem uma pessoa especial que quero que você conheça. Nós o chamamos de Bandido.

— Bandido? — disse ela, sufocando uma gargalhada.

— É. Na verdade, ele pediu uma audiência especial com você.

— *Bandido* — repetiu ela, com voz lenta. — Por acaso estamos no Velho Oeste?

Adrian sorriu para ela.

— Às vezes eu me pergunto o mesmo.

CAPÍTULO DEZENOVE



ELLES PEGARAM O ELEVADOR para o saguão principal e subiram uma escadaria em espiral, passaram por um corredor curto e seguiram pela passarela alta que Nova tinha visto quando entrou no prédio. Ela viu a sala de vidro de novo, um ambiente fechado circular cheio de pequenas esculturas que cintilavam como estalagmites de cristal vistas de baixo.

Quando eles se aproximaram, a vista pelas janelas ficou clara e ela viu que não eram esculturas aleatórias, mas um modelo de Gatlon, construído em detalhes impressionantes. Era tudo feito de vidro transparente e reluzente.

— O que é isso, uma instalação de arte? — disse ela enquanto seus olhos acompanhavam o contorno da cidade até a beirada do Parque da Cidade, o contorno do Quartel-General dos Renegados e a torre Merchant, depois descendo até as docas na marina e as pontes que passavam por cima do rio Snakeweed.

— Não exatamente — disse Adrian, batendo com os dedos na janela. — É mais... uma maquete de brinquedo. É meio que o passatempo do Bandido.

— E quem é o Bandido?

— O nome dele é Max. — Ele bateu no vidro. — Ei, Max. Você tem visita.

Nova viu uma pessoa surgir do outro lado da cidade em miniatura. Era um garoto de uns dez anos, talvez, com cabelo louro-pálido que se encaracolava em volta das orelhas e sobrancelhas grossas. Ele percorreu a cidade de vidro, os pés descalços atravessando a rua Broad, pisando com cuidado ao lado de táxis e árvores em caixas

miniatura, e um ocasional pedestre de vidro. Ele ficou tão atento ao caminhar que estava na metade da cidade quando reparou em Nova.

Ele parou e arregalou os olhos.

— Insônia!

— Bandido? — ela tentou adivinhar.

Ele correu o restante do caminho até a janela que os separava. Do lado dele, os arranha-céus cederam lugar a armazéns e estaleiros. Uma área ampla do que seria a praia em torno da baía Harrow acabou sendo um lugar conveniente para ele parar.

— Aquela luta nos testes... foi a melhor coisa que já vi. Eu não *suporto* o Gárgula. E, uau, você é mais baixa do que eu pensava!

Oscar se encostou na parede de vidro.

— Você já falou com o Gárgula?

Max ergueu o olhar com repulsa.

— Por favor. Já vi entrevistas suficientes com a Geladura e a equipe dela pra saber que o cérebro dele é dois terços sedimentado.

A boca de Nova se abriu no que poderia ser o primeiro sorriso verdadeiro que ela deu o dia todo.

— Você acabou de fazer uma piada de geologia?

Max ignorou a pergunta e se virou para Adrian.

— Você consegue desenhar ela?

Nova arregalou os olhos.

— Desenhar... quem? Eu?

— Hum, claro — disse Adrian, o olhar se voltando na direção dela. — Se ela não se importar.

— Você tem que dizer sim — disse Max, enfiando a mão no bolso de trás e pegando um boneco de oito centímetros do Gárgula. — Olha. Estou montando os testes. — Ele apontou na direção de onde tinha vindo. — A arena fica lá. Eu queria montar a parte em que você ganhou e entrou pra nossa equipe.

Nova olhou além dos arranha-céus, e apesar de não conseguir ver a arena de onde estava, era capaz de imaginá-la do outro lado do bairro central, espelhando sua localização no mundo real.

— *Nossa* equipe? — Ela olhou para Adrian, que já tinha se agachado e começado a desenhar na parede de vidro.

Foi Oscar quem respondeu.

— Max não pode participar de patrulhas, então o tornamos um membro honorário da equipe. Assim, ele, pelo menos, ganha um uniforme.

Nova olhou para o garoto, que estava usando um pijama xadrez de flanela.

— Que tal? — perguntou Adrian.

Ela deu um passo para trás para olhar o desenho; era uma imitação simples e precisa dela no vidro. O desenho não estava usando o uniforme dos Renegados como ela utilizava agora, mas a blusa canelada simples e a legging que ela usou nos testes. Ele até desenhou o canhãozinho na mão dela.

— Perfeita — disse Max.

Adrian encostou a palma da mão no desenho, e Nova viu a tinta penetrar pela janela e sair do outro lado como um boneco tridimensional.

— Uau — refletiu ela. — Meu primeiro dia de trabalho e já virei bonequinho.

Adrian ergueu a cabeça e sorriu.

Max pegou o boneco e atravessou a cidade de novo. Parou quando estava dobrando a esquina da avenida Raikes.

— Obrigado, Adrian. Foi um prazer conhecer você, Insônia. Sou seu fã.

Adrian acenou, e Nova, sem saber como reagir a esse estranho encontro, fez o mesmo.

— Obrigada... — disse ela, mas Max já tinha dado as costas para eles. Ela observou a cidade de novo e a inspecionou com mais atenção do que antes. — Você fez tudo isso?

— É um projeto de estimação há anos. — Adrian se levantou e guardou a caneta. — Um trabalho de amor. Ao menos, mantém Max ocupado.

Ela observou a sala ou o que conseguia ver dela. Havia um caminho que contornava a passarela e levava a uma porta fechada do outro lado do ambiente.

— Ele não está trancado aí, está?

Como ninguém respondeu, ela olhou para eles e viu que uma sombra tinha surgido no rosto de Adrian e que Ruby e Oscar estavam com as testas franzidas. Não de raiva nem de tristeza, mas de... resignação.

— Não é uma prisão — disse Adrian. — Ele poderia sair se quisesse ou precisasse. Mas ele sabe... — Ele hesitou. — Ele nunca tenta. Sair.

— Por quê?

Ele a encarou.

– Nós chamamos de quarentena. Ele tem que ficar lá dentro para o bem dele mesmo. E para o nosso. – Ele deu de ombros. – É o mais confortável que dá pra ser.

– Então ele está doente.

– Não exatamente – disse Adrian, escolhendo as palavras. – Ele é...

– Perigoso – completou Ruby.

Ao mesmo tempo, Oscar falou:

– Valioso.

Nova inclinou a cabeça sem entender, mas, antes que qualquer um deles pudesse elaborar, ela ouviu um estrondo alto e um chiado vindos da porta dentro da quarentena de Max, que se abriu e revelou outro aposento fechado além. Uma mulher entrou no aposento circular usando um traje de proteção, com capacete cobrindo o rosto e um aparato de respiração. Embora boa parte do traje estivesse branco e impecável, tinha barras metálicas nos pulsos, tornozelos e no pescoço. Parecia o tipo de uniforme que se usaria para se aventurar por uma área nuclear abandonada.

A mulher estava carregando uma caixa branca médica.

Atrás da cidade de vidro, Max se levantou, parecendo um pouco chateado com a interrupção.

A mulher não precisou dizer nada para Max colocar os bonecos de Insônia e Gárgula no chão e ir na direção dela.

– O que está acontecendo? – perguntou Nova.

– Precisam colher amostras dele regularmente – disse Adrian. – De sangue, saliva... – Ele deu de ombros. – Sinceramente, não sei bem o que estão fazendo com isso.

– Tentando curá-lo? – perguntou ela, achando que devia ser óbvio.

Mas Adrian balançou a cabeça.

– Acho que não. Não é assim. Estão trabalhando em alguma coisa na pesquisa e desenvolvimento, eu acho. – Adrian suspirou e deu as costas. – Vem, vamos dar privacidade ao garoto.

Nova seguiu o grupo pela passarela, mas olhou para trás uma vez e viu Max dobrando a manga enquanto a mulher preparava uma seringa.

— Vocês ainda não me contaram o que tem de errado com ele — disse ela. — Nem por que ele é perigoso, valioso ou todas as opções acima.

Os outros trocaram olhares, e Nova se irritou.

— É meio que confidencial — disse Adrian, com expressão de desculpas.

Aquela palavra gerou um arrepio pela coluna de Nova. *Confidencial*.

Era por coisas confidenciais que ela estava ali.

— Mas agora eu sou uma de vocês, não sou? — insistiu ela. — Por que não posso saber?

Adrian deu de ombros.

— Nós nem devíamos saber. É só que... eu tenho o luxo de acabar ouvindo muitas das coisas que tecnicamente não deveria ouvir.

— Então você ouviu informações confidenciais e contou pra eles — disse ela, indicando Ruby e Oscar.

— É seu primeiro dia, Nova — observou Ruby. — Não estamos tentando deixar você de fora, é só que... é seu *primeiro dia*. E o que está acontecendo com Max não tem nada a ver com a gente.

— Além do mais — disse Oscar —, temos coisas mais importantes pra resolver agora, não temos?

Nova franziu a testa e reconheceu a mudança de assunto. Não pôde deixar de sentir repulsa. Se bem que, para ser justa, sabia que *ela* não confiaria uma informação confidencial a si mesma, por melhor que tivesse se saído nos testes.

Ela arquivou uma nota mental para depois: *Descobrir o que o Bandido tem, o motivo da quarentena e o que estão fazendo com as amostras de sangue dele*.

— ... com isso.

Nova se concentrou e olhou para baixo. Adrian estava segurando uma tira estreita de plástico fino, do tamanho de uma régua, mas ela não tinha ouvido o que ele disse sobre o assunto.

— O que é? — perguntou ela, pegando-a entre os dedos e levando-a à altura dos olhos, espiando Adrian do outro lado.

— Comunicador dos Renegados — disse ele.

— Basicamente, um telefone chique — observou Ruby.

— E um acessório maneiro — acrescentou Oscar. Ele enrolou a manga do uniforme e revelou uma tira similar de vidro em volta do punho. — Designers de

ponta estão tentando copiar. Vão estar na moda ano que vem.

– Deixando a moda de lado, o P e D tem orgulho disso. Aqui.

Adrian segurou o antebraço esquerdo de Nova, mas hesitou quando viu a pulseira delicada. Ele pegou o outro braço. Depois de tirar o dispositivo da mão dela, começou a curvá-lo até caber justo no pulso dela, um aro elegante sobre a pele. Era tão leve que ela mal sentia; ou talvez só estivesse concentrada demais no calor vindo dos dedos de Adrian para prestar atenção no comunicador.

– Esta parte vai acender e tocar um alarme quando houver uma emergência – disse ele, apontando para um lado do dispositivo. – Se o centro de comunicações já tiver designado um local para nos apresentarmos, um mapa da cidade vai aparecer aqui no meio, indicando aonde ir. Aqui embaixo – ele bateu na outra ponta da tira, perto do polegar de Nova – é por onde você se comunica com um de nós. É só apertar o dedo aqui e dizer o nome da pessoa com quem você quer fazer contato.

– Ou você pode segurar na frente do rosto – disse Oscar, imitando o gesto –, e vai começar a gravar automaticamente uma mensagem de vídeo. Bem legal.

Nova virou o pulso de um lado para outro e sentiu um sorriso surgindo. Tecnologia nova, um dispositivo novo. Finalmente, eles estavam falando a língua dela.

Mas aí surgiu um pensamento que sufocou a primeira pontada de empolgação. Tecnologia assim devia ter um dispositivo de rastreamento. O que queria dizer que, enquanto ela o usasse, os Renegados saberiam onde a encontrar.

Ela não fazia ideia se eles se dariam o trabalho de usar assim, mas, de qualquer forma, isso fez com que ela sentisse que tinham enrolado uma cobra venenosa no pulso dela.

– Obrigada – disse ela, tentando parecer agradecida. – Ainda não parece muito real. Vocês sabem... ser uma *Renegada*. – Ela balançou as mãos de leve ao lado do rosto.

– Você se acostuma – garantiu Adrian, com um sorriso compreensivo.

– Acostuma? – disse Ruby, sorrindo. – Ainda não me acostumei. Ainda é a coisa mais incrível do mundo.

– Tente usar o comunicador o tempo todo – disse Adrian. – Você já deve ter uma mensagem aí com as nossas instruções pra amanhã à noite.

– Amanhã à noite?

— Nossa primeira missão. — A expressão de Adrian se iluminou. — Vamos vigiar a Biblioteca Cloven Cross.

Nova ficou imóvel.

— É gerenciada por um cara chamado Gene Cronin — continuou ele. — Ele era integrante de uma gangue de vilões chamada Cartel Vândalo, e temos motivos para acreditar que ele talvez ainda negocie armas ilegais, inclusive, talvez, a arma que Pesadelo usou para tentar assassinar o Capitão Cromo no desfile.

Nova ficou olhando para ele, o corpo tenso esperando a atuação de Adrian se revelar e ele dizer que sabia a identidade secreta dela e que tudo aquilo foi um truque para prendê-la dentro do quartel-general.

Mas ele só indicou os elevadores.

— Vamos levar você até o lounge para que possa pegar suas coisas. Você tem o resto do dia pra descansar. Ou... fazer o que quer que você faça. — Os lábios dele tremeram, mas Nova não estava pronta para uma piada, e qualquer humor se perdeu nos pensamentos errantes. — Então — disse Adrian, o sorriso sumindo. — Vamos nos encontrar em frente à biblioteca amanhã à noite, às onze. Pode usar roupas de rua. Acho que vamos querer ficar incógnitos.

— Espera — disse Nova, seguindo-o cegamente até o elevador. — É só isso? Vigilância? Nós não vamos... sei lá, rastrear um assassino em massa nem nada assim?

— Uma decepção danada, né? — disse Oscar.

Adrian olhou para ele com irritação.

— Nós gostamos de poupar os recrutas das caçadas aos assassinos em massa. Mas a missão é muito importante. Se conseguirmos encontrar provas de que Cronin ainda está negociando no mercado clandestino, isso pode abrir muitas portas para círculos de criminosos na cidade toda. As taxas de crimes têm subido nos últimos quatro anos, e se Cronin estiver por aí fornecendo armas para criminosos, detê-lo pode ser uma vitória enorme para nós.

Nova tentou prestar atenção e assentir quando pareceu apropriado, mas sua mente estava girando. Ela sabia muito bem que Gene Cronin, que conhecia como Bibliotecário, vendia armas no mercado clandestino e tinha fornecido a arma que ela tentou usar contra o Conselho.

— Mas, antes que possamos fazer qualquer coisa — continuou Adrian, ignorando o quanto aquela conversa a tinha deixado nervosa, por ter chegado perto demais dos

segredos dela —, o Conselho exige provas de que Cronin está violando a lei. Não permitem uma invasão e nem dão permissão para buscas na biblioteca enquanto não tivermos algo concreto.

— É sério? — disse Nova, sem conseguir tirar a descrença da voz. — O Conselho não permite uma invasão?

Tinham permitido e muito nos túneis do metrô...

O rosto de Adrian ficou meio irritado, mas Nova percebeu que não era com ela.

— O Conselho é muito rigoroso quando se trata de seguir os novos códigos. Você sabe, durante a Era da Anarquia, eles faziam qualquer coisa que tivessem que fazer pra tentar acabar com toda a violência e todos os roubos que estavam acontecendo. Mas agora estão tentando restabelecer um sistema de justiça, como tínhamos antes. Acho que estão com medo de que, se começarmos a desviar das regras, as outras pessoas vão ter a impressão de que podem fazer o mesmo.

— Você quer dizer que as pessoas não gostam de ver hipocrisia nos líderes? Chocante.

— Eu sei — disse Adrian, olhando para o teto, o sorriso rápido retornando. — Os motivos deles fazem sentido. Mas quer dizer que nossas mãos estão atadas em situações assim. Mas quem sabe? Talvez a gente descubra alguma coisa que seja uma prova suficiente para começarmos a investigar Cronin de verdade.

— Durante nossa vigilância — esclareceu Nova. — De uma biblioteca pública.

— Isso. — Adrian assentiu. As portas do elevador se abriram, e ele a levou de volta aos armários onde tinha guardado as roupas. — Para nossa sorte, temos a Renegada que não precisa dormir.

— É, pra sorte de vocês — disse ela, pegando a bolsa que Adrian tinha desenhado naquela manhã e a pendurando no ombro.

A expressão dele perdeu um pouco da alegria.

— Sei que não é empolgante, e suas habilidades, obviamente, tornam você útil pra missões bem mais práticas...

Nova riu.

— Tudo bem. Não estou decepcionada. Na verdade, estou meio aliviada.

E era verdade, embora ela fosse deixar que ele imaginasse os motivos para isso.

Essa era uma missão com a qual ela poderia trabalhar. Poderia facilmente desempenhar o papel da Renegada obediente ao mesmo tempo que não fazia nem

dizia nada que incriminasse Cronin, que sempre foi aliado dos Anarquistas. Ela poderia até encontrar um jeito de tirar os Renegados do rastro dele... e do dela.

— Que bom — disse Adrian. — Então nos vemos amanhã.

Ela apertou os lábios e assentiu.

— Ótimo. Certo. Hã... nos vemos amanhã. — Ela se virou e saiu andando para o elevador. — Obrigada por mostrar tudo.

Ela tinha acabado de entrar quando ouviu seu nome.

— Nova.

Ela olhou para trás.

— Como está o fecho da pulseira?

Ela sustentou o olhar de Adrian, sentindo novamente o jeito como ele segurou a mão dela, o movimento delicado da ponta da caneta na pele, o tremor da pulsação por baixo.

Ela balançou o pulso de leve e sentiu o metal roçar na pele, bem na manga do uniforme.

— Não quebrou mais.

Ele empurrou os óculos para cima e, só por um momento, pareceu quase tímido.

— Me avise se precisar que eu, hum, desenhe alguma coisa. Tá?

As portas do elevador se fecharam antes que Nova pudesse pensar em como responder. Quando o elevador começou a descer, ela ergueu o braço e inspecionou o fecho da pulseira pelo que devia ser a centésima vez. Os detalhes simétricos, as diferenças sutis de cor. Quando ele o desenhou, fez o fecho ser funcional, para que pudesse ser aberto e tirado se ela quisesse, apesar de Nova nunca fazer isso.

Ela girou a pulseira e olhou o espaço onde haveria uma pedra se seu pai a tivesse terminado, mas não estava vendo a pulseira, a corrente e os ganchos vazios.

Sua mente disparou pelas últimas horas, lutando para organizar tudo que tinha aprendido, tentando discernir o quanto daquilo tudo era valioso e sobre o que ela teria que coletar mais informações nas semanas seguintes. O elevador chegou ao térreo. Quando atravessou o saguão do Quartel-General dos Renegados e seguiu para as ruas de Gatlon, ela foi repassando as lembranças do dia.

Ela viu uma sala de treino subterrânea cheia de inimigos poderosos.

Viu uma mulher com uma espécie de traje de proteção ir colher amostras de um garoto que eles diziam que era perigoso e valioso.

Viu dois membros do Conselho percorrendo o saguão, rindo como se não tivessem nenhuma preocupação nesse mundo.

Viu Adrian e aquela mudança repentina de confiança, um leve constrangimento quando notou as portas do elevador se fecharem.

Enquanto se afastava do quartel-general, ela começou a sentir a pressão de olhos a seguindo. Era tão raro ver um Renegado na cidade que as pessoas paravam para olhar quando ela passava, e alguns turistas até tiraram foto. Havia também reações opostas: as pessoas que odiavam os prodígios e faziam expressão de desprezo ou as que não faziam contato visual por medo ou repulsa.

De uma forma ou de outra, admirada ou desprezada, Nova ficou mais ansiosa a cada passo dado para chegar em casa e tirar o uniforme o mais rápido possível.

Ela não era uma Renegada.

Era a Pesadelo.

E não gostava de ser vista.

CAPÍTULO VINTE



A NOVENTA E QUATRO LESTE COM WALLOWRIDGE ficava em um bairro ainda pior do que Nova tinha imaginado. Não que ela fosse orgulhosa demais para deixar que os Renegados achassem que ela morava ali. Era só que... se ela ia ter uma casa falsa, Millie não poderia ter escolhido alguma coisa um pouco melhor? Talvez uma daquelas mansões abandonadas no subúrbio, ou um apartamento de condomínio com vista ou, pelo menos, um lugar que não parecesse quase condenado?

A casa que Nova McLain dividia com o tio era um sobrado com fachada de tijolos entre outros dois iguais, cada um com tinta descascando na moldura da janela e pequenos pátios tomados de grama e erva daninha. Havia lixo nos bueiros da rua, garrafas vazias de cerveja no degrau de entrada da casa dela e um pneu velho encostado na parede. Uma das janelas de cima parecia ter um buraco de bala, e dois vizinhos cobriram as portas e janelas com tábuas.

Parada na calçada, ela olhou a rua toda de um lado e do outro, observando as pichações nas paredes, os carros sobre blocos. Estava tudo tão parado que ela não tinha certeza se alguém morava ali. Se havia algum morador, era péssimo nos cuidados.

Pelo menos moram num lugar que tem luz do dia, sussurrou uma voz no fundo dos pensamentos dela.

Nova franziu a testa para a invasão do cérebro à crítica aos vizinhos, mas pensou melhor e aliviou a expressão.

Na verdade, a luz do sol era um ponto bem positivo.

E à noite haveria estrelas.

Ela subiu a escada curta e passou por cima das garrafas de cerveja. Um buraco para cartas de metal na porta tinha sido entalhado com uma única palavra muito tempo antes: MCLAIN.

Era a primeira indicação que Nova via que sua identidade falsa poderia estar ligada de verdade a alguém do mundo real, diferentemente do que Millie tinha dito. Isso fez com que ela tentasse imaginar o que tinha acontecido com os verdadeiros McLain.

Nova testou a maçaneta e viu que não estava trancada. Empurrou a porta e deu de cara com uma sala estreita e uma coleção de teias de aranha. Ficou surpresa de ver móveis: duas poltronas antigas e um rack, embora a televisão ou rádio que ficava ali antes já tivesse sido levado e substituído por uma camada grossa de poeira. A sala havia sido decorada com papel de parede estampado extravagante, mas algumas tiras estavam começando a soltar.

Mas o que a fez hesitar mais foram as pegadas recentes deixadas no piso poeirento de madeira, fazendo uma série de caminhos indo e vindo entre a porta e a escadaria que ficava em frente.

Nova pousou a mão no cinto, que ainda carregava os instrumentos que ela tinha levado para o QG dos Renegados naquela manhã, e entrou. Passou por uma coleção de fotos emolduradas na parede — talvez a família de Nova McLain —, mas não se deu ao trabalho de inspecionar os rostos ao subir a escadaria. A madeira gemeu embaixo dela, destruindo o silêncio absoluto da casa. Ela parou e prestou atenção. Quando só o som da respiração dela podia ser ouvido, ela dobrou a esquina e continuou pela escada. No segundo andar, havia uma porta à esquerda, só com uma fresta aberta, e uma área aberta à direita, com um quarto depois.

Nova esticou a mão e abriu a primeira porta até o fim. Dentro havia uma cama sem colchão e painéis de cortina amarela na frente de duas janelas altas, uma delas balançando na direção do buraco de bala.

Virando-se, ela foi para o segundo quarto; era o principal, a julgar pelo pequeno banheiro azulejado anexo ao closet. Mas não tinha mobília. Só uma mochila, um saco de papel de mercado e um saco de dormir verde com uma forma grande encolhida dentro.

Nova parou na porta, ficou olhando para a forma e torceu para que não estivesse morta. O cadáver de um estranho não era exatamente o tipo de presente de boas-vindas que ela esperava. Depois de olhar um momento, detectou uma sutil subida e descida de respiração.

Suspirando, Nova atravessou o quarto. Viu uma arma não muito longe da pessoa e, com o pé, a empurrou para longe. Em seguida, limpou a garganta.

A pessoa não se mexeu.

— Ei.

Uma fungada baixa.

Com cara amarrada, Nova se agachou e cutucou a pessoa por cima do saco de dormir. A pessoa deu um gritinho e rolou, depois deu um pulo. O homem tinha uma barba densa e orelhas de abano grandes demais. Apesar do grisalho visível no cabelo e das rugas na testa, Nova teve a impressão de que ele era mais novo do que parecia, mas que tinha envelhecido prematuramente por anos difíceis demais. Sua mão foi até o lugar onde a arma estava, mas quando só encontrou o chão ele olhou para baixo e a viu atrás de Nova.

A surpresa dele virou desprezo.

— Quem é você? — gritou ele.

— A nova moradora — disse ela. — Desculpe, mas você vai ter que encontrar um novo lugar para dormir.

Ele observou o uniforme de Renegada, e ela sentiu a indecisão lutando por trás dos olhos grogues. Ficou claro que o homem queria mandá-la ir embora e deixar que ele voltasse a dormir, mas a maioria das pessoas atualmente optava por tratar qualquer Renegado com respeito, independentemente de apoiar ou não o domínio deles na cidade.

— O quê? — disse ele. — Vocês estão tomando este quarteirão pra um dos seus projetos sociais ou alguma outra coisa?

— Alguma outra coisa. — Pegando a arma, ela passou por cima do homem no saco de dormir e abriu a janela mais próxima. Jogou a arma lá fora. Caiu com um baque suave em um canteiro no beco dos fundos.

— Ei! — gritou o homem.

Nova voltou na direção da escada.

— Você tem dois minutos — disse ela por cima do ombro. — Se não tiver sumido até lá, você vai ser a próxima coisa que vou jogar pela janela.

Ela estava na metade do quarto quando ele respondeu.

— Você acha que pode me jogar por uma janela? Já tive vira-latas maiores do que você!

Nova parou, se virou e olhou para ele pela porta.

— Agora você tem um minuto.

Ela desceu a escada para terminar de conhecer a casa, que era composta de um lavabo e um pequeno conjunto de cozinha e sala de jantar nos fundos do térreo. Uma porta de vidro de correr levava a um quintal pequeno, basicamente coberto de ervas daninhas e que incluía uma amoreira enorme que estava devorando um triciclo de criança.

Trinta e quatro segundos depois, ela ouviu a escada gemer e a porta da frente se fechar.

Nova expirou.

— Lar, doce lar.

Ela voltou para a cozinha e começou a mexer nos armários. Encontrou uma caixa de sacos de lixo preto em um canto e começou a enchê-lo de tampas de garrafa, latas de refrigerante amassadas e uma ocasional barata morta que sujavam o chão. Não tinha planejado ficar lá quando decidiu ir dar uma olhada. Na verdade, estava pensando de forma estratégica. Concluiu que, se os Renegados *estivessem* rastreando seus movimentos pelo comunicador, eles esperariam que ela voltasse para casa em algum momento, então era melhor tirar isso logo do caminho. Seu plano era esconder a pulseira lá e voltar para os túneis do metrô para contar aos outros o que tinha descoberto no primeiro dia no QG.

Mas agora que estava ali ocorreu-lhe que, se eles a *estivessem* rastreando, não seria suficiente ir lá de tempos em tempos. Ela teria que passar um tempo ali, gostando ou não, e era melhor que o tornasse... bom, não confortável. Mas um tanto tolerável.

Ela tinha terminado sua coleta preliminar de lixo quando ouviu a porta da frente se abrir de novo.

Gemendo, ela largou o saco de lixo e voltou até a sala da frente.

— Estou avisando, este lugar não está mais...

Ela parou de repente.

Ingrid estava na porta, o lábio curvado em repulsa ao olhar a entrada.

— Ora — disse ela, passando pela porta —, eu ia parabenizar você pela melhoria de vida, mas não sei mais se houve melhoria.

Leroy e Mel entraram atrás. Mel se virou para fechar a porta, mas hesitou e usou o dedo do pé para empurrá-la. Estava com a mão contra o peito, como se com medo de tocar sem querer em alguma coisa e acabar pegando tétano.

Nova revirou os olhos. Quase uma década passada em um túnel úmido e escuro e Mel Harper ainda conseguia ser elitista.

— O quê, nada do Fobia? — perguntou Nova secamente.

— Ele não estava interessado em se juntar a nós — disse Ingrid. — A falta de curiosidade dele não é humana.

— Ou isso — sugeriu Mel com expressão de desprezo — ou ele tem um medo profundo de papel de parede estampado. Não, espera, essa sou eu.

A bochecha de Nova tremeu.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Nós estávamos curiosos pra saber como foi seu primeiro dia — disse Leroy. Ele afofou uma almofada florida desbotada e se sentou em uma das poltronas. Mel olhou para ele boquiaberta e horrorizada.

— Eu ia voltar para os túneis depois que — ela olhou ao redor — explorasse o local.

— Nós imaginamos. — Ingrid percorreu lentamente a sala, inspecionando a mobília e o papel de parede desbotados. — Mas não achamos que seria uma ideia muito boa caso você estivesse sendo seguida.

Nova franziu a testa.

— E se eu estiver sendo seguida, você não acha um problema que a pessoa que está me seguindo tenha visto três Anarquistas entrando na minha casa?

— Bom, você não está sendo seguida, obviamente — disse Ingrid. — Só por nós. Estamos atrás de você desde que você saiu do Quartel-General dos Renegados. Nós teríamos notado se houvesse mais alguém.

— Mas você não sabia disso — observou Mel, ousando dar outro passo pela sala. — E ainda parece arriscado você ir aos túneis enquanto for uma... isso aí. — O olhar dela percorreu o uniforme de Nova. — Nós não queremos chamar nenhuma atenção desnecessária.

— E aí? — perguntou Nova, cruzando os braços. — Estou banida de ir pra casa enquanto essa farsa estiver em andamento?

— Para com isso, Nova — disse Ingrid. — Você não está perdendo nada. Vai ficar com uma casa inteira só pra você. — Ela abriu os braços e indicou o aposento ao redor.

— Minhas coisas todas estão lá. Minhas armas, minhas invenções, minhas roupas...

— Você não está sendo banida — disse Leroy. — Sempre é bem-vinda a voltar, claro. Mas vamos esperar um ou dois dias, só para ter certeza de que os Renegados não estão de olho no seu paradeiro. Além do mais... — Ele deu de ombros. — Você sempre passou o máximo de tempo possível do lado de fora. Não imagino que isso seja uma inconveniência pra você.

Nova apertou os lábios, sem ter o que argumentar.

— Tudo bem. Eu nem planejo passar muito tempo aqui. Assim que completar minha primeira missão oficial, vou passar o tempo livre que tiver no quartel-general, pra aprender o que puder.

— É assim que se fala — disse Ingrid. Ela tinha completado a volta pela sala e agora parou na frente da parede com as fotos emolduradas. Pegou uma da parede e deixou à mostra um retângulo de papel de parede limpo onde antes ficava a foto, indicando o quanto o resto tinha desbotado com o tempo.

— Descobriu alguma coisa interessante hoje? — perguntou Leroy, se mexendo para se acomodar nas almofadas carocudas.

Nova jogou o saco de lixo no chão e fez o melhor possível para recontar o dia que passou no quartel-general. Apesar de ter descoberto bem pouco sobre os experimentos na pesquisa e desenvolvimento e nada sobre o Sentinela, ela pelo menos tinha começado a desenvolver uma compreensão hesitante de como a organização funcionava. A hierarquia. A estrutura. O escopo do que eles estavam tentando fazer.

E foi bem além do que ela esperava.

Claro, ela sabia a posição deles sobre crimes e aplicação da lei, e até a respeito de programas sociais. Sabia que o Conselho se via como líderes benevolentes tentando solucionar todos os problemas da humanidade, sem qualquer compreensão aparente

de como o envolvimento deles só estava condenando a sociedade à impotência e ao desespero.

Mas ela raramente parava para pensar nos Renegados como uma organização global, com o poder continuando a crescer a cada prodígio que vinha ser treinado. As cidades do mundo todo estavam se tornando tão dependentes do comando e da proteção dos prodígios quanto Gatlon? Quanto tempo demoraria para que toda a humanidade desistisse da liberdade e da responsabilidade pessoal? Quanto tempo demoraria para que eles esquecessem completamente como era isso?

Ela agora tinha visto prova do poder deles com os próprios olhos. Não só na tecnologia e no desenvolvimento de armas, mas nos números também. Sabia que só uma fração da força de trabalho deles estava no centro de treinamento quando ela fez a visita, e ainda sentia o jeito como seus pulmões travaram quando ela os viu.

Tantos prodígios, todos usando os uniformes cinza, todos com os Rs vermelhos. Sem nunca ter visto tantos Renegados juntos ao mesmo tempo, foi fácil subestimá-los como um todo. Mas lá ela testemunhou a cacofonia de flashes e explosões, os elementos naturais usados como armas, prodígios desafiando a gravidade e a física, os corpos se transformando e voando e lutando e treinando mais e mais e mais.

Tanto poder fechado em um lugar só fez seus nervos vibrarem.

Tanto.

Os Renegados tinham tanto. E o que os Anarquistas tinham?

Uma elaboradora de bombas, uma criadora de abelhas, um destilador de venenos... e ela.

Parecia o começo de uma piada ruim.

Mas Nova se recusava a se desviar da causa. Ver o funcionamento interno dos Renegados não tinha mudado nada fora o fato de que, pela primeira vez em anos, os Anarquistas tinham uma vantagem. Ela descobriria que segredos estavam sendo desenvolvidos por trás das portas fechadas do laboratório. Aprenderia como minar os sistemas e protocolos, de um jeito ou de outro. Descobriria quem o Sentinela era e para que o Conselho pretendia usá-lo, e o impediria antes que ele tivesse oportunidade.

O Sentinela.

Aquilo foi alguma coisa. Nova tinha certeza de ter detectado nervosismo em Adrian quando ela tocou no nome do soldado. Tinha certeza de que ele estava

fingindo ignorância, mas não achava que foi só com ela. Teve a impressão de que, o que quer que ele soubesse, estava escondendo de Ruby e de Oscar também.

O que fazia sentido.

Claro, se algum deles sabia sobre as aventuras confidenciais do Conselho, esse alguém seria ele.

— É um começo — disse Leroy quando ela terminou de relatar tudo que tinha visto e ouvido durante seu primeiro dia como uma Renegada. — Você determinou seus objetivos iniciais para seguir em frente?

— Pesquisa e desenvolvimento — explicou Nova. — Há muitos segredos lá. Quero saber em que estão trabalhando e que consequências pode haver para nós e para a cidade. E também o Sentinela. Quero prova de que ele é uma ferramenta dos Renegados, e quero saber quem ele é e para que planejam usá-lo. A partir daí... — Ela balançou a cabeça. — Não sei. Quero saber quais são os elos fracos. Talvez um ataque direto ao Conselho tenha sido prematuro. Talvez haja outras formas de fazer a organização desmoronar sobre si mesma. Jeitos mais sorrateiros.

Ingrid assentiu.

— Se você quer derrubar um prédio — disse ela —, retire as vigas de suporte.

Nova a encarou.

— Infelizmente, não vou derrubar nada por alguns dias. A equipe que me escolheu nos testes está designada para uma missão especial. Mas acho que vai interessar a vocês.

Ingrid ergueu as sobrancelhas.

— A partir de amanhã à noite, vamos vigiar a Biblioteca Cloven Cross.

— O quê? — gritou Ingrid, jogando a fotografia emoldurada em um canto. Nova fez cara feia para o lugar onde caiu, no chão, com um sentimento peculiar de propriedade, tanto em relação a casa quanto a tudo dentro, até em relação à família que era, em um universo alternativo, a *sua* família. — O que encontraram sobre Cronin?

— Nada — disse Nova. — Ainda. Mas rastrearam a arma que usei no desfile até ele.

— Ela olhou de Ingrid para Leroy. — Você *comprou* dele em algum momento, não foi?

— Anos atrás — disse Leroy, esfregando a bochecha com tanta força que a pele marcada se enrugou e inchou em volta dos dedos. — Ele estocava aquele modelo específico. Eu devia ter me dado conta de que fariam a ligação. Foi descuido meu.

— Eles ainda não têm nenhuma prova do envolvimento dele — insistiu Nova. — Só estão desconfiados. Desde que o Bibliotecário consiga não comprar nem vender nada ilegal por um tempo, eles não devem conseguir culpá-lo de nada.

— A não ser que revistem a biblioteca — refletiu Mel, mexendo em uma mancha misteriosa no tapete com o pé. — Se descobrirem o estoque dele, bem... é o fim.

— Eles não podem fazer uma revista — disse Nova. — Não sem evidência de atividade ilegal. É parte do *código* deles. — Ela não conseguiu evitar o sarcasmo, embora, nesse caso, o código dos Renegados estivesse sendo uma coisa boa. Para eles, pelo menos. E para o Bibliotecário.

— Não estou gostando — disse Ingrid, começando a andar de um lado para o outro. — Se perdermos acesso à rede de Cronin... — O olhar dela ferveu. — Já estamos com muito poucas armas.

— De novo — disse Nova. — Eles não podem revistar...

— Ah, por favor. — Ingrid fez um ruído debochado. — Se desconfiarem que ele está vendendo, vão encontrar um motivo pra revistar a biblioteca, mesmo que tenham que plantar provas.

Os ombros de Nova murcharam, e ela se perguntou se era verdade. Adrian pareceu firme sobre essa missão de vigilância e a importância de encontrar provas que permitiriam que os Renegados fizessem uma busca legal na biblioteca. Era só uma tramoia? Uma exibição de boa-vontade para a comunidade, uma demonstração de esmero, antes de eles plantarem provas que os levariam aos resultados que eles queriam?

— Então... temos que avisá-lo — disse Nova. — Posso ir agora mesmo. A vigilância só vai começar amanhã à noite. Isso vai dar a ele mais de vinte e quatro horas para esvaziar qualquer estoque de armas ou documentos que possam incriminá-lo. Deve ser tempo suficiente.

— Você não pode ir — disse Ingrid, batendo com os dedos nos quadris. — Seria suspeito demais se alguém te reconhecesse.

— Mas você disse...

— Eu falo com Cronin — continuou Ingrid. — Já trabalhei mais com ele do que qualquer pessoa. Não posso dizer que confiamos um no outro, mas é mais provável que ele me escute do que a qualquer outro aqui. Além do mais, o homem é um

covarde. Se achar que os Renegados estão atrás dele, seu instinto vai ser de fugir e salvar a pele. – Ela inspirou fundo. – Como ele fez na Batalha de Gatlon.

Nova olhou para Leroy, que deu de ombros.

– Há um motivo para ele ser um dos poucos vilões que sobreviveram àquele massacre, e sem dúvida não foi pela força e pela coragem.

– Mas, se ele fugir de novo – disse Ingrid –, aposto que vai sair de vez da cidade, e isso não vai nos deixar melhor do que se os Renegados o prendessem. Então, vou tomar o cuidado de motivá-lo de uma forma que ajude nossa causa mais do que atrapalhe. – Ela virou o foco para Nova, a expressão calculista. – Quantos Renegados vão estar envolvidos nessa missão de vigilância?

– Só quatro, eu acho. Eu e os outros três da minha equipe.

Ingrid sustentou o olhar dela por um tempo antes de perguntar:

– Inclusive o garoto Everhart?

O jeito como ela falou fez os cabelos se arrepiarem na cabeça de Nova, e ela percebeu seus dedos se fechando sozinhos, de forma quase protetora, na pulseira.

– Sim – disse ela. – Ele é o líder da equipe. Mas, pelo que pude perceber, ele nunca fez vigilância assim. Acho que ninguém da equipe fez.

– Claro – disse Ingrid. – Mas ele é o candidato perfeito para arrumar uma prova incriminadora, não é?

Nova engoliu em seco, se perguntando por que esse pensamento não tinha passado pela cabeça dela.

Leroy se levantou e tirou a poeira das costas.

– Nova vai ficar de olho nele durante a missão. Se ele tentar plantar alguma prova contra Cronin, ela pode impedir.

– Não se dê ao trabalho – disse Ingrid. – Vai ser melhor se revistarem o lugar e acabarem logo com tudo.

– O quê?

– Vou cuidar para que não haja nada para eles encontrarem – disse Ingrid. – Quanto a *você*, providencie para que sua equipe faça a busca, digamos... de manhã cedo, logo depois que a biblioteca abrir. Quanto mais cedo eles puderem tirar a biblioteca da lista de vigilância, mais cedo podemos voltar à rotina.

– E – acrescentou Mel – mais cedo Nova vai conseguir se concentrar em investigar todas aquelas outras coisas no quartel-general.

Nova abriu a boca para discutir, sem ter total certeza de que conseguiria persuadir Adrian a revistar a biblioteca no caso de eles não verem nada suspeito. Mas hesitou. Era isso que ela estava fazendo com os Renegados, não era? Tirando do rumo. Enfraquecendo da forma que pudesse.

— Tudo bem — disse ela. — Me dê alguma coisa com que trabalhar, algo suspeito que eu possa usar pra fazer com que eles entrem na biblioteca para o caso de Adrian não estar planejando inventar provas. E vou dar um jeito de revistarem o local. Mas se encontrarem alguma coisa, nem que seja um cartucho, uma *bala*...

— Relaxa, Pesadelo — disse Ingrid, sorrindo. — Vou cuidar de tudo.

CAPÍTULO VINTE E UM



ELAS SE ACOMODARAM EM um escritório abandonado de quarto andar em frente à Biblioteca Cloven Cross. O espaço exibia os rastros dos invasores que passaram por lá ao longo das últimas décadas: camadas de pichação e restos de lixo nos cantos. Saqueadores levaram cada peça de metal que conseguiram encontrar, inclusive maçanetas e os fios nas paredes. Uma escrivaninha improvisada de compensado ocupava um canto debaixo de uma camada de poeira, e algumas das divisórias dos cubículos ainda estavam de pé, com cheiro de mofo e perfuradas com grampos e buracos de pregos e restos de pôsteres arrancados. Em uma das paredes, Nova reparou em um calendário de trinta anos antes, ainda aberto em julho, mostrando uma foto desbotada de uma cidade costeira distante, onde todos os prédios banhados de sol estavam pintados de tons de coral e pêssego. Nova conseguia imaginar um funcionário entediado de escritório sonhando em viajar para lá um dia, um lugar tão diferente de Gatlon quanto possível.

Os Renegados tinham se preparado para a noite com um cobertor grande e macio que Adrian abriu no tapete imundo assim que ocuparam o espaço. Ruby espalhou algumas almofadas para ficar confortável e se deitou em cima. Oscar abriu um cooler e ofereceu para todo mundo refrigerante e pretzels, que Nova recusou.

Ela foi até as janelas e olhou para a biblioteca do outro lado da rua. Passava das onze da noite, e a biblioteca estava fechada havia horas, o que indicava em uma placa pendurada por um barbante na porta. O prédio todo de dois andares estava escuro por dentro, e embora houvesse arandelas velhas penduradas junto à entrada, elas

pareciam estar queimadas havia muito tempo, deixando só um poste solitário na calçada lançando um brilho âmbar na fachada.

Era um prédio digno. A parte externa era toda de tijolos marrons, e as janelas eram emolduradas com carvalho escuro e acentuadas com arcos de pedra. As portas da entrada eram ladeadas de colunas duplas sustentando um frontão triangular, com as palavras BIBLIOTECA PÚBLICA entalhadas muito tempo antes na pedra.

Apesar do desgaste da fachada imponente ao longo dos anos, havia sinais claros de que não tinha manutenção rigorosa, desde a trepadeira invasora ocupando a parede a oeste até pedaços de telhas faltando no telhado. Havia as janelas rachadas que não foram consertadas e os canteiros de plantas em torno da base, que já tinham abrigado plantas, agora estavam cobertos de ervas daninhas.

Do local da tocaia, Nova via uma parte da viela que separava a biblioteca do cinema que oferecia ingressos com descontos, onde uma fileira de caçambas e latas de lixo desapareciam nas sombras. Havia duas portas pequenas naquela parede da biblioteca, nenhuma tão formal quanto a entrada principal, mas as duas envoltas em decoração de pedra. No entanto, o efeito era minimizado pelas barras de ferro que alguém tinha colocado na frente das duas portas em algum momento dos últimos cento e cinquenta anos. Uma das portas podia ser uma saída de emergência, supunha Nova. A outra, talvez, uma entrada de fundos para a equipe ou local de entregas.

Não havia atividade na viela. Não havia atividade em lugar nenhum. Até a bilheteria do cinema estava escura.

Ingrid e o Bibliotecário tiveram mais de vinte e quatro horas para se prepararem para a visita dos Renegados. Devia ter sido tempo suficiente para ele cancelar qualquer negócio ilegal em atividade para que nada incriminador restasse.

— O que você acha? — perguntou Adrian, aparecendo ao lado dela.

Nova manteve a atenção na rua abaixo.

— O que exatamente estamos procurando?

— Vilões — disse Oscar. — Fazendo coisas de vilões.

Nova olhou para ele, nada impressionada.

— Qualquer coisa que possa ser qualificada como atividade suspeita — disse Adrian, atraindo o olhar dela. Ele retribuiu o olhar com um movimento de ombros.

— Eu acho que, se isso servir de fachada para venda ilegal de armas ou qualquer outra coisa, toda a atividade deve acontecer pelas portas dos fundos, não é? E

provavelmente não aconteceria nos horários normais de funcionamento. — Ele franziu mais a testa. — Pelo menos é o que eu acho. — Adrian indicou a viela. — Se virmos alguém vindo ou indo, principalmente se reconhecermos a pessoa, ou se alguém sair com uma coisa que pode ser uma arma, vamos atrás pra ver o que conseguimos descobrir.

Nova segurou um sorriso. Duas vezes ela fora até lá com Ingrid para oferecer trocas por equipamentos de que elas precisavam, e as duas vezes foram no meio do dia, e elas entraram pelas portas da frente, como qualquer cliente. Gene Cronin tinha um sistema montado para seu negócio *paralelo*, um punhado de livros específicos enfiados no meio das prateleiras que agiam como código para a recepcionista quando levados até o balcão. Era um jeito discreto de indicar que a pessoa não estava lá atrás de material de leitura.

Mas se os Renegados queriam acreditar que toda atividade ilícita acontecia pelas portas dos fundos, acobertadas pela noite, que fosse.

— Então vamos ficar vigiando essas portas a noite toda? — perguntou ela.

— Basicamente. — Ele fez uma careta. — Pensei em fazermos turnos. Acho que você poderia ser a última, considerando que é a menos provável de cair no sono.

Menos provável. Como se ainda pudesse ser uma possibilidade.

Nova se afastou da janela. Adrian assentiu para Oscar, que assumiu sua posição como primeiro vigia.

— O Bibliotecário é vilão? — perguntou Oscar, olhando para a rua. — Tipo, com superpoderes? Ou é só um cara mau?

— Ele é prodígio — disse Adrian —, mas não sei exatamente o que faz. Nada violento, eu acho.

— Retenção de conhecimento — disse Nova. Os outros se viraram para olhá-la, e ela teve um sobressalto. — Foi... o que ouvi — acrescentou, desajeitada. — Acho que é por isso que o chamam de Bibliotecário. Não é só porque ele cuida de uma biblioteca, mas supostamente se lembra de tudo que lê, palavra por palavra. Pra sempre.

— Faz sentido — disse Ruby, abrindo um pacote de balas.

Permitindo-se relaxar quando a atenção do grupo se afastou dela, Nova se sentou de pernas cruzadas e olhou para a pilha de comida que eles levaram. Fios compridos

de alcaçuz vermelho, jujubas, biscoitos de creme de amendoim e uma variedade de bebidas energéticas em lata.

— É a primeira vez que vocês fazem isso, né?

— O que você quer dizer? — perguntou Ruby, pegando um punhado de jujubas, separando as roxas e as colocando de volta no saco antes de enfiar as outras na boca de uma vez.

Nova indicou o cobertor.

— Isso é um pico de hipoglicemia esperando pra acontecer. Ninguém pensou em trazer... sei lá, cenoura? Ou frutas secas, carne seca... quem sabe alguma coisa com nutrientes?

Ruby ficou olhando para ela e depois olhou para Oscar. Nenhum dos dois falou nada.

— Posso ir até o mercado — disse Adrian. — Tem um mercadinho a três quarteirões daqui. Se você precisar de alguma coisa...

Ao perceber que ele estava olhando para ela, Nova fez que não.

— Não vai fazer diferença pra mim, mas... — Ela balançou a mão no ar. — Esqueçam. Não se preocupem. Eu fico de vigia quando vocês desmaiarem, o que aposto que vai acontecer mais cedo do que imaginam.

— Isso mostra o que você sabe — disse Oscar. Ele estava encostado na janela, batendo com a ponta da bengala no chão. — Eu tenho a energia de um triatleta.

Nova ergueu as sobrancelhas.

— Ele não quis dizer *isso* — murmurou Adrian.

— Não? — comentou Oscar, com um olhar sugestivo na direção dele.

Adrian estalou os dedos para ele.

— Olhos na janela.

Nova olhou de Oscar para Ruby. Era a primeira vez que ela os via com roupas civis, ele de camisa xadrez azul de botão, as mangas dobradas até os cotovelos, ela de camiseta com o logotipo das SUPER SCOUTS no peito, uma revista em quadrinhos de outro país que era muito popular, mas que Nova nunca tinha lido. Como Assassina Vermelha, o cabelo preto e branco estava sempre preso alto na cabeça, mas hoje estava caído em marias-chiquinhas frouxas que a faziam parecer adoravelmente inofensiva. Porém o mais impressionante era a atadura branca grossa em volta do

braço, que desaparecia embaixo da manga. Nova se perguntou se Ruby se machucou na luta no desfile, embora tivesse certeza de que *ela* não a tinha ferido.

Adrian também estava vestido de forma casual, quase da mesma forma como no desfile. Tênis vermelhos. Calça jeans. Uma camiseta escura de mangas compridas. Não havia nada de estiloso no traje, mas caía bem nele, do jeito certo para indicar os músculos tonificados por baixo.

Ela afastou o olhar rapidamente, irritada com o pensamento.

– Nós trouxemos jogos – disse Ruby quando o silêncio começou a ficar incômodo. Ela mexeu em uma mochila e tirou um baralho e uma caixa de dominó. As peças fizeram um barulho alto quando ela colocou a caixa no cobertor. – Alguém?

Como uma falta de entusiasmo silenciosa foi a resposta, ela deu de ombros e pegou o baralho.

– Tudo bem. Vou jogar paciência.

Nova a viu espalhar uma fileira de cartas.

– Então essa é a vida de um super-herói. – Ela olhou para Adrian. – Não estou surpresa de todo mundo querer ser parte do seu grupo.

Ele respondeu com um sorriso e se sentou no outro canto do cobertor.

– Todo mundo quer ser parte do *nosso* grupo – corrigiu ele. – E, sim. Estamos vivendo o sonho.

– Certo – disse Oscar, apoiando um pé no parapeito. Sem olhar para trás, ele levantou a mão em formato de pistola e disparou uma flecha de fumaça branca na direção de Nova. Acertou o peito dela e se dispersou. – História de origem. Vai.

– Como é? – perguntou ela, afastando os restos da fumaça inodora que voava para o alto.

– Você sabe – disse ele, olhando para trás. – Quando alguém decidir escrever uma versão dramatizada de quadrinhos sobre a história da Insônia, onde vai começar?

– Ele quer saber de onde veio seu poder – disse Ruby, botando uma nova carta no jogo.

– Foi resultado de algum trauma pessoal? – perguntou Oscar. – Ou de experimentação humana? Abdução alienígena?

– Oscar – disse Adrian, em aviso, e Oscar voltou a atenção para a janela.

— Só estou conversando — justificou ele. — Nós devíamos saber mais sobre ela do que só a capacidade de transformar uma caneta em receptáculo de dardos.

— Nós sabemos que ela é capaz de limpar o chão com gente como o Gárgula — disse Ruby.

— E que sabe dar uma resposta irônica ao Luz Negra no meio de uma arena cheia de fãs gritando — acrescentou Adrian. Ele sorriu para Nova, que afastou o olhar.

— Tudo bem, eu falo primeiro — disse Oscar, e apesar de ela não poder ver o rosto dele, Nova teve a impressão de que era assim que ele sempre quis começar a conversa.

— Fique à vontade — disse ela, se apoiando nas palmas das mãos atrás do corpo. — História de origem. Vai.

Oscar inspirou fundo antes de declarar de forma um tanto dramática:

— Eu morri em um incêndio quando tinha cinco anos.

Como ele não disse mais nada, Nova olhou para Adrian para ver se tinha perdido alguma piada, mas Adrian só assentiu.

— Então... — disse Nova — você é um zumbi que controla fumaça?

Ela viu o sorriso de Oscar no reflexo da janela.

— Isso seria *incrível*. Mas não. Eu não estou mais morto, obviamente.

— Obviamente — concordou Nova.

— De acordo com a teoria — disse ele —, minha mãe estava no porão do nosso prédio lavando a roupa quando uma das nossas vizinhas pegou no sono e o gato derrubou uma vela que ela tinha deixado acesa. O prédio todo foi consumido em chamas em, sei lá, *minutos*. Eu estava no meu quarto e ouvi gente gritando, depois vi a fumaça, mas fiquei paralisado, e, além do mais, eu não sou muito rápido, né? — Ele balançou a bengala. — Então, quando reuni coragem pra tentar sair do apartamento, o fogo estava subindo pela escada e eu não sabia o que fazer. Então fiquei paralisado no corredor, vendo a fumaça até estar tão densa que eu mal conseguia enxergar e não era capaz de respirar. Eu desmaiei, e foi assim que os Renegados me encontraram.

— Os Renegados? — perguntou Nova.

— Quem mais? Tsunami, pra ser específico. Foi ela que apagou o fogo e me entregou para a Pássaro do Trovão, que voou comigo até o hospital, mas não tinham muitas esperanças que eu sobrevivesse. Eu não tinha pulsação. Mas, enquanto eles

estavam lamentando a morte do garoto, eu estava tendo um sonho. — A voz dele ficou sombria e assumiu um ar de importância. — Eu sonhei que estava no alto do nosso prédio e estava inspirando, uma inspiração longa que não parava nunca. Foi uma inspiração tão funda que tirou toda a fumaça do ar e levou para os meus pulmões. Finalmente, eu parei de inspirar, olhei para o céu e expirei. E foi aí que eu acordei.

— No hospital? — disse Nova. — Ou no necrotério?

— No hospital. Só tinham passado uns dez minutos que me levaram pra lá; tempo suficiente para me declarar legalmente morto, mas ainda assim. Minha mãe também estava lá, e ela me viu expirar, e uma nuvem de fumaça grande saiu da minha boca. — Oscar repuxou os lábios e soprou. Uma nuvem cinza explodiu na superfície da janela. — E aqui estamos nós.

Nova inclinou a cabeça.

— Então... o seu poder. Não tem nada a ver com... — Ela indicou a bengala, e apesar de Oscar não estar olhando para ela, ele bateu com a bengala no chão algumas vezes em reconhecimento.

— Não. Eu nasci com *isso*. Quer dizer, não com a bengala. Mas meus ossos não crescem como os de uma pessoa normal. É uma doença rara. — Ele sorriu para Nova. — Mas, provavelmente, foi a melhor coisa que aconteceu comigo, não é? Imagine só: se eu tivesse sido mais rápido, talvez tivesse saído bem do prédio, e estaria no meio de todos aqueles outros trouxas não prodígios por aí.

— Certo — disse Nova. — Não morrer por envenenamento de monóxido de carbono quando você tinha cinco anos teria sido *horrível*.

— Viu? — Oscar olhou diretamente para Adrian. — Ela entende.

Adrian revirou os olhos.

— E quando você fez o teste para os Renegados... — começou Nova, se inclinando para a frente. — Ninguém achou que isso fosse... um problema? — Ela indicou a bengala.

Oscar riu com orgulho.

— Claro que acharam. Até hoje, tenho o recorde do candidato mais desafiado nos testes. Mas aqui estou. — Ele indicou Ruby. — Ela também foi desafiada no teste dela. Na verdade, está virando moda aqui.

— Vou tentar adivinhar — disse Nova, apoiando o queixo na mão e inspecionando o cabelo descolorido de Ruby enquanto ela se inclinava sobre as cartas. — Sua origem é que... você encontrou artefatos mágicos antigos escondidos em uma loja de antiguidades em algum lugar, inclusive um gancho e uma adaga de rubi, que concederam a você capacidades místicas de luta de alguma cultura esquecida.

Ruby riu.

— Hum, não, mas acho que vou começar a dizer isso aí pras pessoas. É bem menos traumático do que a verdade.

— Ah?

Ruby virou a última carta, verificou que não tinha onde a colocar e começou a recolher todas.

— Antes de a sociedade desmoronar, a minha avó era uma joalheira respeitada. Ela tinha uma loja na Queen's Row havia quarenta anos quando os Anarquistas tomaram tudo, e foi um dos primeiros lugares invadidos depois que todos os cartões de crédito pararam de funcionar e todo mundo entrou em pânico, e nós achamos que teríamos que voltar a fazer escambo com ouro e pedras. Você sabe, antes de perceberem que comida, água e armas eram os verdadeiros bens em um mundo daqueles. Depois de alguns dias de pilhagem, tudo se foi, menos o que a minha avó tinha escondido no cofre. Ela pegou todas as pedras e diamantes que ainda tinha e começou a esconder onde achava que não seriam encontrados, incluindo alguns lugares secretos em casa.

— Vocês moravam juntas? — perguntou Nova.

— Ah, sim, ela morava conosco desde antes de eu nascer. A vovó, eu, meus pais e meus irmãos.

— Você tem irmãos? — perguntou Nova.

— Dois — disse Ruby, olhando para ela. — Mas não é relevante pra essa história.

— Desculpe.

— Então ela escondeu todas aquelas pedras valiosas pela casa, em buraquinhos nas paredes, compartimentos secretos nas cômodas, lugares assim. E todos ficaram lá por mais de vinte anos, enquanto minha família tentava sobreviver, e meus irmãos e eu acabamos nascendo, e um comentário à parte: sim, todos nós temos nomes irritantes de pedras preciosas, *valeu*, vovó. Bom, uma noite estávamos brincando de pique-esconde e eu me escondi atrás da grade da lareira e por acaso encontrei um

saco cheio de rubis que tinha sido enfiado na chaminé. Eu já tinha ouvido sobre a joalheria e as invasões e tudo o mais, e não sabia o que fazer com eles, então botei de volta. Só que alguns meses depois... Lembra que pouco tempo antes do Dia do Triunfo algumas gangues de vilões começaram a descobrir como fazer negócios internacionais, e foi aí que o ouro ficou valioso de novo? Bom, minha avó foi uma das primeiras pessoas que procuraram. Uma noite, nossa casa foi invadida por vilões procurando qualquer coisa que pudessem ter deixado passar antes.

— Que vilões? — perguntou Nova, tendo feito a pergunta antes de perceber que faria isso. — Que gangue?

— Os Chacais — disse Ruby, tremendo. — Eu nunca vou me esquecer daquelas máscaras horríveis.

Nova apertou os lábios. Ela tinha visto fotos dos Chacais, tiradas antes do Dia do Triunfo. Eles foram uma das poucas gangues a usar uniforme: roupas pretas com máscaras pintadas para parecerem os animais que lhes davam o nome.

Ela não sabia bem por que sentiu decepção, mas Nova percebeu que uma parte dela estava esperando que Ruby dissesse que sua família foi atacada pelos Baratas, a mesma gangue que mandou o assassino atrás da sua família. A gangue que Ace exterminou em retaliação. Eles eram uma das maiores e mais poderosas gangues de Gatlon, então não seria surpresa se tivessem sido eles a atormentar a família de Ruby. Alguns diziam que eles tinham recebido o nome dos Renegados, quando um dos primeiros justiceiros reclamou que por mais que matassem aqueles vilões eles nunca conseguiam se livrar de todos.

Houve um pequeno e leve desejo que ela e Ruby compartilhassem desse inimigo mútuo e há muito exterminado.

Ela encolheu os joelhos junto ao peito e enfiou as pontas dos dedos nas pernas.

Que coisa idiota de se desejar.

— Nós não tínhamos muito àquela altura, pois a maior parte das coisas valiosas tinha sido usada em trocas — disse Ruby —, mas eles começaram a botar a casa abaixo mesmo assim. Enquanto estavam ocupados ameaçando meu pai, eu subi a escada e fui até a lareira e peguei os rubis... o que, pensando agora, deve ter sido a coisa mais idiota que eu podia fazer, porque eles talvez nem os encontrassem lá, mas eu tinha quatro anos, o que eu sabia? E aí... — Ela inspirou fundo, como se essa fosse a parte difícil de falar. — Eu os coloquei na boca e os engoli.

— Claro — disse Nova.

— Tudo de uma vez. — Ruby fechou a mão em concha e fez um gesto de jogar um punhado de rubis na boca e engolir, não muito diferente de como ela tinha comido as jujubas. — Não sei bem o que deu em mim pra fazer aquilo, fora eu saber que não aguentaria a ideia dos Chacais levando mais do que já tinham pegado. O problema foi que um dos Chacais me viu. Ele me segurou e começou a mandar que eu cuspissem. Ou vomitasse, acho. Mas eu não quis. Então... — Pela primeira vez desde o começo da história, o rosto da Ruby se fechou de raiva. — Ele me esfaqueou.

Nova arregalou os olhos.

— Uma vez no meu braço — disse Ruby, olhando para o braço com a atadura. — Duas vezes no meu peito. Uma bem aqui. — Ela apontou para um local perto do estômago. — Eu sabia que ele ia me matar. Mas aí... bom, aqui. — Ela soltou a ponta da atadura e começou a desenrolá-la do braço, revelando pele suficiente para Nova ver um ferimento profundo e aparentemente bem recente. Começou a sangrar assim que a atadura foi removida, o sangue vermelho pingando para a dobra do cotovelo, escorrendo na direção dos dedos dela.

Até que...

Os lábios de Nova se abriram e ela chegou mais perto, hipnotizada, quando o sangue começou a endurecer e virar formas duras e simétricas que se projetavam do ferimento.

— Eu não sabia o que estava acontecendo — disse Ruby —, mas comecei a reagir. Arranquei a máscara do Chacal e perfurei o olho dele.

O queixo de Nova caiu ainda mais.

— Isso parece bem corajoso, falando agora — acrescentou Ruby —, mas só me lembro do quanto estava apavorada. Foi mais instinto do que qualquer outra coisa. Mas deu certo: os Chacais fugiram depois disso e nunca mais voltaram.

Ruby passou a outra mão pelo corte e cortou os cristais na base com um *crack* baixo. Ela os jogou no canto, onde se estilhaçaram em meio às pilhas de papéis e lixo.

— Eu sangro rubis desde esse dia. Eles se formam em ferimentos novos por um tempo, mas esses costumam cicatrizar muito rápido. Já os lugares onde ele me esfaqueou... — Ela começou a enrolar a atadura no braço com força. — Eles não param de sangrar nunca. Não cicatrizaram nunca.

Nova olhou para as pedras brilhantes no chão e para Ruby.

— E o codinome? — perguntou ela. — Cortina de Fumaça e Rabisco fazem sentido, e entendo a parte do Vermelha, mas... Assassina?

O rosto de Ruby se alegrou.

— Na verdade, meus irmãos que inventaram. Foi uma piada nossa. Nós fingíamos que éramos super-heróis quando crianças. Como todo mundo faz, né?

Nova não respondeu.

— Então eles inventaram nomes pra todos nós. Jade era Máquina Verde, Esterlino era Cobra Prateada, e eu me tornei a Assassina Vermelha.

Nova olhou para a pedra pendurada no pulso de Ruby. Ainda conseguia se lembrar claramente da sensação da adaga de rubi encostada na garganta.

— Então... você nunca...?

— O quê? Matei alguém? — Ruby riu. — Até agora, não. — De repente, ela ficou séria. — Mas eu mataria alguém. Se precisasse.

— Mas é sempre um último recurso — acrescentou Adrian.

— Me corrijam se eu estiver errada — disse Nova, sabendo que não estava —, mas os Renegados não matavam gente o tempo todo? Na Era da Anarquia, sempre houve histórias sobre eles matando membros das gangues de vilões.

— Novas regras — disse Adrian —, novos regulamentos. Nós sempre temos que os levar presos da forma mais pacífica que pudermos e evitar violência desnecessária sempre que possível.

Nova olhou para ele, boquiaberta. Parecia tão... bobo em comparação ao que lhe ensinaram a vida toda. Os fortes acima dos fracos. Olho por olho. Se alguém fizesse mal a você ou aos seus, você fazia o que tivesse que fazer para que não acontecesse mais.

O que muitas vezes queria dizer matar a pessoa que tinha feito mal a você.

Todos entre os Anarquistas tinham incontáveis mortes nas mãos. Ela se lembrava de noites em que eles se sentavam falando sobre as mortes mais brutais cometidas. Gabando-se. Rindo delas. Quando eles desenvolveram o plano para Nova matar o Capitão Cromo, Leroy brincou sobre dar uma festa para ela, depois, para comemorar sua primeira morte.

Sua primeira.

Porque todos supuseram que haveria mais depois. Até Nova supôs isso.

Então por que a ideia de repente a deixou incomodada? Porque tinha fracassado na missão? Ou era outra coisa?

— Ei, pessoal — disse Oscar, encostando a mão na janela. — A porta dos fundos se abriu.

Todos se levantaram, até Nova, e por um momento ela esqueceu que a última coisa que queria que eles testemunhassem era uma atividade suspeita acontecendo na viela. Mas, quando estavam todos reunidos em volta de Oscar, eles viram que era só uma garota levando um saco de lixo para fora e colocando na pilha ao lado da caçamba mais próxima.

Nova reconheceu Narcissa, a neta de Gene Cronin, mas nenhum dos outros parecia saber quem ela era.

Narcissa soltou a tampa da caçamba e limpou as mãos na calça antes de voltar para a biblioteca.

Oscar resmungou:

— Alarme falso.

— Será que a gente devia olhar o lixo? — perguntou Ruby. — Vocês acham que estão jogando fora alguma prova incriminadora?

Adrian franziu a testa, pensativo.

— Talvez, mas vamos ver o que esta noite vai revelar.

Nova olhou para ele com o canto do olho. Era lá que ele ia colocar as provas falsas?

— Minha vez — disse Ruby, cutucando o ombro de Oscar enquanto Nova e Adrian voltavam para o cobertor. — Estou entediada.

— Ah, sim, porque isso é muito empolgante — debochou ele, mas cedeu o lugar na janela sem discutir. Ele se deitou e se acomodou nas almofadas.

— E você? — perguntou Nova, virando-se para Adrian. — Você foi desafiado nos testes?

— Não.

— Adrian não precisou fazer teste — disse Oscar, chutando a canela do Adrian. — Trapaceiro.

— Ah, sim — disse Nova. — Por causa... — Ela hesitou, pensando nas palavras certas. Da família? Dos pais? Dos responsáveis adotivos, que por acaso eram os prodígios mais influentes da cidade, talvez do mundo todo?

— Eles não desobedeceram a regra nenhuma por minha causa nem nada — disse Adrian. Em determinado momento, ele pegou a caneta e estava mexendo nela agora, girando a tampa de um lado para o outro. — Mas eu andava pelo quartel-general desde que eles começaram as reformas. Quando pensaram em começar a fazer testes para trazer novos talentos, eu já era... você sabe como é. Parte da equipe. Obviamente, eu teria feito o teste se alguém tivesse me pedido.

Ele fez cara feia para Oscar, e alguma coisa na postura defensiva dele fez Nova relaxar.

— Eu sei que faria — disse Oscar. — E teria arrasado.

— Obrigado — disse Adrian, coçando a têmpora com a caneta. — Eu poderia desenhar uma granada de mão, né.

— Ninguém está duvidando de você — insistiu Oscar.

— E qual é sua história de origem? — perguntou Nova. — Estou supondo que a caneta não tem tinta mágica.

O sorriso tranquilo de Adrian voltou, e ele olhou para a caneta.

— Não tem magia. Infelizmente, não tem também nenhuma experiência emocionante de quase morte e nem invasão de vilões atrás de joias. — Ele deu um suspiro alto, como se estivesse com medo desse momento, embora um toque de sorriso permanecesse nos lábios dele. — Como vinte e oito por cento dos prodígios de hoje, eu nasci com o meu poder. Pelo menos, acho que nasci. Se manifestou desde que me deram um giz de cera.

— Se manifestou como? — perguntou Nova.

Ele deu de ombros.

— Eu comecei a desenhar, e os rabiscos começaram a ganhar vida e se remexer pelo apartamento como minhocas de cores primárias que a minha mãe sempre tentava varrer. As coisas ficaram interessantes mesmo quando eu tinha... uns dois ou três anos? Meu poder funciona por intenção mais do que qualquer outra coisa, então, na época, eu ainda estava só rabiscando linhas aleatórias, mas na minha cabeça estava desenhando dinossauros e alienígenas. Então nossa casa ficou tomada de rabiscos que acreditavam ser dinossauros e alienígenas e sempre estavam tentando morder os dedos dos pés das pessoas que passavam. E foi nessa época que a minha mãe achou que seria uma boa ideia contratar um ex-professor de arte que morava a algumas ruas da minha casa para começar a me dar aulas de desenho.

Oscar deu uma risada alta.

— Reparou como ele reclamou da falta de emoção na história dele, mas aí a gente descobre que havia verdadeiros dinossauros comedores de carne nela? Você sempre quer sair por cima, Rabisco.

— Foi uma história perturbadora — concordou Nova.

Ela estava sorrindo, apesar de seus pensamentos estarem descontrolados no fundo da mente. Adrian tinha mencionado a mãe, e agora ela se viu comparando o rosto dele com as fotos que tinha visto da Lady Indomável, a sexta e última dos Renegados originais. A semelhança era clara. Nova visualizou o sorriso efervescente dela com facilidade, um sorriso que se comparava ao do Capitão em brilho e charme, e que Adrian claramente tinha herdado.

A mãe dele também tinha sido uma Renegada. Talvez ainda se encontrasse no Conselho hoje se estivesse...

Nova sentiu um aperto no coração.

Se ainda estivesse viva.

Ela revirou a mente tentando lembrar o que tinha acontecido com a super-heroína, mas só sabia que ela tinha morrido muito tempo atrás. Nova nunca se importara muito com aquilo. Uma Renegada a menos com que se preocupar. Mas ela se viu sucumbindo à curiosidade, querendo saber o que tinha acontecido com ela, porém sem saber como perguntar.

— Chega de enrolar, Insônia — disse Adrian, chamando a atenção dela de volta. — É sua vez.

— Ah. — Nova balançou a cabeça e levantou a mão no ar, como se a história fosse tão chata que nem valia a pena contar. Na verdade, ela nasceu com o poder, o que considerava seu poder *real*, a capacidade de fazer as pessoas dormirem. Tinha uma leve lembrança da mãe brincando uma vez sobre como foi difícil amamentar Nova quando bebê porque ela pegava no sono sempre que Nova estava mamando.

Mas o poder que *eles* conheciam, o fato de que Nova não dormia nunca... isso veio depois. Quando, durante semanas, cada vez que ela fechava os olhos, tiros soavam em seus ouvidos.

Bam.

Bam.

Bam.

— Aconteceu quando eu tinha seis anos — disse ela, tirando bolinhas de lã do cobertor. — Eu só... parei de dormir.

— Mas você dormia antes disso? — perguntou Ruby, o olhar na biblioteca.

— Claro. Não tanto quanto a maioria das crianças. Mas... um pouco.

— Mas você ainda conseguiria? Se quisesse? — perguntou Oscar. — Ou é impossível pra você dormir agora?

Nova balançou a cabeça.

— Não sei. Faz muito tempo que não quero.

— O que aconteceu quando você tinha seis anos? — perguntou Adrian.

Ela o encarou, e a lembrança estava bem ali. O armário escuro. O choro de Evie. O olhar sem remorso do homem.

— Eu tive um sonho — disse ela. — Sonhei que havia pequenos dinossauros rabiscados que ficavam tentando morder os dedos dos meus pés, e quando acordei, pensei, já chega. Nunca mais.

Oscar e Ruby riram, mas o olhar de Adrian só se suavizou.

— Que pesadelo.

Ela tremeu.

— Seus pais devem ser uns santos — disse Oscar, chamando a atenção dela. — Aguentar uma filha que nunca dormia? Espero que você fosse boa em se distrair sozinha.

As palavras dele a atingiram no peito. Ela fez uma careta, e Oscar empalideceu, arregalando os olhos com horror.

— Desculpe. Eu esqueci.

O pedido de desculpas inesperado pegou Nova desprevenida, e a dor das palavras dele foi logo substituída por desconfiança. Eles sabiam? Como sabiam?

— Seus documentos mencionavam, hum... — Oscar massageou a nuca.

Adrian limpou a garganta.

— Você mora com seu tio agora, né?

A barriga de Nova se contraiu de novo, apesar de ela saber que a pergunta de Adrian foi bem-intencionada. Uma tentativa de afastar os pensamentos dela da única linha de explicação que eles deviam ter lido quando examinaram o formulário falso. *Ambos os pais foram mortos por uma gangue de vilões desconhecida durante a Era da Anarquia. Mora atualmente com Peter McLain, tio paterno.*

— Hã, é — gaguejou ela. — Ele me acolheu depois... — Ela engoliu em seco. — Eles morreram há muito tempo.

— Quantos anos você tinha? — perguntou Ruby, a voz suave, embora suas tentativas de acalmá-la só tenham feito os pelos de Nova se eriçarem.

Ela fixou o olhar em Ruby.

— Seis.

Com o canto do olho, ela viu Adrian inclinar a cabeça com curiosidade.

Seis anos quando seus pais morreram. Seis anos quando ela parou de dormir.

Como isso tinha chegado tão traiçoeiramente próximo da verdade?

Sem olhar para ele, Nova se levantou.

— Vou dar uma olhada no telhado. Talvez a vista da viela seja melhor de lá.

Ruby e Oscar trocaram um olhar, e ela percebeu que eles queriam impedi-la. Ou talvez pedir desculpas, embora as palavras não tenham sido ditas, e Nova ficou feliz por isso.

Ela não queria um pedido de desculpas, nem pena, nem solidariedade, nem mesmo gentileza. Não precisava dessas coisas de ninguém, menos ainda de um bando de Renegados.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



NOVA FICOU NO TELHADO por mais de uma hora, mais tempo do que pretendia, mas quando se deu conta de que estava esperando que um dos Renegados... não, que estava esperando que *Adrian* fosse dar uma olhada nela, um sentimento de teimosia surgiu e se recusou a passar mesmo depois de ela saber que devia ter voltado para a sala improvisada de vigilância.

Ela não o estava esperando. Por que esperaria?

Enquanto estava no telhado, olhando a fachada silenciosa de pedra da biblioteca, a imobilidade das janelas pretas, o carro ocasional que passava na rua, ela sentiu as palavras pesadas na língua, esperando uma chance de sair.

Por que você parou de dormir?, ele perguntaria.

E, contra toda a lógica que havia nela, ela responderia.

Eu peguei no sono... foi a última vez que dormi. E quando acordei, havia um homem com uma arma. Ele matou os dois. Matou a minha irmã. Tentou me matar. E os Renegados não apareceram...

Depois disso, todas as vezes que tentava dormir, eu ouvia tudo acontecendo de novo, até que acabei parando de tentar.

Essa era a história da origem dela. A história toda.

E não era da conta de *Adrian* e nem de ninguém.

Ela não entendia por que falar sobre isso a deixou tão na defensiva e gerou uma compulsão tão forte de contar a verdade sobre seu poder e de onde tinha vindo. Nunca tinha contado para ninguém, não com tantas palavras, embora achasse que

Ace entendia a essência, e claro que todos os Anarquistas perceberam que ela não era de dormir logo depois que ela foi morar na catedral. Mas ela nunca teve motivo para *contar* para alguém a história. Nunca tinha sentido vontade.

Por que faria isso agora?

Então, ela andou. De um lado para outro no telhado, apreciando o ar fresco na pele. Apesar de estar de leggings e uma camiseta simples, roupa de civil, como instruída, ela preferiu usar as botas do uniforme que tinha ido buscar no quartel-general mais cedo naquele dia mesmo. Ela pensou em usar a missão para começar a amaciá-las, embora agora percebesse que não era necessário. As botas eram absurdamente confortáveis, e uma parte dela odiava os Renegados por vencerem até nisso.

Finalmente, quando teve certeza de que qualquer compulsão de revelar informações desnecessárias tinha passado, Nova desceu para o quarto andar.

Ruby e Oscar tinham adormecido. Oscar não tinha saído do mesmo lugar nas almofadas, e Ruby agora estava deitada com a cabeça ao lado da dele, mas o corpo na perpendicular, e eles formavam uma espécie de ângulo reto no chão sem nada além das cabeças se tocando. Pareceu quase como se Ruby tivesse se esforçado para se colocar em uma posição que não sugerisse nada além do fato de que ela estava cansada e Oscar estava tomando conta das almofadas.

Se bem que ela podia ter levado o travesseiro para o outro lado do cobertor. Se quisesse.

Nova passou por cima das pernas de Ruby e se aproximou de Adrian. Ele tinha puxado a mesa para a frente da janela e agora estava sentado com os pés pendurados ao lado, com um bloco no colo. Desenhava a biblioteca com linhas rápidas e apressadas, se concentrando mais nas sombras escuras que se espalhavam do beco.

Nova subiu na mesa e se sentou ao lado dele, os dedos dos pés tocando no vidro.

— Você está bem? — perguntou Adrian sem olhar.

— Estou — disse Nova. — A vista do telhado é praticamente igual à daqui.

— Eu sei. Olhei ontem de manhã.

O lábio dela tremeu, e novamente ela não soube bem o que era mais irritante: ele não ter ido atrás dela para perguntar dos pais ou ela ainda querer que ele tivesse ido.

— Então, fora dinossauros compridos e fechos de pulseira — ela olhou para o bloco —, que tipo de coisa você gosta de desenhar?

Ele fez um ruído enquanto pensava, desenhando um arbusto perto da base da biblioteca.

— Eu desenho muitas ferramentas e armas para os Renegados. Peças de armadura. Algemas. Coisas que podem ser úteis quando estamos na rua, patrulhando. Não só pra nossa equipe, mas pra todo mundo. Tem feito uma grande diferença nas coisas que conseguimos fazer.

— Aposto que sim — disse Nova, tentando deixar o ressentimento fora da voz.

— Mas, quando fico sozinho — continuou Adrian —, eu gosto de desenhar a cidade.

— A cidade?

Ele botou a caneta na mesa e virou as páginas do caderno. Várias estavam em branco, e ela se perguntou se havia desenhos nelas antes, que depois viraram realidade, até ele chegar em uma série de imagens escuras e detalhadas. Diferentemente de todos os desenhos de caneta que ela tinha visto, aqueles foram feitos com carvão. Ele entregou o caderno para Nova, e ela o pegou com delicadeza, sentindo a respiração parar.

A primeira imagem era da praia da baía de Harrow, na sombra da monumental ponte Sentry. Havia um casal sentado na margem pedregosa, lendo um jornal encolhidos embaixo de uma única capa de chuva.

Ela virou a página e viu Ashing Hill, um bairro de barracos e casas simples que foi um ponto de drogas e crime na Era da Anarquia. Provavelmente ainda era, pelo que Nova sabia, mas, naquele desenho, Adrian tinha capturado três crianças colhendo buquês de dentes-de-leão e trevos nas beiradas da calçada.

Ela virou a página e viu um músico de rua dedilhando uma guitarra na esquina da rua Broad, com dois cachorros enormes encolhidos nos tornozelos dele. Em seguida, um desenho de uma bilheteria em frente ao velho cinema Sedgwick, com a maioria das lâmpadas do letreiro queimadas e os pôsteres na parede divulgando um musical de anos antes. Depois, uma vista do mercado de pulgas lotado na rua North Oldham, onde pessoas de toda a cidade iam vender de tudo, desde luvinhas de crochê para bebês a relógios quebrados e abobrinha plantada em casa.

Nova virou outra página e parou.

Ela viu uma cena de um vale cheio de sombras cercado de um muro baixo de pedra e árvores densas e altas. No centro do vale havia uma única estátua, parcialmente coberta de musgo. Era uma figura elegante, envolta da cabeça aos pés com uma capa longa e um capuz tão caído para a frente que cobria completamente o rosto. Tudo que podia ser visto da pessoa embaixo da capa eram as mãos, um pouco afastadas uma da outra na frente da barriga da figura, como se estivesse segurando um presente invisível.

Nova expirou e passou para outro desenho. Chegou ao fim do caderno e começou a voltar pelas páginas.

— São extraordinários.

— Obrigado — murmurou Adrian, e embora devesse saber que eram extraordinários, ela ainda detectou um toque de timidez na voz.

— Você poderia dar vida a isso? Se quisesse?

Ele balançou a cabeça.

— Eu tenho que querer dar vida ao desenho quando o estou fazendo. Senão, é só um desenho. Além do mais, mesmo que pudesse, eles não ficariam maiores do que a página onde estão. Seria meio como fazer um livro pop-up superdecorado. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Mas um dia eu gostaria de tentar fazer um mural em tamanho real, uma paisagem que pudesse transformar em realidade. É uma coisa em que estou pensando há um tempo.

Nova voltou ao desenho da estátua. Passou o polegar pela figura encapuzada, tomando o cuidado de mantê-lo acima do papel para não borrar as linhas.

— Isso é no Parque da Cidade, não é?

— Você já foi lá?

— Meus pais me levavam ao parquinho quando eu era pequena. Uma vez, eu me afastei sem eles perceberem e vim parar aqui. — Ela bateu com o dedo no papel, onde a figura encapuzada estava, serena e imponente. — Meus pais estavam tão em pânico quando me encontraram, mas... eu adorei. Parecia que tinha encontrado uma coisa que ninguém sabia. Eu até lembro... — Ela hesitou quando filamentos de lembranças percorreram seus pensamentos. Ela franziu a testa e olhou para o desenho, depois balançou a cabeça. — Você é muito bom.

— Eu pratiquei muito — disse Adrian, pegando o caderno de desenho quando ela o devolveu para ele. Ficou mexendo em um lápis, mas não virou a página. — Mas chega

de falar de mim e da minha arte extraordinária. Que tipo de hobby você tem pra ocupar suas outras cinquenta e seis horas por semana?

Nova olhou para a biblioteca. Passava da meia-noite, e o prédio estava escuro como uma tumba, o único poste na calçada fraco e piscando. Olhando assim, parecia que o local estava abandonado havia dez anos, como poderia mesmo estar se Cronin não o tivesse escolhido para funcionar durante a Era da Anarquia. Mesmo aquela causa filantrópica sendo um disfarce para os negócios no mercado clandestino... tinha que contar para alguma coisa, certo?

— Na maior parte do tempo, eu treino. E estudo. E... invento. — Ela abriu um sorriso de lado. — Alguns de nós não conseguem desenhar uma ferramenta para usá-la. Nós temos que *inventar*.

— Eu invento coisas — disse ele, batendo com a ponta da borracha na têmpora. — Na cabeça.

— Não é a mesma coisa.

Ele sorriu.

— Mas acho que tive vários hobbies ao longo dos anos. Não são muitos que ficam, mas sempre estou tentando encontrar novos jeitos de me manter ocupada.

— Que tipos de hobbies?

— Sei lá. Eu tricotei por um tempo, mas nunca fui além de cachecóis tortos. Depois observei pássaros, fiz malabarismo, bordado, astronomia...

— Opa, opa, opa — disse Adrian, rindo. — Volte para o começo. Tricô? Sério?

— É uma arte pouco valorizada — sugeriu Nova, conseguindo ficar séria. Na verdade, foi uma ocupação de uns quatro meses quando tinha doze anos, mas ela foi ficando menos interessada em fazer acessórios de inverno e mais interessada na ideia de poder carregar por aí armas tão terríveis quanto agulhas de vinte e cinco centímetros sem ninguém achar estranho.

— E observação de pássaros? — perguntou Adrian.

— Observação de pássaros, é. — Esse hobby foi ideia de Leroy, que insistiu que ajudaria a desenvolver sua paciência, furtividade e capacidade de observação. — Em geral, perto da baía. Você sabia que aquela área é o lar de mais de quarenta espécies de aves aquáticas?

— Na verdade, eu nem sabia sobre a população de aves aquáticas, mas parece uma boa informação de se ter.

— Nunca se sabe quando pode surgir numa conversa.

Ele sorriu de novo, e Nova viu que as bochechas dele formavam uma covinha, só um pouquinho, quando o sorriso ficava largo.

Ela engoliu em seco.

— Tudo bem, o que mais você disse? Malabarismo?

Ela ainda ouvia Ingrid falando dos muitos benefícios físicos que o malabarismo oferecia: de destreza a equilíbrio e coordenação entre mãos e olhos.

— Eu fui boa nisso, na verdade — disse ela.

— Se eu desenhar uns pinos de boliche, você faz uma demonstração?

— Não.

— Que tal uns cachecóis? Bolinhas? Tochas em chamas?

Ela afastou o rosto, em parte para esconder o sorriso que estava tendo dificuldade de segurar.

— Nós estamos em uma missão muito importante, sabe. Eu odiaria ser uma distração.

— Tudo bem. Vou deixar passar... por enquanto. Qual foi a outra coisa que você mencionou?

— Astronomia.

— Certo. Isso eu entendo. Como fica acordada a noite toda, você deve passar bastante tempo olhando as estrelas.

Nova olhou para cima, para as poucas estrelas brilhantes que podiam ser vistas pontilhando o céu entre os prédios. Não houve nenhum motivo maior para aprender sobre o céu noturno, só que ela o achava fascinante. Ela se lembrava do céu cheio de estrelas quando era criança. Era mais difícil de ver agora, porque boa parte da eletricidade da cidade tinha sido restaurada.

Ela gostava de eletricidade, mas, em algumas noites, teria dado quase qualquer coisa para ver a Via Láctea novamente.

Nova ainda estava olhando para as estrelas quando, atrás dela, Ruby começou a resmungar dormindo; Nova só ouviu *mostrar um zero...* e o que pode ter sido *caçarola*. Ela olhou para trás na hora em que Ruby rolou de lado e se encolheu em posição fetal, a cabeça deslizando da almofada até o braço esticado de Oscar.

— Eles são...? — perguntou ela, indicando os dois corpos adormecidos.

— Não — disse Adrian, que estava virando as páginas do caderno de novo.

— Mas se gostam?

— Difícil dizer. — Ele encontrou o desenho da biblioteca e olhou novamente, os olhos aliviando um pouco quando observou os amigos. — Tenho quase certeza de que Oscar gosta dela, mas acho que tem medo de agir. E Ruby... ela finge não perceber, mas tenho minhas dúvidas. — Ele bateu com a caneta no papel. — Você está treinando pra quê?

— Hã?

— Você disse que passa muito do seu tempo treinando. Pra quê?

Ela se apoiou nas mãos, inclinada para trás. Estava treinando para quê? Para destruir os Renegados. Para vingar a morte da família. Para um dia ver a visão de Ace realizada: um mundo em que todas as pessoas poderiam ser livres. Onde as pessoas não seriam incomodadas nem por gangues de vilões *nem* pelo Conselho. Onde os prodígios não seriam sujeitados a constantes injustiças e crueldades, como antes da Era da Anarquia.

Um mundo em que os Anarquistas poderiam voltar para a luz do sol sem medo de perseguição pelo menor dos erros.

— Pra isso, eu acho — sussurrou ela, passando o dedo pela pulseira. — Pra ser uma Renegada.

Adrian assentiu, como se fosse uma coisa perfeitamente razoável para se treinar.

— E é tudo que você esperava e mais?

Com um sorrisinho debochado, Nova olhou para Oscar e Ruby de novo e viu que Ruby estava babando de leve.

— Até agora, posso dizer com sinceridade que está ultrapassando todas as expectativas.

Virando-se para a janela, ela viu que uma lua fina tinha surgido acima da biblioteca. Devia estar perto das duas da madrugada.

— Qual é o significado da pulseira?

Nova olhou para baixo. Não tinha se dado conta de que estava mexendo nela de novo.

— Ah. Foi... da minha mãe. — Ela limpou a garganta. — Obrigada, aliás. Por consertar.

— Foi um prazer — murmurou Adrian. Esticando o braço, ele segurou a filigrana entre dois dedos e girou, para ver a parte vazia. — O que aconteceu com a pedra?

Ela afastou a mão e a colocou no colo.

— Estava assim quando eu peguei — disse ela, visualizando a pulseira abandonada na mesinha da cozinha. Ace a pegou quando a tirou do apartamento, recusando-se a deixar outra peça de trabalho de David cair nas mãos das gangues.

Seu estômago se contraiu.

— Você não está cansado? — perguntou ela.

Adrian piscou de surpresa com a mudança de assunto, mas a surpresa logo virou constrangimento.

— Não muito. Já trabalhei em patrulhas noturnas, e tomei uma bebida energética antes de você descer de volta.

— Vai descansar um pouco. — Nova botou as pernas em cima da mesa e ficou sentada de pernas cruzadas, olhando a rua e a viela e as janelas pretas enquanto nada, nada, nada acontecia. — É pra isso que estou aqui, né?

— Eu sei, mas... não quero perder nada.

— Perder nada de quê? — perguntou Nova, indicando a biblioteca.

Ele franziu a testa.

— Adrian — disse ela, com mais firmeza agora. — Eu posso cuidar disso. Se você não dormir um pouco, vai ficar inútil, então... — Ela indicou o cobertor.

Ele suspirou e levantou as mãos em resignação.

— Tudo bem. Mas você vai me acordar assim que vir alguma coisa suspeita, certo?

Ela suspirou, fingindo exasperação.

— O que você acha que eu sou, amadora?

Adrian se deitou no cobertor, colocando as mãos embaixo da cabeça.

— Cuidado, Insônia. Não faz nem três dias inteiros que você é uma Renegada.

Ela se virou para a janela. No vidro, viu o próprio reflexo e foi pega de surpresa pelo sorriso leve ainda brincando nos lábios. Ela pousou o olhar na biblioteca e disse as palavras em que achava que Adrian acreditaria sem dúvida nenhuma, o que qualquer Renegado ouviria como absoluta verdade.

— É, mas tem dias que sinto como se fosse uma Renegada a vida toda.

Nova fechou os olhos para esconder a risada neles. Era tão dolorosamente ridículo, mas ela sentiu orgulho de como falou. Quase tinha convencido a si mesma.

Ela esperou um comentário espertinho em resposta, mas não houve nenhum.

Ela franziu a testa. Esperou mais um pouco.

E só ouviu respiração pesada.

Nova olhou para trás. Seu queixo caiu.

Ele *já estava dormindo*.

— Ugh. Você é desses.

Suspirando, ela envolveu as pernas com os braços, apoiou o queixo no joelho e olhou para o mundo escuro além do escritório abandonado. Sempre tinha se impressionado com pessoas que conseguiam pegar no sono rápido, como se não houvesse nenhuma dificuldade. Como se seu espírito não carregasse o peso de sofrimento e ressentimento. Como se o coração e a mente pudessem ficar em paz com facilidade.

Depois de um tempo, ela ousou olhar para Adrian, só para ter certeza de que ele estava mesmo dormindo. Franziu a testa quando seu olhar pousou primeiro no subir e descer regular do peito dele. Sua atenção desceu pelo corpo magro até os tornozelos casualmente cruzados, depois de novo para o rosto. Ele tinha tirado os óculos e colocado ao lado da parede. O rosto ficava diferente sem eles. Mais aberto e tranquilo, embora isso pudesse ser pelo sono.

Ela sabia que era um estereótipo, mas os óculos realmente davam-lhe um ar de intelectualidade. De artista. Sem eles, ele parecia... bom, um super-herói.

Um super-herói muito bonito.

Nova ficou vermelha, envergonhada de repente pela direção dos pensamentos, e se virou rapidamente para a janela, prometendo não olhar para ele nem mais um segundo.

A promessa foi mais difícil de cumprir do que admitiria, mas ela a cumpriu. Ouvindo o som da respiração. Um movimento ocasional de tecido e um suspiro pacífico enquanto seus companheiros dormiam e se mexiam e dormiam mais. Na cidade, uma sirene distante. Uma moto ganhando vida a alguns quarteirões.

Não foi a noite mais curta da vida dela, mas também não foi a mais longa.

Ela procurou qualquer sinal de atividade dentro da biblioteca, mas não havia nada além de imobilidade e janelas escuras. E isso era bom. Ingrid e o Bibliotecário tiveram o dia anterior inteiro para tirar todas as provas incriminadoras da biblioteca. Não havia nada a fazer agora além de esperar a manhã, quando Nova poderia encorajar os Renegados a entrarem e o Bibliotecário poderia provar que não tinha nada a esconder, pondo assim um fim à investigação.

Nova estava ficando ansiosa para acabar logo com tudo. Tinha outras coisas a fazer além de ficar sentada com uma unidade de patrulha em uma missão inútil de vigilância. Tinha coisas para investigar no quartel-general; segredos para descobrir, fraquezas para verificar, e não ia conseguir nada daquilo ali.

O céu acabou mudando de preto para azul-marinho e para safira, uma progressão com a qual ela estava bem familiarizada. A janela era virada para o norte, então ele não teve esperança de ver o sol nascer, mas sentiu no clareamento gradual das nuvens e na forma como as sombras se esticaram na rua, e também como de repente todas as janelas da biblioteca começaram a cintilar com a luz matinal.

Às oito em ponto, a placa de FECHADO da biblioteca foi virada para ABERTO. Nova não conseguiu ver quem fez isso, Narcissa ou o próprio Gene Cronin?

Nove minutos depois, o primeiro cliente chegou, uma mulher idosa carregando uma cesta cheia de livros grossos, a cabeça embaixo de um capuz de plástico, apesar de não haver uma nuvem de chuva no céu.

Nova desceu da mesa e cutucou Adrian com o pé.

— Ei, Rabisco.

Foi Ruby quem acordou primeiro e ficou sobressaltada quando viu que estava presa pelo braço de Oscar na cintura. Ela o afastou e se sentou, puxando o cabelo preto e branco para o lado. Oscar e Adrian acordaram momentos depois, Adrian com um pulo assim que viu Nova e lembrou onde eles estavam.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele, as mãos tateando no chão até ele encontrar os óculos. Adrian os abriu e colocou no rosto, olhando para Nova. — Você viu alguma coisa?

— Vi — disse ela, se encostando na mesa. — A biblioteca abriu. Uma velhinha entrou carregando uns livros, mas... tenho a sensação de que ela pode estar escondendo uma metralhadora embaixo do casaco.

Adrian ficou olhando para Nova sem entender, e ela reparou que havia um pontinho branco preso nos cílios do olho esquerdo dele, o que sua mãe chamava de “poeira do sono”. Nova teve uma vontade peculiar de erguer os óculos dele e passar o polegar pelos cílios para limpá-los.

— Ela está sendo sarcástica, né? — perguntou Oscar, mexendo o ombro para soltar o músculo.

Nova olhou para ele.

— Estou.

Uma cacofonia de risadinhas vindas de fora os atraiu para a janela. Na rua abaixo, um grupo de crianças pequenas tinha acabado de chegar em três minivans e estava sendo levado para a biblioteca. Talvez um grupo de creche ou uma visita de escola.

Eles ficaram olhando até as últimas crianças e professoras terem desaparecido pelas portas grandes da entrada.

— Bom — disse Ruby, batendo as mãos. — Nós não esperávamos ver nada na primeira noite, não é? Afinal, quem sabe a frequência com que os negócios ilegais dele acontecem.

Nova dividiu a atenção entre os três Renegados.

— Esse é mesmo seu plano? Vigiar este lugar todas as noites por toda a eternidade? E se nunca pegarmos ninguém? E se os clientes dele do mercado clandestino não usarem a viela, mas entrarem por outro lugar? Ele poderia ter um túnel subterrâneo secreto. Ou, imaginem só, e se ele não estiver vendendo armas no mercado clandestino e isso for perda de tempo?

— É cedo demais para determinar essas coisas — disse Adrian.

— E quanto tempo vamos fazer isso até tentarmos outra coisa? — insistiu Nova.

Adrian abriu a boca, mas hesitou.

— Bom — declarou Ruby —, mais de uma noite, pelo menos.

Nova indicou a janela.

— Olhem, sei que sou a novata aqui, e talvez eu não tenha tanta informação para dizer isso, mas não acho mesmo que a gente vá descobrir alguma coisa olhando de um escritório abandonado para uma biblioteca pública fechada todas as noites. Acho que o único jeito de saber se tem alguma atividade ilegal acontecendo é se a gente entrar.

Adrian balançou a cabeça.

— O Conselho foi bem específico. Não podemos fazer uma revista sem termos alguma evidência de atividade criminosa.

— Então vamos entrar e arrumar alguma evidência. É uma biblioteca. Está aberta ao público. Não estaremos violando regras se entrarmos...

Ela parou de falar quando seu olhar viu uma figura solitária na rua abaixo. Sua respiração parou.

Ela afastou a atenção rapidamente, mas era tarde demais. Adrian seguiu o olhar e seus lábios se abriram de surpresa.

— Bingo — sussurrou ele.

— O quê? O que é? — perguntou Ruby quando ela e Oscar chegaram perto para olhar.

— Estão vendo aquela mulher ali? — disse Adrian, os olhos a seguindo quando ela atravessou a rua e entrou na sombra da biblioteca. — Tenho quase certeza de que é Ingrid Thompson. A Detonadora.

Nova engoliu em seco e olhou para Ingrid quando ela parou no degrau de entrada da biblioteca e olhou para trás, no que devia ser um gesto com a intenção de dar aos Renegados uma boa visão dela, mas que também serviu para fazê-la parecer suspeita ao entrar.

Adrian levou o comunicador à boca.

— Rabisco para o Conselho. Acabamos de testemunhar uma Anarquista, a Detonadora, entrar na Biblioteca Cloven Cross. Há civis dentro. Pedimos uma equipe de extração. Vamos proteger o local.

— Uma equipe de extração? — disse Nova, o encarando enquanto tentava imaginar o que Ingrid estaria pensando. A última coisa que devia fazer era dar provas *reais* de que Gene Cronin estava negociando no mercado clandestino... e ver uma Anarquista entrar na biblioteca podia não ser prova, mas também não ia ajudar a provar a inocência dele.

Mas Ingrid devia ter um plano. Ela sabia que Nova estava ali. Ainda queria que Nova levasse a equipe lá dentro?

— A equipe de extração vai entrar atrás da Detonadora e talvez do Bibliotecário também — disse Adrian. — Eles provavelmente vão trazer reforços. A Detonadora não está ativa há quase dez anos, mas tinha reputação de ser bem volátil na época.

Nova inspirou fundo pelo nariz e olhou para a porta fechada da biblioteca. O que quer que Ingrid estivesse pensando, ela teria planejado as coisas para apenas três Renegados naquela missão. O que quer que estivesse elaborando, uma equipe de extração não devia estar nos planos.

— A gente devia entrar — disse ela.

Ruby olhou para ela.

— O quê?

— A Detonadora faz bombas, certo? Ela poderia explodir o local em segundos. E se... e se ela se meter em uma briga com Cronin ou alguma outra coisa a irritar? Tem crianças lá dentro. Nós não podemos correr o risco de alguém se ferir!

Os outros trocaram olhares bem mais ansiosos agora do que segundos antes.

— Nós temos que pedir reforços — declarou Adrian, mas suas palavras não tinham muita convicção. — Nós não temos que nos meter.

— Isso foi quando éramos só nós e o Bibliotecário — disse Nova. — Mas as coisas mudaram. Agora, tem uma Anarquista envolvida. E se essa for a nossa única chance de pegar os dois no flagra?

Adrian olhou para cada um, a testa se firmando com determinação.

— Cuidar para que os civis fiquem em segurança é nossa maior prioridade...

— Mas se entrarmos e começarmos a mandar as pessoas saírem — disse Oscar —, isso vai dar a dica ao Bibliotecário de que estamos atrás dele.

— E provavelmente vai espantar a Detonadora — disse Ruby.

Adrian olhou para a biblioteca por um minuto longo e agonizante, como se hipnotizado pelo sol cintilando nas janelas.

— Os civis são nossa prioridade — repetiu ele. — Vamos encontrar a Detonadora e o Bibliotecário e os vigiar até o reforço chegar. Sem violência se pudermos evitar, e sem necessidade de causar pânico. — Ele olhou para a frente, o maxilar firme.

— Agora sim — disse Oscar, um filete de fumaça cinza envolvendo os dedos quando ele pegou a bengala. — Vamos ser super-heróis!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



AS PORTAS DE CARVALHO SE FECHARAM atrás deles, e Adrian se viu envolvido pelo ar parado e pelo odor de couro e papel. Parou no vestíbulo, observando a entrada e o saguão que vinha depois. Nunca tinha ido àquela biblioteca, e agora desejava ter entrado quando foi fazer reconhecimento da região. Não estaria se sentindo tão vulnerável agora, por estar entrando em um lugar completamente cego, tendo tão pouco conhecimento da planta e das saídas. Ele poderia ter entrado no horário comercial, tentando ser discreto...

O problema era que, graças aos seus pais, havia muita probabilidade de ele ser reconhecido.

Assim, ele dedicou um tempo a observar o que pudesse. Dentro do saguão de entrada havia duas alcovas, dos dois lados, cada uma com uma estátua de mármore. À esquerda, um nobre estudioso segurava um livro aberto em uma das mãos, a outra erguida em um gesto de inteligência, como se o livro tivesse acabado de revelar os segredos do universo. Na outra alcova, um escriba anotava seus pensamentos em um diário com uma pena comprida.

O piso gasto de madeira seguia em frente para um saguão central, onde uma silhueta no chão indicava que já houvera um balcão da administração. Uma mesinha barata ocupava um canto, emoldurada por lambris escuros na parede e um espelho antigo que refletia o pouco de luz que chegava ao aposento. Os raios de luz que entravam por duas janelas altas em posições estratégicas iluminavam a poeira densa que flutuava no ambiente.

Adrian seguiu em frente, uma das mãos pegando a caneta no bolso de trás e a segurando instintivamente. Ao seu lado, Nova olhou com curiosidade para a mão dele, depois o encarou com uma expressão quase desafiadora.

Ele afastou o olhar. Podia não ser uma arma nem uma faca, mas ainda era a arma mais eficiente que ele tinha.

Sem contar as tatuagens.

Seu maxilar se contraiu quando ele se aproximou da mesa, onde a única ocupante do saguão estava, em um banco, absorta no que parecia ser um livro de romance. A garota devia ser um ano ou dois mais nova do que ele, com cabelo ruivo trançado por cima do ombro.

— Com licença — disse Adrian, parecendo ridiculamente educado até para si mesmo.

Mas a garota nem olhou. Só esticou a mão por cima da mesa e empurrou uma prancheta na direção dele, um formulário para retirada de livros.

Ele limpou a garganta e, desta vez, tentou não parecer um cidadão preocupado, mas um Renegado. Um super-herói.

— Nós viemos por causa da Detonadora.

A garota levantou a cabeça. Olhou para Adrian, depois percebeu os outros, o olhar permanecendo por mais tempo em Nova, os cílios pálidos tremendo sobre os olhos cinzentos. Seus lábios se abriram quando ela olhou para Adrian, e disse:

— Como é?

— A Detonadora — repetiu Adrian. — Nós a vimos entrar há menos de dez minutos. Onde ela está?

A boca da garota se abriu. Fechou-se. Seus olhos foram novamente até Nova e voltaram para Adrian.

— Você... Vocês não são... — Ela olhou para Nova de novo, estupefata. — Eles são Renegados?

Não era uma pergunta. Adrian não sabia bem como ela percebeu sem os uniformes. Talvez tivesse reconhecido alguns da imprensa. Talvez eles tivessem *alguma coisa*. Ele gostava de achar que tinham.

Mas o estranho era o jeito como ela estava olhando para Nova, quase como se a reconhecesse.

— Somos, claro — disse Nova, a voz carregada de orgulho assertivo. — Renegados. Todos nós. Ousados, valentes e... hum...

— Justos — sussurrou Ruby.

Nova assentiu.

— Isso mesmo. Agora, nos diga onde...

— Nós estamos encencados? — perguntou a garota, fechando o livro e o segurando contra a barriga, cobrindo a imagem de um espadachim sem camisa na capa. — Não fizemos nada, eu juro. É porque estamos oferecendo aquele livro de culinária de novo? Porque nos disseram que era direito nosso...

— A Detonadora — disse Adrian, com mais vigor na voz. — Pare de enrolar e nos diga onde ela está.

A garota hesitou. Olhou novamente para Nova, e desta vez Adrian franziu a testa e acompanhou o olhar. Nova se virou para ele e deu de ombros, aparentemente tão perplexa quanto ele.

— Eu... não sei quem é — gaguejou a garota. O rosto dela estava vermelho como uma cereja agora, e Adrian duvidou que tivesse a ver com a leitura. — Me desculpe. Não posso ajudar.

— Uma mulher mais ou menos dessa altura — declarou Adrian, indicando com as mãos. — Usa várias pulseiras e é capaz de fazer explosivos aparecerem do nada. Parece familiar?

A garota abriu um sorriso fraco e pesaroso.

— Não?

— E o Bibliotecário? — disse Oscar, chegando mais perto. — Onde ele está?

— Ele está... hã... lá atrás — disse a garota, a atenção se dividindo entre os quatro de novo. — Catalogando novos... materiais... de referência.

— Nos leve até ele — exigiu Adrian. — Agora.

— Ah, vocês não podem ir lá atrás — disse a garota. — Ele não gosta de ser incomodado.

Adrian trincou os dentes. Sentia o tempo passando com um tambor batendo no coração. Cada segundo era uma chance da Detonadora fugir, de Gene Cronin esconder o que tinha feito a vilã ir até lá.

— Pode incomodá-lo mesmo assim.

A garota abriu a boca, pronta para recusar, mas olhou para Nova de novo e hesitou.

Ela limpou a garganta e assentiu.

— Agora mesmo.

Ela desceu do banco, se virou e saiu andando, não em volta da mesa nem na direção de uma das portas, ou da escadaria que ficava próxima, mas para o grande espelho pendurado na parede atrás dela. Encostou os dedos na superfície, e o vidro ondulou para fora, como se ela tivesse tocado em um lago vertical. Em seguida, sem-cerimônia, ela entrou no espelho e sumiu.

Eles ficaram ali parados, olhando para seus reflexos, intrigados por um longo momento.

Oscar, claro, foi quem rompeu o silêncio.

— Isso — disse ele, apontando — foi um truque legal. — Ele contornou a mesa e bateu com os dedos no espelho, depois se afastou da parede e olhou atrás para ter certeza de que não era uma passagem secreta. — Legal.

— Eu me lembro de ter ouvido sobre ela uma vez — disse Ruby. — Uma garota que consegue se deslocar por espelhos. Me lembro que fiquei pensando por que ela não se candidatava para ser uma Renegada e acabei concluindo que devia ser boato.

— O problema — disse Adrian, batendo a ponta da caneta na mesa — é que agora não temos ideia de pra onde ela foi, nem se vai mesmo chamar o Bibliotecário, nem se os dois estão prestes a fugir. — Franzindo a testa, ele olhou em volta.

Do saguão principal, ele via uma sala de leitura à direita, as mesas intercaladas com estantes curtas e revisteiros. Mais estantes ocupavam a parede toda, interrompidas por uma eventual escada deslizante ou janela larga e suja. À esquerda ficavam as estantes grandes, fileiras e mais fileiras de prateleiras altas e estreitas. Daquela direção, ele ouvia risadinhas ocasionais de criança.

— Ruby, Nova, vamos começar a vigiar as saídas — disse ele, se virando para inspecionar a escadaria que levava ao segundo andar. Embora a escada fosse acarpetada, o carpete estava tão gasto em alguns pontos que era possível ver os degraus de madeira. — O Bibliotecário ou a Detonadora podem estar tentando fugir agora.

— Fugir? — soou uma voz cautelosa e com sotaque. — Eu fui trazido inadvertidamente para uma armadilha da qual preciso fugir?

Adrian se virou e viu um homem curvado parado na porta da sala de leitura. Ele tinha uma barba pontuda e cabelo branco desganhado, usava meias com buracos sem sapatos, a calça e o cardigã estavam amassados e ficavam largos no corpo magro, e a pele era tão pálida que parecia que ele nunca tinha visto o sol.

Adrian se empertigou.

— Você é o Bibliotecário?

— Eu sou... *um* bibliotecário.

— Você é Gene Cronin?

O homem o observou, a incerteza fazendo os cantos da boca tremerem, como se ele não tivesse certeza se devia sorrir ou não.

— Minha neta disse que havia Renegados que queriam falar comigo. — Ele riu, mas foi um som desconfortável. — Achei que ela devia estar de brincadeira. Mas aqui estão vocês. Eu devia ter percebido. Narcissa gosta de brincadeiras tanto quanto eu. — Seus lábios desistiram e se acomodaram em uma careta de preocupação. — A que devo o prazer?

— Minutos atrás testemunhamos a Detonadora, uma Anarquista conhecida, entrando nesta biblioteca — disse Adrian —, e temos motivo para acreditar que seus negócios com ela não são de natureza completamente legal.

— A Detonadora! — berrou o Bibliotecário, os olhos desviando de Adrian para observar os outros. — Os Anarquistas? Não me envolvo com eles há... bem, quase dez anos agora, não é? — Ele levantou a mão e passou um momento ajeitando uma parte do cabelo desganhado, que se levantou assim que ele baixou a mão para a lateral do corpo. Ficou caída desajeitada ao lado do corpo antes de ele esticá-la e encostar a palma no batente, os nós dos dedos ficando brancos na madeira. — Me dói pensar que, mesmo agora, os Renegados se recusam a confiar em mim. Eu pago os impostos do Conselho. Sigo as regras do Conselho. E, além disso tudo, presto um grande serviço a esta comunidade. — Ele fez um gesto indicando o saguão. — Vocês sabiam que só tem nove bibliotecas públicas funcionando em Gatlon? Havia bem mais de cem. Todas as nove existem graças aos esforços altruístas de pessoas como eu, que tornamos nossa missão de vida continuar a distribuição gratuita e o compartilhamento de conhecimento e sabedoria. Para garantir que as pessoas tenham acesso a isso... a *livros*. Enquanto isso, o que o seu amado Conselho fez para

respeitar o trabalho de estudiosos dos anos passados? Para aumentar o conhecimento da sociedade?

Adrian franziu a testa, sem ter certeza se o Bibliotecário queria resposta.

— Eles reabriram escolas — disse ele, pensando que isso devia ser óbvio. — Enquanto você passou décadas vendendo armas para vilões que preferiam manter as pessoas ignorantes e indefesas.

Ao lado dele, Nova enrijeceu. Ele olhou para ela e viu um brilho de alguma coisa surgir nas feições dela: irritação ou negação. Mas sumiu tão rápido quanto apareceu.

— Insônia? — perguntou ele.

Ela manteve o olhar direcionado para o Bibliotecário e disse com voz sombria:

— Você está nos dizendo que não tem *nada* a esconder?

Gene Cronin repuxou os lábios até começarem a ficar tão brancos quanto a barba. Em seguida, ele bufou.

— Claro que não tenho nada a esconder. Durante a Era da Anarquia, eu fiz o que foi preciso para sobreviver. Agora, estou satisfeito em ganhar a vida por meios mais pacíficos.

— E isso inclui organizar reuniões particulares com vilãs como a Detonadora? — perguntou Adrian.

— Você está enganado — disse Cronin. — Eu não vejo a Detonadora e nem nenhuma Anarquista... — Seu olhar se desviou para Nova. — Há muito, muito tempo.

— Então você não vai se importar se dermos uma olhada? — perguntou Adrian.

— Isto é uma biblioteca pública — disse Cronin. — Olhar por aí é um ato que encorajamos.

Os dedos de Adrian apertaram a caneta.

— Talvez esteja disposto a nos levar para conhecer as áreas que não são abertas ao público. Se não tem nada a esconder, como você diz.

Cronin inclinou a cabeça.

— Seria um prazer.

Ele atravessou o saguão até a escada e tinha subido três degraus quando Adrian o fez parar.

— Não por aí — declarou ele.

Cronin olhou para trás.

— Este prédio tem porão, certo? Vamos começar por lá.

O rosto do Bibliotecário ficou vazio.

– Não tem nada no porão além da fornalha e de livros ultrapassados.

– Então a visita vai ser rápida – concluiu Adrian.

Com as narinas se dilatando acima do bigode, Cronin abandonou a escadaria e foi para a sala leste. Eles o seguiram por um par de estantes altas e desceram um corredor de mesas. No canto mais distante, Adrian viu uma lareira de pedra, embora não houvesse fogo aceso. Um jovem estava sentado de pernas cruzadas no chão, lendo um livro de figuras para as crianças espalhadas ao redor.

A visão deixou o sangue de Adrian gelado. Ele olhou para os outros e viu a mesma apreensão nos rostos de Oscar e de Ruby, mas Nova continuava com o olhar grudado nas costas do Bibliotecário.

Ainda não havia motivo para alarmar ninguém, ele disse para si mesmo. Mas ainda assim...

– Cortina de Fumaça – sussurrou ele –, você fica aqui. Esvazie a biblioteca a qualquer sinal de problema.

Oscar olhou para ele e, se ficou aborrecido de ser excluído, não demonstrou. Ele assentiu, voltou para uma das fileiras de livros e sumiu de vista.

Cronin os levou até uma porta com uma placa que dizia SOMENTE FUNCIONÁRIOS e passou um momento remexendo os bolsos atrás de uma chave. Quando abriu a porta, eles desceram por uma escada estreita até o porão, onde o ar estava mais úmido e mais denso, permeado com o cheiro de papel mofado.

Cronin limpou a garganta e andou para o lado quando chegou ao pé da escada, permitindo que eles se espalhassem pelo aposento e dessem uma olhada. Mais prateleiras ocupavam o espaço, embora estivessem mais próximas entre si do que as de cima, dando pouco espaço para pessoas passarem entre elas. Cada centímetro estava ocupado de livros. Quando uma prateleira não tinha espaço para mais nada, os livros ficavam empilhados em cima dos que já estavam lá, fazendo algumas prateleiras envergarem com o peso. Havia outros amontoados em cantos como montes de neve. Livros empilhados embaixo e em cima de mesas. Livros com lombadas rachadas e páginas dobradas jogados de qualquer jeito em uma pilha que chegava ao corredor.

Uma única escrivaninha tinha sido empurrada contra a parede mais distante, a superfície tomada de embalagens de comida e arquivos de papel. No chão ao lado, havia um espelho simples de corpo inteiro, como uma coisa que se encontraria em

um provador de uma loja de departamentos barata. Mas a atravessadora de espelhos, Narcissa, ele dissera, não estava por perto.

Não muito longe, uma escada curta de concreto levava a uma porta marcada com sinal de SAÍDA; provavelmente, Adrian pensou, a porta lateral que levava à viela que eles observaram a noite toda.

— E aí está — disse o Bibliotecário, pegando um livro da pilha descartada e desdobrando com carinho as páginas. — Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por vocês? Talvez queiram levar um livro de ciências políticas para o Conselho ler no tempo livre? Acho que pode ser bom pra eles. — Ele colocou o livro em uma prateleira e acariciou a lombada com carinho, como se fosse um bichinho.

Ruby gemeu.

— Você acha que somos idiotas? Nós *vimos* a Detonadora entrar aqui. Só nos diga onde ela está e as coisas vão ser bem mais fáceis pra você!

Cronin se empertigou e esticou a coluna curvada.

— Me desculpe, mas vocês parecem estar sofrendo de imaginação hiperativa.

Ruby lançou um olhar frustrado para Adrian, que sabia o que ela estava sentindo. Aquilo tinha levado bem mais tempo do que ele esperava, e se viu arrependido da decisão de entrar na biblioteca em vez de esperar por reforços como deveriam. Já via o erro da decisão. Se sua equipe tivesse só bloqueado as saídas da biblioteca, eles saberiam se a Detonadora tinha tentado sair. Teriam podido pará-la. Mas, agora, ela poderia ter saído por uma das portas dos fundos séculos antes.

Ele se sentiu um idiota. Sentiu que os pais tinham direito de duvidar da capacidade dele de lidar com aquilo, e isso o irritou mais do que tudo.

Mas agora era tarde demais para mudar a direção. O que uma equipe experiente faria nessa situação, para compensar os erros já cometidos? Eles deveriam ameaçar Cronin se ele não revelasse a localização da Detonadora? Prendê-lo? Começar a abrir buracos nas paredes, procurando alcovas secretas que guardavam contrabando ilegal?

— Então — disse o Bibliotecário, voltando para a escada —, se vocês quiserem, podemos continuar a visita lá em cima. Temos uma coleção maravilhosa de livros raros e primeiras edições no segundo andar...

Um *baque* alto o fez parar.

Adrian se virou e olhou para a parede de onde veio o som. Era outra parede com uma estante do chão ao teto, em nada diferente das outras. Mas, enquanto ele

olhava, os livros começaram a tremer, e a parede a se deslocar para fora, se arrastando no chão e fazendo um barulho alto.

— Não... — murmurou Cronin. — O que ela... *não*!

Adrian deu um passo na direção da estante. Ruby girou o pulso e soltou o fio que prendia o heliotrópio. Nova colocou a mão no cinto.

A parede de livros se moveu para fora, se bem que o que havia atrás estava escuro demais para Adrian ver. Houve um clique baixo, e um único abajur de mesa preencheu o espaço com uma luz clara e esverdeada.

Eles estavam olhando um aposento não muito maior do que o cubículo de escritório onde eles tinham passado a noite. Havia uma única escrivaninha no centro da sala, que só sustentava o abajur. Uma mulher estava sentada na cadeira de rodinhas atrás da escrivaninha, as botas apoiadas na superfície e a cadeira inclinada para trás.

Ingrid Thompson. A Detonadora.

Mas aquilo não era um escritório.

Era um arsenal.

As três paredes em volta estavam cercadas de prateleiras, armários e gabinetes com etiquetas caprichadas, só que não era um aposento cheio de livros, mas de armas. Caixas de balas e cartuchos. Fuzis, escopetas, revólveres, pistolas, bandoleiras carregadas de munição, dardos com aparência letal, bestas, facas de caça e o que ele desconfiava que fosse uma caixa de granadas.

— Ah, por todos os esquemas diabólicos — murmurou Nova por trás dele. — É por isso que nunca conseguimos vencer.

A Detonadora deu um sorrisinho debochado.

— Demoraram muito, Renegados. Eu estava começando a achar que teria que ir atrás de vocês.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



INGRID NÃO DEVIA ESTAR ali.

As *armas* não deviam estar ali.

Nova avaliou a expressão arrogante de Ingrid, a mente vibrando de descrença, de irritação, de... *traição*. Elas tinham um plano. Um bom plano. O que Ingrid estava fazendo?

— Adrian Everhart — disse Ingrid. Ela tirou uma das mãos de debaixo da escrivaninha, segurando uma arma. Bateu com a coronha no tampo da mesa. — Que ótima surpresa.

— A garota contou pra você que estávamos aqui — disse Adrian, a expressão estranhamente neutra para quem tinha uma arma apontada para ele. — A atravessadora de espelhos.

Nova engoliu em seco. Era um bom palpite, e Ingrid não parecia inclinada a corrigi-lo, e seus lábios se abriram num sorriso arrogante.

— A melhor parte disso tudo — disse ela — é que vou matar você e ninguém vai saber que fui eu, porque ninguém vai sobreviver para contar. Mas — seus olhos se apertaram quando ela observou Adrian e Ruby, o Bibliotecário e Nova — está faltando um.

— E estão faltando neurônios em você! — gritou Ruby. Ela jogou o heliotrópio em uma das prateleiras altas ao lado de Ingrid. O fio se enrolou em um suporte e ficou preso, e Ruby puxou, fazendo a estrutura enorme cair. Ingrid gritou quando uma chuva de armas e munição caiu na cabeça dela. As prateleiras pesadas caíram nos seus

ombros. A cadeira rolou de debaixo dela, e Ingrid desabou no chão; a queda das prateleiras foi amparada pelo tampo da escrivaninha.

Rosnando, Ingrid entrou embaixo da escrivaninha e ergueu a arma.

Adrian se virou e se jogou em Ruby no momento em que Ingrid puxou o gatilho. O tiro foi ensurdecedor no espaço fechado, e a bala se alojou em uma enciclopédia grossa enquanto Adrian e Ruby caíam no chão. Eles rolaram para trás de uma estante.

Com um grito apavorado, Gene Cronin se virou e foi para a escada, mas Nova esticou a mão e segurou as costas da camisa dele. Ela o empurrou em um canto atrás de outra estante bamba.

— Esse não era o plano — sussurrou ela. — O que está acontecendo?

— Eu faço a mesma pergunta! — respondeu ele, os olhos arregalados de terror. — Ingrid disse que tinha vindo buscar granadas novas, mas tenho a impressão clara de que ela armou pra mim!

Nova franziu a testa.

— O que ela disse pra você ontem?

— Ontem? Eu não a vi ontem!

Um estrondo soou na sala da artilharia. Soltando Cronin, Nova espiou por um espaço na estante enquanto Ingrid abria caminho pelas armas que tinham caído das prateleiras.

Nova procurou Adrian e Ruby, mas não viu sinal deles no labirinto de estantes.

— O que vai acontecer é o seguinte — disse Ingrid. — Eu vou matar vocês, depois vou encontrar seu amigo e matar ele também. O fumacento, né? Tenho certeza de que ele não foi longe. — Ela engatilhou a arma de novo. — Aí, quando o Capitão Cromo estiver sofrendo pela morte do único filho, eu vou botar fogo no Quartel-General dos Renegados e em tudo que eles construíram. Vou mostrar a eles como é se esforçar tanto por uma coisa e vê-la destruída em *minutos*.

Enquanto Nova via Ingrid abrir caminho pela bagunça, um movimento perto do chão capturou sua atenção. Ela ficou nas pontas dos pés e se esforçou para olhar por cima de uma pilha de livros. E viu Adrian. Ou a mão dele, desenhando linhas rápidas no chão.

— Nós poderíamos fugir correndo agora — sussurrou Cronin. — A escada fica ali. Nós poderíamos...

— Cala a boca — rosnou Nova.

Ingrid contornou uma estante, a arma pronta, procurando Adrian e Ruby. Ela deu outro passo, e de repente as linhas desenhadas no chão deram um pulo para cima; uma corda atravessando o corredor nos tornozelos dela. Ingrid tropeçou. Ela deu um gritinho e caiu de joelhos. A arma voou da mão dela.

Saindo de trás de uma estante, Adrian parou a arma com o pé.

— Você estava dizendo?

Ruby soltou um grito de guerra e pulou da prateleira ao lado de Ingrid, caindo nas costas dela e enrolando seu fio no pescoço, puxando sua cabeça para trás.

Adrian pegou a arma e apontou para Ingrid, mas, no mesmo momento, Ingrid se jogou na direção da estante, batendo com as costas de Ruby nela. Ruby gritou de dor, e a surpresa permitiu que Ingrid a jogasse por cima dos ombros, lançando-a estatelada no chão.

A estante onde elas bateram tremeu, os livros deslizando e caindo para o lado. Com um rugido, Ingrid encaixou o braço na lateral da estante e se inclinou para trás, puxando-a junto. A estante caiu em cima da seguinte, que caiu na seguinte, como uma fila de dominós precários, até a sala estar cheia de estantes e livros caindo.

Cronin empurrou Nova de lado e passou abaixado por ela antes que ela pudesse pensar em segurá-lo. Ela pegou a arma de choque no cinto e apontou para ele, mas hesitou e o viu subir a escada correndo.

Ele sumiu antes que a última enciclopédia tivesse caído nos amontoados de livros.

— Ruby! — gritou Adrian. Nova seguiu em frente, mas não conseguiu o ver no meio do caos e da poeira. — Você está bem?

— Ruby não — respondeu ela, gemendo. — Assassina. Vermelha.

— Certo. Desculpe.

Nova o viu saindo do espaço deixado por uma das estantes caídas.

Um brilho azul-elétrico chamou a atenção dela. Uma esfera azul luminosa estava presa à parede dos fundos, e a energia dentro estava começando a estalar.

Uma das bombas de Ingrid, prestes a explodir.

Ela viu Ingrid parada a uns quatro metros de Adrian. A expressão que o encarava era cruel.

O coração de Nova deu um pulo. Ela ergueu a arma de choque, mas... em quem ela devia mirar? Ela era uma Renegada hoje ou uma Anarquista? Quem devia

proteger? Quem devia impedir?

Ingrid levantou a mão, os dedos preparados para estalar.

— Adrian, se abaixa! — Nova gritou.

Sem hesitação, ele se jogou no chão.

Ingrid estalou os dedos.

A explosão sacudiu o prédio e jogou pedaços da base para fora. O golpe derrubou Nova. Ela voou para trás e caiu em uma parede de estantes. Uma onda de calor quase insuportável cobriu a pele dela, e Nova virou o rosto e levantou o braço de forma protetora sobre a cabeça, no mesmo momento em que uma avalanche de livros caiu ao redor dos ombros dela.

Foram meros dois segundos de pandemônio, depois acabou. Os ouvidos de Nova estavam ecoando, e quando ela ousou levantar a cabeça, o ar estava cheio de papéis espalhados e detritos e fumaça.

Fumaça.

— Minha nossa — murmurou ela, embora não conseguisse ouvir a própria voz dentro da cabeça. — Que essa fumaça esteja vindo do Cortina de Fumaça.

Ela se segurou numa prateleira e a usou para se erguer da pilha de livros. Piscando rapidamente para tirar a poeira dos olhos, ela viu Ruby primeiro, tirando uma cadeira caída de cima das pernas. Em seguida, Adrian, ficando de quatro e sacudindo o corpo para tirar os detritos que o cobriam.

O alívio que tomou conta dela foi inesperado, um pouco desorientador e completamente obscurecido pela visão de Ingrid correndo na confusão. Ela estava com uma arma na mão de novo; Nova não sabia se ela tinha conseguido recuperar a que Adrian tinha tirado dela ou se era outra. Mas reconheceu a ira no rosto de Ingrid. Os olhos enfurecidos. O rugido saindo da boca retorcida, mesmo Nova não conseguindo ouvir.

Adrian ergueu o rosto.

Ingrid abaixou a arma e mirou na cabeça dele.

Ainda segurando a própria arma, Nova mirou em Ingrid e disparou.

Foi uma força invisível que derrubou Ingrid e a jogou estatelada em cima de uma das estantes derrubadas.

Adrian virou a cabeça na direção de Nova.

— Fogo! — gritou ela, embora a sensação fosse de gritar em um travesseiro.

Apesar de ainda não ter visto as chamas, a fumaça preta subia da pilha de livros mais perto do buraco na base. O calor da explosão estava fumegando nas páginas, esperando para entrar em combustão, pronto para queimar todo o material inflamável que pudesse devorar.

Adrian se levantou e enfiou as mãos nos bolsos. A expressão determinada falhou e foi substituída por uma careta de incompreensão. Ele tirou as mãos dos bolsos e bateu nos ombros e nas mangas. Com o pânico surgindo na expressão, ele olhou para o chão, fez um círculo completo e olhou para Nova e Ruby. Então disse alguma coisa.

Nova balançou a cabeça e indicou a orelha.

Ele falou de novo, e desta vez ela conseguiu ler os lábios: *Minha caneta*.

Ela olhou com consternação. O que ele ia desenhar, um extintor de incêndio?

Mas pensando bem... talvez desse certo.

Ela procurou no próprio cinto, pegou a caneta com o dardo escondido e jogou para Adrian.

Ele pegou a caneta na mesma hora em que outra explosão derrubou a pilha de livros. Eles se acenderam numa fogueira. Nova cambaleou para trás e se encostou na parede.

Do outro lado do aposento, Adrian se inclinou e segurou Ingrid, jogou o corpo inconsciente por cima do ombro e gritou para Ruby. *Corra! Corra! Corra!*

Eles correram para a escada antes que as chamas pudessem bloquear a passagem. Nova se juntou a eles, pulando por cima de estantes caídas, pisando na mesa e se jogando na escada. Não demorou para as chamas se alastrarem, pulando de uma pilha de livros para a seguinte, a fumaça preta se espalhando pelo ar e tomando a escada enquanto eles subiam.

Eles saíram pela porta no térreo da biblioteca, que parecia incrivelmente iluminada e arejada em comparação ao porão escuro e cheio de fumaça.

Uma voz apavorada soou no meio de seus pensamentos desorientados, e ela viu Oscar correndo na direção deles, balançando os braços.

— Está faltando um!

Adrian parou.

— O quê?

— Havia trinta e um visitantes — disse Oscar. Nova se inclinou para a frente, se esforçando para ouvir. — Eu contei e, assim que ouvi o primeiro tiro, comecei a tirá-los daqui, mas só tirei trinta! Tinha mais um, uma criança, tenho quase certeza. Pode ser que tenha saído sozinha, não sei, mas...

— Se separem — gritou Adrian, e apesar de sua voz ainda soar distante, Nova percebeu que o eco nos ouvidos estava começando a passar. — Encontrem a criança primeiro. Depois, se puderem, tentem encontrar Cronin e Narcissa também. Mas, primeiro, encontrem a criança!

Ruby e Oscar saíram correndo no meio das estantes.

— O que você vai fazer com ela? — perguntou Nova, olhando para o corpo inerte da Ingrid e tendo a visão horrível do Adrian a jogando de volta no porão em chamas.

— Prendê-la — disse ele. — Vou levá-la lá pra fora e fazer outra contagem dos civis, só pra ter certeza de que o garoto não saiu despercebido, depois vou voltar pra ajudar.

Nova enfiou a arma de choque no coldre e esticou as mãos.

— Eu levo ela.

— O quê?

— Eu levo ela lá pra fora e deixo ela presa.

O olhar de Adrian percorreu o corpo dela, e Nova soube o que ele estava pensando.

— Sou forte — insistiu ela. — Se você encontrar o garoto, vai poder tirá-lo mais rápido do que eu. Vamos lá, você está perdendo tempo. Passa ela pra cá.

Adrian franziu a testa por um segundo mais, depois mudou a posição da Ingrid e a colocou nos ombros da Nova, para que ela pudesse carregá-la como um saco de grãos. Não que ela já tivesse carregado um saco de grãos.

Ela também nunca tinha carregado um prodígio capaz de fazer explosões.

Nova trincou os dentes, ajustou o aperto na perna e no braço pendurados sobre seus ombros. Para dizer a verdade, ela achava que a Ingrid não era muito mais pesada do que sua bolsa quando estava cheia.

— Pegou? — perguntou Adrian.

— Peguei. Pode ir.

Nova cambaleou para o saguão. O local todo parecia abandonado, sem sinal de ninguém; nem Cronin nem a neta, nem Ruby nem Oscar. Só ela e Ingrid e a fumaça

subindo pelo piso. Ela olhou para os próprios pés, pensando se estava imaginando o calor que subia do chão, pelas solas das botas novas.

O piso de madeira, preso a vigas de madeira. As paredes externas podiam ser de pedra, mas tudo dentro, toda a estrutura, todos os móveis, *todos os livros*, tudo era um inferno esperando para acontecer.

E isso nem levava em conta a salinha cheia de munições e explosivos no porão, sendo que qualquer um deles poderia ser detonado assim que o calor do fogo chegasse lá.

O peso de Ingrid a deixou lenta quando ela atravessou o vestíbulo e abriu caminho pelas portas de entrada.

Uma multidão de civis apavorados estava reunida na calçada na frente da escada. Não só os visitantes da biblioteca, mas um grupo cada vez maior de vizinhos e passantes. Em pouco tempo, a imprensa chegaria. E mais Renegados chegariam.

Nova os ignorou enquanto abria caminho. A multidão se separou, com ofegos e sussurros substituindo o barulho dentro do crânio dela.

— Questão... oficial... dos Renegados — grunhiu ela, andando para a rua. Um homem deu um passo à frente, as mãos esticadas, como se para aliviá-la do peso, mas Nova foi ríspida com ele. — Não toquem nela. Ela é perigosa.

Ele se afastou.

Ninguém a seguiu quando ela atravessou a rua e foi para a sombra do prédio de escritórios. O peso morto do corpo de Ingrid estava ficando insuportável quando Nova chegou à esquina, se apoiou em um joelho e rolou Ingrid para o chão. Ingrid caiu com um baque e um gemido.

Nova se sentou sobre os calcanhares, ofegante, e alongou os músculos do pescoço e dos ombros.

— Na próxima vez — disse ela —, vou deixar você pegar fogo.

Ingrid gemeu de novo.

Nova segurou o cotovelo dela e a botou sentada, depois a encostou no prédio. Soltou as algemas que os Renegados tinham lhe dado da parte de trás do cinto. Evidentemente, eram dadas a todas as unidades de patrulha, embora, naquele caso, Adrian e sua equipe não estivessem em *patrulha*.

— Você atirou em mim — murmurou Ingrid, as palavras arrastadas enquanto ela tentava se recuperar dos efeitos do choque.

— Não atirei — disse Nova. — Só dei um choque. É diferente. — Ela prendeu um lado da algema no pulso da Ingrid.

Ingrid levou um susto e sua expressão começou a ficar mais lúcida.

— O que...

— Só vou botar em uma das mãos — disse Nova. Ela puxou o braço de Ingrid para cima e prendeu o outro lado da algema nas barras da janela do térreo. — Você vai conseguir se soltar com facilidade, e vou atribuir a um erro de principiante.

Ingrid inclinou a cabeça e olhou sem entender direito para o pulso preso.

— Você devia ter me ajudado — disse ela. — Eles estariam mortos agora.

Soltando o ar, Nova se agachou perto dela.

— Você não o avisou, né? Armou isso tudo. Armou pra *mim*.

Ingrid tossiu.

— Se eu tivesse te contado, você não conseguiria puxar o gatilho e sabe bem disso. Como no desfile. Mas você é uma garota inteligente. Devia ter percebido. — Ela chegou mais perto da parede. — Uma equipe de Renegados vindo pras nossas mãos. E logo o filho do Capitão. Finalmente nossa chance de mostrar a eles a dor e a perda que tivemos que sofrer. E você estragou tudo!

O corpo de Nova começou a tremer com raiva descontrolada. Ela se levantou e deu um passo para longe de Ingrid.

— Meus objetivos são um pouco mais abrangentes do que destruir *uma* unidade de patrulha. Achei que estávamos juntas nisso. — Ela balançou a cabeça, cega de frustração. — Vamos conversar mais tarde. Agora, eu tenho que ir fazer o controle de danos, porque *alguém* ignorou completamente o meu plano. O plano que teria protegido o Bibliotecário e escondido nossa ligação com ele, devo lembrar.

— Eles o teriam acusado de alguma coisa — resmungou Ingrid. — Teriam arrumado um motivo pra prendê-lo. Era só uma questão de tempo.

Nova repuxou os lábios. No dia anterior, ela acreditou que isso fosse verdade. Agora, não tinha mais certeza. A noite toda, Adrian e os outros fizeram exatamente o que disseram que fariam. Observar e esperar. Eles só decidiram entrar na biblioteca depois que Ingrid apareceu. Se Adrian pretendia plantar provas incriminadoras, ela não tinha visto sinal nenhum.

— Talvez sim, talvez não — disse ela. — A única coisa que sabemos agora é que perdemos o Bibliotecário e o acesso a tudo que estava no depósito. Os Renegados

venceram. De novo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



NOVA ATRAVESSOU A RUA, os pensamentos em disparada. Estava naquilo pelo objetivo maior. Fazia o papel de Renegada para poder ensinar a eles uma lição hoje ou amanhã. Não para poder minar uma única missão ou destruir uma única equipe.

Ela seria a causa do fim dos Renegados. Derrubaria o Conselho. Vingaria a família que eles juraram proteger e fracassaram. A família *dela*.

Ingrid foi idiota por ser tão míope, por tentar pegar a estrada mais fácil para a vingança. Mas... Nova também foi idiota. Devia ter percebido que alguma coisa estava errada desde o momento em que entraram na biblioteca e ela viu aquela expressão muda e apavorada no rosto de Narcissa. Devia ter reagido mais rápido, antes de tudo fugir do controle.

Mas estava muito concentrada em completar a missão. Tinha botado fé demais em Ingrid, convencida de que não haveria nenhuma prova incriminadora deixada para trás. Os Renegados revistariam o local e, quando saíssem de mãos vazias, a investigação estaria terminada.

Mas Ingrid enganou Nova, e agora tudo estava arruinado.

Ou pelo menos a biblioteca estava. Tinha fumaça saindo pelas janelas mais baixas. Nova viu o buraco enorme na base, onde a bomba explodiu. A nuvem de fumaça saindo daquela cratera era preta como piche.

As pessoas olharam para ela quando ela se aproximou, a atenção se desviando dela para Ingrid e para a biblioteca.

— O que está acontecendo? — perguntou uma mulher. — Você é uma Renegada, não é? Não vai fazer nada?

Nova parou e se virou para olhar para a mulher, a irritação crescendo rápido dentro dela.

— Fazer alguma coisa — disse ela. — Tipo... pegar o bandido? — Ela indicou Ingrid. A mulher olhou com arrogância para Nova.

— Tipo apagar o fogo.

— Cadê a Tsunami? — perguntou uma criança.

— É! — gritou outra. — Ou outra pessoa com poder de água! É disso que vocês precisam.

Nova abriu a boca, se preparando para dizer que agora eles estavam fazendo o melhor que podiam com os poderes que tinham, mas hesitou e lembrou que a opinião favorável (ou desfavorável) do público em relação aos Renegados não era problema dela.

— Beleza — murmurou ela, abrindo caminho pela multidão na direção da biblioteca. Ela olhou para as janelas. Não havia sinal de Adrian nem dos outros. Eles tinham encontrado a criança desaparecida? Ainda estavam lá dentro procurando?

Deviam estar. Eles eram profissionais. Eram super-heróis *de verdade*. Se ainda não tinham encontrado a criança, encontrariam a qualquer minuto.

Mas... e o Bibliotecário?

Nova expirou, lutando para manter o foco na agitação. Para não perder de vista suas prioridades.

O Bibliotecário tinha sido descoberto. Seria preso assim que fosse encontrado de novo, acusado de comércio ilegal de armas, conspiração e sabe-se lá mais o quê. Qualquer esperança dos Anarquistas manterem a ligação com os distribuidores já era.

A não ser que ela conseguisse encontrá-lo primeiro. A não ser que pudesse levá-lo a um lugar seguro. Talvez, só talvez, ela ainda conseguisse salvar o navio naufragando.

Gene Cronin era um covarde. Foi o que Ingrid lhe disse mais de dez vezes. Devia ter fugido. Devia estar longe agora, provavelmente a caminho da fronteira da cidade.

Não devia?

Ela massageou a nuca, a incerteza enevoando seus pensamentos, quando uma série de explosões sacudiu a base da biblioteca. Foram seguidas por um estalo ensurdecedor de madeira cedendo. A multidão chegou para trás enquanto uma nuvem de fumaça preta saía pelas janelas e do buraco enorme na parede inferior.

Nova sabia que as explosões eram dos explosivos armazenados no porão, embora não pudesse ter certeza se ainda haveria mais detonações a caminho.

Em seguida, ela ouviu os gritos.

Primeiro, achou que estivesse imaginando. Um eco apavorado vindo da mente ainda maltratada.

Alguém a empurrou por trás. A mulher de antes, gritando.

— Tem alguém lá dentro ainda! Eu ouvi! *Faça alguma coisa!*

E apesar de Nova precisar de toda a sua força de vontade para não se virar e gritar para a mulher *fazer alguma coisa* ela mesma, ela ignorou o instinto e saiu correndo... não para a biblioteca, mas dobrando a esquina, certa de que os gritos tinham vindo de trás.

Assim que dobrou a esquina, ela o viu. Um garoto de seis ou sete anos, pendurado em uma janela do segundo andar. A gola da camisa estava puxada por cima do nariz, e mesmo de baixo ela viu os olhos vermelhos e em pânico.

Nova olhou em ambas as direções, mas não havia nada que pudesse usar para subir. Não tinha nenhuma escada aleatória caída, nenhuma árvore enorme conveniente. Ela avaliou a lateral do prédio e, sem se dar a chance de pensar demais, enfiou os dedos nos vãos entre as pedras e começou a subir.

Nova só tinha subido um pouco quando seu pé escorregou e ela caiu no chão, com força, de costas. Acima, o garoto chorou, os dedos segurando o parapeito da janela.

Nova se levantou, mas outra explosão sacudiu o chão e a derrubou de novo. Uma janela no primeiro andar explodiu para fora ao sucumbir ao calor e à pressão aumentando dentro da biblioteca. Chamas laranja ardiam lá dentro, lambendo as paredes de pedra.

Nova fechou os olhos e calculou os riscos. Apesar de só ter levado alguns segundos para tomar a decisão, pareceu uma eternidade.

Ela abriu os olhos novamente e enfiou a mão no compartimento do cinto que guardava os microssinalizadores exotérmicos feitos por ela. E, embaixo disso tudo,

as luvas.

As luvas da Pesadelo.

Ela enfiou os dedos no couro preto e fechou as fivelas, depois apertou o botão que acionava as ventosas pressurizadas. Adiantou-se e pulou no prédio, com as palmas na fachada.

A sucção a segurou.

Nova começou a subir. Apertou, esticou, soltou. Seus dedos dos pés tentavam se apoiar no cimento entre as pedras. Os braços começaram a queimar com o esforço conforme ela ia subindo mais e mais. A fumaça saía pelas janelas abaixo e ocupava o ar ao redor.

Quando chegou à janela do segundo andar, os braços estavam prontos para cair dos ombros. Mas ela conseguiu entrar pela janela e desabou no chão ao lado da criança.

Ele olhou para ela, o lábio tremendo.

— Socorro — disse ele baixinho.

Ela assentiu.

— Me dá um segundo.

Inspirar. Expirar.

Ela se sentou e depois se levantou. Aquele andar também estava cheio de fumaça, apesar de ainda não estar densa a ponto de não ser possível enxergar.

— Vem — disse ela, passando um braço pelos ombros do garoto.

Ele a seguiu sem resistência por uma série de salas de arquivo, até eles chegarem à escadaria.

Nova parou e olhou para o saguão. O que antes era a entrada principal agora era um mar de fumaça e fogo. O piso estava soltando fumaça e, enquanto ela olhava, o chão embaixo da estátua no vestibulo cedeu com o peso e desmoronou.

Nova recuou e empurrou o garoto na direção da parede.

— Certo — disse ela lentamente. — Nós não vamos por ali.

Ela o levou de volta pelo caminho que eles tinham feito e abriu a janela pela qual tinha entrado. Botou a cabeça para fora e analisou a queda. Não era muito grande... para ela.

— Você sabe se encolher e rolar?

O garoto choramingou.

— Você não sabe... você não sabe voar?

Ela olhou para ele.

— Se eu soubesse voar, por que eu... — Ela levantou as mãos, ainda cobertas pelas luvas, e gemeu. — Não importa. Escuta. Você vai subir nas minhas costas e eu vou descer pela parede. Você vai ter que confiar em mim, tá?

Apesar do rosto do garoto estar tomado de medo, o sentimento foi dominado por uma esperança pura e inexplicável.

— Você é uma Renegada — disse ele. — Claro que confio em você.

O estômago de Nova se contraiu, e todos os seus instintos queriam argumentar. *Não. Não confia neles. Eles não merecem.*

Mas ela segurou a resposta e estava começando a se abaixar para ele poder subir nas costas dela quando ouviu gritos.

Ela fechou as mãos no pulso do garoto e espiou pela janela. Viu Ruby e Oscar correndo pela hera abaixo.

— Nova! — gritou Oscar, e fez uma careta. — Quer dizer, Insônia! Você tem que sair daí!

O alívio pulsou nas veias de Nova. Ela fechou as mãos em volta da boca e gritou:

— Encontrei o garoto! Olhem!

Ela se virou, pegou o garoto pelas axilas e o levantou na janela para eles verem.

Ruby botou a mão sobre a boca. Ela e Oscar trocaram olhares, mas foi uma discussão curta e silenciosa.

— Espera — disse Ruby, desenrolando o fio do pulso. Ela deu um passo para longe de Oscar e começou a girá-lo como um laço no ar. — Para trás!

Nova pulou para longe da janela e puxou o garoto junto. Um segundo depois, o heliotrópio de Ruby caiu no parapeito. Assim que foi puxado, as pontas da pedra se abriram, transformando-a num gancho que ficou bem preso no parapeito.

— Legal — murmurou o garoto.

— Você já desceu por uma tirolesa? — perguntou Nova, tirando as luvas e as enfiando no cinto.

— Uma o quê?

— Nada. Vamos lá, é como brincar nas barras do parquinho. Uma mão na frente da outra. Se você cair, aquele cara de bengala vai te pegar, tá?

O garoto olhou para o fio fino e para Oscar e sua testa se franziu de incerteza.

— Ele também é um Renegado — disse Nova. — Ele levanta peso, uns... — Ela pensou. — Sei lá. Muitos quilos. Mais do que o seu peso, com certeza.

Parecendo reconfortado, o garoto passou uma perna pelo parapeito. Nova o ajudou a começar, mostrando como usar as mãos enquanto mantinha os tornozelos presos na corda.

Ele estava na metade e ela começando a relaxar, debatendo se também desceria pela corda ou se pegaria o trajeto mais rápido, o de pular, quando Oscar deu um grito para ela:

— Cadê Adrian?

Ela ficou tensa.

— Ele não está com vocês?

Oscar balançou a cabeça.

— Nós não o vemos desde que você saiu do porão.

Nova se afastou da janela de novo e olhou em volta. O ar dentro da biblioteca a fez se sentir em uma sauna. Uma sauna fumacenta e sufocante.

Adrian não podia ainda estar ali, podia?

A não ser que a fumaça o tivesse afetado. A não ser que ele estivesse inconsciente em algum lugar, morrendo de inalação de fumaça, ou preso embaixo de uma estante em chamas, ou...

Um grito soou no meio do rugido do fogo. Nova ficou imóvel. Não era Adrian.

Mas isso só significava que havia outra pessoa na biblioteca.

Ela seguiu os gritos até o canto extremo do terceiro andar, onde havia uma sala fechada no meio das escrivaninhas, o conteúdo visível por uma janela de vidro numa porta fechada. Uma placa ao lado da porta dizia LIVROS RAROS E PRIMEIRAS EDIÇÕES. Nova a abriu e encontrou essa sala livre da fumaça que ocupava o resto do prédio, que começou imediatamente a entrar pela porta aberta.

Gene Cronin e Narcissa estavam parados na frente de uma janela aberta. Narcissa se virou para Nova e gritou:

— Fecha a porta!

Nova empurrou a porta com uma força desafiadora.

O Bibliotecário nem olhou para ela. Estava ocupado demais tirando livros de armários com portas de vidro e os embrulhando em toalhas de papel antes de os jogar pela janela às braçadas.

— Me ajudem! — gritou ele. — Narcissa... rápido! O armário dos manuscritos. Nós temos que salvar os manuscritos!

— São só livros! — gritou Narcissa. — Nós temos que nos salvar!

— *Só livros?* — rugiu Cronin. — O trabalho da minha vida! Alguns desses são os únicos exemplares conhecidos que restaram no mundo todo! Primeiras edições... exemplares autografados...

— Narcissa está certa — disse Nova, entrando mais na sala.

Ela observou o espaço de novo, achando que Adrian apareceria por trás de algum armário, mas só havia o Bibliotecário e sua neta presentes. Adrian não estava lá. Ela engoliu em seco e tentou não imaginá-lo preso no fogo abaixo.

— O térreo está comprometido. O prédio todo vai desabar a qualquer minuto. Vocês têm que sair daqui.

Ela observou a sala. Duas paredes tinham janelas duplas, todas abertas, talvez numa tentativa de deixar sair a fumaça que entrava pelos vãos da porta. Uma lareira de tijolos ocupava a parede oeste, parecendo, ironicamente, não ver fogo havia décadas, com um espelho decorado por cima. Nova achou que o elemento decorativo era mais para a conveniência de Narcissa do que uma tentativa de elegância decorativa.

Fora isso, havia quatro armários com portas de vidro exibindo livros antigos, pergaminhos, diários e manuscritos, e até uma variedade de ferramentas antigas de escrever e imprimir, de potes de tinta a tipos de chumbo. Havia mais estantes nas paredes, cheias de trabalhos que não eram tão raros ou valiosos quanto os dos armários. E também a porta pela qual Nova tinha entrado, e... só. Nenhuma outra rota de fuga. Eles teriam que sair pelas janelas.

— Por que você os trouxe aqui? — berrou Narcissa, furiosa.

Nova se virou para ela.

— O quê?

— Você fez isso! Você e a Detonadora. Vocês nos enganaram. Por quê? — Lágrimas de medo estavam se acumulando nos olhos de Narcissa, e os punhos dela estavam tão apertados que tremiam. Passou pela cabeça de Nova que ela, pelo menos, não estava presa ali. Havia um espelho. Ela poderia sair a qualquer momento.

Mas ainda não tinha saído. Ainda estava tentando salvar o avô.

Nova mordeu o lábio, tentando pensar com clareza enquanto o olhar de ódio de Narcissa a fuzilava. Sempre tinha gostado da neta do Bibliotecário. Não a conhecia bem, mas ela sempre pareceu legal quando Nova ia com Ingrid fazer negócios. Apesar de ser neta do Bibliotecário e obviamente saber sobre as atividades dele, ela nunca pareceu a Nova particularmente... vilã.

Pela primeira vez, começou a pensar o que Narcissa achava *dela*. Nas poucas interações das duas, ela pareceu tranquila, até dócil. Nova tinha suposto que essa era só sua personalidade, mas agora questionava se Narcissa tinha medo dela.

Porque ela era a Pesadelo?

Ou porque ela era sobrinha de Ace?

— Vocês têm que sair — disse Nova, indo até a janela mais próxima. — Você pode levar seu avô pelo espelho?

— Não funciona assim — disse Narcissa com rispidez.

— Bom, então use o espelho enquanto pode. Gene e eu vamos pela janela. — Ela olhou para a queda de dois andares. — Eu acho.

Aquele lado da sala dava para a rua na frente da biblioteca, onde o aglomerado de civis só aumentava.

Uma olhada rápida na direção do prédio em frente revelou que Ingrid tinha fugido. A algema estava caída na calçada entre a pequena cratera fumegante onde Ingrid tinha feito uma explosão entre a parede e a janela com grade.

As outras duas janelas davam na direção da viela e do cinema. Se pulassem, podiam mirar na caçamba de lixo mais próxima, que aliviaria a queda mais do que o concreto. Mas Nova duvidava que Gene Cronin aguentasse essa queda, mesmo se ela o instrísse sobre o básico de saltos assim.

— Ele tem setenta e quatro anos! — gritou Narcissa. — Você acha mesmo que vai pular por uma janela?

Nova suspirou. Onde estava Winston com seu balão quando ela precisava?

Houve um estrondo atrás dela, e Nova se virou, com medo de o prédio estar começando a desabar. Mas não: uma janela tinha quebrado. Estilhaços de vidro voaram pelo ar, se espalharam no chão, seguindo a trajetória da figura que tinha acabado de entrar pela janela.

O queixo de Nova caiu quando ela viu a figura rolar com perfeição e acabar de pé, sem esforço. Ele girou, o corpo de armadura preparado para um ataque e a luz

do dia refletindo no visor.

— SÉRIO? — disse Nova. Ela sabia que era só uma questão de tempo até que mais Renegados comesçassem a aparecer, mas não esperava o guerreiro secreto. Era como aquelas pessoas lá fora disseram: alguém com poder de água seria bom.

Mas talvez fizesse sentido. O Conselho sabia sobre aquela missão e tinha interesse direto no bem-estar de Adrian. Talvez tivessem enviado o Sentinela para observar o progresso deles. Nesse caso, a pergunta não era o que ele estava fazendo ali, e sim por que ele demorou tanto.

O Sentinela virou a cabeça na direção dela e disse com uma voz grave e preocupada:

— Está todo mundo bem?

Nova abriu bem os braços.

— Estamos presos em um prédio em chamas. O que você acha?

— Vou levar vocês pra um lugar seguro — disse ele. — Todos vocês. Com uma condição. — Ele voltou o foco para o Bibliotecário, que tinha parado de jogar livros pela janela para olhar o recém-chegado. — Quero oferecer uma troca, Gene Cronin.

A boca de Cronin trabalhou em silêncio. Ele estava com um livro de capa de couro pressionado contra o peito, apertando-o como se fosse uma boia salva-vidas.

— Eu... quem é você?

— Sou o Sentinela.

Ele falou com o mesmo tom de honra do qual Nova se lembrava, e ela não pôde deixar de revirar os olhos.

— Me responda rapidamente — disse o Sentinela. — Nós não temos muito tempo.

— Eu... uma troca? Sim. Sim, tudo bem. Sou um negociante justo. Mas... tudo foi destruído. Se você veio querendo armas e explosivos, vai ter que esperar até eu restabelecer a ligação com o meu...

— Isso não me interessa — interrompeu o Sentinela. — Eu vim atrás de informações.

Nova franziu a testa e suas desconfianças aumentaram. Do lado de fora, ela ouviu alguém gritando seu nome e se virou e viu Ruby e Oscar correndo pela viela, cada um segurando uma ponta de uma escada de alumínio. Seu peito foi tomado de alívio. Ela se perguntou onde eles tinham conseguido, mas, naquele momento, não importava muito.

— Informações? — disse Cronin. — Bom, isso tenho aos montes.

— Estou procurando a Pesadelo.

Seu coração deu um pulso, e ela se virou para o Sentinela. Ele não estava voltado para ela, e Nova só conseguia ver o visor de perfil. Mas Cronin... ela o via muito bem, e o jeito como seus olhos atordoados se voltaram para ela fez sua pulsação trovejar embaixo da pele. Ela balançou a cabeça de forma rápida e desesperada.

— Me diga onde posso encontrá-la — pediu o Sentinela —, e não só vou tirar você em segurança deste prédio, mas vou levá-lo para um lugar que lhe dê vantagem significativa quando os Renegados começarem as buscas. Você e sua neta podem sair desta cidade e nunca mais voltar.

O olhar de Narcissa foi do Sentinela para Nova, os olhos arregalados. Era impossível saber se o Sentinela estava falando sério ou se a proposta era um estratégia para fazer o Bibliotecário falar. Talvez o Sentinela traísse o acordo assim que tivesse a informação que queria. Era o que um vilão faria. Mas um Renegado? Que se baseava em honestidade e integridade?

Mas, se pretendesse ir até o fim com essa oferta, ele estaria disposto a deixar o Bibliotecário fugir, um homem que botou centenas de armas ilegais nas ruas. O que o Conselho diria sobre isso? Já tinham aprovado esse acordo, tudo numa tentativa de achar a Pesadelo? De *a* encontrar?

Nova engoliu em seco, na dúvida se devia ficar lisonjeada.

— Pesadelo? — disse Cronin. Seus olhos ficaram grudados no Sentinela agora, e Nova quase conseguiu ver os pensamentos girando na cabeça dele enquanto tentava pensar na melhor chance de sobrevivência no longo prazo... e na liberdade.

— Ela é procurada por tentativa de assassinato contra o Conselho, embora eu desconfie que não preciso lhe dizer isso. Você forneceu a arma que ela usou, não foi? — O Sentinela deu alguns passos mais para perto, os pés batendo nas tábuas do piso.
— Quero saber onde ela está e pra quem ela trabalha. Responda isso e vai ter o restante do dia pra encontrar algum outro alojamento que não seja uma cela de prisão.

— Onde ela está? — repetiu Cronin. — Pra quem ela está trabalhando?

O foco dele se desviou do Sentinela para Nova. A mão dela foi até o cinto e a arma de choque lá.

O pomo de adão de Cronin se mexeu rapidamente.

— Bem — disse ele, ofegante. — Essa é... uma questão complicada. — Ele limpou a garganta. — Sabe, a garota que... que usa o codinome Pesadelo, que é como... como alguns a conhecem... por esse nome... bem, ela...

Uma esfera azul em chamas entrou pela janela quebrada. Caiu no piso de madeira, quicou uma vez...

Nova mergulhou para se proteger atrás de um armário e envolveu a cabeça com os braços, enquanto o Sentinela se jogou em Cronin e Narcissa e protegeu os dois.

A detonação destruiu o canto da biblioteca, abriu um buraco no chão e empurrou as paredes para fora. Gesso, vidro e telhas caíram nas costas de Nova. O piso abaixo dela se inclinou na direção do epicentro da explosão. Ela agarrou uma das prateleiras embutidas e se segurou com firmeza enquanto o chão sumia de debaixo dos seus pés. Livros caíram em volta dela, mas ela ergueu o joelho para se apoiar e se segurou.

O ribombar das paredes ainda não tinha parado quando ela sentiu uma onda de calor e fumaça vinda do piso abaixo, chamuscante e densa. Nova tossiu e olhou em volta, tentando enxergar na fumaça. As chamas estavam vindo de baixo. A parede à direita tinha sumido, e ela via quase todo o cinema do outro lado da viela, mas pelo menos a abertura permitia que a fumaça fosse para fora. Ela tossiu. Seus olhos ardiam. Não havia sinal do Sentinela, nem de Cronin e Narcissa. Eles teriam caído no andar de baixo? Não havia sinal deles lá também.

A estante na qual Nova estava agarrada começou a ceder, as paredes externas fracas pela explosão. Ela trincou os dentes e procurou uma forma de sair, mas não havia nada em que se segurar. Sentiu que dar um único passo no piso destruído faria com que o que restava desabasse.

Ela olhou para uma arandela acima. Se conseguisse alcançá-la, talvez pudesse se segurar e jogar o corpo pela abertura...

Apesar de as palmas das mãos estarem escorregadias de suor, ela dobrou os dedos na estante e esticou a mão para cima, enquanto as prateleiras gemiam e se inclinavam para o piso quebrado. A gravidade a puxava. Ela se esticou, o braço se aproximando da arandela. Centímetros... que mais pareciam um quilômetro...

Seus dedos escorregaram.

Nova gritou quando caiu no fogo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



ALGUMA COISA A PEGOU NO MEIO DA QUEDA.

Nova sentiu o corpo ser esmagado contra uma superfície dura e inflexível, e começar a subir de novo. Ela inspirou fundo em choque e viu o visor do Sentinela. A sensação de falta de peso foi breve. Ele pousou no segundo andar, que gemeu e grunhiu com a força do pouso. O Sentinela virou-se e se lançou com ela no colo na direção da parede destruída. Vento e fumaça sopraram no rosto de Nova e ela se virou, protegendo os olhos no peito dele.

Desta vez, a sensação de voo levou a uma sensação de queda, e logo ele pousou com o impacto de uma escavadora no telhado do cinema. O Sentinela se apoiou em um joelho e a aninhou com o braço.

— Você está bem?

Nova percebeu que estava tremendo. O corpo todo tremia quando ela levantou a cabeça e só viu a própria expressão perplexa refletida na superfície do visor.

Ele a estava abraçando. Como se ela fosse... uma carga preciosa. Ou uma passageira inocente. Ou... ou... uma donzela em perigo.

Nova contraiu o maxilar e bateu com as palmas na placa do peito dele para sair dos seus braços. Ele caiu para trás com surpresa e se apoiou em um cotovelo enquanto ela se levantava e recuava. Nova tirou a arma de choque da cintura.

O Sentinela esticou a mão para ela.

— Eu vim ajudar. — Ele se levantou lentamente. — Pode confiar em mim.

Ela riu; foi um som louco e incrédulo.

— Duvido muito.

Seu olhar percebeu movimento, e ela viu Gene Cronin e Narcissa ao lado de uma saída de ventilação do telhado. Narcissa estava agarrando o braço do avô, mas ele ainda segurava um dos livros velhos e delicados da biblioteca. O rosto de Narcissa estava pálido, a trança se desfazendo e as roupas sujas de fuligem. Cronin não se encontrava muito melhor, apesar de já ser naturalmente tão desganhado que não fazia diferença.

Outra explosão soou do outro lado da rua, e Nova se virou, imaginando mais bombas sendo jogadas neles. Mas, desta vez, não tinha sido a Detonadora a provocar o ruído. Foi a biblioteca, sucumbindo ao fogo. As vigas e suportes restantes cederam e espalharam um monte de fagulhas e chamas que envolveram o que restava do telhado. Em pouco tempo, tudo que restaria seriam algumas paredes externas de pedra. Um esqueleto da estrutura que abrigavam.

Seu coração se apertou.

Adrian ainda estava...?

Não. Não, ele era forte e inteligente. Era um Renegado. Claro que tinha encontrado uma saída.

O Bibliotecário soltou um choro sofrido e caiu de joelhos.

— Minha biblioteca... meus *livros*...

Narcissa ficou ao lado dele, fazendo carinho nas costas, mas ele não pareceu notá-la em meio a tanta tristeza.

— Papel e tinta — disse uma voz furiosa.

Nova fez uma careta.

Ingrid apareceu saindo de trás de um holofote velho e enferrujado, do tipo que se usaria para promover uma estreia de filme novo em um tempo esquecido. Ela já estava com um sorrisinho debochado na cara e um novo explosivo estalando entre as mãos.

— Você vai superar — disse ela. — A verdadeira tragédia foram todas aquelas armas.

Cronin deu um sorriso pesaroso.

— As armas podem ter servido para a minha sobrevivência, mas aqueles livros... eles eram a minha vida.

Ingrid deu uma risada debochada.

— Patético — disse ela, voltando a atenção para o Sentinela. Ela começou a jogar a esfera de energia para cima, segurar com uma das mãos e jogar para a outra. — Ora, ora. Se não é o brinquedinho novo dos Renegados. Quem pensaria que você também estaria envolvido nisso?

— Fique onde está, Detonadora. Você já provocou danos suficientes hoje. — A mão direita do Sentinela começou a brilhar, o metal cinza ficando branco de tão quente do pulso às pontas dos dedos.

Nova olhou sem acreditar.

Aquilo era novidade.

Ele não podia ter mais habilidades que ela não tinha visto ainda. Como era possível?

— Sei disso — disse Ingrid com uma risada alegre. — E a sensação é *tão boa*. Depois de nove anos sufocando meu poder, fingindo obediência às exigências do Conselho... finalmente poder lembrar ao mundo o que sou capaz de fazer. Grandes poderes, é tão bom! — Ela soltou um grito para o céu e começou a rir. — Sabe, meu foco era eliminar aquele garoto Everhart, mas *você*... você pode ser até melhor. Eliminar o lacaio do Conselho. Você acha que sua armadura aguenta um golpe direto? Tenho minhas dúvidas...

— Lacaio do Conselho? — disse o Sentinela. — Acho que me confundi com outra pessoa.

— Ah, não confundi — respondeu Ingrid.

O Sentinela esticou a manopla reluzente à frente do corpo, o punho fechado.

— Eu não vim por ordem do Conselho. Não vim executar serviço de ninguém, só o meu.

Ingrid suspirou.

— Você realmente...

Um raio estreito de energia branca saiu de um cilindro no antebraço do Sentinela e atingiu o peito de Ingrid. Ela cambaleou e caiu para trás, ofegante.

A boca de Nova estava escancarada agora, a mente momentaneamente calada em choque.

A armadura, o fogo, o salto de longa distância, e agora... o que era aquilo? Alguma espécie de raio de energia?

Quantas habilidades aquele cara tinha?

O Sentinela baixou o braço.

— Por que alguns vilões são tão irritantemente tagarelas?

— Ela está morta? — perguntou Nova.

O Sentinela se virou para ela.

— Desacordada. — Ele hesitou e olhou para o braço, que tinha voltado a ficar da mesma cor cinza do resto da armadura. — Eu acho. Eu nunca tinha usado isso.

Nova olhou para ele boquiaberta.

— Como assim, nunca tinha usado isso?

Eles foram interrompidos pela voz atordoada de Gene Cronin.

— *Ela* fez isso. — Ele tinha ido até a beirada do telhado e estava vendo a biblioteca pegar fogo, as chamas dançando nos olhos pesarosos dele. — Ela armou essa armadilha. Jogou as bombas. Destruiu tudo. — Ele soltou uma gargalhada breve e sem humor. — O que se pode esperar de uma mulher que se intitula *a Detonadora*? Eu devia ter percebido... nunca devia ter confiado em uma Anarquista...

Ele descruzou os braços, e Nova viu que ele ainda estava segurando o livro de couro que pegou na sala de livros raros.

— Mas eu me lembro de tudo — sussurrou ele. — De cada palavra. Esse conhecimento. Nada vai se perder. — Ele fechou os olhos e seu rosto assumiu uma expressão de exultação. De determinação profunda. — Foi por isso que esse dom foi concedido a mim. Para preservar todas aquelas palavras, todas as histórias e ideias. Para resgatá-las da extinção. Mesmo que leve o resto dos meus anos na face da Terra, eu vou registrar tudo. Vai ser o grande orgulho da minha vida.

— Você planeja fazer isso de uma cela de prisão? — perguntou o Sentinela. Cronin se virou para ele, como se surpreso de ainda haver alguém presente. — Porque os Renegados podem ou não estar dispostos a fornecer papel suficiente para substituir — ele fez um gesto na direção da biblioteca — tudo aquilo.

Cronin engoliu em seco.

O Sentinela chegou mais perto e baixou a voz.

— Mas minha proposta está de pé. Posso levar você e sua neta para longe daqui. Só me conte o que sabe sobre a Pesadela.

— Minha nossa — murmurou Nova. — Você só se importa com isso?

O Sentinela não olhou para ela... mas o Bibliotecário sim.

Nova se empertigou e o olhou da forma mais ameaçadora que conseguiu.

— A Pesadelo — disse Cronin, e começou a rir de repente, como se tivesse acabado de lhe ocorrer como a situação era histórica. — Ah, a Pesadelo. Sim. Eu talvez saiba onde você pode encontrar...

Um tiro ricocheteou nos ouvidos de Nova. A cabeça de Gene Cronin foi empurrada para trás, um arco de sangue jorrou pelo telhado. O corpo dele pareceu oscilar, momentaneamente suspenso, antes de cair para trás. O livro que ele estava segurando caiu aberto ao seu lado e as páginas amarelas tremeram.

Narcissa gritou.

O mundo fez uma pausa. Nova olhou para o sangue borrifado na parede, e apesar de saber que era vermelho, tudo de repente pareceu banhado de cinza. Seus lábios estavam abertos, mas ela talvez tivesse parado de respirar. Seus olhos arregalados e incrédulos foram na direção de Ingrid e pousaram na arma nas mãos dela.

Ingrid ergueu o queixo. Havia pouco a ler no rosto dela. Raiva. Talvez orgulho. Mas nada de remorso que Nova pudesse ver.

Em seus pensamentos confusos, Nova as imaginou sentadas na plataforma do metrô mais tarde, ouvindo Ingrid contar como tinha matado o Bibliotecário momentos antes de ele poder trair a identidade de Nova. Imaginou Ingrid rindo e os outros também.

Mas não pareceu tão engraçado no momento.

Nova sabia que Gene Cronin teria revelado seu segredo. Ou agora, para o Sentinela, ou mais tarde, para o Conselho. Se sobrevivesse àquela noite, ele acabaria falando, mesmo que só para se vingar dela e dos Anarquistas que provocaram a destruição da biblioteca. Ele tinha que morrer para ela dar continuidade à missão. Se queria ter esperança de ficar nos Renegados e trabalhar para tirar o poder deles de uma vez por todas. Ele tinha que morrer. Era o único jeito.

Às vezes, os fracos precisavam ser sacrificados para que os fortes prosperassem.

Mas aqueles pensamentos pareciam muito distantes, e ela acabou percebendo que os estava ouvindo não com a própria voz, mas com a de Ace.

Quando viu Narcissa cair chorando por cima do corpo do avô, Nova soube que não teria conseguido matá-lo. Nem mesmo para se proteger.

Que tipo de vilã ela era?

Com os lábios repuxados em uma expressão de desprezo, Ingrid apontou a arma para Narcissa. A segunda ponta solta.

Um raio de energia ofuscante atingiu Ingrid na lateral e a derrubou de novo. A arma voou da mão dela. Um segundo raio a atingiu quase em seguida, fazendo-a rolar algumas vezes até seu ombro bater em um holofote enferrujado.

O Sentinela correu na direção dela, o braço reluzente, se preparando para disparar de novo... quando um brilho azul acertou o telhado aos seus pés. A explosão o jogou voando no ar por cima da beirada do telhado e deixou uma cratera de concreto rachado onde ele estava.

— Para! — gritou Nova. — Para de explodir as coisas! Só para!

Ingrid se sentou e se apoiou na lateral do holofote com uma das mãos enquanto preparava uma nova bomba na outra.

— Nós não podemos deixar que ela vá embora — disse ela. — Você sabe.

Nova ficou olhando para ela, as palavras dançando sem sentido na cabeça por muito tempo até perceber que Ingrid estava falando sobre Narcissa.

Nova firmou o maxilar, andou para a frente e pegou a arma caída.

— Vá em frente — disse Ingrid, deixando a esfera azul se extinguir e evaporar no ar. — *Tem* que ser você. Por que eu tenho que fazer todo o trabalho pesado quando o assunto é proteger a sua identidade?

Nova engatilhou a arma e enfiou o dedo no gatilho.

Tinha que ser ela. Precisava se preocupar com sua autopreservação. Com a proteção de seus segredos. Matar Narcissa era o que qualquer Anarquista faria. O que Ace ia querer que ela fizesse e quase certamente o que teria feito.

Nova soltou o ar, se virou e mirou.

Ingrid parou, olhando para o cano apontado de repente para seu peito.

— Não seja tola.

— Corra — disse Nova.

Ingrid a olhou com raiva. Nova retribuiu o olhar, uma gota de suor caindo no olho.

Ingrid se levantou lentamente. Olhou para Nova com cautela enquanto dava um passo para trás na direção da escada de incêndio, depois dois.

— Você está cometendo um erro.

— Não pode ser tão grande quanto os erros que você cometeu hoje.

Com a testa começando a tremer, Ingrid se virou e saiu correndo. Nova esperou até ela estar passando pela beirada do telhado para apertar o gatilho.

A bala acertou Ingrid na parte de trás do braço. Ela gritou quando caiu, e Nova ouviu o estrondo do corpo batendo no patamar de metal da escada de incêndio. A estrutura tremeu e fez barulho enquanto ela descia, pulando de patamar em patamar. Abaixo, Nova ouviu alguém gritar (Ruby?), e logo outra cacofonia de explosões sacudiu o prédio. Com um palavrão, ela correu até a beirada e olhou para a rua, onde faltava uma nova seção de pedras da parede do cinema, agora espalhada na rua. Ruby estava de costas, tossindo, com Oscar ajoelhado do lado. E Ingrid...

Nova procurou na rua e só viu as botas altas de Ingrid quando ela desapareceu em uma esquina.

Ela deixou os ombros penderem, sem saber se estava aliviada ou não de ver Ingrid fugir.

Suas pernas estavam tremendo quando ela se levantou na lateral do telhado e se virou.

Mas seu coração entalou na garganta de novo.

Narcissa não estava mais ajoelhada por cima do corpo do Bibliotecário. Uma série de pegadas de sangue atravessava o telhado até a beirada de frente para a biblioteca destruída. Narcissa tinha subido no parapeito baixo, segurando o livro que o avô tinha conseguido salvar.

— Narcissa, não!

Ignorando-a, Narcissa ergueu os braços em um arco gracioso acima da cabeça e se inclinou para a frente. Nova gritou e correu para ela, apesar de saber que era tarde demais. Ela se apoiou na beirada e se inclinou a tempo de ver a superfície cintilante de um espelho quebrado no concreto abaixo, onde Narcissa mergulhou e desapareceu.

O ar sumiu dos pulmões de Nova quando ela viu o reflexo do céu azul e das chamas tremer no vidro, antes de ficar imóvel novamente. Ela reconheceu o espelho como o que ficava acima da lareira na sala de livros raros. Havia tijolos da lareira espalhados na viela, derrubados pela explosão.

Nova gemeu, exausta até a alma, e caiu de joelhos, os braços flácidos sobre o muro. Sua cabeça se inclinou para a frente e se apoiou na pedra fria, e ela teve o pensamento distante de que ficaria perfeitamente satisfeita de permanecer sentada ali, parada, por um mês. Mesmo com o ar cheio de fumaça e detritos. Mesmo

havendo um cadáver e uma poça de sangue a alguns passos. Ela não queria se mexer. Não sabia se conseguiria.

Ela se sentia pesada e esgotada. Seus pensamentos se misturaram enquanto tentava conciliar suas expectativas para o dia com o que tinha se tornado realidade.

Enquanto tentava determinar o que fazer agora.

Narcissa tinha escapado. Nova sabia que Ingrid estava certa: a garota era um perigo. Sabia demais. E apesar de Nova não se arrepender da decisão de não a matar, assim como de não ter deixado que Ingrid a matasse, também se perguntou por quanto tempo seria assombrada pelo medo de que Narcissa aparecesse a qualquer momento para revelar seu segredo por pura vingança... ou talvez, ainda mais provável, quando usaria esse segredo para fazer chantagem.

O Bibliotecário estava morto. Era bom... porque ele não podia mais traí-la. Era ruim... porque ele era um dos poucos recursos de confiança dos Anarquistas.

Era ruim... tantas armas destruídas. Pelo menos, ela supôs que a maioria estivesse destruída, e qualquer uma que não estivesse chegaria às mãos dos Renegados até o fim do dia. Era duplamente ruim.

Mas era bom... eles não tinham descoberto nada sobre Pesadelo. Nem quem ela era nem onde a encontrar. Nem mesmo prova definitiva de que o Bibliotecário tinha fornecido a arma que ela usou no desfile.

Se bem que o Sentinela devia ter deduzido que havia uma ligação entre Cronin e a Pesadelo, com base no quanto Cronin chegou perto de responder às perguntas dele, mas Nova não conseguia pensar com clareza suficiente ainda para determinar o quanto isso a botava em perigo. Afinal, muitos criminosos procuravam Cronin para obter armas. Isso não diminuía a busca.

Um estrondo reverberou no telhado, o som conjurando a memória de uma armadura metálica e braços frios a envolvendo de forma protetora enquanto eles voavam pelo ar.

Nova inspirou fundo.

— Você está bem? — perguntou o Sentinela, parecendo mais gentil do que antes.

Nova engoliu em seco. Ela não respondeu nem se virou para olhar para ele, mesmo com os passos chegando mais perto. Ele parou, não ao lado dela, mas ao lado do corpo do Bibliotecário.

Nova virou a cabeça o suficiente para poder vê-lo com o canto do olho. Ele parou antes da poça de sangue escuro. Ela inspecionou o perfil dele, a armadura, os braços que tinha visto arderem em chamas e reluzirem com energia, mas que agora estavam de um cinza metálico e sem vida. Havia sinais da batalha: marcas de queimadura na lateral do corpo, amassados nas costas. Mas, de um modo geral, ele parecia ótimo.

Ela tinha se esquecido da arma, que jogou no chão na pressa de impedir Narcissa. Agora, encontrou-a ao lado do joelho, o cabo frio na palma da mão quando a pegou.

— Você realmente teria deixado que ele fosse embora? — perguntou ela, sentando-se nos calcanhares. — Se ele tivesse dado as informações que você queria?

O Sentinela não disse nada por muito tempo antes de admitir:

— Eu ainda não tinha decidido.

— Você quer dizer que a proposta não tinha sido sancionada pelo Conselho?

Ele virou a cabeça para ela. Mas, em vez de responder à pergunta, perguntou de novo:

— Você está bem? Precisa de... ajuda? Pra descer?

— Estou ótima — disse Nova, passando o polegar pelo cabo da arma. — O que você quer com a Pesadela, afinal?

O Sentinela inclinou a cabeça, e Nova conseguiu imaginá-lo a observando. Ela queria saber como ele era. A tela preta do rosto dele era bem irritante.

— Ela e eu temos questões não resolvidas.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— E o Conselho também, não é?

— Eles não ditam tudo que eu faço — disse ele com certa teimosia. — A Pesadela é uma ameaça para todos os Renegados, mas... eu tenho meus motivos para querer encontrá-la.

— Certo, Sr. Alter Ego — caçoou Nova, tentando dar uma certa leveza à voz —, agora estou curiosa. Quem é você na verdade?

Ele se virou para que ficassem frente a frente, e ela teve certeza de que contaria. Ele pareceu considerar a pergunta por um bom tempo.

Por fim, só declarou:

— Eu não sou seu inimigo.

A bochecha dela tremeu.

— Prove. Muita gente acha que você é um impostor que está tentando desacreditar os Renegados. Se não é esse o caso, então tire o capacete e se mostre. Não há segredos entre aliados, certo?

Mais uma vez, ele ficou imóvel por bastante tempo, até balançar a cabeça.

— Ainda não.

— *Insônia!*

Nova engoliu em seco. Quando ergueu a cabeça, mal conseguiu ver Ruby e Oscar na rua abaixo, olhando para o telhado do cinema com preocupação no rosto. Ao vê-la, Oscar apontou e gritou:

— Você está bem?

Nova não respondeu. Estava olhando atrás deles, ao redor deles, observando a região em todas as direções...

Ruby e Oscar estavam sozinhos. Adrian não estava com eles.

Seu olhar se voltou para a biblioteca, mas o fogo estava tão forte e o ar tão denso de fumaça que ela quase não aguentou olhar.

— Onde está Adrian? — gritou ela, e viu a expressão do rosto dos dois se transformar.

Nova tremeu. Adrian não podia ter desaparecido. Devia ter ficado preso lá dentro. O medo tomou conta dela, mesmo com ela dizendo para si mesma que era uma coisa boa. Um Renegado a menos no mundo. Um super-herói a menos...

Mas ela via o caderno dele cheio de desenhos impressionantes e viscerais. Ouvia a risada dele quando ela contou sobre malabarismo e observação de pássaros. Via o rosto de Max se iluminar quando Adrian desenhava a figura de vidro para a cidade de vidro.

Não estava convencida de que a morte dele, e uma morte tão horrível, podia ser uma coisa boa.

— Está tudo bem — disse o Sentinela delicadamente. — Aqui. Me deixe levar você até eles.

— Pode deixar.

— Tem certeza?

Ela olhou para trás e franziu a testa, se perguntando se estava imaginando o jeito como os ombros dele se curvaram para baixo, dando uma estranha impressão de... *timidez*.

— Eu tenho que ir — disse o Sentinela. — Mas só levaria um segundo para...

— Não — disse Nova, se levantando, apesar de ainda estar com as pernas fracas. — Você ainda não respondeu a nenhuma das minhas perguntas, *Sentinela*. Quem é você? O que quer com a Pesadela? — Sua voz subiu, rouca pelo ar denso. — Você trabalha para o Conselho ou não?

— Não posso contar nada disso. Me desculpe.

Ele realmente parece estar lamentando, mas isso só serviu para alimentar a fúria de Nova. Aqui estava ele, seu inimigo, o Renegado de quem ela mais precisava de informação, e até o momento sentia que não tinha aprendido nada que já não soubesse no dia anterior.

— Tudo bem, que tal essa pergunta: essa armadura é a prova de balas?

— O quê...?

Nova apontou a arma e disparou. A bala o acertou no peito, bem no coração. Não penetrou na armadura, mas ele gritou e cambaleou para trás; Nova só não soube dizer se de dor ou de surpresa.

Ela franziu a testa.

— Parece que é.

O Sentinela encostou o dedo enluvado na bala alojada na placa do peitoral.

— O que você...?

Nova disparou de novo. E de novo. Cada bala ricocheteou na armadura.

O Sentinela pulou para cima, deu a volta por sobre a cabeça de Nova e caiu atrás dela. Tentou segurá-la pelos braços, mas Nova se jogou no chão e rolou para longe. Dando um pulo para ficar de pé, ela girou e ergueu a arma novamente.

— Pare! — exigiu o Sentinela, levantando as mãos em súplica. — Não vou lutar com você. Estou do seu lado.

— Eu acabei de testemunhar você tentando fazer um acordo com um vilão! — gritou Nova. — Você não quer revelar sua identidade e praticamente admitiu que não segue as leis do Conselho. Isso torna você um criminoso. — Ela atirou de novo, mas desta vez o Sentinela se desviou e se jogou atrás do holofote. Nova foi atrás dele. — Então ou você é um vilão fingindo estar do lado dos Renegados, ou você é uma classe nova de Renegado, e, por algum motivo, o Conselho não quer que a gente saiba disso. O que é? E por quê?

Nova contornou o holofote e foi derrubada pelo choque do Sentinela contra ela, que caiu de costas e sentiu a arma sendo arrancada da mão. O Sentinela jogou a arma pela lateral do prédio. Em seguida, esticou a mão para a cintura dela e tirou a arma de choque.

— Ei! — gritou ela, tentando pegar a arma.

Os dedos do Sentinela se fecharam no pulso dela e a puxaram de pé em um movimento rápido, deixando-a tão próxima que sua respiração embaçou o visor dele.

— Eu não sou vilão nem seu inimigo — disse ele —, mas não posso contar pra você nem pra ninguém quem eu sou, pelo menos enquanto eu não tiver encontrado a Pesadela e obtido as respostas de que preciso.

Ele a soltou de repente, e Nova caiu para trás, esfregando os pulsos... embora mais para afastar a sensação do toque frio dele do que por a ter machucado.

Ele jogou a arma de choque pela lateral do prédio também.

— Ei! — gritou Nova de novo. — Eu que fiz essa!

O Sentinela não respondeu. Virou-se e se lançou no ar. Nova viu o corpo dele no meio dos restos fumegantes da biblioteca e desaparecer no meio da fumaça preta densa.

CAPÍTULO VINTE E SETE



NOVA SABIA QUE SUA QUEDA da plataforma de baixo da saída de incêndio do cinema na viela não foi nem um pouco graciosa, mas não se importava. Suas pernas estavam doendo, seus braços também, e, além do mais, não tinha ninguém por perto para ver. O telhado permanecia com cheiro de fumaça, mas estava cem vezes mais forte lá embaixo, denso e inescapável. Ela apertou o nariz no cotovelo e ficou perto da parede do cinema o máximo que pôde para evitar o calor emanando da biblioteca enquanto seguia pelos escombros.

A multidão tinha aumentado, mas a maioria das pessoas tinha ido para longe do prédio em chamas. Alguém gritou com surpresa esperançosa quando viu Nova saindo do meio da fumaça, mas um grunhido de decepção soou logo em seguida. Ela baixou o braço e fez cara feia na mesma hora que um garoto gritou. Um segundo depois, um corpo se chocou nela, os bracinhos envolvendo sua cintura. Ela ofegou e olhou para a cabeça do garoto. Era a criança que tinha encontrado no andar de cima. A que salvou, com a ajuda de Ruby e Oscar. Ela nem o viu chegar ao fim da corda de Ruby, e ficou surpresa com o alívio que sentiu quando o viu agora.

— Obrigado — disse ele, as palavras abafadas no tronco dela. Tão simples. Tão completo.

Com um sorriso cansado, ela deu um tapinha na cabeça dele.

Naquele momento, ela conseguiu começar a ver por que qualquer pessoa sã poderia querer ser um Renegado.

— Oscar, não!

Nova ergueu o olhar e viu Ruby e Oscar. Eles se destacavam na multidão, ousando ficar mais perto da biblioteca do que as outras pessoas. E talvez também porque seus rostos não estavam tomados de surpresa e curiosidade, mas de angústia.

Soltando-se do garoto, Nova foi até eles. Ruby estava com lágrimas brilhando nos olhos, apesar de ainda não estar chorando. Na verdade, quando chegou perto, ela percebeu que os dois estavam segurando as lágrimas, embora Oscar estivesse se esforçando mais para disfarçar com uma careta. Ele tentava se soltar de Ruby, mas ela estava agarrada à manga dele, se recusando a deixá-lo ir.

— Eu sobrevivi a um incêndio — disse ele. — Vou sobreviver a esse também!

— Você não sabe!

— Não vou deixar ele morrer lá dentro!

— Ele pode já estar...

— *Não diga isso!*

Ruby deu um passo para trás, o rosto contraído.

Nova chegou mais perto.

— Adrian?

O rosto de Ruby se contorceu de agonia.

— Ainda nenhum sinal dele. — As palavras foram seguidas de um soluço, mas ela botou a mão em cima da boca, a luta para segurar as emoções aparente no tremor dos ombros. — Ele disse alguma coisa pra você?

— Ele disse... — Nova lutou para lembrar. Parecia que séculos tinham se passado desde a hora que ela ofereceu para pegar Ingrid dele. — Ele ia procurar o garoto perdido. — Seu olhar foi até a criança, que tinha voltado para o meio das outras na calçada em frente.

— Vou voltar lá dentro — disse Oscar, soltando o braço. Ele estava mancando mais quando seguiu na direção da biblioteca. Apesar das chamas e da fumaça saindo das janelas quebradas, a fachada da frente estava relativamente ilesa em comparação ao resto da estrutura. As pedras de fora resistiam, mas Nova sabia que por dentro só haveria um vazio. Uma casca fumegante e preta.

— Oscar!

O grito da Ruby foi pontuado por um estalo alto na biblioteca, seguido de um *bum* e um jorro de chamas e fagulhas saindo pelo teto aberto. Outra parte do segundo andar tinha cedido.

Nova tremeu e deu alguns passos mais para perto enquanto via o prédio queimar. Ele já teria saído, antes que fosse tarde demais. Claro...

Mas não se ainda acreditasse que havia uma criança que precisava ser resgatada. De alguma forma, apesar de conhecer Adrian tão pouco, ela teve certeza disso. Ele não teria saído enquanto acreditasse que alguém precisava da sua ajuda.

Ela passou a mão pela pulseira do pulso. O pensamento horrível surgiu do nada. Ingrid tinha alcançado seu objetivo. Tinha matado Adrian Everhart.

O Capitão Cromo e o Guardião Terror ficariam arrasados.

Nova sentiu só uma descrença vazia; nada da realização, nada da alegria que esperava. Ele podia ter sido inimigo dela, mas... ela não achava que merecesse morrer.

O estrondo repentino de uma buzina soou na rua. Nova ficou tensa e olhou, sem saber direito de onde o som tinha vindo.

Soou novamente. Uma buzina crua e perturbadora, repetidamente.

Com o cenho franzido, Nova deu um passo para mais perto da biblioteca. Seu coração disparou. Sem acreditar, mas também... com esperança?

Ela trocou um olhar com Ruby e Oscar e saiu correndo para os fundos da biblioteca. Aquela parede tinha desabado quando Ingrid jogou a bomba na sala de livros raros, e grandes pedaços de tijolos voaram pela rua, deixando para trás uma montanha de destroços onde antes ficava a parede. Lá dentro, as chamas estavam morrendo, mas os pisos desabados ainda soltavam fumaça, e o ar estava vivo com páginas pretas de livros voando nas cinzas.

A buzina continuou tocando, parecendo vir de algum lugar dentro das ruínas fumegantes.

Oscar passou por Nova e pegou um pedaço de madeira quebrada em cima da pilha de detritos mais próxima. Com um grunhido, ele a tirou de cima da pilha e esticou a mão para uma estante destruída. Nova percebeu que ele pretendia abrir caminho para o lugar de onde o barulho estava vindo. Mas, segundos depois, Oscar berrou e cambaleou para trás, olhando para as mãos queimadas. Ele soltou uma série de palavrões e começou a usar a bengala como pé de cabra para erguer detritos.

Ruby se juntou a ele um segundo depois, jogando o gancho de heliotrópio e arrastando pedaços de pedra e madeira e gesso.

Nova engoliu em seco e levou a mão à bolsa do cinto. Suas luvas eram à prova de calor. *As luvas da Pesadelo...*

Ela fechou os olhos e disse para si mesma que, se alguém ficasse desconfiado, conseguiria encontrar uma explicação perfeitamente razoável de por que tinha luvas tão parecidas com as que Pesadelo fora vista usando.

Tentou não pensar em como os Anarquistas gritariam com ela por fazer uma coisa tão burra, algo que arriscava revelá-la, só para salvar um ínfimo Renegado...

Expirando, abriu a bolsinha e enfiou a mão dentro.

Um rugido enfurecido ecoou em todas as direções. Nova ergueu o rosto e viu uma onda enorme e inexplicável rolando na direção deles... acima deles, a crista espumando em branco. Gritando, Nova segurou Ruby e Oscar pelas costas da camisa e os jogou para longe da biblioteca. Os três caíram em um canteiro de trepadeiras e ficaram olhando a parede de água desabar na biblioteca. O fogo chiou, e uma grande nuvem de vapor rolou acima deles. A água continuou seu rumo, encharcando a região em volta da biblioteca e as costas de Nova. Não mais limpa e transparente, a água estava enlameada com cinzas e detritos.

Ela viu Tsunami parada delicadamente no meio da rua, as palmas abertas na direção do céu e o rosto sereno. A imagem que passava era um contraste tão grande com o caos da última hora que Nova só conseguiu olhar impressionada. Tsunami baixou as mãos e virou a cabeça de leve. Ela deu um aceno sutil e encorajador, e Nova reparou no outro membro do Conselho que tinha chegado.

O Capitão Cromo se aproximou, e Nova mal tinha registrado os recém-chegados quando o Capitão foi abrindo caminho nos escombros como se a biblioteca desabada não passasse de um conjunto de blocos infantis, jogando vigas para o lado, enfiando os punhos em paredes de pedra parcialmente eretas. O vapor continuava a subir das ruínas, e apesar de o fogo estar apagado, Nova sabia que tudo ainda devia estar quente. Mas que diferença fazia para ele? Ele era o Capitão Cromo.

Ruby se levantou primeiro, e Nova e Oscar em seguida, vendo sem fala quando o super-herói abriu caminho pela destruição. Em determinado ponto, o barulho da buzina recomeçou, e ele mudou o rumo e abriu caminho pelas estantes caídas e queimadas, e pelas colunas de pedra destruídas. Com o canto do olho, Nova viu Ruby segurar a mão de Oscar. Nova apertou as mãos em punhos.

Na metade dos escombros, perto de onde ficavam os livros infantis, o Capitão segurou uma estante enorme e a empurrou na direção do resto dos destroços. E lá embaixo estava...

Nova olhou incrédula.

Ruby soltou um ruído engasgado e confuso.

Oscar começou a rir.

No meio do prédio queimado e fumegante, o Capitão Cromo encontrou um iglu.

Ou os restos de um iglu. Boa parte tinha derretido, e alguns pedaços de gelo haviam rachado e caído na frente da entrada em arco.

Segundos depois, uma figura saiu engatinhando pela pequena abertura.

Adrian estava encharcado. Em uma das mãos segurava a buzina, do tipo que encontramos presa em uma moto. Na outra, a caneta de Nova.

Antes que ele pudesse falar, o Capitão o puxou num abraço. Adrian fez uma careta de leve, mas não se afastou.

Quando o Capitão o soltou, eles voltaram até os outros. Adrian deu um sorriso agradecido para Tsunami, que retribuiu antes de desaparecer na frente da biblioteca, supostamente para ver se mais alguém precisava de ajuda.

– Um iglu, Rabisco? – disse Oscar, balançando a cabeça.

Adrian deu de ombros. Parecia exausto, mas ainda havia uma leveza no olhar dele, um leve sorriso nos lábios. A alegria de alguém que tinha desafiado a morte.

– Às vezes a inspiração bate, cara.

Finalmente permitindo um soluço, Ruby correu para a frente e abraçou Adrian, apertou com força, recuou e lhe deu um soco no ombro. Ele se encolheu, mais do que Nova achava que era necessário, considerando que não foi um soco tão forte.

– Onde você *estava*? – gritou Ruby.

Adrian piscou para ela e olhou para o iglu, que estava derretendo rapidamente.

– Por que você não saiu?

– Eu estava procurando o garoto que faltava – disse ele, passando um braço em volta de Ruby e lhe dando um abraço de amigo. Depois que a soltou, ela deu um passo para trás e cruzou os braços, uma expressão azeda ainda no rosto, deixando claro que não lhe perdoaria tão fácil pelo transtorno que tinha causado. – Eu estava no meio das estantes, e a fumaça ficou tão densa que eu não estava conseguindo enxergar nada. Fiquei desorientado e com a sensação de estar andando em círculos.

Quando percebi que estava encurralado, fiz o iglu para me proteger. Mas aí o teto desabou. O iglu me protegeu, mas... em algum momento eu desmaiei. Inalação de fumaça, eu acho. – Ele inspirou fundo, agradecido. – Quando voltei a mim e percebi que ainda estava dentro do iglu, fiz a buzina pra pedir ajuda.

Ele se virou para Nova e devolveu a caneta que ela tinha emprestado pelo que pareciam ser séculos.

– Obrigado por isto.

Ela pegou a caneta com a mão dormente, sustentando o olhar dele e sentindo que devia dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar em palavras que transmitissem seu sentimento. Ela nem sabia direito que sentimentos eram esses.

Mas não podia negar que ficava feliz por Adrian Everhart estar vivo. Estava feliz de o sorriso dele ser caloroso e relaxado agora, depois de um dia extremamente difícil, como no desfile. Estava feliz de...

Bom. Talvez só estivesse feliz.

Adrian parecia querer dizer alguma coisa, mas não conseguiu encontrar as palavras. Ele estava olhando para ela, uma pergunta nos olhos, mas pareceu pensar melhor e engoliu em seco e afastou o olhar.

– Nós temos que levar você para o quartel-general – disse o Capitão.

Nova levou um susto. Tinha ficado absorta nos olhos castanho-escuros do Adrian e esquecido que o Conselheiro estava ali.

– A equipe médica vai querer te examinar.

Adrian balançou a cabeça.

– Estou bem. Me sinto bem.

– Isso não é discutível. E o mesmo vale para o resto de vocês. – O Capitão voltou o olhar azul gelado para cada um, que não podia ser mais diferente do sorriso de celebridade que costumava exibir. – Voltem para o quartel-general. Sejam examinados e depois descansem. Vamos falar mais sobre isso amanhã. – O Capitão olhou para Adrian de novo, e Nova percebeu que ele tentava fazer a expressão severa e paternal, mas não foi convincente. Ele estava tomado demais de alívio por Adrian estar bem, e algo naquela expressão a fez sentir como se um parafuso estivesse sendo girado em seu estômago.

Ela já tinha tido um pai que também olhava assim para ela.

O Capitão se virou para ir.

— Pai, espera.

Ele parou.

— A Detonadora esteve aqui — disse Adrian. — Foi ela quem disparou as explosões. Cronin ainda estava vendendo no mercado negro, como desconfiamos.

— A Detonadora? Ingrid Thompson?

Adrian assentiu.

O Capitão apertou os lábios.

— E Gene Cronin? Onde ele está?

— Ele... — Adrian hesitou. Olhou para Nova, depois para os outros. E limpou a garganta. — Acho que ele escapou.

— Não — disse Nova. — Ele está morto. Ingr... a Detonadora o matou no telhado do cinema. — Ela apontou. — Depois, fugiu. Tentei impedir, mas... ela escapou.

— Nós também a vimos — acrescentou Oscar. — Quando ela desceu para a viela, Ruby e eu tentamos ir atrás, mas ela jogou algumas daquelas bombas, e não conseguimos ir rápido o suficiente.

— E a atravessadora de espelhos? — perguntou Ruby. — Alguém sabe o que aconteceu com ela?

— Ela escapou por um espelho depois... depois que a Detonadora matou Cronin — disse Nova. — Pode estar em qualquer lugar.

O Capitão suspirou e massageou o alto do nariz.

— Isso prova sua teoria, Adrian. Parece que os Anarquistas não estavam tão adormecidos quanto pensávamos. Acho que não podemos mais fingir que eles não estão planejando iniciar uma segunda Era da Anarquia. Vamos ter que cuidar deles.

Nova ficou tensa.

— Quando? O que vocês vão fazer?

O Capitão olhou para ela.

— Ainda não sei. Mas eles vão estar preparados para que façamos alguma coisa depois de hoje. Vamos ter que agir rápido.

Ela engoliu em seco. O que isso queria dizer? Eles retaliariam em dias? Horas?

O Capitão franziu a testa, como se um pensamento tivesse surgido na cabeça dele. Ele se virou para Adrian.

— Descobriu alguma coisa sobre a Pesadelo?

Adrian apertou a boca.

— Nada.

O Capitão assentiu, e Nova achou que ele não pareceu muito surpreso.

— Voltem para o QG. Vamos discutir mais sobre isso amanhã.

— O Sentinela também apareceu aqui — disse Nova.

O Capitão Cromo se empertigou.

— O Sentinela?

Ela assentiu e observou os olhos do Capitão com atenção quando disse:

— Eu atirei nele.

Todos ficaram parados e olharam para ela com surpresa.

— Múltiplas vezes — acrescentou Nova.

— Ele atacou você? — perguntou o Capitão, a expressão se fechando.

Nova piscou por achar impossível admitir que, na verdade, ele a tinha salvo.

Então, por que ela atirou? Nem conseguia lembrar. Estava furiosa na ocasião. Com raiva de Ingrid e sua traição, com raiva de tudo desmoronar em torno dela, com raiva de Adrian poder estar morto e sua primeira missão ter dado tão errado que a situação só poderia ser salva se ela pudesse descobrir quem ou o que o Sentinela era, mas ele não quis contar nada.

Com raiva de ele estar fingindo ser aliado dela quando ela sabia no âmago que era inimigo.

Mas não tinha como explicar nada disso para o Capitão Cromo.

— Primeiro, eu achei que ele tinha sido enviado por vocês, pelo Conselho — começou ela. — Mas ele disse que não. Disse que estava agindo por motivações próprias, e, sinceramente, eu não soube dizer se ele era inimigo ou não. Como ele se recusou a revelar sua identidade, eu atirei nele. Não pareceu atrapalhá-lo em nada, e ele fugiu mesmo assim, mas... achei que você devia saber. Achei... — Ela limpou a garganta. — Achei que talvez, se ele *estiver* trabalhando para o Conselho, você deveria nos contar, para podermos saber como devemos tratá-lo, se como aliado ou não.

O discurso dela foi seguido de um longo silêncio. Pelo canto do olho, ela viu Ruby e Oscar trocando olhares perplexos, mas teve determinação e manteve o olhar no Capitão. Esperando uma reação que revelasse a verdade.

Ele se balançou nos calcanhares, ergueu as sobrancelhas e soltou um atônito:

— Você vai direto ao ponto, não é?

O maxilar dela tremeu.

— Ele é um Renegado ou não?

O Capitão Cromo suspirou.

— Não — disse ele. — Pelo menos até onde sei. Seja quem for, não está agindo sob nossas ordens. — Ele inclinou a cabeça para o lado, e Nova teve a impressão de que ele a estava observando com mais atenção do que tinha feito até o momento. — E embora eu aprecie seus esforços para defender nossa reputação, esse pode ser um bom momento pra observar que, como parte do código dos Renegados, nós costumamos evitar atirar em gente que não cometeu nenhum crime.

Ele assentiu para cada um.

— Amanhã — disse ele de novo, e se virou e foi se juntar a Tsunami.

Nova apertou os punhos e o viu se afastar. Ela ainda não sabia se ele estava falando a verdade, e sua ignorância a enfurecia.

— Você atirou mesmo no Sentinela?

Ela olhou para Oscar.

— Atirei. Ele mereceu. Eu tenho certeza.

Adrian tossiu.

— Mas ele tem o dobro do seu tamanho — disse Oscar. — E deve pesar o triplo.

— Ele não é *tão* alto — contestou Nova.

Oscar deu de ombros.

— Só estou dizendo. — Ele tirou partículas brancas do cabelo. — Sabe, não sei se você escolheu o codinome certo. Insônia é passivo demais. Voto pela mudança pra Velociraptor.

Ruby riu.

— Relativamente pequena, mas surpreendentemente feroz?

— Exatamente. Todos a favor?

— Eu gosto de Insônia — disse Nova, fingindo estar irritada.

Só quando isso ficou difícil demais foi que ela percebeu que estava sorrindo.

CAPÍTULO VINTE E OITO



ELA NÃO QUIS PERDER tempo indo até a casa em Wallowridge, então Nova enterrou o comunicador dos Renegados embaixo do vaso de uma planta morta na entrada de um café a três quarteirões da entrada dos túneis do metrô. Ficou surpresa com a facilidade com que se adaptou a usá-lo e, enquanto seguia pela estação abandonada do metrô e descia a escada escura, se viu verificando o pulso continuamente, só para lembrar que o comunicador não estava mais lá.

Assim que chegou perto o suficiente do acampamento subterrâneo dos Anarquistas, soube que as coisas tinham mudado. Havia estrondos e estalos ecoando nos túneis, e ela passou por centenas de abelhas espalhadas, os corpos gordos rastejando sem destino pelas paredes.

Encontrou Mel jogando qualquer coisa ao seu alcance no baú de viagem de madeira, enchendo-o com vestidos, sapatos, roupões de seda, cosméticos e uma variedade de garrafas de licor cobertas de poeira.

— O que está acontecendo?

Mel deu um gritinho e se virou para ela.

— Já *chega*, Nova. Na próxima vez que você se aproximar de mim sorrateiramente assim, vou deixar uma vespa no seu lençol. — Bufando, ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. — E nós vamos embora.

Nova engoliu em seco.

— Embora?

— Embora. Tenho muita coisa pra arrumar, então... — Mel balançou os dedos para expulsar Nova, mas ela não se mexeu.

— Como você vai subir com esse baú pela escada? Vai pesar uns cinquenta quilos quando você terminar de botar tudo isso aí dentro.

Mel lançou um olhar de súplica para o teto.

— Problema meu, não seu. Vaza!

Franzindo a testa, Nova deu meia-volta. Moveu-se mais rápido agora e passou pela plataforma abandonada do Winston sem nem olhar. Quando chegou ao vagão de Leroy, ouviu gritos vindos de dentro. Entrou sem se dar ao trabalho de bater. Ingrid e Leroy estavam enchendo caixas e bolsas com o máximo do equipamento de laboratório do Leroy que fosse possível.

— Mel disse que a gente vai embora.

Os dois olharam para ela, e a expressão de Ingrid, que já era de raiva, agora virou de fúria. Ela não respondeu, só deu as costas para Nova, oferecendo uma boa visão do lenço ensanguentado amarrado no braço, onde Nova tinha atirado nela.

— Nós vamos embora — confirmou Leroy. — Arrume as coisas de que realmente precisa e deixe o resto.

Nova balançou a cabeça, o coração começando a bater dolorosamente no peito.

— Não podemos ir embora.

— Temos que ir.

— E...

— Os Renegados estão vindo, Nova. — Leroy levantou o rosto da caixa que estava arrumando e fixou o olhar preto e penetrante nela. — Podem muito bem estar a caminho neste minuto. Imagino que você saiba melhor do que qualquer um.

Ela balançou a cabeça.

— Nós podemos lutar. Vamos ter a vantagem do terreno familiar. Talvez... talvez essa seja nossa melhor chance de atacá-los. Podemos atraí-los aqui pra baixo e depois...

— Nós já avaliamos isso — disse Leroy com um suspiro fundo. — Nós temos planos pra deixá-los mais lentos. Distrações que vão nos ajudar a sair em segurança, antes que eles possam nos seguir. Mas não vai ser suficiente. Eles são muitos. Não temos como vencer. Temos que ir embora.

Ela ficou olhando para ele, perplexa. Leroy fazia tudo parecer tão simples. Eles simplesmente iriam *embora*.

Mas não era tão simples, e todos sabiam.

O rosto severo de Leroy se transformou em algo quase pesaroso.

— Eu sei — sussurrou ele. — Não vai ser pra sempre. — E indicou a porta com o queixo. — Agora, vá buscar suas coisas.

Nova contraiu o maxilar, deu meia-volta e saiu correndo. Ela fez o que ele mandou porque pareceu mais fácil. Pegou a bolsa de viagem embaixo da cama e parou um momento para pensar no que realmente precisava.

A jaqueta com capuz e a máscara da Pesadelo. Suas estrelas e a bazuca com a rede. Algumas mudas de roupa.

Ela olhou em volta, mas percebeu que tinha pouco apego pelas outras coisas no vagão abandonado. O que realmente importava para ela?

A pulseira que seu pai tinha feito e a segurança dos Anarquistas. *Sua família*.

Ela pendurou a bolsa no ombro e pulou do vagão. Do outro lado, viu uma propaganda antiga na parede do túnel. Era a divulgação de um livro, um suspense de um autor campeão de vendas do qual Nova nunca tinha ouvido falar, mas o plástico protetor em cima do pôster havia sido todo pichado. As manchas coloridas de tinta seguiam pelas sombras do túnel.

Ela soltou a bolsa com um baque alto nos trilhos. Andou até o pôster, enfiou os dedos nas beiradas e puxou.

Uma passagem estreita e cheia de teias de aranha desaparecia na escuridão. O ar lá dentro estava parado e úmido, e o cheiro trouxe lembranças de volta. O túnel parecia maior na época, quando ela e Mel fugiram das tumbas da catedral e foram parar dentro dos túneis do metrô. Era alta o suficiente até para Ingrid ficar de pé, mas tão estreita que os outros tiveram que percorrer alguns trechos de lado.

Nova sabia que Ingrid tinha detonado uma bomba na outra extremidade, embaixo da nave da catedral, para impedir que achassem o túnel e fossem atrás deles.

Aquilo não era uma fuga.

Mas...

Ela dera um único passo para dentro quando ouviu um grito não familiar.

Sua pulsação acelerou.

Nova tirou o pé da passagem e fechou o pôster, verificando se todos os sinais do túnel estavam disfarçados, depois pegou a bolsa e correu na direção dos gritos.

Encontrou os outros reunidos na frente do mural azulejado da estação Blackmire, na plataforma onde Winston tinha montado sua tenda de circo. Mel ria como louca, os olhos vidrados e o corpo inclinado sobre os trilhos, observando o túnel. Leroy estava agachado a uma distância curta, mexendo no que parecia ser uma granada de mão, enquanto Ingrid e Fobia esperavam perto da escada que levava de volta à superfície. Era uma saída que nenhum deles usava, considerando que a entrada do alto tinha sido fechada com folhas de aço muito tempo antes.

— Eles chegaram? — perguntou ela.

— Ah, sim, eles chegaram — disse Mel, rindo. — E acabaram de descobrir como a picada da vespa vermelha pode doer. — Ela olhou para Nova com um sorrisinho. — Alguns dizem que parece uma agulha de tricô quente sendo enfiada na pele. — Ela riu de novo. — E acabei de soltar a colmeia inteira. — Ela bateu palmas com euforia. — Ah, é tão bom finalmente fazer alguma coisa. Mesmo que essa coisa *seja* fugir.

— Qual é exatamente o nosso plano? — perguntou Nova.

— Você e Mel devem começar a subir para a superfície — disse Leroy. — Ingrid vai derrubar a próxima seção de túneis, depois subir e abrir um caminho para fora da estação Blackmire, para nós sairmos. Enquanto ela estiver fazendo isso, vou encher esta câmara com um coquetel de vapores venenosos E... — Ele olhou para a capa escura e imóvel do Fobia. — Fobia vai agir como nossa última defesa, pronto para forçar para trás qualquer um que chegar à escada.

— O que você quer que eu faça?

Leroy olhou para ela.

— Nós queremos que você sobreviva — disse ele lentamente —, para poder um dia os destruir.

Ingrid riu com deboche.

Nova afastou o olhar.

— Vamos, Nova querida — disse Mel, segurando o braço dela e a puxando para a escada. Apesar de os músculos de Nova ainda estarem doloridos do esforço na biblioteca, ela se botou em movimento com uma mistura de adrenalina e instinto de sobrevivência, sabendo que, se os Renegados a encontrassem, só veria o interior de uma cela de prisão pelo resto da vida.

— O que aconteceu com seu baú? — perguntou Nova.

— Vamos voltar pra buscar depois — disse ela casualmente. — Meus bebês vão ficar cuidando dele, por enquanto.

Nova franziu a testa, sem saber direito se queria saber o que isso significava.

A escada foi ficando escura conforme elas foram subindo. Nova tirou a lanterna do cinto.

Mel, sorrindo para ela, não pareceu preocupada com tudo que acontecia, o que Nova achou estranho. Ela, que estava sempre pronta a fazer drama por tudo.

— Sempre cheia de recursos, a nossa pequena pesadelo — cantarolou ela.

Nova trincou os dentes, mas não se deu ao trabalho de reclamar do apelido. Eles nunca a ouviam mesmo.

Elas tinham acabado de chegar ao segundo patamar quando uma explosão sacudiu as paredes escuras. Mel tropeçou e tentou se segurar em um dos corrimões.

— Ai! — gritou ela, e apoiou o quadril no chão para poder se virar e examinar o joelho. Nova viu que estava arranhado e sangrando. Mel choramingou e encostou no ferimento com as pontas dos dedos.

Nova segurou o cotovelo dela.

— Vem, Rainha. Você poderia ter sido perfurada com uma agulha de tricô quente, então vamos manter as coisas em perspectiva.

Mel olhou de cara feia para ela enquanto se levantava, mas logo começou a rir.

— Foi Ingrid, não foi? Os Renegados devem estar quase na plataforma.

— O que quer dizer que Leroy está se preparando pra soltar os venenos, o que quer dizer que temos que sair daqui.

Três escadarias depois, elas chegaram ao andar mais alto, onde a folha grossa de metal bloqueava a abertura. Nova apontou a lanterna para as beiradas, procurando um ponto fraco na parede.

Ao raio da lanterna juntaram-se faíscas de luz azul no teto. Ingrid subiu correndo até o patamar, os olhos brilhando e as mãos segurando a esfera azul.

— Para trás — disse ela, sem olhar para Nova nem para Mel enquanto se aproximava.

Nova desceu para o patamar abaixo e se agachou junto à escada. Ela ouviu Leroy ofegando ao subir os degraus e enxergou o contorno da capa do Fobia voando atrás dele.

Bem abaixo, ela ouviu os ecos de tosse, engasgo, vômito. Engoliu em seco e se perguntou quantos Renegados sobreviveriam àquela noite.

E quantos Anarquistas.

Seus pensamentos tinham se voltado nessa direção quando a esfera de Ingrid explodiu, trovejando pela escadaria.

Quando as paredes pararam de tremer, Nova levantou a cabeça. Ingrid tinha detonado a bomba junto à parede lateral de concreto da entrada, deixando um buraco de noventa centímetros de diâmetro e muitos escombros no chão. Uma luz fraca do dia entrava no ambiente com o crepúsculo tomando a cidade.

Nova apagou a lanterna.

Ingrid olhou para o grupo e levantou uma sobrancelha.

— E aí?

Leroy se levantou primeiro, ainda ofegante da subida, e foi se juntar a Ingrid. Mel tirou o pó do vestido de lantejoulas, ajeitou o cabelo e foi até o alto como se estivesse chegando a um baile de gala.

Passos soaram na escada, vários andares abaixo. Nova olhou para trás e viu Fobia no patamar abaixo. Suas beiradas davam impressão de se mesclar com a escuridão, e parecia que ele estava se expandindo, crescendo para fora em todas as direções, até não ser nada além de uma área de escuridão impenetrável. O som de botas no chão foi ficando mais alto, e Nova ousou espiar por cima do corrimão. Ela não reconheceu a figura abaixo, mas identificou o uniforme cinza.

De repente, Fobia se desintegrou, o corpo todo se transformando em milhões de viúvas-negras. Elas andavam pela escada, subiam nas paredes, caíam do teto na direção da presa.

Nova não sabia bem o que a fez tremer: a visão de tantas aranhas de pernas finas andando nas sombras ou o grito de gelar o sangue que cortou o ar.

— Pesadelo! — gritou Leroy.

Ela se virou, correu e mergulhou pelo buraco que Ingrid tinha criado. O carro amarelo de Leroy os estava esperando, milagrosamente, e Nova se perguntou quando esse plano de fuga foi montado. Era uma coisa que tinha sido elaborada séculos atrás, em caso de emergência, e nunca se deram ao trabalho de contar para ela?

— Nós sabemos aonde estamos indo? — perguntou Nova.

— Pra sua casa — disse Mel, contornando o carro e se sentando graciosamente no banco do passageiro. Nova ficou olhando. Era só um carro esportivo de dois lugares, mas ela achava que não era o momento para se preocupar com cinto de segurança e conforto.

— Pra *minha* casa?

— Mel, chega para o meio — gritou Ingrid. — Você pode se sentar no console central. Nova, vá para o porta-malas.

— Um momento, Detonadora — disse Leroy, se colocando entre Ingrid e o carro. — Acho que vai ser melhor se você procurar uma outra acomodação.

Ela recuou.

— Como é?

— Você agiu de forma precipitada na biblioteca hoje, e o resultado é este. Você foi quem atraiu isso para nós, e os Renegados vão concentrar os esforços em encontrar você antes de qualquer outra coisa. Infelizmente, não posso permitir que você venha conosco.

As narinas dela se dilataram, e ela se virou para Nova.

— Nada disso teria acontecido se *ela* não tivesse ficado confusa sobre a própria lealdade.

— Eu? — gritou Nova. — Se você tivesse avisado Cronin, como deveria...

— Se você tivesse matado aqueles Renegados, como *you* deveria!

— Bom, talvez você devesse ter me contado o seu plano em vez de me levar pra sua armadilha idiota! — respondeu Nova, erguendo a voz.

— Você não teria tido coragem de ir até o fim. Você nunca puxa o gatilho quando importa, Nova. Você pode ser sobrinha de Ace, mas não é uma de nós!

— Chega — rosnou Leroy, segurando o braço de Ingrid. Ela resmungou e virou o olhar cheio de ódio para ele, com a energia estalando em volta das pontas dos dedos.

— Você nos fez perder o Bibliotecário. Você trouxe os Renegados pra nossa porta. Se alguém não é mais Anarquista, é você. — Sem tirar o foco da Ingrid, ele indicou o carro. — Nova, entra.

— Não.

Leroy se virou para ela, surpresa.

Nova andou até o carro, jogou a bolsa no porta-malas e o fechou.

— Até onde eles sabem, eu sou uma Renegada. E não preciso correr nem me esconder. — Ela lançou um último olhar para Ingrid, depois assentiu para Leroy e Mel. — Vejo vocês em casa.

Ela saiu andando. Não demorou para que ouvisse o cantar de pneus. Olhou para trás a tempo de ver o carro dobrando a esquina. Ingrid não estava dentro, mas Nova procurou na rua e também não encontrou sinal dela.

Nova inspirou fundo e voltou até o café onde tinha escondido o comunicador, para logo o colocar de volta no pulso. Não ficou muito tempo nas ruas da cidade, mas foi para uma viela próxima e subiu por uma saída de incêndio bamba de um prédio, onde já tinha escalado centenas de vezes. Quando chegou ao alto, atravessou o telhado para um lugar de onde poderia ver o Quartel-General dos Renegados ao longe, a torre iluminada de branco e vermelho como um farol. Holofotes enormes ao redor da torre criavam discos brancos nas nuvens acima.

Nova passou a perna pelo parapeito de concreto e se deitou com o pé pendurado. Virou o rosto para o céu e inspirou fundo pela primeira vez no que parecia semanas. Seu cabelo e suas roupas estavam fedendo a fumaça. Seus músculos contraídos como molas, e ela teve dificuldade de relaxar agora que não havia ninguém com quem lutar, nem para onde fugir.

O crepúsculo se transformava rapidamente em noite. Apesar de o céu estar cheio de nuvens, a leste essas nuvens se tingiam de roxo e cinza. Em algum lugar atrás disso, o sol estava se pondo.

E ela ouviu.

Um coral de cachorros latindo uns para os outros de prédio em prédio. Os gritos de um casal discutindo nos apartamentos abaixo. As sirenes que ecoavam de ruas distantes. Sirenes significavam os Renegados, e ela imaginou alguma unidade de patrulha em algum lugar correndo para ajudar alguém que precisasse. Talvez, também, até os companheiros presos nos túneis do metrô.

Ela sabia que Adrian, Ruby e Oscar não estariam lá, senão ela também teria sido chamada, como parte da equipe. Mas quantos Renegados foram parte da invasão? Quantos ficaram feridos? Quantos morreram?

Ingrid tinha deflagrado uma nova guerra hoje, e os Anarquistas haviam acabado de ganhar sua primeira batalha. Eles comemorariam hoje, sem ela? Ou estariam

lamentando a perda do lar, a perda do pouco de independência que seu acordo com o Conselho tinha lhe concedido... talvez até a perda de Ingrid?

Nova fechou os olhos e pensou que se fosse uma vilã digna do nome, ela estaria com eles agora. Comemorando ou lamentando.

E se fosse heroína, estaria correndo para ajudar qualquer Renegado que poderia estar preso e ferido embaixo dos escombros.

Mas só ficou ouvindo os sons de uma cidade em perigo e não fez nada.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



—  CONSELHO VAI RECEBÊ-LOS AGORA.

Adrian ergueu o olhar. Prisma estava na frente deles, uma mulher cujo corpo era todo feito de um cristal que refletia uma variedade de arco-íris quando se movia. Ela estava na equipe administrativa desde que Adrian era criança, e ele tinha uma memória agradável de um jantar no apartamento do Luz Negra no qual Prisma distraiu Adrian por horas fazendo o gato do Luz Negra perseguir pontinhos de luz colorida no chão.

Mas hoje ela era puro profissionalismo e levou Adrian e os outros na direção do elevador. Depois que todos entraram, ele olhou em volta, para sua equipe. Ruby estava mordendo o lábio inferior, parecendo quase com medo. Oscar encostado na parede, examinando as unhas. E Nova estava fazendo o que sempre fazia: observando. Os olhos azuis examinavam cada centímetro do elevador, indo da câmera de segurança no teto para o botão de emergência na parede e a série de números acima da porta.

O elevador subiu tão rápido que o estômago de Adrian deu um nó. A parede de trás era feita de vidro, e quando eles passaram pelo telhado do prédio ao lado, a paisagem da cidade apareceu, visível até a ponte Stockton. O dia estava claro, e com o sol no céu a cidade parecia quase iridescente, com luz dourada cintilando de milhares de janelas e nuvens finas ametista deslizando do sul.

— Você já veio aqui em cima antes, não veio, Adrian? — perguntou Prisma, leve e jovial.

— Não — disse ele.

— É mesmo? Nem mesmo pra visitar?

— Eu tento não incomodá-los, se puder evitar.

— Ah, querido, você nunca incomoda. — Ela sorriu. A luz do sol nos dentes dela fez a parede cintilar com pontos rosados e amarelos.

As portas apitaram, e Prisma saiu primeiro, os pés descalços estalando no chão.

Adrian deu dois passos para fora do elevador e sua respiração travou.

Ele tinha ouvido falar que o Salão do Conselho era uma maravilha e sabia que havia gente que inventava todo tipo de petição só por uma chance de ir até lá olhar, mas ele não estava preparado. Havia uma passarela de mármore branco à frente, ladeada por uma parede de água que ia do chão ao teto alto. A água não era sólida como gelo, nem estava se movendo como uma cachoeira, mas parecia só estar lá parada, suspensa no espaço, tremendo com as vibrações do ar quando Prisma passou andando. Ele se perguntou o que aconteceria se tocasse ali. Seria como estourar uma bolha? O equilíbrio delicado seria rompido e a parede desabaria no chão? Ou a mão atravessaria a água, da mesma forma como se ele a enfiasse em uma piscina?

Ele teria que perguntar a um dos seus pais mais tarde.

E havia as luzes, pontinhos de luz dourada vagando sem direção acima da cabeça deles, reminiscentes de vaga-lumes piscando. Embora nenhum fosse maior do que um pontinho de poeira, juntos eles davam a impressão de uma coisa serena e viva, como algas reluzentes flutuando em uma onda. Davam ao espaço um toque caloroso, e o reflexo na água fazia ritmos de dança de luz pela passarela. O efeito era hipnótico e tranquilo, e Adrian sentiu mais como se tivesse entrado em um spa sobrenatural do que no salão do corpo oficial do governo.

No final da passarela havia cinco tronos de cromo. Ele sabia que não devia pensar nos assentos como tronos; o Conselho ficava na defensiva sempre que alguém sugeria que eles estavam tentando se tornar *realeza*. Mas não sabia de que outra forma poderia descrever as cadeiras enormes que ficavam em semicírculo ao redor de uma plataforma estreita.

Luz Negra e Tsunami estavam sentados nas primeiras duas cadeiras à esquerda de Adrian; sem dúvida eram os responsáveis pelos efeitos de água e luz na entrada, o que só o deixou mais curioso. A água e as luzes continuavam ali quando eles não

estavam presentes ou sumiam à noite, transformando o salão em... bom, só um salão?

Havia o Capitão Cromo no assento central, seguido pelo Guardiã Terror, os dois com as expressões de super-heróis: gentis, mas severos.

O quinto e último assento estava ocupado pela Pássaro do Trovão, a postura ereta e inclinada para a frente para deixar espaço para as asas, que estavam abertas e curvadas em volta do encosto.

Talvez a parte mais enervante de vê-los fosse que seus pais, assim como os outros, estavam usando os uniformes icônicos de super-heróis; não os trajes cinza que os Renegados atuais usavam, mas os trajes de justiceiros pelos quais tinham ficado famosos tempos antes. O Guardiã Terror com a capa e a máscara pretas. O Capitão com a lycra que delineava os músculos e a armadura de ombro.

Adrian sabia as identidades deles desde que lembrava, desde anos antes de se tornar um membro oficial da família. Assim como sabia que sua mãe era a incrível e feroz Lady Indomável. Eles nunca tentaram guardar segredo. Mas, apesar de conhecer seus alter egos, sempre houve uma desconexão na mente dele. Uma distância entre os super-heróis que o mundo idolatrava e os pais adotivos que usavam moletons e camisetas manchadas e que tinham tradição mensal de comer uma bandeja inteira de rolinhos de canela no jantar enquanto assistiam a filmes bregas de ficção científica.

— Anunciando ao Conselho — disse Prisma —, o Sr. Adrian Everhart. O Sr. Oscar Silva. A Srta. Ruby Tucker. E a Srta. Nova McLain. — Ela chegou para o lado e fez sinal para eles se aproximarem da plataforma.

Adrian ficou na frente dos outros, embora pudesse sentir a presença deles ao seu redor.

Kasumi foi a primeira a falar.

— Bem-vindos, Renegados — disse ela... bem simpática, mas *tão formal*. Era surreal estar ali, na frente deles, naquele salão magnífico. Kasumi, Evander e Tamaya foram à casa deles para dezenas de jantares. Ele conheceu os cônjuges de cada um em churrascos de quintal. Tinha cuidado dos filhos de Tamaya quando era mais novo.

Mas eles não eram as mesmas pessoas ali. Eram Tsunami e Luz Negra e Pássaro do Trovão. Eram o Conselho. Quase fez Adrian rir, e foi assim que ele percebeu como estava nervoso.

— Estamos aqui — disse o Capitão Cromo — para discutir o que aconteceu na Biblioteca Cloven Cross. Já informei ao Conselho o que vocês me contaram, mas acho que todos queremos ouvir de novo, da perspectiva de vocês. Espero que todos consigam perceber a posição delicada em que nos colocaram. Por um lado, é claro que ficamos gratos por um grande fornecimento de armas do mercado clandestino ter sido encerrado e por seus esforços terem revelado o status ativo da Detonadora e dos Anarquistas.

— Por outro lado — disse o Guardião Terror —, vocês tinham recebido ordens expressas de *não* atacar o Bibliotecário, e muito menos entrar na biblioteca sem reforços. Vocês desobedeceram a uma ordem direta, e, nesse caso, sentimos que consequências são necessárias.

— Uma coisa de cada vez — disse Kasumi. — Queremos parabenizá-los por seguirem o protocolo de priorizar a segurança de civis. Entendemos que vocês agiram rápido para tirar inocentes da biblioteca e soubemos que a Srta. McLain entrou novamente no local para resgatar um garotinho do incêndio. Apreciamos sua coragem e altruísmo.

Adrian olhou de lado para Nova e abriu um pequeno sorriso, mas ela manteve o olhar à frente e a expressão neutra.

— Dito isso — continuou Kasumi —, não podemos fazer vista grossa para os protocolos que foram ignorados, nem para o fato de que a necessidade de resgatar civis poderia ter sido completamente evitada se vocês tivessem agido de forma mais responsável.

Adrian engoliu em seco.

— É importante entendermos os fatos direito — disse Tamaya. — Vocês não estão necessariamente encrencados. — Ela fez uma pausa, e Adrian teve a impressão clara de que ela estava considerando usar a palavra *ainda*. — Mas é de suma importância que sigamos nossas próprias regras. Senão, não seríamos melhores do que os Anarquistas.

Ao seu lado, Nova ficou tensa, e ele a ouviu murmurar:

— E isso seria terrível.

Tamaya ergueu as sobrancelhas.

— O que foi, Srta. McLain?

— Nada — disse Nova. — Só estou concordando. Regras, consequências etc. Tudo parece bem autoritário.

— Sr. Everhart — disse Tamaya, e Adrian demorou um momento para perceber que ela estava falando com ele e não com o Capitão. — Por que você não começa do início?

Adrian inspirou fundo e contou para eles, começando com a vigilância no prédio de escritórios que não detectou nada a noite toda. Ele mencionou os visitantes que eles tinham visto entrarem na biblioteca, inclusive um grupo de crianças. E depois viram a Detonadora.

— Você a reconheceu? — interrompeu Evander. — Já tinha visto Ingrid Thompson antes?

— Só em fotos — disse Adrian. — Mas eu soube que era ela. Aquelas braçadeiras, sabe.

— Então você *desconfiou* que fosse a Detonadora — esclareceu Evander.

— Não — disse Adrian lentamente. — *Era* a Detonadora.

Evander se encostou na cadeira e coçou a barba ruiva. Adrian prosseguiu, explicou a conversa deles da melhor forma que lembrava e a decisão de entrar na biblioteca.

— Por que vocês não esperaram os reforços? — perguntou Simon. — Foi a única coisa que pedimos, Adrian.

Adrian se encolheu um pouco. A pergunta pareceu mais pessoal do que profissional. Um pai decepcionado pelo filho ter quebrado uma promessa. E, nesse caso, essa promessa quebrada poderia ter levado à sua morte.

— Ficamos com medo de que as vidas das crianças estivessem em perigo — disse Ruby. — Nós não sabíamos o que a Detonadora tinha ido fazer lá. Não sabíamos se faria alguma coisa... radical.

— Como explodir o prédio — acrescentou Oscar. — Só para dar um exemplo.

— Também ficamos com medo que a Detonadora fosse embora antes do reforço chegar — disse Adrian. — Nós não sabíamos por quanto tempo ela ficaria na biblioteca e estávamos com medo de perder nossa oportunidade de... provar que ela estava lá. Que estava negociando com o Bibliotecário.

— Mas vocês eram uma equipe de *vigilância* — apontou Tamaya. — Deviam só vigiar, não se envolver.

— Nós éramos equipe de patrulha antes disso — declarou Adrian. — E aprendemos que, quando vemos alguém conduzindo atividades ilegais ou perigosas, nós os impedimos.

Tamaya franziu a testa, mas, depois de um segundo, pareceu dar crédito ao que ele disse.

— Prossiga. O que aconteceu depois que vocês entraram na biblioteca?

Eles contaram. Sobre Narcissa e Gene Cronin agirem de forma suspeita. A respeito do porão e a sala cheia de armas e que a Detonadora estava esperando. Sobre as explosões. A batalha. As tentativas de tirarem os civis da biblioteca. A criança perdida e como Nova e os outros conseguiram salvar o menino, e que Adrian tinha ficado preso lá dentro durante a busca.

Isso, claro, não era rigorosamente verdade, mas ele se manteve firme na história, enquanto Nova prosseguiu e contou sobre o enfrentamento entre a Detonadora e o Sentinela no telhado do cinema. Na verdade, ele não sabia se queria que seus pais se dessem conta de que ele tinha entrado novamente na biblioteca mesmo depois de ter desabado. Mesmo protegido com a armadura do Sentinela, ele sabia que era um risco, mas também sabia que era o único jeito de convencê-los de que tinha ficado na biblioteca o tempo todo. Ele ficou com a armadura enquanto desenhava o iglu, torcendo para ser encontrado antes do gelo derreter todo, mas também sabendo que, se o pior acontecesse, sempre podia se transformar novamente no Sentinela.

Mas não foi necessário. Ele foi encontrado.

O Capitão o encontrou, e Adrian ainda sentia culpa pela preocupação que devia ter provocado em todos.

— O que mais o Sentinela disse? — perguntou o Guardião Terror.

Adrian olhou para Nova, observando sinais do que ela achava de seu alter ego... além do fato de que ela havia atirado nele.

Diversas vezes.

Mas Nova estava ilegível.

— Ele queria saber sobre a Pesadela. Quem ela é, onde pode encontrá-la.

— Garota popular — murmurou Oscar.

Os lábios de Nova tremeram.

— Ele lutou com ela no desfile, não foi? Acho que talvez esteja constrangido de ela tê-lo derrotado.

— Ela não... — começou Adrian.

Nova olhou para ele, mas Adrian apertou bem os lábios.

Ele limpou a garganta e recomeçou:

— Tenho certeza de que deve haver mais do que isso.

Nova deu de ombros.

— Seja como for, ele não arrancou nada de útil de Cronin. A Detonadora atirou no Bibliotecário antes que ele pudesse falar. Depois, fugiu. Eu atirei nela, mas só acertei no braço, e Ruby e Oscar também não conseguiram detê-la. Narcissa também fugiu. E aí... — Ela fez cara feia. — ... o Sentinela também fugiu.

— E, na sua opinião — disse Tamaya, entrelaçando os dedos —, se vocês tivessem esperado e pedido reforço, como deveriam, a Detonadora, o Sentinela e a neta do Bibliotecário teriam escapado de suas mãos? A biblioteca estaria em ruínas, junto com o que podemos supor que fossem volumes de provas que podiam ter nos levado a prisões, não só de Gene Cronin, mas talvez de incontáveis criminosos e vilões que negociaram com ele todos esses anos? Além disso, acham que Gene Cronin estaria morto se vocês tivessem ajuda, ou ele estaria detido, de forma que poderíamos interrogá-lo para obter mais informações?

Adrian não respondeu. Nenhum deles respondeu. Ele achava que não esperavam que eles respondessem. Sua atenção se voltou para os pais. Simon estava esfregando a bochecha. Hugh batia com os dedos no braço da cadeira.

Finalmente, foi Simon quem limpou a garganta e se sentou mais ereto.

— Nós nunca vamos saber os finais diferentes que poderiam ter acontecido se vocês tivessem agido de forma diferente. Mas *sabemos*, por causa de vocês, que Gene Cronin e todas aquelas armas nunca mais serão ameaça para o povo desta cidade.

Tamaya fez um ruído de deboche.

— Uma coisa positiva numa confusão horrenda.

— O que você propõe, Pássaro do Trovão? — perguntou Hugh. — Nós todos concordamos que eles desobedeceram a nossas ordens e agiram com irresponsabilidade. Ao mesmo tempo, Adrian fez uma observação importante: eles foram treinados como patrulha antes de tudo. Tinham motivos para acreditar que atividades ilegais estavam em andamento dentro daquela biblioteca e agiram com isso em mente. É difícil desmerecer isso.

— Então, talvez — disse Kasumi —, a solução aqui seja não puni-los pelos erros, mas encorajar os pontos fortes deles devolvendo-os aos deveres regulares de patrulha. Talvez não devêssemos tê-los colocado nesse caso, e nosso erro possa ser remediado tirando-os dele.

— Não — disse Adrian, os ombros ficando tensos. — Nós queremos ir até o fim. Queremos encontrar a Pesadelo.

— Sabemos que você quer — disse Simon. — Mas se não podemos confiar...

— Vocês podem confiar em nós. Olhem só, nós agimos de forma prematura, a gente entende. Mensagem recebida. Não vai mais acontecer. — Ele esticou a mão para o pequeno púlpito na frente, segurando as laterais. — Mas ainda acredito que podemos encontrá-la.

— Adrian — disse Hugh, o tom firme. — Vocês foram descuidados, e tenho que supor que foi em parte por causa do quanto essa tarefa está se tornando... pessoal pra você. Encontrar a Pesadelo não vale a arriscar sua vida.

— Nós vamos tomar mais cuidado da próxima vez. Prometo.

Hugh franziu a testa e trocou olhares com os outros. No final, foi o Luz Negra quem sugeriu três dias de suspensão dos trabalhos de rua e dos deveres de patrulha para a equipe, embora eles pudessem continuar usando qualquer recurso do quartel-general para dar continuidade às investigações, conforme necessário. Todos concordaram com a decisão e eles foram dispensados, mas Adrian ficou no local.

— E os Anarquistas? — perguntou ele. — E a Detonadora?

Hugh suspirou.

— Nós tentamos apreendê-los ontem à noite, mas eles estavam nos esperando. Infelizmente a Detonadora fugiu, assim como o resto. Vamos liberar um relatório para todas as unidades de patrulha esta manhã, encorajando-as a ficarem em alerta total enquanto esses vilões estiverem por aí. — Uma sombra passou pelo rosto dele. — Infelizmente, muitos dos nossos melhores Renegados se feriram no confronto. Nós tínhamos ficado complacentes em relação aos Anarquistas, por acreditarmos que eles não podiam ser uma grande ameaça sem Ace Anarquia à frente. Agora está claro que nos enganamos.

Adrian apertou os punhos.

— Por que não estávamos lá? Nós obrigamos a Detonadora a se revelar. Devíamos ter tido a chance de ir atrás dela... de todos eles.

— Bom, graças aos poderes vocês não estavam — disse Simon rispidamente, os olhos ardendo com uma intensidade que fez Adrian dar um passo para trás. — Você ouviu o que Hugh acabou de dizer? Renegados ficaram feridos ontem à noite... *muitos* Renegados, alguns deles nossos melhores lutadores e estrategistas. Vocês não são... — Ele hesitou, uma pequena careta enrugando o espaço entre as sobrancelhas escuras. Ele estava bem mais calmo quando continuou: — Cada um de vocês tem o necessário para ser um grande super-herói. Eu gostaria muito de vê-los sobreviverem por tempo suficiente para esse potencial ser realizado. — Ele fixou o olhar em Adrian, carregado de preocupação. — Nós precisamos que vocês tomem cuidado.

Adrian engoliu em seco e, pela primeira vez, começou a considerar mais a falação da Detonadora na biblioteca. Ela queria machucar *ele* mais do que qualquer outro, por saber como afetaria seus pais. Adrian descartou a ameaça na hora; ela era vilã, queria matar todos os Renegados. Mas agora ele se perguntou o quanto era um risco. Se alguma coisa acontecesse a ele, seus pais conseguiriam continuar sendo os super-heróis de que a cidade precisava?

Claro que sim. Eles teriam que continuar.

Mas a expressão de horror que passou brevemente pelos olhos de Simon fez Adrian hesitar. Antes que se desse conta, toda a irritação que havia sentido por não ter sido incluído na invasão dos túneis dos Anarquistas passou.

— Vocês vão nos informar se descobrirem alguma coisa sobre eles?

Simon olhou para os outros e assentiu.

— E... — Adrian secou as palmas das mãos nas coxas. — E encontraram alguma coisa que pudesse sugerir alguma ligação com a Pesadelo?

Pareceu por um momento que todos ficaram hesitantes em responder. Finalmente, Hugh disse:

— Havia um vagão que tinha sido ocupado recentemente. Procuramos digitais, e algumas bateram com as digitais que foram encontradas na arma da Pesadelo. Mas não encontramos o uniforme dela nem nenhuma pista de aonde ela e os outros possam ter ido. Até agora.

O nó no estômago de Adrian afrouxou. Já era alguma coisa. Era um começo e uma confirmação.

Ela *era* Anarquista.

Ele lambeu os lábios e encarou cada membro do Conselho.

— Posso fazer um pedido?

— Um pedido, Sr. Everhart? — disse Tamaya, a expressão sugerindo que ela achava o máximo da insolência ele estar fazendo um pedido depois de tudo que aconteceu.

— Eu gostaria de interrogar Winston Pratt.

Atrás dele, Nova inspirou fundo.

— Nós sabemos agora, ou temos motivos suficientes para acreditar, que a Pesadelo seja Anarquista. Temos um Anarquista detido. Eu gostaria de interrogá-lo pessoalmente. — Ele hesitou e acrescentou: — Vai ser uma boa forma de ocuparmos nosso tempo durante a suspensão.

— Winston Pratt já foi interrogado — disse Evander.

— Mas não depois que obtivemos evidências específicas que o conectam à Pesadelo, certo? — sugeriu Adrian. — Fora o fato dela tê-lo empurrado para fora do balão, pelo menos.

— Nós vamos pensar — disse Hugh, e seu tom não revelou nada; nem promessas, nem esperanças.

— Obrigado — disse Adrian, inclinando a cabeça.

E foram dispensados.

Adrian levou sua equipe pelo corredor. Oscar e Ruby pareceram murchar assim que saíram da plataforma, como se estivessem prendendo a respiração o tempo inteiro, e passou por sua cabeça que o Conselho podia ser muito intimidante para eles. Ele achava que *também* devia estar um pouco intimidado, mas sabia que não era a mesma coisa.

— Esperem... Srta. McLain? — chamou Kasumi.

Nova parou. Suas costas se empertigaram como uma vara, e Adrian percebeu um certo nervosismo surgir no rosto dela antes de ela conseguir controlá-lo em uma expressão de indiferença. Ainda assim, ela não conseguiu esconder que engoliu em seco quando se virou.

— Sim?

— Soubemos que você tem interesse em armamentos — disse Kasumi. — Por acaso nosso arsenal está sobrecarregado na tentativa de catalogar todos os equipamentos resgatados do incêndio. Achamos que você poderia ajudá-los. Seria uma boa

oportunidade para você aprender sobre algumas das outras operações que fazemos aqui.

Franzindo a testa, Adrian foi para o lado de Nova.

— Esperem. Nova demonstrou que é mais valiosa para os Renegados do que para entrada de dados básicos. Não tem outra pessoa...

— Eu aceito — disse Nova. Ele se virou para ela e viu que Nova estava sorrindo, embora fosse um sorriso apertado que não combinava direito com ela. — Fico feliz em ajudar. — Ela olhou para Adrian. — Vai me manter ocupada durante a suspensão. Além do mais, sempre posso trabalhar à noite.

CAPÍTULO TRINTA



NOVA SEGUIU OS OUTROS para o elevador, ainda tensa pela experiência toda perante o Conselho. Estava orgulhosa de si mesma por ter ficado tão calma durante os acontecimentos, quando, cada vez que eles olhavam na cara dela, ela pensava na pequena Evie, ouvia tiros, lembrava novamente que aquelas eram as pessoas que tinham prometido proteger a família dela e falharam.

— Bem — disse Oscar com animação quando as portas do elevador se fecharam —, podia ter sido pior. Eles disseram suspensão... eu ouço *férias*.

— Nem brinca — disse Ruby, se encostando na parede. — Fiquei com medo de tirarem a gente da patrulha de ruas pra sempre e nos obrigarem a fazer, sei lá, tarefas administrativas, alguma coisa assim. — Ela fez uma careta para Nova. — Sinto muito pelo trabalho. Parece horrível.

Nova deu de ombros.

— O tédio é meu maior inimigo. Gosto de ter alguma coisa para me ocupar.

Na verdade, ela não conseguia imaginar uma tarefa melhor. Entrar na base de dados das armas e nos sistemas de computador? Irresistível. Qualquer coisa que pudesse acelerar o processo de descobrir informações novas e úteis seria muito bem-vinda àquela altura.

Qualquer coisa parar tirar Leroy, Mel e até, ocasionalmente, o Fobia da casa “dela”. Não tinha se passado nem um dia inteiro ainda e ela já estava tomada de ansiedade, certa de que algum Renegado decidiria dar uma olhada na nova recruta e encontraria a casa dela tomada de Anarquistas.

Além do mais, eles não podiam evitar os túneis para sempre, por mais que estivessem gostando da luz do dia e de ter plantas em um canteiro. Mesmo esse canteiro sendo menor do que um saco de dormir e as plantas sendo nada além de urtigas e dentes-de-leão.

Os dentes-de-leão, ela ouvira Mel dizer naquela manhã, eram muito desvalorizados.

O elevador despencou até o térreo e eles saíram para o saguão.

— Alguém quer almoçar? — perguntou Oscar. — É dia de taco no refeitório.

— Vou visitar Max — disse Adrian, olhando para a passarela suspensa. — Ele deve ter passado a noite vendo notícias sobre a biblioteca.

A pulsação de Nova deu um salto. Embora seu foco estivesse voltado para o Sentinela ultimamente, ela permanecia intensamente curiosa sobre Max. *O Bandido*. Ela ainda sabia tão pouco sobre ele, suas habilidades e por que ficava preso numa quarentena.

— Posso ir junto?

Adrian olhou para ela com surpresa... mas de uma forma agradável, ela achou.

— Claro, se você quiser.

Quando eles chegaram à quarentena, Max estava batendo com um martelo no teto da Biblioteca Cloven Cross. Havia pedaços de vidro espalhados em volta dos joelhos, mas se ele estava preocupado com cortes não demonstrava. Pelo menos usava óculos de proteção enquanto dizimava o modelo.

Adrian bateu na janela.

Como Max não demonstrou ter ouvido, ele bateu mais alto.

Max levou um susto e olhou para trás, empurrando os óculos para o alto da cabeça. Ele sorriu, e houve algo de tão bizarro em ver aquele sorriso brilhante, junto com os óculos, o martelo e uma biblioteca demolida que Nova não conseguiu segurar uma gargalhada.

— Isso aí está ótimo — disse Adrian, girando um dedo na direção da biblioteca. — Mas o lado leste precisa ser mais destruído. Aquela parede praticamente se foi.

— Eu ainda não tinha acabado — argumentou Max com certa teimosia. Ele cruzou os braços e observou a cidade ao redor. — Eu estava pensando, agora que a Detonadora está ativa de novo, que vou precisar alterar muitas coisas nas próximas semanas.

— Esperamos que não — disse Adrian, franzindo a testa. — Estamos querendo menos destruição geral, não mais.

— Falando em alterações — disse Nova, andando um pouco pela parede de vidro para dar uma olhada melhor no bairro Merchant —, você se importa se eu der algumas sugestões? Você parece bem preocupado com a acuidade.

Max se empertigou, quase eufórico.

— Claro, o que você quiser.

Ela encostou os dedos no vidro.

— Está vendo aquela fileira de casas que tem ali na rua Mission? Na verdade, fica um quarteirão depois, na Stockton.

Max andou alguns quarteirões e apontou.

— Essas?

— É.

Adrian inclinou a cabeça.

— Tem certeza?

— Absoluta. Passei muitas horas só... andando. Conheço bem a cidade.

— Mas o que tem na Mission? — perguntou Max.

— Prédios comerciais de dois andares. Tem lojas no térreo, talvez escritórios no andar de cima, se bem que acho que alguns podem ser apartamentos. Tinha uma imobiliária fechada com tábuas na esquina, e quando eu era criança tinha uma farmácia, mas não sei se ainda está lá.

— Espera — disse Max. — Vou pegar alguma coisa pra anotar isso.

Ele desapareceu nos aposentos de trás, e Nova percebeu depois de um momento que Adrian a estava observando.

— Você morava lá? — perguntou ele.

— Quando eu era bem pequena. Minha família tinha um apartamento a alguns quarteirões dali. Por quê?

Ele afastou o olhar e deu de ombros.

— Minha mãe patrulhava muito aquela área. Era meio que... a rota dela, eu acho.

Nova levou um susto.

— Sua mãe?

Adrian olhou para ela, primeiro surpreso e depois achando graça. Inclinando-se para ela, ele fingiu sussurrar:

— Eu não sou filho *de verdade* do Capitão e do Guardião Terror, sabe.

Ela revirou os olhos.

— Obviamente. Eu sei quem Lady...

— Tudo bem, pode falar de novo — disse Max, pulando por cima da marina. — Dois andares, imobiliária, farmácia é um talvez. Isso é nesta esquina?

Nova afastou os pensamentos confusos.

— Hum. É. Espera, não, naquela do outro lado da rua. É, naquela. Se ainda estiver lá.

— Você pode descobrir pra mim? — pediu Max.

O olhar dele foi tão esperançoso que Nova não teve escolha além de dar de ombros.

— Claro...

— Nova está muito ocupada — comentou Adrian. — Acabou de receber uma missão nova no arsenal.

Max olhou para ele de cara feia.

— Então talvez você possa descobrir. O que *you* vai fazer hoje de tão importante?

Adrian retribuiu o olhar.

— Nós vamos descobrir — disse Nova. — Nos dê alguns dias. Além do mais, nossa ida ao Salão do Conselho hoje de manhã me deu uma ideia. — Ela esticou o queixo na direção do modelo do Quartel-General dos Renegados, a torre surreal bem mais alta do que o resto. — Que tal você ter elevadores funcionando na torre do quartel-general?

Max ficou paralisado.

— O que você quer dizer?

— É simples. Fiz um pra minha casa de bonecas quando eu era criança. Vamos precisar de alguns materiais, mas o princípio é o mesmo. — Ela foi marcando nos dedos. — Vamos precisar de seringas e um tubo comprido, e Adrian vai ter que redesenhar os elevadores de um jeito que eu consiga ligá-los ao ascensor hidráulico novo. Vou desenhar um plano para mostrar o que quero dizer.

Max voltou a atenção empolgada para Adrian.

— Você aceita?

— Claro — disse Adrian com uma gargalhada surpresa, e o sorriso que ele abriu para Nova, meio intrigado e meio agradecido, levou um calor inesperado às

bochechas dela. — Tenho que desenhar as seringas e os tubos também, Srta. Engenheira?

— De jeito nenhum — disse Nova, fingindo repulsa. — A questão toda deste experimento é mostrar que objetos normais do dia a dia podem, pela força da física, ser transformados em uma coisa muito legal. Esse ponto é deixado de lado quando você simplesmente — ela fez um sinal na direção das mãos de Adrian — *conjura* tudo de que precisa.

Ele assentiu com seriedade, mas seus olhos ainda brilhavam por trás das lentes grossas dos óculos.

— Certo. Porque eu poderia, em teoria, simplesmente redesenhar os elevadores para fazê-los funcionar. Você sabe... por magia.

Nova apontou um dedo na direção do nariz dele.

— Minha ciência supera a sua magia. Você vai ver.

— Mal posso esperar — disse Adrian.

— Os técnicos têm seringas.

Ela olhou para Max, que tinha se aproximado de forma a estar do outro lado do vidro.

— Muitas — acrescentou ele, e Nova não conseguiu evitar que os olhos se desviassem para os hematomas nas partes internas dos braços.

— Certo — disse ela. — Serve. Aposto que eles têm rolos de tubos também. Talvez Adrian e eu possamos entrar e... falar com eles? Ver se nos deixam pegar umas coisas emprestadas? — *E dar uma olhada quando estivermos lá dentro...*

Mas Adrian balançou a cabeça.

— Nem eu tenho autorização de entrar nos laboratórios. Mas aposto que, se Max fizesse uma lista, eles levariam para ele.

Os ombros de Nova murcharam, mas só brevemente, até ela encontrar uma nova abertura. Sua testa se franziu quando ela se virou para Max.

— Eles tentam mesmo deixar você feliz aí dentro, não é?

De um momento para o outro, ela viu o entusiasmo dele passar, e teve a impressão de que ele tentava esquecer que estava preso lá dentro o máximo possível.

— Desculpa — disse ela. — É que... o que estão fazendo com você? Pra que as amostras de sangue?

Max olhou para as marcas de agulhas nos braços e esticou a pele para examiná-las, como se aquela fosse a primeira vez que ele prestava atenção a elas.

– Amostras de sangue, amostras de tecido, amostras de medula óssea...

– Exatamente – disse Nova.

Mas quando Max ergueu o olhar, não foi para ela, e sim para Adrian, a expressão ligeiramente suplicante. O sorriso de Adrian tinha desaparecido, trocado por uma testa franzida e lábios apertados.

– Ah, certo – disse Nova. – Não tenho autorização para esse tipo de informação.

– O que eles estão fazendo é muito importante – disse Max, e Nova se perguntou se ele estava tentando convencê-la ou a si mesmo. – Eles acham que estão à beira de uma descoberta, até. Vai mudar os relacionamentos dos prodígios para sempre.

– Relacionamentos dos prodígios?

Max ficou vermelho.

– É o que ficam dizendo.

– O que isso quer dizer?

Adrian limpou a garganta.

Nova fez uma careta para ele.

– Confidencial?

Ele mostrou as palmas das mãos em um gesto de desculpas.

– Nós não fazemos as regras.

Não, pensou ela com ironia. É sua família que faz.

Mas ela tentou sorrir como se entendesse.

– Posso perguntar onde seus pais estão?

– Estão mortos – disse Max, sem um momento de hesitação e um pingo de lamento.

– Ah – gaguejou Nova. – Me... me desculpe.

– Não peça desculpas – disse Max. – Eles me jogaram da ponte Sentry quando eu tinha duas semanas.

O coração de Nova deu um pulso, e ela ficou olhando sem palavras enquanto Max se inclinava casualmente e movia alguns dos barcos de vidro presos às docas aos seus pés.

– Eles tinham medo de prodígios? – sussurrou ela, pensando no que Adrian tinha dito sobre as crianças prodígios que costumavam ser abandonadas por pais

supersticiosos.

Mas Max balançou a cabeça.

— Eles *eram* prodígios. Vilões. Integrantes dos Baratas.

Os Baratas. A mesma gangue que ordenou a morte da família dela.

— Mas então... por quê?

Max olhou para Adrian, e mais uma vez ela viu a hesitação, com a conversa chegando perto demais de território confidencial. Ela seguiu o olhar e viu que os ombros de Adrian estavam tensos, o maxilar contraído, a raiva de dois vilões dispostos a matar o próprio filho de forma tão desalmada surgindo rapidamente.

— Eu era perigoso para eles — disse Max, falando devagar. — E para o resto da gangue também. Eles sabiam que ficariam melhor sem mim.

— Como você sobreviveu?

— O Capitão Cromo e o Guardião Terror viram acontecer. O capitão mergulhou e me salvou, enquanto o Guardião Terror ia atrás deles. Eles fugiram, mas... acho que devem ter morrido na Batalha de Gatlon.

Nova apertou os punhos.

— Eles estavam mortos antes disso.

Max olhou para a frente com surpresa, e ela sentiu a cabeça de Adrian se virar na direção dela também, e na mesma hora seu cérebro começou a procurar verdades e mentiras, e ela se viu escolhendo as palavras com a mesma hesitação de Max. Talvez, pensou, fosse injusto se ressentir dos segredos dele quando vivia desviando dos dela.

— Todos os Baratas morreram alguns meses antes da batalha. A gangue toda foi massacrada. — Ela olhou para Adrian. — Os Renegados não sabiam disso?

Ele franziu a testa e balançou a cabeça.

— Ah. Bom... dizem que Ace... — Ela limpou a garganta. — Foi o próprio Ace Anarquia. Supostamente, houve uma... disputa de algum tipo. Entre as duas gangues.

Uma disputa. Tipo os Baratas matarem o irmão de Ace e a família dele.

— Hã — disse Adrian, coçando atrás da orelha. — Isso explica por que os Baratas ficaram tão quietos nos últimos meses.

Nova olhou de Max para Adrian e para Max de novo.

— E aí, o Capitão resgatou você e o quê, também te adotou? Vocês são irmãos?

O sorriso de Adrian começou a voltar, e essa visão fez alguma coisa se desenrolar no peito de Nova.

— Alguma coisa assim.

— Mas eu sempre tive que ficar separado dos outros — disse Max. — O Capitão Cromo é o único que é imune a mim. Quando eles começaram a construção do quartel-general aqui, criaram esses aposentos pra mim, especialmente. Eles queriam que eu me sentisse parte dos Renegados, ainda no meio de tudo mesmo... você sabe. Não estando de verdade.

— O Capitão Cromo — refletiu Nova, tentando manter o escárnio longe da voz. Sempre o invencível Capitão Cromo. — E os trajes que eles têm que usar para chegar perto de você? — questionou ela, indicando a câmara do lado de fora da quarentena.

— Eram trajes de descontaminação — disse Adrian —, mas foram aperfeiçoados com cromo no forro e nas beiradas. Permite que as pessoas cheguem perto por um tempo, mas o poder dele acaba as afetando depois de um tempo.

Nova curvou o lábio. Parecia que o que Max era capaz de fazer não era fatal, senão os pais não teriam podido transportá-lo até a ponte. Mas, por outro lado, do que todo mundo tinha tanto medo?

— Eu queria mesmo que você pudesse me contar o que você faz.

— Um dia — disse Adrian. — Não é pessoal. A maioria das pessoas aqui não sabe. Não é por acharmos que não podemos confiar nos Renegados nem nada, mas o Conselho tem medo de que, se muita gente soubesse, a informação poderia vazar, e... tem muita gente que ia querer sequestrar Max.

— Ou me matar — acrescentou Max, com a mesma calma de quem dá a previsão do tempo.

— Tudo bem — disse Nova. — Não vou mais xeretar.

Ela não estava sendo totalmente sincera. Eles tinham lhe dado mais informações do que deviam ter percebido; ao menos o suficiente para começar a formular algumas teorias, e ela esperava que, quando tivesse acesso às bases de dados dos Renegados, pudesse descobrir mais.

— Agora eu sei o que aconteceu com os *seus* pais... — Ela olhou para Adrian. — E a sua mãe? A Lady Indomável morreu na batalha?

Ele balançou a cabeça.

— Antes. Receberam uma dica de que um dos vilões estava planejando um assassinato de retaliação, porque um cara estava vendendo os segredos deles. Minha mãe se ofereceu para ir acabar com tudo. Mas, no dia seguinte, ela foi encontrada em uma viela... — O maxilar dela tremeu. — Ela tinha caído do telhado. Ou talvez tenha sido empurrada. A questão é que cair de um prédio não devia ter sido causa de morte pra ela, porque...

— Ela podia voar — disse Nova, pensando nas fotografias que tinha visto dos seis originais.

Lady Indomável era linda e forte, com cachos pretos em volta do rosto e um sorriso que parecia de propaganda de pasta de dente. Ela e o Guardiã Terror eram os únicos membros do grupo de justiceiros a usar capa, e em todas as fotos ela parecia estar levitando alguns centímetros acima do chão, com o tecido dourado voando atrás.

— Ninguém viu acontecer — disse Adrian —, e ninguém sabe qual vilão foi responsável pela morte dela, nem como foi feito. Como conseguiram incapacitá-la por tempo suficiente para... — Ele parou de falar e não precisou terminar.

Como um prodígio capaz de voar cai de um prédio?

— E seu pai? — perguntou ela. — Estou falando do seu pai biológico. Não me diga que ele também era super-herói.

Ele riu.

— Acho que não. Ela me disse que foi um cara que ela salvou quando uma fábrica de sapatos desabou. Ela voou com ele até um lugar seguro, os dois estavam energizados de adrenalina, uma coisa levou a outra... sinceramente, àquela altura eu mandei ela pular para o fim da história, porque eu tinha cinco anos e... eca. — Ele tremeu, e Nova não conseguiu evitar uma gargalhada. — Eles tentaram sair algumas vezes depois, mas ele não aguentou a pressão de sair com uma super-heroína, então acabou antes mesmo de ela saber que estava grávida.

Nova encostou o ombro na parede de vidro. Dentro da quarentena, Max estava aparentemente entediado com a conversa e tinha começado a rearrumar as construções que ela havia mostrado.

— Você acha que vai querer encontrar ele um dia?

— Não. Se ele não aguentou uma namorada super-heroína, duvido que aguentasse um filho super-herói. Além do mais, foi uma grande notícia quando a minha mãe me

teve. Tenho certeza de que ele deve ter sabido, e também mais tarde, quando houve a adoção. Se ele tivesse algum interesse em ser pai, teve muitas oportunidades para se apresentar. — A testa dele estava franzida enquanto falava, mas não durou muito, pois ele voltou a atenção para ela. — O que seu tio achou quando você voltou pra casa ontem à noite?

Os cabelos da sua nuca se arrepiaram.

— Meu tio? — balbuciou ela.

Ele assentiu.

— Nós recebemos muita reação negativa de pessoas da família, principalmente durante as primeiras semanas de um recruta em campo, quando elas começam a perceber como o trabalho é perigoso. E ontem foi mais perigoso do que o habitual.

— Ele pareceu estar olhando para dentro dela, e Nova sentiu a antiga paranoia voltando à superfície dos pensamentos. — Mas temos uma ótima equipe de apoio que está sempre disposta a se envolver se você precisar de ajuda. Alguém pode ligar para o seu tio, ou ele é bem-vindo para uma visita ao quartel-general, para entender melhor o que fazemos. Às vezes, isso os ajuda muito a se sentirem mais seguros.

— Uma equipe de apoio — disse Nova. — Pra falar com o meu tio.

— Só se você quiser. — Aquela ruga apareceu acima do nariz dele de novo. — Ele disse alguma coisa? Tentou te convencer a não voltar? A gente ouve isso muito.

Ele pareceu verdadeiramente preocupado, e Nova sentiu uma gargalhada subir e entalar na garganta. Aquela risada histérica e descrente virou um engasgo.

Nova se virou, tossindo e pressionando a mão no peito, apertando os olhos quando começaram a lacrimejar. Ela sentiu uma mão nas costas, colocada delicadamente entre as omoplatas, e tremeu tanto com o toque que Adrian afastou a mão. Enquanto limpava a garganta e tentava normalizar a respiração, ela sentiu uma pontada de decepção que o toque, por mais preocupado e inocente que tivesse sido, não havia durado mais.

Engolindo em seco com a garganta arranhando, ela olhou para Adrian, ainda sorrindo e achando graça.

— Hum, não — disse ela por fim. — Meu tio não está tão preocupado comigo. Mas por outro lado... — Nova fez um gesto vago na própria direção. — Estou treinando para isso a vida toda, então acho que ele sabe que não dá pra me convencer a sair.

Adrian assentiu em compreensão.

— Bom, se ele começar a ter preocupações, me avisa. Não queremos que ninguém se sinta dividido entre os Renegados e a família.

Ela esticou os lábios de novo e soube que ele devia pensar que ela era maluca, mas não conseguiu disfarçar o quanto achava a conversa toda hilária.

— Não — disse ela —, isso seria horrível.

— Ei, Rabisco.

Eles se viraram, e a visão de Pega, a jovem ladra do desfile, apagou rapidamente o sorriso de Nova. A garota estava percorrendo a passarela, o rosto franzido a fazendo parecer mais velha do que devia ser. Ou, pelo menos, uma garota que queria que as pessoas achassem que ela era mais velha, mas não tinha muito sucesso nisso.

— Pega! — disse Adrian, e Nova percebeu que ele estava carregando intencionalmente a voz com alegria e animação, talvez em um esforço para equilibrar a nuvem de pessimismo que pairava sobre a garota. — Anda fazendo boas escolhas ultimamente?

Ela ignorou a pergunta, parou a uma curta distância e entregou uma pasta parda de aparência oficial para ele.

— O Conselho me botou como mensageira esta semana — disse ela, falando como se fosse uma punição indescritível.

— Ah, que bom — disse Adrian. — Isso vai deixar você longe de confusão por um tempo. — Ele ergueu o envelope. — Excelente entrega. Vou avisar que você está superando todas as expectativas. Continue o bom trabalho.

Ela soltou um gemido consternado, lançou um olhar amargo para Nova, se virou e saiu andando na direção dos elevadores. Nova não pôde deixar de verificar se a pulseira ainda estava no lugar quando a garota se afastou.

— Ela seria uma boa vilã — murmurou ela.

— Não vamos falar nisso — disse Adrian, abrindo o envelope. — Caso ainda não tenha passado pela cabeça dela, não quero ser quem botou a ideia lá.

Nova viu a mão dele puxar uma única folha de papel branco de dentro. No alto havia um R grande em vermelho metálico.

— O Conselho não acredita em enviar mensagens pelos comunicadores, como as pessoas normais?

Adrian balançou a cabeça e leu cada letra.

— Tudo que passa pelo sistema é sujeito a revisão e inspeção. Evidentemente — o canto de sua boca se ergueu quando ele a encarou —, não querem que a organização toda saiba que eles aprovaram nosso pedido de falar com o Titereiro.

CAPÍTULO TRINTA E UM



— **A**CHO QUE NÃO DEVO ir — propôs Nova, andando atrás de Adrian no meio das mesas do refeitório.

— De que você está falando? — disse ele, sem olhar para ela. — Claro que você deve ir.

— Você não precisa de mim — insistiu ela. — Eu não sei nada sobre interrogar pessoas. E... posso começar aquele trabalho de catalogação, certo? Na verdade, eu só vou atrapalhar.

Adrian parou e se virou para ela. Nova deteve-se e se encolheu perante o olhar preocupado.

— Você tem medo do Titereiro? — perguntou ele, atônito.

O rosto dela se franziu.

— *Não* — disse ela, antes de perceber que dizer sim a teria levado mais para perto do objetivo de não estar na mesma sala com a única pessoa no quartel-general que sabia exatamente quem ela era... e que não tinha ideia de que estava fingindo ser uma Renegada. — Quer dizer, ele é sinistro. E não gosto de... bonecos. Marionetes. Até marionetes de meia me assustavam quando eu era criança, então acho que sim. É, eu talvez tenha medo dele, sim. Posso ficar de fora?

O rosto de Adrian assumiu o olhar calmo e compreensivo com o qual Nova estava desenvolvendo um relacionamento de amor e ódio.

— Ele vai estar preso. Nós vamos estar em segurança. Além do mais, os poderes dele só funcionam em crianças.

— Eu não quero ir. Por favor.

Adrian piscou, e ela finalmente sentiu a determinação dele passar. A esperança pulsou nas veias dela.

— Nova... — disse ele com gentileza — você era a única naquele telhado com a Detonadora e o Bibliotecário. Você pode ter ideias sobre os Anarquistas e as ligações deles que poderiam passar despercebidas para o resto de nós. E, sejamos sinceros, você é muito observadora. Você pode perceber alguma coisa que deixemos passar. Então... me desculpe, mas acho que precisamos de você lá. — Ele deu um sorriso hesitante, como se para suavizar a recusa ao pedido. — Prometo que ele não é perigo para nós. Nada vai acontecer a você.

Ela engoliu em seco e desejou poder acreditar que era verdade.

Ele se virou e foi na direção de Ruby e Oscar, sentados a uma pequena mesa perto do canto. O prato de Ruby estava vazio, exceto por alguns pedaços de alface, e Oscar protegia seu prato dela, que tentava espetar uma azeitona preta com o garfo.

— Tem uma cesta inteira de azeitonas! — gritou Oscar. Ele levantou o prato da mesa e o segurou o mais distante dela possível. — Vai pegar pra você!

— Você nem gosta de azeitona — respondeu Ruby, quase caindo no colo de Oscar enquanto se inclinava por cima dele, o garfo espetando o ar. — Você só pegou pra me provocar!

— Já chega, pombinhos — disse Adrian, largando o envelope na mesa.

Ruby caiu na mesma hora de volta na cadeira, o rosto vermelho, enquanto Oscar sorriu, parecendo bem satisfeito com a palavra.

— Nosso pedido foi concedido. Temos trinta minutos para preparar as nossas perguntas.

Os dois o encararam, confusos.

— Pedido de quê? — indagou Oscar, ao mesmo tempo que Ruby perguntou:

— Que perguntas?

Adrian olhou de um para o outro e suspirou.



TRINTA MINUTOS DEPOIS, NOVA se viu presa dentro de uma sala de metal, espremida entre Ruby e Adrian enquanto eles ouviam as trancas da porta se fechando atrás.

Havia uma segunda porta à frente, pela qual o prisioneiro seria trazido. E também uma única mesa presa ao chão no meio da sala, junto com duas cadeiras, uma de cada lado. No outro lado da mesa havia grilhões, os aros grossos para os pulsos presos a domos de metal que envolveriam as mãos completamente, um dispositivo criado especialmente para prodígios que precisavam usar as mãos e os dedos para manifestar suas habilidades.

Se tivessem desconfiado que eles enfrentariam a Detonadora quando montaram a vigilância da biblioteca, Nova achava que a equipe teria sido equipada com algemas similares em vez das regulares que ela havia recebido.

— Então... — disse Oscar, indicando a cadeira mais próxima — você vai se sentar aí?

Adrian balançou a cabeça.

— Você vai.

— Não preciso — disse Oscar, com um movimento casual de um ombro só. — Você é o chefe aqui. Se quiser...

— Senta, Oscar.

Oscar fez cara feia, e Nova sentiu-o irritado com a rispidez de Adrian. Não era uma reação comum de Adrian, e sugeria que ele também estava mais nervoso do que tentava demonstrar.

Com um suspiro, Adrian indicou a cadeira.

— Preciso que você banque o policial malvado. O policial malvado ficaria com a cadeira, não ficaria?

Nova segurou um sorriso. Ele fazia parecer tão fácil, afastar a tensão. Respeitava as fraquezas deles; nesse caso, todos sabiam que o corpo de Oscar ainda se recuperava dos esforços do dia anterior, mesmo ele nunca admitindo o quanto estava sentindo dor. Mas, com esse simples acordo, Adrian também valorizava as muitas formas com que Oscar colaborava com a equipe, mesmo essa contribuição sendo apenas o talento de Oscar para o drama. Houve vezes em que Nova se perguntou se Adrian se tornou líder de equipe por causa do nome da família, mas ela estava ficando mais e mais segura de que ele tinha conquistado a posição.

Fosse como fosse, a sugestão dele funcionou. Com uma inclinação orgulhosa do queixo, Oscar se acomodou na cadeira e encostou a bengala na mesa. Ele cruzou os braços rigidamente sobre o peito.

— Ah, sim — disse ele, com um movimento satisfeito de cabeça. — O policial malvado está pronto.

— Qual de nós é o policial bonzinho? — perguntou Ruby, olhando para Adrian e para Nova.

Nova não conseguiu responder. Sua boca estava tão seca que ela teve medo que tentar falar só fosse fazer as palavras grudarem na língua.

— Eu sou o policial bonzinho — disse Adrian. Ele olhou para Nova. — Você é a observadora. Se tiver alguma coisa a dizer ou acrescentar, pode entrar na conversa, mas, fora isso, quero você concentrada em qualquer sinal que indique que ele pode estar mentindo... ou falando a verdade.

— E quem eu sou? — perguntou Ruby.

Adrian sorriu.

— Você é a força.

Ruby sorriu e pulou com empolgação de um pé para o outro enquanto soltava o fio no pulso.

— Esperem — pediu Oscar, olhando para trás. — Acho que eu queria ser a força.

Nova olhou para o heliótrópio de Ruby, cintilando na luz fraca da sala.

— A gente não vai *torturar* ele, vai?

Eles se viraram para ela, os rostos igualmente perplexos.

— Pelos céus, Nova — disse Adrian. — Nós somos os mocinhos, lembra?

Ela se encolheu, sem saber direito se devia ficar constrangida com a pergunta ou não. Não pareceu ridículo quando falou.

Do outro lado da sala, eles ouviram o estrondo de mais mecanismos de trancas. O corpo de Nova ficou rígido. Ela esfregou as mãos úmidas nas laterais do uniforme.

A porta se abriu, e dois guardas entraram, guiando Winston Pratt pelos ombros. Ele estava vestido com as listras pretas e brancas de um macacão de prisão. Os pulsos e tornozelos presos com correntes, e o passo saltitante de sempre estava pesado, os ombros contraídos, os braços apertados junto ao corpo, como se ele tentasse evitar a mão dos guardas.

Nova ficou surpresa de ver que a maquiagem dele continuava no rosto... ou o que ela sempre supôs que fosse maquiagem, embora nunca o tivesse visto sem. A tinta preta em volta dos olhos, os círculos rosados nas maçãs do rosto, as linhas finas

desenhadas dos cantos da boca vermelha até o queixo, dando o efeito de uma marionete de madeira. As linhas não estavam nem borradas.

Pela primeira vez em todos os anos que o conhecia, ela se perguntou se era maquiagem ou se o poder tinha mesmo transformado o rosto dele no de uma marionete.

Ou de um controlador de marionetes.

Seus olhos percorreram a sala, indo das cadeiras para as paredes, para a lâmpada no teto, para as algemas na mesa, para Oscar, para Adrian, para Nova, para Ruby.

De volta a Nova.

Ele piscou furiosamente, como se tentando afastar um cílio incômodo. A testa se contraiu.

Apertando os lábios, Nova se esforçou para passar a ideia de segredo, sacudindo sutilmente a cabeça e torcendo para ele perceber a intensidade desesperada do olhar dela.

Mas Winston Pratt nunca foi adepto da arte da sutileza.

Ele continuou olhando, os lábios abertos, a cabeça se inclinando curiosamente para um lado enquanto era colocado na cadeira. Não ofereceu resistência quando as mãos acorrentadas foram posicionadas nos grilhões e os domos se fecharam com segurança em volta.

— Vocês têm quinze minutos — disse um dos guardas para Adrian. — Esse interrogatório está sendo gravado — ele indicou uma pequena câmera no teto — para futura visualização, conforme necessidade do Conselho. Se quiserem terminar a sessão mais cedo, batam na porta e voltaremos.

Eles saíram.

Winston ainda estava olhando como bobo para Nova, e os outros começavam a reparar. Adrian e Ruby se voltaram para ela, e Nova reagiu com um movimento de ombros desconfortável e confuso.

— Tudo bem, Sr. Pratt — disse Oscar, inclinando-se para a frente e cruzando as mãos em cima da mesa —, ou devo chamar você de... *Titereiro*?

Isso pelo menos afastou o olhar de Winston de Nova.

— Nós vamos fazer algumas perguntas — explicou Oscar —, e recomendo fortemente que você responda. — Ele estalou os dedos, se inclinou para trás e dobrou o dedo por cima do ombro. — Vá em frente, Rabisco. Ele é todo seu.

As sobrancelhas se erguendo no que podia ser diversão ou constrangimento, Adrian se adiantou e parou ao lado de Oscar.

— Eu soube que você já foi interrogado várias vezes — disse Adrian —, mas temos um assunto específico que queremos discutir com você.

Apesar de Winston olhar para Adrian agora, o maxilar ainda estava frouxo de surpresa, e Nova sentiu suas entranhas sendo retorcidas por uma máquina de lavar roupa. Ela se viu imaginando uma situação em que sua identidade fosse revelada, aqui, agora, e se perguntando se tinha alguma esperança de sair com duas portas trancadas e três Renegados que Nova sabia que se virariam contra ela assim que se dessem conta de quem era.

— Primeiro — continuou Adrian —, você precisa saber que a Detonadora atacou uma biblioteca ontem. Ela disparou múltiplas bombas em espaços públicos. Como resultado, os Renegados entraram nos túneis do metrô onde você e seus companheiros moram, na tentativa de prendê-la. No entanto, esses Renegados foram atacados, e os Anarquistas desapareceram depois de terem abandonado os túneis do metrô.

Winston franziu a testa e começou a balançar a cabeça, atordoado.

— Eles não saíam... — Ele olhou novamente para Nova.

Ela tentou permanecer sem expressão enquanto continuava o mantra em pensamento, *silêncio, segredo*, como se pudesse desenvolver telepatia de repente.

— Uma coisa encontrada nos túneis, de interesse específico — disse Adrian —, foi um vagão habitado recentemente. Temos motivo para acreditar que esse vagão pertencia à vilã que se chama Pesadelo. Nós sabemos agora que a Pesadelo é Anarquista.

Lábios abertos. Maxilar frouxo. Winston virou os olhos confusos para Adrian.

— É dela que queremos falar hoje. — Adrian colocou uma das mãos na mesa e se inclinou para a frente, e Nova poderia até achar que as tentativas dele de ser intimidador eram quase adoráveis, se ela não estivesse tremendo de medo.

Sua memória estava repassando os momentos no balão do Winston, quando eles sobrevoavam os destroços do desfile. Quando perceberam que não passariam por cima do prédio seguinte. Quando ela escolheu sacrificar Winston para os inimigos.

Ele tinha todos os motivos para desprezá-la agora. E também para traí-la.

Ela engoliu em seco.

– Me desculpe – disse Winston, olhando para Adrian com a boca aberta. – Mas... como é?

– Pesadelo – repetiu Adrian. – Vou começar com uma coisa simples. Qual é o verdadeiro nome dela?

Uma ruga funda pareceu entalhada de forma permanente entre as sobrancelhas do Winston, e o jeito como sua boca se recusava a se fechar fez parecer que o mecanismo que prendia o maxilar de marionete ao crânio de marionete tinha quebrado.

– Pesadelo? – grunhiu ele.

– Pesadelo – confirmou Adrian. – Você talvez se lembre dela como a pessoa que empurrou você pra fora do seu balão. Quero saber qual é o verdadeiro nome dela.

Nova mordeu o lábio.

– No...? – começou Winston, mas hesitou, deixando a palavra no ar até seus lábios se unirem em volta daquele o longo e inseguro. Os pulmões de Nova se espremeram e expeliram todo o ar.

– Como? – disse Adrian.

– No... não. Hã... – Winston olhou uma vez, brevemente, para Nova, depois para Adrian novamente. – No... reen. – Ele tossiu. – O nome dela é Noreen.

Nova inspirou fundo. Mas todas as outras pessoas ficaram imóveis.

Ela sabia que ninguém tinha sido enganado. Mas não se importava. Winston teve a oportunidade de traí-la, mas não fez isso. Uma fagulha de esperança brilhou em seus pensamentos.

– Noreen – disse Adrian, a voz carregada de ceticismo.

– Noreen – confirmou Winston, com um movimento de cabeça determinado e orgulhoso.

– Noreen de quê?

– Hum?

– Ela tem sobrenome?

– Ah, hã... – Winston olhou em volta, como se procurando inspiração, mas deu de ombros. – Não. Não tem sobrenome. Só Noreen.

Adrian e Oscar trocaram um olhar antes de Adrian limpar a garganta.

– Nós sabemos que a Pesadelo obteve ao menos uma das armas dela de um negociante do mercado clandestino conhecido como Bibliotecário. Mas a

testemunhamos usando várias armas e ferramentas que não se parecem com outras coisas no mercado. Onde ela consegue os suprimentos?

Winston sustentou o olhar dele. Piscou. Lambeu os lábios. Abriu a boca. Hesitou. Engoliu em seco. Tossiu. E finalmente respondeu:

- Na loja de materiais de construção, não?
- Na loja de materiais de construção?
- É. – Winston balançou a cabeça. – É onde ela consegue as coisas.
- Isso é um código para alguma coisa?
- Não. Só da loja de materiais de construção.

Nova se contraiu internamente, apesar de ser verdade. Ela conseguia muitos itens que usava nas invenções na loja de materiais de construção da região.

- Alguma loja específica? – perguntou Adrian.
- Hum. – Winston pareceu pensar nisso. – Não. Ela gosta de todas.
- Talvez – disse Oscar, se inclinando para a frente sobre o cotovelo – você possa mencionar só *uma* pelo nome. Só pra gente começar.

Winston apertou os lábios e deu de ombros.

- Não sei. Pergunte pra ela.

Felizmente, seu olhar não voltou para Nova quando ele disse isso, embora ela só pudesse imaginar o controle que ele tinha para continuar concentrado nos interrogadores.

- Que tal os nomes de qualquer contato que ela possa ter na cidade? – disse Adrian. – Você consegue pensar em alguém com quem ela possa ter se comunicado depois que os Anarquistas abandonaram os túneis do metrô? Algum lugar aonde ela possa ter ido?

Winston olhou para a mesa e pareceu estar pensando de verdade na pergunta. Finalmente, com sinceridade, ele começou a balançar a cabeça.

- Eu não sei aonde eles teriam ido.

Adrian massageou a têmpora.

- Que tal outros locais que a Pesadelo gosta de frequentar? Algum... restaurante favorito? Loja?

Winston não conseguiu impedir o olhar de se desviar para Nova desta vez, embora o deslocasse rapidamente para Ruby em seguida, depois para Adrian, como se para compensar o escorregão.

— Telhados? — sugeriu ele.

Os ombros de Adrian tremeram.

— Algum telhado em particular?

— Eu... eu não sei. Sinceramente. Não sei. — Winston se inclinou para a frente, e o rosto frustrado assumiu um pouco de desespero. — Eu não sei onde ela está. De verdade. Não faço ideia.

Adrian fechou os olhos brevemente.

— Tudo bem, Winston. Nós só estamos tentando...

— Não, *não* está tudo bem — disse Oscar, batendo com o punho na mesa. — Está óbvio que você sabe alguma coisa, e não vamos sair desta sala enquanto você não nos contar o que é!

Winston franziu a testa.

— Eles disseram que nós só temos quinze minutos.

— *Isso...* — começou Oscar, erguendo um dedo. Em seguida, murchou e limpou a garganta. — ... é verdade. Mas, mesmo assim, você pode nos contar o que sabe agora, ou podemos voltar e fazer isso amanhã de novo. E no dia seguinte. E no seguinte! Nós não vamos desistir enquanto você não nos contar o que precisamos saber, então comece a falar, Sr. Pratt, senão... senão vou providenciar pra que você não receba mais tacos! Nem, hum, o que eles servem aos prisioneiros aqui.

Adrian passou a mão pela lateral do rosto.

— Tudo bem — disse ele —, escuta. Ela te traiu. Te jogou do seu próprio balão e deixou que você fosse capturado por seus inimigos. Não foi? Você não tem motivo para a proteger. Mas se nos ajudar... — Ele hesitou, e Nova o viu lutando para encontrar alguma coisa que pudesse oferecer a Winston, algo que não fosse violar nenhum código Renegado. — Vou providenciar... Vou ver se podemos conseguir uns livros.

Nova repuxou os lábios, sabendo que esse suborno não o levaria longe, e a expressão do Winston pareceu mais confusa com a proposta do que outra coisa.

— Livros?

— Ou... sei lá. Revistas? Um baralho? Alguma coisa que sirva de distração. Deve ser um saco naquela cela, né?

Os olhos do Winston pareceram brilhar.

— Você pode conseguir pra mim um kit de pintura? E uma marionete nova?

Nova contraiu os ombros. Não. *Não*. Ele não podia ser convencido por eles *agora*.

– Hã... vou precisar da aprovação dos meus supervisores – disse Adrian. – Mas... posso perguntar.

A ânsia nos olhos de Winston era inegável, e pela primeira vez Nova se sentiu mal por ter pensado tão pouco nele desde a sua prisão. Ele não só devia estar entediado como solitário. Não que ela pudesse fazer qualquer coisa para ajudar, mas... ao menos poderia ter pensado nele.

– Qual era a pergunta mesmo? – indagou Winston.

– Nós queremos saber se tem algum lugar que a Pesadelo frequenta – disse Adrian. – Algum lugar aonde poderia ter ido.

Winston afastou o olhar, os pensamentos em guerra evidentes no rosto. A tentação que Adrian lhe ofereceu lutando contra qualquer lealdade que ele ainda pudesse ter pela Pesadelo e os Anarquistas.

– Ela, hum... ela gosta de ir... ao... parque.

O rosto de Adrian foi tomado de decepção.

– Ao parque – repetiu ele.

Em contraste, Winston era todo jovialidade pelo que devia achar que foi uma mentira sagaz e crível.

– É. Ela adora ir ao parque.

– Ao Parque da Cidade?

– Ah, não, não – disse Winston com entusiasmo –, ao parque *Cosmopolis*.

Nova tossiu e cobriu a boca para esconder o quanto estava achando graça.

Adrian olhou para trás.

– Me desculpem – disse Nova.

Ele suspirou e voltou o foco para Winston.

– Você está nos dizendo que a Pesadelo gosta de ir a um parque de diversões.

– Ah, sim. Ela vai lá o tempo todo. Gosta muito da casa maluca. – Ele riu como louco e deu de ombros, como quem sugere: “*Esses jovens malucos, quem imagina do que vão gostar agora!*”

– Posso fazer uma pergunta? – disse Ruby.

– Por favor – concedeu Adrian, se afastando da mesa e fazendo sinal para ela ir em frente. Ficava claro pela frustração nos olhos dele que o interrogatório não estava sendo como ele esperava.

Ruby deu um passo à frente, balançando o heliotrópio para a frente e para trás como um pêndulo. Winston acompanhou com os olhos, inclinando-se de leve para trás como se com medo de ser perfurado pela coisa. Possivelmente, ela faria isso mesmo.

— Os Anarquistas ficaram, digamos, *bem* inativos por nove anos, certo? Mas a Pesadelo parece ser bem jovem. Bem mais jovem do que o restante da gangue. O que quero saber é como ela foi se juntar a vocês. Vocês estão recrutando novos membros?

— Ah — disse Winston, aparentemente alegre por poder responder a essa pergunta sem ter que se esforçar muito para inventar uma mentira que fizesse sentido. — Não, nada de recrutamento. Na verdade, Ace a trouxe.

— Ace? — perguntou Oscar com uma gargalhada de descrença. — Ace Anarquia?

— Por favor — disse Adrian —, ela era uma criança na época.

— Era! — disse Winston, balançando a cabeça e concordando. — Ela *era* criança.

Eles ficaram olhando sem palavras por muito tempo. Finalmente, Adrian só disse:

— Explique.

Mas, àquela altura, Winston parecia ter se recolhido aos próprios pensamentos e estava duvidando da explicação ansiosa. Olhou novamente para Nova, ela deu de ombros para ele, sem saber direito quantos problemas a verdade lhe traria naquele momento.

Mas Winston optou por não contar a verdade, e novamente seu rosto assumiu aquela expressão temerosa e insegura.

— Ace encontrou ela... — começou ele. Depois de inspirar fundo, ele continuou: — No parque Cosmopolis!

— Claro — disse Oscar. — Onde mais?

— Não, não, é verdade — insistiu Winston. — Eu trabalhava lá, sabe, antes do Conselho o tornar tão — ele fez uma careta — *saudável*. E um dia havia uma criança. Uma garota. Andando na escuridão. O parque estava fechado havia horas e, bem, Ace a encontrou e descobriu que os pais a tinham deixado lá. Simplesmente... a abandonaram. Então ele deu algodão-doce pra ela e... bom, foi isso. Nós ganhamos uma pequena Pesadelo. — Ele começou a sorrir, um verdadeiro sorriso que esticou as linhas escuras no queixo. — Ela e eu brincávamos juntos. Às vezes, quando ela ficava com medo à noite, eu a entretinha com shows de marionetes. Ela gostava muito dos

bonecos de sombras, que são uma especialidade minha. Lembra disso, N... – Ele soluçou. Tossiu. – Hã, eu me lembro bem daquela Pesadelo. A pequena Pesadelo. Nós éramos amigos... – Ele franziu a testa, uma tristeza tomando conta da explosão repentina de alegria. – Na época, pelo menos.

Nova sentiu que o coração estava se partindo. Há alguns anos, pensava em Winston como uma chateação, mas ele estava certo. Eles foram amigos quando ela era pequena. Como perderam isso? Como ela se tornou tão... tão Anarquista?

Nova manteve o olhar nele, desejando que ele olhasse direto para ela, desejando poder transmitir que lamentava e que se *lembrava* de todas aquelas ocasiões, todas as noites sem dormir em que ele a fez rir e o quanto aquilo tinha sido importante para ela.

Mas agora Winston mantinha a cabeça baixa.

Atrás dele, a porta estalou, e os guardas voltaram.

O interrogatório tinha acabado.

Ao voltar pelo corredor do lado de fora da salinha, Nova sentiu como se cem Gárgulas estivessem em cima dos seus ombros. Ela acharia que sair daquela sala com o segredo ainda intacto a teria deixado animada e alegre, mas só sentia culpa.

Não só culpa por causa de Winston, mas também por causa de todos. Os Anarquistas estavam contando com ela, e até agora o que tinha conseguido? Desde que foi para lá, eles foram obrigados a sair da casa deles. Ingrid estava exilada. O Bibliotecário estava morto. Eles não estavam mais perto de destruir os Renegados.

– Então – disse Ruby, girando a pedra em volta dos dedos. – A gente acha que alguma palavra que saiu daquela boca era verdade?

– Não sei – disse Adrian. – Não a maioria, com certeza.

Oscar assentiu.

– Concordo, mas acho que ele delineou a verdade às vezes, sabem? Tipo... pode ter havido pequenas verdades misturadas.

– É, mas que partes? – perguntou Ruby.

Adrian fez uma pausa e se encostou na parede e cruzou os braços.

– Ele mencionou o parque Cosmopolis algumas vezes, e sabemos que ele traficava drogas lá durante a Era da Anarquia, certo? Talvez tenha alguma coisa aí.

– Esperem – disse Ruby com uma gargalhada controlada. – Pensem nisso por um segundo. Vocês conseguem imaginar *Ace Anarquia* encontrando uma criança perdida

em um parque de diversões, dando algodão-doce pra ela e decidindo levar ela pra casa... pra *criar*? Parem com isso.

Nova se irritou e olhou de cara feia para ela, mas Adrian também começou a rir.

— Pois é — concordou ele, massageando a testa. — Você está certa. É que... o que mais a gente tem? Alguma coisa?

— Nova — disse Oscar, olhando para ela —, você já trabalhou no parque Cosmopolis.

Pareceu tanto uma acusação que Nova ficou mais ereta, pronta para se defender.

— E daí?

— Se existe alguma conexão entre a Pesadelo e o parque... sei lá. Você já viu alguma coisa suspeita?

Na mesma hora suas defesas começaram a reagir. Ela expirou.

— Você quer saber se eu vi alguma garota andando de máscara de metal? Hã, não, não posso dizer que tenha visto.

— O que não é surpreendente — disse Adrian. — Se ela frequenta o parque de diversões, o que ainda duvido, mas, se frequentasse, ela não iria disfarçada, não é?

— Ainda assim — insistiu Ruby —, talvez Nova possa falar com o antigo chefe? Encorajar pessoas a ficarem vigiando?

Nova forçou um sorriso, tentando lembrar o nome do suposto chefe e torcendo para ninguém se dar ao trabalho de perguntar.

— É. Claro. Isso não seria problema.

— Tudo bem — disse Adrian, coçando o maxilar. — Vou obter a transcrição do interrogatório e enviar pra cada um de vocês hoje à tarde. Vamos tirar a noite pra pensar e discutir mais amanhã. — Adrian suspirou. — Ele estava escondendo alguma coisa, mas... não sei. Alguma coisa me diz que revelou mais do que percebemos.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



NENHUM DELES TINHA ENCONTRADO nada de novo ou de concreto no dia seguinte, nem no outro.

Na terceira noite depois do interrogatório do Titereiro, Nova começava a relaxar. O motivo podia ser por ela sentir que estava fazendo progresso, descobrindo coisas que poderiam ter valor, graças ao trabalho de catalogação.

Ela descobriu que gostava mais do quartel-general à noite. Ficava tão silencioso depois que a maioria das pessoas tinha ido para casa. Não totalmente vazio; sempre havia uma equipe de segurança monitorando o prédio e unidades de patrulha da madrugada indo e vindo entre turnos, mas a diferença em comparação ao dia era impressionante. A tranquilidade era uma delícia.

Nova tinha emoções contraditórias em relação às horas mais quietas da noite havia muitos anos. A suspensão do tempo em que todo o mundo ficava solitário e cheio de sombras. Houve períodos na infância em que ela frequentava lanchonetes vinte e quatro horas apenas pelo motivo de desenvolver um sentimento de ligação com as outras almas tristes e insones da noite, onde ela comia pilhas de panquecas de mirtilo e inventava histórias de vida para o entregador tomando café preto no bar ou para a garçonete que compensava os olhos cansados com empolgação efusiva. Mas alguém sempre acabava perguntando onde os pais dela estavam, e quando seus olhares eram tomados por conclusões pesadas, Nova tinha que ir embora.

Mas havia outras noites em que ela desejava aquela solidão. Noites em que passava horas olhando para a lua e imaginando que era a última pessoa viva no planeta.

Imaginando que não havia mais ninguém para provocar guerras e desavenças. Ninguém lutando por poder. Ninguém para ter medo ou ódio dos prodígios. Nenhum prodígio para odiar.

Ficar dentro do quartel-general às três da madrugada era uma mistura boa das duas coisas. A tranquilidade que acompanhava estar sozinha, mas também a certeza de que não estava de verdade. Mesmo estando cercada de inimigos, havia um consolo estranho no pensamento.

Ela tinha recebido um cubículo próprio no terceiro andar, com janela com vista para o saguão amplo e uma mesa que lhe disseram que podia decorar com itens pessoais, mas até o momento ela só tinha levado um pôster das constelações que comprara em uma loja de gravuras baratas a alguns quilômetros, e isso só porque tinha medo de a acharem esquisita se não levasse nada.

A tarefa que tinham lhe dado não era muito emocionante. Ela havia passado três noites seguidas revisando fotografias que o departamento de perícia criminal tirara da artilharia destruída na biblioteca, catalogando números de modelos quando estavam disponíveis ou procurando características identificadoras e as comparando com armas conhecidas em uma base de dados global. Não era um trabalho emocionante, mas lhe deu uma excelente oportunidade de alterar os metadados quando encontrou uma série de bombas de gás que ela reconheceu do laboratório de Cianeto, mas que agora viveriam para sempre nos arquivos dos Renegados como explosivos elaborados por amadores de fonte desconhecida.

A missão também lhe deu amplas oportunidades de investigar mais o sistema dos Renegados. Nas noites anteriores, ela mapeou a localização de todas as câmeras de segurança e alarmes dentro do prédio do quartel-general. Baixou uma lista completa de armas e artefatos de prodígios guardados nos depósitos. Descobriu a lista completa dos Renegados atuais, com codinomes, habilidades e até endereço de casa (inclusive o dela). E até, para sua alegria, encontrou uma pasta intitulada “Preocupações – Para Consideração Futura”, que acabou sendo uma série de reclamações públicas voltadas para os fracassos e decepções correntes do Conselho.

Nova terminou de digitar os dados de uma caixa de munição, uma das poucas que não tinha explodido quando exposta ao calor do fogo, e parou um momento para alongar a coluna. Um brilho chamou a sua atenção, e ela olhou pela janela e viu que as luzes da quarentena de Max estavam acesas, iluminando a cidade de vidro de um

tom pálido de amarelo. Nova tinha certeza de que ficava escuro antes. Ele estava com dificuldade para dormir?

Ela chegou mais perto da janela, mas não conseguiu ver sinal do garoto atrás das paredes do recinto. Seus olhos percorreram o resto do saguão. Só viu um segurança andando na frente da entrada principal, mas, fora isso, o lugar parecia tão abandonado quanto sempre ficava àquela hora da noite.

Com um grunhido curioso, ela se encostou na cadeira moderna e levantou as pernas para cruzá-las sobre o assento. Verificando a lista de dados oferecida, decidiu incluir mais três itens, e se a luz de Max ainda estivesse acesa quando acabasse, ela daria uma olhada nele.

Nova alongou os ombros e abriu as fotografias seguintes, que mostravam uma pistola simples tirada de vários ângulos. Ela encontrou o número de série perto da base do cano e o digitou no banco de dados.

Uma janela se abriu: UMA CORRESPONDÊNCIA ENCONTRADA.

Ela clicou na janela e abriu o perfil da arma, o fabricante, o ano em que foi produzida e, embaixo, uma lista de criminosos e gangues conhecidas com quem aquela arma ou outras similares estavam conectadas ao longo dos anos. Muitas vezes essa lista estava vazia ou só continha vagas anotações de campo, quando havia uma correspondência entre o número de série de uma arma e o cartucho da bala encontrado em uma cena de crime.

Só havia uma conexão listada; não daquela arma exata, mas de outra pistola do mesmo modelo. Ler as palavras foi como um chute na barriga de Nova.

EM LIGAÇÃO A UM ASSASSINATO COM MÚLTIPLAS VÍTIMAS — APARTAMENTOS KINGSBOROUGH. VER RELATO RESUMIDO.

Apartamentos Kingsborough.

Ela morou nos Apartamentos Kingsborough.

Suas mãos estavam tremendo quando ela abriu o relatório.

O texto era um resumo elaborado por Hugh Everhart, o próprio Capitão Cromo, com a data da noite do assassinato da família dela. *Da própria noite*. Horas depois que aconteceu.

O coração de Nova bateu forte.

Ele esteve lá. Ele esteve lá naquela noite.

Mas chegou tarde demais.

Quatro pessoas encontradas mortas. David Artino: 31 anos. Tala Artino: 30 anos. Evie Artino: 11 meses. Um homem desconhecido: idade desconhecida. Suspeito de afiliação aos Anarquistas ou aos Baratas.

A perícia confirma que todas as mortes foram resultado de trauma direto dos ferimentos de bala, sem interferência de prodígio. As digitais encontradas na arma foram compatíveis com as do homem desconhecido e também com as de Alec Artino (codinome: Ace Anarquia).

Há razões para desconfiar que a morte das três pessoas da família tenha sido assassinato encomendado. O motivo para os homicídios permanece sob investigação. Ver relatório completo arquivado por Hugh Everhart (Capitão Cromo) [aqui](#).

Nota adicional: a filha mais velha, uma garota de seis anos, não foi encontrada no local. Os vizinhos declararam não saber o paradeiro dela. Um relatório foi submetido à unidade de pessoas desaparecidas dos Renegados.

Um ícone na parte de baixo do relatório indicava uma pasta com fotos tiradas no local. Nova tremeu. Tinha sido poupada de ver os corpos da família tantos anos antes, e não olharia agora. Mas saber que estavam ali... que aquelas fotos existiam a uma distância de meros cliques a deixou de estômago embrulhado.

Com o coração parecendo espremido por um alicate, Nova se obrigou a clicar no link para abrir o relatório completo.

Uma pequena janela apareceu no centro da tela.

ACESSO RESTRITO. INSIRA SENHA: _ _ _ _ _

Nova ficou olhando as palavras por muito tempo, revezando entre se sentir furiosa por uma coisa tão pessoal para ela ser mantida em confidencial, mas também, em parte, aliviada.

Ela sabia o que tinha acontecido com sua família. E também que os covardes dos Baratas haviam contratado um assassino para matá-los porque seu pai se recusou a continuar fazendo armas para eles. Sabia que os Renegados não estavam lá para impedir, mesmo depois de terem prometido proteger a família de David, e eles também não foram atrás da gangue para garantir que a justiça fosse feita. Não; foi Ace quem destruiu todos em retaliação.

Ela olhou para aquelas palavras, ACESSO RESTRITO, e sentiu um novo ressentimento fervendo dentro dela. Os Renegados sabiam que sua família estava sendo ameaçada. O Capitão Cromo *sabia* que eles podiam ser alvo, e mesmo assim não os salvou. Chegou tarde demais. Seria possível que o relatório completo fosse confidencial porque ele reconhecia a própria incapacidade? Estava tão constrangido de ter falhado em salvar essa família que esconderia do mundo?

Era fácil de acreditar. Ele não os protegeu. Não os salvou. Só registrou as mortes, digitando as informações como anotações em um livro de registros.

Mas as pessoas acreditavam que ele era o maior super-herói do mundo. Um golpe desses na reputação dele seria inconcebível para todos os tolos que o idolatravam.

Com um tremor, Nova fechou o resumo do relatório. Apertou bem os olhos e afastou a cadeira da mesa.

Foi bom ter encontrado isso, ela disse para si mesma. Era um lembrete de que o Conselho tinha traído a confiança da família dela. De que não estavam presentes quando mais se precisou deles.

Eles não eram super-heróis. Eram fraudes, e esse sistema todo que tinha sido elaborado para proteger e servir não passava de um experimento social fracassado. Ela via agora que muitos Renegados tinham boas intenções, e Adrian era uma boa prova disso, mas isso não mudava o fato de que a sociedade não estava sendo governada por líderes fortes e competentes, mas por ditadores que se colocaram naquela posição de poder sem motivo e que agora não tinham ideia nenhuma do que fazer.

As pessoas ficariam melhores sozinhas.

O mundo ficaria melhor sem eles.

Nova esperou que o nó no estômago começasse a passar e abriu os olhos. Estava de frente para a janela de novo, e seu olhar se deslocou imediatamente para a quarentena de Max.

Sua testa se franziu.

Ela se levantou da cadeira e chegou mais perto da janela, tentando entender o que estava vendo. Ainda havia uma luz acesa, mas não a mais forte do teto, como antes. Estava mais fraca agora, um dourado pálido cintilando na fachada de vidro dos pequenos arranha-céus.

Eles estavam... flutuando.

Nova esfregou os olhos e olhou de novo.

A mesma imagem a recebeu. Não *todos* os prédios do modelo da cidade, mas talvez algumas dezenas, as torres de vidro pairando acima do chão, balançando como boias em um lago calmo. Enquanto ela olhava, pedaços maiores da cidade começaram a subir também. Como centenas de mísseis reluzentes elevando-se lentamente no ar.

No centro estava Max, de pernas cruzadas, levitando.

Levitando.

— Ele é telecinético — sussurrou ela, mas dizer as palavras em voz alta não as tornou menos surpreendentes. Porque... ele *não devia* ser telecinético. Ela viu o perfil dele quando encontrou a lista. Tentou lembrar o que dizia: alguma coisa que pareceu intencionalmente vaga, ela recordou, porque ficou irritada na hora por não saber o que queria dizer.

Inclinada sobre a mesa, minimizou a base de dados das armas e abriu a lista dos Renegados novamente. Depois de uma busca rápida, ela o encontrou.

Max Everhart. Codinome: Bandido. Habilidade: Absorção.

Absorção. Isso mesmo, ela lembrava agora, e como era frustrante que aquilo não significasse nada. Absorção de quê? Não oferecia explicação da quarentena nem por que as pessoas pareciam achar que ele era perigoso.

Mas aquilo...

Ela olhou de novo. Mais dos prédios tinham subido agora, junto com cada árvore em miniatura do Parque da Cidade e toda a ponte Sentry.

Isso as pessoas poderiam achar que era perigoso. Não porque a telecinese era muito rara, mas porque a maioria dos telecinéticos só conseguia mover um ou dois objetos de cada vez. Não *dezenas*, e certamente não enquanto também se mantinha no ar. Esse tipo de foco e aptidão mental só tinha sido registrado em uns poucos prodígios até onde Nova sabia.

E um desses prodígios era Ace Anarquia.

Ela voltou à janela.

Ela até tinha uma vaga lembrança de ver Ace na catedral levitando como Max estava fazendo agora; de pernas cruzadas e a um metro e meio no ar, uma das poucas vezes que ela o viu relaxado o suficiente para ficar sem o capacete. Ele tinha se

cercado de velas em copinhos protetores vermelhos, centenas flutuando em volta dele, espalhando espirais de luz tremeluzente em volta do altar.

Ver Max era tão dolorosamente familiar que ela quase teve dúvida se não era uma alucinação.

Abaixo, Max abriu os olhos. Por um momento, não olhou para nada. Nem para a cidade de vidro flutuando. Nem para o saguão abaixo. A expressão dele estava serena e imóvel.

Nova encostou a mão na janela do cubículo.

O pequeno movimento devia ter chamado a atenção de Max, porque ele olhou para ela de repente.

Sua concentração foi interrompida.

Nova viu o momento em que aconteceu. Seus olhos se arregalaram, os lábios se abriram e o corpo caiu no chão, enquanto todos aqueles prédios de vidro desabavam ao redor.

Nova fez uma careta, constrangida por ele.

Mas, então, ela viu a dor na expressão de Max. Não o tipo de dor que acompanhava uma queda, mas o tipo de dor que era excruciante. Ela encostou o nariz no vidro, a respiração embaçando a superfície, e tentou entender o que tinha acontecido.

Assim que viu o sangue, ela se virou da janela e saiu correndo. Pelo corredor, pelos elevadores e até a escada. Nova correu pelos degraus até o patamar seguinte, depois o seguinte, os pés mal tocando no chão. Saiu pela porta e correu pela passarela. Estava vendo Max pelas paredes da sala. Ele estava de joelhos, inclinado para a frente, aninhando a mão. O braço direito encharcado de sangue.

Nova contornou a lateral da sala de quarentena e abriu a porta da câmara terciária. Correu para a porta seguinte, puxou a alavanca para soltar a eclusa de ar e a abriu.

A câmara de atmosfera controlada a aguardava. Gritando em frustração por causa de tantas barreiras, ela correu e abriu a segunda porta.

Sua respiração travou.

Ela estava dentro da quarentena dele.

Max não tinha se movido. Estava de costas para ela, mas havia caído sobre o quadril. Ele olhou para trás quando ouviu Nova entrar. A dor ainda tomava conta das

feições dele, mas ele arregalou os olhos de medo quando a viu. Medo e pânico e desespero. Nova olhou para a mão dele, coberta de sangue. Ao lado, viu a torre ensanguentada do Woodrow Hotel.

— Caramba — sussurrou ela, e sua mente já estava criando uma lista. Limpar o ferimento. Fazer um curativo. Levá-lo até a ala médica ou, se nenhum curandeiro estivesse disponível, ao hospital.

Nova começou a seguir pela cidade de vidro, chutando para o lado os prédios caídos no caminho.

— Não... — ofegou Max.

— Tudo bem — disse Nova. — Você está bem. Pode estar em choque, mas está bem.

— Não, Insônia, para! — gritou ele, que começou a se afastar dela até colidir com a parede da arena. — Fica aí!

— Você precisa de cuidados médicos — disse ela na metade da avenida Drury. — Só primeiros socorros básicos, e vou levar você para os curan... curandeiros...

Seu corpo começou a ficar lento.

Seus pulmões se contraíram e expulsaram o que havia de ar.

Ela tropeçou e se apoiou no modelo da torre Merchant.

Piscou para Max, mas sua visão estava borrada.

Com pavor no rosto, Max se levantou e tentou passar por cima da arena, mas seu tornozelo ficou preso e ele tropeçou, derrubando um dos holofotes mais altos.

— Volta! — gritou ele. — Sai daqui!

Mas Nova não conseguiu se mexer. Sua respiração chiou, e ela caiu para a frente. Suas pálpebras estavam tão pesadas. Seu cérebro tomado de... de *exaustão*.

Ela sentiu como se os membros estivessem tomados de areia. Como se o crânio estivesse denso de névoa.

Ela caiu de lado. Seu ombro bateu no modelo do Hospital da Cidade de Gatlon. A torre norte se inclinou e se estilhaçou na rua, e esse foi o último som que ela ouviu antes da escuridão a engolir.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



HAVIA DOIS RESTAURANTES QUE ficavam abertos a noite inteira em um raio de um quilômetro e meio do Quartel-General dos Renegados, e Adrian e sua equipe eram clientes frequentes de ambos. Às vezes, pareciam uma opção melhor a voltar para o QG e comprar alguma coisa nas máquinas ou comer algo do bufê de saladas no refeitório, que parava de servir comidas quentes a partir das nove horas. Lutar contra o crime queimava muitas calorias, e às vezes um super-herói precisava de um queijo-quente bem gorduroso ou de um waffle gigante com gotas de chocolate coberto de chantilly.

Ele não sabia se catalogar dados ou o que quer que Nova estivesse fazendo no departamento de armas queimava muitas calorias, mas sabia que todo mundo precisava se alimentar quando ficava acordado na madrugada, e duvidava que a incapacidade de dormir mudasse isso.

Ele precisava de uma distração, de qualquer modo. Como a equipe ainda estava tecnicamente no caso da investigação da Pesadelo, que virava rapidamente um caso de investigação dos Anarquistas, eles passaram os dias anteriores seguindo todas as pistas que puderam para tentar encontrar Ingrid Thompson, a Detonadora. Eles frequentaram todos os estabelecimentos que ela teria visitado. Visitaram todos os cidadãos que pudessem ter alguma ligação com ela, por mais tênue que fosse: um colega do ensino médio, um antigo vizinho. Até o momento, nada tinha levado a nada, e Adrian não pôde deixar de sentir que estavam perdendo tempo. Precisavam de uma coisa recente e concreta. Imagens de vídeo ou uma testemunha ocular ou...

ele não sabia. Talvez uma pilha de explosivos azuis brilhantes descobertos em um armazém abandonado. Algo *tangível*.

Mas, em vez de alguma coisa que ajudasse no caso, Adrian teve três noites de sono inquieto e, agora, um saco cheio de sanduíches do Mama Stacey's Greasy Spoon. Como ainda não conhecia Nova bem o suficiente para adivinhar o sanduíche preferido dela, ele levou vários: um queijo-quente, um sanduíche de peito de peru e salada, um de rosbife e um wrap de frango. Achava que tinha explorado a maior parte das possibilidades no que dizia respeito a sanduíches, e Stacey incluiu seis saquinhos de batatas, porque, nas palavras dela, “temos que alimentar nossos heróis”. Uma piscadela.

Ele ainda não sabia bem o que a piscadela quis dizer.

Pelo menos, esperava que Nova achasse o gesto atencioso. Esperava que não ficasse irritada de ele atrapalhar o trabalho dela. Esperava que talvez eles pudessem sentar e conversar, porque ele não parava de pensar na noite anterior no prédio em frente à biblioteca e o quanto foi bom conversar com ela. Conhecê-la, ao menos um pouco.

Quanto mais ele pensava, mais queria conhecê-la melhor. Perguntas não paravam de surgir na mente dele quando não estava perto dela, mas sumiam assim que eles se encontravam, e todas as conversas se voltavam para a investigação de novo. Perguntas como: de onde ela tirava as ideias para as invenções? E qual foi a coisa mais bizarra que ela já tinha feito para não morrer de tédio às três da madrugada? E ela tinha namorado?

Ele tinha quase certeza de que sabia a resposta a essa última pergunta. Ela nunca havia falado sobre um namorado. Mas por outro lado... não contara muito sobre a vida pessoal, então ele não tinha como ter certeza.

Ele até teve uma ideia absurda quando saiu do Mama Stacey's. Uma fantasia de entrar no cubículo da Nova quando ela estivesse fora e arrumar os sanduíches e guardanapos como se fosse um piquenique. Ele podia até desenhar umas velas, só que talvez fosse demais, e não queria que ela pensasse que a situação era *romântica*.

Só que uma parte dele queria, sim.

As palmas das mãos dele estavam úmidas quando ele chegou ao quartel-general, e ele ficava tendo que trocar o saco de papel de uma mão para a outra para poder ir secando as palmas na calça. O leitor perto da porta reconheceu o sinal do

comunicador dele e a destrancou. Ele empurrou a porta giratória e ouviu na mesma hora alguém gritando.

Adrian olhou para a cabine de segurança, onde o guarda de plantão estava gritando no comunicador:

— ... só dois curandeiros de plantão hoje, e os dois estão a caminho. Mas no que ela estava pensando para entrar lá?

Franzindo a testa e se perguntando se alguma coisa tinha acontecido com uma das unidades de patrulha, Adrian correu pelos degraus do saguão. Seu olhar foi direto para as janelas onde Nova estava trabalhando nos últimos dias. Ele viu uma luz no cubículo dela, mas a mesa parecia estar vazia.

Os cabelos da nuca dele ficaram em pé quando ele atravessou o *R* no piso.

Uma batida errática fez Adrian parar. Ele virou o olhar para a quarentena de Max, onde uma luz fraca espalhava um brilho pelo saguão.

Max estava de pé junto à parede. Usava uma calça de pijama xadrez, mas sem camisa. Uma das mãos enrolada em um pano, talvez na camisa que ele não utilizava, enquanto batia com o outro punho no vidro. Ele estava gritando, o rosto tomado de pânico, e Adrian levou um momento para entender.

Adrian! Corre!

O saco de sanduíches caiu da mão dele e bateu no chão, e Adrian saiu correndo escada acima até a quarentena. Assim que chegou à passarela, viu um corpo caído lá dentro.

Seu coração deu um pulo.

Era Nova.

Ela estava inconsciente.

Ela estava *dentro da quarentena*.

Ele foi mais devagar só por um segundo, mas mesmo assim... foi mais devagar, e sabia, e mais tarde se sentiria o maior covarde do mundo por aquele momento de hesitação. Mas então saiu correndo de novo, o mais rápido que conseguiu. Antes que pudesse pensar no que estava fazendo, ele levou a mão à porta da quarentena e a abriu. Não sabia quanto tempo havia que ela estava lá dentro, mas sabia que cada segundo podia fazer diferença. A cada segundo que passasse, as forças dela estariam se esvaindo aos poucos.

Seu poder estava sendo sugado aos poucos.

Mas ele não ficaria mais seguro se não corresse.

Depois de passar pela porta, ele fixou o olhar em Nova. Podia chegar nela. *Tinha* que chegar nela.

Do outro lado da quarentena, encostando o corpo na parede de vidro, Max estava ofegando, como se também tivesse corrido pelo saguão, pela escada e pela passarela. Seus ombros magros e pálidos tremiam, e Adrian viu agora que a camisa em volta da mão dele estava encharcada de sangue. Prédios de vidro caídos e quebrados para onde quer que ele olhasse.

— Eu estou bem — disse Max antes que Adrian pudesse falar. — Mandei uma mensagem pra segurança. Os curandeiros estão a caminho. Mas Nova! Você tem que tirar ela daqui!

Adrian engoliu em seco.

O que quer que tivesse acontecido, não havia nada que ele pudesse fazer por Max. Mas por Nova...

Ele travou o maxilar e pulou por cima dos arranha-céus, disparando pelas ruas de Gatlon.

Estava na metade da sala de quarentena quando sentiu. Era como se alguém tivesse aberto um ralo dentro dele e toda a sua força estivesse escorrendo por ele.

Primeiro, sentiu nas mãos. Seus dedos ficaram frios. Os músculos, os ligamentos nas juntas, pareciam estar se atrofiando a cada passo que ele dava. Os dedos se encolheram para dentro, se tornaram inúteis e frágeis. Dedos que jamais voltariam a segurar uma caneta ou um pincel... mãos que jamais voltariam a criar realidade a partir da imaginação...

Ele pulou por cima do hospital e se ajoelhou ao lado de Nova. Respirava em arfadas sufocadas quando passou os braços por baixo dela. A cabeça de Nova bateu no peito dele, e ele se virou e procurou a saída.

A porta parecia impossivelmente distante. Quantos passos seriam necessários para chegar lá? Trinta? *Cinquenta*? A cabeça de Adrian estava girando.

Eles não conseguiriam. Não se ele tivesse que tropeçar o caminho todo.

Ele apertou o corpo de Nova contra o peito e se agachou. Mas não sabia se daria certo. Não tinha certeza se aquela habilidade já havia sido sugada dele.

Mesmo assim... ele respirou fundo e pulou.

Seu corpo voou para cima. O poder vibrou nas pernas dele e jogou-o com Nova no colo por cima da cidade. Por um momento delirante, ele pensou: seria assim. Voar por cima da cidade, voar *de verdade*...

Mas o chão se apressou ao encontro deles, os prédios irregulares de vidro como centenas de espetos apontados para cima. Adrian ajustou o corpo com o impulso perdido, e ele e Nova caíram em Scatter Creek Row, a poucos passos da porta.

Seus músculos estavam tremendo com o esforço de se levantar, mas ele conseguiu. Suas mãos e braços estavam tão dormentes que ele duvidaria que ainda estavam presos ao corpo se não pudesse vê-los, e mesmo assim ele os encolheu embaixo das axilas da Nova, trancando os cotovelos embaixo dos ombros dela. Suas pernas pareciam trapos molhados, mas ele deu um passo para trás, e outro. E outro. Ofegante. Atordoado. A cabeça girando. A visão borrada.

Ele caiu na antecâmara e largou Nova ao seu lado. Com um movimento final e patético com o pé, fechou a porta da sala da quarentena.

E ficou deitado ali, ofegante. Sufocado. Morrendo, ele poderia ter pensado, só que nunca tinha ouvido falar que a habilidade de Max havia matado alguém. Mas a sensação era essa. Como se toda a vida estivesse se esvaindo do corpo.

A cabeça pendeu para o lado, e ele olhou para Nova. O corpo dela caído no chão ao seu lado, mas o rosto estava quase pacífico.

Ela estava inconsciente... ou dormindo?

Era uma distinção importante, mas ele não sabia como identificar a diferença.

Suas mãos ainda estavam dormentes. Não havia dor, só nada, o que parecia pior.

Ele rolou de lado e se contorceu para mais perto dela.

— Nova — disse ele, dando tapinhas na bochecha dela. — Acorda.

Ela estava respirando, pelo menos. Ele procurou a pulsação no pescoço e descobriu que estava firme e forte, e quando olhou no rosto dela, viu os olhos tremendo embaixo das pálpebras.

Era possível que ela estivesse sonhando?

Ele decidiu naquele momento que não se arrependeria da decisão de entrar para buscá-la. Mesmo que nunca fizesse outro desenho, mesmo que todos os poderes do Sentinela sumissem para sempre, ele não se arrependeria, desde que ela estivesse bem.

Porque era o que qualquer herói teria feito.

— Nova?

Pareceu quase cruel acordá-la, considerando que Nova não dormia havia tanto tempo, mas alguma coisa lhe disse que ela entenderia.

Ele colocou a mão na bochecha dela de novo, que foi como percebeu que estava voltando a ter sensações nas pontas dos dedos, porque sentiu a maciez da pele dela, a promessa de calor embaixo da palma da mão.

Ele virou o rosto dela para ele.

— Por favor, acorda.

E ela acordou.

Não como uma princesa que estava dormindo por muito tempo, que poderia sair de um cochilo tranquilo se espreguiçando, arqueando graciosamente as costas, os olhos tremendo e grogues depois de um descanso tão satisfatório.

Não. Nova McLain se sentou de repente e gritou.

Seu olhar pousou em Adrian e, ainda gritando, ela se levantou e recuou até um canto. Sua respiração estava barulhenta, e a cabeça se moveu de um lado para outro, observando a pequena antecâmara.

— Onde... o quê... — Ela ofegou, o peito em espasmos a cada respiração.

— Está tudo bem — disse Adrian. De alguma forma, ver Nova de pé o fez perceber que seus membros também tinham recuperado a força, e ele se levantou. — Você está bem, Nova. Você só... pegou no sono.

— Não peguei, não — disse ela com desprezo. Mas então sua expressão passou de brutal e violenta a apavorada, e por um momento, Adrian pensou tê-la visto à beira das lágrimas. Mas ela se virou, escondeu o rosto contra a parede e apertou as mãos nos ouvidos. — De novo, não. Faça parar.

Adrian deu um passo para mais perto. A respiração entrecortada estava melhorando.

— Está tudo bem — disse ele, torcendo para que fosse verdade. Quando chegou perto o suficiente, Adrian colocou a mão nas costas dela, e como ela não se esquivou, pôs a outra no braço e a virou para si. — Você está no Quartel-General dos Renegados. Está em segurança.

Ela engoliu em seco. Embora a respiração estivesse irregular, ela havia parado de tremer quando tirou as mãos dos ouvidos. Mas ainda parecia atordoada.

— Max — disse ela. — Max caiu... Se machucou... Eu... — Nova hesitou, a voz ficou baixa e insegura. — Eu entrei pra tentar ajudar, mas aí... — Ela encarou Adrian. — Você falou que eu peguei no sono?

— Eu acho que sim.

— Não apaguei. Não desmaiei. Eu dormi. Foi o que você disse. Por que você disse isso?

Ele olhou além das janelas da antecâmara e viu dois membros da equipe médica saírem correndo dos elevadores, os dois de roupas civis e não com o uniforme de sempre.

Ele se virou e tirou um dos trajes de proteção de um gancho na parede.

— Nós chamamos Max de Bandido, certo? — disse ele, abrindo todo o zíper do traje. — É porque ele... ele rouba poderes. Quando chega perto de um prodígio, a pessoa começa a perder a habilidade. O poder simplesmente... some. Quanto mais perto se chega de Max, quanto mais tempo se passa na presença dele, maior é a probabilidade de... — Ele hesitou ao ver a percepção no rosto de Nova, junto com horror. — De esses efeitos serem permanentes.

Ele esticou um traje de proteção para ela, e Nova o pegou cegamente, o olhar desfocado.

— E eu apaguei — sussurrou ela. — Eu nunca apago.

Adrian pegou o segundo traje e começou a prepará-lo. Quando os dois curandeiros entraram na sala um segundo depois, ele já estava com os trajes deles prontos.

— A segurança disse... — declarou o primeiro, um homem cujo nome Adrian nunca tinha aprendido.

— Eu sei — concedeu Adrian. — Max precisa de ajuda. Acho que ele perdeu muito sangue.

— E vocês? Algum de vocês precisa de cuidados médicos?

— Não — disse Adrian. — Nós dois estamos passando pelos efeitos de termos entrado na sala da quarentena, mas... só isso. — Ele olhou para Nova. — Certo? Você não se machucou de outra forma?

Ela balançou a cabeça e não ofereceu resistência quando a mulher pegou o outro traje da mão dela e começou a enfiar as pernas dentro.

— Fiquem para trás — disse ela quando os dois colocaram os capacetes e as luvas.

Adrian tirou Nova da antecâmara. Eles ficaram na passarela, vendo os dois curandeiros abrirem caminho pela cidade de Max. O garoto estava sentado encostado na parede, muito pálido e com os olhos brilhando com lágrimas não derramadas enquanto os médicos começaram a desenrolar a mão para examinar o ferimento.

— O que aconteceu? — perguntou Adrian.

Nova pareceu demorar muito tempo para responder:

— Ele estava levitando.

Como ela não disse nada em seguida, ele voltou o olhar para ela, que estava olhando para a quarentena, mas ele não achava que Nova estivesse vendo Max, nem os médicos, nem a cidade de vidro. Os olhos dela pareciam desfocados e assombrados.

— Nova?

— Ele me viu olhando, e acho que levou um susto. Ele caiu e... — Ela engoliu em seco. — Acho que um dos prédios atravessou a mão dele.

Adrian fez uma careta.

— Foi quando eu corri, pra tentar ajudar. Eu não... eu não sabia. — Ela piscou e afastou os pensamentos que estivessem enevoando sua mente. — Quanto tempo eu fiquei lá?

— Não sei — disse Adrian. — Você estava inconsciente quando eu entrei.

Nova olhou para ele sem acreditar.

— Por que você *está* aqui?

Ele engoliu em seco e percebeu que ainda estava tocando nela, uma mão no braço e outra nas costas. Ela não tinha se afastado, mas agora que tinha novamente todas as sensações na mão, ele ficou extremamente ciente. O tecido macio do uniforme. O calor da pele dela pelo tecido. Ele se lembrou de quando pegou a mão dela no desfile, desenhou no pulso dela, e que agiu casualmente na ocasião. Tudo pareceu não ter importância, só uma gentileza a se fazer por uma estranha.

Mas agora a ideia de desenhar no pulso dela pareceu imperdoavelmente pessoal.

— Eu trouxe uns sanduíches — disse ele, e soube que pareceu ridículo quando baixou as mãos para as laterais do corpo. — Mas larguei o saco no saguão.

Nova franziu a testa e olhou pela lateral da passarela. Lá estava. O saco de papel caído, um sanduíche embrulhado e com um palito de dentes enfiado jogado no piso.

— Achei que você podia estar com fome — acrescentou Adrian, meio sem graça.

Nova ficou olhando em silêncio para o saco solitário pelo que pareceu uma eternidade, antes de finalmente se virar para ele. Sua expressão parecia mais clara.

— As pessoas não simplesmente perdem os poderes, não é? Ele os rouba. Ele os... *absorve*.

Adrian assentiu.

— Então por que você não foi afetado?

Ele oscilou junto à amurada.

— Eu fui. Estou.

A voz soou fraca quando ela disse:

— Nós não somos mais prodígios?

— Não sei — admitiu ele. — Nós não recebemos muitas cobaias dispostas a nos ajudar a descobrir exatamente o que a habilidade do Max faz, nem quanto tempo demora para se tornar... permanente. Mas sei que há pessoas que estiveram perto dele e não perderam o poder. Pelo menos se conseguem se afastar.

Nova firmou o maxilar e esticou a mão para Adrian, pousando-a com firmeza sobre a dele. Havia algo de determinado no olhar, beirando o desesperado. Ela esticou a mão até as costas. Seus dedos roçaram a lombar dele, e ele deu um pulo.

— Onde está sua caneta?

Adrian piscou para ela. *Caneta?*

Sentindo as bochechas ficarem quentes, ele mexeu no bolso escondido dentro do forro da manga esquerda. Tirou a caneta e tentou entregar para ela.

— Não pra *mim* — disse ela, mas segurou a mão dele para mantê-la imóvel enquanto tirava a tampa. — Desenha alguma coisa.

Ele a encarou ao entender o que ela queria. Embora o fato de Adrian ter ou não perdido o poder não fosse provar se *ela* havia perdido os dela, ele percebeu que era importante para Nova. E, para falar a verdade, Adrian também precisava saber. Mesmo estando com medo de os resultados não serem o que queria.

— O que você está esperando?

— Estou com medo — disse ele, e começou a rir quando falou, porque sabia que o que estava feito estava feito, e evitar a verdade não mudaria nada. Mas mesmo assim. Naquele momento, talvez naquele último momento, ele ainda era um super-herói.

Ele e Nova.

Mas Nova só soltou uma expiração irritada.

— Não seja bobão.

— *Bobão?*

— Desenha alguma coisa! — gritou ela, e a ansiedade dela ficou clara, e fosse por qual motivo fosse, Adrian viu que era a coisa a que ela estava se agarrando, talvez porque o poder dela não fosse algo tão fácil de testar. Ela voltaria a dormir? Dormiria como uma pessoa normal? Poderia levar horas ou até dias para ela ter certeza.

Adrian preparou a expressão, segurou a mão dela como tinha feito no desfile e a virou com a palma para cima. Ele começou a desenhar, sem pensar direito no que estava desenhando, só se permitindo rabiscar o que surgisse na mente.

E o que surgiu na mente dele foi um dinossauro. Um pequeno velociraptor, do tamanho do polegar dela.

Relativamente pequeno, mas surpreendentemente feroz.

Quando o desenho apressado terminou, ele olhou para o rosto da Nova, mas ela estava olhando para a criatura rabiscada na palma da mão dela.

— Ele é adorável — murmurou ela.

Ele engoliu em seco.

— Lá vamos nós — disse ele, passando a ponta do dedo sobre o desenho.

A criatura ganhou vida, pulou da pele de Nova e ficou de pé no centro da mão. Olhou com ansiedade em todas as direções, provavelmente procurando o lugar da presa.

— Ele é um dinossauro legal — disse Adrian, e só percebeu que estava sorrindo depois que falou. — Tenho certeza.

Os ombros de Nova relaxaram, e ela viu o animal correr pelo dedo anelar. Ele inclinou a cabeça e mordiscou a ponta do dedo, mas não pareceu machucar.

— Tudo bem — sussurrou ela. E de novo. — Tudo bem. Com você está tudo bem. Comigo também deve estar tudo bem.

Adrian não sabia o que dizer. Ele ainda não sabia por quanto tempo ela tinha ficado lá dentro.

O dinossauro pulou da mão de Nova na amurada e correu na direção da escada. Adrian se perguntou o quanto o olfato dele era apurado e se talvez ele já não teria detectado os sanduíches caídos no chão.

— Adrian?

Ele olhou para ela.

— De onde ele tirou a telecinese?

— Telecinese?

— Max. Ele estava levitando. Ele estava... ele é poderoso.

Adrian a encarou.

— Max? Poderoso?

— Ele colocou uns sessenta prédios pairando no ar além dele mesmo. Você sabe como isso é raro?

— Eu... sei — disse ele, ainda com a testa franzida. — Mas Max não... Ele só... — Adrian parou de falar. Só tinha visto Max erguer uma coisa de cada vez com os pensamentos, e normalmente não muito bem. — Você tem certeza?

Nova olhou para ele com frustração.

— Tenho.

Seus ombros murcharam. Estava claro pela expressão de Nova que ela sabia exatamente o que havia visto, e ele não tinha motivo para duvidar dela.

Além do mais, ele sabia exatamente de onde aquele poder tinha vindo.

Mas o que não conseguia entender era por que Max esconderia dele.

— Adrian? — disse ela de novo, com mais insistência desta vez.

Ele engoliu em seco.

— Ace Anarquia — respondeu ele. — Ele roubou esse poder do Ace Anarquia.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



NOVA ESTAVA PRESA NUMA cama na ala médica havia nove horas e não parecia nem um pouco feliz com isso. Não tinha dormido nada, mas os curandeiros achavam que era importante mantê-la lá por pelo menos vinte e quatro horas e, idealmente, por até setenta e duas horas, para que eles observassem que tipo de sintomas ela poderia sofrer depois de exposta a Max.

Quando disseram isso, ela riu. Setenta e duas horas? Presa ali, numa *cama*? Sem dormir? Sem nada para a distrair além de uma pilha de *Gazetas de Gatlon* e uma tela de televisão que parecia só transmitir o noticiário, um bombardeio constante de negatividade sobre como os Renegados lidaram com a situação da biblioteca? Quando não podiam nem dar a ela um dos quartos particulares?

Nova achava que não.

Ela insistiu que estava se sentindo bem, mas ficavam dizendo que Nova não tinha como saber ainda se seus poderes haviam sido afetados ou não. Mesmo se sentindo energizada e desperta agora, poderia ser resultado da adrenalina e do relógio biológico do corpo se ajustando. A maioria das pessoas se sentia perfeitamente bem a uma da tarde, e a maioria das pessoas conseguia se forçar a ficar acordada por dias seguidos antes de o corpo forçá-las a ter o descanso necessário. Era cedo demais para saber se Nova ainda era um prodígio.

Embora entendesse essa lógica, isso não diminuiu sua frustração. Se ela pudesse sair, levaria só uns cinco minutos para subir em um ônibus, encontrar um passageiro distraído e usar sua habilidade real para fazê-lo dormir. Assim ela teria certeza se

seus poderes estavam funcionando. Seria infinitamente mais eficiente do que ficar presa ali sem fazer nada.

Além disso, Adrian não precisou ficar na ala médica. Eles disseram que era porque ele já tinha demonstrado que seu dom estava intacto, mas Nova desconfiava que não seguiram as regras tão rigidamente com ele porque ele era, bom, Adrian *Everhart*.

Nova estava resmungando e olhando as manchetes de jornal de novo para o caso de haver alguma que ela pudesse ter pulado antes, mas que pudesse ter ficado interessante agora com o tédio quando uma batida chamou sua atenção.

Monarca estava no pé da cama dela, o punho ainda erguido na moldura de metal que sustentava as cortinas.

— Oi — disse ela com um sorrisinho inseguro. — Eu soube do que aconteceu ontem. Pensei em trazer umas coisinhas. — Ela mostrou um saco de papel.

Nova ficou olhando para ela, boquiaberta. Por muito tempo. Mais tempo do que devia ser educado. Parecia uma armadilha. Até o momento, a única interação das duas foi no salão de treino, e ela saiu de lá sem saber se Danna gostava e confiava nela.

Finalmente, obrigou-se a se sentar e se encostar nos travesseiros. Ela olhou para o saco com cautela.

— Obrigada, eu acho?

Danna começou a rir e chegou mais perto, colocando o saco no colchão, junto às pernas de Nova.

— A comida aqui não é horrível, mas também não é ótima. Ruby me manteve bem abastecida quando eu estava em recuperação, então pensei em passar adiante. — Ela remexeu no saco e tirou algumas coisas para mostrar para Nova. — Eu não sabia se você preferia doces, salgados ou nenhum dos dois, então trouxe vários. Tem pretzels, tem chocolate, tem chips de frutas desidratadas se você curtir essas coisas. E o mais importante: material de leitura. Porque há um limite para o quanto se pode ler a *Gazeta* sem ficar amarga e sem esperanças. — Ela enfiou a mão no fundo do saco e tirou quatro livros, cada um com a capa curvada e a lombada marcada, parecendo bastante manuseados ao longo do tempo. — Um suspense, um romance, um de não ficção — ela mostrou o livro de não ficção, com um grande navio de guerra na capa — para o caso de você gostar de história. Esse era do meu pai. Sinceramente, não sei se

é bom. E, por fim, meu favorito. — O último livro mostrava uma mulher de armadura montada num dragão. — Não julgue a imagem brega. A história é genial.

Ela empilhou os livros na bandeja ao lado da cama.

— Obrigada — disse Nova de novo, sem saber direito como lidar com essa demonstração aleatória de gentileza. — Você já está totalmente curada agora?

Danna olhou para baixo e passou a mão na lateral do corpo. Embaixo do uniforme, Nova viu um volume em cima das costelas, onde ainda devia haver um curativo em cima da queimadura.

— Quase — disse Danna, jogando os dreadlocks para trás. — Dizem que vou poder voltar para a rua em alguns dias. Só mais algumas sessões com os curandeiros e devo poder voltar a... bom, não cem por cento, mas o melhor possível.

— Por que não cem por cento? — perguntou Nova. — Todo mundo fala dos curandeiros aqui como se eles fossem milagreiros.

— Bom, eles são... até certo ponto. Ter um médico com habilidades de cura sobrenaturais ainda é melhor do que... sei lá, botar bolsas de gelo e óleo de calêndula, ou seja qual for a coisa antiquada que usam para tratar queimaduras. Mas eles não podem trazer de volta os lepidópteros que foram incinerados, e, como resultado, sempre vou ter um tecido cicatricial áspero aqui.

Nova ergueu uma sobrancelha.

— Você as chama de *lepidópteros*?

Sorrindo, Danna deu de ombros, só um pouco envergonhada.

— Às vezes, tenho medo de que chamar de borboletas o tempo todo acabe minimizando o quanto a capacidade é incrível. É como dizer ei, eu posso me transformar em arco-íris e margaridas! Legal, né?

Os cantos dos lábios de Nova se curvaram para cima, e Danna pareceu interpretar como sinal de que não haveria problema ela se sentar na cadeira do visitante.

— Mas prefiro assim. Faz as pessoas te subestimarem, né? E isso é uma vantagem automática. Você deve saber como é isso. Quer dizer... obviamente, ninguém achou que você venceria o Gárgula, o que torna a vitória muito mais satisfatória.

Nova soltou o jornal no chão e subiu ainda mais na cama.

— Você usa seu dom pra coisas além das missões dos Renegados?

— Ah, o tempo todo. — O sorriso da Danna ficou malicioso. — Quando era criança, eu sempre entrava escondida no cinema. Até hoje eu nunca paguei um ingresso. — Ela fez uma careta leve e se inclinou para a frente. — Não conta pra ninguém, tá? Isso está fora do nosso *código*.

— Seu segredo está seguro. Mas e... — Nova olhou ao redor, embora pudesse ver pouco da ala médica fora das cortinas fechadas — por aqui? Tem tanta coisa acontecendo, tantas coisas que os Renegados estão tentando construir e inventar e... pesquisar. Aposto que estão inventando coisas na P e D que fariam o Sentinela parecer brincadeira de criança. Você não tem curiosidade sobre isso?

Danna gemeu.

— Nem me fala do Sentinela. Se eu encontrar aquele cara de novo, vou mostrar onde ele pode enfiar aquele fogo.

Nova deu um sorrisinho.

— Sei como é.

Danna cruzou as pernas embaixo do corpo o máximo que conseguiu na cadeira pequena, os joelhos se projetando acima dos braços.

— Eu nunca entrei no P e D e nem nos laboratórios de quarentena. Eles são sérios quando o assunto é manter confidencialidade, e nem eu estou disposta a arriscar a fúria deles. Mas — ela se inclinou para a frente de forma conspiratória —, quando cheguei aqui, eu xeretava pelos dutos de ventilação no armazém de artefatos. Se você tiver a chance de entrar lá, é incrível. É tipo um catálogo de todas as armas incríveis de prodígios de que você já ouviu falar. Tem o chicote do Ultrassônico, o escudo do Magnetron e o tridente do... bom, do Tridente.

— E você nunca foi pega? — perguntou Nova, surpresa (e até um pouco esperançosa) de pensar que a segurança de objetos tão poderosos podia ser falha.

— Eu nunca assumi minha forma — disse Danna. — Quer dizer, fiquei em modo bando o tempo todo, e enquanto elas ficam espalhadas, é fácil um grupo de borboletas passar despercebido. E tem muitos lugares para se esconder lá. Mas, na verdade, os melhores artefatos nem ficam no armazém. Muita gente não sabe, mas tem uma pequena coleção lá em cima, do lado de fora das salas do Conselho. Em teoria, qualquer um pode ir lá olhar, mas, sem horário marcado, não são muitas as pessoas que se aventuram por lá.

— O que tem lá? — perguntou Nova.

Antes que Danna pudesse responder, Genissa Clark, a Geladura, apareceu na cortina. Ela deu uma olhada em Nova e soltou uma gargalhada.

— Grandes poderes, achei que estavam brincando — disse ela, colocando a mão no quadril. — Ninguém pode ser tão burro de entrar na sala de quarentena. Você sabe o que a palavra *quarentena* quer dizer, não sabe, Srta. McLain?

Nova se encostou nos travesseiros e cruzou os pés nos calcanhares.

— Você tem razão, foi burrice. Obviamente, quando um super-herói vê um garoto de dez anos sofrer uma perfuração de vidro na mão, a reação correta é ficar esperando aparecer outra pessoa pra resolver. — Ela abriu um sorriso falso e encorajador na cara. — Viva, Renegados!

— Na verdade — disse Genissa com um suspiro arrogante —, a reação correta seria chamar alguém que soubesse o que estaria fazendo. Assim, quando os especialistas chegassem, eles não precisariam lidar com *dois* corpos inconscientes.

— Tive uma ideia — disse Danna. — Que tal você enfiar um furador de gelo em você mesma e Nova e eu ficarmos conversando trivialidades enquanto esperamos os curandeiros chegarem.

— Caso vocês duas tenham esquecido — disse Genissa, erguendo uma sobrancelha —, Nova não fez nada que ajudasse Max. Então, se quiser continuar achando que foi um ato heroico, por favor, pode acariciar esse ego. Mas a única coisa que você fez realmente foi botar suas habilidades em risco e fazer papel de trouxa. — A voz dela ficou cantarolada. — Mas, pra sua sorte, sempre podemos usar mais alguns drones de inserção de dados. Foi isso que mandaram você fazer, não foi. Você sabe como chamam um Renegado sem superpoderes, né?

Nova fingiu pensar.

— Alguém que ainda venceria sua pedra de estimação nos testes?

Danna riu.

— Fofa — disse Genissa, inabalada. — Mas a resposta correta é *administrador*. Sei que não é a posição empolgante de Renegada com a qual você sempre sonhou, mas considerando que não dormir continua não sendo um superpoder de verdade acho que você teve uma boa oportunidade enquanto durou. — Ela piscou e saiu andando.

— Manda um oi para o Gárgula! — gritou Nova atrás dela.

O maxilar da Genissa tremeu, mas ela não respondeu quando fechou a cortina ao passar.

— Encantadora — murmurou Danna com expressão de desprezo. — Se bem que ela disse uma coisa interessante. — Ela apoiou o cotovelo no braço da cadeira e aninhou o queixo. — Você é uma das poucas Renegadas cuja habilidade como parte de uma unidade de patrulha não necessariamente sofreria impacto se você perdesse o poder. — Ela deu de ombros. — Por que não deixariam você ficar na equipe? Aposto que pode desenvolver um bom argumento sobre isso.

— Espero que sim — disse Nova. Ela indicou a cortina. — Seja sincera. Ela é a pior, ela e a equipe dela, ou tem grupos de Renegados que são bem menos nobres do que todo mundo gosta de pensar?

— Ah, claro que há unidades de patrulha que parecem estar numa síndrome de pequeno poder permanente, mas Genissa Clark é a pior. A maioria das pessoas aqui é bem legal. Se bem que, entre nós duas, tem uma pessoa que eu tento evitar a todo custo. — Danna se inclinou para a frente e baixou a voz, e Nova também acabou se inclinando na direção dela. — A Pássaro do Trovão.

Nova piscou.

— Sêrio? Um membro do Conselho?

— Argh, ela é a pior. — Danna cobriu o rosto com as mãos, como se para se esconder. — Penso que ela não tem intenção de ser assustadora, mas acho a mulher apavorante. Ela é tão séria, e todas as vezes que está por perto parece que ela está procurando um motivo pra me expulsar do quartel-general. Não sei o que é, mas juro que ela me odeia.

— Ela parece... — Nova parou para pensar, sem conseguir encontrar a palavra, até que escolheu uma. — Crítica.

— Crítica, apavorante, dá no mesmo. — Danna retorceu o rosto e pareceu momentaneamente constrangida. — Se bem que, pra ser bem sincera, pode ter a ver com meu medo inerente de pássaros.

Nova ergueu as sobrancelhas.

— De pássaros?

Danna fingiu tremer.

— Desde que eu era criança. Você sabe qual é um dos maiores predadores das borboletas, né?

Nova riu.

— É, faz sentido. — Ela ponderou por um momento. — Você sabia que há mais de quarenta espécies de aves aquáticas nesta região?

Danna olhou para ela com incredulidade.

— É sério? Por que você me diria isso? Está tentando me fazer ter pesadelos sobre ser engolida por um bando de gaivotas?

— Pelos céus, não — disse Nova enfaticamente. — Você devia ter pesadelo com o albatroz-real. A envergadura dele pode chegar a mais de três metros.

Danna a olhou com frieza.

— Estou começando a me arrepender de ter vindo aqui.

— Informações demais? — perguntou Nova, fingindo uma expressão encabulada.

— Tudo bem — disse Danna, ainda de cara feia. — Sua vez, Srta. Vou Lutar Com o Gárgula. Você tem alguma fobia ou sempre fica calma perante o medo como ficou nos testes?

Alguma fobia?

Nova não pôde deixar de apertar os lábios.

— Só uma. Eu só tenho uma fobia.

Que, na verdade, é ele e carrega uma foice e é mil vezes mais assustador do que Tamaya Rae.

— Pode falar — disse Danna. — Eu contei a minha.

Nova balançou a cabeça.

— Eu não pedi revelação total, e esse segredo eu vou guardar.

Danna bufou, mas Nova percebeu outra pessoa passando pela cortina, um curandeiro olhando uma prancheta ao passar. Ela suspirou. Foram horas curiosas desde que tinham ido dar uma olhada nela. Claramente, não estavam tão preocupados quanto fingiam estar.

— Então Adrian estava trazendo uns sanduíches, é?

Ela levou um susto.

— O quê?

Danna olhou para ela com malícia.

— Às três da madrugada. É... *legal*. — Ela arrastou a palavra, dando a entender sem muita sutileza que foi um ato muito mais do que legal.

— Ah. É. — Nova deu de ombros. — Mas nós nem chegamos a comer.

— O que vale é a intenção. E não atrapalha em nada ele ter entrado em uma situação altamente volátil pra salvar você...

Nova franziu a testa.

— É. Ele é um cara legal. Acho que isso já ficou bem claro.

Danna cruzou os dedos sobre a barriga.

— Ele é mesmo. Ninguém pode discordar disso. Mas, sabe, em todo o tempo que estamos na mesma equipe, ele nunca trouxe sanduíches pra *mim*.

Nova limpou a garganta e pegou o livro do alto da pilha ao lado e começou a folheá-lo.

— Ele só estava sendo legal. Está se esforçando muito pra me fazer sentir parte daqui.

Isso era verdade, pensou ela, embora também soubesse que não explicava o calor que estava subindo ao seu rosto. Nem por que as insinuações de Danna faziam seu estômago tremer ao mesmo tempo que o maxilar se contraía.

A questão era que quando Adrian estava perto, Nova tinha cada vez mais dificuldades de manter os olhos procurando saídas e recursos, ou os sentidos sintonizados para ameaças em potencial, quando tudo que Nova realmente desejava era olhar para ele. Ela queria saber como Adrian conseguia alcançar aquele equilíbrio entre seguro e humilde. Relaxado e concentrado.

Quando ele estava desenhando, ela só tinha vontade de olhar os movimentos rápidos e ágeis das mãos dele. Quando sorria, ela se via prendendo a respiração para ver se o sorriso se alargaria o suficiente para exibir as elusivas covinhas. Quando estava olhando para ela, se sentia obrigada a olhar para ele. E também, illogicamente, a olhar para longe.

Tudo junto a deixava irritada demais com a presença dele.

Era atração, pura e simples. Eram hormônios. Era... biologia.

E não era parte do plano dela.

— Sabe — disse Danna —, acho que Adrian nunca teve uma namorada. Pelo menos, nada sério. Não desde que o conheço.

Só quando esse comentário gerou uma nova onda de irritação foi que Nova percebeu o quanto, no breve intervalo da visita de Danna, ela quase tinha começado a gostar dela.

Não mais.

De repente, teve uma ideia.

Nova apertou os olhos, se inclinou para a frente e examinou o rosto de Danna.

— Você está se sentindo bem?

Danna enrijeceu.

— Estou. Por quê?

Nova dobrou o dedo e a chamou para mais perto.

— Pode ser só a temperatura aqui, mas você parece meio febril. — Ela esticou a mão e encostou na testa de Danna. — Talvez devesse descansar mais um pouco.

Seu poder fluiu com a mesma facilidade e naturalidade de sempre.

Danna fechou os olhos. Ela pendeu para a frente e caiu com a cara no cobertor.

Nova se encostou com um suspiro, o olhar virado para o teto.

Prova, finalmente.

Seu poder estava ótimo.

E cada momento passado ali era um desperdício de tempo.

Nova desceu da cama.

— Enfermeira!

Um momento depois, a enfermeira que tinha levado seu almoço abriu a cortina e ficou surpresa quando viu Nova levantando Danna da cadeira e a colocando no colchão.

— Não sei o que aconteceu. Ela parecia ótima num minuto, mas, de repente, ficou pálida e desmaiou. Acho que é bom chamar um curandeiro. Talvez ela tenha se exaurido demais muito cedo.

A enfermeira, perplexa, correu para alertar um dos curandeiros.

Quando voltou, Nova estava vestida de novo e quase terminando de calçar as botas.

— E aonde você acha que vai? — perguntou a enfermeira enquanto sentia o pulso de Danna.

— Pra casa — disse Nova.

A enfermeira soltou uma gargalhada.

— De jeito nenhum, mocinha. Nós vamos preparar um quarto novo pra você em um minuto, mas precisamos que fique quieta.

Nova olhou para ela de cara feia.

— Por quê?

— Porque sim! — disse a enfermeira, como se essa fosse uma explicação viável. — Nós temos que ficar de olho em você depois...

— Depois de quê? Depois do meu superpoder quase ser sugado de mim por um garoto de dez anos?

A enfermeira suspirou.

— Não é muita gente que entra em contato com o jovem Sr. Everhart. Nós temos que ser cautelosos.

— Bom — disse Nova, fechando as fivelas das botas —, se eu morrer, pode deixar que aviso. Até lá, tenho coisas pra resolver. E — ela indicou Danna — parece que vocês também.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



— **T**UDO BEM, AQUI ESTÁ a torre nova do hospital — disse Adrian, empurrando a construção para a sala de Max. — O que mais se quebrou?

— Só os apartamentos onde você caiu — disse Max, apontando para a saída.

— Certo — disse Adrian, começando a desenhar. Dentro da quarentena, Max carregou a torre nova até o prédio do hospital. Ele a colocou sobre o cotoco quebrado, trabalhando só com uma das mãos, pois a direita estava com uma atadura grossa. Adrian viu Max usar o antebraço para segurar a torre enquanto passava a mão esquerda sobre a parte quebrada. Lentamente, o vidro começou a derreter e se juntar, unindo as duas partes de um jeito que não era perfeito (uma rachadura ainda ficou visível no local da junção das duas partes), mas pareceu bem sólido.

Adrian engoliu em seco. Ele tinha visto Max usar aquele dom várias vezes, provavelmente mais do que qualquer outro poder que tivesse absorvido. Fazia-o pensar no que Nova tinha visto: Max usando a telecinese para sustentar dezenas de prédios de vidro no ar ao mesmo tempo. Na verdade, aquela imagem mental não o abandonou desde que Nova lhe contou. Ele ficou tentando a manhã inteira encontrar um jeito de perguntar a Max, mas ainda não tinha achado um que não parecesse uma acusação.

Em vez de fazer a pergunta que realmente queria fazer, ele disse:

— Como está a mão?

— Podia estar pior. — Max olhou para a palma da mão coberta pelo curativo. — Tiveram que cauterizar a artéria. Era de lá que o sangue todo estava vindo. Mas a

torre passou bem aqui. — Ele levantou a mão esquerda para mostrar a Adrian. — Nessa parte carnuda entre o polegar e o indicador. Então não acertou nenhum osso e nenhum tendão. — Ele deu de ombros. — Acho que teria doído bem mais se o ferimento tivesse sido mais central. E já doeu bastante, na verdade.

— Com sorte, você vai ficar com uma cicatriz épica pra mostrar depois.

Um sorriso fugaz passou pelo rosto de Max. Ele deu um passo para trás para inspecionar o hospital e voltou até Adrian. Sentou-se na beirada da baía enquanto Adrian desenhava o prédio quebrado.

— Ei, Adrian? — disse ele, botando a mão no colo e mexendo no esparadrapo.

Adrian olhou para ele, hesitante na mesma hora. Não era comum que ele ouvisse Max parecendo preocupado.

— O que foi?

Max se sentou mais ereto, mas não encarou Adrian.

— Eu tenho o poder do Ace Anarquia.

Adrian ficou olhando para ele, esperando que dissesse alguma outra coisa, mas essa pareceu ser toda a confissão.

— É — respondeu ele. — Eu sei.

Max se mexeu de leve e limpou a garganta.

— Você acha... — Ele parou de falar.

— Eu acho o quê?

— Você acha que eu posso ser mau?

Adrian levantou as sobrancelhas. Ele se inclinou para trás e afastou a ponta da caneta do desenho inacabado.

— Ou... — continuou Max — que tenho algum poder maléfico em mim?

Adrian esperou que Max olhasse para ele, mas o garoto manteve o olhar grudado no chão.

— Não acho, não.

A boca de Max se contraiu para o lado, ainda não convencido.

— Eu sabia que você ia dizer isso.

— Porque é verdade — disse Adrian com uma gargalhada. — É por isso que você finge que não faz direito? É por isso que escondeu como sua habilidade é forte durante todos esses anos?

Max olhou para a frente, o rosto carregado de arrependimento. Ele não respondeu, mas Adrian viu a verdade no rosto dele.

Suspirando, Adrian fechou a caneta.

— Pra começar, a maior parte das coisas horríveis que o Ace Anarquia fez foi só porque ele tinha o elmo. Quando tiraram o elmo, ele ficou... Para um telecinético, ele até continuou bem forte e tudo, mas não como antes. E, mais importante do que isso, o que nós fazemos, o que qualquer um de nós faz, é só uma série de escolhas, certo? Pegue... os elementais do fogo. Cada elemental do fogo tem uma escolha. Eles podem botar fogo em prédios ou esquentar marshmallows.

Ele queria ser engraçado, mas Max franziu a testa, não parecendo nem um pouco impressionado com a tentativa de Adrian de ser esperto.

— Se você tivesse o poder de fazer tudo que o Ace Anarquia fazia, você teria feito escolhas diferentes. Você construiria coisas, não derrubaria. — Ele indicou a cidade de vidro. — Olha só.

Isso finalmente levou um sorriso aos lábios de Max.

— Falando em construir coisas — disse Max, o olhar brilhando —, eu descobri uma coisa hoje de manhã. Quer ver?

Sem esperar resposta, ele se levantou e foi até seus aposentos para voltar um momento depois com uma caneta fina vermelha.

Ele se agachou na frente da parede e começou a desenhar no vidro. Em pouco tempo, terminou um desenho rudimentar de um carro. Quando acabou, fechou a caneta e encostou o indicador no centro do desenho e empurrou.

Adrian já estava sorrindo na hora que o carro saiu da parede e caiu na mão dele. Era do tamanho de sua palma. Um pouco torto. As rodas não giravam. Também não tinha a mesma sensação de solidez dos objetos de vidro dele, mas sim uma suavidade inerente ao material. Uma certa maleabilidade. Como vidro prestes a derreter.

Fora isso tudo, era real.

— Ora, seu bandidinho — disse ele. — Você roubou o meu poder.

Max grunhiu. Ele estava olhando para o carro com reprovação óbvia.

— Não sou um artista muito bom. E tem alguma coisa errada com todas as coisas que fiz até agora. Meus objetos não são tão estáveis quanto os seus. Eu fiz algumas coisas em papel primeiro, e elas desmoronam como lenço de papel assim que as puxo para fora.

Adrian virou o carro, segurando-o pelo capô, e o objeto todo caiu no chão e se dobrou ao meio.

– Ah! Desculpa.

Max deu de ombros.

– Você não ficou muito tempo aqui, então não peguei muito do seu poder. E isso é bom. Se tivesse pegado tudo, eu teria que fazer os novos prédios da cidade, e eles não ficariam muito bons.

– Talvez no começo, mas eu poderia te dar aulas de desenho. – Adrian tentou desamassar o carro, mas estava perdendo a forma rapidamente. Já ficava com a consistência de massa de pão sobre a palma da mão dele. Ele desistiu e colocou a bolha transparente no chão. – Você sabe o quanto tirou de Nova?

Max balançou a cabeça.

– Ela ficou aqui mais tempo que você, mas... não foi *tanto* tempo. Você apareceu quando estava acontecendo. Mas acho que vamos descobrir. – Ele franziu mais a testa. – Queria que tivesse um jeito de desligar isso. Eu não quero o poder dela. A última coisa de que preciso são mais oito horas de tédio todos os dias.

Assentindo em solidariedade, Adrian desenhou sua versão do carro de Max no vidro e o empurrou. Em vez de pegar, Max só fez cara feia.

– Exibido.

– Não consigo evitar.

A postura de Max mudou de repente. A coluna enrijeceu, a cara feia ficou mais pensativa, mas também hesitante.

– Adrian?

O jeito como ele falou fez Adrian ficar tenso também.

– O quê?

– Quando você estava aqui... depois que pegou Nova... – Seus olhos se apertaram, e ele não estava olhando para Adrian, mas olhando cegamente para o carro de vidro. – Você *voou*.

A pulsação de Adrian acelerou. As palavras pairaram entre eles, sólidas como a parede que os separava, por tempo demais até Adrian forçar uma risadinha.

– Acho que você estava vendo coisas. Foi toda aquela perda de sangue, talvez.

As bochechas de Max ficaram vermelhas, e quando ele ergueu o olhar, estavam brilhando de raiva.

— Eu não sou burro.

Adrian engoliu em seco.

— Eu não quis dizer...

— Tudo bem, pode não ter sido um voo de verdade, mas também não foi normal o que você fez. Você pulou — ele olhou para trás, medindo a cidade com os olhos — pelo menos quatro metros, e nem estava correndo nem nada na hora. Você simplesmente subiu.

Adrian ficou olhando para ele, a mente procurando uma explicação, mas nada surgiu. O silêncio parecia impenetrável, e Adrian queria rompê-lo, mas não tinha o que dizer.

Finalmente, Max se sentou nos calcanhares.

— Sabe, eu vi vídeos de outro prodígio que também pode pular daquele jeito.

Adrian apertou bem os lábios, como se a confissão pudesse surgir sozinha. Ele já estava em dúvida se seria tão ruim contar a verdade a Max. Ele era de confiança para ouvir o segredo, não era? Claramente, ele já havia descoberto, ou ao menos tinha um *palpite*, então que mal haveria em admitir?

Mas ele hesitou. Porque, por mais que amasse Max, também sabia que Max amava o Capitão Cromo, e Adrian não tinha como ter certeza de a quem ele era mais leal, e ainda não estava pronto para seus pais saberem que ele era o Sentinela. A expressão deles quando chegaram ao quartel-general naquela noite, depois de ouvirem sobre o que aconteceu na quarentena, ficou marcada na memória. Medo e pânico, alívio junto com preocupação. Não só pelo que tinha acontecido, mas mais pelo que poderia ter acontecido. Adrian sabia que não era só o medo de que ele poderia ter perdido os poderes, o que seria difícil de aceitar no começo, mas não teria sido o fim do mundo. Mas também era o fato de que ele quase tinha morrido na biblioteca que os abalou mais. Talvez os nervos deles também estivessem abalados pela proximidade que o Capitão chegou da morte no desfile, mesmo nenhum dos dois admitindo como foi perto.

Ser um Renegado era perigoso. Sempre foi perigoso, e alguns super-heróis tentavam se convencer do contrário. Era só um fato da vida que eles tinham escolhido... ou que os tinha escolhido.

Mas caso seus pais descobrissem que Adrian também era o Sentinela... que tinha enfrentado a Pesadela no desfile, visitado os Anarquistas nos túneis, enfrentado a

Detonadora na biblioteca e entrado no fogo... a ansiedade deles dispararia. Ele não precisava fazê-los passar por isso.

Pelo menos foi o que ele disse a si mesmo. Era por eles. Estava guardando o segredo para o bem-estar deles, para protegê-los das próprias preocupações.

Mas também sabia que era uma decisão egoísta. Ele não estava pronto para aposentar o manto do Sentinela, e sabia que eles pediriam isso.

O que ele não sabia era se eles ouviriam o pedido. Agora, parecia mais fácil ficar quieto.

— Tá, tudo bem — disse Max quando ficou claro que Adrian não ia admitir as suposições dele. — Não precisa responder. Eu sei o que vi.

Adrian afastou o olhar, os ombros pesados de culpa. Ele desejou poder explicar para Max que não era pessoal. Que ele não estava pronto para contar para *ninguém*.

Ele só disse:

— É complicado.

Max riu.

— É, e eu não sei nada sobre isso.

Adrian fez uma careta.

— Mas uma coisa me ocorreu — disse Max, batendo com a caneta na mão. — Esse cara chamado Sentinela... você talvez já tenha ouvido falar nele. Sentinela? Ele tem aparecido nos noticiários.

Adrian olhou para ele com ironia.

— Parece familiar.

— Então, até onde sei, esse cara que chamam de Sentinela e eu podemos ser os únicos prodígios vivos que podem alegar ter mais de um superpoder. Pelo menos, nós dois temos superpoderes múltiplos e não relacionados. Não como a Tsunami, que pode criar água do nada e também manipular água existente. Mas ele pode fazer fogo e aquela coisa de pular, e agora estão dizendo que ele tem um raio de energia. Enquanto eu tenho — ele bateu com a caneta em cada ponta do dedo enquanto contava — telecinese, manipulação de metal, fusão de matéria, uma certa invisibilidade, hã... — Ele ponderou. — Absorção, obviamente, e agora isso aí que você faz. Como você chama mesmo?

Adrian estava sorrindo de novo. Ele sabia que Max tentava atravessar a separação provocada pelo segredo de Adrian e sua indisposição de falar sobre o assunto. Parecia

um meio-termo, e ele ficou agradecido.

— Eu só chamo de desenho — disse ele. — Mas acho que está listado como “gênese artística”, no meu perfil.

— Gênese artística. Legal. É uma lista boa, não é?

— É uma lista incrível.

Na verdade, era mais impressionante do que Adrian sabia. Ele raramente via Max usar alguma das habilidades que tinha absorvido de prodígios, a maioria quando era criança. A telecinese do Ace Anarquia, a manipulação de metal e fusão de matéria dos pais, um pouco de invisibilidade tirada do Guardião Terror antes de eles perceberem que era isso que ele fazia. Agora, claro, o poder de Adrian, e talvez até um pouco do de Nova. Podia não ser poderoso em todas aquelas habilidades, como demonstrado pelo carro que agora tinha virado uma pilha mole perto do tornozelo do Adrian, mas era bem poderoso. Na verdade, se não estivesse dentro daquela quarentena o tempo todo, ele seria um super-herói incrível.

Adrian abriu a boca, pronto para dizer exatamente isso, quando Max falou de repente:

— O Sentinela pode dar a si mesmo *qualquer* poder?

Adrian piscou.

— Não diga que não sabe — continuou Max apressadamente —, só... finja que está dando um palpite, sei lá. É assim que funciona, não é? Você, de alguma forma... quer dizer, ele está desenhando os poderes pra virarem realidade? Ou... você... o Sentinela na verdade tem mímica de poder e a gênese artística não é o poder original?

Adrian fechou os olhos e massageou a testa.

— Eu não... — Ele fez uma pausa e deu um suspiro fundo. — Tudo bem, se eu tivesse que dar um *palpite*... — Voltou o olhar para Max, o observou com atenção, torcendo para transmitir a ideia de que, se alguém perguntasse algum dia sobre aquilo, era só um palpite. — Ele ainda está descobrindo quantos poderes pode dar a si mesmo e a extensão de suas habilidades. Ele... está inventando conforme vai usando as coisas.

— Imaginei — disse Max em um tom que deixou Adrian nervoso. — Mas você acha... ele já tentou invencibilidade?

— Invencibilidade?

— Você sabe. Tipo o Capitão.

Adrian se inclinou para trás e se apoiou nas mãos. Ele nunca tinha pensado muito em replicar os poderes dos pais, nem de ninguém do Conselho. Talvez fosse parecido demais com atravessar um limite proibido. Ele nunca poderia se tornar o Capitão Cromo ou o Guardião Terror, nunca poderia substituí-los; e o objetivo não era esse. Mas imbuir-se das habilidades deles, principalmente da invencibilidade ou da superforça do Capitão, pareceria quase desrespeitoso a tudo que o Capitão Cromo era, tudo que o mundo admirava.

Mas, ao mesmo tempo, ele sabia exatamente por que Max tinha perguntado sobre *esse* poder, dentre todos os superpoderes do mundo.

Por causa da invencibilidade, Hugh Everhart era o único prodígio que podia chegar perto de Max. E apesar de Max se sair bem em esconder a solidão, e de Adrian tentar não pensar muito nisso, naquele momento ficou claro o quanto ele devia desejar interações que não fossem separadas por uma parede de vidro ou um traje forrado de cromo.

— Não sei — disse ele por fim, lentamente. — Sinceramente, não sei.

Max assentiu em compreensão, e Adrian percebeu que ele não tinha ficado com raiva da resposta. Era a verdade. Adrian não sabia se poderia conceder invencibilidade a si mesmo, em algum nível, e certamente não no nível do pai. Max devia ter reconhecido a sinceridade nas palavras.

Mas a mente de Adrian já estava em disparada. Considerando. *Imaginando...*

— Você deveria ir dar uma olhada em Nova.

Adrian levou um susto.

— O quê?

— Aposto que ela ainda está assustada. Pareceu que ela gostava muito de ficar acordada o tempo todo.

— Não sei se *gostava* é a palavra certa... — disse Adrian, tentando lembrar as palavras exatas dela quando eles conversaram sobre como ela passa o tempo. — Mas acho que ela tem orgulho do que conseguiu por causa disso. Ela não só lê quadrinhos e desenha, como eu provavelmente faria. Em vez disso, ela se transformou em Renegada.

— Exatamente — disse Max —, e eu posso ter tirado isso dela.

Adrian se levantou, balançando a cabeça.

— Nunca. Ela é uma de nós agora, quer ela goste ou não.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



OS ESCRITÓRIOS DO CONSELHO não foram incluídos na visita inicial ao Quartel-General dos Renegados no primeiro dia de Nova, mas ela estava ciente da existência deles. O número do andar ficava na lista do saguão, e Nova tinha a intenção de dar uma olhada, mas nenhum motivo para isso. Não havia nada que pudesse usar como explicação, pelo menos, para o caso de alguém perguntar o que ela estava fazendo.

Mas, quando saiu do elevador, ela percebeu que não precisava ter se preocupado. Quando chegou, o andar pareceu estar deserto. Pelo menos, a mesa da recepção central estava desocupada, e Nova não ouviu sinais de atividade vindos da porta aberta atrás. Seu olhar se desviou para as câmeras de segurança espalhadas de forma obscura pelo teto, e ela lembrou a si mesma de agir de forma natural. De fingir que tinha todo direito do mundo de estar lá.

E foi o que ela fez. Nova *era* uma Renegada, e aquele andar não era proibido, de acordo com a lista no primeiro andar. Nem estava planejando fazer nada enquanto estivesse lá além de dar uma olhada, mas saber disso não ajudou muito a aliviar a sensação de paranoia vibrando na mente.

Nova contornou a recepção e reparou nas fotografias que mostravam um homem bonito e grisalho com o braço em volta de Prisma, a prodígio que os levou até o Salão do Conselho depois do incidente da biblioteca. Passou pela porta grande que levava a um saguão circular com piso branco brilhante, um candelabro elaborado de vidro e janelas amplas com uma vista impressionante da cidade e do mar. Uma fonte

calmante borbulhava no centro, e obras de arte e estantes de vidro ocupavam as paredes. Cinco corredores saíam do saguão como os raios de uma roda, cada um com uma placa decorativa acima da entrada, entalhada com o codinome de cada um do Conselho. Tsunami. Luz Negra. Pássaro do Trovão. Guardião Terror. Capitão Cromo.

Nova parou e prestou atenção novamente. Como só ouviu silêncio, ela começou a andar pelos objetos expostos. Um mostrador exibia uma única pedra verde sobre uma base de cetim, e Nova não precisou da etiqueta descritiva embaixo para reconhecer a Pedra da Clarividência, que diziam ter dado a um prodígio chamado Fortuna a capacidade de descrever para qualquer pessoa os momentos mais felizes e tristes da vida dela... mesmo que ainda não tivessem acontecido. Em seguida, estava o leque dourado que Furacão podia usar para cortar um inimigo a até quinze metros de distância. Depois, uma coleção de ossos grandes de peixe, arrumados em uma bandeja de madeira. Era o esqueleto de um peixe-navalha, cujo espírito supostamente teria assombrado o Predador das Areias e o imbuído com a habilidade de se enfiar rapidamente em quase qualquer tipo de terreno.

Nova parou quando chegou a uma parede livre de estantes, só com um quadro grande. Seu estômago se contraiu quando começou a observar a rendição artística da Batalha de Gatlon. Ela reconheceu os degraus da catedral ao fundo, embora o chão estivesse coberto de destruição e escombros, corpos e sangue. À frente, em cima de uma pilha de destroços, estava o Capitão Cromo. Ele segurava o pique de cromo, com o elmo do Ace enfiado na ponta.

No pé da pilha estava o próprio Ace Anarquia, o corpo quebrado em cima de uma das balaustradas estilhaçadas da catedral, o sangue derramado na terra.

Nova ficou com a boca seca. O artista tinha desenhado as feições do Ace com perfeição; a horrível devastação, mesmo na morte. Olhos escuros abertos para o céu, os lábios abertos em descrença.

Não era baseado na realidade, ela sabia. Aquele momento, congelado no tempo, não passava de uma interpretação artística do que poderia ter acontecido. Talvez, na mente deles, o que *deveria* ter acontecido. Mas, na verdade, não havia nada do corpo do Ace sobre o qual eles poderiam manifestar sua vitória.

Isso não tornou a imagem menos repugnante, e naquele momento Nova jurou que, quando derrubasse os Renegados, encontraria aquele quadro e o destruiria.

Soltando o ar, sem forças, ela se obrigou a se virar. Suas botas estalaram no piso quando passou pelo corredor seguinte, mas parou com o coração em saltos.

Ela deu um passo para trás, se alinhou com a entrada do corredor, o corredor do Capitão, e olhou para o fundo.

Seu queixo caiu. Sua pele formigou.

Ali, em um pedestal no final do corredor, brilhando em dourado-acobreado embaixo de um spot fraco, estava o elmo.

O elmo do *Ace*.

Nova mal tinha dado um passo à frente quando o comunicador do pulso vibrou. Ela parou, com a certeza, naquele momento, de que os Renegados tinham descoberto quem ela era e o que estava planejando, apesar de não ter certeza de estar planejando alguma coisa. Ela só sabia que foi tomada de culpa e paranoia assim que o comunicador vibrou.

Ela ergueu o pulso, olhou para o texto luminoso e soltou um suspiro longo. Era só Adrian... não a acusando de nada, só preocupado por ela não estar na ala médica.

Ela permitiu que a pulsação disparada se acalmasse antes de ler a mensagem completa.

Insônia, não é porque você não dorme que pode sair da cama sem a permissão dos curandeiros! (Brincadeira. Mais ou menos.) Cheguei na ala médica e a enfermeira disse que você foi pra casa. Os curandeiros parecem preocupados – eles disseram que pode haver efeitos colaterais que ainda desconhecemos por você ter ficado tão próxima de Max. Você pode voltar para o QG? Ou, se estiver desmaiada em alguma vala por aí, me avisa pra eu ir te buscar, tá? (Brincadeira de novo. Só que não.)

– Rabisco

Nova releu a mensagem três vezes. Na primeira, seus pensamentos ainda estavam delirantes por causa da descoberta do elmo do Ace, e a maior parte da mensagem perdeu o sentido no caos louco dentro da cabeça dela. Na segunda, ela só absorveu

que poderia haver efeitos colaterais e que os curandeiros estavam tentando mandar nela, e que usavam Adrian para isso, o que ela achou incrivelmente irritante.

Mas, na terceira vez, ela viu a mensagem não só como um texto azul luminoso, mas também a ouviu na voz de Adrian, e quando chegou ao final ela percebeu que a irritação tinha passado e sido substituída por uma coisa que era quase uma diversão calorosa. Porque, mesmo ela sendo perfeitamente capaz de se cuidar e não precisando de Adrian nem dos curandeiros para isso, havia algo nas tentativas patéticas dele de esconder a preocupação que ela só conseguia achar encantador.

Mas então ela ergueu o olhar de novo e todo o sentimento de encanto e diversão sumiram, como fogo coberto por água gelada.

Deixando a mensagem sem resposta, Nova baixou o pulso, respirou fundo e seguiu pelo corredor.

Os spots estavam instalados em um trilho no teto, e o brilho da luz na superfície do elmo foi mudando conforme ela foi se aproximando. Ela viu vislumbres do próprio reflexo no painel curvo em torno do rosto. A intensidade da luz era capturada no crânio quebrado, onde muito tempo atrás o pique do Capitão penetrou, deixando um buraco e rachaduras profundas emanando para fora. O elmo estava apoiado sobre uma pequena cavilha e, de certos ângulos, parecia suspenso no ar, a abertura por onde os olhos do Ace observavam agora era apenas um buraco negro. Diferentemente dos artefatos no saguão, não ficava protegido por vidro, e sim exposto. Como se não houvesse medo de ser roubado. Como se ninguém tivesse medo de cair novamente nas mãos de um vilão.

E por que eles deveriam ter esse medo? Aquele buraco no alto era prova suficiente de que estava destruído. O poder que o elmo já contivera, a força que seu pai inseriu no tecido de sua energia transformada em metal já não existia mais.

Nova parou quando estava à distância de um braço do elmo, tomada de lembranças.

O tio Ace parado ao lado da forma adormecida de um assassino, olhando para Nova com tristeza e assombro.

Ace fazendo os sinos da catedral trovejarem e soarem só para levar um sorriso ao rosto de Nova.

O momento em que ela viu o carro alegórico do Conselho aparecer, com o Capitão exibindo aquele elmo como um caçador orgulhoso da conquista.

Lágrimas arderam nos cantos dos olhos quando ela ergueu a mão e a levou a dois centímetros do elmo. Imaginou vibrações leves emanando dele, quase como se pudesse sentir sua presença. Tinha certeza de que algum alarme tocaria, mas não conseguiu resistir a uma leve inspiração quando botou a mão no metal frio.

Nenhum alarme soou.

E o elmo parecia... um elmo. Nenhum choque de energia percorreu a pele dela. Nenhuma pulsação suave foi sentida. Só metal frio.

Ao olhar para a própria mão colocada com reverência sobre a superfície dourada, ela acabou vendo também a pulseira fina pendurada no pulso.

Suas sobrancelhas se contrairam. A cabeça se inclinou para o lado. Ela esticou a outra mão, segurou a filigrana delicada e a ergueu para a luz, se perguntando se era um truque das sombras.

Seu coração disparou.

A pulseira e o elmo não eram iguais. Havia um tom rosado distinto na pulseira, uma vibração bela e sutil inserida no metal que não havia no elmo, que era de um dourado-acobreado gasto.

Ela franziu mais as sobrancelhas, enquanto as justificativas subiam à superfície. A diferença devia ser porque o elmo estava estragado. O poder antes imbuído no material tinha sumido.

Mas por outro lado... sua pulseira também estava quebrada. O fecho original tinha sido perdido, e os ganchos estavam vazios, esperando a pedra que seu pai pretendia botar ali. Também não deveria estar com aquele tom embotado e apagado?

Antes que pudesse duvidar de si mesma, Nova esticou a mão e tirou o elmo do apoio.

Nenhum alarme tocou. O corredor permaneceu tão silencioso quanto antes enquanto Nova o trazia para mais perto, reparando primeiro no quanto era pesado, quando ela se lembrava das criações do pai sendo impossivelmente leves.

Nova o virou de um lado para outro. Observou a ruptura no alto. Sentiu as beiradas atrás. Virou-o e olhou dentro.

Uma gargalhada abrupta saiu de sua boca. Pois ali, na parte interior do crânio, estavam as palavras FEITO COM MATERIAIS 100% RECICLADOS.

— Srta. McLain?

Sua gargalhada transformou-se um gritinho e ela se virou. Primeiro, só viu um corredor vazio, mas uma forma oscilou no ar e se solidificou.

O Guardião Terror. Ele não estava com a capa e a máscara pretas de sempre, mas uma calça jeans e uma camisa de botão. As emoções de Nova estavam tão no limite por causa dos choques recentes, da descoberta do elmo à descoberta do fato de ser falso e, agora, pela chegada de um de seus arqui-inimigos vestido como uma pessoa completamente normal, que acabaram se combinando em uma gargalhada desajeitada e meio delirante.

Simon Westwood franziu a testa, e Nova teve que segurar o elmo contra o corpo com o braço e botar a outra mão na boca para segurar as risadas.

— Desculpe — disse ela, ofegante. Engoliu em seco. Limpou a garganta. — Me desculpe. Eu não... Eu só estava... — Ela olhou para o elmo e percebeu que talvez um alarme tivesse sido disparado, só que ela não o ouvia. Talvez qualquer toque nos artefatos daquele ambiente fosse anunciado aos membros do Conselho de uma forma mais discreta. Ela só foi apanhada no ato de pegar o elmo do Ace Anarquia... até onde qualquer um sabia, ela estava tentando roubá-lo.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não estava tentando pegar, eu juro.

A expressão de Simon permaneceu mais curiosa do que alarmada, e apesar de ele não dizer nada, ela sentiu o incentivo dele para continuar.

Foi o que Nova fez, os pensamentos lutando para provar sua inocência, até que lhe ocorreu que... ela era, realmente, inocente. *Não ia* roubar o elmo. Pela primeira vez, em algum assunto relacionado aos Renegados, não tinha feito nada de errado. Além de talvez ter deixado manchas dos dedos no que ela podia garantir ser uma relíquia sem valor nenhum.

Uma falsificação.

— Eu soube que havia uns artefatos legais aqui e vim olhar. Me disseram que não tinha problema. Que qualquer um podia vir olhar.

Simon assentiu de leve.

— Hum... e quando eu vi o elmo, eu fiquei curiosa. Quer dizer, é... — Ela mal segurou a gargalhada de novo. — É o elmo do *Ace Anarquia*. Mas aí eu cheguei mais perto e... e pareceu... estranho.

— Estranho? — disse Simon.

Ela engoliu em seco.

— É falso. Esse não é o elmo do Ace Anarquia.

Os olhos escuros de Simon pareceram suavizar de leve.

— Como você percebeu?

Nova olhou para o elmo. Segurou-o com as duas mãos de novo, para poder olhar o rosto vazio. Como tinha percebido?

— Todas as descrições que ouvi ou li — declarou ela — diziam que o elmo tinha uma espécie de... brilho interno. Mas isso é só... metal. Metal normal.

— Alumínio coberto de cobre — disse Simon, atraindo o olhar dela de volta. Ele agora estava com um sorriso fraco. — Eu tinha ouvido falar que você era observadora, Srta. McLain, mas tenho que dizer que estou impressionado. Não sei se já houve alguém que não tenha sido enganado por esse elmo.

— Mas por quê? Por que tem um falso?

Simon deu um passo à frente e tirou o elmo das mãos dela. Inspeccionou-o por um segundo, os lábios apertados, como se pudesse estar revivendo lembranças sofridas.

— É isso que usamos quando queremos exibi-lo. É um grande ícone, sabe; a derrota do pior vilão da humanidade. É um lembrete visível de como avançamos depois do Dia do Triunfo e do quanto temos a perder se deixarmos a humanidade voltar a ser como era.

— Mas não é real.

Ele deu de ombros e colocou o elmo de volta no suporte, ajeitando para ficar com o equilíbrio certo.

— Não precisa ser.

— Mas... — Nova bufou, sem saber direito como conseguia ficar tão calma sobre a questão. Ela não conseguiu deixar de parecer insistente quando perguntou: — Mas onde está o verdadeiro?

— Ah — disse Simon, a compreensão permeando sua expressão. — É com isso que está preocupada?

Ela franziu a testa.

— Eu não estou preocupada.

Simon ergueu as sobrancelhas. Embora a pele morena fosse clara em comparação à de Adrian, tudo o mais nele era escuro. Sobrancelhas grossas e escuras. Cabelo

denso e escuro. Barba densa e escura. De alguma forma, tudo servia para deixá-lo mais expressivo, como se histórias inteiras pudessem ser contadas pela curva do lábio ou a ruga dos olhos.

Nova não gostou. Parada tão perto dele, ela se sentiu exposta, como se ele conseguisse enxergar através dela. O pensamento a deixou desconfortável, principalmente perante um homem tantas vezes invisível.

— Eu não estou preocupada — insistiu ela. — Só não entendo por que tem um falso.

Ele murmurou algo, e ela percebeu que ele não acreditava nela.

— O verdadeiro fica sob alta segurança no armazém de artefatos. Nós nunca o expomos em público. Não é exatamente o tipo de coisa que queremos que caia nas mãos erradas.

— Por quê? — perguntou ela. — Está imprestável, não está? O Capitão Cromo o destruiu.

— Ah... — Simon moveu a cabeça de um lado para outro e apertou um olho, como quem diz que esse pequeno detalhe pode ter sido um descuido. — Essa parte da lenda pode ter sido um pouco embelezada. Nós tomamos o elmo durante a Batalha de Gatlon. E Hugh tentou destruí-lo, mas... — Ele deu de ombros.

— Mas... o quê? — perguntou Nova, sem ar de repente. — Não está destruído?

Simon olhou para ela com solidariedade.

— Não se preocupe. Ninguém vai usar aquele elmo para atormentar as pessoas desta cidade de novo. Nós vamos cuidar disso.

Os dedos dela se moveram no ar, como se o verdadeiro elmo pudesse estar ali, esperando que ela o pegasse.

— Então... as pessoas podem ir lá ver?

— O elmo do Ace Anarquia?

Ela assentiu.

— Renegados, claro. Obviamente não o público, mas... se um de nós quisesse ver, seria possível?

O Guardião Terror deu uma risadinha.

— Talvez se você oferecesse um grande suborno ao pessoal das armas e artefatos. Ouvi falar que a Foto Instantânea ama jujubas azedinhas. São difíceis de encontrar, mas, se conseguir, pode ser que ela deixe você dar uma espiada.

Nova franziu a testa, sem saber dizer se ele estava brincando.

Mas não importava. Ela queria mais do que dar uma espiada, e ele já tinha revelado bem mais do que Nova esperava.

O elmo permanecia intacto. O elmo do Ace não estava destruído e se encontrava ali, naquele prédio, em algum lugar abaixo dos pés dela.

Seu comunicador vibrou de novo. Ela olhou para baixo automaticamente e leu a nova mensagem de Adrian.

Falando sério – você não está desmaiada em uma vala, está?

Ela balançou a cabeça, sem saber se ele estava tentando ser engraçado. Se sim, o humor se perdeu nos pensamentos confusos dela.

– Está tudo bem? – perguntou Simon.

– Ah, sim. – Ela balançou a mão, e foi um desafio continuar calma quando parecia que a base de tudo que conhecia como verdade tinha se transformado. – São só os, hã... curandeiros, querendo saber aonde eu fui. Eu devia estar na ala médica, mas... fico inquieta quando fico presa no mesmo lugar por muito tempo.

Ele assentiu, como se aquilo fizesse sentido, e começou a andar na direção do saguão central. Ao sentir que devia segui-lo, Nova olhou mais uma vez para o elmo e o acompanhou.

– Adrian nos contou sobre seu encontro com Max. O que você fez foi corajoso. Lamento ter se machucado.

– Foi Max que se machucou. Eu só apaguei um tempo.

Simon a olhou de lado.

– Além do mais, eu não sabia o que aconteceria se eu entrasse lá, então não sei se dá pra chamar de coragem.

Os lábios dele começaram a se curvar para cima.

– Você preferiria que eu dissesse que foi descuidado e perigoso?

Nova sustentou o olhar dele, sem saber se ele a estava provocando ou repreendendo... ou se aquilo também era uma espécie de elogio. Finalmente, ela respondeu:

– E tudo isso em um dia de trabalho, né?

Para a consternação infinita dela, Simon Westwood riu. Uma gargalhada verdadeira e alta, calorosa e gutural.

Foi nessa hora que lhe ocorreu que ela estava conversando com o Guardião Terror. Ela o tinha feito *rir*.

E nem por um momento passou pela cabeça dela que talvez ela devesse estar usando a oportunidade para avaliar a melhor forma de matá-lo.

E foi uma coisa sábia, ela disse para si mesma. Tinha contado as câmeras quando saiu do elevador. Sabia que não havia como matar alguém ali e se safar.

Mesmo assim... o pensamento não devia pelo menos ter passado pela cabeça dela?

— Você sabe como Max está? — perguntou ela, ansiosa por um novo assunto de conversa.

— Ele vai ficar bem — disse Simon. — A quantidade de sangue fez o ferimento parecer bem pior do que foi. Claro que, por conta da natureza do dom de Max, não podemos cuidar dele com curandeiros prodígios, mas até os médicos normais dizem que ele vai se recuperar rapidamente. Talvez fique com uma cicatriz, mas qual é o jovem que não gosta de uma nova cicatriz de tempos em tempos?

Eles passaram pelo quadro do Dia do Triunfo, e Simon parou para olhar; não tanto com admiração, mas pensativo.

— Talvez — continuou ele — essa experiência tenha ensinado Max a ser um pouco mais cuidadoso quando se trata de fazer experiências com os poderes que ainda não controla perfeitamente. É uma lição difícil para qualquer prodígio, mas acho que para ele mais do que para a maioria.

Nova olhou para as pessoas no quadro de novo. O Capitão Cromo segurando o elmo que ela agora só conseguia pensar como sendo o impostor, por saber que um pique nunca tinha sido enfiado nele. Em seguida, olhou para o corpo do Ace, caído aos pés do Capitão, e soube que aquela parte da lenda também era mentira.

E também...

— Está faltando alguém nesse quadro — disse Nova. — Max também estava lá, não estava?

Simon não olhou para ela quando respondeu:

— Foi Adrian que contou ou você descobriu sozinha?

— Um pouco de cada. — Ela afastou o olhar do quadro. — O que realmente aconteceu? Como Max conseguiu o poder do Ace Anarquia?

Simon coçou a barba.

— Bom. Foi quase no final do confronto. Nós não pudemos levar Max antes porque as habilidades dele afetariam nossos aliados assim como nossos inimigos. Mas, àquela altura, o Ace Anarquia tinha se separado do que restara das gangues. Ele estava em cima de uma das arcadas da catedral, atacando quem ainda estava no chão. Claro que Hugh suportava melhor do que qualquer um. Ao perceber que essa era nossa melhor chance, ele foi buscar Max, que estava escondido em um porão próximo com uma enfermeira cuidando dele. Hugh o amarrou nas costas e voltou para a batalha. Ele me contou que foi a coisa mais difícil que fez, por saber o perigo em que estava colocando Max, mas ele não achava que houvesse outro jeito.

O queixo de Nova caiu enquanto ela ouvia e tentava imaginar a cena. O justo e invencível Capitão Cromo... partindo para a batalha com um bebê amarrado nas costas? Ela não sabia se achava a imagem apavorante ou histericamente engraçada.

— Ele escalou uma das paredes laterais — disse Simon, a voz distante agora. — Eu me lembro de ter olhado para cima e o visto e entendido o que ele ia fazer. Hugh chegou ao topo, e Ace percebeu que ele estava lá. Quanto mais perto ele e Max chegavam, mais fraco o Ace se tornava, mas ainda estava forte. Ele ainda tentou lutar. Sabia que não podia machucar Hugh, então concentrou os ataques no Max, sabendo que ele devia ser a causa da fraqueza. — Simon fez uma pausa e depois acrescentou: — Eu lembro como pareceu incrível na ocasião que Max não emitiu som nenhum, não chorou.

Nova tremeu.

— Ace acabou perdendo poder suficiente a ponto de não conseguir continuar lutando. Hugh conseguiu arrancar o elmo dele... e assim que pegou o elmo, pareceu que toda a capacidade de lutar sumiu do Ace Anarquia. Um terço da igreja já estava destruído, um lado estava pegando fogo, quase todos os Anarquistas estavam mortos e o Capitão Cromo estava com o elmo dele. Ele devia saber que tinha perdido. Então... Hugh foi acabar com tudo, quando o Ace Anarquia simplesmente... se virou e pulou. Ele pulou de três andares, direto no fogo.

Nova estava olhando para o quadro de novo e achou impressionante que uma obra de arte tinha errado tanto e ainda assim podia estar ali, em um lugar de honra.

Talvez fosse testemunho do quanto a verdade, nesse caso, nunca tinha realmente importado.

– Obrigada por me contar – murmurou ela.

– Não, eu que agradeço.

Com a testa franzida, ela olhou para o Guardião Terror. Ele não estava olhando para ela nem para o quadro, mas sim sorrindo para o nada.

– Eu nunca pude abraçar Max. Nem quando ele era bebê e nem agora, quando ele fica machucado ou triste. Mas eu o amo. Ele é tão filho pra mim quanto Adrian. Então... obrigado. – Ele encarou Nova. – Por tentar salvá-lo.

– Mesmo eu não tendo ideia do que estava fazendo e piorando tudo no final?

O sorriso dele se alargou.

– Mesmo assim.

Nova limpou a garganta e se viu incapaz de sustentar o olhar dele.

– Eu tenho que voltar pra ala médica.

– Por favor – disse ele, indicando o elevador. – Não me deixe segurar você nem mais um minuto. Os curandeiros sabem ser chatos quando percebem que estão correndo o risco de serem ignorados.

Sem ter certeza se devia dizer adeus ou obrigada ou alguma outra coisa, Nova ergueu a mão em um gesto constrangido, baixou a cabeça e foi até os elevadores. Passou pela recepção de novo, onde a Prisma estava sentada agora. Disse tchau para Nova quando ela passou.

Quando o elevador chegou, Nova entrou e se encostou na parede, esfregando a testa. Seus pensamentos estavam girando com o relato do Guardião Terror sobre a Batalha de Gatlon. Com o envolvimento de Max e como Hugh Everhart pôde botar a vida daquele bebê inocente em risco e que Ace tinha se esforçado para matá-lo para se proteger.

Toda hora, seus pensamentos voltavam ao elmo quebrado no pedestal, tão perigoso quanto uma fantasia de criança.

Enquanto em algum lugar dentro do Quartel-General dos Renegados, o verdadeiro estava guardado. O elmo do Ace Anarquia. Intacto e esperando.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



NOVA DEIXOU A PORTA bater ao passar. Não por estar com raiva, mas porque, mesmo depois da longa caminhada até Wallowridge, ela ainda estava atordoada pela descoberta do elmo do Ace e de tudo que significava. Para ela. Para os Anarquistas. Para os Renegados, que deviam ter, somando todas as unidades de patrulha que tinham, o mesmo poder contido naquele único objeto. Eles podiam ter decidido não o usar para seus objetivos próprios até o momento, mas ainda era uma possibilidade a qualquer instante. Enquanto o elmo estivesse com eles, ninguém tinha chance de se opor a eles.

Quando Nova passou pela sala da frente, Mel apareceu na porta da cozinha, enfiando uma colher em um pote cheio de mel dourado.

— Essa não foi sua entrada sorrateira normal — disse ela, levantando a colher. O mel começou a escorrer, mas Mel girou a colher com habilidade para segurá-lo. — Aconteceu alguma coisa? — Ela enfiou a colher na boca e a sugou como se fosse um pirulito.

Nova ficou olhando para ela. *Aconteceu alguma coisa? Aconteceu alguma coisa?*

— Mais ou menos — disse Nova, se espremendo para passar por Mel e tirando o comunicador do pulso. Ela o colocou na bancada da cozinha. Era a primeira vez que o tirava desde que eles decidiram sair da casa nos túneis do metrô, e seu pulso parecia nu sem ele. Nu... mas também leve e descompromissado.

— Oh-oh — disse Mel, erguendo uma sobrancelha pintada de lápis para o comunicador. — Você deve estar indo a algum lugar que os Renegados não

aprovariam. — Ela se encostou na geladeira. — Conta.

— Mais tarde — disse Nova. — Tem uma coisa que preciso fazer primeiro.

Ela foi na direção da porta dos fundos e tinha acabado de segurar a maçaneta quando uma explosão fez as paredes vibrarem. Olhou para cima e viu pó cair do teto texturizado.

— Leroy está fazendo uma nova leva de alguma coisa — explicou Mel, mergulhando a colher de volta no mel. — Você já está de saída? Mas acabou de chegar.

Nova ignorou a pergunta.

— Você percebe que estamos tentando passar despercebidos aqui, né?

Mel deu um sorrisinho.

— Querida, algumas pessoas não conseguem não ser notadas.

Segurando-se para não revirar os olhos, Nova perguntou:

— O Fobia também está aqui?

— Não. Ele não apareceu o dia todo. Acho que passou a noite nos túneis. A umidade e as sombras são melhores pra ele, sabe. Já eu? Eu estou tão feliz de estar de volta ao sol. — Ela suspirou e abriu um sorrisinho para a janelinha suja acima da pia da cozinha.

Nova girou a maçaneta e saiu.

— Não se acostume — murmurou ela, e saiu na varanda estreita de concreto dos fundos.

Ela andou pela pequena área de ervas daninhas e espinhos, onde as abelhas de Mel estavam ocupadas refazendo as colmeias o mais rápido que conseguiam. No dia anterior, Nova reparou que o zumbido delas parecia mais feliz do que nos túneis, mas agora não passava de uma distração. Ela entrou na viela atrás da casa e foi na direção de Blackmire Way. Estava quase na hora do crepúsculo, e as sombras das casas ao redor ocupavam os espaços estreitos entre os prédios. Ela passou por janelas fechadas com tábuas e cercas pichadas e pátios cheios de dentes-de-leão. Um brilho chamou a sua atenção, e ela olhou para o segundo andar da casa da esquina na hora em que alguém estava levantando a janela. Ela parou com surpresa. Tinha se acostumado a pensar no bairro como deserto, e teve um sobressalto por descobrir que talvez eles tivessem vizinhos.

Ou talvez fosse só o homem que ela havia expulsado da casa antes.

Ela estava se virando quando os cabelos da nuca se eriçaram. Seu estômago se contraiu e sua mão pousou instintivamente na arma de choque no cinto.

Ela percebeu um segundo depois que foi um odor distinto que chamou a sua atenção. O cheiro doce de óleo corporal de coco misturado com o toque levemente podre de enxofre e pólvora.

Nova forçou os ombros a relaxarem quando se virou e afastou a mão da arma.

Ingrid estava encostada na lateral do prédio pelo qual Nova tinha acabado de passar, um calcanhar apoiado casualmente nos tijolos, os braços cruzados sobre o peito. Ela estava usando uma roupa que poderia ter sido escolhida como disfarce: calça preta grudada e uma jaqueta de gola alta que cobria os braços e a barriga. Até os cachos densos tinham sido escondidos embaixo de um gorro.

Fora isso, ela não parecia muito diferente da última vez que Nova a tinha visto, depois que eles fugiram dos túneis. Ela estava limpa e não parecia ter fome, pelo menos, e só quando teve esse pensamento foi que Nova se deu conta de que uma parte de si estava preocupada com ela.

— Como está a vida nos Renegados? — perguntou Ingrid, a voz transbordando desdém. — Você já deu as costas pra nós completamente ou ainda está se agarrando à mentira de que está do nosso lado?

O maxilar de Nova tremeu.

— Você e os outros sabiam exatamente quais eram meu plano e as minhas intenções desde o primeiro dia em que aceitei ir em frente com isso. Talvez você lembre que foi você que *me* traiu, não o contrário.

Ingrid balançou a mão languidamente pelo ar, como se já estivesse cansada dessas reflexões, embora Nova achasse que elas ainda não tinham tido chance de discutir o que aconteceu na biblioteca. Ela entendia que Ingrid desejou ter um ato de vingança contra o Capitão Cromo e o Guardião Terror ao fazer mal a Adrian, talvez até matá-lo. Mas Nova ainda não fazia ideia do que tinha feito Ingrid não revelar isso para ela. E levá-la para aquela armadilha junto com o restante da equipe.

Só que ela também sabia que não teria aceitado participar. Não ajudaria em sua missão, para começar, e... não estava convencida de que Adrian, Ruby e Oscar mereciam ser incinerados por uma das bombas da Detonadora.

— O que você quer? — perguntou Nova. — Foi o Cianeto que mandou você ir embora, então, se você quer ir morar com a gente, não depende de mim.

— Por favor — disse Ingrid com um ruído debochado. — Eu já sobrevivi o suficiente sem sua caridade, ou de Leroy Flinn e de qualquer outra pessoa. A última coisa de que preciso é ficar enfiada nesta cidade fantasma. — Ela lançou um olhar de pena para a viela ao redor.

— Então por que está aqui?

— Eu tenho uma proposta pra você, *Insônia*. Uma que vai ser boa pra nós duas.

Nova franziu a testa. Ela sabia que Ingrid só usava seu codinome Renegado para irritá-la. Mas a parte mais irritante era que funcionava.

— Uma proposta.

Ingrid assentiu, mas um sorrisinho sombrio surgiu em seu rosto.

— Se estiver disposta a ouvir. Claro... você não tem muita escolha. Supondo que não queira que todos os seus novos amigos do Quartel-General dos Renegados descubram exatamente quem Nova McLain é.

Nova franziu a testa de consternação.

— É sério, Ingrid? Você está me chantageando? — Ela olhou para o céu, que tinha escurecido para um tom de violeta. — O que está acontecendo com você? Desde o teste dos Renegados você está agindo como se eu tivesse virado o inimigo. — Ela deu alguns passos mais para perto e bateu com o dedo no próprio esterno. — Eu ainda sou a Pesadelo. Ainda sou a pessoa que você treinou por quase nove anos com um propósito. Destruir os Renegados. Não só o Capitão Cromo ou o Conselho, não só uma única unidade de patrulha, mas todos eles. A organização inteira. Então, *talvez*, em vez de ficar me seguindo em vielas escuras e ameaçando a única missão que, talvez, tenha chance de nos ajudar a alcançar esse objetivo, você devia parar um momento para lembrar quem nós somos. Quem *eu* sou.

Ingrid se afastou da parede e se aproximou até estar com os pés tocando os de Nova.

— Espero que esteja falando sério. Porque essa é sua chance de provar. De me mostrar que o que aconteceu na biblioteca foi só — ela deu de ombros com tristeza — uma falha de julgamento infeliz, mas temporária.

Nova olhou para ela.

— Claro — disse ela lentamente —, se você quer dizer *sua* falha de julgamento. Se você tivesse confiado em mim desde o começo, o fiasco todo não teria acontecido. O Bibliotecário estaria vivo, nós ainda teríamos acesso ao estoque e aos distribuidores

dele e... ah, sim, nós não teríamos nos revelado para os Renegados e não teríamos sido tirados da nossa casa.

– Casa? – perguntou Ingrid, rindo. – Aqueles túneis nunca foram nossa casa.

– Isso não é a questão – respondeu Nova.

Ingrid olhou para Nova com expressão superior, avaliando-a.

– Interessante você mencionar o Bibliotecário, considerando que o único motivo para eu tê-lo matado foi para proteger *você*.

– Certo – disse Nova. – Tenho certeza de que você não estava nem um pouco preocupada de ele revelar nenhum dos *seus* segredos. Exatamente quantos explosivos você e Leroy repassaram para o Bibliotecário vender para compradores de fora do país? Não me surpreenderia se isso for crime de guerra, pensando bem...

Ingrid curvou os lábios. Não chegou nem perto de um sorriso real, mas foi uma boa mudança da cara feia de sempre.

– Mais uma vez você e eu temos alguma coisa em comum. Se bem que não importa muito a essa altura se os Renegados descobrirem meus crimes, mas acho que você ainda pretende manter os seus escondidos. Agora, visualiza isto. – Ela chegou mais perto e apoiou o cotovelo no ombro da Nova, baixando a voz para um sussurro. – Imagine um cenário em que os Renegados não se preocupam mais em encontrar a misteriosa Pesadelo. No qual eles perderam o interesse em descobrir a identidade dela. No qual eles a deixam completamente em paz.

Nova apertou os olhos, desconfiada.

– Parece improvável.

– Não – disse Ingrid, levantando um dedo – se eles tiverem todos os motivos do mundo para acreditar que a Pesadelo está morta.

Um arrepio desceu pela coluna de Nova, e ela fez o melhor que pôde para disfarçar tirando o braço de Ingrid de cima do ombro.

– Me diz que isso não é um jeito enrolado de me ameaçar de me matar quando eu estiver dormindo. Porque, você sabe... – Ela indicou a cabeça. – Dormir não é muito a minha praia.

Ingrid soltou uma gargalhada, bem mais exagerada do que o comentário de Nova merecia.

– Está vendo? – disse ela. – Morar com Mel tem a tendência de deixar a pessoa um tanto melodramática. Não, não. Eu não quero te matar. Só quero lutar com

— você. Publicamente. E, no final, o mundo todo, principalmente os Renegados, vai estar assistindo enquanto nos destruímos... — Ela deu de ombros. — Metaforicamente falando.

Nova olhou para ela, tentando retirar o sentido das palavras.

— Você quer fingir nossas mortes?

— Não exatamente. — Ingrid se animou. — Quero fingir as mortes da Pesadelo e da Detonadora.

O rosto de Nova devia estar cético, porque Ingrid chegou perto de novo, os dedos pintando um quadro invisível no ar.

— Vamos fazer parecer que a Pesadelo está furiosa por causa da morte do Bibliotecário e me culpa. Ou... a Detonadora.

— Você é a Detonadora.

— Me acompanha. Nós encontramos um lugar público e garantimos que ao menos um Renegado esteja presente. Não muitos. Nós não vamos querer que eles nos atrapalhem antes de terminarmos. Você e eu lutamos na frente de todo mundo, e no final... você atira em mim na mesma hora em que eu explodo você, e todo mundo vê acontecer. Só que você vai estar usando balas de festim, e eu... bom, eu não vou explodir você de verdade, mas posso fazer parecer que sim. — Ela piscou.

Nova ainda estava com a testa franzida.

— E quando não houver corpos?

— Vamos fazer parecer que as explosões nos destruíram. Eles não vão ficar surpresos se não sobrar nada. Agora pare de pensar nos detalhes insignificantes e se concentre no todo. — Seus olhos arderam, intensos de repente. — Eles parariam de nos caçar. Eles parariam de caçar *você*. Não seria muito mais fácil você continuar seu trabalho dentro dos Renegados se ninguém estivesse mais investigando a Pesadelo?

Nova engoliu em seco, sem conseguir formar um contra-argumento.

— Além do mais — disse Ingrid com um sorrisinho —, você ainda me deve.

— Devo você? Pelo quê?

— Matar o Bibliotecário.

Nova riu.

— Você não...

— Eu, sim. Pode dizer o que quiser sobre o que aconteceu naquele dia. Ele teria contado tudo ao Sentinela, e o Sentinela teria levado tudo para o Conselho. Eu te

protegi.

— Eu não teria precisado de proteção se não fosse seu plano estúpido.

— Você não precisaria de proteção se fosse capaz de lidar com essas situações quando elas aparecem. Se tivesse coragem de eliminar Cronin, Narcissa e até o Capitão Cromo. Assuma de uma vez, Nova. Apesar do quanto você fala, você tem medo de tomar as decisões difíceis quando elas precisam ser tomadas. É por isso que você ainda precisa dos Anarquistas. É por isso que você ainda precisa de mim.

Nova contraiu o maxilar, com fagulhas furiosas piscando no campo de visão. Mas sua fúria foi obscurecida pelas inseguranças que as palavras de Ingrid despertaram. Por causa da hesitação, ela não matou o Capitão. Não teria matado Cronin nem para se salvar. Tinha decidido deixar Narcissa ir embora, sabendo muito bem que ela botaria a missão em perigo.

— Pense bem — disse Ingrid, se balançando nos calcanhares. — Tenho certeza de que vai tomar a decisão certa. Que tal eu voltar hoje à noite para começarmos a planejar os detalhes? Agora... — Ela olhou para trás do ombro de Nova. — Parece que você tem companhia.

Nova olhou para trás.

Seu coração subiu até a garganta.

Por uma abertura na vuela, depois de uma cerca de arame e um carro parcialmente desmontado, havia uma figura andando pela calçada.

Ela piscou rapidamente, certa de que a visão era uma alucinação, um efeito do contato com Max, talvez. Pois o que, naquela enorme cidade, levaria Adrian Everhart até *ali*?

— Olhe só pra ele, todo distraído e nervoso — disse Ingrid com um tom suave na voz.

Nova falou um palavrão, se virou e empurrou Ingrid para a parede, tentando tirá-la de vista.

— Saia daqui antes que ele te veja.

— Ah, por favor. Ele está imerso nos próprios pensamentos, falando sozinho, provavelmente planejando a coisa patética e adorável que vai dizer quando te encontrar.

— O quê? — Nova olhou para trás, mas Adrian já tinha sumido de vista.

— Acredito que você já tenha reparado em como ele te olha, considerando como você é observadora. — O sorriso de Ingrid ficou provocativo. — Tome cuidado, pequena Pesadelo. Os Renegados estão no sangue dele, talvez mais do que no de qualquer outra pessoa desta cidade.

O coração de Nova ainda estava disparado, o pânico correndo nas veias enquanto ela visualizava Mel na cozinha, Leroy no andar de cima... mas, ainda assim, alguma coisa no olhar de Ingrid a fez parar.

— Você sabe que ele é filho da Lady Indomável.

Ingrid riu.

— Claro que sei. Ela não foi a primeira super-heroína que nós matamos, mas talvez tenha sido a primeira que importou. — O sorriso cruel dela fez o sangue de Nova gelar.

— Você a matou?

— Não *eu* — disse Ingrid, como se isso fosse óbvio. — Ainda sobrou algo dela, afinal.

— Mas você sabe quem foi. Foi um Anarquista?

Ingrid parou e olhou para Nova, o olhar sombrio.

— Que importância tem pra você?

Nova deu um passo para trás e balançou a cabeça.

— Nenhuma.

Ela se virou e saiu correndo para casa.

— Até de noite! — gritou Ingrid atrás dela, e Nova teria disparado nela com a arma de choque de novo só para fazê-la calar a boca, mas não tinha tempo para isso.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



OTRAJETO ATÉ A CASA não era longo, mas ela estava sem fôlego quando entrou pela porta dos fundos na cozinha, a pulsação disparada nos ouvidos.

O pote de mel tinha sido deixado na bancada, a colher grudenta equilibrada em cima, mas a Abelha Rainha não estava por perto. Nova correu até a escada e estava na metade dela quando ouviu uma batida à porta da frente. Ela gritou e entrou no quarto de Leroy. Os equipamentos de laboratório ocupavam metade do espaço e havia uma mistura borbulhando em uma panela de cobre em um queimador elétrico. Mas Leroy tinha desaparecido.

Nova deu um giro, correu para o segundo quarto, que agora dividia com Mel, mas também estava vazio, exceto pelos sacos de dormir, o colchão de ar de Mel e algumas peças de lingerie jogadas no chão.

Nova olhou para a porta de acesso ao sótão no teto. Era para ser o espaço do Fobia, mas ela não sabia bem o quanto ele o tinha usado.

Outra batida soou à porta.

Nova engoliu em seco e desceu a escada, parando para olhar atrás de cada porta e em cada armário por que passou, mas não havia sinal de Mel e de Leroy.

Ela ainda estava tremendo quando abriu a porta.

Sua primeira impressão de ver Adrian parado na porta da casa era que ele se esforçava muito para não parecer constrangido, mas não estava funcionando.

Ele sorriu. Desconfortável e inseguro. Nova ainda estava abalada demais para retribuir o sorriso.

— Oi — disse ele.

— O que você está fazendo aqui? — respondeu ela.

Adrian levou um susto e enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu estava preocupado com você.

Essas palavras simples destruíram as frustrações crescentes de Nova com ele, mas não ajudaram a dissuadir o pânico de ele estar ali. Seus ombros murcharam um pouco, mas, por mais que tentasse, ela não conseguia reorganizar o rosto em uma expressão calma, confiante e até de boas-vindas. Então ela só ficou olhando para ele, sem conseguir soltar a maçaneta.

— Eu mandei um milhão de mensagens... — acrescentou Adrian enquanto olhava para o pulso dela. — Não tinha passado pela minha cabeça que você poderia ter tirado o comunicador. — Tirando a mão do bolso, ele coçou atrás da orelha. — Eu estava tendo visões de você apagada em uma sarjeta por aí.

— Ah. Certo — gaguejou Nova, se lembrando das mensagens preocupadas que tinha recebido dele enquanto ainda estava no quartel-general. — Eu, hum... — Ela procurou uma explicação. — Eu tiro pra... tomar banho.

Assim que disse isso, ela se deu conta de que estava com o cabelo seco e não lavado e usava as mesmas roupas da noite anterior, quando ele a resgatou na quarentena. Ela limpou a garganta e indicou a casa.

— Eu ia fazer isso, mas aí me distraí com umas coisas... — Ela inspirou fundo e, finalmente, conseguiu abrir algo próximo de um sorriso. — Mas estou bem. Como você pode ver. Não estou desmaiada. Não estou na sarjeta.

Adrian olhou para trás dela e examinou a sala. Os móveis velhos, o tapete manchado, o papel de parede descascado. Apesar de ele não dizer nada e de sua expressão permanecer perfeitamente neutra, Nova teve a sensação distinta de que sua verdadeira casa não era muito melhor do que a sarjeta que ele tinha imaginado.

Ou, talvez, ela só estivesse sendo sensível.

— Hã... você não quer entrar, quer?

— Eu aceito.

Ela olhou para ele horrorizada.

— É mesmo?

Apesar de ter falado com ansiedade antes, Adrian agora pareceu hesitar.

— Se não houver problema.

Com certeza absoluta *havia* problema, e Nova lutou para pensar em um motivo, mas passou pela cabeça dela que poderia ser tão suspeito mandá-lo embora quanto deixá-lo entrar. Apertando os lábios, ela saiu da frente, e sua mente procurou todos os objetos da casa para tentar determinar se podiam ser relacionados à Pesadelo ou aos outros Anarquistas. Eles não fizeram muito no local desde que o tomaram para si além de um pouco de limpeza superficial para torná-lo meio habitável.

Adrian entrou. Nova engoliu em seco e fechou a porta.

Seu olhar se voltou para as fotografias na parede. Ele esticou a mão e ajeitou um dos quadros.

— Está com fome? — perguntou Nova antes que ele pudesse indagar quem era algum dos estranhos nas fotos. Ela passou por ele sem esperar resposta. Apanhou um grampo de pedras de Mel em cima da mesa de centro ao passar e o enfiou no bolso. Pegou os exemplares antigos da revista *Apothecary* de Leroy e os meteu em uma gaveta.

— Nós temos... — Ao chegar na cozinha, ela abriu um armário e se viu olhando seis potes de vidro. — Mel.

Adrian a seguiu até a cozinha, e ela o sentia atrás, olhando para o armário quase vazio. Ela o fechou e olhou no armário seguinte, e encontrou uma caixa de biscoitos salgados e duas latas de atum. Nem ousou fingir olhar a geladeira; tinha aberto a porta uma vez quando foi morar lá e encontrou boa parte das prateleiras coberta de mofo. Nunca voltou a abri-la depois.

Ela pegou a caixa de biscoitos salgados e mostrou para Adrian.

— Estou bem, na verdade — disse ele, e foi impossível não reparar na expressão de confusão misturada com um toque de pena.

Nova guardou a caixa e fechou a porta.

— A gente quase sempre come fora — explicou ela.

Adrian viu uma coisa pela janela dos fundos e franziu a testa.

Nova ficou tensa, imaginando que Ingrid estivesse na viela ou que Mel ou Leroy estivessem no quintal. Mas, quando olhou, eram só...

Colmeias. E ninhos. E abelhas. Muitas abelhas.

— Aquilo... hum. É do meu tio — arriscou ela. — Ele, hã... ele ouviu falar que criar abelhas dá dinheiro. Acho que mel é um produto muito... desejável. — Ela passou a mão pelo cabelo. — É uma coisa nova que ele está experimentando.

Os olhos de Adrian ainda estavam apertados, mas agora havia humor junto da curiosidade.

— Tenho quase certeza de que abelhas *apis* são as únicas que produzem mel.

Ela olhou pela janela. Havia abelhas que produziam mel, mas estavam misturadas com uma variedade de outras abelhas e vespas.

— Eu sei. Eu sei disso — disse ela. E levantou as mãos, como se exasperada. — Eu vivo dizendo para ele, mas ele faz o que quer. Nem sempre quer me ouvir.

— Sei bem como é isso — disse Adrian. Ele sorriu, e ela viu que a intenção era reconfortá-la, dizer que ele não a estava julgando. Que ela podia relaxar.

Isso, pensou ela, devia ser o mais engraçado de tudo.

— Seu tio está em casa? Pensei em me apresentar.

— Ah. Não. Ele... saiu.

Adrian assentiu. Seu olhar foi na direção da pequena mesa de jogo que eles estavam usando como mesa de jantar improvisada, embora Nova desconfiasse que nenhuma refeição tivesse sido feita ali ainda. Também havia cadeiras, mas ela não ousou o convidar para se sentar.

— Desculpe — disse Adrian de repente. — Acho que eu não devia ter vindo.

Ela olhou para ele e, apesar de perceber que Adrian estava constrangido, não conseguiu ter certeza da causa: o estado triste do seu dito lar ou sua óbvia falta de talento para a hospitalidade.

Ele se agitou e bateu com um dedo na bancada.

— Eu não queria invadir. Só... estava preocupado. Como você não respondeu às mensagens... — Ele parou de falar. Limpou a garganta e disse, desajeitado: — Você está bem?

Ela sentiu os nós no estômago se apertarem ainda mais.

— Estou ótima. Só não estou acostumada a ter companhia. — Ela ficou agradecida de pelo menos isso não ser mentira.

— Não, eu quis dizer se você está se sentindo bem. Os curandeiros disseram que ainda não liberaram você. Eles estavam preocupados de ainda poder haver efeitos colaterais ou até... quer dizer, a gente ainda não tem certeza se...

Se Max tirou todos os seus poderes. Nós ainda não sabemos se você continua sendo prodígio.

— Eu estou ótima — disse ela, tentando parecer convincente. — Completamente normal. — Ela tentou abrir um sorriso mais entusiasmado, ansiosa para provar que

todos estavam preocupados por nada. — Desperta e cheia de energia! — Ela fez sinal duplo de positivo.

Adrian sorriu.

— Bem. Se você começar a sentir alguma coisa, não só cansaço, mas... tontura ou fraqueza ou... qualquer coisa. Me avisa. Ou a um dos curandeiros.

— Tudo bem. Claro.

Adrian olhou de novo para a mesinha, e ela viu que ele estava pensando em alguma coisa.

— Você se importa se eu... — Ele pegou a caneta e fez sinal na direção da mesa, como se o gesto concluísse a pergunta de forma adequada.

— Se você o quê?

Sem responder, Adrian se inclinou sobre a mesa e começou a desenhar na superfície cinza. Nova arqueou a cabeça, hipnotizada pelos movimentos rápidos e confiantes da mão dele. Não havia hesitação, nem incerteza de onde colocar a caneta em seguida, onde desenhar uma linha ou uma curva. Em pouco tempo, ela viu um vaso redondo surgir, ocupado por um arranjo caprichado de rosas e lírios.

Assim que ele deu vida às flores, a fragrância delas se espalhou pela cozinha e afastou o odor parado da casa.

Adrian tampou a caneta e deu um passo para trás, franzindo a testa para o arranjo.

— Eu preciso começar a andar com mais cores.

Nova riu. Era verdade que os tons monocromáticos de cinza emprestados da mesa davam um aspecto embotado às flores, mas elas ainda enfeitavam a mesa, a cozinha e a casa.

E ficou claro, ao menos para ela, que ali não era o lugar delas.

— Elas vão morrer? — perguntou ela, esticando a mão para sentir a maciez das pétalas de uma das rosas.

— Igual a qualquer flor real — disse ele, mas a boca se curvou quando olhou para ela de novo. — Mas sempre posso fazer mais.

Esse olhar fez um calor se espalhar pelas bochechas de Nova, e ela se virou, pegou o comunicador na bancada e se ocupou o colocando no pulso. As palavras de Ingrid voltaram à cabeça dela. *Acredito que você já tenha reparado em como ele te olha...*

— Eu, hum, tive uma ideia — disse Adrian.

Nova ergueu as sobrancelhas, mas percebeu que ainda não estava pronta para se virar totalmente para ele.

— Sobre o quê?

— Winston Pratt.

Ela parou. Hesitou. E empertigou a coluna, se preparando para... o quê? Um ataque? Uma acusação?

Ela disse para si mesma que estava sendo ridícula. Se Adrian tivesse ido fazer acusações a ela, não teria demorado tanto para falar. E não desenharia um vaso de flores primeiro.

— Acho que devíamos dar uma olhada no parque Cosmopolis — continuou ele.

Com uma das mãos ainda apertando o comunicador no pulso, Nova se obrigou a olhar para ele. Mas Adrian estava ajustando algumas flores no vaso.

— O quê?

— Só dar uma olhada. — Ele empurrou os óculos no nariz. — Sei que o Winston estava mentindo sobre quase tudo, mas o parque de diversões é uma das poucas possíveis pistas que ele nos deu. Achei que talvez pudéssemos ir lá dar uma olhada. Talvez pudéssemos falar com seu antigo chefe, perguntar se ele ouviu alguma coisa sobre uma... uma garota que foi abandonada lá. Ou se ele já viu alguma coisa suspeita, alguma coisa que pudesse ter a ver com a Pesadelo ou com os Anarquistas... — Finalmente, ele olhou para ela, e Nova não conseguiu interpretar sua expressão. A segurança de quando ele estava desenhando tinha sumido e sido substituída por um certo desconforto, mas com... esperança?

— Você quer muito encontrá-la, não quer?

— A Pesadelo? — disse Adrian, surpreso. — Ela é a mais procurada de Gatlon. Bom... ela e a Detonadora, eu acho.

— É, mas... como *você* se envolveu tanto com a investigação? É porque Danna e seus outros companheiros lutaram com ela no desfile?

— Isso é parte da história — disse ele, aquele pequeno franzido surgindo entre as sobrancelhas. — Mas também é porque ela atacou o Conselho. Ela atacou o meu pai.

Ela afastou o olhar.

— E por que ele não está procurando ela?

— Eles não fazem mais trabalho de campo. O Conselho quer encontrá-la tanto quanto todo mundo, mas isso é parte do motivo para eles terem feito os Renegados.

Eles não podem fazer tudo sozinhos. De qualquer modo, encontrar a Pesadelo é prioridade para todo mundo. – Adrian baixou o olhar e mexeu na caneta. – Tem anos que um ataque tão direto não é feito. Em plena luz do dia, cercado de civis e Renegados. Além do mais, até onde sei, ninguém chegou tão perto de matar o Capitão. Isso mostra que ela não deve ser subestimada.

O peito da Nova se apertou. De certa forma, ela sentiu uma explosão de orgulho de pensar que tinha chegado mais perto do que qualquer outra pessoa. Mas, ao mesmo tempo, serviu como lembrete de que *perto* não era *sucesso*. Ela fracassou, e agora todos os super-heróis da cidade a estavam procurando.

E Adrian... se ele soubesse... se descobrisse...

O orgulho se apagou rapidamente.

– Então... – disse Adrian, o tom um pouco mais animado. – Sobre o parque de diversões. O que você acha?

Ela pensou, mas não conseguiu pensar em nenhum motivo para rejeitar a ideia. Ir ao parque Cosmopolis poderia, pelo menos, servir para afastar ainda mais Adrian e os Renegados da verdade da identidade e do paradeiro dela.

Pelo menos, ela achava que não haveria nenhum mal. Mesmo seus documentos dizendo que ela, Nova McLain, havia trabalhado lá, a Pesadelo não tinha ligação nenhuma com o lugar.

– Claro. Tudo bem.

– Legal. Ótimo. Hã... podemos nos encontrar, vamos ver... amanhã? Ao meio-dia? *Se* – acrescentou ele – eu conseguir uma liberação da ala médica até lá.

Nova revirou os olhos.

– Eles que tentem me segurar.

Adrian sorriu, e os batimentos de Nova deram um salto ao ver a insinuação das covinhas que costumavam ficar escondidas.

– Bom, acho que eu devia deixar você... descansar. – Sua testa se franziu. – Ou o que quer que você esteja fazendo.

Mas ele não se moveu, e Nova teve a impressão clara de que Adrian estava esperando um convite. Algum motivo para ficar mais.

Ela se recusou a oferecer um.

– Obrigada pelas flores – disse ela, levando-o até a porta. – E por vir ver como eu estava. Nos vemos amanhã.

— Ah, ei — disse ele, parando no caminho para a porta. — Você planeja voltar ao quartel-general hoje à noite? Eu poderia tentar levar uns sanduíches de novo.

O peito saltou, e Nova sentiu quase uma tristeza quando balançou a cabeça.

— Acho que vou tirar a noite de folga.

— Sim. Claro. É o plano certo, com certeza.

Ele hesitou por mais um momento, levantou a mão em uma saudação e saiu para a varanda. Nova esperou que seu pé tocasse a calçada para fechar a porta.

Ela encostou a testa na porta com um gemido e deixou a energia frenética acumulada sair.

— Então aquele é o garoto Everhart?

Nova se virou. Mel e Leroy estavam espiando pela curva do corrimão da escada.

Ela balançou os braços para eles.

— Vocês não podiam ter ficado escondidos ao menos até ele estar fora da nossa rua?

Mel riu.

— Nós ficamos curiosos — disse ela. — É uma pena ele ser um Renegado, não é? Senão você poderia tê-lo convidado a ficar para o jantar.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



A ENTRADA DO PARQUE COSMOPOLIS era um arco enorme de concreto modelado no formato de um pônei gigante de carrossel que parecia montar guarda na porta do antigo parque de diversões. A escultura já tinha sido pintada de pêssego e branco perolado, mas a tinta havia desbotado e lascado ao longo dos anos. O orgulhoso animal também perdera um lado da cara, provavelmente por causa de vandalismo durante a Era da Anarquia, e ninguém ainda tinha achado que devia consertar.

Ainda assim, o parque era um dos muitos negócios da cidade de Gatlon que tinham visto o ressurgimento desde o Dia do Triunfo. Nunca parou de funcionar exatamente, mas, na época do comando dos Anarquistas, alguns vilões ganharam uma fortuna razoável transformando o local em um antro de tráfico de drogas, jogo e rinhas entre cachorros. Todo mundo sabia que o parque era domínio do Titereiro, mas ele nunca se deu ao trabalho de criar restrições, desde que o pagassem por usarem seu espaço; em dinheiro ou em balas, Nova tinha ouvido falar.

Quando os Renegados retomaram a cidade, foi uma das primeiras áreas que decidiram renovar; derrubaram muitos dos brinquedos antigos e velhos e construíram uma terra de fantasias no lugar, com montanha-russa, roda-gigante e um carrossel vintage cercado de jogos de azar e de habilidade e muitos vendedores de cachorro-quente e algodão-doce. Mas, como muitos dos projetos em andamento do Conselho, eles pararam quando a propriedade estava quase completa, deixando detalhes suficientes para as pessoas se lembrarem com facilidade do que tinha sido

muito tempo antes. O terreno dos fundos do parque ficou fechado por uma cerca e cheio de placas de aviso, informando aos visitantes que a área ainda estava sob reforma. Depois da cerca de arame, os visitantes podiam ver uma casa maluca em deterioração, barcos do decrépito Túnel do Amor e uma fila inteira de barracas de jogos velhos, as paredes ainda repletas de ursos de pelúcia roxos que ficaram cheios de mofo ao serem abandonados aos elementos.

Adrian estava esperando embaixo da boca da estátua do cavalo quando Nova chegou. Eles não tinham combinado se usariam o uniforme, e vê-lo de jeans e jaqueta a fez lamentar na mesma hora a escolha de colocar o traje cinza.

Ele sorriu quando a viu.

Ela fez cara feia.

— É sério? Você poderia ter me avisado que era para virmos à paisana.

— Eu nem pensei. — Ele levantou a mão até a gola da camisa e a puxou para revelar o traje embaixo. — Você se sentiria melhor se eu trocasse de roupa?

— Não — murmurou ela. — Você já atrai atenção suficiente. Está pronto?

— Já comprei nossos ingressos — disse ele, tirando-os do bolso. Ele passou um para ela e inclinou a cabeça na direção do portão. Os nós dos dedos de Nova estavam brancos quando ela pegou o ingresso e o colocou na pequena máquina embaixo da barriga do cavalo. Uma luz piscou, e ela passou pelas barras giratórias de metal.

Ela passou pela entrada e fez uma pausa do outro lado para observar a cacofonia de luzes e corpos, brinquedos espalhafatosos, jogos barulhentos e barracas cheias de brinquedos baratos de inflar e adereços fosforescentes.

Era um lugar completamente diferente durante o dia.

— E aí? — perguntou Adrian, juntando-se a ela. — Como você está se sentindo?

Uma mistura de emoções surgiu em resposta à pergunta. Ela estava tensa, nervosa, tremendo de adrenalina enquanto seu corpo se preparava para o que estava a caminho.

Mas não era isso que Adrian perguntava. Ela se virou para ele com o maior sorriso que conseguiu abrir e disse:

— Não dormi nada esta noite e me sinto ótima.

Ele riu, e seu alívio foi evidente.

— Que bom. Eu odiaria perder você logo depois de a encontrarmos.

— Você acha mesmo que me expulsariam das patrulhas só por eu de repente passar a ter que dormir como todo mundo?

— Não se eu pudesse evitar.

Eles seguiram entre crianças gritando de alegria e pais gargalhando, em meio aos aromas de algodão-doce e bolinhos fritos com açúcar. Quando Adrian sugeriu dar uma olhada no parque, Nova não sabia quase nada sobre o local, pois só tinha sido levada lá por Leroy e Winston uma vez, muitos anos antes. Mas agora ela sentia que conhecia o lugar intimamente.

Enquanto a cidade dormia na noite anterior, ela foi lá, para preparar a armação que estava planejando com Ingrid.

Ali, naquele dia mesmo.

Ela começara a planejar antes mesmo de Ingrid chegar à noite anterior. Porque, por mais que se recusasse a aceitar a ideia de que devia alguma coisa a Ingrid, havia um apelo inegável em fingir a própria morte. Não haveria mais Renegados a caçando. Não haveria mais *Adrian* a caçando.

Ela não tinha certeza de que estavam prontas. Teria preferido mais tempo para se preparar, mas também não podia negar que a oportunidade havia aparecido e que era difícil deixar passar. Adrian e os Renegados tinham motivo para desconfiar que a Pesadelo estava associada ao parque de diversões. Ela e Adrian o investigavam naquele dia.

Seria a melhor chance delas de tornar o acontecimento crível.

— E então — perguntou Adrian —, por onde devemos começar?

Os dois olharam em volta de novo. Havia um jogo de força ali perto, onde crianças estavam tentando bater com um martelo maior do que elas para fazer um peso acertar um sino no alto. Atrás havia uma abundância de jogos com coisas desde dardos e balões e garrafas a pilhas de jarras de leite, bolas e aros.

Nova ficou tentada a guiá-lo diretamente para as pistas que tinha passado a noite plantando estrategicamente pelo parque, mas teve medo de ser suspeito se as coisas fossem fáceis demais. Então, só deu de ombros.

— Se você fosse um vilão que passasse a maior parte do tempo em um parque de diversões, o que você faria?

— Jogos, provavelmente.

Ela franziu a testa.

— Jogos?

— Nós não sabemos muita coisa sobre a Pesadelo, mas sabemos que ela é boa de tiro. Ela tem que praticar, não é?

— E você acha que ela pratica em jogos de parque de diversões.

Os olhos dele cintilaram.

— O que tem? Está com medo de eu te vencer?

Ela apontou.

— Em jogos de *parque de diversões*? Nem um pouco.

Rindo, Adrian a arrastou até um jogo em que o objetivo era atingir um alvo pintado na cara do Titereiro.

— Que bom, porque você não tem nada a temer.

E ele estava certo.

Adrian podia ser capaz de desenhar um rifle que funcionava ou ilustrar uma zarabatana perfeitamente equilibrada, mas era péssimo de mira. Eles percorreram os jogos, e Nova o derrotou em todas as competições de tiro, mira, arremesso e alvo que o parque tinha a oferecer, embora Adrian a vencesse com facilidade quando os desafios eram de força.

Depois de quase uma hora, Adrian tinha ganhado uma pequena varinha que acendia na qual uma empresa de marketing tinha usado o nome do Luz Negra, apesar do Luz Negra nunca usar varinha, até onde Nova sabia. Enquanto isso, ela trocou todos os seus miniprêmios por um boneco gigante do Guardião Terror, quase do tamanho dela. Adrian morreu de rir quando o funcionário do parque entregou o boneco para ela.

— Olha só, eu ganhei um prêmio pra você — disse ela, entregando o boneco para ele.

— O quê? Você não quer?

— Não mesmo.

Adrian segurou o boneco com os braços esticados.

— Eu devia ficar lisonjeado, mas não consigo deixar de sentir que pode haver algo de sinistro em ter um boneco gigante do seu pai em casa.

— Você acha?

Ele olhou por cima da cabeça do boneco.

— Você vai ficar magoada se eu der pra ele de aniversário? Ele vai achar hilário.

O boneco *era* hilário mesmo, com o cabelo de feltro e a capa fina.

— Faça o que quiser com ele — disse ela. — Eu vou sobreviver.

Ele segurou o boneco embaixo do braço quando eles saíram andando pelo parque de diversões de novo.

— Não é estranho? — perguntou Nova. — Saber que tantas pessoas idolatram seus pais completa e cegamente assim?

— Sinceramente, a parte mais estranha é que a gente se acostuma depois de um tempo. — Adrian deu de ombros. — E eu prefiro que as pessoas o idolatrem e não queiram matá-los. Infelizmente, parece não haver meio-termo na opinião das pessoas sobre o Conselho.

Ela afastou o olhar.

— Por sorte, agora tem mais gente que aprecia os prodígios do que gente que os despreza. Sei que ainda existem pessoas que não confiam em nós, principalmente depois das coisas que passaram nas mãos das gangues de vilões.

Nova sabia que era verdade. Mesmo hoje, andando pelo parque com o uniforme de Renegada, não havia muita variedade nas reações que ela recebia dos estranhos. Ou eles paravam para olhar para ela com sorrisos de queixo caído e olhares perplexos, sussurrando como bobos quando ela passava, ou a expressão deles azedava quando eles viam o uniforme cinza e o *R* vermelho, e na mesma hora mudavam o caminho ou a direção completamente.

Mas ela não tinha como ter certeza se o ódio era direcionado aos Renegados ou a todos os prodígios. As pessoas ainda tinham medo deles, e com razão. Mesmo quem admirava os Renegados, seus supostos protetores, ainda parecia ter um respeito que beirava a insegurança nervosa.

Heróis ou vilões, todos os prodígios eram poderosos. Todos os prodígios eram perigosos.

— ... a maioria das pessoas consegue ver que não somos todos assim — Adrian estava dizendo, atraindo a atenção dela de volta. — A vida está bem melhor agora do que era quando o Ace Anarquia estava no comando, e isso é por causa dos Renegados. — Ele balançou o boneco. — E do Conselho.

Nova franziu a testa.

— Ace Anarquia não ficou no comando — disse ela antes que pudesse se controlar. — Quer dizer, ele... tecnicamente, ele provavelmente era o líder dos Anarquistas,

mas acho que ele não queria *comandar*, sabe? Ele só... queria que a opressão aos prodígios parasse. — Ela engoliu em seco. — Pelo menos essa sempre foi a impressão que eu tive.

Os lábios de Adrian se curvaram.

— O quanto uma pessoa tem que ser misericordiosa para defender o Ace Anarquia?

— Eu não estou sendo misericordiosa. Eu só... só acho que ele leva a culpa de tudo que aconteceu durante aqueles anos, quando na verdade... uma boa parte foi por causa das outras gangues que subiram ao poder na ausência de um governo. E não era isso que ele queria. Ele era a favor da liberdade pessoal, da responsabilidade pessoal, de cada um se cuidar e cuidar dos seus, em vez de esperar que alguém cuidasse de você. Ele queria acabar com a opressão e com as regulamentações que só serviam a um grupo pequeno de pessoas, e... e... hum. — Seu rosto ficou vermelho. — Pelo menos... isso é... isso é o que algumas pessoas dizem. Sobre ele.

Em vez de olhar para ela como se tivesse perdido a cabeça, como Nova esperava, o sorriso de Adrian tinha aumentado.

— Bom, tenho a sensação de que se essas pessoas tivessem conhecido o Ace Anarquia, talvez tivessem uma opinião um pouco diferente.

Nova ficou tensa.

— Por quê? Você conheceu ele?

— Na verdade, não. E não lamento por nunca ter tido essa chance. — A expressão dele ficou séria quando ele olhou para ela. — Você não acha, de verdade, que as coisas estão melhores agora por causa dele. Acha?

Ela pensou na resposta por um tempo.

— Eu acho que muitas coisas horríveis aconteceram durante a Era da Anarquia, muitas coisas que não deviam ter acontecido. Mas também acho que se o Ace Anarquia não tivesse feito o que fez... então *isto* — ela puxou a capa do boneco — não seria possível. Os prodígios ainda estariam escondidos. As pessoas ainda nos odiariam.

Os lábios de Adrian ficaram rígidos, e Nova se perguntou se tinha dito demais.

Mas ele suspirou.

— Acho que não tenho como discutir com isso. Mas também não consigo deixar de acreditar que havia um jeito melhor de vir de lá até aqui.

Nova pensou em todos os prédios destruídos, em todas as pessoas mortas. O suspiro dela foi igual ao dele.

– Eu também não tenho como discutir com isso.

– Uma coisa boa que definitivamente surgiu daquela época – disse Adrian, abrindo bem os braços – é que agora nós temos super-heróis. Talvez essa seja a diferença. Antes, as pessoas nos viam como aberrações com poderes assustadores. Agora, elas nos veem como... como inspiração.

– Inspiração?

– Claro. Todo mundo quer ser herói. Se você pensar bem, é meio triste que tão poucos possam ser.

Nova não conseguiu segurar uma fungada de desprezo.

– Seria triste, só que as pessoas não estão sendo sinceras.

Adrian inclinou a cabeça para ela.

– O que você quer dizer?

– Não há regra que diga que você precisa ser prodígio para ser herói – insistiu ela. – Se as pessoas quisessem se defender, ou proteger seus entes queridos, ou fazer o que acreditam de coração que é a coisa *certa* a fazer, elas fariam. Se quisessem ser heroicas, elas encontrariam jeitos de ser heroicas, mesmo sem poderes sobrenaturais. – Ela balançou os dedos em uma imitação debochada desses poderes. – É fácil pra você dizer que quer ser herói, mas a verdade é que a maioria das pessoas é preguiçosa e complacente. Elas têm os Renegados para fazer todo o trabalho de resgatar e salvar, então por que se dariam ao trabalho? É mais fácil ligar para o número de emergência, virar para o outro lado e fingir que o problema não é seu.

Suas palavras tiveram gosto amargo até na própria língua, não porque eram pessimistas, mas porque eram verdadeiras.

Por causa dos Renegados, a humanidade estava ficando fraca e patética, como *ela* já tinha sido fraca e patética. Esperando na escuridão daquele armário, escutando os gritos da irmã serem silenciados. Tão esperançosa, tão confiante, acreditando de coração que os Renegados apareceriam.

Mas eles eram ídolos falsos. Mentirosos e traiçoeiros.

Talvez, se não estivesse esperando os Renegados, ela não tivesse se escondido naquele armário. Talvez pudesse ter feito o assassino dos pais dormir antes. Talvez pudesse ter salvado Evie.

Ou talvez um dos vizinhos tivesse ouvido a comoção e ido ajudar, em vez de supor que outra pessoa resolveria.

Talvez... só *talvez*.

— O que você propõe? — disse Adrian, enfiando a mão livre no bolso enquanto eles passavam por vendedores de comidas. — Devíamos abrir um curso de treinamento de heróis que incluísse não prodígios? Para ensinar ética e artes marciais e... sei lá. Coragem. Você acha que dá pra ensinar alguém a ser corajoso?

Nova sentiu o canto da boca subir só um pouco, em alívio por ele não ter refutado de cara seus argumentos contra heróis.

— Um curso de treinamento de heróis seria um começo, mas não iria tão longe. Enquanto houver super-heróis, vai haver gente contando demais com eles. Eu acho que a humanidade ficaria melhor se não existisse... prodígio nenhum.

Por um momento, ela quase disse *Renegados*, mas lembrou a tempo com quem estava falando. Pensando melhor, percebeu que era verdade. Não eram só os Renegados que causavam tantos problemas para a humanidade. Eram os vilões também, embora eles só estivessem reagindo a séculos de ódio e discriminação.

O quanto o mundo ficaria melhor se não existisse prodígio nenhum?

— Concordo que a dependência pode ser um problema — disse Adrian, achando certa graça —, mas nenhum prodígio? Isso pode ser levar as coisas um pouco longe demais.

— Eu não acho.

— E as coisas que o Conselho construiu ao longo dos últimos nove anos? Todas as coisas que os Renegados fazem por esta cidade e pelo mundo todo?

— São coisas que os não prodígios teriam construído se nós não existíssemos. São coisas que as pessoas fariam *por elas mesmas*. Se não existisse o Conselho, elas já teriam restabelecido seu próprio governo, ou estariam tentando. Estariam montando suas patrulhas e seus agentes da lei, escrevendo as próprias leis, construindo a própria infraestrutura...

Ele olhou de lado para ela.

— O mundo estaria desmoronando se não fôssemos nós.

— O mundo estava ótimo antes dos prodígios se envolverem com ele. Ficaria bem de novo. Mas agora vai sempre ser assim. Os prodígios vão sempre se estranhar, vão sempre lutar por poder e domínio, e as pessoas normais sempre vão sofrer por isso.

Adrian inclinou a cabeça, e ela o viu contemplando as palavras dela por um longo tempo.

— Você está falando sério sobre isso.

— Estou, sim. Não que importe, mas eu acredito que a humanidade ficaria melhor sem nós. Sem prodígios, vilões e Renegados. A sociedade se organizaria, assim como já fez cem vezes ao longo da história, mas seria bem mais rápido e com bem menos tormento se não fosse nossa interferência.

Adrian sustentou o olhar dela por muito tempo.

— Que coisa horrível — disse ele por fim.

Nova deu de ombros.

— É a verdade.

Eles passaram em silêncio pela montanha-russa, ouvindo o estalo dos trilhos e os gritos das pessoas.

Adrian passou o boneco para o outro braço e, finalmente, soltou o ar de forma exagerada.

— Bem. Agora que tiramos essa discussão filosófica importante da frente... e agora? — Ele apontou. — Montanha-russa? Chapéu mexicano? Está com fome?

Nova sorriu, e o nó no peito dela se desfez rapidamente.

— Me corrija se eu estiver enganada, mas nós não devíamos estar procurando uma pessoa?

— Você está totalmente certa. — Adrian bateu com o dedo nos lábios. — E acho que devíamos procurá-la — ele apontou — na roda-gigante.

Nova seguiu o olhar dele para o brinquedo colorido.

— É. Parece um esconderijo bem provável pra uma supervilã.

— Talvez não, mas vai nos dar uma boa vista do parque, e podemos planejar uma estratégia lá de cima.

Era uma desculpa, e não muito boa. Nova sentiu o coração começar a pular quando eles atravessaram a multidão. Porque, pela primeira vez desde que eles chegaram, ela se perguntou por que Ruby, Oscar e Danna não se juntaram a eles. E começou a se questionar por que Adrian tinha pedido que *ela* se juntasse a ele e não um dos colegas mais experientes da equipe.

E começou a se perguntar se aquele dia tinha mesmo o objetivo de encontrar a Pesadelo.

Mas achar que Adrian tinha outras motivações só fez seus pensamentos seguirem um caminho que deixou suas mãos suadas e a pulsação acelerada. Nova estava imaginando aquelas pequenas gôndolas com ela, Adrian e o boneco espremido. Estava imaginando os quadris se encostando. O ombro dele no dela.

Ou seria tão apertado que ele teria que passar o braço nos ombros dela? Sua pele formigou só com o pensamento.

Como uma coisa que seria impensável semanas antes era agora tão fácil de imaginar?

— Nova?

— Roda-gigante — disse ela, e limpou a garganta. — Claro. Tudo bem.

Mas eles não tinham andado muito quando houve uma gritaria aguda:

— *Renegada!*

Nova se virou e viu mais de dez crianças correndo na direção deles, saídas de uma tenda de circo de listras amarelas, acima da qual havia uma placa dizendo **CENTRAL DE FESTAS**. As crianças estavam usando uma variedade de máscaras e capas do tipo que Nova tinha visto no desfile.

Para sua surpresa, elas não correram para Adrian, mas para *ela*, e Nova demorou um momento para lembrar que era ela que estava de uniforme.

— É ela! A dos testes! — gritou uma garota.

Um garoto ao lado respondeu:

— É, a que venceu o Gárgula!

Ela olhou para Adrian, que pareceu perplexo, mas a expressão logo se transformou em um sorriso caloroso.

— Ei, crianças. Vocês estão certas. Esta é a Insônia.

— Insônia! — disse o garoto. — Isso mesmo! Eu estava lá naquela noite. Levantei a placa de heroína pra você.

— Ah. Obrigada... — disse Nova.

— Você pode vir à minha festa de aniversário?

Ela olhou para baixo e viu um garotinho de cabelo preto sem o dente da frente sorrindo para eles. Ele era o único garoto de traje completo de super-herói, uma fantasia de Capitão Cromo. O chapéu de festa dizia com letras grandes: **COMPANHEIRO DO CAPITÃO CROMO**.

— O tema é de super-heróis! Vem!

Nova se viu sendo arrastada para a tenda. Olhou para Adrian, perdida, mas aliviada de vê-lo andando atrás dela. Ele viu a expressão dela e começou a rir.

Eles tinham acabado de passar pela abertura na tenda quando Nova conseguiu se soltar das crianças.

— Esperem — disse ela, levantando as mãos. — Sim, eu sou a Insônia. Mas ele — ela apontou para Adrian — é o verdadeiro herói. Vocês deviam pegar no pé dele.

Adrian levantou uma sobranceira desafiadora para ela, mas só demorou um momento para as crianças correrem para ele. O aniversariante se balançou nos calcanhares.

— Você parece mesmo familiar. Você é um Renegado?

— Sou — disse Adrian, repulsivamente tranquilo.

Nova olhou para ele com irritação.

— O que você faz?

Adrian olhou ao redor, e Nova acompanhou o olhar. A pequena tenda estava lotada de mesas compridas de piquenique cobertas de toalhas de plástico e cadeiras dobráveis com balões presos. Em uma mesa havia um bolo caseiro e uma pequena pilha de presentes. Também havia adultos, os pais de todas aquelas crianças, supôs Nova, sendo que muitos pararam de conversar para olhar os recém-chegados.

— O que eu faço? — disse Adrian, e Nova viu a mão se aproximando do bolso. Seus olhos brilharam quando ele se apoiou em um joelho para ficar olho no olho com o aniversariante. — Me conte, qual é o presente que você quer muito de aniversário este ano?

O garoto respondeu imediatamente:

— Uma bicicleta.

— Uma bicicleta? — Adrian olhou para uma mulher parecida com o garoto. — Tudo bem por você?

— Tudo bem por mim? — repetiu a mulher, parecendo sofrer. — Não é exatamente... eu não tenho dinheiro... — Ela pareceu perdida, como se seu coração estivesse partido de não poder conceder essa vontade ao filho. — Eu adoraria dar uma para ele se pudesse.

— Bem — disse Adrian, pegando a caneta. — Vamos ver o que podemos fazer.

CAPÍTULO QUARENTA



NOVA FICOU RONDANDO AS beiradas da tenda, vendo a festa com uma mistura de prazer por ver o entusiasmo inocente das crianças, mas também uma certa pena quando pensava o quanto esse entusiasmo era errado.

Os Renegados, tinha vontade de dizer para elas, *elas vão partir seu coração no final*.

Só que ela não conseguia se convencer de que *aquela Renegado* faria isso.

O aniversariante estava oscilando em cima da bicicleta havia vários minutos e tinha até conseguido levantar os pés do chão e dar meia-volta na tenda, mas entrou em pânico e bateu numa mesa... sem se machucar, felizmente. E assim que as outras crianças viram o que Adrian era capaz de fazer, elas começaram a enchê-lo de pedidos. *Desenha um bicho de pelúcia... um pirulito... um avião!* Até que a tenda ficou cheia de presentes, todos em amarelo-canário tirado direto das paredes da tenda de lona.

Adrian nunca disse não, nem quando os pedidos foram ficando mais e mais exagerados (*agora uma casa na árvore... uma casa na árvore com canhões... uma casa na árvore com canhões e também um fosso protegido por um tubarão robô!*), e nunca parecia irritado, nem com as crianças se espremendo em volta dele, deixando pouco espaço para ele desenhar as coisas que elas queriam.

— Com licença?

Nova olhou para baixo. A irmã mais velha do aniversariante, com talvez oito ou nove anos, estava na mesa ao lado dela.

— Não olha pra mim — disse Nova, levantando as mãos. — Minhas habilidades são desprezíveis em comparação com as dele.

A garota piscou, e passou pela cabeça de Nova que talvez ela não fizesse ideia do que significava a palavra *desprezível*. Ela estava tentando pensar em um sinônimo quando a garota comentou:

— Eu estava nos testes.

Nova piscou.

— Ah. Isso. Certo.

— Você foi incrível — disse a garota, meio sem fôlego. — Você nem usou superpoderes!

— Não. Não, essa é a questão, meu poder não... é... — Ela olhou para Adrian. — Não dá pra exhibir assim.

— É, mas isso também é o mais legal. — As orelhas da garota estavam cor-de-rosa. — Eu não sou prodígio, mas... quando vi você pensei que talvez eu também pudesse ser uma Renegada, entende?

Nova abriu a boca, mas hesitou, sem saber como responder. Ela duvidava que os Renegados fossem recrutar alguém que não tivesse pelo menos um pouco de superpoder, mas Danna e Adrian deram a entender que ela poderia ficar na equipe mesmo que Max tivesse roubado sua habilidade. E, se isso era possível, talvez um não prodígio pudesse um dia ser aceito.

Ela pensou em sua conversa com Adrian. Ele achava que eles eram inspiração para as pessoas. Acreditava que a existência de super-heróis podia encorajar todo mundo a ser mais heroico. Nova foi taxativa quando disse que ele estava enganado, mas, ao ver o jeito como aquela garota estava olhando para ela agora, ficou na dúvida.

Em vez de rejeitar o sonho da garota, ela se inclinou.

— Posso contar um segredo?

A garota chegou mais perto, assentindo com euforia.

— Você não precisa ser uma Renegada pra ser uma super-heroína.

A garota inclinou a cabeça para o lado.

— Esse é o tipo de coisa que a minha mãe diria.

Nova riu.

— Desculpe. É verdade, mas... também é um jeito de tirar o corpo fora, não é?

— Você comeu bolo?

Sobressaltada com a mudança de tópico, Nova balançou a cabeça.

— Não, mas eu não...

— Vou pegar um pedaço! A minha mãe que fez. Está *muito* bom. — A garota saiu correndo antes que Nova pudesse recusar a oferta.

Nova a viu se afastar, perplexa, e ouviu a voz de Adrian no meio das risadinhas.

— De jeito nenhum. Ninguém vai ganhar um pônei em tamanho real. Chegamos ao limite, crianças!

Ele estava segurando a caneta no alto, como se *ela* fosse o prêmio que as crianças queriam pegar.

Apesar da falsa irritação na voz, ele estava sorrindo.

Não... estava com um sorriso largo que parecia iluminado por dentro.

Ele olhou para ela, e as entranhas de Nova deram um nó. Já tinha percebido desde o começo que ele era bonito, mas alguma coisa nele naquele exato momento foi muito além de bonito. Ela disse para si mesma que era a iluminação da tenda. Que era delírio parcial porque não tinha comido ainda. Era... era só Adrian. Com aquela tranquilidade que Nova não conseguia entender. Uma alegria que parecia se chocar com tudo que ela sempre soube.

— Aqui!

Um pedaço de bolo apareceu na frente do nariz de Nova, e ela ficou feliz de mudar o foco da atenção, as bochechas quentes. Nunca agradeceu tanto um pedaço de bolo que não queria.

— Obrigada — disse ela, mais efusivamente do que seria necessário. Pegou o prato e botou uma garfada de bolo na boca.

Ela verificou o horário no comunicador. Ingrid assumiria sua posição em pouco tempo.

Ela olhou para Adrian, que tinha afastado o olhar dela e estava, claro, desenhando um pônei na parede da tenda.

— Hum... nós temos que ir — disse ela, abrindo um sorriso para a garota e comendo mais um pouco de bolo, que estava mesmo delicioso. — Obrigada de novo.

Ela se levantou do banco e seguiu no meio das crianças. Adrian a viu e parou com o pônei pela metade.

— Primeiro — disse Nova —, era bom você verificar com os pais antes de dar um pônei de verdade para qualquer uma dessas crianças. Segundo, nós não temos que ir?

— Primeiro, você deixou um confeito passar. — Adrian esticou a mão e passou o polegar pelo canto da boca de Nova. Ela ficou paralisada e o toque gerou um tremor nas entranhas dela. Quando ele recuou, um confeito laranja estava na ponta do polegar dele, que ele colocou na boca, os olhos provocadores. — Segundo, você está certíssima.

Ele se virou e terminou o desenho do pônei, mas, quando o tirou da parede da tenda, não era uma criatura viva, e sim um simples cavalo de brinquedo.

— E vamos chamar isso do meu grande final, crianças — disse ele, fechando a caneta e se afastando da parede da tenda, ao som de um coral de gemidos decepcionados. — Eu sei, eu sei. Mas o heroísmo me aguarda! — Ele fez uma pausa para acenar para o aniversariante e os pais, agradecer pela hospitalidade e pegar o pulso de Nova e a tirar da tenda, rindo.

— De nada — disse Nova, ainda meio abalada, o rosto formigando onde ele tinha tocado nela.

Ele sorriu e balançou o pulso.

— Agradeço mesmo. Mas foi divertido.

— É difícil não se divertir quando se é tão popular, imagino.

Ele riu com deboche.

— Como se você não soubesse. — Ele imitou uma voz feminina quando deu o gritinho: — É a Insônia! Ela venceu o Gárgula! A gente a ama!

Ela revirou os olhos e bateu no braço de Adrian.

— Ei, onde está o Guardião Terror?

— Eu dei para o aniversariante. Sabia que ele gosta *muito* de super-heróis?

— É mesmo? Não percebi.

Adrian sorriu para ela e, mesmo sabendo que não devia, Nova sorriu para ele. Quando conseguiu afastar o olhar, Nova viu que eles tinham chegado a uns brinquedos de criança pequena: trenzinhos e montanhas-russas de dinossauro.

— Não sei por quê — disse ela —, mas acho que não vamos encontrar a Pesadela aqui.

Ignorando-a, Adrian perguntou:

— Que brinquedo você controlava?

— O quê? Ah, hum. Vários. Nós fazíamos rodízio.

— Você viu alguém aqui com quem trabalhou?

Nova engoliu em seco e olhou para os operadores dos brinquedos. De acordo com seu formulário, havia trabalhado ali até uns dois meses antes. Se a história fosse real, claro que ela deveria ter reconhecido vários funcionários.

— Ainda não — gaguejou ela. — Eu, hã... não trabalhava às quintas.

Eles foram até o fim do parque, onde as estruturas velhas e deterioradas podiam ser vistas atrás da cerca de arame. O maxilar de Nova se contraiu quando ela olhou para as passagens cheias de mato entre os jogos, para o telhado da casa maluca como se estivesse prestes a desabar.

— Está com fome? — perguntou Adrian.

Ela assentiu.

Mas eles tinham ido longe demais. Todos os quiosques de comida estavam perto das áreas mais populares do parque.

Nova inspirou fundo e comentou:

— Tem um quiosque de pipoca por aqui. Passando por... — Ela lambeu os lábios.
— Passando pela galeria.

A galeria era um túnel comprido de madeira que separava a área das crianças da parte do parque com os brinquedos mais rápidos e radicais. As paredes do túnel eram cobertas de fotografias antigas da história do parque, de quando foi fundado quase setenta anos antes. Quando eles entraram no túnel, Nova foi na direção da primeira coleção de fotos, fingindo curiosidade enquanto lia a legenda embaixo de uma foto que mostrava um palhaço posando atrás de um grupo de crianças. A foto seguinte mostrava a estátua de cavalo na entrada do parque quando era novinha. A terceira foto, uma mulher de chapéu de papel dando um cone de algodão-doce para um homem de terno. Era tudo antiquado e estranho. De antes da Era da Anarquia. De antes da ascensão dos Renegados. Um lugar diferente, uma época diferente.

— Incrível ter durado tanto tempo, não é? — disse Adrian, andando junto à parede oposta.

Nova ficou onde estava, torcendo para ele ver. Torcendo para ele encontrar sozinho...

— Incrível... — murmurou ela. Nova seguiu pela fileira de fotos. Devagar. Com expectativa. Ela não estava mais vendo as fotos; já tinha visto muito bem na noite

anterior, de qualquer modo. Famílias felizes entrando na montanha-russa velha. Casais felizes entrando nas gôndolas do Túnel do Amor. Crianças felizes acenando do carrossel.

— Nova.

Ela soube imediatamente pelo tom da voz dele que ele tinha encontrado.

Ela parou, fechou os olhos e expirou.

— Nova, olha.

Ela se virou e o viu olhando para a foto. A foto, a que Nova levou três horas para alterar, usando uma fotografia que Mel tinha da casa maluca, tirada durante a época de Winston. Ela a colocou com cuidado no lugar da fotografia original na noite anterior, quando o parque estava silencioso e vazio.

Durante setenta anos, a casa maluca que apodrecia abandonada nos fundos do parque se chamava, de forma simples e sem inspiração nenhuma, de CASA MALUCA.

Mas ali, na foto trabalhosamente editada, o nome tinha sido trocado.

Nova parou ao lado de Adrian e olhou para a fotografia em preto e branco em uma moldura e para as letras no toldo da entrada. Não CASA MALUCA, mas PESADELO.

— Coincidência? — perguntou Adrian.

— Talvez — respondeu ela.

— Se chama Casa Maluca agora, não é? Queria saber por que decidiram mudar.

Ela não disse nada.

Ele olhou para ela, e Nova viu a convicção. Ele não achava que fosse coincidência.

— Você acha que devemos ir falar com seu antigo chefe sobre isso? Talvez ele possa nos contar quando o nome foi mudado, ou... — Ele parou de falar, e ficou claro que estava procurando alguma fonte que pudesse levar a uma pista real, por mais tênue que a prova fosse.

— Duvido que ele saiba — disse Nova. — Era Casa Maluca na Era da Anarquia, então o nome deve ter sido mudado muito tempo atrás. — Ela engoliu em seco e acrescentou: — Acho que a gente devia ir dar uma olhada.

Adrian não hesitou muito e assentiu.

— Você está certa. Vamos.

— Você acha que devemos pedir reforços?

— Nós ainda não encontramos nada — disse ele, parecendo quase estar achando graça. — Mas vamos fazer isso ao primeiro sinal de problema. Combinado?

Ela curvou os dedos nas laterais do corpo.

— Combinado.

Quando eles saíram da galeria, Nova viu que tudo tinha mudado. A leveza e a tranquilidade que emanaram de Adrian o dia todo foram substituídas por tensão e foco renovado. Ela viu que ele estava segurando a caneta de novo, quase como uma arma, e não tinha certeza de quando ele a pegou. Percebeu que ficava prendendo a mão nos aros do cinto, apesar de não fazer sentido ela estar ansiosa.

Ela sabia exatamente o que eles encontrariam.

Não havia nenhum portão visível na cerca de arame, então Adrian prendeu a caneta entre os dentes, enfiou os dedos nos buracos do arame e escalou. O metal sacudiu com o peso, mas ele subiu com agilidade. Adrian caiu na terra macia do outro lado e virou o rosto para dar uma olhada em Nova, mas ela já estava no alto, apoiada delicadamente na barra de metal superior.

— Olhe — sussurrou ela.

Adrian olhou. Seu corpo parou só por um momento, antes de ele andar para a frente e se agachar junto a uma área de terra macia. Puxou a grama com mato nas beiradas e revelou marcas de botas se cruzando. As pegadas de solas grossas de borracha exibiam um caminho claro entre o canto da cerca e os brinquedos abandonados ao longe.

Foi a última pista que Nova decidiu deixar, naquela manhã bem cedo, menos de uma hora antes de o parque abrir. Usando as botas que ela achava incrivelmente confortáveis como Pesadelo, mesmo ela tendo que admitir que não chegavam perto do calçado que havia recebido como parte do uniforme dos Renegados, ela andou de um lado para outro, de um lado para outro, na esperança de passar a ideia de um caminho usado com frequência.

Nova foi se juntar a ele.

Ele tirou a caneta dos dentes.

— São recentes — disse ele, levantando-se e olhando na direção da casa maluca. Ela viu o debate evidente nas feições antes de ele levar o pulso até a boca. — Enviando comunicação de equipe. Insônia e eu estamos no parque Cosmopolis. Achamos que pode haver uma ligação entre a Pesadelo e a casa maluca abandonada nos fundos. Vamos investigar. Até o momento, não vimos a vilã, mas estamos nos preparando para uma alteração, e podemos precisar de reforços.

Ele encerrou a mensagem e baixou o braço.

— Você acha que ela está lá dentro?

— Seria um bom lugar para se esconder.

Adrian foi andando pelo caminho cheio de mato. Eles passaram por um cemitério de foguetes quebrados e carrinhos de uma das montanhas-russas originais, agora com arbustos espinhentos de amoras crescendo em volta das carcaças. Apesar de a tinta estar desbotada, as cores vibrantes ainda contrastavam com o abandono daquele canto do parque: os trilhos enferrujados e engrenagens mecânicas, os pedaços quebrados de cerca e de quiosques de comida.

Adrian parou em uma bilheteria que já tinha sido branca, mas agora estava tão suja e danificada por água que era difícil perceber. Ele desenhou duas algemas na lateral de madeira. Entregou uma para Nova e guardou a outra no bolso. Passou pela cabeça de Nova que, se o objetivo do dia fosse mesmo encontrar a Pesadelo, ele já teria trazido algemas. Ela olhou para o perfil dele quando Adrian encostou a caneta na bilheteria de novo.

— Adrian?

A mão dele parou de se mover e ele virou a cabeça para olhar para ela.

Ela engoliu em seco.

— Isso era um encontro?

Ele abriu os lábios, primeiro de surpresa, mas depois de hesitação, enquanto procurava uma resposta. Afastou a caneta da bilheteria e usou a tampa para coçar atrás da orelha.

— Bom. Foi a primeira vez que uma garota ganhou pra mim um Guardiã Terror enorme de pelúcia, então... me diz você.

A bochecha dela tremeu.

— Isso não foi uma resposta.

— Eu sei.

Eles se olharam, e o coração de Nova começou a fazer acrobacias dentro do peito.

— Você teria dito sim se fosse? — perguntou Adrian.

Não, disse seu cérebro. Enfático e agressivo. *Não*.

Enquanto outra coisa sussurrou... *Talvez*.

Mas Nova, covarde de repente, olhou para trás do ombro de Adrian e franziu a testa.

— Acho que vi alguma coisa.

Adrian se virou, ao mesmo tempo esticando o braço para deixá-la atrás dele, o que era tão absurdamente galante que Nova se viu querendo ao mesmo tempo empurrar o braço para longe e segurar a mão dele. Na verdade, enquanto olhava para os dedos que estavam quase roçando nos dela, ela teve a ideia absurda de entrelaçar os dedos nos dele e levar a mão dele à boca, para dar um beijo naqueles dedos.

A fantasia momentânea a paralisou.

— Onde? — perguntou Adrian.

— Dentro da casa maluca — disse Nova, as palavras parecendo robóticas e ensaiadas. — Ah, espera. Acho que pode ter sido aquele boneco sinistro na sacada.

Ela ergueu os olhos para o resto de um manequim no segundo andar. Estava usando uma fantasia suja e molhada de palhaço, mas alguém já tinha tirado a cabeça dele muito tempo antes.

Eles ficaram observando, imóveis, por um momento.

— Será que devemos entrar e olhar? — perguntou ela.

Adrian assentiu.

— Se virmos a Pesadelo, você sabe que não deve deixar que ela toque em você, certo?

Ela tremeu, olhando novamente a pele escura, os dedos finos... tocando nela, mas não de verdade.

— Eu sei — murmurou ela, e voltou o suficiente só para romper o contato hesitante.

Adrian ergueu o braço e começou a desenhar na lateral da bilheteria de novo. Nova fechou os olhos enquanto esperava. Concentrou-se na respiração, tentando sufocar a onda de sensações que tomava conta de seu corpo. Ela precisava parar de pensar em sorrisos bonitos e pequenos toques e beijos e encontros. Se Adrian gostava dela, se gostava mesmo, era só porque não a conhecia de verdade.

Ele nunca gostaria da garota por baixo da mentira. Nunca gostaria de Nova Artino. E não importava, de qualquer modo, porque ela nunca poderia se apaixonar por um Renegado.

Aquela palavra destruiu a nuvem de dúvida que tinha se reunido em volta dela, e ela abriu os olhos, determinada novamente.

Ele era um Renegado.

Ele era seu inimigo.

Ele podia ter ido até ali com outros motivos, mas ela também.

— Pronta? — perguntou ele.

Ela levou um susto, a pele formigando de apreensão. Ele tinha desenhado uma arma.

Ao examinar melhor, ela percebeu que era uma arma tranquilizadora. Isso poderia tê-la feito hesitar, exceto pelo fato de que o tinha visto atirar recentemente. Ela duvidava que precisasse se preocupar.

Ela assentiu com firmeza.

— Estou pronta.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



A CASA MALUCA, QUE, SEGUNDO a fotografia, mostrou que já tinha sido chamada Pesadelo, era uma construção bamba de dois andares coberta de tinta branca e laranja descascando. As poucas janelas exibiam painéis tortos e tábuas pregadas por cima. Não havia vidro. Teias de aranha, algumas grossas e escuras como fio de lã, ocupavam a varanda em torno da casa toda. Quando eles passaram por baixo, Adrian olhou para o palhaço sem cabeça. Ele supunha que já tinha tido uma, mas era difícil ter certeza. O lugar era tão sinistro que era preciso uma imaginação exagerada para visualizar como deveria ter sido: um lugar de diversão e fantasia. Um lugar onde os estômagos das pessoas não se enchiam de medo quando elas entravam.

A varanda gemeu sob o peso quando ele foi até a entrada de portas duplas, onde um mural de bailarinas gêmeas havia sido pintado para receber os visitantes. Uma delas tinha um balão de fala que dizia: “Bem-vindos à nossa casa maluca!” E a outra: “Apreciem a visita!” E Adrian conseguia imaginar as cabecinhas girando quando ele empurrou a porta, as vozinhas acrescentando com uma gargalhada assustadora: *Senão...*

Mas o mural era só um mural, e nenhuma voz sinistra soou quando ele e Nova entraram na primeira sala da casa. Não havia nenhum ruído além da música distante que vinha do parque de diversões que eles deixaram para trás.

A primeira sala não tinha janelas, e ele segurou a porta aberta por tempo suficiente para eles se localizarem, apesar de não conseguirem ver muito dentro da

antiga atração. Havia uma parede a menos de dois metros da porta, encorajando os visitantes a irem rapidamente além do saguão para o que havia depois.

– Alguém esteve aqui recentemente – disse Nova, apontando para o chão, onde pegadas claras podiam ser vistas passando pelos anos de poeira acumulada.

Nova enfiou a mão no cinto e tirou um pequeno dispositivo. Ela fez como se fosse quebrá-lo, e o objeto começou a brilhar em um amarelo luminescente. Ela o jogou na porta seguinte.

– Que legal – disse Adrian.

– Microssinalizadores exotérmicos. Eu mesma faço.

Ele sorriu para ela.

– Se você ficar sem, posso desenhar uma lanterna.

Ela fez uma careta quando passou na direção das sombras.

Adrian soltou a porta, que estalou alto e se fechou com um clique ressonante, prendendo-os lá dentro com o ar parado e silencioso. Ele seguiu Nova pela esquina e por uma série de caminhos que se cruzavam algumas vezes. Nova deixou o microssinalizador ao passar, talvez como uma forma de marcar a direção de onde eles tinham vindo, e acendeu outro quando eles seguiram pelo caminho estreito. Adrian passou a mão esquerda na parede para impedir que eles voltassem para terreno já percorrido e, embora o labirinto parecesse meio infantil, conseguia imaginar como devia ser desconcertante tentar percorrê-lo no breu total.

Depois de encontrar dois becos sem saída, eles se viram no final do labirinto, parados na frente de um corredor comprido que tinha sido feito para parecer o corredor de uma casa antiga comum. Duas janelas quadradas pequenas exibiam cortinas de renda, e as paredes eram cobertas de papel de parede azul quadriculado.

Eles foram para o corredor, e o chão se inclinou.

Nova ofegou e caiu para o lado, esbarrando em Adrian. Ele passou os braços instintivamente em volta dela quando suas costas bateram na parede.

Eles ficaram parados, nenhum dos dois ousando se mexer enquanto o corredor se ajeitava. Ele sentiu o coração de Nova disparado, e quando ela o olhou, as bochechas dela estavam vermelhas.

Ele não pôde evitar que seus dedos se curvassem de leve no tecido do uniforme dela.

Nova soltou um suspiro autodepreciativo.

— Alerta: o piso se move.

Adrian sorriu.

— Não diga.

Para a decepção dele, Nova se afastou e se apoiou na parede.

— É ativado pelo peso — disse ela. — Se ficarmos os dois deste lado, acho que conseguimos deixar no lugar.

— Uau, você é boa mesmo em física.

Ela olhou de cara feia para ele.

— *Agora* você decide ser sarcástico?

Com as bochechas tremendo, Adrian a seguiu pelo corredor, os dois andando o mais perto da parede possível para que o piso não oscilasse embaixo deles de novo.

No final do corredor, eles abriram passagem por uma cortina, e Adrian viu duas figuras escuras correndo na direção deles. Ele deu um gritinho e segurou o cotovelo de Nova para puxá-la para trás, mas seu cérebro acompanhou os olhos e Adrian percebeu que estava olhando para seus reflexos.

Ou, ao menos, seus reflexos distorcidos. Um dos espelhos de parede inteira era curvo, para fazer Adrian parecer baixo e atarracado, enquanto o de Nova era alterado para fazê-la parecer ter dois metros e meio de altura.

Ele expirou.

— Desculpa. Este lugar está me deixando meio tenso.

Nova afastou o braço e se virou para ele, pousando as mãos nos quadris.

— Só para deixar registrado, embora seja muito fofo você ficar tentando me proteger, eu gostaria de lembrar que sei como me defender.

Ele fez uma careta.

— Eu sei. É só... instinto.

— Bom, pare.

Ele levantou as mãos.

— Não vai mais acontecer. — Ele hesitou. — Quer dizer, a não ser que eu tenha certeza de que você está prestes a morrer, aí eu vou mesmo salvar você, quer você queira ou não.

Nova revirou os olhos e foi para a sala de espelhos, que era outra sequência de corredores que ia e voltava, de forma que às vezes eles ficavam rodeados de incontáveis versões deles mesmos refletidos ao infinito, e em outras vezes a ilusão de

ótica do salão tornava impossível ver onde ficava a abertura seguinte entre espelhos, de forma que parecia que não havia saída. Em determinado ponto, Adrian se viu olhando uma versão dele mesmo em que as pernas e a cabeça estavam encolhidas em proporção de boneca, deixando o tronco enorme entre ambos, quando, com o canto do olho, ele poderia jurar que viu a Pesadelo passar correndo.

Ele segurou a arma tranquilizadora e se virou para ir atrás dela, mas deu de cara com uma parede. Quando conseguiu dobrar a esquina, só viu Nova franzindo a testa para ele.

— O que houve?

Piscando, Adrian afastou a visão e percebeu que devia ter sido ela que ele viu, sua imaginação se deixando levar por outro reflexo distorcido.

— Nada — disse ele. — Como saímos daqui?

Eles procuraram mais um minuto, até que encontraram uma escada. Adrian reparou nos buraquinhos no chão conforme eles subiam, e desconfiou que eram para soprar ar, provavelmente levantando as saias de meninas distraídas, mas o mecanismo que ativava isso devia estar quebrado, e eles subiram sem incidentes.

Adrian olhou o corredor seguinte. Era mais largo do que o de baixo. Não havia janelas, só o piso de madeira escura e uma coleção de pinturas a óleo penduradas no papel de parede listrado, a maioria retratos de aristocratas estoicos. Empilhados junto à parede mais próxima estavam dezenas de tapetes de aniagem.

Adrian foi na frente e se preparou para se segurar, mas o piso permaneceu estável.

Eles foram em frente, lado a lado, querendo descobrir que nova surpresa aquele aposento tinha a oferecer.

— Acho que usavam os tapetes para escorregar — disse Adrian, olhando um quadro de um homem com uma barba grisalha crespa. Ele franziu a testa. Havia algo de estranho no desenho. Alguma coisa nos olhos dele que fez Adrian hesitar. Imaginou que estavam se movendo, seguindo-o pelo corredor, junto com Nova?

Ilusão de ótica, provavelmente, mas Adrian não conseguiu resistir a chegar mais perto. Nesse momento, ele ouviu um estrondo alto, e Nova gritou.

Ele se virou a tempo de ver Nova desaparecer por um alçapão quadrado. Adrian se jogou para a frente, tentando segurá-la, mas a porta se fechou. Ele só viu um escorrega de metal que levava ao andar de baixo.

— Nova! *Nova!* — Ele se abaixou junto à parte do piso por onde ela havia caído, tentando enfiar os dedos nas beiradas do alçapão, sem efeito. Levantou-se, bateu os pés no mesmo local, mas a porta não cedeu. — Nova!

Lá de baixo, ele a ouviu gritar:

— Estou bem!

No mesmo momento, o quadro na frente de Adrian se abriu e uma cabeça apareceu. Adrian deu um grito, ergueu a arma e disparou.

O dardo tranquilizador passou pela cabeça sem corpo e bateu inofensivamente na parede ao lado.

— *He-he-he-he!* — soou uma voz mecânica aguda. — *Você perdeu sua amiga, ah, buá! Mas não pare agora... a única saída é ir em frente!*

A cabeça balançou mais um segundo, e Adrian viu que estava presa a uma base com mola, como um brinquedo que pula de uma caixa. Estava pintada como a de um palhaço, com lábios vermelhos extravagantes e um diamante preto na bochecha, e ele se perguntou se era para ser a cabeça que faltava do boneco lá fora.

O quadro se fechou. Dentro da parede, ele ouviu o clique dos mecanismos se rearrumando.

Ele engoliu em seco e percebeu que estava tremendo.

— Adrian? — gritou Nova lá de baixo.

Com o pânico passando, ele guardou a arma e pegou a caneta.

— Espere, vou descer até aí. — Ele se ajoelhou no piso e começou a desenhar um alçapão.

— Não... espere!

Ele parou e inclinou a cabeça para ouvir melhor.

— Acho que pode haver dois caminhos por esta casa — gritou Nova. — A gente devia ir em frente... pra olhar os dois.

Ele franziu a testa. Não havia nada de interessante na ideia de eles ficarem separados, principalmente se aquele podia ser o covil da Pesadelo. Se bem que, quanto mais tempo ficava ali, mais Adrian questionava como alguém poderia suportar passar mais tempo ali do que necessário.

Finalmente, Adrian forçou os ombros a liberarem um pouco da tensão crescente.

— Tudo bem — gritou ele para Nova. — Encontro você na saída.

Ela não respondeu. Talvez já tivesse seguido em frente.

Adrian parou um momento para desenhar um novo dardo tranquilizador e carregou a arma antes de sair do corredor. Ele abriu a porta no final e parou ao se ver em uma sala hexagonal, onde cada parede exibia uma porta verde igual.

— Tudo bem — resmungou ele. Quando a porta se fechou, Adrian a marcou com um X, para saber que já tinha passado por ali. Ele abriu a primeira porta à direita e encontrou uma parede de tijolos. Esticou a mão, bateu nos tijolos e, ao determinar que eram tijolos de verdade e não ilusão de ótica, fechou a porta e a marcou.

Ele abriu a seguinte, e sua pulsação deu um salto.

A sala à frente era pintada no chão, nas paredes e no teto com espirais em preto e branco, fazendo parecer que a sala ficava cada vez menor conforme seguia à frente dele.

Mas não foi isso que o surpreendeu.

A ilusão de ótica era quebrada por três coisas.

Um saco de dormir. Um travesseiro. E uma bolsa de viagens grande.

Ele entrou na sala e seu olhar percorreu todas as superfícies. Quase esperava que a Pesadelo aparecesse de algum canto escuro, mas não havia nenhum lugar para ela nem ninguém se esconder.

Adrian se agachou ao lado da bolsa e abriu o zíper. Dentro, ele encontrou uma muda de roupas, um par de tênis e a arma do tamanho de uma bazuca que a Pesadelo havia usado para lançar as cordas em volta dele durante a luta no desfile.

Era toda a confirmação de que precisava.

Adrian se levantou, ergueu o pulso e enviou uma mensagem rápida para Nova, pedindo que ela se encontrasse com ele no segundo andar. Em seguida, alertou o Conselho e os informou do que ele e Insônia tinham encontrado.

Ele tinha acabado de enviar a mensagem quando ouviu o gemido de tábuas do piso. Parou e prendeu a respiração para escutar. Depois de um longo silêncio, no qual conseguia novamente captar as notas metálicas da música distante do parque, Adrian ouviu outro gemido do piso antigo.

Adrian voltou até a porta e olhou a sala hexagonal. Tentando adivinhar de onde o ruído tinha vindo, ele ajustou a mão na arma e foi até a porta em frente. Abriu-a devagar. Silenciosamente. Grato quando as dobradiças não fizeram ruído.

Atrás havia um corredor estreito, com espaço suficiente só para uma pessoa caminhar. Estava completamente escuro, exceto por uma série de buracos redondos

em cada parede, posicionadas em alturas variáveis em duplas. Adrian se adiantou, e a porta se fechou atrás dele, deixando-o na escuridão quase absoluta. Ele se aproximou de um par de buracos e se inclinou para olhar. Do outro lado da parede, reconheceu o corredor dos retratos, por onde Nova caiu no alçapão, e logo percebeu que estava olhando pelos olhos de um dos quadros.

Seu sangue gelou quando ele lembrou a sensação peculiar de um dos quadros os observando.

Ele se virou para a outra parede e se viu olhando para outra sala torta, onde as paredes eram pintadas para enganar os olhos a pensarem que tinha uma inclinação para baixo e para a esquerda, enquanto o piso se inclinava em outra direção. Havia portas em cada ponta da sala estranha, e enquanto ele olhava, a da esquerda se abriu.

Esperou que Nova aparecesse, mas quem entrou na sala foi uma figura vestida de preto.

Ele sufocou um ofego, os pulmões se apertando dolorosamente no peito.

Pesadelo.

Ele a tinha encontrado.

Sem hesitar, Pesadelo andou com determinação até a porta seguinte e desapareceu na sala hexagonal. Adrian ouviu portas serem abertas e fechadas, e pensou tê-la escutado mexendo nas coisas na sala onde tinha encontrado a bolsa. Ele franziu a testa. Ela sabia que o local havia sido descoberto? Estava se preparando para fugir?

Ele firmou o maxilar, determinado a não deixar que ela fugisse de novo.

Com a respiração saindo entrecortada, ele preparou a arma, voltou para a sala hexagonal e foi até a outra porta. Pousou a mão na maçaneta, mas com o canto do olho reparou no X preto que tinha desenhado na porta ao lado e na seguinte.

Será que a Pesadelo não teria notado...

A arma foi arrancada da mão dele e um pé enfiado na parte de trás do joelho, derrubando-o no chão.

Ele projetou o cotovelo para trás e a acertou no estômago. Pesadelo grunhiu e se jogou para a frente, chocando-se com o ombro de Adrian. Ele foi empurrá-la para trás, mas, no mesmo momento, ela segurou a barra da jaqueta dele e a puxou para cima, prendendo seus braços nas mangas. Ela o empurrou para o chão, e Adrian foi

derrubado de lado. Enquanto tentava se livrar da jaqueta, ele ouviu uma porta se abrir e se fechar, os passos altos com a corrida de fuga dela.

Com um grito furioso, Adrian arrancou a jaqueta e a jogou no chão. Estava ofegante, porém mais de frustração do que de qualquer outra coisa. Rosnando, ele abriu a porta pela qual achou que ela tivesse entrado e deu de cara com um cilindro horizontal comprido. Não havia sinal da Pesadelo.

Rosnando, ele ergueu o comunicador.

— Rabisco para o QG, pedindo reforços. Localizei a Pesadelo. Ela está fugindo. Estou atrás dela agora.

Ele arrancou a camiseta e revelou a parte de cima do uniforme dos Renegados, e saiu correndo. Foi aos trancos e barrancos pelo cilindro, que não o surpreendeu quando começou a rolar debaixo de seus pés, depois por uma pista de obstáculos de pontes oscilantes de corda e por uma escadaria em espiral. Atravessou uma galeria de marionetes animatrônicas que, felizmente, não ganhou vida quando ele passou no meio, depois outra rampa com ilusão de ótica, até finalmente abrir caminho por um par de portas e ir parar do lado de fora.

Estava mais escuro do que quando eles entraram. O crepúsculo caía rápido naquela época do ano, e a sombra da casa maluca já estava comprida pelo mato alto na frente dele.

Ele fez uma pausa, o olhar virando em todas as direções, procurando e escutando sinais da Pesadelo — e também da Nova —, mas aquele canto desolado do parque parecia tão abandonado quanto sempre.

Nova.

Ele não queria se preocupar com o fato de que não a via nem tinha notícias dela desde que se separaram, mas, agora que sabia que a Pesadelo estava próxima, sua mente foi tomada de medo. E se a Pesadelo a tivesse encontrado? E se...

E se.

Havia muitos “e se” para perder tempo com algum. No momento, ele tinha que encontrar a Pesadelo ou tinha que encontrar Nova.

Ele correu pelos degraus da saída e espiou os fundos do prédio. Não viu nada. Não ouviu nada.

Franzindo a testa, ele se virou para a casa maluca. Ela ainda estava dentro?

Assim que teve esse pensamento, ele percebeu uma sombra da casa maluca se prolongando no chão com a figura encapuzada no alto.

Adrian olhou para cima.

Pesadelo olhou para ele, parada calmamente na beirada do telhado. O capuz estava puxado sobre o rosto, e com o sol por trás, ela parecia quase uma sombra. Ela estava com uma arma em cada mão: a tranquilizadora dele e um revólver.

Ela ergueu o revólver.

Adrian a encarou e se agachou, preparando para pular no telhado, quando ela disparou...

E errou.

Por... muito.

O tiro ainda estava ecoando nos ouvidos dele quando foi substituído por uma risada.

— Achei que tivesse treinado você melhor, Pesadelo.

Adrian se virou.

Diretamente em frente à saída da casa maluca, sentada no palco de um antigo teatro de marionetes, estava a Detonadora.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



A BALA DA PESADELO NÃO atingiu a Detonadora, mas sim uma de duas marionetes penduradas dentro do teatro, bem no meio dos olhos. Embora a Pesadelo não tivesse acertado nem a Detonadora nem o próprio Adrian, ele teve a sensação de que ela acertou o alvo que desejava.

Mas fosse qual fosse a mensagem que ela queria enviar, ele só ficou perdido.

— Você tem muita coragem de mostrar a cara aqui — disse a Pesadelo, a voz grave e abafada por trás da máscara.

Adrian sentiu os antebraços formigando, como se as próprias tatuagens estivessem se preparando para lutar, embora ele ainda segurasse a caneta; se por hábito ou instinto, não tinha certeza. Mas, quando ergueu o olhar para a Pesadelo, ela pareceu estar olhando para a Detonadora, não para ele.

— O quê? — disse a Detonadora, balançando a perna cruzada. Ela estava com a mesma roupa da biblioteca, mas Adrian viu que tinha curativos no braço, o local onde Nova atirou quando ela tentou fugir. — Não posso vir dar um oi pra uma amiga querida?

— Você — acusou a Pesadelo com um rosnado na voz — me custou um contato valioso quando foi atrás do Bibliotecário e de todas as mercadorias que ele tinha estocado. Você sabe quanto trabalho eu dediquei ao comércio com ele? Quanto tempo levei para cultivar aquele relacionamento? Tudo por nada, graças a você.

Adrian deu um passo para trás e saiu do caminho entre elas. Como nenhuma das duas deu atenção, ele deu mais passo, e outro.

— Pode me culpar o quanto quiser pelos seus infortúnios lamentáveis — disse a Detonadora, movendo um ombro. — Mas não vamos esquecer que você começou isso tudo quando decidiu ir atrás do Capitão Cromo. O chefão em pessoa. Se não tivesse sido tão descuidada, os Renegados não estariam atrás da gente, estariam? Eles não teriam pegado a sua arma. Não teriam encontrado a sua ligação com o Bibliotecário, e as coisas estariam como sempre, não é?

— Só que eles não nos atacaram depois do desfile, não foi? Eles levaram o Titereiro e deixaram o resto dos Anarquistas livres. Foi só quando você ficou preguiçosa e impaciente, quando decidiu correr um risco que não deveria. Sabe o que eu acho? — Pesadelo ergueu a arma de novo. — Acho que os Anarquistas vão ficar melhor sem você.

Ela atirou de novo, e a Detonadora gritou e caiu para trás na beirada do pequeno palco de madeira, desaparecendo no pequeno teatro.

Adrian mergulhou atrás de uma canoa podre, uma sobra do Túnel do Amor, ele achava.

Pesadelo continuou atirando e soltou mais quatro balas até o revólver só fazer o clique de quando acabam as balas.

Quando Adrian ergueu a cabeça, viu que a frente do teatro de madeira estava salpicada de buracos e madeira estilhaçada. As marionetes estavam balançando nos fios, e havia uma mancha escura no painel de fundo, mas ele não conseguiu ver se era sangue ou terra.

Pesadelo guardou a arma, pulou do telhado e caiu como um gato no chão onde Adrian estava momentos antes. Ela hesitou e olhou para o teatro. Adrian não conseguia ver o rosto dela por baixo do capuz, mas sentiu que ela estava esperando, se preparando. A arma tranquilizadora ainda estava na outra mão dela.

Ele contraiu o maxilar, abriu a caneta o mais silenciosamente que conseguiu e desenhou uma nova arma na lateral da canoa. Foi um desenho apressado, piorado pelos anos de sujeira na madeira, mas ficou feliz de estar armado de novo quando terminou. Ele desenhou um punhado de dardos a mais e os enfiou no bolso.

Ele tinha acabado de terminar quando ouviu o estalo melódico da madeira oca. Ao olhar, viu a Detonadora se erguendo, tirando as marionetes do caminho. Ela caiu pela beirada da cabine do teatro. Quando olhou para cima, seu rosto estava contorcido de dor, os olhos ardendo de fúria.

Ela subiu na beirada e caiu desajeitadamente para o outro lado.

A frente da camisa dela estava coberta de sangue. Havia mais escorrendo pela cintura e cobrindo as braçadeiras.

As narinas se dilataram, e a Detonadora se obrigou a se levantar com pernas trêmulas. Falou um palavrão e cuspiu na terra entre ela e a Pesadelo.

Ela cambaleou para a frente. Um passo trêmulo e hesitante.

Fagulhas azuis começaram a estalar nas pontas dos dedos.

Pesadelo chegou para trás e subiu no degrau inferior da casa maluca.

— Ace não devia ter acolhido você — disse a Detonadora. As fagulhas começaram a convergir em uma coisa do tamanho de uma bola de tênis, mas que estava crescendo rápido. — Você pode já ter tido potencial, mas agora? Não passa de decepção.

Ela deu outro passo à frente, gemeu e caiu sobre um joelho.

Adrian ergueu a arma e apoiou as mãos na beirada da canoa. Mirou primeiro na Detonadora e depois na Pesadelo. Não sabia muito bem o que fazer. Elas estavam lutando uma com a outra. Poderiam matar uma à outra.

Ele desconfiava que a Detonadora não fosse durar muito com aqueles ferimentos.

Mas ele precisava da Pesadelo viva.

Trincando os dentes, ele mirou na Detonadora de novo. A bomba pairando sobre a palma da mão dela estava do tamanho de uma cabeça, ainda crescendo.

Ele apertou os olhos. Nem na biblioteca ele a viu criar um dispositivo explosivo daquele tamanho. Ela estava sorrindo agora, um sorriso maluco e alegre.

Adrian apertou o gatilho.

O dardo desapareceu no mato atrás dela. Ele soltou um palavrão.

A Detonadora riu.

— Você deve esperar sua vez, meu querido. Vou cuidar de você em seguida. — O explosivo estava maior do que uma bola de basquete e brilhava em um azul intenso e agitado.

— Ingrid? — disse a Pesadelo, e o leve tremor na voz dela chamou a atenção de Adrian ao mesmo tempo em que ele se apressava para carregar outro dardo. — O que você está fazendo?

Adrian hesitou. Houve algo de familiar nela naquele momento. Alguma coisa que o incomodou. Alguma vez a Pesadelo pareceu vulnerável quando ele lutou com ela antes, ainda que por um momento? Adrian achava que não.

— Se vou morrer — disse a Detonadora —, não vai ser sozinha.

Pesadelo se moveu, uma mudança quase imperceptível. Sua postura se ampliou. A cabeça se inclinou para baixo. Os ombros se contraíram quando ela se virou, pronta para correr da escada, para longe da casa maluca.

A Detonadora jogou a bomba nela.

Pesadelo reagiu um momento tarde demais.

A explosão derrubou Adrian para trás. Um brilho o cegou, clareou o céu acima, e ele ficou tentando piscar para afastar a tontura. Sua cabeça ecoava. Seu corpo todo vibrou com o impacto. O mundo ficou com cheiro de fumaça e terra.

Tossindo, ele rolou de lado e tirou os óculos para limpar a sujeira no uniforme. Ainda estava com sombras piscando nos olhos quando os colocou de volta e se apoiou nos cotovelos. A canoa tinha sido virada de lado, e ele se perguntou o quanto ela o protegeu de estilhaços e detritos que voaram.

Metade da casa maluca tinha sumido.

Tábuas de piso quebradas e algumas das salas estavam expostas, inclusive o corredor de metal e a sala de espelhos, que agora estava coberta de vidro quebrado. Havia vigas de madeira e paredes laterais e telhas espalhadas por todos os lados no chão. O telhado inclinado estava desabando para dentro, pronto para desmoronar em cima da pilha de madeira e do gesso fumegante abaixo.

A Detonadora tinha caído para a frente de bruços. O cabelo e as roupas ficaram cinza de tanta poeira, e o sangue dos ferimentos sujava a terra ao redor. Ela não estava se movendo.

Adrian procurou sinal da Pesadelo, que estava parada no exato lugar da grande pilha de escombros soltando fumaça. Ela podia ter ficado soterrada ou, o mais provável, ter sido explodida.

Tremendo, Adrian se levantou e enfiou a arma nas costas, na cintura da calça. Olhou para o interior exposto da casa maluca. Algumas pequenas chamas estavam espalhadas pelos destroços, gerando nuvens de fumaça negra na direção do céu escuro. Em algum lugar lá dentro, ele ouvia o palhaço na caixa rindo.

Seu coração começou a bater de forma irregular.

— Nova...

Sua descrença foi logo superada pela negação, e ele levantou o pulso.

— Nova... Insônia, onde você está? Responda. — Tropeçando em volta da canoa, ele seguiu pelos restos da construção, em busca dos cantos do esqueleto desabado. — Nova!

Ele estava tentando seguir a parede externa destruída quando seu olhar encontrou uma coisa reluzindo embaixo de uma janela caída. Ele chutou a estrutura para longe, se inclinou e pegou o pedaço de aço fino e modelado.

A máscara facial da Pesadelo.

Ao virá-la, ele viu que o outro lado estava sujo de sangue.

Uma gargalhada aguda fez a pele dele formigar. Adrian jogou a máscara de lado, se virou e deu de cara com a Detonadora de quatro, ainda rindo. Ela cuspiu, se sentou sobre os calcanhares e limpou a poeira da boca.

Ela estava encharcada de sangue.

Ele ficou olhando para ela, perplexo. Não estava surpreso de a Detonadora ter sobrevivido à explosão. Pelo que tinha visto na biblioteca, ela parecia ser imune às explosões das próprias bombas. Mas havia levado tantos tiros, tinha perdido tanto sangue...

Como ainda estava viva? E... *rindo*?

Com um sorriso delirante, a Detonadora ficou de pé. Pareceu oscilar por um momento, mas balançou o cabelo sujo, e sua postura se firmou.

— Não sei quem é mais trouxa — disse ela, rolando os ombros. — A Pesadelo... ou você.

Adrian estava distraído demais para cair na provocação dela. Sua atenção se desviava constantemente pelo parque, na esperança de ver algum sinal de Nova.

A Detonadora bateu as mãos para tirar um pouco da terra delas.

— Foi divertida, não foi? Essa nossa briguinha. Foi encenada para você, sabe, para que pudéssemos mantê-lo entretido.

Ele franziu a testa. Sua pulsação estava disparando de novo, seus instintos vibrando, cheio de alertas... mas também de curiosidade.

— Está vendo? — disse a Detonadora, passando os dedos pelo sangue acumulado no abdome. — Sangue falso. Ela disparou balas de festim. Sabe, a Abelha Rainha acha que é a única boa atriz por aqui, mas acho que provei que ela está enganada.

Adrian balançou a cabeça.

— O que você está dizendo?

— Você não entende? Nós planejamos isso tudo para fazer você pensar que estávamos as duas mortas. Para vocês pararem de nos procurar. Entendeu agora?

Ele só olhou para ela.

— Eu sei, eu sei. Você está pensando... então por que a Pesadelo está morta *mesmo*? E por que estou revelando nosso plano maligno agora, se quase conseguimos realizá-lo? — Ela cambaleou para a frente, e apesar de não parecer estar com dor, também não estava se movendo com a graça de sempre. Adrian se perguntou se criar uma bomba daquele tamanho tinha esgotado as energias dela. — É uma pena, na verdade. Eu gostava da Pesadelo. Sempre gostei. Ela era muito parecida comigo em muitos aspectos, sempre disposta a fazer o que tinha que ser feito. Mas eu vi por trás disso tudo. Era só uma questão de tempo até que ela nos traísse, nos traísse todos. E eu não podia permitir isso. Então... ela tinha que morrer. Problema resolvido.

Adrian ainda estava com a testa franzida, e também confuso.

— Isso é... — disse ele, consternado — um discurso de *vilã*?

Ingrid riu.

— Talvez. É horrível passar por tanto planejamento e não ter ninguém que o admire. Além do mais, você também vai estar morto em breve, então não vai importar.

Adrian levou a mão à arma, mas mal tinha encostado os dedos no cabo quando uma bola azul brilhante caiu no chão aos seus pés, abrindo uma pequena cratera na terra e o derrubando em uma pilha de pedaços de madeira. Ele sentiu uma dor forte no tríceps e gritou, puxando o braço do prego que saía de uma das tábuas antigas.

Chiando, ele se sentou.

A Detonadora chegou mais perto, reunindo mais poder nas mãos.

— Está na hora de terminar o que começamos na biblioteca.

Adrian rosnou e fechou os punhos, reunindo o poder da tatuagem cilíndrica do antebraço. Em segundos, o braço, dos dedos ao cotovelo, tinha começado a brilhar em branco.

A Detonadora fez uma pausa.

Antes que Adrian tivesse certeza total de que aquilo funcionaria sem a armadura do Sentinela, um cilindro comprido de metal surgiu na pele dele. Ele disparou, acertando a vilã no peito com um único raio de energia ofuscante. Ela foi jogada para

trás e bateu com força no teatro de marionetes. Os manequins tremeram e bateram uns nos outros.

O cilindro se retraiu para a pele, e Adrian se levantou, tentando encontrar apoio nos escombros abaixo. Ele cambaleou para a frente e pegou a arma.

A Detonadora tossiu e colocou a mão no peito, onde o raio a tinha atingido. Sua respiração estava rouca e elaborada quando ela o olhou.

— Tudo bem. Vamos terminar o que começamos na biblioteca — disse Adrian. — Não... na verdade, vamos terminar o que começou dez anos atrás. — Parou a menos de dois metros dela e ergueu a arma, confiante de que até ele a acertaria daquela distância. — A Pesadela sabia quem matou minha mãe, e você tirou essa pista de mim. Mas você é Anarquista, talvez tenha respostas também.

Em resposta, ela começou a rir de novo. Atordoada e maníaca.

— O Sentinela — ofegou ela. — Você é o Sentinela. Ah, isso é *demais*.

A sobancelha dele tremeu.

— Quem matou a Lady Indomável?

A gargalhada dela virou um chiado enquanto ela o observava.

— Você vai me ameaçar à submissão com... o quê? Um tranquilizador? Aprisionamento por toda a vida? — Ela deu um sorrisinho. — Pelo que me lembro, você estava ansioso para negociar com o Bibliotecário. Eu não ganho o mesmo tratamento?

Adrian sustentou o olhar dela, considerando, tentando discernir se ela realmente tinha a informação que ele queria ou se só estava tentando manipulá-lo de novo.

E, mesmo que ela soubesse, ele podia realmente negociar com ela depois de tudo?

— Não — disse ele. — Os Renegados não vão mais negociar com Anarquistas.

Ele deu um passo à frente, tirou as algemas do bolso, puxou os pulsos da Detonadora e os prendeu. Ele viu o brilho divertido nos olhos dela quando puxou a caneta e começou a desenhar linhas atravessadas nas mãos dela.

— O que está fazendo?

Em vez de responder, ele terminou seu trabalho e puxou as correntes da pele dela, prendendo as mãos e os dedos com força suficiente para ela não conseguir produzir mais nenhum explosivo.

Ela olhou para ele e curvou o lábio em uma careta.

— E como planeja me obrigar a ficar quieta sobre seu segredinho?

— Não planejo — respondeu ele. — A missão do Sentinela era encontrar a Pesadelo. Com ela morta, não importa mais quem sabe a verdade.

Ele não estava sendo totalmente sincero; seu segredo acabou sendo mais complicado do que ele imaginaria quando elaborou a ideia. Mas não permitiria que aquela Anarquista jogasse a informação que tinha na cara dele. Adrian não permitiria que ela tivesse poder sobre ele.

— Adrian!

Ele olhou para cima quando o som de asas batendo soou no ar. Pássaro do Trovão desceu do céu, um raio estalando no punho. Ela olhou para a Detonadora com surpresa.

— Sua mensagem dizia que você tinha encontrado a Pesadelo!

— E encontrei — disse Adrian. — Ela está morta. E... Nova... — Ele se virou para a casa maluca de novo, ou o que tinha restado dela, enquanto mais pedaços da construção se soltavam e caíam nos escombros abaixo.

Fazia muito tempo que ele a tinha visto pela última vez. Ele queria que houvesse alguma explicação... talvez ela tivesse ido procurar ajuda. Talvez os efeitos de estar perto de Max finalmente estivessem agindo e ela tivesse adormecido em alguma alcova segura em algum lugar.

Mas ele sabia que era o desespero falando.

— Ah, *Nova* — disse a Detonadora, atraindo a atenção dele de volta. — Eu já acabei com ela.

Ele ficou tenso, sem querer acreditar. Ela só estava provocando, tentando obter uma reação. Mas o olhar arrogante... o sorrisinho debochado...

Adrian rugiu e se jogou em cima dela, vendo apenas brilhos lívidos enquanto as palavras se repetiam na mente dele. *Eu já acabei com ela.*

Pássaro do Trovão o segurou pelo braço e o atrapalhou o suficiente para o outro braço, infinitamente mais forte, envolver o peito de Adrian e o puxar para trás. Ele lutou para se libertar, mas foi virado. Duas mãos seguraram seus ombros e ele se viu olhando nos olhos do pai. Do Capitão Cromo.

— Adrian! — gritou ele, olhando-o de cima a baixo. — O que aconteceu? Você está bem?

— Não! — gritou ele em resposta, porque não devia estar óbvio? Ele não tinha ouvido o que ela havia acabado de dizer?

Mas ele sabia que seu pai não estava perguntando sobre seus pensamentos frenéticos e furiosos. Hugh Everhart afastou uma das mãos e olhou para os dedos molhados de sangue. Adrian já tinha esquecido o arranhão do prego. Não era nada. Nada. Não quando Nova... quando Nova estava...

Onde está Nova?

Ele se soltou e girou em círculos, vendo Evander disparar uma série de luzes brancas no ar, clareando o campo em volta da casa maluca. Ele viu Kasumi e, um momento depois, Simon, ficando visível. O Conselho. O Conselho todo estava ali. Era pela Pesadelo... ou por ele?

Ele também viu Ruby, Oscar e Danna, correndo pelo parque abandonado, gritando o nome dele.

— Misericórdia — disse a Detonadora. — Que show de estrelas este aqui acabou virando. É tanta gentileza de vocês se juntarem a nós. — Apesar de estar encostada no teatro de madeira, os braços presos em segurança sobre a barriga, ela ainda estava sorrindo enquanto olhava os recém-chegados. — Isso acabou sendo melhor do que eu esperava. Os *cinco* membros do Conselho. — Ela estalou a língua. — O que as pessoas vão dizer quando perceberem que vocês estavam bem aqui? Estavam *tão perto...* e mesmo assim não conseguiram salvá-los?

— Do que ela está falando? — perguntou Hugh.

Adrian balançou a cabeça, a testa franzida.

— Não sei. Isso foi uma armadilha. Ela matou a Pesadelo, falou qualquer coisa que achava que a Pesadelo trairia os Anarquistas. E tentou me matar. Mas eu não...

Uma explosão distante sacudiu o chão embaixo dos pés deles. Todos se viraram e viram uma nuvem de fumaça negra surgindo no parque de diversões do outro lado da cerca.

Oscar e os outros pararam e se viraram. Eles eram os mais próximos da explosão, e só hesitaram por um momento, mas Danna virou um bando de borboletas e voou novamente para a cerca, com Ruby e Oscar atrás enquanto gritos se espalhavam no ar.

Adrian cambaleou alguns passos, piscando sem acreditar. O sol tinha se posto. O parque estava cheio de luzes e brilhos de cores dos brinquedos e dos quiosques, e foi

quase impossível detectar de primeira, mas, enquanto olhava, ele conseguiu identificar um brilho azul leve emanando do parque todo. Dezenas, talvez centenas de pequenas esferas azuis se misturando com as lâmpadas. Enquanto ele olhava, elas foram ficando mais fortes, o brilho cor de safira superando aos poucos os tons multicoloridos do parque.

Mas... ela estava *aqui*. A Detonadora também, capturada e presa. Como podia...

Seus pensamentos foram interrompidos quando a resposta ficou clara.

Ela havia feito a mesma coisa na biblioteca. Tinha colocado uma bomba na parede do porão e a detonado do outro lado da sala, sem nada além de um estalar de dedos. Ela não só fazia bombas que eram jogadas e usadas como granadas de mão. Podia ser bem mais sorrateira e mais calculista do que isso. *A Detonadora*. Estava bem ali, no codinome dela.

Adrian olhou para as mãos presas, as entranhas se contraindo de horror.

O estalar de dedos não passou de exibição.

Ela podia detonar aquelas bombas apenas com os pensamentos.

Tsunami correu na direção do parque enquanto a Pássaro do Trovão subiu ao céu, voando na direção da explosão. Um segundo depois, outro estrondo sacudiu a terra, e, ao longe, o pilar que sustentava os balanços gigantes caiu no meio da rotação. Girou como um pião, jogando pessoas indefesas na cerca e do outro lado do caminho.

A Detonadora estava rindo de novo, olhando para o céu, atordoada e satisfeita.

– Amanhã de manhã, eles vão *odiar* vocês... – cantarolou ela.

Outra explosão destruiu um pedaço da montanha-russa. Pássaro do Trovão mudou de direção e voou para o brinquedo antes que as pessoas no carrinho despencassem.

E o tom azul foi ficando mais forte.

Bombas para onde quer que ele olhasse.

E se ela detonasse todas de uma vez?

Adrian fechou os punhos e sentiu uma onda de poder no antebraço de novo. Mas o raio de energia tinha sido criado para atordoar, não matar. E o único jeito de impedi-la, de ter certeza de que o resto das bombas nunca seriam detonadas, era...

Um tiro soou pela grama. A cabeça da Detonadora voou para trás e bateu nas tábuas do teatro.

O mundo pareceu parar e ficar em um espaço sem tempo. A Detonadora desabou. Adrian soltou o ar e a viu cair para o lado, deixando uma mancha de sangue na madeira.

Sangue de verdade.

Adrian contraiu os dedos e dissipou a energia crescente, e olhou para as sombras da casa maluca.

Nova empurrou para o lado um bloco de pedaços de madeira e saiu do cilindro rotativo que caiu do segundo andar não muito longe da porta de saída... ou onde antes ficava a porta de saída. Segurava uma arma. O cabelo, a pele e o traje cinza icônico estavam cobertos de poeira.

— Encontrei isto — gaguejou ela, balançando um pouco a arma. — Em uma... bolsa. — Pareceu preocupada, como se alguém fosse ligar de ela ter roubado a arma que impediu a Detonadora.

Sem fôlego, Adrian olhou para o parque. Pássaro do Trovão estava no alto da montanha-russa, segurando os carrinhos a poucos metros da abertura nos trilhos.

O resto do parque estava em pandemônio, com pessoas gritando e correndo em todas as direções, apesar de ele imaginar que Danna e os outros já tivessem chegado aos locais das duas primeiras explosões.

Ainda havia nuvens de fumaça sobre o parque, mas o brilho azul tinha sumido. O resto das esferas tinha se extinguido, evaporado na atmosfera.

— Certo, pessoal — disse Simon, como sempre o primeiro a sair do choque. — Vamos juntar o máximo de unidades de patrulha que pudermos aqui, imediatamente, para ajudar os feridos e começar a arrumar o local.

Adrian ignorou a ordem e se virou para Nova. Seu corpo todo estava tremendo de alívio.

— Nova...

Ela parou no meio dos detritos e tentou tirar um pouco da sujeira do cabelo. Em seguida, olhou para ele e desceu os degraus, mas tropeçou em uma viga caída. Adrian deu um pulo e a segurou antes que ela caísse nos escombros. Foi um pulo razoável, pensou ele, mesmo tendo usado um pouquinho as molas nos pés.

Mas, se alguém tivesse reparado, ele não se importava.

— Você estava lá dentro o tempo todo? Pelos céus, Nova, você sabe o quanto fiquei preocupado?

Ela largou a arma e relaxou o corpo junto a ele. Sua expressão estava perplexa.

– Eu puxei o gatilho – murmurou ela.

O Capitão Cromo foi na direção deles, abrindo caminho nos escombros.

– Você pensou mais rápido do que qualquer um de nós. Em todas as vezes que enfrentei a Detonadora durante a Era da Anarquia, eu nunca a vi fazer uma coisa assim. Quando eu me desse conta de como impedir, imagino que muitas outras pessoas estariam feridas.

Nova olhou para o Capitão e engoliu em seco.

– Nova? – disse Adrian.

Ela voltou a atenção para ele.

– Vou ser cavalheiro agora e carregá-la até um local seguro.

A expressão dela se suavizou.

– Tudo bem – sussurrou ela.

– É mesmo? Você não vai brigar comigo por isso?

A única reação dela foi cair nos braços dele.

Adrian encostou a bochecha no alto da cabeça dela, apreciando brevemente a proximidade, a certeza de que ela estava bem. De que os dois estavam bem. Em seguida, se inclinou e a levantou nos braços.

– Sabe – disse Evander, jogando esferas de luz branca no caminho de Adrian para que ele pudesse enxergar melhor na noite –, isso é prova de que nem todos os prodígios merecem seus poderes. É por causa de vilões como ela que precisamos do Agente N.

Nova apertou a mão no peito de Adrian e virou o corpo para olhar para o Luz Negra.

– Agente N? É assim que vocês chamam o Sentinela?

– Sentinela? – Evander deu um sorriso cheio de segredos e balançou a cabeça. – Não, não. Não é uma pessoa. Está mais para um antídoto. E quando estiver pronto... – Ele cruzou os braços e olhou para o corpo da Detonadora. – O mundo vai ser um lugar bem mais seguro.

Nova se mexeu de novo, e Adrian sentiu-a tentando se contorcer para sair dos braços dele, mas ele se firmou mais em reação.

– Nova, o que houve?

– Nada – disse ela rapidamente. – Eu só quero saber o que ele quer dizer.

– O que ele quer dizer é confidencial – concluiu Simon, olhando com aviso para Evander, que respondeu com um revirar exagerado de olhos.

– Ah, sinceramente, todo mundo vai saber em pouco tempo.

– Não está pronto – disse Simon. Ele olhou para Nova como quem pedia desculpas.

– Tudo bem – disse Evander. – Basta dizer que nunca mais vamos ter que nos preocupar com esses vilões. Em pouco tempo, todos os prodígios serão Renegados... ou seus poderes não serão tolerados.

Nova inclinou a cabeça.

– O que vocês...

– Não, já chega – interrompeu Hugh. – Simon está certo. Ainda é confidencial. Além do mais... vocês todos parecem estar precisando de um descanso. – Ele olhou com severidade para Nova. – Isso vale para você também, Insônia.

O ruído de veículos atraiu a atenção deles para a cerca, e Adrian viu montes de carros da imprensa passando pelo portão de entregas do parque. Os jornalistas começaram a sair.

Os membros restantes do Conselho soltaram um gemido coletivo.

– Eu seguro os repórteres – disse Hugh. – Vamos cobrir a Detonadora com alguma coisa antes que tirem fotos do corpo. Adrian, Nova, voltem para o QG, sejam examinados pelos médicos. Podem fazer os relatórios amanhã.

Assentindo, Adrian saiu andando na direção oposta, para longe das vans da imprensa, mas eles mal tinham saído do cemitério de carros de montanha-russa quando Nova o parou e desceu dos braços dele.

– Esse Agente N – disse ela, o surpreendendo. – Você sabe o que é?

Ele piscou para ela. Sua mente ainda estava exausta, ainda tentando computar tudo que tinha acontecido.

– Não – disse ele lentamente.

Nova cruzou os braços e fez cara feia para ele.

Adrian suspirou.

– Eu os ouvi falar sobre ele algumas vezes. Sei que tem alguma coisa a ver com Max... alguma coisa a ver com todos aqueles exames que fazem nele. Mas só isso. É tudo que sei. Eu juro. – Ele esticou a mão para pegar a dela. – Nova, você está bem? Se machucou?

Ela olhou para as mãos de ambos e, depois de um momento, Adrian também. Apesar de ele ter passado a primeira metade da tarde tentando reunir coragem para segurar a mão dela, era a primeira vez que fazia isso.

Como ela não se afastou, ele chegou mais perto e ousou segurar a outra mão dela.

— Eu achei que você estivesse morta — disse ele, enunciando as palavras que tinha se recusado a admitir em pensamento. Mas percebia agora que era verdade. Por baixo da negação e da recusa, ele achou que ela estivesse morta.

Nova lambeu os lábios e atraiu a atenção dele para sua boca.

— Você não respondeu minha pergunta — disse ele.

— Que pergunta?

— Se eu chamasse você pra um encontro, você diria sim?

Ela pareceu ficar tensa. Seus dedos apertaram os dele.

— Você está chamando?

Adrian hesitou. Ela o estava observando com atenção, os olhos azuis curiosos, mas também nervosos.

Nervosos.

De alguma forma, ver a própria incerteza espelhada neles o ajudou a aliviar a ansiedade presa dentro do peito. Ele a puxou para mais perto, até seus dedos dos pés estarem quase se tocando. Ela não resistiu. Não afastou o olhar.

— Estou — disse ele.

Em vez de esperar uma resposta, ele inclinou a cabeça e fechou os olhos.

Nova deu um passo para trás e puxou as mãos das dele.

Adrian abriu os olhos.

Mesmo com a luz fraca vinda do parque, ele viu que as bochechas dela estavam vermelhas. Ela não estava mais olhando para ele, mas para a casa maluca.

— Meu tio deve estar vendo o noticiário — gaguejou ela. — Vai ficar preocupado. Eu... eu tenho que ir pra casa.

Antes que Adrian pudesse pensar em uma resposta ou se oferecer para acompanhá-la, ela se virou, escalou a cerca mais próxima em um piscar de olhos e sumiu.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



UMA FITA DE ISOLAMENTO tinha sido colocada na entrada da estação de metrô Blackmire Way, onde Ingrid tinha aberto um buraco na parede no dia em que os Anarquistas fugiram. Nova passou por baixo e encostou a mão na lateral da escadaria quando entrou nas sombras. Seus pés pareciam pesados; seu corpo doía. Mas Nova tinha uma singularidade de propósito agora. Uma coisa que ela devia ter feito vinte e quatro horas antes, quando ainda não havia se distraído com a elaboração de mortes falsas, investigações dos Renegados e a caçada à Pesadelo.

Pesadelo, seu alter ego.

Que tinha sido oficialmente declarada morta, de acordo com os relatos que ela ouviu ao espiar por janelas de apartamentos e ver as notícias nas telas de televisão. Sua morte era a notícia principal daquela noite, embora fosse quase equiparada por relatos de vítimas do parque Cosmopolis; até o momento, trinta e seis feridos estavam confirmados, mas nenhuma morte. Pássaro do Trovão estava sendo declarada heroína por ter salvado as pessoas na montanha-russa. Ironicamente, Insônia também estava sendo elogiada, por ter matado a Detonadora antes que ela pudesse causar mais destruição. Mas o resto da organização dos Renegados já estava sendo criticada por não ter reagido rápido o suficiente à ameaça.

Quando ficou escuro demais para enxergar até mesmo o brilho dos corrimões de metal, Nova tirou um microssinalizador do bolso, o acionou com os dentes e o jogou na plataforma abaixo. Bateu no concreto e rolou um pouco antes de parar a pouca distância da beirada.

Aquela era a plataforma de Winston, mas as tendas dele tinham sumido, levadas pelos Renegados. Alguma espécie de prova.

Era provável que Nova tivesse que os marcar para a base de dados e catalogá-los uma noite daquelas. Ela se perguntou se haviam encontrado o baú de roupas de Mel e o que decidiram fazer com todos os produtos químicos e venenos que Leroy deixara para trás. Tinham sido confiscados ou destruídos? Talvez estivessem no quartel-general. Provavelmente, se ela estivesse trabalhando direito como espiã, ela já saberia a resposta a essas perguntas.

Suas botas bateram no fim da escada, esmagando cascalho e escombros do túnel que tinha sido destruído por outra bomba de Ingrid quando os Renegados os estavam perseguindo. O espaço estava coberto de uma poeira tão densa que quase parecia que ela estava entrando em uma tumba perdida.

Tumba.

A palavra grudou na cabeça dela e talvez a tivesse feito rir com a ironia se ela não estivesse tão esgotada. Tão preparada para fazer o que tinha ido ali fazer e começar a se preparar para o que viria em seguida.

O que teria que vir em seguida.

Um novo plano. Uma nova estratégia. Um novo foco para seguir em frente.

Seu estômago estava embrulhado desde que ela deixou Adrian. O dia tinha causado um caos em seu estado mental. Houve momentos demais em que ela ficou hipnotizada por ele. Seus sorrisos encantadores, aquela ruga adorável entre as sobrancelhas, a *bondade* irritante e impecável.

Por um curto espaço de tempo, ela quase gostou de estar com ele. E não só isso... tinha gostado de ser uma Renegada.

Mas as palavras ditas tão casualmente por Evander Wade jogaram a realidade de volta na cara dela.

Nem todos os prodígios merecem seus poderes. É por causa de vilões como ela que precisamos do Agente N.

Agente N.

Antídoto, disse ele.

Um antídoto que tinha a ver com Max. O Bandido. O garoto que podia roubar poderes... que roubou o poder do Ace.

De repente, ela soube. Sabia agora por que faziam tantos exames em Max. E também o que estavam desenvolvendo atrás de portas fechadas. Os Renegados queriam um jeito de tirar o poder dos prodígios. Uma maneira de punir qualquer prodígio que não se juntasse a eles.

A ideia em si fez seu sangue gelar. Porque, sim, talvez alguém como Ingrid Thompson fizesse mais mal do que bem, principalmente depois de uma noite como aquela. Mas onde ficaria esse limite? Quando alguém se recusasse a entrar para os Renegados ou a participar dos testes? Ou quando um prodígio desobedecesse a uma lei aplicada pelo Conselho, embora as pessoas ainda não tivessem recebido nenhum tipo de voto ou representação? Ou talvez fossem decidir remover poderes com base em potencial para violência ou dano, ou até deslealdade?

Ela não sabia onde ficaria o limite e não confiava nos Renegados para determiná-lo.

Principalmente sabendo que os Anarquistas seriam o primeiro alvo.

Ela não podia permitir que isso acontecesse. Ace lutou para salvar os prodígios da opressão, e agora os Renegados queriam forçá-los a um novo tipo de abuso. Uma nova forma de perseguição.

Nova acreditava havia muito tempo que o mundo ficaria melhor se prodígios não existissem. Os superpoderes sempre podiam levar a conflito: os fracos contra os fortes. E enquanto as pessoas dependessem de super-heróis para cuidar delas, elas nunca aprenderiam a se defender sozinhas. Era uma espiral negativa da qual ela temia que eles nunca saíam.

E talvez, só talvez, aquilo tudo tivesse funcionado bem, exceto que os Renegados não cumpriram sua parte do acordo. Eles prometeram proteger as pessoas, mas ainda havia crimes acontecendo todos os dias. Ainda havia pessoas feridas. Ainda havia pessoas mortas. E, sim, os Renegados tinham que admitir sua responsabilidade nisso, mas as pessoas nem pareciam perceber que sua própria dependência era culpa delas mesmas. Elas viam os Renegados como heróis, os Anarquistas como vilões. Viam os prodígios como apenas bons ou apenas maus, deixando o resto da humanidade em algum ponto no terreno neutro.

Havia potencial para o mal em toda parte, e o único jeito de combatê-lo era se mais pessoas escolhessem a bondade. Se mais pessoas escolhessem o heroísmo.

Não a preguiça. Não a apatia. Não a indiferença.

Mas nada mudaria enquanto o Conselho estivesse no comando. Disso ela sabia. Eles continuariam ficando mais e mais fortes. As pessoas ficariam mais e mais fracas. E ninguém mais reconheceria como o sistema era falho até que fosse tarde demais.

Durante seu tempo com os Renegados, Nova começou a se perder.

Mas não mais.

Anos antes, uma garotinha acreditou que os Renegados viriam. Como ela tinha ido parar tão longe das esperanças traídas daquela garotinha? Como tinha esquecido os sonhos e intenções do Ace Anarquia, que a salvou, que sonhou com uma sociedade onde todas as pessoas fossem livres de tirania?

Ele fracassou.

Mas os Renegados também. Eles fracassaram com a família dela. Fracassaram com *ela*.

E continuariam fracassando até que alguém os impedisse.

Nova desceu pelos túneis enquanto esses pensamentos passavam por sua cabeça, acendendo ocasionalmente um novo sinalizador para encontrar o caminho. Tinha acabado de chegar no antigo vagão quando a escuridão começou a convergir à frente dela. Filetes de escuridão densa escorreram pelas paredes de concreto, tomando a forma lânguida de uma capa comprida, um capuz, uma foice.

Nova parou. Tinha visto Fobia poucas vezes desde que eles fugiram dos túneis, e às vezes se perguntava se ele tinha decidido voltar para o lugar onde se sentia mais à vontade depois que os Renegados acabaram a busca.

Apesar de não conseguir ver os olhos dele por baixo do capuz, ela o sentiu a observando, a respiração fazendo o tecido do capuz tremer de forma ameaçadora.

— Você sempre teve medo do fracasso — disse ele, e sua voz pareceu mais rouca do que o normal —, mas esse medo está especialmente forte hoje.

— Não estou interessada em psicanálise — dispensou ela, se movendo para passar por ele.

Ele moveu a foice e passou a lâmina em volta dela.

Nova fez cara feia.

— E também um medo de que tudo seja por nada...

Nova revirou os olhos e esperou que ele terminasse.

— A Detonadora está morta. — A voz dele ficou baixa. — Você tem medo de se arrepender disso.

— Me avise quando acabar.

Fobia levou a ponta da lâmina até a bochecha de Nova e a usou para virar o rosto dela para ele.

— Essas dúvidas... essas inseguranças... elas vão ser boas para você, Pesadelo. — Ele inclinou a cabeça na direção dela. — Afinal, quem não tem medo não pode ser corajoso.

Ela olhou para as sombras, onde deveria haver um rosto. O nada a encarou.

Leroy tinha lhe contado uma vez que Fobia não precisava de corpo porque era a incorporação do medo. Ela ainda não sabia bem o que isso queria dizer.

— É — concordou ela, segurando o cabo da foice dele e o empurrando para longe. — Você já disse isso antes.

Ela passou pelo vagão dela e, quando ousou dar uma olhada rápida para trás, Fobia tinha desaparecido nas sombras.

Nova deu as costas para o vagão que fora sua casa por tantos anos e parou para se recompor. Suas mãos tinham começado a tremer, mas ela não sabia bem por quê. Não estava com medo. Pelo menos, achava que não. Sem dúvida, Fobia teria lhe dito se estivesse.

Nervosismo, talvez. Ou até medo de ter que confessar todas as formas pelas quais ela havia falhado até o momento.

Fobia estava certo quanto a isso, pelo menos. Ela sempre teve medo de fracassar.

E era por isso que Nova não ia permitir que acontecesse.

Inspirando fundo, ela se aproximou do antigo pôster pichado e o afastou da parede. Entrou no túnel. Desta vez, não se deu ao trabalho de acender nenhum sinalizador. Só havia um caminho ali; ela podia muito bem encontrá-lo só sentindo as pedras ásperas nos cotovelos.

O trajeto pela passagem estreita e úmida pareceu levar uma eternidade quando ela era uma garotinha temerosa fugindo da catedral, mas, nos anos seguintes, o percurso pareceu ir ficando menor cada vez que ela o fazia. Talvez por saber que não continuaria para sempre, que havia fim para aquela passagem apertada e imunda, fizesse diferença.

Ela soube que estava chegando perto quando o ar parou de ter cheiro de água estagnada e de ratos e começou a ter cheiro de morte e decomposição lenta.

Chegou ao fim do túnel e encostou a mão na caixa simples de madeira que servia de porta improvisada, empurrou-a de lado o suficiente para entrar nas tumbas da catedral. Atrás da porta, havia uma bandeja para uma refeição de uma pessoa. Um cálice de vinho tinto e um guardanapo de pano, um prato de porcelana com um triângulo de queijo branco duro, um cacho de uvas, um pedaço de pão. Uma vela branca estava acesa em um castiçal de prata. Ela sentiu o cheiro sulfúrico de um fósforo aceso recentemente, e a vela ainda estava grande o bastante para Nova poder supor que a refeição não tinha sido deixada ali muito tempo antes. Ficou pensando se Fobia a largou ali ou se algum dos outros também andava fazendo peregrinações.

Nova sentiu culpa por ser a primeira vez que tinha ido desde que eles abandonaram os túneis.

Depois que passou por cima da bandeja, ela seguiu pelas pilhas familiares de sarcófagos de pedras antigas, as inscrições tão cobertas de teias e poeira que eram impossíveis de ler. Passou por baixo de uma passagem em arco que tinha palavras de uma língua morta entalhadas no alto e pela pilha de escombros e pedras quebradas onde Ingrid tinha, muito tempo antes, separado as tumbas da catedral acima.

Chegou aos ossos, empilhados tão densa e profundamente que formavam uma parede do chão ao teto. A maioria crânios, mas havia outras coisas também. Fêmures, costelas e até ossos pequeninhos de dedinhos que, por algum motivo, eram os que mais apavoravam Nova quando ela era pequena.

Nova olhou para as órbitas vazias dos incontáveis crânios de santos e clérigos e guerreiros, ou fossem quem aquelas pessoas fossem. Ela se viu questionando, como havia feito incontáveis vezes antes, se algum tinha sido prodígio. Se sim, ousaram usar seus poderes ou os mantiveram escondidos? Na época deles, os dons eram vistos como milagres, ou até os devotos sentiam necessidade de disfarçar quem realmente eram?

Essa era uma coisa com que todo mundo tinha que concordar quando se tratava do Ace Anarquia. Por causa dele, prodígios não tinham mais que se esconder.

Pelo menos, a maioria dos prodígios não precisava mais se esconder.

Nova se sentou no chão e cruzou as pernas. Olhou para as faces da morte e sentiu a morte olhando para ela.

Inspirou fundo, trêmula, e disse as palavras que pareciam impossivelmente simples para o que queriam dizer.

— O elmo não foi destruído.

As palavras ecoaram na câmara, e apesar de ser uma mudança quase imperceptível, Nova poderia jurar que alguns dos crânios se viraram para olhar para ela com interesse maior.

— Os Renegados estão com ele. Deixam trancado porque... porque ainda está intacto, e estão com medo de que alguém tente usá-lo de novo. Mas eu acho... — Ela baixou a voz a um sussurro. — Acho que consigo pegar de volta.

A parede de ossos começou a tremer. Devagar no começo, o suficiente para soltar poeira. Para fazer alguns daqueles dedinhos rolares no chão na direção dos joelhos de Nova.

Ao mesmo tempo, os ossos foram para trás, como as cortinas ladeando o palco de uma grande produção. Moveram-se em silêncio, languidamente.

A câmara atrás tinha pouca coisa dentro, mas o que havia era luxuoso. Uma câmara de dosséis coberta de veludo. Uma escrivaninha cheia de papel e as melhores canetas. E livros. Tantos livros que o Bibliotecário teria chorado de alegria se os visse.

Embora Ace amasse a catedral, ele sempre se sentia mais feliz quando estava lá. Não era tão macabro quanto as pessoas gostavam de acreditar, ele dizia. Ele gostava da paz. Da solidão e do silêncio. Tinha dito para ela uma vez, os olhos brilhando, que estar ali mantinha seus pés no chão.

E assim, foi com certa ironia que Nova olhou para o espaço apertado e viu tio Ace levitando quase um metro no ar, as pernas cruzadas e o rosto sereno. Ele a lembrou um monge no meio de uma meditação, só que seus olhos estavam abertos, olhando para ela com o mesmo carinho e calor que sempre serviram para recordá-la do pai.

— Eu sabia que você se sairia bem — disse ele, os lábios se curvando num sorriso —, minha pequena pesadelo.

AGRADECIMENTOS



ESCREVER ESTE LIVRO ACABOU sendo uma jornada bem mais traiçoeira do que eu esperava quando decidi escrever sobre super-heróis e supervilões, e sou muito agradecida por ter tido o apoio de tantas pessoas incríveis que me guiaram e estimularam.

À minha agente, Jill Grinberg, que realmente me salvou (e a Nova e Adrian!) ao jogar luz no coração da história deles quando eu a tinha perdido. E também por todas as visualizações excelentes. Deram muito certo! Na verdade, você não sabe o que sua constância e sua tranquilidade significaram para mim ao longo dos anos. E, claro, a Cheryl, Katelyn e Denise, por serem estrelas do rock tão incríveis, o dia todo, todos os dias.

A todos – e quero dizer todos mesmo! – na Macmillan Children’s. Em primeiro lugar, à minha excelente editora, Liz Szabla, por sua orientação, serenidade, torcida (*deixa com a gente!*) e, principalmente, por todos os chocolates. Falando sério, obrigada por todos os chocolates. Agradeço a Jean Feiwel, que sempre bota os autores em primeiro lugar. À “Mestra Inteligente” Mary, junto com Jo, Caitlin e toda a equipe de publicidade e marketing, que me surpreendem sempre com suas ideias geniais. A Rich, por outra capa de cair o queixo (*amei tanto!*). A Mariel, por tudo que você faz, mas principalmente pela minha faixa. Pelos céus, aquela faixa! E a Jon, Allison, Angus e incontáveis, *incontáveis* outros que se esforçam tanto para fazer livros maravilhosos e lindos e colocá-los nas mãos dos leitores, o que pode ser o modo mais eficiente do mundo para lutar contra o mal.

Aos meus incríveis, brilhantes, dedicados e tão pacientes leitores beta, Tamara, Meghan e Jojo, que tiveram que sofrer por um rascunho inicial absurdamente longo (Tamara sofreu por dois... desculpe!), mas seu apoio e incentivo nunca oscilou. Obrigada por acreditarem em mim e sempre me ajudarem a ver a história e os personagens de forma que eu jamais teria considerado.

A meus colegas escritores que me mantiveram sã durante vários longos encontros de escrita em cafés e retiros de escrita (temos que fazer mais disso): Anna Banks, Kendare Blake, Jennifer Chushcoff, Kimberly Derting, Corry Lee, Lish McBride, Ayesha Patel, Rori Shay e Breeana Shields. Também a Leilani e Emily, que sempre parecem ter uma palavra gentil quando mais preciso.

Aos meus pais, que sempre me lembram de parar um momento para cuidar de mim, e ao meu irmão mais velho, Jeff, que me apresentou a super-heróis nos quadrinhos dos *X-Men* quando éramos crianças e que conseguiu descrever para mim *exatamente* como é ser perfurado na mão por um objeto sem ponta. Quem imaginaria que aquele acidente um dia teria um lado bom? Viva, pesquisa!

E, em nome da Lua, tenho que agradecer a todos os (Sailor) Moonies e Lunartics! Eu não seria capaz de expressar o quanto seu entusiasmo foi importante para mim ao longo dos anos.

Finalmente, aos meus pequenos Renegados, Sloane e Delaney, que trouxeram mais alegria para a minha vida do que eu achava possível. Agradeço também a Sarah e a todos os avós dispostos a aceitar cuidar de crianças em cima da hora quando meus prazos foram chegando perto.

E — sempre, sempre — ao meu incrível marido, Jesse, que é a pessoa mais galante que se pode ser. (Se vocês um dia o conhecerem, perguntem sobre a vez em que ele perseguiu o ladrão de bolsas em Londres. Ele *adoraria* contar a história.) Mas, além do heroísmo literal, ele me salvou incontáveis vezes na escrita deste livro. Não sou capaz nem de começar a listar todas as formas pelas quais sou grata a você e tudo que você faz — como homem, marido e pai.

Título original
RENEGADES

Copyright do texto © 2017 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends Book,
um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Mangement LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
THAÍS LIMA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: maio, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56r

Meyer, Marissa

Renegados [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2020.

recurso digital

Tradução de: Renegades

ISBN 978-85-7980-489-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Super-heróis. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II.
Título.

20-62933

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A AUTORA



MARISSA MEYER é autora da série Crônicas Lunares: *Cinder*, *Scarlet*, *Cress*, *Winter*, *Levana* e *Stars Above*, e também do livro *Sem Coração*, bestseller do *The New York Times*.

HERÓIS. VILÕES. VINGANÇA.
E UM AMOR PROIBIDO

ARQUI- INIMIGOS

MARISSA MEYER

AUTORA BESTSELLER #1 DAS SÉRIES
CRÔNICAS LUNARES E RENEGADOS

Roccor
DIGITAL

ARQUI- INIMIGOS

Tradução de Regiane Winarski

MARISSA MEYER

Rocco
DIGITAL

Para Garrett e Gabriel, futuros super-heróis

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Lista de personagens

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Agradecimientos

Créditos

A Autora

LISTA DE PERSONAGENS



OS RENEGADOS: EQUIPE DE RABISCO

RABISCO – Adrian Everhart

Consegue dar vida aos seus desenhos e artes

MONARCA – Danna Bell

Transforma-se em um enxame de borboletas-monarcas

ASSASSINA VERMELHA – Ruby Tucker

Quando ferida, o sangue se cristaliza em forma de armas; sua marca registrada é um gancho feito de heliotrópio

CORTINA DE FUMAÇA – Oscar Silva

Conjura fumaça e vapor

OS RENEGADOS: EQUIPE DE GELADURA

GELADURA – Genissa Clark

Cria armas de gelo a partir de moléculas de água no ar

SISMO – Mack Baxter

Faz o chão se mover com a força de um terremoto

GÁRGULA – Trevor Dunn

Transforma o corpo todo ou partes dele em pedra maciça

ARRAIA – Raymond Stern

Tem uma cauda farpada venenosa

OS ANARQUISTAS

PESADELO – Nova Artino

Não dorme nunca e pode fazer os outros dormirem com um toque

DETONADORA – Ingrid Thompson

Cria explosivos a partir do ar que podem ser detonados quando quer

FOBIA – nome verdadeiro desconhecido

Transforma o corpo e sua foice na personificação de vários medos

TITEREIRO – Winston Pratt

Transforma as pessoas em marionetes indefesas que fazem o que ele quer

ABELHA-RAINHA – Mel Harper

Exerce controle sobre todas as abelha e vespas

CIANETO – Leroy Flinn

Gera venenos ácidos pela pele

ESPINHEIRO – nome desconhecido

Tem tentáculos cobertos por espinhos mortíferos

CONSELHO DOS RENEGADOS

CAPITÃO CROMO – Hugh Everhart

Tem superforça e é quase invencível a ataques físicos; capaz de gerar armas de cromo

GUARDIÃO TERROR – Simon Westwood

Pode ficar invisível

TSUNAMI – Kasumi Hasegawa

Gera e manipula água

PÁSSARO DO TROVÃO – Tamaya Rae

Gera trovões e relâmpagos; é capaz de voar

LUZ NEGRA – Evander Wade

Cria e manipula luz e escuridão

CAPÍTULO UM



ADRIAN SE AGACHOU NO TELHADO do prédio e espiou a entrada de carga e descarga do Hospital da Cidade de Gatlon. Ainda era madrugada; o sol nem tinha nascido, embora raios de luz estivessem fazendo o céu cinza-carvão adquirir um tom pálido de violeta. A penumbra dificultava a visão de qualquer coisa dez andares abaixo, atrás de duas vans e um caminhão de entregas.

– Estou de olho no veículo de fuga – disse Nova, que estava observando as ruas tranquilas com um binóculo.

– Onde? – perguntou ele, se inclinando na direção dela. – Como você sabe?

– Aquela van na esquina. – Ela virou o binóculo do veículo até a porta do hospital e depois voltou. – Discreta, com película escura nas janelas, o motor ainda ligado apesar de estar estacionada ali desde que chegamos.

Adrian procurou a van. Havia vapor saindo do cano de descarga em nuvens brancas grandes.

– Tem alguém dentro?

– Uma pessoa no banco do motorista. Pode ter mais gente, mas não consigo ver na parte de trás.

Adrian levou o pulso à boca e falou pelo comunicador.

– Rabisco para Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha. O veículo de fuga do suspeito está estacionado na esquina da Setenta e Nove com a Fletcher Way. Mudem o posto para as rotas de fuga pelo sul e pelo leste. Ainda estamos esperando o reconhecimento interno da Monarca.

– Entendido – disse a voz de Oscar pelo comunicador. – Vamos agora mesmo.

Adrian bateu os dedos na beirada do telhado e desejou que a entrada dos fundos do hospital tivesse uma iluminação melhor. Havia seis postes na rua, mas três estavam com lâmpadas queimadas. Alguém não devia ter resolvido isso?

– Posso ver? – perguntou ele.

Nova tirou o binóculo do alcance das mãos dele.

– Arruma um pra você.

Apesar de querer ficar irritado com a resposta dela, ele não conseguiu segurar um leve sorriso. Era justo, considerando que Nova tinha passado vinte minutos daquela manhã explicando para Oscar todas as modificações que ela havia feito com aquele binóculo genérico específico. Agora tinha foco automático e uma funcionalidade de estabilização, mira com movimento, visão noturna, um gravador de vídeo e lentes computadorizadas capazes de exibir coordenadas de GPS e previsão do tempo. E como se isso já não fosse impressionante o bastante, ela também acrescentou um software que combinava reconhecimento facial do alvo com a base de dados dos prodígios dos Renegados.

Evidentemente, ela havia trabalhado no binóculo durante meses.

– Tudo bem, vou arrumar um – disse ele, e pegou a caneta de ponta fina na manga do uniforme dos Renegados. Ele começou a desenhar um binóculo na lateral de uma caixa de metal. – Acho que vou botar visão de raio X no meu.

Nova contraiu o maxilar.

– Você é sempre tão competitivo?

Ele abriu um sorriso.

– Estou brincando. Eu precisaria de ao menos um conhecimento básico de como funciona a visão de raio X. Mas vou botar uma função de alvo em movimento como a que você falou. E alças ergonômicas. Talvez uma lanterna... – Ele terminou o desenho e fechou a caneta. Encostou os dedos na superfície de metal e tirou o desenho da caixa, transformando-o em realidade funcional e tridimensional.

Ele se ajoelhou ao lado de Nova de novo, ajustou a largura do binóculo e olhou para a rua. A van não tinha se movido.

– Lá está a Danna – disse Nova.

Adrian virou-se para olhar a área de carga e descarga, mas as portas ainda estavam fechadas.

– Onde...

– Terceiro andar.

Ele virou nessa direção e viu as borboletas-monarcas saindo por uma janela aberta. No escuro, pareciam mais uma colônia de morcegos delineada contra o prédio. As borboletas convergiram para a garagem do hospital e se transformaram na figura da Danna.

O comunicador vibrou.

– Estão saindo agora – disse Danna. – Seis no total.

– Sete com o motorista – corrigiu Nova quando a van começou a se deslocar. Dobrou a esquina e parou na frente das portas de carga e descarga. Segundos depois, elas foram abertas e seis pessoas saíram do hospital carregando sacos pretos enormes.

– Situação de cidadãos? – perguntou Adrian.

– Tudo liberado – respondeu Danna.

– Entendido. Pessoal, podemos agir agora. Danna, fique...

– Rabisco! – disse Nova, sobressaltando-o. – Tem um prodígio.

Ele olhou para ela.

– O quê?

– Aquela mulher... com piercing no nariz. Ela está aparecendo na base de dados. Codinome... Espinheiro?

Ele tentou lembrar, mas o nome não era familiar.

– Nunca ouvi falar. – Adrian olhou pelo binóculo de novo quando as figuras jogaram o que estavam carregando na van. A mulher com o piercing no nariz foi a última a entrar. – Qual é o poder dela?

– Evidentemente, ela tem... extremidades cobertas de espinhos?
– Nova olhou para ele com perplexidade.

Adrian deu de ombros e falou no comunicador de novo.

– Alerta total, pessoal. Os alvos têm um prodígio junto. Sigam a missão, mas com cautela. Insônia e eu vamos... – Um estrondo sobressaltou Adrian e ele se virou e viu que Nova já tinha ido embora. Ele se levantou e observou a lateral do prédio. O barulho tinha sido Nova caindo no primeiro nível da escada de incêndio do apartamento. – ... Para o posto do norte – murmurou ele.

Pneus cantaram. A van se afastou do hospital. Adrian levantou o pulso, a adrenalina percorrendo o corpo enquanto ele esperava para ver em que direção...

A van pegou a primeira à esquerda.

– Cortina de Fumaça, é com você! – gritou ele.

Adrian jogou o binóculo de lado e correu atrás de Nova. Acima deles, Danna virou borboletas de novo e foi atrás da van.

Nova estava na metade da rua quando Adrian desceu da escada de incêndio, as botas estalando no asfalto. Ele correu atrás dela, as pernas longas lhe dando uma certa vantagem, mas ele ainda estava para trás quando Nova apontou com o dedo para a direita.

– Vai por ali! – gritou ela, indo na direção oposta.

A um quarteirão dali, eles ouviram pneus cantando de novo, desta vez junto com o som de uma freada. Uma nuvem de fumaça branca densa podia ser vista subindo acima do telhado de um prédio comercial.

A voz do Oscar soou no comunicador.

– Estão dando ré... Indo para o norte pela Bridgewater.

Adrian dobrou a esquina e viu os faróis vermelhos traseiros vindo em sua direção. Ele pegou um pedaço de giz branco na manga, guardado ao lado da caneta. Agachou-se e desenhou uma faixa

rápida de pregos no asfalto. Terminou a ilustração quando o cheiro de borracha queimada chegou às suas narinas. Se o motorista o viu pelo retrovisor, não deu nenhum sinal de ir mais devagar.

Adrian puxou o desenho. Os espetos de dez centímetros surgiram do chão e ele pulou para longe do caminho segundos antes da van passar por ele em um borrão.

Os pneus rasgaram em uma série de estouros ensurdecedores. Por trás das janelas escuras, Adrian ouviu os ocupantes da van xingando e discutindo uns com os outros enquanto os pneus murchos paravam.

A nuvem de borboletas sobrevoou e Danna caiu no teto da van.

– Pensou rápido, hein, Rabisco.

Adrian se levantou ainda com o giz na mão. A outra pegou a algema dos Renegados que estava presa no cinto.

– Vocês estão presos – gritou ele. – Saiam lentamente com as mãos para o alto.

A porta se abriu só o bastante para uma mão surgir, os dedos abertos em súplica.

– Devagar – repetiu Adrian.

Houve uma hesitação e a porta foi toda aberta. Adrian viu o cano de uma arma momentos antes de uma saraivada de balas começar a perfurar o prédio atrás dele. Ele gritou e mergulhou atrás de uma parada de ônibus, jogando os braços sobre a cabeça. O vidro se estilhaçou e as balas ricochetearam na pedra.

Alguém gritou. Os tiros pararam.

As outras portas da van foram abertas ao mesmo tempo: do motorista, do passageiro e as duas de trás.

Os sete criminosos saíram e correram em direções diferentes.

O motorista foi para uma rua lateral, mas Danna o alcançou na mesma hora: um ciclone de asas douradas num minuto e, no seguinte, uma super-heroína zelosa que passou um braço no pescoço do homem e o jogou no chão.

Uma mulher do banco do passageiro correu para o sul pela Bridgewater e pulou a tira de pregos, mas não chegou a percorrer meio quarteirão até levar uma flecha de fumaça preta na cara. Ela caiu de joelhos, sufocada. Ainda tentando respirar, não ofereceu muita resistência quando Oscar saiu de trás de um carro estacionado e botou a algema nos pulsos dela.

Outros três ladrões correram pela porta de trás da van, cada um carregando sacos plásticos enormes. Nenhum deles viu o fio fino esticado de um lado até o outro da rua. Seus tornozelos tropeçaram no fio e eles caíram no asfalto. Um dos sacos se abriu e dezenas de frasquinhos brancos de comprimidos se espalharam na sarjeta. Ruby saiu de trás de uma caixa de correspondência e prendeu os três rapidamente, depois foi buscar o gancho vermelho na outra ponta do fio.

Os dois últimos criminosos saíram pela porta lateral. A mulher com o piercing no nariz (Espinheiro, de acordo com o binóculo de Nova) estava segurando o fuzil automático em uma das mãos e um saco de lixo preto na outra. Ela foi seguida por um homem com dois sacos no ombro.

Adrian ainda estava agachado atrás da parada de ônibus quando os dois passaram correndo e entraram numa viela estreita. Ele se levantou, mas não tinha dado dois passos quando alguma coisa passou voando e ele viu um brilho vermelho com o canto do olho.

O heliotrópio com pontas da Ruby acertou o saco no ombro da mulher e fez um corte estreito na lateral. Mas o fio dela era curto demais. A mulher estava fora de alcance. A pedra voltou e caiu no concreto. Um único frasco plástico caiu pelo corte no saco.

Ruby resmungou, puxou o fio de volta e começou a girá-lo acima da cabeça como um laço ao mesmo tempo que corria, se preparando para outro lançamento.

A mulher parou de repente e se virou para eles apontando a arma. Disparou outra saraivada de balas. Adrian se jogou em cima

de Ruby, e ela gritou de dor quando os dois caíram atrás de um contêiner de lixo.

Os tiros pararam assim que eles se esconderam. Os passos da criminosa ecoaram para longe deles.

– Você está bem? – perguntou Adrian, embora a resposta fosse óbvia. O rosto de Ruby estava contorcido, as duas mãos segurando a coxa.

– Estou – disse ela por entre os dentes. – Pega eles!

Algo caiu na viela; houve o ruído ensurdecido de vidro quebrando e metal amassando. Adrian esticou a cabeça por trás do contêiner de lixo e viu um aparelho de ar-condicionado destruído no chão. Ele procurou no telhado dos prédios em volta e viu um segundo aparelho ser jogado nos ladrões. Caiu no chão quase em cima da mulher, que soltou um grito estrangulado e abriu fogo de novo.

Nova recuou. As balas bateram no alto do prédio e deixaram várias pequenas crateras.

Adrian não parou para pensar quando saiu de trás do contêiner, para longe da visão de Ruby, e levantou o braço. Mesmo embaixo da manga cinza-escura do uniforme, dava para ver a pele começar a brilhar quando o cilindro estreito que tinha tatuado na própria pele surgiu ao longo do antebraço.

Ele disparou.

O raio de energia acertou Espinheiro entre as omoplatas e a jogou por cima de um dos aparelhos de ar-condicionado quebrados. O fuzil bateu na parede mais próxima.

Adrian observou a linha do telhado, o coração disparado.

– Insônia? – gritou ele, torcendo para que o pânico não ficasse evidente na voz. – Você está...

Espinheiro soltou um grito gutural e ficou de quatro. O cúmplice dela cambaleou a poucos passos dali, ainda segurando os dois sacos de drogas roubadas do hospital. Ele balançou a cabeça.

– Segura a onda aí, Espinheiro – disse ele. – Vamos cair fora.

A mulher o ignorou, se virou para Adrian e rosnou.

Enquanto ele olhava, uma série de membros surgiu das costas dela, não muito longe de onde o raio tinha acertado. Seis tentáculos, cada um com uns quatro metros e cheio de espinhos afiados. Lembravam tentáculos de polvo, se os tentáculos dos polvos fossem cobertos de espinhos com aparência sinistra.

Adrian deu um passo para trás. Quando Nova mencionou extremidades cobertas de espinhos, ele imaginou unhas absurdamente afiadas. A pessoa que montava a base de dados deles tinha que melhorar a capacidade de inserir detalhes específicos.

O cúmplice de Espinheiro soltou um palavrão.

– Estou indo embora! – gritou ele, e saiu correndo de novo.

Espinheiro o ignorou, esticou os tentáculos na direção da escada de incêndio mais próxima e ergueu o corpo de forma rápida e graciosa, como uma aranha. Quando estava uma plataforma abaixo do telhado, ela esticou um tentáculo para cima, pelo lado.

Nova gritou. Os pulmões de Adrian expulsaram o ar com horror quando ele viu a mulher arrancar Nova do telhado. Ela a segurou no ar por um segundo e a jogou no chão.

Por instinto, Adrian se jogou para cima. Ele nem pensou em usar as molas nos pés, pois os outros não podiam saber das tatuagens, mas não houve tempo para questionar a reação. Ele interceptou o corpo de Nova antes de ela bater no prédio em frente e os dois caíram em cima do contêiner de lixo.

Ofegante, Adrian se afastou um pouco para olhar Nova, ainda nos braços dele. Havia algo quente e grudento nas costas dela, e a mão dele saiu vermelha quando a inspecionou.

– Estou bem – resmungou Nova, e ela parecia mais irritada do que ferida. – Só fui arranhada pelos espinhos. Espero que não sejam venenosos. – Ela se sentou e falou no comunicador para informar o resto da equipe sobre o que eles estavam enfrentando.

Adrian observou o prédio com medo de outro ataque estar prestes a acontecer, mas Espinheiro não estava indo atrás deles. Quando ele estava olhando, ela usou os tentáculos para se balançar da escada de incêndio até um cano de escoamento e voltar para a viela. Dois tentáculos se esticaram para pegar o saco caído e o frasco de comprimidos que tinha escapado dele, e ela saiu correndo atrás do cúmplice.

– Vou atrás dela – disse Nova. Ela mancou pela lateral do contêiner de lixo e as botas bateram no chão.

– Você está ferida! – disse Adrian, descendo ao lado dela.

Ruby saiu cambaleando das sombras. Ela estava mancando, mas, onde antes havia sangue, uma série de cristais vermelhos irregulares tinha surgido como estalagmites no ferimento aberto.

– Eu também vou atrás dela – rosnou ela.

Nova se virou para longe do dois, mas Adrian segurou o braço dela.

– Rabisco! Me solta!

– Dois segundos! – gritou ele e pegou a caneta. Usou para desenhar um corte rápido no tecido encharcado de sangue do uniforme e revelar o ferimento nas costas, não muito longe da coluna. Mais um buraco do que um arranhão.

– Adrian! Eles estão fugindo!

Ele a ignorou e desenhrou uma série de pontos cruzados sobre o ferimento.

– Pronto – disse ele, tampando a caneta enquanto o curativo se fechava na pele. – Agora pelo menos você não vai morrer de hemorragia.

Ela resmungou alguma coisa, exasperada.

Eles saíram correndo juntos, mas logo ficou claro que Ruby não conseguiria acompanhar. Enquanto Nova corria na frente, Adrian segurou o ombro de Ruby e a fez parar.

– A gente cuida do prodígio. Volte e veja se os outros estão bem.

Ruby ia começar a discutir quando a voz da Danna soou nos comunicadores deles.

– Estou de olho na Espinheiro e no outro suspeito. Eles estão indo na direção do hospital pelo leste na Oitenta e Dois. Devem estar indo para o rio.

Ruby grudou um olhar severo em Adrian.

– Não deixa eles escaparem.

Ele nem respondeu. Virou-se e saiu correndo por uma rua lateral estreita. Talvez pudesse interceptá-los. Nova tinha voltado para a rua principal ou iria para um telhado para segui-los do alto?

Quando teve certeza de que Ruby não o via mais, ele usou as molas que tinha tatuado nas solas dos pés para se impulsionar para a frente, cobrindo a distância dez vezes mais rápido do que faria se corresse. Ao chegar no fim da viela, ele viu os dois criminosos correndo para a esquina seguinte.

Ele correu atrás deles e dobrou a esquina ao mesmo tempo que Nova, vindo da outra direção. Ela cambaleou de surpresa quando o viu.

– Que rápido – ofegou ela.

Eles mantiveram o mesmo ritmo, correndo lado a lado. Os criminosos estavam um quarteirão à frente. De vez em quando, Adrian via um frasco de comprimidos caído do saco da Espinheiro rolando na direção de uma sarjeta. Tornava a tarefa de segui-los mais fácil.

À frente, a rua terminava em um T, e Adrian viu os dois criminosos se afastarem um do outro. Eles pretendiam se separar... e dividir Nova e Adrian.

– Vou atrás da Espinheiro – disse Adrian.

– Não – disse Nova, tirando uma arma de cano largo do cinto de ferramentas. Sem diminuir a velocidade, ela mirou e disparou. O raio de energia acertou o homem quando ele estava indo para a rua seguinte. Ele foi jogado através da vitrine de um café. Os estilhaços do vidro caíram em volta dele quando ele caiu por cima de uma

mesa e sumiu de vista. Um dos sacos de lixo prendeu na janela quebrada e um monte de frascos plásticos se espalhou pela calçada.

– Pega ele – disse Nova. – *Eu* vou atrás da Espinheiro.

Adrian bufou.

– Quem é a competitiva agora?

Apesar de Espinheiro hesitar quando o colega foi jogado pela vitrine, ela não parou. Na verdade, correu mais rápido, usando as duas pernas e os seis tentáculos para se deslocar pela rua.

Adrian ainda não tinha decidido se apreenderia o homem ou ficaria com Nova, mas um grito fez os dois pararem de repente.

Adrian desviou a atenção para a vitrine quebrada do café. Mas não foi a vitrine e sim a porta da frente que se abriu numa explosão e bateu com tanta força na lateral do prédio que a placa de FECHADO caiu na calçada.

O homem apareceu. Ele tinha abandonado os sacos de lixo e estava com um braço em volta do pescoço de uma adolescente com avental quadriculado. A outra mão dele apontava uma arma para um lado da cabeça dela.

CAPÍTULO DOIS



ADRIAN FICOU SEM AR quando olhou para a arma e para o rosto petrificado da garota. Um aglomerado de pequenos cortes marcava seu braço direito. Ela devia estar do lado da vitrine quando o homem caiu.

– Ouça bem! – gritou o homem. Embora a aparência fosse de durão, com uma tatuagem descendo da mandíbula até a gola da camisa e braços que costumavam levantar pesos, havia um medo inegável por trás dos olhos dele. – Você vai me deixar ir embora. Não vai nos seguir. Não vai atacar. Se você seguir essas instruções muito *simples*, vou soltar essa garota assim que estivermos livres. Mas, se eu tiver a menor suspeita de que estamos sendo seguidos, ela está morta. – Ele empurrou o cano da arma na parte de trás da cabeça da refém, forçando o pescoço dela para a frente. A mão dele estava tremendo quando ele começou a andar de lado pela parede do prédio, mantendo a garota entre ele e os Renegados. – Estamos entendidos?

A refém começou a chorar.

O coração de Adrian estava disparado. O código surgiu em seus pensamentos.

Segurança dos civis primeiro. Sempre.

Mas, a cada segundo que eles ficavam ali parados, cedendo às exigências daquele criminoso, Espinheiro ficava mais longe.

Ao lado dele, Nova passou a mão habilmente na pequena arma na parte de trás do cinto de utilidades.

– Não – murmurou ele.

Nova fez uma pausa.

O homem continuou seguindo pela rua, arrastando a refém junto. Mais vinte passos e eles dobrariam a esquina.

Se Adrian e Nova não fizessem nada, se o deixassem ir, ele realmente soltaria a refém?

O código dizia que era para correr o risco. Não dar motivo para ele atacar. Acalmá-lo e negociar. Não dar corda quando a vida de um civil está em jogo.

Quinze passos.

– Consigo acertar – disse Nova baixinho.

A garota estava olhando para os dois, mais horrorizada a cada segundo. O corpo dela funcionava como um escudo, mas havia o suficiente da cabeça do homem aparecendo para Adrian acreditar em Nova. Ele a tinha visto atirar várias vezes. Não duvidava que ela *fosse capaz* de acertá-lo.

Ainda assim, o código...

Dez passos.

– Arriscado demais – disse ele. – Não faça nada.

Nova fez um ruído de repulsa na garganta, mas a mão se afastou dois centímetros da arma.

A refém estava soluçando agora. O criminoso estava praticamente a carregando enquanto recuava.

Havia uma chance de ele a matar assim que saísse do alcance. Adrian sabia. *Todos* sabiam.

Ou ele talvez ficasse com ela até chegar... ao lugar para onde eles estavam indo.

Dois criminosos ainda estariam nas ruas, inclusive uma prodígio perigosa, enquanto quilos de remédios roubados que eram

indispensáveis para o hospital entrariam no tráfico de drogas da cidade.

Cinco passos.

Nova olhou para Adrian, e ele sentiu a frustração que emanava dela em ondas.

– Sério? – sussurrou ela.

Ele apertou as mãos.

O criminoso chegou à esquina e abriu um sorrisinho para Adrian.

– Fiquem bem quietinhos agora – disse ele. – Como falei, vou soltá-la quando estiver livre, mas, se eu tiver alguma indicação de que vocês, Renegados, estão atrás de nós, vou...

Um bastão apareceu vindo da esquina e acertou um lado da cabeça do homem. Ele gritou e começou a se virar, mas outro golpe o acertou na cabeça. O braço em volta da refém afrouxou. Com um grito, ela se soltou do braço dele.

Ruby desceu do toldo de uma porta e soltou um grito agudo enquanto caía nas costas do homem e o derrubava no chão. Oscar apareceu, segurando a bengala como um bastão. Ele ficou parado ao lado de Ruby e do criminoso, preparado para bater uma terceira vez, mas Ruby já tinha colocado uma algema nos pulsos do homem.

– E é isso que chamamos de trabalho de equipe no nosso ramo – disse Oscar, esticando a mão para Ruby. Ela segurou o antebraço dele e deixou que ele a ajudasse a se levantar.

Atordoada, a refém se apoiou na parede do prédio e foi deslizando até o chão da calçada.

– Minha nossa – murmurou Nova, ecoando os pensamentos de Adrian com exatidão. Os ferimentos de Ruby não tinham parado de sangrar, e seu uniforme estava coberto de formações de cristais vermelhos surgindo do ferimento de bala na coxa e envolvendo a perna até o joelho e também em volta do quadril.

Adrian se libertou da surpresa.

– Cadê a Danna?

– Atrás da prodígio – disse Ruby. – Se já não tiver alcançado.

– Vou atrás deles – disse Nova. Ela olhou com expressão azeda para Adrian. – Se estiver de acordo com o *código*.

Ele retribuiu o olhar, mas sem muito empenho.

– Fique bem. Nos encontramos no hospital.

Nova saiu na direção que a prodígio tinha seguido. Adrian a viu correr com um nó de inquietação no estômago. Eles ainda não sabiam muita coisa sobre Espinheiro nem do que ela era capaz.

Mas Danna estaria lá. E Nova sabia o que estava fazendo.

Ele se obrigou a dar as costas.

– E os outros?

– Todos presos – disse Ruby. – E já chamei a remoção de bandidos e uma equipe de limpeza.

Oscar deu um passo na direção da refém. Ela estava olhando os três Renegados de boca aberta, tremendo.

– Você está protegida agora – disse Oscar, usando a bengala para se apoiar quando se agachou na frente dela. – Um paramédico chegará daqui a pouco pra cuidar dos seus ferimentos e tem psicólogos na equipe se você precisar conversar. Enquanto isso, quer que a gente ligue pra alguém?

O corpo parou de tremer quando ela o encarou. Seus olhos se arregalaram; não de medo desta vez, mas com uma espécie delirante de assombro. Ela abriu a boca, mas precisou tentar algumas vezes até formar uma frase.

– Eu sonho com isso a vida toda – sussurrou ela. – Ser salva por um *verdadeiro Renegado*. – Ela choramingou e olhou para Oscar como se ele fosse a oitava maravilha do mundo. – Obrigada... muito obrigada por salvar minha vida.

As bochechas dele ficaram vermelhas.

– Hã... é. De nada. – Oscar olhou para Ruby com insegurança, mas, quando se levantou, o peito estava mais estufado do que antes. – Só mais um dia de trabalho.

Ruby riu.

O barulho de uma sirene ecoou pelas ruas. A ambulância e os carros do esquadrão dos Renegados chegariam logo. Adrian olhou na direção que Nova tinha seguido, a ansiedade voltando com tudo.

Até onde a prodígio tinha ido? Para onde estava indo? Danna já a tinha alcançado? E Nova?

Seria possível que precisassem de ajuda?

– Ei, pessoal – disse ele, sentindo a adrenalina vibrando de novo.

– Você vai atrás dela – disse Ruby. – É, a gente sabe.

– Melhor ir logo – disse Oscar. – Você sabe que a Nova não vai guardar nada da glória pra você.

Os lábios de Adrian se curvaram num sorriso de gratidão e ele saiu correndo.



O SOL TINHA SUBIDO acima dos prédios agora e estava lançando sombras longas nas ruas. A cidade estava ganhando vida. Havia mais carros nas ruas. Os pedestres lançavam olhares curiosos e até empolgados para Nova enquanto ela corria com o uniforme tão reconhecível dos Renegados. Ela ignorou todo mundo e desviou dos donos de lojas que empurravam latões de lixo para a rua. Pulou cavaletes com placas anunciando liquidações e inaugurações. Contornou bicicletas e táxis, postes e caixas de correio enferrujadas.

O trabalho deles era difícil durante o dia. As coisas ficavam mais fáceis quando não havia civis por perto, como ficou claro com o problema da refém em frente ao café. Era nessa hora que o infame código de autoridade de Gatlon entrava em jogo. Aquela coisa toda de proteger e defender a todo custo. Não que Nova discordasse da intenção; claro que eles deveriam trabalhar para proteger passantes inocentes. Mas, às vezes, era preciso correr riscos. Às vezes, era preciso fazer sacrifícios.

Pelo bem maior.

Ace nunca pouparia uma vida se fazer isso fosse botar mais dez ou cem em risco.

Mas esse era o código que regia os Renegados, e agora uma prodígio com extremidades cobertas de espinhos estava solta, e quem sabia quando ela atacaria de novo?

Se Nova não a impedisse primeiro.

Considerando que ela era uma super-heroína e tudo mais.

Ela abriu um sorriso irônico. Ah, se Ingrid pudesse vê-la agora. Como ficaria envergonhada de ver Nova, sua colega Anarquista, trabalhando com os Renegados, se juntando a eles para ir atrás de outra prodígio rebelde até. Ingrid teria encorajado Nova a deixar Espinheiro fugir, talvez até a tentar transformá-la em aliada. Mas Ingrid não enxergava longe. Ela não conseguia ver a importância de Nova ganhar a confiança dos Renegados.

Ace entendia. Ele sempre entendeu.

Ganhar a confiança deles. Descobrir suas fraquezas.

E depois, destruí-los.

Espinheiro estava indo para o rio, assim como Nova teria feito para esconder o rastro se estivesse fugindo dos Renegados... o que era um cenário para o qual Nova passou muito tempo se preparando ao longo dos anos. Três quarteirões depois de onde ela deixou Adrian e os outros, ela viu um frasco de comprimidos numa sarjeta. Espinheiro tinha mudado de direção, e, dois quarteirões depois, Nova notou outro frasco preso num bueiro.

Ela viu uma nuvem escura flutuando sobre um jardim comunitário e levou um momento para reconhecer o bando de Danna. As borboletas voavam de um lado para o outro, flutuaram até um lado da rua e subiram sobre os telhados de uma rua estreita de lojas fechadas.

Nova teve a impressão de que estavam procurando alguma coisa.

Ela pulou a cerca e correu pelo jardim lamacento. Quando chegou à rua do outro lado, as borboletas tinham começado a

pousar nos fios e sarjetas. Milhares delas, as asas tremendo enquanto procuravam e esperavam.

A palma da mão de Nova bateu na pistola, mas ela mudou de ideia e pegou a arma de choque. A viela estava quase vazia, exceto por umas seis latas de lixo de metal e pilhas de sacos de lixo lotados encostados nas paredes. O cheiro era horrível, de comida podre e peixe morto. Nova manteve a respiração controlada e lutou contra a ânsia de vômito ao passar por uma nuvem de moscas.

Um barulho fez Nova dar um pulo, e ela se virou, a arma de choque apontada para um dos sacos de lixo. Um gato magrelo miou e entrou correndo numa janela quebrada.

Nova soltou a respiração.

Um grito de batalha soou e ecoou pela viela. A tampa de uma lata de lixo voou quando Espinheiro pulou para fora. Um membro cheio de espinhos arrancou a arma da mão de Nova e deixou uma marca de queimadura na palma.

Sibilando, Nova pegou a pistola assim que Espinheiro segurou a arma de choque na mão.

Nova sacou a pistola, mas Espinheiro disparou primeiro.

Nova foi jogada numa pilha de sacos de lixo, o corpo vibrando com o golpe.

Espinheiro correu para o outro lado. Danna entrou em formação no caminho da mulher, o corpo em posição de luta. Espinheiro mirou nela também, mas Danna se dispersou em borboletas antes da energia de choque a acertar.

Os insetos formaram um ciclone. Um segundo depois, Danna caiu do céu nas costas de Espinheiro.

Três dos seis membros de Espinheiro envolveram o corpo de Danna e cortaram suas costas. Danna gritou quando os espinhos fizeram rasgos fundos na pele. Espinheiro a jogou na parede e Danna caiu no chão.

Nova se levantou com dificuldade, pegou a lata de lixo mais próxima e jogou com o máximo de força que conseguiu.

Espinheiro inclinou a cabeça e agitou um dos tentáculos para afastar com facilidade a lata de lixo. Outro membro se projetou até uma pilha próxima de sacos de lixo e pegou o de cima; Nova reconheceu o corte na lateral. Espinheiro começou a subir a parede como uma aranha, os membros adicionais se apoiando em grades de janelas e lustres. Ela chegou ao teto e desapareceu.

Nova correu pela viela. O objetivo de Espinheiro ficou claro assim que ela saiu na rua e viu a ponte curta sobre o rio Snakeweed. Espinheiro já estava na amurada da ponte. Ela lançou um olhar de ódio para Nova e pulou da ponte.

Embora as pernas de Nova estivessem queimando e os pulmões parecessem a ponto de colapso, ela moveu os braços mais rápido para fazer o corpo se deslocar. Só precisava ver onde Espinheiro apareceria para poder seguir atrás dela de novo.

Mas, quando chegou à ponte, o desânimo tomou conta.

Espinheiro não tinha caído no rio.

Tinha caído numa barca.

Uma barca que seguia com determinação pelas ondas, aumentando a distância entre Nova e a criminosa a cada momento.

Cercada de contêineres, Espinheiro acenou com provocação.

Nova fechou as mãos na amurada da ponte e visualizou o caminho do rio. Havia quatro outras pontes antes de chegar à baía. Espinheiro podia sair em qualquer uma delas, mas não tinha como Nova a alcançar e descobrir qual.

Nova soltou um palavrão. Os nós dos dedos ficaram brancos quando ela apertou as mãos em punhos.

Tinha que haver outro jeito de ir atrás. Tinha que haver outro jeito de impedir a prodígio. Tinha que haver...

Passos altos chamaram a atenção dela.

Nova se virou. Sua pulsação acelerou quando ela viu o homem de armadura brilhante correndo na direção dela.

O Sentinela.

Com a pele arrepiada, ela esticou a mão para a arma e se preparou para lutar, mas o Sentinela passou direto e se lançou no ar com a força de um motor a jato.

O queixo de Nova caiu quando ela acompanhou a trajetória. O corpo dele se arqueou sobre o rio, e por um momento ele pareceu estar voando, mas logo desceu com graça e segurança, com o corpo preparado para o impacto. Ele caiu no convés da barca, a centímetros da beirada.

O Sentinela parou e fez uma pose rápida que parecia saída de revista em quadrinhos.

Nova não pôde evitar um revirar de olhos.

– Ah, que exibido.

Se Espinheiro ficou chocada, ela não demonstrou. Com um grito, ela arremessou os seis membros espinhentos na direção do justiceiro.

Nova até torceu para estar prestes a testemunhar o Sentinela ser empalado, mas ele esticou o braço esquerdo. Uma fogueira explodiu da palma da mão dele e envolveu os tentáculos. Mesmo de longe, Nova ouviu os gritos da mulher quando ela puxou os membros de volta.

O Sentinela apagou as chamas em volta da mão e derrubou Espinheiro com tanta força que os dois rolaram para trás da pilha de contêineres.

Nova encostou o corpo na amurada e apertou os olhos contra a luz matinal. Por muito tempo, não conseguiu ver nada enquanto a barca seguia pela água.

Mas, antes de chegar à curva do rio, Nova viu movimento no convés.

Pegou o binóculo no cinto e encontrou a barca. A programação da lente deu zoom no convés.

Nova apertou os olhos.

A roupa da Espinheiro estava queimada por causa das chamas do Sentinela. Os braços expostos estavam manchados de sangue.

O lado esquerdo do rosto estava inchado e havia um corte no lábio.

Mas ela estava de pé. O Sentinela, por outro lado, estava caído aos pés dela, o corpo enrolado dos ombros até os tornozelos nos membros farpados.

Enquanto Nova olhava, Espinheiro arrastou o corpo do Sentinela para a traseira da barca e o jogou no rio.

A armadura pesada afundou na mesma hora na água suja.

Nova recuou. Foi tão rápido que ela quase ficou decepcionada pelo anticlímax. Ela não era fã do Sentinela, mas havia uma parte dela que esperava que ele fosse pelo menos pegar a bandida, como já tinha feito com vários criminosos nas semanas anteriores.

Espinheiro olhou mais uma vez na direção de Nova, o sorrisinho de deboche evidente pelo binóculo.

A barca fez a curva do rio e ela sumiu.

Nova suspirou e baixou o binóculo.

– Bom – murmurou ela –, pelo menos não vou precisar mais me preocupar com ele.

CAPÍTULO TRÊS



ADRIAN RESSURGIU DEBAIXO da ponte Halfpenny. Nadou com esforço até a beira da água e desabou, assustando um caranguejo-eremita, que correu para baixo de uma rocha coberta de líquen.

Ele tentou respirar fundo o ar delicioso, mas a respiração ficou presa na garganta e levou a um acesso de tosse. Seus pulmões estavam ardendo de prender o ar por tanto tempo, ele ficou meio tonto e todos os seus músculos estavam doendo. Havia cascalho e areia grudados no uniforme encharcado.

Mas ele estava vivo, e, no momento, isso bastou para gerar uma risada de gratidão misturada com tosses erráticas.

Parecia que, cada vez que se transformava no Sentinela, ele aprendia algo de novo sobre si e sobre suas habilidades.

Ou falta de habilidades.

Ele tinha acabado de descobrir que a armadura do Sentinela não era à prova de água. E também que afundava como uma pedra.

Suas lembranças da luta já estavam começando a se perder. Em um momento ele estava na barca, preparando uma bola de fogo em volta da manopla com a certeza de que logo Espinheiro estaria suplicando por misericórdia. Aqueles espinheiros *pareciam* inflamáveis. Mas, quando ele se deu conta, estava enrolado pelos

tentáculos dela, que se mostraram fortes como ferro. Um dos espinhos fez um buraco na placa da armadura das costas, mas por sorte não chegou à pele.

De repente, ele começou a afundar. Foi cercado por escuridão. Seus ouvidos ficaram tapados por causa da pressão e a água começou a entrar pelas frestas do traje. Ele estava na metade do caminho até o fundo do rio quando conseguiu guardar o traje no bolso tatuado no peito e começou a bater as pernas na direção da margem.

O acesso de tosse finalmente parou e Adrian rolou de costas e olhou para o fundo da ponte. Ele ouviu um veículo pesado passando nela. A estrutura de aço tremeu com o peso.

O mundo tinha ficado em silêncio de novo quando ele ouviu um apito no comunicador. Ele fez uma careta.

Pela primeira vez, ele começou a pensar que sua decisão de se transformar no Sentinela talvez não fosse a melhor ideia. Se tivesse capturado Espinheiro e recuperado os remédios roubados, ele provavelmente teria outra opinião, mas, do jeito que foi, ele não tinha nada que compensasse o risco.

Sua equipe devia estar imaginando onde ele estava. Ele teria que explicar por que estava encharcado.

Ele se sentou e enfiou a mão no bolso costurado no forro do uniforme dos Renegados, mas não havia nada dentro.

Nem caneta. Nem giz.

Adrian soltou um palavrão. Deviam ter caído na água.

Já era a ideia de desenhar uma roupa seca.

O comunicador apitou de novo. Ele esfregou as gotas de água da tela com a manga úmida e abriu as mensagens. Havia sete. Três de Ruby, uma de Oscar, uma da Danna e duas dos seus pais.

Que ótimo. Envolveram o Conselho.

Assim que pensou isso, ele ouviu um barulho de água. Seus olhos se arregalaram e Adrian ficou de pé... tarde demais. Uma parede de água espumante do rio caiu e o encharcou de novo. Ele

mal conseguiu manter o equilíbrio quando a onda voltou para o rio. Cuspindo água e tirando algas do uniforme, ele viu uma segunda parede de água crescer do outro lado do rio e subir de forma impossível pela outra margem. Uma onda de nove metros com barcos equilibrados na crista. O fundo do rio ficou visível, cheio de plantas gosmentas e lixo acumulado. A onda pairou imóvel por um momento, desceu e seguiu na direção da baía.

Tsunami, supôs Adrian, ou um dos outros elementais de água da força procurando no fundo do rio.

Procurando *por ele*, logo se deu conta.

Nova devia ter visto o Sentinela ser jogado na água e agora estavam procurando o corpo.

Ele se virou e andou aos tropeços até o barranco baixo. Segurou-se em plantas e pedras e raízes expostas para subir pela margem. Quando chegou ao alto, ele não estava só encharcado, mas também sujo de lama.

Havia sinais de vida recente no abrigo da ponte (uma lona, dois cobertores, um carrinho de supermercado abandonado), mas não havia ninguém lá para testemunhar quando Adrian correu em volta do pilar e chegou ao nível da rua. Abaixo, o rio rugiu de novo quando outra onda não natural começou a subir das profundezas.

Ele estava se preparando para subir a mureta quando ouviu uma voz alta e familiar vinda da ponte.

Com o coração aos saltos, Adrian se abaixou.

– ... continuem procurando – disse o Guardião Terror, um dos pais de Adrian e membro do Conselho dos Renegados. – Pega vai chegar daqui a pouco. Talvez ela consiga detectar o traje, mesmo se estiver enterrado embaixo do lodo.

Adrian expirou. Não tinha sido notado.

– Vou ver se consigo encontrar alguma coisa na próxima ponte – disse Tsunami. – Não parece provável que ele tenha ido muito mais longe, mas não vai fazer mal nenhum olhar.

Adrian levantou a cabeça e espiou por cima da mureta. Viu Tsunami e seu pai parados na ponte Halfpenny, o vento balançando a camisa azul-royal de Tsunami e sacudindo a capa preta do Guardião Terror. Os dois estavam olhando para o rio.

Tsunami balançou um dedo e ele ouviu o barulho de água abaixo.

Eles começaram a andar na direção dele. Curvado, Adrian correu para baixo da ponte.

– Rabisco?

Ele se virou num susto. Nova estava do outro lado da rua, olhando para ele como se fosse uma espécie desconhecida de anfíbio que ela estava se preparando para dissecar.

– Nova – gaguejou ele correndo colina acima e passando pela mureta. – Er... Insônia. Oi.

Ela franziu mais a testa. Tinha tirado o uniforme e vestido uma calça de amarrar e uma blusa fornecida por um curandeiro. Adrian viu o curativo em volta do ombro direito dela.

– Onde você estava? Ruby está morrendo de preocupação – disse ela, atravessando a rua. Seu olhar avaliou o uniforme dele. – Por que você está todo molhado?

– Adrian?

Ele fez uma careta e se virou para os dois Conselheiros na hora que eles chegaram à ponta da ponte. Eles pareceram tão surpresos de vê-lo quanto Nova, mas mais curiosos do que desconfiados.

Até aquele momento.

– Oi, pessoal – disse ele. Forçou um sorriso, mas desistiu em seguida pensando que era melhor parar de tentar ser indiferente. Não havia nada de indiferente na situação. Ele lambeu os lábios, ainda com gosto de água suja do rio, e apontou para a ponte. – Encontraram alguma coisa?

– Céus, Adrian – disse o Guardião Terror. – Oscar nos alertou do seu desaparecimento mais de meia hora atrás. Em um momento, você diz pra equipe que vai atrás de uma criminoso prodígio e depois... nada! Nós não sabíamos se Espinheiro tinha te atacado

ou... ou... – Ele fez uma pausa, a expressão oscilando entre preocupada e irritada. – O que você ficou fazendo esse tempo todo? Por que não respondeu às suas mensagens?

– Ah. Eu estava... – Adrian olhou para o rio, o sol reluzindo na superfície. – Estava procurando o Sentinela. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Eu estava em uma das ruas menores quando vi Espinheiro o jogar na água. Corri pra margem e fiquei esperando pra ver se ele ia aparecer. – Ele não precisou fingir a contrariedade. – Eu não esperava que vocês comessem a procurar no rio tão rápido, e por isso... – Ele apontou para o uniforme, que ainda estava grudado na pele, gelado, um desconforto. – Ah, hã... mensagens? – Ele bateu no pulso. – Ah, uau, sete mensagens perdidas? Que estranho. Não ouvi nenhuma delas chegando. Mas, sabe, meu comunicador anda estranho ultimamente. Vou ter que mandar o pessoal da tecnologia dar uma olhada. – Ele ousou olhar para Nova. Ela ainda estava com os olhos apertados de desconfiança.

– É – disse ela lentamente. – É bom você dar uma olhada nisso. – A expressão dela mudou quando ela se virou para os membros do Conselho. – A equipe de limpeza chegou junto com Pega. – O tom dela emanou uma certa acidez quando ela citou o codinome da Maggie. Embora Adrian tivesse muita solidariedade pela garota, ele sabia que Nova nunca lhe perdoou por tentar roubar sua pulseira. Ele olhou para o pulso dela em busca do fecho que desenhara na pele dela, mas estava escondido embaixo da manga da blusa. – Ela não sabia onde vocês queriam que ela comesse.

– Vou falar com ela – disse Tsunami. – Devo pedir a Cortina de Fumaça pra orientar a equipe de limpeza ou – ela observou Adrian – o líder da equipe está preparado pra fazer isso?

Grato pela oportunidade de fugir da conversa, Adrian estava quase dizendo que adoraria indicar os locais do bairro onde vidros foram quebrados, paredes foram destruídas e balas foram disparadas, mas o Guardião Terror respondeu primeiro.

– Mande que falem com Cortina de Fumaça. Adrian precisa ir até a tenda médica e ser examinado pra ver se está ferido.

– E pra avisar aos outros que está bem – disse Nova –, antes que Ruby monte um grupo de busca.

Eles seguiram Nova até uma rua menor, e Adrian viu duas ambulâncias com o *R* dos Renegados na lateral e um grupo de veículos de transporte. A imprensa estava chegando, mas estava sendo mantida a distância por uma faixa de fita amarela.

Na rua, ele viu a equipe de limpeza esperando as instruções. Adrian ficou feliz de ver Pega no meio da equipe. Seria bom para ela usar os poderes em uma coisa mais produtiva do que furtar coisas. A garota tinha potencial, ele sabia, mesmo ela tendo uma personalidade tão espinhenta quanto os membros adicionais da Espinheiro.

Como se pudesse ouvir seus pensamentos, Pega viu Adrian do outro lado da rua e sua expressão de tédio ficou azeda. Ele acenou com jovialidade e ela deu as costas para ele.

Uma tenda branca tinha sido montada na frente de uma loja de consertos de eletrônicos. Oscar, Ruby e Danna estavam em macas recebendo atendimento de curandeiros que tinham acabado de chegar. Um dos curandeiros estava tirando pedras preciosas da coxa de Ruby com uma pinça pesada. Ruby fazia uma careta cada vez que uma era arrancada, e o ferimento era imediatamente coberto com um pedaço grosso de gaze para estancar o sangramento e impedir que novos heliotrópios surgissem.

Danna estava deitada de bruços. A parte de trás do uniforme, do pescoço aos quadris, tinha sido cortada para que um curandeiro cuidasse dos ferimentos que se cruzavam na pele. As costas pareciam ter sido atacadas por um urso-pardo. Adrian desconfiava que a culpa era dos espinhos da Espinheiro. Pelo menos o curandeiro que estava trabalhando nela parecia ter experiência com ferimentos na pele, e, mesmo de longe, Adrian viu os cortes se fechando lentamente nas camadas superficiais da pele.

– Adrian! – gritou Ruby, sobressaltando o curandeiro, que estava tentando extrair o último heliotrópio da perna dela. Ruby gritou de dor quando a pedra se soltou. Ela fez cara feia para o curandeiro, que também fez cara feia para ela. Ruby pegou um rolo de atadura e começou a enrolar no ferimento sozinha. – O que aconteceu? – perguntou ela, voltando a atenção para Adrian e Nova. – Onde você estava?

Adrian abriu a boca, preparado para dar sua explicação de novo e torcendo para que se tornasse mais crível a cada repetição, quando o curandeiro levantou a mão ainda segurando a pinça.

– Teremos tempo para reencontros mais tarde. Temos que levar vocês todos para o quartel-general e dar continuidade ao tratamento.

– Cortina de Fumaça foi liberado? – perguntou Tsunami. – Nós gostaríamos que ele orientasse a equipe de limpeza.

O curandeiro assentiu.

– Tudo bem. Os ferimentos dele foram leves.

– Leves? – disse Oscar, levantando o antebraço, que estava coberto de ataduras brancas. – O motorista deles me arranhou quando fui botar a algema. E se o cara tinha raiva, sei lá? Pode ser um ferimento mortal que tenho aqui.

O curandeiro olhou para ele com hesitação.

– Não dá pra pegar raiva com um arranhão de unha.

Oscar bufou.

– Eu falei *sei lá*.

– Ele já foi examinado pra ver se tem o ego inflado? – provocou Ruby. – Seria horrível se ele saísse flutuando por aí.

Oscar olhou de cara feia para ela.

– Você está com inveja.

– Estou, *sim*, com inveja! – exclamou Ruby. – Eu também ajudei a salvar a garota, mas ela nem reparou em mim. Só ficou babando: *Ah, Cortina de Fumaça! Passei a vida toda sonhando com sua fumaça fumacenta!*

A bochecha de Adrian tremeu. A imitação da Ruby não era exatamente como ele lembrava a barista do café, mas era parecida.

Oscar assentiu.

– Eu descobri que minha fumaça fumacenta tem esse efeito nas pessoas.

Ruby riu com deboche, e Adrian sentiu que ela estava tentando irritar Oscar e estava frustrada porque não parecia estar dando certo.

– Que garota? – perguntou Nova. – A refém?

– É – disse Oscar, balançando a bengala. – Ela está apaixonada por mim.

– E quem não está, né? – comentou Danna, abrindo um sorriso largo.

– Exatamente. Obrigado, Danna.

Ela fez sinal de positivo da maca onde estava.

– Oscar vive nos dizendo que esses uniformes são um chamariz do amor – disse Adrian. – Estou surpreso de não acontecer com mais frequência. Se bem que... nenhuma garota nunca ficou babando por mim assim. E agora também estou com inveja. Valeu, Ruby.

– Não é só o uniforme – disse Oscar. – Afinal, eu salvei a vida dela.

– Nós salvamos... – disse Ruby, mas terminou com um rosnado de raiva.

– Acho que eu devia ter pedido o telefone dela – refletiu Oscar.

Ruby olhou para ele com a boca aberta e as bochechas vermelhas, e Adrian se sentiu meio mal por ela. Mas foi ela que ficou tentando provocar Oscar, então talvez fosse merecido.

Ruby fechou a boca e virou o rosto.

– Devia mesmo. Sei que ela ia adorar sair com um *verdadeiro Renegado*.

– Quem falou em sair? – disse Oscar. – Eu só achei que ela podia querer ser presidente do meu fã-club. É difícil achar gente

boa.

Ruby riu, mas olhou para Oscar, a expressão aliviada pela desconfiança.

– Você está dizendo que *não* sairia com ela?

– Eu não tinha pensado nisso. – Um silêncio curto pairou entre eles e houve um toque de incerteza quando Oscar perguntou: – Você acha que eu devia ter perguntado?

Ruby olhou para ele de novo, sem palavras, vítima da própria armadilha. Depois de um longo silêncio, ela limpou a garganta e deu de ombros.

– Você pode fazer o que quiser.

Adrian mordeu a língua e tentou esconder o sorriso com a falta de resposta.

Ruby voltou o foco para o ferimento e os observou com interesse renovado enquanto suas bochechas ficavam vermelhas.

Mas Oscar ainda estava olhando para ela, perplexo e talvez um pouco esperançoso.

– Bom... pode ser que eu chame uma garota pra um encontro – disse ele. – Um dia.

– Acho que você devia – disse Ruby, sem erguer o rosto.

– Acho que vou mesmo.

– Você já falou isso.

– Certo. Bom. – Oscar desceu da maca, e Adrian viu que Ruby não era mais a única que estava vermelha. – Se vocês me derem licença, tenho responsabilidades urgentes pra resolver. Então, hã... nos vemos no quartel-general. Foi um bom trabalho hoje, equipe.

Ele ajeitou o uniforme e foi na direção da equipe de limpeza. Tsunami foi atrás com um suspiro quase imperceptível.

Danna assoviou baixinho.

– Vocês dois são impossíveis – murmurou ela. – Na verdade, vocês quatro estão me levando à loucura.

CAPÍTULO QUATRO



O GUARDIÃO TERROR SUSPIROU E fez Adrian dar um pulo. Ele tinha esquecido que seu pai estava lá.

– Não sinto falta dessa idade – disse ele, e um dos curandeiros olhou para ele com concordância. – Dr. Grant, você pode examinar o Rabisco quando tiver um minuto?

– Eu estou bem – disse Adrian. – Não perca tempo comigo. Concentre-se na Ruby e na Danna.

– Adrian... – disse o Guardiã Terror.

– Sinceramente, pai, só fui molhado com a água do rio. Não cheguei a quase me afogar nem nada. Não se preocupe. – Ele abriu um sorriso para ajudar. Tinha tido sorte ultimamente, sem sofrer nenhum ferimento grave desde que começou a se tatuar com as coisas que lhe davam os poderes do Sentinela. A última coisa que ele queria era que um curandeiro notasse os desenhos curiosos feitos na pele dele e começasse a fazer perguntas, principalmente para os pais dele.

– Tudo bem – disse o Guardiã Terror. – Vamos todos voltar para o quartel-general e – ele se virou para os jornalistas reunidos e suas câmeras – começar a pensar no que vamos dizer pra *eles*.

– Espera, espera, espera! – gritou Danna quando dois assistentes empurraram a maca dela na direção de uma das

ambulâncias. Ela se apoiou nos cotovelos. – Não vou a lugar nenhum enquanto alguém não me contar o que aconteceu. Adrian desaparece e ninguém consegue falar com ele, o Sentinela aparece, Espinheiro foge e agora estão dizendo que o Sentinela talvez esteja *morto*? E que história é essa do Adrian ter sido molhado com a água do rio? – Ela abriu os dedos na direção de Adrian como se quisesse segurá-lo e sacudi-lo se ele estivesse a seu alcance. – O que você fez?

– Eu fui atrás do Sentinela e, depois que Espinheiro o jogou na água, fiquei esperando pra ver se ele ia aparecer. – Ele deu de ombros aliviado porque, na verdade, a história pareceu *mesmo* mais crível daquela vez.

– Vocês vão ser informados de tudo quando os curandeiros os liberarem da ala médica – disse o Guardião Terror. Ele estalou os dedos e Danna e Ruby foram colocadas na ambulância, resmungando.

“Nova?”, disse o Guardião Terror. “Eu gostaria de falar com o Adrian em particular. Fique à vontade pra ajudar Oscar e Tsunami com a orientação.”

Nova olhou para o grupo e reparou em Pega entre eles. Seus lábios se curvaram de repulsa.

– Na verdade, acho melhor eu voltar pra casa antes que as notícias fiquem complicadas demais. Gosto de contar para o meu tio a história sobre o meu ponto de vista antes que ele ouça de outra pessoa. – Ela olhou as roupas molhadas de Adrian mais uma vez e ele se empertigou mais. – Estou... feliz de você estar bem – disse ela parecendo quase incomodada em admitir. – Você nos deixou com medo por um momento.

– Nós somos super-heróis – disse ele. – Nós não estaríamos fazendo nosso trabalho se não déssemos medo em algumas pessoas de vez em quando.

Nova não respondeu, mas sua expressão se suavizou antes de ela se virar e começar a voltar na direção do rio. Adrian sabia que

era uma longa caminhada até a casa dela e estava prestes a chamá-la e sugerir que esperasse. Talvez eles pudessem pegar uma das vans de transporte juntos. Mas as palavras não saíram e ele sabia que o convite seria recusado.

A maioria dos seus convites eram recusados quando envolviam Nova. De que adiantava?

Ele murchou os ombros de leve.

– Sobre isso – disse o pai dele.

Adrian se virou para ele. O Guardião Terror tirou a máscara do rosto e pareceu que seu pai se transformou. Não era só o traje. A mudança estava na posição relaxada. Na inclinação irônica da boca. No mesmo lugar onde estava o Guardião Terror, super-herói famoso e membro fundador dos Renegados, agora só havia Simon Westwood, o pai preocupado.

– Sobre o quê? – perguntou Adrian.

– Não é nosso trabalho como super-heróis dar *medo* em algumas pessoas de vez em quando.

Adrian riu.

– Pode não estar escrito na descrição do nosso trabalho, mas, ora. O que a gente faz é perigoso.

O tom de Simon ficou mais rígido.

– Você está certo. E como é tão perigoso, é de grande importância que nosso comportamento nunca caia na *imprudência*.

– Imprudência?

– É, imprudência. Você não pode deixar a equipe pra trás assim, Adrian. Por que você acha que organizamos recrutas em equipes? É nossa responsabilidade cuidarmos uns dos outros, e seus colegas de equipe não podem fazer isso se não tiverem ideia de onde você está.

– Nós todos tínhamos o mesmo objetivo. – Adrian fez sinal na direção em que Nova tinha seguido. – Nova também foi correndo atrás da Espinheiro.

– Sim, a tendência de Nova McLain de tomar decisões precipitadas está sendo bem documentada, e, pra ser sincero, eu esperava que passar tempo com você e sua equipe fosse ajudá-la a deixar isso pra trás. – Simon empurrou a capa dos ombros. – Além do mais, nesse caso específico, não é uma comparação justa. Nova ainda tinha Danna de olho nela. E ninguém tinha ideia de pra onde você tinha ido. Não é a sua cara, Adrian, e tem que parar.

– Eu estava tentando alcançar Nova e Espinheiro. Eu não sabia em que direção elas tinham ido e demorei um tempo pra encontrar, depois teve aquela coisa do Sentinela que atrapalhou meus planos, mas... – Ele massageou a nuca. – Eu não fugi para o Cassino Jack por uma tarde inteira sem contar pra ninguém nem nada do tipo. Estava fazendo meu trabalho!

– Não quero arrumar briga por causa disso – disse Simon. – Você é um ótimo líder de equipe e temos muito orgulho de você. Só quero lembrar que não há lobos solitários nos Renegados. Não tem *EU* em *herói*.

Adrian se balançou nos calcanhares.

– Você está esperando faz tempo pra dizer isso, né?

– *Tanto* tempo! – disse Simon, um sorriso se abrindo no rosto. – Na verdade, tenho quase certeza que era uma das coisas que sua mãe dizia.

Adrian riu.

– Ela adorava essas frases de efeito.

Embora a mãe de Adrian, a corajosa e maravilhosa Lady Indomável, tivesse sido morta quando ele era pequeno, as frases bregas dela ainda voltavam à mente dele às vezes. Espontaneamente, mas quando ele mais precisava ouvi-las.

Os super-heróis são tão bons quanto suas convicções.

Às vezes, um sorriso é a arma mais poderosa que temos.

Quando estiver em dúvida... voe.

Era fácil para ela falar, claro, considerando que ela era capaz de voar.

Adrian se virou para a equipe de limpeza. Havia uns dez Renegados reunidos em volta de Oscar enquanto ele fazia uma reencenação animada da briga com Espinheiro e o resto dos criminosos. Ele estava usando a bengala para bater num inimigo invisível, que Adrian achava que podia ser a explicação dele para como tinha acertado o cara que pegou a moça do café de refém.

Eles trabalharam em equipe, não foi? E tinham resgatado a garota com sucesso.

Ele gostava da equipe. Respeitava todo mundo. Amava até.

Mas não estava convencido de que um super-herói não precisava às vezes sair sozinho. Talvez não houvesse lobos solitários nos Renegados, mas... o Sentinela não era Renegado, era?

– Então – disse Adrian, se virando para Simon de novo –, se você e Tsunami estavam procurando o Sentinela, quem foi atrás da Espinheiro?

– Hugh e Tamaya – respondeu Simon.

Hugh Everhart, o outro pai de Adrian, o invencível Capitão Cromo. E Tamaya Rae, Pássaro do Trovão. A única outra fundadora além da mãe de Adrian que tinha o poder de voar.

– Tivemos alguma notícia? – perguntou ele.

Simon olhou o comunicador e balançou a cabeça.

– Estou com medo de eles terem perdido o rastro quando chegaram no local. Mas os cúmplices dela estão presos e vamos começar os interrogatórios em breve. Um deles vai falar.

– Pra que você acha que eles queriam todos aqueles remédios?

Simon deu um suspiro.

– As drogas que eles pegaram são usadas pra desenvolver um opioide poderoso. É um negócio bem lucrativo pra quem está disposto a produzir e vender. E, claro, pra cada traficante de rua que vende essas drogas, há muitos pacientes doentes nos hospitais que deixam de receber a ajuda que precisam. O saco que Espinheiro carregou era de analgésicos e vai ser difícil a indústria farmacêutica repor o estoque tão rápido. Está bem difícil trazer de volta a

produção legítima de remédios. – Ele apertou o alto do nariz. – Por sorte, sua equipe conseguiu impedir que muitos desses remédios acabem nas ruas. Poderia ter sido bem pior.

Adrian queria aceitar o elogio, mas não conseguiu deixar de se concentrar mais no fracasso do que no sucesso. Eles deviam ter conseguido deter Espinheiro.

– Você me avisa quando encontrarem o paradeiro da Espinheiro? Se vocês enviarem uma equipe atrás dela, eu gostaria...

– Não – disse Simon. – Se Hugh e Tamaya não a trouxerem hoje, vamos designar outra unidade pra cuidar do caso. Sua equipe sofreu ferimentos demais. Vocês vão tirar uns dias de folga.

– Mas...

– Não. – Simon levantou a mão. – Não é negociável.

– Você está dizendo isso como meu pai ou como meu chefe?

– As duas coisas e também como alguém que gosta da Ruby e da Danna. Elas precisam de tempo para se recuperar, Adrian.

– Tudo bem, então que eu, Nova e Oscar façamos parte da equipe.

Simon coçou os fios escuros do queixo.

– Vai ser aquela história toda da Pesadelo de novo?

– Nós encontramos Pesadelo, não foi?

– Você quase morreu.

– É. Eu sou um super-herói, pai. Quantas vezes *you* quase morreu? E você não me ouve reclamando disso.

Simon deu um gemido bem-humorado.

– O que foi agora? Por que essa preocupação toda com a Espinheiro? Foi só uma missão, Adrian. Vocês detiveram seis de sete criminosos. Nós recuperamos a *maior parte* dos remédios que eles pegaram. Vocês se saíram bem.

– Eu gosto de terminar o que comecei.

– Isso é tudo?

Adrian recuou.

– Como assim?

– Fico me perguntando se você não está tentando demais provar seu valor depois do que aconteceu no parque de diversões.

Adrian amarrou a cara. Ele odiava ser lembrado de como fracassou no parque. Era verdade que ele tinha encontrado a Anarquista conhecida como Pesadelo, mas também tinha permitido que a Detonadora o manipulasse como se ele fosse um personagem pixelado num videogame velho. Ele repassou os momentos com a Detonadora mil vezes na mente, tentando entender o que poderia ter feito de diferente para impedi-la. Sua hesitação permitiu que a Detonadora explodisse duas bombas, o que resultou em dezenas de inocentes feridos, e Adrian não conseguia evitar a sensação de responsabilidade por cada um deles.

Foi Nova quem disparou e matou a Detonadora, botando fim ao terrorismo dela. Se Nova não estivesse lá, Adrian não sabia o que poderia ter acontecido. Ele devia ter feito mais para impedi-la. Devia ter descoberto logo que matar a vilã desativaria os explosivos.

Talvez porque ele tinha o código de autoridade de Gatlon ecoando na cabeça. *Matar um adversário sempre deve ser o último recurso.*

Nova identificou que eles tinham chegado ao último recurso. Ela fez o que precisava ser feito.

Por que ele não fez o mesmo?

– Desculpe – disse Simon, apertando o ombro do Adrian. – Foi falta de consideração minha. Você e Nova se portaram bem, considerando as circunstâncias. Lamento você não ter conseguido salvar Pesadelo, mas ninguém lamenta não termos mais que nos preocupar com a Detonadora.

– *Salvar* Pesadelo?

Simon ergueu uma sobrancelha.

– Não era isso que você queria?

Adrian puxou o ombro e Simon baixou a mão.

– Eu queria informações sobre a minha mãe e o assassinato dela. Achei que Pesadelo podia ter essas informações. Não teve nada a ver com *salvamento*. E daí que ela morreu? Isso não é nenhuma tragédia.

– Certo. Foi isso que eu quis dizer. E eu sei... independentemente de quem ela era e das coisas que fez, a morte dela foi uma decepção pra você. Pra todos nós, se ela realmente tinha informações que teriam solucionado o assassinato da Georgia.

Decepção nem começava a descrever o que Adrian sentia por ter perdido a conexão tênue com o assassino da mãe. Ele sabia que Pesadelo não era a assassina, ela era jovem demais, mas ele estava convencido de que ela sabia quem era. Mesmo agora, meses depois de ele ter encontrado Pesadelo no telhado observando o desfile, as palavras dela ecoavam na mente dele.

Quem não tem medo não pode ser corajoso.

As mesmas palavras que foram encontradas num cartãozinho branco no corpo da mãe dele depois que ela caiu vários andares e morreu.

– Bom, eu não desisti de encontrar o assassino da minha mãe. Pesadelo era Anarquista. Se sabia de alguma coisa, talvez outro Anarquista também saiba, ou algum outro vilão da época.

– Alguém como a Espinheiro?

Adrian nem tentou esconder o sorriso confuso.

– Ela era da época? Ainda não tive tempo de confirmar isso.

Simon levantou um dedo e quase cutucou o nariz de Adrian.

– Só vou dizer isto uma vez, Adrian. Não tente ir atrás da Espinheiro sozinho. Nem de nenhum Anarquista. Entendeu? É perigoso.

Adrian empurrou os óculos e abriu a boca para falar.

– E não tente me dizer que *perigo* é a forma de ação dos super-heróis.

Adrian fechou a boca.

– Nós temos métodos por um motivo – continuou Simon. – Pra ajudar a mitigar as ameaças e perigos. Se você souber alguma coisa da Espinheiro ou de algum outro vilão, tem que avisar e aguardar instruções. Quero descobrir quem matou sua mãe tanto quanto você, mas não quero perder você fazendo isso.

Adrian se obrigou a assentir.

– Eu sei, pai. Vou tentar ser menos... *imprudente*.

– Obrigado.

Adrian apertou os lábios num sorriso fino, segurando as palavras que realmente queria dizer. A desconfiança que ocupava sua cabeça havia semanas.

Apesar da bomba que supostamente a matou, apesar da quantidade de destruição na casa maluca do parque de diversões naquele dia, apesar de Adrian ter testemunhado a luta entre Pesadelo e Detonadora... apesar de tudo, ele tinha dúvidas.

Seus pais chamariam de negação. Sua equipe chamaria de seu otimismo típico e sinistro.

Mas Adrian não podia evitar.

A verdade era que ele não acreditava que Pesadelo estivesse morta.

CAPÍTULO CINCO



ADRIAN E SUA EQUIPE ficaram de fora das patrulhas pelo resto da semana com a justificativa de tempo para “recuperação de ferimentos e traumas”, e não havia motivo para ir ao Quartel-General dos Renegados todo paramentado hoje. Normalmente, ele nem teria que ir ao quartel-general, só que o Conselho tinha enviado um comunicado global para todos os Renegados da divisão da cidade de Gatlon solicitando sua presença numa reunião obrigatória.

Foi uma mensagem misteriosa. Adrian não conseguia se lembrar de já ter ido a uma reunião da organização inteira. Às vezes, novas regras eram implementadas no código e as unidades de patrulha eram convocadas para discuti-las, ou havia reuniões de departamento com a administração, ou com a equipe de pesquisa e desenvolvimento, e assim por diante... mas *todo mundo*?

Infelizmente, seus pais já tinham saído quando ele acordou e não havia esperança de arrancar informações deles.

Adrian dobrou uma esquina, e passou embaixo de um andaime de construção conforme se aproximava do lado norte do quartel-general. A manhã estava nublada e o topo do prédio estava perdido nas nuvens, fazendo o arranha-céu parecer infinito.

Um veículo parado em uma das entradas laterais chamou a sua atenção. Era uma van blindada com as portas de trás fortificadas e

as laterais cheias de janelas pequenas com película escura. A lateral dizia PENITENCIÁRIA CRAGMOOR: TRANSPORTE DE PRISIONEIRO.

Adrian foi diminuindo o passo até parar. Cragmoor era uma prisão localizada perto do litoral da cidade de Gatlon, construída para abrigar criminosos prodígios, pois a maioria das prisões civis não tinha equipamentos adequados para prender uma variedade de pessoas com habilidades extraordinárias.

Talvez tivessem ido buscar um prisioneiro que estava em uma das celas temporárias no quartel-general. Se bem que transferências assim costumavam ser feitas à noite, quando as ruas estavam vazias, sem passantes curiosos.

Ele continuou andando, olhando para as janelas da van ao passar. Não dava para ver nada dentro e os bancos do motorista e do carona estavam vazios.

Adrian deu de ombros e foi até a frente do prédio, onde turistas se reuniam em frente à entrada tirando fotos de tudo, desde as portas giratórias de vidro até a placa de rua próxima e o local onde o prédio desaparecia na nuvem densa acima. Adrian andou pela multidão, ignorando alguns ruídos de surpresa e comentários baixos de *Era o Adrian Everhart?*. Mas a fama não era dele. As pessoas não ligavam para Adrian Everhart, e sim para o filho da Lady Indomável ou para o filho adotado do Capitão Cromo e do Guardião Terror.

E tudo bem. Ele estava acostumado com a atenção, assim como estava acostumado a admitir que não tinha feito muita coisa para merecê-la.

Ele empurrou uma porta giratória enquanto sorria para os colegas Renegados por quem passava e para o jovial Sampson Cartwright no balcão de informações. Procurou Oscar ou Nova no saguão, mas, como não os viu, foi pela escadaria curva até a passarela que levava à quarentena de Max.

Max ficava quase sempre dentro da galeria de vidro durante o dia, trabalhando no modelo enorme de vidro da cidade de Gatlon que vinha construindo havia anos ou vendo as telas de televisão nos muitos pilares do saguão, mas hoje Max não estava em nenhum lugar visível. Ele devia estar nos aposentos particulares atrás da rotunda fechada.

Adrian levantou a mão e bateu com força na parede.

– Ei, Bandido. Sou eu. Você...

Max apareceu na mesma hora, a poucos centímetros de Adrian, do outro lado do vidro.

Adrian deu um gritinho, cambaleou para trás e bateu na amurada da passarela.

– Pelos céus, Max, não *faz isso!*

Max começou a rir.

– A sua cara!

Adrian fez cara feia e se afastou da amurada.

– Muito inteligente. Tenho certeza que você é o *primeiro* prodígio com invisibilidade a fazer isso com alguém.

– A originalidade é supervalorizada – disse Max, ajeitando o cabelo louro, que ficou armado de novo em seguida. O sorriso bobo não sumiu do rosto dele. – Valeu muito a pena.

Quando os batimentos do seu coração voltaram ao normal, Adrian começou a sorrir ao mesmo tempo que balançava a cabeça. Max só tinha 10 anos, mas costumava ser estranhamente sério para a idade dele. Era revigorante vê-lo fazendo uma brincadeira de criança e se divertindo tanto.

– Estou feliz de ver que você anda treinando – disse Adrian.

– Estou ficando bom nessa coisa de invisibilidade. Além do mais, consegui fundir uma moeda de um centavo com uma de cinco, o que é bem legal porque é mais difícil de fazer com metais diferentes. Mas o seu poder! – Max fez cara amarrada. – Desenhei uma minhoca ontem e ela só se remexeu por uns cinco segundos e

morreu. Que ridículo. Até uma criança de dois anos consegue desenhar uma *minhoca*.

– Você não absorveu tanto do meu poder – disse Adrian. – Talvez você nunca consiga fazer seus desenhos fazerem muita coisa.

Max resmungou alguma coisa que Adrian não conseguiu entender.

Max tinha nascido com o raro dom da absorção de poder, o que queria dizer que ele roubava os poderes de qualquer prodígio de quem chegasse perto, e era por isso que Adrian o chamava havia muito tempo de “Bandido”. A maioria das habilidades dele foi obtida quando ele era bebê: manipulação de metal e fusão de matéria dos pais biológicos, que eram parte de uma gangue de vilões; invisibilidade do Guardião Terror; e até telecinese do próprio Ace Anarquia durante a Batalha de Gatlon. Mas Max era pequeno demais para se lembrar disso. Mais recentemente, ele conseguiu um toque da habilidade de Adrian quando ele tirou Nova da quarentena que separava Max do resto dos Renegados. Max também disse que estava dormindo menos, o que provavelmente significava que ele tinha absorvido um pouco do poder de Nova também, embora ele não tivesse interesse em ficar acordado 24 horas por dia, mesmo que pudesse. Ele já ficava entediado demais na solidão.

Durante anos, Max só fazia experiências com as habilidades em particular, guardando segredo da extensão delas até mesmo de Adrian. Ele ficou surpreso ao descobrir que o garoto era bem mais talentoso do que todo mundo imaginava, principalmente graças a seu autotreinamento. Adrian sabia que Max sentia culpa por ter muitos dos poderes que tinha, como se não tivesse direito a nenhum deles. Mas, ultimamente, ele parecia mais ansioso para treinar e até se exibir um pouco. Adrian ficava feliz com isso. Max era o que mais se assemelhava a um irmãozinho na vida dele, e ele odiava pensar que o garoto podia se sentir culpado por uma coisa que não tinha

como controlar. Nenhum prodígio devia sentir culpa pelo que era capaz de fazer.

– Cadê o Turbo? – perguntou Adrian, observando a cidade aos pés de Max.

– No alto da torre Merchant. – Max apontou para um dos arranha-céus de vidro mais altos. – Fiz uma caminha pra ele lá e agora ele dorme o tempo todo. Acho que você deve ter feito ele um pouco bicho-preguiça.

Semanas antes, Adrian tinha desenhado um dinossaurinho, um velociraptor, para provar para Nova que Max não tinha tirado seus poderes. A criatura desapareceu por um tempo e um dia apareceu inesperadamente no meio dos doces do pequeno café no saguão. Houve uma comoção enorme e muita gritaria, e alguém da equipe de limpeza acabou caçando a criatura com uma vassoura por quase vinte minutos até que Adrian ficou sabendo e assumiu o dinossauro como uma de suas criações. Max pediu para ficar com ele, e foi assim que ele herdou um bichinho do tamanho de um polegar.

– Comer, dormir, caçar – disse Adrian. – Isso cobre todos os instintos de dinossauro que conheço e duvido que ele vá fazer muito mais do que isso.

– Se por caçar você quer dizer mastigar os restos de carne do meu jantar... Aliás... – Max apontou para uma coisa atrás do ombro de Adrian. – Você sabia que está morto?

Adrian se virou e viu uma das telas passando um vídeo do Sentinela sendo jogado da barca e desaparecendo na água. Foi gravado pelo binóculo elaborado de Nova e era a melhor imagem que conseguiram pegar do Sentinela até ali.

– Você ficou preocupado? – perguntou Adrian.

– Não.

– Como assim? Nem um pouco?

Mas começou a responder e Adrian soube que seria para negar de novo, mas ele hesitou e admitiu:

– Acho que por uns cinco segundos, mas eu sabia que você ficaria bem.

– Obrigado pelo voto de confiança. – Adrian olhou em volta e, apesar de a passarela estar vazia, ele baixou a voz. – Mas a gente não devia falar sobre isso aqui.

– Tá, tá – disse Max, despreocupado. Ele era o único que tinha descoberto a identidade de Adrian, uma conclusão a que chegou depois de ver Adrian pular mais de metade da quarentena para salvar Nova. Era uma pena ele estar trancado ali o tempo todo porque o garoto seria um ótimo investigador. – Você pensa em contar pra eles?

Adrian engoliu em seco. Tentou encarar Max, mas o garoto ainda estava olhando a tela da televisão.

– Cada vez que os vejo – admitiu ele. – Mas, cada vez que os vejo, fica mais difícil.

Adrian nunca pretendeu guardar o segredo por tanto tempo. No começo, tinha ficado animado para contar aos pais sobre as tatuagens e como podia usá-las para dar superpoderes novos a si mesmo. Mas, depois, as coisas fugiram ao controle. Como Sentinela, ele violou muitas regras. Botou vidas civis em perigo. Causou danos a prédios e infraestruturas públicas. Fez buscas em propriedades particulares sem as “provas” de crime que os Renegados exigiriam. Usou força para apreender criminosos quando talvez, *talvez*, ele pudesse ter encontrado uma forma de detê-los sem causar males. A lista continuava.

Mas ele não conseguia se arrepender de nada. Violar as regras permitiu que ele fizesse muitas coisas boas. No mês anterior apenas, ele tinha capturado sozinho 17 criminosos, inclusive dois prodígios. Tinha impedido ladrões de carros, de casas, traficantes de drogas e mais. Sim, ele agiu em desacordo com o código algumas vezes, mas ainda era um super-herói.

Só que ele achava que seus pais não veriam dessa forma. O que eles fariam se descobrissem sua identidade secreta? Se fossem

lenientes com ele quando qualquer outra pessoa seria presa, seria um desprezo descarado pelas leis do Conselho. Pelas leis *deles*.

Para falar a verdade, ele também não sabia se queria descobrir qual seria a escolha deles.

– Pode ser... – começou Max, apesar de sua voz soar baixa. – Pode ser que você não precise contar. – Ele apontou para a televisão. – Considerando que o Sentinela está morto.

Adrian piscou. Não tinha passado pela cabeça dele que podia ser o fim do seu alter ego, mas... Max estava certo. Seria uma saída fácil. Se ele nunca mais se transformasse, todo mundo acharia que o Sentinela tinha se afogado. Ninguém teria que saber.

Mas a ideia de nunca mais se tornar o Sentinela provocava um nó no seu estômago.

Os Renegados não eram suficientes. Gatlon precisava dele.

– Você acha que seria a melhor opção? – perguntou ele.

– Seria a mais fácil – disse Max. – E também... muito decepcionante.

O canto da boca de Adrian tremeu.

– Isso seria o pior de tudo.

Max suspirou.

– Sem Sentinela, sem patrulha... você vai morrer de tédio.

Adrian abriu um sorriso fraco.

– Isso não é totalmente verdade. Tenho... uma ideia de como preencher meu tempo. – Ao ver a expressão curiosa de Max, ele chegou mais perto do vidro. – Ainda tem três Anarquistas soltos por aí, não é? Abelha-Rainha, Cianeto e Fobia. Posso não estar na equipe oficial de investigação, mas, com tanto tempo livre, achei que podia pesquisar um pouco.

– As patrulhas descobriram alguma coisa desde que eles abandonaram os túneis do metrô?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Mas eles estão por aí.

E com a investigação de Pesadelo tendo sido interrompida por causa da provável morte dela e tudo, ele precisava de um novo caminho se queria descobrir o assassino da mãe. Os Anarquistas eram sua melhor esperança para levar o assassino à justiça.

O comunicador de Adrian sinalizou a chegada de uma mensagem. Ele clicou na tela e a mensagem do Oscar surgiu em seu braço.

Ruby foi liberada agora da ala médica. Estamos indo pra sala de reunião. Alguma notícia da Nova?

– Eu tenho que ir – disse Adrian. – O Conselho chamou todo mundo pra uma grande reunião hoje. Você por acaso não sabe sobre o que é, sabe?

A expressão de Max ficou estranhamente vazia.

– Talvez – respondeu ele.

– Ah, é?

Max balançou a cabeça.

– Mas posso estar enganado. Não sei. Vem me contar quando acabar, tá?

– Beleza. – Adrian tirou uma caneta do bolso de trás, substituta da que tinha caído no rio, e desenhou uma minhoca na parede de vidro. Empurrou o desenho e jogou a criatura na mão aberta de Max. – Um petisco para o Turbo quando ele acordar.



ELE ENCONTROU OSCAR, Ruby e Danna no corredor na frente do salão de reuniões.

– Você saiu – disse ele, sorrindo.

– Pois é! – respondeu Ruby, levantando os braços com alegria. – Eu devia ter ido pra casa ontem, mas tem aquela regra velha de esperar 24 horas. Não entendo por que os curandeiros acham que

sabem como nossos poderes funcionam melhor do que a gente. Minha avó estava morrendo de preocupação.

– Bom, você parece ótima – disse Adrian, inspecionando o local onde a perna de Ruby estava coberta de heliotrópios na última vez que ele a viu. Apesar de ela estar de short jeans, não havia mais sinal de ferimento. Nem de curativos. – Ficar coberta de formações rochosas é irado, mas prefiro você sem.

– Ah, assim eu fico vermelha – disse Ruby, embora um olhar para as bochechas com sardas provasse que ela não estava.

Danna, por outro lado, sempre fazia uma careta ao se mover e ele percebeu uma atadura branca aparecendo embaixo da manga.

– Não quero sua pena – disse Danna antes que Adrian pudesse falar qualquer coisa. – Estou começando a gostar do visual coberto de ataduras. Parece que estou passando uma mensagem.

– Essa mensagem é de que você é sinistra? – perguntou Oscar.

– Você precisa perguntar? – respondeu ela, sorrindo para ele. – Os cortes foram profundos e nem todos estavam limpos, mas em uns dois dias estarei ótima. Além do mais, os ferimentos não foram nada em comparação às queimaduras do Sentinela.

Adrian fez uma careta e na mesma hora torceu para ninguém ter notado.

Passou pela cabeça dele que a coisa mais estranha de ver seus companheiros de equipe naquele momento não era o fato de os ferimentos graves terem quase sumido (os Renegados tinham os melhores curandeiros prodígios do mundo), mas que todos estavam com roupas civis. Até Oscar estava de colete e camisa de botão, as mangas dobradas nos antebraços.

Juntos, eles pareciam quase... normais. Era até legal.

– Ah! Antes que eu esqueça... – Ruby tirou uma pilha de cartões do bolso. – Vocês estão todos convidados.

Adrian pegou o cartão da mão dela e o virou. Era um anúncio da Olimpíada Anual dos Ajudantes, que aconteceria naquele fim de semana no Parque da Cidade.

– Olimpíada dos Ajudantes, que legal – declarou Oscar. – Ando pensando que essa coisa de ser super-herói é pressão demais. Ficar no papel de ajudante parece bem mais tranquilo.

– Pena que é uma competição para não prodígios – avisou Ruby.
– Meus irmãos vão competir. Eles sempre sentiram um pouco de inveja de eu ser uma super-heroína descolada e meio famosa e tudo. Claro que eles sentem orgulho, mas inveja também.

– Espera aí. Você é uma super-heroína? – disse Oscar, fingindo choque. Ele se apoiou no ombro dela e piscou com malícia. – Sabia que eu sempre quis ser salvo por uma super-heroína?

Ruby riu e o empurrou para longe, mas ficou com as bochechas vermelhas.

– Você é uma péssima donzela em perigo, Oscar.

Danna revirou os olhos para os dois.

– Eu ganharia vários pontos como irmã mais velha se vocês fossem – concluiu Ruby. – E, antes que você pergunte, sim, Oscar, vai ter *food trucks*.

Oscar fez um sinal de aprovação com os dedos.

Adrian olhou o convite. Ele nunca tinha ido à Olimpíada dos Ajudantes, uma série de competições divertidas para crianças e jovens não prodígios. Não era como ele planejava passar a tarde de sábado, mas poderia ser divertido.

– Também tenho um convite pra Nova – disse Ruby. – Alguém a viu hoje?

– Ainda não. – Adrian olhou a hora no comunicador. Ainda faltavam dez minutos para a reunião começar. Ele olhou pelas portas abertas, por onde dava para ver centenas de Renegados conversando enquanto esperavam. – Será que ela já entrou?

– Nós olhamos – disse Danna. – Nem sinal dela. Mas é melhor a gente ir se sentar antes que encha demais.

– Vamos guardar o lugar dela – disse Ruby. – Alguém sabe por que chamaram a gente?

– Você acha que pode ter a ver com ontem? – perguntou Oscar.

– Você quer dizer por causa da morte do Sentinela? – retrucou Adrian.

Oscar olhou para ele de um jeito estranho quando eles seguiram na direção das portas.

– Não. Estou falando da Espinheiro ter escapado com todos aqueles remédios.

– Ah, é – disse Adrian, sentido vergonha por ter falado do Sentinela. – Já devem ter começado a interrogar os cúmplices. Talvez tenham descoberto alguma coisa.

– Pessoal!

Uma fagulha se acendeu no peito de Adrian. Nova estava correndo na direção deles, as bochechas vermelhas.

– Ah, que bom – disse ela, meio sem fôlego. – Só vi a mensagem uma hora atrás. Tive que correr de Wallow, ah, passando por Wallowridge. Eu tinha certeza que ia chegar atrasada. – Ela parou na hora que Ruby enfiou o convite embaixo do nariz dela. – O que é isso?

– Meus irmãos vão competir na Olimpíada dos Ajudantes.

Nova fez uma careta... instintiva, Adrian sabia. Mas, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Oscar falou:

– Não se preocupe. Garantiram que vai ter *food trucks*.

A aversão dela foi substituída na mesma hora por um sorriso divertido.

– Ah, *nesse* caso...

Ela encarou Adrian, e, pelo momento mais breve do mundo, ele só conseguiu pensar no quanto os olhos azuis dela estavam brilhando mais do que o habitual ou por causa do ar matinal ou por causa da atividade física, ou talvez a iluminação daquele andar que fosse boa e...

Ele tinha que parar de pensar naquilo.

Nova pegou o cartão e olhou para a sala de reunião.

– A gente sabe o que está rolando?

– Não fazemos ideia – disse Danna, balançando o braço. – Mas é melhor a gente entrar antes que peguem todos os lugares bons.

CAPÍTULO SEIS



NOVA NUNCA TINHA ENTRADO na sala de conferências principal do Quartel-General dos Renegados. De acordo com os outros, ela não era usada com frequência. Oscar tinha mencionado uma vez a reunião anual na qual o Conselho gostava de entediar todo mundo com estatísticas sobre seus sucessos nos doze meses anteriores e com discussões longuíssimas sobre as prioridades para o futuro. Quando ele contou isso, Nova tentou agir com solidariedade: que horror, que saco, como as pessoas aguentam? Na verdade, não tem nada de que ela gostaria mais do que ouvir os planos do Conselho para Gatlon.

Danna entrou na frente na sala, que consistia em uma plataforma na frente virada para centenas de cadeiras de plástico enfileiradas. Os lugares estavam sendo ocupados rapidamente enquanto os Renegados entravam. Nova tentou ouvir as conversas, mas parecia que o resto da organização estava tão confuso sobre aquela reunião quanto a equipe dela.

Embora fosse Renegada havia meses, Nova ainda ficava ansiosa quando estava cercada de tantos super-heróis ao mesmo tempo. Ela se acalmou fazendo observações práticas: contando as saídas, determinando que objetos na sala seriam boas armas, estimando

ameaças em potencial e desenvolvendo uma rota mental de fuga se alguma coisa acontecesse.

Mas nada acontecia, nunca. Ela estava começando a sentir como se toda a preparação dela tivesse sido desnecessária; os Renegados continuavam tão alheios às motivações dela quanto no dia em que ela entrou no teste. Mas ela não conseguia relaxar. Qualquer escorregão poderia revelar sua identidade. Qualquer dica poderia acabar com seu plano. Um ataque poderia acontecer assim que ela baixasse a guarda.

Era exaustivo manter a vigilância enquanto agia como se aquele fosse seu lugar, mas ela estava acostumada a ficar alerta. Não conseguia imaginar ser de outra forma, ao menos não dentro do quartel-general.

– Tem cinco lugares juntos – disse Danna apontando para uma fileira não muito longe da frente. Ela foi pegar os lugares.

– Nova McLain?

Nova se virou. Evander Wade, um dos cinco membros do Conselho, que era mais conhecido por seu codinome de Luz Negra, apareceu no meio da multidão.

– Você tem um segundo?

– Hã. – Nova olhou para Adrian e para a plataforma na frente da sala. Um microfone e um banco estavam aguardando um apresentador, mas o palco estava vazio. – Acho que sim.

– Eu guardo seu lugar – disse Adrian com um toque leve e quase imperceptível de dedo no cotovelo dela antes mesmo de seguir o grupo.

Quase imperceptível.

Nova e seus nervos traidores, claro, repararam bem.

– Eu queria discutir o pedido que você enviou duas semanas atrás – disse Evander, cruzando os braços sobre o peito. A postura não era defensiva, e sim para exibir poder natural. Nova já tinha visto Evander Wade parado assim várias vezes, com os pés firmes no chão, o peito meio estufado. Diferentemente do resto dos

membros do Conselho, que conseguiam pelo menos fingir normalidade de vez em quando, Evander nunca parecia conseguir desligar seu eu “super-heroico”. O fato de ele estar usando o icônico uniforme tornava o efeito ainda mais pronunciado: todo de lycra preta grudada nos músculos, com botas brancas, luvas brancas e um emblema no peito que brilhava no escuro.

Para Nova, ele parecia pomposo e meio ridículo, mas os grupos de garotas dando risadinhas que sempre andavam atrás dele nos eventos públicos deviam pensar de outra forma.

– Meu... pedido? – perguntou ela.

– Pra trabalhar em meio período no departamento de artefatos.

– Ah! Isso. Certo. Ainda... está sendo considerado?

– Bom, sinto muito por termos demorado tanto tempo pra responder. – Evander inclinou a cabeça na direção dela como se eles estivessem em uma conversa conspiratória. – As coisas andam movimentadas por aqui, sabe.

– Claro.

– Mas... bom, quando você pode começar?

O coração de Nova se expandiu.

– É sério? Hã... agora! Qualquer hora. Assim que vocês quiserem.

– Excelente. – Evander abriu um sorriso, os dentes brancos visíveis por baixo de um bigode ruivo curvo. – Já conversei com a Foto Instantânea. Ela é chefe do departamento e está animada pra ter você na equipe. Acho que vocês duas vão se dar bem.

Foto Instantânea. Nova conhecia aquele codinome. Simon Westwood, o próprio Guardião Terror, tinha mencionado o nome dela quando contou que o elmo do Ace não estava disponível para visitas públicas, *mas... “Talvez se você oferecesse um grande suborno ao pessoal das armas e artefatos. Ouvi falar que a Foto Instantânea ama jujubas azedinhas.”*

Nova não sabia se ele estava brincando quando falou. O que sabia era que o elmo do Ace Anarquia estava em algum lugar

daquele departamento. A maior parte do mundo acreditava que o Capitão Cromo o tinha destruído, uma mentira perpetuada pelo próprio Conselho. Até deixavam uma réplica danificada exposta perto das salas deles. Mas o verdadeiro elmo estava em algum lugar do prédio e, supostamente, essa Foto Instantânea sabia chegar a ele.

– Isso só nos deixa num dilema – declarou Evander.

– Deixa?

– Sinceramente, é parte do motivo de termos hesitado por tanto tempo. Tem algumas pessoas – ele fingiu uma tosse e murmurou “Tamaya” e tossiu de novo – que estão com medo de estarmos botando coisa demais nas suas costas. – Ele indicou a frente da sala, onde os outros quatro membros do Conselho estavam conversando ao lado da plataforma. Era surpreendente vê-los *todos* usando os trajes tradicionais de super-heróis até com capas e máscaras, o que deixou Nova ainda mais curiosa para saber qual era o motivo da reunião. – Você pode não saber que Tamaya está insistindo para começarmos a escrever leis trabalhistas pra cidade há... sei lá, uns seis anos. Não é uma prioridade, considerando todo o resto, mas todos nós temos projetos queridinhos. Nós estamos cientes de que você faz parte de uma unidade de patrulha e queremos que você continue. Além do mais, você foi chamada pra fazer trabalho de investigação e de entrada de dados nas aquisições que chegam, e isso tudo é exigir muito de você. Você precisa nos avisar se começar a ficar pesado. Se quiser tirar um tempo de folga, botar algum limite nas suas horas de trabalho, esse tipo de coisa, é só vir falar comigo... ou procurar a Foto Instantânea, pra que eu converse com ela. Mas, por favor – ele baixou a voz –, pelos céus, não reclame com Tamaya sem falar comigo primeiro, porque ela usa e abusa da frase “eu te disse” e ninguém precisa disso, sabe?

Nova o encarou.

– Não precisa se preocupar com isso. Estou muito empolgada com essa oportunidade. Acredite, quero me envolver em... bom, no

tanto que vocês precisarem de mim. E tenho tanto tempo livre que é bom usá-lo pra algo produtivo. – Ela abriu um sorriso largo, que ficou mais fácil pelo fato de que ela não precisou mentir nenhuma vez. Considerando que não dormia nunca, *tinha* mesmo muito tempo livre, e ter acesso ao departamento de artefatos seria muito produtivo.

– Bom saber – disse Evander, e deu um tapinha nas costas dela com tanta força que ela tropeçou de surpresa. – Adrian sabia o que estava fazendo quando te escolheu no teste. O garoto tem uma intuição ótima. – Ele chegou para trás e apontou os dedos para ela como se estivesse disparando com pistolas de mentira. – Pode se apresentar ao departamento de artefatos amanhã de manhã. Vou avisar a Foto Instantânea que você vai.

Ela se virou com energia renovada.

Todas as tentativas anteriores de aprender mais deram em becos sem saída e coisas desconhecidas, ao ponto de fazê-la querer atacar alguma coisa com um pé de cabra. Em teoria, ela era uma espiã. Era pra ser a arma secreta dos Anarquistas. Agora, poderia chegar perto do elmo do Ace e começar a elaborar um plano de como recuperá-lo.

A maioria das pessoas já tinha se sentado quando Nova foi na direção da sua equipe.

– O que o Luz Negra queria? – sussurrou Adrian quando ela se sentou entre ele e Danna.

– Ele queria saber se ainda estou interessada em trabalhar no departamento de artefatos – disse ela. – Eu começo amanhã.

Adrian pareceu surpreso e meio desanimado, ela achou.

– Artefatos? Mas... e...

– Vou continuar nas patrulhas. Lembre que tenho bem mais horas no meu dia do que vocês.

Adrian assentiu, mas ela continuou vendo uma sombra de preocupação por trás dos óculos dele. Ela sabia exatamente o que ele estava pensando. Não era porque nunca *dormia* que ela não

devia *descansar* de vez em quando. Era um argumento que ela ouvia com frequência. Mas as pessoas que precisavam dormir e descansar não conseguiam entender como a falta do que fazer a deixava irritável. Ela precisava de movimento, de trabalho, de agitação. Precisava se manter ocupada durante as longas horas em que o resto do mundo estava dormindo para afastar as ansiedades que sempre a estavam invadindo. E a preocupação constante de que ela não estava fazendo o suficiente.

– Está tudo bem – disse ela. – Eu quero fazer isso.

Lembrando o jeito leve como Adrian tinha tocado em seu cotovelo, Nova se preparou e botou a mão no joelho dele. Só que, no espaço entre seu cérebro dizer que era uma boa ideia e sua mão fazer o movimento, acabou virando um punho fechado incomodado que bateu desajeitado na lateral da coxa do Adrian antes de voltar rapidamente para o colo dela.

Adrian olhou para a perna com a testa franzida.

Nova limpou a garganta e desejou ter o poder de parar de corar conforme sua vontade em vez de falta de sono eterna.

A mão de alguém bateu no microfone e o som reverberou pelos alto-falantes. Os cinco membros do Conselho tinham subido ao palco: Evander Wade, Kasumi Hasegawa, Tamaya Rae, Simon Westwood e Hugh Everhart.

Hugh estava na frente do microfone. Embora o Conselho fingisse não ter uma hierarquia interna, a maioria das pessoas achava que Hugh Everhart, o invencível Capitão Cromo, era a figura principal da organização. Foi ele que derrotou o Ace Anarquia. Foi ele que atraiu inúmeros prodígios para o seu lado e lutou contra gangues vilãs que tinham tomado o controle da cidade.

Ele também era, de todo o Conselho, o que Nova achava que mais merecia seu ódio. Se alguém devia ter resgatado sua família quando todos foram mortos mais de uma década antes, esse alguém tinha que ter sido o Capitão Cromo.

Mas ele não impediu que os assassinatos acontecessem. Não apareceu quando ela mais precisou.

Nova jamais lhe perdoaria por isso. Jamais perdoaria nenhum deles.

– Obrigado a todos por virem hoje, mesmo tão em cima da hora – disse Hugh.

Seu uniforme de Capitão Cromo consistia em um tecido grudado que fazia parecer que até os músculos do pescoço dele levantavam peso. Os trajes clássicos eram reservados para ocasiões especiais: grandes comemorações e grandes anúncios. Indicava que, naquele momento, o Conselho era não só o grupo de líderes da organização. Eles eram os super-heróis que protegiam o mundo.

E, ao fazer isso, controlavam o mundo.

– Nós só pretendíamos fazer essa reunião em duas semanas – continuou Hugh –, mas, devido a eventos recentes, o Conselho concordou que uma ação imediata precisava ser tomada. Como sei que vocês sabem, a organização dos Renegados passou por um escrutínio recente, começando de forma notável com o ataque do Titereiro no nosso desfile e, mais recentemente, com o bombardeio da Detonadora no parque Cosmopolis.

Nova trocou um olhar com Adrian, mas, assim que seus olhares se encontraram, os dois desviaram os rostos.

– Acrescentem a isso o aumento na criminalidade e no comércio de armas e drogas no mercado clandestino e podemos entender por que o público está exigindo uma resposta nossa. As pessoas querem saber como planejamos proteger e defender nossos cidadãos face a tantas ameaças. O Conselho está fazendo tudo que pode para garantir às pessoas que a segurança delas é nossa maior prioridade e que precisamos do apoio e cooperação de todos para servi-los. Sobre isso, preciso lembrar a todos que é importantíssimo que os prodígios que carregam a bandeira dos Renegados sigam o código de autoridade de Gatlon, tanto no serviço quanto fora dele. A busca pela justiça é essencial para a nossa reputação, mas a

segurança dos civis precisa ser sempre nossa maior prioridade. Sobre isso, quero comentar brevemente sobre o aumento que temos visto na ação de justiceiros.

Adrian começou a tossir esporadicamente. Ele baixou a cabeça e escondeu a boca no cotovelo.

Nova bateu nas costas dele, e ele fez uma careta.

– Estou bem – murmurou ele. – Foi só que... o ar entrou errado.

– Nós queremos ver justiça – continuou Hugh –, mas o limite entre justiça e vingança é estreito. O código existe para que possamos sempre saber de que lado da divisão devemos ficar. É egoísmo arriscar a vida de pessoas inocentes em função dos nossos objetivos. É imprudência botar civis em risco para podermos alcançar a glória. Esse pode ser o caminho dos vilões do passado, ou dos justiceiros, como o que se chamava recentemente de Sentinela. Mas *nós* não somos assim.

Adrian afundou na cadeira. Nova se lembrava dele falando do código certa vez, que as regras impostas pelo Conselho podiam ser hipócritas quando, durante a Era da Anarquia, eles mesmos não tiveram o menor problema em botar vidas inocentes em risco, desde que capturassem os inimigos no fim. Na época, os Renegados eram notórios por terem causado destruições catastróficas ou por se meterem em lutas que acabaram com muitos observadores inocentes feridos, mas não parecia incomodar na ocasião. Eles teriam feito qualquer coisa para garantir que seu lado saísse vitorioso.

Às vezes, Nova achava que os Renegados do passado tinham mais em comum com os Anarquistas do que qualquer um ousava admitir.

– Mas é claro – disse Hugh – que há momentos em que uma solução pacífica não pode ser alcançada. Há momentos em que um criminoso precisa ser detido da forma mais rápida e eficiente possível para impedir que faça ainda mais estragos. E, desde que impedir esse criminoso não interfira com a segurança dos nossos

cidadãos, os Renegados que cumprirem o dever precisam ser comemorados e elogiados. – Ele respirou fundo, e o vinco que tinha aparecido entre as sobrancelhas dele sumiu. – E é por isso que hoje queremos parar um momento pra homenagear uma das nossas. – Seu olhar percorreu a multidão. – Nova McLain, conhecida como Insônia, poderia se levantar, por favor?

CAPÍTULO SETE



Nova deu um pulo na cadeira sem saber se tinha ouvido direito. Danna bateu nas costas dela e quase a empurrou da cadeira. As pessoas já estavam aplaudindo quando Nova se levantou hesitante no meio delas. Até o Conselho estava aplaudindo. O Capitão Cromo estava com um sorriso largo para ela... Seria de *orgulho*?

Nova estava com a sensação de que tinha acabado de sair de um daqueles sonhos bizarros de ansiedade sobre os quais as pessoas sempre falavam. Do tipo em que a pessoa era exposta na frente dos piores inimigos e acabava percebendo que tinha se esquecido de vestir a calça.

Mas ela não estava dormindo. Não era sonho.

Ela olhou para Adrian sem entender e viu que a expressão fechada de antes tinha sumido do rosto dele. Ele estava sorrindo. Era aquele sorriso aberto de parar o coração que ela abominava.

Oscar soltou um gritinho de orgulho e Ruby balançou as duas mãos no ar.

Quando os aplausos pararam, Hugh continuou:

– Tenho certeza de que a maioria de vocês soube que Nova McLain derrotou Ingrid Thompson, uma Anarquista mais conhecida como Detonadora, com um único tiro de misericórdia na cabeça

durante o confronto no parque Cosmopolis. Se ela tivesse hesitado ou errado o alvo, muitas outras bombas teriam explodido dentro do parque de diversões naquele dia, e estimamos que centenas de pessoas teriam ficado feridas ou teriam sido mortas. É por causa da coragem e do pensamento rápido da Nova McLain que essa catástrofe não foi bem pior. Insônia, sentimos orgulho de ter você como Renegada.

Nova tentou fazer uma expressão satisfeita enquanto as pessoas em volta dela começaram a gritar de novo, mas achou que o sorriso poderia acabar parecendo uma careta. Não deu para não reparar que o olhar do Hugh Everhart para ela parecia quase... paternal.

Ele não tinha o direito de sentir orgulho de Nova e de nenhuma das realizações dela quando era por causa dele que ela nem tinha pai para olhar para ela daquele jeito.

Sentimos orgulho de ter você como Renegada.

Sua pele ficou arrepiada.

Ela sabia que devia sentir alegria; tinha conquistado a confiança e o respeito dos inimigos, como queria. Como Ace queria que ela fizesse. Mas, naquele caso, a admiração não era por causa da astúcia e da duplicidade dela. Era realmente merecida. Ela *foi* uma Renegada naquele dia, não foi?

A Detonadora era Anarquista. Elas estavam do mesmo lado. Por muito tempo, Nova a teria chamado de amiga.

Mas, naquele momento, Nova ficou ao lado dos Renegados.

Ela não só traiu Ingrid. Ela a *matou*. Podia chamar de legítima defesa, mas havia mais do que autopreservação quando ela puxou o gatilho. Ela estava com medo pelas crianças e famílias no parque. E com raiva da Ingrid por tê-la enganado de novo.

Ela sentiu medo por Adrian.

Nova sabia que às vezes era preciso fazer sacrifícios para levar a sociedade por um caminho diferente. Sabia que milhares de pessoas tinham morrido quando Ace começou a revolução. Mas as

mortes provocadas pela Ingrid não teriam sido sacrifícios. Teriam sido assassinatos.

Nova não poderia ter ficado olhando sem fazer nada.

Nas semanas seguintes, ela refez seus passos daquele dia mil vezes na cabeça para tentar determinar se havia alguma coisa que ela poderia ter feito diferente.

Só que... ela não estava arrependida de ter matado Ingrid.

Também não sentia orgulho. Seu estômago ficava embrulhado cada vez que ela lembrava o aperto do gatilho e que, pela primeira na vida, ela não hesitou. As palavras estavam na cabeça dela, como estavam desde que ela era criança, olhando para o corpo inconsciente do assassino da família.

Puxa o gatilho, Nova.

Quando ela se deu conta, a cabeça da Ingrid estava se inclinando para trás e ela estava morta.

A coisa mais surpreendente foi a facilidade. Se isso a tornava uma Renegada, tudo bem.

Porque ela acreditava que também a tornava Anarquista.

Os aplausos foram morrendo e Nova se sentou na cadeira. Suas bochechas estavam quentes. Duas fileiras à frente, ela viu Genissa Clark e seus asseclas: Mack Baxter, Raymond Stern e Trevor Dunn. Ou, como o mundo os conhecia, Geladura, Sismo, Arraia e Gárgula, que Nova teve o grande prazer de derrotar durante o teste para os Renegados. Os quatro estavam com expressões de desprezo para Nova, e Genissa não escondeu o revirar de olhos enojado quando se virou para a frente.

Danna devia ter visto também porque fez uma careta para as costas da Genissa.

– Invejosa – sussurrou ela.

Nova abriu um sorriso fraco em resposta. A equipe da Genissa era uma das unidades de patrulha mais conhecidas dos Renegados e também o grupo que Nova mais desprezava. Não só por serem cruéis e arrogantes, mas porque eram o exemplo da corrupção que

acompanhava o fato de um grupo de super-heróis ganhar poder demais. Por isso, a hostilidade de Genissa não afetava Nova. Na verdade, ela teria ficado mais preocupada se a Geladura *gostasse* dela.

Oscar esticou a mão pelas costas do Adrian e bateu com o nó do dedo no queixo de Nova.

– Eu lembro quando ela era só uma aspirante a Renegada sendo desafiada no teste. E olha só essa menina agora.

Nova se afastou, mas não conseguiu segurar a cara feia.

No palco, Hugh Everhart limpou a garganta.

– Temos mais uma ordem do dia antes de chegarmos ao motivo para termos pedido sua presença aqui hoje. Como vocês sabem, houve um roubo recente no Hospital da Cidade de Gatlon, no qual remédios caros que salvam vidas foram levados. Nós estamos fazendo tudo que podemos para encontrar os criminosos e recuperar os remédios roubados, mas, enquanto isso – ele indicou Luz Negra –, Evander teve a ideia brilhante de incluir uma arrecadação de fundos no nosso baile anual mês que vem para que possamos coletar dinheiro e aumentar a conscientização da necessidade crescente de remédios, principalmente com nossa indústria farmacêutica passando por dificuldades por falta de investimentos. Sei que existe um... um preconceito entre nossos civis, que acham que curandeiros prodígios serão suficientes para ajudá-los caso precisem de tratamento médico, mas... bom, não há uma quantidade suficiente deles por aí e suas habilidades podem ser limitadas. Nós temos que nos concentrar mais no nosso campo médico. Por isso, vamos pedir doações de objetos que possam ser considerados colecionáveis para um leilão ao vivo nas próximas semanas. Marquem nos seus calendários caso não tenham feito isso, pois espero ver um apoio forte de toda a nossa comunidade.

Nova franziu a testa. Se os curandeiros prodígios não eram suficientes para curar os pacientes doentes e feridos no hospital, por que isso não era *dito*? Por que não se encorajava mais civis a

estudarem medicina? Por que os Renegados estavam tão determinados a agir como se pudessem mesmo salvar todo mundo se sabiam muito bem que não podiam?

– E agora – disse o Capitão –, está na hora de discutir o motivo principal para termos convocado essa reunião hoje. – Ele apontou para o Conselho. – Kasumi?

Kasumi Hasegawa, ou Tsunami, foi para a frente do palco e pegou o microfone enquanto Hugh desaparecia por uma porta próxima.

Ela tirou um punhado de fichas da manga do uniforme e disse:

– Para expandir a apresentação do Capitão Cromo, o ataque da Detonadora foi um lembrete de que não podemos permitir que vilões como Ingrid Thompson permaneçam no domínio total das próprias habilidades sem que medidas regulatórias ou preventivas sejam tomadas para garantir que esse tipo de ataque não continue acontecendo. Quando os prodígios abusam de seus poderes, é nosso dever lidar com a ameaça que eles oferecem para as pessoas inocentes, para nós e para si mesmos. Como o Capitão falou, nossos cidadãos estão exigindo uma reação a essas ameaças, e hoje vamos demonstrar exatamente que reação vai ser essa. Observem que o que vamos revelar hoje é confidencial e deve ser mantido exclusivamente entre Renegados até que vocês sejam avisados.

Nova se animou, interessada. Ela estava seguindo a cobertura recente da imprensa e a desilusão crescente com atenção. Por uma década, as pessoas acreditaram que os super-heróis sempre apareceriam para salvar o dia quando necessário. Embora Nova já soubesse havia tempos que aquela ideia era falsa, o que Ingrid fez pareceu ter aberto os olhos das pessoas. Os Renegados nem sempre estariam presentes.

Era hora de a sociedade perceber que eles mesmos deram tanto poder aos Renegados, mas só estavam recebendo promessas vazias em troca.

– Estamos organizando uma coletiva de imprensa que vai disponibilizar essas informações para a imprensa assim que acharmos seguro. – Tsunami virou uma ficha. Suas bochechas estavam vermelhas e Nova se deu conta de que Katsumi Hasegawa não ficava à vontade falando para um grupo grande.

Que ironia. Uma super-heroína, uma Renegada original, que devia ter enfrentado armas e bombas e uma quantidade enorme de criminosos com medo de uma coisa tão mundana quanto falar em público.

– Há anos – continuou Kasumi –, nossa talentosa equipe do laboratório de pesquisa está trabalhando em desenvolvimentos bastante animadores que vão nos ajudar na responsabilidade que é manter a cidade segura de prodígios que se recusam a seguir o código de autoridade. Desenvolvemos uma ferramenta inofensiva para a população não prodígio e, por isso, não coloca os civis em risco, mas oferece um jeito seguro e eficiente de neutralizarmos os prodígios que se recusem a seguir nossas leis. Queremos que essa ferramenta se torne nosso meio mais prático de lidar com a desobediência de prodígios. Nós a chamamos de... *Agente N*.

A respiração de Nova ficou acelerada. Ela se lembrava das palavras do Luz Negra no parque Cosmopolis depois que a ameaça dos explosivos de Ingrid foi controlada. *“Isso é prova de que nem todos os prodígios merecem seus poderes. É por causa de vilões como ela que precisamos do Agente N.”*

Era isso. O que quer que o Agente N fosse, eles revelariam agora. Seu coração bateu com tanta força dentro da caixa torácica que parecia que estava tentando fugir.

Não era só uma hipótese, um experimento limitado aos laboratórios. Era real. O chamado *antídoto*. A arma que Luz Negra disse que tornaria o mundo um lugar mais seguro.

Mas mais seguro para quem?

– Para contar mais e dar uma demonstração da ferramenta – disse Kasumi, indicando a lateral do palco –, convido a dra. Joanna

Hogan para o palco.

Com um alívio evidente por sua parte ter acabado, Kasumi voltou ao seu lugar.

A dra. Joanna Hogan era mais velha do que todo mundo do Conselho, com uns cinquenta e poucos anos, Nova supôs. Mas ela tinha um vigor jovem no caminhar que ficou visível quando ela foi até o microfone. Seu jaleco, branco e passado, sofria o contraste de um corte de cabelo curtinho estilo *pixie* pintado de rosa-chiclete.

– Boa noite. E obrigada por essa apresentação, Tsunami. Sou a dra. Joanna Hogan e sou uma das principais pesquisadoras aqui do QG desde que foi criado. É um prazer contar sobre esse novo desenvolvimento e fico grata por tudo que o Conselho fez para encorajar nosso trabalho. – Ela fez uma pausa para respirar fundo. – Hoje, vou contar mais sobre o produto chamado Agente N e vou dar demonstrações de sua capacidade para que vocês possam ver e entender sua eficácia em primeira mão. Sei que algumas pessoas vão querer rotular o Agente N como arma, mas é importante ter em mente que é, em essência, uma solução *não violenta* para um problema que nos aflige há mais de trinta anos. – Ela abriu bem os braços para indicar o período de tempo e algumas pessoas da plateia riram, concordando com insegurança. – Além de ser não violento, o Agente N é portátil e seus efeitos são quase imediatos. É completamente seguro para ser usado perto de civis não prodígios. Acho que vocês vão gostar de suas aplicações no mundo real.

A dra. Hogan pegou uma pasta que estava em cima de um banco no fundo do palco. Abriu as fivelas, levantou a tampa e a ergueu para que todos vissem. As pessoas todas se mexeram para tentar ver melhor. A algumas fileiras, um Renegado chamado Ótico tirou um dos globos oculares removíveis para ver melhor.

Dentro da pasta havia três fileiras de frascos, cada um cheio de um líquido escuro.

– Isto – disse Joanna Hogan – é o Agente N. É um agente neutralizador... e por isso tem esse nome. Aqui temos a substância

em forma líquida, que tem uma variedade de usos viáveis, mas conduzimos experimentações bem-sucedidas com o agente em forma de cápsula também. – Ela tirou um frasco da pasta e o exibiu. – Este frasco, que contém só 10 ml do agente, tem a capacidade de remover rápida e permanentemente os poderes de qualquer prodígio do planeta.

Um murmúrio de surpresa se espalhou pela plateia e alguns Renegados sentados perto do palco puxaram a cadeira para longe.

Nova tentou disfarçar o tremor que se espalhou por seus ombros. Sentiu o olhar da Danna, mas não a olhou.

– Não fiquem alarmados – declarou Joanna. – Em forma líquida, a solução precisa ser administrada oralmente ou por via intravenosa para funcionar. Vocês estão todos seguros. – Ela baixou a mão e aninhou o frasco na palma. – Nós vemos o Agente N como uma consequência humanitária para os que desafiam as regulamentações do nosso Conselho. Depois que vocês forem treinados para o uso do Agente N, vamos começar a equipar todas as unidades de patrulha com dispositivos. Quando isto estiver nas suas mãos, qualquer um com habilidades extraordinárias que preferir se conduzir de forma ilegal não será mais tolerado. A pessoa estará abrindo mão do privilégio de ser prodígio.

Os rostos da plateia se contorceram com curiosidade e apreciação sutil.

Nova sentiu enjoo ao lembrar como ficou horrorizada depois que entrou na quarentena de Max, quando Adrian falou que Max era capaz de absorver os poderes dos outros só por estar na presença deles. Quando, por um momento, ela achou que poderia não ser mais prodígio.

Seu poder ser tirado contra a sua vontade... Isso não era uma violação dos direitos de prodígio, assim como os abusos que eles sofriam antes da Era da Anarquia? Ace lutou tanto para dar a todos os prodígios liberdade de revelar seus poderes sem medo de perseguição, mas agora os Renegados, as pessoas que deviam

estar lutando a favor dos outros prodígios, estavam determinados a erradicar os que não seguiam o *código* deles. Apesar de nenhuma das leis deles terem sido votadas e nem aceitas oficialmente pelo povo. Apesar de os Renegados terem feito de si mesmos juízes e jurados, criadores e agentes da lei.

Nova observou o salão, segura de que não podia ser a única a ver a hipocrisia. Mudar um prodígio de forma tão profunda, alterar a essência de *quem eles eram*, só porque violavam uma lei com a qual nunca concordaram? E um julgamento justo? E um processo?

Mas, ao seu redor, ela só viu expressões intrigadas.

Até que seu olhar pousou em Adrian. Ele pelo menos parecia perturbado. Em determinado momento, ele tinha pegado a caneta e começado a bater com ela nos dedos com nervosismo.

– Além disso – continuou Joanna –, estamos animados com a oportunidade de usar o Agente N como uma sentença alternativa para alguns detentos presos na Penitenciária Cragmoor. Até o momento, sete detentos foram neutralizados como parte do nosso processo de testes e vamos escolher um comitê que vai analisar todos os residentes de Cragmoor um a um. Seu comportamento criminoso nunca foi tolerado pelos Renegados, e agora vamos garantir que não possa mais acontecer.

Um murmúrio de aprovação se espalhou pela plateia, mas as palavras dela deixaram Nova gelada. Era a primeira vez que falavam sobre o Agente N, mas sete detentos já tinham sido neutralizados? Com ordem de quem? Com aprovação de quem? Houve o julgamento de cada um deles? Os detentos tiveram alguma escolha na questão?

Ou as sete vítimas foram tratadas como meras cobaias em quem os pesquisadores aprimoraram a nova arma? Houve mais detentos que *não* foram neutralizados com sucesso e, se sim, o que aconteceu com eles?

Devia ser violação dos direitos humanos, mas... quem se importava com os direitos dos vilões?

Ao seu lado, Adrian murmurou alguma coisa sobre Cragmoor. Nova olhou para ele com curiosidade.

Ele se inclinou na direção dela e sussurrou:

– Eu vi uma van de transporte lá fora mais cedo. Acho que trouxeram um dos prisioneiros pra cá.

Nova só tinha lembranças vagas de Anarquistas que tinham sido capturados e enviados para Cragmoor antes da Batalha de Gatlon e achava que eles ainda estavam lá. Os outros Anarquistas nunca falavam dos aliados perdidos, e ela pensou neles poucas vezes ao longo dos anos.

– Agora darei uma demonstração do Agente N. Acho que vocês vão gostar de ver como é simples e eficiente. Por favor, tragam o indivíduo para o palco.

A dra. Hogan apontou para a porta pela qual o Capitão tinha saído. Luz Negra se adiantou e a abriu. Os que estavam na fileira da frente esticaram o pescoço para ver quem apareceria.

– Esse indivíduo foi condenado e considerado culpado por vários ataques aos nossos cidadãos. Ele usou suas habilidades para fazer lavagem cerebral em crianças inocentes, o que resultou em ferimentos sofridos por incontáveis cidadãos ao longo dos anos.

Nova inspirou fundo.

Ela estava enganada. Conhecia, sim, uma pessoa que estava presa na Penitenciária Cragmoor, afinal.

– É um criminoso que já trabalhou ao lado do próprio Ace Anarquia – disse a dra. Hogan quando o Capitão Cromo voltou puxando um prisioneiro. – Apresento Winston Pratt... o Titereiro.

CAPÍTULO OITO



NOVA ESCORREGOU PARA BAIXO na cadeira quando Winston foi levado para o palco. Ele estava usando um macacão listrado preto e branco em vez do terno de veludo roxo de sempre e havia correntes de cromo prendendo seus tornozelos e pulsos, mas ele não estava lutando com o captor. O cabelo laranja estava sujo e despenteado, mas a maquiagem continuava no rosto: lápis preto grosso em volta dos olhos, círculos rosados nas maçãs do rosto e linhas finas desenhadas dos cantos da boca pela lateral do queixo, parecendo uma marionete de madeira. Confirmava que, apesar do que Nova supusera pelos anos que o conhecia, Winston não usava maquiagem, mas tivera o rosto transformado pelo seu poder no de uma marionete.

Ou no de um mestre de marionetes.

Nova tentou se posicionar de forma a ficar escondida atrás do Renegado na fila da frente, mas ainda conseguindo olhar por cima do ombro dele. A última coisa de que precisava era que Winston a visse na multidão. Ela achava que podia confiar nele, mas não podia ter certeza, e não o via desde o interrogatório, meses antes. Ele não a entregou na ocasião e guardou segredo. Mesmo assim, ele podia decidir que aquela era a oportunidade perfeita de revelar a identidade dela, talvez em troca de perdão.

Não seria pior do que tinha feito com ele. No desfile, Nova o jogou para fora do balão e o fez cair nas mãos dos inimigos. Ela não o culparia se ele decidisse incriminá-la agora para salvar a própria pele.

Ela começou a balançar o joelho com energia contida. A adrenalina disparou pelo organismo dela, preparando-a para correr ao primeiro sinal de traição do Winston.

Mas Winston não parecia querer vingança. Parecia feliz da vida de ser o centro das atenções em uma sala cheia de Renegados, com todo mundo olhando para ele como frequentadores curiosos de uma convenção de super-heróis.

– Qual é o problema? – sussurrou Danna.

Nova levou um susto.

– O quê?

Danna desceu na cadeira até estar ombro a ombro com Nova. Danna era tão mais alta que o efeito foi cômico.

– Estamos nos escondendo de alguma coisa?

Com os lábios repuxados, Nova se ajeitou na cadeira.

– Não – disse ela... muito na defensiva, sabia bem. – Meu tio sempre diz que tenho que melhorar minha postura.

No palco, Simon Westwood tinha tirado a pasta do Agente N e levado o banco para o centro, bem na frente. Hugh Everhart botou a mão no ombro do Winston e o levou até o banco. Winston ignorou os dois e a dra. Hogan, que tinha se encolhido quando ele passou. Ele estava ocupado observando o salão com olhos alegres, cintilantes.

– Ah, meu Capitão – disse ele com a voz aguda e alegre. – É uma festa? Pra *mim*? – Ele balançou as correntes. – É meu aniversário?

O Capitão lançou um olhar fulminante para o prisioneiro e não respondeu.

Nova engoliu em seco.

Na lateral do palco, Pássaro do Trovão sussurrou alguma coisa no ouvido do Luz Negra, e um sorriso leve apareceu no canto de sua boca. Alguma coisa naquela expressão fez o sangue de Nova gelar.

Eles viam Winston como um ser humano? Ou ele não passava de um experimento científico aos olhos deles? Como Max e quantos outros?

Apesar da falação fácil, Nova conhecia Winston bem o bastante para saber que ele estava com medo. Estava escondendo da melhor forma que podia, mas, escondido no fundo dos olhos dele, havia uma súplica perplexa e silenciosa. Por misericórdia. Por resgate. Por uma forma de sair dali.

Ele devia saber que era inútil. Cercado de Renegados, preso no quartel-general deles, sem nenhum aliado...

Nova tremeu.

Ela era aliada dele.

Ela deveria ser aliada dele.

Mas Winston era um tolo que tinha estragado a missão deles no desfile e sido capturado. Era um vilão que se aproveitava de *crianças*, o que sempre pareceu aos olhos dela uma coisa desprezível demais até para um Anarquista.

Ainda assim, com todos os seus defeitos, ele foi leal a Ace. Ele era da equipe dela.

Ela devia fazer alguma coisa.

O que podia fazer?

O que Ace ia querer que ela fizesse?

Nada, sussurrou sua mente, e pareceu a sabedoria do Ace borbulhando na superfície dos pensamentos confusos. *Ele não vale que você revele seu segredo. Continue seu caminho. Concentre-se na sua missão.*

Joanna Hogan tirou uma seringa da pasta.

Winston não estava prestando atenção nela.

– Não lembro quantos anos eu tenho – disse ele, inclinando a cabeça para o lado. As correntes de cromo tilintaram quando ele levou as mãos ao peito e desenhou um coração imaginário.

A dra. Hogan encaixou um frasco de Agente N na seringa.

Nova segurou o banco embaixo das coxas.

– Minha nossa – disse Winston, balançando os pés. – Estou velho, acho. E olha só vocês, Renegados, tão alegres, inocentes. Ora, vocês são praticamente crianças! Na verdade... – Ele se inclinou para a frente e olhou para uma pessoa da primeira fileira. Seu sorriso ficou malicioso. – Acho que você é uma criança, seu pequeno defensor da justiça.

Winston pulou do banco. Um dedo esticado soltou um fio dourado cintilante. O fio de marionete se enrolou no pescoço de um jovem Renegado, e o garoto gritou. Winston moveu o dedo e o garoto foi para o palco.

Nova deu um pulo e se levantou, mas o resto da plateia também, atrapalhando a visão. Com um rosnado, ela subiu no banco para conseguir enxergar. O Capitão Cromo correu na direção do garoto, cujos gritos de fúria mal podiam ser ouvidos no meio da barulheira repentina.

Mas, no palco, Joanna Hogan estava serena quando esticou a mão e segurou o braço de Winston. Ele fez cara feia para ela. Seus dedos se curvaram, e o garoto Renegado que estava sob o controle dele correu para a dra. Hogan, os dentes à mostra e os dedos curvados como garras; um animal selvagem pronto para fazer picadinho dela e comer cada pedaço. Ele soltou um grito agudo e se jogou na médica, mas o Capitão Cromo o pegou segundos antes de chegar a ela. Ele prendeu os braços do garoto nas laterais do corpo e o segurou bem.

Winston Pratt sorriu.

A boca de Nova ficou seca.

Ela viu a segunda marionete dele antes de todo mundo porque todos estavam muito concentrados no garoto se debatendo nos

braços do Capitão.

Ninguém reparou na Pega, a prodígio que furtava coisas dos outros. Ninguém a viu levantar a mão. A duas fileiras dela, Estalagmaster não reparou quando sua machadinha de ferro foi solta da bainha e voou até a mão da Pega. Ela levantou a machadinha e partiu para cima da Tsunami. Uma integrante do Conselho. Tsunami estava de costas para ela. Ninguém repararia até que fosse tarde demais.

Nova ficou paralisada, sem conseguir decidir se devia tentar impedir Pega ou não. Aquele era seu objetivo. Eliminar o Conselho. Destruir os Renegados. Um integrante a menos no Conselho seria uma coisa boa...

– *Não!*

O grito soou tão próximo do ouvido de Nova que, por um momento, ela achou que tivesse saído de sua própria boca, mas Danna se dissolveu num bando de borboletas e voou por cima da plateia.

No palco, cercada pelo caos, a médica enfiou a agulha no braço do Winston e apertou o êmbolo.

Danna voltou à sua forma a tempo de segurar o pulso da Pega e a puxar para longe da Conselheira. Pega gritou quando Danna dobrou tanto o braço dela para trás que ela foi obrigada a largar a machadinha. Tsunami se virou, os olhos arregalados.

Nova expirou, mas, se foi alívio que ela sentiu, durou pouco. Danna, os braços em volta da Pega, que se debatia, estava olhando diretamente para ela. Confusa. E talvez traída.

Tremendo, Nova afastou o olhar, as bochechas ficando quentes. Danna estava olhando para ela? Sabia que Nova tinha visto a coisa toda e não tinha feito nada para impedir?

A agitação no salão mudou de repente quando a gritaria da primeira marionete do Winston ficou em silêncio. De onde estava, Nova viu os fios dourados finos que ligavam os dois jovens Renegados aos dedos do Winston partirem e se desintegrarem.

Winston observou as mãos e flexionou os dedos com surpresa. Pequenas rugas se formaram na tinta escura em volta dos olhos. A respiração dele ficou errática. O queixo começou a tremer. Um grito baixo e perturbado surgiu entre os lábios dele.

– N-não – gaguejou ele, a voz tomada de terror. – O que houve? O que você fez?

O lápis preto começou a escorrer.

Nova cobriu a boca com a mão. *Era* maquiagem, ou pelo menos parecia agora, o tom preto de tinta escorrendo pelo rosto em lágrimas grossas. Misturou-se com as manchas rosadas nas bochechas, e logo todas as feições dele estavam derretendo em preto e vermelho. Até a pele branca de porcelana começou a sumir e escorrer pelas laterais do rosto e para a gola do macacão listrado.

Winston soltou outro grito. Os que estavam no palco deram um passo para trás. A dra. Hogan pareceu hipnotizada olhando a transformação de Winston. Todo mundo pareceu cauteloso e até assustado.

Winston olhou os dedos curvados, tremendo. Nova se perguntou o que ele estava vendo ou não vendo. Sentindo ou não sentindo.

Ele começou a soluçar. Lágrimas enormes escorreram pela sujeira nas bochechas. Ele virou a cabeça e limpou o nariz no ombro. O tecido listrado ficou com manchas pretas e vermelhas. Quando ele levantou a cabeça de novo, Nova viu que as linhas do queixo tinham sumido. A pele estava pálida e meio azulada. Ele continuou chorando e inspecionando as mãos sem acreditar, e devia saber, pelo que estava sentindo, pelo que podia sentir acontecendo no corpo, ele devia saber a verdade.

Ele não era mais prodígio. Não era mais vilão. Não era mais o Titereiro.

E, apesar de nunca ter gostado muito de Winston Pratt, Nova não pôde ignorar a pontada de pena que sentiu.

O que seria dele agora?

Enquanto os pensamentos se desenrolavam na cabeça dela, alguém na plateia começou a aplaudir. E outra se juntou. E logo a sala toda estava aplaudindo enquanto Winston Pratt chorava no palco.

O experimento foi um sucesso e todos estavam começando a entender o que queria dizer. Para os Renegados. Para o mundo.

E para os Anarquistas.

Com uma substância assim à disposição dos Renegados, quanto tempo demoraria para que os Anarquistas fossem aniquilados? Os Renegados não precisariam nem comprometer sua moral. Eles não estariam matando ninguém, só tirando os poderes.

A sala começou a se acalmar. Com o vilão neutralizado, os Renegados voltaram aos seus lugares. Os dois jovens que foram dominados pelo Titereiro foram levados para fora da sala por um curandeiro.

Nova começou a descer da cadeira, mas seu olhar pousou em Winston de novo e ela ficou paralisada.

Ele a estava encarando... aparentemente mais perturbado do que surpreso de vê-la.

Um dos joelhos dela se dobrou. Ela tropeçou para a frente, mas Adrian a segurou pelo cotovelo.

– Você está bem?

Ela piscou. No meio da confusão, tinha esquecido que ele estava ao lado dela. Ela puxou o braço, se sentou e tentou se esconder de Winston.

– Ótima – murmurou ela.

Winston foi levado do palco por dois seguranças. Embora estivesse caminhando com os próprios pés quando o Capitão o levou ao palco, agora seu corpo todo estava inerte, como o de uma marionete cujos fios foram cortados.

Nova só se sentou ereta quando a porta entre eles foi fechada. Como ele aguentaria uma mudança daquelas? Tinham tirado não só

o poder dele, mas a identidade. Se ele não podia mais ser o Titereiro, quem ele era? *O que* ele era?

E essas mesmas perguntas seriam impostas a todos que se tornassem vítimas do Agente N.

O Conselho acreditava realmente que tinha o direito de decidir quem podia ser prodígio e quem não podia?

Quando as pessoas se acalmaram, Tamaya Rae foi até o microfone.

– Obrigada pela demonstração poderosa, Joanna. A partir da semana que vem, todas as unidades ativas de patrulha receberão um mínimo de 30 horas de treinamento do Agente N, no qual vão aprender os meios mais eficientes de administrar a substância, assim como as formas de se protegerem e também aos seus companheiros de equipe de serem vítimas do efeito da substância. Estamos preparando uma coletiva para informar à imprensa sobre o Agente N e como será usado para proteger ainda mais o povo desta cidade e garantir a justiça. Nessa ocasião, todas as unidades que tiverem completado o treinamento necessário serão equipadas com um suprimento de emergência de Agente N, que será usado como medida defensiva contra qualquer prodígio que demonstrar um ato de violência contra um Renegado ou um civil ou que demonstre desafiar o código por vontade própria.

– Sem julgamento? – sussurrou Nova. – Estão nos dando o poder de... usar essa coisa contra qualquer pessoa que tivermos vontade, sem necessidade de evidência de crime? – Ela balançou a cabeça.
– Como *isso* pode estar dentro do código deles?

Adrian estava olhando para ela. Ela ousou encará-lo, sem conseguir esconder a repulsa. Adrian não disse nada, mas ela achou que viu suas preocupações espelhadas no rosto dele.

– Além disso – continuou Tamaya –, qualquer prodígio que seja procurado por alguma transgressão recente deve ser neutralizado assim que for visto, incluindo todos os membros conhecidos do grupo de vilões Anarquistas, e, como ainda não encontramos um

corpo confirmando sua morte, isso inclui o justiceiro conhecido como Sentinela.

– Naturalmente – murmurou Adrian, coçando a nuca.

Tamaya prosseguiu.

– Vocês vão receber seus horários de treinamento...

– É reversível? – gritou Nova.

Tamaya fez uma pausa, irritada com a interrupção.

– Como?

Nova se levantou.

– É reversível? Hipoteticamente, se um prodígio fosse neutralizado por acidente ou... sem motivo devido, tem uma forma dos poderes serem restaurados?

A dra. Hogan deu um passo à frente e pegou o microfone.

– É uma boa pergunta e fico feliz que tenha sido feita, pois precisamos transmitir a todos os Renegados a importância de que essa substância seja tratada com a máxima responsabilidade. – Ela fixou o olhar em Nova. – Não. Os efeitos do Agente N são permanentes e irreversíveis. Não se iludam, essa substância é perigosa, e, ao seguirmos em frente, esperamos que seja manuseada com o máximo de cuidado o tempo todo.

– Obrigada, dra. Hogan – disse Tamaya. – Quero reiterar novamente que o que vocês ouviram aqui hoje é confidencial até que vocês sejam avisados. Vamos responder às perguntas imediatas depois desta reunião e quando vocês começarem o treinamento. Vocês estão dispensados.

A sala foi tomada de vozes. Nova e os outros seguiram a multidão, mas, assim que foram para o corredor, Adrian os puxou para o lado para eles esperarem Danna.

– Bom – disse Oscar –, isso foi mil vezes mais intenso do que eu esperava. Quem quer relaxar comendo pizza?

Nova o ignorou e se virou para Adrian.

– É do Max, né? É por isso que precisaram de tantas amostras de sangue dele.

– Só pode ser – respondeu Adrian. Uma ruga surgiu no espaço entre as lentes dos óculos dele, e Nova reconheceu a expressão de contemplação séria. – Eu sempre tive esperanças de que estivessem tentando encontrar uma forma de ajudá-lo. De... permitir que ele ficasse com os outros prodígios. Se bem que... – Ele apertou bem os lábios. – Foi graças ao Max que conseguiram derrotar o Ace Anarquia. Acho que não devíamos estar surpresos de tentarem encontrar um jeito de... de...

– Abusar do poder dele? – murmurou Nova.

Adrian franziu a testa, mas não discordou.

– Mas ele é um prodígio. Uma pessoa viva, que respira. E aquela coisa é... *sintética*. Replicar o poder dele assim... não parece possível.

– Possível? – observou Ruby com uma risada. – Adrian, eu já te vi criar criaturas vivas que respiram com um lápis e um pedaço de papel. *Eu* produzo pedras preciosas quando sangro. Danna vira um bando de borboletas. Você está mesmo questionando o que é possível?

– Como é que é? – disse Oscar. – Você não vai comentar todas as coisas impressionantes que sou capaz de fazer?

Ruby fez um gesto desanimado na direção de Oscar.

– Oscar consegue comer duas pizzas gigantes de uma vez enquanto cita toda a terceira temporada de *Star Avengers* de cor.

Oscar assentiu solenemente.

– É difícil acreditar até que eu existo.

Nova massageou a têmpora.

– Eu só queria saber se o Max sabe em que trabalharam esse tempo todo.

– Se sabe, nunca me disse nada – observou Adrian.

– Talvez fosse *confidencial*. – Nova não conseguiu esconder a mordacidade da voz. Tudo relacionado a Max era confidencial. A verdade sobre a habilidade dele, o motivo por trás da quarentena, e agora isso. Até onde ela sabia, a maioria das pessoas da

organização nem sabia por que Max ficava trancafiado. O boato geral parecia ser que seu poder enfraquecia os prodígios que entravam em contato com ele e que ele tinha que ficar separado pela sua própria segurança e também dos outros... mas poucas pessoas pareciam saber a extensão do que ele era capaz de fazer. Como ele podia drenar as habilidades dos outros prodígios e absorvê-las para si. Como ele tinha tirado o poder do próprio Ace Anarquia.

Quando conheceu Max, disseram para ela que ele era valioso e perigoso ao mesmo tempo. Só agora ela estava começando a perceber o quanto essas palavras eram verdadeiras.

– O que me preocupa – disse Adrian – é como seria fácil abusar da substância.

Nova ergueu uma sobrancelha.

– Como assim? Você acha que um *Renegado* abusaria desse tipo de poder?

– Não todo mundo, claro, mas até os Renegados podem ter motivações egoístas às vezes. – Ele fez uma pausa e franziu a testa para ela. – Espera aí... você estava sendo sarcástica, né?

– Boa percepção – disse ela com rispidez.

Adrian olhou para ela, perplexo.

– Você está com raiva de *mim*?

Nova deu um passo para trás e respirou fundo para se acalmar. Estava sendo agressiva injustamente. Adrian não tinha nada a ver com isso, ela lembrou a si mesma. E, durante a apresentação, houve momentos em que ele pareceu tão chocado quanto ela.

– Não – disse ela, mais baixo agora. – Desculpe. Só estou... preocupada com o que o Agente N pode significar. Você mesmo disse que as pessoas vão abusar dele.

– Não, eu falei que seria *fácil* abusar, não que eu acho que alguém vá fazer isso. Vamos ter que ver como esse treinamento vai ser.

Nova balançou a cabeça.

– É corrupção clara de poder. Não podem mandar unidades de patrulha para as ruas com essa substância e esperar que erros não sejam cometidos. Que as pessoas não vão deixar as emoções tomarem conta. E os julgamentos justos? E as provas? E se alguém ganhar a vida usando a habilidade e essa habilidade for tirada sem nem pensarem duas vezes? – Ela pensou em Cianeto, que, mesmo com tantas transações ilegais, também fazia muitas misturas legítimas que ele vendia para clientes legítimos, de inseticidas a removedores de verrugas. – E se alguém mudasse de vida e passasse a usar o poder para ajudar pessoas? O Agente N tiraria essa escolha da pessoa. Os Renegados falam muito sobre direitos humanos, mas isso é uma violação do direito dos prodígios.

– Vilões não têm *direitos*.

Nova deu um pulo. Ela não tinha ouvido Danna se aproximar, e a cara de raiva que viu nela a deixou alerta na mesma hora.

– O Agente N vai ser usado em vilões. Nas pessoas que não seguem o código. Só que você parece muito interessada em defender essas pessoas.

– Nem todo mundo que discorda do código é vilão – observou Adrian.

Danna olhou para ele, horrorizada.

– É sério? E como você chamaria?

Adrian coçou a orelha com a caneta fechada.

– O código não está vigente nem há dez anos e o Conselho faz mudanças nele toda hora. Quem sabe como vai estar em dez ou cinquenta anos? As coisas não são todas pretas ou brancas, boas ou ruins. As ações das pessoas... suas motivações... são... – ele girou as mãos no ar – áreas cinzentas.

– Exatamente – disse Nova, e sentiu o nó no peito começar a afrouxar. – E as pessoas merecem ter uma chance de explicar suas ações e seus motivos antes de suas habilidades serem arrancadas delas.

– Eu não preciso saber qual foi a motivação da Espinheiro – disse Danna – para saber que ela é uma ladra e um perigo para a sociedade. Se eu tivesse o Agente N naquele dia, teria usado nela para neutralizá-la sem nem pensar duas vezes e não estaria sentindo culpa nenhuma agora. Algum de vocês diria algo diferente? – Ela olhou de cara feia para Nova.

Nova contraiu a mandíbula, irritada de sentir uma hesitação na sua própria convicção. Até Espinheiro merecia julgamento, claro. Até ela merecia a oportunidade de escolher um caminho diferente.

Mas Nova pensou em Ingrid. Porque atirou nela. E a *matou*. Não houve julgamento. Não houve argumentação. Foi legítima defesa. Foi proteção de vidas inocentes.

Também foi irreversível.

E ela não se arrependia.

Teria se arrependido de ver Espinheiro neutralizada pelo Agente N? Era um destino que devia ser melhor do que a morte, não era?

– Sabe, Nova – disse Adrian delicadamente, antes que ela pudesse formular uma resposta –, uma vez você disse que o mundo seria melhor sem prodígios. Então... será que, nesse sentido, o Agente N não pode ser uma coisa boa?

– Não – disse ela com firmeza. – É diferente. Eu acho *mesmo* que a humanidade ficaria melhor sem prodígios. As pessoas teriam controle sobre seu mundo de novo e seriam obrigadas a tomar suas próprias decisões. Cuidariam de si mesmas em vez de contar com super-heróis o tempo todo. Deixaria o jogo mais justo. – Ela refletiu sobre a própria equipe e pensou em todos os poderes incríveis que a cercavam só naquele grupinho e também em todos os poderes de todos os prodígios do mundo. Humanos normais, sem habilidades assim, jamais poderiam competir com o que os Renegados tinham se tornado. – Mas não é isso que está acontecendo aqui. Isso é opressão pura e simples. Se tiverem sucesso, os Renegados estarão se colocando mais acima ainda de todo mundo do que já fizeram. Não vai ter ninguém pra... nos desafiar. Ninguém pra nos

atrapalhar e nos impedir de obtermos poder total. Onde vai ficar a humanidade?

– Ainda vai ser melhor do que era nas mãos dos vilões – disse Danna.

Nova fez cara feia e se obrigou a encará-la longamente daquela vez.

– E quando eles... – ela fez uma pausa – e quando *nós* tivermos o poder total, o que vai nos impedir de nos tornarmos vilões?

CAPÍTULO NOVE



ADRIAN AINDA ESTAVA ESPERANDO do lado de fora da sala de reuniões, batendo com o pé e ouvindo o aumento e a diminuição das conversas do outro lado da porta. O resto da equipe tinha ido para o refeitório a pedido de Oscar, claro, mas ele tinha tido uma ideia durante a reunião que o impediu de se juntar a eles. Estava esperando para falar com Hugh ou Simon havia uns vinte minutos, mas o Conselho estava levando uma eternidade para sair da sala, parando para falar com todo mundo que os abordava. Finalmente, Hugh se separou de um grupo de unidades de patrulha, todos evidentemente empolgados com a perspectiva do treinamento do Agente N.

– Ei, pai! – Adrian abriu caminho entre as pessoas que restavam no local.

Hugh se virou para ele, sorrindo.

– Adrian! O que você achou?

– Hã... legal – disse ele rapidamente, embora dizer parecesse traição, tanto das hesitações de Nova quanto das dele. Ele precisava de mais tempo para refletir sobre o Agente N e o que poderia significar para a organização e para a sociedade em geral. O que poderia significar para o Sentinela. Mas não era sobre isso que ele queria falar agora. – Eu tenho uma pergunta.

– Você e todo mundo – disse Hugh, botando a mão no ombro de Adrian e o guiando em meio às pessoas. – Nós vamos ter muitas outras informações pra passar nas próximas semanas e seu treinamento vai esclarecer muitas confusões...

– Não sobre o Agente N. Quero saber o que vai acontecer com o Titereiro.

– *Winston Pratt* – disse Hugh, levantando um dedo. – Ele não é mais o Titereiro e nem vai ser nunca mais.

– Certo – respondeu Adrian. – Estou querendo saber... ele vai ser enviado de volta a Cragmoor hoje ou...

– Cragmoor? Por que deveríamos mandá-lo de volta pra Cragmoor? – Os olhos de Hugh estavam cintilando. De verdade. – A Penitenciária Cragmoor é pra criminosos prodígios, e Winston Pratt não é mais um prodígio.

– Certo... então... pra onde ele vai ser enviado?

– Ele vai ser colocado em uma das celas temporárias aqui no QG até ter completado uma série de avaliações psicológicas e seus crimes do passado terem sido avaliados considerando o novo status dele. Ele não é mais a ameaça que já foi e isso vai ser levado em consideração.

– Celas temporárias, que ótimo – disse Adrian, juntando as mãos.

– Ele está indo pra lá agora?

Pela primeira vez, Hugh olhou para ele com dúvida.

– Não – disse ele. – Ele vai ser levado para o laboratório primeiro pra podermos monitorá-lo em relação a possíveis efeitos colaterais da neutralização. Não esperamos que haja nenhum, mas nossos pesquisadores estão determinados a continuar coletando o máximo de informações possível pra que não tenhamos surpresas no futuro, blá-blá-blá. – Ele balançou a mão no ar.

– Para o laboratório – repetiu Adrian. – Por quanto tempo ele vai ficar lá?

– Não sei, Adrian. Alguns dias, talvez. Por que isso?

Eles tinham chegado ao elevador e Hugh apertou o botão de subir. Adrian ficou mais ereto e tentou canalizar a confiança do pai.

– Eu gostaria de fazer umas perguntas a ele.

– Você já fez perguntas a ele.

– Foi meses atrás, como parte da investigação da Pesadelo. As coisas são diferentes agora.

– Com certeza. E uma delas é que você não é mais um investigador. – Hugh entrou no elevador e Adrian foi atrás de rosto franzido.

– Eu também não estou fazendo patrulha, ao menos até Danna ser liberada – disse Adrian. – Por isso, estou com tempo livre, e pensei... – Ele hesitou quando Hipervelocidade e Celeridade entraram no elevador. – Hã... vocês podem esperar o próximo? – disse ele, empurrando ambos delicadamente para fora. Seus olhares foram para Adrian e para o Capitão, mas eles saíram sem discutir.

As portas se fecharam e Hugh fez um som de reprovação enquanto apertava o botão do andar do escritório do Conselho.

– Não precisa ser grosseiro, Adrian.

– Escuta.

– Estou escutando, mas posso escutar e ser educado ao mesmo tempo. – Ele olhou para Adrian com uma expressão de tanta concentração que parecia deboche.

Ele seguiu em frente.

– Pesadelo era uma Anarquista confirmada e ainda acredito que ela sabia alguma coisa sobre o assassinato da minha mãe.

A expressão do Hugh transmitiu ainda mais dúvida, mas Adrian ignorou.

– Se ela sabia alguma coisa, é razoável que os outros Anarquistas também possam saber. É provável que o assassino fosse uma Anarquista, né?

– Nós sempre vimos isso como uma forte possibilidade.

– E não é porque a Pesadelo está morta que a investigação acabou. Quero falar com o Tite... com Winston Pratt sobre isso pra ver se ele sabe de alguma coisa.

– Você está ciente de que estamos fazendo interrogatórios com ele desde que a Detonadora atacou a Biblioteca Cloven Cross, não está? – disse Hugh. – Alguns dos nossos melhores detetives o interrogaram para tentar revelar para onde o resto dos Anarquistas pode ter ido. Até onde pudemos descobrir, ele não sabe de nada. Não sei...

– Não quero saber onde estão os outros Anarquistas – disse Adrian. Mas, ao perceber que queria saber, sim, ele ajeitou os óculos e continuou: – Sim, claro que eu queria pegá-los, como todo mundo, mas não é sobre isso que eu quero perguntar. Alguém matou Lady Indomável, e, se Winston Pratt tiver alguma informação sobre esse caso, quero conversar com ele sobre o assunto.

– E se ele não tiver?

Adrian deu de ombros.

– Ninguém perde nada, né?

O elevador desacelerou e as portas se abriram num saguão impecável. Atrás de uma mesa, Prisma se levantou com uma pasta na mão.

– Capitão, senhor, terminei de preparar o memorando...

Hugh levantou a mão e ela ficou quieta. Sua atenção continuava voltada para Adrian, a boca repuxada e franzida.

– Por favor – disse Adrian. – Sei que é possível que eu não descubra nada, mas... tenho que tentar.

Hugh baixou a mão quando saiu do elevador.

– Vou aprovar uma autorização temporária para o laboratório com o único propósito de você falar com o sr. Pratt.

Um sorriso se abriu no rosto do Adrian.

– Obrigado!

– Mas, Adrian... – Hugh contraiu a testa. – Não se encha de esperanças, tá? Ele não é uma fonte confiável.

– Talvez não – disse Adrian, recuando quando as portas começaram a se fechar entre eles –, mas ele me levou até Pesadelo.



A AUTORIZAÇÃO CHEGOU NOVENTA minutos depois por uma notificação no comunicador. Quando a recebeu, Adrian estava em um dos dormitórios das patrulhas fazendo uma lista de tudo que sabia sobre a morte da mãe, sobre os Anarquistas, sobre Pesadelo e tentando pensar numa estratégia para interrogar o ex-vilão.

Ele pensou em procurar Nova para ver se ela queria ir com ele, pois a intuição dela poderia ser útil, mas lembrou que ela disse que ia para casa dar uma olhada no tio depois da reunião.

Apesar de ela nunca ter falado abertamente, Adrian desconfiava que podia haver algo errado com o tio dela. Talvez ele estivesse doente ou só ficando velho. Ele nunca achou que pudesse perguntar, mas já tinha reparado como Nova contraía a boca sempre que falava dele. Parte de Adrian sentia mágoa por ela não desabafar com ele, mas ele sabia que era hipocrisia pensar assim quando havia tantos segredos que ele não tinha revelado para ela ainda.

Ele foi para o laboratório sozinho. Procurou Max quando passou pela parede da quarentena, mas o garoto não estava no meio da cidade de vidro.

Um homem corpulento de jaleco branco estava esperando Adrian quando ele entrou no laboratório.

– Me siga e não toque em nada – disse ele bruscamente. – O paciente está passando por uma avaliação importante pós-procedimento e esperamos que ele fique cansado e agitado. Peço que limite sua reunião com ele a no máximo quinze minutos hoje, embora a terapeuta possa aprovar outros encontros nas semanas futuras.

– Terapeuta? – perguntou Adrian.

O homem enfiou as mãos nos bolsos do jaleco.

– Pra ajudar com a transição de prodígio a civil. Ainda estamos tentando entender a extensão total da dificuldade emocional resultante de uma mudança dessas, mas descobrimos que oferecer terapia desde o começo reduz severamente algumas das ramificações psicológicas que podem se desenvolver.

Adrian seguiu o homem por um labirinto de estações de trabalho, cubículos e depósitos.

– Quantas pessoas receberam o Agente N até agora? – disse ele, se perguntando se os sete que a dra. Hogan mencionou era o número exato e total.

Os ombros do homem se contraíram.

– Isso é confidencial, sr. Everhart.

Claro que era.

A postura do homem relaxou e ele andou mais devagar para que Adrian andasse ao lado dele.

– Mas posso dizer... – disse ele, olhando em volta de um jeito que indicava que ele *não* devia dizer nada – que todo mundo aqui anda... surpreendentemente satisfeito com as reações de muitos dos nossos pacientes. Foi um resultado inesperado, mas não é incomum que ex-prodígios sintam, bem, um certo alívio depois do procedimento. Eles costumam falar sobre as habilidades prévias como um fardo além de um dom.

Adrian tentou imaginar sentir gratidão por perder os poderes, mas não conseguiu. A perda o destruiria, e ele não conseguiu evitar uma certa desconfiança em relação às palavras do sujeito. Ou os pacientes neutralizados estavam falando o que achavam que os terapeutas queriam ouvir ou as pessoas do laboratório estavam distorcendo as palavras deles para justificar o uso de pacientes nos testes... contra a vontade deles, supôs Adrian.

– Chegamos – disse o homem, parando na frente de uma porta branca sem marcações.

A porta se abriu e uma mulher educada sorriu para eles.

– Estou terminando aqui. Um momento. – Ela entrou no aposento e deixou a porta aberta. Adrian esticou o pescoço e a viu se aproximar de uma cama estreita junto à parede, onde Winston Pratt estava deitado de costas. Ela se inclinou sobre ele e encostou os dedos em seu ombro para sussurrar alguma coisa.

Winston pareceu não reagir.

A mulher pegou uma bolsa e um bloco de anotações, e saiu para o corredor.

– Volto pra vê-lo de manhã – disse ela. Virando-se para Adrian, acrescentou: – Tente não aborrecê-lo, se puder. O dia foi difícil.

– Difícil? – comentou Adrian, perplexo com a solidariedade no tom dela. Ele era um vilão que tinha feito lavagem cerebral em inúmeras crianças inocentes para forçá-las a atacar os amigos, as famílias e até a si mesmas. E as pessoas estavam preocupadas de *ele* estar tendo um *dia difícil*?

Adrian controlou os pensamentos e abriu um sorriso pálido.

A mulher foi embora e Adrian se virou para a salinha. Havia duas cadeiras ao lado da cama e um prato de sanduíches, aparentemente intocado, na mesa ao lado. A iluminação estava fraca e calorosa e o ar estava com cheiro de produtos de limpeza e spray de lavanda.

– Hã... ele não devia estar algemado... pelo menos? – sussurrou Adrian.

O homem riu.

– Ele não é mais vilão – disse ele batendo no ombro de Adrian. – De que você está com medo? – Ele começou a se afastar. – Volto pra te buscar em quinze minutos, mas, se você acabar antes, peça pra me chamarem.

Adrian ficou parado logo depois da porta por muito tempo observando o vilão na cama. Ele sabia que Winston devia estar ciente da sua presença, mas não tirou os olhos do teto. Tinha tirado o uniforme listrado da prisão e estava com uma calça de moletom

azul-clara e uma camiseta branca, e parecia tão desanimado que Adrian sentiu uma pontada da solidariedade que tinha criticado na mulher.

– Sr. Pratt? – disse ele, fechando a porta. – Sou Adrian Everhart. Já nos encontramos antes... Não sei se avisaram que eu viria hoje... mas eu gostaria de fazer umas perguntas.

Winston não se moveu, fora os movimentos das pálpebras se fechando e se abrindo em câmera lenta.

– Sei que muita gente falou com você ultimamente sobre os Anarquistas e onde eles podem estar escondidos, mas tem outro mistério sobre o qual eu espero que você possa me dar uma luz.

Como Winston continuou não reagindo, Adrian se sentou na beirada de uma das cadeiras e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Na última vez que falei com você, os Anarquistas tinham acabado de abandonar os túneis do metrô, e a maioria deles não foi mais vista. Eu soube que você foi interrogado longamente sobre o paradeiro deles e acredito quando você diz que não sabe onde eles estão.

Nenhuma resposta.

Ele estava tão diferente de quando Adrian o interrogou, sem as marcas permanentes de marionete no queixo e sem os círculos de blush nas bochechas, sem o sorriso sinistro. Continuava com o cabelo ruivo, mas ele agora caía sem vida sobre a testa.

Ele parecia tão... tão *normal*. Podia ser qualquer pessoa. Um professor de matemática. Um motorista de caminhão. Um dono de loja.

Qualquer pessoa, menos um vilão.

Adrian levantou o queixo e lembrou a si mesmo que, apesar da aparência inofensiva agora, o homem à sua frente tinha feito coisas desprezíveis. Perder os poderes não mudava isso.

– Entretanto – continuou Adrian –, você me deu informações bem úteis sobre Pesadelo.

Isso provocou um tremor na bochecha de Winston.

– Não sei o quanto eles mantêm você informado aqui, mas conseguimos encontrar o esconderijo da Pesadelo no parque Cosmopolis.

Winston desviou o olhar para ele, mas voltou a observar o teto.

– Você soube sobre o confronto que aconteceu lá entre a Pesadelo e a Detonadora? – insistiu Adrian. – Sabia que as duas estão mortas?

Ele esperou. Depois de um longo silêncio, Winston virou a cabeça para o lado. Ele parecia estar avaliando Adrian.

– As duas, mortas? – disse o vilão, experimentando as palavras. – Tem *certeza*?

Adrian contraiu a mandíbula. Ele não tinha certeza, claro, por mais convencido que o resto do mundo parecesse estar da morte da Pesadelo. Mas Winston não precisava saber disso.

– A Detonadora matou a Pesadelo com um dos explosivos dela, e uma pessoa da minha equipe matou a Detonadora. Eu vi acontecer.

Winston fez um som que sugeria que ele não estava convencido pela história de Adrian.

– A questão é a seguinte – disse Adrian, se inclinando para a frente. – Antes da Pesadelo ser morta, ela foi ouvida usando uma frase. Um tipo de... slogan. Ela disse “Quem não tem medo não pode ser corajoso”. Essas palavras significam alguma coisa pra você?

Winston contraiu o rosto. E se sentou sem avisar, jogando as pernas pela lateral da cama. Imitou a postura de Adrian, apoiado nos joelhos, observando-o.

Um arrepio desceu pela coluna de Adrian, mas ele se recusou a demonstrar incômodo. Sustentando o olhar de Winston, ele apertou as mãos até uma das juntas estalar.

– Lady Indomável – sussurrou Winston. O nome pairou entre os dois, ocupando o silêncio, parecendo um segredo compartilhado, até que Winston se encostou e ergueu os joelhos para cruzar as pernas sobre a cama. Todos os sinais de melancolia sumiram e ele

falou quase com alegria. – Você sabia que uma vez ela pegou meu balão e o levou até o condado vizinho? Eu não estava dentro na ocasião. Estava ocupado roubando um banco ou alguma outra coisa assim... – Ele estalou os dedos. – Não, não, um armazém, isso mesmo. O balão era nosso veículo de fuga. Não funcionou, obviamente. Levei quase um mês pra encontrar. Ela deixou o balão num *pasto de gado*, dá pra acreditar? *Renegadinha* intrometida. – Ele botou a língua para fora.

Adrian olhou para ele boquiaberto. E gaguejou:

– Ela era minha mãe.

– Bom, obviamente. Você é a cara dela, sabia?

Adrian abriu e fechou a boca por um momento, tentando determinar a importância dessa história, se é que havia alguma. Mas...

Mas.

A fúria ardeu no peito dele.

– Foi você? – gritou ele, ficando de pé.

Winston se encostou na parede, sobressaltado.

– Você a matou? Você a matou porque... porque ela roubou seu *balão*?

– Se eu...? – Winston soltou uma gargalhada aguda e bateu com as mãos nas laterais do rosto. – Se *eu* matei Lady Indomável? Minha nossa, não. – Ele fez uma pausa e refletiu. – Eu teria, se a oportunidade tivesse aparecido.

Adrian rosnou, as mãos ainda fechadas.

– Mas não matei! – insistiu ele.

– Mas você sabe quem foi, não sabe? Sabe que ela foi encontrada com aquele bilhete... com aquelas palavras junto do corpo. “Quem não tem medo...”

– “Não pode ser corajoso”, blá-blá-blá. Foi um esforço meio grande demais pra ser profundo, não foi? – Winston bocejou exageradamente.

Adrian se sentou na cadeira.

– Quem a matou? Foi um Anarquista? A pessoa ainda está viva?
Ainda está por aí?

A expressão nos olhos de Winston mudou. Não estava mais vazia e perturbada como quando Adrian chegou, nem jovial e livre de preocupações.

Agora, ele parecia estar considerando alguma coisa.

Estar... calculando.

Pela primeira vez desde que entrou na sala, Adrian viu o vilão que o homem já tinha sido. Ou era, apesar do que todo mundo queria acreditar.

– Vou te dar informações, mas peço uma coisa em troca.

Adrian ficou tenso.

– Não estou em posição de negociar com você.

– Não peço muito. Você pode até levar meu pedido pra aquele Conselho se quiser.

Adrian hesitou, mas Winston continuou falando sem esperar resposta.

– Quando eu era criança, meu pai me deu minha primeira marionete, uma de madeira com cabelo alaranjado como o meu e um rosto triste. Dei a ele o nome de Hettie. Na última vez que vi Hettie, ele estava dormindo na caminha ao lado da minha... na plataforma do metrô, na estação Blackmire. – A expressão dele passou a ser de súplica. – Me traga Hettie, sr. Renegado, e prometo que vou contar uma coisa que você quer saber.

CAPÍTULO DEZ



– ADMITE. VOCÊ TEVE UMA quedinha por ele.

Nova virou o rosto para Mel, o queixo caindo de repulsa. Elas estavam espremidas no amado carro esportivo amarelo de Leroy, com Nova sobre o console central, entre Mel e Leroy.

– Não *mesmo*.

Mel deu uma risadinha e descartou a resposta de Nova com as pontas das unhas douradas brilhosas.

– Pft. Que garota da sua idade não baba por uma correção moral tão verdadeira, por tanta ousadia e puro... *heroísmo*. – Apesar do tom de deboche, havia um ar sonhador nos olhos dela enquanto ela olhava a cidade passar pela janela.

Nova olhou para ela.

– Que nojo.

Leroy riu.

– Acredite, não é o heroísmo que Mel acha atraente, é o poder.

Uma risada aguda escapou de Mel e ela se inclinou para a frente para olhar para ele.

– Ah, o Sentinela não é pra mim, obviamente. Tantos músculos e masculinidade gratuita. – Ela botou a língua para fora. – Mas o Leroy disse uma coisa ótima. Um poder daqueles abala mesmo meu coraçãozinho. Se você disser que não, é mentira.

Nova balançou a cabeça e olhou para a linha de sinais vermelhos à frente, sabendo que Leroy ignoraria a maioria. Por sorte, aquele bairro era uma cidade-fantasma naquela hora da noite.

– De jeito nenhum. Não havia nada de atraente naquele serzinho arrogante, pomposo, carente de atenção...

– Renegado?

– Aspirante a Renegado.

Mel abriu um sorrisinho.

– Seus protestos dizem muito. Mas ainda não encontraram o corpo, não é? Quem sabe, talvez seu Sentinela tenha sobrevivido.

Nova cruzou os braços sobre o peito ao sentir que estava lutando uma batalha perdida.

– Eu o vi ser jogado no rio. Aquela armadura afundou como se fosse feita de concreto. Não tem como ele ter saído rápido o suficiente. – Ela hesitou e acrescentou com uma certa irritação: – Se bem que ele já me surpreendeu.

– Pena – refletiu Leroy. – Eu estava começando a me divertir com sua crítica acalorada sobre o egoísmo dele e... como foi que você falou daquela vez? Que a personalidade dele era tão interessante quanto uma carpa inflada?

– Pensando bem, eu talvez tenha sido meio infeliz nesse comentário – declarou Nova –, considerando essa história de afogamento.

Leroy deu de ombros, mas o movimento súbito jogou o carro na pista oposta. Ele deu um sorriso malicioso e corrigiu a direção.

– Independentemente dos seus sentimentos pessoais, *sejam quais forem* – ele deu um sorrisinho de lado para Mel –, fico triste com a morte do justiceiro. Ele fez mais a favor da nossa causa do que qualquer outro vilão subterrâneo atualmente.

– O Sentinela? A missão pessoal dele era me caçar!

– Quando o mundo acreditava que a Pesadela estava viva, sim, ele era um problema. Mas desde que você foi declarada morta, ele estava sendo bem útil e vivia constrangendo os Renegados.

Nova balançou a cabeça. Ela não gostava de pensar no Sentinela como sendo um benefício à causa deles. Não gostava de pensar em nada de positivo relacionado àquele bonequinho de ação arrogante.

Mas talvez Leroy tivesse razão. O Sentinela estava bem ativo desde o ataque no parque de diversões e aparecia com frequência na cena de um crime antes mesmo que as patrulhas de Renegados chegassem, embora ninguém soubesse como ele descobria tão rápido sobre os crimes. Ele tinha capturado mais criminosos de nível baixo do que alguns Renegados na carreira inteira, e o sucesso dele era mais devido à recusa de seguir o código de autoridade de Gatlon. Na verdade, alguma coisa dizia que ele não teria tido o menor problema em atirar naquele cara que fez a moça do café de refém, mesmo com riscos em potencial.

Mas ainda havia algo nele que dava arrepios nela. O jeito como ele falava, como se o mundo devesse parar para ouvir e ficar encantado com sua inteligência. As poses bobas que ele sempre fazia entre batalhas, como se tivesse lido quadrinhos demais. O modo como ele tentou intimidá-la durante o desfile e como ameaçou Leroy nos túneis. Ele agia como se fosse superior aos Renegados, mas não passava de um herói rejeitado com complexo de poder.

Mas não importava mais. Ele era um incômodo para os Renegados e para Nova, e agora estava morto. Em pouco tempo o corpo seria dragado do rio, sua identidade seria revelada, e a história, usada como assunto de discussão para o Conselho lembrar ao povo por que era má ideia ter justiceiros. Os prodígios precisavam entrar para os Renegados ou precisavam guardar seus poderes para si. Pelo menos era o que o Conselho queria que todos acreditassem.

Irritada com a conversa, Nova ficou feliz quando finalmente viu a catedral surgir no alto da colina.

Ou o que já tinha sido a catedral. Agora, era só a casca de uma estrutura. O lado nordeste estava relativamente incólume, mas o resto tinha sido demolido durante a Batalha de Gatlon. A nave e

duas torres elaboradas que ficavam na entrada oeste tinham sido reduzidas a escombros, junto com o altar, o coral e os dois transeptos do lado sul. Ainda havia algumas colunas em volta do mosteiro aberto, embora parecessem mais as ruínas de uma civilização antiga do que uma destruição de apenas uma década antes.

Leroy parou em frente ao portão. As ruínas se projetavam no meio de um bairro morto. A batalha tinha destruído os quarteirões da cidade ao redor. Além disso, algumas pessoas tinham medo de que uma radiação perigosa e várias toxinas tivessem vazado para o chão como resultado de tantos superpoderes colidindo, deixando a área inabitável e temida pela maioria da população. Não havia ninguém os vendo. Ninguém que fosse perguntar sobre o carrinho amarelo parado em frente à destruição e nem sobre as figuras misteriosas andando pelo local.

A noite estava nublada. Com o poste de luz mais próximo a quatro quarteirões de distância, estava escuro como breu quando eles passaram por cima da placa que dizia PERIGO – NÃO ENTRE pendurada entre duas estacas de metal. Mel tirou uma lanterna de tamanho industrial da bolsa de tamanho industrial e andou na frente.

Não era mais seguro que eles entrassem nas catacumbas do Ace pelos túneis do metrô, por medo de estarem sendo monitorados pelos Renegados, e demorou um dia inteiro para eles tirarem os destroços que separavam o santuário do Ace da catedral derrubada desde o Dia do Triunfo. Mas agora eles tinham uma nova entrada secreta para suas visitas: uma escada estreita que ficava entre um arco caído e uma coluna de pedra tombada, escondida por um amontoado de bancos quebrados e canos caídos do órgão.

Assim que Nova desceu o primeiro lance de escada, parecia que ela tinha entrado num universo diferente. Não havia sinal da cidade lá embaixo. Não havia sirenes nem vozes irritadas vindo das janelas de apartamentos, nem o barulho dos caminhões de entrega

seguindo pelas ruas. Ali não era Gatlon. Era um lugar esquecido. Era um lugar sem Renegados, sem lei, sem consequências.

Ela suspirou.

Não era verdade. Ainda havia consequências. Sempre havia consequências, não importava de que lado ela estivesse. Não importava ao lado de quem lutasse. Sempre haveria alguém decepcionado.

Ela levou a mão ao pulso vazio. Tinha se acostumado com a sensação do comunicador dos Renegados que costumava usar, e agora era estranho ficar sem. Ela o tinha deixado em casa para que, se alguém do quartel-general rastreasse seu paradeiro, não reparasse em nada de suspeito em sua localização.

Eles chegaram à primeira cripta, cheia de sarcófagos de pedra, e Nova sentiu a presença do Fobia, primeiro pelo tremor que percorreu seu corpo e depois pelo jeito como as sombras convergiram para um canto e se solidificaram na forma alta e protegida por uma capa.

Mel apontou a lanterna direto para o capuz, onde devia haver um rosto, mas só havia mais escuridão. Fobia se encolheu de leve e bloqueou a luz com a lâmina da foice.

– Que bom te ver – disse Mel. – Eu estava começando a pensar que alguém tinha feito um exorcismo e te enviado para o mundo inferior.

– Você acredita que eu vim de lá? – disse Fobia, a voz rouca mais sinistra do que o habitual na câmara úmida.

Mel cantarolou baixinho:

– Bom, não acho que seja do interior.

Fobia seguiu atrás deles por outra escada que espiralava para baixo. Uma luz fraca era sentida e vista emanando do subnível mais fundo. Depois que deixaram a escada para trás, eles passaram por uma câmara com teto abobadado de pedra e pilares antigos. As paredes eram cobertas de mais caixões, muitos entalhados com rostos de cavaleiros e homens sagrados, outros com provérbios em

latim. Depois da câmara havia uma porta aberta e a fonte de luz: um castiçal com nove velas cônicas. O chão abaixo estava coberto da cera que tinha pingado e formado pequenos montinhos ao longo dos anos até cair no piso de pedra.

Dentro desse último aposento havia uma escrivaninha antiga, pilhas altas de livros, uma cama grandiosa de dossel e ossos. Muitos ossos. Incontáveis órbitas oculares espiando dos crânios vazios. Fêmures e caixas torácicas empilhados em prateleiras. Ossinhos de dedos de mãos e pés enfileirados com a precisão de mosaicos.

E lá estava Ace, sentado na única cadeira do aposento, tomando uma xícara de chá com um livrinho de poesia flutuando na frente do rosto. Ele tomou um gole da xícara de louça ao mesmo tempo que uma das páginas amarelas frágeis virou.

Ace Anarquia. O catalizador de uma revolução. O vilão mais temido do mundo. Mas também tio de Nova. O homem que a salvara. Que a criara. Que *confiava* nela.

Seu olhar se deslocou lentamente pela página amarela e gasta do livro, e só quando chegou ao fim do poema foi que ele desviou o olhar.

– Acey, querido – disse Mel com voz doce –, você está mais magro do que metade dos esqueletos daqui! Você não tem se alimentado? – Ela estalou os dedos. – Nova, tem uns potes de mel no carro. Você pode ser uma fofa e ir buscar?

– Obrigado, Vossa Majestade – disse Ace, a voz rouca e cansada –, mas já consumi mel suficiente por várias vidas.

– Besteira. É alimento dos deuses.

– Entretanto, como mero mortal, fico satisfeito com meu chá.

Mel fez um ruído de “você que sabe” no fundo da garganta e se sentou na beirada de um caixão de mármore. Ela apagou a lanterna e permitiu que o calor dos castiçais os envolvesse.

Nova nunca falava abertamente sobre o estado de saúde do Ace. Mel tinha assumido o papel de enfermeira dedicada e consultora de

beleza, e, embora Ace costumasse reclamar de tantas repreensões, os dois caíram com facilidade nessa rotina. Mel comentava sobre a aparência dele, sobre sua saúde, dizia como estava preocupada com ele. Ace rebatia todas as preocupações. Todo mundo seguia em frente.

Nova achava que Ace não deixaria passar se ela apontasse a fraqueza crescente dele como Mel fazia, mas isso não a impediu de se preocupar. Dez anos na catacumba o deixaram tão pálido quanto os companheiros esqueletos e quase tão cadavérico quanto eles. Ele parecia se mover mais devagar cada vez que ela ia fazer uma visita, cada movimento acompanhado de juntas estalando e de caretas de dor, que nem sempre conseguia esconder. E isso quando ele se movia. Na metade do tempo, ficava sentado na poltrona quase em estado de coma, buscando livros e comida com a mente quando seu corpo se recusava a cooperar.

Nova não queria pensar na situação, mas a verdade não podia ser negada.

Ace estava morrendo.

O visionário mais brilhante da época deles. O prodígio mais poderoso da história. O homem que a carregou até a catedral depois que a família dela foi assassinada. Uma garota de 6 anos, e ele a carregou por quilômetros como se não fosse nada.

O livro de poesia se fechou repentinamente e voltou sozinho até uma pilha no canto.

– É um privilégio raro ser visitado por todos os meus irmãos de uma vez – disse Ace. – Aconteceu alguma coisa?

Nova sentiu o peso do foco de todo mundo nela. Ela ainda não tinha contado nada a Leroy e Mel, só que uma coisa importante havia acontecido e ela precisava de uma reunião de emergência... com Ace também.

Ela empertigou os ombros.

– Houve uma apresentação pra toda a organização hoje e... bom, eu tenho boas notícias e más notícias.

– As boas primeiro – disse Leroy. Nova olhou para ele, que deu de ombros. – A vida é curta.

Nova lambeu os lábios.

– Tudo bem. Recebi um elogio público por... hã. Por ter matado a Detonadora.

Um silêncio curto foi interrompido pela risada de Mel.

– Ah, querida. Nós temos que trabalhar no seu discurso. Você faz o elogio parecer uma sentença de morte.

– Bom, não foi um momento de muito orgulho pra mim, né?

– E por que não? – questionou Ace, e, embora falasse baixo, ele ganhou a atenção de todo mundo imediatamente. Até a capa do Fobia pareceu tremer quando ele virou a cabeça para o líder. – Ingrid pode ter sido uma ótima aliada por muitos anos, mas estava ficando impaciente e egoísta. Ela traiu você e, ao fazer isso, traiu todos nós. – Ele sorriu e a mudança fincou rugas profundas nas bochechas. – Vejo a morte dela como o sacrifício mais digno que ela podia ter feito, especialmente porque te fez conquistar muito respeito dos nossos inimigos. Isso por si só já vale mil explosivos da Ingrid.

O nó no peito de Nova se afrouxou.

– Obrigada, tio.

– E as más notícias? – perguntou Leroy, se balançando.

O nó voltou na mesma hora.

– O motivo principal da apresentação de hoje... – Nova respirou fundo e contou tudo que ouviu sobre o Agente N. Há quanto tempo os Renegados estavam desenvolvendo a substância. O que era capaz de fazer. O fato de que todas as unidades de patrulha a carregariam quando terminassem o treinamento.

Por fim, ela contou sobre o Titereiro.

– Bom, se tinha que ser algum de nós – disse Mel, batendo com as unhas na tampa do caixão –, fico feliz que tenha sido ele.

Nova a encarou, consternada.

– Ah, para – disse Leroy ao reparar na reação dela. – Você sempre odiava quando o Winston usava os poderes dele.

Nova olhou para ele de cara amarrada, as bochechas ficando quentes. Pareceu uma acusação, e uma que ela não gostou que fosse feita na frente do Ace. Mesmo que fosse verdade. Havia uma parte dela, e não era uma parte pequena, que não ficou triste de saber que o Titereiro não existia mais. Que nenhuma criança seria obrigada a sofrer o controle mental que ele podia exercer com os fios brilhosos e sinistros.

Isso a tornava tão ruim quanto os Renegados, que estavam entusiasmados com o Agente N e suas possibilidades? E a tornava traidora dos Anarquistas, sua família?

– Os Renegados não podem decidir quem fica com superpoderes e quem não fica – disse ela, o maxilar contraído.

– E a quem deveríamos entregar essa decisão? – perguntou Fobia. – Ao destino? Aos caprichos da sorte? O Titereiro era um tolo e agora está sofrendo as consequências.

Nova ficou surpresa de ver que ninguém parecia chateado. Winston estava com eles havia tanto tempo. Seria possível que, mesmo por tantos anos, ele tivesse sido apenas tolerado?

Por algum motivo, o pensamento a deixou triste.

– Então, nós perdemos a Detonadora e o Titereiro – disse Ace. – Nossos números estão diminuindo.

– E estaremos todos encarcerados quando esse agente neutralizador for aprovado para uso – disse Nova.

– Como eles puderam criar um veneno assim? – perguntou Leroy, massageando a mandíbula. – Deve ser uma maravilha da engenharia química.

– Desconfio que estejam usando a criança – disse Ace.

Nova se virou para ele. Tinha evitado contar para os Anarquistas sobre Max, temendo que algum deles pudesse querer ir atrás dele especificamente. Mas claro que Ace sabia da existência dele. Foi

Max quem tirou um pouco dos poderes dele durante a Batalha de Gatlon.

– Que criança? – perguntou Mel.

– Uma cuja presença pode sugar o poder das nossas almas. – As pálpebras do Ace se fecharam e ele se encostou na cadeira. – Não tenho dúvida de que ele teve uma função no desenvolvimento desse... desse Agente N.

– S-sim – disse Nova. – Ele é chamado de Bandido. – Falar aquilo parecia traição, mas ela tentou ignorar o sentimento. Sua lealdade estava *ali*, não numa quarentena no Quartel-General dos Renegados.

Mas Ace abriu os olhos de novo e estavam ardendo.

– Ele é uma abominação.

Nova deu um passo para trás, surpresa com a veemência dele e a injustiça daquela declaração. Ela queria ser solidária com Ace e o ressentimento que ele devia ter por Max por tantos anos. O bebê que o enfraqueceu, que custou tudo a ele.

Mas... Ace sempre lutou pelos direitos dos prodígios. Por liberdade e igualdade. Chamar Max de abominação por um poder que ele não era capaz de controlar ia contra tudo que Ace tinha lhe ensinado.

Ela queria dizer isso, queria defender o garoto, mas as palavras não saíram.

– Nós temos que saber mais – disse Leroy. – Como a substância funciona, como planejam administrá-la, quais podem ser suas limitações.

Nova assentiu.

– Começamos o treinamento semana que vem. Vou descobrir mais. Você acha... se eu conseguir roubar uma amostra, você acha que consegue replicar?

Ele franziu a testa, em dúvida.

– É improvável sem a... matéria-prima.

Ela supôs que ele estivesse falando do Bandido.

– Mas eu gostaria de estudá-la e ver o que podemos aprender.
– Se você fizer uma amostra falsa, pode ser que eu consiga trocar – sugeriu Nova.

– Nossos esforços precisam ir além de descobrir as propriedades dessa substância – disse Fobia, entrando na luz da vela. – Nós temos que pensar em como pode ser usada como arma contra nossos inimigos.

– Concordo – murmurou Ace. – Nossa Pesadelo trouxe essa notícia como um problema a ser superado, mas... acho que você pode ter nos contado sobre nossa salvação.

– Salvação? – comentou Mel. – Aqueles tiranos querem tirar nossos poderes!

– De fato – declarou Ace –, e a busca deles por poder os levou a criar o que pode ser o fim deles. Como Nova falou, eles são tão vulneráveis a essa arma quanto nós. Se conseguirmos encontrar uma forma de usá-la, como Fobia sugeriu, podemos voltá-la contra eles.

– Esperem aí – disse Nova. – Encontrar uma forma de nos proteger é uma coisa, mas mesmo que pudéssemos botar as mãos no Agente N e encontrar uma forma de usá-lo contra os Renegados... que diferença tem isso do que eles querem fazer com a gente? – Ela olhou para Ace. – Você começou sua revolução porque queria autonomia e segurança pra todos os prodígios, mas isso é só outra forma de perseguição.

– O que você propõe, pequena Pesadelo? – perguntou Ace. – Nós não podemos derrotar os Renegados em uma batalha de habilidades. Eles são muitos e nós somos poucos. Eles precisam ser enfraquecidos pra serem derrotados.

– Mas se neutralizarmos os poderes de todos os prodígios que acreditam em coisas diferentes de nós... – Ela gemeu de frustração. – Não pode ser isso que você tinha em mente. Não pode ser por isso que sempre lutamos. Acabaríamos ficando iguais a eles.

– Não acabaríamos, não. – A voz do Ace se espalhou pela catacumba. – Isso é um meio pra chegarmos a um fim. Vamos acabar com os Renegados e reconstruir nosso mundo sobre as cinzas deles. Imparcialidade. Justiça. *Paz*. Esses são ideais pelos quais vale a pena fazer sacrifícios.

– Mas você está falando do sacrifício *deles*. Dos poderes deles, das vidas deles...

– *Eles* são o inimigo. *Eles* fizeram suas escolhas, assim como Ingrid e Winston. Todo mundo precisa assumir a responsabilidade das suas decisões. Todo mundo precisa sofrer as consequências. É a única forma da verdadeira justiça prevalecer. – Ace começou a se levantar, impulsionado pela força de suas crenças, mas caiu rapidamente na cadeira de volta. Um acesso de tosse veio com tudo e ele escondeu a boca na manga.

Nova e Mel ameaçaram ir na direção dele, mas Ace levantou a mão e fez sinal para que ficassem onde estavam.

Nova retorceu as mãos, odiando o som da tosse rouca. Seus olhos começaram a lacrimejar ao ver os dedos dele enterrados no braço da poltrona, lutando contra uma dor que ela nem conseguia imaginar.

Ele precisava de um médico. Precisava de um hospital. Precisava de um dos curandeiros dos Renegados.

Mas, claro, isso não era uma alternativa possível.

– Acho que você devia se deitar – murmurou Mel quando a tosse parou.

– Daqui a pouco, daqui a pouco – disse Ace, a voz rouca. – Nova. Descobriu mais alguma coisa sobre o meu elmo?

Nova se empertigou. Nisso, pelo menos, ela havia feito algum progresso.

– Ainda não, mas meu pedido de trabalhar no armazém de artefatos foi aprovado. Eu começo amanhã. Se o elmo estiver lá, como o Guardião Terror falou, vou encontrar.

E tinha que estar. Nenhum artefato era tão poderoso quanto o elmo do Ace, que ele usava para ampliar sua habilidade de telecinese. Sem o elmo, ele conseguia erguer um livro e uma xícara de chá com facilidade, mas teria dificuldade em erguer qualquer coisa mais pesada do que um sofá.

Mas *com* o elmo... ele seria imbatível. Poderia destruir os Renegados e tudo que eles tinham construído praticamente sozinhos. Os Renegados tiveram sorte quando o derrotaram da última vez, usando Max e sua absorção de poder. Os Anarquistas não caíam nesse truque de novo.

– Que bom, que bom. – Ace expirou. – Descubra o que puder sobre esse Agente N, mas não perca seu objetivo principal de vista. Use o garoto se precisar.

Nova piscou sem entender.

– O Bandido?

Ace arquejou. A tosse deixou seu rosto manchado e vermelho, e, embora a respiração ainda estivesse fazendo barulho, ele parecia quase energizado.

– *Ele* está com meu elmo?

– Hã... acho que... – Ela parou de falar.

Ah.

Ele quis dizer o *outro* garoto.

– Sua parceria com o garoto Everhart continua sendo uma das melhores coisas que você conquistou até agora – disse ele. – O nome e as alianças familiares dele têm um poder próprio que podemos precisar explorar.

– Sim, poder – disse Mel, os olhos rindo na luz das velas. – Eu falei que era atraente.

Nova olhou para ela de cara feia.

– Não sei bem o quanto vou conseguir... *explorar* Adrian. Ele é o líder da minha unidade de patrulha, mas nós não... nos falamos muito ultimamente.

Era uma verdade simples, mas que fez sua respiração travar.

As coisas não foram mais as mesmas depois do parque de diversões, e Nova sabia que a culpa era sua. Adrian tentou beijá-la. Por um momento, ela até achou que poderia querer que ele a beijassem. Que poderia *gostar*.

Mas ela estragou tudo. Fugiu correndo. *Literalmente*. Ela nem lembrava que desculpa deu na época, mas lembrava bem a rejeição que apareceu no rosto dele.

Ele não tentou beijá-la mais depois daquilo. Nem a convidou para sair. Não tentou ficar sozinho com ela nem levou sanduíches no meio da noite, nem passou pela casa dela para ver se ela estava bem. Todas aquelas coisas que pareceram uma chateação antes, mas agora...

Por mais que ela odiasse admitir, mesmo para si mesma, ela sentia falta dele. Sentia falta do jeito como ele olhava para ela. Ninguém nunca tinha olhado para ela do jeito como Adrian Everhart olhava.

– Você tem medo... – declarou Fobia. – Tem medo de sentir profundamente, medo de que a verdade vá...

– Chega – interrompeu Nova, quase gritando. – Não preciso de avaliação agora, obrigada.

– Algum problema? – perguntou Leroy. – Você não está brigando com sua equipe, está?

Ela balançou a cabeça.

– Não, está tudo bem. Nós só andamos ocupados com as patrulhas, e eu... estou concentrada em encontrar o elmo e descobrir as fraquezas do Conselho e... um monte de outras coisas muito importantes de reconhecimento.

– Ah, mas, criança – disse Ace –, nós já conhecemos uma das maiores fraquezas do Conselho. – Ele riu e o som fez Nova se remexer de incômodo. – Você fez amizade com o filho dos nossos inimigos. Não desperdice essa vantagem. Conquiste a confiança dele. Conquiste o respeito. – Ele fez uma pausa e acrescentou: –

Conquiste o afeto dele. E, quando chegar a hora certa, vamos usá-lo como uma vantagem considerável.

A pele de Nova ficou arrepiada com a ideia de conquistar o *afeto* de Adrian, mas ela se obrigou a assentir.

– Claro. Vou fazer o que puder.

Fazer o que puder. Para encontrar o elmo. Para saber mais sobre o Agente N. Para se aproximar de Adrian Everhart. Seu peito se apertou com o peso das expectativas cada vez maiores deles.

Ela *estava* fazendo o que podia, mas, no momento, estava fazendo o que podia para não exibir o pânico crescente.

Ela era capaz. Não fracassaria.

– Eu sei, pequena Pesadelo – disse Ace. – Tenho fé em você. E, quando você conseguir, vamos ascender de novo. Vamos ascender de novo.

CAPÍTULO ONZE



NOVA SAIU DO ELEVADOR no décimo quarto andar do quartel-general. Esperava um espaço moderno e chique como o saguão principal ou como o escritório do Conselho na cobertura ou os salões de treinamento no subsolo. Esperava móveis brancos brilhantes e iluminação industrial. Esperava um sistema elaborado de requisição e fornecimento, automatizado, com computadores e máquinas. Esperava um laboratório agitado, onde armas eram inspecionadas e relíquias eram preservadas. Como já tinha trabalhado no sistema de catalogação de armas, ela sabia como a coleção era extensa, e tinha imaginado que o armazenamento seria tão elaborado e monitorado quanto a divisão de pesquisa e desenvolvimento ou as salas de treinamento virtuais.

Por isso mesmo, assim que saiu no andar que abrigava os depósitos de armas e artefatos, ela curvou o lábio de surpresa... e decepção.

A pequena área da recepção era despretensiosa de todas as formas. Duas escrivaninhas de madeira diferentes entre si a receberam, mas não havia ninguém sentado atrás delas. Uma só tinha um computador, um pote cheio de canetas e uma prancheta. Já a segunda estava cheia de globos de neve e bibelôs de elefante e um vaso de cerâmica com pintura extravagante com uma hera.

Um calendário diário de papel estava quase uma semana atrasado. Uma caneca de café do Luz Negra guardava tesouras, furadores e doces, junto com canetas com flores falsas na ponta.

Uma plaquinha dizia:

TINA LAWRENCE
“FOTO INSTANTÂNEA”
DIRETORA, ARMAS E ARTEFATOS

Alguém tinha desenhado uma carinha sorridente ao lado do nome da Tina Lawrence com tinta com purpurina.

Paredes cercavam as duas mesas, mas havia uma porta grande entreaberta à direita de Nova, pela qual ela ouviu um assobio animado. Ela se aproximou da porta e a empurrou mais um pouco. A sala que ela viu estava cheia de arquivos. Uma mulher que devia ter quase setenta anos estava inclinada na frente de uma gaveta, mexendo em arquivos. Tinha uma franja branca e usava óculos roxos de gatinha. Fez uma pausa em um arquivo e guardou um saquinho plástico cheio de pedrinhas dentro para depois fechar a gaveta. Pegou uma pasta em cima, marcou uma coisa no papel e se virou.

Ao ver Nova, ela soltou um ruído de surpresa e quase caiu com a pasta apertada contra o peito.

– Desculpe – disse Nova. – Eu não estava tentando assustar você. Sou...

– Nova McLain, sim, sim, claro – disse a mulher, tirando os óculos de leitura com timidez e os colocando no alto da cabeça. – Já são dez horas?

– Ainda não. Cheguei cedo. – Nova olhou para o cesto de sacos plásticos que a mulher estava guardando, mas não conseguiu ver o que havia dentro. – É melhor eu voltar depois?

– Ah, não, tudo bem. – A mulher foi na direção dela e ofereceu a mão. – Sou Tina.

Nova apertou a mão dela. Embora a proposta de contato de pele tenha parecido um sinal de confiança extrema quando ela se juntou aos Renegados, agora já estava acostumada. Era um lembrete de que ninguém sabia quem ela era de verdade.

– Foto Instantânea, né? – disse ela, puxando a mão. – Fiquei curiosa com o codinome.

Tina bateu com um dedo na têmpora.

– Só de inspecionar um objeto, consigo perceber se carrega poderes extraordinários ou não. Quando meus olhos pousam em um objeto prodigioso, parece que uma câmera se fecha na minha visão e guarda eternamente o objeto na minha memória. É útil na minha linha de trabalho aqui, mas não muito mais do que isso.

Nova procurou ressentimento no tom dela, mas não encontrou nenhum.

Tina passou por ela e foi para a pequena área da recepção.

– Vamos preparar as coisas pra você. Assim, você pode começar a se familiarizar com o sistema. Callum vai chegar daqui a pouco e vai te mostrar tudo. – Ela botou a pasta na mesa amontoadada e foi para trás da escrivaninha quase vazia. – Ele é o encarregado do estoque e da manutenção. Quando você estiver familiarizada com o sistema, nós vamos precisar de muita ajuda no cofre.

– No cofre? – disse Nova, ficando mais alerta.

Tina balançou a mão distraidamente na direção da parede dos fundos.

– É só como a gente chama. Houve uma chegada de muitos itens novos ultimamente por causa da biblioteca e da moradia dos Anarquistas. Tenho uma prateleira inteira lá dentro cheia de acessórios de cabelo da própria Abelha-Rainha, acredite se quiser.

Nova tossiu.

– Ah, é?

– Que foram deixados quando os Anarquistas abandonaram a *toca*.

Ela disse *toca* como se fosse uma palavra suja.

– Mas, agora – continuou Foto Instantânea, o tom se animando –, acho que vamos mandar você monitorar os empréstimos. Este é o nosso formulário de saída. – Ela empurrou a pasta com uma tabela quase toda em branco para Nova. – Não é o sistema mais tecnológico do mundo, mas você sabe o que dizem. Em time que está ganhando... – Ela parou de falar.

Nova abriu um sorriso apertado. Ela sempre achou que não era porque um time estava ganhando que não seria bom implementar melhorias. Mas não pareceu inteligente emitir opinião contrária nos primeiros cinco minutos do trabalho novo.

Havia umas seis folhas de papel enroladas sobre a prancheta. Nova puxou a folha da frente e olhou as colunas.

NOME (CODINOME)	OBJETO (Nº DO OBJ)	DATA DE SAÍDA	DATA DE DEVOLUÇÃO
<i>Zak Ashmore</i> (<i>Enxurrada</i>)	<i>Dente de Serpente</i> (<i>H-27</i>)	<i>14/06</i>	<i>19/06</i>
<i>Norma Podavin</i> (<i>Madame Pântano</i>)	<i>Lanterna estelar</i> (<i>P-14</i>)	<i>17/06</i>	
<i>Glen Kane</i> (<i>Pulverizador</i>)	<i>Arcelia (J-60)</i>	<i>17/06</i>	<i>02/07</i>
<i>Fiona Lindala</i> (<i>Peregrina</i>)	<i>Besouro mecânico</i> (<i>O-139</i>)	<i>25/06</i>	<i>03/08</i>

Ela não reconheceu nenhum dos nomes e codinomes na tabela, mas reconheceu alguns objetos retirados. Nova virou a página de novo e seu coração acelerou. *Capa de Sol. Chave da Verdade. Relógio de Bolso de Zênite.*

– Eu não sabia que essas coisas podiam ser emprestadas.
– Bom, você não está aqui há muito tempo, né? – perguntou Tina.
– Todos os novos recrutas precisam de noventa dias para poderem acessar os estoques.

Nova colocou a pasta na mesa.

– Como a gente encontra o que está disponível pra empréstimo? Tem um catálogo, por acaso?

– Só a base de dados – disse Tina. – Você sabe sobre a base de dados, né?

Nova assentiu. Ela tinha passado um tempo catalogando as armas novas que foram confiscadas do Bibliotecário, um negociante de armas do mercado clandestino, para que se familiarizasse com o sistema. Mas ninguém tinha dito nada sobre as informações estarem abertas a todos os Renegados, nem que eles podiam *pegar emprestado*.

– Mas tem limitações, né? Vocês não deixariam qualquer um entrar aqui e pegar – Nova hesitou e considerou as próprias palavras para ter certeza de não estar exagerando na escolha –, sei lá, o elmo do Ace Anarquia, por exemplo.

Tina riu e começou a remexer numa gaveta.

– Ah, claro. Seria muito útil no estado em que está.

Nova franziu a testa. Tina estava se referindo à mentira que os Renegados tinham divulgado para o público durante dez anos de que o elmo do Ace Anarquia tinha sido destruído?

– Mas você está certa – acrescentou Tina, entregando um fichário de três aros para Nova. – Cada objeto tem um código baseado na usabilidade e no nível de perigo. Os objetos mais perigosos exigem autorização de nível mais alto. Aqui tem todas as informações de que você precisa. Os níveis de código estão explicados na página quatro, e o procedimento de empréstimo na sete. Por que você não começa a ler enquanto esperamos Callum?

Nova pegou o fichário e se sentou à escrivaninha. Tina se ocupou mexendo nas pilhas de papéis por um momento e depois sumiu na sala dos fundos de novo.

Nova abriu a capa do fichário. Na primeira página havia um ensaio curto descrevendo a importância de manter a integridade histórica dos artefatos que faziam parte da coleção dos Renegados.

A página dois listava as expectativas de qualquer Renegado que quisesse usar uma arma ou artefato. Um papel colado no alto da página observava que cada Renegado precisava assinar uma cópia das regras para seus arquivos antes de poder retirar o primeiro objeto.

A terceira página delineava os passos de busca e retirada, seguidos do procedimento de devolução de um objeto e sua colocação no lugar certo.

Como Tina falou, a quarta página listava os vários códigos e limitações dos artefatos e como eles eram categorizados no sistema maior. Eram divididos em tipos: armas de combate mano a mano, armas de longa distância, explosivos e a vaga e curiosa categoria *sem precedentes*. Havia fontes de poder: geradas pelo usuário, geradas pelo oponente, elementais, desconhecidas, outros. Havia níveis de perigo numa escala de zero a dez. Alguns objetos eram classificados pela facilidade de uso: alguns podiam ser operados por qualquer pessoa, até não prodígios, enquanto outros estavam ligados a um usuário específico e seriam inúteis nas mãos de qualquer outra pessoa, como a coroa que tinha sido usada por um prodígio chamado Caleidoscópio.

Nova olhou para a frente e viu que Tina tinha fechado a porta da sala de arquivo.

Ela mordeu a bochecha por dentro, ligou o computador e abriu a base de dados dos objetos.

Ela havia feito o download de um registro da coleção de artefatos semanas antes, mas, na ocasião, uma busca pelo elmo do Ace não deu em nada. Ela não chegou a parar e examinar a lista melhor. Talvez o departamento tivesse um registro mais completo.

Ela digitou uma busca no formulário.

Dois objetos apareceram na lista. Uma relíquia de pedra encontrada nos destroços da catedral que tinha servido de abrigo para Ace Anarquia antes da morte dele (importância: histórica; nível de perigo: zero; aplicações: nenhuma). Também tinha uma coisa chamada Lança de Prata.

Nova clicou no link e ficou surpresa de descobrir que, apesar do nome, a Lança de Prata não era de prata, mas sim de cromo. Era o dardo que o Capitão usou para tentar destruir o elmo e que estava guardado agora junto com o resto das armas criadas por prodígios no armazém.

Ela voltou ao campo de busca e tentou *Alec Artino*, o nome de batismo do Ace, mas não encontrou resultados.

Ela tentou *Elmo*.

Uma lista surgiu na página. *Astro-Elmo. Elmo de Cylon. Elmo da Desilusão. Kabuto da Sabedoria. Capacete de Ouro do Titã.*

Nenhum era do Ace.

Apesar da decepção, ela teve uma fagulha de interesse pela mera amplitude da coleção. Lembrava-se de ter lido sobre o elmo de Cylon e como Phillip Reeves confundiu um batalhão inimigo inteiro com ele durante a Guerra das Quatro Décadas, apesar de, supostamente, ele não ser prodígio. E que Titã sobreviveu de ser esmagado numa avalanche, feito que muitos atribuíam ao seu capacete. Alguns daqueles artefatos eram tão míticos que Nova tinha dificuldade de acreditar que eram reais e mais dificuldade ainda de acreditar que estavam guardados num armazém sem graça no décimo quarto andar.

E as pessoas podiam... *retirar* esses objetos?

O elevador apitou. Nova se empertigou, esperando um estranho, o tal Callum que Tina mencionara, mas sua expressão educada vacilou quando seus olhos pousaram numa garota pálida e magrela com cabelo preto brilhoso acima dos ombros.

Pega. Uma Renegada e uma ladra, embora o resto da organização parecesse disposto a deixar o defeito de lado.

Nova passou a mão em volta da pulseira que seu pai tinha feito quando ela era criança, uma de suas últimas criações antes de ele ser assassinado. Pega tinha tentado roubá-la durante o Desfile dos Renegados. E teria conseguido se Adrian não tivesse visto acontecer.

Nova ainda tremia quando pensava em como Adrian segurou seu pulso e redesenhou o fecho na pele.

Pega parou quando viu Nova, e o rubor de desprezo das duas devia ter sido idêntico. A garota estava carregando uma cesta de plástico, que ela carregou até a mesa de Nova e largou no chão com um estrondo.

– Divirta-se – disse ela com cara amarrada. Ela deu meia-volta e foi na direção do elevador.

– Espera. – Nova se levantou da cadeira e contornou a escrivaninha. – O que é isso?

Pega soltou um suspiro melodramático, com ombros murchos, olhos revirando e tudo.

– Você é nova, né?

Nova contraiu a mandíbula. Agachou-se e tirou a tampa da cesta. Dentro, ela viu o que parecia ser um monte de lixo. Um saca-rolhas. Um cinzeiro de metal. Uma pilha de cartões-postais velhos com fotos de Gatlon de antes da Era da Anarquia.

– Estou na equipe de limpeza – disse Pega, apoiando as mãos fechadas nos quadris. – Você sabe como é, depois que seus amigos de patrulha fazem a maior zona, *de novo*, nos mandam até o local pra arrumar as coisas e pegar qualquer objeto que possa ser útil. – Ela empurrou a cesta com o pé. – Aqui estão nossas últimas descobertas. Pra vocês catalogarem ou o que quer que vocês façam. Aqui só tem lixo, se você quiser minha opinião.

– Não estou surpresa – disse Nova –, considerando que qualquer coisa de valor que você encontre é capaz de ir parar nos seus bolsos e não no sistema dos Renegados, né?

Pega retribuiu o olhar e elas ficaram paradas num silêncio carregado de ódio mútuo por um momento antes da garota dar outro suspiro de exasperação.

– Não enche. Eu fiz meu trabalho. Agora, faz o seu. – Ela se virou e saiu andando.

Nova pegou uma boneca no topo da pilha, e uma coisa metálica chamou a sua atenção.

– Espera – disse ela, enfiando a mão na cesta. Seus dedos envolveram a beirada da peça curva de metal e ela a tirou de dentro.

Sua pulsação acelerou.

Era a máscara da Pesadelo. *Sua* máscara.

CAPÍTULO DOZE



– **O**NDE VOCÊ CONSEGUIU ISSO? – perguntou Nova.

Pega apertou o botão do elevador e se virou lentamente, a expressão de puro desinteresse.

– Onde você acha? – respondeu ela, mal olhando para a máscara. – Tirei dos escombros do parque Cosmopolis. Você estava lá nesse dia, não estava? – Ela cruzou os braços. – Os superiores acharam que devia ser arquivada, mas nem ligo se você jogar fora. É só um pedaço de alumínio modelado. Até eu conseguiria fazer uma igual se quisesse.

Nova dobrou os dedos na defensiva.

– Isso tem muito tempo. Por que você só trouxe agora?

Pega ergueu a sobrancelha em desafio.

– Porque no último mês ficamos remexendo no lixo que foi deixado pelos Anarquistas patéticos nos túneis do metrô. Eu mereço uma medalha pelo tanto de lixo que tive que olhar. Não havia nada de valor e nadinha que ajudasse na investigação. Uma perda de tempo, tanto isso quanto *aquela* casa maluca. Mas – ela levantou as mãos – o que eu tenho com isso? Sou só uma trabalhadora.

– Vocês encontraram mais alguma coisa... interessante?

– Tipo partes de corpos? Minha habilidade não funciona com carne humana.

– E... também não tinha nada nos túneis?

O elevador apitou e Pega se virou.

– É você que tem que catalogar, né? Acho que você vai descobrir.

Nova amarrou a cara. Ficou parada no mesmo lugar ainda segurando a máscara.

– E *como* seus poderes funcionam, afinal? Você é tipo um detector de metais ambulante? Um ímã? Como é isso?

As portas se abriram e revelaram um garoto magrelo com cabelo castanho desgrenhado e sardas. O rosto dele se iluminou quando ele viu Pega.

– Pega Maria, você por aqui? Trouxe algum tesouro hoje? – Ele tentou bater com o punho no dela, mas ela o ignorou e passou direto para entrar no elevador.

– Esse não é meu nome – respondeu ela com desprezo, e enfiou o polegar em um botão. – E os meus *poderes* – disse ela, olhando para Nova com cara amarrada – não são da sua conta.

O garoto deu um passo para trás quando a porta se fechou.

Nova aproveitou a distração e enfiou a máscara de metal na cintura da calça por trás. Os objetos que não estivessem na base de dados não tinham sido recebidos, certo?

– Essa garota precisa relaxar – disse o garoto, se virando para Nova. – Mas ela traz umas coisas legais. Uma vez, tirou uma caixa de música antiga do fundo da baía Harrow. Não tinha nenhum poder especial, mas mesmo assim era tão legal! – Seu sorriso se alargou. – *Você* deve ser a famosa Insônia. – Ele praticamente pulou até ela e esticou a mão. – Callum Treadwell. É um prazer.

– Nova – disse ela, apertando a mão dele. – Tina disse que você me mostraria tudo.

– Posso fazer isso, sim. – Callum pegou a cesta de plástico e a colocou embaixo da escrivaninha. – Tem umas coisas muito legais aqui. Você vai adorar. Vem.

Ele foi na direção da sala de arquivos sem verificar se Nova estava indo atrás. Abriu a porta, cumprimentou Tina com a mesma atenção que tinha dado a Nova e Pega e passou direto pelas fileiras de arquivos a caminho de uma porta maior de metal no fundo da sala.

– Aqui é a sala do arquivo – disse ele, indicando os armários de metal. – Qualquer papel ou documento histórico que tenhamos sobre os artefatos são guardados aqui, junto com objetos que sejam pequenos demais e poderiam se perder nas estantes grandes. São coisas como fulgurito fundido por descarga elétrica de um relâmpago, poeira espacial com partículas carregadas, feijões mágicos, coisas assim.

– Feijões mágicos?

Callum parou na porta e lançou um olhar ansioso para ela.

– Nunca se sabe.

Ele passou o comunicador por um leitor digital e Nova ouviu as trancas estalando. Callum empurrou a porta com o ombro.

– E aqui – disse ele, levantando os braços como um apresentador de circo revelando um grande espetáculo – fica o cofre.

Nova entrou atrás dele. A porta se fechou.

O cofre era enorme e ocupava todo o décimo quarto andar do prédio. Só não era totalmente aberto por causa das vigas estruturais do edifício e das fileiras e mais fileiras de prateleiras industriais. Era de concreto frio e aço com luzes fluorescentes no teto, sendo que uma estava piscando no canto da visão de Nova.

Mas ela ficou sem ar mesmo assim.

– Aquilo é... o Escudo da Serenidade? – perguntou ela, apontando.

– Ah, você é fã! – Callum foi na direção da prateleira e ergueu o escudo com o cuidado que teria com um vaso de valor incalculável.

– O próprio. Dado pela Serenidade em pessoa. Em condição quase impecável, exceto por esse amassado aqui. – Ele virou o

escudo e mostrou a Nova. – Um estagiário o deixou cair alguns anos atrás. Não fui eu, juro! – Ele baixou a voz para um tom conspiratório. – Mas, se alguém perguntar, o dano foi feito numa batalha.

Callum botou o escudo no lugar e foi andando pelo corredor.

– O cofre é organizado por categorias. Tina mostrou o fichário? Está tudo lá. Dentro de cada categoria, cada objeto ganha um número e é armazenado em ordem. Exceto pelas armas, que são por ordem alfabética e *depois* pelo número. Todas as espadas e as espingardas vão estar juntas na seção de armas, mas aqui, nos artefatos, um cálice pode estar num corredor completamente diferente de uma cota de malha, por exemplo. A não ser que tenham sido inseridos no sistema juntos, e, nesse caso, teriam números subsequentes. Parece confuso, mas você vai pegar o jeito.

– Tem mesmo algum cálice? – perguntou Nova.

Callum se virou para ela, mas continuou andando enquanto balançava os braços.

– Tem! Tem a Taça da Viúva. É só colocar uma aliança de casamento dentro que a taça transforma automaticamente qualquer vinho em veneno. *Incrível*, né? Não se engane pelo título com gênero específico, funciona em esposas também. – Ele balançou a cabeça. – Eu adoraria saber como descobriram algumas dessas coisas.

Ele seguiu por um corredor central com fileiras de estantes ao longe, tão longe que Nova não conseguia ver até onde iam. Ela seguiu os passos dele, tentando ignorar a máscara apertando a coluna.

Callum recitou as várias categorias enquanto eles andavam.

– Armaduras corporais aqui e trajes deste lado. Aquele tipo de coisa: capas icônicas, máscaras, conjuntos de botas e cintos com cores combinando, coisas assim. Muita coisa nostálgica. Quando tiver oportunidade, você devia dar uma olhada no macacão do Raios Gama. É uma obra de arte.

Nova viu um manequim usando a armadura inconfundível da Chapa de Ebulição e outro com o traje do Ninja Azul, que era, conforme Nova reparou, mais de um tom verde-mar.

Callum prosseguiu.

– Aqui temos artefatos de proteção, sendo o mais notável o Escudo do Magnetron. Atrás daquelas portas sinistras – disse ele, apontando para duas portas fortificadas de cromo na parede mais distante – fica o arsenal oficial. Falando assim pode parecer impressionante, mas é onde estão as armas básicas. Uma espada que é só uma espada, uma besta que é só uma besta. Que não têm poderes especiais, mas continuam sendo úteis para muitos Renegados. Também é lá que guardamos a artilharia pesada, como armas e bombas e tal. *E...* – ele levantou os braços – ... o que você mais estava esperando! Nossa coleção de belos artefatos sobrenaturais, específicos de prodígios e simplesmente históricos. Temos brincos que fornecem poder. Luvas de boxe equipadas com superforça. Um tridente carregado de relâmpagos. E tantas coisas mais. É um tesouro de surpresas e maravilhas. Inclusive meu favorito: A Cimitarra do Sultão, que dizem que pode cortar qualquer material do planeta, exceto o invencível Capitão Cromo.

Ele abriu um sorriso para Nova, e ela não conseguiu identificar se ele estava sendo sarcástico, então abriu um sorriso irônico.

– Alguém tentou?

O sorriso dele vacilou e Nova se virou antes que ele pudesse decidir se ela estava brincando. Ela viu uma pilha de ossos numa prateleira próxima, embora não conseguisse identificar de que animal eram, e um prato raso de bronze em outra. Em um corredor, ela viu uma algema de ouro. No seguinte, uma roda de pedra que era da altura dela.

Andar pelo armazém dava a sensação de andar por um museu abrangente da história dos prodígios, mas ela estava sentindo mesmo uma irritação pelo fascínio de Callum em relação aos objetos ao redor. Ele nem estava tentando esconder o quanto

amava tudo, e pareceu tão impressionado com a pá de prata que tinha o poder de liquefazer terra quanto por um pincel que transformava segredos em retratos pintados e fez o infeliz artista ser queimado na fogueira no século XVII.

Conforme eles andavam pelo cofre, ela supôs que Callum não era prodígio. Só civis ficavam empolgados *assim* com superpoderes e objetos sobrenaturais. Além do mais, ele não estava de uniforme. Ela se perguntou se pareceu mais seguro dar o trabalho de cuidar de objetos tão poderosos para alguém que não seria capaz de usar a maioria, mesmo se tentasse.

– E o que você faz aqui? – perguntou Nova quando Callum terminou de contar sobre o prodígio do século XV que defendeu sozinho um vilarejo inteiro de conquistadores usando apenas seus poderes de manipulação da flora e um galho tirado de um salgueiro. (O galho estava dois corredores depois.) – Você é historiador de prodígios?

– Poderia ser mesmo – disse ele, rindo. – Mas não. Eu catalogo, limpo, pesquiso, separo, guardo... o que Foto Instantânea precisar que eu faça.

– Eu gostaria de ajudar com isso tudo – disse Nova, segurando o entusiasmo. – Sou fascinada por isso tudo e quero aprender o máximo que puder. Foto Instantânea disse que eu começaria trabalhando na mesa de empréstimos, mas eu gostaria de vir fazer mais coisas aqui dentro depois. Catalogar, limpar... posso fazer tudo isso.

– Que ótimo – disse Callum, batendo as mãos. – Cuidar da mesa de empréstimos pode ser bem chato. Só que, às vezes, algum Renegado pode não saber direito o que está procurando, ou que armas vão funcionar bem com as habilidades específicas deles, e nós ajudamos a descobrir as melhores opções. Isso também é muito legal. A gente aprende à beça sobre os super-heróis que temos. – O olhar dele brilhou quando ele apontou para Nova. – Fico feliz de você também gostar de artefatos porque pode parecer meio lento

aqui depois de participar de patrulhas e emboscar o Bibliotecário e lutar com a Detonadora e tudo mais que você fez. Essa experiência aqui vai ser bem mais tranquila, mas também muito gratificante.

– Parece perfeito.

– Legal. – Callum apontou com o polegar na direção da recepção.

– Vamos te acomodar e ver que coisas a Pega trouxe.

– Espera – disse Nova, olhando a parede dos fundos do cofre. –

O que tem lá?

– Ah, lá fica a coleção restrita.

Os nervos de Nova vibraram.

– Restrita como?

– Que não pode ser emprestada. – Callum enfiou as mãos nos bolsos. – Quer ver?

Nova se virou para ele.

– É permitido?

– Ah, é. A gente não pode emprestar, mas tem que ir lá tirar o pó de tempos em tempos. Vem. – Ele a levou até o último corredor.

As prateleiras estavam mais vazias do que no resto do cofre. Com o coração disparado, Nova observou os objetos enquanto Callum falava sobre as qualidades destrutivas de Fogo Furioso e que o anel do Matéria Escura podia em teoria explodir a lua se fosse parar nas mãos erradas, e que um par de óculos proféticos já tinha causado mais problema do que valia.

– Isso é... incrível – declarou Nova com sinceridade. – Mas por que essas coisas não estão protegidas com mais segurança? Até agora, só vi você, Foto Instantânea e duas portas trancadas e – ela indicou uma câmera no teto – umas poucas câmeras de segurança. Onde estão as barreiras de laser? Os detectores de movimento? Os guardas armados?

– Por favor. Nós estamos no Quartel-General dos Renegados. – Ele abriu bem os braços. – Quem tentaria entrar aqui?

Ela olhou para ele boquiaberta.

– É sério? Isso é...

Arrogância, ela teve vontade de dizer. *Idiotice. Uma confiança exagerada e nada realista.*

Mas segurou os pensamentos a tempo.

– Hã... certo – gaguejou ela. – Isso mesmo. QG dos Renegados.
– Ela riu com constrangimento. – Quem tentaria entrar aqui?

– E considerando que a grande maioria dos objetos está disponível para retirada... – Callum deu de ombros. – Não tem necessidade de proteção adicional. O pessoal do centro de segurança fica de olho na gente aqui. – Ele indicou a câmera.

– Com certeza – disse Nova, se afastando dele. Ela passou os dedos por prateleiras que, para falar a verdade, pareciam não ter sido limpas na história recente.

Mas não havia sinal do elmo do Ace.

Ela murchou os ombros.

– A seção restrita não está de acordo com as suas expectativas?

Ela se virou. Callum a estava observando enquanto segurava um par de óculos de avião na mão.

– Os óculos proféticos – disse ele com ênfase. – Fala sério. Como isso pode ser decepcionante?

– Desculpe – disse Nova. – Eu só estava... – Ela inspirou fundo e confessou. – Eu ouvi um boato de que o elmo do Ace Anarquia estava aqui. Achei que seria legal ver em pessoa. E não no pique do Capitão lá em cima.

– Ah – disse Callum, colocando os óculos no lugar. – Aquilo é uma réplica. O que ele carrega no desfile é falso mesmo. O verdadeiro está aqui, mas, se os óculos não te impressionaram, o elmo vai ser uma decepção *enorme*.

– Como assim?

– Vou mostrar. – Ele passou por ela.

Nova arregalou os olhos. *Não podia* ser tão fácil.

Na metade do corredor, Callum parou na frente de um cubo de metal em uma prateleira.

– Ta-dá – disse ele, batendo em cima. O cubo era do tamanho de um forno de micro-ondas pequeno. – Aqui está o elmo do Ace Anarquia.

Nova ficou olhando, sentindo o horror e a negação surgirem no pensamento.

– Não entendi.

– Bom, depois da Batalha de Gatlon – disse Callum, apoiando o cotovelo na prateleira enquanto se preparava para começar outra história –, o Conselho tentou destruir o elmo, mas não conseguiu. Pra impedir que caísse nas mãos erradas de novo, o Capitão Cromo fez uma caixa indestrutível de cromo pra guardar o elmo pra sempre. E lá está. Protegido. Seguro. Completamente inacessível. – Ele bateu no cubo de novo. – E eu entendo. Provocou tanta destruição, e esse tipo de poder não deveria ficar disponível pra ninguém, sabe? Mas, ao mesmo tempo, o historiador em mim fica meio triste de uma relíquia tão importante ficar aí dentro sem poder ser vista e estudada pra sempre.

A boca de Nova ficou seca quando ela chegou mais perto da caixa.

Deveria haver alguma coisa especial ali. Um holofote apontado para a prateleira. Uma corda para impedir a aproximação das pessoas. Um pedestal. Mas não havia nada. Só uma caixa poeirenta numa prateleira poeirenta.

Por que o Guardião Terror não falou isso quando contou que o elmo não tinha sido destruído, quando disse que estava ali, no departamento de artefatos?

Ninguém vai usar aquele elmo para atormentar as pessoas desta cidade de novo.

As palavras dele tinham significado novo agora. Nova tinha imaginado um cofre com senha, um sistema de segurança que exigisse verificação de retina e de digitais, até mesmo guardas armados vigiando o elmo.

Mas não tinha imaginado aquilo.

Preso num cubo de cromo. Para sempre.

Ela sentiu um puxão no pulso. A pulseira estava forçando a pele, como se estivesse atraída pela caixa e pelo elmo ali dentro.

Nova levantou a mão. A pulseira deu um puxão mais forte, até que a filigrana fina afundou na pele. As garras vazias que não tinham recebido a pedra que segurariam se esticaram na direção do elmo preso.

– Eita – disse Callum. – Eu nunca vi isso.

Nova baixou o braço e deu um passo rápido para trás.

A atenção do Callum se voltou para seu pulso.

– De que é feita essa pulseira?

– Não sei. – Ela fechou a mão sobre a pulseira para escondê-la. Era verdade. Ela *não* sabia qual era o material. Até onde ela sabia, não tinha nome, e ela não ia contar para Callum que era feita de tiras solidificadas de energia etérea que só o pai dela conseguia acessar.

Assim como não ia contar que era feita do mesmo material do elmo.

– Cobre, talvez? – perguntou Callum, coçando a orelha. – Cobre pode ser magnetizado? Vou ter que pesquisar. Enfim. – Ele moveu a mão na direção da caixa de novo. – Aí está. O elmo que quase destruiu o mundo. Pronta pra voltar?

Callum a levou para fora do cofre falando o tempo todo, embora Nova não tivesse ouvido uma palavra. Ela ignorou os objetos impressionantes pelos quais eles passaram. Mal estava sentindo a máscara incomodando nas costas.

O que ela diria para o Ace? O que diria para os outros Anarquistas? Desde que descobriram que o elmo não tinha sido destruído, eles botaram todas as esperanças na recuperação dele. Que fosse devolver a força e o poder do Ace.

O que eles fariam agora?

Tinha que haver um jeito de abrir aquela caixa. O Capitão Cromo não teria tornado o acesso ao elmo *impossível*. E se os Renegados

precisassem dele um dia?

Ela não podia ir perguntar ao Capitão, mas... sabia de uma pessoa que talvez tivesse uma ideia.

CAPÍTULO TREZE



ESTAÇÃO BLACKMIRE. A antiga entrada do metrô abandonado tinha um buraco do tamanho de um carro pequeno, protegido com fita amarela. A calçada estava coberta de escombros da explosão, e ainda havia marcas de queimadura na parede. Foi por lá que os Anarquistas fugiram quando os Renegados foram atrás dele depois que o ataque da Detonadora na biblioteca deixou claro que o grupo não estava tão adormecido quanto parecia. Embora houvesse patrulhas regulares fazendo buscas nos túneis e monitorando os vários pontos de acesso, para o caso de os vilões tentarem voltar ao seu abrigo, não houve sinal deles. Fora a Pesadelo e a Detonadora, claro.

Na última vez que Adrian entrou nos túneis, determinado a descobrir qual era a ligação deles com a Pesadelo, ele estava usando a armadura do Sentinela. Mesmo agora, os dedos de Adrian tremiam de vontade de abrir a camisa e puxar a tatuagem de zíper que o transformaria no justiceiro. Ele desejava a segurança que a armadura lhe daria. Mas ignorou a vontade, sabendo que era um pouco paranoia e talvez um pouco de hábito.

Os túneis estavam abandonados. Para onde quer que Cianeto, Abelha-Rainha e Fobia tivessem ido, eles não tinham sido descuidados a ponto de voltar lá.

Ele se agachou na frente de uma placa de NÃO ENTRE que já tinha sido pintada com tinta spray com um aviso para qualquer um que não soubesse o que havia lá embaixo.

Um círculo desenhado em volta de um A verde-ácido.

Adrian pegou a caneta e desenhou uma lanterna.

Ele passou por cima da fita e apontou a lanterna para as paredes pichadas e para os parafusos no concreto onde antes ficava uma catraca. A escada abaixo sumia na escuridão.

Ele prestou atenção, mas, se havia ruídos no metrô, ficaram todos escondidos sob o som da cidade.

Mas não haveria ruídos, pensou ele, além dos ratos. Não havia mais vilões lá embaixo. Não havia mais Anarquistas.

Ele desceu a escada, os tênis fazendo barulho, o raio da lanterna batendo em pôsteres de shows antigos, azulejos quebrados e mais pichação, muita pichação.

Ele passou por um mezanino com duas ramificações: uma escada indo na direção da pista para o norte e outra para o sul. Seu comunicador fez um ruído baixo enquanto ele descia para a plataforma mais baixa. Devia ser o último alerta que ele receberia antes de perder a recepção no subterrâneo. Ele ignorou o som, como vinha fazendo desde que Espinheiro o jogou no rio, e Max observou que talvez fosse a hora de deixar o Sentinela para trás. O ruído não foi da notificação que ele recebia quando os companheiros de equipe enviavam mensagens nem de quando havia convocação para uma patrulha vinda da central. Era o alarme que ele mesmo tinha configurado para ser notificado quando um dos esquadrões de patrulha era chamado para uma situação de emergência.

Anos antes, como parte de um esforço para garantir a segurança dos recrutas, foi decidido que todos os chamados às unidades de patrulha podiam ser acessados em tempo real por todos os Renegados ativos e que os movimentos das patrulhas de serviço podiam ser rastreados e monitorados. A informação ficava

disponível para qualquer Renegado que quisesse, mas todos costumavam estar tão ocupados com seus trabalhos que Adrian não sabia se algum aproveitava. Exceto ele e, mesmo assim, só depois que virou o Sentinela.

Era uma parte de como ele conseguia ser tão eficiente. Sempre que ouvia que uma unidade de patrulha estava sendo chamada para cuidar de um crime particularmente importante, ele só precisava entrar no sistema para ver aonde o grupo estava sendo enviado. Se houvesse uma caçada acontecendo, ele conseguia seguir os movimentos pela cidade com tranquilidade. Com as tatuagens de molas nas solas dos pés, Adrian conseguia se mover mais rápido do que a maioria dos Renegados, exceto os que tinham poderes de voo e supervelocidade. Essa vantagem muitas vezes permitia que ele chegasse à cena do crime e lidasse com os criminosos antes que os Renegados designados aparecessem.

Ao longo da semana anterior, ele pensou em desligar as notificações cada vez que o comunicador fazia barulho. Ficou mergulhado numa batalha constante consigo mesmo. O desejo quase irresistível de se envolver em situações, de provar seu valor e suas boas intenções. Mas, por outro lado, ele sabia que era mais seguro deixar que as pessoas continuassem acreditando que o Sentinela estava morto, principalmente com a revelação do Agente N. O Sentinela era um homem procurado, e ele sabia que, quando as patrulhas estivessem equipadas com o agente neutralizador, poucas hesitariam em usá-lo nele.

Sem conseguir resistir totalmente à tentação, Adrian olhou para a notificação mais recente só para ver se não havia ninguém sendo assassinado ou algo do tipo. Mas não: uma unidade de patrulha tinha sido convocada para resolver um roubo de carro. Seus colegas podiam muito bem cuidar disso.

Ele dispensou o alerta e silenciou todas as outras notificações que estavam entrando.

Fez uma pausa na base da escada e apontou a lanterna para as paredes. Havia um buraco vazio onde antes ficava um extintor de incêndio e um telefone público antigo com o fone faltando na ponta do fio em espiral. A plataforma estava coberta de corpos de vespas mortas, algumas embalagens de chocolate e umas silhuetas desenhadas com giz vermelho e marcadas com a sinalização oficial dos Renegados.

Ele chegou mais perto e observou as placas mais próximas: PROVA 19: TENDA DO TITEREIRO (1/3). PROVA 20: VÁRIOS PERTENCES DO TITEREIRO. PROVA 21: EMBALAGEM DO DISPOSITIVO DE LIBERAÇÃO DE VENENO.

Nenhum dos objetos mencionados estava no local, só os contornos de giz e a sinalização indicando o que estava lá antes que as equipes de investigação e de limpeza dos Renegados fossem confiscar tudo.

Adrian franziu mais a testa. Ele devia ter imaginado que todos os pertences dos Anarquistas teriam sido removidos dos túneis. Por algum motivo, esperava que só as armas ou as coisas que indicavam atividade criminal teriam sido levadas para o quartel-general, mas estava claro que ele tinha se enganado. Parecia que nada tinha sido esquecido.

Ele andou até a beira da plataforma e olhou para os trilhos, virando a cabeça para um lado e para outro, onde desapareciam nos túneis. Mais placas. Mais linhas de giz. E também mais evidências da batalha que tinha acontecido. Um túnel tinha desabado um pouco por causa das bombas da Detonadora. Havia mais vespas mortas nos trilhos.

Adrian conhecia muitos dos Renegados que se envolveram naquela luta. Alguns ele conhecia a vida quase toda. Eles tiveram sorte de ninguém ter morrido, mas houve inúmeros ferimentos, de ossos quebrados e queimaduras sérias a pulmões e gargantas em carne viva por causa dos venenos do Cianeto. Mesmo agora, Adrian

ainda sentia o cheiro acre dos produtos químicos pairando no ar úmido.

Os curandeiros trabalharam dobrado por semanas depois daquilo.

E, no final, os Anarquistas fugiram. Era o sal metafórico nas muitas feridas.

Adrian suspirou. Ele não encontraria a marionete de Winston Pratt lá embaixo. Teria que falar com a equipe de limpeza, talvez pedir um favor para a equipe de separação e identificação. Ele esperava que já não tivessem enviado as coisas dos Anarquistas para o lixão. *Lá* não seria divertido de olhar.

Ele estava quase se virando quando sua lanterna passou por uma das identificações presas ao lado do túnel seguinte.

PROVA – NÃO SE APLICA: PESADELO?

Uma seta tinha sido desenhada, apontando para o túnel.

Adrian empurrou os óculos e desceu para o trilho. Quatrocentos metros depois, chegou a uma câmara ampla com teto abobadado, onde múltiplas linhas de trem se cruzavam. Uma série de plataformas estreitas podiam ser vistas dos dois lados dos trilhos, não para passageiros, mas talvez para equipes de manutenção.

Adrian nunca tinha estado naquele trecho dos túneis. Nunca tinha feito parte de uma das patrulhas enviadas para verificar se os Anarquistas não estavam acumulando armas ou recrutando membros novos. Só tinha ido visitar a gangue de vilões uma vez, quando pegou Geladura e sua equipe tentando intimidar os Anarquistas para que fizessem confissões falsas. Apesar de não concordar com as táticas deles, ele não pode deixar de pensar que, se tivesse deixado Genissa e a equipe dela resolverem as coisas, talvez os Anarquistas tivessem sido presos naquele dia e a cidade tivesse sido poupada de muitos traumas.

Seu queixo tremeu quando ele pensou nisso.

Havia um vagão abandonado no fim da câmara, ainda no trilho, como se pudesse sair andando a qualquer segundo, embora o

acúmulo de sujeira e poeira na janela deixasse claro que não se movia havia muito tempo.

Adrian se aproximou do vagão e leu a placa em uma das janelas.
PROVA 47: VAGÃO – USADO POR PESADELO?

Adrian flexionou os dedos e os fechou em punhos, e foi até a porta da lateral. Ele tinha chegado tão perto. O tempo todo, tinha procurado por ela e, se tivesse interrogado os Anarquistas um pouco mais, se tivesse ousado procurar com mais atenção na moradia deles, teria encontrado aquilo. Teria encontrado Pesadelo.

Ele entrou no vagão, mas, se esperava encontrar qualquer coisa útil lá, suas esperanças logo evaporaram. O interior estava tão desprovido de pertences quanto a plataforma de Winston. O que ficou foram só os marcadores dos Renegados: cem quadradinhos brancos grudados em paredes e no chão indicando onde as provas foram encontradas. Aqui: uma malinha de roupas. Ali: uma bancada de trabalho com armas desconstruídas em vários estágios de montagem. Naquela janela: uma capa de revista com uma foto do Capitão Cromo cheia de buraquinhos.

Ele tentou imaginá-la, uma garota que ele não conhecia, que não o conhecia e nem à sua família, sentindo tanta hostilidade por seu pai a ponto de jogar dardos em fotos de revista, praticando para o dia em que tentasse assassinar um dos super-heróis mais amados de todos os tempos. O que poderia ter motivado tanto ódio nela?

Ele balançou a cabeça e se virou. O vagão se moveu com o peso dele quando ele voltou para os trilhos. Ele tentou imaginar morar lá embaixo. O ar parado e úmido. Os anos de lixo acumulado em volta dos trilhos. As teias de aranha penduradas entre os lustres quebrados. Sem brisa, sem luz do sol, sem flores e sem árvores, e sem animais e sem pássaros... fora os ratos e as baratas, claro.

As únicas coisas com cor eram as pichações e uma fileira de pôsteres de propaganda em uma parede, embora a cobertura de plástico estivesse tão suja que nem dava para ver o que pretendiam vender. Um promovia a abertura de uma exposição nova no Museu

de Arte de Gatlon; Adrian não pôde deixar de imaginar o quanto daqueles objetos de arte valiosíssimos tinham sumido durante a Era da Anarquia. Outro pôster oferecia “pele de dia de casamento” depois de sessenta dias usando um creme noturno novo. Ao lado havia uma propaganda de ações de um resort tropical, mas alguém tinha desenhado imagens grosseiras por cima da modelo de biquíni.

Adrian inclinou a cabeça e inspecionou o último pôster. Havia um livro desenhado, uma história de suspense com uma figura sombria delineada entre dois pinheiros. A frase de efeito do livro era: *Não é que ele tenha voltado... ele nunca foi embora.*

E embora Adrian não pudesse ter certeza, quase parecia que o pôster grande estava... torto.

Ele passou pelos trilhos, a lanterna seguindo pelo túnel seguinte. Não havia mais sinalização dos Renegados por lá, ao menos que ele pudesse ver. Talvez aquela fosse a última plataforma que os Anarquistas tinham ocupado.

Ao se aproximar do pôster, ele viu que estava torto mesmo. Nada drástico, mas o suficiente para fazer seus dedos se coçarem para arrumar. Era provável que aquilo que o sustentava tivesse começado a se soltar da parede depois de tantos anos. Mas... havia alguma coisa que deixou os pelos da nuca de Adrian eriçados. Uma mancha de sujeira no canto, quase a marca da mão de alguém. O jeito como a parede de azulejos estava lascada em volta da moldura.

Adrian estava esticando a mão para o pôster quando uma sombra surgiu no canto do olho dele.

Com o coração na boca, Adrian se virou e apontou a lanterna para o túnel.

Um rato guinchou com raiva e correu para trás de uma jarra vazia de leite antes de seguir pelos trilhos.

Um suor frio estava lhe cobrindo a testa quando Adrian apontou a lanterna pelo túnel, pelos trilhos, para o teto abobadado. O que quer que tivesse provocado o sobressalto tinha desaparecido ou, ele

tinha que admitir que era o mais provável, tinha sido apenas sua imaginação.

Mesmo assim, foi impossível afastar a sensação de que ele não estava sozinho, de que alguma coisa o estava observando das sombras.

Os batimentos do seu coração estavam começando a desacelerar quando uma melodia soou no comunicador, fazendo-o pular de novo. Ele soltou um palavrão e foi desligar correndo. Com irritação, ele olhou a mensagem. Não era possível que ele estivesse recebendo sinal lá embaixo, e ele já tinha desativado as notificações da central...

Ah. Claro.

Não era uma mensagem, não era um alerta. Era o lembrete que ele tinha programado para estar no Parque da Cidade em uma hora, correndo o risco de ser vítima da fúria de Ruby se acabasse se atrasando para a primeira competição dos irmãos dela.

Ele fez um cálculo rápido de quanto tempo levaria para chegar lá, falou outro palavrão e saiu correndo.

CAPÍTULO QUATORZE



O PARQUE ESTAVA MAIS LOTADO do que Adrian já tinha visto, cheio de crianças, quase todas vestidas de lycra cintilante, meias-calças em cores néon e capas espalhafatosas. Havia barraquinhas onde vendedores ofereciam pequenos uniformes dos Renegados ou fantasias que imitavam os trajes nostálgicos de super-heróis do passado. Outros vendiam camisetas customizadas, bijuterias feitas à mão e até fantasias de super-heróis para gatos e cachorros. Além das lojas, havia uma fila comprida de *food trucks*, como prometido, e um pátio com cavalinhos infláveis e até um palco temporário onde uma banda estava montando os amplificadores e microfones.

Mas a grande atração do dia, ficou logo claro, estava no campo esportivo entre os jardins de flores nativas e os laguinhos com patos e as pistas de corrida. Havia mais de dez competições para as crianças, separadas por faixa etária e nível de habilidade, nas quais elas podiam ganhar medalhas e serem nomeadas ajudantes (extraoficiais) de super-heróis. Havia pistas de corrida e quadras de ginástica artística, arco e flecha e salto em distância, luta livre e artes marciais. Uma tenda grande perto do parquinho tinha até competições voltadas para o intelecto, como testes de leitura rápida e de soletrar. Adrian não tinha certeza de como ser um excelente

soletrador poderia ajudar a defender a justiça, mas gostava de saber que a Olimpíada dos Ajudantes era inclusiva. Todas as crianças mereciam se sentir capazes de serem super-heróis, ainda que apenas por um dia.

Ele estava com medo de já estar atrasado quando chegou às arquibancadas que cercavam o evento principal, uma pista de obstáculos elaborada que ocupava um campo de futebol inteiro. Encontrou Ruby, Danna e Nova perto da frente.

Ruby acenou para ele com animação e mostrou um lugar que tinham guardado para ele.

– Vem, vem – disse ela. – Os gêmeos estão na próxima rodada.

– Cadê o Oscar? – perguntou ele, se sentando ao lado de Nova. Contrariando o entusiasmo de Ruby, Nova parecia vagamente perplexa enquanto observava a multidão de crianças fantasiadas.

– Onde você acha? – respondeu Danna, apoiando o queixo nas mãos.

Adrian não respondeu. Comprando comida, obviamente.

– Lá estão eles! – Ruby deu um pulo e começou a gritar os nomes dos irmãos, mas eles não ouviram ou ficaram constrangidos demais para olhar para a irmã mais velha. Eles estavam junto de um grupo de crianças, todas com 11 ou 12 anos, mas as cabeças idênticas de cabelo louro eram fáceis de encontrar. Adrian só tinha visto os gêmeos uma vez, em um piquenique de família dos Renegados no verão anterior, mas lembrava que os rostos deles eram versões mais jovens do da Ruby, com as sardas e tudo. Ele se perguntou se Ruby teve o mesmo cabelo louro denso na idade deles antes de começar a tingir com mechas pretas e brancas.

– Eles estão ótimos – disse Adrian, admirando os trajes cinza e vermelhos dos dois.

– Obrigada. Minha mãe e minha avó fizeram os trajes. Jade não quis tirar o dele a semana toda. Vou adorar quando o dia de hoje acabar porque talvez ele deixe a roupa ser lavada.

– Abram caminho, estou passando! – Oscar seguiu pelo banco, uma das mãos segurando uma sacola de papel que já estava com o fundo todo cheio de gordura. Adrian e Nova viraram as pernas na direção do outro para abrir espaço para ele passar e seus joelhos bateram.

– Desculpe – murmurou Adrian, fazendo contato visual com ela pela primeira vez desde que chegou.

Ela sorriu, uma expressão meio tímida.

– Você já veio nisso antes?

– Não, mas ouvi falar. Até que é divertido, né?

Nova repuxou os lábios. Ela demorou muito para responder, e quando finalmente falou, foi quase com tristeza.

– As pessoas gostam mesmo de super-heróis.

– Eu trouxe pra todo mundo – disse Oscar, que tinha se sentado ao lado de Ruby e estava distribuindo caixinhas de papelão cheias de batata frita salgada. – Mas vão com calma, tá? Tem também churrasquinho grego e asinhas de frango pra vender, e estou de olho num carrinho de torta de morango pra sobremesa. – Ele apoiou a bengala entre as pernas e olhou para o campo. – Quais são... ah, já vi.

Ruby franziu a testa para ele.

– Você não conhece meus irmãos.

– Eu sei, mas eles são a sua cara. – Ele apontou, pegou uma batata da caixa da Ruby e comeu metade. – Menos o cabelo. Quanto falta pra eles começarem?

– Vai ser a qualquer momento – disse Ruby, olhando para Oscar de forma especulativa. – Esterlino vai se sair muito bem no de agora, mas Jade está mais animado para o arco e flecha mais tarde.

No campo, as crianças receberam orientação de fazerem fila no começo da pista. Um juiz estava dando as instruções. Ruby começou a balançar as pernas tão rapidamente que o banco todo tremeu. Sem aviso, ela botou as mãos em concha em volta da boca e gritou:

– *Vamos lá, Esterlino! Tá no papo!*

Danna se encolheu e cobriu uma orelha.

Uma sirene tocou e a corrida começou. Os competidores dispararam e começaram a escalar uma parede falsa de tijolos. Ruby deu um pulo e gritou com toda a potência da voz. Oscar se juntou a ela e também gritou alto. Uma das crianças chegou ao topo rápido demais: uma garota de pele escura com uma capa curta nos ombros, parecida com a do traje da Lady Indomável.

Adrian sentiu um nó na garganta ao vê-la. Ela era nova demais para se lembrar da mãe dele quando ela ainda estava viva, e ele sentiu um calor no coração de pensar que o legado dela estava vivo. Que ela ainda podia ser inspiração para as crianças do presente.

Ele também queria isso. Queria ser um exemplo. Como sua mãe e seus pais e todos os super-heróis que existiram antes dele.

Mas, quando a garota ganhou a liderança, se balançando por uma sequência de barras paralelas com Esterlino logo atrás, ele ouviu Oscar se inclinar e dizer para Ruby:

– Quer que eu a cegue com uma flecha de fumaça? – Ele apontou para a pista e uma espiral de fumaça saiu da ponta do dedo. – Uma pequena. Ninguém saberia.

– Nem ouse – sussurrou Ruby, empurrando a mão dele para baixo. – Esterlino vai alcançá-la nos barris rolantes, você vai ver. – Ainda apertando o pulso de Oscar, ela colocou a caixa de batata frita no banco para poder levantar o outro punho no ar e torcer como louca.

Oscar olhou para a mão dela e para Adrian com uma expressão de euforia e pânico ao mesmo tempo.

Adrian fez um sinal de positivo que esperava que fosse encorajador.

Ele se encostou e comeu algumas batatas. Ofereceu para Nova, mas ela fez que não.

– Você está bem? – perguntou ele, reparando que a expressão dela continuava tão séria agora quanto estava quando ele chegou.

– Estou, estou – murmurou ela distraidamente.

– Nova?

Ela olhou para ele e depois para o campo.

– É que... tem muita coisa na minha cabeça.

A boca de Adrian tremeu. Ele não queria dizer *Sei como é*, mas... bom, ele sabia.

– Você já teve seu primeiro dia no departamento de artefatos, né? Como foi?

A postura dela enrijeceu e ela pareceu refletir sobre alguma coisa enquanto olhava os irmãos de Ruby pularem por uma cama elástica comprida e correrem por um labirinto de canos transparentes. Eram todos obstáculos incrivelmente relevantes para o heroísmo da vida real, Adrian reparou.

Nova se inclinou na direção dele e baixou a voz.

– Sabia que o elmo do Ace Anarquia está lá?

Adrian se virou para ela, sobressaltado.

– Hã... na verdade, acho que está disposto no escritório do Conselho.

Nova olhou para ele com expressão de “você não está enganando ninguém”.

Ele abriu um sorriso tímido.

– Aah. Você quer dizer o elmo *real*.

– Sim, o real – sussurrou ela enfaticamente. – Quantas pessoas sabem?

– Não sei. Não é exatamente um segredo, mas também não é algo que seja muito comentado. É mais fácil deixar que as pessoas acreditem que o de cima é o verdadeiro.

– E que foi destruído – disse Nova. – Só que *não foi* destruído.

– Não por falta de tentativa. – Ele inclinou a cabeça para o lado. – Você parece preocupada.

– Claro que eu estou preocupada. É perigoso! – Ela baixou o volume da voz de novo e Adrian chegou a cabeça perto da dela para ouvir, tão perto que uma mecha do cabelo dela roçou no ombro

dele. – E está lá, desprotegido. Sabe quem comanda aquele departamento? Uma mulher de setenta anos com psicomетria leve e um cara que nem é prodígio. E são *e/les* que fazem a segurança de um dos objetos mais poderosos de todos os tempos? Qualquer pessoa pode entrar lá e pegar.

Adrian levantou as duas mãos para acalmá-la.

– Não é tão ruim assim.

Nova cruzou os braços.

– Por quê? Por causa de um cubo grande de metal?

Ele riu.

– É, exatamente. Você sabe quem fez aquele cubo, né?

– Sei e, embora o próprio Capitão Cromo possa ser invencível, acho que não devíamos contar só com o trabalho dele para proteger o elmo. Na verdade, eu gostaria de falar com seu pai sobre isso. Se ele pudesse esclarecer qualquer fraqueza em potencial, posso trabalhar pra elaborar um sistema de segurança mais abrangente.

– É indestrutível – disse Adrian. – Não tem nenhuma fraqueza.

– Indestrutível – repetiu Nova, o olhar ardendo no dele. – Mas não *impossível de abrir*?

Adrian hesitou. Seria possível...?

Não. Ele balançou a cabeça de novo.

– Impossível de abrir por qualquer pessoa que quisesse usar o elmo para o mal de novo.

Algo surgiu na expressão de Nova, e ela chegou mais perto dele até que seus corpos ficaram encostados dos ombros até os joelhos. Ele engoliu em seco.

– Então *dá* pra abrir – disse ela. – Por quem?

– Hã... não foi isso que... ninguém consegue abrir. Tenho certeza de que meu pai conseguiria se quisesse. Mas ele não vai querer. Por que faria isso?

Ela lambeu os lábios, o que atraiu o olhar dele. No mesmo momento, a plateia explodiu num grito e Adrian se levantou

instintivamente. A caixa de batata frita caiu do colo dele e as batatas se espalharam nos sapatos de Nova.

– Ah... desculpe!

Nova ignorou as batatas, se levantou de novo e colocou a mão no cotovelo dele. O coração de Adrian palpitou no peito. Do outro lado de Nova, ele ouviu Ruby gritando:

– *Vai! Vai! Vai!*

Seu olhar foi na direção do campo e ele viu que Esterlino e a garota com a capa da Lady Indomável estavam na metade da pista, lado a lado, pendurados em cordas com nós.

– Adrian.

Ele olhou para Nova, as bochechas quentes.

– Tem certeza de que ele não deixou nenhuma vulnerabilidade? – insistiu ela, e a intensidade da expressão o fez perceber como era importante para ela. A sinceridade dela o surpreendeu. Ele jamais teria pensado em duvidar da segurança do elmo. Se o Capitão Cromo dizia que estava resolvido era porque estava resolvido. Mas, obviamente, Nova não tinha a mesma confiança. – Preciso ter certeza de que não existe uma vulnerabilidade desconhecida. Agora que estou trabalhando no departamento de artefatos, é meu trabalho manter a segurança dos objetos de lá, sabe? E o elmo... a gente não pode deixar que caia nas mãos erradas.

– Nunca vai haver outro Ace Anarquia, Nova. Você está exagerando.

– Você não sabe. Eu só preciso ter *certeza*. Pode ser que o Capitão Cromo tenha instalado um recurso, um jeito de pegar o elmo caso fosse necessário de novo e ele não pudesse abrir a caixa. Uma... espécie de chave. Ou tem algum outro jeito pra outra pessoa abrir? Mesmo que hipoteticamente?

Adrian respirou fundo e tentou levar a pergunta a sério.

– Não sei. Meu pai poderia abrir com facilidade manipulando o cromo. E talvez... – Ele levou uma das mãos ao bolso e tirou a

caneta. Virou-a nos dedos enquanto pensava. – Será que eu consigo?

– Você? – disse Nova, e ele tentou não se ofender com o tom de descrença dela.

– Não sei. Eu nunca tentei desenhar nada usando o cromo do meu pai. Mas não vejo por que seria diferente de desenhar em vidro ou em concreto ou nas pedras da Ruby.

Ela apertou o braço dele.

– O que você desenharia pra conseguir chegar dentro da caixa?

Ele curvou a boca para um lado.

– Uma porta?

Nova franziu a testa e o sorriso provocador de Adrian sumiu.

– Mas é segura, Nova. Eu nunca abriria aquela caixa e nem sei se funcionaria mesmo. Além do mais, não tem outros prodígios como eu... ao menos que eu saiba.

Nova refletiu um pouco e, para sua decepção, afastou as mãos.

– Você pode estar certo, mas há prodígios novos todos os dias. Nós não sabemos que tipo de poder será descoberto agora. Quem sabe? Pode ser que o cromo do seu pai não seja sempre invencível.

Ruby, Oscar e Danna soltaram gemidos simultâneos. Adrian olhou. Esterlino tinha chegado ao último obstáculo: uma piscina grande cheia de redes, boias e tubarões robóticos. Apesar de Esterlino ser bom nadador, a garota estava abrindo vantagem rapidamente.

– Se você pensar em qualquer outra coisa, qualquer fraqueza possível que a caixa possa ter... você me avisa? – perguntou Nova.

– Pode deixar – respondeu ele, sorrindo. – Prometo.

A garota saiu da piscina e correu pela linha de chegada. Esterlino chegou segundos depois.

Jade, bem atrás, chegou em sétimo.

– Segundo lugar – comentou Ruby. – Não é ruim.

– Você está de brincadeira? – disse Oscar. – Qualquer Renegado que valha seu alter ego teria orgulho de ter aquele garoto como

ajudante. O Jade também. Na verdade... – Ele massageou o queixo. – Acho que preciso de dois ajudantes. Será que seus irmãos ficariam interessados?

– Pra quê? Ficar indo comprar comida pra você? – perguntou Ruby.

– Entre outras coisas importantes que um ajudante faz. Ajudaria a aliviar minha agenda pra eu fazer mais trabalhos de salvar donzelas.

Ruby riu com deboche.

– Eu também ajudei a salvar a barista.

– É, mas ela agradeceu a mim, e planejo explorar isso pra sempre. É um lembrete constante dos riscos e recompensas que acompanham o verdadeiro heroísmo.

– A luta é real – disse Danna, se inclinando na frente de Ruby para roubar uma batata de Oscar.

A arquibancada começou a esvaziar enquanto a pista de obstáculos era refeita para o grupo seguinte.

– Temos uma hora até a luta livre do Jade e depois os dois têm arco e flecha – disse Ruby, verificando os horários num folheto. Ela levantou a cabeça, sorrindo. – Alguém quer fazer pintura facial combinando?

– Você leu minha mente – respondeu Oscar.

– Hã, vão na frente – disse Adrian, lembrando a expressão de Oscar quando Ruby segurou o braço dele. – Eu queria mostrar uma coisa pra Nova e pra Danna... hã... ali. – Ele apontou para um amontoado de barracas perto do lago. – Mas nos encontramos na luta livre, tá?

Danna inclinou a cabeça para ele, desconfiada, mas ninguém discutiu quando Adrian seguiu na direção do pé da arquibancada e entrou no meio da multidão. Quando olhou para trás, Nova e Danna estavam ao seu lado, mas Oscar e Ruby não estavam em lugar nenhum.

– Isso foi estratégia pra deixar os dois sozinhos, né? – disse Danna.

– É – disse ele, coçando a nuca. – Foi óbvio demais?

– A sutileza não parece estar funcionando muito, então... – Danna deu de ombros.

– Ei – disse Adrian, estalando os dedos –, como foi seu exame médico?

Danna abriu um sorriso largo.

– Estou liberada pra trabalhar. Vou preencher os papéis do meu retorno na segunda.

– Não se preocupe, eu cuido disso – declarou Adrian. – E você está se sentindo bem?

– Estou ótima. Os arranhões nem deixaram cicatriz. – Ela lançou um olhar de lado para Nova e seu tom mudou. – Também não tive nenhum desmaio aleatório, então... acho que estou novinha em folha.

Nova pareceu ficar pálida, mas escondeu rapidamente com expressão de preocupação.

– Que ótimo, Danna.

– Desmaios aleatórios? – disse Adrian.

Danna deu de ombros.

– Lembra quando a Nova estava na ala médica depois da quarentena? Fui visitá-la e... foi bem estranho, mas eu cheguei a desmaiar. Mas... eu *nunca* desmaio.

– Caso clássico de exaustão – disse Nova. – Você ainda estava se recuperando das queimaduras, lembra?

Danna a encarou pelo que pareceu tempo demais e depois sorriu.

– Isso mesmo. Clássico. – Parecia que ela queria dizer mais, mas pensou melhor. – Eu vi uma barraca ali atrás que queria olhar. Nos vemos na luta livre, tá?

Ela se desintegrou no bando de borboletas. As pessoas ao redor ofegaram e as crianças apontaram e gritaram enquanto as borboletas subiam e saíam voando.

– Falando em sutileza – murmurou Nova enquanto eles seguiam por um caminho de corrida. – Eu estava pensando se ela conseguia fazer isso com roupas civis. Eu não sabia se havia algo no uniforme dos Renegados que permitia que ela variasse entre as formas sem perder as roupas ou se era parte do poder dela.

– Eu também tenho dúvidas sobre esses detalhes às vezes. Tipo: o Simon consegue fazer as roupas desaparecerem, assim como pequenos objetos se estiverem na mão dele. Mas ele não consegue tocar num carro ou num prédio e fazer a estrutura toda desaparecer. É interessante entender a extensão das habilidades das pessoas. Claro que é pra isso que temos as sessões de treinamento.

– Você acha que a Danna poderia carregar um objeto? Não só roupas?

Ele refletiu sobre a pergunta e tentou lembrar se já tinha visto Danna desaparecer com uma arma, mas ela sempre ficava mais à vontade em um combate mano a mano.

– Não sei. Vou ter que perguntar quando começarmos o treinamento do Agente N na semana que vem. Não faria muito sentido equipá-la com uma arma neutralizadora se for pra perdê-la na primeira vez que ela se transformar.

Nova grunhiu um som de concordância.

– Todos nós temos nossas fraquezas – disse ela. – Até a magnífica Monarca.

CAPÍTULO QUINZE



FOI MEIO PARECIDO COM estar no desfile dos Renegados de novo, com tantas crianças fantasiadas e as barraquinhas cheias de itens bregas de super-heróis. As crianças empolgadas em volta dela eram adoráveis, ainda que sua fé fosse deturpada. Nova não conseguiu deixar de pensar em Evie, que seria um pouco mais nova do que os irmãos de Ruby. Se sua família tivesse sobrevivido, ela e Evie teriam sido criadas amando os Renegados como aquelas crianças? Evie estaria entre elas agora, usando asas da Pássaro do Trovão ou uma máscara do Guardião Terror, se preparando para correr e se jogar por uma série de competições para provar que ela podia ser uma super-heroína... ou pelo menos uma ajudante?

Talvez Evie acabasse se revelando um prodígio, como Nova e o pai delas. Como o tio Ace. Ela não demonstrou sinal de superpoderes quando estava viva, mas ela era bebê, e muitos prodígios só desenvolviam suas capacidades mais tarde. Nova tentou não ficar pensando nas perguntas que não tinham como ser respondidas, mas pensar deixou seu coração doendo.

– Nova.

Ela levou um susto. Adrian a estava observando, a testa franzida.

– Você ainda está pensando naquele elmo?

O elmo.

Pela primeira vez... não, ela não estava. Um leve sorriso tocou os lábios dela.

– Na minha irmã, na verdade. Eu... acho que ela gostaria disso aqui.

A tristeza se refletiu na expressão de Adrian.

– Desculpe. Esqueci que você tinha uma irmãzinha.

Ela não respondeu, mas sabia o que devia dizer. *Tudo bem... tem muito tempo...*

Ela nunca entendeu por que isso devia fazer diferença. A perda de Evie ainda doía todos os dias.

– Sei que não é a mesma coisa – disse Adrian –, mas... acho que o Max também ia gostar de uma coisa assim.

Nova suspirou. Adrian estava certo: Max teria adorado a Olimpíada dos Ajudantes, embora o Bandido fosse poderoso demais para ser relegado a um mero papel de ajudante. Por ter vivido nos túneis por tanto tempo, Nova tinha uma boa ideia de como devia ser difícil para Max ficar dentro da quarentena dele o tempo todo, vendo o mundo passar do lado de fora da prisão. Ele perdia tanta coisa. Perdia o mundo todo.

– Eu queria que ele pudesse estar aqui – disse Nova. – Queria que os dois estivessem.

Seus olhares se encontraram, espelhos de desejos não realizados, e Nova reparou num risco de pó cinzento na bochecha de Adrian. Ela franziu a testa e levantou a mão para limpar. Adrian ficou imóvel.

– Você está imundo – disse ela, e agora que estava olhando reparou em teias grudadas no ombro e em manchas de sujeira nas mangas. – O que você foi fazer hoje?

– Ah... nada de importante. Só fui dar um passeio por uns túneis abandonados do metrô. Sabe como é, uma manhã típica de sábado.

– Túneis do metrô?

– É uma longa história, mas... fui autorizado a conversar com Winston Pratt depois da apresentação daquele dia.

Um dos dedos do pé dela prendeu em alguma coisa no chão e Nova tropeçou. Adrian esticou a mão para segurá-la.

– Você fez o quê?

– Achei que poderia descobrir alguma coisa sobre os Anarquistas. Não se empolga; ele não disse nada de útil. Mas disse que, se eu levasse a marionete dele, me daria umas informações.

Uma marionete dele. Hettie. Ele deixou que Nova brincasse com a marionete algumas vezes quando ela era criança, e a sensação sempre foi de que era uma honra.

– Eu fui procurar a marionete, mas, claro, não tinha mais nada lá. Lá embaixo só tem abelhas mortas e lixo.

Nova fez cara feia. Odiava pensar nos Renegados remexendo na casa dela, analisando e inspecionando tudo que encontravam.

– Falando em abelhas – disse Adrian, o tom mais leve –, como estão as abelhas do seu tio?

Ela riu do absurdo inesperado da pergunta. Tinha quase esquecido a mentira que contou para explicar as colmeias da Mel no quintal.

– Hã... não muito bem, pra falar a verdade. Mas ele não é do tipo que desiste.

Adrian abriu um sorriso.

– Você deve ter puxado isso dele.

Era um elogio óbvio, e Nova sentiu o pescoço ficar quente.

– Ah, sim, a teimosia é característica da família.

Esponaneamente, as palavras do Ace surgiram na mente dela, lembrando-a que aquilo não era uma saída casual de fim de semana. Nova tinha uma missão e Adrian era parte dessa missão. *Conquiste a confiança dele. Conquiste o respeito. Conquiste o afeto dele.*

Não devia ser tão difícil, ela pensou a semana toda. Adrian era bonito, talentoso, honrado, gentil. Então por que cada nervo do corpo dela se rebelava contra a ideia de fingir atração por ele? De flertar com ele só por flertar? De fingir interesse?

A resposta foi jogada na cara dela e ela mexeu na pulseira.

Porque talvez não fosse fingimento.

E descobrir que ela realmente gostava dele, apesar de tudo, seria custoso demais.

Mesmo assim, se ela queria arrancar informações úteis de Adrian ou usar sua lealdade para minar seus pais, Nova tinha que se aproximar dele.

Nova tinha que...

Seus pensamentos foram interrompidos quando sua atenção se voltou para um grupo de árvores no lado norte do lago. Seus pés hesitaram, e ela olhou em volta e viu um parquinho não muito longe. Sua respiração travou.

– Você sabe onde estamos?

– Isso parece uma pergunta capciosa.

Ela segurou a manga dele e voltou a andar.

– O vale da estátua é pra cá.

– Vale da estátua?

– É, você sabe. Você tinha um desenho de lá no seu caderno de desenhos, um que você me mostrou quando estávamos vigiando a biblioteca. A estátua da figura encapuzada.

– Ah, é. Você disse que ia lá quando era criança, né?

– Só fui uma vez. – Nova não conseguiu explicar a euforia que estava se espalhando pelos seus membros. Seus pés aceleraram quase que por vontade própria. Eles dobraram uma esquina e o caminho pavimentado virou-se para um lado enquanto uma trilha menor de cascalho levava a uma região de bosque denso. – Meus pais me levaram naquele parquinho, mas eu saí andando e encontrei... – Nova empurrou um galho baixo e parou.

Ela estava no alto de uma escada rudimentar coberta de musgo. Os degraus desciam em curva até uma pequena ravina cercada de carvalhos enormes e arbustos densos.

– Aquilo – sussurrou ela.

Ela desceu para o vale. A clareira não era muito maior do que o quarto que ela dividia com Mel na casa onde morava, e havia uma parede de pedra baixa posicionada em círculo. Um banco de ferro fundido de um lado ficava virado para uma estátua solitária.

Nova sentiu como se tivesse voltado no tempo. Nada tinha mudado desde que ela era pequena.

– Pode ser bobeira, mas... até ver o desenho que você fez, havia uma parte de mim que achava que este lugar era um segredo só meu. E isso nem faz sentido. Milhares de pessoas devem vir aqui todos os anos. Mas... como eu era muito pequena quando encontrei, acho que eu tinha a sensação de que o local era meu. Como se eu tivesse imaginado e ele tivesse passado a existir. – Ela riu e soube que teria ficado constrangida de admitir isso para qualquer pessoa em qualquer outro momento. Mas estar lá de novo era tão surreal que ela nem ligou.

Ela contornou a estátua. Estava igual ao que ela lembrava, talvez com mais musgo do que na época. Uma figura encapuzada usando vestes soltas, tipo um monge medieval. O rosto entalhado embaixo do capuz era amorfo, com olhos fechados e um sorriso satisfeito e feições arredondadas. As mãos estavam esticadas para o céu como se estivesse tentando pegar alguma coisa.

Ela não sabia a idade da estátua, mas parecia estar ali havia mil anos. E que ficaria por mais mil.

– Só conheci este lugar uns dois anos atrás – disse Adrian. – Mas voltei várias vezes pra desenhar. Quantos anos você tinha quando encontrou?

– Uns quatro ou cinco – disse ela, passando o dedo pela manga da estátua. – Naquela noite, sonhei com isso. Foi antes de eu parar de dormir, obviamente, e até hoje é o único sonho de que me lembro com detalhes. – Ela olhou o vale. A floresta era tão densa que os sons do festival não eram mais ouvidos. Só melodias de pássaros e folhas balançando. – Eu sonhei que estava andando por uma floresta com flores maiores do que a minha cabeça e uma copa tão

densa que não dava pra ver o céu. A região toda vibrava com vida... insetos e pássaros... Só que eu ficava encontrando coisas que não eram daqui. Degraus de concreto cobertos de musgo e plantas penduradas em postes de luz em vez de árvores... – Ela passou a mão no ar, acompanhando as plantas de memória. – Era Gatlon, mas estava em ruínas. Era só uma floresta coberta de plantas. E então... eu encontrei esta clareira e havia a estátua. Estava de costas pra mim quando cheguei, mas, mesmo antes de chegar perto, eu sabia que ela estava segurando alguma coisa. Eu a contornei e olhei e... – Ela fez uma pausa, com a sensação de que estava de volta no sonho, se afogando no sentimento de admiração que tinha quase esquecido.

– E aí você acordou? – perguntou Adrian.

Ela saiu da visão e olhou para ele.

– *Não*. A estátua estava segurando uma coisa. – Ela hesitou, sentindo-se infantil agora e meio na defensiva.

– Você vai me fazer adivinhar?

Ela balançou a cabeça e tentou controlar a emoção que sentia com a lembrança.

– Estava segurando... uma estrela.

Ao falar em voz alta, Nova percebeu como era ridículo.

– O que quer que isso signifique – concluiu ela.

– Lógica de sonhos – disse Adrian. – Ou... lógica de pesadelos, talvez. Não sei se esse sonho foi bom ou não.

Nova riu.

– Foi um sonho bom. Não sei bem o porquê, considerando que toda a civilização tinha sido destruída, mas... foi um sonho bom. – Ela massageou a nuca. – Meus pais ficaram furiosos quando me encontraram e nunca mais me trouxeram no parquinho. Mas nunca esqueci o sonho. Devo ter fantasiado em encontrar aquela estrela por anos depois.

– É engraçado como alguns sonhos ficam na cabeça – disse Adrian, sentando-se na grama e esticando as longas pernas. – Você

tem sorte. A maioria dos sonhos que lembro da infância eram pesadelos. Ou melhor... um pesadelo. Tive o mesmo durante anos.

Nova se sentou ao lado dele.

– Sobre o quê?

Ele se remexeu.

– Deixa pra lá. Eu não devia ter dito nada. Não é importante.

– E o meu era?

– Era – insistiu ele. – O seu é incrível. Uma selva? Uma civilização dizimada? Uma estátua segurando uma *estrela*? É épico. E o meu era só... – Ele balançou a mão com desdém. – Você sabe. Um pesadelo. Nem me lembro de muita coisa, só que me apavorava muito.

– Vou tentar adivinhar – disse Nova, apoiando a bochecha na mão. – Você sonhava que chegava no QG e descobria que tinha esquecido de vestir roupas de manhã.

Ele olhou para ela com irritação.

– Eu tinha uns 4 anos. O QG nem existia ainda.

– Ah.

– Não, era mais que... tinha uma *coisa* me observando o tempo todo. Eu chamava de monstro porque eu era muito original, sabe. Na metade das vezes eu nem conseguia ver, mas sabia que estava lá, esperando pra...

– Pra quê?

– Não sei bem. Me matar, talvez. Ou matar minha mãe, ou as pessoas de quem eu gostava. Acho que nunca tive um sonho em que a coisa fazia algo além de ficar se esgueirando ao longe, esperando pra me pegar ou me caçar. – Ele tremeu. – Pensando bem, não deve ser tão surpreendente. Eu cresci cercado de super-heróis. Cada vez que minha mãe saía do nosso apartamento, eu não sabia se ela ia voltar. E os noticiários viviam cheios de histórias de gente sendo sequestrada ou sendo encontrada morta na sarjeta... O que meu subconsciente podia fazer com tanta

informação? – Ele abriu um sorriso melancólico. – Estou vendo por que seu subconsciente acharia melhor deixar a cidade toda acabar.

Uma risada surpresa escapou da boca de Nova, e, apesar de saber que Adrian estava brincando, ela se perguntou se havia algo de verdade nas palavras dele.

– Pesadelos – refletiu ela. – Não sinto falta disso.

O rosto do Adrian se suavizou e ela não conseguiu afastar o olhar. Seus nervos formigaram.

– A gente devia voltar – murmurou ele, sem interromper o contato visual. Sem se mexer.

– Devia – concordou Nova. Mas ela também não conseguiu se mexer. A expectativa se misturou com nervosismo. Seu coração estava disparado.

Conquiste o afeto dele.

Ela viu a mão dele apoiada na grama e tentou reunir coragem para tocar nele. Tentou canalizar Mel Harper e imaginar o que ela faria. Um roçar de ombros, um leve toque com as pontas dos dedos?

O pensamento a fez tremer.

O que Mel faria?

Nova desceu o olhar para os lábios de Adrian.

Ela engoliu em seco e se inclinou para a frente.

Adrian respirou fundo e, antes que Nova soubesse o que estava acontecendo, tinha ficado de pé e começado a limpar a roupa.

– Uau, a gente tem que ir logo – disse ele, olhando para o comunicador. – Não vamos querer nos atrasar pra... hã... a justa ou... sei lá o que era...

Nova olhou para ele incrédula.

Caramba. Ela tentou dar um beijo nele e... *ele a rejeitou.*

Então era essa a sensação.

Ela sentiu uma vergonha enorme e ficou grata por ele parecer determinado a não olhar para ela, pois lhe deu um momento para se recuperar e engolir a decepção.

Engolir para bem fundo.

Tão fundo que ela quase conseguiu se convencer de que não estava lá.

CAPÍTULO DEZESSEIS



NOVA NÃO SABIA QUAL charada era mais frustrante.

Adrian, que tinha passado de alguém que tentou beijá-la no parque de diversões a alguém que age como se ela tivesse uma doença contagiosa e incurável.

Ou o elmo do Ace, que estava preso numa caixa impossível de abrir.

Nova não gostava de charadas em geral, mas, entre as duas que a intrigavam no momento, ela achava bem menos incômodo se concentrar na caixa de cromo, e por isso passou a manhã toda sentada na escrivaninha na entrada do armazém de artefatos pensando nisso.

Como se abre uma caixa que não pode ser aberta?

Como se destrói um material indestrutível?

O que poderia ser tão forte a ponto de passar pelo cromo e libertar o elmo do Ace da prisão?

Nova ainda não tinha resposta, mas sabia quem tinha. O Capitão Cromo. Ele tinha feito a caixa. Devia saber como desfazer. E embora Nova não soubesse o que poderia dizer para que ele revelasse o segredo, ela sabia que teria que tentar.

Antes que o Ace definhasse completamente.

Ela estava imaginando uma conversa muito longa, muito inteligente e muito criativa com o Capitão quando as portas do elevador apitaram e sua segunda charada entrou na recepção. Nova levou um susto.

– Adrian?

Ele estava praticamente quicando quando correu até a mesa dela.

– Está *aqui* – disse ele, um sorriso largo no rosto.

Ela olhou para ele boquiaberta, com a sensação de que devia saber do que ele estava falando, mas só conseguia pensar no elmo.

– Como?

– Eu estava achando que todas aquelas coisas dos túneis tinham sido jogadas fora depois de serem verificadas como provas, mas conversei com a chefe da investigação da cena do crime hoje de manhã e ela me disse que tudo foi trazido pra cá. Nada é jogado fora enquanto a investigação não é encerrada, então agora as coisas dos Anarquistas devem estar numa pilha por aqui, esperando para serem marcadas e categorizadas e – ele balançou a mão na direção do cofre – o que quer que aconteça lá dentro exatamente.

Nova o observou com um nó no estômago.

– A marionete do Winston.

Adrian apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou na direção dela.

– Exatamente. Além disso, recebi aprovação do Conselho e da terapeuta do Winston. Ele pode receber a marionete em troca de informação, desde que Foto Instantânea verifique primeiro para ter certeza de que não esteja escondendo um poder secreto mágico.

A marionete de Winston. Pela qual ele estava disposto a trocar informações.

Nova engoliu em seco.

– Ah. Que... ótimo.

– A Foto Instantânea está lá dentro?

A porta da sala do arquivo se abriu, mas foi Callum e não Foto Instantânea que saiu. Ele parou na hora que viu Adrian.

– Não acredito! Rabisco em pessoa! Sou muito fã.

– Ah, obrigado – disse Adrian, aceitando um aperto de mão firme com expressão confusa.

Nova fez um gesto de um para o outro.

– Hã... Adrian, Callum. Callum, Adrian.

– Você veio retirar alguma coisa? – perguntou Callum. – Temos uma pena linda, acho que você ia adorar.

– Ah, é? – disse Adrian, mas descartou o interesse rapidamente.

– Não, obrigado. Na verdade, me disseram que tem um lugar aqui onde estão todas as coisas que foram confiscadas da moradia dos Anarquistas nos túneis do metrô.

– Isso mesmo. Tem uma sala lá nos fundos. Mas vou logo avisando, está uma bagunça lá. Estou planejando arrumar faz tempo, mas... – Callum deu de ombros. – Ei, pode ser uma coisa legal pra gente fazer junto, né?

Nova demorou um momento para perceber que ele estava falando com ela. E olhou para ele de repente.

– É. Legal. Boa ideia.

Callum apontou para Adrian.

– Olha, eu devia verificar se você tem autorização, mas... ah, quem eu quero enganar? Claro que você pode ver. Vem comigo. – Ele moveu o braço.

Adrian abriu um sorriso animado para Nova e foi atrás.

– Esperem – disse ela, pulando da cadeira. – Posso ir também, ou...?

Callum riu.

– Essa garota! A curiosidade dela é insaciável!

Nova interpretou a resposta como um sim, colocou uma plaquinha de JÁ VOLTO na mesa e foi atrás deles. Callum percorreu a seção da frente do armazém e deu a Adrian a mesma orientação que tinha dado a ela no primeiro dia, até que eles chegaram a uma

sala independente perto do canto dos fundos e com paredes que não chegavam ao teto.

Callum abriu a porta.

– Chegamos. Vocês dois, se divirtam. Vou avisar a Foto Instantânea que vocês estão aqui.

Nova parou ao lado de Adrian na porta, o queixo caído. Ela até esperava ser tomada de tristeza quando visse suas coisas e os pertences da família, agora nas mãos dos Renegados, sem serem apreciados e nem amados.

Mas só sentiu um sufocamento.

E um certo alívio.

As chances de Adrian encontrar qualquer coisa naquele amontoado de objetos era pequena.

Adrian empertigou os ombros, inclinou o corpo para passar entre duas estantes altas e entrou na sala.

– Ele não estava brincando, né?

Nova foi atrás dele. Era como se os Renegados tivessem enchido carrinho atrás de carrinho com as coisas aleatórias que tinham encontrado nos túneis e simplesmente... largado lá sem cuidado e sem cerimônia. Se bem que, conforme seus olhos foram se ajustando ao caos, ela começou a reparar que houve umas tentativas de organização. Viu o guarda-roupa amado de Mel encostado numa parede, cheio de vestidos de lantejoulas e lenços de seda, mas também o roupão de Leroy e um saco de lixo com as roupas de Nova saindo pela boca. Outros acessórios, como joias, sapatos e similares, quase tudo de Mel, estavam num carrinho ali perto. Os móveis estavam numa pilha bamba no meio, incluindo a poltrona amada e comida de traças de Leroy. Itens práticos de uso doméstico estavam espalhados erraticamente por uma série de prateleiras, de chaleiras elétricas a abridores de lata e até uma vassoura, embora Nova não conseguisse se lembrar de ninguém usando vassoura nos túneis.

Ah, não, teve uma vez que ela viu Ingrid correndo atrás de um rato com uma vassoura na mão...

Adrian andou pelo caminho estreito, e Nova viu o que tinha chamado a atenção dele. Uma tenda colorida, caída embaixo de uma mesa comprida.

– Parece que tem umas coisas do Titereiro aqui – disse Adrian, e se agachou para remexer no tecido de nylon.

– Que ótimo – disse Nova, sem conseguir demonstrar o menor sinal de entusiasmo. O cheiro do metrô estava por toda parte e ela odiou ser lembrada disso depois de muitas semanas de vida na superfície. Apesar de existirem coisas que foram tiradas dela naquele dia que ela gostaria de ter de volta, tinha que admitir que não estava triste de ter deixado a prisão subterrânea para trás.

Triste de deixar Ace para trás, sim, mas não de ter saído de lá.

– Andei pesquisando sobre os Anarquistas – disse Adrian. Ele encontrou uma cozinha de brinquedo atrás das tendas e começou a abrir os armários cheios de mofo. – Sabia que o pai do Winston Pratt fazia brinquedos?

Nova olhou para a nuca dele.

– Não – disse ela, e era verdade. Ela sabia bem pouco sobre Winston e quem ele era antes de ser o Titereiro.

– Não tenho muita certeza, mas algo me diz que essa marionete que ele quer pode ter sido feita pelo pai dele. Faz sentido ele ser apegado a ela, né?

Nova não respondeu. Ela havia visto uma mesa atrás de algumas estantes.

Sua mesa.

– Mas não consegui descobrir nada sobre a origem dele – observou Adrian. – Nem sobre o Fobia. Na verdade, não consegui descobrir *nada* sobre o Fobia.

Nova empurrou uma arara com mais vestidos de Mel para ir até sua mesa.

– Que estranho – disse ela sem entusiasmo, embora, na verdade, também não soubesse quase nada sobre o Fobia. Com um poder como o dele, tão imerso nos maiores terrores da humanidade, ela não tinha certeza se queria saber sua origem. Ela sabia que havia épocas em que o Fobia parecia quase normal. Como se pudesse haver um cara normal debaixo da capa, calado e solitário, com um senso de humor esquisito e ambições sutis.

Quem ele foi antes? Como ficou daquele jeito?

Se Fobia já tinha revelado esses segredos, ela não sabia nada.

– Mas tem muita informação sobre Mel Harper – disse Adrian com uma risadinha. Nova olhou na direção dele e o viu remexendo em uma caixa de papelão com a marcação simples de PORCARIAS. – Ela cresceu em uma fazenda uns 80 quilômetros ao sul daqui. Alega que pisou numa colmeia de vespas quando tinha 12 anos. Os ferrões provocaram um choque anafilático e ela desmaiou. Quando acordou, horas depois, ela estava inchada como um balão.

– Espera... *ela* disse isso? – perguntou Nova.

– Aham. Foi em uma entrevista de jornal no começo da Revolução Anarquista.

Nova franziu a testa. Era difícil imaginar Mel admitindo já ter ficado inchada como um balão.

– Mas ela sobreviveu, obviamente, e encontrou a rainha da colmeia esmagada por seu sapato. Depois disso, a colmeia toda ficou sob o controle dela. – Adrian olhou para Nova. – *Isso* é que é história original.

– Por que sempre são tão traumáticas? – murmurou ela.

Ela chegou à mesa e abriu a gaveta de cima. Seu coração deu um pulso. Viu de cara um conjunto de chaves de fenda rolando na gaveta. Foram suas primeiras ferramentas, obtidas por Ace quando tinha só 4 anos. Ela mexeu com carinho em um dos cabos, pois só percebeu o quanto sentia falta delas naquele momento.

– O Cianeto também tem uma história triste – disse Adrian.

Nova mordeu a bochecha. Já tinha ouvido Leroy contar sua história. Ele foi vítima de bullying no ensino médio e foi abordado por alguns colegas depois de uma aula no laboratório de química. As coisas fugiram do controle rapidamente e os colegas o agrediram... não só com os punhos, mas jogando produtos químicos e ácidos nele.

Se bem que, quando Leroy contava a história, ele gostava de pular para a parte em que ele encurralou o parceiro de laboratório em um banheiro e garantiu que o rosto dele ficasse eternamente coberto de cicatrizes piores do que as dele mesmo. Nova se lembrava de Leroy rindo, mas não achava engraçado para nenhum dos dois.

– Às vezes – disse Adrian, a voz parecendo vazia –, acho impossível imaginar por que alguém se juntaria ao Ace Anarquia. Por que alguém faria coisas tão horríveis como o que os Anarquistas fizeram?

Nova contraiu a mandíbula.

– Mas aí eu ouço as histórias e... sei lá. Às vezes, dá pra ver que faz sentido, sabe?

Nova reuniu as chaves de fenda na mão e se virou para olhar para Adrian e verificar se ele estava ocupado antes de as enfiar num bolso do cinto.

– Alguma coisa?

– Nada de marionete, mas... sabe o que é isto? – Adrian exibiu uma caixa de sapatos cheia de discos de metal.

Nova arregalou os olhos.

Adrian não esperou a resposta dela.

– As estrelas que Pesadelo arremessava. Acho que detectavam calor... ou talvez fosse movimento? Não sei, mas nos causaram um mundo de problemas. São uma arma danadinha. – Ele tirou uma da caixa e a virou para inspecionar dos dois lados. – Eu sempre quis saber como funcionavam. A gente devia levar para o departamento de pesquisa e desenvolvimento.

– Eu levo – disse ela rapidamente. – É parte do meu trabalho aqui, sabe. Olhar as coisas... decidir o que pode ser útil... e garantir que chegue nas pessoas certas. Vou levar até lá quando meu turno aqui acabar.

Adrian colocou a estrela na caixa e a empurrou pela mesa.

Nova expirou.

– Pelo menos a gente não precisa se preocupar mais com ela, né? Os outros Anarquistas são assustadores, mas estou bem feliz de Pesadelo estar fora de combate.

– Acho que sim... – respondeu Adrian.

Nova franziu a testa para ele.

– Como assim, acha?

Ele deu de ombros.

– A gente não provou que ela está morta.

Os braços dela ficaram arrepiados.

– Como é?

Adrian começou a mexer num baú cheio de truques baratos de mágica e de brindes de festa de plástico.

– O corpo não foi encontrado, e nem... nenhuma evidência de que ela tenha morrido.

– Porque ela foi *obliterada* – disse Nova, com um tom mais enfático do que pretendia. – A bomba da Detonadora a destruiu. Claro que não sobrou nada!

– Pode ser. Realmente, provocou muitos danos, mas... não deveria ter sobrado alguma coisa? Partes do corpo? Sangue?

Nova olhou para ele surpresa. Tanto tempo, ao longo de tantas semanas, ela teve certeza só *disso* pelo menos. De que aquela única coisa tinha dado certo. Ela havia fingido a própria morte. Os Renegados acreditavam que a Pesadelo tinha morrido. Tinham cancelado a investigação. Era menos uma preocupação para ela, que ela aceitou com alívio.

Mas Adrian não acreditava?

– Mas... mas ninguém poderia sobreviver àquela explosão.

– Você sobreviveu.

Ela ficou imóvel.

– Você estava na casa maluca quando a bomba explodiu.

– Eu... eu estava do outro lado da casa – sussurrou ela. – E estava protegida por um cilindro de metal gigante.

Adrian curvou os lábios para cima de novo, mas ela percebeu que ele só estava cedendo para agradar-lhe.

– Eu sei. Você deve estar certa. Ela deve estar morta. Eu só... fico me questionando às vezes.

– Bom, não precisa.

Ele riu, mas logo ficou sério de novo. Empurrou a caixa de papelão para debaixo da mesa e se levantou.

– Nós nunca conversamos sobre o que aconteceu naquele dia.

A pulsação de Nova acelerou, e, de repente, ela estava de volta no canto abandonado do parque Cosmopolis e Adrian estava dizendo como ficou preocupado quando achou que ela estivesse morta, e estava chegando mais perto, e sua respiração estava ficando mais rápida...

– Você *quer* conversar? – O olhar dele estava nela, inseguro.

O rubor subiu por seu pescoço e se espalhou pelas bochechas. Ela queria conversar?

Não.

Só queria fingir que não tinha acontecido. Queria recomeçar.

Ela queria que ele tentasse beijá-la de novo porque, desta vez, ela não fugiria.

– Me... me desculpe – disse ela, molhando os lábios. – Acho que eu... fiquei com medo.

Era verdade. *Ainda* era verdade. Ela estava com medo. Com medo do que sentia por Adrian Everhart, um Renegado. Com medo de não conseguir fugir do sentimento, por mais que lembrasse a si mesma que ele era o inimigo.

Com medo porque sabia que não estava tentando se aproximar dele só porque Ace tinha sugerido. Era só uma desculpa

conveniente para fazer exatamente o que ela queria o tempo todo.

– Claro que você ficou com medo – disse ele. – *Eu* fiquei apavorado.

– Ficou?

– Mas você teve mais coragem do que eu. Eu fiquei paralisado e você... – Ele parou de falar.

Nova ficou olhando para ele, perplexa. *Ela* era corajosa? *Ele* ficou paralisado?

– Ainda assim, mesmo que a Detonadora fosse um monstro, sei que não deve ter sido fácil. Você matou uma pessoa e... – Ele levantou as duas mãos como se estivesse tentando acalmá-la, mas Nova não se chateou. Só ficou perplexa. – Você fez o que tinha que fazer, mas não deve ter sido fácil, e... eu só... se você quiser conversar, pode falar comigo.

– Sobre... ter matado a Detonadora – disse ela, enquanto seus pensamentos se reorganizavam na cabeça.

Lá estava ela, pensando num quase beijo, e Adrian queria conversar sobre a vez em que ela matou uma pessoa.

– Desculpe – disse Adrian. – Acho que eu não devia ter dito nada. Eu só achei...

– Não, tudo bem. Me ofereceram terapia por causa do trauma se eu quisesse, mas não achei que precisava. – E ela não ia revelar seus pensamentos mais profundos para um psiquiatra dos Renegados, mesmo que precisasse. – A questão é que matar a Detonadora não foi difícil. – Ela expirou e quis chegar mais perto de Adrian, mas tinha tanta coisa entre eles. Tanta história. A vida dela toda espalhada aos seus pés, e ela não conseguiu passar por cima.

– Não foi nada difícil. Ela estava fazendo mal àquelas pessoas e teria feito bem mais. – As palmas das suas mãos estavam ficando úmidas, mas ela se obrigou a sustentar o olhar de Adrian e falar a verdade, a falar o que soube na ocasião que era verdade. – Ela teria feito mal a você.

A surpresa surgiu no rosto dele.

– Nova...

Ela se virou, o coração disparado com o jeito como ele olhou para ela.

Ele repetiu:

– *Nova*.

Ela ergueu o rosto e Adrian estava sorrindo. Ele apontou para alguma coisa atrás dela.

Nova olhou. E murchou os ombros.

A marionete de Winston, Hettie, estava na prateleira mais alta acima da mesa antiga de Nova, as pernas de madeira penduradas na lateral, os olhos tristes voltados para eles como se ela estivesse ouvindo a conversa toda e tivesse achado muito desanimadora.

Ela segurou um gemido.

– Que ótimo.



DEPOIS QUE ADRIAN PEGOU a boneca, eles seguiram pelo armazém e encontraram Foto Instantânea conversando com Callum na seção dedicada a artefatos com propriedades de cura.

– Deveria ir para a parte de defesa – disse Callum, mostrando um pingente preto grande em uma corrente fina.

– Discordo – declarou Foto Instantânea, digitando alguma coisa numa etiquetadora manual. – O lugar é aqui, junto com os outros objetos de cura.

– Mas não *cura* – disse Callum.

– Protege de doenças – retorquiu Foto Instantânea.

– É, protege a pessoa pra que não fique doente, mas não faz nada se a pessoa já estiver doente. É preventivo. É uma medida de defesa. *Defesa*.

– Com licença – disse Adrian, chamando a atenção deles.

Callum abriu bem os braços.

– Nova, fala pra ela! O Amuleto da Vitalidade é de cura ou de defesa? – Ele mostrou o colar. O pingente redondo e grande estava pendurado na corrente. Parecia velho, velhíssimo, com um símbolo rudimentar marcado no que poderia ser ferro na forma de uma palma de mão aberta com uma serpente enrolada dentro.

Nova balançou a cabeça.

– Desculpe, Callum. Nunca ouvi falar.

Ele encolheu os ombros.

– Bom, tudo bem... é mais usado como proteção contra venenos e doenças, mas teve também um relato de ter desviado um ataque sugador de energia feito por um prodígio.

– Legal – disse Adrian. – Posso ver?

Callum entregou o pingente para ele.

– Está na parte de cura há anos, mas não faz sentido.

– Tudo bem, Callum, tudo bem – disse Foto Instantânea, pressionando uma etiqueta na beirada de uma prateleira. – Pode botar onde você quiser. Oi, Adrian. Eu soube que você foi olhar a sala dos Anarquistas. Encontrou o que estava procurando?

– Na verdade... – Adrian mostrou a marionete. – Posso ter autorização para retirar?

Ela botou a etiquetadora de lado e pegou a marionete da mão dele. Tirou os óculos de gatinha da cabeça e inspecionou a boneca de todos os ângulos. Depois de um momento longo e silencioso, ela devolveu Hettie a Adrian.

– É só uma marionete mesmo – confirmou ela. – Não tem nada de extraordinário. Você tem minha permissão pra tirar do armazém. Callum, você pode anotar na base de dados?

– Legal, obrigado – disse Adrian. Ele foi devolver o medalhão para Callum, mas hesitou. Olhou melhor para o desenho e franziu a testa.

Nova chegou mais perto para tentar ver o que tinha capturado o interesse dele, mas era só um pingente grande e feio, pelo que ela podia perceber. Se bem que era capaz de proteger de doenças. Ela

se perguntou até que ponto. Um resfriado normal? Peste negra? Tudo que havia entre um e outro? E por que não estava no hospital, e sim pegando poeira lá?

– Isto está disponível para retirada também? – perguntou Adrian.

– Claro – respondeu Callum. – Mas, quando você devolver – ele olhou intensamente para Foto Instantânea –, vou botar na parte de defesa.

Ela fez sinal para eles irem embora.

– Só se lembre de preencher o formulário, sr. Everhart – disse ela. – Nova pode ajudar com isso.

Nova abriu um sorriso tenso.

– Por aqui.

CAPÍTULO DEZESSETE



WINSTON PRATT SEGUROU A marionete com as duas mãos e olhou para o rosto triste com indiferença aparente. Adrian não sabia o que esperar quando levou o boneco para ele. A terapeuta insistiu em estar presente e comentou que objetos que eram importantes e de valor sentimental para um paciente podiam resultar em explosões fortes de emoção, *tanto* positivas *quanto* negativas. Por isso, Adrian se preparou para gritinhos de satisfação ou soluços desesperados. Mas não para a apatia total.

Nem para a confusão quando Winston inclinou a cabeça para um lado e para o outro. Ele parecia estar inspecionando o rosto do boneco, mas Adrian nem fazia ideia do que ele estava procurando.

– E então? – disse Adrian, a paciência no limite. A terapeuta olhou para ele de cara feia, mas ele ignorou o olhar. – É o Hettie, não é?

– Sim – disse Winston Pratt. – É o Hettie. – Ele passou o polegar na lágrima preta na bochecha da marionete, como se tentando limpar a tinta. Não adiantou. Ele segurou o boneco com as duas mãos, levou-o à altura dos olhos e sussurrou: – *Você fez isso comigo.*

Adrian lançou um olhar à terapeuta. Ela pareceu preocupada, como se estivesse pronta para interferir e desviar a atenção de

Winston para assuntos mais alegres ao primeiro sinal de problema. Depois de limpar a garganta, ela deu um passo sutil para a frente.

– O que o Hettie fez com você, sr. Pratt?

Winston ergueu o olhar, sobressaltado, como se tivesse esquecido que eles estavam lá. Seu lábio se curvou de irritação.

– Hettie é uma marionete – disse ele, sacudindo o boneco de forma que a cabeça de madeira se movesse para a frente e para trás. – Ele não pode fazer nada que não tenha sido feito para fazer.

A terapeuta piscou sem entender.

– Sim – disse ela lentamente –, mas você disse...

– É o que ele simboliza – disse Winston. A indiferença dele sumiu e seu rosto ficou tomado de emoção de repente. A testa se franziu, os olhos arderam. A respiração ficou irregular. – É o que ele fez! – Com um grito, ele moveu o braço e jogou a marionete, que bateu na parede e caiu no chão, os membros virados em ângulos estranhos.

Adrian ficou olhando, paralisado, e se perguntou se devia voltar em uma ou duas horas.

Nesse momento, Winston respirou fundo e riu de forma quase tímida.

– Eu não tive a intenção de fazer isso. – Ele olhou para Adrian. – Você pode pegar pra mim de novo, por favorzinho?

Como a terapeuta não fez nenhuma objeção, Adrian pegou o boneco do chão. Winston o arrancou da mão dele e passou mais um momento tentando raspar a lágrima com a unha, para depois bufar de irritação e colocar Hettie ao seu lado.

Ele encarou Adrian e deu de ombros com uma certa tristeza.

– Eu não devia ter descontado minha raiva no pobre Hettie – disse ele, fazendo carinho no cabelo laranja do boneco. – Não é culpa dele.

Adrian forçou um sorriso, sem saber como responder. Ele esperou dez segundos e levantou as sobrancelhas.

– E aí?

– E aí? – disse Winston.

Adrian começou a fechar as mãos em punhos e teve que enfiá-las nos bolsos numa tentativa de não deixá-las tão evidentes.

– Nós tínhamos um acordo. A marionete em troca de informações. Você prometeu me dizer quem matou minha mãe.

Winston estalou a língua.

– Não, não. Eu prometi contar uma coisa que você ia querer saber.

Adrian apertou ainda mais a mão até conseguir sentir as unhas penetrando na palma. Ele sabia que não devia ter confiado num Anarquista. Sabia.

Ele estava a dez segundos de dar um pulo e arrancar a marionete do vilão quando Winston começou a sorrir. Com provocação e malícia.

– E eu *vou* contar uma coisa que você quer saber. Mais do que você imagina.

Adrian prendeu o ar.

– Você me disse que viu a Detonadora matar a Pesadelo – disse Winston. – Que você estava *lá*. Mas... lamento informar, jovem mestre Everhart, que você se enganou. – Os olhos dele cintilaram. – Nossa preciosa Pesadelo está bem viva.



ELE FOI ATÉ O escritório do Conselho primeiro, mas só Luz Negra estava disponível. Adrian achava que podia ter contado para ele, que estava numa posição tão alta quanto qualquer um dos outros. Mas, não; ele precisava falar com seus pais primeiro. Eles sabiam toda a história da busca dele pela Pesadelo. Sabiam por que era tão importante para ele.

Mas, de acordo com Prisma, o Capitão Cromo e o Guardião Terror tinham saído para jantar com o representante da segurança alimentar de Gatlon e só voltariam ao escritório no dia seguinte. Apesar da pressão de Adrian, ela se recusou a dizer aonde eles

tinham ido; não seria apropriado divulgar essa informação nem para e/e, disse ela, pedindo desculpas intensamente.

Por isso, ele foi para casa trincando os dentes pelo caminho todo.

Winston Pratt se recusara a dizer qualquer outra coisa, por mais que Adrian pedisse e por mais que oferecesse pertences dos Anarquistas como suborno, até a terapeuta ficar irritada. Pratt nem se abalou. Tinha dado a informação que pretendia dar e sua boca era um túmulo. Ele até fez um gesto de zíper sobre os lábios para provar isso.

Era tão *irritante* saber que ele tinha mais informações, mas se recusava a compartilhá-las. Adrian teria dado uns tapas na cabeça de Pratt se achasse que a terapeuta ia permitir.

A Pesadelo estava viva.

Ele sabia. De alguma forma, ele *sabia*. Ela não tinha morrido naquela explosão. Tinha escapado quando ele estava distraído com as bombas explodindo no parque. Ela ainda estava à solta.

E havia uma chance de ele a encontrar. Havia uma chance de ele encontrar a ligação dela com o assassino de sua mãe.

Ele estava andando de um lado para o outro da sala de jantar havia quase duas horas quando a porta da frente finalmente se abriu e a gargalhada estrondosa de Hugh ecoou pela casa. Adrian correu até o saguão. Seus dois pais estavam sorrindo, mas as expressões sumiram quando seus olhares pousaram nele.

– A Pesadelo está viva – disse ele subitamente. – Winston Pratt confirmou. Ela não foi morta pela Detonadora. Ainda está por aí!

– Opa, opa, opa – disse Hugh, levantando as mãos. – Vai devagar.

Adrian fez uma pausa para respirar fundo. Seus pais tiraram as jaquetas e ele falou de novo.

– Quando conversei com Winston Pratt no outro dia, nós fizemos um acordo. Se eu levasse a marionete dele, ele responderia a uma das minhas perguntas.

– Sim, nós sabemos – disse Simon. – Nós tivemos que aprovar a ideia.

– Certo – disse Adrian. – Bom, eu levei a marionete, e hoje ele me disse que a Pesadelo não está morta. Ela nos enganou!

Os dois o encararam, as jaquetas de lã sobre os braços.

– E como exatamente ele sabe disso? – questionou Simon.

Adrian passou a mão pelo cabelo.

– Não sei. Ele não quis dizer mais nada, mas parecia ter certeza.

– Ele está preso há meses – disse Hugh –, sem contato com o mundo externo. Não teria como saber se a Pesadelo está viva ou não.

– Sinto muito, Adrian, mas Hugh está certo. Ele só está tentando te distrair... nos distrair. É uma técnica clássica de vilões. Nos fazem olhar para alguma coisa aqui enquanto fazem planos para nos atacarem lá. Nós temos que manter o foco para encontrar Espinheiro e o resto dos Anarquistas, não caçar um fantasma.

– Não, mas... – Adrian parou de falar. Seu olhar foi de um para o outro, e ele sentiu o golpe repentino da pena. Ele se balançou nos calcanhares. Não queria acreditar neles, mas não conseguia explicar por que estava convencido de que Winston Pratt estava contando a verdade.

Porque você quer que seja verdade, sussurrou uma voz. Seu subconsciente irritante.

Se não era verdade, o rastro para encontrar o assassino da sua mãe estava perdido de novo, voltava a ser uma vaga esperança de que talvez, talvez um dos outros Anarquistas pudesse saber de alguma coisa. Isso se eles fossem encontrados de novo.

E significaria que ele tinha sido enganado por um vilão horrível. Ele tinha entrado nos túneis, procurado no armazém dos artefatos. Podia ter sido uma missão armada, sem prêmio a ser conquistado no final?

– Sinto muito – disse Hugh, mas Adrian o interrompeu com um movimento da mão.

– Não sinta. Eu... devia ter pensado nisso tudo antes de deixar que ele me abalasse. Eu só...

– Você queria que fosse verdade – disse Hugh. – Nós entendemos.

– É, bom... – Adrian limpou a garganta. – Como foi o jantar?

Hugh bateu nas costas de Adrian quando seguiu na direção da escada.

– Longo.

– Mas... – disse Simon, revelando uma caixa de papelão de comida que estava invisível na mão dele – a gente trouxe cheesecake pra você.

Pareceu um pequeno consolo, mas Adrian o aceitou.

Ele foi até seu quarto, no porão da mansão, o garfo em uma das mãos e a sobremesa na outra. O porão era enorme, embora ainda estivesse inacabado, pois o trabalho dos seus pais para reformar a casa tinha sido mais voltado para os andares acima. Adrian tinha domínio sobre o que acontecia lá embaixo, o que, até o momento, significava que ele tinha montado algumas prateleiras com bonecos de ação e alguns dos seus desenhos favoritos de quadrinhos, a maioria de artistas que eram prolíficos antes da Era da Anarquia. Também havia sua cama, um sofá pequeno, uma escrivaninha e um rack com videogames e uma televisão. Não era um ambiente luxuoso, mas era dele.

Ele se jogou no sofá. Não sabia com quem estava mais frustrado. Seus pais, por não estarem dispostos nem a considerar que Pesadelo podia ainda estar viva. Ou Winston Pratt, por revelar uma informação potencialmente falsa e quase certamente inútil. Ou com ele mesmo, por acreditar nele. Por *ainda* acreditar nele, apesar da lógica das palavras dos seus pais.

Ele botou alguns pedaços de cheesecake na boca, mas não estava nem sentindo o gosto. Sua mente repassava a briga no parque de diversões de novo. O momento em que a Detonadora

jogou a bomba na Pesadelo e Adrian a viu tentar desviar da explosão.

Tentar... e falhar? Ele não teve certeza na hora e não tinha certeza agora. O que sabia era que não tinham encontrado o corpo dela, nem pedaços, por mais nojento que o pensamento fosse.

Só a máscara.

Mas que importância tinha? Mesmo que Winston estivesse certo e ela estivesse viva, Adrian não estava mais perto de encontrá-la. Não tinha mais pistas para investigar. Nem dicas para seguir. Ele achava que podia revirar as coisas dos túneis do metrô, mas só de pensar ele já sentia dor de cabeça. E se os investigadores não encontraram nada de útil, por que ele achava que se sairia melhor?

Depois de comer metade da fatia de torta, Adrian se levantou e andou até a mesa. Remexeu lá até encontrar um lápis de carvão.

Ele desenharia por um tempo. Sempre ajudava a concentrar seus pensamentos, ou ao menos a acalmá-los.

Depois de pegar um caderno em espiral na prateleira, ele se sentou e encontrou uma página em branco. Deixou que o carvão guiasse seus dedos e fizesse formas apressadas e sombras afoitas no papel até uma imagem começar a tomar forma.

Samambaias enormes. Uma escadaria coberta de musgo. Uma figura com capa assombrando o fundo.

Um tremor percorreu Adrian com tanta força que o carvão fez uma linha escura na paisagem, estragando a imagem. Adrian se sentou mais ereto. A figura estava virada, e, por um momento, seu subconsciente resgatou imagens do monstro que assombrou seus pesadelos quando criança. Havia anos que ele não pensava naqueles terrores, mas contar a Nova sobre eles tinha despertado um sentimento de impotência que ele teria preferido deixar enterrado.

Mas, quando viu o todo do desenho, ele percebeu que não era o monstro que ele estava desenhando. Era a estátua.

A estátua do Parque da Cidade.

Aquilo não era o *seu* sonho, era o de Nova.

Adrian afastou o caderno quando uma ideia se apurou na mente dele. Olhou para a porta fechada que separava seu quarto do único outro aposento concluído no porão, embora “concluído” fosse um termo subjetivo. Tinha quatro paredes e um teto, tudo coberto de drywall, mas não muito mais do que isso. Não havia acabamento, nem textura, nem mesmo janelas.

Ele se levantou segurando o caderno enquanto abria a porta. Ao entrar na escuridão, ele balançou o braço até a mão bater numa corrente fina. Com um puxão, ele acendeu a lâmpada exposta no centro do teto.

Quando eles foram morar lá, Adrian chamou o espaço de seu “estúdio de arte” com uma certa ironia. Desenhou um cavalete, uma segunda mesa de trabalho e uma estante para guardar seus livros, que ele admitia estar um pouco torta. Fora isso, o espaço continuava vazio e meio abandonado.

Ele fez um círculo completo e inspecionou as paredes brancas expostas.

Seu olhar se voltou para o desenho.

E para cima. Espaço branco. Vazio. Uma tela esperando para ser preenchida.

Ele olhou para o escasso material de artes que tinha acumulado ao longo dos anos enquanto uma visão tomava seus pensamentos.

Adrian se virou, voltou para o quarto e subiu a escada barulhenta. Encontrou Hugh na frente da televisão na sala, depois de ter trocado de roupa e colocado uma calça de moletom e uma camiseta velha de triatlo. (Ele foi comentarista, não competidor, pois teria sido muito injusto.)

– Chega de falar da Pesadela hoje – disse Hugh sem nem tirar o olhar da televisão. – Por favor. – Ele foi mudando de canais até chegar no noticiário.

Adrian amarrou a cara.

– Eu nem ia falar.

Hugh olhou para ele sem acreditar.

– Eu só queria perguntar se posso pintar meu estúdio.

– Que estúdio?

– Aquele meu estúdio de arte. O espaço vazio lá embaixo ao lado do meu quarto.

– O depósito?

Adrian empurrou os óculos.

– Se *depósito* foi o código pra “coisas de desenho do Adrian”, sim.

– Acho que ele quer dizer o quarto que planejávamos usar como armazenamento – disse Simon, aparecendo atrás de Adrian com uma tigela de pipoca –, mas acabamos não precisando dele.

– Isso, ele mesmo. Posso pintar?

Simon se sentou no sofá e apoiou os pés na mesa de centro.

– Por mim, tudo bem.

– Legal. Alguma ideia de onde posso encontrar tinta acrílica vendida por galão? – Assim que perguntou, ele levantou a mão. – Querem saber? Podem deixar pra lá. Tenho uma caixa velha de giz pastel lá embaixo. Posso fazer minha própria tinta.

– Por que tenho a sensação de que não estamos falando de um bege neutro com acabamento fosco? – questionou Hugh.

Adrian sorriu.

– Faz alguma diferença?

– Bom, não.

– Foi o que pensei. Valeu!

– Opa, opa, opa – disse Hugh, tirando o som da televisão. – Essa conversa não acabou.

Adrian parou com um pé já na porta da sala.

– Não?

Hugh suspirou.

– Quinze minutos atrás, você estava pronto pra organizar uma caçada de grandes proporções pra achar a Pesadelo e agora vai

pintar um quarto? Por que você não para vinte segundos e nos conta o que está fazendo?

Adrian se irritou.

– Bom, eu *não* vou atrás da Pesadelo, e nem da Espinheiro, aliás, assim como também não vou fazer patrulha, considerando que minha equipe ainda está esperando o pedido de reincorporação. Então, preciso me ocupar, né?

– Adrian – disse Simon em tom de aviso.

Hugh pareceu igualmente irritado, e, por algum motivo, Adrian teve uma lembrança da mãe, tantos anos atrás, olhando para ele com severidade e o dedo esticado insistindo para que ele se *comportasse, juvenzinho*.

Ele se controlou rápido.

– Vou pintar um mural.

Hugh ergueu as sobrancelhas com interesse.

– Mural?

– É. A ideia ainda está bem recente. Posso...? – Ele fez um gesto na direção do saguão.

Simon olhou para Hugh com expressão exasperada.

– Quando ele ficou tão adolescente assim?

– Adrian – disse Hugh, enfiando um pouco de pipoca da tigela de Simon na boca –, a gente só quer conversar com você por um minuto. Você está parecendo tão distante desde... bom, desde o parque Cosmopolis.

Apesar de ele não ter falado como acusação, Adrian ficou na defensiva. *Ele* estava distante? Os dois que sempre estavam ocupados tentando governar todo o mundo civilizado.

Mas ele sabia que não devia dizer isso.

– Vocês andam ocupados. Com a morte da Detonadora e o anúncio do Agente N e tudo mais, eu não queria incomodar.

– Você nunca nos incomoda – disse Simon. – Sempre é nossa maior prioridade, não importa o que mais temos que resolver. Sei

que não temos te dado muita atenção ultimamente, mas isso não quer dizer que não reparamos como você mudou.

Adrian sentiu as tatuagens no corpo formigarem.

– Eu não mudei – insistiu ele.

O comentário levou a um ruído debochado dos *dois* pais. Ele amarrou a cara.

– Como estão as coisas entre você e Nova? – perguntou Hugh.

Adrian olhou para ele com surpresa e, pela primeira vez, começou a se arrepender de ter ido lá. Ele devia ter pintado o quarto sem nem perguntar. Eles nem desciam lá. É provável que eles só descobrissem depois que ele tivesse saído de casa. Mas não... ele estava se esforçando para ser responsável e era isso que recebia em troca.

– Como assim?

– Vocês dois estão... namorando?

Como Adrian reagiu com um olhar meio horrorizado, Hugh levantou as mãos com as palmas viradas para ele.

– A gente pode perguntar, não pode?

– Nova é minha amiga – disse Adrian rapidamente para acabar com o assunto. – Nós estamos bem. Não quero falar sobre isso.

Simon grunhiu e cantarolou baixinho:

– Eu te disse...

Adrian ficou se perguntando o que exatamente ele tinha dito para Hugh e quanto tempo havia que sua vida amorosa (ou a inexistência dela) era assunto de conversa.

– Tudo bem – disse Hugh. – Peço desculpas por ter tocado no assunto. Eu só... só espero que você saiba que sempre pode conversar com a gente. – Ele abriu um sorriso encabulado, como se não conseguisse acreditar no quanto aquela era uma fala de pai.

– Sobre qualquer coisa – reforçou Simon.

Adrian assentiu. Apesar de aguentar aquela conversa ser a última coisa que ele queria estar fazendo no momento, ele tinha que admitir que era bom ser lembrado de que seus pais se importavam

com ele, mesmo que ele não acreditasse que era a prioridade principal dos dois, como eles alegaram. Normalmente, isso nem era problema. Eles eram os maiores super-heróis do mundo. O que ele esperava?

– Claro, pai. – Ele olhou para Simon. – E pai. Juro que estou bem. Então... – Adrian chegou mais perto da porta. – Posso ir agora?

Hugh bufou e balançou a mão para Adrian.

– Tudo bem. Volta pra sua solidão. Vai fazer sua obra de arte.

Adrian deu um aceno rápido para os dois e correu para o corredor antes que eles decidissem conversar sobre assuntos mais íntimos de pais para filho.

Chegou no andar de baixo num piscar de olhos e remexeu numa caixa de artigos velhos de arte. Vários deles tinham sido reunidos por sua mãe quando ele ainda era criança e estava aprendendo a desenhar. Havia gizes de cera quebrados e pincéis com as cerdas ressecadas e grudadas, e um conjunto de aquarela em que todas as cores tinham se misturado e virado um marrom-esverdeado.

Ele encontrou os pastéis num saco plástico. Embora muitos estivessem quebrados e meio derretidos, ele ficou feliz de ver a variedade de cores que encontrou.

Depois de se sentar de pernas cruzadas na frente da parede, ele começou a desenhar uma coleção nova de materiais. Uma série de latas de tinta, cada uma com tons intensos terrosos e matizes azuis tropicais.

Em minutos, estava com latas de tinta espalhadas no piso de concreto, além de um conjunto de pincéis novinhos.

Ele olhou para as paredes brancas mais uma vez e começou a pintar.

CAPÍTULO DEZOITO



NORMALMENTE, OS SALÕES DE TREINAMENTO, localizados no subsolo do QG dos Renegados, eram uma agitação só. Era lá que os Renegados treinavam corrida pelos vários obstáculos e testavam novas técnicas com seus poderes. Mas, quando Nova chegou ao local no primeiro dia do treinamento do Agente N, o salão amplo estava tomado por um silêncio estranho e nervoso.

Pela primeira vez, ninguém estava levantando peso nem dando socos, ninguém estava manipulando a água da piscina enorme nem dando estrelas através de aros em chamas, ninguém estava percorrendo uma corda bamba nem escalando paredes. O salão todo tinha sido reservado para as unidades de patrulha que trabalhariam com a nova arma química pela primeira vez, e o efeito fez o salão parecer sem vida e comum.

A pele de Nova ficou arrepiada quando ela seguiu pela passarela comprida que ocupava o comprimento do salão. Tinha chegado cedo e só havia uns doze Renegados esperando perto dos alvos de projéteis, inclusive Adrian, embora não houvesse sinal de Oscar, de Ruby e nem de Danna ainda. Adrian estava conversando com Eclipse, líder de uma das outras patrulhas.

Nova soltou o ar devagar.

Durante toda a manhã, sua mente foi marcando a lista crescente de prioridades.

Primeiro: controle de danos. Ela precisava saber o que Winston tinha contado a ele e garantir que seu segredo continuava protegido.

Depois disso, seus objetivos eram um pouco mais vagos. Aproximar-se de Adrian. Conquistar a confiança do Conselho. Descobrir mais sobre o Agente N. Descobrir como usar o Agente N contra os Renegados.

E, claro, acima de tudo... devolver o elmo do Ace. Tudo se encaixaria, ela sabia, se ao menos pudesse devolver o elmo ao seu verdadeiro dono.

Até onde ela sabia, Adrian Everhart era sua melhor esperança. Ele achava que seus poderes conseguiriam abrir a caixa. Nova encontraria um jeito de fazer isso acontecer. Ela não seria rejeitada de novo. Alguma coisa aconteceu entre eles no parque. Ela sabia que não estava imaginando a forma como a respiração dele ficou mais curta. O jeito como o olhar dele ardeu para ela.

Ainda havia alguma coisa lá. Talvez ela o tivesse magoado no parque de diversões, e talvez os muros que ele ergueu na semana anterior fossem resultado da rejeição dela, e talvez fosse levar um tempo e muita persistência para derrubar os muros.

Mas Nova gostava de um desafio.

Ela empertigou os ombros e desceu uma das escadarias estreitas na direção da área de treinamento. Adrian olhou e reparou nela. Ele começou a sorrir, por reflexo, ela sabia. Ele sorria para todo mundo.

Ainda assim...

Com o foco em Adrian, Nova perdeu a noção de quantos degraus tinha descido. Avaliou mal o último e quase caiu para a frente, mas conseguiu se segurar no corrimão.

Ela ficou de pé, as bochechas já vermelhas.

Sobressaltado, Adrian correu até ela.

– Tudo bem?

– Tudo – respondeu ela, puxando os punhos do uniforme. – Estou bem.

O sorriso de Adrian se alargou e ele parecia querer pegar no pé dela, mas se controlou.

Nova endireitou a postura e abriu um sorriso brilhante no rosto, deixando-o paralisado.

– E como foi com o Titereiro?

Adrian piscou, e na mesma hora Nova percebeu que tinha que segurar o entusiasmo. Ela diminuiu o tom de alegria e fechou a mão no cotovelo dele. Ele ficou tenso, mas não resistiu quando ela o puxou para a sombra da passarela, longe das unidades de patrulha que aguardavam.

– Ele disse alguma coisa... de útil?

Ele estava contemplando a mão dela, ainda no seu cotovelo, e logo a puxou para longe. Foi uma mudança sutil, mas não sutil o suficiente. O coração de Nova se apertou.

– Não... exatamente – disse ele.

– Ah, é?

Ele fixou a atenção nela, e Nova percebeu que ele não planejava contar a ela como foi o encontro com Winston. Seu estômago ficou embrulhado. O que significava? O que Winston tinha dito?

– Na verdade... – disse ele lentamente –, lembra que falei que eu não estava *totalmente* convencido de que a Pesadelo está morta?

A pele dela ficou gelada.

– L-lembro.

– Bom. – Ele massageou a nuca. – Winston Pratt concorda.

Sua boca se moveu, mas nenhuma palavra saiu.

– Ele me disse que a Pesadelo não está morta. Pareceu ter *muita* certeza. Mas... depois que falei com meus pais, eles lembraram que ele está na prisão desde antes da morte dela e não tem como ele saber se ela está viva ou não. Então... parece que fui enganado.

Ela piscou.

– Ah... é?

Ele deu de ombros.

– Sei lá. Ele foi tão convincente. Mas, obviamente, ele sabia que a Pesadelo estar viva me distrairia, considerando o interrogatório da última vez. Quanto mais eu penso, mais parece provável que ele estivesse brincando comigo. Como se eu fosse – ele revirou os olhos – uma *marionete*.

– Uau – refletiu Nova, apertando a mão no antebraço dele. – Adrian... sinto muito

E estou tão, tão aliviada, pensou ela.

Adrian olhou para ela e, desta vez, não se soltou logo do toque dela.

– Não foi só perda de tempo. Se eu não tivesse ido ao departamento de artefatos, não saberia sobre o Amuleto da Vitalidade. Fiz umas pesquisas e o que ele faz é incrível.

– Ah, é? Você devia passar um dia comigo no cofre qualquer hora dessas. Tem *muita* coisa legal lá. Não sou especialista nas coisas como o Callum, mas... eu poderia mostrar umas coisas especiais.

O sorriso de Adrian se alargou e lá estava de novo. O olhar semicerrado. A corrente de eletricidade que parecia brilhar no lugar onde a mão dela tocava seu braço.

– Eu gostaria disso – disse ele.

Nova sorriu.

– Eu também.

– Oh-oh. – Era a voz de Oscar.

Nova puxou a mão. Virou-se e viu Oscar, Ruby e Danna parados ao lado da escada. Oscar balançou o dedo na direção de Nova e de Adrian.

– Tem alguma coisa rolando aqui? Parece que tem alguma coisa rolando aqui.

– Procurando um cantinho a sós embaixo da passarela? – disse Danna com um sorrisinho debochado. – Definitivamente, tem.

– Melhor a gente dar privacidade pra eles. – Ruby passou os braços em volta de Oscar e de Danna e os virou para o outro lado.

– Muito engraçado, pessoal – disse Adrian, correndo atrás deles.
– A gente só estava conversando.

– Não foi o que pareceu... – disse Oscar, mas parou. – Na verdade, foi o que pareceu, sim.

Nova deu um suspiro e foi atrás.

– Está animada? – perguntou Danna.

Embora a expressão dela estivesse neutra, Nova sentiu na mesma hora o corpo sintonizado nela, como se avaliando uma ameaça. Desde a reunião em que o Agente N foi relevado, ela sentiu uma mudança em Danna. Uma desconfiança, uma distância, uma armadilha nas palavras dela. No jeito como seus olhos pareciam seguir Nova sempre que elas estavam juntas.

– Animada? – perguntou Nova, tentando atingir o mesmo nível de indiferença que Danna exibia.

– Com o treinamento do Agente N. – Danna apontou para a estação onde dezenas de pistolas tinham sido posicionadas na frente de vários alvos. – Estou curiosa pra ver o que vão nos mandar fazer hoje.

Nova engoliu em seco sem saber direito o que Danna queria que ela dissesse. Nova não foi sutil na hora de manifestar sua reprovação ao Agente N, mas sabia que teria que dançar conforme a música se quisesse evitar levantar mais alarmes.

Ela relaxou a mandíbula para responder.

– Eu só quero ser a melhor Renegada que puder ser.

O olho de Danna tremeu, e, apesar de ela não ter dito nada, Nova percebeu que ela não ficou convencida.

Nova ficou agradecida quando Pássaro do Trovão entrou no meio das unidades de patrulha, as asas pretas dobradas nas costas.

– Bom dia, Renegados. Hoje começa nosso período oficial de treinamento do Agente N. Vocês são nosso segundo grupo de patrulhas e estou feliz em dizer que, até agora, o treinamento tem sido ótimo. Não duvido que vocês também excedam as

expectativas. – Ela voltou um olhar tranquilo para as unidades reunidas. Quase pareceu uma ameaça.

Danna deu um passinho para trás, e Nova lembrou que ela disse uma vez que tinha um certo medo da Pássaro do Trovão. Na ocasião, ela fez uma piada: aves eram predadores naturais de borboletas, observara ela. Mas, agora, Nova sentiu a intimidação da Conselheira na pele.

Ela observou as outras unidades de patrulha reunidas no salão. Havia seis, e, embora Nova já conhecesse a maioria, sua atenção se fixou em Geladura e seu grupo, que pareciam mais ansiosos do que todo mundo para começar.

Gárgula a pegou olhando e fez expressão de desprezo, exibindo dentes pretos de pedra.

Pássaro do Trovão colocou uma pasta numa mesa, e o coração de Nova pulou quando ela a reconheceu como sendo a mesma pasta que a dra. Hogan mostrou na reunião. E, realmente, quando Pássaro do Trovão levantou a tampa, eles viram 19 frascos de líquido verde. O vigésimo espaço estava vazio, não tinha sido substituído depois que eles neutralizaram Winston.

Nova lambeu os lábios e praticamente salivou por causa dos frascos. Quase não conseguiu se segurar para não tocar na bolsinha do cinto, onde um frasco idêntico estava guardado, cheio da mistura que Leroy preparou de acordo com as especificações dela: uma mistura de tinta de caneta, tinta acrílica e amido de milho para engrossar a mistura. Nova teve medo de sua memória não conseguir replicar a substância muito bem, mas, ao observar as fileiras de frascos, ficou claro que eram quase idênticos.

Seus dedos tremeram, mas ela sabia que precisava ser paciente.

Uma oportunidade apareceria. Ela só precisava esperar.

Pássaro do Trovão tirou um dos frascos e o mostrou para as patrulhas reunidas.

– Hoje, vamos fazer uma série de exercícios elaborados para deixar vocês mais à vontade com os diferentes métodos que podem

precisar usar em campo para neutralizar um prodígio com o sêrum do Agente N. Vamos praticar com um sêrum falso, claro. Mas, primeiro, vamos discutir algumas questões de logística e as precauções na hora de usar o Agente N. – Quando ela virou o frasco de um lado para o outro, o líquido escorreu como mel. – Como vocês podem ver, o sêrum é bem grosso. Precisa entrar no fluxo sanguíneo do prodígio e chegar no cérebro para ter efeito. Nossos cientistas descobriram que, quando o sêrum chega ao cérebro, a transformação começa imediatamente e é completada em segundos, como vocês testemunharam com o Titereiro. O tempo que o sêrum demora pra chegar ao cérebro depende de como e em que parte do corpo é administrado. Quando injetado de forma intravenosa, chega ao cérebro em menos de um minuto na maioria dos prodígios dependendo da frequência cardíaca.

Nova apertou os dedos nos cotovelos. *Nossos cientistas descobriram...*

Ela pensou de novo nos criminosos trancafiados na Penitenciária Cragmoor. Quantos tinham sido usados de cobaias enquanto os cientistas aperfeiçoavam aquela arma?

Arraia levantou um dedo.

– E se for um prodígio de sangue frio?

– Ou que não tem sangue? – acrescentou Gárgula.

Nova apertou os olhos para ele. A pele de Trevor Dunn, o Gárgula, podia ser capaz de se transformar em pedra, mas ela ainda tinha quase certeza de que ele tinha sangue. Talvez chegasse o dia em que ela pudesse testar essa teoria...

Ao seu lado, Danna murmurou:

– E se não tiver cérebro?

As bochechas de Nova tremeram e ela esqueceu por um momento que devia ser cautelosa com Danna.

– São boas perguntas – disse Pássaro do Trovão. – Há muitas exceções e circunstâncias incomuns na ampla variedade de prodígios, e vamos falar disso tudo na segunda sessão de

treinamento. Pra hoje, saibam que mais de noventa e cinco por cento de todos os prodígios serão neutralizados um minuto depois da administração do sêrum. Como falei, precisa entrar no fluxo sanguíneo, e, devido à densidade, vai ser ineficiente se aplicado de forma tópica. Mas vocês têm algumas opções. A mais óbvia é por uma injeção diretamente numa veia ou artéria. Uma injeção no coração vai ter ação particularmente rápida. Vocês também podem administrar o sêrum por uma ferida aberta, embora isso possa desacelerar o processo. Além do mais, o sêrum pode ser administrado oralmente para depois ser absorvido pelo fluxo sanguíneo pelas paredes do estômago. Entretanto, como não esperamos que muitos prodígios bebam o sêrum por vontade própria, não esperamos que essa seja uma opção viável na maioria dos casos.

– E se for inalado? – perguntou uma garota chamada Cometa Prateado. – Pode ser usado como gás?

– Em teoria, pode – disse Pássaro do Trovão. – O líquido pode ser vaporizado e, se inalado, vai acabar chegando ao cérebro. No entanto, é importante lembrar que somos todos tão suscetíveis aos efeitos do Agente N quanto os nossos inimigos, e, no momento, não temos meios de nos proteger. Tentar usar o sêrum numa outra forma, como a de uma bomba de gás, seria arriscado demais.

Pássaro do Trovão colocou o frasco do Agente N de volta na pasta e tirou um dardo pequeno de um bolso. Nova engoliu em seco. O dardo era quase idêntico ao projétil com veneno que ela já tinha usado para tentar matar o Capitão Cromo. Nova levou a mão à caneta que ela sempre carregava no cinto de armas, o que ela havia elaborado muito tempo antes com um compartimento secreto. Não dava para ter certeza sem olhar melhor, mas ela desconfiava que um dos dardos do Agente N caberia direitinho ali dentro.

– Quando o treinamento terminar – disse Pássaro do Trovão – e tivermos revelado publicamente a existência do Agente N, vocês serão equipados com pistolas especiais e dardos como este aqui.

Hoje, os dardos estão vazios, e as armas perto do estande de tiro – ela indicou o local – já estão carregadas. Agora, quero que todos peguem um...

– Tenho uma pergunta – disse Nova.

Pássaro do Trovão olhou para ela.

– Pode falar.

– Vai haver alguma consequência para os Renegados que abusarem do Agente N?

– Abusarem?

– Isso é uma responsabilidade enorme – disse ela. – Não estou convencida de que nós, como indivíduos, estamos qualificados para tomar a decisão importantíssima de um prodígio poder ou não manter os poderes, mesmo aqueles encontrados violando a lei.

Pássaro do Trovão abriu um sorriso, mas de lábios apertados.

– Não há responsabilidade maior do que proteger e servir aos cidadãos desta cidade, e o resto do Conselho e eu confiamos integralmente na avaliação das nossas unidades de patrulha.

– Certo, mas não deveria haver algum tipo de limitação? Uma forma de lidar com qualquer pessoa que possa decidir usar o Agente N como punição, ou para ganho pessoal, ou numa situação em que não era necessário? E se um Renegado neutralizar alguém por, digamos, roubar uma barra de chocolate? Isso é abuso de poder, não é? Eu só quero saber qual seria a consequência pra uma coisa assim.

Pássaro do Trovão sustentou o olhar dela por um bom tempo.

– Suas preocupações são relevantes. Vou discutir as potenciais consequências com o resto do Conselho e vamos enviar um memorando com nossas decisões.

– Um memorando? – disse Nova com uma risada debochada. – Ah, que bom. Todos os memorandos são sempre levados muito a sério.

– O que é isso, uma aula de ética básica? – murmurou Genissa Clark num volume de voz alto o bastante para todo mundo ouvir.

– *Além disso* – disse Pássaro do Trovão, o tom severo –, durante nossa próxima sessão de treinamento nós vamos discutir que fatores esperamos que sejam considerados durante um conflito antes que o Agente N seja administrado. Nós confiamos no julgamento de vocês, mas vamos oferecer instruções a serem seguidas quando vocês estiverem considerando se neutralizar um oponente é a melhor ação a tomar. – Ela olhou para Nova como se estivesse esperando para ver se a resposta era adequada.

Não era, claro, mas, sentindo o olhar de Danna, Nova segurou a língua.

– Muito bem. – Pássaro do Trovão apontou para o estande de tiro. – Peguem uma arma, por favor.

As equipes foram na direção do estande de tiro e assumiram a posição na frente dos alvos.

Todo mundo, exceto Genissa Clark. Nova apertou os olhos quando ela se afastou do grupo e se aproximou da Pássaro do Trovão. As pontas das asas enormes cobertas de pena da Pássaro do Trovão arrastaram no chão quando ela e Genissa foram para a lateral do salão de treinamento. As duas inclinaram as cabeças para a frente e Genissa começou a sussurrar alguma coisa, indicando ocasionalmente a pasta cheia do Agente N.

Pássaro do Trovão estava com a testa franzida, mas de uma forma que sugeria mais contemplação do que reprovação.

Ruby foi na direção de um grupo de baias liberadas no estande de tiro e os outros foram atrás, mas Nova ficou. Seus dedos tocaram no bolso do cinto e se fecharam no frasco lá dentro. Sua atenção grudou na pasta aberta deixada sozinha.

Os Renegados estavam concentrados nas armas novas e nos alvos à frente.

Ela ergueu o queixo e foi na direção do bebedouro do outro lado do salão. Inclinou-se sobre ele e tomou um longo gole de água. Quando se virou, viu Genissa e Pássaro do Trovão ainda absortas

na conversa e o resto das unidades de patrulha concentradas no treinamento.

Ela foi até o estande de tiro. Quando passou pela pasta, ela esticou a mão e pegou um frasco de dentro para, com a mesma rapidez, colocar o falso no lugar.

Sua pulsação estava vibrando quando a amostra do Agente N desapareceu no bolso do cinto.

Nova sorriu e, naquele momento, Adrian olhou para ela. Ele reparou na expressão dela e sorriu também.

CAPÍTULO DEZENOVE



ADRIAN INSPECIONOU A ARMA e a virou na palma da mão. Ele não era totalmente ignorante sobre armas de disparo, mas, mesmo com todo o tempo que tinha passado em treinamento e até desenhando uma boa cota de pistolas, ele nunca se sentiu à vontade com uma na mão.

Não o incomodava até recentemente. Talvez sua frustração tivesse começado no parque de diversões, quando Nova matou a Detonadora com um único tiro na cabeça, enquanto ele tinha hesitado. Ou talvez fosse porque, agora com o Agente N se tornando parte da prática normal deles, as unidades de patrulha tivessem que ser certeiras no tiro, e ele sabia que ficava bem aquém do esperado nessa habilidade específica.

Não que ele fosse o único prodígio que não era tão impressionante no uso de armas modernas. Muitos Renegados preferiam usar os próprios poderes no lugar de armas. Ele conhecia muitos integrantes de patrulhas que *nunca* tinham disparado uma arma. Ele não podia ser tão ruim assim, ele disse para si mesmo. Não podia ser o pior.

Nova apareceu na baia ao lado e ele não pôde deixar de espiá-la verificando o cartucho e o mecanismo de segurança com a eficiência de alguém que usa armas tranquilizantes todos os dias.

Quando terminou a inspeção, Nova ergueu a arma nas duas mãos e disparou. Foi tão rápido que Adrian se perguntou se ela havia se dado ao trabalho de mirar, mas um olhar para o alvo deixou claro que o dardo havia acertado na mosca.

Do outro lado de Nova, Danna soltou um assobio baixo.

– Que beleza, hein, Insônia. Estou bem feliz de você estar do nosso lado.

Nova pareceu ficar tensa com o comentário, mas não respondeu.

Adrian expirou, ergueu a própria arma e avaliou o que havia à frente. Havia alvos de todos os tamanhos, alguns próximos e outros distantes. E havia outros alvos também, de recortes de papelão de vilões conhecidos da Era da Anarquia a uma variedade de garrafas, latas e vasos de cerâmica. Ele reparou que havia até um pôster da Espinheiro com a palavra PROCURADA.

Preparando-se para o coice, ele mirou no pôster e disparou.

O dardo passou por cima do pôster e acertou a parede mais distante.

– Psst, Nova.

Adrian se virou. Oscar estava olhando para Nova da última baia.

Nova disparou outro dardo, derrubou uma garrafa de vidro e baixou a arma.

– O quê?

– Você acha que pode fazer uma arma na bengala pra mim, tipo das que os cavalheiros da era vitoriana tinham? Estou pensando aqui: se vamos todos carregar armas agora, posso muito bem fazer isso com classe, né?

Antes que Nova pudesse responder, Pássaro do Trovão se aproximou andando atrás das baías.

– Enquanto vocês se familiarizam com as armas, quero que cada um pense em como vocês e seus colegas de equipe podem fazer uso das suas habilidades únicas junto com os projéteis do Agente N. Conseguir pensar rápido em ação e usar os recursos disponíveis durante conflitos costumam ser o que separa os vitoriosos dos

derrotados. Os sons de dardos acertando alvos martelaram nos ouvidos de Adrian.

– Tentem pensar fora da caixa. Como suas habilidades podem fazer um uso mais eficiente do Agente N?

– Posso mergulhar minha cauda no sêrum – disse uma voz nasalada. Era Raymond Stern, ou Arraia, membro da equipe de Genissa. – Perfuraria o inimigo com a mesma facilidade de um dardo.

–  timo, ótimo – disse Pássaro do Trovão. –   um excelente ponto. Mas acho que vai ser mais prudente ficar com os dardos por enquanto, pois, claro, se você tivesse um corte, por menor que fosse, na sua cauda, a ferida seria infectada pelo sêrum, e nós não queremos isso.

– Não? – murmurou Nova.

Adrian abriu um sorriso de compreensão.

– Mais alguém tem alguma ideia sobre usar o Agente N junto com seus poderes?

– Posso mergulhar uma lança de gelo nele – disse Geladura. Ela puxou o gatilho da arma e enviou um projétil na cara do Rato, um anarquista já morto. – Ou congelar os p s de um inimigo no chão pra que ele fique imóvel enquanto administramos a inje o.

– Muito bom – disse Pássaro do Trovão.

Nova baixou a arma e se virou de costas para os alvos.

– Só que – disse ela, praticamente gritando –, se você consegue congelar os p s de alguém no chão e deixar a pessoa imóvel, a pessoa deixa de ser uma ameaça e não há mais necessidade de usar o Agente N. Nesse caso, o prodígio deveria ser preso e levado a julgamento. – Ela voltou o olhar ardente para a Conselheira. – *Certo?*

Pássaro do Trovão assentiu calmamente, inabalada.

– Você está certa, Insônia. Mas, com esse exercício em mente, só quero ideias de como se *poderia* usar os poderes em sincronia com a nova ferramenta. Prefiro ainda não editar nossas sugestões.

– E como seu poder vai ser utilizado? – perguntou Geladura, com um sorrisinho debochado para Nova. – Quem sabe convidar seu oponente pra uma festa do pijama e esperar que ele durma pra aplicar a injeção? Demora um pouco, mas a gente tem que usar o que tem.

Ao lado dela, Trevor deu uma risadinha.

– O namorado dela pode desenhar um estilingue.

– Boa ideia – declarou Ruby. – Assim, todos podemos ver a Nova disparar um dos dardos no seu olho.

– Já chega – disse Pássaro do Trovão, de cara fechada para eles. – Quero que cada um passe os próximos dias considerando a pergunta para discutirmos mais no próximo encontro. Enquanto isso, vamos continuar a praticar com os alvos.

Quando as equipes voltaram a atenção para o estande de tiro, Adrian olhou para o grupo de Genissa intrigado. Ele sabia que eles estavam só tentando fazer Nova reagir porque ela tinha humilhado Trevor no teste dela, mas mesmo assim. Todo mundo sabia que Nova era uma das melhores no tiro entre todas as unidades de patrulha. Seu talento com armas era inigualável e suas invenções os ajudaram várias vezes. Caramba, foi ela quem matou a Detonadora! Eles ainda achavam que logo Nova não era digna de ser Renegada?

Ele balançou a cabeça, ergueu a arma e se concentrou novamente no pôster da Espinheiro. Tentou conjurar seus sentimentos de raiva: sua frustração quando ela fugiu com os remédios, o constrangimento que sentiu quando ela o jogou no rio, e logo na frente de Nova.

Não que Nova soubesse que era ele. Mas uma pequena parte dele ainda esperava que um dia pudesse contar a verdade a ela.

Ele estava imaginando a cara arrogante da Espinheiro e se preparando para puxar o gatilho quando um dardo acertou a placa de madeira logo acima do ombro da vilã.

Ruby bufou.

– Tão perto.

Adrian sorriu. Ele não era o único guardando ressentimento então.

– Ei, estão sabendo do baile que vai rolar? – perguntou Oscar. Ele estava sentado no muro baixo que dividia as baías, passando a arma de uma das mãos para a outra, aparentemente desinteressado em disparar.

– Claro – respondeu Ruby sem baixar a arma. Ela deu outro tiro.

– A organização toda vai, ao que parece.

Oscar coçou a orelha.

– É, ouvi falar que vai ser uma ostentação danada. E agora, com o leilão de arrecadação de fundos, vai ser... por uma boa causa e tal. – Oscar tirou o pente da arma, o virou algumas vezes e colocou de volta. – Achei que podia ser legal se a gente fosse junto. Ouvi falar que podemos levar a família e pensei em falar com a minha mãe e... – Ele ergueu o rosto rapidamente, mas voltou a olhar para baixo. A atenção de Ruby estava grudada nos alvos, mas Adrian viu o olhar. A agitação, o nervosismo. – Pensei que você podia levar seus irmãos, Ruby.

Isso fez Ruby virar a cabeça para ele.

– Meus irmãos?

– É – disse Oscar. – Você disse que eles queriam muito ser Renegados, né? Pode ser que eles gostem de encontrar algumas das patrulhas. Adrian poderia apresentar os dois pros pais dele, eles poderiam nos ouvir falar do trabalho. – Ele deu de ombros. – Pode ser divertido pra eles.

Ruby o observou por um longo momento antes de dizer com um certo cuidado:

– Você está falando sobre ir a um baile chique... e acha que eu deveria levar meus *irmãos*?

Oscar olhou para ela.

– Pode ser que eu goste de ser inclusivo.

Ruby se virou para os alvos e foi dar outro disparo, mas a arma só deu um estalo, vazia.

– E Nova poderia convidar o tio – sugeriu Oscar.

Nova soltou uma gargalhada.

– Ele não é do tipo que vai a bailes.

– Ah. Mas... você vai? – perguntou Oscar.

Nova recuou, e Adrian sentiu um enfático *não* chegando, mas ela hesitou. Seus olhos se encontraram e ele viu indecisão lá. Uma pergunta. Uma... esperança?

– Vou pensar – disse Nova.

– Tudo bem. – Oscar olhou o comunicador. – Alguém sabe que horas é o intervalo do almoço?

– Possivelmente depois que a gente tenha realmente treinado – observou Ruby.

Oscar inspecionou a arma. Ele parecia tão entusiasmado para aprender a manejar uma arma nova quanto Adrian.

– Vamos lá – disse Adrian, erguendo a arma de novo. – Pago uma pizza se você acertar na mosca antes de mim.

Dez segundos depois, ele devia uma pizza a Oscar.

Adrian gemeu.

– Chega, não aguento – disse Nova, baixando a arma. – Vou ensinar a você como fazer isso.

Adrian riu e balançou a cabeça para ela.

– Sinceramente, Nova, os melhores treinadores dos Renegados já tentaram me ensinar. Mas não é uma habilidade que eu tenha.

– Ah, por favor. Não é tão difícil. – Ela parou ao lado dele e pegou a arma. – Sabe o que é a mira?

Ele olhou para ela com irritação.

– É uma pergunta legítima, considerando que parece que você não *usa* – disse ela. – Vamos começar pelo básico.

– Você sabe quantas vezes eu usei uma arma? – disse ele. – Devo ter praticado mil vezes quando comecei nas patrulhas. Então, sim, eu sei o que é a mira. E o cão, o cano, o tambor... tudo.

Entendo como uma arma de fogo funciona e toda a física da propulsão. Sei como elas *funcionam*. Só não sou muito bom em enfiar a bala no que estou tentando acertar.

– Tudo bem, espertinho. – Nova devolveu a arma para ele pelo cabo. – Me mostra o que você faz.

Ele gemeu.

– Você não precisa fazer isso.

– Então você não se importa de ser medíocre? – Ela estalou a língua, decepcionada.

Ele fechou a cara para ela, mas havia um sorriso nos seus lábios.

– Em que devo mirar, ó sábia professora?

– No centro daquele alvo. O mais próximo.

– Ah, o mais próximo. Você já está começando com expectativas baixas.

– Não, você botou minhas expectativas lá embaixo. Agora, para de falar e atira.

Ele torceu o lábio, mas cedeu. Ergueu a arma e disparou.

Ele ouviu o dardo acertar alguma coisa, mas, o que quer que fosse, não era o centro do alvo.

– Bom, pra começar – disse Nova –, você precisa relaxar. Você se contrai quando atira.

– Claro que eu me contraio. É barulhento e... barulhento.

– Você precisa relaxar – repetiu ela. – E segura a arma assim, firme. Você não é um caubói. – Ela fechou as mãos em cima das dele e firmou o cabo da arma entre os dois.

Adrian engoliu em seco. As mãos dela eram menores do que as dele, mas havia uma confiança no toque dela que o surpreendeu. Ela sempre pareceu tão insegura com qualquer coisa que envolvesse contato físico... mas talvez isso fosse só mais uma coisa que ele imaginou.

– Assim – disse Nova, erguendo os braços dele para estarem paralelos ao chão. A bochecha dela estava no ombro dele agora. – E afasta mais as pernas. Você quer pernas fortes e estáveis.

Ele firmou os pés, mas suas pernas não pareciam fortes e estáveis. Na verdade, quanto mais perto ela chegava, mais fracos os membros dele ficavam.

– Você pensa na mira? – perguntou ela.

– Claro que sim.

– Nem percebi.

Ele desviou o olhar para ela.

Ela estava sorrindo, provocando. Mas seus cílios tremeram de surpresa e ela se afastou alguns centímetros.

– Acho que esse é o problema – disse ela, se virando para os alvos. – Você gosta de observar o mundo todo. Mas precisa parar e se concentrar. No momento que você aperta o gatilho, nada devia existir exceto você e o alvo. Aqui, tenta de novo. Desta vez, ignora tudo. Só se concentra naquele alvo.

Enquanto ele alinhava o alvo com a mira, Nova foi para trás dele e encostou uma das mãos em suas costas enquanto a outra se fechava sobre as dele no cabo.

– É uma extensão do seu braço – disse ela. – Como... como a sua caneta.

Ele riu.

– Não é como a minha caneta.

– Não discuta comigo.

Ele abriu mais o sorriso.

– Imagine seus braços absorvendo o coice – continuou Nova – e enviando toda a energia pelos seus pés até o chão. Isso vai ajudar a manter o corpo relaxado pra você não se contrair quando disparar.

Mas ele não conseguiu pensar em nada além da proximidade dela. Das mãos dela entre suas omoplatas. O braço roçando no dele. Ele se viu querendo enrolar. Querendo prolongar o momento mais um pouco. Ele inspirou fundo e sentiu um tremor.

Ele a sentiu ficar imóvel.

– Quando... – A voz dela saiu rouca e ela limpou a garganta. – Quando você estiver pronto.

– Eu tenho que atirar em alguma coisa? – sussurrou Adrian, sobressaltando-a.

– No alvo – disse ela secamente. – Ignora todo o resto.

Ele virou a cabeça o suficiente para encarar o olhar dela de novo.

– Você quer que eu ignore *tudo*?

Ela sustentou o olhar dele, mas a confiança sumiu. Ele viu o rubor surgir nas bochechas dela. *Céus*, como ela era linda.

Adrian engoliu em seco e afastou o olhar. Segurou a arma com mais força, encontrou o alvo e disparou. Mas se esqueceu de firmar a postura. De relaxar os ombros. De se concentrar.

O dardo foi longe.

Ele deu um sorriso tímido e deu um passo para trás até eles não estarem mais se tocando.

– Como falei, eu não tenho jeito.

CAPÍTULO VINTE



NOVA SEGUIU PELA VIELA atrás das casas em ruínas, as mãos fechadas nas laterais do corpo.

Qual era o *problema* de Adrian? Ela estava se esforçando tanto para flertar com ele e fazendo papel de boba. Não havia como ser mais óbvia. Mas ou Adrian era o garoto mais distraído daquele lado da ponte Stockton ou...

Ela trincou os dentes.

Odiava tanto aquele *ou*, e ela foi ficando mais e mais furiosa cada vez que pensava nisso.

Ou... Adrian não estava mais interessado nela. Talvez Nova tivesse perdido sua chance quando fugiu dele no parque de diversões.

Ace tinha mandado que ela ficasse próxima de Adrian Everhart, e ela sabia que estava fazendo o melhor possível. Ela entendia o motivo por trás daquilo. Sabia que a confiança de Adrian podia levar a uma fraqueza dos pais dele. E era exatamente por isso que ela ficava furiosa cada vez que ele recuava, evitava contato visual ou se afastava do toque dela. Repetidamente.

Isso estava tornando sua missão mais difícil. Ela odiava isso.

A irritação dela não tinha nada a ver com a mágoa que ela sentia no peito cada vez que Adrian provava que o que já tinha sentido por

ela havia acabado.

E, aparentemente, os melhores esforços dela não seriam suficientes para trazer o sentimento de volta.

Um brilho dourado surgiu em seu canto de visão e Nova parou. Uma borboleta-monarca estava voando em um canteiro de alums que tinha crescido desenfreadamente no jardim negligenciado de um vizinho.

A pulsação de Nova disparou enquanto ela olhava o inseto voar por cima de uma flor roxa antes de ir até outra, metódica na caçada por néctar. Seus pés, ainda calçando as botas dadas pelos Renegados, estavam grudados no asfalto rachado da viela. Ela disse para si mesma que não estava com medo; *ela*, Nova Artino, com medo de uma *borboleta*? Mas a pele arrepiada dos braços sugeria o contrário. E se Danna estivesse de olho nela hoje quando ela pegou o frasco do Agente N? Ela havia tomado cuidado, mas foi o suficiente?

A borboleta foi até um aglomerado de plantas do outro lado do jardim. Uma andorinha trinou num cabo de energia acima. Nova quase esperou que a ave descesse e pegasse a borboleta com o bico porque assim ela não teria que se preocupar se a criatura era mesmo espiã da Danna.

Ela não teria que passar o resto do dia se perguntando se Danna a estava seguindo.

Não ficaria apavorada de Danna já ter descoberto seu segredo.

Ela estava começando a calcular as chances de a borboleta ficar parada por tempo suficiente para ela correr até em casa e encontrar alguma coisa com que a capturar, quando a criatura terminou de se alimentar e saiu voando por cima da fileira de casas na direção da rua seguinte.

Pelo menos estava indo para longe do quartel-general.

Devia ser só uma borboleta comum, ela disse para si mesma. Nada com que se preocupar.

Nova seguiu o resto do caminho na direção do seu jardim infestado de ervas daninhas, ignorando o zumbido ensurdecedor das colmeias de Mel quando entrou na sombra da casa em ruínas. Suas mãos estavam tremendo quando ela abriu a porta de correr de vidro e entrou na cozinha suja. Continuou tremendo quando abriu a fivela do cinto. Colocou-o na bancada ao lado da cafeteira com café frio pela metade e de uma variedade de frascos e béqueres, remanescentes do trabalho mais recente de Leroy.

Ela tirou o comunicador em seguida e o jogou na mesa, onde havia um vaso cinza esquecido. Um buquê de flores que floresceu na ponta da caneta de Adrian estava murcho agora, as flores mortas e com textura de papel pendendo esquecidas nos caules.

Seu coração pulou, mas não foi de tristeza, e sim de ressentimento.

Maldito Adrian Everhart.

Havia mais de um mês que ele tinha ido à casa dela e desenhado as flores. Quando ele a chamou para ir ao parque de diversões com ele num encontro que não era encontro. Foram semanas nas quais seu coração deu um pulinho cada vez que ela passava pelo buquê, cada dia esvaindo a cor das pétalas, até formarem uma natureza-morta triste e abandonada naquela casa triste e abandonada.

Se bem que, para falar a verdade, a casa tinha ficado bem menos abandonada com os cuidados de Mel Harper. Ela assumiu a nova casa com dedicação singular, dando a Nova a impressão de que Mel estava vivendo uma fantasia de cuidar da casa que tinha guardado por anos, mas deixava bem escondida. Sempre ficou claro como Mel odiava viver nos túneis, longe das flores e do sol e da brisa. Eles ficaram presos por anos, sem conseguirem abandonar Ace conforme a saúde dele ia definhando e sem arriscar deixar os Renegados desconfiados das atividades deles indo para um lugar mais próximo da civilização.

Mas, desde que eles foram obrigados a sair de casa, dos túneis, da catedral e do Ace, ficou claro que pelo menos Mel estava

amando a mudança. Ela passava as semanas arrumando com alegria o novo lar, cantando músicas de programas de televisão a plenos pulmões conforme trabalhava. Os móveis foram arejados, o piso foi esfregado e, embora o papel de parede feio ainda estivesse na sala, pelo menos as teias de aranha tinham sido removidas. Nova ficou surpresa com a dedicação com que Mel atacou a sujeira na casa toda e também com o fato de que não a ouviu reclamar nem uma vez de uma unha quebrada e nem de calos nos dedos. Quando mencionou isso para Mel, só recebeu uma piscadela em resposta e a observação sábia de que “uma verdadeira rainha se faz não em tempos de prosperidade, mas em tempos de dificuldade”.

Nova tirou as botas e as jogou num canto da sala. Leroy estava lendo um jornal perto da janela, onde tinha pendurado um cobertor amarelo-mostarda para ter privacidade. Mel detestava o cobertor e tentou várias vezes substituí-lo por uma cortina leve, mas Leroy foi firme e insistiu que eles precisavam mais de privacidade do que de beleza. A luz do dia que entrava pelo cobertor deixava o ambiente com uma sensação doentia, como se as paredes estivessem sofrendo de um estágio avançado de icterícia.

Era o aposento da casa que Mel mais detestava.

Uma manchete no alto do jornal do Leroy dizia “ESPINHEIRO”, PRODÍGIO LADRA DE REMÉDIOS, AINDA À SOLTA.

Mas, quando Leroy baixou o jornal, Nova viu que ele estava lendo os quadrinhos.

– Dia difícil, Insônia? – Seus óculos de leitura desceram até a ponta do nariz cheio de cicatrizes, revelando um anel de pele descolorida em volta de um olho.

Os outros Anarquistas tinham todos passado a chamá-la assim ultimamente, pelo seu codinome Renegado. No começo, isso a irritou, mas agora ela não achava que eles falavam com deboche. Na verdade, era um lembrete constante do que ela fazia com os Renegados. Ela era espiã. Detetive. Uma arma.

– Não quero falar sobre isso.

Nova enfiou a mão na manga, retirou o frasco do Agente N que tinha tirado do salão de treinamento e o jogou para Leroy. Ele não fez esforço nenhum para pegar, deixou que quicasse no peito e caísse no colo. Dobrou o jornal e pegou o frasco para inspecionar o líquido. A solução se moveu densamente quando ele inclinou o frasco para um lado e para o outro.

– Que coisa apavorante.

– A maioria das unidades de patrulha vai ter terminado o treinamento no fim da semana que vem. É quando vão começar a nos equipar. Vamos ter que tomar cuidado redobrado.

Ele virou o frasco e viu uma bolha de ar subir pelo elixir.

– Isso é pra mim?

– Por enquanto. Como Ace falou, nós temos que ver se podemos usar como arma contra os Renegados antes que eles usem contra nós. Ou se conseguimos replicá-lo. Pode ser que eu consiga roubar mais nas próximas semanas, mas não o suficiente pra usar contra a organização toda.

– Vou ver o que posso fazer.

– Além do mais, houve uma conversa sobre a eficiência em forma de gás. Fico pensando se é uma possibilidade. Um gás pode ser usado contra mais de um Renegado de cada vez, pelo menos.

– Vai ser fácil descobrir as propriedades e que tipo de combustão seria necessária para a vaporização – disse Leroy. – Também vamos precisar determinar a redução de potência quando as moléculas ficam difusas para que possamos prever o alcance do efeito. Posso começar essas coisas, mas, se você não criar umas granadas de mão desconstruídas para a substância, não vai haver muito que possamos fazer com a informação.

– Descubra como transformar isso em gás e vou começar a trabalhar num dispositivo de dispersão – disse Nova. – Estou de olho em uns explosivos que vi na coleção dos Renegados que acho que podem ser alterados pra alguma coisa assim. Além do mais, seriam bem fáceis de roubar.

– Pena que seu único contato confiável sobre explosivos não esteja mais entre nós.

Nova trincou os dentes.

– Não sei bem se chamaria Ingrid de *confiável*.

Leroy ergueu uma sobancelha para ela, ou o que seria uma sobancelha se os pelos não tivessem sido queimados.

– Eu estava me referindo ao Bibliotecário.

Nova franziu o nariz, quase estrangida.

– Houve um certo debate no quartel-general sobre se o Capitão Cromo seria afetado pelo Agente N. Ele não poderia receber uma injeção, considerando que nenhuma agulha pode perfurar a pele dele, mas não está claro se o líquido faria mal a ele se o engolissem ou se o gás fosse inalado. Se você conseguir elaborar alguma teoria sobre isso, eu adoraria ouvir.

Ele bateu com um dedo no queixo.

– Vou ver o que consigo encontrar, mas não sei bem o quanto consigo fazer com uma amostra tão pequena. E, sem acesso ao laboratório dos Renegados, aos testes, aos suprimentos... e, claro, ao garoto.

Um tremor desceu pela espinha dela. Max tinha sido mencionado várias vezes nas conversas deles ultimamente, desde que ela contou sobre o Agente N. Nova não conseguia deixar de achar que contar aos Anarquistas sobre Max o deixara vulnerável, e ela odiava a sensação.

– Faça o melhor que puder agora – disse ela, se virando. – Vou tentar trazer mais amostras depois da próxima sessão de treinamento.

Ela subiu a escada até o quarto que dividia com Mel. Foi um alívio tirar o uniforme dos Renegados da pele e vestir suas próprias roupas. Ela tinha acabado de puxar a camiseta pela cabeça quando Mel abriu a porta e entrou no quarto, o cabelo enrolado numa toalha e um roupão de seda amarrado na cintura. O cheiro de sabonete de

aveia e mel se espalhou pelo quarto e se misturou com os aromas sufocantes dos perfumes, cremes e cosméticos de Mel.

– Ah, querida! – disse Mel. Ela tirou a toalha da cabeça e começou a tirar a água dos cachos. – Voltou cedo hoje. Não tem assassinatos e caos suficientes nas ruas pra manter os Renegados ocupados? – Ela jogou a toalha no chão e esticou um braço pálido na direção do colchão no canto do quarto. Um grupo de vespas pretas que estavam andando em cima do lençol voou para ela e pousou no ombro e nos dedos. Nova viu uma desaparecer na abertura da manga.

– Nossos horários foram ajustados para o treinamento do Agente N.

– Ah, é? Isso quer dizer que você viu o querido garoto Everhart hoje?

O estômago de Nova deu um nó.

– Eu o vejo quase o tempo todo.

– Que bom. – Mel se sentou na frente do espelho da penteadeira e começou a passar um pente de dentes largos pelo cabelo úmido.

– Fui ver Ace hoje de manhã. Ele queria ter certeza de que você está próxima dele, como ele pediu, e que está de ouvidos abertos para captar qualquer coisa que possa ser útil em relação ao Conselho.

A pele de Nova ficou arrepiada. Ela ficava incomodada de pensar nos outros Anarquistas, especialmente Ace, falando sobre ela quando não estava presente.

– Pode dizer para o Ace que eu o vejo sempre – disse Nova e andou até a janela. Ela afastou duas ripas da persiana vagabunda de plástico e olhou para a viela. Uma abelha gorda estava andando no vidro, tentando dar um jeito de entrar.

– E como as coisas estão indo?

A boca de Nova ficou seca enquanto ela acompanhava os movimentos da abelha.

Como estavam as coisas com Adrian?

– Bem.

Era verdade. Estavam bem. Sempre bem. Ele continuava tão simpático com ela quanto sempre tinha sido. Sempre receptivo. Sempre com um sorriso encorajador e uma palavra gentil. Sempre tão legal.

– Isso não parece bom – refletiu Mel.

Nova abriu a janela e esperou a abelha entrar. Virou-se de costas e apreciou o ar fresco na nuca. Esperava que Mel a estivesse observando, mas não. Mel Harper estava totalmente absorta no espelho da penteadeira passando delineador preto nos olhos. Era um ritual diário para ela, um ritual que Nova achava tão incompreensível agora quanto na época dos túneis.

Mel nem podia sair de casa, e Nova duvidava que ela quisesse se arrumar para Leroy ou Fobia.

– Como o Ace estava quando você o viu? – perguntou ela.

Mel baixou as pálpebras de forma suspeita.

– Você está desviando do assunto.

– Andei pensando – disse Nova, ignorando a acusação –, talvez a gente possa começar a levá-lo pra dar umas voltas a pé. Ninguém vai às ruínas da catedral. Se ele puder sair no sol, tomar ar fresco, mesmo que só por alguns minutos por dia, seria bom, né?

Mel enrijeceu.

– Levá-lo pra dar umas voltas? Ele não é cachorro.

– Estou falando sério. – Ela fez um gesto na direção de Mel. – Sair dos túneis fez tão bem a você, a todos nós. Se a gente puder tirá-lo das catacumbas, deixar que *respire* de novo...

Mel se levantou da cadeira.

– Ele é o *Ace Anarquia*. Você esqueceu? Se alguém o visse...

– A gente toma cuidado.

– Ele seria morto na mesma hora ou trancado naquela prisão horrível.

– Ele já está numa prisão!

– De jeito nenhum. Não vale o risco.

Nova bufou e olhou pela janela de novo. O dia estava lindo, fresco, com uma brisa e raios de sol passando pelas nuvens. Às vezes, tinha medo de que a fraqueza do Ace estivesse tanto na mente quanto no corpo. Ficar trancado, longe da mesma sociedade que ele tentou ajudar...

Ele nunca reclamava. Tinha Nova e os outros, ele diria. Tinha seus livros e seu chá, e isso era tudo de que ele precisava.

Mas Nova sabia que não era o bastante. Ele estava morrendo. Em pouco tempo, seria só mais um esqueleto esquecido embaixo das ruínas sagradas.

– Eu entendo – disse Mel, a voz mais gentil agora. – De verdade. Ace é como um pai pra mim também, sabe. Odeio vê-lo assim. Mas você sabe como ajudá-lo e não é com um pouco de ar fresco.

Nova repuxou os lábios. *O elmo.*

– Eu sei – sussurrou ela. Um pensamento lhe ocorreu e ela olhou para Mel. – Você não é *mais velha* do que o Ace?

Mel deu um gemido de consternação. Pegou um pote na penteadeira e jogou na direção da cabeça de Nova, que desviou, e o pote bateu na parede e explodiu em uma nuvem de talco.

– Nunca me faça ouvir essas palavras da sua boca novamente, entendeu?

Nova riu.

– Desculpe, desculpe. Obviamente me enganei. – Ela se levantou, pegou o pote quase vazio e o devolveu à penteadeira. Sua boca ficou seca quando ela observou a variedade de cosméticos e perfumes, a maioria coberta de vespas curiosas. – Na verdade, Mel? Acho... acho que preciso da sua ajuda com uma coisa.

Mel cruzou os braços, ainda irritada.

– É sobre o Adrian.

A expressão dela mudou para curiosidade.

– Ah, é?

– Não sei bem se ele... ainda está interessado em mim. Pelo menos não... daquele jeito. – Com o olhar cético de Mel, Nova

tentou reunir a dignidade que lhe restava e enrijeceu os ombros. – Talvez você possa me ajudar a pensar... em como deixá-lo interessado. De novo.

Uma ansiedade iluminou o rosto de Nova.

– Ah, minha doce garota – disse ela, colocando os dedos sobre o peito. – Eu estava esperando que você perguntasse.



NÓS JÁ CONHECEMOS UMA das maiores fraquezas do Conselho... e, quando chegar a hora certa, vamos usá-la como uma vantagem considerável.

Foi o que Ace disse e ele estava certo. Se o Capitão Cromo e o Guardião Terror tinham uma fraqueza, essa fraqueza eram os filhos adotivos, Adrian e Max. Nova podia usar a confiança de Adrian a seu favor, principalmente se essa confiança viesse acompanhada de sua *afeição*.

Mas por que conquistar o amor dele parecia tão horivelmente constrangedor?

– Não posso fazer isso – disse Nova, os braços cruzados com força sobre o peito.

– Você pode e vai. Aqui, assim.

Mel cruzou uma perna comprida por cima do joelho e chegou um pouco mais perto de Nova no colchão. Os dedos expostos cutucaram a canela de Nova de forma tão suave que ela acharia que tinha imaginado se Mel não tivesse acabado de descrever essa exata técnica de flerte com detalhes sofríveis.

– Aí, você vira os ombros, assim.

Mel jogou o cabelo para o lado e chegou o corpo mais perto.

– Dá sua atenção total a ele. Como se não houvesse nada no ambiente que fosse tão interessante pra você quanto essa conversa. Ele precisa acreditar que você está hipnotizada por tudo que ele está dizendo.

Mel apoiou um cotovelo no joelho e o queixo na mão. Seus olhos esfumados se grudaram nos de Nova. A expressão foi tão intensa que Nova corou.

– Agora vem o golpe final – disse Mel. – O que quer que ele diga depois, você vai rir. Não com intensidade demais, mas o suficiente para ele perceber que você o acha encantador e que poderia ouvi-lo falar o dia todo. Pronta?

– E se ele não disser nada engraçado?

Mel deu uma risadinha e um tapinha no joelho de Nova. Foi uma risada doce que gerou uma pontada de orgulho no peito de Nova, isso até ela perceber que Mel não estava rindo por estar achando graça, e sim por estar tentando demonstrar o que estava dizendo.

Nova ficou vermelha. Era impressionante o jeito como Mel conseguia atrair qualquer pessoa. Fazê-la se sentir tão importante, tão inteligente, tão *digna*, isso só com algumas risadinhas em momentos apropriados e o mais leve dos toques.

Ela balançou a cabeça, se levantou e chutou alguns sapatos espalhados de Mel para o canto do quarto.

– Não vai dar certo nunca – disse ela. – Ele vai perceber direitinho.

– Você se preocupa demais – disse Mel, apoiando as mãos na cama. – Se ele perceber que você está tentando flertar com ele, mesmo que você seja péssima no que está fazendo, ele vai ficar encantado com a tentativa e lisonjeado de qualquer jeito. É assim que a chama vai reacender e vocês vão voltar ao não relacionamento carregado de tensão, antes mesmo que você possa piscar esses olhinhos lindos pra ele.

Nova amarrou a cara.

– Acho que você está subestimando a inteligência dele.

– E acho que você está superestimando o ego de todos os garotos adolescentes. Pode acreditar em mim, pequena Pesadelo. Você é capaz. Não é gastronomia química ou... isso aí que o Leroy faz.

Nova bufou com deboche.

– Prefiro apostar nos produtos químicos.

Ela passou as palmas das mãos nas laterais da calça. Tinham começado a suar quando ela estava refletindo sobre a possibilidade de olhar para Adrian como Mel tinha olhado para ela. Tocando nele. Sugerindo com cada gesto, cada olhar, que ela queria que ele tentasse beijá-la de novo.

Seu coração disparou quando um pensamento atordoante passou pela cabeça dela.

Caramba. E se *funcionasse*?

CAPÍTULO VINTE E UM



ADRIAN ESTAVA AO MESMO tempo nervoso e exausto quando chegou ao mezanino acima do saguão do quartel-general. Ele sabia que devia estar botando o sono em dia, pois tinha ficado acordado até tarde pintando nas noites anteriores. O mural estava começando a ganhar forma, ainda que só nas primeiras camadas de sombras e luz, contornos gerais e uma sugestão do trabalho que ainda estava por vir. Os detalhes ainda precisavam ser preenchidos, todos os realces que dariam vida ao mural.

Ele só largou o pincel quando o alarme o lembrou que havia outra coisa que ele queria fazer, uma coisa bem mais importante do que o novo projeto de arte. Mais importante ainda do que sua caçada pela Pesadelo e pelos Anarquistas. Uma ideia que vinha crescendo no fundo da sua mente desde que ele saiu do armazém de artefatos tomado de partes iguais de curiosidade e esperança.

Ele atravessou a passarela e andou ao redor da parede de vidro da quarentena. Sentia o peso do Amuleto da Vitalidade no peito, quente mesmo pelo tecido do uniforme.

Ele tinha passado horas lendo sobre o medalhão na base de dados e fazendo o tanto de pesquisa que dava para fazer sozinho, embora a história do amuleto não fosse tão bem documentada quanto a de alguns artefatos da coleção dos Renegados. Tinha sido

forjado por um prodígio ferreiro na Idade Média. As habilidades do ferreiro eram questionáveis, mas ele era uma espécie de curandeiro, e o amuleto logo ganhou a reputação de ser capaz de afastar a peste. *Aquela* peste. Naturalmente, um objeto tão cobiçado acabou sendo roubado e o ferreiro enforcado por crimes de feitiçaria não muito depois, e por isso uma duplicata nunca chegou a ser feita, até onde se sabia.

O amuleto desapareceu dos livros de história por alguns séculos depois disso e acabou reaparecendo no final do século XVIII, quando foi comprado em um leilão por um príncipe supersticioso e talvez paranoico, que alegaria pelo resto da vida que o amuleto o protegeu dos inimigos que sempre tentavam envenená-lo. O príncipe acabou morrendo de (aparentes) causas naturais na velhice, e o amuleto foi passado por gerações de duquesas e barões até ser vendido para pagar uma dívida grande muitos anos depois. Voltou a desaparecer do olhar público, até ser doado para um pequeno museu com tema de prodígios, cuja coleção completa foi doada aos Renegados depois do Dia do Triunfo.

Doada ou confiscada... os detalhes de como os Renegados obtiveram a maioria dos artefatos nos cofres eram bem vagos.

Acreditava-se que o amuleto pudesse proteger o portador de envenenamento, doença e de “qualquer ameaça que sugasse a força física ou enfraquecesse sua capacidade prodigiosa”, de acordo com a descrição na base de dados. Não estava claro o quanto a teoria tinha sido testada, mas deu a Adrian uma ideia que ele não conseguiu afastar.

Qualquer ameaça.

Era o que a descrição dizia.

E o que ou quem era uma ameaça maior do que o Max?

Adrian não era idiota. Ele sabia que a pessoa que usou o Amuleto da Vitalidade ao longo dos anos provavelmente não encontrou uma ameaça do calibre de Max. Desconfiava que sua

teoria não tivesse sido testada, e seus poderes seriam colocados em risco para que ele fosse o primeiro.

Imunidade aos poderes do Bandido *não era* impossível. O Capitão Cromo era prova disso. E, a cada passo que Adrian dava na direção da quarentena, uma voz falava mais alto no fundo da mente dele: *E se desse certo?*

E se aquele medalhão pequeno e despretensioso pudesse protegê-lo do poder de Max? E se pudesse permitir que ele chegasse perto do seu irmãozinho, talvez até que desse um abraço nele pela primeira vez na vida?

Apesar de ser tarde, o saguão enorme do QG ainda estava meio iluminado pelas telas de televisão posicionadas por todo lado e jogando luz na cidade de vidro em miniatura de Max. Já tinha sido quase toda consertada depois do ataque telecinético de Max, quando ele estava praticando levitação e perdeu a concentração, fazendo uma torre de vidro atravessar a palma da mão dele. O ferimento estava cicatrizando, embora os curandeiros prodígios não pudessem ajudá-lo devido à natureza dos poderes dele. Um médico civil teve que substituir um tendão do dedo de Max por um tirado do antebraço, um procedimento que pareceu a todos meio antiquado. Mas correu bem, e o médico prometeu que o único efeito colateral permanente seria uma cicatriz.

Desde que começou a se recuperar do acidente, Max se manteve ocupado colocando os prédios de vidro quebrado no lugar usando seu poder de fusão da matéria para a maioria dos consertos.

A cidade de vidro sempre ficava tão diferente à noite. Normalmente, a luz do dia que entrava pelas janelas deixava a cidade reluzente, com as torres de vidro em tons de laranja e amarelo. Mas agora parecia que o crepúsculo caía sobre as construções como se até o modelo estivesse se preparando para uma noite pacífica de sono.

Não que a verdadeira Gatlon fosse pacífica. De muitas formas, Adrian às vezes achava que preferia aquela cidadezinha de vidro

isolada do mundo. Não havia crimes nem destruição nem sofrimento. Nem vilões nem heróis.

Fora o próprio Max. O único prodígio naquele pequeno universo.

Só que, quando Adrian parou ao lado da parede curva de vidro, ele viu que Max não estava sozinho.

– Ora, falando em vilão – disse ele.

Dentro da quarentena, Hugh ergueu o olhar das cartas que tinha na mão. Seu rosto se iluminou.

– Quem você está chamando de vilão?

– É só uma expressão, pai.

Hugh inclinou a cabeça.

– É bom te ver, Adrian.

Adrian acenou e tentou disfarçar a decepção. Não era incomum Hugh ir visitar Max, e ele sabia que era bom para o garoto ter interação humana que não envolvesse seringas e trajes protegidos.

Ainda assim. O medalhão pesava em seu pescoço e ele estava ansioso para testar sua teoria.

– Espera aí – disse Max, levantando um dedo na direção de Adrian. – Estou quase dando um chutão na bunda dele.

Hugh olhou para ele com expressão estupefata.

– Não fala *bunda*.

– Tudo bem. Estou quase dando um chutão no *popô* dele. – Max devolveu uma carta e balançou o cabelo desgrehado. Eles estavam sentados de pernas cruzadas no meio do Parque da Cidade, e Max, que já era pequeno para a idade, parecia infinitesimal ao lado do Capitão, cujos músculos naturais serviam como inspiração para artistas de todo o mundo desenharem seus super-heróis de quadrinhos.

Hugh abaixou duas cartas.

– Sabe de uma coisa, não é pra você deixar o adversário saber que você está com a mão boa.

– Pode ser que eu esteja blefando – disse Max.

Hugh o observou.

– Não é assim que um blefe funciona.

– Tem certeza? – disse Max, pegando a carta que recebeu.

Hugh aceitou a aposta e jogou algumas balas em uma pilha que havia entre os dois. Eles mostraram as cartas: Max venceu com dois pares. Hugh não tinha nada.

Max suspirou, quase como se estivesse decepcionado com a jogada, enquanto empurrava a pilha de balas na direção do carrossel do parque. Ele olhou para Adrian e balançou a cabeça.

– Ele não resiste a ver uma boa mão, mesmo quando sabe que não pode vencer. Acho que é um distúrbio diagnosticável. Tipo uma necessidade psicológica de encerramento junto com uma aversão à ambiguidade e uma postura autoritária.

Hugh fez uma careta.

– Como é? Eu não sou assim. Sou?

– Ah – disse Adrian, evitando comentar.

Hugh fez um ruído de deboche e recolheu as cartas.

– Talvez eu só goste de ver meu filho mais novo vencendo na vida. – Ele apontou para a pilha de balas quando se levantou. – Posso pegar um Choco-Malt pra comer no caminho?

– Não – disse Max, puxando as balas para longe dele. – Mas pode ir à lojinha da esquina comprar mais. – Ele apontou para uma rua de lojas de vidro. – Tenho quase certeza de que a mais próxima fica na rua Broad.

– Está certo. – Hugh se curvou e deu um abraço em Max. – Obrigado por arrumar um tempinho para o seu velho. Nos vemos depois.

Max se inclinou no abraço.

– Boa noite, pai.

Hugh sorriu para Adrian ao sair da quarentena.

– Você voltou às patrulhas hoje? – perguntou ele, dando um abraço lateral rápido em Adrian.

– Voltei, mas nós só devemos ser chamados pra problemas menores nos próximos dias.

– Como estão Danna e Ruby?
– Totalmente recuperadas – disse Adrian. – Prontas pra voltar ao trabalho.

– Bom, sei que vocês são jovens e ansiosos, mas acho que essa pausa pode ter sido boa pra elas, pra todos vocês. – Ele bocejou, mas Adrian percebeu que foi um bocejo falso. – Vou embora. O dia foi longo no Conselho. Fiquem longe de problemas, meninos.

Assim que ele foi embora, Max gemeu.

– Às vezes eu acho que ele realmente acredita que vive numa história em quadrinhos.

– Se alguém vivesse, esse alguém seria o Capitão Cromo – disse Adrian. Ele viu Max levantar o telhado da torre Merchant e começar a colocar os doces dentro. – Escuta, Max. Tenho uma coisa pra te mostrar. Uma coisa meio importante. Se funcionar, pelo menos vai ser meio importante.

Max se virou para ele, o interesse aguçado.

– Você vai desenhar um dragão pra mim? O Turbo é legal, mas um *dragão*...

Como se reconhecendo o nome, o velociraptor em miniatura saiu de debaixo da ponte Stockton, onde Max tinha feito um pequeno ninho de jornal picado para ele.

– Hã, não.

Max franziu o nariz. Abriu um saco de jujubas e deu uma para o dinossauro. Adrian reparou nas ataduras brancas nas costas da mão dele.

Um médico prodígio teria deixado o ferimento totalmente cicatrizado semanas antes...

Ele suspirou. Max estava bem. Não importava.

– Fica ali – disse ele.

Max olhou para onde Adrian estava apontando, mas não se mexeu.

– Por quê?

– Não discute, tá? Se der certo, vai ser a melhor coisa que aconteceu no quartel-general desde... – Adrian parou de falar, sem saber como continuar.

– Desde que atualizaram os simuladores de realidade virtual com habilidade de voo? – sugeriu Max.

Adrian inclinou a cabeça.

– Como você sabia disso?

Max só deu de ombros e foi para o local para onde Adrian tinha apontado. Pegou uma plaquinha de rua ao passar pela Burnside.

– Beleza – disse Adrian. – Está com seu botão de emergência?

As sobrancelhas grossas de Max se franziram de desconfiança, mas ele levantou o braço e exibiu a pulseira que usava desde que caiu na cidade e a torre de vidro atravessou sua mão. Ele já a tinha antes, mas, até aquela noite, nunca pareceu importante que ele usasse.

– Que bom. Espera aí.

– Aonde você vai?

Ansioso de expectativa e meio orgulhoso pela ousadia, Adrian foi na direção da antecâmara que separava a quarentena do laboratório onde o sangue e o DNA de Max tinham sido estudados, testados e alterados para fazer o Agente N.

Pelo vidro, ele reparou que Max estava franzindo a testa. Adrian fez um sinal de positivo, que não foi retribuído, e abriu a porta da sala terciária. Na sala seguinte, ele passou direto por araras com trajes de proteção, cada um equipado com punhos de cromo para oferecer uma certa proteção para os cientistas e pesquisadores prodígios que tinham que chegar perto de Max com regularidade.

Adrian se aproximou da porta lacrada da quarentena, onde uma nova placa havia sido incluída depois do fiasco de quando Nova entrou para tentar ajudar Max. A placa avisava os prodígios para ficarem longe a não ser que tivessem seguido todas as medidas de segurança exigidas. Adrian parou um momento para refletir se

aquela não era uma ideia horrível. Ele estava esperançoso, mas havia um risco. Um risco enorme, para falar a verdade.

E se a natureza do poder de Max inutilizasse artefatos prodígios?

Adrian levantou a mão, apertou os dedos sobre o amuleto e acompanhou o símbolo da palma aberta e da serpente enrolada.

– Que isso funcione – sussurrou ele, e abriu a porta.

Max arregalou os olhos. Ele se desencostou da parede, como se estivesse se preparando para correr para longe do caminho de Adrian, mas não havia para onde ele ir que não os aproximasse mais.

– O que você está fazendo? – gritou ele. – Sai daqui!

– Confia em mim – disse Adrian, dando um passo cauteloso. E mais um por cima da rodoviária de Scatter Creek, que o botou num caminho direto pela avenida Drury. – Estou testando uma teoria.

– Teoria? – gritou Max. – Que teoria? Que você ficou maluco? – Ele levou a mão ao botão no pulso.

– Espera! Não aperta ainda. Acho... acho que posso estar imune ao seu poder.

Max riu, mas sem achar graça. Ele pressionou as costas no vidro quando Adrian deu mais um passo à frente.

– Nós *sabemos* que você não é imune. Então, sai logo daqui, vai. Isso não é engraçado.

– Não, está vendo isso? – Ele mostrou o amuleto. – Estava no armazém de artefatos. Acho que pode proteger contra poderes como o seu.

Max olhou para ele boquiaberto.

– *Como é?*

Adrian tinha se deslocado por um quarto do espaço da quarentena. Ele tentou lembrar em que ponto tinha começado a sentir o efeito do poder de Max quando entrou correndo para buscar Nova, mas aquela noite era um borrão na memória dele.

Ele continuou andando. Um passo lento e hesitante atrás do outro. Nem estava respirando direito, esperando o menor sinal de

aviso de que o amuleto podia estar falhando. Lembrava-se claramente do torpor que surgiu nas mãos da outra vez. A forma como seu corpo parecia estar se movendo em melaço. A sensação de um plugue sendo aberto em seu umbigo e toda a sua força se esvaindo por ali.

Qual era a proximidade dele em relação a Max quando começou? Ele devia estar mais perto agora, mas se sentia perfeitamente normal. Tenso e nervoso, mas normal.

Ele estava na metade do caminho. Passou pela torre Merchant. Percorreu o Parque da Cidade.

Max apertou os olhos, temeroso, mas também curioso. Seu olhar estava grudado nos pés de Adrian, observando seu caminhar pela cidade que eles construíram ao longo dos anos.

Adrian chegou ao local onde Nova tinha caído. O grupo de prédios próximos ainda exibia sinais da queda, embora os cacos de vidro tivessem sido removidos.

A placa de rua esquecida caiu da mão de Max e estalou no chão.

– Se você perder seus poderes por causa disso – sussurrou Max –, não vou assumir responsabilidade nenhuma.

– Você não deve assumir responsabilidade nunca – disse Adrian. Ele vivia trabalhando para acabar com a crença de Max de que tinha feito uma coisa errada. Não era culpa dele ser assim. Não era culpa de nenhum prodígio.

Depois de percorrer três quartos da quarentena, Adrian começou a sorrir.

Ainda petrificado, Max não retribuiu o sorriso.

– Me sinto ótimo – disse Adrian, sem conseguir afastar uma certa descrença da voz.

Ele parou a três passos de Max. Tão perto que dava para esticar a mão e pousar no ombro dele.

Foi o que ele fez.

Max se encolheu, tentando fugir do toque, mas depois ficou paralisado. Seus olhos se arregalaram.

Adrian começou a rir e puxou Max para um abraço, apertando-o com força e depois soltando.

– Me sinto ótimo! – disse ele de novo, bagunçando o cabelo desgrenhado de Max. – Ótimo mesmo. Não acredito que deu certo! – A risada dele ficou mais alta. – Se bem que... *acredito*, sim. Claro que deu certo. Eu sabia que daria. Aliás, você precisa cortar esse cabelo.

– Desenha alguma coisa – pediu Max, ignorando sua alegria. – Rápido.

Adrian pegou a caneta, ainda com um sorriso largo.

– Claro, Bandido. Algum pedido?

Max balançou a cabeça. Adrian chegou perto da janela e desenhou a primeira coisa que surgiu na mente: um pin dos Renegados, como o que ele deu a Nova no teste.

Quando o tirou do vidro totalmente formado, Max deu um gritinho de choque.

– Como?

Adrian o encarou e, por baixo da descrença perplexa, viu o começo de possibilidades surgindo na mente do garoto.

Durante quase toda a sua vida, Max ficou separado das pessoas que o amavam, exceto Hugh. E Hugh podia amar Max, mas também vivia ocupado tentando equilibrar as responsabilidades de pai com as reuniões do Conselho, as aparições públicas e atos heroicos ocasionais. Quando foi a última vez que Max se sentou ao lado de alguém para jogar videogame e comer besteira de madrugada?

Nunca. Essa era a verdade. Ele nunca tinha tido uma experiência assim.

– Tive uma ideia incrível – disse Adrian. – Amanhã, vou trazer batata e refrigerante e uma pizza supergordurosa, e vou acabar com a sua raça numa maratona de *Crash Course III*. A não ser que você prefira, sei lá, aprender a jogar gamão. A gente pode fazer isso. Não faz diferença. Você decide. É só me avisar.

Max balançou a cabeça, perplexo.

– Adrian, *como?* – repetiu ele, com mais ênfase agora. Ele pegou o medalhão e o virou para examinar a parte de trás, que continha uma imagem espelhada da mão protetora. – O que é isto? Como funciona?

– Não sei! – respondeu Adrian, ainda sorrindo. – Protege de doenças e venenos e outras coisas, por isso achei...

– Não sou veneno! Não sou uma doença!

– Eu não quis dizer isso.

– Não devia funcionar! – Max largou o amuleto. – Não devia.

– Mas funciona. Depois, vou fazer uma tatuagem em mim mesmo com esse símbolo – disse Adrian, apontando. – Isso vai me deixar permanentemente imune, aí posso dar o amuleto pra quem quiser te visitar. Dá pra imaginar a cara da Ruby? E do Oscar e da Danna? Eles vão ficar tão empolgados pra virem te ver. E o Simon, claro. – Ele ofegou um pouco e se inclinou para a frente. – Cara. O Simon. Ele vai ficar... sei lá. Acho que vai até chorar.

– O Guardião Terror, chorando? – disse Max. – Vamos filmar. – Ele falou de brincadeira, mas Adrian percebeu que ele estava atordoado, à beira das lágrimas. – Você disse tatuagem?

– Ah. É. É assim que eu faço... você sabe o quê. Aquelas coisas que eu faço.

Max observou a camisa de Adrian e gaguejou:

– Você faz *tatuagens* em si mesmo? E é assim que...

Adrian levantou as mãos.

– Isso não é importante agora. – Ele passou o braço pela cintura de Max e o ergueu enquanto dava um gritinho animado. – O Amuleto da Vitalidade! Visitantes! Pense nas possi... – sua voz engasgou quando ele viu uma figura no saguão. – Nas possibilidades.

– Me coloca no chão!

Ele botou Max no chão e deu um passo para trás enquanto limpava a garganta.

– Visitantes como... Nova?

Max se virou.

Nova estava parada não muito longe do balcão de informações do saguão, olhando para a quarentena com a boca aberta.

– Aja com naturalidade – sussurrou Adrian, a felicidade superando rapidamente a surpresa. Ele cutucou a cintura de Max e os dois levantaram a mão e acenaram.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



— **E**XPLICA — DISSE NOVA assim que pisou na passarela. Os braços estavam cruzados sobre o peito, o cérebro repassando com explicações, cada uma mais absurda do que a anterior. Adrian estava dentro da quarentena. Sorrindo. Aparentemente bem.

Nesse momento, o pingente no pescoço dele captou a luz, e Nova fez um ruído de surpresa e deu um pulo para a frente. Ela encostou o dedo na parede de vidro.

— Isso? — A voz estava carregada de descrença. — Sério?

— Sério — confirmou Adrian, mostrando mais dentes do que ela já tinha visto antes. Ele estava praticamente reluzindo de alegria.

Ele começou a explicar sua teoria e a pesquisa que fez com o Amuleto da Vitalidade e por que achou que o protegeria do poder de Max, mas houve tantas pausas e saltos na história dele que Nova teve dificuldade de acompanhar.

Além do mais, ele não conseguia parar de rir. Em parte, era a risada de um cientista maluco que não esperava que seu experimento mais recente fosse dar certo, e em parte a risada de um cara que finalmente podia chegar perto do irmãozinho sem uma parede de vidro no meio.

Ele ficava esticando a mão para bagunçar o cabelo de Max ou para dar socos leves no ombro dele, e também passava o braço em

volta do pescoço de Max para o puxar em um falso estrangulamento. Max parecia não saber como reagir a essa enxurrada de afeto do irmão, mas ficava sorrindo. Era um sorriso tão cheio de descrença quanto Nova sentia, mas um sorriso mesmo assim.

Era fofo o jeito como Max olhava para Adrian. Com um pouco de assombro misturado com muita esperança.

No dia anterior, Max era um prisioneiro e um pária. Valioso e amado, sim, mas também uma anomalia. Um experimento científico. Uma cobaia. Ele sabia tanto quanto todo mundo.

– E o Agente N? – perguntou Nova.

Adrian se virou para ela sobressaltado.

– O que tem?

– Foi criado usando o sangue do Max. O amuleto protege as pessoas dele também?

Adrian uniu as sobancelhas acima dos óculos. Ele olhou para Max, que só deu de ombros e disse:

– Não olhem pra mim.

– Não sei – disse Adrian. – Talvez. – Ele abriu a boca para falar mais, mas hesitou. Observou Max novamente e olhou para Nova. – Sim. Tenho quase certeza de que sim.

– E o Conselho sabe disso? Botaram tantos recursos no desenvolvimento do Agente N... e havia esse colar no cofre o tempo todo, capaz de proteger uma pessoa dele? Pode haver outras coisas. Primeiro, o Capitão é imune a Max, e agora isso? – Ela mordeu a língua para não falar mais com medo de sua ansiedade ficar evidente.

Proteção do Max. Proteção do Agente N.

Talvez os Anarquistas não precisassem se preocupar tanto assim com a arma nova, afinal.

– Estou convencido de que ninguém sabia sobre o medalhão e o que era capaz de fazer – disse Adrian –, senão outra pessoa o teria tirado do cofre assim que o Agente N foi revelado. E você os ouviu

na apresentação. Não há antídotos conhecidos. E a invencibilidade, como meu pai tem, é o superpoder mais raro já documentado. Não tem ninguém como ele. Não há motivo pra achar que os poderes dele podem ser replicados, ao menos no que diz respeito ao Max. Deve haver outras coisas que poderiam agir como proteção contra o poder do Max, mas, até onde consegui descobrir, este é o único artefato desse tipo.

Talvez Adrian estivesse certo, mas, mesmo assim, a existência daquele amuleto dava esperança a ela de que o Agente N não fosse o toque de morte dos Anarquistas.

Ela se perguntou se um amuleto daquele poderia proteger os outros de um poder como o dela também. Como Anarquista, Nova usava mais sua capacidade de fazer as pessoas dormirem como arma, mas o sono em si não *enfraquecia* uma pessoa além de deixá-la vulnerável. Na verdade, o sono ajudava a recuperá-las. Era um enigma interessante, sobre o qual ela teria que pensar bem se Adrian compartilhasse a descoberta do Amuleto da Vitalidade com outros Renegados.

– Posso usar o amuleto alguma hora? – pediu ela, abrindo um sorriso. – Seria mais fácil ajudar Max a reconstruir as partes quebradas da cidade dele se eu pudesse entrar.

– Claro! – os dois disseram ao mesmo tempo, e o brilho no olhar de Max fez o coração de Nova dar um pulo.

– Mas – disse Adrian – acho que devíamos dar ao Simon primeiro. – Ele fez uma careta de quem pede desculpas. – É só simbólico, mas... sei que seria muito importante para ele.

Ela se recusou a fechar o sorriso.

– Claro. Eu entendo.

A expressão de Adrian estava tão fofa que Nova sentiu uma certa culpa por pensar em como o amuleto poderia servir aos *seus* objetivos antes dos de Max.

– Sei que não muda tudo – disse Adrian. – Você continua preso na quarentena. Continua sem poder sair para o mundo. Mas... é

alguma coisa, né?

– É muita coisa – disse Max – Mesmo isso... – Quando ele fez um gesto entre ele mesmo e Adrian, seu controle das emoções começou a desaparecer. – Isso foi... Isso é...

Adrian passou o braço pelos ombros de Max e puxou o garoto para perto.

Nova se virou. A sensação era de estar invadindo. Não só por não ser parte da família, mas porque ela nem era uma Renegada de verdade. Ela não merecia o prazer daquele momento com eles.

O velociraptor, que tinha desaparecido no ninho, surgiu e fez um som melancólico enquanto cutucava o tornozelo de Max com as garras afiadas. Max secou os olhos, se inclinou e o pegou, evitando claramente o olhar de Nova.

– Max – disse ela com hesitação –, por que... por que você não vai viver com uma família não prodígio?

Adrian fez uma careta.

– Eu também pensei nisso, mas... – O rosto dele estava contraído de dor, mas Max só deu de ombros.

– Tudo bem – disse ele, resignado. – Estou bem aqui.

– Não está, não – disse Nova. Ela fechou as mãos com força. – Você é prisioneiro! Você é um... um...

Adrian olhou para ela com advertência no rosto e ela segurou as palavras que estavam na ponta da língua.

Você é um projeto de ciências pra essas pessoas.

– Não é seguro eu sair no mundo – disse Max, deixando o dinossauro pequenininho morder a ponta do seu polegar. – Eu poderia encontrar um prodígio sem querer a qualquer momento e não seria justo com ele ou ela. Além disso, se a notícia de quem eu sou e o que posso fazer se espalhasse... eu viraria um alvo. Ainda tem vilões por aí que iam me querer usar com objetivos próprios...

– Ou zelotes antiprodígio que adorariam botar as mãos num garoto que pode acabar com superpoderes – acrescentou Adrian.

– Além disso... – disse Max, a voz distante. – Precisam de mim aqui.

Nova trincou os dentes. Apesar de talvez haver um pouco de verdade no que Max estava dizendo, ela não conseguiu deixar de sentir que também havia muita propaganda de medo com a intenção de mantê-lo um prisioneiro complacente.

– Por causa do Agente N? – perguntou ela.

Max assentiu.

– Há quanto tempo você sabe? – perguntou Nova. – Você sabia o que estavam fazendo com suas amostras de DNA esse tempo todo?

– Não... exatamente – disse Max, colocando Turbo no bolso. – Por muito tempo, achei que estivessem tentando encontrar um jeito de *me* neutralizar. Pra não terem mais que me deixar separado de todo mundo. Mas acabei percebendo que era mais do que isso. Achei que era uma coisa estilo o Agente N, mas não tinha certeza.

– Pelos céus, Max, talvez *funcionasse* em você – disse Adrian, os olhos se iluminando de novo. – Não acredito que só pensei nisso agora. Fiquei muito empolgado com o amuleto, mas... por que não podemos simplesmente injetar Agente N em você? Você não seria mais prodígio! Poderia... – As palavras morreram quando Max começou a balançar a cabeça.

– Já tentaram – disse ele. – Não funciona em mim.

– Tentaram tirar seus poderes? – Nova estava perplexa. – Por quê? Porque você é uma ameaça?

Max riu pela repulsa óbvia dela.

– Não, porque eu pedi. Depois dos primeiros sucessos com prodígios de Cragmoor e como o Agente N não os transformou em pilhas enormes de gosma radioativa nem nada, eu pedi que usassem em mim. Eu queria que desse certo. Não é muito divertido ser prodígio quando se está preso num lugar assim. – Ele indicou sua prisão de vidro.

– Ah – disse Nova. Sua raiva veemente em defesa de Max sumiu.

– Acho que consigo entender isso.

– Nova se preocupa com os direitos dos prodígios – explicou Adrian. – Ela tem medo de começarmos a abusar do poder do Agente N.

– Se me lembro bem – disse Nova –, você também não estava exatamente convencido de que ele seria manuseado com total responsabilidade.

– Por quê? – perguntou Max. – É só para os maus. Nunca neutralizariam um Renegado.

Todos os músculos no corpo de Nova se contraíram, ansiosos para argumentar sobre a distinção entre *Renegado* e *maus*.

– Estão planejando distribuir por todas as unidades de patrulha para usarmos como acharmos adequado. Garanto que erros serão cometidos e esse poder será mal usado. Quanto tempo vai levar até que os prodígios inocentes sejam ameaçados ou chantageados só porque ainda não foram recrutados para os Renegados ainda? Essa vida não é para todo mundo, sabe.

– Ameaçados e chantageados? – perguntou Max. – Por quem?

– Sei lá. Que tal Geladura e os capangas dela? – disse Nova, lembrando-se de uma época, não muito tempo antes, em que ela testemunhou Geladura tentando intimidar Ingrid para que fizesse uma confissão falsa. – Ou ladras, como Pega? Nem todos os Renegados são corteses e respeitáveis como Adrian.

Ela cometeu o erro de olhar para Adrian quando falou e viu a lisonja surpresa no rosto dele. Ela apontou para ele.

– Não entenda isso errado.

– Tem um jeito errado de entender?

Ela fez cara feia e Adrian levantou as mãos, ainda sorrindo por causa do elogio.

– Tudo bem, concordo que precisa haver restrições, e não gosto da ideia de que vão começar a injetar a substância em todos os prodígios questionáveis por aí. Na minha opinião, uma pessoa como o Sentinela não merece esse tipo de punição sem ter a chance de se explicar primeiro.

– Ah, por favor – disse Nova. – Ele é a menor das minhas preocupações.

A expressão de Max se animou com um sorriso estranho e bobo.

– Claro que você não está preocupada agora que ele virou comida de peixe e tal. Não é, Adrian?

Adrian repuxou os lábios.

– É. O que quero dizer é que ainda tem detalhes que precisam ser resolvidos em relação ao Agente N, mas tem potencial. Estou feliz de não termos mais que nos preocupar com o Titereiro, e teríamos evitado muitas dores de cabeça se a Detonadora tivesse sido neutralizada antes da ocorrência no parque Cosmopolis. – Ele se virou para Max. – E agora que já descobriram o Agente N, não precisam mais de você e das suas amostras de sangue, né? Acabaram os exames?

– Acho que sim – disse Max. – Não tiram nada há um tempo e... acho que não teriam concordado em tentar me neutralizar se ainda precisassem dos meus poderes funcionando.

– Certo. Está vendo? Não vai haver mais testes, não vai haver mais amostras, e agora, isto. – Adrian bateu no Amuleto da Vitalidade e puxou Max para outro abraço exuberante. – Parece que o Bandido acertou na loteria.

Max gemeu alto e saiu do abraço dele.

– Sabe, você gosta de zoar o Hugh por ser tão brega, mas às vezes você é igual.

Nova sentiu de novo como se estivesse invadindo a privacidade deles.

– Preciso me aprontar para o trabalho nos artefatos. Vejo vocês mais tarde, tá?

– Trabalho? – perguntou Adrian. – Estamos no meio da noite.

– São as melhores horas pra trabalhar – concordou Nova com um sorriso tranquilo. – Gosto da paz e da tranquilidade.

Ela acenou e foi na direção do elevador, o sorriso sumindo assim que ela virou as costas. Havia um amuleto que podia proteger Max.

Um amuleto que talvez pudesse proteger do Agente N.

Seus nervos vibraram com a possibilidade.

Ela queria aquele amuleto.

Mas não tanto quanto queria o elmo do Ace. E, naquela noite, era isso que ela planejava pegar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



PASSAVA DA UMA DA MADRUGADA quando Nova passou o comunicador pelo relógio digital e entrou no cofre. Algumas luzes espalhadas iluminaram as estantes, uma atrás da outra, enchendo o corredor de um brilho opaco e sinistro. Nova fechou a porta e colocou a bacia grande de plástico que tinha levado em um carrinho.

Ela ignorou as câmeras de segurança, embora pudesse sentir as lentes a observando enquanto empurrava o carrinho pelo corredor principal. Olhar para as câmeras sempre atraía desconfiança, então ela manteve a expressão neutra. O andar, casual.

Foto Instantânea só chegaria horas depois. Até lá, Nova tinha o cofre só para si.

Ela esperava que fosse tempo suficiente.

Uma ideia brilhante tinha ocorrido a Nova no dia anterior. Ela jamais conseguiria usar magia para abrir a caixa de cromo que guardava o elmo do Ace. A caixa jamais seria aberta com um machado místico e nem esmagada com um martelo indestrutível. Adrian nunca desenharia uma abertura para ela, por mais que flertasse com ele daquele jeito sofrido e desajeitado.

Mas Nova tinha esquecido de que *ela mesma* era capaz. Podia não ter superforça e nem poderes psíquicos, e nem controle sobre

os elementos da natureza. Mas tinha a ciência, tinha persistência e conseguiria abrir a caixa.

Ela não se apressou, pois sabia que havia alguém na sala de segurança naquele momento que podia estar observando seu progresso lento pelos corredores. Podiam estar curiosos para saber por que ela estava lá no meio da noite. Podiam estar até desconfiados. Mas perderiam o interesse até ela chegar ao elmo. Nova manteve os gestos lentos e triviais. Ela e o carrinho foram de fileira em fileira, as rodinhas barulhentas dando nos nervos. Ela fez paradas frequentes para olhar a prancheta pendurada na lateral do carrinho, fingindo tomar nota de tempos em tempos. Tirou itens comuns do carrinho e passou um tempo os organizando com cuidado nas prateleiras.

Nova nunca tinha estado no cofre sem ter a falação constante de Callum no ouvido e reparou pela primeira vez agora que várias relíquias pareciam zumbir, como se tivessem uma corrente elétrica leve. Algumas até emitiam um brilho acobreado sutil, não muito diferente do elmo do Ace.

As similaridades a fizeram hesitar quando ela passou pela Ampulheta Infinita, onde a areia branca cintilante estava sendo atraída para a parte de cima do recipiente. Nova chegou mais perto e colocou o dedo na base de ébano. *Aquele brilho*. Era familiar. O tom e a vibração exatos de todas as coisas maravilhosas que ela havia visto seu pai criar quando era pequena.

Ela olhou por todo o corredor. Agora que estava procurando, ficou fácil encontrar os artefatos cintilantes. Ela sabia que devia haver coisas no cofre que realmente foram feitas por seu pai, mas não *todas* aquelas. Não a Pena de Ravenlore, que existia havia séculos. Não o Sabre Ártico, que tinha sido forjado do outro lado do mundo.

Ela balançou a cabeça e virou o carrinho para o corredor principal.

– Mantenha o foco – sussurrou ela. Teria tempo de refletir sobre os muitos mistérios do departamento de artefatos depois. Agora, ela

só tinha que pensar no elmo do Ace e como libertá-lo.

Nova entrou no último corredor e passou pela placa de ACESSO RESTRITO no fim da prateleira. Na metade da fileira, ela posicionou o carrinho a uma curta distância da caixa de cromo e ficou de costas para a câmara na extremidade. Ela abriu a caixa de plástico e tirou seu equipamento: uma bateria e conectores, um balde grande cheio de uma solução eletrolítica que Leroy havia preparado para ela mais cedo e uma roda de aço que ela tinha encontrado na sarjeta em Wallowridge, que ela teve o trabalho de limpar em um banho de cloreto de sódio e ácido acético.

Ela verificou a prancheta de novo fingindo estar seguindo obedientemente as ordens vindas de cima. Em seguida, ela abriu a caixa e virou a solução na bacia. O cheiro de produtos químicos se espalhou e a fez franzir o nariz. Nova segurou a tosse, pegou a roda e a mergulhou na bacia.

Ela respirou fundo e segurou a caixa de cromo. O metal estava frio ao toque, e, embora fosse pesada, ela conseguiu colocar a caixa na bacia com pouco esforço. A solução cobriu as laterais. Ela não sabia qual era a grossura das paredes da caixa, mas esperava que a solução fosse funda o bastante para corroer a base toda. Esperava que houvesse tempo suficiente para completar o processo. Esperava que ninguém se desse ao trabalho de entrar na seção restrita enquanto o experimento estivesse acontecendo.

Ela esperava muitas coisas.

Eletrólise. A ideia a atingiu como um dos raios laser do Sentinela. Era o processo usado para fazer revestimentos de metal, e o cromo era usado para revestir outros metais o tempo todo. Usando uma bateria, ela poderia alterar a carga de átomos neutros na base da caixa. Os átomos perderiam elétrons e isso os transformaria em íons com carga positiva, que se soltariam da caixa. Ao longo do tempo, os íons positivos do cromo se deslocariam pela solução, atraídos pelos elétrons que estavam sendo empurrados pelo outro lado da bateria, e voltariam a ser metal sólido na superfície da roda.

O resultado: não haveria mais caixa de cromo.

Ou, pelo menos, haveria um buraco grande na caixa de cromo.

Como bônus, ela talvez tivesse até uma roda nova coberta de cromo e quase indestrutível quando o processo estivesse terminado.

Era tão simples, tão óbvio, que ela não conseguiu acreditar que não tinha pensado naquilo antes. Tinha até começado a se perguntar se o próprio Capitão poderia ser enfraquecido desse jeito, mesmo sabendo que seria consideravelmente mais difícil prendê-lo numa bateria ou mergulhá-lo num tanque de produtos químicos.

Ela prendeu os condutores.

Cruzou os dedos e ligou a bateria.

E torceu.

Ela meio que esperava que a bateria fosse ganhar vida com fagulhas e um chiado de energia, mas não foi isso que aconteceu. Só o leitor digital na lateral indicou que os amperes estavam fluindo pelo sistema. Nova ajustou os botões e aumentou a voltagem.

Ela inspecionou a roda, não exatamente esperando ver uma mudança visível. O processo levaria tempo.

– Um cátodo vigiado não galvaniza – murmurou ela e empurrou a célula eletrolítica para as sombras da estante.

Ela decidiu que a deixaria funcionando por uma hora e depois voltaria para dar uma olhada. Sabia que podia demorar o dia todo para que houvesse algum sinal visível da erosão do cromo. E tudo bem. Ace tinha ficado uma década sem o elmo. Se podia ser paciente assim, ela também podia.

Desde que funcionasse no final. E desde que ela impedisse que Callum e Foto Instantânea fossem olhar a coleção restrita enquanto o processo estivesse em andamento. Ela não tinha certeza absoluta de como conseguiria isso, mas estava considerando um derramamento de produto químico tóxico na fileira seguinte. Ou talvez ela pudesse orquestrar uma distração do outro lado do cofre. Alguns potes de pedras radioativas quebradas os manteriam ocupados por um tempo...

Nova limpou as mãos, colocou o balde no carrinho e começou a levá-lo para longe, deixando a caixa de cromo e seu experimento para trás.

Ela estava quase no fim do corredor quando um som chamou a sua atenção. Parecia que havia alguma coisa... fervendo.

Nova franziu a testa e se virou lentamente.

Havia uma nuvem de vapor saindo da prateleira onde ela tinha deixado o experimento.

Sua pulsação acelerou.

– O que foi agora? – murmurou ela, abandonando o carrinho. O som de borbulhar ficou mais alto. O vapor ficou mais denso. O ar carregado de produtos químicos fez sua garganta arder.

Quando chegou perto da bacia de plástico, ela viu que a solução eletrolítica estava fervendo, soltando bolhas grandes que estouravam na superfície e espirravam pelas laterais.

– Como é que isso...

Explodiu.

Nova ofegou e pulou para trás quando a solução voou para toda parte, cobrindo a parte inferior da prateleira acima. Transbordou pelas beiradas da bacia e caiu no chão. Um dos cabos condutores se soltou da bateria e voou da célula, quase arrancando o olho de Nova antes de bater na parede.

Com o circuito interrompido, o que sobrou do líquido foi esfriando até ficar imóvel, exceto pelos filetes escorrendo pela lateral.

A caixa de cromo estava intacta, parecendo irritantemente inocente dentro da bacia.

Nova olhou para a sujeira dos produtos químicos. Para a bateria destruída. Para a roda que tinha esfregado por uma hora inteira para garantir que ficasse limpa e os átomos de cromo pudessem aderir nela.

Um grito gutural escapou de sua boca. Ela pegou a coisa mais próxima ao alcance, um broche cravejado de pedras, e o jogou pelo corredor. Quando acertou o piso de concreto, ele emitiu um brilho

branco ofuscante. Nova levantou os braços na frente do rosto e cambaleou para trás, mas a luz desapareceu tão rápido quanto tinha surgido e o broche quicou e deslizou mais alguns metros. Quando o fantasma do broche sumiu da visão de Nova, o broche apareceu, felizmente intacto.

– Bom – disse ela, esfregando as pálpebras. – Eu não devia ter feito isso.

– McLain?

Ela deu um pulo e girou em um círculo inteiro antes de perceber que a voz severa tinha vindo do seu comunicador.

Ela engoliu em seco e levantou a mão.

– Hã... sim?

– Aqui é Recuo, da segurança. Nós vimos o que pareceu ser uma pequena explosão no departamento de artefatos. Está tudo bem?

Nova mandou seus nervos se acalmarem.

– Hã... está. Desculpe. Está tudo bem. Eu estava – ela limpou a garganta – limpando alguns objetos aqui e, hã, devo ter calculado mal a... solução... de limpeza. Desculpe por ter causado preocupação.

– Quer que enviemos uma equipe de limpeza?

– Não – disse ela, acrescentando uma risada leve. – Não, não. Eu cuido disso. Você sabe que as coisas aqui podem ser meio... temperamentais. Acho melhor eu mesma cuidar.

– Tem certeza?

– Absoluta.

A comunicação foi interrompida e Nova inspecionou os resultados do experimento fracassado, tão fracassado.

Ela passou as mãos pelo cabelo e soltou um palavrão.

Porcaria de ciência e persistência.

Com os ombros murchos, ela pegou o broche e o colocou no lugar delicadamente, depois foi procurar um esfregão.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



P PEITO DE ADRIAN ESTAVA doendo por causa da tatuagem nova, ainda sensível por causa dos mil furinhos da agulha. De todas as tatuagens que ele tinha, aquela foi a mais fácil de se convencer a fazer. Ele soube que a faria assim que o Amuleto da Vitalidade permitiu que ele ficasse na presença de Max.

O feitiço funcionou e a tatuagem também funcionaria. Depois daquilo, ele poderia entrar e sair da quarentena quando quisesse.

Por causa da grande importância do desenho, ele não simplesmente copiou o símbolo na pele. Ele passou horas olhando dicionários, enciclopédias e tomos sobre simbolismos e práticas antigas de cura. Os símbolos que o ferreiro tinha feito muito tempo antes no medalhão eram encontrados em múltiplas religiões e culturas, muitas vezes carregando mensagens de proteção e saúde.

A mão direita aberta era considerada protetora contra o mal, e as cobras eram associadas à cura e à medicina desde sempre. Quanto mais ele lia, mais entendia como o desenho podia proteger alguém das forças que desejariam seu enfraquecimento.

Proteção. Saúde. Força.

As palavras apareceram várias vezes na pesquisa e se repetiram como um mantra na mente de Adrian conforme ele trabalhava na tatuagem.

Uma serpente enrolada na palma de uma mão aberta.

A mão erguida em desafio: Pare. Você não pode passar.

A serpente, pronta para devorar qualquer mal que ousasse ignorar o aviso da mão.

Juntos... *imunidade*.

A tatuagem, feita diretamente sobre seu coração, funcionaria. Adrian já tinha conseguido coisas impressionantes ao tatuar desenhos novos na pele. Ele tinha ampliado os limites do seu poder além de qualquer coisa que ele pudesse ter pensado que era possível. Tinha se transformado no Sentinela, e o escopo das suas habilidades parecia infinito, limitado apenas por sua imaginação.

Então, quem podia dizer que ele não podia também se dar aquela habilidade? Não invencibilidade completa, como o Capitão tinha. O único jeito que ele conseguia pensar de obter *isso* seria com uma tatuagem que cobrisse o corpo inteiro, e ele não estava pronto para esse tipo de compromisso.

Mas a invencibilidade de Max? Podia ser feito. Era possível. Ele nunca tinha tido tanta certeza de uma coisa na vida.

Ele foi até o espelho inspecionar o próprio trabalho. O desenho parecia bom. Limpo e preciso. Apesar de ter que trabalhar de cabeça para baixo em si mesmo, ele ficou satisfeito de ver como conseguiu equilíbrio na forma. Ficou do jeito que ele imaginou. Uma réplica perfeita do símbolo no Amuleto da Vitalidade.

Adrian relaxou os ombros, apertou as palmas das mãos sobre a tatuagem e deixou o poder penetrar no corpo. Teve a mesma sensação calorosa e ardente que tinha cada vez que fazia isso, conforme o desenho se espalhava por sua pele e seus músculos, por sua caixa torácica até o coração batendo com firmeza. Conforme se tornava parte dele.

Quando ele afastou a mão, a tinta estava reluzindo em laranja, como ouro incrustado na pele. Mas sumiu rápido e só restou a tatuagem, em nada diferente do que estava quando ele tirou o curativo. Diferentemente dos outros desenhos, as tatuagens não

desapareciam quando ele as trazia para a realidade. Talvez por terem sido feitas com a intenção de serem permanentes. Talvez porque ele não estivesse criando uma manifestação metafísica do desenho, e sim o usando para se modificar.

Adrian estava tão confiante das tatuagens e das habilidades novas quanto já tinha estado com qualquer outra coisa. Quando estava guardando o kit de tatuagem, ele se viu desejando poder ter metade dessa certeza em relação a Nova e os sinais confusos que ela vinha dando.

Ele tinha certeza... bom, quase... uns oitenta e três por cento de certeza de que Nova estava flertando com ele no salão de treinamento. E no parque. Vários pequenos momentos voltaram à mente dele. Um sorriso um pouco largo demais. Olhos se demorando por um segundo a mais. O jeito como ela se sentou mais perto dele do que precisava. Os dedos roçando nas costas dele quando ela o ensinou a atirar.

Era flerte. Não era?

E flerte significava interesse. Não significava?

Mas aí ele se lembrou do parque de diversões e como ela se afastou rapidamente quando ele tentou beijá-la e que tudo ficou esquisito entre eles depois disso, e concluiu que devia estar imaginando coisas.

O maior problema era que o que eles viveram no parque de diversões deixou Adrian dolorosamente ciente do quanto ele tinha começado a gostar de Nova.

Gostar *mesmo*.

Ele gostava da coragem dela, a coragem destemida com que ela enfrentou o Gárgula no teste. A falta de hesitação na hora de perseguir Espinheiro e matar a Detonadora. A coragem que chegava perto do descaso. Às vezes, ele desejava poder ser mais como ela, sempre tão confiante com as próprias motivações que não se importava de forçar um pouco as regras de tempos em tempos. Era assim que Adrian se sentia quando era o Sentinela.

Sua convicção de que sabia o que era certo lhe dava coragem de agir, mesmo quando ele teria hesitado como Adrian ou Rabisco. Mas Nova nunca hesitava. A bússola dela não parecia falhar.

Ele gostava porque ela desafiava as regras da sociedade ao se recusar a se curvar para o Conselho quando tantos outros estariam fazendo de tudo para impressioná-los. Ao se recusar a pedir desculpas pela decisão deles de irem atrás do Bibliotecário, apesar dos protocolos, porque ela acreditava totalmente que eles tinham feito a escolha correta com as opções que tiveram.

Ele gostava que ela o tinha vencido de lavada em todos os jogos do parque de diversões. Gostava que ela nem hesitou quando ele deu vida a um dinossauro na palma da mão dela. Gostava que ela correu para dentro da quarentena para ajudar Max, apesar de não ter ideia do que ia fazer quando chegasse lá, só sabendo que tinha que fazer *alguma coisa*. Ele gostava que ela demonstrava compaixão por Max, às vezes até indignação pela forma como as habilidades dele eram usadas... mas nunca pena. Ele até gostava que ela fingia entusiasmo por coisas como a Olimpíada dos Ajudantes quando ficava claro que ela preferia estar fazendo qualquer outra coisa.

Mas, por mais comprida que a lista de coisas que o atraíam em Nova McLain tivesse ficado, ele ainda achava os sentimentos que ela tinha por ele um mistério, com uma falta irritante de evidências para apoiar a teoria de que talvez, só talvez, ela também gostasse dele.

Um sorriso aqui.

Um rubor ali.

Era uma lista irritantemente curta.

Ele devia estar interpretando aquelas coisas.

Não importava, ele disse para si mesmo repetidamente. Ele não podia correr o risco de ficar íntimo demais de ninguém agora. Se Nova descobrisse sobre suas tatuagens ou reparasse que seus desaparecimentos coincidiam com as ações do Sentinela, ou

mesmo se ela visse um dos seus blocos que detalhavam a armadura e as habilidades do Sentinela, ela descobriria. Ela era muito observadora. Rápida. Ela saberia num piscar de olhos, e quanto tempo levaria até que ela contasse ao resto da equipe, aos seus pais ou à organização toda? Nova deixou seus sentimentos pelo Sentinela bem claros, e esses sentimentos podiam ser tudo, menos bons.

Pelo menos a vida assumiu um ritmo mais tranquilo quando ele botou a armadura do Sentinela de lado. Sua suposta morte foi aceita como fato, apesar de não ter havido sucesso na dragagem do fundo do rio em busca do corpo. Adrian sabia que seria mais fácil continuar assim. Deixar o Sentinela morrer com a crença pública.

Ele não se arrependia de nada do que tinha feito enquanto estava usando a armadura e não conseguia compreender por que o Conselho e os Renegados estavam tão determinados a impedi-lo, mesmo depois de todos os criminosos que ele capturou, de todas as pessoas que ajudou. Estavam tão concentrados no *código* que não conseguiam apreciar o bem que podia ser feito quando alguém se desviava das regras.

Mas, arrependimento ou não, o Sentinela era considerado inimigo dos Renegados, e ele não conseguia aguentar a ideia de ter que explicar sua identidade secreta para os pais, nem para o resto da equipe. Inclusive Nova. *Principalmente* Nova. A melhor forma de guardar seu segredo era mantendo uma distância entre eles.

Mesmo se ela estivesse flertando.

E ela estava, com certeza.

Ele sabia com oitenta e sete por cento de certeza.

Seus pensamentos dispararam.

Com a tatuagem concluída, ele precisava de outra distração.

Ele alongou os ombros e voltou para o estúdio de arte. O que começou como um momento de inspiração aleatória tinha virado outra coisa... bem, meio espetacular, se Adrian podia dizer. O que antes era uma sala escura e sem janelas, com paredes brancas

sem graça e piso de concreto, era agora uma visão que deixaria qualquer pessoa sem fôlego.

A pintura, inspirada no sonho que Nova contou sobre sua infância, tinha se tornado um paraíso tropical ocupando todas as paredes do chão ao teto. Conforme as sumaúmas cresceram, seus galhos se esticaram num emaranhado de folhas e vinhas formando uma copa que devorou cada centímetro do teto acima. Abaixo, o piso foi ocupado por raízes grossas e emaranhadas, pedras e samambaias, além de canteiros de flores bem coloridas. Também havia resquícios da ruína abandonada que Nova descreveu, inclusive uma série de degraus levando ao canto onde a estátua podia ser vista, cercada de um muro de pedra em pedaços e coberto de plantas. A estátua estava de costas e o rosto encapuzado e as mãos esticadas não podiam ser vistos, aumentando o mistério da imagem. Com musgo na superfície e lascas de idade, a estátua era uma figura solitária e firme, o que restava de uma civilização perdida.

Era só tinta, mas Adrian não se lembrava de já ter sentido tanto orgulho de sua arte. Quando entrava no aposento, ele imaginava que sentia o cheiro das flores. Ouvia pios das aves nativas e o chiado de mil insetos. Sentia a umidade na pele.

Ele tinha acabado de abrir uma lata de tinta, pretendendo terminar alguns realces num canto de samambaias, quando uma voz brusca ecoou pela casa.

– *ADRIAN!*

Ele ficou paralisado.

Havia muito, *muito* tempo que ele não ouvia Hugh gritar assim.

Ele colocou o pincel de lado e subiu a escada com hesitação.

Encontrou os pais no escritório no segundo andar curvados sobre um tablet à mesa de mogno.

– Chamaram?

Os dois olharam para ele, sem palavras por um momento.

Hugh ficou de pé e apontou para o tablet.

– O que você estava *pensando*?

Adrian deu um passo para trás.

– Como?

Simon mostrou o tablet para Adrian.

– Você pode explicar isto pra nós?

Adrian se aproximou com hesitação e olhou a tela. Eram as filmagens de segurança da quarentena de Max e...

– Eu... ia contar pra vocês sobre isso.

– Espero que sim – disse Hugh, ainda quase gritando. Ele abriu bem os braços, um gesto de frustração que Adrian não o via fazer havia muito tempo. – Como você pôde...? Por que você não...? O que você estava *pensando*?

– Adrian – disse Simon com bem mais paciência. – Você... – Ele parou de falar. Empertigou os ombros. Recomeçou: – Você sacrificou seus poderes... só pra ficar próximo do Max?

Adrian o encarou boquiaberto. Pelo jeito como ele falou, Adrian percebeu que ele achava a ideia ridícula e também invejável. Como se ele já tivesse considerado fazer aquilo mais vezes do que era capaz de admitir.

– Não – disse Adrian. – Eu não sacrifiquei meus poderes.

– Então o que está acontecendo neste vídeo? – perguntou Hugh.

– O pobre segurança de serviço quase teve um ataque cardíaco quando viu isso.

Adrian passou a mão pelo cabelo.

– Desculpe. Eu... eu ia falar com vocês sobre isso...

– Estamos falando agora – disse Hugh com rispidez.

– Você pode parar de gritar? – pediu Adrian.

Hugh fez cara feia, mas se acalmou um pouco.

– Desculpe.

Adrian suspirou.

– Eu... descobri um jeito de ficar imune ao Max.

– Ninguém é imune ao Max – disse Hugh.

Adrian franziu a testa.

– Você é imune ao Max.

A voz dele subiu de tom de novo.

– E sou o único. Agora, tenta de novo. A verdade desta vez.

– Eu encontrei uma coisa nos cofres – disse Adrian, com mais vigor agora. – Chama-se Amuleto da Vitalidade. É um medalhão antigo que dizem que protege contra qualquer coisa que enfraquece uma pessoa, como veneno ou doença. E pensei... bom, que talvez funcionasse contra os poderes do Max também. E funcionou. Funciona.

Hugh e Simon trocaram olhares de dúvida.

– É verdade. – Ele indicou o tablet. – Estou usando o medalhão no vídeo. Dá pra ver.

– O que você quer dizer com *encontrou*? – perguntou Simon.

– Eu fui buscar aquela marionete para o Winston Pratt e Foto Instantânea estava lá conversando sobre isso com aquele cara, hã, Callum. Fiz umas pesquisas e descobri o que era capaz de fazer e... achei que funcionaria. – Ele se concentrou em Simon. – Estou com o amuleto lá embaixo. Eu ia dar pra você. Você pode usar pra poder ver o Max, como eu fiz. Pode chegar perto dele que nada vai acontecer com você.

– Adrian, isso é... impossível – disse Simon.

– Está no vídeo! – Ele indicou o tablet. – Eu não mentiria sobre isso.

– Mas como você soube? – perguntou Hugh.

– Foi um palpite que tive. E deu certo.

Hugh se balançou nos calcanhares e a sala foi tomada pelo silêncio.

– Imunidade – murmuro Simon, por fim. – Do Max?

Adrian prendeu os polegares nos bolsos.

– E... de outras coisas.

– Venenos e doença – disse Hugh – e *Max*.

Adrian coçou a nuca.

– Não tenho certeza, mas... acho que também pode proteger de... uma coisa tipo... o Agente N.

As expressões deles foram idênticas. De descrença, mas também de curiosidade.

– Como nós não sabíamos disso? – perguntou Hugh.

Adrian deu de ombros.

– Achei que, como temos tantos curandeiros prodígios, ninguém se preocupa tanto em se proteger de venenos e doenças. O medalhão nunca foi retirado por nenhum Renegado, isso desde o dia em que a base de dados foi criada. Não deve ter parecido importante.

– Bom, agora vai ser – disse Hugh. – Uma coisa assim... eu nunca pensei...

Por um momento, Simon pareceu quase sentir orgulho. E... esperança.

– Foi um gesto muito corajoso, Adrian.

– Obrigado – murmurou Adrian enquanto sentia um calor no coração.

Hugh se apoiou no parapeito da janela.

– Nós temos que conversar sobre isso. Sobre o que poderia significar para Max e para o Agente N. Por enquanto, não conte pra ninguém sobre esse... Amuleto da Vitalidade, certo?

– Sim, claro – disse Adrian. – Só que já contei pra Nova.

Hugh revirou os olhos.

– Claro que contou. Bom, pede pra *ela* não contar pra mais ninguém, tá?

Adrian assentiu, apesar de haver um tom de decepção acompanhando as palavras. Ele estava animado para contar a Oscar e aos outros. Ele enfiou as mãos nos bolsos e se balançou com impaciência.

– Era só isso?

Seus pais trocaram outro olhar e Adrian se irritou. O que era aquilo de tantos *olhares* silenciosos agora? Eles não sabiam que

dava para ver?

Os dois suspiraram praticamente ao mesmo tempo.

– Era – disse Hugh. – Era só isso.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



NOVA ESTAVA QUASE TERMINANDO de limpar o desastre quando soou um apito no cofre. Ela inclinou a cabeça e franziu a testa. Parecia o alerta da recepção, mas... era cedo demais para alguém ter chegado, não era?

Ela esperou até ouvir o sinal mais uma vez, suspirou e foi até a frente do armazém.

Havia uma garota na mesa de retiradas batucando com os dedos na bancada.

Nova parou.

O olhar gelado de Genissa Clark grudou no de Nova e desceu até a ponta do esfregão. Seus lábios se curvaram de leve.

– Primeiro você vai das patrulhas para um trabalho administrativo e agora te rebaixaram pra limpeza? Sua família deve estar morrendo de orgulho.

Nova trincou os dentes, mais pela menção cheia de descaso à sua *família* do que à tentativa de insulto.

Durante seu tempo se passando por Renegada, Nova foi obrigada a admitir que muitos Renegados tinham boas intenções, mesmo sendo parte de uma hierarquia social danosa. Mas ela também ficou ainda mais ciente de que muitos Renegados desejavam autoridade sobre os que consideravam inferior, e

Geladura estava entre os piores. Quando os Anarquistas moravam nos túneis do metrô, a equipe de Geladura fazia visitas frequentes e debochava dos Anarquistas, destruía os bens deles, desperdiçava seus recursos... tudo em nome de “manter a paz”. Nova a desprezava, assim como à equipe dela, mais do que à maioria dos outros Renegados.

– Não existem trabalhos que não sejam importantes – disse Nova, encostando o esfregão na mesa da Foto Instantânea –, só indivíduos pretensiosos de mente pequena que buscam aumentar a própria importância desmoralizando todas as outras pessoas. – Ela abriu um sorriso largo, contornou a mesa e ligou o computador. – Posso ajudar em alguma coisa?

Genissa pegou a prancheta com as informações de retirada e jogou para Nova.

– Preciso do Amortecedor do Tormenta.

Nova olhou a primeira folha da prancheta e viu que Genissa já tinha começado a preencher as informações do pedido.

– Amortecedor do Tormenta? – disse ela com ceticismo. – O que é isso?

Genissa ficou olhando para ela em silêncio por um longo momento.

Nova a encarou. Como cultivou uma paciência de vida inteira, ela era boa em competições de encarar.

Finalmente, Genissa deu um suspiro de exasperação.

– Amortecedor de *Som*. Eu achava que as pessoas deste departamento tinham que ser úteis.

O Amortecedor de *Som* era familiar agora que Nova estava pensando – um metrônomo que, enquanto o pêndulo balançava, criava um perímetro à prova de som além da área em que o tique-taque podia ser ouvido.

– Pra que você precisa disso? – perguntou Nova, botando a prancheta na mesa.

Genissa grunhiu.

– Me desculpe. Seu trabalho é fazer perguntas ou me trazer o que eu peço?

O sorriso meloso da Nova voltou.

– Na verdade, *meu trabalho* é defender os inocentes e fazer justiça. Então, pergunto de novo. Pra que você precisa disso?

Pequenos cristais de gelo estavam se formando em volta das pontas dos dedos de Genissa, estalando nas mangas do uniforme, e Nova percebeu que ela achava que aquela conversa era a maior perda de tempo do mundo. Nova até gostou.

– Minha unidade tem uma noite movimentada à frente – disse Genissa, a voz seca e irritada. – E, diferentemente de certas unidades de patrulha, nós nos esforçamos para não perturbar a paz. – Ela se inclinou para a frente, apertou o dedo na folha de retiradas e gerou uma onda de gelo estalando no papel. – Ah, espera... Desculpe, que falta de consideração a minha. Eu devia ter percebido que nossa missão ia te chatear. Mas tenho certeza de que sua equipe foi deixada de lado por um bom motivo.

Nova apertou os olhos.

– Como é?

– Nós fomos designados para o caso da Espinheiro – gabou-se Genissa. – E finalmente temos uma pista. Devemos estar com ela presa nas próximas 48 horas. Mas não se preocupe. – Ela se inclinou sobre a bancada. – Vamos dizer para todo mundo que ela foi uma oponente muito *difícil*, pra poupar vocês do constrangimento. Agora você vai pegar essa coisa pra mim ou vou ter que procurar alguém que saiba fazer o trabalho?

O sangue de Nova ferveu só de pensar que Espinheiro pudesse ser encontrada e capturada, e que logo Geladura receberia todos os créditos.

Mas ela exibiu o sorriso como uma arma.

– Você já assinou o acordo de empréstimo?

– Claro.

– Muito bem. – Nova se afastou da mesa. – Daqui a pouco eu volto com seu... Amortecedor.

Não foi difícil encontrar o Amortecedor de Som do Tormenta, guardado na seção de ferramentas com poder, entre um pilão com superfície de espelho e uma coleção de esferas vermelhas pequenas. Nova pegou o metrônomo de madeira na prateleira e se virou, a mandíbula ainda contraída.

Ela parou e se virou lentamente para as esferas de novo.

Eram seis, todas aninhadas numa bandeja não muito maior do que uma caixa de sapatos. Nova pegou uma e a inspecionou. O dispositivo parecia uma romã: era brilhante e liso, com uma coroa presa de um lado.

– Oi, mísseis de névoa – sussurrou ela lendo o rótulo embaixo da caixa. Eram alguns dos dispositivos explosivos que ela havia mencionado para Leroy que achava que podiam ser alterados para trabalhar com uma forma gasosa do Agente N, mas ainda não tinha tido tempo de inspecioná-los. Os famosos mísseis de névoa eram invenção de Fatalia, que era capaz de soltar um vapor ácido pela respiração que pulverizaria os pulmões de qualquer oponente que o respirasse. Mas o poder dela só era eficiente de perto, o que seus inimigos acabaram descobrindo. Por isso, ela criou os mísseis, parecidos com uma granada de mão, nos quais podia injetar o ácido pela respiração. Com o impacto, o ácido era solto no ar. Nova viu uma linha fina em volta da circunferência do dispositivo, onde ele se abriria para liberar o vapor tóxico.

Ela se perguntou se ainda havia algum vapor de Fatalia dentro das bombas.

E se perguntou se seria difícil enchê-las com algo como o Agente N. Como as estava vendo na vida real, ela já estava imaginando como poderia fazê-las funcionar.

Se os Anarquistas fossem realmente tentar enfraquecer os Renegados com a arma deles mesmos, um dispositivo de dispersão como aquele seria bem mais eficiente do que tentar derrotar cada

oponente com um dardo. Além do mais, nem todo mundo podia ser acertado por um disparo. Os dardos não perfurariam o Capitão Cromo e nem o Gárgula.

Os Renegados não usariam o Agente N em forma de gás porque era arriscado demais. Mas se ela tivesse o Amuleto da Vitalidade...

O som da recepção ecoou pelo cofre.

Com a bochecha tremendo, Nova botou o míssil de névoa de volta no lugar.

Ela se virou para a recepção e jogou o metrônomo para Genissa sem preâmbulos. Genissa tropeçou e pegou o dispositivo por pouco com uma cama de cristais de gelo. Ela olhou para Nova de cara feia.

– Prontinho! Divirta-se! – disse Nova com alegria.

Com um som de repulsa, Genissa pegou o Amortecedor e foi na direção do elevador.

– De nada! – gritou Nova para ela.

Quando ela saiu, Nova afundou na cadeira e bateu com os dedos na prancheta. Roubar ou retirar os mísseis? Se ela fosse pega os roubando, vários alarmes seriam disparados. Mas, se ela conseguisse transformá-los em bombas do Agente N, mais tarde eles poderiam ser rastreados até o pedido de retirada. Só que, àquela altura, os Anarquistas estariam em modo de ataque, e aquela mentira já teria acabado mesmo.

Seus lábios tremeram. Talvez ela devesse esperar e conversar com Leroy e Ace primeiro.

O elevador apitou de novo e Callum apareceu, a expressão eufórica.

– Houve mesmo uma explosão?

Nova ficou tensa.

– O quê?

– Fui avisado pela segurança. O que houve?

As entranhas de Nova foram tomadas de pânico, mas Callum não pareceu tão preocupado, e sim curioso. E ansioso, claro. Sempre

tão ansioso.

– N-nada – disse ela. – Eu só estava... hum... limpando umas coisas. Acho que talvez tenha misturado uns produtos químicos errados.

Callum desanimou.

– Só isso? Eu estava achando que você tinha descoberto uma função mágica nova ou algo do tipo.

Ela balançou a cabeça, fingindo decepção.

– Ah, não. Desculpe.

– Que sem graça. – Ele balançou a mão no ar, a expressão mudando. – Mas melhor assim. Combustão espontânea é legal e tudo, mas não é uma coisa boa no local de trabalho. – Ele se inclinou sobre a mesa e virou a folha de retiradas. Nova tinha reparado que ele sempre olhava quem estava retirando equipamentos e o que tinha sido retirado, um argumento a favor de roubar os mísseis, pensando bem. Ele fez uma careta. – Geladura veio aqui? Ela me apavora.

– Você não é doido pelas habilidades de superfloco de neve dela?

Ele riu.

– Você está de brincadeira? Ela usa o poder dela todo errado. Se eu pudesse manipular gelo, usaria patins o tempo todo e faria um caminho constante de gelo na minha frente aonde quer que fosse. – Ele empurrou a prancheta para longe. – Pra que ela queria o Amortecedor de Som?

– Não sei – murmurou ela, se recusando a admitir que sua equipe tinha sido dispensada do caso da Espinheiro. – Não é meu trabalho fazer perguntas. – Ela fez uma pausa. – Quer dizer, não é mesmo, né? Nós podemos dizer não se alguém quiser retirar uma coisa que achamos que a pessoa não deve?

Ele grunhiu.

– Normalmente, não. Não se a pessoa tem autorização e assinou o acordo. Mas, se você estiver muito hesitante com alguma coisa,

pode pedir à Foto Instantânea para levar ao Conselho. Só precisei fazer isso uma vez, quando tive certeza de que um novo recruta estava usando uma chave mestra pra invadir apartamentos. Infelizmente, eu estava certo.

Nova ficou de boca aberta.

– O que houve?

– Ele foi tirado das patrulhas e passou muito tempo fazendo serviço comunitário depois. Trabalha na praça de alimentação agora.

– Sorte dele. Se fizesse uma coisa assim atualmente, provavelmente seria injetado com Agente N.

– Acho que não. – Callum esfregou a penugem clara no queixo. – Ele estava violando a lei, mas não era perigoso. A punição pareceu adequada.

Nova grunhiu, mas não tinha certeza se concordava. Quando o público soubesse sobre o Agente N, suplicaria para que fosse aplicado em todos os casos de prodígios fazendo coisas erradas. E o Conselho estava tão ansioso para sustentar sua reputação que ela desconfiava que aceitariam com facilidade.

E, a cada prodígio neutralizado, o poder dos Renegados cresceria mais e mais.

– Você também não gosta do Agente N, né?

Ela levou um susto.

– Como?

Callum se encostou na mesa.

– Acho trágico. Imagina uma pessoa ter habilidades extraordinárias que são arrancadas de repente? É um desperdício. Saber como este mundo poderia ser, como a humanidade poderia ser se ao menos escolhêssemos fazer o melhor, ajudar os outros... sermos, bom, heróis. Não gosto de pensar nessa chance sendo tirada de alguém antes que a pessoa tenha vivido seu potencial.

– Certo – disse Nova. – Só que ter superpoderes não transforma a pessoa num herói altruísta automaticamente. As pessoas são

gananciosas e cruéis e... para alguns, ter superpoderes os torna ainda *mais* gananciosos e cruéis. – Ela contraiu a mandíbula. – Genissa Clark é prova disso.

– É... – disse Callum, falando lentamente como se estivesse formando os pensamentos enquanto falava. – Mas acho que, quando tem a escolha entre fazer o bem ou fazer o mal, a maioria das pessoas escolhe o bem.

– E eu acho – respondeu Nova – que nada é tão preto no branco quando as pessoas querem fingir que é. Fazer o bem e fazer o mal não são mutualmente exclusivos.

Ele inclinou a cabeça.

– Por exemplo?

Nova puxou a cadeira e se sentou.

– Sei lá. Ace Anarquia?

A expressão do Callum se transformou em prazer.

– Estou ouvindo. Continua.

Nova franziu a testa para ele. Caramba, como ele era estranho.

– Bom, ele é vilão, né? Todo mundo sabe disso. É inquestionável. Ele matou pessoas. Destruiu metade da cidade.

– Mas?

– Mas, se não fosse ele, os prodígios ainda estariam vivendo com medo. Sendo perseguidos, sendo vítimas, sofrendo abuso... *Ele* criou um mundo em que os prodígios podiam se defender. Declarar o que somos e não ter medo de sermos punidos por isso. Ele lutou pelos direitos de todos os prodígios. Enquanto os Renegados só parecem interessados em defender os prodígios que concordam com seu código.

– Mas as pessoas ainda sentiam medo – disse Callum. – A Era da Anarquia não foi uma época boa... pra ninguém. Foram os Renegados que fizeram as pessoas se sentirem seguras de novo. Então, na verdade, foram os Renegados que mostraram ao mundo que os prodígios mereciam direitos.

– Os Renegados não existiriam sem o Ace Anarquia.

- Os fins justificam os meios?
 - Às vezes.
 - Então Ace Anarquia foi um herói.
- Ela olhou para ele com desconfiança.
- Eu não falei isso.

O sorriso dele voltou, e Nova teve a impressão de que aquela conversa não passava de um debate divertido para ele. Ela se perguntou se ele era um daqueles tipos que faz o advogado do diabo capaz de argumentar dos dois lados independentemente da verdadeira opinião.

- Vem comigo – disse ele, dando as costas para ela.
- Hã? Aonde a gente vai?
- Quero mostrar uma coisa.

Nova não se moveu. Enquanto Callum esperava a chegada do elevador, ele olhou para ela com impaciência.

Nova se levantou.

- Tudo bem. Mas espero que eu não seja demitida por causa disso.

Callum riu.

- Você e eu somos os únicos nessa organização toda que acham que trabalhar no departamento de artefatos é fascinante. Acredite em mim. Ninguém vai te demitir.

O elevador chegou e Nova o seguiu para dentro. Sentiu-se compelida a negar a suposição dele; ela não estava trabalhando ali porque os artefatos eram *fascinantes*. Estava ali porque tinha um trabalho a fazer. Tinha um elmo para recuperar.

Mas ela acabou se dando conta de que Callum não estava totalmente errado. Ela achava mesmo o trabalho interessante. Como inventora, ela sabia apreciar a inovação que tinha sido aplicada em muitas das coisas da coleção.

Ainda assim, pensou ela. Ela não ia bancar a nerd como Callum fazia.

O elevador começou a subir, e Nova olhou para o painel de números. Com um sobressalto, ela se afastou da parede.

Callum a estava levando para o andar mais alto, onde ficavam as salas particulares do Conselho.

Seus membros foram tomados de tensão.

Por que ele a estava levando para o Conselho? Tinha descoberto quem ela era? Sabia?

Ela não devia ter defendido Ace Anarquia. Não devia ter sido tão descuidada com o experimento de eletrólise. Não devia ter criticado os Renegados e o Agente N.

Nova fechou os dedos e teve a sensação familiar do poder aquecendo a pele. Ela mirou na nuca do Callum. Meio segundo e ele estaria inconsciente.

Ela olhou para a câmera presa ao teto do elevador e hesitou.

– Você já subiu aqui? – perguntou Callum, olhando os números mudando acima das portas de metal. – Tem algumas das coisas mais iradas da coleção expostas perto das salas do Conselho, se bem que, cá entre nós, as escolhas deles são questionáveis. Tudo tem um lugar, mas as pessoas vivem obcecadas demais por armas e guerra. Se dependesse de mim, eu exibiria algo como a Tocha do Legado. Pode não ser chamativa, mas teve um papel importante na história inicial dos prodígios.

Enquanto ele falava, Nova se permitiu relaxar.

Ele não ia entregá-la para o Conselho. Só estava indo mostrar mais dos seus objetos amados.

Fazia sentido.

Prisma estava sentada atrás de uma mesa imponente quando eles saíram do elevador, a pele de cristal cintilando na luz de um candelabro de vidro. Ela abriu um sorriso quando viu Callum, os dentes gerando uma série deslumbrante de arco-íris pelo piso branco reluzente.

– Oi, Garoto Maravilha – disse ela. – Já está na hora de trocar os objetos em exposição?

– Hoje não. Eu só queria mostrar pra Insônia. Vocês se conhecem?

Prisma virou o sorriso para Nova.

– Nos encontramos uma vez. É ótimo te ver de novo. – Ela esticou a mão. Quando Nova a apertou, percebeu que a pele dela era dura e fria ao toque como vidro. Aqui, percebeu ela, estava outro prodígio que talvez não fosse vulnerável aos dardos do Agente N.

Se bem que ela não conseguia imaginar por que alguém ia querer neutralizar Prisma. Até onde ela sabia, a mulher era feita de uma espécie de cristal e... só. Seu único “poder” era dar um show quando a luz batia na pele dela do jeito certo.

– Podem ir – disse Prisma, indicando a porta. – O Conselho ainda não chegou e vocês vão ter sossego pra olhar.

Eles passaram por um saguão circular com várias estantes e quadros em destaque, mas Callum não comentou sobre os artefatos valiosos. Nem mesmo sobre o quadro enorme que exibia a derrota do Ace Anarquia no Dia do Triunfo – um quadro que a enfureceu tanto quanto na primeira vez que ela o viu. Callum só a levou por uma porta ampla e por um corredor curto que passava pela sala da Tsunami, seguindo até o terraço do prédio do quartel-general.

Nova saiu e sentiu a queda de temperatura. Eles estavam cercados de vidro e aço; sob os pés deles e para cima, formando um abrigo transparente sobre suas cabeças. Callum foi na frente e botou as mãos em uma amurada que envolvia o terraço.

Nova foi atrás.

Sua respiração travou.

A vista era diferente de qualquer coisa que ela já tivesse visto. Ela havia passado muito tempo nos terraços de prédios, até de arranha-céus, mas nunca tinha estado tão alto. Ela nunca tinha visto Gatlon espalhada, como um sonho. Havia a baía ao longe, onde o sol da manhã dançava nas ondas como ouro derretido. Ela viu tanto as pontes Sentry e Stockton sobre o rio, majestosas com pilares enormes e os arcos graciosos dos cabos de suspensão. Havia a

marcante torre Merchant, com o pináculo de vidro, e o Hotel Woodrow, com séculos de idade, ainda exibindo o fantasma de uma placa nos tijolos. Coisas que ela tinha visto mil vezes, mas nunca assim. De tão longe, ela não conseguia mais ver as cicatrizes que o tempo deixou na cidade. Os prédios que estavam ruindo sob a força das intempéries. Os bairros abandonados. As pilhas de lixo e detritos nas calçadas e vielas. Não havia barulho lá em cima competindo com a tranquilidade. Nem sirenes, nem gritos, nem buzinas. Não havia miados de gatos de rua e nem o crocitar dos corvos demarcando território.

Era deslumbrante.

– Sabe o que é incrível? – disse Callum. Ele apontou e ela seguiu o ângulo do dedo dele até o Parque da Cidade, com campos verdejantes e florestas em tons de outono, como um oásis inesperado no mar de concreto e vidro. – Está vendo aquela árvore perto do canto sudeste do parque? A sempre-viva, do tipo que se destaca junto a todas as outras, decíduas? É um cipreste-rei. Sabe como é lento pra uma dessas crescer?

Nova olhou para ele sem conseguir discernir aonde ele estava indo com aquilo.

– Não.

– É muito – disse Callum. – *Muito* lento. Quem plantou aquela árvore precisava saber que teria que esperar anos, *décadas*, para poder sentar embaixo da copa e apreciar a sombra. Talvez nem tenha chegado a isso. Talvez a pessoa tenha plantado na esperança de que seus filhos ou netos, talvez até só estranhos, gerações depois, pudessem se sentar embaixo dos galhos da árvore e que talvez alguém fosse sentir gratidão por um momento pela pessoa que teve a visão de plantar uma mudinha no passado.

Ele ficou em silêncio e Nova franziu a testa. *Aquilo* era a coisa importante que ele tinha para mostrar?

– Além disso – disse Callum –, tem os trens. É tão legal.

Nova resmungou baixinho e começou a planejar o que podia dizer para sair educadamente da conversa e voltar ao trabalho.

– Pense no sistema de trens antigo. Tanta engenharia, tantos recursos... Deve ter sido fé no começo, né? Uma confiança de que aquilo era o futuro: viagens e indústria e comércio. Não havia garantia de que aqueles trilhos seriam colocados, conectando tantas cidades e portos, mas alguém teve convicção suficiente para ir em frente mesmo assim.

– Callum...

– E o alfabeto! – disse ele, se virando para ela. – Você já parou pra pensar no alfabeto?

– Hã...

– Pensa bem. Aqueles símbolos são só linhas no papel. Mas alguém, em algum momento, teve a ideia de designar significado a eles. E não só isso, mas ensinar esses significados às outras pessoas! Imaginar uma forma para as ideias e pensamentos serem registrados e compartilhados... deve ter parecido uma tarefa impossível no começo, mas a pessoa persistiu, e pense em tudo que derivou disso. Não é fantástico?

– Callum – disse Nova com mais firmeza agora. – Você vai chegar em algum lugar?

Ele piscou para afastar a empolgação dos olhos e observou Nova quase com tristeza por um momento.

– Quero dizer que o Ace Anarquia, seja quais tenham sido os motivos dele, foi, no fim das contas, uma força destrutiva. Ele *destruiu* coisas. Mas somos tão mais fortes e melhores quando dedicamos nossa energia a criar coisas e não destruir.

– Claro – disse ela com amargura. – E os Renegados são quem cria.

Callum deu de ombros.

– Eles estão tentando, mas ninguém é perfeito. Como você falou, até o Ace Anarquia estava lutando por uma causa na qual acreditava, uma causa pela qual valia a pena lutar. Mas ele não

construiu nada. Só matou e destruiu e deixou o mundo em pedaços. O resultado não foi liberdade para os prodígios. Foram vinte anos de medo. Vinte anos nos quais as pessoas não pensaram em escrever livros e nem plantar árvores e nem construir arranha-céus. Era uma vitória só sobreviver mais um dia. – Ele abriu um sorriso melancólico. – Mas... o Agente N também é uma força destrutiva. Ele retira e não repõe. Estou com medo de ser um passo para trás para todos nós.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e Callum resmungou e bagunçou o próprio cabelo.

– Desculpe. Já me disseram que sou chato quando falo sobre essas coisas, mas às vezes é tão frustrante passar pela vida vendo tudo isto. – Ele abriu bem os braços, como se pudesse abraçar a cidade abaixo. – Tem tantas coisas com que se maravilhar. Como alguém pode querer fazer mal a isso? Como as pessoas podem acordar todas as manhãs e não pensar: olha, o sol ainda está lá! E eu ainda estou aqui. Isso é incrível! – Ele riu e se virou para Nova de novo. – Se eu pudesse fazer todo mundo ver... por mais de um minuto, então... sei lá. Não consigo deixar de pensar que poderíamos começar a trabalhar para criar coisas. Juntos, pra variar.

Nova olhou para a cidade de novo. Ela viu barcos de pesca cortando as ondas, indo na direção do mar. Carros seguindo pelas ruas, quase como se fossem parte de uma dança coreografada. Grupos de guindastes e operários consertando prédios caídos e erigindo novas estruturas sobre os esqueletos das antigas.

Centenas de milhares de pessoas cuidando da vida. Dia após dia. Ano após ano. Geração após geração. De alguma forma, a humanidade conseguiu construir *aquilo tudo*. Apesar de tudo que tentou atrapalhar. De alguma forma, prevaleceu. As pessoas continuavam existindo.

Era incrível. Como ela nunca tinha pensado nisso? Talvez por nunca ter tido a chance de ver a cidade assim. Ela havia passado

tanto da vida no subterrâneo. Correndo pelos túneis escuros e sem vida. Ela nunca tinha pensado muito no preço que ela e os Anarquistas tinham que pagar pela vida tão secreta. As vidas que eles jamais poderiam viver.

Ou talvez ela estivesse vendo agora porque...

Porque...

– Garoto Maravilha? – sussurrou ela.

Callum gemeu.

– Só Maravilha. Prisma acha que acrescentar o Garoto deixa o apelido fofo, que ficaria ótimo se eu tivesse 7 anos.

Ela se virou para ele, balançando a cabeça.

– Eu não achava que você fosse prodígio.

– É, não aparece muito. Poder revelar temporariamente todas as grandes maravilhas deste mundo – ele moveu o braço na direção do horizonte de novo – não parece muita coisa em comparação a bíceps de cromo e erupções vulcânicas saindo das pontas dos dedos. – Ele estalou os dedos para demonstrar o que queria dizer, mas, em vez de parecer decepcionado, seu rosto assumiu a expressão cativada de novo. – Sabia que, no século XVII, um prodígio segurou o fluxo de lava de uma erupção de vulcão para que o vilarejo pudesse ser...

– *Callum*.

Ele parou.

Nova olhou para ele.

– Você estava me manipulando. Eu achei... houve um segundo em que eu... Você não pode mexer com as emoções das pessoas assim!

– Ah, um equívoco comum – disse ele, inabalado. – Não sou capaz de fazer nada com as emoções das pessoas. Só posso mostrar seus verdadeiros sentimentos... ou o que elas veriam se parassem para olhar com atenção. E quando as pessoas veem a verdade, que elas estão cercadas de muitas coisas incríveis, elas

tendem a sentir naturalmente um assombro enorme. Por que não seria assim com você?

Ela franziu a testa, sem saber se acreditava na explicação. A sensação era de ter sido vítima de uma brincadeira, como se tivesse tido um momento de clareza ofuscante só para descobrir que era uma ilusão.

Só que agora ela já não tinha tanta certeza do que era real e o que não era.

Nova tinha que admitir que era um dom legal poder espalhar uma sensação de admiração nas pessoas ao seu redor. Não era espalhafatoso, mas ela desconfiava que ele estivesse certo. Talvez o mundo fosse diferente se todo mundo pudesse vê-lo como ele o via.

– Por que não te colocam nas patrulhas? – perguntou ela. – Com um poder assim, você poderia controlar muitas situações perigosas.

– Ah, não com tanta facilidade quanto você poderia pensar. As pessoas precisam parar um segundo para reparar no mundo ao redor, e, quando tem alguém no meio de uma briga ou cometendo um crime, ninguém vai parar e cheirar as rosas hipotéticas. Posso ter mais impacto aqui. Ajudando outros Renegados a mudarem de perspectiva, lembrando às pessoas o que estamos tentando alcançar. Se vamos reconstruir o mundo, eu gostaria que ele fosse construído sobre uma base de gratidão e apreciação, não ganância e nem orgulho.

– Se esse é seu objetivo – disse Nova, esfregando a testa –, não sei se você está conseguindo.

– É um processo lento, mas sou paciente.

Nova andou pelas extremidades do terraço passando os dedos pela amurada. Ela chegou à beirada e parou. Gatlon era construída em uma série de ladeiras que desciam na direção da baía, e, daquele ângulo, dava para ver a catedral do Ace, situada no topo de uma colina alta, com a torre do sino em ruínas se projetando no meio da destruição.

Ela ouviu a voz do Ace em pensamento dizendo que às vezes era preciso destruir o velho para abrir caminho para o novo.

Que o progresso era comumente construído com sacrifícios.

Ela odiava pensar que os Renegados estavam tendo acesso a algo como o Agente N, mas seus motivos não eram os mesmos de Callum. Ele odiava a ideia de obliterar o potencial dos superpoderes, mas Nova odiava o desequilíbrio de poder que causaria, mais do que qualquer coisa. Sim, superpoderes podiam ser usados para chegar a grandes resultados, mas também podiam ser usados para a crueldade e a dominação. E, quanto menos prodígios houvesse, mais provável era que os que restassem se tornariam tiranos poderosos.

Se dependesse dela... se pudesse mudar o futuro do mundo... ela faria com que não existissem mais superpoderes. Nem heróis e nem vilões.

Só a humanidade, impotente e vulnerável, todos lutando na vida juntos.

Algo lhe disse que Callum não concordaria com essa posição.

– Por que você me trouxe aqui em cima? – perguntou ela.

Callum levou um momento para responder. Quando o fez, sua voz soou baixa.

– Eu gosto de você, Nova. Não sei pelo que você passou, mas percebo que você sofreu. E que ainda está sofrendo.

Ela se encolheu.

– Sei que alguns prodígios se tornam Renegados porque gostam da ideia de ter poder – continuou Callum, grudando o olhar nela. – E alguns querem prestígio e fama. Mas muitos de nós estão aqui porque queremos fazer diferença. Nós queremos mudar as coisas pra melhor. – Ele fez uma pausa e seu olhar se desviou para o horizonte. – Não sei qual é sua história, mas acho que você também quer mudar as coisas pra melhor. Achei que ver isso talvez fosse um bom lembrete do que estamos todos fazendo aqui. Do que estamos lutando pra conseguir.

Nova observou a cidade abaixo. *Era* um bom lembrete do que ela estava lutando para conseguir.

Mas Callum estava enganado sobre uma coisa.

Às vezes, as coisas tinham que ser destruídas antes que algo melhor pudesse ser construído.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



– *J*Á COMENTEI QUE VOCÊ está ridículo? – sussurrou Max, escondido atrás de Adrian quando ele olhou por uma esquina.

– Estou? – Adrian olhou para o traje de proteção branco. – Pra ser sincero, estou me sentindo um astronauta.

– Bom, você parece um colchão inflável ambulante.

Adrian lançou um sorrisinho por cima do ombro. Dava para perceber que Max estava nervoso. O garoto sempre ficava um chato quando ficava nervoso.

– Está pronto?

– Não – respondeu Max, franzindo bem a testa. – A sensação é de estar violando as regras. E se eu der de cara com alguém? E se... machucar alguém?

– São quatro horas da madrugada – disse Adrian.

– Pode ter gente da segurança e unidades de patrulha da madrugada indo e vindo, e às vezes os curandeiros chegam cedo, e você sabe que a Nova está sempre por aí nas horas mais estranhas, e...

– Max. – Adrian o olhou com severidade. – Nós só temos que ir até o elevador. Fica, literalmente – ele estimou a distância –, a 15 metros daqui e não tem ninguém em lugar nenhum. A gente não vai esbarrar em ninguém.

– Mas e se tiver alguém quando a gente sair do elevador? A gente pode ser pego de surpresa. Ou... a gente pode pegar alguém de surpresa, acho que falar assim seria mais preciso...

– Ninguém vai ser pego de surpresa. O andar está todo demarcado com bloqueios nas escadas. Vai ficar tudo bem.

– O que Hugh e Simon diriam?

Os cantos da boca de Adrian tremeram, mas, sem querer revelar a surpresa, ele só falou:

– Tenho quase certeza de que eles entenderiam.

Adrian mexeu em um dos punhos de cromo do pulso. Ele queria esticar a mão e bagunçar o cabelo de Max (foi fácil se acostumar aos gestos de carinho), mas as luvas grossas atrapalhavam. Foi duplamente frustrante considerando que ele não acreditava que precisava do traje de proteção. Tinha a tatuagem agora. Devia poder chegar perto de Max sem problema.

Mas as tatuagens ainda eram um segredo que ele tinha que guardar, e a última coisa que queria era que certas pessoas comesçassem a fazer perguntas sobre elas. Portanto, o traje teria que ser usado por enquanto.

– Vem – disse ele, abrindo a porta da quarentena.

Com um olhar preocupado, Max foi atrás de Adrian, mas parou. Turbo estava mordendo a tira da sua sandália.

– Não. Você fica, Turbo – disse ele, empurrando a criatura para a margem da baía em miniatura.

Adrian verificou todas as direções mais uma vez e empurrou Max para a frente. Turbo não foi atrás, só inclinou a cabeça e observou os dois por um segundo antes de ir andando na direção da tigela de comida. A criatura comia tanto que Adrian estava começando a achar que devia ter escolhido o nome de Oscar Júnior para ela.

Seus sapatos fizeram um ruído abafado na passarela quando eles passaram acima do saguão. Adrian olhou para a guarita de segurança depois da entrada principal. Mas os funcionários tinham

recebido instruções claras e ninguém gritou para impedi-los quando eles seguiram na direção do elevador.

– Eles só falaram nisso o dia todo – disse Max.

– Hã?

Max apontou, e Adrian seguiu o gesto na direção de um dos monitores pendurados no saguão. Havia uma notícia passando e, embora o som estivesse mudo, um ícone de um frasco de comprimidos acima do ombro do âncora revelava qual era a história.

Uma garota de 14 anos tinha morrido de overdose de drogas duas noites antes, resultado da substância ilegal que estava se infiltrando no mercado de drogas da cidade. A droga que foi elaborada a partir de medicamentos como os que Espinheiro tinha roubado do hospital. Era a oitava overdose naquela semana. Além do uso desenfreado de drogas, a popularidade crescente da substância também estava sendo ligada ao aumento de violência nas ruas, ao tráfico e à prostituição.

O mais perturbador talvez fosse que os Renegados tinham feito pouco para conter a epidemia crescente de abuso de drogas e o próspero mercado clandestino. Eles pareciam até perdidos sobre como lutar contra um inimigo que não podia ser derrubado com socos e raios laser.

Na tela, a família da vítima mais recente estava sendo entrevistada, os olhos inchados com o sofrimento. Adrian se virou e apertou o botão do elevador. Não tinha como ele saber se as drogas que tiraram a vida da garota tinham sido desenvolvidas a partir dos mesmos medicamentos que Espinheiro roubou, mas ele não podia deixar de sentir o peso do seu fracasso.

O elevador chegou e os dois entraram. Ele sentiu a ansiedade de Max cada vez que o garoto olhava para a câmera no teto e para os números acima da porta do elevador. Seu nervosismo pareceu aumentar conforme o elevador foi subindo. Um dos pés estava batendo rapidamente no chão. Uma das mãos ficava afastando uma

mecha imaginária de cabelo da testa. Ele ficava repuxando os lábios e sacudindo as mãos em uma tentativa de se acalmar.

– Sei que isso é estranho pra você – disse Adrian, a respiração embaçando o visor do capacete de uma forma que o lembrava vagamente estar dentro da armadura do Sentinela. – Mas não é tão arriscado quanto parece. Juro. Eu não faria nada que o colocasse em perigo, nem nenhum dos Renegados.

– Mas aonde estamos indo? – perguntou Max, com um choramingo leve na voz.

– Trigésimo nono andar. – Adrian indicou o botão aceso.

Max amarrou a cara para ele.

– E o que tem no trigésimo nono andar?

O sorriso misterioso de Adrian voltou, espontâneo, e Max bufou com irritação.

O elevador chegou ao andar e as portas se abriram. Adrian indicou que Max devia ir na frente, e o garoto saiu com insegurança, mas parou em seguida.

– Ei... pai?

Hugh estava a poucos passos depois do elevador.

– Oi, Max.

Max olhou para Adrian, os olhos arregalados de pânico, mas Adrian já estava sorrindo.

– Eu falei que eles iam entender. – Ele cutucou Max entre as omoplatas e o empurrou para o espaço amplo.

O trigésimo nono andar era um dos muitos andares vazios do quartel-general esperando para ser ocupado por cubículos ou salas de realidade virtual ou por um centro de atendimento telefônico expandido ou consultórios ou laboratórios... o que quer que eles precisassem conforme a organização fosse crescendo. Mas, no momento, era só um andar de concreto simples com os canos expostos no teto e fileira atrás de fileira de colunas de sustentação de um lado do prédio até o outro.

Vazio, exceto por Hugh Everhart, Adrian e Max.

– Eu... não estou encrencado? – perguntou Max com hesitação aproximando-se do pai. – Por sair da quarentena?

– Não, você não está encrencando. – A expressão de Hugh ficou severa. – Nós não podemos transformar isso num hábito, mas foi fácil tomar os devidos cuidados pra uma noite. Afinal, é uma ocasião especial.

– É? – perguntou Max.

Hugh assentiu. Seu foco se voltou para a parede atrás de Max e Adrian, e havia um sinal de preocupação, mas também de esperança no rosto dele.

– Supondo que tenha dado certo...

Max se virou e Simon saiu da invisibilidade. Max ofegou e bateu no braço de Adrian.

– Você devia ter me contado.

Simon estava parado ao lado do elevador, o Amuleto da Vitalidade em volta do pescoço. Ele chegou a estar tão perto que poderia ter tocado no ombro de Max quando eles saíram do elevador.

– Eu... não sinto nada diferente – disse Simon. Ele estava tenso, o que não era característico dele.

Por um tempo, ninguém se moveu. Simon estava parado a cinco ou seis passos de Max, tão perto que deveria ter sentido os efeitos do poder de Max imediatamente. Primeiro, ele se sentiria fraco, depois sentiria suas capacidades drenadas. Quando aconteceu com Adrian, ele sentiu mais nas mãos. Seus dedos ficaram dormentes e ameaçaram não conseguir mais dar vida aos seus desenhos. Ele não sabia como o Guardião Terror se sentiria. Vulnerável? Exposto?

– Alguma coisa? – perguntou Hugh.

Simon balançou a cabeça.

– Estou me sentindo normal. – Ele sumiu e o corpo inteiro desapareceu, como se uma lâmpada tivesse sido desligada.

Max segurou o antebraço de Adrian e apertou. O traje chiou nos punhos.

Simon apareceu um segundo depois, dois passos mais perto, sorrindo. Ele segurou o medalhão que tinha no pescoço.

– Está funcionando. – Ele riu. – Adrian, isso é incrível. Max, eu...

Antes que ele pudesse terminar, Max se jogou para a frente e passou os braços na cintura de Simon.

O rosto de Simon se transformou com o abraço inesperado e ele se inclinou para a frente para passar os braços em volta dos ombros de Max.

– Isso quer dizer que posso te dar uma surra nas cartas também agora? – disse Max com o rosto na camisa do Simon.

Simon riu.

– Você vai ficar decepcionado de saber que sou *bem* melhor nas cartas do que ele.

Hugh limpou a garganta e atraiu a atenção de Adrian. Ele inclinou a cabeça para o lado e fez sinal para Adrian ir junto.

– Vamos dar um minuto a eles.

As bochechas de Adrian estavam começando a doer de tanto sorrir, mas ele não conseguiu parar conforme eles foram andando pelo piso empoeirado.

– Simon está certo – disse Hugh, a voz baixa para evitar o eco. – O Amuleto da Vitalidade é incrível e estou arrasado de saber que estava no nosso cofre o tempo todo e nenhum de nós sabia. A vida de Max poderia ter sido diferente... – A voz dele tremeu, mas ele disfarçou com outro ruído na garganta.

– Antes tarde do que nunca – disse Adrian. – Estou feliz de ter encontrado agora.

– Eu também. E vamos designar algumas pessoas para examinarem com atenção os objetos que temos na coleção pra ver que outras coisas de valor podemos ter deixado passar.

– Você devia conversar com a Nova – disse Adrian. – Ela está se dedicando muito ao trabalho com os artefatos.

– Vou falar – disse Hugh. – Vai ser fascinante pra todos nós ouvir o que mais podemos ter negligenciado.

Quando eles chegaram na parede distante das janelas, Adrian verificou a distância que estava de Max e soltou o protetor facial. Hugh ficou tenso quando o viu puxar o capuz, mas Adrian só abriu um sorriso.

– Estamos bem longe.

Como Adrian não demonstrou sinais de seus poderes estarem sendo drenados, Hugh concordou com um movimento de cabeça.

– Escuta, Adrian, tem uma coisa que achei que você deveria saber. Quanto antes, melhor.

Adrian ergueu as sobrancelhas.

– Ah?

– Houve uma descoberta no caso da Espinheiro.

Adrian se empertigou.

– O quê? Quando?

– No começo da manhã de ontem. Depois... daquela fatalidade infeliz.

– A garota que morreu de overdose?

– É. Nós contamos aos aliados da Espinheiro que, se conseguíssemos rastrear as drogas que ela comprou até as que foram roubadas, eles poderiam ser acusados de serem cúmplices de homicídio culposo. Um começou a falar. Nos deu algumas pistas de onde Espinheiro pode estar escondida.

– Que ótimo – disse Adrian. – Vou notificar minha equipe agora mesmo. Nós podemos... – Ele parou de falar quando Hugh começou a balançar a cabeça. O entusiasmo de Adrian sumiu. – Você não vai nos dar o caso, né?

– Nós já botamos a equipe da Clark nele.

A sensação foi de levar um soco no estômago. Adrian gemeu.

– Geladura? Sério?

– Sei que você não se dá com ela e nem te culpo por isso. Eles são... meio frios mesmo. – Hugh abriu um sorrisinho por causa da piada. Adrian não retribuiu. – Mas a equipe é boa, uma das mais eficientes que temos. Confio neles pra cuidar dessa missão.

Adrian amarrou a cara, mesmo sabendo que isso só o fazia parecer uma criança petulante. Ficou tentado a dizer que o único motivo para Geladura prender tantos criminosos era porque a equipe não seguia o código; ele tinha testemunhado isso quando os viu intimidando os Anarquistas nos túneis do metrô e tentando pressioná-los para que fizessem uma confissão falsa.

Mas resistiu à vontade, não só porque não tinha provas das transgressões de Geladura, mas também porque sentiu a vergonha da própria hipocrisia. O Sentinela também não seguia o código, e essa era parte do motivo para ele, assim como a equipe da Geladura, ser tão bom em levar criminosos à justiça. Pegar os bandidos era fácil quando não era preciso lidar com a inconveniência das provas e julgamentos.

Talvez isso fosse parte do motivo para ele desgostar tanto de Genissa Clark. Talvez ele só estivesse com inveja de ela conseguir se safar do que fazia, enquanto ele era tratado como uma peste a ser erradicada.

– Eu queria que você soubesse por mim antes que a notícia se espalhasse – disse Hugh. – Essa escolha não é por não confiarmos em você e nos outros, Adrian. Mas esse caso é importante, como você sabe, e...

– Vocês precisam do melhor – murmurou Adrian.

Hugh franziu a testa, mas não discordou.

Adrian suspirou.

– O importante é que a Espinheiro seja capturada e levada à justiça. Não importa quem faça isso. Afinal – ele olhou para Simon, lembrando o que ouviu depois da invasão do hospital –, não tem “eu” em herói.

CAPÍTULO VINTE E SETE



ESTAVA QUASE AMANHECENDO QUANDO Adrian chegou em casa e desceu a escada para o quarto. Ele sabia que não devia estar tão mal-humorado depois da noite que eles tiveram. Depois que conseguiu dar a Max uma coisa que ele tinha desistido de querer, um tempo com Simon e, em breve, um tempo com seus amigos também. Depois que seus pais autorizaram Adrian a contar sobre o medalhão, pelo menos.

Mas toda a alegria de Max não era capaz de superar a irritação de Adrian por saber que a equipe da Geladura, entre *todas* as unidades de patrulha de toda a organização, tinha sido escolhida para ir atrás da Espinheiro. Sua mandíbula estava doendo de tanto ele trincar os dentes a caminho de casa.

Ele começou a andar de um lado para outro no tapete gasto e ergueu o comunicador. Tinha finalmente desligado todas as notificações da central para afastar uma parte da tentação de usar o traje do Sentinela. Ele estava tentando confiar no sistema, botar sua fé no código, como seus pais queriam. Estava tentando dar aos Renegados o benefício da dúvida, acreditar que eles *eram* suficientes para proteger a cidade, para levar os criminosos do mundo à justiça.

Mas, naquele momento, não seria capaz de resistir.

Ele abriu o mapa da cidade e fez uma busca rápida pela Geladura.

Seu queixo se contraiu quando um pequeno sinal piscou no mapa. Ela estava ativa, andando pela avenida Raikes. Enquanto ele olhava, ela virou-se para o norte na Scatter Creek Row, andando rápido, tão rápido que tinha que ser em um carro.

Ele tentou imaginar o destino dela com base na direção que ela estava seguindo. Talvez Espinheiro estivesse acampada em uma casa de barco nas docas ou em um dos armazéns perto do porto, ou talvez em um vagão abandonado de trem em trilhos desativados.

Adrian contraiu o rosto e se obrigou a tirar o comunicador. Jogou-o na cama, se deitou ao lado e escondeu o rosto no travesseiro com um grunhido frustrado.

Ele disse para si mesmo para deixar que eles resolvessem.

Tentou se convencer de que ir atrás deles, atrás da Espinheiro, não valia o risco.

Enfiou os dedos no cobertor.

Espinheiro seria capturada. Seria presa. Os remédios roubados que ainda não tinham chegado ao mercado clandestino seriam confiscados.

Geladura receberia toda a glória, mas isso não devia importar para Adrian. A questão é que a justiça seria feita e um erro seria consertado. Tão consertado quanto possível, pelo menos.

Mas, para cada motivo lógico que havia para ficar quieto, seu cérebro oferecia uma desculpa para ir atrás.

E se a equipe da Geladura fracassar? E se a Espinheiro escapar de novo? Seria útil ter ajuda. Ter apoio, só por garantia.

Ele virou a cabeça para o lado. A luz no comunicador continuava piscando.

Adrian mordeu a bochecha por dentro e sentiu a força do debate interno o abalando.

Fique em segurança. Deixe o Sentinela descansar em paz.

Mas, em algum lugar lá no fundo, ele sabia que não ia acontecer. Ele soube assim que seu pai confessou que a equipe da Geladura tinha sido escolhida no lugar da dele.

Ele iria atrás da Espinheiro. Tinha que ir.

– Só pra ter certeza – disse ele, pegando o comunicador e o enrolando no pulso de novo. – Você só vai se revelar se for realmente necessário.

Não era por ele ter alguma coisa a provar. Nem para ele mesmo, nem para seus pais e nem... e nem para Nova.

Não, não tinha a ver com ele. Não tinha a ver com o Sentinela.

Era questão de justiça sendo feita.



ERA QUASE MEIO-DIA QUANDO Adrian chegou ao porto, com os sinais do comunicador o guiando de telhado em telhado. Suas botas pesadas fizeram um som alto quando ele caiu sobre a cabine de um guindaste velho que anos antes era usado para erguer os contêineres das barcaças que chegavam. A julgar pela camada de poeira nas janelas da cabine, ele duvidava que o guindaste fosse usado havia anos. O sinal da Geladura estava vindo de uma pilha de contêineres que tinha sido deixada para enferrujar quando o comércio internacional foi interrompido. A indústria aumentou significativamente na década anterior, mas boa parte da infraestrutura empregada antes da ascensão do Ace Anarquia tinha sido abandonada em deterioração lenta.

Atrás de uma cerca do outro lado do pátio de armazenamento, ele viu o veículo de patrulha com o *R* vermelho pintado no capô, uma van tão grande que até o Gárgula caberia dentro.

Adrian desceu metade da torre do guindaste antes de pular no chão. Ele caiu com força e espalhou uma nuvem densa de terra. Aproximou-se dos contêineres por trás, seguindo pelo labirinto enferrujado do pátio.

Um estrondo o fez parar onde estava. Foi seguido de um rugido da terra se abrindo. O chão tremeu embaixo dos pés de Adrian e choveu poeira dos contêineres em seu capacete.

Só podia ser Mack Baxter – *Sismo*.

Um segundo depois, ele ouviu um grito enfurecido e a parte de trás de um contêiner foi jogada pelo caminho menos de trinta metros à frente dele. Os tentáculos espinhentos da Espinheiro apareceram primeiro, deslizando para fora do contêiner como um polvo gigante.

Adrian se agachou e voou no ar antes que Espinheiro pudesse vê-lo. Ele caiu no teto do contêiner mais próximo com um ruído metálico de tremer os dentes, mas o som foi disfarçado pelo grito agudo da Geladura:

– Arraia! Gárgula!

Espinheiro envolveu a pilha mais próxima de caixas com os membros adicionais e subiu neles com leveza e rapidez. Segundos depois, estava em disparada pelos telhados na direção da água.

Ela ia fugir.

De novo.

Adrian soltou um rosnado, fechou a mão direita e direcionou o braço para ela. O cilindro no antebraço da armadura surgiu da pele e começou a emitir um feixe de luz branca enquanto o laser se preparava para o disparo. Ele disparava melhor com o laser do que com uma arma, e ela ainda não estava muito longe. Seria possível acertá-la. Ele podia...

Em algum lugar lá embaixo, ele ouviu o Gárgula rugir e Espinheiro gritar de surpresa quando a torre de caixas sobre a qual ela estava correndo oscilou e caiu para um lado. Ela gritou e esticou dois tentáculos para se apoiar no contêiner seguinte. Os membros adicionais se agarraram, os espinheiros perfurando o metal com um guincho que fez Adrian contrair o rosto.

Espinheiro ficou pendurada por um momento, prendeu o ar e, com um gemido alto, subiu.

Ela havia acabado de cair de bruços quando Arraia apareceu do outro lado da caixa com um sorrisinho na cara. Ele disse alguma coisa que Adrian não conseguiu ouvir e Espinheiro olhou para ele com uma expressão frenética.

Um tentáculo se preparou para atacar Arraia, mas ela foi lenta demais.

A cauda dele chicoteou na direção dela, a ponta com o espinho a perfurando no ombro.

Espinheiro grunhiu e caiu para a frente, de cara no teto ondulado do contêiner.

Adrian engoliu em seco, se escondeu nas sombras e desarmou o laser. O traje estalou quando a arma afundou no painel.

O veneno da cauda do Arraia agiu rápido e imobilizou o corpo da Espinheiro e seus membros adicionais. Arraia puxou os braços dela para as costas e algemou os pulsos. Ele não foi muito gentil quando empurrou o corpo dela pela lateral. Adrian esperou que ela caísse com força no chão, mas Gárgula estava lá, esperando-a. Ele segurou o corpo inerte, mas o largou rapidamente.

Geladura apareceu por trás de um contêiner e Sismo apareceu do outro lado do caminho, o chão ondulando com a aproximação dele.

– Bom trabalho – disse Geladura, batendo com a palma da mão na bochecha da Espinheiro. Uma camada de gelo ficou no local quando ela afastou a mão. – Com a prisão da mente maligna por trás do roubo no hospital e a apreensão de todas as drogas daquele laboratório, eu diria que estamos prestes a ganhar uma promoção.

Adrian fechou os olhos e seu coração despencou. Ele tinha ido até lá por nada. A luta durou só uns poucos minutos e o Sentinela não foi necessário. Talvez seus pais tivessem acertado ao designar Geladura para o caso, afinal.

Ele se encolheu sobre a caixa para evitar o ruído revelador dos seus passos no metal. Um dos contêineres pelos quais ele passou tinha janelas cortadas de forma rudimentar nas laterais cobertas por

uma rede. Ele parou para olhar o interior e viu que tinha sido completamente alterado. De fora, parecia uma pilha desprezível de contêineres de transporte abandonados, mas dentro havia ferramentas e equipamentos dignos de um laboratório. Havia bicos de Bunsen e medidores, frascos e baldes com vários tubos e rótulos, além de várias prateleiras de medicamentos roubados.

Eles não tinham só encontrado Espinheiro. Tinham encontrado o laboratório, as drogas e as provas de que precisariam não só para mostrar que ela havia roubado aqueles medicamentos do hospital, mas também de que ela os estava usando para preparar substâncias ilegais para botar à venda no mercado clandestino.

O julgamento dela seria rápido.

Adrian se afastou da janela. A decepção que sentia de ter perdido a chance de capturar Espinheiro deixou óbvio que a questão ali tinha sido mesmo que ele queria provar seu valor. Que queria que as pessoas vissem o Sentinela de um jeito diferente. Que queria elogios e admiração... do público, claro, mas dos Renegados também. Dos colegas e dos pais.

Suspirando, ele se preparou para pular do contêiner quando um ruído estranho o fez hesitar.

Ele inclinou a cabeça para ouvir.

Havia um tique-taque.

Um tique-taque lento e regular.

Sua pulsação saltou e ele se virou, a lembrança o levando de volta para o parque de diversões e os explosivos azuis da Detonadora espalhados pelo parque.

Uma bomba. *Espinheiro tem uma bomba.*

Ele voltou até a janela e espiou dentro para procurar no laboratório. De onde estava, dava para ver Geladura parada do lado de fora da abertura, e, embora o tique-taque devesse ser alto o suficiente para todos ouvirem, ela pareceu relaxada como sempre.

Geladura se inclinou e colocou uma coisa no chão. Uma caixa triangular.

Era *aquilo* a bomba? Geladura tinha levado um explosivo?

Mas... por quê?

Adrian chegou na beirada da caixa e olhou para o caminho entre os contêineres. Geladura, Gárgula, Arraia e Sismo estavam parados em volta da Espinheiro, que estava de joelhos, as mãos presas nas costas e os seis membros cobertos de espinhos caídos ao lado.

Adrian viu o dispositivo no chão com mais clareza agora, junto com a agulha que balançava regularmente para um lado e para o outro. Para um lado e para o outro.

Era um metrônomo.

Ele tinha quase certeza de que era o Metrônomo do Tormenta. O Amortecedor de Som, que impediria qualquer som, por mais alto que fosse, de sair da área na qual o metrônomo em funcionamento pudesse ser ouvido.

Mas que uso eles poderiam ter para...

– Não – choramingou Espinheiro, a voz arrastada pelos efeitos do veneno do Arraia, enquanto Sismo e Arraia seguravam as pontas dos tentáculos e puxavam para longe dela. – O que vocês estão fazendo?

Geladura abriu os dedos, e seis fluxos de gelo dispararam na direção dos membros, congelando-os no chão e os prendendo no lugar. Espinheiro grunhiu e Adrian viu os músculos embaixo da camisa ondularem quando ela tentou puxar os membros para o corpo, mas o gelo os prendia com a firmeza de armaduras.

Adrian fechou os dedos na beirada do contêiner.

– O que vai acontecer é o seguinte – disse Geladura. – Vou fazer umas perguntas e você vai responder. Se não responder... – Ela inclinou a cabeça.

Gárgula levantou um punho, que endureceu em forma de pedra cinzenta. Seu sorriso foi hediondo quando ele se agachou ao lado de um dos tentáculos da Espinheiro e bateu com o punho em cima.

Adrian se encolheu. O grito da Espinheiro o atravessou e ecoou estridente pelo local.

Seu estômago deu um nó de náusea quando Gárgula levantou o punho e Adrian pôde ver o local em que o membro tinha sido esmagado com o peso. Um dos espinhos tinha se partido e estava vertendo sangue em tom amarelado.

– E então? – disse Geladura quando o grito da Espinheiro tinha se transformado num choramingo trêmulo. – Pronta pra começar?

CAPÍTULO VINTE E DITO



– Vocês... VOCÊS NÃO PODEM... – gaguejou Espinheiro por entre os dentes. – Estou desarmada... imobilizada... Seu código não permite...

– Ah, então você é especialista no nosso código? – Geladura riu. – Uma ladra, produtora e traficante de drogas... acho que ninguém vai se incomodar com o que acontecer com você.

Espinheiro rosnou, com lágrimas molhando o rosto.

– E quando seu precioso Conselho vir que vocês me *torturaram*?

Geladura riu e soltou um coldre do cinto.

– Ah, ninguém vai ver nada.

Era uma arma igual às usadas no treinamento. A pulsação de Adrian acelerou.

Eles tinham o Agente N. Era *assim* que Geladura planejava se safar. Eles poderiam fazer o que quisessem com os membros adicionais da Espinheiro porque, quando ela estivesse neutralizada, esses membros não existiriam mais. Todas as provas do abuso dos Renegados desapareceriam. E, com o metrônomo tiquetaqueando sem parar, ninguém ouviria os gritos dela fora do pátio dos contêineres.

Seria a palavra deles contra a dela, uma criminosa conhecida, que ninguém lamentaria se fosse privada dos poderes. Adrian não

sabia bem como e nem por que a equipe da Geladura tinha recebido permissão de se armar com o agente neutralizador, talvez a permissão tivesse sido pela importância do caso, mas ele sabia que seria fácil alegar que eles tinham neutralizado Espinheiro em legítima defesa.

O Conselho acreditaria?

Seu estômago estava embrulhado.

– Sei que você anda vendendo seu produto no mercado clandestino – disse Geladura, a voz arrogante e fria. O som fez os dentes de Adrian doerem. – Quero os nomes e codinomes dos traficantes pra quem você vende.

Houve um momento de silêncio, pontuado apenas pelo tique-taque do metrônomo. Engolindo a bile que surgiu na boca, Adrian espiou pela beirada de novo.

– Não sei de nenhum nome – grunhiu Espinheiro. – Eles me dizem onde deixar as coisas e pegar o pagamento, e eu obedeço.

Geladura sinalizou para o Gárgula.

Ele bateu com o punho e esmagou um segundo membro.

O grito da Espinheiro acertou Adrian como uma agressão física.

Ele não queria sentir pena dela. Espinheiro era criminosa. Tinha roubado medicamentos e usado para produzir substâncias ilegais. Ela havia traficado para adolescentes. Suas ações provavelmente resultaram em inúmeras mortes.

Ele nem ficaria triste de vê-la receber uma dose do Agente N agora.

Mas ele também sabia que aquilo era errado. Bater nela enquanto estava impotente. Torturá-la desnecessariamente. Eles tinham que levá-la ao quartel-general e deixar que ela fosse interrogada lá. Qualquer informação dada sob coação talvez nem pudesse mesmo ser usada.

Mas e se ela disser algo de útil?, argumentou seu cérebro. E se ela der nomes ou provas que podem levar a mais prisões? E se eles

derrubassem uma cadeia inteira de traficantes por causa daquilo... talvez até uma organização inteira de drogas?

Ele afastou a cabeça da cena abaixo, o rosto contraído. Ele podia ir embora. Fingir que não tinha visto nada daquilo. Ele podia permitir que Geladura e sua equipe violassem as regras e torcer para que isso levasse a mais justiça.

– Vou repetir a pergunta – disse Geladura. – Quais são os nomes dos seus colaboradores?

A voz da Espinheiro estava falhando, a petulância já enterrada embaixo da dor.

– Já falei, não sei. Nós não trocamos nomes.

Geladura fez um som de dúvida. Observou os companheiros, e Adrian conseguiu imaginar a expressão de arrogância dela.

Ele podia nem sempre agir dentro do código de autoridade de Gatlon, mas *aquilo* ia além da justiça e dos atos de um justiceiro. Era abuso de poder puro e simples.

Ele não podia deixar.

Adrian esticou o braço. O diodo de laser surgiu da placa do antebraço e começou a brilhar.

Gárgula ergueu o punho.

Adrian disparou. O raio de luz acertou Gárgula no peito, jogando-o para trás contra a caixa. Ele bateu no chão com um baque que sacudiu a pilha toda e deixou um amassado de tamanho considerável na lateral de metal.

Adrian pulou no chão e se posicionou entre Espinheiro e Geladura.

– Já chega. Ela está capturada. Vocês fizeram seu trabalho. Agora levem essa criminosa para o quartel-general e deixem que o Conselho lide com ela.

A expressão da Geladura mudou rapidamente de surpresa para repulsa.

– Ora, ora. Eu tive a sensação de que sua morte era boa demais pra ser verdade. – Cones compridos de gelo começaram a se

formar na mão esquerda dela. A direita continuava segurando a arma. – Você vai tentar me dizer que o Conselho te mandou? Que suas ordens são de levar Espinheiro de volta? – Ela cuspiu na terra. – Desculpe, mas essa mentira não vai funcionar pela segunda vez.

– Não preciso mentir sobre nada. Vocês estão agindo fora do código e o Conselho vai saber. Agora vocês vão prender essa criminosa e confessar os seus crimes ou vou ter que fazer isso por vocês?

– Tenho uma ideia melhor – disse Geladura, um lado da boca torto. – Acho que vamos prender dois criminosos procurados já neutralizados. Ah, como o Conselho vai ficar satisfeito!

Uma coisa atingiu o ombro de Adrian. Ele sentiu um puxão no braço. O espinho na cauda do Arraia estava grudado na placa do ombro tentando arrancá-la. Rosnando, Adrian segurou a cauda e puxou, derrubando Arraia.

Geladura gritou e arremessou o dardo de gelo. Adrian o bloqueou com o antebraço e o gelo se estilhaçou, os pedaços se espalhando na terra. Ele levantou a palma da mão esquerda na direção da Geladura e uma bola de fogo começou a se formar na mão, estalando em laranja e branco.

Geladura deu um passo para trás.

– Não – disse Adrian. – Vou levar Espinheiro comigo. Vou entregá-la ao quartel-general.

Ele falou sem nem pensar na ideia horrível que seria entrar no quartel-general com a armadura do Sentinela com Espinheiro no ombro. Mas pensaria nos detalhes depois.

Ele se virou e direcionou o fogo nas montanhas de gelo que tinham cimentado os membros da Espinheiro no chão. Ela estava olhando para ele com um olhar cauteloso e desfocado, as bochechas molhadas das lágrimas e os membros esmagados cobertos de sangue amarelo.

– Que fofo – disse Geladura –, mas não é assim que as coisas vão rolar. Sismo!

Adrian ergueu o rosto a tempo de ver Sismo bater com o pé no chão. Uma rachadura abriu a terra compactada e seguiu entre as pernas de Adrian. Ele deu um grito de surpresa, perdeu o equilíbrio e acabou caindo de lado. No mesmo momento, a cauda do Arraia envolveu seu pescoço e o prendeu no chão. Adrian tentou enfiar os dedos entre a cauda e sua armadura, mas não conseguiu arrumar apoio.

– Foi uma boa tentativa com esse discurso galante e tudo – disse Geladura. Ela parou ao lado de Adrian com a mão no quadril enquanto a outra batia com a arma na coxa.

Ele olhou para a Espinheiro, ainda de joelhos, a cabeça baixa. Ele só tinha conseguido soltar um dos membros dela do gelo, e era um dos quebrados.

– Sabe, estou feliz de termos nos encontrado – continuou Geladura. – Você é um lembrete perfeito de tudo que nós, Renegados, lutamos contra.

Ele a fuzilou com o olhar, apesar de saber que seu ódio não podia ser visto pelo visor.

– Acho que você está confusa.

– Não, *you* está confuso – disse ela com desprezo. – Com essa postura de justiceiro, sua alegação de *lutar por justiça*. Mas existe um motivo pra você não ser um Renegado, e todo mundo sabe. Se você ligasse mesmo para as pessoas deste mundo, se quisesse mesmo ajudar os fracos e os inocentes, você teria se juntado a nós há muito tempo. Mas não. Você acha que pode seguir sozinho. Tem muito mais glória assim, não é? A fama, a publicidade... Você fala que faz jogo limpo, mas nós dois sabemos que você tem motivos próprios. E há um probleminha com prodígios que andam por aí agindo com motivos próprios. – Ela se agachou na frente de Adrian, o olhar querendo perfurar a proteção do elmo. – É que começa a dar ideias a outros prodígios. Eles começam a pensar: quem precisa virar Renegado? Posso ser mais sem eles. Em pouco tempo, eles estão mais preocupados com a própria reputação do que com

ajudar pessoas. Eles não ligam pra proteger os inocentes. Não ligam pra impedir crimes. Estão acima disso. E antes que se perceba... tem mais um vilão no mundo pra *nós* resolvermos. – Ela se levantou de novo e mirou o cano da arma na cara de Adrian. Ele apertou os olhos, mas sabia que o dardo do Agente N não penetraria no elmo. – Ou se é Renegado ou vilão. E, sim, a gente pode flexibilizar as regras de tempos em tempos. Podemos até ignorar o código completamente quando vemos um jeito melhor de fazer as coisas, um jeito que faça *mesmo* deste mundo um lugar melhor. Mas sair por aí fingindo que pode ser contra nós e ser herói ainda assim? – Ela balançou a cabeça. – Isso não dá pra tolerar.

Uma sombra caiu sobre Adrian. Gárgula esticou a mão e segurou a lateral do elmo, preparando-se para puxá-lo.

Com um rugido, Adrian dobrou o braço e disparou um raio na cauda do Arraia. Ele ofegou e recuou ao mesmo tempo que soltava o pescoço de Adrian o suficiente para Adrian bater com o elmo na barriga do Gárgula, que grunhiu com o impacto e perdeu o apoio no elmo. Adrian ficou de pé e girou para em seguida dar um soco num lado da cabeça do Gárgula. Sua bochecha se transformou momentos antes do impacto e o ruído de metal em pedra reverberou nos ossos de Adrian. Ele recuou e ergueu a perna para dar um chute no peito do Gárgula e o jogar no chão.

Adrian quase não conseguiu evitar a queda de novo quando Sismo foi na direção dele. Ao redor, as torres de contêineres tremeram e oscilaram, ameaçando cair em cima do grupo todo.

Adrian correu para longe do Sismo. Ele estava se preparando para pular em cima de uma das pilhas de contêineres quando um muro de lanças de gelo surgiu do chão na direção dele. Adrian deu um gritinho. Não deu para parar a tempo. Ele tropeçou e caiu, e esmagou três das lanças com seu peso.

Uma quarta penetrou entre as placas que protegiam sua lateral e seu abdome. A ponta afiada o perfurou embaixo das costelas e Adrian deu um grito ao mesmo tempo de surpresa e dor. Grunhindo,

ele passou as duas mãos em volta do gelo e se apoiou para se levantar.

Ele tropeçou, ofegante. Estava suando e sangrando embaixo do traje, com gotas descendo pela coluna e encharcando a camisa.

– Então o traje não é invencível – disse Sismo, chegando mais perto. – Bom saber. – Ele levantou um joelho e se preparou para enviar outro terremoto na direção de Adrian.

Adrian se preparou, reuniu energia e se projetou para cima. Caiu em uma pilha de quatro contêineres. Fechou o punho e começou a preparar outro raio de energia.

– Deixa o Mack lidar com ele – gritou Geladura. – Gárgula, nós temos um trabalho pra terminar.

Adrian ficou de pé e mirou o braço reluzente na direção do grupo abaixo.

– Como falei, vou terminar o trabalho pra vocês. Considerem Espinheiro minha prisioneira agora.

Sismo rosnou e se preparou para bater o pé de novo, mas Geladura levantou a mão e o fez parar.

– Espera. Acho que ele devia ver isso.

Arraia deu uma risadinha, mas o som pareceu cansado. Ele não tinha se recuperado completamente do raio de energia ainda.

– É, ele precisa saber o que o Agente N faz... porque ele vai ser o próximo.

Mas Geladura balançou a cabeça. Ela estava olhando para Adrian, a expressão calculista.

– Não... mudei de ideia. Nós não vamos neutralizar Espinheiro. Seria um desperdício de recursos considerando que a *encontramos* assim.

Adrian franziu a testa.

– O que você...

– Sismo, derruba ele. Gárgula... mata ela.

– O quê? – gritou Adrian. Ele virou o braço para Gárgula e ouviu o rugido da terra abaixo. A pilha tremeu embaixo dele e ele

disparou, mas o raio de energia passou longe e acertou uma caixa atrás deles.

Adrian deu um gritinho e segurou a beirada do contêiner para não deslizar quando a caixa tombou para um lado.

O metrônomo mal podia ser ouvido com o barulho de argila e terra, com pedras subterrâneas se partindo.

Ele viu Gárgula e seus olhos se arregalaram. De horror. De descrença.

– Não! – gritou ele quando Gárgula botou as duas mãos em volta da cabeça da Espinheiro. – Você não pode...

Em um movimento implacável, Gárgula esmagou o crânio dela e a silenciou.

Adrian ficou sem ar. Pontos brancos piscaram em volta da sua visão.

– Não fica triste, Sentinela – gritou Geladura para ele. – Ninguém vai sentir falta dela... assim como ninguém vai sentir a sua falta.

O terremoto aumentou. A pilha precária debaixo dos pés dele começou a virar.

Adrian se obrigou a se levantar, movido apenas pela adrenalina e pela raiva. Ele correu. Correu por todo o comprimento do contêiner e pulou segundos antes de desabar sob seus pés. Ele caiu com força em cima do laboratório da Espinheiro e continuou correndo, indo de pilha em pilha. O mundo todo estava tremendo agora. O pátio era um caos de contêineres caídos, metal deslizando, terra tremendo. Cada vez que Adrian caía em uma pilha nova, logo ela começava a oscilar e cair sob seus pés.

Ele seguiu em frente movendo as pernas com tanta força e tão rápido quanto conseguia e, quando a última pilha de caixas começou a cair, pulou para cima e se esticou.

Foi por pouco que se segurou no gancho de uma das caixas enormes. O impulso o fez balançar vigorosamente até uma das docas do porto. Depois de se soltar, ele rolou no ar e caiu dentro de um pátio cercado de tratores enferrujados. Escondeu-se atrás de

uma empilhadeira e se encolheu, recuperando o ar, o coração disparado.

Ele não ouvia mais o tique-taque do metrônomo.

Não ouvia mais Geladura e seus amigos.

Ficou parado por muito tempo esperando para ver se Sismo continuaria a persegui-lo. Sua pele estava quente e grudada de suor. Cada músculo tremia.

E, cada vez que ele fechava os olhos, ele via as mãos do Gárgula em volta da cabeça da Espinheiro e ouvia as palavras agourentas da Geladura.

Assim como ninguém vai sentir a sua falta.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



A AMULETO DA VITALIDADE.

Nova não conseguiu parar de pensar nele desde que viu Adrian dentro da quarentena, ao menos quando não estava reclamando do fracasso em obter o elmo. A capacidade de Max de absorver outros superpoderes não afetou Adrian, tudo por causa de um medalhão em um cordão.

Mas ele não estava no cofre; ela verificou a papelada de empréstimo várias vezes nos dias anteriores e Adrian ainda não tinha devolvido o medalhão.

Nova precisava dele. Não para se proteger de Max, mas para se proteger do Agente N. Especificamente do Agente N em forma de gás. Leroy estava quase chegando à grande descoberta, ela sabia, e com os mísseis de névoa que tinha tirado do cofre, ela agora sabia exatamente como converter as armas em um sistema de disseminação do vapor tóxico. Qualquer prodígio que entrasse em um raio de um metro e meio do dispositivo nos primeiros três minutos e meio de liberação do gás (o tempo que levaria para as moléculas de vapor se dispersarem a ponto de serem ineficientes, de acordo com os cálculos de Leroy) seria neutralizado. Seus poderes seriam drenados da mesma forma que aconteceria se a mistura verde tivesse sido injetada direto no coração.

Finalmente, os Anarquistas tinham uma arma que poderiam usar contra os Renegados. Múltiplos Renegados ao mesmo tempo até.

Mas Nova não queria botar seu próprio poder em risco, e mais ninguém ia querer o mesmo. Para se proteger na luta que ela sabia que aconteceria, uma luta que ela esperava que acontecesse logo, ela precisava do medalhão.

Esses pensamentos estavam fervilhando na cabeça dela enquanto ela percorria o caminho de 10 quilômetros entre a casa velha onde ela morava com os Anarquistas e o bairro mais chique nos limites de Gatlon.

Ela sabia havia anos que o Capitão Cromo e o Guardião Terror tinham assumido residência na antiga mansão do prefeito em Pickering Grove. Quando os Anarquistas estavam vivendo de forma sofrida nos túneis do metrô, ela ouvia Mel reclamar sem parar da injustiça. Que os inimigos estavam cercados de luxos e *ela*, uma rainha, estava metida naquelas cavernas sujas e fedidas. Uma vez, Nova perguntou: se eles sabiam onde seus dois maiores inimigos moravam, por que não iam lá atacar? Leroy podia encher a casa com vapores venenosos vindos dos canos ou Ingrid poderia ter explodido a casa. Ou Nova, com 13 anos e cheia de arrogância na época, podia entrar por uma janela e matar os dois dormindo sem importar que ela nunca tinha matado ninguém ainda.

Mas Mel deu um suspiro melancólico enquanto Leroy contava tudo que eles sabiam sobre a segurança da mansão, tanto os dispositivos tecnológicos e de proteção por superpoderes.

Não. O Capitão Cromo e o Guardião Terror não seriam tão fáceis de matar.

Mas Nova não estava planejando matar ninguém naquela noite.

Ela só queria conversar. E talvez dar uma espiada.

Não era crime, era?

Seus passos perderam um pouco da determinação quando as casas ao redor dela foram ficando maiores, as entradas dos carros

mais longas e as árvores na rua tão velhas e firmes que, em alguns pontos, os galhos criavam uma copa que fechava a rua.

Aquele bairro ainda exibia os sinais de destruição da Era da Anarquia que foram sentidos pelo resto da cidade, e a quantidade de janelas fechadas por tábuas e de jardins sem cuidado sugeria que muitas daquelas gloriosas casas permaneciam abandonadas. Nova se perguntou por que tantos apartamentos no centro viviam lotados e apertados de forma quase doentia enquanto aquelas propriedades continuavam vazias. Certamente havia um uso melhor para elas do que deixá-las apodrecerem e desabarem por falta de cuidados.

Ela não pôde deixar de visualizar como a vida devia ser lá antes da Era da Anarquia. Como devia ser diferente olhar pela janela e ver um jardim bem cuidado e crianças andando de bicicleta pela rua. Tão diferente de tudo que ela viveu, com churrascos no quintal, podendo passar o fim do dia ajudando a pequena Evie com os estudos enquanto mamãe e Papà faziam o jantar na cozinha...

Nova precisou se obrigar a abandonar a fantasia antes que corresse o risco de lágrimas surgirem nos olhos.

Graças ao que Callum fez com a mente dela, pensamentos como aquele vinham surgindo o dia todo. Pequenas fantasias sobre o que podia ter acontecido na vida dela. E se houvesse mais na vida do que vingança e mentiras? E se os Anarquistas e os Renegados não precisassem viver em guerra constante? E se Adrian Everhart não fosse seu inimigo e os pais dele não tivessem falhado com ela, e a vida dela pudesse girar em torno de fofocar com Ruby e rir das piadas de Oscar e não ter medo de todas as borboletas pelas quais ela passava, e cada vez que ela sentisse o coração disparar ao ver Adrian não parecesse uma traição a todo mundo de quem ela gostava?

Mas essa vida jamais aconteceria. Não para ela. Graças aos Baratas, que mataram a família dela, e aos Renegados, que falharam em protegê-los. Graças a todas as pessoas que odiaram e

abusaram de prodígios por tantos séculos. Graças às gangues vilãs que tiraram vantagem da linda visão do Ace.

E graças à própria Nova. Ela sabia que tinha escolha. Tinha visto bondade entre os Renegados, por mais que quisesse fingir que não. Ela podia tentar ignorar as falsas promessas deles, esquecer as mentiras que eles contavam para o mundo. Podia simplesmente desistir.

Mas Callum quis lembrar a Nova por que motivo ela estava lutando, e deu certo.

Ela estava lutando para livrar o mundo dos Renegados, para que nenhuma criança botasse fé em super-heróis que não apareceriam. Para que mais ninguém tivesse que sofrer como ela sofreu.

E, claro, por Ace. Ele a acolheu, a protegeu, cuidou dela.

Ela não deixaria que ele morresse sem lutar.

Expirando com firmeza, ela olhou os números apagados na caixa de correspondência mais próxima. Seu coração deu um salto. Ela estava tão absorta nos pensamentos que quase passou direto.

Sua atenção se voltou da caixa de correspondência para o portão de ferro fundido e o caminho de pedras até... a casa.

A mansão.

O... *palácio*, ao menos em comparação a todas as casas em que Nova já tinha morado.

– Isso não pode ser sério – murmurou ela.

O portão de entrada estava ligado a um muro velho de pedra que contornava a propriedade. O caminho serpenteava por um chafariz em camadas, que não funcionava mais ou estava desligado por causa do inverno chegando. As janelas grandes em arco tinham uma moldura branca impecável. Um pórtico em estilo grego emoldurava a varanda da frente e a porta dupla, que estava pintada de um amarelo-manteiga acolhedor. Uma série de chaminés se projetava dos vários frontões por todo o telhado, e uma janela de sacada aqui e outra ali acrescentavam um certo interesse visual aos tijolos.

Admiração e repulsa se misturaram enquanto ela observava a propriedade, e ela não sabia bem o que foi mais intenso. Ela queria debochar do quanto era pretensiosa, mas tinha que admitir que isso não era totalmente verdade.

A casa era... majestosa, claro. Tinha um classicismo sutil, como se pudesse ter sido construída em qualquer momento dos últimos duzentos anos.

Ainda assim, tinha muito mais metragem quadrada do que três pessoas poderiam usufruir.

Mas talvez ela só estivesse na defensiva. Não podia deixar de imaginar o que Adrian devia ter achado quando viu a casa decrépita de Wallowridge estando acostumado *àquilo*.

Nova engoliu em seco e se aproximou do portão. Esticou a mão para o trinco, mas uma luz vermelha se acendeu em um dispositivo no pilar mais próximo. A luz percorreu Nova da cabeça aos pés e parou no comunicador.

– *Credenciais dos Renegados detectada* – disse uma voz computadorizada vinda de um alto-falante escondido num poste. – *Pode se aproximar da entrada principal e se apresentar. Aviso: sair do caminho pode resultar na perda de um membro. Boas-vindas à Mansão do Prefeito de Gatlon!*

A luz vermelha piscou na mesma hora que uma tranca estalou dentro do portão.

Nova empurrou o portão, que gemeu e estalou, mas, depois que ela entrou, se fechou sozinho. Ela ouviu o mecanismo de tranca ser acionado e segurou um tremor.

– *Ficar no caminho* – disse ela, observando as pedras. O gramado verdejante e amplo dos dois lados estava bem cuidado e era um tanto exótico, como se estivesse à espera de alguém que iniciasse um jogo de croqué. – *Anotado.*

Ela seguiu até a porta e pisou na sombra do pórtico. Havia duas topiarias nos degraus, plantadas em urnas de pedra antigas. Uma

aldrava no meio da porta amarela tinha a forma de um elefante com presas e com uma argola na tromba sinuosa.

Uma pequena placa de bronze ao lado da porta dizia:

MARCADOR HISTÓRICO DE GATLON

MANSÃO DO PREFEITO

Esta casa foi o lar dos prefeitos de Gatlon por mais de um século antes do período de vinte anos conhecido como Era da Anarquia, durante o qual o prefeito Robert Hayes e sua família e funcionários foram mortos neste local.

Embaixo da placa estoica havia uma bem menor, de madeira, com palavras pintadas à mão que diziam RESIDÊNCIA EVERHART-WESTWOOD: PROIBIDOS PEDINTES, BADERNEIROS E ATOS DE VILÕES!

Antes que Nova pudesse determinar se ela achava engraçado ou não, uma das portas se abriu.

Ela deu um pulo para trás. Sua mão foi na direção do cinto antes que ela lembrasse que não o tinha levado.

– Nova? – disse Adrian, banhado pela luz do saguão atrás da porta. – Achei que o sistema de segurança estivesse de brincadeira. – Ele quase sorriu, mas só quase. – O que você está fazendo aqui?

Cem pequenas observações surgiram na mente de Nova ao mesmo tempo, deixando-a sem palavras. Que o cheiro de canela saiu pela porta. Que a camiseta de mangas compridas de Adrian parecia mais apertada do que o normal, e que ele estava usando uma calça jeans suja de tinta com os joelhos rasgados. Que havia um desenho de carvão na parede atrás dele da ponte Stockton à noite. Que ele estava apertando a mão embaixo das costelas de um jeito estranho, e assim que notou que ela estava reparando, levou a mão para a lateral do corpo.

Ela escolheu o pensamento que pareceu menos problemático e falou:

– Você mora numa mansão.

Adrian piscou e olhou para a porta como se houvesse muito tempo que ele não observava seus arredores.

– É a Mansão do Prefeito, isso mesmo. Você não sabia?

– Não, sabia – disse ela. – Mas não esperava... É uma mansão mesmo, literalmente. – Ela indicou o gramado. – Você tem um chafariz no jardim.

Um sorriso surgiu lentamente no rosto do Adrian.

– Não surta, mas tem uma casa de carruagens lá nos fundos. Ah, e no sótão ficavam os aposentos dos criados. Tem até um sistema de sinos ligados a vários botõezinhos pela casa. Se a esposa do prefeito quisesse uma xícara de chá, ela só precisava apertar um dos botões e um criado aparecia na mesma hora pra atender o pedido. – Os olhos dele brilharam. – Coisa de quem tem classe, né?

Nova olhou para ele, boquiaberta.

– Me diz que vocês não têm criados.

Rindo, Adrian chegou para trás.

– Não temos criados. Quer entrar? Eu estava esquentando rolinhos de canela para o jantar.

– Como assim? Vocês não fazem refeições de sete pratos todas as noites?

– Só aos domingos. Isso é um sim?

– É um sim. – Nova prendeu a respiração ao atravessar a soleira, o foco se deslocando da sanca no teto aos cristais pendurados no lustre. Ela olhou para o abdome de Adrian e detectou um volume quadrado embaixo da camisa. – O que houve?

– Nada – disse Adrian rapidamente, apertando a mão no local de novo e descartando a pergunta. – Eu estava, ah... abrindo umas caixas com um estilete e acabei me cortando. Sabe aquilo que dizem pra sempre cortar na direção *oposta* à do corpo? Eu finalmente entendi por quê.

Ele se virou e ela foi atrás, a testa franzida. Adrian era muitas coisas, mas desastrado não era uma delas. Era difícil imaginá-lo cometendo um erro assim.

Eles passaram por uma escadaria de carvalho que fazia uma curva até o segundo andar e por uma passagem em arco pela qual ela viu um agrupamento de cadeiras e sofás e um piano no canto, embora mesmo de longe desse para ver a camada de poeira.

– Aquilo é uma *sala de estar*? – disse Nova.

– Não só isso, é uma sala de estar *formal* – disse Adrian. – Meus pais contrataram um designer de interiores famoso pra fazer a decoração uns anos atrás, mas acho que nunca usamos. Só que eles vivem insistindo que vai ser útil quando começarmos a convidar dignitários estrangeiros para nos visitarem e eles precisarem de um lugar para “recebê-los”. – Ele fez o sinal de aspas com os dedos.

Nova esperava ser levada para uma cozinha, mas Adrian a levou por uma escadaria estreita até uma espécie de porão. O aroma de canela ficou mais forte.

Nova percebeu com um sobressalto, quando seu pé tocou num tapete macio, que estava num quarto.

No quarto dele.

É possível que ela tenha hesitado na porta por tempo demais porque, quando Adrian se virou para ela e reparou na expressão em seu rosto, ele ficou tenso.

– A gente pode levar lá pra cima se você quiser – disse ele, pegando uma assadeira cheia de rolinhos de canela cobertos de açúcar derretido. – Eu ia... hã... – ele indicou uma porta fechada do outro lado do quarto – trabalhar em uma coisa... um projeto. Mas podemos ver um filme ou alguma outra coisa... – Ele hesitou e sua testa se franziu. – O que você está fazendo aqui mesmo?

– Eu só... queria te ver – disse Nova. Adrian arregalou os olhos por trás dos óculos de forma quase imperceptível. Ela ficou treinando as palavras durante todo o caminho para tentar encontrar uma forma de dizê-las sem corar. Seu sucesso nisso não foi total. – Seus pais estão em casa?

Ele balançou a cabeça.

– Ainda no quartel-general.

Ótimo. Ela teria acesso total para fazer uma busca pela casa, embora esperasse que o medalhão estivesse ali, no quarto dele. Ela só precisava fazer Adrian apagar primeiro.

– Está tudo bem? – perguntou Adrian.

– Está. Está – disse ela. – Só estou... curiosa. Ver um filme parece uma boa ideia. – Ela estava falando sério. Um filme era uma coisa fácil. Confortável. Sem pressão nenhuma.

Sem mencionar que as pessoas pegavam no sono vendo filmes o tempo todo, e não havia nada de suspeito nisso. Ela só precisava de uma desculpa para encostar a mão na dele. Um roçar de dedos nos dele. Era só disso que ela precisava.

– Tudo bem. Legal. Tem televisão lá em cima.

Nova indicou a televisão acima de um rack pequeno.

– Essa não funciona?

– Hã... funciona. Eu só... não quis supor... tudo bem, o que você quiser.

Pela primeira vez em dias, Nova sentiu a tensão no peito começar a afrouxar. Ela estava frustrada com suas tentativas fracassadas de flertar com Adrian, de chegar *perto* dele. Mas tinha acabado de chegar e estava evidente que a presença dela o deixava nervoso.

A ideia enviou uma onda de satisfação pelas suas veias. Devia ser assim que Mel se sentia sabendo do tipo de poder que ela exercia sobre as pessoas. Nova até ousou abrir um sorrisinho provocador e achou que Mel sentiria orgulho.

Ela deu um passo na direção do Adrian.

– Você não tem permissão de receber garotas no quarto?

Ele riu. Mas deu um passo sutil para trás.

– Não sei. Nunca aconteceu.

Nova corou, e o momento de confiança sumiu tão rapidamente quanto surgiu.

– Bom. Confio que você não vai fazer nada... *impróprio*.

Ele riu, mas foi uma risada tão constrangida quanto o jeito como Nova se sentia. De repente, ela se lembrou de todas as vezes em que praticamente se jogou nele nas semanas anteriores e que ele ignorou cada um dos avanços dela.

Ela enfiou as mãos nos bolsos. Esperaria até eles estarem sentados. Seria mais fácil encontrar uma desculpa para tocar nele. Seria mais fácil ser ousada quando não estivesse olhando nos olhos dele.

Adrian pegou o controle remoto e ligou a televisão. Nova começou a andar pelo quarto. Era bem mais casual do que a casa acima. A cama dele; os cobertores embolados e meio caídos no chão; um sofá pequeno e velho; um cavalete e uma escrivaninha; o rack; e uma prateleira no canto cheia de quadrinhos, manuais de desenho e uma variedade de cadernos. Havia alguns desenhos e pôsteres de videogame grudados na parede.

– Vocês moram nessa casa enorme e eles te fazem dormir no porão?

– Era melhor do que um dos quartos lá de cima. Foi lá que os assassinatos aconteceram. – Ele olhou para ela. – Você sabe dos assassinatos?

– Eu li sobre eles. Naquela plaquinha. – *E tenho quase certeza de que o Ace estava aqui naquela noite.*

Adrian assentiu.

– Além do mais, assim eu tenho 110 metros quadrados só pra mim.

– Isto aqui não tem 110 metros quadrados – disse Nova com um gesto.

Adrian apontou para uma porta.

– O banheiro fica ali e tem uma área do porão que não foi terminada. E – ele indicou uma segunda porta na parede mais distante – ali fica meu estúdio de arte.

– Você tem um *estúdio de arte*?

– A casa é grande.

– Posso ver?

Adrian abriu a boca, mas fechou-a de novo, hesitante.

– O quê? – perguntou Nova. – Você anda praticando retratos de gente nua, por acaso?

Ele fez uma careta.

– Nada escandaloso assim.

– Então o quê?

Ele suspirou.

– Tudo bem. Isso pode ser estranho. Espero que não seja, mas pode ser. – Ele limpou a garganta. – Lembra aquele sonho que você me contou? Das ruínas e a estátua no parque?

Nova piscou.

– Lembro...

– Eu tive uma ideia e fiquei muito inspirado e... achei que podia ser legal...

Ele parou de falar.

Nova esperou.

– Criá-lo.

Ela continuou esperando, mas Adrian não tinha mais nada a dizer.

– Não estou entendendo.

– Eu sei. – Ele botou a assadeira com os rolinhos de canela na mesa. – É difícil explicar. Vem. Mas... se for mais sinistro do que um elogio artístico, a culpa é da minha privação de sono, tá? – Ele hesitou e olhou para ela com uma certa vergonha. – Não que você entenda disso.

Ela sorriu.

– Eu conheço o conceito – disse ela, tão intrigada pelo desconforto de Adrian quanto pelo mistério da sala ao lado.

Ele limpou a garganta e abriu a porta do estúdio. Nova o seguiu até lá dentro.

Ela tropeçou, mas conseguiu se apoiar na porta.

– Caramba – sussurrou ela.

Uma selva a recebeu. Árvores enormes e um verde exuberante tinham sido pintados em cada centímetro da parede, do teto, do chão. Embora o quarto tivesse cheiro de tinta tóxica e tivesse pouca ventilação, o mural era tão detalhado e intenso que Nova quase imaginou que conseguia sentir o cheiro de flores exóticas e da brisa quente.

Adrian parou no meio da sala. Sua expressão foi crítica ao inspecionar o trabalho.

– Não sei bem de onde veio o impulso, mas... quando tive a ideia, me pareceu uma coisa que eu tinha que fazer. O jeito como você descreveu o sonho me inspirou, acho. Estou trabalhando aqui no meu tempo livre.

Nova se obrigou a se afastar da porta. Ao reparar que a parte de trás da porta também tinha sido pintada, até a maçaneta, ela a fechou para completar a visão. Ficou tonta ao andar de uma parede à outra, mas ela sabia que não era dos vapores da tinta.

Seus dedos acompanharam a tinta com o movimento. O que mais havia eram plantas. Também havia flores roxas exóticas abrindo as pétalas gigantes como velas. Troncos de árvores antigos e retorcidos cobertos de fungos e musgo, com vinhas longas e sinuosas saindo dos galhos. Grama e samambaias apareciam entre as raízes irregulares das árvores, a folhagem parecendo renda caindo sobre amontoados de florezinhas brancas em forma de estrela e brotos laranja como fogo. Um tronco caído formava uma ponte coberta de líquen sobre uma família de arbustos de folhas largas.

Mas não era só uma selva. Adrian tinha incluído sinais das ruínas também. A cidade que a selva ocupou. O que podia ser uma rocha se revelava, numa inspeção detalhada, o canto da base de pedra de um prédio. Esses platôs ascendentes de vida vegetal se desenvolviam intensamente numa escadaria antiga. Depois das árvores havia o arco sutil de uma passagem levando a nada. Os raios de sol que passavam pela copa densa batiam no tronco

coberto de uma estátua esquecida, de costas para eles, escondendo o tesouro que podia estar aninhado em suas mãos. Uma lembrança surpreendente do sonho voltou à mente dela. *Estava segurando uma estrela.*

– Adrian – sussurrou ela, com medo de romper o encanto do local –, isso é incrível.

– Eu acertei? A partir do seu sonho?

– Você... *sim*. Está exatamente... – Ela se deu conta com um sobressalto de que seus olhos estavam lacrimejando. Ela se virou e apertou a mão sobre a boca para se recompor. Quando a respiração trêmula se regularizou, ela ousou olhar para ele de novo. – Você não fez isso pra mim... fez?

Adrian olhou de lado para a estátua.

– Não... – começou ele. – Se bem que também *não deixou* de ser pra você. Se é que faz sentido. Quer dizer, eu tive que fazer pra mim também. – Ele deu de ombros. – É que pareceu uma boa ideia na ocasião.

– Foi uma boa ideia. Isso é... mágico.

Adrian começou a sorrir e Nova se preparou. Já estava familiarizada com aquela expressão. A que dizia que ele ia fazer uma coisa que a impressionaria, quer ela gostasse ou não.

– Acho que pensei que você merece ter bons sonhos de vez em quando – disse ele. – Mesmo não dormindo nunca.

Ele apoiou a mão na parede e expirou.

O mural começou a ganhar vida, emergindo em volta dos dedos dele. Folhagens se abriram, envolvendo o pulso dele, e o efeito se espalhou como uma ondulação num lago para as extremidades da parede. Os troncos saltaram do concreto. A grama subiu até os joelhos deles. Vinhas preguiçosas se projetaram acima da cabeça.

Nova chegou mais perto e se encostou nele de lado. O chão duro debaixo dos pés dos dois se transformou em musgo denso. Flores se abriram. Cogumelos surgiram. O cheiro de tinta foi substituído pelo de terra e por um perfume intoxicante. Embora Nova não

tivesse visto aves e insetos na pintura, era fácil imaginar um canto interrompendo o silêncio. O chiado de cigarras, o estalo de besouros.

A copa das árvores se espalhava acima, mas a luz do sol passava e iluminava a estátua.

Adrian baixou a mão. Nova olhou para o local onde ele tinha tocado e não viu mais a parede. Estava enterrada atrás do painel de folhagem? Eles ainda estavam no porão? As plantas eram tão densas, o ar tão úmido e doce, que era quase impossível imaginar que eles estavam em um ambiente fechado.

Adrian moveu os pés e Nova se deu conta de que ele a estava observando, mas ela não conseguiu tirar a expressão de descrença do rosto.

– É um truque legal? – arriscou ele.

O coração de Nova bateu alto.

– Tudo isso – disse ela lentamente –, e o melhor codinome em que você conseguiu pensar foi *Rabisco*?

Os lábios dele se curvaram para cima e ficou claro como aquele pequeno comentário agradou-lhe.

– É melhor prometer pouco e entregar muito.

– Bom, você conseguiu. – As bochechas dela estavam quentes quando ela fez um círculo lento. – Onde foi parar a sala? Onde estamos?

– Nós não saímos. Se você mover algumas das folhas para o lado, vai poder ver as paredes, mas elas estarão todas brancas. Tomei o cuidado de cobri-las de tinta para que não ficassem visíveis quando você estivesse parada no meio assim. – Ele indicou aquela área mística da selva. – Pode andar por aí se quiser. Nada aqui vai te fazer mal.

Nova manteve as mãos perto do corpo, em parte para não acabar segurando a mão de Adrian. Ela não conseguia imaginar colocá-lo para dormir *agora*, e, sem esse propósito específico, a ideia de tocar nele a apavorava.

Ela andou e apreciou cada passo. Seus dedos acompanharam cada pétala de flor, percorreram as lâminas de grama, se enrolaram em várias vinhas baixas. Era inquietante o quanto a remetia ao sonho, ou ao que ela conseguia se lembrar dele. Ela não sabia se tinha entrado em tantos detalhes quando o descreveu para Adrian, mas ele o capturou até o menor dos elementos.

Ela fez uma pausa quando sua atenção pousou na estátua. Estava virada para o outro lado e ela só conseguia ver a parte de trás da capa com capuz, os ombros estreitos de pedra verdes de musgo, com pedaços de pedra lascados pelo tempo.

Nova ousou se aproximar, sentindo o chão macio ceder de leve debaixo dos pés. Ela se preparou quando contornou a estátua. As mãos esticadas ficaram visíveis.

Sua respiração travou, embora, de alguma forma, ela já esperasse.

Ela sentiu Adrian a observando e imaginou se ele sabia. Se tinha sido por isso que ele tinha pintado o mural.

– Como? – sussurrou ela.

Adrian pelo menos franziu a testa sem entender.

– Como o quê?

– Adrian... como você fez uma *estrela*?

CAPÍTULO TRINTA



– *U*É – DISSE ADRIAN, parando ao lado dela. – Olha só isso.

Ele pareceu tão atônito quanto Nova se sentia, mas não era possível. O sonho era dela, mas a pintura era *dele*. A visão era dele. A magia era dele.

A estrela era dele?

Nova franziu a testa.

E *era* uma estrela. Ao menos, ela achava que devia ser. Uma única órbita brilhante entre as mãos da figura. Era do tamanho de uma bola de gude e tão difícil de olhar quanto para a estrela mais brilhante no céu noturno. A luz iluminava sutilmente o mundo fantástico ao redor deles.

Era magnífica e era exatamente como no sonho. Quando criança, em seu estado delirante de subconsciente, Nova soube que era uma estrela, e tinha a mesma sensação agora, tão forte quanto antes, embora tudo que ela soubesse sobre astrofísica dissesse que não era possível.

Mas, por outro lado, muito do que Adrian fazia não parecia possível.

Uma estrela.

Nem ela nem Adrian falaram nada por muito tempo. O aposento estava em silêncio, mas havia alguma coisa na selva que ele criou

(a *selva*, pensou Nova, maravilhada, *a selva que ele criou*) que dava a impressão de vida e barulho, de calor e crescimento, de permanência próspera.

Finalmente, Adrian limpou a garganta.

– Isso não estava no mural.

– Eu sei – disse Nova, lembrando a estátua na pintura e como Adrian a desenhou de forma que só desse para ver as costas e não as mãos. Depois de outro momento refletindo, ela perguntou: – Intenção?

– Talvez. Eu estava pensando no seu sonho quando fiz.

– O que faz? – perguntou Nova, uma pergunta que podia parecer estranha. O que as estrelas faziam?

Mas Adrian só deu de ombros.

– A estrela é sua. Me diz você.

Ela mordeu a bochecha por dentro. A estrela era dela?

– Não sei. Eu acordei antes que alguma coisa acontecesse.

Uma parte de Nova queria esticar a mão e tocar nela. A estrela emanava um calor reconfortante, e ela não achava que fosse queimá-la como um sol de verdade no universo real. Mas estava com medo de estragar o encanto se tocasse nela. Talvez sumisse. Ou, pior ainda, talvez nada acontecesse. Ela não sabia qual deles era mais responsável por sonhar a existência daquela estrela, ela ou Adrian, e não queria arriscar a decepção de descobrir que não passava de um efeito visual bonito.

Ela inspirou o aroma de folhas cheias de orvalho e das flores inebriantes. Nova fechou os olhos e se sentou de pernas cruzadas no musgo macio. Era fácil entrar na tranquilidade do lugar. Acreditar que era o mundo real centenas de anos no futuro. A cidade tinha caído e não havia mais vilões e nem super-heróis. Não havia mais Anarquistas, não havia mais Renegados, não havia mais Conselho. Não havia mais luta por poder.

Não havia mais.

Ela abriu os olhos na hora que Adrian se sentou no chão ao lado dela com uma certa dificuldade, ela reparou, quando ele tentou não forçar o ferimento na lateral.

– É horrível que talvez seja necessário o fim da humanidade para eu me sentir relaxada assim?

Adrian demorou um momento para responder, mas falou sério quando disse:

– Um pouco.

Nova riu, uma gargalhada de verdade agora. Ele também riu.

– Por quê? – perguntou ele. – Por que é tão difícil relaxar?

Ela ousou olhar para ele. Sabia que ele não estava xeretando e que não insistiria, apesar da curiosidade.

Ela se preparou.

Achava que seria difícil formar as palavras, mas não foi. Não muito. Elas estavam alojadas no fundo da garganta dela havia dez anos, esperando que ela as falasse. Ela pensou na primeira noite em que se sentou e conversou com Adrian, conversou *de verdade*, quando eles estavam fazendo a vigilância de Gene Cronin e da Biblioteca Cloven Cross. Ela não contou a Adrian sobre sua família naquela ocasião. Não confessou sua história completa de origem. Mas, de alguma forma, achava que sempre soubera que acabaria contando para ele.

– Quando eu tinha 6 anos, dormi uma vez abraçada com minha irmãzinha bebê. Evie. – A voz dela soou baixa, um murmúrio. – Quando acordei, ouvi minha mãe chorando. Fui até nossa porta e olhei para o corredor e havia um homem lá, segurando uma arma. Descobri depois que meu pai estava sendo chantageado por uma das gangues vilãs, e, como ele não cumpriu uma parte do acordo com eles, contrataram um cara pra... puni-lo. – Ela franziu a testa, o olhar perdido nas sombras entre samambaias e troncos caídos, a lembrança presa naquele apartamento. Ela encolheu os ombros perto do pescoço, paralisada de medo de novo. – Ele atirou na minha mãe e depois no meu pai. Eu vi tudo.

A mão de Adrian tremeu, tirando a atenção dela das sombras e a fazendo olhar para seus dedos graciosos, sua pele escura. Ele não esticou a mão na direção dela, embora ela achasse que ele fosse segurar sua mão se ela se movesse primeiro.

Ela não fez nada.

– Eu corri até o quarto e me escondi no armário. Eu o ouvi entrar e... e ouvi... – Seus olhos começaram a ficar cheios de lágrimas. – Eu ouvi Evie. Ela acordou e começou a chorar e... e ele atirou nela também.

Adrian tremeu involuntariamente, um tremor que percorreu seu corpo todo.

– Ela não tinha nem um ano ainda. E, quando ele me encontrou no armário, eu olhei nos olhos dele e percebi, simplesmente percebi que ele não sentia remorso nenhum. Ele tinha acabado de assassinar um *bebê* e não sentia nada.

Desta vez, Adrian esticou a mão para segurar a dela e entrelaçar os dedos.

– Ele mirou em mim e...

Nova hesitou e se deu conta no último momento que não podia contar a Adrian aquela parte da história. O choque de estar à beira de contar um segredo indescritível a arrancou da lembrança.

– E meu tio apareceu – disse ela, limpando o nariz na manga. – Ele matou o homem. E me salvou.

Adrian relaxou os ombros. Ele falou um palavrão baixinho.

Nova baixou a cabeça. A dor que acompanhava as lembranças também vinha carregada de culpa. Ela reviveu aquela noite inúmeras vezes nos pensamentos, o tempo todo sabendo... que podia ter impedido tudo. Se tivesse tido coragem. Se não tivesse fugido. Se não tivesse se escondido.

Ela poderia ter feito o homem dormir. Poderia ter salvado Evie ao menos, ainda que não os pais.

Mas tinha sido covarde e...

Ela teve tanta certeza. *Tanta certeza* de que os Renegados apareceriam. Foi a fé dela neles que destruiu sua família, quase tanto quanto o próprio atirador.

– Depois disso, cada vez que fechava os olhos, eu ouvia os tiros na minha cabeça. Não consegui dormir. Depois de um tempo, parei de tentar.

Mesmo recentemente, quando ela adormeceu brevemente dentro da quarentena de Max, o pesadelo a atormentou. O atirador parado ao lado dela. O toque frio da arma na testa. Os tiros ecoando por seu crânio.

BAM-BAM-BAM!

Ela tremeu.

Adrian massageou a nuca com a mão livre.

– Nova – sussurrou ele, balançando a cabeça. – Sinto muito. Eu sabia que eles tinham sido mortos durante a Era da Anarquia, mas nunca pensei...

– Que eu tivesse testemunhado? Eu sei. Não era algo que achei que coubesse na minha ficha de candidatura para os Renegados.

Ele assentiu em compreensão, a expressão carregada de sofrimento.

E embora contar a história a deixasse triste, também a deixava com raiva. Com o ressentimento que sufocou a dor nos últimos dez anos de vida dela.

Onde estavam os Renegados?, ela queria gritar. *Onde estava o Conselho? Onde estavam seus pais?*

Ela trincou os dentes e olhou para as mãos entrelaçadas dos dois. A dele era quente e sólida e a dela estava inerte.

– Minha mãe também foi assassinada – sussurrou ele.

Ela engoliu em seco.

– Eu sei. – Todo mundo sabia. Lady Indomável foi uma lenda, como qualquer super-herói.

– Eu não vi acontecer, claro. Nenhuma criança deveria ter que passar por isso. Mas, por muito tempo – ele franziu a testa de dor

enquanto falava –, eu me perguntei se não era minha culpa. Ao menos em parte.

Ela teve um sobressalto com o quanto as palavras dele espelhavam sua própria culpa.

– Como poderia ter sido sua culpa?

– Não sei. Não faz sentido, mas... – Ele fez uma careta. – Lembra que falei que eu tinha pesadelos muito vívidos? Os que tinham monstros? Bom, parte desse sonho recorrente que eu tinha era com a minha mãe saindo do nosso apartamento, voando pela janela para salvar o dia em algum lugar da cidade, e eu ficava olhando-a voar quando... uma sombra surgia acima dela e ela não conseguia mais voar. Eu a via cair. Eu a ouvia gritar. E olhava para cima e o monstro estava no alto do prédio, só... olhando para mim.

Nova tremeu.

– Tive esse sonho mais vezes do que sou capaz de contar. Chegou a um ponto em que eu dava ataques de birra cada vez que minha mãe colocava o traje. Eu não queria que ela saísse. Morria de medo de ela não voltar. E aí, chegou uma noite em que ela não voltou. – Ele encarou Nova. – Quando encontraram o corpo dela, ficou claro que a queda a matou, e havia uma expressão... de pavor no rosto dela. Por muito tempo, achei que meus sonhos tinham feito com que o acontecimento virasse realidade. Que talvez fossem proféticos, não sei.

– Não foi sua culpa – disse Nova, apertando a mão dele. – Foram sonhos, Adrian. Foi só coincidência.

– Eu sei – disse ele, embora Nova não tivesse certeza se acreditava nele e nem se ele acreditava nele mesmo. – Mas ela era capaz de *voar*. Como pode ter caído tanto sem poder... – Ele baixou a cabeça. – Nenhum vilão assumiu a autoria da morte dela, até onde eu sei. E isso não é a cara deles. Muitas das gangues de vilões gostam de se gabar das vitórias. E matar a Lady Indomável... seria uma vitória da qual valeria a pena se gabar. – A voz dele ficou

amarga e estava claro que o mistério o assombrava e frustrava pelo mesmo tempo que o passado de Nova a atormentava.

– Você quer descobrir quem foi – disse ela lentamente – para poder ter vingança.

– Vingança, não – disse Adrian. – Justiça.

Ela tremeu. Ele falou com convicção, mas ela não tinha certeza se ele reconheceria a diferença nem no próprio coração.

E seu próprio coração?, questionou-se Nova.

Ela queria vingança contra o Conselho ou justiça?

Seu corpo todo pareceu pesado de tanto pensar.

Aquilo não era para ela. Aquele momento de paz. A sensação de segurança. Aquele mundo sem heróis e sem vilões em que ela e Adrian Everhart podiam se sentar de mãos dadas em um sonho de infância.

Aquele mundo não existia.

Adrian esfregou a testa e soltou um suspiro.

– Me desculpe. *Isto* – disse ele, indicando o ambiente ao redor – é para ser um sonho, não um pesadelo.

Um sorriso leve surgiu nos cantos da boca de Nova.

– É um sonho, Adrian. O primeiro que tenho em muito tempo.

Os olhos dele brilharam com as palavras. Ele pegou a caneta no bolso da calça jeans e olhou ao redor.

– Tive uma ideia – disse ele, se virando para um muro de pedra em ruína. Ele começou a desenhar. Nova se impressionou por ele ser capaz de criar uma coisa real e tangível do nada. Ele poderia continuar assim para sempre, criando um sonho dentro de outro sonho.

Ele desenhou fones de ouvido grandes e os tirou da pedra. Ofereceu-os a Nova.

– São fones de ouvido com cancelamento de ruído – explicou ele.

– Nem tiros conseguem ser ouvidos. – Ele empurrou o objeto contra o ombro dela.

Com o nariz franzido de dúvida, Nova pegou os fones e botou as partes almofadadas sobre as orelhas. Na mesma hora, o mundo, que já estava silencioso, caiu num silêncio impenetrável, alimentado só pelo trovejar da sua própria pulsação, pelos batimentos do seu coração.

Os lábios de Adrian se moveram. Ela achou que era uma pergunta, mas balançou a cabeça para ele.

Adrian sorriu. Ele se deitou e esticou o braço no musgo. Era um convite.

Nova hesitou por bem menos tempo do que deveria, se sentou e se acomodou no espaço entre o ombro e o peito dele. Foi preciso um momento para se acomodar com os fones de ouvido, mas, quando conseguiu, ela se deu conta de que havia duas batidas de coração juntas agora. Embora os aromas da selva tivessem ocupado o aposento, perto assim de Adrian ela sentiu o odor químico de tinta misturado com um toque de sabonete de pinho.

Ela voltou a atenção para a estrela. A luz não diminuía. Não aumentava. Não mudava. Só permanecia pacífica e constante.

E aquele garoto, aquele garoto incrível, tinha feito aquilo tudo.

Ela se lembrou do motivo de ter ido lá. Encontrar o Amuleto da Vitalidade. Para poder se proteger na luta com o Agente N. Para cumprir seu dever.

Mas podia esperar. Só uma hora. Talvez duas. Depois, ela faria Adrian dormir e continuaria com o plano.

No momento, naquele sonho estranho e impossível, dava para esperar.

Com regularidade e lentamente, seus batimentos se sincronizaram. Nova os ouviu batendo juntos pelo que podia ter sido uma eternidade. Ela ainda estava olhando para a estrela quando, inesperadamente, ela se apagou e Nova caiu em um sonho tranquilo e sem sonhos.

CAPÍTULO TRINTA E UM



ELA ACORDOU COM O som de pássaros. Naquele lugar indefinido entre o estar dormindo e acordada, parecia normal que todos os pombos que arrulhavam e todos os corvos que grasnavam tivessem sido trocados pelo trinado de criaturas bem mais exóticas.

A tranquilidade durou só um momento. Abrindo bem os olhos, Nova se levantou de repente, uma das mãos afundando no musgo e a outra pousando nos fones de ouvido caídos de lado. Um cobertor caiu nos quadris dela.

– Céus – disse Adrian. Ele estava sentado a uma pequena distância encostado na estátua. Havia um bloco de desenho grande ao lado dele com o lápis em cima. De onde estava, ela viu um tucano de cabeça para baixo, pela metade.

Ele sorriu.

– Para alguém que não dorme nunca *nunquinha*, você dorme como uma profissional quando quer.

Nova passou as mãos nos olhos para afastar a sonolência.

– Que horas são?

– Quase cinco – disse ele. – *Da tarde*. Você está dormindo há quase 24 horas direto. Pela minha estimativa, isso continua significando que você não chegou nem perto de compensar o sono perdido. – A expressão dele ficou séria, aquela ruga surgindo acima

do nariz. – Tentei ligar para o número no seu arquivo pra avisar ao seu tio onde você está, mas diz que a linha foi desligada. Tem algum outro número pra eu ligar? Ele deve estar preocupado.

Ela olhou para ele meio atônita, sem conseguir distinguir entre o falso “tio” mencionado na papelada oficial e Ace. Sua cabeça parecia cheia de névoa, e ela se perguntou se todo mundo acordava... *grogue* assim. Era essa a palavra, não era? *Grogue*?

Como as pessoas aguentavam?

– Não, tudo bem – disse ela, balançando a cabeça. – Ele está acostumado a me ver desaparecer à noite e ficar dias sem voltar. É difícil ficar presa dentro de casa com todo mundo dormindo. Além do mais, agora, com as patrulhas... – Ela passou os dedos pelo cabelo e soltou alguns nós. – Mas vou... hã... olhar meu arquivo. O número deve estar errado. – Ela esfregou os cílios de novo e ficou surpresa de encontrar pontinhos brancos presos neles. – Eu estou mesmo dormindo há... – Ela parou, sentindo uma pontada de pânico nos membros. – Você acha que é por causa de Max? Será que é um efeito retardado?

– Como assim, não vamos dar crédito para os meus fones de ouvido com cancelamento de ruído magicamente eficientes?

Nova franziu a testa e seus dedos pousaram nos fones.

Mas ela se deu conta de que ele estava brincando.

– Na verdade, a ideia também passou pela minha cabeça. Podia estar relacionado. Max mencionou uma insônia leve desde que você foi à quarentena naquele dia. Nós sabemos que ele absorveu uma pequena porção do seu poder. Talvez agora você seja *capaz* de dormir, mas por escolha ou por necessidade? Ou talvez... as condições precisem ser as certas. – Ele lançou um olhar ansioso para os fones de ouvido.

Nova fechou os dedos em volta dos fones. Mesmo agora, tantos anos depois, ela ouvia os tiros na cabeça, altos, ensurdecedores. Ela não estava convencida de que fones de ouvido permitiriam que sua mente descansasse depois de dez anos de horrores.

Ou talvez não tivesse tanto a ver com os fones. Ela ficou vermelha e lembrou como foi apoiar a cabeça no peito de Adrian. Ouvir os batimentos dele. Houve um sentimento que ela não se lembrava de ter tido desde que era criança.

A sensação misteriosa de estar *segura*.

Adrian a estava observando, a expressão séria.

– Tudo bem, Nova – disse ele, se inclinando para ela. – Tem semanas que você esteve em contato com o Max, e essa foi a primeira vez que você dormiu. Tenho noventa e nove por cento de certeza de que isso ainda faz de você um prodígio.

Ela piscou e se deu conta de como ele interpretou drasticamente errado o que estava vendo no rosto dela. Ele achava que ela estava preocupada com seus poderes, mas isso estava longe da verdade. Ela sabia que seu verdadeiro poder, a capacidade da Pesadelo de fazer as pessoas dormirem, estava intacto. Ela não estava com medo disso.

Não, ela temia uma coisa bem, bem pior, e que tinha muito mais a ver com o jeito como ela caiu facilmente no sono nos braços de Adrian Everhart.

Ela estava com medo, mesmo agora, da forma como seus dedos tremiam para tocar nele, considerando que ela nunca se sentia compelida a tocar em *ninguém*, a não ser que fosse para desarmar a pessoa.

E ela podia estar apavorada com a dificuldade de impedir que seu olhar se desviasse para os lábios dele, ou mesmo pela forma como seus lábios traidores tinham começado a formigar, ou como seus batimentos tinham se tornado um grupo de percussão no peito.

Adrian apertou os olhos de leve.

– O que foi? – perguntou ele. Um pouco desconfiado, um pouco inseguro.

– Nada – sussurrou ela.

Tudo, retorquiou sua mente.

Por que ela estava ali?

Não era para dormir. Não era para contar a Adrian todos os segredos que ela manteve guardados toda a vida. Não para ser lembrada pela milionésima vez de como as coisas poderiam ser diferentes se ao menos...

Bem. Se ao menos as coisas tivessem sido diferentes.

O que ela estava fazendo ali?

Ela desviou o olhar para as copas das árvores ao redor, onde viu um papagaio todo branco.

– Os pássaros são novos – disse ela, ansiosa para mudar de assunto. Para pensar em outra coisa antes que sua mente voltasse à ideia de beijar Adrian.

Adrian não respondeu por um momento, e ela queria desesperadamente saber o que estava passando na cabeça dele.

Ele também estava pensando em beijar?

Ela fechou os dedos no cobertor que tinha sido colocado sobre ela enquanto dormia. *Vinte e quatro horas*. Ele devia estar acordado havia horas. Quanto tempo ele tinha ficado sentado ali enquanto ela dormia? Tinha ficado olhando para ela? E por que essa possibilidade, que normalmente seria irritante e até sinistra, agora só a deixava com medo de ter dito alguma coisa incriminadora no sono? Ou pior... de ter babado.

Não. Isso não era o pior. Ela se sacudiu mentalmente e mandou que seus pensamentos se ordenassem.

Era por isso que dormir era perigoso. Bagunçava seus sentidos, e ela precisava estar totalmente alerta. Deixava-a vulnerável independentemente da segurança que ela sentia nos braços do Adrian.

– Pareceu que precisava de vida selvagem – disse Adrian –, e tive um certo tempo livre. E agora eu sei que há um limite de papagaios que posso desenhar antes de perder o interesse.

Ela balançou a cabeça com cautela. Se Callum botasse as mãos nos blocos de desenho do Adrian, ele ficaria fora de si.

– Você é incrível, você sabe, né? Quer dizer... você é capaz de criar *vida*. Primeiro o dinossauro e agora um ecossistema inteiro?

Adrian riu, e, embora a pele dele fosse escura demais para ela ter certeza, Nova tinha quase certeza de que ele estava corando.

– Não penso assim. Posso criar... a ilusão de vida. – Ele passou o dedo pelas asas azuis de um pássaro pulando pelas folhas acima. – Tenho uma vaga ideia de como os pássaros voam e sei que eles comem insetos, e, se fossem caçados por um falcão, eles fugiriam. Mas eles nunca vão aprender e nem crescer além do que são agora. Eles não vão construir ninhos e nem botar ovos. Eles estão mais... pra autômatos do que pra pássaros de verdade.

Nova olhou para ele e tentou sentir que os comentários humildes dele eram válidos, mas sabia que ele estava se diminuindo.

Típico de Adrian.

Antes que ela pudesse responder, alguém gritou do que parecia quilômetros de distância...

– Adrian! O jantar está pronto!

Nova ficou tensa e observou o santuário da selva.

Ela havia se esquecido completamente de que eles estavam em um lugar fechado, e não nas ruínas cobertas de vegetação de uma cidade morta.

Eles estavam na casa dele. Na *mansão* dele. A que ele dividia com o Guardião Terror e com o Capitão Cromo.

E os pais dele estavam lá.

Adrian também pareceu momentaneamente abalado.

– Certo – disse ele, fechando o bloco com o lápis dentro. – Está com fome?

Seus lábios se abriram. De repente, a respiração dela ficou rasa, em lufadas desconfortáveis.

Jantar. Um jantar familiar comum.

Com *eles*.

Ela fechou a boca de novo e se obrigou a assentir.

– Estou. Na verdade, estou morrendo de fome.

– Eu também. – Adrian se levantou e ofereceu a mão, que ela fingiu não reparar ao se levantar usando o muro de pedra como apoio. Ela não estava pronta para tocar nele de novo. Não queria saber o quanto gostaria disso.

Quando ela se virou, ele tinha enfiado a mão no bolso. Além da camiseta de mangas compridas, ele tinha tirado a calça jeans e colocado um moletom cinza, e havia algo de tão íntimo e relaxado que ela quase o achou mais bonito assim.

E ele era bonito.

Ela já tinha reparado. Um milhão de vezes diferentes, parecia. As bochechas altas. Os lábios carnudos que se abriam com tanta facilidade naquele sorriso sutil. Até os óculos com molduras grossas em volta dos olhos escuros acrescentavam um ar de tranquilidade e sensibilidade às feições dele que deixava sua boca seca quando ela parava para pensar.

Ela estava começando a achar que podia estar mesmo encrencada.

Ela seguiu Adrian pela folhagem verdejante e pelas vinhas caídas. Ele empurrou as folhas de uma planta de aparência pré-histórica e havia uma porta de madeira em uma parede branca.

Nova olhou para trás uma vez, desejando ter tirado um tempo para admirar a estátua e a estrela, o que ela estava começando a pensar como *sua* estrela, antes de atravessar a soleira da porta e voltar à realidade.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



NOVA SEGUIU ADRIAN PARA fora do porão pela escadaria estreita, a mente em disparada enquanto ela tentava determinar a probabilidade de ser uma armadilha.

Não era muita, pensou ela. Tinha passado a noite toda e um dia dormindo, e, por mais incomodada que isso a deixasse, tinha que admitir que nada tinha acontecido. Ela não foi atacada nem capturada.

Ainda assim, não conseguia relaxar. Sempre havia uma chance. Uma chance de Winston ter finalmente revelado a identidade de Nova, ou que alguma prova incriminadora tivesse surgido enquanto ela dormia. Vinte e quatro horas era tempo suficiente para alguma coisa dar errado.

Adrian empurrou a porta no alto da escada e Nova se preparou ao entrar no saguão imponente de novo. Mas a mansão continuava tão silenciosa e arrumada quanto antes.

Ela seguiu Adrian até uma sala de estar formal, com lambris nas paredes e um candelabro de cristal pendurado sobre a mesa de cerejeira, que era tão grande que caberiam doze pessoas ou mais. Em vez de estar arrumada com louças delicadas e talheres de prata, a mesa estava cheia de jornais, muitos ainda enrolados com

elásticos, e pilhas de correspondência, e duas edições da revista *Heróis Hoje*.

Adrian foi até outra porta, e os sons da casa envolveram Nova. Pratos tilintando. Um ventilador girando. A batida regular de uma faca numa tábua de corte.

Assim que ela entrou na cozinha aberta, seu olhar se desviou não para os dois homens que estavam cozinhando, mas para as janelas grandes em arco que cercavam a mesa e para uma porta que podia levar para uma saída... ou talvez uma despensa. Para o cepo de facas na bancada de granito e a frigideira de ferro fundido no fogo, e para a fileira de bancos de bar que se estilhaçariam ao serem jogados no Capitão Cromo, mas talvez atordoassem o Guardiã Terror se jogados com força suficiente.

Depois de mapear todas as possíveis saídas e deduzir armas potenciais suficientes para se sentir confiante de não estar impotente, nem mesmo aqui, ela ousou cumprimentar os anfitriões.

Hugh Everhart esticou a mão para ela, a outra segurando uma colher de madeira.

– Nova, foi uma boa surpresa saber que você ia se juntar a nós.

Ela prendeu o ar quando apertou a mão dele se perguntando primeiro se seu poder funcionaria contra o invencível Capitão Cromo.

Perguntando-se depois em que ponto Adrian subiu para informar aos pais que ele tinha uma convidada. Foi antes ou depois de ela ter passado a noite lá de forma não oficial?

Hugh indicou o bar, onde Simon Westwood estava cortando cenouras em palitos finos.

– Está quase pronto – disse Hugh –, mas fique à vontade para comer alguma coisa enquanto espera.

Simon empurrou um prato na direção dela cheio de tomates-cereja e palitos de pimentão cru. Mas a atenção de Nova foi para a faca enorme na mão dele. Ela observou o avental azul quadriculado, que era tão oposto a qualquer coisa que ela pudesse imaginar o

Guardião Terror usando que, por um momento, ela achou que talvez estivesse sonhando. Sonhos eram assim, não eram? Ridículos e absurdos e totalmente implausíveis?

Quando pensava naqueles dois super-heróis, ela sempre os imaginava no meio de uma batalha, normalmente uma na qual ela descobrisse um jeito inteligente de matar os dois ao mesmo tempo. Ela nunca os imaginou em casa fazendo uma coisa tão comum quanto preparar o jantar juntos.

– Adrian – disse Hugh, jogando as cenouras numa travessa –, você pode ir lá embaixo pegar uma lata de tomate na despensa?

– Claro – disse Adrian. Ele pegou um palito de cenoura, partiu no meio e se afastou do bar. Abriu um sorriso rápido e encorajador para Nova enquanto desaparecia pela porta.

– A despensa fica no final do corredor – disse Simon, arrumando os legumes no prato. Nova demorou um momento para perceber que ele estava falando com ela. – É um saco quando esquecemos uma coisa no meio da receita. A gente sempre fala em esvaziar o armário de vassouras – ele mostrou uma porta estreita e fechada com o queixo – e convertê-lo numa nova despensa, mas sempre acaba cheio de coisas de super-heróis de novo.

Os pensamentos de Nova estavam tão disparados que ela mal conseguia entendê-lo. Despensa? Lata de tomate?

Ela tentou relaxar os ombros. Controlar a respiração. Admitir para si mesma que um ataque não era iminente.

Mas deu um passo sutil para o lado para ficar mais perto do cepo de facas. Só por garantia.

– Infelizmente, esta refeição não vai estar do nosso nível habitual, ao menos pra quando temos uma convidada especial – disse Hugh. Ele estava parado ao lado do fogão mexendo um molho vermelho que fervia. – Mas o dia foi longo para nós e não estávamos esperando chegar em casa e ter companhia. – Ele olhou de lado para Nova, os olhos cintilando de forma quase maliciosa.

– Eu não estava esperando uma refeição caseira – disse Nova, a atenção desviando do molho de tomate para a peneira com espaguete fumegante na pia e uma frigideira cheia de carne moída.

– Espero que você goste de comida italiana – disse Hugh. – Você não é vegetariana, é?

Ela balançou a cabeça e o viu jogar a carne no molho.

– Eu amo comida italiana – disse ela, tentando agir com uma normalidade incomum como a deles. – Meu pai era italiano e minha mãe fazia macarrão sempre porque ele gostava muito. Mas nunca foi a especialidade dela. O que ela fazia bem mesmo era rolinho primavera.

– Ah, eu adoro rolinho primavera – disse Hugh, com mais entusiasmo do que o comentário valia.

Nova mordeu a bochecha por dentro, quase desejando que ele lesse os pensamentos dela. *Meu pai, minha mãe... que não estão mais aqui. Que acreditavam tanto que vocês viriam, que vocês os protegeriam. Que me ensinaram a acreditar que vocês nos protegeriam.*

Mas Hugh só continuou mexendo o molho, a expressão serena.

– De onde veio o McLain? – perguntou Simon, sobressaltando-a.
– Se seu pai era italiano.

Seu coração disparou. Ela havia esquecido. Não era Nova Artino, não ali. Era Nova Jean McLain.

– Hã... do meu... avô – gaguejou ela. – Do meu avô paterno. Ele era escocês, mas... morou na Itália. Por um tempo.

Simon fez um som de leve interesse. Um ruído educado. Um ruído de conversinha trivial.

Ela os enganou? Ou eles estavam tentando desmontar a guarda dela?

Apesar do jeito alegre com que eles estavam agindo, ela via que Hugh estava com sombras azuladas embaixo dos olhos e uma barba por fazer no queixo normalmente barbeado. Simon também parecia menos animado do que o habitual.

– Vocês dois estão bem? – perguntou ela.

Simon riu, e ele e Hugh trocaram um olhar infeliz.

– Adrian nos falou que você dormiu por muito tempo ontem – disse ele, recolhendo as pontas das cenouras e as jogando na pia do outro lado do bar. – Ele não contou a novidade?

– Novidade?

A porta atrás dela se abriu e Adrian chegou segurando uma lata de tomate picado como se fosse um troféu.

– Missão cumprida.

– Obrigado, Adrian – disse Hugh, pegando a lata da mão de Adrian. Em vez de usar um abridor de latas, ele enfiou as unhas na beirada da lata e puxou a tampa de alumínio. E virou todo o conteúdo no molho. – Simon estava contando a Nova sobre o Sentinela.

Ela e Adrian ficaram parados.

– Sentinela? – perguntou ela.

– É – disse Simon com voz sombria. – Ele está vivo.

Adrian fez cara feia. Nova ficou surpresa. Em todas as vezes que ele a ouviu reclamar do Sentinela, ele nunca disse nada de negativo sobre o vigilante. Pelo menos, não que ela lembrasse. Nova tinha uma desconfiança de que ele gostava do cara.

– É verdade – disse Adrian. – Acho que eu devia ter falado alguma coisa. Está no noticiário agora.

Nova olhou para ele. O tom dele estava estranho... evasivo.

Simon desceu do banco e contornou o bar, passando na frente de Nova. Ela viu a faca na mão dele e cada músculo se contraiu. Ela curvou os dedos em forma de garra, mirando na área de pele que usaria para deixá-lo inconsciente.

Ele pegou um pano de prato na bancada e começou a limpar a lâmina.

– Com licença – disse ele, se virando para ela.

Nova se sobressaltou.

– Ah, desculpe – disse ela, saindo da frente.

Ele colocou a faca no cepo com as outras.

Ela tentou desfazer o nó no estômago, irritada com a própria reação exagerada.

– Então... como a gente sabe que ele está vivo?

– Ele teve um conflito com uma das nossas unidades de patrulha. Sabe a Geladura e a equipe dela? – Simon riu, mas sem achar muita graça. – Claro que sabe. O teste. Então, eles foram enviados atrás da Espinheiro. Tínhamos pistas boas sobre onde encontrá-la e... bem. Eles a encontraram. – Um músculo tremeu embaixo da barba dele.

– E? – perguntou Nova.

– Eles chegaram a tempo de ver o Sentinela a torturando, esmagando uns membros dela.

Nova deu um passo para trás.

– *O quê?*

Ao seu lado, Adrian pegou um palito de cenoura e enfiou em uma tigela de molho.

– Quando percebeu que os Renegados estavam lá, ele matou Espinheiro na frente deles. E os atacou.

Nova olhou para Adrian, em parte em busca de confirmação, mas ele estava olhando para a bancada com expressão contrariada.

– Vou tentar adivinhar – disse ela. – Ele escapou. De novo.

– É mais um lembrete de que não devemos subestimá-lo – disse Simon.

Nova expirou.

– Mas por que ele atacaria Espinheiro assim? Por que não amarrá-la e deixá-la para os Renegados, como todos os criminosos que ele pegou antes?

– A gente acha que pode ter sido vingança – disse Hugh. – Porque ela o constrangeu na barca.

– Tem certeza de que dá pra acreditar na palavra da Geladura sobre isso? – disse Adrian, quebrando outra cenoura entre os dedos. – Parece meio forçado, se você quer saber.

– Nós recuperamos o corpo da Espinheiro – disse Simon. – Vimos a destruição da batalha com o Sentinela. A história faz sentido.

Adrian abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas hesitou. Ainda de cara amarrada, ele mordeu a cenoura.

Nova cruzou os braços sobre o peito. O Sentinela vivo despertava uma série de sentimentos que ela havia esquecido desde que o viu afundar no rio. Ele estava determinado a encontrar Pesadelo. Mais do que todo mundo.

Com sorte, ele acreditava que ela estava morta, tanto quanto os Renegados acreditavam.

Eles levaram a comida para a mesa da cozinha. Nova deixou que Adrian se sentasse primeiro e ocupou o banco ao lado dele para não ficar presa contra a parede. Mas até aquela pequena estratégia a fez se sentir um pouco ridícula, e ela estava começando a esquecer por que tinha ficado tão preocupada antes.

Ela dormiu debaixo do teto dele por horas. *Vinte e quatro horas*. E nada aconteceu. Eles não sabiam que ela era a Pesadelo. Não sabiam que ela era Anarquista, que era sobrinha do Ace. Para eles, ela era Renegada até a raiz dos cabelos.

O que ela estava fazendo ali?

Ace estava definhando nas catacumbas e ela estava jantando com os inimigos dele.

Por pouco tempo, ela se sentiu à vontade. Segura, até. Tinha se deixado levar por um mural e por um sonho. Tinha imaginado como seria tocar em Adrian de novo, talvez até beijá-lo. Tinha admirado até os *óculos* dele, por mais banal e patético que fosse.

Mas nada disso era o motivo de ela estar ali.

Ela devia se parabenizar. Tinha começado aquele teatro com a intenção de passar algumas semanas no quartel-general e aprender o que pudesse dos companheiros, mas acabou indo parar ali. Na moradia particular de dois dos seus maiores alvos. Eles confiavam nela. Talvez até gostassem dela.

Ela fez uma pausa.

Será que gostavam?

Ela olhou para a pinça que Hugh usou para colocar espaguete no prato dela, forçando-se a não ficar curiosa, a não se importar. Poderia usar aquilo a seu favor. Tudo. A confiança, a rotina natural. Era sua chance de arrancar informações deles. Não podia desperdiçá-la.

– E então – disse Adrian, tomando um gole de água –, a cena do crime no pátio do porto revelou alguma prova nova sobre o Sentinela? Já temos alguma pista sobre a identidade dele?

– Ainda estão examinando tudo – disse Hugh. – Até agora, acho que a única pista sólida que temos é que ele pode ser o prodígio com mais excesso de confiança que esta cidade já viu.

Simon riu.

– Com mais excesso de confiança? Ninguém supera você nisso.

Hugh sorriu. Para a surpresa de Nova, ele olhou para *ela* quando disse:

– Eles sempre pegam no meu pé, mas não sabem como é difícil ser encantador assim. É preciso muita dedicação.

Sem saber direito o que dizer, Nova sorriu e colocou uma garfada de macarrão na boca.

Adrian cortou um pão, e uma nuvem de fumaça subiu no ar. A expressão dele estava distante quando ele falou:

– Eu tenho a impressão de que ele está tentando ajudar as pessoas. E o que vocês fizeram na Era da Anarquia?

Hugh e Simon ficaram tensos, e Nova percebeu que não era a primeira vez que eles tinham aquela conversa.

– Não havia regras a serem seguidas na época – disse Simon. – O código de autoridade não existia. Nós fazíamos o possível para deter os vilões que mandavam na cidade. Mas imagine se ainda operássemos daquela forma. Se cada prodígio por aí saísse fazendo o que quisesse, sempre que quisesse, tudo em nome da

justiça. Não demoraria para que tudo desmoronasse. A sociedade não funciona assim e nós também não podemos funcionar.

Nova mordeu a bochecha por dentro. Ela concordava em um certo nível: a sociedade precisava de regras e consequências.

Mas quem tinha escolhido o Conselho para criar essas regras?

Quem decidia que punições eram adequadas por rompê-las?

– Nós sabemos que há muita controvérsia em relação às ações do Sentinela – disse Hugh. – Boas ou más, úteis ou danosas. Mas a luta no pátio do porto mostra que ele não é... totalmente estável. Ele precisa ser encontrado e detido.

– Neutralizado, você quer dizer – disse Adrian, a mandíbula contraída.

– Se chegar a isso – disse Hugh. – A ascensão do Sentinela é um bom exemplo de como é importante manter a população de prodígios sob controle. Nós temos que garantir que os vilões deste mundo não consigam subir ao poder de novo. Sei que existe uma certa... incerteza em relação ao Agente N entre os Renegados, mas não podemos permitir que prodígios usem seus poderes sem nenhuma restrição.

– Falando nisso, sabe de quem esse Sentinela me lembra? – disse Simon, e Nova teve a impressão clara de que ele estava mudando de assunto para evitar uma briga. Ele fez sinal na direção de Adrian com o garfo, e Adrian inspirou rapidamente. – Daquele gibi que você escreveu quando era criança. Como se chamava? Rebelde X? Rebelde...

– Rebelde Z! – disse Hugh, a expressão se iluminando. – Eu tinha me esquecido disso. É verdade, o Sentinela é meio parecido com ele, não é?

O garfo de Adrian parou a centímetros da boca.

– Vocês sabem sobre isso?

– Claro que sabemos. Teve um verão em que você não fez praticamente mais nada.

– É verdade, mas... eu não achei que vocês tivessem visto. Eu... tenho quase certeza de que nunca mostrei pra ninguém...

Hugh e Simon tiveram a decência de parecer constrangidos. Hugh deu de ombros.

– A gente pode ter espiado quando você não estava olhando. Não pudemos evitar! Você estava tão concentrado e não queria nos contar nada. E estávamos doidos pra saber o que era.

– E a história era ótima! – disse Simon, como se seu entusiasmo fosse aliviar a questão da invasão de privacidade. – Você chegou a terminar?

Adrian baixou o garfo e o girou no espagete de novo, os ombros contraídos.

– Fiz três histórias e perdi o interesse. *Não* era ótimo. Estou surpreso de vocês lembrarem.

– Eu achei fantástico – declarou Simon.

– Eu tinha 11 anos e você é meu pai. Claro que você ia dizer isso.

– Eu sempre achei que o Rebelde Z talvez fosse inspirado nesse que vos fala – disse Hugh com uma piscadela.

– Não foi – respondeu Adrian diretamente.

– Ah, bem. Não culpe seu velho por ter esperança.

– De que estamos falando? – perguntou Nova.

– De nada – disse Adrian.

Ao mesmo tempo, Simon respondeu:

– De um gibi que o Adrian começou anos atrás. Sobre um super-herói que sofreu... uma espécie de alteração biológica, não foi?

Adrian deu um suspiro e explicou sem muito entusiasmo.

– Era sobre um grupo de vinte e seis crianças que foram abduzidas por um cientista do mal e submetidas a vários testes para tentar transformá-las em prodígios, mas só o vigésimo sexto menino sobreviveu. Ele se transformou em super-herói e fez da sua missão se vingar do cientista e dos comparsas dele. Depois, teria uma grande conspiração do governo envolvida, mas não cheguei nesse ponto.

– Parece bom – disse Nova, só em parte como provocação, porque estava evidente como a conversa o deixava incomodado. Ela queria se solidarizar, por mais que não parecesse haver motivo para ele se chatear. Um gibi feito anos antes, quem se importava? Mas, por outro lado, ela sempre odiou quando Leroy queria ver suas invenções antes de estarem prontas para serem compartilhadas, então talvez ela entendesse, sim. – Posso ler?

– Não – disse ele. – Tenho quase certeza de que foi para o lixo.

– Acho que não – disse Hugh. – Acho que está em uma caixa no escritório ou talvez no depósito.

Adrian olhou para ele com mais frieza do que os espetos de gelo da Geladura.

– Bom, se você encontrar, eu adoraria ver – disse ela.

Simon limpou a garganta, e Nova sentiu que ele estava prestes a mudar de assunto de novo antes que Adrian decidisse nunca mais levar uma garota para o jantar.

– Nova – disse ele, secando o bigode com um guardanapo –, como estão as coisas nas armas e nos artefatos? Você encontrou... o que estava procurando?

Nova fez cara de inocência quando respondeu.

– O que você quer dizer?

– Achei que parte do seu motivo pra se candidatar ao departamento tinha a ver com seu interesse no elmo do Ace Anarquia.

Apesar do coração de Nova parecer que ia pular do corpo, Simon se virou para Hugh com um jeito bem jovial.

– Você tinha que estar lá quando ela viu a réplica. Ela deu uma olhada e soube que era falso. Fiquei impressionado. – Ele sorriu para ela. – Já te mostraram o verdadeiro?

Ela empurrou a comida no prato e falou:

– Me mostraram a caixa onde ele está.

Simon assentiu.

– Espero que poder ver em pessoa tenha sido um alívio. Você não pareceu convencida quando falei que estava bem protegido.

Nova olhou para Adrian e soube que eles dois estavam pensando na conversa que tiveram na Olimpíada dos Ajudantes. Ela manteve o rosto neutro enquanto perguntava:

– Tem certeza?

Hugh riu.

– Não vai me arrumar problema – murmurou Adrian.

– O que foi? – perguntou Hugh. – De que vocês estão falando?

– Só que o Adrian acha que *talvez* conseguisse abrir a caixa se tentasse.

– Rá! O Adrian? Não. Que ideia. – Hugh enfiou uma garfada de macarrão na boca como se a conversa tivesse acabado.

– Obviamente, eu não tentei – disse Adrian. – Mas acho possível.

– Como você faria isso? – perguntou Simon.

– Desenhando uma porta.

– Uma porta! – Hugh riu. – Por favor. Isso é... – Ele hesitou, a testa se franzindo de leve. – Isso nunca funcionaria. Né?

Todos trocaram olhares de incerteza.

Nova tomou um gole de água e evitou o contato visual para que eles não vissem sua ansiedade crescente.

– Não importa. Adrian nunca vai tentar pegar aquele elmo. Mas é uma questão interessante. Há tantos prodígios, com tantas habilidades. Como você sabe que a caixa é infalível se nunca desafiou ninguém a tentar abrir? É só uma caixa.

– Só uma caixa. – Hugh bufou e sua preocupação momentânea pareceu ter passado. – É uma teoria interessante, mas não faz sentido especular. Eu me conheço e sei que meus poderes funcionam. Só tem um prodígio capaz de abrir aquela coisa, e esse prodígio não é o Adrian – ele olhou para Adrian de cara feia – e nem ninguém com quem precisemos nos preocupar.

– É mesmo? – A coluna de Nova formigou. – Quem é?

Hugh levantou a mão, exasperado.

– Eu!

Nova ergueu uma sobrancelha.

– Porque você é capaz... de manipular mais o cromo?

– Ah, claro. Ou posso fazer uma marreta pra quebrá-la se estivesse com tendências destrutivas. Mas o elmo está seguro. Ninguém botou as mãos nele e ninguém vai conseguir.

A pulsação de Nova acelerou, com uma ideia começando a sussurrar em seus pensamentos.

Marreta de cromo?

Funcionaria? Uma arma feita do mesmo material seria forte o suficiente para destruir a caixa?

Só se fosse feita pelo próprio Capitão, ela desconfiava. Como seu experimento de eletrólise sugerira, a caixa não era feita de cromo *normal*. Assim como o próprio Capitão, as armas dele eram... bom, extraordinárias.

– Você vai ao baile amanhã? – perguntou Simon, e Nova estava tão perdida nas próprias especulações que levou um momento para perceber que ele estava perguntando a ela.

– Baile? – disse ela, tentando lembrar que dia era. – Já é amanhã?

– Tive esse mesmo pensamento algumas horas atrás – disse Hugh. – Nós recebemos vários patrocinadores de última hora e parece que vai ser um evento lindo. Com música ao vivo, comida farta. Vai ser divertido. Você tem que ir. Sabe, Nova, muita gente da organização está começando a te admirar, principalmente os mais jovens. Seria muito importante que você fosse.

Nova forçou um sorriso apertado, mas seu coração estava despencando pelas implicações das palavras dela e o que ela havia se tornado aos olhos dos Renegados. Alguém a admirar, respeitar, emular.

Ela era Nova McLain. A super-heroína e a fraude.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



NOVA NÃO SE LEMBRAVA de muito mais sobre a conversa durante o jantar, a maioria em torno dos planos do Conselho para os programas de serviços à comunidade em andamento. Por fim, Hugh e Simon se levantaram e começaram a botar a louça na máquina, fazendo tudo como um time bem ensaiado. Nova os observou por um minuto, sem conseguir alinhar completamente a tarefa doméstica simples com os super-heróis que derrotaram o Ace Anarquia.

– Então – disse Adrian, chamando a atenção dela de volta. Ele pareceu mais relaxado agora e ela desconfiava que estivesse aliviado de o jantar ter acabado. – Você deve precisar voltar pra casa, né?

Ela olhou para ele e quase começou a rir.

Para casa.

Até parece.

Com um sorriso apertado, ela respondeu:

– Que tal a gente ver aquele filme que nem chegamos a começar?

E foi assim que Nova foi parar na sala de Adrian, sentada no sofá gasto. A indústria do entretenimento foi uma que parou durante a Era da Anarquia e estava demorando a se recuperar, então a

coleção toda de filmes de Adrian consistia em “clássicos” com mais de trinta anos. Nova não tinha visto nenhum.

Adrian selecionou um filme de artes marciais, mas, para Nova, não importava o que ele escolheu. Ela não assistiria mesmo.

Adrian se acomodou no sofá. Não encostado nela, mas perto o suficiente para sugerir que poderia haver um toque se ela quisesse. Ou talvez não houvesse nenhum motivo para isso e ele só tivesse um lugar preferido, uma almofada favorita.

Nova se irritou porque seus batimentos aceleraram. Parecia que um estranho tinha sequestrado seu corpo. Alguém que tinha esquecido quem ela era e de onde tinha vindo. Ou, o mais importante, quem *Adrian* era.

Aquela atração tinha que parar. Ela era Anarquista. Ela era a *Pesadelo*.

O que ela achava que aconteceria quando ele descobrisse? Ele acabaria descobrindo, era inevitável. Quando estivesse com o elmo e com o Amuleto da Vitalidade, ela não teria mais que fazer aquele jogo.

Nova inspirou fundo para se estabilizar, chegou mais perto de Adrian e apoiou a cabeça no ombro dele. Ele ficou tenso, mas por pouco tempo. Ele passou o braço em volta dela e ela se acomodou junto a ele. Ela ordenou que seu corpo não ficasse à vontade demais. Que não apreciasse o calor e a força sutil daquele braço, nem o cheiro de pinho que podia ser do sabonete ou da loção pós-barba.

Desta vez, seus pensamentos calculistas foram mais altos do que os batimentos do coração dele. O relógio tiquetaqueando em sua mente estava mais rápido do que sua pulsação.

Os créditos de abertura do filme passaram na tela. Um homem apareceu andando por uma nevasca. No alto de uma montanha havia um templo perturbador.

A mão de Adrian estava apoiada na perna dele. Nova, o mais casualmente que conseguiu, começou a mover a sua na direção da

dele. Estava a momentos de entrelaçar os dedos quando Adrian se afastou, moveu o corpo tão rápido que Nova escorregou no vão entre as almofadas.

Ela se empertigou.

Adrian se virou para olhar para ela e apoiou um joelho no sofá. Sua expressão era de preocupação, mas os ombros estavam firmes. Nova se afastou dele, suas defesas subindo como muros de castelo.

– O baile amanhã à noite – disse ele subitamente, as palavras ditas tão rapidamente que viraram uma declaração desajeitada só.

Nova olhou para ele.

– Como?

– O baile. Se você for e eu for e... Quer ir junto comigo? Como num encontro. Oficialmente, desta vez. – O pomo de adão dele se moveu no pescoço. – Sei que não fui claro na vez do parque de diversões, então vou deixar bem claro agora. Eu gostaria que você fosse minha acompanhante. Gostaria muito, na verdade... – Ele fez uma pausa antes de acrescentar com uma certa timidez: – Se você quiser.

Nova ficou de boca aberta. Sua mente tinha ficado vazia e ela estava tentando formular uma resposta baseada em lógica e estratégia e o que Ace ia querer que ela fizesse, se seria bom para a causa ou não e como mudaria as coisas, mas só conseguia pensar em como Adrian ficava fofo quando estava nervoso.

E também...

Ele ainda gosta de mim.

Apesar de todos os avanços rejeitados, de todos os silêncios constrangedores. Nova tinha tanta certeza de que ele a tinha superado depois do fim sofrível do não encontro no parque de diversões, mas... teve aquilo. Ele não só pediu que ela fosse seu par, mas pareceu *ansioso* para isso.

– Tudo bem – sussurrou ela.

Ela pensaria na estratégia depois.

O rosto de Adrian se iluminou.

– Tudo bem? – Com um movimento afirmativo de cabeça, ele se acomodou no encosto do sofá de novo e botou o braço em volta dos ombros dela. E expirou. – Tudo bem.

Nova se ajustou ao corpo dele de novo, e uma parte dela queria ficar feliz, mas ela só sentia medo.

Ela pegaria o elmo, e Ace Anarquia teria seu poder devolvido. Os Renegados cairiam. A sociedade seria responsável por ensinar seus próprios filhos, plantar seus próprios alimentos, e todos ficariam mais fortes com isso. Melhores.

E Nova também ficaria mais forte e melhor.

Em pouco tempo, ela pararia de mentir. Não teria mais segredos.

E Adrian não ia mais querer saber dela.

Na tela, o homem tinha acabado de entrar no templo. Seu corpo apareceu delineado nas portas enormes e a neve voava ao redor.

Ela tentou acalmar seus pensamentos. Tentou se reorientar sobre o que tinha que ser feito.

Nova tinha ido buscar o Amuleto da Vitalidade. Passou pela cabeça dela que ela devia perguntar a Adrian sobre isso, e ela sabia que ele provavelmente emprestaria, ainda mais se ela dissesse que queria visitar Max.

Mas, não, se tudo corresse bem, ela estaria usando aquele amuleto como Pesadelo, não Insônia, e, quanto menos pistas a conectassem a seu alter ego, melhor.

– Nova – disse ele, tão baixinho que ela quase pensou ter imaginado.

Ela virou a cabeça para cima.

Adrian sustentou o olhar dela por meio segundo e se inclinou e a beijou.

Nova ofegou com os lábios dele, tomada não só pela surpresa, mas pela corrente elétrica que fez cada nervo vibrar.

Adrian se afastou, preocupado de novo. Seus olhos faziam uma pergunta. Seus lábios, um convite.

Nova sentiu como se sua boca tivesse sido abandonada. O beijo foi curto demais e suas mãos já estavam se coçando para tocar nele, seu corpo todo desejando chegar mais perto.

Apesar de saber o que tinha que fazer e de saber que a ideia era péssima, ela levou a mão até a nuca dele e puxou os lábios dele até os seus.

O beijo se intensificou rapidamente. Com uma curiosidade hesitante e, do nada, com uma necessidade desesperada e insatisfeita. De ficar mais perto. De beijar mais intensamente. De tocar no rosto dele, no pescoço, no cabelo. Adrian passou o braço pela cintura dela e a puxou para o lado, virando o corpo de Nova para que ela ficasse envolta por seus braços.

Ele soltou um chiado repentino e se afastou.

Nova abriu os olhos, o coração pulando na garganta. As feições dele estavam contorcidas de dor.

– Adrian?

– Nada – disse ele por entre os dentes, uma das mãos apertando a lateral do corpo. O rosto relaxou novamente quando ele a olhou.

– O que...?

– Nada – repetiu ele e voltou a beijá-la, e qualquer preocupação sobre o que o tinha machucado sumiu. Nova estava tremendo, confusa por tanto contato físico de uma vez. Os lábios dele. Uma das mãos no cabelo dela, a outra nas costelas. O corpo dela atravessado pelo colo dele, os batimentos dele disparados junto ao seu peito, e os lábios, *céus, os lábios...*

E, ainda assim, aquela voz sussurrava no fundo da mente dela, lembrando-a por que ela estava lá, apesar do tanto que ela queria ignorar isso.

Os dedos de Adrian se fecharam na parte de trás da cabeça dela. Ela estava tão reclinada agora que sentiu o braço do sofá embaixo dos ombros. Nova fechou bem os olhos, querendo acreditar que aquilo era o mundo todo. Só Adrian Everhart e cada um dos seus toques mágicos.

Ainda assim, a voz implacável insistia, lembrando-a que aquilo *não era* real. Que aquele nunca seria seu lugar. Adrian Everhart não era para ela e ela certamente não era para ele.

Só que... aquela voz sumiu no ruído de fundo e foi substituída pelo calor da boca de Adrian e pela pressão do braço dele, e outra voz, um pouco mais baixa, se manifestou. Era uma voz que podia estar tentando chamar a sua atenção desde o primeiro momento em que ela viu Adrian e seu coração pulou ao ver o sorriso aberto.

Por que não?

Por que ali não podia ser seu lugar? Por que ela não podia ter aquilo? Era só não voltar. Era só continuar fingindo ser Nova McLain, Renegada, pelo resto da vida. Ninguém teria que saber. *Aquilo poderia ser real.*

Ela beijou Adrian mais intensamente e ele gemeu em resposta. Se ela pudesse abraçá-lo com força... Se pudesse fazer o momento durar...

Bam. Bam.

Ela abriu os olhos subitamente. Adrian não pareceu reparar, pois seus dedos descobriram naquele momento a pele exposta da cintura dela. Nova tremeu por causa da sensação, da convergência sufocante de desejos demais se chocando dentro dela.

A voz baixa da discordância foi enterrada rapidamente embaixo da culpa crescente. Não, não, *não*. Escolher Adrian seria abandonar os Anarquistas, abandonar Ace.

BAM.

Escolher Adrian seria abandonar qualquer chance de vingança por Evie e pelos seus pais.

Nova fechou bem os olhos, com mais força do que antes, torcendo para bloquear os ruídos de tiros enquanto seu propósito ficava claro de novo. Enquanto ela se lembrava de por que estava lá. Por que *realmente* estava lá.

Ela já tinha fracassado com a família quando eles precisaram dela. Não faria isso de novo.

Nova abraçou Adrian e agarrou a camiseta dele. Havia lágrimas surgindo atrás das pálpebras. Tinha que fazer isso. Tinha.

E, se não fizesse agora, talvez esquecesse o *porquê*.

Enquanto seu corpo se inflamava no abraço de Adrian, Nova soltou seu poder no local em que seus lábios se tocavam. O poder emanou dela da forma mais gentil que ela conseguiu. Fazia muito tempo que ela não era gentil com seu poder. Desde que ela fez a irmã dormir tantos anos antes.

Mesmo assim, o efeito foi rapidíssimo.

Os dedos de Adrian soltaram o cabelo dela. Os braços ficaram inertes. A cabeça pendeu para o lado, interrompendo o beijo, e o corpo caiu junto ao encosto do sofá, prendendo Nova nas almofadas. A respiração dele, que estava tão errática quanto a dela momentos antes, já estava ficando mais lenta.

Nova expirou.

Ela olhou para o teto, a visão borrada pelas lágrimas não derramadas. Parou um momento para memorizar o peso dele e o calor que se espalhava por suas roupas. Eles estavam emaranhados: seus joelhos dobrados sobre o quadril dele, os braços dela presos embaixo de suas costas. Seus dedos estavam apoiados no pescoço dele, e era tão fácil imaginar como aquele momento seria perfeito se fosse real. Só uma garota e um garoto abraçados, roubando beijos, adormecendo nos braços do outro. Tudo tão simples e descomplicado.

Quem dera.

Ela começou a se soltar. Moveu-se lentamente, apesar de saber que ele não acordaria. Quando tirou o peso do sofá e deslizou para o chão, Adrian se reajustou e afundou nas almofadas. Um lado do rosto dele roçou em uma e entortou os óculos.

Nova levou as mãos até as têmporas dele e tirou os óculos. Dobrou as laterais, os colocou na mesa de centro e pegou um cobertor na cama desfeita. Jogou o cobertor sobre ele, pensando que ele tinha feito o mesmo quando ela estava dormindo. Ele tinha

parado para inspecionar seu rosto tranquilo, como ela estava fazendo agora? Tinha pensado em beijá-la enquanto ela dormia, como ela se viu tentada a fazer? Seus lábios ainda estavam formigando por terem sido interrompidos antes que a necessidade tivesse sido satisfeita.

Mas Nova sabia que Adrian jamais roubaria um beijo seu assim, e ela também não poderia fazer isso.

Ela então se levantou e ajeitou as roupas para depois observar o aposento. Não tinha como saber quanto tempo teria. Usar o poder com delicadeza, como ela fez, costumava diminuir a duração do sono, e seus poderes pareciam diferentes ultimamente. Um pouco mais fracos desde que ela foi parar na quarentena com Max.

Mas ela devia ter uma hora pelo menos, talvez duas. Teria que ser suficiente.

Onde ele estava guardando o medalhão?

Ela olhou embaixo da cama primeiro, depois revirou as gavetas de uma escrivaninha, mas só encontrou eletrônicos velhos, lápis de cor quebrados e um kit de tatuagem, que ela achou que devia estar relacionado a mais uma das empreitadas artísticas dele. Olhou a coleção de videogames e uma cômoda cheia de camisetas e meias e cuecas, o que fez com que a imagem de Adrian de cueca boxer preta se tornasse quase impossível de apagar da cabeça.

Com as bochechas queimando, ela se aproximou de uma estante no canto, onde uma pilha de cadernos de desenho usados estava ladeada por uma coleção de gibis e um conjunto de bonequinhos de ação do Duo Desastroso. Quando criança, ela guardava um kit de laboratório de química dentro de um atlas com um buraco cortado nas páginas, por isso ela achou que ali podia ser um bom esconderijo.

Ela pegou uma pilha de cadernos e começou a folheá-los, mas, em cada um deles, só encontrou páginas mesmo, com desenhos reais e *maravilhosos*. Paisagens de cidades e retratos e páginas e mais páginas de símbolos estranhos, como uma série de espirais

apertadas, como molhas, outros parecendo pequenas chamas. Mas não havia contexto do que Adrian devia estar pensando quando fez os desenhos. Em seguida, havia algumas artes conceituais preliminares do mural da sala ao lado.

Nova fechou o caderno de desenho e o enfiou na prateleira.

O medalhão estava em algum lugar da casa. Tinha que estar. Adrian não o teria dado...

Ela prendeu a respiração.

Claro. Ele só o daria para uma pessoa. Tinha até contado para ela. *Acho que devíamos dar ao Simon primeiro.*

Bufando, ela se afastou da estante e andou em volta do sofá. Não ousou olhar para Adrian de novo, com medo de que a tentação de se encolher em volta dele e esquecer sua missão fosse forte demais para resistir uma segunda vez.

Ela empertigou os ombros e subiu a escada.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



NOVA PAROU PARA OUVIR quando chegou ao saguão. Ainda ouvia a música dramática vindo do filme, e depois de um tempo parada com a cabeça inclinada, ela achou que ouvia um chuveiro aberto no andar de cima.

Ela empertigou os ombros e começou a subir a escadaria de carvalho. Os degraus gemeram e estalaram.

No alto, havia uma porta dupla à esquerda. O quarto principal, ela supôs. Alguém dentro estava se mexendo e assobiando. Ela também reparou que era de lá que vinha o ruído de água correndo, embora a casa toda parecesse cantarolar com a água correndo pelos canos.

Do outro lado do patamar, havia outro corredor. Nova seguiu por ele.

A primeira porta que ela abriu era de um armário de roupa de cama.

A segunda levou um sorriso aos seus lábios.

Um escritório.

Nova entrou e deixou uma fresta da porta aberta para poder ouvir se alguém viesse pelo corredor.

Nova tinha certeza de que Simon não estava usando o Amuleto da Vitalidade no jantar. Se Adrian o tivesse dado para ele, talvez

estivesse no quarto ou no escritório do quartel-general. Mas ela não podia procurar em nenhum daqueles lugares no momento.

Pelo menos uma busca pelo escritório da casa deles poderia revelar algo de útil enquanto ela esperava, torcendo para que os dois Conselheiros pegassem no sono sem a ajuda dela.

Ela se aproximou da escrivaninha grande, que estava lotada de pilhas de papéis e de pastas, uma caída sobre um teclado. Nova pegou o arquivo de cima e olhou a etiqueta, depois outro, olhando cada pilha, procurando alguma coisa útil. Mas tudo parecia ser rascunho das leis que o Conselho estava considerando ou que já tinha botado em prática. Projetos sociais em andamento por toda a cidade. Planos de construções futuras. Negócios com nações estrangeiras.

Ela se voltou para as gavetas e encontrou uma cheia de estatísticas e relatórios sobre índices de crime em vários países. Perto do alto da gaveta, havia uma lista das cidades por todo o globo que tinham filiais dos Renegados em operação.

Era uma lista bem longa.

Nova botou a lista de lado e se virou para um armário de arquivos ao lado da parede. Dentro havia pastas grossas delineando planos e plantas de quartéis-generais e outras propriedades operadas pelos Renegados, desde detalhes de sistemas de alarmes a licenças para elevadores. Nada sobre o elmo. Nada sobre o Agente N. Mas não eram informações ruins para se ter acesso.

Ela pegou alguns documentos para olhar depois e os colocou ao lado da lista de filiais internacionais.

Continuou procurando, embora sentisse que sua sorte e seu tempo estivessem acabando.

Virando-se para as estantes embutidas do aposento, ela observou as lombadas dos volumes enormes de guias legais e manifestos políticos, todos publicados antes da Era da Anarquia. Na prateleira de baixo, havia alguns álbuns de fotografia, e ela ignorou a curiosidade gerada pela oportunidade de ver fotos fofas de

infância de Adrian e pegou uma caixa. Tirou a tampa e ficou paralisada.

Havia um monstro olhando para ela de dentro da caixa.

Com a respiração travada, ela botou a tampa de lado e pegou a folha de papel do alto, onde uma criatura tinha sido desenhada em rabiscos frenéticos de giz de cera preto. A criatura era uma sombra amorfa que chegava às beiradas do papel, deixando apenas a brancura vazia no lugar onde deviam ficar os olhos.

Eram olhos vazios e assombrados.

O monstro de Adrian.

Nova pegou o desenho que estava embaixo. Outra ilustração da criatura, uma massa negra flutuante. Dois braços esticados quase pareciam asas. Uma cabeça bulbosa com olhos sinistros e alertas como único detalhe.

Ela olhou mais alguns desenhos, embora fossem todos parecidos. Parecidos, mas com pequenas diferenças. Alguns deu para ver que foram feitos quando ele era muito pequeno, quando seus rabiscos eram mais emoção do que habilidade. Mas alguns dos desenhos posteriores desenvolviam detalhes. Às vezes, os braços que pareciam asas terminavam em dedos ossudos ou garras afiadas. Às vezes, era uma sombra disforme, em outras era alta e magra. Às vezes, os olhos eram vermelhos, em outras eram amarelos e em outras ainda se pareciam com olhos de gato. Ocasionalmente, o monstro estava segurando uma arma. Uma espada irregular. Um dardo. Algemas de ferro.

Quanto tempo os sonhos dele foram assombrados por aquela criatura? Era quase impressionante que ele não tivesse desenvolvido insônia.

No fundo da pilha de gavetas, ela encontrou uma pilha de folhas de papel grampeadas. Nova as tirou da caixa e uma gargalhada baixa e surpresa escapou dela.

Na primeira página, num estilo artístico bem mais habilidoso do que as imagens do monstro do pesadelo, havia um desenho de um

garoto jovem de pele negra usando uma camisa de força branca com um patch no peito dizendo *Paciente Z*. Ele estava preso a uma cadeira e havia um monte de eletrodos e fios presos na cabeça raspada, conectados a várias máquinas. Um cientista louco estereotipado estava parado ao lado dele escrevendo em uma prancheta.

Havia um título em letras grossas no alto: *Rebelde Z – Volume 1*.

Com a boca tremendo com um sorriso de diversão, Nova abriu na primeira página. Mostrava o garoto da capa tentando comprar um chocolate numa loja de conveniência, mas sendo expulso por não ter moedas suficientes no bolso. Os jornais numa estante ao lado da registradora mostravam manchetes avisando sobre crianças desaparecidas e conspirações do governo.

Uma legenda dizia: “Fui a vigésima sexta vítima do médico.”

Segurando as páginas grampeadas pela lombada, Nova folheou o livrinho. Imagens do garoto apareceram, junto com várias outras crianças presas em celas e submetidas a vários testes pelo cientista e suas seguidoras enfermeiras. A última página mostrava o garoto chorando junto ao corpo de uma garota, a *Paciente Y*. O balão final de diálogo dizia: “Vou encontrar um jeito de sair disso e *vou* te vingar. Vou vingar vocês todos!”

Embaixo: *Continua...*

Balançando a cabeça e sorrindo abertamente agora por esse vislumbre da imaginação de Adrian aos 11 anos, Nova pegou o Volume 2 na caixa. Seus dedos tinham acabado de segurar o papel quando ela ouviu uma porta se abrir no fim do corredor.

Ela ficou imóvel.

Passos.

Na mesma hora, seu cérebro procurou uma desculpa. *Adrian decidiu que queria que eu visse esses gibis antigos. Eu ia levar lá pra baixo pra olhar e...*

Mas a desculpa não foi necessária. Os passos desceram a escada. Nova ficou ouvindo, imóvel. Em determinado ponto da

busca, a água parou de correr pelos canos.

Ela enfiou o gibi na caixa, fechou-a e a colocou de volta na prateleira. Pegou a pasta com os planos dos quartéis-generais e a lista de dignitários internacionais.

Aproximou-se da porta e olhou para fora. A porta dupla do outro lado do patamar estava entreaberta, com uma luz azul saindo junto do som do noticiário noturno.

Ela franziu a testa. Só tinha ouvido um descer, então o outro ainda estava lá dentro.

Opções: esperar que os dois dormissem e entrar no quarto para procurar. Ou criar uma distração para tirá-los de lá.

A primeira opção pareceu menos arriscada.

Ela esperaria. E, se Adrian acordasse, bom, ela o botaria para dormir de novo.

Nova tinha a noite toda.

Quando teve certeza de que o caminho estava livre, ela foi para o corredor e desceu a escada correndo, ficando perto da parede, onde havia menos chance de fazer os pregos velhos gemerem sob seus pés. Ela chegou ao saguão e estava contornando a coluna quando ouviu um assobio de novo.

Estava vindo do corredor. Ela teria que passar por lá para voltar ao porão.

Ela fez uma careta, virou-se para o outro lado, correu para a sala de jantar e fechou a porta ao passar. Com o coração disparado, ela observou a sala, com os painéis chiques de madeira e o candelabro cintilante e as pilhas bagunçadas de correspondência. Pensou em entrar embaixo da mesa, mas isso seria suspeito demais se ela fosse pega. Ela então enfiou o arquivo embaixo de uma pilha de cartas particularmente caótica e correu para a cozinha, onde o lava-louça estava ligado e o cheiro de alho pairava no ar.

Ela não ouvia mais o assobio.

Nova prendeu a respiração.

A porta da sala de jantar se abriu e o assobio recomeçou.

Falando um palavrão, Nova correu para o melhor esconderijo que viu: o armário que Simon disse que seria transformado em despensa um dia.

Ela o abriu. Seus pés hesitaram. Ela recuou um pouco de surpresa.

Uma vara de madeira no alto podia já ter abrigado casacos e jaquetas, mas ela se viu olhando, sem acreditar, para a capa preta do Guardião Terror e para o traje azul reluzente do Capitão Cromo. Os dois estavam dentro de sacos plásticos com etiquetas de lavanderia penduradas nos cabides. No chão, caídas umas sobre as outras, havia seis pares de botas dos Renegados, e um cinto de utilidades, não muito diferente do de Nova, estava pendurado num gancho na porta.

Seu queixo caiu.

Estava ali.

O Amuleto da Vitalidade, pendurado no pescoço do traje do Guardião Terror, cintilando na luz da cozinha.

O que estava fazendo num *armário de vassouras*?

Ela engoliu em seco e soltou a corrente do cabide. Era mais pesado do que ela esperava, do tamanho de um dólar de prata, com a mão e a serpente entalhadas na superfície escura.

Ela quase riu. Não conseguia acreditar que tinha encontrado, realmente encontrado, obtido *sucesso*.

Ela prendeu a corrente no pescoço e guardou o medalhão embaixo da blusa. O ferro estava quente na pele.

A porta da cozinha foi aberta e Nova se virou.

Simon Westwood deu um gritinho de surpresa e ficou invisível por uma fração de segundo. Mas logo voltou com a mão no peito.

– Desculpe – gaguejou Nova. – Eu estava... hã. Procurando... uma coisa pra comer! E lembrei que a despensa era... – ela apontou na direção da porta da sala de jantar – pra lá, né? No fim do corredor. Desculpe. Eu não pretendia xeretar.

Simon descartou o pedido de desculpas.

– Não, não, tudo bem. A casa é grande mesmo. É fácil se perder.
– Já recuperado da surpresa, ele foi até um armário alto e o abriu. – A gente deixa a maioria dos petiscos aqui. Cadê o Adrian?

– Ele pegou no sono – disse ela, dando de ombros com timidez. – Ele pareceu bem cansado no jantar. Eu não quis acordá-lo.

– Ah. – Ele indicou o armário aberto, que continha uma variedade de salgadinhos e biscoitos. – Bom, pega o que quiser.

– Obrigada.

Simon pegou uma barra de chocolate, o que surpreendeu Nova. Ela não imaginava Simon Westwood como alguém que gosta de doces. Ela se obrigou a se mover, fechou a porta do armário de vassouras e foi olhar os petiscos.

Simon estava indo para a porta quando olhou para Nova.

– Sei que eu não devia dizer nada, mas... você é a primeira garota que Adrian traz aqui em casa pra nos conhecer.

Ela corou.

– Na verdade, eu que vim fazer uma visita, então... Não sei bem se dá pra considerar como *me trazer em casa*.

Com uma risada, Simon concordou, o cabelo ondulado caindo na testa.

– É verdade. Mas... acho que ele teria feito isso em algum momento.

Ela corou ainda mais e ficou morrendo de raiva. Todos os pais eram desagradáveis assim?

A ideia gerou uma pontada de dor em seu peito. Ela jamais saberia como era ser constrangida pelo pai e jamais convidaria um garoto para conhecer o *tio Ace*.

– Boa noite, Nova – disse Simon, saindo da cozinha.

Ela relaxou os ombros para liberar a tensão acumulada e lançou um olhar para o teto, aliviada.

Nova decidiu voltar para buscar a pasta na hora que fosse embora e desceu a escada.

Adrian ainda estava dormindo profundamente. Ela levou um momento inspecionando o rosto dele, dizendo para si mesma que queria ver se ele ainda estava dormindo profundamente. As bochechas lisas, as linhas da mandíbula, os lábios que não eram mais um grande mistério, mas estavam mais atraentes do que nunca.

– Fico arrasada que você teve que ser meu inimigo – sussurrou ela.

Ela voltou para a sala do mural. Havia uma última coisa de que ela precisava daquela casa.

A selva agrediu seus sentidos com mais força agora que tinha como comparar ao mundo real. As aves ainda estavam nos galhos, piando e cantando, e o perfume intoxicante das flores a envolveu.

Da porta, ela só teve um vislumbre do ombro da estátua e de um pedaço do capuz. Nova seguiu pela vegetação até estar na frente dela de novo.

Em seu sonho de infância, ela não passou dali. A lembrança da sensação de assombro quando ela parou na frente da estátua, mergulhada no estado fantástico e inconsciente, foi clara. Mesmo agora, ela se sentia arrebatada pela impossibilidade. O milagre daquela estrelinha que surgiu.

No sonho, tinha vontade de tocar nela, mas nunca teve oportunidade. Ela acordava antes.

Suas mãos tremeram quando ela as ergueu com os dedos esticados. Um instinto dizia que tinha que ser sorrateira ao se aproximar da estrela. Se sua movimentação fosse rápida demais, ela talvez a assustasse.

O brilho da estrela se intensificou, como se ela estivesse ciente da sua presença. Quando estava a centímetros de distância, ela percebeu que a estrela tinha começado a mudar de cor, passando de branco vibrante para algo suave e intenso. Um dourado acobreado, como o material que seu pai tirava do ar.

Nova juntou as mãos em volta da estrela. O calor pulsou nas suas palmas.

Ela expirou e levou as mãos unidas até o peito. Enquanto seu coração batia furiosamente, ela ousou separar os polegares. Só um pouco. Só para ver a estrela por dentro.

A estrela brilhou repentinamente e a cegou. Nova cambaleou para trás e virou a cabeça de lado.

O brilho deixou uma marca nas suas pálpebras, um ponto brilhoso que demorou para sumir enquanto ela piscava e entreabria os olhos para espiar as mãos. A marca da luz na visão começou a se dispersar e ela olhou ao redor com espanto, vendo veios dourados finos pulsando ao redor.

Nova apertou bem os olhos e esfregou os dedos neles.

Quando voltou a abri-los, os estranhos padrões de luz tinham sumido junto com a estrela.

Nova sentiu um aperto no peito de decepção, mas logo em seguida veio uma gargalhada autodepreciativa.

O que ela esperava? Que pudesse levar a estrela? Que pudesse ficar com a estrela para sempre para se lembrar daquela noite tão feliz? Uma noite que foi construída sobre mentiras e enganação?

Nova suspirou e voltou pela folhagem. Estava quase na porta quando um brilho chamou a atenção dela.

Ela parou. Uma sombra piscou sobre um tronco caído. Ela se virou e procurou a fonte da luz, mas as sombras se moveram de novo. Não havia nada atrás dela.

Ela girou num círculo completo, e o jogo de luzes e sombras girou junto.

Nova olhou para baixo. Ofegante, esticou o braço e examinou a pulseira que o pai tinha deixado para ela, inacabada.

Agora, onde as garras ficaram vazias por tantos anos, sem uma pedra preciosa presa nelas, havia a luz de uma única estrela dourada.

– Ah, céus – resmungou ela. Por um minuto ela tentou enfiar os dedos embaixo da pedra e soltá-la das garras, mas não conseguiu.

Ela ouviu a música dramática aumentando na televisão no quarto de Adrian. Trincando os dentes, ela puxou a manga da blusa sobre a pulseira e voltou para lá. Os créditos estavam subindo na tela e Adrian ainda estava dormindo no sofá, mas ela sabia que ele não dormiria por muito mais tempo.

Nova ajeitou o corpo de Adrian e se aconchegou ao lado dele. Mal tinha afundado nas almofadas quando Adrian gemeu e se alongou, as pálpebras se abrindo.

Ele levou um susto quando a viu e puxou rapidamente o braço que ela havia passado sobre seus ombros.

– Nova? Eu... – Ele franziu o rosto sonolento. – O que...?

Ela abriu o maior sorriso que conseguiu.

– A pintura deve ter te deixado cansado. Acho que você perdeu o filme todo.

– Eu dormi? – Ele olhou para a televisão e esfregou os olhos. – Eu... desculpe.

– Não precisa pedir desculpas. Eu dormi 24 horas, lembra?

– É, mas... a gente estava... – Ele franziu a testa enquanto pegava os óculos na mesa e os colocava. – A gente não estava...?

– Ele parou de falar.

– Eu tenho que ir pra casa – disse Nova, corando ao pensar no beijo. – A gente se vê no baile, tá? Tenta descansar mais um pouco.

Ele olhou para ela, a confusão começando a passar.

– No baile. Tá. A gente se vê lá.

Antes que pudesse se convencer a não fazer nada, Nova se inclinou e deu um beijo leve na bochecha dele.

– Boa noite, Adrian.

Ela subiu a escada correndo com uma estrela no pulso, um medalhão embaixo da blusa e uma euforia meio cruel pulando no peito.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



– *Essa Lança de Prata* vai funcionar? – perguntou Ace, a voz carregada de desdém enquanto eles discutiam o pique de cromo que a maioria das pessoas acreditava que tinha destruído seu elmo.

– Não tenho certeza – respondeu Nova. – Mas o Capitão Cromo deu a entender que uma das armas de cromo dele teria força pra danificar a caixa. Se eu conseguir usá-la com força suficiente, deve dar certo. – Ela franziu a testa e deixou o olhar se desviar para cada companheiro. – Eu vou pegar aquele elmo de alguma forma. Se não conseguir abrir a caixa, trago a caixa toda e vamos pensar numa solução depois.

– Vamos – disse Ace, o lábio se repuxando. – Vamos mesmo.

Nova viu ressentimento nas sombras dos olhos dele e, apesar de não achar que a telecinese do Ace conseguiria abrir a caixa do Capitão, deu para perceber que ele queria muito tentar.

– Talvez Leroy consiga preparar uma solução capaz de queimar o cromo – disse ela. – Ou... ou talvez haja outra coisa no cofre que possa ajudar. Olhei a base de dados duas vezes e nada me pareceu óbvio, mas vou procurar de novo...

Ela sentiu uma mão no ombro. Leroy estava sorrindo para ela, as cicatrizes do rosto esticadas em volta da boca torta.

– Nós vamos dar um jeito, Nova. Você elaborou um ótimo plano. Vamos dar um passo de cada vez.

– O que a gente fica fazendo enquanto você faz... *tudo*? – perguntou Mel. Ela levou a mão à boca para esconder um bocejo, e a vela tremeluzente reluziu no esmalte dourado metálico das unhas.

– Nós também somos vilões, sabe. Podemos ter um pouco de responsabilidade.

– Nós não somos vilões – disse Ace, uma das mãos se apertando. – Pode ter sido assim que nossos inimigos nos retrataram, mas não vamos deixar que nos definam. Nós somos pensadores livres. Revolucionários. Somos o futuro da...

– Ah, eu sei, eu sei – disse Mel, balançando a mão na direção dele. – Mas às vezes é divertido cumprir expectativas. Não quer dizer que precisemos levar tudo de forma tão literal.

Ace ia dizer mais, mas precisou se inclinar sobre os joelhos num ataque de tosse. Nova pulou de onde estava no chão, mas Fobia já estava ajoelhado ao lado do Ace, os dedos esqueléticos pressionando entre as omoplatas do chefe.

Ninguém falou enquanto o ataque de tosse não passou. A tensão ficou palpável quando Ace desabou no encosto da cadeira, a respiração chiando.

– Só... traz meu elmo – disse ele, fixando o olhar em Nova. – *Por favor*.

– Vou trazer – sussurrou ela. – Prometo que vou.

– Seus medos não acontecerão – sussurrou Fobia, e, com o rosto dele escondido na escuridão, Nova não entendeu com quem ele estava falando. – Sua grande visão não será devorada pela passagem do tempo. Não vai ter sido tudo em vão.

Com o Ace, pensou ela quando seu tio fez que sim com apreciação para a figura encapuzada.

– Espero que você esteja certo, meu amigo. – Ele se levantou e se apoiou no ombro do Fobia por um momento. – Sinto orgulho de você, minha pequena Pesadelo. Sei que não tem sido fácil, mas

suas provações estão chegando perto do fim. Em pouco tempo, estarei forte novamente e vou pegar a tocha que você acendeu e nos guiar para uma nova era.

Ele se inclinou na frente de Nova e aninhou o rosto dela. Sua pele estava tão fria quanto a própria tumba.

– Obrigada, tio – disse ela. – Agora vá descansar, por favor.

Ele não discutiu e mancou na direção da cama de dossel que já tinha sido luxuosa. Uma cortina de ossos caiu, separando o ambiente em uma melodia de estalos secos, e o escondeu de vista.

– Depois de tantos anos – disse Mel –, era de se pensar que ele teria aprendido a falar como um ser humano normal.

Nova olhou de cara feia para ela, com uma certeza relativa de que eles ainda podiam ser ouvidos pela cortina de ossos.

– Ele passa o dia lendo filosofia antiga – disse Leroy, apontando para uma coleção extensa de livros com capa de couro empilhados ao lado de um sarcófago de mármore. – O que você esperava?

Mel fez expressão de quem não estava impressionada e voltou a atenção para Nova.

– E aí, o que você espera que a gente faça enquanto você está por aí dando mole para o *artista*?

– Leroy já fez o trabalho dele – disse Nova, ignorando a expressão sugestiva de Mel para ela.

– Que ficou mais fácil com os dispositivos que você encontrou. – Leroy indicou a caixa de papelão com seis esferas parecidas com romãs.

Os mísseis de névoa de Fatalia foram um receptáculo perfeito para a invenção mais recente de Nova, um dispositivo de dispersão feito para liberar o Agente N em uma nuvem gasosa no momento de sua detonação. Nova conseguiu surrupiar alguns outros frascos da substância na sessão de treinamento mais recente e, com algumas alterações baseadas nos experimentos de Leroy, ela estava confiante de que os dispositivos se encontravam prontos para serem usados.

– Vou precisar de um motorista – disse Nova. – Alguém que me leve e me tire do quartel-general.

– Naturalmente – disse Leroy.

– E alguém vai ter que levar meu comunicador pra casa depois que eu sair do baile pra eu ter um álibi se o rastrearem depois.

Mel fez um ruído de desinteresse, mas revirou os olhos.

– Tudo bem.

– Obrigada – respondeu Nova. – Não seria possível sem você. Fobia, primeiro achei que você podia ser meu apoio de emergência caso alguma coisa dê errado, mas agora... – Ela pensou na parede de crânios que a separava do Ace. – Talvez seja melhor alguém ficar aqui, não?

– Posso ser seu apoio de emergência – disse Mel.

Nova fez uma careta.

– Bom... obrigada, mas... eu talvez esteja procurando discrição e sutileza?

Mel a encarou, e, por um momento, Nova esperou que ela ficasse insultada, mas ela falou:

– Você está certa, isso não vai dar certo pra mim.

– Mas tem uma coisa em que você pode me ajudar – observou Nova, engolindo em seco. – Eu... vou precisar de um vestido.

Finalmente, Mel se animou.

– Uma coisa prática – acrescentou Nova rapidamente.

– Ah, querida. Eu sou uma supervilã. O que mais sou é prática. – Ela piscou.

– É, já reparei – murmurou Nova.

– Vamos escolher uma coisa quando chegarmos em casa – disse Mel, balançando os dedos. – Tenho um curtinho e sexy de lantejoulas que pode dar certo...

– Nada de sexy – disse Nova.

Mel fez um ruído debochado.

– Nada de sexy *não* é uma opção.

Ela franziu o nariz.

– Bom... não... não muito sexy, então.

– Vamos ver – disse Mel, erguendo um ombro num movimento parcial. – Sabe, eu era convidada pra bailes e festas toda semana. Ah, os coquetéis e as *danças*... – Ela deu um suspiro de saudade. – Ai, os Harbingers. Eles sempre davam as melhores festas. Todas as pessoas importantes iam.

Nova olhou para Fobia, que estava tão imóvel quanto as estátuas sinistras de santos no canto.

– Vou tentar adivinhar: Mel tem medo intenso de ficar de fora?

Leroy riu e até Fobia soltou um chiado que pode ter sido uma gargalhada.

– Entre outras inseguranças destruidoras – disse Fobia.

– O quê? – gritou Mel. – Eu não sou insegura!

Ela pegou um crânio e o jogou no Fobia, que o bloqueou com um movimento da foice. O crânio bateu no chão e Nova se encolheu sem conseguir ignorar que já tinha sido de uma pessoa de verdade.

Fobia virou a foice e enfiou a ponta da lâmina numa das órbitas oculares do crânio para levantá-lo do chão. Ele o segurou com os dedos ossudos e colocou com cuidado, quase carinho, em uma das prateleiras de pedra nas paredes da catacumba.

– Espera só – disse Mel, chamando a atenção de Nova de volta para si. – Você vai se divertir hoje. Vai enfraquecer aqueles tiranos arrogantes. Vai pegar de volta o que é seu por direito. Acredite em mim, querida. Vai ser divertido. – Ela cutucou Leroy com a ponta do sapato pontudo. – Você não concorda?

– Esse planejamento todo realmente desperta várias lembranças – disse Leroy, mas o olhar que ele lançou para Nova foi mais de deboche com Mel do que concordando com ela.

Nova não respondeu a nenhum dos dois. Não estava animada para o que haveria à noite. Ansiosa para que acabasse logo, talvez. Determinada a não fracassar. Mas também havia um medo corroendo seu estômago e ela não conseguia identificar o que o estava causando.

Se bem que ela estava certa de que tinha muito a ver com Adrian.

– Vou ficar feliz quando o baile acabar – disse ela. – Só vou ficar lá uma hora, duas, no máximo. E depois...

Mel abriu um sorriso malicioso.

– E depois.

O olhar de Nova detectou um movimento acima do ombro de Mel e ela franziu a testa. Primeiro, ela achou que era uma vespa, mas...

Ela chegou mais perto. Mel olhou para trás.

Uma borboleta, as asas laranja e pretas, saiu de um dos crânios. Disparou para a escada no fim da catacumba.

Nova ofegou.

– Não! Peguem ela!

Fobia sumiu em uma nuvem de fumaça preta e reapareceu para bloquear a passagem. A borboleta virou-se, evitou o peito dele por pouco e mergulhou para a caixa que escondia a entrada dos túneis do metrô. Mel pulou depois de ter tirado um sapato e o jogou na criatura.

Nova e Leroy correram ao mesmo tempo, os dois se chocando na caixa e a empurrando contra a parede. A borboleta bateu na lateral e voou freneticamente para cima. Leroy pulou na caixa e bateu na criatura com a palma da mão.

– Não machuca ela! – gritou Nova, a pulsação trovejando.

– Por que não? – perguntou Mel.

A borboleta voou pelo teto, procurando outra rota de fuga. Mas não havia para onde ir.

Ela acabou pousando em uma tumba de mármore, e Nova visualizou Danna tentando recuperar o fôlego. As asas pararam e se dobraram revelando um desenho intrincado como um vitral numa janela.

– Acredita em mim – disse Nova. – A gente precisa pegar ela com alguma coisa.

Nova já tinha aprendido o suficiente sobre seus aliados e suas fraquezas para saber como Danna operava. Se eles capturassem a borboleta, Danna ficaria presa no modo bando. Mas se ela fugisse...

Danna saberia de tudo.

Nova viu uma taça de vinho no chão e pulou para pegá-la na mesma hora que a borboleta levantou voo. Não mais batendo as asas sem destino, a criatura voou diretamente para...

O coração de Nova deu um pulo.

Para as velas.

A borboleta ia se jogar no fogo. Preferia se sacrificar a ficar presa ali embaixo. Preferia se sacrificar para que o resto do bando pudesse convergir.

– Não! – Nova esqueceu a taça de vinho e correu, se jogou no chão e deslizou, a perna esticada, se preparando para chutar a base do castiçal.

Mas, antes que a borboleta chegasse a uma das chamas alaranjadas, uma fronha branca caiu do ar e capturou a criatura.

Só que Nova continuou deslizando. Seu calcanhar acertou a base do suporte e o castiçal caiu no chão. Algumas das velas se apagaram na queda e outras rolaram, ainda acesas, pelo piso de pedra.

Ofegante, Nova viu os cantos da fronha se amarrarem e a coisa toda cair no chão. O tecido murchou até ela mal conseguir ver o inseto agitado dentro.

– Essa agitação toda – disse Ace, a voz exausta – por causa de uma *borboleta*?

– M-Monarca – disse Nova, ofegante tanto pelo esforço quanto pelo pavor de Danna descobrir o esconderijo do Ace e ir contar para os outros.

– Uma Renegada – acrescentou Mel, a voz carregada de desdém.

Ace saiu da abertura na cortina de ossos e deixou que se fechasse ao passar. Ele parou junto à fronha. Ainda estava pálido,

mas a agitação gerou um brilho raro nos olhos dele.

– Não é uma forma particularmente ameaçadora para uma *super-heroína*.

– Não é só uma – disse Nova, se levantando com as pernas bambas. – Ela se transforma em um bando inteiro. – Ela levantou o castiçal e colocou cada vela no suporte, mas, quando ia colocar a última vela, alguém a tirou das mãos dela. Ainda acesa, flutuou pelo ar na direção do Ace.

– Onde estão os outros? – perguntou Leroy.

Nova observou a catacumba e a escadaria escura, mas não viu sinal de mais nenhuma.

– Ela deve ter enviado só uma para nos espiar. – *Ou para me espiar*, pensou ela.

Nova tremeu, assustada com o quanto foi por pouco. Ela se perguntou como Danna a encontrou ali, mas sua mente ofereceu a resposta na mesma hora.

Danna a estava seguindo. Havia quanto tempo? O que mais ela tinha visto?

– Bom – disse Ace –, parece bem fácil de matar.

Ele levantou uma das mãos e a fronha flutuou no ar, se aproximando da chama da vela.

– Não, espera!

Ace olhou para ela.

Matar uma borboleta não teria grande efeito em Danna. O Sentinela obliterou dezenas no desfile e ela apareceu com marcas horríveis de queimadura na lateral do corpo. Mas matar *uma* teria o mesmo efeito de um corte de papel.

Mas... *prender* uma era diferente. Era a maior fraqueza dela. Para voltar à forma humana, Danna precisava de todos os seus lepidópteros vivos reunidos. Se uma ficasse separada, ela ficaria presa no modo bando até que aquela conseguisse se juntar às outras.

Nova nem tinha ideia de quantos dos seus segredos os Renegados já tinham descoberto. Sua verdadeira identidade seria revelada. Ace seria descoberto. Seria o fim deles.

Ela não podia permitir que Danna voltasse à forma humana.

– A gente precisa mantê-la viva – disse ela, e se esforçou para explicar o poder de Danna, suas fraquezas e os riscos.

Ace sustentou o olhar de Nova por um momento e assentiu.

– Como você disser. – A vela voltou para o castiçal e a fronha, com a borboleta presa dentro, caiu nas mãos de Leroy. A borboleta parecia estar parada dentro.

– Quantas têm no bando dela? – perguntou Leroy.

– Centenas – disse Nova. – Talvez mil. E ela é sorrateira com elas. – Ela espiou ao redor se sentindo observada. As criaturas eram tão pequenas. Cabiam em cantinhos tão apertados e, desde que ficassem imóveis, seria quase impossível serem vistas na escuridão. – Mas, se aquela não fugir, ela não deve ser ameaça pra nós.

– Ah, que bom – disse Mel, balançando os dedos. – Um novo bichinho.

Nova sorriu, mas não de coração. Ela não tinha forças para acreditar nas próprias palavras.

Danna era uma Renegada, e das boas.

Claro que ainda era uma ameaça.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



O BAILE ESTAVA ACONTECENDO EM uma construção velha e imponente que já tinha sido uma estação de trem toda de tijolos com teto abobadado de vidro e janelas altas, embora por anos a estação tivesse ficado abandonada. Quando os Renegados assumiram o comando de Gatlon, eles fizeram do prédio um de seus primeiros “projetos comunitários”. Luz Negra especificamente insistiu que, se eles iam se envolver no mundo de política internacional, seria preciso ter um lugar para entreter dignitários em visita, e o Quartel-General dos Renegados não serviria.

Além do mais, argumentara ele, era uma parte da história da cidade que podia ser revivida com relativa facilidade. Os Renegados pretendiam restaurar a cidade ao que tinha sido antes dos dias do Ace Anarquia... Não, eles queriam torná-la mais grandiosa do que já tinha sido. E aquele era um lugar tão bom para começar quanto qualquer outro.

Adrian tinha chegado cedo, junto com os pais, para fazer o que pudesse para ajudar na arrumação. Ele passou a maior parte da tarde desenhando buquês de flores para fazer os centros de mesa e estava começando a parecer que ficaria feliz de nunca mais ter que desenhar outro copo-de-leite na vida quando Tsunami o mandou trocar de roupa. Mas ele ficou grato pelo trabalho. Manteve sua

mente ocupada, ao menos em parte, porque ele não conseguia parar de pensar na noite anterior.

Sua pele ficava quente cada vez que ele se lembrava da sensação dos lábios de Nova nos seus e da mão dela na sua nuca e do peso do corpo dela em seus braços. E aí... e aí...

Nada.

Porque ele dormiu.

Durante o beijo? Ou depois? Estava tudo borrado. Ele estava eletrizado, tomado de sensações. De repente, estava piscando e acordando com os créditos do filme subindo e Nova sorrindo para ele como se nada de incomum tivesse acontecido.

Ela agiu com tanta tranquilidade, como se não fosse nada de mais, como se acontecesse o tempo todo, e ele agradeceu por ela ser tão gentil. Mas mesmo assim. *Mesmo assim.*

Ele devia estar com a sequência de acontecimentos errada na cabeça. Não era possível que tivesse adormecido durante o beijo. Eles deviam ter voltado a ver o filme em determinado momento e aí, só aí, ele pegou no sono.

Isso, pelo menos, era menos vergonhoso.

Mesmo que só um pouco.

Mas a memória dele não era confiável. Nova... beijo... e... créditos.

Ele devia estar mais cansado do que percebeu depois da luta com a equipe de Geladura, junto com tantas madrugadas trabalhando no mural.

Pelo menos ela ainda seria sua acompanhante no baile. Ele não estragou isso, o que quer que fosse. Essa coisa nova, apavorante e maravilhosa.

Parado na frente de um espelho no banheiro, a camisa desabotoada, Adrian tirou o curativo do peito para olhar a tatuagem mais recente. Ainda havia pontos de sangue e um hematoma no lado esquerdo do peito. Ele estava se acostumando ao processo de cicatrização e sabia que pioraria antes de melhorar. Em pouco

tempo, a tatuagem entraria na fase de formar casca e descascar, acompanhada de uma coceira inquietante que o faria querer usar uma lixa na pele. Essa era sempre a pior parte. Pelo menos o processo da tatuagem, com os furos constantes da agulha na pele, só durava uma hora. A coceira durava dias.

Ele se inclinou sobre a pia para lavar os pontos de sangue, mas o movimento gerou uma pontada de dor na lateral do corpo. Ele fez uma careta e apertou a mão no lugar embaixo das costelas onde as lanças de gelo de Genissa o perfuraram. O ferimento não foi fundo, sua armadura levou o pior impacto, mas, sem a ajuda dos curandeiros Renegados, ele sabia que ficaria dolorido por um tempo. Ele tinha feito o melhor para cuidar da ferida, deu pontos e passava pomada com frequência para impedir uma infecção.

Ele suspirou e apertou os dedos de leve no curativo. A parte mais difícil, como ele tinha descoberto desde que se tornou o Sentinela, era esconder o fato de que estava machucado. Não fazer careta quando alguém o cutucava na lateral do corpo. Disfarçar os movimentos quando saía de um carro ou subia uma escada. Sorrir com dor quando ele queria tomar uns analgésicos e passar a tarde reclinado num sofá vendo televisão.

Ou beijar Nova de novo. Isso tinha tirado o ferimento dos seus pensamentos.

Ele terminou de limpar a tatuagem e secou a superfície com uma toalha de papel, depois fechou os botões da camisa branca.

Ele esperava que Oscar soubesse amarrar uma gravata-borboleta, para que ele não tivesse que pedir a um dos pais... ou pior, a Luz Negra.

Adrian não estava acostumado a se sentir tão ansioso. Claro, ele ficava nervoso às vezes. Na verdade, ficava nervoso com bem mais frequência desde o dia em que Nova McLain entrou em sua vida. Mas não estava acostumado a esse sentimento de ansiedade, nervosismo, com a sensação de estômago embrulhado, e o que mais queria era que isso sumisse.

E *ia* sumir. Não ia?

Ele vestiu o paletó do smoking na hora que a porta se abriu.

– Por que você está demorando tanto aqui? – perguntou Oscar, a bengala estalando no chão, que era composto de tantos azulejos octogonais em preto e branco que Adrian ficou tonto de olhar. – Você por acaso está desenhando seu smoking?

Adrian olhou para o reflexo de Oscar e sorriu.

– Olha, essa é uma ideia ótima. – Ele remexeu na pilha de roupas que estava usando e encontrou a caneta.

– Eu estava brincando – disse Oscar apressadamente. – Não vai tirar a roupa e começar a desenhar uma nova.

Adrian o ignorou e desenhou no tecido da camisa. Quando terminou, havia uma gravata-borboleta branca impecável no seu pescoço.

Oscar bufou.

– Trapaceiro.

– Nem todo mundo é estiloso por natureza como Oscar Silva.

Oscar estava mesmo estiloso, com uma camisa cinza-claro de mangas dobradas, exibindo os antebraços musculosos, e um colete vermelho elegante. Além disso, estava usando uma gravata-borboleta vermelha combinando, amarrada de forma perfeita.

– Essa gravata é presa com um alfinete?

Oscar riu com deboche.

– Por favor. Só vilões usam gravatas presas com alfinetes.

Quando eles saíram do banheiro, Adrian ficou surpreso de ver que o baile já estava ficando cheio de convidados, muitos deles Renegados com seus familiares e cônjuges. Ele observou o salão, mas não viu Nova em meio às pessoas.

Ele foi tomado por uma onda de nervosismo.

O local estava ótimo. Havia colunas enormes sustentando o teto amplo, e o domo de vitral no centro tinha sobrevivido por milagre à Era da Anarquia, embora o relógio grande na parede tenha precisado de reconstrução com a ajuda de fotografias.

Não havia bilheterias, nem painéis com os horários dos trens, nem carrinhos de bagagem e estantes de periódicos. No lugar disso tudo, havia mesas circulares cobertas de toalhas rubras e louça reluzente. Havia luzes balançando no alto como boias em um oceano invisível, cada uma variando por tons intensos de pedras preciosas e enchendo o ambiente de tons de esmeralda e turquesa. Havia bandejas flutuantes carregando taças de champanhe e canapés, e um palco em que um quarteto de cordas tocava na frente de uma pista de danças vazia.

Um assovio alto chamou a sua atenção para a chapelaria, onde Ruby estava deixando seu casaco.

– Tá gato, Rabisco – disse ela, pegando o bilhete da chapelaria e guardando em uma bolsinha de pedras. Estava usando um vestido vermelho simples, mas a simplicidade era enriquecida pela pedra que ela sempre usava no pulso, e agora por um colar de rubis vermelhos também. Criação dela mesma, sem dúvida. O cabelo, uma mistura de branco descolorido e preto tingido, estava preso em um coque desgrenhado que lembrou Adrian de um tigre branco. Fofo e feroz.

– Ele desenhou a própria gravata – disse Oscar. – Não sei se conta.

Ruby olhou para ele de lado.

– Você tá gato também.

Oscar se empertigou.

– Estou pronto pra mostrar meu gingado. – Ele botou um tornozelo atrás do outro e girou rapidamente. – Me diz que você consegue dançar com isso aí. – Ele apontou com a bengala para os saltos de Ruby.

– É uma proposta interessante – disse Ruby –, mas todo mundo sabe que não vai dar pra te separar da comida de graça quando começarem a servir. – A expressão dela ficou séria. – Algum de vocês falou com a Danna hoje?

Adrian e Oscar fizeram que não.

Ruby franziu a testa.

– A gente vinha juntas, mas ela me mandou uma mensagem mais cedo e disse que tinha que fazer uma coisa e me encontraria aqui. Eu perguntei que *coisa* era, mas ela não respondeu.

– Estranho – disse Oscar. – Mas tenho certeza de que daqui a pouco ela chega. – Ele esticou a mão para pegar a de Ruby, mas parou e apoiou a palma da mão na bengala. Limpou a garganta e se virou para Adrian. – Nova vem, não vem?

– Acho que vem. – Ele olhou para o relógio grande e viu que o baile tinha começado oficialmente doze minutos antes. Ela estava atrasada, mas não *tão* atrasada. E Hugh mencionou que a viu no quartel-general mais cedo, o que devia significar que ela trabalhou até o último minuto. – Ela deve chegar daqui a pouco.

– Vem. – Ruby passou o braço pelo de Oscar. Ele se empertigou com surpresa, mas aí Ruby passou o outro braço pelo de Adrian e ele desanimou de novo. – Minha família está animada pra conhecer vocês.

Ela os arrastou até o mar de mesas.

Não eram só os irmãos de Ruby que estavam no baile, mas a mãe, o pai e a avó também. Adrian sentia como se já os conhecesse de tanto que tinha ouvido Ruby falar deles, e não demorou para que os irmãos dela estivessem implorando para saber como era derrotar criminosos, se era verdade que a língua da Espinheiro era bifurcada, se era estranho morar na mesma casa do Guardião Terror, porque, se *eles* pudessem ficar invisíveis, certamente fariam as *melhores* pegadinhas.

Adrian foi o mais simpático que conseguiu, mas ficava olhando toda hora para a porta, vendo os convidados entrarem. Em determinado momento, a mãe de Oscar chegou. O grupo deles, que incluía os pais de Adrian que socializavam do outro lado do salão, ocupava duas mesas. Adrian guardou um lugar para Nova e reparou que Ruby botou a bolsa na cadeira ao lado da dela para guardá-la para Danna.

Vinte minutos se passaram. Oscar e Ruby foram para perto da porta da cozinha para poder abordar os garçons cada vez que eles saíam com uma bandeja nova de aperitivos.

Trinta minutos se passaram. Adrian viu os pais arrumando uma mesa comprida cheia de cestas de presentes e sobremesas; seria um leilão silencioso que fazia parte da arrecadação de fundos com o objetivo de substituir alguns dos remédios roubados. Simon fez um lance por uma torta xadrez, embora Hugh fosse o amante de tortas e Simon certamente preferisse o bolo de chocolate que havia ao lado.

Quarenta minutos se passaram.

O coração de Adrian foi murchando aos poucos. Seu sorriso ficou mais forçado. Ele viu Oscar olhando para ele com pena e só ficou irritado.

Uma hora depois do início do baile, os convidados foram direcionados aos seus lugares e a salada foi servida. Adrian olhou para os talos delicados de um tipo desconhecido de alface, para as nozes carameladas e para as beterrabas roxas brilhantes. Seus pais se sentaram à mesa e a mãe de Oscar pareceu prestes a desmaiar só com a presença deles. Adrian empurrou a salada no prato com o garfo, agradecido porque, fora Hugh Everhart e Oscar Silva, ninguém repararia que ele não estava falando muito.

Ela não ia.

Ele tinha estragado tudo.

Era melhor assim, ele tentou dizer para si mesmo. Não tinha como ele e Nova serem mais do que amigos e colegas de equipe. Não se ele queria guardar seu segredo. Ele já tinha começado a planejar formas diferentes para poder contar a verdade a ela.

Mas Nova odiava o Sentinela. Se ele achava que ela ficaria animada de saber sua identidade, que ela ficaria impressionada, ele estava em mais negação do que tinha percebido. Não. Um relacionamento real jamais daria certo, não com ele tentando

também ser o Sentinela. Não com suas lealdades tão divididas. Não com...

– Caramba – sussurrou Oscar. – Adrian.

Ele bateu no ombro de Adrian com as costas da mão e distraiu seus pensamentos. Ruby também reparou e os dois se viraram ao mesmo tempo.

Ele ficou sem ar. Cada dúvida evaporou ao mesmo tempo.

Ele estava brincando. Claro que um relacionamento real daria certo. Ele faria com que desse.

Adrian pulou da cadeira e andou pelas mesas sem conseguir tirar o olhar de Nova. Ela estava parada junto à porta observando a multidão e, quando seu olhar pousou nele, se sobressaltou. Ele sorriu largamente. Ela sorriu também, mas com cautela. Talvez também estivesse nervosa.

Por algum motivo, a ideia o deixou quase eufórico.

– Uau – disse ele quando chegou nela. – Você está...

– Não vai se acostumando – comentou ela, interrompendo-o. – Nunca mais vou usar vestido. Não sei por que alguém se sujeita voluntariamente a essa tortura. – Ela puxou a barra do forro preto embaixo do vestido de renda.

Adrian riu.

– Vou admirar enquanto puder então.

Nova corou e avaliou o smoking dele. Engoliu em seco e não fez contato visual quando falou:

– Desculpe o atraso.

– Tudo bem. Você não perdeu muita coisa. Vou mostrar onde fica nossa mesa.

Nova olhou a multidão. Sua expressão parecia perturbada. Ela não foi atrás dele.

– Tem alguma coisa errada?

– Não estou com tanta fome. Será que a gente pode só andar um pouco?

– Claro. Tem uma loja de suvenires aqui se você quiser olhar.

– Loja de suvenires?

– É. Este lugar começou a ser um destino turístico popular alguns anos atrás, e Luz Negra achou que uma loja de suvenires seria uma boa ideia para fazer uma renda extra. Só tem coisa brega, mas é divertido. Principalmente pra quem está querendo um globo de neve novo ou, quem sabe?, um chaveiro. Ou um ímã dos contornos de Gatlon com seu nome na lateral da torre Merchant.

O sorriso de Nova perdeu um pouco da tensão.

– Nem sei dizer há quanto tempo estou procurando exatamente isso.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



NOVA ANDOU PELA LOJA de suvenires, a boca aberta de repulsa. Cada mercadoria dos Renegados já feita devia estar exposta ali, com uma quantidade absurda de espaço de prateleiras fazendo homenagem ao Conselho... os amados cinco.

Despertadores da Pássaro do Trovão. Lancheiras da Tsunami. Luzes noturnas do Luz Negra. Adesivos do Guardiã Terror e do Capitão Cromo...

Bom.

Tudo do Capitão Cromo. Desde pratos temáticos a viseiras, palhetas de guitarra a figuras de ação, skates a ímãs de geladeira. Não havia nenhum produto em que alguém não tivesse pensado em botar a cara reluzente de Hugh Everhart.

Foi com uma sensação doentia que Nova se deu conta de que, se alguém estava vendendo aquele lixo, era porque alguém estava *comprando*.

Ela pegou um globo de neve com a paisagem de Gatlon embaixo do vidro exibindo com destaque a torre do quartel-general. Fez ela pensar no pote de vidro onde estava a borboleta de Danna, naquele exato momento sobre a penteadeira de Mel na casa de Wallowridge.

Ela botou o globo de neve no lugar.

– Os prodígios eram odiados – disse ela, sua atenção indo de prateleira em prateleira. Ela inspecionou um kit de saleiro e pimenteiro do Capitão Cromo e do Guardião Terror, atônita. – Nós éramos caçados e queimados vivos. E agora... – Ela mostrou o kit. – Agora somos bugigangas?

Adrian fez uma careta.

– Isso aí é apavorante.

– Mas é estranho, né? – Nova botou o saleiro e o pimenteiro de volta na prateleira. – Sermos desprezados por tanto tempo... e nem foi tanto tempo atrás assim.

– Muita coisa mudou em trinta anos – disse Adrian, mexendo em um display de chaveiros. – Ace Anarquia mostrou à humanidade que alguns prodígios deviam ser temidos e odiados, enquanto os Renegados mostraram que alguns prodígios deviam ser amados e apreciados.

– Apreciados – disse Nova. – Mas não... idolatrados.

Adrian sorriu para ela.

– É a natureza humana, né? As pessoas querem botar outras em pedestais. Talvez seja para ter com quem sonhar. – Ele começou a folhear um livreto de cartões-postais.

Nova o encarou. Havia um pedaço de linha na manga do smoking dele, e foi só porque seus dedos ficaram formigando para tirá-lo dali que ela fechou a mão e levou às costas.

Ela estava na expectativa de outro beijo de Adrian, o que a deixou animada e nervosa e até culpada por saber que o relacionamento estava condenado. Mas ela estava no baile havia cinco minutos e ele não tinha feito nada, nem tentado segurar a mão dela.

As emoções conflitantes eram mais do que um pouco assustadoras.

– O que você teria feito se estivesse vivo antes da Era da Anarquia? – perguntou ela. – Acha que teria escondido seu poder? Ou tentado ganhar a vida como mágico ou ilusionista, mesmo com o

risco de ser pego? Ou teria tentado se defender e defender outros prodígios como o Ace Anarquia fez?

Um canto da boca de Adrian subiu com ironia.

– Eu não teria feito o que o Ace Anarquia fez.

– Por quê? – perguntou Nova e, embora conseguisse ouvir o tom defensivo na própria voz, não conseguiu se segurar. – Na época, você estaria com medo pela sua própria vida. Saberíamos que, se fosse descoberto, seria morto. Pelo único motivo de que... – Ela hesitou. – Sem motivo nenhum.

Adrian pareceu considerar o que ela disse. Depois de um momento, falou:

– Acho que eu teria encontrado uma causa que pudesse ajudar. Tipo fazer membros artificiais pra veteranos de guerra ou brinquedos pra crianças cujas famílias não podiam comprar nenhum ou... sei lá, alguma coisa beneficente assim. E começaria a fazer essas coisas e a doar anonimamente para que ninguém soubesse de onde vinham. Mas não pararia, e acabariam começando a pensar em mim como um guardião protetor, e as pessoas ficariam tão agradecidas pela minha ajuda e pelas coisas que fiz que, quando eu finalmente me revelasse e descobrissem que tudo aquilo era feito por um prodígio, as pessoas veriam que nossos poderes podem ser usados para o bem. E talvez as pessoas comesçassem a mudar de ideia sobre nós por causa disso. – Ele olhou para um kit de copinhos de shot do Conselho e deu de ombros. – Assim como os Renegados fizeram as pessoas mudarem de ideia ajudando-as em vez de fazendo mal a elas.

– E se, depois que você se revelasse, as pessoas decidissem que todas as coisas que você fez deviam ser resultado de forças do mal e as tirassem dos veteranos de guerra e das crianças e te matassem? Isso aconteceu, sabe. Muitos prodígios tentaram usar o poder pra fazer coisas boas. Muitos prodígios tentaram mostrar ao mundo que não são maus, e o que receberam em troca não foi gratidão.

– Pode ser que você esteja certa, mas eu teria tentado mesmo assim – respondeu Adrian.

Nova engoliu sua resposta.

Ace não tentou mudar o mundo. Ele *mudou*.

Mas ela sabia que Adrian estava falando sério. Ele teria feito as coisas de um jeito diferente. Teria tentado mudar o mundo ajudando as pessoas. Teria feito o que acreditava que era o certo para a humanidade.

E embora soubesse que não teria feito diferença, ela o admirava por isso.

Quando ela e Adrian voltaram ao baile, ela ficou decepcionada de ver que só quinze minutos tinham se passado. Ela precisava passar pelo menos uma hora ali para que não houvesse desconfiança, mas, quanto mais tempo permanecia, mais ansiosa ia ficando. Ela sentiu a importância da noite pairando sobre a cabeça dela, impedindo que ela relaxasse. Que *se divertisse*, como Mel insistira.

Adrian a levou até a mesa e a apresentou para a mãe de Oscar, uma mulher gorducha com cabelo grisalho e sorriso tão simpático quanto o do filho. Nova reconheceu os irmãos de Ruby, que tinham se sentado um de cada lado do Capitão Cromo e o estavam enchendo de perguntas.

Nova observou as mesas próximas. Já reconhecia a maioria dos Renegados e era estranho ver tantos sem uniforme. Comendo. Conversando. Apreciando a companhia do outro. Eles não pareciam super-heróis.

Eles não pareciam o inimigo.

Com a boca seca de repente, Nova tomou um copo d'água.

Era tarde demais para recuar agora. Nova tinha um trabalho para fazer. Ace contava com ela.

Oscar fez uma piada e todo mundo da mesa riu, menos Ruby, que se virou para Nova e revirou os olhos pela coisa ridícula que ele tinha dito. Poderia ter sido uma piada interna entre as duas se Nova e Ruby tivessem piadas internas.

Se elas fossem amigas.

Os alto-falantes chiaram e as pessoas olharam para o palco.

– É meu sinal – disse Hugh Everhart, abrindo mais um sorriso perfeito para Jade e Esterlino ao se levantar da cadeira.

Nova o viu se afastar lembrando que, não muito tempo antes, tentou disparar um dardo envenenado no olho dele.

Renegados.

Eles... são... Renegados.

No microfone, Luz Negra estava dando as boas-vindas a todos ao baile e explicando como os generosos donativos seriam usados. Ele não mencionou o roubo no hospital, embora, claro, todo mundo lá soubesse. Todo mundo presente sabia que era preciso dinheiro para repor os remédios roubados para crianças doentes, pacientes que estavam morrendo. Essa era uma coisa que os Renegados, com todos os seus poderes extraordinários, não tinham como resolver. Claro, eles tinham curandeiros prodígios que faziam turnos no hospital, mas não era suficiente. Nunca seria suficiente para ajudar a salvar todas as pessoas que sofriam de todo tipo de doença.

Mas as pessoas contavam com os curandeiros. Achavam que, se precisassem ir ao hospital, haveria um prodígio lá para cuidar delas, apesar de as estatísticas provarem que bem mais gente era curada por meio de produtos farmacêuticos modernos e medicina preventiva do que por qualquer quantidade de assistência de prodígios.

Mas não havia lucro em produtos farmacêuticos. Não com os prodígios no leme. Haveria agora, depois que o roubo provou o valor e a necessidade da medicina moderna?

No palco, o resto do Conselho se juntou a Luz Negra, e o grupo todo sorria com orgulho. Nova foi transportada para o desfile, quando eles se exibiram como reis e rainhas sobre o carro alegórico apreciando os gritos do público encantado.

Era por isso que ela estava ali. Para pôr fim à idolatria daqueles ditos heróis e das promessas que faziam e não conseguiam cumprir. Os heróis que não tinham salvado sua família. Que não a tinham salvado. Os heróis que arruinaram Ace. Que tornaram a sociedade dependente deles.

Seus motivos ficavam se repetindo na cabeça como um mantra para que ela não ousasse esquecê-los de novo.

O Capitão Cromo pegou o microfone da mão do Luz Negra, todos dentes e covinhas.

– Tenho a inspiração diária de trabalhar com os prodígios mais inteligentes, mais corajosos e mais compassivos que o mundo já viu – começou ele –, e espero que cada um de vocês saia daqui com uma inspiração similar. Porque juntos nós restauramos Gatlon do desespero que a atormentou e juntos vamos continuar estabelecendo uma cidade, um país e um mundo que vão se tornar cada vez melhores do que antes. A quantidade de apoio que vemos aqui hoje é prova disso!

A plateia aplaudiu e Nova forçou as mãos a se unirem, embora cada aplauso ecoasse ressentimento.

Eles não protegeram a família dela. Não salvaram Evie.

Ela nem ouviu direito o resto do discurso. Nem prestou atenção enquanto os outros diziam algumas palavras, e depois os vencedores do leilão silencioso foram anunciados. Os aplausos soaram distantes aos seus ouvidos.

Ela olhou para o relógio.

Seus batimentos cardíacos aceleraram. O sangue pulsava nas veias em sincronia com os segundos passando.

Vários garçons surgiram de uma porta lateral carregando bandejas com o jantar em pratos. Um filé de peixe branco foi colocado na frente dela com um filete de vinagre balsâmico escuro e uma geleia de laranja grossa, uma colherada de purê de batatas com alecrim salpicado, uma pilha de cenouras assadas e tomates-cereja chamuscados. Havia até um raminho de salsa verde e fresca.

Foi a refeição mais atraente de que Nova conseguia se lembrar de já ter sido servida, mas não estava com apetite nenhum.

Todo mundo em volta estava falando do dinheiro que já tinha sido levantado para o hospital. Nova se obrigou a comer algumas garfadas, apesar do seu estômago ter tentado se rebelar.

Quanto mais ela pensava, mais sua ansiedade crescia. Ansiedade para acabar logo com aquilo. Ansiosa para que a noite acabasse. Ansiosa para estar do outro lado, para deixar para trás o medo e a culpa e a incerteza. Ansiosa para que Ace olhasse para ela com olhares brilhantes e orgulhosos, e dissesse que tudo valeu a pena.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



– VAMOS DANÇAR?

As palavras, sussurradas quase no ouvido, fizeram Nova quase pular fora da pele. Ela precisou de um momento para avaliar a pergunta e ficou olhando para Adrian enquanto seus nervos formigavam. Tinha uma lista crescendo no fundo dos pensamentos. Uma dezena de listas. Tudo que ela ainda tinha que fazer. Tudo que poderia dar errado naquela noite.

Adrian indicou a pista de dança. Ela viu que Ruby e Oscar já estavam lá. Nova não os viu sair da mesa. A bengala, em vez de atrapalhar os movimentos, estava sendo usada por Oscar como acessório; ele girou Ruby para longe num momento e depois usou a bengala como vara de pescar para “pegá-la” e puxá-la de volta. Ruby balançou a cabeça, momentaneamente envergonhada, mas as risadas logo voltaram. E logo ela entrou na brincadeira, inchou as bochechas e nadou em círculos em volta dele. Os outros estavam olhando para eles de um jeito estranho, mas parecia que os dois estavam sozinhos na pista.

– Vamos – sussurrou Nova, lembrando que devia agir com normalidade. O máximo possível pelo menos. – Está bem.

Adrian pegou a mão dela e eles seguiram pelas mesas. Embora o aperto não fosse forte, ela sentiu como se descargas elétricas

subissem pelo braço.

Só quando ele a tomou nos braços e eles estavam cercados das notas animadas da banda foi que Nova lembrou que não sabia fazer aquilo. Ela havia sido treinada para lutar. Para matar. O que sabia sobre dançar?

Mas Adrian não pareceu muito mais à vontade do que ela, e ela ficou aliviada quando a extensão da habilidade dele pareceu ser apertar uma das mãos na lombar dela e girar com ela junto com a música. Nova observou os outros dançarinos. Ela viu Luz Negra, que normalmente parecia pomposo e vaidoso, mas ela ficou surpresa de vê-lo debochando de si mesmo intencionalmente. Em um momento, ele estava balançando as mãos no ar, depois girando os quadris numa imitação de passo de dança de meados do século. Ele parecia estar se divertindo.

Não muito longe estava Tsunami, que estava dançando com um homem que era quase corpulento em comparação ao corpo miúdo dela. Eles estavam se movendo de forma lenta demais, olhando profundamente nos olhos do outro, como se, no momento, eles fossem as únicas pessoas no salão. Era o marido dela? Nova nunca o tinha visto, e ele não combinava com o que ela imaginaria como o companheiro da Tsunami. Era baixo demais, redondo demais... careca demais. Ele era um companheiro de super-heroína tão distante do que ela teria imaginado, mas não dava para confundir os olhares apaixonados dos dois.

Sua mandíbula travou, embora ela não soubesse o que neles despertou sua irritação.

Nova voltou a atenção para Adrian e tentou forçar uma expressão agradável no rosto, quando por dentro estava com vontade de gritar. Como Adrian podia ser tão legal, tão fofo, tão autêntico, sempre tão autêntico? Como podia ser um *deles*?

– Olha, Nova – disse Adrian. – Eu queria ter certeza de que... ontem à noite... – Ele parou de falar, e a pulsação de Nova pulou quando as lembranças despertaram de novo. Os beijos dele, as

mãos, os fones de ouvido, a estrela... – Eu não... passei do limite nem nada, né?

Ela riu, embora mais por desconforto do que qualquer coisa.

– Eu não te empurrei pra longe, não – disse ela, as bochechas vermelhas. Pela lembrança. Pela verdade das palavras.

Um sorriso leve fez os lábios dele tremarem.

– É, mas... eu não queria que você pensasse... – Mais uma vez, ele pareceu incapaz de terminar a frase, e Nova se perguntou o que ela não devia estar pensando. Adrian pareceu mudar de rumo. – E me desculpe por ter pegado no sono. Acho que não percebi como eu estava cansado, e não quero que você pense que eu fiquei... você sabe. Entediado, sei lá.

– Tudo bem – disse ela, o calor nas bochechas ficando insuportável. – Você precisava descansar.

Ele afastou o olhar e ela reparou que ele não se apressou para concordar com ela. Ele não estava desconfiado, estava? Não deu para perceber. As palmas das mãos dela começaram a suar e ela resistiu à vontade de limpá-las nos ombros do smoking dele. Já tinha sentido aqueles músculos quando ela apoiou a cabeça neles momentos antes de pegar no sono. Ela não precisava senti-los de novo. Não naquela noite.

– Pra deixar registrado – disse Adrian, mais baixo agora, e ela teve que se esforçar para ouvi-lo –, só para o caso de ter alguma... confusão. Eu gosto muito de você, Nova.

A pele dela ficou toda arrepiada. Ele a estava observando de perto.

Ela engoliu em seco.

– Eu também gosto muito de você.

E nem era mentira.

Adrian pareceu aliviado, ainda que não totalmente surpreso pela confissão.

– Estou feliz – disse ele. – Porque sei que nem sempre fui muito discreto no que diz respeito a... isso. – Ele fez um gesto entre os

dois.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não, está na cara que você é neófito no que diz respeito a... isso. – Ela imitou o gesto.

Em vez de rir, como ela esperava, o sorriso do Adrian virou uma expressão confusa.

– Neófito?

– Desculpe. – Nova riu de novo e se perguntou se tinha como ela ser pior naquilo. – Quer dizer amador.

– Eu sei o que... – Adrian se segurou e franziu mais a testa. Ela o viu contemplando alguma coisa enquanto olhava para ela.

– O quê? – perguntou ela.

Adrian balançou a cabeça.

– Nada. É que, por um segundo, você me lembrou... uma pessoa. – Ele balançou a cabeça de novo e abriu um sorriso mais largo. – Deixa pra lá.

– Posso interromper? – perguntou Oscar, já interrompendo e empurrando Adrian antes que eles tivessem a oportunidade de responder.

Adrian olhou para ele.

– Ah... hã, claro? – gaguejou ele.

Nova sorriu e permitiu que Oscar a girasse. Ela olhou para trás e viu Adrian saindo da pista de dança.

– Antes que você se empolgue – disse ela –, saiba que não aceito ser *pescada*.

Oscar olhou para ela de um jeito estranho.

– O quê?

– Sabe aquele passo que você fez antes? Com a... vara de pescar?

Ele demorou mais um segundo, mas acabou entendendo e soltando uma risada incomodada e nem um pouco a cara de Oscar.

Eles começaram a dançar, mas a tranquilidade que Oscar teve com Ruby foi substituída por movimentos desajeitados e uma

expressão tensa.

– Está tudo bem? – perguntou Nova, desviando a atenção para o relógio de novo.

– Está. Está, sim. Tudo ótimo. Arrasta-pé legal, né?

– Muito legal.

Ele limpou a garganta e olhou ao redor, depois puxou Nova para perto.

– Bom, seja sincera. Como você acha que estou me saindo?

Ela não entendeu.

– Se saindo?

– Com a Ruby. Passei a noite toda tentando impressioná-la, mas não consigo interpretar como ela está reagindo. Você acha que ela está curtindo?

– Hã... sim – disse Nova. – Vocês dois pareciam estar se divertindo.

– Parecia, né? Bom, eu estava. Estava me divertindo. Mas também sentindo que podia vomitar nos sapatos dela a qualquer momento, e... não quero fazer isso. Os sapatos dela são lindos, sabe?

Nova não sabia, mas abriu um sorriso solidário.

– Bom, vou fazer uma pergunta. Entre Renegados. Amigos do peito.

– Nós somos...?

– Não negue.

Ela mordeu o lábio.

– Até onde você sabe, as palavras “Uau, o Oscar é um sujeito atencioso e/ou viril e/ou absurdamente irresistível” já passaram pelos lábios da Ruby?

Nova sufocou uma gargalhada.

– Hã... exatamente assim, não.

Ele se animou e se encheu de esperanças.

– Mas palavras parecidas?

– Não sei, Oscar. Ela gosta de estar com você, e você é tão legal com os irmãos dela. Sei que ela acha muito... fofo.

A expressão dele ficou pensativa.

– Fofo atencioso ou fofo viril?

– Não sei se entendo o que “fofo viril” quer dizer.

– É, nem eu.

Ele olhou na direção da mesa e girou Nova embaixo do seu braço. Ela ficou surpresa com a forma como seu corpo reagiu à liderança dele, e passou por sua cabeça que, apesar do jeitão dele, apesar de precisar da bengala como apoio ocasional, Oscar sabia mesmo dançar.

– Você gosta dela há muito tempo, né?

Ele abriu um sorriso ansioso.

– Desde o primeiro momento em que a vi no teste dos Renegados. Mas sempre houve uma parte de mim que pensou... você sabe, que ela não se interessaria por mim assim.

Nova franziu a testa. Ela nunca tinha ouvido Oscar falar uma coisa constrangida antes, nem uma vez. Era meio desorientador.

Ele viu a expressão dela e ergueu o queixo.

– Não se preocupe, já superei isso. Lembra a barista que salvei depois do roubo no hospital? Com a ajuda da Ruby, claro.

– A “donzela”?

– É. Sei que você não estava lá, mas ela ficou muito a fim de mim. E me fez pensar, quer saber? Sou um partidão.

Nova riu quando ele a puxou para mais perto.

– Não vejo erro na sua lógica.

– Certo. Então... Me dá umas dicas. Como você e Adrian saíram da zona da amizade?

Nova o encarou. Era assim que as pessoas viam Adrian e ela? Que eles eram amigos e agora tinham passado a ser outra coisa?

Ela queria acreditar que era por ela ser uma atriz incrível, mas sabia que não era esse o caso. Por mais que quisesse dizer outra

coisa para si mesma, não havia muita atuação no que dizia respeito ao Adrian havia muito tempo.

Ela *gostava* dele. Mais do que deveria. Mais do que queria admitir.

– Você pode dizer pra ela, sabia? – Ela deu de ombros. – Diz que gosta dela mais do que como amiga e vê o que acontece.

Ele olhou para ela com consternação.

– Sério? É o melhor que você tem pra me oferecer?

– É uma atitude legítima.

– Eu não posso simplesmente *contar* pra ela. E se ela rir de mim? E se tudo ficar estranho?

– É um risco que você corre. Ou você se conforma a deixar as coisas como estão ou você se expõe, sabendo que pode acabar em rejeição.

Ele balançou a cabeça.

– Você não está ajudando. Sério. Como o Adrian te conquistou?

Desta vez, Nova riu. Conquistou? Adrian não a tinha *conquistado*.

Mas sua risada foi interrompida abruptamente.

Ele não tinha.

Tinha?

Ela tentou pensar em quando seus sentimentos por ele começaram a mudar. Quando ele passou de ser mais um Renegado, filho dos seus inimigos, a algo... mais. Aconteceu devagar no começo, mas depois... não tão devagar. Os meses anteriores se misturavam, quando ela testemunhou a bondade, a gentileza, o talento, o charme dele. Todas as coisas que o tornavam... *e/e*.

– Não sei – confessou ela. – Ele me chamou pra ir ao parque de diversões. Foi uma coisa de trabalho, mas também... meio que um encontro. Eu acho.

– Pois é, já tentei isso. Já a chamei pra ir a lugares comigo. Mas ela sempre acha que é pelos Renegados ou que vamos com o

grupo todo. Ela sempre fala: “Legal, vou ver se a Danna quer ir junto no carro.” – Ele bufou.

Um nervo perto da sobrancelha de Nova tremeu com a menção a Danna, e ela pensou de novo na borboleta presa no pote de vidro.

– Adrian comprou uns sanduíches pra mim uma vez – disse ela. – Quando fiquei trabalhando até mais tarde no quartel-general.

Oscar olhou para ela com admiração.

– Eu gosto de sanduíche.

– Ruby também deve gostar.

Ele girou Nova para longe de novo, e sua expressão pareceu mais calorosa quando ele a girou de volta.

– Quem não gosta de sanduíche? – disse ele com um tom quase jovial.

Lembrando todas as dicas que Mel tinha dado sobre flertes e a arte da sedução, Nova acrescentou:

– E você devia tentar encontrar pequenas formas de tocar nela. Sutis, mas não demais.

Ele assentiu com atenção.

– Certo. Entendi.

– E sempre ria quando ela fizer uma piada. Mesmo que não seja muito engraçada.

Ele pensou sobre isso.

– Ela *não* é engraçada. É claro que vou ser o engraçado da relação. Se... quando... bom, você sabe o que eu quero dizer. Mas, ainda assim, ela tem um ótimo senso de humor.

– Ah! – disse Nova, animada por ter se lembrando tanto das aulas de Mel. – E faça surpresas pra ela com presentes de vez em quando pra que ela saiba que você pensou nela. Flores são uma boa. E joias.

Ao ouvir isso, Oscar pareceu inseguro.

– Ela faz suas próprias joias.

– É a *intenção* que vale – disse Nova. Ela tirou a mão do ombro dele e puxou a manga de renda do vestido para mostrar a pulseira

cor de cobre. – Quando conheci o Adrian, ele consertou a fivela da minha pulseira. Pode não ter sido ele quem a deu pra mim, mas, mesmo assim – a voz dela ficou baixa de forma quase triste –, sempre acabo pensando nele, sabe... Cada vez que vejo...

A mão de alguém segurou o antebraço de Nova e girou seu pulso. Ela ficou tensa e se preparou para quebrar o braço da pessoa... mas era só Pega olhando espantada para a pulseira.

– Ah – disse Nova, se acalmando. – Você. Que engraçado, nós estávamos falando sobre aquela vez que você tentou roubar...

– O que é *isso*? – disse Pega.

Nova percebeu com um sobressalto que tinha revelado a esfera brilhante na pulseira. Tinha esquecido que estava ali. Ela puxou a mão de volta e cobriu a pulseira com a manga.

– Nada – disse ela.

– Isso não estava aí antes – disse Pega, apontando para o pulso de Nova.

– Não. Eu levei num joalheiro. – Ela começou a se virar para Oscar novamente.

– Mas o que é? – insistiu Pega, segurando o cotovelo de Nova. – Tem assinatura diferente de... de *tudo*.

Nova olhou para ela com a testa franzida.

– Assinatura?

– É. Não é âmbar. Não é citrino. Evidentemente, não é diamante... – A expressão mal-humorada parecia ainda mais irritada do que o habitual enquanto ela tentava entender o que estava captando da pulseira. – Mas... – A respiração dela ficou irregular, e Nova não resistiu desta vez quando Pega levantou seu braço e puxou a manga. – Vale alguma coisa. Vale *muito*. – Seus olhos estavam arregalados de... de *desejo*.

Nova puxou o braço de volta e olhou para Oscar com perplexidade. Ele olhou para ela da mesma forma.

– De onde veio? – perguntou Pega. Ela parecia desesperada para saber, mas Nova teve dificuldade de pensar no que dizer para

ela.

Veio de um sonho? De uma pintura? De uma estátua?

O que *era*?

Nova não sabia.

Um toque de relógio ecoou pelo salão e a sobressaltou.

– Nada – disse ela rapidamente. – Não é nada. – Ela passou o braço pelo cotovelo de Oscar. – Vamos voltar para onde estão os outros.

Ele não discutiu, mas ela sentiu que ele estava observando Pega quando eles saíram da pista de dança.

– O que foi isso?

Ela balançou a cabeça.

– Não faço ideia. Por algum motivo, aquela garota é obcecada pela minha pulseira. Se sumir, vou saber exatamente onde procurar.

– Nova viu Ruby à mesa deles, parou e apertou o braço de Oscar. – Ei, Oscar.

– O quê?

Ela o encarou e, depois de um momento de hesitação, sorriu. Pela primeira vez ela percebeu que... aquele podia ser o momento. Ela talvez nunca mais visse Oscar e Ruby depois daquela noite. Pelo menos sem ser em lados opostos do campo de batalha.

Ela esperava que ele soubesse o quanto ela falava de coração.

– Sei que é uma coisa meio boba, mas, falando sério, você é um partidão e... eu acho que a Ruby já sabe disso. Só seja você mesmo. Como ela poderia não se apaixonar por você?

Ele a encarou e, por um segundo, ela viu as profundezas da insegurança dele. A gratidão cintilou nos olhos castanhos, misturada com esperança, tomada de vontade. Pela primeira vez, Nova se perguntou o quanto da confiança dele era atuação.

Ou talvez confiança sempre fosse isso. Atuação.

O momento passou e o sorriso torto de Oscar voltou.

– *Meio* boba? Sinceramente, Nova, você tirou isso de um cartão de aniversário? “Só seja você mesmo.” Sinceramente. Com tantos

conselhos inúteis... – Ele estalou a língua e saiu andando, usando a bengala para tirar uma cadeira do caminho.

Nova balançou a cabeça. Estava sorrindo, mas o sorriso sumiu quando ela viu o relógio de novo.

Ela já tinha ficado por tempo demais.

Adrian também estava à mesa deles distraindo os irmãos de Ruby com histórias das coisas incríveis que havia no quartel-general, desde salões de treinamento a simuladores de realidade virtual.

– Adrian – disse Nova, pousando a mão no pulso dele. Ele teve um sobressalto. – Sinto muito, mas... antes de eu sair de casa hoje, meu tio disse que não estava se sentindo muito bem. Foi por isso que me atrasei tanto. Eu não queria que estragasse nossa noite, mas... estou um pouco preocupada com ele. Acho que tenho que ir pra casa e ver se está tudo bem.

Adrian deu um pulo da cadeira.

– Quer ligar pra ele?

Nova fingiu uma risada.

– Eu poderia, mas ele é tão teimoso. Pode estar quase morrendo, mas não diria nada. Não... Eu acho mesmo que tenho que ir.

– Claro. Posso te levar? Ou...

Ela balançou a cabeça.

– Vou chamar um táxi. Mas obrigada.

Ele não discutiu com ela, e ela se perguntou se foi porque ele sabia que ela era capaz de se cuidar ou porque tinha visto sua “casa” uma vez e não queria constrangê-la mais indo ver de novo.

– Espero que ele esteja bem – disse Adrian. – Nos vemos no quartel-general amanhã?

– Sim, claro.

Houve um momento, brevíssimo, em que Nova pensou que ele se inclinaria e a beijaria. Ali, na frente de todo mundo.

E, naquele momento fugaz, ela desejou o beijo. *Só mais uma vez.*

Mas ele hesitou por tempo demais, e Nova forçou um sorriso quando se virou.

Adrian a segurou pelo pulso e a puxou. O coração de Nova pulou e ele se inclinou sobre ela e deu um selinho em seus lábios.

Ele se afastou com uma certa timidez.

– Boa noite.

O corpo de Nova formigou e, por uma eternidade presa num piscar de olhos, ela pensou em ficar.

Mas o momento passou e ela se afastou.

– Boa noite.

Ela andou atordoada entre o mar de mesas, a boca queimando, as pernas parecendo geleia. Finalmente, saiu pela porta e, assim que o ar frio da noite a envolveu, seus pensamentos confusos ficaram claros.

Adrian era problemático. Ruim para sua convicção. Ruim para suas lealdades.

Sua cabeça ficaria bem mais clara depois daquela noite.

Porque ela não seria mais uma Renegada. Aquela enganação acabaria, e com ela... qualquer laço que ela tivesse com Adrian Everhart.

– Adeus, Adrian – sussurrou ela no ar noturno.

Ela se permitiu ficar um pouquinho triste enquanto andava os três quarteirões até o estacionamento onde tinha combinado de encontrar Leroy e Mel. O carro esportivo estava lá, de um amarelo doentio e pontilhado de amassados e arranhões. Mel Harper estava sentada no capô lixando as unhas. Leroy estava no banco do motorista, o cotovelo para fora da janela.

– Como foi? – perguntou Mel, balançando uma perna.

– Legal – disse Nova, tirando o comunicador. Ela o entregou para Mel, que olhou para o dispositivo tecnológico com uma certa desconfiança. – Isso vai precisar ser levado pra casa.

– Você acha que eu não estava prestando atenção aos planos que você fez antes? Não se preocupe com seu precioso álibi. Tenho

dinheiro pra pegar um táxi e até preparei um disfarce. – Ela pegou uns óculos de sol enorme e colocou no rosto.

– No meio da noite – disse Nova, assentindo. – Nada suspeito.

– Não suspeito... *misterioso*.

– Tudo bem. Mas vai direto pra casa. Sem desvios.

Mel balançou os dedos no ar, um gesto que só deixou Nova mais nervosa. Talvez ela devesse ter dado aquele trabalho para Fobia. Rastrear o comunicador lhe daria um álibi se alguma coisa desse errado. Ela não esperava que fosse assim. Tinha todos os motivos do mundo para acreditar que suas mentiras estavam chegando ao fim.

Ela não fracassaria.

De qualquer modo, era tarde para mudar o plano.

– Você se despediu? – perguntou Mel, o olhar penetrante de repente, quando ela se levantou. – Não deve ter sido fácil.

Nova contraiu a mandíbula.

– Também não foi tão difícil – murmurou ela.

Ela contornou Mel para ir na direção do lado do passageiro, mas Mel chegou para o lado e bloqueou o caminho. Sua boca ainda estava sorrindo, os olhos escondidos pelos óculos.

– Você parece distante hoje, pequena Pesadelo. Estou preocupada com você.

Nova a encarou.

– Estou com muita coisa na cabeça, caso você não tenha reparado.

Mel fez um som desinteressado na garganta.

– O que houve? – perguntou Leroy, abrindo a porta do carro e saindo.

– Sabe – disse Mel, ignorando-o –, você deve ser jovem demais pra lembrar, mas já fomos temidos uma época. Temidos e respeitados. Agora... somos *isso*. – Ela balançou o dedo com a unha pintada na direção do carro cheio de ferrugem e de amassados.

Leroy estufou o peito.

– Desnecessário, Mel Harper.

– *Abelha-Rainha* – disse Mel, a voz dura. – E o carro é ótimo, mas houve uma época em que era motivo de inveja por todas as gangues. Quando tínhamos joias e champanhe e *poder...* e agora, estamos nos esgueirando por um estacionamento no meio da noite com medo de mostrar a cara em público. Isso tudo por causa dos Renegados.

Nova girou a pulseira no pulso.

– Sei bem disso, Mel. Eles também tiraram tudo de mim.

– Isso mesmo. Tiraram. – Mel baixou os óculos para a ponta do nariz, o olhar fulminando Nova. – Eles podem te oferecer notoriedade e botas bacanas. Podem até te dar pedras bonitas como essa bugiganga no seu pulso.

O coração de Nova pulou e sua mão cobriu automaticamente a estrela escondida.

Mel riu.

– Reparei quando você estava experimentando os vestidos mais cedo. Você acha que eu não teria visto?

– Não é nada – disse Nova.

– Não ligo pra isso. O que quero dizer, Nova, é que os Renegados podem te oferecer muito, mas não podem te oferecer vingança.

– Vossa Majestade – disse Leroy com a voz carregada de ironia –, esqueceu que tudo isso foi Pesadelo que fez? O reconhecimento de terreno foi dela, o plano foi dela. Ela está arriscando a vida por essa missão.

Mel abriu um sorriso doce.

– Não esqueci, Cianeto. Só quero ter certeza de que *e/a* também não vá esquecer.

– Não vou – disse Nova por entre os dentes.

– Que bom. – Mel colocou a mão na bochecha de Nova, que precisou de toda a sua força de vontade para não se afastar do

toque. – Nos dê orgulho. – Ela afastou a mão, guardou o comunicador de Nova no vestido e saiu saltitando pela noite.

Nova engoliu em seco. Embora a estrela que ela tinha no pulso não tivesse peso, ela sentia sua presença como uma bola presa por uma corrente.

Leroy a observou.

– Nova, você está...?

– Ótima – respondeu ela com irritação. Sem olhar para ele, ela abriu a porta do carro. – Estou pronta. Vamos acabar com eles.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



LEROY ENTROU NUMA VAGA em uma garagem vazia a um quarteirão do quartel-general. Eles não tinham falado quase nada durante o trajeto.

– Abre o porta-malas – disse Nova, aliviada ao sair do carro.

– Quando você ficou tão mandona? – brincou Leroy. – Esse grupinho não precisa de duas Abelhas-Rainhas, sabe.

Nova não disse nada. Ela não estava no clima para provocação.

Seus sapatos ecoaram no concreto quando ela foi até a parte de trás do carro esportivo. Nas sombras, viu uma jaqueta preta familiar, seu amado cinto de armas e em cima da pilha... uma máscara de metal curvada com o formato do seu rosto.

Ela levou a mão à nuca e abriu o zíper do vestido. Tirou-o e vestiu a calça preta, a regata e a jaqueta, a máscara e, finalmente, as luvas que ela mesma tinha feito. Era sempre meio desconcertante vesti-las e cortar a fonte mais conveniente do seu poder; caso tivesse problema, ela ia querer estar com os dedos livres. Mas precisaria das luvas naquela noite.

As roupas pareciam espremê-la em comparação ao uniforme dos Renegados com o qual ela havia se acostumado, mas, quando o conjunto ficou completo, Nova se sentiu... forte. Poderosa. Quase *invencível*.

Não haveria mais lealdades complicadas. Não haveria mais planos incertos. Não haveria mais segredos nem mentiras.

Ela era Anarquista; uma vilã, se ser Anarquista era isso.

Ela era a Pesadelo.

Ela fechou o porta-malas.

– Me dá uma hora – disse ela para Leroy. – Fica dirigindo por aí até lá, só para o caso de termos sido seguidos.

– Você acha que sou amador? – Cianeto abriu um sorrisinho, um cotovelo para fora da janela. – Estarei aqui.

Nova esperou até ele sair em disparada cantando pneus na garagem. Ela puxou a manga para cobrir a estrela e saiu correndo.

Ela ficou nas sombras e nas escadarias olhando cada esquina para confirmar que as ruas estavam vazias, que as vielas estavam desertas. Em pouco tempo, estava em frente a uma entrada dos fundos pouco usada do Quartel-General dos Renegados, por onde as entregas chegavam e os dignitários estrangeiros entravam quando estavam com medo da agitação dos turistas e dos jornalistas. Havia uma câmara de segurança dois andares para cima, mas estava virada para a porta, a entrada mais vulnerável do prédio.

Nova não entraria por porta nenhuma.

Ela ficou espreitando atrás de uma caçamba de lixo para ter certeza de que ninguém a tinha visto se aproximar, virou a cabeça para cima e avaliou a escalada. As laterais do prédio eram lisas, mas havia parapeitos suficientes nas janelas para ela ter apoios quando necessário.

Seria difícil escalar, mas nada que ela não conseguisse fazer.

Ela apertou o botão na parte de trás das luvas e fez a eletricidade vibrar no tecido. Ventosas surgiram nas palmas das mãos e nas pontas dos dedos. Nova esticou a mão para cima e a encostou na lateral do prédio. As luvas sustentaram seu peso e ela começou a subir.

Ela foi passando pelo terceiro andar, pelo quarto, pelo décimo, e os prédios ao redor foram ficando para baixo. Ela observou os telhados e caixas-d'água e começou a se sentir exposta, mas sabia que, pela lógica, não tinha muito com que se preocupar. O engraçado de morar numa cidade cheia de arranha-céus era que ninguém nunca olhava para cima.

Além do mais, o sentimento de vulnerabilidade era uma coisa com a qual ela havia começado a se acostumar. Nova estava paranoica desde o momento em que botou o pé na arena para o teste dos Renegados. Estava dolorosamente ciente do parapeito estreito no qual estava apoiada desde o começo.

Havia uma parte dela, talvez uma parte grande, que se sentiu mais aliviada do que ansiosa quando ela chegou ao vigésimo sexto andar, o primeiro de muitos que continuavam sem uso, e só um andar acima do andar da segurança. O que quer que acontecesse ali naquela noite, ela não teria mais que mentir.

Depois de firmar os pés no parapeito de uma janela e verificar que a ventosa de uma das mãos estava firme na parede externa, Nova pegou o quebrador de vidro pendurado no cinto. Encaixou o cilindro no canto inferior da janela e apertou a alavanca para soltar o dardo impulsionado por uma mola.

A janela estilhaçou. Pedacinhos de vidro caíram no parapeito e na rua, fazendo um som de um carrilhão de vento ao bater no concreto abaixo. Nova usou o quebrador para limpar as beiradas irregulares que restaram e entrou.

O andar estava tão vazio agora quanto estava quando ela deu uma olhada mais cedo depois de examinar as plantas que tirou da casa de Adrian. Não havia câmeras instaladas lá. Não havia sensores. Não havia alarmes.

Ela correu até a escada e desceu até o vigésimo quinto andar. A porta se abriu num saguão bege com uma corda um pouco depois da escada e um cartaz que dizia ENTRADA PERMITIDA SOMENTE A FUNCIONÁRIOS DA SEGURANÇA.

Nova passou por cima da corda e seguiu pelo corredor. Estava cheio de portas fechadas e leitores digitais de crachás. Ela não foi mais devagar quando ouviu passos vindos do corredor seguinte, mas ficou surpresa quando uma mulher desconhecida dobrou a esquina. Em vez do uniforme cinza dos Renegados, ela estava usando um terno azul-marinho elegante com um crachá preso no bolso do peito.

Administradora, supôs Nova. Não prodígio.

A mulher parou quando viu Nova e arregalou os olhos.

Nova tirou uma das luvas e pulou em cima dela. A mulher inspirou fundo, mas o grito nem chegou a sair. Assim que os dedos de Nova tocaram no pescoço da mulher, o poder fluiu. Com um gemido estrangulado, ela caiu para a frente nos braços de Nova.

Nova a colocou em uma alcova embaixo de um bebedouro e pegou o crachá dela.

Foi mais rápido agora, quase correndo até chegar à sala que estava marcada como o centro de segurança na planta. Ela segurou o crachá da mulher junto ao leitor digital, que piscou em verde. Nova girou a maçaneta e abriu a porta.

Ela foi recebida por uma parede de monitores mostrando cem ângulos diferentes do quartel-general e por duas cadeiras vazias.

Nova entrou na sala.

Algo surgiu de trás da porta e a perfurou na coxa. Nova deu um grito quando o espinho se desalojou e deixou um corte na calça. Caiu apoiada em um joelho com a sensação de que tinha levado uma mordida na perna. Em segundos, a pele em volta do ferimento começou a arder enquanto um filete de sangue pingava no chão.

– Você está de sacanagem comigo?

Ela levantou o olhar. Parado ao lado dela, Arraia bateu a porta e contorceu o rosto em repulsa.

– Você dá tanto trabalho ao Rabisco e aos amigos dele e só tem isso a oferecer? Eu te vi nas câmeras assim que você pisou na escadaria. – Ele indicou as telas. – Que desperdício. Achei que você

era uma vilã sinistra. – Ele fez expressão de desprezo e se agachou ao lado dela. – Pelo menos temos alguns minutos para matar antes que a paralisia passe. Bom pra ver quem temos aqui.

Ele esticou a mão para a máscara. Nova trincou os dentes e resistiu ao impulso de se afastar quando os dedos grudentos tocaram na lateral do metal.

As pontas dos dedos dele roçaram no queixo dela, e isso foi suficiente. Pele na pele.

A compreensão surgiu no rosto do Arraia. O erro amador que ele tinha acabado de cometer. E ele caiu de lado com um baque pesado.

Com ele inconsciente, Nova voltou a atenção ao ferimento. Ela apertou a mão em cima do corte e a sentiu úmida de sangue.

Ferida e com dor, sim, mas ela não estava paralisada, como Arraia acreditou.

Ela limpou o sangue na lateral da calça e amarrou um curativo em volta da perna depois de aplicar um unguento cicatrizante que estava no kit do cinto. Sentia o calor quente do Amuleto da Vitalidade entre a jaqueta e o esterno.

Toxinas, doenças e, evidentemente, o veneno do Arraia também. Os Renegados foram uns idiotas de guardar o medalhão no cofre sem valorizá-lo devidamente. Era só mais um exemplo da arrogância deles.

Com o ferimento resolvido, ela voltou a atenção para as telas.

Viu Geladura cuidando da entrada principal e Sismo patrulhando a parte de trás do térreo. Ela demorou mais tempo para encontrar o Gárgula, mas finalmente o viu fazendo a ronda perto do laboratório, no mezanino.

Nenhum deles parecia preocupado, o que foi um alívio. Arraia devia estar muito confiante de sua capacidade de vencer a Pesadelo. Nem tinha se dado ao trabalho de alertar o resto da equipe.

Nova tirou o comunicador dele, enfiou no cinto e passou por cima de seu corpo adormecido. Nova se aproximou dos controles. Tinha estudado bem o manual da instalação, os códigos, o software de backup, as proteções e falhas, os alarmes. Tinha planejado muitos cenários até ficar vesga de tanto estudar.

No final, ela precisou de menos de oito minutos para desabilitar as câmeras do prédio. Desligou todas e deixou o sistema apagado.

Os oito minutos pareceram uma eternidade, mas, com o sistema desligado, seu trabalho ficaria bem mais fácil.

A adrenalina corria solta por suas veias quando ela saiu da sala de segurança. Mal olhou para a mulher adormecida embaixo do bebedouro. Ninguém tinha ido procurá-la.

O prédio estava quase todo vazio, mas a mulher era um lembrete de que nem *todo mundo* decidiu ir ao baile. Poderia haver mais surpresas.

Ela precisava tomar cuidado. Arraia foi arrogante e isso teve seu preço. Nova não cometeria o mesmo erro.

Ela chegou aos elevadores, mas hesitou. Mudou de ideia e voltou para a escada. Sua perna estava doendo, mas ela aguentou a dor. Concentrou-se em contar os andares. Manteve a mente no trabalho à frente.

Ela parou quando chegou ao departamento de artefatos, mas só pelo tempo suficiente de ver como estava o curativo. Um ponto de sangue tinha penetrado na gaze, mas a sensação de queimação em volta do ferimento tinha virado só um latejar distante.

Ela abriu a porta.

Uma cena familiar a recebeu. As duas escrivaninhas na área da recepção, uma estéril e arrumada, a outra cheia dos badulaques de Foto Instantânea. As luzes estavam apagadas, o andar estava silencioso e deserto. Nova andou pela sala do arquivo e usou o comunicador do Arraia para destrancar a porta do cofre. Os únicos sons eram seus passos no chão quando ela passou pelas estantes pouco iluminadas.

Ela foi até as armas de prodígios primeiro e pegou a chamada Lança de Prata. O pique do Capitão, que ele usou para tentar destruir o elmo. Uma tentativa fracassada. Ela a levantou da prateleira; tinha 2,5 metros e estava fria na mão dela. Parecia forte e robusta, mas não pesada demais. Era perfeita. Elegante. Afiada. Com um equilíbrio soberbo.

Nova a apoiou no ombro e seguiu para a área restrita.

Ao parar no fim do corredor, ela viu o cubo de cromo na prateleira com a mesma aparência de sempre. Brilhante, sólido e meio debochado. Perdido nas sombras e no amontoado de outros objetos aleatórios. Como se o objeto dentro dele não valesse nada.

Nova firmou a mandíbula e mudou o pique de mão. Um dia, aquela arma provavelmente viveria dentro de um museu, pensou ela, onde as pessoas poderiam contemplar a ferramenta que acreditavam que tinha destruído o elmo do Ace Anarquia. Elas falariam dos bons atos que o Capitão Cromo tinha feito. Que ele tirou a sociedade do desespero que tomava conta dela. Que derrotou o supervilão mais destrutivo de todos os tempos. As pessoas falariam sobre os primeiros Renegados e como eles tiveram a coragem de lutar por um mundo em que acreditavam, e *isso... isso era...*

Nova fez uma careta e afastou o pensamento.

Os primeiros Renegados, inclusive o Capitão Cromo, podiam ter ajudado muita gente, mas não *ela*.

– Sai da minha cabeça – rosnou ela, apertando a mão no pique.

Do outro lado do corredor, Callum saiu das sombras. Ele estava usando as mesmas roupas amassadas de sempre. Ela havia se perguntado de passagem por que ele não estava no baile. Talvez fosse porque haveria gente ingrata demais para ele suportar.

Ele pareceu mais pensativo do que com medo ao observar Nova, com o capuz escuro e a máscara de metal e o pique de cromo na mão.

– Pesadelo – disse ele, olhando as prateleiras. – O que você veio pegar aqui? – Ele pareceu estar com uma curiosidade real. Nova quase conseguia ver a mente dele trabalhando, tentando determinar quais das centenas de objetos seriam mais atraentes para uma Anarquista que deveria estar morta. Ele começou a se aproximar dela e a olhar as prateleiras, até seu olhar encontrar a caixa de cromo e ele parar. – É pelo elmo, né?

Nova virou a ponta do pique para ele.

– Você não pode me deter – disse ela, dando um passo para mais perto. Ele não se moveu. – Não tente ser herói.

Ele desceu o olhar até o pique. E chegou mais perto dela, se colocando entre Nova e a caixa de cromo.

Nova rosnou e marchou em frente até a ponta estar a centímetros do abdome dele.

– Sai.

Um músculo na bochecha dele tremeu, e uma lembrança surgiu na mente de Nova. O mundo oferecido à sua frente. O oceano cintilando sob o céu vibrante. Uma cidade pulsando com vida. Mil pequenos milagres, e mais acontecendo a cada dia. Um milhão de coisinhas com que se maravilhar. E Callum lhe mostrou isso. Callum...

Um grito gutural foi arrancado da garganta de Nova. Ela girou o pique e atacou, batendo com o cabo no peito de Callum. Ele grunhiu e caiu no chão.

– Céus – disse ele, ofegante. – Pra que isso?

– Fica fora da minha cabeça.

Callum se apoiou nos cotovelos. Parecia querer rir, mas não riu.

– Eu não fiz nada. – Mas ele franziu a testa sem entender. – Espera... você sabe quem eu sou? O que sou capaz de fazer?

Nova se irritou.

– Eu conheço meus inimigos.

Ele se empertigou um pouco e massageou o peito no ponto onde ela o acertou.

– Escuta.

E ela queria escutar. Queria *muito* escutar. Ouvir o que ele diria. Que sabedoria ele compartilharia sobre a forma ridícula como via o mundo. Porque ela gostava de como ele via o mundo. Queria ver do mesmo jeito. Em algum lugar lá no fundo, ela queria acreditar que poderia haver um jeito de todo o mundo, Renegados e Anarquistas, prodígios e civis, coexistirem em um equilíbrio harmonioso. Sem guerra, sem luta pelo poder. Sem heróis e sem vilões.

Mas a visão do Callum tinha falhas. Só funcionaria se todos vissem o mundo como ele via.

E a verdade dolorosa era que *ninguém* via o mundo como ele via.

– Não – disse ela, sobressaltando-o.

– Não?

– Não. Não quero escutar. É tarde demais pra isso.

Ela botou o pique para trás, se inclinou e encostou as pontas dos dedos na testa dele. Callum não se encolheu, mas a decepção nos olhos dele doeu da mesma forma.

Quando ele pegou no sono, Nova balançou a mão para dispersar a sensação de ter liberado poder. Foi diferente agora por ela tê-lo usado em alguém que ela não via como inimigo, apesar do que dissera. Até Adrian, por mais que ele a enchesse de desejo, sempre foi seu inimigo.

Ela endireitou os ombros, passou por cima do corpo de Callum e apoiou o pique na estante. E foi pegar o cubo. Quando sua mão se aproximou, a pulseira ficou quente na sua pele. Nova repuxou o braço e enrolou a manga. A estrela estava brilhando mais forte do que tinha brilhado o dia todo, de forma quase ofuscante, gerando sombras profundas nas estantes. Quase esperou que explodisse ou talvez desaparecesse, como aconteceu quando ela tentou pegá-la nas mãos esticadas da estátua. Mas como só pulsou com calor por alguns segundos ela voltou a atenção para a caixa.

Ela inspirou fundo, ergueu o cubo e o virou para um lado e para o outro para inspecioná-lo de todos os ângulos. Cada lado era idêntico

aos outros, sem marcas e nem fraquezas aparentes.

Ela colocou o cubo no chão e pegou o pique de novo. Deu um passo para trás e se preparou para o que estava prestes a fazer, embora não tivesse nenhuma ideia do que ia acontecer. Tinha imaginado aquele momento umas cem vezes desde que o Capitão fez o comentário casual no jantar.

Ou posso fazer uma marreta pra quebrá-la se estivesse com tendências destrutivas.

Ela teve esperanças de que, quando estivesse ali, segurando o pique e parada acima da caixa, o passo seguinte fosse parecer óbvio. Mas só tinha uma esperança distante de que daria certo.

– Vai dar certo – murmurou ela, segurando o pique com mais força. – Por favor, que funcione.

Ela levantou o pique bem alto, se preparou e bateu com a ponta no centro da caixa.

O contato reverberou pelo metal até os braços dela, fazendo até os ossos tremerem. Nova cambaleou para trás.

A caixa de cromo tinha deslizado alguns centímetros, mas estava intacta.

Não tinha nem um amassado.

Rosnando, Nova tentou de novo, com mais intensidade desta vez. Os metais tilintaram alto e novamente seus braços tremeram com o impacto. A caixa bateu na estante mais próxima e fez com que ela toda sacudisse pelo impacto.

Ainda assim, nenhum sinal de fraqueza.

O desespero cresceu nela. Não, não, não. Não podia ser tudo por nada.

Tinha que dar certo.

Ela virou o pique e tentou de novo, desta vez golpeando como se ele fosse um machado de batalha. Bateu com força na caixa. Seu corpo tremeu com o impacto. Ela golpeou de novo. De novo. *De novo.*

Nova cambaleou para trás e olhou para o pique com repulsa. Estava ofegante tanto de fúria quanto pelo esforço. Tinha que dar certo. Ela precisava do elmo e não tinha alternativas.

Ela não podia falhar. Não *agora*.

Ela ergueu o pique acima do ombro e gritou. A estrela no pulso emitiu uma luz ofuscante. Uma corrente elétrica correu pelos braços dela até os dedos quando ela jogou a lança com o máximo de força que conseguiu.

Ao voar no ar, a lança brilhou.

Não prateada, mas num dourado-acobreado.

Acertou a caixa bem na lateral.

O cubo se estilhaçou.

Pareceu até que era feito de vidro.

Nova pulou para trás quando pedaços de cromo quebrado voaram em seus tornozelos. O pique estalou no chão e rolou para alguns metros de distância, prateado novamente.

Seus braços estavam formigando da onda de energia que tinha passado por eles. Seu peito subia e descia. O ferimento na perna estava latejando mais do que antes.

Mas tudo isso foi logo esquecido.

Um grito de incredulidade saiu dos lábios de Nova.

O elmo estava ali, caído de lado em meio à caixa estilhaçada, exatamente como ela lembrava. O material tom de bronze ainda reluzia de leve, fazendo Nova se lembrar do pai e de como os fios de energia brilhavam como fios de luz do sol enquanto ele trabalhava. Havia uma faixa erguida no centro do crânio que terminava numa ponta na testa e a abertura na frente por onde os olhos do Ace observavam.

Os pedaços de cromo fizeram barulho embaixo das botas quando Nova chegou mais perto. Ela se ajoelhou, pegou o elmo e o aninhou nas duas mãos.

Não parecia perigoso. Nem parecia ameaçador.

Só parecia que estava esperando por ela.

CAPÍTULO QUARENTA



RUBY E OSCAR ESTAVAM dançando de novo quando Adrian saiu do baile. Nova já tinha ido embora havia mais de uma hora e ele tinha passado um tempo conversando com Kasumi e com o marido dela e socializando com algumas das patrulhas com quem tinha treinado anos antes, mas que quase não via mais, só de passagem. Ele comeu a sobremesa, uma musse de limão doce e cremosa, e deu a de Nova para os irmãos da Ruby dividirem. Ele dançou uma vez com Ruby e uma vez com a mãe de Oscar.

Mas estava contando os minutos desde que Nova foi embora, matando tempo para poder sair sem que a verdade ficasse óbvia.

Sem ela presente, ele não estava interessado em dançar e nem em jogar conversa fora. Só queria ir para casa, se deitar na selva que tinha feito e pensar na próxima vez que a veria.

Na próxima vez que a beijaria.

Ele não conseguia parar de sorrir quando saiu do baile e enfiou as mãos nos bolsos da calça. A caneta estava lá dentro, e ele a pegou e a rolou entre as palmas das mãos.

Devia desenhar alguma coisa para Nova para dar para ela quando eles se vissem de manhã. Só uma coisinha para lembrá-la das duas noites anteriores. As duas noites anteriores incríveis. Algo

que revelasse para ela que ele estava pensando nela. Que ele tinha intenções sérias com ela.

Ele sabia que Nova demorava a confiar. Demorava a abandonar as incertezas. Demorava a correr o risco de se magoar. Ele achava que a entendia melhor agora que ela contou a verdade sobre os pais e a irmã. Céus, a irmãzinha. Evie.

O sorriso sumiu quando ele pensou nisso. Seu coração deu um nó só de imaginar Nova, a pequena e assustada Nova, tendo que aguentar uma coisa tão horrível...

E, embora soubesse pela lógica que não havia pessoa no planeta que precisasse menos da sua proteção do que Nova McLain, ele não conseguiu controlar o desejo sufocante de protegê-la mesmo assim. De impedir que ela precisasse sofrer assim de novo.

Ele girou a caneta e refletiu sobre que presente poderia desenhar que englobasse tudo. Seus sapatos estalavam na calçada, uma cadência regular que o seguiu pelas ruas escuras familiares até em casa.

Ele tinha acabado de descartar as ideias mais óbvias e triviais (joias, flores, um novo cinto de utilidades) quando uma coisa pequena se moveu na sua frente e quase se chocou com seus óculos.

Adrian recuou. Primeiro, achou que fosse um pássaro ou uma daquelas mariposas gigantes assustadoras que às vezes apareciam do nada no porão.

Mas logo ele viu. Era uma borboleta preta e dourada dançando em volta de um poste a poucos metros dele.

– Danna? – perguntou Adrian, procurando mais borboletas na rua. Mas ela parecia estar sozinha, e passou pela cabeça dele que havia uma chance de não passar de uma borboleta-monarca comum.

Uma que por acaso estava voando no meio da noite.

Adrian coçou a bochecha com a caneta fechada e passou pelo poste.

A borboleta voou atrás dele. Girou duas vezes em volta da sua cabeça e pousou em um hidrante.

– Danna – disse ele novamente, agora com mais certeza.

A borboleta abriu e fechou as asas como se em resposta, embora Danna uma vez tivesse dito que não conseguia ouvir quando estava no modo bando, só ver e... *sentir* coisas. Era difícil explicar, ela disse.

Adrian olhou ao redor novamente, mas a rua estava deserta. Só havia carros estacionados e vitrines escuras. Havia mosquitos e moscas-grua batendo em um letreiro néon, mas nada de borboletas.

Onde estava o resto do bando?

Onde ela esteve a noite toda?

A borboleta voou na direção de Adrian. Ele esticou a mão, e ela pousou em seu dedo. A antena tremeu, e pareceu observá-lo e esperar.

– Tudo bem – disse ele, guardando a caneta. – Mostra o caminho.

Quer pudesse ouvi-lo ou não, a borboleta levantou voo da mão dele, voou em volta do corpo dele mais uma vez e seguiu em frente.

Adrian foi atrás.

Três quilômetros depois, ele desejou ter parado em casa para trocar de sapatos.

Os prédios mudaram de edifícios comerciais de vidro e aço para shoppings abertos e armazéns e, depois, prédios de apartamentos espremidos. A maior parte da caminhada foi colina acima, e, conforme a elevação aumentou, a riqueza do bairro também. Não era como a sequência de mansões da área onde ele morava, pois as ruas tinham o clima de um subúrbio tranquilo. Dava para ver que ainda havia gente morando em algumas das casas, algumas até tinham gramados cortados recentemente, mas, como a maioria dos bairros da cidade, havia sinais de abandono e negligência. Cercas que precisavam de uma camada nova de tinta. Janelas quebradas

fechadas na pressa com tábuas. Telhados cobertos de musgo e de folhas de pinheiros não podados.

A borboleta nunca se distanciou tanto a ponto de ele não conseguir acompanhar, e tinha que parar com frequência e esperá-lo. Ele revirou o cérebro para pensar num motivo para Danna não se transformar na forma humana e onde o resto do bando poderia estar. A única explicação era que o resto das borboletas estava preso em algum lugar, impedindo-a de recuperar a forma. Talvez fosse por causa disso que ela havia aparecido. Ela o estaria levando ao local para que ele pudesse libertá-la? Se sim, talvez a situação não fosse tão ameaçadora quanto ele pensou inicialmente. Talvez uma das borboletas tivesse ficado presa num saco de aspirador de pó ou tivesse sido capturada por um garoto e enfiada numa caixa vazia de suco para um projeto de ciências bem-intencionado.

Mas a colina foi ficando mais íngreme e o bairro foi ficando desolado, e ele se deu conta de para onde ela o estava levando.

Os pelos da sua nuca se arrepiaram.

Ele começou a notar os sinais de uma batalha antiga e da destruição que ela havia gerado. Marcas de queimadura na calçada. Buracos abertos em muros de tijolos. Um prédio inteiro com as janelas explodidas.

De repente, não havia mais construção nenhuma.

Adrian deixou as casas e apartamentos em ruínas para trás e parou no começo de uma área destruída. A Batalha de Gatlon aplanou quase 2,5 quilômetros quadrados de civilização, e os destroços nunca foram removidos. Um alambrado foi erigido em torno da região com um aviso de possível envenenamento por radiação, o que bastava para manter os turistas longe.

No centro da área destruída, ficavam as ruínas da catedral que Ace Anarquia tomou como seu lar, uma espécie de quartel-general. A torre do sino estava quase toda inteira, além das partes do claustro e a parte norte da estrutura. Mas o resto tinha sido demolido.

Os dedos de Adrian tremeram de vontade de desabotoar a camisa e abrir a tatuagem de zíper que o transformaria no Sentinela.

Mas, mesmo agora, ele não queria correr o risco de Danna descobrir seu segredo.

A borboleta voou por cima da cerca e Adrian viu um lugar onde alguém tinha usado cortadores nos elos de metal e aberto um espaço suficiente para passar.

Turistas curiosos, pensou ele. Ou adolescentes se desafiando.

Mas ele não tinha como ter certeza. Ele não tinha ideia de quem iria lá. Aquele lugar estava abandonado desde a derrota do Ace Anarquia.

Por que Danna o levou *lá*?

Adrian pegou a caneta e passou pela abertura. O metal arranhou o paletó e ele sentiu uma ponta agarrar no ombro e abrir um buraco na costura. Assim que saiu do outro lado, ele tirou os braços das mangas e deixou o paletó em cima da cerca para que fosse fácil encontrar a abertura de novo.

A borboleta voou na direção da catedral, entrando e saindo das ruínas. Uma segunda cerca estava parcialmente destruída, e Adrian passou por uma placa de PERIGO: NÃO ENTRE. A borboleta pousou brevemente na placa e saiu voando.

– Pronto, Danna – murmurou Adrian, parando ao ver as asas da borboleta batendo em meio aos destroços, refletindo o luar. – Agora seria uma boa hora pra avisar se eu deveria pedir reforços.

Mas a borboleta não respondeu, claro. Ela não conseguia entendê-lo.

Ele mordeu o interior da bochecha. Estava se roendo de indecisão. Devia pedir reforço? Se sim... devia chamar sua equipe ou seus pais?

Ou devia se transformar no Sentinela e ver primeiro com o que teria que lidar?

A borboleta esperou em um pilar caído, as asas batendo com impaciência.

Adrian engoliu em seco.

Se estivesse com os outros quando foi atrás da Espinheiro, as coisas poderiam ter sido bem diferentes.

Não tem EU em herói.

– Tudo bem – murmurou ele, levando o pulso à boca. – Enviar comunicado à equipe. Pedindo reforço imediato na...

Um vento repentino voou em volta dos tornozelos de Adrian e ergueu uma nuvem de poeira. A borboleta foi capturada pelo vento e jogada longe sobre um arco caído.

As palavras de Adrian secaram na língua. A poeira convergiu. Escureceu. Solidificou-se.

Uma figura de capa preta esvoaçante apareceu, o capuz eclipsando as sombras profundas onde deveria haver um rosto, a lâmina curva de uma foice cortando o céu.

Fobia.

A pulsação de Adrian trovejou. Por um piscar de olhos que pareceu uma eternidade, ele ficou olhando para o nada dentro da capa do Fobia, o medo se instalando na sua alma. De todos os Anarquistas, Fobia sempre lhe pareceu o mais assustador. Não só porque seu poder girava em torno de controlar os maiores medos de uma pessoa, mas porque se sabia muito pouco dele. Ninguém conhecia suas fraquezas, isso se ele tivesse alguma. Ele nunca tinha ouvido falar sobre Fobia ter sofrido ferimentos, nem durante a Batalha de Gatlon. Uma vez, ele o viu ser atingido por um estilhaço gigante de gelo que teria empalado a maioria dos humanos, mas Fobia só desapareceu por um tempo em uma nuvem de fumaça preta. O efeito foi temporário.

Ainda assim, Adrian se manteve firme. Tentou pensar nas suas opções. O que poderia desenhar que ajudaria numa luta contra o Fobia?

– Já senti o gosto de medos como o seu antes – disse Fobia, a voz rouca, um chiado. – O medo de ficar impotente.

Adrian contraiu a mandíbula.

Que se danasse.

Ele abriu a gola da camisa e arrancou um botão. Seus dedos puxaram o zíper de tinta.

Ele começou a abri-lo quando ouviu alguém gritando seu nome.

Ele ficou paralisado.

Seu corpo todo cedeu sob a pressão. Encheu-se de descrença. E embora ele soubesse lá no fundo que era um truque e que não podia acreditar, não havia possibilidade de ele *não* olhar.

De não ter esperança, com todo o seu otimismo infeliz.

Ele inclinou a cabeça e a viu.

As mechas grossas do cabelo em volta de olhos frenéticos. A capa dourada balançando no ar. O rosto corajoso e bonito que podia passar de severidade a amor num piscar de olhos. De reprovação a risadas.

Sua mãe estava voando acima da catedral como se mal pudesse esperar para chegar a ele. Todos os horrores do mundo estavam espelhados no rosto dela, e ela estava indo protegê-lo, seu único filho, sua vida e seu amor.

Foi como ver uma corda de uma marionete cortada.

Ela estava voando.

De repente, estava caindo.

Despencando para a destruição.

Os gritos dela se espalharam pelo vento. Os braços se agitaram e se enrolaram na capa.

Adrian gritou e tentou correr até ela, mas seus pés estavam cimentados no chão. Era seu pior pesadelo, todos os seus piores pesadelos ganhando vida. Sua mãe caindo para a morte e ele preso, sem poder fazer nada. Ele a estava perdendo de novo, totalmente impotente.

Uma sombra atravessou o corpo da sua mãe momentos antes de ela cair no chão.

A ilusão se desfez.

Adrian caiu de joelhos. Uma dor subiu pela perna quando um pedaço de pedra afiada machucou seu joelho. Ele piscou para afastar as lágrimas e viu a sombra, um borrão de movimento, girar no ar e disparar para a cerca.

Não era uma sombra. Era um bando. Centenas de borboletas-monarcas.

E, ao longe, agora abrindo caminho pela cerca, Ruby e Oscar. Adrian achava que eles ainda não o tinham visto.

Fobia se virou para eles. Seus dedos esqueléticos se fecharam no cabo da foice e ele se dissolveu em uma nuvem de corvos pretos. Eles saíram voando atrás das borboletas e as espantaram.

Com um grito exausto, Adrian se abaixou e rolou para trás do arco caído. Ele caiu apoiado no ombro. Seus olhos estavam lacrimejando. O corpo ainda tremia por causa da visão. Pareceu tão real. A voz dela. A expressão apavorada. O jeito como seu coração desejou ir até ela e *salvá-la*.

Ele inspirou fundo, estremeando e tentando afastar os pensamentos da cabeça.

Não deu certo. A lembrança permaneceu presente, sufocante e cruel.

Mas ele levou a mão ao zíper mesmo assim e permitiu que o Sentinela tomasse conta dele.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



ADRIAN SE OBRIGOU a sair dos destroços. Suas pernas ainda estavam fracas, mas o traje o sustentava agora. O bando de borboletas estava quase na cerca, e Adrian se perguntou se Danna estava fugindo para se salvar ou se estava tentando levar Fobia para longe dos seus amigos. De qualquer forma, o bando de corvos estava se aproximando, as silhuetas quase invisíveis no céu noturno.

Adrian sabia o resultado daquela cadeia alimentar.

As aves passaram por cima de Ruby e de Oscar. Ruby soltou um grito de fúria e jogou o heliotrópio neles, derrubando duas aves no ar. Uma caiu na cerca e a outra no chão, uma das asas retorcidas num ângulo errado.

As outras não pareceram incomodadas de ter perdido dois companheiros.

– Danna! – gritou Ruby.

Adrian saiu correndo. E passou a voar, usando as tatuagens nas solas dos pés para se lançar à frente.

Uma chama estalou em volta do seu punho. Ele sentiu o calor pela armadura, mas isso o encorajou mais do que assustou. O fogo cresceu até quase tomar seu braço todo. Branco, quente e ardente, as chamas lambendo o ar.

Oscar puxou Ruby pelas costas do uniforme e a tirou do caminho de Adrian.

Ele passou pelos amigos e subiu no ar, esticando a palma da mão.

O fogo ardeu por seu braço e disparou na direção dos corvos. Devorou-os, engolindo seus grasnidos e gritos, queimando as penas e garras, destruindo-os.

Adrian caiu com força no chão na parte de dentro do alambrado. Apoiou-se num joelho para recuperar o fôlego.

Além da área de destruição, ele viu um pequeno grupo de corvos que escapou do fogo virar filetes de fumaça preta. Eles sumiram quando as borboletas mergulharam para baixo dos restos da carcaça de um táxi.

Uma agitação chamou a atenção de Adrian para o lado e ele viu um dos corvos que tinham sido derrubados pela pedra de Ruby. A asa estava quebrada, e o animal estava olhando para Adrian com um olho preto brilhante, inteligente e calculista.

Adrian tremeu.

A ave se dissolveu em cinza preta e se espalhou ao vento.

Ele soltou um grunhido longo e exausto. Não era ingênuo a ponto de achar que Fobia estava morto. Mas esperava que não fosse mais ver o vilão naquele dia pelo menos.

Uma bota fez ruído nos destroços.

Adrian apertou bem os olhos, se preparou e se levantou. Ele se virou para encará-los.

Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha. Seus colegas. Seus amigos.

Ruby estava segurando a corda em uma das mãos, uma adaga de rubi na outra. Oscar estava com uma nuvem cinza-carvão girando em torno do corpo, obscurecendo o chão aos seus pés. Ambos estavam com expressões apreensivas.

Adrian percebeu que eles não queriam lutar, mas não achava que fosse por camaradagem.

Não. Eles estavam com medo. Não achavam que podiam vencer numa luta contra ele.

Ele concluiu que os dois estariam certos, embora fosse a primeira vez que parava para avaliar a possibilidade.

Oscar olhou para Ruby. Foi um olhar breve, de preocupação. Ele estava planejando uma distração, Adrian percebeu. Ele esconderia Ruby com a fumaça, atraindo o ataque do Sentinela para si. Era uma manobra arriscada, sabendo o que o Sentinela era capaz de fazer, mas era a melhor alternativa para tentar derrotá-lo. Pelo menos daria a Ruby a oportunidade de assumir uma posição mais ofensiva. Talvez até fazer um contra-ataque com o Sentinela distraído.

Era uma estratégia que eles tinham praticado dezenas de vezes nos salões de treinamento. Os pequenos gestos dos dois, o jeito quase imperceptível como eles posicionavam os membros, eram tão familiares para Adrian que ele ficou tentado a rir.

Ele jamais esperaria ver aquelas táticas usadas contra si.

Adrian levantou as mãos, os dedos abertos. O sinal universal de súplica.

– Não sou seu inimigo – disse ele. – Nunca fui seu inimigo.

– Desculpe, mas vamos ter que deixar o Conselho tomar essa decisão – disse Ruby. Ela assentiu muito de leve.

Oscar moveu as mãos para criar uma parede de fumaça entre Adrian e Ruby.

Mas, naquele mesmo momento, Ruby exclamou:

– Espera!

Oscar arregalou os olhos.

Uma coisa apareceu no campo de visão de Adrian, na periferia do visor. Ele piscou.

Uma borboleta-monarca tinha pousado em um dos seus dedos.

Outra apareceu em seguida e pousou no polegar. E mais três na outra mão.

Adrian ficou totalmente imóvel enquanto o bando de Danna o cobria, pousando nos ombros, braços, dedos dos pés, até em cima do elmo, ele achava, embora não pudesse sentir. Estava com medo de se mover para não esmagar uma sem querer sob um membro de metal.

À medida que suas expressões se alteravam de determinadas para perplexas, Oscar e Ruby gradualmente baixaram a guarda. Os músculos de Ruby relaxaram, permitindo que as armas pendessem para o lado. A nuvem de fumaça de Oscar se dispersou pelo ar.

Os dois ficaram olhando, boquiabertos, e Adrian se viu incomodado com os olhares.

– Quem é você? – perguntou Ruby.

Ele apertou os lábios. Não precisava contar a eles. Ele podia espantar as borboletas. Podia estar longe antes que eles pudessem pensar em impedi-lo.

Mas era isso o que ele queria? Continuar com as mentiras para sempre? Nunca poder confiar o segredo a ninguém, nem mesmo a seus melhores amigos? A equipe a quem ele confiava a vida?

Ele estremeceu, inspirou fundo e levou a mão ao elmo.

As borboletas levantaram voo. Giraram sobre a área destruída e foram assistir a tudo do alto da estátua de um santo, as asas amarelas o único ponto de cor sob o luar.

Adrian soltou o visor, que fez um chiado, subiu e revelou seu rosto.

O silêncio foi penetrante. Ele tentou interpretar as expressões dos dois em busca de descrença e traição. Mas eles só pareciam perplexos.

– Por favor, não contem pra ninguém – disse Adrian, e as palavras saíram mais num tom de súplica do que ele pretendia. – Principalmente meus pais. Nem... pra Nova. Eu que tenho que contar pra ela.

– Nova não sabe? – perguntou Ruby, a voz um pouco esganiçada.

Oscar respondeu por ele.

– Claro que não. Ela odeia o Sentinela.

Adrian franziu a testa, mas não pôde negar a verdade daquelas palavras.

Soltando uma série de expletivas, Oscar passou a mão pelo cabelo.

– Como você pôde não nos contar? Eu achei... esse tempo todo!

– Eu sei. Desculpem. Eu queria. Mas, depois do desfile, quando a Danna ficou machucada...

– Por sua causa! – gritou Oscar. – Ela ficou machucada por sua causa!

Adrian se encolheu.

– Eu sei. Foi um acidente. Eu nunca... Não foi por querer.

– E você estava lá – Oscar continuou, balançando a cabeça. – Na biblioteca e... e perseguindo Espinheiro. Como a gente não viu?

– Você é o *Rabisco* – disse Ruby. – Você desenha coisas! Não controla fogo e nem raios laser! Não consegue pular 15 metros no ar! Como... *Como?*

– Com tatuagens – disse Adrian. – Eu desenho tatuagens permanentes no meu corpo e elas oferecem poderes diferentes.

Os dois ficaram olhando para ele.

E...

– *Tatuagens?* – gritou Ruby. – Você não pode estar falando sério.

Mas Oscar ficou pensativo e a boca se transformou com a compreensão.

– Tatuagens. Caramba, cara, isso é genial. Você pode fazer em mim?

– Não! – respondeu Ruby. – Ele não pode... você não pode... ainda não acredito que você não contou pra gente!

– Eu sei. Peço desculpas. Eu queria...

– Não – disse Ruby. – Nem diz isso. Se você quisesse, teria feito.

– Ela levantou os braços e começou a andar de um lado para o outro, chutando destroços com o movimento. – O que a gente vai

fazer agora? Depois dos Anarquistas, você é o prodígio mais procurado da cidade. Você viola regras a torto e a direito. E a gente agora tem que virar cúmplice seu? Tem que ficar de boca calada?

Adrian encolheu os ombros.

– Não. Não sei. Não é justo eu pedir pra vocês...

– Mas a gente vai! – disse Ruby. Ela ainda estava gritando, ainda explodindo de raiva. – Claro que vai porque a gente te ama e você é o *Adrian*! Sei que você não é um mestre do crime que está fazendo isso pela fama. Sei que você é uma pessoa boa e deve ter um bom motivo pra fazer isso tudo, eu só... só queria que você tivesse nos contado.

– Espera aí... a Espinheiro – disse Oscar. – O que foi aquilo, Adrian? Disseram...

– Não fui eu – disse ele. – Foram Geladura e os capangas dela. Eu os vi torturando a Espinheiro, e eles a mataram pra me incriminar. Não fui eu.

Oscar se balançou nos calcanhares, pensando. Seu rosto se iluminou.

– Tá, tudo bem, dá pra acreditar nisso.

Um fluxo de borboletas passou por eles, girou acima da cabeça deles e voltou até a estátua caída.

Ruby tirou a franja descolorida da testa e apontou a adaga para a cara de Adrian.

– Essa discussão *não* acabou – avisou ela, e virou a lâmina para Danna –, mas a gente tem que tentar descobrir por que a Danna não está se transformando de volta.

Como se em resposta, as borboletas espiralaram para cima de novo e dispararam em linha reta, não para fora da área destruída, mas para a base da catedral desmoronada. Elas pousaram em vários pedaços de detritos: uma porta de madeira quebrada, a cabeça de uma gárgula caída.

– Eu achei que ela estava me trazendo aqui por causa do Fobia – disse Adrian –, mas e se for outra coisa?

– Ou outra pessoa – murmurou Ruby.

– Não é possível – disse Oscar. – E se a Abelha-Rainha e o Cianeto também estiverem aqui? E se aqui for o covil maligno deles?

– Aqui foi o covil maligno deles anos atrás – disse Ruby. – Quem seria idiota de voltar pra cá?

– O Fobia foi, né? – disse Oscar.

Adrian franziu mais a testa.

– A não ser que o Fobia estivesse protegendo alguma coisa.

Eles olharam as borboletas, as asas em movimento cintilando à luz do luar.

Adrian baixou o visor.

– Só tem um jeito de descobrir.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



NOVA RIU. NÃO FOI possível se controlar. A descrença junto à onda de orgulho fervoroso fez a gargalhada sair por seus lábios enquanto ela subia a escada correndo e empurrava a porta do piso abandonado.

Sair do prédio seria mais fácil do que escalar a parede. Suas cordas estavam esperando ao lado de uma janela aberta, bem onde ela as tinha deixado, amarradas e prontas para aguentar seu peso.

Ela estaria na rua em dois minutos.

Na garagem em seis.

E seguindo para o tio Ace antes que Arraia e Callum começassem a despertar do sono.

Ela estava até adiantada.

O pique de cromo estava amarrado em suas costas e o elmo estava embaixo do braço enquanto ela corria leve e quente ao toque. Ela visualizou o sorriso exato que Ace abriria.

Seu corpo vibrava com a sensação de realização. Ela conseguiu. Realmente conseguiu.

Estava quase na janela quando algo se chocou nela, derrubando-a. Nova gritou e rolou duas vezes. O elmo caiu e deslizou pelo piso. Ela tentou pegá-lo, mas uma mão se fechou em seu pulso e a levantou totalmente do chão.

Nova ficou pendurada, ofegante, a alegria arrancada do seu coração.

Gárgula abriu seu sorriso de pedra.

Ela tentou usar o poder nele, mas o punho era todo de pedra e ela sentiu o poder batendo na superfície de forma inútil.

Grunhindo, ela balançou as pernas para tentar chutar a canela dele, mas ele a segurou como se seguraria um rato pelo rabo: sem muita preocupação, mas com o braço esticado mesmo assim. Ele se agachou, pegou o elmo e fechou os dedos grossos em volta do objeto.

– Foi uma ótima tentativa – disse ele. – Mas não foi suficiente.



ELE A ARRASTOU ATÉ um elevador e desceu até o saguão principal. Nova não lutou. Sabia que não tinha como superá-lo na base da força e era melhor guardar suas energias. Esperar o momento certo.

Eles passaram na frente da quarentena de Max, e Nova não conseguiu evitar olhar para lá. Ela esperava que as luzes estivessem apagadas, que Max estivesse dormindo, alheio a tudo que estava acontecendo.

Mas suas esperanças tinham acabado naquela noite. Max estava parado na janela, a testa franzida, curioso. As palmas das mãos estavam no vidro, o contorno da cidade cintilando atrás dele.

Gárgula puxou o braço dela e chamou a atenção de Nova para o centro do saguão. Geladura e Sismo estavam lá com expressões arrogantes no rosto.

Gárgula jogou o elmo para Geladura. Ela o rolou nas mãos e espiou os olhos vazios.

Ela o entregou a Sismo. Sem cuidado nenhum. Como se não fosse nada. Em seguida, levantou a mão e estalou os dedos. Uma brisa de ar frio soprou pelo saguão, e os estalos da água congelando ecoaram no teto alto. Nova olhou para baixo. Um

grande bloco de gelo estava envolvendo seus pés. Ela grunhiu e tentou soltar os pés, mas já era tarde demais. O gelo cristalizou-se rapidamente pelas pernas dela até os joelhos. Gárgula soltou seu pulso e ela quase caiu, mas o gelo a segurou em pé. Embora as botas oferecessem proteção do frio, a calça não, e o gelo a queimou.

Rosnando, Nova levou a mão à faca de caça no cinto. Levantou a mão por cima do ombro e preparou-se para arremessá-la em Geladura, mas, antes que a lâmina voasse, um novo bloco de gelo se formou em volta da mão, prendendo os dedos na arma. Geladura fez o mesmo com a outra mão de Nova, envolvendo completamente suas quatro extremidades e a deixando não só imóvel, mas também *congelando*. Os dentes dela começaram a bater.

Geladura chegou mais perto.

– Não se preocupe. Você vai ficar dormente antes que a geladura comece, e tenho certeza de que o Conselho vai te soltar quando chegar. Mal posso esperar pra ver a cara deles quando chegarem e te virem tão presa. – Ela suspirou, fingindo solidariedade. – Claro que é provável que seus dedos e os dois pés tenham que ser amputados depois de serem destruídos pela geladura. Não vai ser muito bonito. Se você tiver sorte, vão te anestesiarem primeiro, mas... – Ela estalou a língua. – Eu não contaria com isso se fosse você.

Ela parou a alguns centímetros de Nova.

– Se prepara agora – sussurrou Geladura –, porque a perda de um membro vai ser a menor das suas preocupações. – Ela puxou uma arma da cintura, que Nova reconheceu do treinamento. Geladura se inclinou para perto e encostou o cano no peito de Nova. – Você talvez sinta um beliscão leve.

Ela puxou o gatilho e o projétil foi direto para o coração. Nova grunhiu pelo impacto e teria caído se o gelo não estivesse prendendo suas pernas com tanta firmeza. Ela gemeu, o peito ardendo por causa da perfuração. As mãos e as pernas doíam até os ossos de tanto frio.

Ela prendeu a respiração e, para sua surpresa, começou a rir. Foi uma risada exausta que beirou o delírio até em seus próprios ouvidos.

Agente N. Geladura estava tentando neutralizá-la.

Mas ela disparou a poucos centímetros do Amuleto da Vitalidade, escondido embaixo da jaqueta. Nova não tinha conseguido testar se o medalhão a protegeria do sêrum, mas agora era uma boa hora para isso.

– Obrigada – disse Nova quando a gargalhada chiada acabou. Ela trincou os dentes embaixo da máscara. – Não sei se eu teria coragem de fazer isso.

Ela moveu um punho congelado e esmagou uma das esferas presas ao cinto. O míssil de névoa foi esmagado com o golpe e a alavanca se abriu. Uma nuvem de vapor verde se espalhou no ar, cercando o corpo de Nova.

Ofegando, Geladura pulou para trás e empurrou Sismo para o lado.

– Que porcaria é essa?

– Seu pior pesadelo – disse Nova. Ela se virou para o Gárgula, que cambaleou um passo para trás quando Geladura se afastou, mas não se moveu o suficiente. Ele estava tentando superar a confusão. Nova piscou para ele. – Não precisamos de dardos, cérebro de cascalho.

– Trevor! – gritou Genissa. – Sai daí!

Ele finalmente se moveu e chegou para trás três, quatro passos. Nova contou em silêncio, esperando. Eles ainda não tinham testado. Os cálculos de Leroy podiam estar errados.

Mas Gárgula era um sujeito grande, e demorava muito tempo para a maioria das coisas chegar ao cérebro dele, então por que seria diferente com aquilo?

Assim como com o Titereiro, começou com um arregalar surpreso dos olhos.

Nova sorriu. Leroy tinha descoberto como transformar o Agente N em gás, e ela transformou isso em bomba. Ace queria uma arma contra os Renegados e agora eles tinham uma.

Geladura soltou um palavrão e chegou mais para trás para fugir do vapor, embora Nova soubesse que já estava disperso demais para ser eficiente àquela distância. Aquele dispositivo já era.

A pele do Gárgula começou a se transformar, a perder a cobertura dura de pedra, ficando manchada e macia como a de um bebê. Começou na cabeça, desceu pelo pescoço, chegou aos ombros e ao peito.

Ele olhou para Nova, atordoado.

– Isso te chateia? – provocou ela.

Gárgula rugiu e partiu para cima dela preparando o braço... ainda de pedra. Nova levantou as mãos. Geladura gritou.

O punho dele acertou os blocos sólidos de gelo e os quebrou.

Foi seu último ato antes de a pedra sumir completamente.

Gárgula berrou e caiu de joelhos, mas Nova o ignorou. Com as mãos livres, ela pegou um segundo dispositivo de dispersão no cinto e jogou na direção de Geladura e Sismo. Bateu no chão, e outra nuvem de fumaça verde se espalhou. Sismo largou o elmo e mergulhou para longe da explosão, enquanto Geladura corria para o canto mais extremo do saguão. Ela estava gritando ordens, mas Nova duvidava que alguém estivesse prestando atenção.

Ela soltou um palavrão, duvidando que algum dos dois tivesse sido atingido por aquela nuvem de vapor. Teria que tomar mais cuidado, não podia desperdiçar mísseis.

Ela levantou a mão e pegou o pique preso nas costas, aliviada por Gárgula ter sido arrogante demais a ponto de nem ter tido a preocupação de tirá-lo dela. Depois de soltá-lo da amarra, ela o segurou com as duas mãos e enfiou a ponta no gelo que prendia seus pés. O gelo lascou e rachou. Com mais quatro golpes, as pernas estavam soltas.

Nova pulou do gelo, tropeçou e caiu de joelhos. Seus pés estavam dormentes. As pernas não aceitavam instruções.

Ela ficou de quatro e obrigou seus membros a cooperarem. Levantou-se aos trancos e barrancos. Correu na direção do elmo do Ace e o pegou no chão. Tentou se virar, mas seus pés se emaranharam e ela caiu de novo e bateu o joelho no piso. Com um palavrão, ela usou o pique de apoio e se levantou mais uma vez.

Seu caminho até a saída estava bloqueado e ela correu para o outro lado. Na direção da passarela, da escada, de uma saída de fundos. As opções surgiram na mente dela. O mapa do prédio estava marcado em sua memória. Ela conhecia cada corredor, cada porta.

Decidindo pela rota mais curta, ela virou para a esquerda.

Um terremoto rugiu debaixo dos pés dela. A terra se abriu e gerou uma rachadura entre suas pernas. Nova caiu de novo.

A rachadura continuou aumentando para a frente, atravessou o *R* vermelho no centro do saguão e abriu a base.

Nova ofegou quando viu o caminho da linha. Direto para a passarela.

Direto para a quarentena.

Max não havia se movido. E continuou sem se mover mesmo quando o chão embaixo dele se abriu.

Nova gritou, mas o som foi consumido pela rachadura ensurdecadora do concreto, pelos gemidos do metal, pelo vidro se estilhaçando.

Uma das colunas de sustentação se quebrou com um barulho tão alto quanto o de um tronco de árvore sendo partido por um aríete.

A passarela desabou.

A quarentena caiu.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



ADRIAN OLHOU PARA o buraco negro cercado pelas ruínas da catedral. Ruby e Oscar estavam ao lado dele, igualmente em silêncio. Eles jamais teriam descoberto a escadaria se as borboletas de Danna não tivessem se reunido em volta formando uma guarda silenciosa e trêmula na entrada. Os degraus ficavam invisíveis até se estar bem em cima deles, habilidosamente escondidos em meio a painéis caídos e pedras lascadas. Parecia aleatório, mas, depois da luta com o Fobia, Adrian sabia que não era.

Quanto tempo havia que os Anarquistas protegiam aquele lugar? Desde que foram expulsos dos túneis ou antes? E o que poderia haver lá embaixo que os impediria de mudar para um lugar menos auspicioso? Uma arma? Um armazém de coisas roubadas? Um alojamento para prodígios rebeldes?

– Bom – disse Oscar, escondendo a apreensão com talento –, acho que vou primeiro.

Ele deu um passo e Adrian botou a mão no ombro dele e o puxou delicadamente para trás. Oscar não resistiu.

– Ah, é – disse ele, batendo com a bengala de leve nas costas de Adrian. O barulho foi baixo, mas metálico. – Acho que faz mais sentido você ir na frente. Mas se mudar de ideia...

– Oscar – disse Ruby em tom de aviso.

Ele ficou em silêncio.

Adrian começou a descer a escada. A descida era tão estreita que ele teve que ir virando o corpo no caminho. Um lance terminou em um patamar pequeno de pedra. Ele se virou e continuou descendo. Seu visor se ajustou à visão noturna no escuro, tingindo o subsolo da catedral de um verde sinistro. Ele ouvia Oscar e Ruby descendo atrás, mas a presença deles o deixava mais tenso do que tranquilo.

Ele jurou para si mesmo que, depois que contasse aos pais sobre sua identidade secreta, insistiria para que eles comesçassem a incorporar armadura nos uniformes dos Renegados. Às vezes pesava demais e deixava os movimentos desajeitados, mas ele estaria se sentindo bem melhor se seus amigos estivessem um pouco mais protegidos.

Um segundo patamar veio seguido de um lance de escadas um pouco mais largo e uma porta em arco com palavras entalhadas em latim.

Eles passaram por uma câmara larga. Uma tumba. Havia fileiras de sarcófagos brancos de mármore nas paredes observados por figuras de pedra cobertas de teias de aranha e poeira. Adrian tentou se mover de forma sorrateira, mas suas botas faziam barulho no piso e o som reverberava pelo túmulo oco.

Uma porta grande de madeira com trabalhos em ferro os recebeu no fim da tumba, e, em torno dela, Adrian detectou o brilho suave de uma luz dourada.

Oscar girou uma nuvem de vapor em volta dos dedos. Ao primeiro sinal de problema, ele encheria o ambiente de névoa para desorientar os potenciais inimigos.

Ruby soltou a pedra do pulso.

Adrian acionou o cilindro estreito do antebraço. O ambiente apertado o deixava inquieto. Tornava suas molas inúteis, e uma bola de fogo num espaço tão pequeno provavelmente atingiria seus

aliados. Ele desconfiava que veria Abelha-Rainha e Cianeto quando abrisse aquela porta. Seu traje o protegeria dos dois, ao menos por um tempo, e a luta seria rápida com Oscar e Ruby ao seu lado.

Principalmente se os Anarquistas fossem pegos de surpresa, embora cada passo metálico tornasse isso mais improvável.

Adrian colocou a mão na porta e se preparou. Ele visualizou Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha logo atrás assumindo posições.

Ele contraiu a mandíbula e abriu a porta.

Havia um esqueleto do outro lado.

Ruby soltou um grito e golpeou com o heliotrópio... instinto, Adrian supôs. O esqueleto levou o golpe entre dois ossos da costela e desabou no piso de pedra com uma melodia de madeira caindo. O crânio rolou até o pé de Adrian.

Com o coração disparado, ele voltou o olhar para cima. Eles estavam nas catacumbas. Havia mais caixões cercados de paredes de ossos, prateleiras de crânios. Dois castiçais sustentavam velas cônicas brancas que estavam quase no fim, e havia uma cortina de fêmures e clavículas no ambiente escondendo o que havia atrás.

Fobia? Era para lá que ele voltava quando evaporava daquele jeito? Adrian imaginou um personagem de videogame sendo jogado para o começo de uma fase sempre que era morto, e uma gargalhada grudou na garganta e se transformou numa tosse engasgada.

Os ossos aos pés dele começaram a tremer. Moveram-se pelo piso e se remontaram gradualmente até o esqueleto estar de pé na frente deles de novo. Os olhos vazios e o sorriso largo não tinham mudado, e Adrian se perguntou se estava imaginando ver irritação na figura.

O esqueleto se curvou para a frente e, sem levantar a cabeça, fez um gesto dramático na direção da cortina de ossos.

Adrian entrou nas catacumbas e passou longe do esqueleto. Assim que Ruby e Oscar entraram, a criatura subiu numa tábua

acima de um sarcófago, cruzou os braços sobre o peito e adormeceu. Ou morreu.

Adrian ainda estava observando o esqueleto quando a cortina toda de ossos caiu na base de pedra. Os ossos se espalharam para todos os lados.

Ele se virou. O ar sumiu dos seus pulmões. Seus pensamentos foram sufocados pela descrença.

Ace Anarquia.

Ace Anarquia.

Ele não acreditou nos próprios olhos. Não tinha como ter certeza. Havia poucas fotos do vilão sem o elmo, e eram fotos de juventude, bem antes de sua ascensão ao poder. Aquele homem ali não era jovem. Também não parecia poderoso. Sua pele pálida estava cinzenta e coberta de rugas. O cabelo ralo, o corpo mais parecido com o esqueleto que os recebeu do que com o prodígio de ombros largos que derrubou um governo e lançou o mundo em um período de medo e ausência total de leis.

Mas os olhos. Escuros, quase pretos, e tão sagazes quanto Adrian teria imaginado.

Ele estava levitando, as pernas cruzadas como as de um monge em meditação sobre o piso de ossos caídos.

E a voz era forte, ainda que carregada de uma exaustão profunda.

– Encantado – disse Ace Anarquia, mostrando os dentes. – Tenho certeza.

Adrian foi jogado na parede. As costas bateram na pedra com tanta força que caiu poeira do teto. Ele grunhiu e tentou se mexer, mas, embora os membros dentro do traje estivessem livres, a armadura estava imobilizada.

Adrian soltou um palavrão.

Telecinese.

Ele achou que a armadura o protegeria, mas claro que não, não contra um telecinético como o Ace Anarquia.

A catacumba se encheu de fumaça branca, tão densa que Adrian não conseguiu ver nada. Ele lutou com mais força. Se conseguisse mover o braço, poderia tocar no dispositivo do peito que recolheria o traje...

Não adiantava. Ace não o libertaria.

Ele ouviu o grito de guerra da Ruby e a imaginou arremessando o heliotrópio afiado como uma faca na direção do pescoço do Ace Anarquia, mas o grito dela virou um gritinho de surpresa.

O corpo todo de Adrian ficou tenso e ele lutou contra as amarras invisíveis que o seguravam, mas não adiantou. Ele bateu com a cabeça na parte de trás do elmo e forçou seus músculos a relaxarem. Tinha que ficar calmo. Tinha que pensar.

Houve grunhidos e gritos de fúria desenfreada, e ele se viu desejando que a fumaça não estivesse tão densa para poder ver o que estava acontecendo.

Adrian mandou que os batimentos do seu coração ficassem mais lentos. *Pensa. Pensa.*

Seus dedos se flexionaram, e, por um momento, ele achou que o controle do Ace sobre ele estava diminuindo, mas acabou percebendo que Ace não estava preocupado com seus dedos, não com o corpo preso do pescoço aos pulsos e aos tornozelos.

Ele virou a cabeça o máximo que conseguiu dentro do elmo. A poeira na parede era densa. Cobriu seu traje quando ele se chocou nela.

A fumaça estava se dissipando e ele viu Ruby e Oscar a uns três metros de distância. Ruby estava de joelhos. O fio estava enrolado no próprio pescoço, e ela estava com os dedos dobrados entre ele e o pescoço, tentando desesperadamente impedir que a enforcasse. Seus dedos estavam sangrando e o sangue cintilava ao começar a cristalizar. Oscar estava ajoelhado ao lado dela, uma expressão frenética enquanto tentava ajudá-la a soltar o fio.

Adrian não viu sinal do vilão em meio ao véu de fumaça.

Ele dobrou os dedos do traje e apertou a ponta do dedo na parede. Desenhou a primeira coisa que surgiu na mente, a coisa mais simples que conseguiu imaginar. Um círculo na poeira. Uma única linha curva surgindo no alto. Alguns rabiscos estourando na ponta.

Uma bomba.

Um pavio.

E uma fagulha.

– Oscar – grunhiu Adrian ao tirar a bomba da parede. – Proteja-se!

Oscar arregalou os olhos. Pegou Ruby por baixo dos braços e a jogou atrás de um dos caixões.

Adrian deixou a bomba cair. Rolou alguns centímetros para longe da parede e explodiu.

O brilho foi intenso. A explosão pressionou o corpo de Adrian e abriu um buraco na parede. Adrian caiu para a frente de quatro. Na mesma hora, botou a mão no peito e recolheu o traje, mas ficou tossindo por causa da fumaça e da poeira no ar. O ambiente estava mais escuro agora. A explosão devia ter derrubado um dos castiçais, extinguindo a pouca luz que oferecia.

Ele engatinhou pelo chão procurando Ruby e Oscar enquanto piscava para tirar a poeira dos olhos.

Ele encontrou o garrote de Ruby primeiro, o fio emaranhado numa pilha de ossos. Estava coberto de pedrinhas vermelhas no ponto onde tinha afundado na pele de Ruby.

– Cortina de Fumaça? – disse ele. – Assassina Vermelha?

– A-aqui – respondeu Oscar, tossindo.

Um rugido furioso atraiu a atenção de Adrian para cima.

Ace Anarquia não estava mais levitando. Sua veste simples e larga estava coberta de poeira branca, e o tecido ondulou quando ele abriu os braços para os dois lados. Ele estava no centro das catacumbas, o rosto distorcido com uma raiva inexistente momentos antes. A boca se curvou, quase grotesca na expressão de raiva.

Adrian se preparou para um ataque. Esperava que o heliotrópio afiado voasse e tentasse cortá-lo, ou que a bengala de Oscar tentasse bater na cabeça de algum deles, ou mesmo que ele fosse golpeado por mil ossos.

Ele ouviu o som de pedra raspando em pedra.

Adrian se levantou sem saber de onde o barulho estava vindo... até ver a tampa pesada de um dos caixões. Deslizou de cima do sarcófago e se estilhaçou no chão, provocando uma rachadura na pedra.

O queixo de Adrian caiu. Seu coração disparou no peito quando o caixão todo virou primeiro de lado, o peso sacudindo a base comprometida da catedral ao redor. Os ossos de um cadáver com séculos de idade se projetaram de dentro.

Adrian cambaleou um passo para trás. Já tinha ouvido histórias do Ace Anarquia arrancando prédios da base. Derrubando pontes na água. Jogando tanques por vitrines de lojas.

Mas isso foi quando ele estava forte. Foi quando ele tinha o elmo. Foi antes de Max tirar um pouco do poder dele.

Vê-lo controlando uma coisa que devia pesar uma tonelada ou mais, mesmo agora, era apavorante. Ele poderia esmagá-los. Com facilidade.

Só que Ace não estava erguendo a tumba.

Adrian observou o rosto dele de novo. Embora a hostilidade ardesse nos olhos do vilão, também havia esforço lá. Seu rosto estava contorcido de concentração. Os dentes estavam expostos e a pele molhada de suor.

Talvez ele fosse capaz de mover uma coisa pesada como um sarcófago, mas não era fácil.

Com coragem renovada, Adrian o atacou preparando o punho para golpear ao mesmo tempo que o cérebro lutava para formular um plano. Ele e Oscar tinham lutado muitas vezes nos salões de treinamento, mas era raro ter que usar essas habilidades em combate real.

No fim das contas, não importou.

Ace Anarquia olhou uma vez na direção de Adrian e o castiçal caído saiu voando e o atingiu na barriga. Adrian grunhiu e caiu com as mãos no abdome.

Ele rosnou e ergueu o rosto a tempo de ver o caixão rolar mais uma vez.

Ruby e Oscar gritaram e se encolheram para perto um do outro. Adrian viu Oscar passar os braços de forma protetora em volta da cabeça de Ruby momentos antes de o caixão se fechar sobre eles, selando-os lá dentro. Os gritos abafados dos dois continuaram, seguidos de punhos batendo dentro da prisão de pedra.

Ace Anarquia relaxou o corpo, e Adrian o viu tentando recuperar o fôlego.

– Vou cuidar deles depois – disse ele, secando a testa com a manga. Ele olhou para Adrian e inclinou a cabeça, observando-o. Seu olhar cintilou com algo que parecia interesse, talvez até diversão, e Adrian soube que ele o tinha reconhecido. Não sabia bem como. Eles não se conheciam, e Ace Anarquia tinha desaparecido, todos achavam que tinha *morrido*, quando Adrian era criança.

Mas ele estava espreitando o tempo todo. Escondido. Esperando. Protegido pelo Fobia e talvez pelo resto dos Anarquistas. Eles podiam ter dado informações sobre o Capitão Cromo e o Guardiã Terror. Deviam ter contado que eles adotaram o filho da Lady Indomável. Talvez até tivessem levado tabloides e jornais para que ele pudesse ficar informado sobre os inimigos.

– Que intrigante – disse Ace, apertando os olhos em contemplação. – Acho que você conhece minha sobrinha.

Ele abriu aquele mesmo sorriso cruel e levantou os braços acima da cabeça.

Adrian fechou o punho. A tatuagem cilíndrica no antebraço começou a brilhar, quente como lava. Sua pele aqueceu.

As prateleiras atrás dele tremeram, e ele imaginou Ace as derrubando em cima dele. Para esmagá-lo, ou ao menos tentar.

Adrian esticou o punho para Ace. Abriu os dedos.

Mas, antes que pudesse disparar, Ace Anarquia tossiu e caiu sobre um joelho. As prateleiras pararam de tremer.

Adrian hesitou.

Com um rugido ensandecido, Ace bateu com o punho no chão. Ele passou um braço pelo chão e enviou uma onda de ossos voando na direção de Adrian. Ele se protegeu atrás de um braço, mas os ossos só bateram nele de leve, inofensivos.

Ace gritou de novo e lembrou a Adrian uma criança dando um ataque de birra. O vilão se sentou sobre os calcanhares, ofegante e suado. Os olhos, tão calculistas antes, agora só passavam um desespero frenético. Ele balançou os dois braços desta vez, e Adrian ficou parado enquanto o que restava dos ossos o atingiu. Não havia muita força no movimento.

Ace Anarquia tinha se exaurido.

O vilão chiou e se curvou para a frente de novo enquanto enfiava os dedos nas órbitas de um crânio.

– Malditos – gemeu ele. – Malditos vocês e seus Renegados e seu Conselho. *Eles* fizeram isso comigo. Eles me transformaram nisso.

Adrian baixou o braço, embora a tatuagem continuasse quente.

– Você fez isso a si mesmo.

Ace riu.

– Você é um tolo.

– O que você quis dizer quando falou que conheço sua sobrinha?

Ace ficou calmo, a expressão quase arrogante.

– Acredito que você a conhece como Pesadelo. – Ele arreganhou a boca. – Entre outras coisas.

A mandíbula de Adrian tremeu.

– Então sinto muito pela sua perda.

– Não, acho que não sente.

Adrian levantou a palma da mão para o vilão e disparou.

O raio de energia acertou Ace Anarquia no peito. Ele caiu para trás, as pernas virando num ângulo estranho quando ele caiu no mar de ossos, uma das mãos ainda segurando o crânio.

Adrian olhou para o corpo caído com medo do disparo tê-lo matado. A intenção sempre era atordoar e não ferir, mas Ace Anarquia estava mais frágil do que a maioria dos oponentes que Adrian enfrentava. Com ele quieto e imóvel agora, era fácil de ver o quanto ele estava frágil.

Mas, quando Adrian chegou mais perto, ele viu que o vilão estava respirando, ainda que com dificuldade.

Ele se virou para o sarcófago.

– Oscar? Ruby?

– A gente está bem. – A resposta foi abafada. – Ele morreu?

– Não, está inconsciente. Esperem.

Ele acionou o traje de novo, mas, mesmo com toda a força do Sentinela, foi preciso toda a força de vontade que ele tinha para erguer a tumba de cima dos amigos. Eles estavam encolhidos juntos, a pele coberta de poeira, os dedos de Ruby cobertos de pedras. Nenhum dos dois falou nada, mas eles pareceram hesitantes em se separar, mesmo quando estavam livres.

Oscar se levantou lentamente e se encostou na lateral do sarcófago, a respiração em ofegos curtos. Ele esticou a mão, entrelaçou os dedos com os de Ruby e a puxou para perto.

– Você está bem?

Ela olhou para Oscar, estupefata, e assentiu.

– Estou.

Oscar assentiu para ela.

Seus olhos estavam brilhando, os corpos inclinados um na direção do outro, e se Adrian sabia como duas pessoas se preparavam para um beijo, ele tinha certeza de que era daquele jeito.

Ele limpou a garganta alto e os dois deram um pulo, embora os dedos continuassem entrelaçados.

– Ace – disse ele, de forma lenta e clara. – *Anarquia*.

– Certo – disse Oscar, passando a mão pelo cabelo sujo de poeira. – Certo. – Ele pegou a bengala, foi até Ace e cutucou o pé dele. – O que a gente faz agora?

– A gente tem que alertar o Conselho – disse Ruby.

Adrian pensou na destruição causada pela luta.

– Tem razão. Vão ter que levá-lo pra Cragmoor. E ainda não sabemos por que Danna não consegue se transformar. Se ele estivesse com uma das borboletas dela presas...

– Espera – disse Ruby. – Você ainda tem sua caneta?

Adrian franziu a testa, tirou a manopla e deu a caneta para ela.

– Por quê?

– Tive uma ideia. – Ruby se agachou ao lado do Ace Anarquia e começou a escrever uma coisa no crânio na mão dele. Com letras de forma que não eram nada parecidas com a caligrafia curvilínea de sempre, ela escreveu uma mensagem.

CONSIDEREM ISTO UMA OFERTA DE PAZ

–SENTINELA

– Pronto – disse ela, fechando a caneta e a entregando para Adrian com um sorriso satisfeito. – Vamos dizer que a Danna nos trouxe aqui e encontramos isso. Os Renegados precisam saber que você... que o *Sentinela* não é vilão, e que você... ele... você... – Ela fechou os olhos para organizar os pensamentos. – Que *você* devia receber parte do crédito pela captura do Ace Anarquia. Talvez ajude. Quando você contar a verdade.

Adrian abriu um sorriso para ela, mesmo sabendo que ela não conseguia ver.

– Obrigado – sussurrou ele.

– Não tem sinal aqui embaixo – disse Oscar. – Vamos voltar lá pra cima e avisar o Conselho.

Ruby prendeu os pulsos do Ace Anarquia com sua corda, tomando o cuidado para que até a telecinese demorasse para desfazer o nó, só para o caso de ele acordar antes do Conselho chegar, embora Adrian duvidasse disso.

Eles estavam na metade da escada quando os comunicadores apitaram na mesma hora, fazendo todos darem um pulo.

– Mas o que... – Oscar afastou o braço do corpo, desconfiado. – Não tem como eles já saberem disso.

Ruby abriu a mensagem primeiro. Seu rosto ficou pálido.

– Não. Não é Ace. É... – Ela hesitou.

– O quê? – perguntou Adrian, odiando o jeito como ela olhou para ele na escuridão.

– É uma mensagem do Max. Ele disse que a Pesadelo está viva e que está lá, no quartel-general.

O coração de Adrian deu um pulo.

– Pegaram ela!

– Não. Adrian. Max disse que ela está com o elmo do Ace e que ele... ele vai tentar detê-la.

Adrian olhou para ela de boca aberta.

Max?

Max ia tentar detê-la?

Ele passou pelos dois e seguiu pela passagem estreita.

– Vou pra lá. Mandem uma mensagem para meus pais sobre Ace e Pesadelo. Eles vão mandar alguém.

Ele não esperou resposta, só correu até a superfície. Para longe da área destruída. Para o quartel-general.

Para Max e Pesadelo.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



– *M*AX! – GRITOU NOVA.

Voou vidro para todo lado, que ricocheteou no piso do saguão. Pequenos prédios de vidro, carrinhos de vidro, pessoas de vidro e postes e semáforos, tudo caiu no chão e se estilhaçou. Foi uma explosão de poeira e vidro tão grande que tudo cintilou como purpurina. Os ladrilhos brancos lascaram e racharam em todas as direções.

No lugar onde antes ficava a quarentena agora só havia algumas vigas de aço tortas e gesso quebrado.

Onde Max estava...

Nova se levantou. Deu alguns passos irregulares, procurando em meio à destruição, mas não viu sinal dele. O cabelo volumoso, o pijama quadriculado. Seus olhos arderam na nuvem de poeira, provavelmente com pedacinhos de vidro junto, mas ela não conseguiu parar de piscar e olhar e procurar.

Uma cidade destruída. Alguns lustres quebrados. Um piso afundado.

Quando a poeira baixou, ela ouviu um gritinho vindo dos destroços. Demorou um momento para ela ver a criatura deslizando pelo chão. Nova olhou, desorientada, achando no começo que era algum tipo de bebê lagarto.

O velociraptor, percebeu ela com um sobressalto. O dinossauro que Adrian desenhou uma vez na palma da mão dela.

Com o coração disparado, ela se agachou e esticou o lado achatado do pique na direção da criatura, dando-lhe onde subir para poder levá-la para um local seguro.

A criatura guinchou e mergulhou no abrigo de uma viga caída.

A pilha de destroços começou a se deslocar. Alguns pedaços de gesso deslizaram e escorregaram, quase como se estivessem sendo empurrados para o lado, mas ainda não havia sinal de Max.

Ela franziu a testa.

Mais alguns pedaços de vidro tilintaram, e a torre de uma igreja foi esmagada de repente sob um peso invisível.

Nova ouviu um ofego e Max apareceu de repente. Ele gritou de surpresa, franziu o rosto de concentração e sumiu de novo.

– Invisibilidade – sussurrou Nova. Ele tinha invisibilidade. Do Guardião Terror. Claro.

Um fluxo de gelo atingiu o pé de Nova e se enrolou em sua perna. Ela rosnou e golpeou com o pique, quebrando o gelo antes que pudesse segurá-la. Assim que ela soltou o pé, a terra tremeu e a derrubou. Seu quadril bateu no chão e a coxa ferida doeu de forma lancinante. A uma curta distância, uma avalanche de pedaços de vidro caiu na rachadura enorme que dividia o piso, fazendo um ruído exótico. Sismo estava do outro lado, olhando para ela de cara feia.

Os nós dos dedos de Nova ficaram brancos, uma das mãos no elmo e a outra no pique de cromo. Seus olhos avaliaram a destruição. Ainda nenhum sinal de Max, e agora ela também não via Geladura. Gárgula não tinha se movido. Não, não *Gárgula*. Ele era só Trevor Dunn agora, um covarde metido a valentão. Seu corpo grande, mas não mais enorme, estava ajoelhado com desânimo onde Nova o deixou. Ela rosnou, enojada com a autopiedade dele. Por ele ficar caído assim. Desistir.

Ele nunca teve essência de herói.

Nova ficou agradecida pelo pingente de imunidade no pescoço, que a protegia do poder de Max. Mas, mesmo que seu poder fosse arrancado, como quase tinha acontecido uma vez, ela gostava de pensar que lidaria com a questão com bem mais dignidade.

Sismo soltou um rugido e chamou a sua atenção. Ele se apoiou em um joelho e se preparou para bater com as duas mãos no chão.

Com um grito, Nova ergueu o pique acima do ombro e o arremessou com o máximo de força que conseguiu.

Os instintos do Sismo agiram e ele desviou do pique. Voou por cima da cabeça dele e perfurou a placa de INFORMAÇÕES na recepção central. Sismo piscou para Nova. Ele ficou paralisado, mas brevemente, antes que seu rosto se abrisse num sorriso de diversão.

Nova estava com uma de suas invenções na mão. Uma zarabatana... disfarçada de caneta inocente.

Sismo riu.

– Vai escrever uma carta de amor pra mim?

– Seu obituário, quem sabe.

Ela levou a caneta à boca e soprou. O dardo o acertou no peito, bem no coração, no mesmo lugar onde Geladura enfiou o dardo *nela*. Sismo olhou para baixo, horrorizado, enquanto o líquido verde ia entrando no corpo.

– Descanse em paz, Sismo – disse ela com um suspiro exagerado. – Suas habilidades podiam até chegar a 7 na escala Richter... mas a personalidade não alcançava nem o 2.

Sem esperar para ver a reação dele, Nova saiu correndo, os pés escorregando e tropeçando nos montes de vidro e gesso.

Ela estava quase no pé da escada que antes levava à quarentena quando uma das grandes vigas de aço que tinham se soltado com a destruição caiu e bateu na sua lateral. O golpe a jogou na parede e Nova caiu, a cabeça ecoando. Ela abriu os olhos desfocados e viu o elmo a algumas dezenas de centímetros. Embora sua visão estivesse embaçada e os ossos ainda estivessem

vibrando da colisão com a viga, ela se obrigou a se empurrar para longe da parede. E esticar os dedos na direção do elmo.

Mas foi tirado dela, jogado para longe no ar. Nova gritou e foi atrás, mas era tarde demais.

Max gritou de dor de repente e o elmo caiu no meio da quarentena estilhaçada. Ele reapareceu e caiu de joelhos não muito longe. Seu corpo estava coberto de cortes e arranhões, o pijama todo rasgado. As entranhas de Nova se contraíram quando ela o viu tirar um caco de vidro da sola do pé.

Ele jogou o caco ensanguentado para longe com um chiado e esticou a mão de novo. O elmo completou o trajeto e caiu em seus braços.

Ele sumiu no nada de novo. Desta vez, o elmo desapareceu junto.

Nova olhou para o lugar onde ele estava, chocada ao se dar conta de que foi Max que jogou a viga de aço nela. E agora, ele tinha pegado o elmo.

Ele não estava tentando fugir. Ele estava tentando *lutar* com ela.

Mas a invisibilidade não era infalível num ambiente cheio de destroços, e logo ela identificou o caminho de Max conforme ele ia se movendo para a saída de emergência mais próxima. Ele estava tentando tomar cuidado, mas, na pressa, Nova viu a movimentação nos detritos, o vidro movimentado no caos, as manchas de sangue no piso.

Ela deu um impulso na parede e correu atrás dele. Ela não precisava tomar cuidado, e, com a aproximação dela, ele começou a se mover mais rápido. Ela até o ouvia ofegando agora, o pânico aumentando com a aproximação dela.

Ela mergulhou, as mãos esticadas no ar.

Elas encontraram tecido e seguraram com força.

Max deu um grito e apareceu de novo quando os dois caíram na destruição. Novamente, o elmo saiu voando.

Nova deixou Max caído no chão, se levantou e deu um pulo. Caiu em cima do elmo e encolheu o corpo em volta dele, prendendo-o com força antes que Max pudesse usar a telecinese para arrancá-lo de debaixo dela novamente.

– Não! – gritou Max. Uma mesinha voou na direção da cabeça de Nova, mas ela a bloqueou com o cotovelo. Só que o impacto a derrubou no chão com força.

Nova ficou deitada, atordoada por um momento, sem fôlego, coberta de suor. O elmo estava apertado sobre sua barriga. A cabeça estava girando de exaustão e dor.

Mas a saída estava próxima.

Ela estava tão perto.

Não podia falhar estando *tão perto assim*.

Ela buscou nas reservas de força que ainda tinha e se apoiou num joelho, depois no outro. Levantou-se e lutou contra as pernas bambas.

Tinha dado um único passo quando um braço envolveu seu pescoço e a puxou contra um peito sólido.

– Vou te matar – sussurrou Trevor no ouvido dela. – Pelo que você fez comigo, vou te *matar*.

– Entra na fila – disse Geladura. Ela estava parada na passagem mais próxima da saída, bloqueando a possibilidade de Nova fugir. O pique do Capitão Cromo estava na mão dela, coberto por uma camada grossa de gelo branco cintilante.

Nova, sem querer soltar o elmo que segurava nos dois braços, se inclinou para perto do corpo de Trevor, permitindo que ele a sustentasse enquanto seus joelhos ameaçavam ceder.

– Desculpe – disse ela, a voz mais arrastada do que ela gostaria.
– Mas ninguém vai me matar hoje.

Ela segurou o antebraço em volta do seu pescoço e usou o poder nele. O braço dele ficou frouxo e ele caiu para trás, espalhando os detritos com um ruído sólido. Nova cambaleou, se inclinou para a

frente e apoiou uma das mãos no joelho para não desabar no chão, enquanto a outra ainda segurava o elmo.

– O q... quê? – gaguejou Geladura. – Mas você... eu...

– Ah, é, isto – disse Nova, puxando o dardo vazio do peito. – Eu quase tinha esquecido. Parece que não deu certo.

A surpresa da Geladura virou raiva. Gritando, ela segurou o pique com as duas mãos e partiu para cima de Nova, uma cavaleira de justa prestes a empalar a oponente.

Nova desviou para o lado. O pique passou a centímetros dela.

Um ofego, horrorizado, chocado, sugou o ar do saguão.

Nova se virou a tempo de ver Max aparecer de novo. Genissa estava mirando no coração de Nova, mas Nova desviou, e Max... Max estava logo atrás dela. Aproximando-se sorrateiramente. A mão ainda estava esticada, tentando pegar o elmo da mão dela.

A lança de cromo estava enfiada nele.

Um grito escapou da boca de Nova e partiu o ar. Ela não pôde fazer nada quando Max cambaleou para trás. A mão pousou no pique que saía do abdome. Seus olhos estavam arregalados, o rosto contorcido em choque.

Ele caiu de joelhos.

– Não – disse Geladura, a voz carregada de pânico. – Não, não, não! – Ela soltou a lança e cambaleou para trás. Suas pernas tremeram e ela caiu, e começou a se empurrar para trás com os calcanhares, para longe do garoto. – Não! Você não pode pegar!

E Nova se deu conta de que ela não estava preocupada com Max.

Ela estava com medo porque sentiu o Bandido roubando seus poderes.

Ignorando Geladura, Nova se abaixou ao lado de Max. O elmo caiu ao seu lado. O pingente de ferro estava quente no esterno dela.

– Você está bem. Vai ficar...

Ela parou de falar. O ferimento em volta do pique estava azul, produzindo cristais.

Gelo.

– Tira... daí... – disse Max, ofegante, fechando a mão no pique. Seus olhos estavam arregalados e as bochechas estavam molhadas.

– Não, não tira – disse Nova. – Está estancando o sangramento. Se a gente...

– Tira – disse ele de novo, com mais insistência. O gelo estava congelando o pique.

Nova engoliu em seco. Ele tinha assimilado um pouco do poder da Geladura. Talvez...

– *Por favor* – suplicou ele.

– Tudo bem – disse ela, a voz tremendo quando ela pegou o pique. – Isso vai doer. Desculpe.

Ele olhou para o nada. Não falou nada. Mas, quando Nova puxou o pique do corpo, o grito dele congelou suas veias.

O pique saiu e ele caiu para o lado com o pijama encharcado de sangue. As mãos de Nova tremeram quando ela pegou o unguento e as ataduras no cinto, mas, quando enrolou a barra da camisa de Max, ela viu que o ferimento estava sendo coberto rapidamente por cristais de gelo. Ele mesmo estava estancando o sangramento. Ela se perguntou se ele sabia que estava fazendo aquilo. Os olhos dele tinham se fechado, o rosto estava branco como os ladrilhos quebrados ao redor. O corpo de Max podia estar agindo por instinto, usando os poderes que ele tinha começado a assimilar da Geladura para anestesiá-lo e parar o sangramento.

Não o salvaria, mas se pudesse protegê-lo até ele ter ajuda...

Nova levantou a cabeça. Geladura tinha desmaiado e parecia estar apenas parcialmente consciente, mas Sismo estava lá, os braços em volta da cintura da Geladura, arrastando-a para longe de Max.

Nova não pensou antes de pegar o pique ensanguentado e partir para cima deles. Sismo, sobressaltado, largou Geladura e se preparou para o ataque de Nova.

Mas o Agente N tinha agido e ele não tinha mais poderes. E, sem seus poderes, ele não tinha ideia do que fazer.

Nova pulou para a frente, preparando-se para bater com o pique na têmpora dele. Ele se encolheu e levantou as mãos em uma tentativa patética de se defender.

Nova parou o movimento do pique a um centímetro da cabeça dele.

Ela baixou a arma e encostou o indicador na testa de Mack Baxter. Ele caiu.

Ela se virou para Geladura. A garota estava de quatro, tentando engatinhar para longe do Bandido. Nova apontou a ponta do pique para o nariz dela. Geladura parou.

– Volta – rosnou Nova. – Você vai dar seu poder pra ele. Todo.

Geladura ergueu o olhar, mas mais nada.

– De jeito nenhum.

Nova rosnou. Max estava morrendo. *Morrendo*. E ela não se importava se ele era um Renegado, um Everhart, o *mesmo prodígio* que tirou o poder do Ace e o arruinou quase dez anos antes. Era o Max, e ela não o deixaria morrer.

– Pode ser a única coisa capaz de salvá-lo.

– É meu – rosnou Geladura.

– Tudo bem – disse Nova. – Eu te dei a oportunidade de ser nobre. – Ela esticou a mão, botou os dedos embaixo do queixo da Geladura e segurou o pescoço. Um gemido de sobressalto escapou da garota e, por um segundo, ela lutou para se soltar.

Mas caiu inerte. Adormecida.

Nova a colocou ao lado de Max. Não sabia avaliar com que rapidez ele estava absorvendo os poderes de Genissa, mas as formações de gelo acima do ferimento começaram a se adensar.

Ela achou que ele estivesse inconsciente, mas seus olhos se abriram e a encararam. Ela não sabia dizer se havia reconhecimento neles, mas sabia que havia uma pergunta.

Por que ela o estava ajudando? Já estava com o elmo. Por que ainda estava lá?

– Fica longe dele!

Ela levantou a cabeça. Sua pulsação acelerou.

O Sentinela estava logo depois da entrada principal, a armadura iluminada pelo luar refletido na porta de vidro.

Nova se levantou. Seu coração parecia frágil, seu corpo à beira de um colapso. Mas sua mente estava apurada de novo, depois de ter sido despertada quando o pique foi enfiado em Max, e ela já estava avaliando suas opções.

O pique estava bem próximo.

O elmo estava no chão, atrás dela.

Havia mais um dardo na arma do cinto e ainda havia mais dois dispositivos que liberariam gás, embora ela não tivesse certeza se o gás penetraria no traje.

Nova tinha uma quarentena destruída, três ex-prodígios inconscientes e Max... morrendo aos seus pés.

– Eu falei – rosnou o Sentinela, o braço direito começando a se acender –, fica longe dele.

Nova deu um passo para trás. Seu calcanhar tocou no elmo.

Por mais que desprezasse o Sentinela e toda a sua superioridade fingida e seu egocentrismo e o jeito como ele a assombrava como um perseguidor obcecado, Nova tinha certeza de que sabia uma coisa sobre o justiceiro.

Ele era capaz de coisas boas.

Coisas heroicas.

Como salvar garotos de 10 anos quando eles estavam morrendo.

Ela deu outro passo para trás.

O Sentinela ergueu o braço. O raio de energia foi na direção dela. Nova se abaixou, conseguindo desviar por pouco, e pegou o elmo no chão.

E saiu correndo.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



LE QUERIA IR ATRÁS dela.

E Uma parte enorme e furiosa dele queria ir atrás dela. Arrancar a máscara, fazê-la encará-lo, olhar nos seus olhos, dizer para ele por que faria aquilo. Por que destruiria a casa de Max, a cidade de vidro e por que o atacaria depois... uma criança! Que objetivo... Qual era a motivação...

Mas ele não foi atrás dela.

Em parte porque ele já sabia a verdade.

Max ajudou a derrotar Ace Anarquia, e agora Pesadelo tentou se vingar dele.

E ele não foi atrás dela porque...

Porque...

– Max – disse ele, o nome engolido por um soluço. Ele caiu de joelhos ao lado do corpo de Max e se esforçou para lembrar o treinamento que fez. Como lidar com vários tipos de ferimentos para poder manter os companheiros vivos até que um curandeiro chegasse.

Mas ele nunca tinha visto aquilo.

A camiseta de Max já tinha sido empurrada para cima e revelava um corte fundo embaixo das costelas. Havia sangue, mas também

havia gelo. Flocos de gelo branco frágil cobrindo a pele e formando uma barreira protetora sobre o ferimento.

Roubados de Genissa Clark, sem dúvida.

Mas, mesmo com o gelo, o sangue embaixo do corpo de Max estava grudento e denso. O ferimento era fundo e podia ter perfurado um órgão: um rim, o estômago, o intestino.

Quanto tempo ele tinha?

Os braços de Adrian tremeram quando ele os passou embaixo do corpo de Max o ergueu com o máximo de cuidado que conseguiu ter.

Pesadelo tinha ido embora. Apesar da sua raiva, ele nem se lembrava direito da saída dela. Só havia o Max. Cujas pele parecia fina como um lenço de papel. Cujos peitos mal subiam e desciam a cada respiração.

Ele segurou o garoto junto ao corpo e saiu correndo do prédio. Foi para rua, onde já dava para ouvir as sirenes se aproximando. O Conselho, o resto dos Renegados souberam do ataque da Pesadelo. E correram para a cena do crime.

Mas era tarde demais.

Adrian só esperava não ser tarde demais *para ele*.

Ele deu as costas para as sirenes e saiu correndo.

Não... voando.

Os curandeiros estavam todos no baile. *Todo mundo* estava no maldito baile e o hospital ficava a dez quilômetros de distância, e Adrian não conseguia pensar em nada além do sangue que tinha nas mãos e da respiração fraca de Max sacudindo o peito magro e o fato de que nem todos os pontos que ele pudesse desenhar seriam capazes de impedir que a vida dele se esvaísse.

O gelo tinha feito com que ele ganhasse tempo, mas ele estava morrendo mesmo assim. Max estava *morrendo*.

E o hospital ficava a dez quilômetros de distância.

Adrian nunca se moveu tão rápido na vida. Seu mundo se tornou um túnel escuro e estreito. Ele só via obstáculos: os prédios no

caminho e as ruas lotadas de trânsito. Só via o hospital esperando no alto da colina, longe demais, chegando mais perto, mais perto, conforme ele seguia de terraço de prédio a saída de incêndio, de torre de água a passarela. O tempo todo ele ficou segurando o corpo de Max com tanta força que sentia a leve vibração dos batimentos cardíacos do menino, mesmo pela armadura. Não, ele devia estar imaginando. Ou talvez fossem seus próprios batimentos, erráticos e desesperados.

Havia vento e o som forte de botas em concreto. Outro salto, outro terraço, outro prédio, outra rua borrada lá embaixo e o hospital... cada vez mais perto, mas nunca o suficiente. *Não morra, agente firme, estamos quase lá, vou te levar lá, não morra.*

De repente, ele *chegou*, uma vida tendo se passado em minutos (segundos?) desde que ele saiu do quartel-general. Ele estava indo tão rápido que a porta automática não teve tempo de registrar sua chegada e ele passou direto, protegendo o corpo de Max da melhor forma possível na hora que o vidro se estilhaçou.

Ofegos e gritos. Corpos pulando para longe do famoso prodígio que entrou na área de espera da sala de emergência.

Um homem de uniforme saiu de trás de uma mesa.

– Um médico, rápido! – gritou Adrian.

O recepcionista ficou só olhando.

– **AGORA!**

O homem engoliu em seco e esticou a mão para um botão.

Adrian se agachou, segurando Max para longe do corpo para poder examiná-lo. Ele tentou ignorar as roupas cobertas de gelo do garoto e a mancha de sangue que tinha secado num lado do rosto. Foi a palidez da pele que mais o apavorou, além do fato de que Adrian mal via o peito do menino se movendo, até não conseguir ver movimento nenhum.

– *Por que está demorando tanto?* – gritou ele na hora que uma porta dupla se abriu e um homem e uma mulher de uniforme de enfermagem apareceram empurrando uma maca. Outra mulher veio

atrás calçando luvas de látex. Seu olhar foi para Max, desprovido de emoções e avaliando o sangue e o gelo.

– Coloquem ele na maca – disse ela. – Com delicadeza.

Adrian ignorou os enfermeiros que pareciam querer tirar Max dele, o carregou até a maca e deitou o corpo dele da forma mais cuidadosa que conseguiu. Parecia que ele estava entregando seu coração.

A enfermeira colocou a palma da mão no peito do traje de Adrian ignorando as manchas de sangue. Seu olhar foi até o *S* vermelho. Era um *R* quando ele desenhara o traje, mas ele mudou a letra depois que Espinheiro o jogou no rio. Não havia mais sentido em fingir que o Sentinela era um Renegado.

– Sinto muito, mas você não pode entrar...

O enfermeiro ofegou. Uma coisa caiu. A médica caiu sobre a maca, a respiração pesada quando ela apertou a mão enluvada no peito.

Adrian soltou um palavrão e empurrou a enfermeira para longe.

– Prodígio, não! – gritou ele. Adrian segurou a médica, puxou-a para longe da maca e a arrastou para o outro lado da área de espera antes que alguém pudesse impedi-lo. – Não pode ser uma curandeira prodígio. Ele precisa de médico... de médico *comum*!

O enfermeiro parou ao lado do corpo inconsciente de Max, atordoado. Todos estavam mudos, os enfermeiros, recepcionistas, pacientes e familiares na sala de espera. Todos olhando para Adrian como se ele tivesse perdido a cabeça.

– Não pode ser prodígio? – gaguejou o enfermeiro. – O que você quer dizer quando diz que não quer um curandeiro prodígio?

– Só obedece! – O pânico sacudiu seu crânio até ele não conseguir mais enxergar direito, pensar direito, respirar direito. – Não tem nenhum médico civil?

– Não na emergência! – gritou o recepcionista, como se um pedido daquele fosse a definição de inconcebível.

– Então arruma algum em outro lugar! – gritou Adrian. – Anda!

A médica enfraquecida foi levada para longe. Lágrimas quentes e furiosas borravam a visão de Adrian. *Rápido, rápido, por que eles estavam demorando tanto...*

Seus pensamentos congelaram. Uma percepção o atingiu como uma bala.

Eles *poderiam* usar um médico prodígio... se o médico fosse imune. Se Adrian estivesse com o Amuleto da Vitalidade.

Mas ele o tinha dado a Simon. Estava em casa, ou Simon estava com ele, e embora os pensamentos de Adrian girassem com desespero, ele não conseguia pensar em como poderia encontrá-lo e levá-lo para o hospital a tempo de fazer diferença.

Um médico novo se aproximou da maca e começou a gritar ordens. Um segundo depois, Max foi levado pelos corredores amarelos estéreis do hospital. Adrian não conseguia mais detectar a respiração dele.

– Salvem ele – gritou ele em súplica. – Por favor. Façam o que tiverem que fazer. Mas salvem ele.

Talvez tivesse sido seu tom, ou talvez a visão do sangue de Max. Fosse como fosse, a expressão frenética do médico revelou algo quase gentil. Mas logo ele se virou e as portas se fecharam, fizeram o vaivém algumas vezes e pararam.

Adrian se virou para o recepcionista. E reparou pela primeira vez que todo mundo no aposento tinha ido para longe dele e para perto das paredes.

– Olha – disse ele –, aquele garoto é um Renegado, tutelado do Capitão Cromo e do Guardião Terror. Eles *têm* que salvá-lo.

O recepcionista inspirou fundo.

– Nós somos profissionais, senhor. Eles vão fazer tudo que puderem.

Adrian murchou os ombros e se afastou. Toda a sua força o abandonou, e ele desabou num banco próximo. O banco gemeu com o peso do traje.

Adrian sabia que estava sendo observado. Todo mundo na sala de espera estava olhando para ele tentando decidir se devia sentir medo, se devia alertar os Renegados... se já não tivessem feito isso.

Ele não ligava para o que decidiriam sobre ele e nem quem fosse prendê-lo. Adrian caiu de joelhos e segurou as laterais do elmo com as duas mãos. A armadura parecia um muro ao seu redor separando-o do mundo. Ele tinha construído aquele santuário para si, e agora estava sozinho com seus pensamentos, seus medos e as lembranças confusas e caóticas de tudo que tinha acontecido.

Ele estava tremendo, e sua mente voltou à raiva porque era a emoção mais fácil de aceitar no momento. Raiva de si mesmo por não ter ido mais rápido. Raiva da Pesadelo por ousar atacar uma criança. *Só uma criança*. Raiva do hospital por não estar preparado, por demorar a chamar um médico para ajudar. Mais raiva ainda de si mesmo por não estar com o medalhão para que a primeira curandeira pudesse ter feito alguma coisa.

Seus pensamentos voltaram para Nova e como ela acreditava que a sociedade contava demais com os prodígios. As pessoas esperavam que houvesse um Renegado por perto para ajudar sempre que precisava. Para resolver todos os problemas para elas.

Talvez ela estivesse certa. Talvez eles dependessem demais dos super-heróis. E se essa dependência custasse a vida de Max?

A lembrança voltou com tudo, agonizante e intensa. Pesadelo agachada ao lado do corpo de Max, as mãos cobertas com o sangue dele.

Adrian dobrou os dedos de raiva.

Por que ela não enfraqueceu com o poder dele? Não fazia sentido.

Ele descobriria. Desvendaria os segredos dela de uma vez por todas. Sobre Max. Sobre o elmo. Sobre o que ela sabia do assassinato da mãe dele.

Depois, ele a encontraria e a aniquilaria.

Ele ouviu uma agitação do lado de fora e se levantou. Havia sirenes tocando, o som familiar das patrulhas de Renegados chegando.

Ele olhou para uma porta próxima que levava a uma escada.

Simon e Hugh apareceriam por causa de Max, e Simon daria o medalhão para o curandeiro que precisasse. Eles podiam explicar o significado e a natureza da habilidade de Max.

Max não precisava mais da presença de Adrian, e ele não estava pronto para aquele confronto.

Ele viu luzes piscando pela porta quebrada, e o Capitão Cromo e o Guardião Terror estavam correndo na direção dele. O resto do Conselho não estava lá e, em meio à confusão, Adrian se lembrou do Ace Anarquia, inconsciente nas catacumbas.

Adrian fechou os punhos, correu pela porta mais próxima e subiu pela escada na direção do telhado.

Ele não poderia guardar seu segredo por muito tempo. Haveria consequências para todas as escolhas que ele tinha feito e para todas as regras que tinha violado.

Mas, agora, o Sentinela ainda tinha um trabalho a fazer.

Pesadelo estava viva e precisava ser detida.

Ele não abriria mão do Sentinela enquanto ela não fosse destruída.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



FOBIA OS ESTAVA ESPERANDO do lado de fora da casa de Wallowridge. E toda a animação e euforia que os dominou durante o trajeto sumiu com quatro palavras simples.

Os Renegados pegaram Ace.

O coração de Nova se apertou. Ela não acreditou, não conseguiu acreditar. Fobia contou tudo para eles e a comemoração acabou.

Leroy ligou o rádio do carro e todos ficaram parados, ouvindo, sem querer acreditar.

Os jornalistas estavam fora de si, falando um milhão de quilômetros por minuto, repetindo cada detalhe trivial da captura. O fato de que o Ace Anarquia ainda estava vivo foi um choque para eles, e saber que ele tinha sido encontrado e preso... não pelos Renegados, embora uma unidade de patrulha tivesse chegado para levar o vilão até o quartel-general.

Não. Ace tinha sido capturado pelo Sentinela.

Só de pensar no nome dele, a pele de Nova se arrepiava de ódio.

Finalmente, quando não puderam mais negar a verdade dos relatos, eles entraram pela porta da casa tomados de descrença.

Mel passou direto por Nova e subiu pelos degraus barulhentos e irritados. A porta do quarto bateu e, segundos depois, Nova ouviu o

choro começar. Pela primeira vez, Nova não pôde descartá-los como o gosto da Mel por melodrama.

– Você agiu bem hoje, pequena Pesadelo – disse Leroy, colocando a mão no ombro de Nova.

Ela não respondeu, e em pouco tempo ele também subiu a escada até o quarto. A porta se fechou nas dobradiças barulhentas.

Fobia ficou um momento mais, sua presença assombrando os cantos da sala. Ele não disse nada. Pela primeira vez, Nova não tinha medos sobre os quais ele poderia comentar.

Todos os piores medos dela tinham se tornado realidade.

Os Renegados estavam com Ace. Apesar de tudo, ela havia fracassado.

Finalmente, ele também sumiu, transformando-se em um bando de morcegos e saindo voando pela porta, que bateu em seguida e sacudiu a casinha frágil.

Nova ficou parada perto da entrada, olhando.

Para o papel de parede estampado extravagante.

Para a mobília comida por cupins.

Para o nada que era para ser a casa dela.

O elmo pendia de uma das mãos dela, os dedos enfiados nos buracos dos olhos como se fosse uma bola de boliche. Não parecia mais leve e discreto, e, quando as sombras abriram caminho aos poucos para a luz difusa do amanhecer, Nova deixou o elmo cair.

Bateu no tapete de forma anticlimática e rolou para baixo da mesa de centro.

Nova soltou o ar, trêmula.

Ela havia fracassado.

Ace foi capturado. Ace não estava mais livre.

Uma notificação soou na casa silenciosa, sobressaltando Nova e a arrancando dos pensamentos. Seu comunicador. Ela o encontrou na cozinha. Sua mão estava tremendo quando ela o pegou e olhou as incontáveis mensagens de Adrian e do resto da equipe, e até um

comunicado global enviado pelo Conselho confirmando a verdade dos relatos da imprensa.

Ace Anarquia está vivo e preso.

O Sentinela foi responsável pela captura dele.

A identidade do Sentinela permanece desconhecida.

As mensagens mais recentes eram sobre Pesadelo, também confirmada viva, e o roubo do elmo do Ace Anarquia e a destruição sofrida pelo quartel-general.

As mensagens não diziam nada sobre Geladura e a equipe dela.

Não diziam nada sobre Max.

Nova leu os alertas sobre Pesadelo com mais atenção, tentando determinar se tinha sido descoberta ou não. Não tinha se preocupado muito em manter a própria identidade escondida naquela noite por acreditar que, no fim dela, Ace teria o elmo de volta e sua mentira como Renegada acabaria.

Agora, ela não conseguia imaginar o que aconteceria em seguida. Quanto tempo levaria até que a descobrissem?

Ela pensou na borboleta de Danna, ainda presa no pote no andar de cima. Se algum dia escapasse, o segredo de Nova seria revelado. E havia mil outras mentirinhas se acumulando em torno dela. Mil sinais apontando para Nova. Para Pesadelo.

Quanto tempo tinha até que eles soubessem?

Até que Adrian soubesse.

Ela largou o comunicador na mesa e apoiou as palmas das mãos nas costas de uma cadeira. Com os olhos fechados, inspirou fundo. Contou até dez. Expirou.

Em seguida, subiu para trocar de roupa. Mel não falou, e ela também não quando tirou o traje da Pesadelo, coberto de sangue e suor e de pequenos estilhaços de vidro.

Ela botou a máscara na penteadeira ao lado da borboleta de Danna.

Não conseguia olhar nem para uma e nem para a outra.

Nova tinha que libertar Ace. Era a única coisa que importava. O pensamento lhe deu vontade de chorar, mas ela engoliu o choro. Porque, se era isso que tinha que ser feito, era o que ela faria. Ela não reclamaria de todo o trabalho e planejamento que tinha feito para aquela noite. Não pensaria em como tudo se perdeu. Não sentiria pena de si mesma.

Ela ergueria o queixo. Continuaria lutando.

Nova desceu a escada e deixou Mel sozinha. Todos queriam ficar sozinhos. Nova se sentou à mesa da cozinha e olhou para o vaso de flores mortas, o coração partido.

Não podia ter sido por nada. Ela não permitiria que os Renegados vencessem. Não permitiria que o Conselho perpetuasse suas mentiras, suas promessas falsas.

E não seria vencida pelo Sentinela.

Uma batida na porta a fez pular. Ela se levantou e olhou para a porta, o coração na garganta. Esperou que a porta fosse derrubada pelas forças de um exército de super-heróis. Imaginou o punho do Capitão Cromo quebrando a porta, deixando-a em lascas, ou a onda da Tsunami entrando pela janela e inundando a casa.

Mas o único ataque foi uma segunda batida à porta, mais determinada agora.

E a voz do Adrian:

– Nova, sou eu. Sei que você está acordada. Me deixa entrar.

Sua saliva ficou densa na boca.

Adrian.

O doce, lindo e brilhante Adrian Everhart.

Ele sabia. Devia saber. Como ela poderia olhar na cara dele? Como aguentaria ver a expressão nos olhos dele quando ele exigisse que ela falasse a verdade? Quando a desafiasse a mentir de novo?

– Nova? Você está em casa?

Ela olhou para o elmo.

Ela atravessou a sala, pegou o elmo no tapete imundo e passou alguns segundos girando em círculos aleatórios tentando pensar em onde escondê-lo. Decidiu usar o armário de casacos e enfiou o elmo no meio do casaco impermeável de Leroy e das peles de Mel.

Depois de inspirar fundo, Nova foi até a porta e segurou a maçaneta. No andar de cima, os soluços de Mel tinham parado. A casa toda parecia deserta.

Ela abriu a porta.

Adrian estava em petição de miséria. A gravata-borboleta tinha sumido e a camisa social estava amassada e com manchas de sujeira. Seu olhar grudou no dela, assombrado e exausto.

Mas não com acusação.

Ela nem ousou ter esperanças.

– Posso entrar? – pediu ele, quase dócil.

Ela lambeu os lábios com a língua que mais parecia uma lixa e chegou para o lado.

Ele passou por ela e foi direto para a cozinha. Nova prendeu o ar quando ele passou pelo armário. A fechadura, que nunca se fechava com firmeza, soltou um clique. A porta se abriu alguns centímetros.

Adrian não reparou. Seus movimentos estavam lentos quando ele puxou uma cadeira e desabou nela.

– Desculpe – disse ele quando Nova chegou lá. Ela ficou parada na porta, apavorada. Com medo de Mel emitir algum som. Com medo de algumas das abelhas descenderem a escada voando e começarem a andar pelos armários. Com medo da melancolia de Adrian ser fingida com a intenção de fazê-la sentir uma segurança falsa. – Eu sei que não posso ficar aparecendo aqui, mas... eu preciso falar com alguém e sabia que você estaria acordada e... – A voz dele falhou, e ela reparou nas olheiras roxas debaixo dos olhos, quase escondidas pela moldura dos óculos.

A noite tinha sido longa para os dois.

– Desculpe – disse ele novamente. – Como está seu tio?

O coração de Nova se apertou.

Ele foi capturado. Aprisionado. Tirado dela.

Mas ela se lembrou da desculpa que tinha dado para Adrian quando estava indo embora do baile: que o tio não estava se sentindo bem e ela precisava dar uma olhada nele.

– Bem – gaguejou ela. – Ele está bem.

Adrian ficou em silêncio por muito tempo. Seu olhar estava grudado nela, e Nova não conseguiu entender o que o olhar queria dizer. Ele a estaria inspecionando em busca da verdade? Procurando sinais da Pesadelo?

– Você soube? – perguntou Adrian. – Sobre... o Ace Anarquia? E a Pesadelo?

Ela tremeu.

– Eu estava olhando minhas mensagens. É verdade?

Ele assentiu. Cruzou as mãos e se inclinou sobre os joelhos para olhar o piso de linóleo rachado.

– É verdade, sim. A gente pegou o Ace, mas ela escapou e... levou o elmo. – Uma gargalhada amarga saiu da sua boca. – Eu devia ter te ouvido, Nova. Nós todos devíamos ter ouvido. Você tentou nos dizer que o elmo não estava seguro, mas meus pais... nós fomos tão arrogantes. E agora... agora está com eles.

Nova enfiou os dedos na própria coxa para não olhar por cima do ombro. Na direção do armário.

– Mas nós estamos com o Ace Anarquia – disse Adrian. – Já é alguma coisa. – Ele levantou a cabeça e olhou com expressão vidrada para a parede. – Ruby e Oscar estavam lá quando o Conselho foi buscá-lo. Eles disseram que já estavam planejando a neutralização dele, publicamente, quando revelarem o Agente N para o mundo. Ele vai ser o exemplo de como o Agente N é necessário e do que é capaz de fazer.

– Quando? – sussurrou Nova. – Quando isso vai acontecer?

– Não sei. Duvido que esperem muito.

O queixo dele começou a tremer e Nova ficou tensa.

– Você soube... você sabe sobre o Max?

A voz dele falhou e o sangue de Nova ficou gelado. Ela viu Max de novo, a lança de gelo perfurando sua pele, o sangue cobrindo o chão.

Ele estava morto. Ele estava morto. Ele estava morto.

E era sua culpa, ao menos em parte. Sua culpa.

– Não – sussurrou ela, sem querer ouvi-lo dizendo. Sem querer saber a verdade.

Adrian esticou os braços e Nova não conseguiu resistir à atração. Ela foi até ele, e ele passou os braços por sua cintura e escondeu o rosto em sua barriga. Lágrimas surgiram nos olhos de Nova e, embora seu corpo tentasse se rebelar contra a intimidade do toque, ela não conseguiu resistir ao impulso de aninhar a cabeça e os ombros dele, de abraçá-lo com força.

– Ele está no hospital – disse ele, quando as lágrimas começaram com força. – Ela tentou matar ele. A Pesadelo tentou matar ele.

Hospital.

Tentou.

– Ele...?

– Não sei. Não sei. Mas ele tem que viver. Ele tem que ficar bem. Se acontecer alguma coisa com ele... – Suas palavras se dissolveram. Nova o abraçou, sentindo a umidade das lágrimas dele na blusa, o tremor dos ombros debaixo dos dedos.

– Ele vai ficar bem – disse ela, se obrigando a acreditar também.
– Vai ficar tudo bem.

– Eu vou acabar com ela. Vou encontrar a Pesadelo e vou acabar com ela. – Ele fechou os dedos nas costas da camisa de Nova, segurando o tecido nas mãos. – Nova... você me ajuda?

Nova fez uma careta e virou a cabeça para a sala. Pela porta, ela viu o cantinho do armário de casacos. A madeira velha da soleira. O tapete gasto e até quase o piso logo embaixo.

– Claro que sim – ela se ouviu dizer enquanto olhava para os olhos vazios do elmo do Ace Anarquia, que a encarava das sombras.

AGRADECIMENTOS



UM DOS TEMAS QUE começou a aparecer neste livro quando eu estava revisando as múltiplas versões é que a maioria das coisas na vida fica melhor quando podemos apreciá-las na companhia das pessoas que amamos. Escrever um livro não é diferente. Assim como não tem *eu* em *herói*, não tem *eu* em *livro*! Sou eternamente grata por ter tanta gente na minha vida que me guiou e apoiou nessa jornada.

A primeira pessoa a quem preciso agradecer é a minha editora, Liz Szabla, que viu as possibilidades na história de Nova e de Adrian antes até de mim e me levou a mergulhar mais fundo nesse mundo e nos personagens. Este livro e essa trilogia são muito mais agora graças a seu encorajamento e à sua visão. (Literalmente... tem centenas de páginas a mais!) E, claro, agradeço todo o trabalho árduo de todo mundo do Time Meyer na Macmillan Children's: Jean, Mary, Jo, Mariel, Allison, Rich, Caitlin, assim como de minha maravilhosa copidesque, Anne Heausler, e a tantas outras pessoas que trabalham nos bastidores para ajudar a trazer este livro e incontáveis outros ao mundo. Tenho tanta sorte de ter vocês na minha quadra.

Para a equipe fabulosa da minha agência – Jill, Cheryl, Katelyn e Denise –, que são não só defensoras, conselheiras e torcedoras, mas também grandes amigas. Não consigo nem começar a

expressar como sou feliz de conhecer vocês e de trabalhar com vocês.

Agradeço à minha intrépida leitora beta, Tamara Moss, cujas críticas atenciosas são *quase* tão apreciadas quanto vinte anos de amizade e companheirismo. Você me torna uma escritora melhor, e, por isso, não tenho como agradecer o suficiente.

Agradeço a Joanne Levy, minha assistente profissional, por um milhão de coisas diferentes. Não sei como eu conseguiria cumprir meus prazos sem você!

Devo um agradecimento especial a Laurel Harnish, cujo design de personagens durante uma competição de *Renegados* serviu de inspiração para Callum Treadwell (Maravilha). Eu me apaixonei perdidamente por Callum e seu poder inspirador, e espero que vocês também!

Um agradecimento gigantesco vai para o dr. Tyler DeWitt por ter a delicadeza de revisar o Capítulo 23 e dar dicas sobre o processo de eletrólise e revestimento de metais. (Nova teria morrido de vergonha se eu tivesse errado!) Os vídeos sobre ciências do Tyler são tão divertidos quanto informativos, e recomendo que sejam vistos no YouTube ou em <https://www.tdwscience.com/>

E, claro, ao meu marido, Jesse, às nossas duas filhas cheias de vida, Sloane e Delaney, e a toda a minha família e amigos pelo apoio incansável, encorajamento e amor.

Título original
ARCHENEMIES
Book Two of The Renegades Trilogy

Copyright do texto © 2018 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends Book,
um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
THAÍS LIMA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: junho, 2021.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56a

Meyer, Marissa, 1984-

Arqui-inimigos [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2021.

recurso digital

Tradução de: Archenemies

ISBN 978-65-5595-072-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Super-heróis. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

21-70706

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A AUTORA



MARISSA MEYER é autora da série Crônicas Lunares: *Cinder*, *Scarlet*, *Cress*, *Winter*, *Levana* e *Stars Above*, e também dos bestsellers do *The New York Times* *Sem Coração* e *Renegados*, primeiro livro da trilogia.

VALE TUDO NO AMOR
E NA GUERRA

SUPERNOVA



MARISSA MEYER
AUTORA BESTSELLER #1 DAS SÉRIES
CRÔNICAS LUNARES E RENEGADOS

Rocco
DIGITAL

SUPERNOVA

Tradução de Regiane Winarski

MARISSA MEYER

Rocco
DIGITAL

Para o tio Bob, que me ajudou a ser eu mesma.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Lista de personagens

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco

Capítulo quarenta e seis

Capítulo quarenta e sete

Capítulo quarenta e oito

Capítulo quarenta e nove

Capítulo cinquenta

Capítulo cinquenta e um

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

LISTA DE PERSONAGENS



OS RENEGADOS

RABISCO – Adrian Everhart

Consegue dar vida aos seus desenhos e artes

MONARCA – Danna Bell

Transforma-se em um enxame de borboletas-monarcas

ASSASSINA VERMELHA – Ruby Tucker

Quando ferida, o sangue se cristaliza em forma de armas; sua marca registrada é um gancho feito de heliotrópio

CORTINA DE FUMAÇA – Oscar Silva

Conjura fumaça e vapor

BANDIDO – Max Everhart

Absorve o poder de qualquer prodígio próximo; passou a maior parte da curta vida em quarentena

MARAVILHA – Callum Treadwell

Eternamente otimista; pode alterar a percepção dos outros preenchendo-os com uma sensação de assombro

GELADURA – Genissa Clark

Cria armas de gelo a partir de moléculas de água no ar

OS ANARQUISTAS

PESADELO – Nova Artino

Nunca dorme e pode fazer os outros dormirem com um toque

ACE ANARQUIA – Alec Artino

Líder dos Anarquistas e vilão mais temido do mundo; já foi o telecinético mais poderoso da história; também é tio de Nova

FOBIA – nome verdadeiro desconhecido

Transforma o próprio corpo e sua foice na personificação de vários medos

TITEREIRO – Winston Pratt

Transforma crianças em marionetes indefesas que fazem o que ele quer

ABELHA-RAINHA – Mel Harper

Exerce controle sobre todas as abelhas e vespas

CIANETO – Leroy Flinn

Gera venenos ácidos pela pele; também é um químico talentoso

CONSELHO DOS RENEGADOS

CAPITÃO CROMO – Hugh Everhart

Tem superforça e é capaz de gerar armas de cromo; é supostamente invencível

GUARDIÃO TERROR – Simon Westwood

Consegue ficar invisível

TSUNAMI – Kasumi Hasegawa

Gera e manipula água

PÁSSARO DO TROVÃO – Tamaya Rae

Gera trovões e relâmpagos; é capaz de voar

LUZ NEGRA – Evander Wade

Cria e manipula luz e escuridão

CAPÍTULO UM



TODO MUNDO tem pesadelos.

Nova tinha quase certeza de que seu pior pesadelo era entrar no quartel-general dos Renegados usando o uniforme de patrulha dos Renegados menos de 24 horas depois que seu alter ego tinha se infiltrado no prédio, roubado a arma mais perigosa de todos os tempos, tirado os poderes de três Renegados usando seu estoque roubado da substância conhecida como Agente N, começado uma briga que destruiu a maior parte do saguão do prédio e testemunhado Max Everhart quase morrer sangrando em meio ao vidro estilhaçado da sua cela de quarentena.

Não só era surreal ela estar voltando aos destroços, como também estar fazendo isso por vontade própria. Nova achava que nunca mais voltaria lá. Depois de meses trabalhando como espiã em meio aos Renegados, ela havia conseguido roubar o elmo do Ace Anarquia. Tinha o que precisava para devolver o poder do Ace, e juntos eles veriam aquela organização desmoronar.

Mas as coisas nunca aconteciam de acordo com o planejado, e ela não sabia que, enquanto estava lutando pela própria vida naquele saguão, um justiceiro mascarado conhecido como Sentinela tinha encontrado e prendido o Ace Anarquia, líder dos Anarquistas e seu tio, que a criara.

Maldição, ela odiava o Sentinela. Ele sempre aparecia nas horas mais inconvenientes, fazia aquelas poses ridículas de quadrinhos e dizia frases de efeito ridículas, como “Eu não sou seu inimigo” e “Pode confiar em mim”.

Só que ninguém confiava totalmente no Sentinela, até onde ela sabia. Justiceiros não se encaixavam no código dos Renegados e, apesar das tentativas do Sentinela de capturar criminosos e ajudar os Renegados, as ações dele muitas vezes fizeram a organização parecer incompetente e ineficiente. Talvez a única coisa de que Nova gostava no justiceiro fosse a capacidade absurda de irritar o Conselho. Enquanto isso, a determinação dele de caçar a Pesadelo e a captura do Ace Anarquia também não tinham lhe conquistado favores entre os vilões. As únicas pessoas que apreciavam os esforços do Sentinela eram Adrian, que parecia ter um apreço rebelde pelo sujeito, e o público, que o via como um verdadeiro herói, que acreditava na justiça e não respondia a ninguém além de si mesmo. Essa reputação foi solidificada com a captura do Ace Anarquia.

Embora ela soubesse que nada nunca era fácil, a prisão de Ace quase bastou para fazer Nova erguer as mãos e sucumbir ao inevitável. Anarquistas e prodígios como eles continuariam sendo odiados, demonizados e oprimidos por toda eternidade. Ela estava quase preparada para desistir.

Quase.

Isso tinha sido horas antes, e agora Nova estava de volta, afinal... para onde mais ela poderia ir? Até onde todo mundo ali sabia, ela ainda era Nova McLain, conhecida como Insônia, uma Renegada até o último fio de cabelo. Seus segredos continuavam sendo a maior vantagem que tinha e, agora que seus inimigos estavam com Ace, ela sabia que precisaria de todas as vantagens que pudesse conseguir.

Nova só se deu conta da extensão da destruição ocorrida no quartel-general dos Renegados quando se viu andando trêmula pelos escombros. Ela estava cercada de Renegados, mas ninguém prestava atenção nela. Até os membros do Conselho estavam revirando os cacos do vidro da quarentena que tinha caído do segundo andar e se estilhaçado no mármore quadriculado do saguão. De onde ela estava, via o Capitão Cromo segurando a torre do relógio de vidro, que antes ficava em cima do tribunal, na miniatura de Max da Cidade de Gatlon.

Agora, estava destruída. Estava toda destruída.

Os sinais da batalha estavam espalhados pelo lugar. Vigas de aço curvadas em ângulos estranhos. Fios pendurados no teto, de onde candelabros tinham sido arrancados. O balcão de informações amassado de um lado. Gesso e mesas e cadeiras e azulejos e vidro... muito vidro, de onde a quarentena tinha caído. Os estilhaços

brilhantes eram quase hipnotizantes, refletindo a luz que entrava pela porta de entrada.

E havia sangue.

A maioria estava seca em uma poça, onde Max tinha caído. Onde Geladura tinha enfiado uma lança nele.

Nova se forçou a tirar os olhos do local e viu Adrian seguindo na direção dela. Os ombros dele estavam encolhidos e não havia nada da sua graça de sempre na postura. Ele estava com as feições sombrias, servindo de lembrete de que Max, que era a coisa mais próxima a um irmão que Adrian teria na vida, estava no hospital. Os médicos tinham-no colocado em coma induzido para estabilizar os sinais vitais, mas não estavam dando nenhuma falsa esperança a ninguém. A vida dele estava por um fio. Só havia um ponto positivo: Max, nos últimos momentos da batalha, conseguira absorver toda a habilidade de Geladura. Ele absorveu o controle dela sobre o gelo e usou isso para estancar o próprio sangramento, para congelar a própria ferida.

Isso poderia ter salvado a vida dele.

Por outro lado, talvez não tivesse adiantado.

Nova engoliu o nó na garganta quando Adrian chegou mais perto. A expressão sombria dele tinha a ver com mais do que apenas Max. Ele estava tomado de um novo ódio ardente, diferente de tudo que Nova tivesse visto antes... pelo menos não no calmo e alegre Adrian.

Um ódio ardente por Pesadelo, que ele estava convencido de que tinha sido a responsável pelo ataque a Max. Ninguém viu o que tinha acontecido fora Geladura e os companheiros dela, e eles não corrigiriam as crenças errôneas de ninguém. Pesadelo era um alvo fácil para se colocar a culpa.

E Nova, cuja identidade secreta permanecia milagrosamente desconhecida, não podia limpar o nome do seu alter ego, por mais que desejasse se defender sempre que via os olhos de Adrian ferverem com hostilidade controlada.

— Quando você disse que a Pesadelo tinha se infiltrado no quartel-general — comentou Nova quando Adrian já estava perto —, não foi isso que eu imaginei.

Mentindo na cara dura, como sempre. Ela vivia mentindo agora. Nem percebia mais.

— É, está bem ruim. — O foco de Adrian estava distante enquanto ele observava a destruição. — Encontraram a Lança de Prata ali. Nós achamos que a

Pesadelo pegou no cofre e usou pra roubar o elmo. E... — A voz dele falhou e ele tossiu. — Nós temos quase certeza de que foi essa a arma que usou no Max. Tinha sangue nela. Vão fazer exames.

Ela trincou os dentes.

Adrian suspirou e olhou para baixo. Pela primeira vez, Nova reparou em uma coisa nas mãos dele. Uma esfera com uma pequena coroa de um lado e uma fresta aberta na altura do equador. Nova reconheceu na mesma hora: um dos mísseis de névoa da Fatalia, ou que tinha sido, antes que ela o roubasse do departamento de artefatos. Ela e Leroy tinham reconfigurado os dispositivos para liberar uma forma gasosa do Agente N, a substância tóxica desenvolvida usando o sangue de Max Everhart. Embora inofensiva para civis, era veneno para prodígios. Assim que inspirassem, ingerissem ou levassem uma injeção da substância, perdiam permanentemente os poderes.

Como Pesadelo, Nova tinha detonado dois dispositivos naquele saguão. Eles, junto com um dardo roubado carregado de Agente N, tinham resultado na perda das habilidades do Gárgula e do Sismo. Ela também tinha orquestrado a neutralização da Geladura, mas não precisou do Agente N desta vez. Ela simplesmente levou a garota para perto do Max e deixou que o Bandido fizesse o que tinha que fazer.

Agora, ela se pegou olhando para a casca do dispositivo, já formando uma série de mentiras que poderia contar quando alguém se desse ao trabalho de procurar digitais. Tinha tocado nos mísseis de névoa um dia quando estava trabalhando no cofre... devia ter sido antes de Pesadelo os roubar...

Mas as mentiras eram frágeis.

Quanto mais suas mentiras se acumulavam, mais precárias ficavam. Às vezes, ela sentia que, se ousasse soltar o ar, aquela montanha desmoronaria.

— Parece um dos mísseis de névoa da Fatalia — disse ela, mantendo o tom calmo.

— Foi o que Callum disse também — comentou Adrian.

— Callum? Ele está aqui? — Os pensamentos de Nova se voltaram para a noite anterior, quando tinha deixado Callum inconsciente no cofre.

Adrian assentiu.

— Ele subiu para ver se os mísseis de névoa sumiram.

— Pode ser que a Pesadelo tenha pegado junto com a lança.

Adrian franziu a testa por cima dos óculos de armação escura.

— Acho que não. Mack Baxter disse que a Pesadelo tinha tipo uma bomba cheia de Agente N. Foi assim que ela conseguiu neutralizar o Trevor. Acho que é uma dessas.

Nova xingou silenciosamente Sismo e Gárgula, mesmo não podendo culpá-los por contarem a verdade.

— Bom, talvez ela tenha se inspirado no design dos mísseis de névoa. Dizem que ela é uma inventora genial, né? Ela deve ter criado isso aí.

Adrian hesitou, e ela viu que ele estava lutando contra os próprios pensamentos. Finalmente, ele concordou.

— Talvez. Vamos ver o que Callum vai descobrir.

Nada convencido.

Nova também não teria ficado convencida. Por mais que ela tentasse afastar o escrutínio de si, seus argumentos não eram mais tão convincentes.

— A questão é que — disse Adrian, jogando o dispositivo vazio para cima e o pegando de novo —, se a Pesadelo estava disparando bombas de Agente N... ela devia ter sido afetada. Por que ela não estava com medo de perder os poderes?

— Ela usa máscara, não?

— É, mas eu tenho quase certeza de que não é máscara de gás.

Ela deu de ombros.

— A gente não sabe.

— Tudo bem, mas ela também estava do lado do Max quando — Adrian parou de falar e desviou o olhar para o sangue no chão — ... quando ele tirou os poderes da Genissa. Ele devia estar tirando os da Pesadelo também, mas ela fugiu daqui como se não houvesse nada de errado. Ninguém é imune ao Max.

— Seu pai é.

Ele fez uma careta.

— Ninguém além do Capitão Cromo.

— Eu só estou dizendo que pode ter formas de contornar a habilidade do Max e do Agente N. Talvez a Pesadelo tenha descoberto alguma coisa... Tipo quando você encontrou aquele Amuleto da Vitalidade. — O Amuleto da Vitalidade era um artefato que Adrian tinha descoberto ser capaz de proteger contra doenças, veneno e praticamente qualquer coisa que pudesse enfraquecer a pessoa, inclusive substâncias

como o Agente N. O artefato estava naquele momento mesmo enfiado entre o colchão velho e o piso de madeira da casa de Nova em Wallowridge. — Pode haver dezenas de artefatos que protegeriam a habilidade de uma pessoa, e nós só não sabemos.

— E você acha que tanto a Pesadelo quanto eu por acaso achamos um desses ao mesmo tempo?

— Ué, talvez.

— Ou... — Adrian abaixou a voz a um sussurro, embora todos os Renegados próximos estivessem ocupados demais varrendo vidro e tirando escombros para se importarem com a conversa deles. — Talvez a Pesadelo esteja com o Amuleto da Vitalidade.

Nova tinha esperado essa resposta. Fazia muito mais sentido do que o argumento dela, afinal. Mas manteve a expressão neutra.

— Não está com *você*?

Adrian fez uma careta.

— Não. Meu pai pegou por último. Eu dei pra ele poder visitar o Max. Você sabe, fora da quarentena para variar. Mas, agora, sumiu.

— Então... você acha que ela também roubou isso do cofre?

— Não estava no cofre. Simon jura que levou de volta pra casa. Foi a última vez que a gente viu.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Então você acha que a Pesadelo invadiu a sua casa?

— Sim. Não. Não sei. Em teoria, ela pode ter feito isso quando estávamos todos no baile, mas não tem nada em nenhuma das nossas câmeras de segurança. E isso não explica como ela saberia sobre a existência do amuleto para começo de conversa. Eu não contei pra ninguém além de você e do Max, e sei que os meus pais também não contaram. — Ele massageou a nuca, e ela percebeu que ele se sentia meio culpado de perguntar: — Você não comentou com ninguém, né?

— Claro que não — disse ela. — Mas Tina e Callum também sabiam sobre o amuleto, e Callum não consegue calar a boca com ninguém. Ele pode ter deixado alguma coisa escapar, sem saber como é valioso.

— É. Pode ser. Eu estava torcendo pra conseguir reunir a equipe mais tarde pra discutir o que sabemos sobre a Pesadelo. Talvez a gente tenha deixado passar alguma

coisa. É que... parece haver umas coincidências bem estranhas.

— Ela é uma Anarquista — disse Nova, ousando colocar a mão no antebraço de Adrian. Ela sentiu os músculos dele se contraírem brevemente por baixo do tecido do uniforme. — Ela é diabólica e astuta e deve ter muitos contatos no mundo dos... *vilões*, sobre os quais não sabemos nada. Se ela conseguiu fazer isso tudo, se conseguiu até roubar o elmo do Ace Anarquia, quem sabe do que ela é capaz? Encontrar o amuleto ou um jeito de escapar do Agente N... nada disso parece difícil.

Adrian olhou para a mão dela por um momento antes de uma sombra de sorriso surgir nos seus lábios e ele colocar os dedos sobre os dela. A outra mão, ainda segurando o míssil de névoa, relaxou junto ao corpo.

— Ainda bem que você está aqui — disse ele. Mas, quando o coração de Nova começou a palpitar, ele acrescentou: — Ainda bem que você está do meu lado.

Ela engoliu a sombra de um sorriso que tinha em resposta.

— De que outro lado eu estaria?

— Adrian! Nova!

Eles se viraram e viram Ruby e Oscar andando pela multidão. Ruby se agarrou no outro cotovelo de Adrian.

— Como está o Max?

Adrian trincou a mandíbula.

— Ainda em estado grave.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito mesmo. Ela é um monstro, Adrian. Como alguém poderia fazer isso com o Max...!

Nova fez uma careta.

— Eu odeio dizer isso, mas eu não estou surpreso — disse Adrian, como se aquele ataque tivesse sido inevitável. — É claro que a Pesadelo tentaria matar Max. Qualquer um dos Anarquistas tentaria. Foi por causa dele que eles foram derrotados. Eles devem ter passado os últimos dez anos planejando o assassinato dele.

As bochechas de Nova ficaram quentes. Quanto mais ela ouvia sobre a tentativa de Pesadelo de matar Max, mais ela queria gritar a verdade. Foi Genissa que

esfaqueou o garoto, não Pesadelo. Ela nunca o machucaria. Droga, tinha tentado salvá-lo!

Mas ela mordeu a língua. Não fazia sentido tentar argumentar pela inocência da Pesadelo. Eles não acreditariam nela, e isso só levantaria suspeitas.

— Nós vamos encontrá-la — disse Ruby. — Vamos botar um fim nisso. E Max... Ele vai ficar bem. Ele é forte.

— Eu sei — replicou Adrian. Ele parecia grato e parecia querer acreditar nela. Como se tivesse dito a mesma coisa para si mesmo a noite toda. Mas ainda havia um eco de dúvida por baixo das palavras dele.

Nova soltou o ar lentamente. Adrian tinha ido para a casa dela cedo naquela manhã, depois que a poeira baixou, para contar sobre Max estar no hospital e que Pesadelo tinha roubado o elmo. Ele pareceu bastante derrotado e, ao mesmo tempo, movido por um novo desejo de vingança. Ela tremeu ao se lembrar das palavras dele, faladas enquanto ela o abraçava e se esforçava para consolá-lo.

Eu vou encontrar a Pesadelo e vou destruí-la.

CAPÍTULO DOIS



— E U SOUBE QUE A Pesadelo acabou com a raça da Geladura e da equipe dela — disse Oscar enquanto avaliava a destruição fenomenal no saguão.
— Mais ou menos — retrucou Adrian. — Geladura, Gárgula e Sismo foram neutralizados.

— Eu odeio dizer, mas... isso meio que conta como um ponto a favor da Pesadelo, né?

Ruby bateu no ombro do Oscar.

— Ela quase matou o Max, seu burro!

— Não, eu sei. Mas, se alguém ia ser neutralizado, não posso dizer que lamento que tenham sido Genissa e os lacaios dela.

— Tudo bem — disse Adrian. — Eu também não estou muito chateado com isso. E, como você falou, o Max vai ficar bem. — Ele fez uma pausa e acrescentou baixinho: — Tem que ficar.

— Caramba, o que é *aquilo*? — questionou Oscar, levantando a bengala como se preparado para espetar uma coisa no piso quebrado.

Uma criaturinha estava andando na direção deles no meio da bagunça de concreto e gesso quebrado... um minivelociraptor feroz, do tamanho do polegar de Nova.

— Não acredito! — murmurou Adrian. — Turbo!

Ele se agachou e estendeu a palma da mão para pegar a criatura, que soltou um grito e o mordeu.

— Ai! — exclamou Adrian, largando-o. Turbo caiu no chão e correu por entre as pernas de Oscar.

Nova pulou atrás dele e pegou a criatura pela parte de trás do pescoço. Ele soltou um miado patético e virou as garras para ela, deixando marquinhos nos dedos.

— Como essa coisa ainda está viva? — perguntou ela.

Parecia que fazia séculos desde que Adrian tinha desenhado o bichinho na palma da mão de Nova, em um esforço para provar que seus poderes não tinham sido drenados por Max quando ele entrou na quarentena para salvá-la.

Adrian se curvou para inspecionar o dinossaurinho que se contorcia nos dedos de Nova.

— Vivo, mas não muito bem. Olha, ele está ficando cinza. E está vendo como os movimentos dele estão desajeitados agora, meio robóticos? Isso sempre acontece quando eu desenho animais. Ainda assim... está durando mais do que eu pensava.

— Com licença — disse Oscar, olhando a criatura com receio. — Mas o que é isso?

— Um velociraptor — respondeu Adrian. — Eu o desenhei um tempo atrás e o Max o guardou como bicho de estimação. O nome dele é Turbo. Aqui. — Adrian se curvou, pegou a caneta e desenhou uma jaula do tamanho da palma da mão no azulejo branco. Com um movimento dos dedos, a jaula virou realidade, uma caixinha de transporte tridimensional para um dinossauro bem pequeno. Ele abriu a porta e Nova botou a criatura dentro. — Vou levá-lo para o Max no hospital. Ele vai ficar feliz de vê-lo quando acordar.

Quando, Nova não pôde deixar de reparar, e, pela primeira vez, Adrian pareceu realmente otimista com a possibilidade de Max sair do coma. Talvez ele estivesse vendo a sobrevivência de Turbo como bom sinal.

— Ele deve estar com fome — disse Ruby. — Seus desenhos precisam comer, né?

— Acho que sim. — Adrian fez cara de quem nunca tinha pensado nisso. — Max dividia os lanches com ele.

Ruby assentiu.

— Vou correr até o refeitório e pegar... sei lá, uns nuggets, algo assim. Já volto.

Ela saiu correndo antes que alguém pudesse retrucar, disparando entre os Renegados que ainda estavam no saguão destruído.

— Hã... — disse Adrian tarde demais. — Acho que ainda não reabriram o refeitório...

— Ela vai arrumar alguma coisa — disse Oscar. — Sempre tem as máquinas de lanche do lounge. — Assim que a porta do elevador se fechou e Ruby sumiu de vista, Oscar se virou para Nova e Adrian com ansiedade. — Tudo bem, agora que ela foi, eu preciso falar com vocês. Sei que, com o Max e a Pesadelo e tudo o mais, esse pode não ser o melhor momento, mas eu fiquei acordado a noite toda pensando no que você disse no baile, e tenho um plano.

Ele fixou a atenção em Nova, e ela enrijeceu em resposta, se perguntando o que diabos tinha dito. Apesar de o baile ter sido só na noite anterior, poucas horas antes de ela invadir o cofre do QG, parecia que semanas tinham se passado.

— Plano de quê? — perguntou ela.

— Você sabe — disse Oscar, insistente. — Pra dizer a Ruby o que... o que eu sinto por ela. Nova estava certa. Eu sou incrível e estou pronto pra deixá-la impressionada.

— Ah, isso. — Nova olhou para Adrian, que pareceu igualmente aliviado de o plano de Oscar ser algo tão mundano. — Que ótimo.

— É, vai com tudo, Oscar — disse Adrian. — Mergulha de cabeça.

— Valeu, cara. Então, vou chamar de... — Oscar levantou a mão, como se iluminando palavras invisíveis no ar. — Operação Joias da Coroa.

Nova e Adrian ficaram olhando para ele, sem palavras por um momento, até Adrian pigarrear.

— Hã... quê?

— Você sabe. Joias da coroa... rubis... entendeu?

Nova apertou os olhos com ceticismo.

— Isso não é eufemismo pra...

Oscar esperou que ela terminasse, com uma expressão tão adoravelmente enfática, que ela desistiu.

— Deixa pra lá. Só que... Por que tem nome de operação?

— Porque eu tenho ideias — disse Oscar. — Um zilhão de ideias. Vai ser um plano estratégico com várias etapas calculadas nos mínimos detalhes.

— Ah, então você não vai só chamar a Ruby pra sair? — perguntou Adrian.

Oscar riu com deboche.

— Por favor. Ela merece coisa melhor. Vamos ter serenatas, presentes, mensagens escritas no céu... Gestos grandiosos mesmo. Aquelas coisas que deixam as garotas doidas, né? — Ele olhou para Nova, que só deu de ombros. Ele suspirou. — Bom, pensei em começar com um poema. Eram cinco da manhã quando escrevi, então tenham isso em mente. Mas eu estava pensando em deixar um cartão na porta dela de manhã nessa semana. O que fiz até agora foi o seguinte. — Ele limpou a garganta. — Rubis são vermelhos, seus olhos são azuis...

— Para — disse Nova.

Oscar ficou paralisado.

— O quê?

— Os olhos dela são castanhos — disse ela. — E agora não é hora de poesia.

Ela indicou a destruição ao redor.

Oscar bufou.

— Mas você nem...

Houve uma explosão de fagulhas vermelhas e azuis acima da cabeça deles. Nova se abaixou, em pânico.

Adrian apertou a mão dela e olhou de um jeito que parecia provocação.

— É só o Luz Negra.

Na frente do saguão, os cinco membros do Conselho estavam parados na sacada que dava para a rua, delineados por uma parede de vidro e pelo sol da tarde. Sombras de jornalistas e civis curiosos eram vistas na calçada, separadas pela fita de segurança e por um grupo de Renegados encarregados de impedir a entrada de qualquer um que não fosse parte da organização.

Quando o que restava dos fogos se dissolveu, Luz Negra virou a palma da mão para as portas e arrastou os dedos no ar, como se fechando persianas imaginárias. Um véu de escuridão recaiu sobre as janelas, obscurecendo o sol e os cidadãos.

— Obrigado, Evander — disse o Capitão Cromo, chegando para a frente da sacada com o resto do Conselho formando um semicírculo em volta dele. Nova observou o Capitão e o Guardião Terror, os pais adotivos de Adrian e Max. Apesar de supor que nenhum dos dois tivesse dormido na noite anterior, a exaustão que estava evidente no Guardião Terror era totalmente diferente da do Capitão. A pele dele continuava luminosa, os olhos azuis tão impressionantes e brilhosos como

sempre. Só o cabelo meio desganhado sugeria que ele estava menos composto do que o habitual.

Mas o Guardião Terror não era o único que parecia exausto. As asas pretas da Pássaro do Trovão estavam pendendo das omoplatas, e a serenidade costumeira estava pela primeira vez ausente do rosto de Tsunami, substituída por uma testa franzida e lábios tensos. Até Luz Negra, normalmente o mais relaxado entre eles, estava com os braços cruzados com força.

— Companheiros Renegados — disse o Capitão, a voz explodindo pelo saguão. — Um grande golpe nos foi dado ontem à noite. Não vou dourar a pílula aqui, vocês podem ver a verdade dos eventos da noite anterior. É... — ele franziu os lábios enquanto procurava a palavra — ... desanimador, no mínimo. O fato de uma única vilã poder se infiltrar em nossa organização num nível desses. Pesadelo conseguiu desarmar nosso sistema de segurança e derrotar uma das nossas melhores unidades de patrulha. Ela conseguiu roubar de nós. Ela conseguiu — a voz dele falhou — ferir um dos nossos de uma forma muito cruel e sem sentido. E não só um Renegado, mas um menino, uma *criança* bondosa e inteligente e gentil. É impensável. É um lembrete a todos nós de que há maldade no mundo e de que é nossa responsabilidade permanecermos vigilantes.

Nova apertou os punhos enquanto resistia à vontade de gritar. *Eu não machuquei o Max!*

— Mas nós somos Renegados — continuou o Capitão Cromo — e não nos acovardamos perante o mal. Não. Perante o mal, nós nos erguemos! Nós lutamos com ainda mais força! A adversidade só fortalece nossa determinação de sermos os protetores deste mundo, os defensores da justiça!

Alguns gritos ecoaram da plateia.

— Nós não vamos ficar lamentando nossas perdas, e sim olhar para o futuro e descobrir como podemos seguir em frente para um amanhã melhor. Porque... sofremos perdas ontem. Mas também tivemos uma grande vitória. Quero confirmar que os boatos que vocês ouviram são verdade. — Ele fez uma pausa e sua atenção percorreu o salão. — Ace Anarquia, que nós acreditávamos estar morto nos últimos dez anos, está vivo. E sob nossa custódia.

Se esperava um grito de aprovação, ele deve ter ficado decepcionado. No mínimo, o fato de saber que o maior inimigo deles tinha sobrevivido à Batalha de

Gatlon foi recebido com um murmúrio de preocupação, apesar da captura.

— E o elmo? — gritou Alquimista. — Disseram que foi destruído, como agora estão dizendo que foi isso que a Pesadelo veio buscar?

O Capitão segurou a amurada que os dividia.

— Isso também é verdade.

Nova engoliu em seco.

— Depois do Dia do Triunfo, eu fiz o que pude para destruir o elmo do Ace Anarquia — continuou o Capitão —, mas era indestrutível. O Conselho e eu decidimos que seria melhor contar ao mundo que o elmo tinha sido destruído, para aliviar a preocupação do nosso povo enquanto trabalhávamos para reconstruir a sociedade. Eu me convenci de que o elmo ficaria seguro aqui no quartel-general. — Um toque de ressentimento o fez crisar o lábio. — Mas parece que eu estava enganado. Pesadelo veio buscar o elmo e conseguiu escapar com ele na noite passada. — Uma série de cochichos tomou o ambiente, mas o Capitão levantou as mãos. — Me escutem. Nós temos que ficar calmos. Quero lembrá-los: os Anarquistas podem ter conseguido o elmo ontem, mas também perderam seu líder. Sem Ace Anarquia, aquele elmo não passa de um acessório.

Nova se perguntou se ele acreditava nisso, e quantos dos Renegados acreditariam *nele*.

Ela não sabia muito sobre o elmo do Ace, mas sempre tinha suposto que amplificaria os poderes de qualquer prodígio, assim como amplificava os do Ace. Do contrário, por que os Renegados estavam tão determinados a destruí-lo mesmo acreditando que Ace estava morto?

Ainda assim, as palavras do Capitão tiveram efeito imediato. A plateia fez silêncio.

— Eu imploro: por enquanto, a notícia desse roubo não pode chegar à população. Não falem com a imprensa. Não contem pra ninguém. A última coisa de que precisamos é que o pânico se espalhe enquanto estamos à beira de finalmente dominar a ameaça de prodígios vilões em toda parte. A partir de agora, temos duas questões imediatas a resolver. A primeira é desfazer o dano que foi feito ao nosso quartel-general ontem à noite e iniciar novos protocolos de segurança. Para isso, meus companheiros do Conselho e eu vamos entrar em contato com nossas organizações internacionais para pedir a ajuda de qualquer prodígio com poderes de

construção e conserto, e vamos designar os nossos para tarefas baseadas nas suas habilidades nos dias vindouros. Somos gratos pela sua cooperação na reconstrução. Se tiverem alguma sugestão sobre esse projeto, encorajo que falem com Kasumi, que vai liderar essa empreitada.

Ele indicou Tsunami, que curvou a cabeça.

— Segundo — continuou o capitão —, até o fim do dia de hoje, teremos uma data marcada para a revelação pública do Agente N, a partir da qual todas as unidades de patrulha ativas serão equipadas com a substância. Isso vai permitir que nos defendamos contra futuros ataques desse tipo e que demonstremos para os cidadãos nossa seriedade em lidar com prodígios que decidirem não seguir nosso código de proteção e honra.

Nova apertou o antebraço de Adrian, mas só percebeu que tinha feito isso quando ele segurou a mão dela e entrelaçou seus dedos.

— Além disso, decidimos que parte da revelação vai incluir uma neutralização pública de todos os prodígios que foram até agora condenados por comportamento vilanesco... inclusive do próprio Ace Anarquia.

Apesar de um arrepio descer pela coluna de Nova, a declaração dele foi previsivelmente recebida com aplausos, embora um tanto nervosos. O Agente N tinha parecido um desenvolvimento empolgante para a maior parte da organização quando foi revelado, mas isso foi antes de parte da substância ir parar nas mãos da Pesadelo. Isso foi antes de três deles terem sido neutralizados bem ali, naquele saguão.

Agora, parecia que todo mundo estava um pouco mais apreensivo em relação à mais nova arma dos Renegados.

— E as patrulhas que se recusarem a cooperar? — soou uma voz, estridente e carregada de raiva.

Uma onda de curiosidade se espalhou pela multidão quando Genissa Clark, previamente conhecida como Geladura, abriu caminho entre os escombros. Em vez do uniforme dos Renegados de sempre, ela estava usando uma calça de moletom e uma camiseta larga da ala médica. Os braços expostos estavam cobertos de hematomas e arranhões decorrentes da briga dela com Pesadelo.

Nova ficou tensa ao ver um dos prodígios com quem tinha lutado na noite anterior. Embora ela estivesse de capuz e máscara, seu coração disparou ao pensar

que Genissa poderia tê-la reconhecido.

Ela não estava sozinha. O resto da sua equipe vinha atrás: Trevor Dunn, que era o Gárgula antes de seu poder ter sido drenado. Ele continuava mais alto do que a média, mas não era mais tão gigantesco quanto antes e sua pele não tinha tom de pedra. Havia também Mack Baxter, não mais Sismo, que se movia com um gingado peculiar, como se estivesse tão acostumado a fazer o chão tremer com seus passos que teria que reaprender a andar agora que o chão não mais se erguia até ele.

Da equipe deles, só Arraia — Raymond Stern — continuava sendo prodígio. Nova o tinha colocado para dormir na sala de segurança antes de desabilitar as câmeras, e ele tinha perdido o resto da batalha. A cauda farpada deslizava atrás dele, espalhando pedaços de vidro com o movimento de vaivém.

— O que eu perdi? — sussurrou Ruby, aparecendo atrás deles. Ela estava com um pacote de carne seca de peru na mão.

— Hã... a gente explica depois — disse Adrian, pegando um pedaço de carne e enfiando entre as grades da jaula do Turbo.

— Genissa — disse Pássaro do Trovão, indo para a frente da sacada. — Você não foi liberada pelos curandeiros para...

— Que se danem os curandeiros — gritou Genissa. — O que eles vão fazer? Trazer meus poderes de volta? — Ela estalou os dedos como se cristais de gelo pudessem explodir das pontas, mas claro que nada aconteceu. A expressão dela ficou ainda mais tensa. — Você mesma disse. Os efeitos do Agente N são irreversíveis. Portanto, não vejo muito sentido em ficar deitada numa sala de espera pra alguém poder dar tapinhas na minha cabeça e me dizer que poderia ter sido pior. Que eu poderia estar *morta*. — Ela parou no meio do saguão, onde o R de azulejos vermelhos tinha sido dizimado por um dos tremores do Sismo, e deixou o olhar passear pelos Renegados reunidos. — Mas vamos parar e nos perguntar... Isso teria mesmo sido pior? — Ela voltou a atenção para o Conselho. — Eu não estou convencida.

— Genissa... — disse o Capitão.

— *Geladura* — corrigiu Genissa com rispidez, as narinas dilatando. Ela se empertigou toda, o cabelo louro platinado balançando nos ombros. — Nós estávamos aqui, de serviço, protegendo a sua organização. Seu quartel-general. Eu acreditava nos Renegados. Teria feito qualquer coisa pra proteger o que

representamos. E olha de que me serviu. De que nos serviu! — Ela fez um gesto para trás, indicando Mack e Trevor. — Nós lutamos contra Pesadelo. Arriscamos nossas vidas, porque é isso que super-heróis fazem. Mas não era exatamente uma luta justa, era? Porque, de alguma forma, ela conseguiu o Agente N. Ela conseguiu a *sua* arma.

Nova trincou os dentes, tomada de irritação. Como era conveniente Genissa deixar de lado o fato de que ela também tinha o Agente N à disposição... e ilegalmente, pois os Renegados não deveriam ter acesso à substância ainda. Nova supôs que Geladura tinha afanado um pouco durante o treinamento e não hesitou em disparar em Pesadelo um dardo cheio na noite anterior. Se Nova não estivesse com o Amuleto da Vitalidade, agora estaria tão sem poderes quanto eles.

— Eu quero saber como — continuou Genissa. — Como vocês conseguem desenvolver uma substância que consegue tirar os poderes dos nossos inimigos só para cair nas mãos de um inimigo antes mesmo de fazermos um anúncio público sobre ela?

O Capitão Cromo pigarreou alto.

— Gen... Geladura fez uma pergunta justa e vamos investigar isso a fundo.

— Ah, vocês vão *investigar*? — Genissa ergueu os braços para os lados e encarou a multidão. Apesar de os Renegados mais perto dela terem recuado, ficou claro que estavam acompanhando cada palavra. As expressões estavam cheias de pena dos três ex-prodígios. Perder o dom... isso era o que todos temiam desde o começo. — Assim como vocês investigaram a morte da Pesadelo depois que a Detonadora supostamente a explodiu? — questionou Genissa. — Ou que tal a sua investigação sobre a morte do Ace Anarquia? Me perdoe se questiono sua capacidade de entender como a Pesadelo teve acesso ao Agente N, e também como você planeja impedir que outras pessoas o peguem e usem contra nós, como ela fez. — A voz dela aumentou de volume, e vidro se esmigalhou sob seus pés. — Está na hora de enfrentarmos a realidade. Nossos líderes são incompetentes. O Conselho está brincando com coisas que não entende, coisas sobre as quais não tem controle real e, pior de tudo, está arriscando nossas vidas e nossas habilidades!

Nova trocou olhares perplexos com Adrian. Mas, enquanto ela imaginava que Adrian estava chocado porque alguém ousou falar com o amado Conselho daquele jeito, *ela* ficou chocada por pensar que concordava com Genissa sobre alguma coisa.

— Já chega! — gritou Luz Negra, mas foi silenciado pelo Capitão levantando o braço ao peito dele, bloqueando-o de ir para a frente da sacada.

— Não, deixe-a falar — disse o Capitão. Apesar de estar com a mandíbula contraída, havia compaixão no olhar que ele lançou para Genissa, Mack e Trevor. — Nós temos alguma responsabilidade pelo que aconteceu aqui ontem. Me digam, o que podemos fazer para compensar?

— Compensar? — Genissa riu secamente. — Que sensacional. — Balançando a cabeça, ela pegou a faixa enrolada no antebraço. — Para ser sincera, eu nem quero saber o que os Renegados vão fazer depois disso. Eu não sou mais uma de vocês. Meu tempo como super-heroína acabou. — Ela tirou a faixa e jogou no chão. Mack e Trevor fizeram o mesmo e jogaram os comunicadores nos escombros. — Espero que todos aqui saibam que não passam de peões pra vocês. Só um bando de soldadinhos bonitos que fazem o que vocês mandam, pra não terem que se preocupar com um bando de vilões patéticos aparecer e tirar seus poderes. Ou pior... aqueles justiceiros irritantes. Mas vamos admitir, nós não nos tornamos super-heróis pra seguir as regras. Nós nos tornamos super-heróis porque acreditamos na nossa capacidade de mudar este mundo pra melhor, a qualquer custo. Bem... — Ela balançou os dedos. — A quase qualquer custo.

Genissa percorreu o saguão na direção da escadaria principal. A multidão se abriu para ela e seus companheiros.

— Eu só sei — gritou ela por cima do ombro — que qualquer prodígio que sair por aí voluntariamente com o Agente N no cinto é um idiota.

Ninguém se mexeu para detê-la, nem Mack e Trevor quando chegaram à sacada. Genissa parou uma vez, parecendo surpresa de ter só dois capangas junto. Ela viu Raymond Stern — Arraia — no saguão, no mesmo lugar de quando estava ao lado dela. Uma expressão de desprezo distorceu o rosto dela, e ela e os companheiros empurraram as portas de vidro e deixaram o sol cegante entrar. Uma gritaria empolgada da multidão lá fora os recebeu, mas foi silenciada assim que as portas se fecharam.

CAPÍTULO TRÊS



N OVA JÁ TINHA IDO à casa do Adrian e não tinha se recuperado completamente da experiência. Não só por ter sido lá que ele a beijou pela primeira vez, uma lembrança que ainda a deixava de joelhos bambos, mas porque havia algo de dolorosamente irritante em parar na frente de uma mansão palaciana e saber, lá no fundo, que aquele não era seu lugar. Ele morava na antiga mansão do prefeito da Cidade de Gatlon, que tinha mais metros quadrados do que todas as casas de Wallowridge somadas e um jardim que ocupava quase um quarteirão inteiro.

Ela tentou não pensar muito nisso quando se aproximou do portão e tocou o interfone. Um dispositivo num pilar de tijolos leu o comunicador dela e confirmou a identidade, e o portão de ferro forjado se abriu.

Quando ela chegou ao fim do caminho de entrada, Adrian estava esperando na varanda, ladeada por pilares gregos e grandes urnas com topiarias saindo delas. Na última vez em que ela esteve lá, ele estava de moletom. Agora, estava com o uniforme dos Renegados, e a diferença de postura era impressionante.

Era uma reunião de trabalho.

Ainda assim, Adrian estava sorrindo quando ela se aproximou.

— Os outros já estão lá embaixo. Entra.

Ele esticou o braço para a porta aberta e a convidou para entrar no saguão.

Estava quente dentro da casa. Quase quente demais. O tipo de calor emanado por lareiras no meio do inverno, que primeiro afastava o frio do ar e depois fazia todo mundo esquecer que o frio existia. E, realmente, quando Nova passou pela sala

formal, ela viu um fogo aceso numa lareira de ladrilhos. Com suor já surgindo na nuca, ela abriu o moletom de capuz.

— Meus pais acham que deixa a casa mais aconchegante — disse Adrian, quase pedindo desculpas. — Está bem mais fresco lá embaixo. Vem.

Ela o seguiu pela escadaria estreita até o quarto no porão e parou no último degrau.

Oscar e Ruby estavam lá; Ruby empoleirada no sofá e Oscar de costas, na cadeira da escrivaninha do Adrian.

Mas o que fez Nova hesitar foi que Danna também estava presente, na forma de centenas de borboletas douradas e pretas que ocupavam todas as prateleiras e mesas e os parapeitos estreitos das janelas altas da parede do sul.

Nova ficou com a boca seca.

Ver tantas ao mesmo tempo, e não no borrão de uma batalha, como Nova sempre tinha visto, poderia ser uma visão linda. Só que elas não estavam se movendo. Não havia nem uma batida de asas. Nem um tremor de antenas. E embora fosse impossível ter certeza, Nova tinha a sensação nítida de que todos aqueles olhinhos estavam grudados *nela*.

— Ela está me seguindo desde que encontramos Ace — disse Ruby. — Não foi comigo para o quartel-general, mas, fora isso...

O olhar preocupado de Ruby percorreu as borboletas.

— Alguém fez contato com o pai dela pra avisar? — perguntou Adrian.

— Eu comentei com Pássaro do Trovão — disse Ruby —, e ela disse que mandaria alguém fazer contato e avisar que Danna está bem... de certa forma. Eu achei que ela já teria ido em casa, mas talvez ache que vê-la assim vai acabar deixando o pai mais preocupado.

— Ou talvez ela não queira ficar de fora do nosso empolgante trabalho de detetive — replicou Oscar. — Ela ainda é da equipe, mesmo que em modo bando, certo?

— Claro — disse Adrian. — Ela nos levou até Ace Anarquia. Talvez tenha mais a oferecer... da forma que for possível.

— Por que... — Nova parou para limpar a garganta e ousou dar o passo final para entrar. — Por que ela ainda não se transformou de volta?

— Nós concluímos que ela não consegue, por algum motivo — disse Adrian. — Ela precisa que todas as borboletas convirjam. Se estiver faltando uma... não morta, mas em algum lugar distante ou impossível de escapar, as outras vão ficar presas desta forma.

— O que eu não consigo entender — disse Ruby, mexendo no fio no pulso — é por que ela não nos leva até a borboleta que falta... ou borboletas, se forem mais de uma. Se ela está presa em algum lugar, por que não nos ajudou a entender como ajudar, como nos levou até Ace?

Oscar deu de ombros.

— Talvez ela não saiba onde está.

— Mas elas se comunicam entre si, mesmo quando estão nessa forma — disse Adrian. — Como... uma mente coletiva, sei lá. Parece improvável que ela não saiba onde as outras estão.

Nova ficou sentada ao lado de Ruby com o corpo rígido, pensando na noite em que uma das borboletas de Danna a espionou junto com os Anarquistas nas catacumbas. Eles a capturaram com uma fronha e a mantiveram prisioneira para depois levá-la para a casa dentro de um pote de vidro.

Como um refém vendado, a borboleta não teve como ver para onde foi levada. Ela achava que fazia sentido a borboleta ainda não saber onde estava e, por isso, não poder chamar o resto das criaturas.

Ainda assim, ela imaginava que sentia a repulsa emanando dos insetos ao redor, o que fez os pelos dos seus antebraços ficarem todos arrepiados.

Danna podia não conseguir falar com os outros, mas ela sabia a verdade. Ela sabia o segredo de Nova.

Era só questão de tempo para ela descobrir um jeito de avisar o resto do grupo.

— Eu estou feliz por ela estar aqui, pelo menos — disse Adrian. Ele fez uma pausa e observou o bando. — Eu estou feliz por *você* estar aqui — corrigiu-se, porque era grosseria falar sobre uma pessoa como se ela não estivesse presente, embora Nova não tivesse certeza de que Danna fosse capaz de ouvir naquela forma. — Nós vamos encontrar um jeito de ajudar Danna. Deve ter um motivo para ela saber o local do esconderijo do Ace. — Ele batucou com os dedos na coxa. — Eu não tenho certeza, mas desconfio de que... se a gente encontrar Pesadelo e os Anarquistas, talvez descubra um jeito de ajudar Danna também.

— Espera, espera, espera — disse Oscar. — Sinto uma transição para trabalho de verdade chegando, mas, antes disso... — Ele levou a mão para trás do corpo e pegou uma latinha velha em formato de coração. — Eu trouxe biscoitos!

Depois de tirar a tampa, ele os ofereceu a Ruby primeiro. Nova viu que os biscoitos dentro eram caseiros. Alguns estavam com bordas queimadas e outros estavam com o centro mole e meio crus, sobre uma folha de papel-manteiga.

— Obrigada, Oscar — disse Ruby, pegando um. Ela o ergueu e fez uma pausa. — São...?

— Biscoitos de limão com coco e recheio de chocolate branco — completou Oscar, as orelhas ficando rosadas. — Sim. Sim, são.

Ruby o encarou, boquiaberta.

— É... A minha mãe faz... É meu biscoito favorito!

— É, eu sei. — Oscar limpou a garganta com constrangimento e ofereceu a latinha a Nova. — Eu, hã, liguei pra sua mãe e pedi a receita.

Com pouco apetite, Nova dispensou os biscoitos, e Adrian pegou três. Ruby continuou olhando para Oscar, o biscoito esquecido na metade do caminho até a boca. Ele não retribuiu o olhar. Só fechou a tampa da lata e assentiu para Adrian, como se ansioso para seguir em frente depois do que pode ter sido a confissão mais descarada de adoração que Nova já tinha testemunhado.

— Muito bem. Ótimo. Vamos em frente. Por onde a gente começa?

Adrian enfiou o primeiro biscoito na boca e se aproximou de um quadro branco na parede. Segurou um lado, puxou-o para longe da parede e o virou para que todos pudessem ver a parte de trás.

O estômago de Nova gelou.

Era um quadro de cortiça cheio de anotações, diagramas e provas. Um mapa da Cidade de Gatlon ocupava quase o quadro todo, com círculos em volta dos locais onde Pesadelo tinha sido vista. Os prédios onde ela e o Sentinela tinham se enfrentado durante o desfile. O parque Cosmopolis, com a casa maluca abandonada. O quartel-general dos Renegados. Várias entradas para os túneis do metrô. A Biblioteca Cloven Cross também estava marcada, com anotações sobre a Detonadora e o Bibliotecário. E a catedral, ao lado da qual estava preso um artigo de jornal recente sobre a captura de Ace Anarquia.

Havia uma imagem granulada da Pesadelo jogando o Titereiro de cima do seu balão de ar quente. Um círculo vermelho tinha sido desenhado em volta do rosto dela com uma linha ligando ao QG e outra a Cosmopolis. Ao lado da linha, com letra de forma, Adrian tinha escrito: *MÁSCARA?*

Outra linha conectava o quartel-general com a casa de Adrian, junto com as palavras: *AMULETO DA VITALIDADE???*

Outra linha do desfile até a biblioteca. *ARMAMENTOS?* E, entre parênteses: *(atiradora de precisão).*

Outra linha do QG até a catedral. *ELMO DO ACE ANARQUIA?*

Na lateral do mapa havia uma série de apartes e anotações confusas.

Como ela ficou imune ao Agente N e ao Max? Com o Amuleto da Vitalidade?? Mas como ela sabia sobre ele? Como o CONSEGUIU?

Como ela tirou o elmo da caixa de cromo?

Como ela sabia que o elmo não tinha sido destruído? / Onde ficava?

Acesso ao Agente N?

Bombas de Agente N — mísseis de névoa da Fatalia!

Cada uma das perguntas tinha uma linha puxada até o quartel-general dos Renegados.

Nova engoliu em seco com força. Sua pele ficou arrepiada e suas pernas tremeram com a vontade de correr para a porta. Parecia uma cilada, mas ninguém estava olhando para ela.

Ruby se levantou, limpou migalhas de biscoito dos dedos e se aproximou do quadro.

— Certo — murmurou ela, se balançando nos calcanhares. — O que isso tudo quer dizer?

A expressão de Adrian estava sombria quando ele inspecionou o mapa junto com ela, como se esperando que uma nova pista pulasse dali e juntasse todas as peças. Mas ele já tinha feito o suficiente.

Nova sabia o que Adrian ia dizer antes de ele falar.

O coração dela disparou à espera das palavras.

— Eu tenho uma teoria — disse ele, falando lentamente, a testa franzida.

— Pode falar — replicou Oscar.

No mesmo momento, uma dezena das borboletas da Danna levantaram voo da escrivaninha do Adrian e giraram em volta do quadro antes de pousarem no alto.

— Pra começar — disse Adrian —, a Pesadelo sabe demais... sobre o Agente N e sobre o Max e talvez até sobre o Amuleto da Vitalidade...

— Pausa — disse Ruby, esticando a mão na direção dele. — O que é o Amuleto da Vitalidade?

Adrian limpou a garganta.

— É... — Ele hesitou de novo, e Nova viu os pensamentos dele tentando se organizar para explicar da melhor forma o objeto incrível que tinha descoberto. — É um amuleto antigo que foi encontrado no departamento de artefatos. Qualquer pessoa que o use fica protegida de doenças, venenos, substâncias tóxicas e até... de algo como o Agente N. E do Max.

— Você está brincando — disse Oscar, inclinando a cabeça para o lado. — Por que nós não ouvimos falar sobre isso antes?

— Eu queria contar pra vocês, mas meus pais me pediram pra guardar segredo até eles saberem mais sobre o amuleto e suas limitações. Ficaram com medo de que a existência dele pudesse interferir no lançamento do Agente N. E, agora, sumiu.

— Sumiu? — perguntou Ruby.

— Estava com Simon. Foi assim que ele pôde visitar o Max. Mas nós não o vemos desde antes da invasão no quartel-general.

— Então a Pesadelo roubou essa coisa do Guardiã Terror? — perguntou Oscar. — Como assim? Ela tirou do bolso dele na mão leve?

Adrian tamborilou com a caneta na palma aberta.

— Meu pai disse que deixou aqui em casa, mas não sei. Talvez ele tenha esquecido e estivesse no quartel-general. Porque, escuta, todas essas coisas — ele girou a caneta sobre o quadro — estavam no QG. O elmo, a Lança de Prata e até aquelas bombas que ela tinha. O Amuleto da Vitalidade, se estava com ela... talvez estivesse no quartel-general também. E, ah, a máscara! — Ele apontou para uma foto granulada da Pesadelo que mostrava a máscara de metal na parte inferior do rosto dela. — A equipe de Geladura disse que ela estava de máscara ontem à noite e que era idêntica à antiga. Estou convencido de que aquela é a máscara antiga.

Nova afundou mais no sofá.

— E daí? — questionou Oscar.

— E daí — disse Adrian — que a máscara dela foi encontrada nos escombros da casa maluca de Cosmopolis. Eu mesmo vi depois da explosão que supostamente a matou. Eu falei com a Pega, e ela jura que foi coletada pela equipe de limpeza e entregue para o departamento de artefatos, mas não há registro lá. E a declaração do Arraia diz que a Pesadelo estava com traje completo quando o atacou na sala de segurança, embora isso tenha sido *antes* de ela ir ao cofre.

Ele apontou para uma linha do tempo da invasão do QG na parte de baixo do quadro, onde estava indicado que Pesadelo usou o comunicador do Arraia para acessar a porta do cofre.

— O que leva a outro ponto — continuou Adrian. — Pesadelo fez questão de ir até a sala de segurança e desabilitar todas as câmeras de segurança antes de ir atrás do elmo. Mas ela usa máscara! Por que se importaria de ser filmada se não tivesse medo de que alguém pudesse reconhecê-la?

Nova levantou um dedo, feliz porque isso, pelo menos, ela podia contestar de forma decente.

— Se ela entrasse no cofre com as câmeras ligadas, a equipe de segurança teria sido alertada e ido atrás dela imediatamente. Ela precisaria desarmar as câmeras para ter tempo de fazer o roubo completo antes que alguém se desse conta do que ela estava fazendo.

Adrian considerou isso e deu de ombros parcialmente.

— Talvez. Mas tem também o Agente N. — Ele bateu no quadro grande com entusiasmo. — Eu recebi um relatório algumas horas atrás. Aqueles dispositivos encontrados no saguão eram os mísseis de névoa da Fatalia, bombas de gás que estavam guardadas no cofre, que a Pesadelo adaptou para liberar uma forma gasosa do Agente N, o que não só significa que ela já estava com as bombas antes de entrar, talvez até semanas antes, mas também que tinha um suprimento de Agente N, que fica guardado em um depósito seguro atrás dos laboratórios. Ou a Pesadelo invadiu aquele depósito *antes* do ataque ao QG na outra noite ou conseguiu obter Agente N de alguma outra forma.

— Mas quem mais tem acesso a ele? — perguntou Ruby enquanto roubava outro biscoito da lata.

Adrian fixou um olhar sério nela.

— Nós.

— Opa — murmurou Oscar. — Você acabou de me deixar arrepiado. Mas o que isso quer dizer exatamente?

— Nós temos acesso ao Agente N — disse Adrian. — Todas as unidades de patrulha. Todo mundo que está em treinamento nas últimas semanas. E o Conselho, claro. E todo mundo que trabalha nos laboratórios.

Oscar puxou a cadeira para a frente com os calcanhares no chão.

— Continua. Estou com a sensação de que isso vai ficar muito bom.

Adrian coçou a nuca.

— Pode parecer absurdo, mas eu tenho uma teoria que responde a muitas perguntas. Como ela sabia sobre o Agente N e como conseguiu roubar um pouco, antes até do anúncio. Como teve acesso ao cofre. Como soube sobre o Max e sobre que equipe estaria fazendo a segurança naquela noite e sobre o elmo e tudo mais. Eu acho... — Ele fez uma pausa para respirar fundo. — Eu acho que a Pesadelo anda se passando por Renegada. Acho que ela é uma espia.

Nova se encolheu. Fechou bem os olhos, mas só por um segundo. Ali estava. O comentário que desvendaria tudo.

Ainda assim, ela forçou uma expressão de surpresa no rosto enquanto as pontas dos dedos afundavam nas coxas.

— Espia? — disse ela, ousando falar e torcendo para que o leve tremor na voz aumentasse a aparente descrença. — Nos Renegados?

Ao mesmo tempo, as centenas de borboletas em volta deles abriram as asas em sincronia perfeita, depois as fecharam e ficaram imóveis.

Foi uma confirmação tão real quanto se Danna estivesse sentada no sofá entre as meninas, pronta para apontar o dedo acusador na direção de Nova.

— Caramba — murmurou Oscar. — Que esquisito.

— Danna — disse Adrian. — Eu estou certo? Você sabe quem é? Ou como podemos encontrá-la?

E, embora Nova tivesse certeza de que Danna não devia poder ouvir, menos ainda compreender linguagem falada quando estava em modo bando, as borboletas pareciam ter entendido direitinho. Ao mesmo tempo, as borboletas voaram, deram uma volta junto ao teto e pousaram.

Diretamente em cima de Nova.

Ela deu um gritinho e enrijeceu quando as borboletas e suas patinhas delicadas pousaram nos ombros, no cabelo e nos joelhos e braços dela. As que não conseguiram pousar no corpo ficaram em volta dela, pousando em almofadas e no encosto do sofá.

Nova prendeu o ar, com medo demais para se mexer. Ela não era a única que estava imóvel. Adrian estava olhando para ela com a boca aberta.

As borboletas ficaram só um momento, mas voltaram para o ar e seguiram para cantos distantes do quarto.

Com o coração disparado, Nova ousou olhar para Ruby. E para Oscar. E para Adrian. Todos estavam olhando para ela... ainda sem acusação. Mas com incerteza.

O cérebro dela procurou palavras... qualquer palavra... e:

— O cofre! — disse ela, se levantando tão rápido que Adrian deu um passo hesitante para trás. — Eu acho que Danna está me dizendo... nos dizendo... é isso. Faz tanto sentido. Tantas das pistas que apontam para a Pesadelo levam ao cofre. E eu trabalho no cofre! — Ela forçou um sorriso, o mais brilhante que ousou dar. — Posso procurar nos registros. Falar com Tina e Callum. Se a Pesadelo sabia sobre os mísseis de névoa e... e todas as outras coisas... ela deve ter deixado um rastro. Ou na papelada ou nas câmeras de segurança... — Ela bateu com o punho na palma da mão. — Se ela esteve lá alguma vez nos últimos seis meses, eu consigo descobrir. Se for uma espiã, vou conseguir descobrir a identidade dela. Eu sei que vou.

Adrian relaxou.

— Você tem razão. Danna tem razão. Ao identificar os itens que ela usou e roubou, é possível que a gente consiga descobrir quem é.

— Além disso — disse Ruby —, podemos comparar isso com os registros dos testes. É provável que a Pesadelo não esteja conosco há muito tempo. Ela pode ter entrado nos testes recentes... ou talvez no ano passado. Nós podemos comparar o que a Nova descobrir com as informações dos recrutas mais novos.

A cabeça de Nova começou a assentir como se não estivesse mais presa à coluna.

— Ótimo. Sim. Excelente. Não vou decepcionar vocês.

O tempo todo, a cabeça dela estava latejando. O pânico corria pelas veias.

O tempo estava acabando. Ela seria descoberta a qualquer dia, a qualquer *minuto*.

Como poderia libertar Ace antes disso?

CAPÍTULO QUATRO



— **Q**UE A GENTE TEM é isto — disse Nova, tirando potes cheios de mel da mesinha de jantar.

Leroy, Mel e Fobia estavam olhando enquanto Nova tirava o elástico de um rolo grande de papel e o abria. Ela colocou potes de mel nos cantos para segurar as pontas.

O papel, impresso em uma gráfica 24 horas barata na noite anterior, mostrava as plantas velhas da penitenciária Cragmoor, baixadas da base de dados dos Renegados. Mas eram plantas muito velhas, e Nova sabia que não eram precisas. Ainda assim, ela não tinha conseguido encontrar registros atualizados. Até parecia que os Renegados tinham protegido intencionalmente os registros de qualquer reforma da penitenciária... talvez para impedir invasões na prisão.

— Esses muros externos não mudaram — disse ela, apontando para o contorno da prisão e para o muro de pedra que a cercava. — As imagens de satélite confirmam, assim como o posicionamento dessas torres de guarita e a doca do barco. Ainda tem prédios aqui e aqui... — Ela apontou para duas estruturas na parte interna do muro. — Mas não sei bem o que tem neles. Eram a administração, o alojamento dos guardas, um consultório médico pequeno e o refeitório, mas não dá para confirmar nada disso. Nós sabemos que os prisioneiros são transferidos para veículos terrestres na doca e levados por essa estrada pela ilha, onde passam por esse ponto de verificação de segurança, controlado por Renegados. Vamos supor que estejam armados até os dentes.

— É possível — disse Leroy. Ele estava encostado na bancada da cozinha, tomando goles de uma taça cheia de conhaque. Ele não bebia regularmente, mas aquela garrafa parecia ser uma que ele tinha guardado por anos, e Nova tinha reparado nos dias anteriores que ele a estava esvaziando mais rápido do que o habitual. — Mas é mais provável que escolham prodígios com poderes de longa distância em vez de usar armas que poderiam ser tiradas e usadas contra eles.

— Vamos torcer pra isso — disse Mel. — Algumas doses de Agente N vão resolver o problema.

Nova não respondeu. O mesmo pensamento tinha ocorrido a ela, mas ela não queria ficar arrogante. Depois de sua infiltração no quartel-general dos Renegados, eles sabiam que Pesadelo e os Anarquistas tinham pelo menos algum suprimento de Agente N e que haviam encontrado uma forma de transformá-lo em um gás perigoso. Eles podiam estar esperando um ataque assim. Ela duvidava de que fosse ter uma chance de surpreendê-los com a substância de novo.

— E onde está Ace nisso tudo? — perguntou Mel. Ela se inclinou sobre a mesa e passou uma unha vermelho-sangue pela fileira de celas dentro da prisão. — Em algum lugar aqui?

— Duvido — murmurou Fobia. Ele girou a lâmina da foice uma vez sobre o capuz antes de incliná-la para a frente e encostar a ponta na planta. — Vão colocá-lo aqui.

Embaixo da lâmina havia um corredor curto, escondido no prédio atrás do que podia ou não ser o refeitório. Só havia quatro celinhas ali, junto com a palavra SOLITÁRIA.

— Se for aí que ainda fica o confinamento solitário — disse Nova. — Nós sabemos que os Renegados fizeram grandes reformas na prisão, mas não consigo encontrar nenhum registro do que fizeram. — Ela apertou a ponte do nariz e sentiu uma dor de cabeça chegando. — E, no que diz respeito a protocolos de segurança atuais, posicionamento de celas, áreas de acesso restrito... — Ela deu de ombros. — Nós podemos ter palpites, mas serão só isso. Palpites.

— Então, se nós queremos tirar Ace de lá — disse Mel —, nós vamos ter que ir às cegas.

— Isso mesmo.

Mel murmurou enquanto observava as plantas:

— Estou começando a entender o valor da habilidade da nossa amiguinha borboleta cada vez mais.

A bochecha de Nova tremeu, mas ela tentou não deixar os outros verem seu desconforto. Ela costumava fazer uma careta cada vez que Danna era mencionada. Tinha se esforçado para ignorar o pote de vidro que ficava na penteadeira de Mel no quarto que elas dividiam, com buraquinhos para a entrada de oxigênio na tampa de metal e uma graminha jogada lá dentro de vez em quando para ela não morrer de fome. A culpa que Nova sentia por manter Danna aprisionada era profunda. Ela costumava se perguntar se a consciência de Danna estava em algum lugar naquele cerebrozinho de inseto, vivenciando o que ele vivenciava.

Presa e sufocada.

Mas Danna sabia demais e não podia ter a chance de escapar. Enquanto eles mantivessem uma borboleta separada das outras, ela não conseguiria recuperar a forma humana e contar para todo mundo a verdadeira identidade de Nova e o paradeiro dos Anarquistas.

Nova sabia logicamente que não tinha escolha. Para sua própria segurança e a dos outros, ela não podia libertar Danna.

Mas mesmo assim. Com sua aversão a lugares pequenos e fechados, ela não podia negar a culpa que a incomodava só de pensar na linda borboleta presa no pote. E não era nem como um animal de estimação. Estava mais para... um experimento científico.

— Seria útil ter, bem, alguma ideia de onde estamos entrando — disse Leroy, metade do rosto se enrugando com um sorriso malicioso. — Alguma esperança disso, *Insônia*?

Insônia. Seu codinome dos Renegados.

— Eu... não sei — admitiu ela. — Estou tentando pensar em um motivo válido para eu ir lá. Para entrevistar o Ace ou algum outro prisioneiro. Para conduzir alguma espécie de pesquisa... ou... — Seus ombros se encolheram. — Não consigo pensar em nada que não seja suspeito. Mas talvez uma oportunidade apareça.

Mel curvou o lábio.

— Nós não temos tempo pra esperar uma oportunidade.

Leroy olhou para Nova com a testa franzida de preocupação.

— Quanto tempo você acha que temos?

— Antes de neutralizarem o Ace? Difícil dizer. Ainda estão tentando decidir...

— Não isso — interrompeu ele. — Quanto tempo nós temos até eles descobrirem quem você é?

Nova ficou tensa. Com o que parecia ser uma pergunta inocente, uma onda de pânico se espalhou pelo corpo dela.

Cada decisão errada.

Cada erro arrogante.

Cada prova que se acumulara contra ela nos meses anteriores.

Todos se misturaram na cabeça dela. Mil passos errados surgindo na sua memória ao mesmo tempo.

A ocasião em que ela teve que fazer Danna dormir na ala médica. Quando Winston pareceu reconhecê-la quando foi interrogado por Adrian, assim como a neta do Bibliotecário, Narcissa Cronin. Todas as coisas que ela tirou do cofre. Quando exibiu sua habilidade de tiro, mais de uma vez. Quando saiu cedo do baile dos Renegados, na mesma noite em que Pesadelo roubou o elmo do Ace.

E, talvez o mais sério de tudo, ao ajudar Max quando ele estava morrendo.

Depois de ver o quadro na casa do Adrian e de ouvir a teoria dele, Nova se deu conta de que, de uma forma terrível, tinha sorte por Max estar em coma. Talvez fosse melhor para Geladura mentir e dizer que Pesadelo tinha atacado o garoto, mas, quando ele acordasse, será que Max contaria uma história diferente? Nova queria que ele acordasse, claro que queria, mas também esperava que as lembranças dele daquela noite estivessem confusas demais para entender o que tinha acontecido.

Porque não fazia sentido Pesadelo o ajudar, mas foi o que fez. Em vez de deixá-lo morrer, ela tentou estancar o sangramento e chegou ao ponto de obrigar Genissa Clark a dar os poderes para ele, para que pudesse congelar a própria ferida.

Nova tinha repassado aqueles momentos na cabeça um milhão de vezes. Ela sabia que devia ter deixado o Max. Devia ter pegado o elmo e fugido.

Mas ele estava *morrendo*.

Ela não conseguiria deixá-lo. Mesmo agora, atormentada e refletindo com toda a racionalidade depois do ocorrido, ela sabia que tinha feito a escolha certa.

A verdade acabaria surgindo, e a verdade seria seu fim. Àquelas alturas, quaisquer daquelas verdades podiam ser seu fim.

— Talvez o momento peça por um pouco de frieza e honestidade — disse Mel, batendo com as unhas na mesa. — Eu quero salvar nosso pobre Ace tanto quanto qualquer um, mas nada disso é muito promissor. Mesmo se conseguíssemos entrar naquela prisão, as chances de tirá-lo de lá e de *sairmos* de lá já são baixas, e, assim que os Renegados se derem conta de quem a Nova é, o que, a julgar pelo pavor abjeto no rosto dela, desconfio que possa acontecer em aproximadamente cinco minutos, eles vão cercar este lugar e vai ser nosso fim. — Ela afofou o cabelo enquanto o foco se desviava de Nova para Leroy e para Fobia, depois de volta para ela. — Alguém já considerou que talvez a gente não devesse resgatar o Ace e sim roubar um belo iate e ir viver em uma ilha tropical por aí?

Fobia fez um som de repulsa.

Mel balançou os dedos para ele.

— Não se preocupe, querido. Tenho certeza de que dá pra achar uma que tenha cemitério.

— A gente não vai abandonar o Ace — disse Nova.

Mel suspirou.

— Está na hora de considerar outras opções.

— Mel tem razão — murmurou Leroy. — Eu odeio admitir, mas... — Ele indicou uma planta. — Isso não dá o suficiente nem pra elaborar um plano, menos ainda pra executar um.

— A gente *não vai* abandonar o Ace — repetiu Nova, mais ríspida desta vez. — Ele não nos abandonaria.

Os outros trocaram olhares inseguros, e Nova se irritou.

— Bom, ele não *me* abandonaria. Além do mais... Mesmo que... — Ela engoliu o caroço na garganta. — Mesmo que a gente não consiga chegar ao Ace a tempo, isso não significa que perdemos. Ele tinha uma visão, e essa visão continua existindo dentro de nós. O controle que os Renegados têm da cidade está enfraquecendo a cada dia, conforme as pessoas vão ficando cientes dos fracassos e da hipocrisia deles. O que quer que aconteça com o Ace, nós temos que continuar lutando pelo mundo em que ele acreditava!

Nova fechou a boca na hora em que as lágrimas começaram a se acumular nos seus olhos. Sentindo-se irritantemente dramática, ela virou o rosto, mas havia palavras que ainda precisavam ser ditas. Ainda havia uma abominação profunda que

ardia no peito dela. Não era só por causa da esperança do Ace para o mundo, pela liberdade e autonomia que ele achava que todos os prodígios mereciam. O direito de não serem caçados e mortos pelo que eram, mas também o direito de usar os poderes como quisessem, sem medo de perseguição, mesmo de outros prodígios como os Renegados. Isso era parte, sempre foi parte do motivo de ela lutar ao lado do Ace.

Mas o motivo mais profundo para seu ódio duradouro pelos Renegados era porque eles não foram resgatá-la quando ela mais precisou. Eles tinham jurado proteger a família dela e fracassaram. Seus pais estavam mortos. Sua irmãzinha, Evie, estava morta. Nova também estaria morta se não tivesse usado seus poderes para fazer o assassino dormir. Ace a encontrou parada ao lado do corpo inconsciente, tentando, sem conseguir, puxar o gatilho contra o assassino da família dela.

Tudo por causa dos Renegados e das promessas vazias deles.

Ela não perdoaria. E não deixaria que acontecesse com mais ninguém. As pessoas acreditavam que os Renegados podiam salvá-las, mas estavam enganadas. Os Renegados cometiam erros. Quebravam promessas. Mentiam.

E não podiam dominar o mundo sem que ninguém os enfrentasse.

— Tudo bem — disse Mel quando o silêncio já tinha se prolongado demais. — Vamos tentar do seu jeito, pequena Pesadelo. — Ela inclinou o queixo na direção da planta. — Mas nós todos sabemos que seus segredos não vão durar muito mais. Seria bom termos um plano de contingência preparado para quando você for descoberta.

Leroy assentiu.

— Eu também andei pensando nisso. Se Nova for descoberta, nós vamos ter que sair desta casa e destruir o máximo de provas possível de que estivemos aqui. E acontece que eu estou trabalhando nisso mesmo. Um coquetel de produtos químicos que, quando misturados, vão dizimar quase tudo em que tocarem. Pelo menos impediria que os Renegados revistassem nossas coisas quando formos embora.

— Tudo bem — disse Nova. — Se necessário, vamos levar tudo de que precisamos, destruir o resto e nos esconder.

Um baque alto no segundo andar atraiu a atenção deles para o teto manchado de infiltração. O corpo de Nova ficou tenso, e ela sentiu os companheiros ficarem imóveis, exceto Fobia, que se dissolveu em uma nuvem de fumaça preta e girou como um furacão na direção da escada.

Nova pegou a arma mais próxima, uma faca meio cega na gaveta da cozinha, e correu atrás dele, com Leroy e Mel logo atrás. Mas, quando chegou ao quarto que dividia com Mel, só viu Fobia a esperando no meio das abelhas e vespas. As criaturas da Mel sempre iam e vinham pela janelinha, que ficava entreaberta para que elas tivessem liberdade, mesmo quando alguma chuva torrencial encharcava a moldura podre da janela, como acontecia cada vez mais conforme o outono se transformava em inverno.

A presença encoberta de Fobia parecia um buraco negro no centro do quarto. Ele estava virado para a penteadeira de Mel, a mão esquelética girando distraidamente a lâmina da foice.

Os pés de Nova pararam no tapete sujo. Mel e Leroy pararam ao lado dela.

Nada na penteadeira parecia ter sido mexido, embora fosse difícil de saber, pois a bagunça de maquiagem e bijuterias costumava ser grande. Ali estava o pote de vidro, a tampa coberta com grampos e um brinco de pedra. Dentro estava a borboleta-monarca, agora pendurada de cabeça para baixo na tampa. Rastros de pó das asas dela manchavam o interior do pote pelas tentativas de se libertar, e quatro vespas amarelas estavam andando na tampa para tentar chegar ao lanchinho gostoso protegido ali dentro.

Mas não foi a borboleta nem as coisas da Mel que chamaram a atenção da Nova. Foi o espelho, refletindo as expressões atordoadas deles. Na superfície, escritas com caneta permanente preta em letra de forma, havia as palavras:

TRAGA O ELMO PRA MIM
QUARTO DA AR — BLACKMIRE
48 HORAS
OU TODO MUNDO VAI SABER
QUÊM VOCÊ É DE VERDADE

Nova mal tinha começado a digerir a ameaça quando Leroy passou por ela e enfiou a cabeça pela janela para olhar o quintal e a viela atrás da casa. No entanto, se o culpado estivesse lá, se escondendo nas sombras, Nova duvidava de que Leroy conseguiria vê-lo na escuridão.

Ela leu as palavras de novo. Sabia que muitos dos Renegados, como Adrian, estavam chegando perto de descobrir o segredo dela havia meses. Será que um deles finalmente tinha chegado lá? Mas a maioria dos Renegados levaria a informação diretamente para o Conselho. Ela duvidava de que muitos deles teriam coragem de fazer chantagem para obter o elmo do Ace, mesmo que fosse um dos objetos mais poderosos de todos os tempos.

Quem poderia ser?

— Bem — disse Mel —, sem Ace, o elmo não tem muita utilidade para nós.

Nova fez cara feia para o reflexo de Mel, cortado pelas palavras rabiscadas.

— Nós não vamos abrir mão do elmo. Eu me arrisquei demais pra pegá-lo. Além do mais, nós vamos encontrar um jeito de libertar o Ace e, quando fizermos isso, ele vai precisar do elmo pra recuperar a força. Eu não vou ficar parada, vendo Ace definhar, porque nós abrimos mão da única coisa que poderia revigorá-lo.

— Concordo — disse Leroy, aparentemente sem ter visto nada nem ninguém pela janela. — Mas acho que não devemos encarar isso como uma ameaça vazia. Alguém sabe sua identidade, Nova. Não só isso. Sabe onde você está. Onde nós todos estamos.

Nova cruzou os braços.

— É, mas essa pessoa é uma covarde, seja quem for. Deixar uma mensagem ameaçadora e não ousar me enfrentar pessoalmente... Quem faz isso?

— Os covardes às vezes podem ser os mais perigosos — disse Fobia.

— O Fobia está certo — retrucou Leroy. — Nós não podemos ignorar isso.

Nova olhou para o rosto dele, marcado e desfigurado, e pensou nos valentões adolescentes que jogaram ácido nele depois de uma aula de química. Covardes, todos. Mas perigosos mesmo assim.

Ainda assim, ela não entregaria o elmo para alguém que não tinha coragem de lutar, nem tinha tempo para ficar fazendo entregas para perseguidores anônimos.

Mas ela precisava de mais tempo para pensar em como libertar Ace daquela prisão.

Seu muro de mentiras podia estar pronto para desabar, mas ela não ia deixar que alguém o derrubasse com uma bola de demolição agora.

A ameaça no vidro ficou borrada à frente dela.

48 HORAS
OU TODO MUNDO VAI SABER

CAPÍTULO CINCO



ADRIAN ESTAVA REFLETINDO SOBRE invisibilidade. No que dizia respeito a superpoderes, era um que tinha utilidades infinitas, em especial quando se passava muito tempo andando sorrateiramente e espionando, como ele andava fazendo. Seu pai Simon, o Guardião Terror, podia ficar invisível. Max também, por ter absorvido um pouco da habilidade do Simon quando era bebê, embora só conseguisse fazer isso por períodos curtos. Havia um Renegado que tinha sido treinado na Cidade de Gatlon vários anos antes que estava *sempre* invisível, o que Adrian achava meio desconcertante quando se encontrava em sua presença. (Até agora, ele ainda não sabia qual era o gênero da pessoa, e o codinome, Espectro, não oferecia nenhuma pista disso.) Mas esse prodígio tinha sido enviado para uma organização do outro lado do oceano e Adrian não pensava nesse poder desde então.

Ele estava pensando muito agora.

Apesar de todos os poderes que ele tinha se dado usando as tatuagens, nenhuma delas melhorava muito sua furtividade. Pelo contrário: a armadura que saía do zíper tatuado no esterno dele era grande e volumosa, brilhante e reluzente. Fazia com que ele se sentisse invencível quando a usava, mas também muito, *muito* visível.

Só que Adrian não conseguia imaginar que tipo de tatuagem permitiria invisibilidade total. Ele achava que uma tatuagem assim teria que cobri-lo quase da cabeça aos pés para ser eficaz, mas talvez precisasse pensar de forma mais criativa. Talvez ele só precisasse de inspiração.

Ele se perguntou se Nova teria ideias, mas ela não sabia sobre o Sentinela e as tatuagens, e ele não sabia como contar, nem se queria, principalmente considerando a repulsa óbvia que ela demonstrava pelo alter ego justiceiro dele.

Mas, parado no beiral do lado de fora de uma janela de hospital, a cinco andares de altura, em plena luz do dia, com uma armadura pesada e reluzente, ele decidiu que estava na hora de começar a considerar outros meios de visitar Max escondido. E invisibilidade teria tornado tudo muito mais fácil.

Grudado na lateral do prédio, ele virou um espelhinho de mão na direção da janela para acompanhar os movimentos de uma enfermeira que verificava os sinais vitais do Max e anotava as informações em uma prancheta. Ela ajustou alguma coisa no soro pendurado ao lado da cama, esticou o cobertor por cima dos ombros magros de Max, rubricou uma folha de papel ao lado da porta.

Por fim, saiu e deixou a porta com uma fresta aberta.

Assim que ela saiu, Adrian se agachou e enfiou a ponta do dedo enluvado por baixo da janela. Abriu-se tão fácil e silenciosamente quanto das últimas duas vezes.

Ele chegou para o lado e fez uma careta por causa do estrondo das botas. Encostou um dedo no peitoral e recolheu a armadura para o bolso embaixo da pele. Com pés descalços bem mais silenciosos, ele atravessou o quarto e fechou a porta totalmente. Não havia tranca, mas os enfermeiros seguiam um horário rigoroso, e agora ele já estava bem familiarizado com os métodos para saber que ninguém voltaria ao quarto de Max nas próximas duas horas.

E, infelizmente, o garoto não podia receber muitos visitantes. Depois de passar a maior parte da vida em quarentena no QG dos Renegados, ele não tinha amigos nem conhecidos fora da organização, e só havia dois deles que podiam ficar perto de Max sem que seus poderes fossem absorvidos.

O Capitão Cromo era um. Ele era invencível a tudo, até ao Bandido.

E Adrian era o outro... embora só Max soubesse.

Depois que ele descobriu o Amuleto da Vitalidade e o que era capaz de fazer, Adrian se inspirou a criar uma tatuagem que oferecesse as mesmas medidas de proteção, ainda que contra um poder como o de Max. E deu certo. Ele finalmente podia ficar perto do irmãozinho sem uma barreira de vidro os separando.

Mas até descobrir um jeito de explicar as tatuagens para todo mundo, principalmente seus pais, ele tinha que guardar segredo sobre aquilo. E, agora que o

Amuleto da Vitalidade tinha desaparecido, ele não podia usar isso como pretexto para visitar o garoto.

Mas não havia como ele parar de aparecer completamente.

Só precisava tomar cuidado.

Com a porta e as persianas fechadas, ele foi até a cama e olhou para o irmãozinho. Pelo menos ele pensava em Max como um irmão desde que conheceu o garoto. Seus pais salvaram Max quando ele era bebê, depois que os pais biológicos, membros dos Baratas, tinham tentado jogá-lo num rio. Max já devia ter absorvido os poderes dos pais naquela época, e sem dúvida o resto da gangue tinha ameaçado expulsá-los se não se livrassem do bandidinho antes que causasse mais problemas. Para muitos pais prodígio, Max teria sido visto como ameaça bem antes de ser visto como uma criança digna de amor. Durante meses depois disso, Max viveu com uma família civil que cuidou dele até Hugh e Simon conseguirem pensar no que fazer. Desde o começo, Hugh achou que era importante que ele ficasse por perto, não só por ser um prodígio que merecia estar cercado de outros prodígios, mas também porque deixá-lo sozinho poderia torná-lo um alvo para os vilões ou uma arma que poderia um dia ser usada contra os Renegados.

Foi aí que eles começaram a pensar na quarentena.

A construção começou quase assim que a Batalha de Gatlon foi vencida e, alguns meses depois, Adrian conheceu seu irmãozinho adotado do outro lado de uma parede de vidro. Ele já estava andando daquele jeito incerto dos bebês, se balançando pelo espaço aberto, explorando a confusão de blocos e trenzinhos que Hugh levava para ele.

Adrian tinha usado uma caneta permanente vermelha para desenhar o melhor tubarão que conseguia na parede de vidro; não uma criatura viva, mas um brinquedo com que Max pudesse brincar. O desenho era rudimentar e simples, mas logo se tornou o brinquedo favorito do garoto.

Adrian se apaixonou pelo irmão imediatamente.

Depois de puxar uma cadeira de plástico para perto da cama, Adrian se sentou e examinou o rosto de Max, quase dez anos mais velho do que aquele bebê inocente e cem anos mais sábio. Ele disse para si mesmo que o garoto estava menos pálido do que na noite anterior, embora talvez fosse só coisa da cabeça dele. A respiração dele

continuava regular, como antes. O cabelo continuava desgrenhado. Havia um leve azulado nas pálpebras, que fazia com que a pele parecesse ser feita de papel de arroz.

Ele sempre foi pequeno para a idade, e agora quase parecia sumir no lençol branco da cama de hospital.

Mas Adrian tentou não pensar assim. Podia parecer que Max estava deitado ali havia semanas, mas não era verdade. Adrian teve que se obrigar a contar o tempo que tinha passado.

Três dias. Três noites. Algumas pessoas ficavam em coma por anos e conseguiam sair.

Além do mais, Hugh tinha falado com os médicos e eles alegavam que Max estava melhorando num ritmo impressionante, principalmente quando se considerava que, para começo de conversa, poucas pessoas teriam sequer sobrevivido ao ferimento; a lança atravessou o abdome abaixo da caixa torácica. Eles creditavam a sobrevivência em parte ao gelo que tinha se formado sobre a ferida, estancando o sangue interna e externamente, um poder que ele tinha absorvido de Geladura durante a batalha.

Se fosse possível que um curandeiro cuidasse dele, ele talvez estivesse de pé em uma ou duas semanas, novinho em folha e com apenas algumas cicatrizes feias para contar história.

Mas ele não podia ser cuidado por curandeiros. Na verdade, qualquer prodígio remotamente associado com o hospital tinha sido instruído a ficar longe não só do quarto, mas da ala inteira onde Max estava.

Ainda assim, ele havia sido colocado sob os cuidados dos melhores médicos civis que o hospital tinha a oferecer e parecia estar se recuperando. Eles estavam hesitantemente otimistas.

Essas eram as palavras que eles ficavam usando, que Hugh repetiu para Adrian e Simon. *Hesitantemente otimistas*. Era alguma coisa, mas não o suficiente.

Se ao menos Adrian tivesse capturado Ace Anarquia antes. Se tivesse recebido a mensagem do Max. Se tivesse sido só um pouquinho mais rápido para voltar ao quartel-general. Ele talvez tivesse conseguido impedir Pesadelo. Salvar Max.

— Não se preocupe, garoto — sussurrou ele. — Eu vou encontrá-la. Vou fazer com que ela pague por isso.

Ele inspirou fundo e começou a contar ao Max tudo que ele e a equipe tinham discutido. As desconfianças de que Pesadelo podia ser uma espiã dentro dos

Renegados e as provas que pareciam confirmar a teoria. Ele queria ter alguma suspeita em mente, mas a única Renegada que lhe parecia vilã era Genissa Clark, e ela não podia ser Pesadelo por motivos óbvios.

Parte do problema era que os poderes eram de registro público, e ninguém nos Renegados tinha uma habilidade como a de Pesadelo: fazer as pessoas dormirem com um toque. O mais perto que Adrian conseguiu encontrar foram registros de um prodígio que tinha o codinome Cantiga de Ninar e que tinha o dom, invejável apenas para pais de bebês recém-nascidos, de fazer crianças inquietas dormirem com suas canções. Mas Cantiga de Ninar nunca tinha sido Renegada, era só uma prodígio que era popular como babá para os pais que queriam ficar nas patrulhas.

O que significava que Pesadelo estava escondendo a habilidade do resto deles. Ele achava provável que estivesse se passando por uma das contratadas civis. Cerca de dez por cento da força de trabalho dos Renegados era composta de não prodígios, inclusive muita gente dos laboratórios e da administração.

Fazia sentido, até, que fosse um deles. Eles não precisavam fazer testes. Mas teriam passado por algumas verificações rudimentares de procedência...

Mesmo assim, parecia um bom lugar para começar.

— Obrigado, Max — disse ele, se encostando na cadeira enquanto as palavras e as ideias iam se afastando. — Conversar com você sobre isso ajudou muito.

Apesar de Max não poder responder, reconfortou Adrian desenvolver os pensamentos assim. Max foi muitas vezes um bom interlocutor para ele, com ideias e perspectivas maduras para alguém da sua idade.

Adrian não sabia o que faria sem ele.

Um ruído chamou sua atenção e Adrian levantou a cabeça. Ele ouviu vozes se aproximando do quarto, uma bem mais alta do que as outras.

Hugh Everhart, também conhecido como Capitão Cromo, também conhecido como seu pai.

Com um palavrão, Adrian se levantou e empurrou a cadeira para o lugar, no canto.

De novo. Invisibilidade. Ele tinha mesmo que trabalhar nisso.

Adrian subiu no parapeito da janela e foi até o beiral na fachada do prédio, uma posição que estava começando a ficar familiar demais. Só que ele nunca tinha estado lá fora sem a armadura do Sentinela. Era chocante como a sensação era diferente.

Como ele se sentia vulnerável com o vento açoitando a pele e a pedra áspera da parede do prédio arranhando as palmas das mãos. Ele não tinha medo de altura, mas era impossível não imaginar o que aconteceria se ele caísse e seu corpo batesse no asfalto cinco andares abaixo.

Ele ousou olhar para baixo e viu, com um certo alívio, que se isso acontecesse cairia em um canteiro de flores. Não era tão bom quanto, digamos, uma cama elástica, mas já era melhor do que asfalto.

A voz alta de Hugh chegou até ele, embora mal desse para ouvir com o vento soprando nos ouvidos. Era imaginação ou ele tinha ouvido o pai mencionar o Sentinela?

Um lado da sua boca se curvou para baixo. Adrian balançou o pulso e liberou a caneta que ele deixava dentro de um bolso na manga. Abriu-a com os dentes e começou a desenhar na parede do prédio, mas a pedra texturizada era áspera demais para a caneta completar linhas claras, e detritos ficavam grudando na ponta de feltro. Ele fez uma cara feia, inclinou-se para a frente, ignorando a queda a centímetros dos calcanhares, e desenhou na coxa da calça jeans.

Ele tinha aprendido, ao longo dos anos sendo Rabisco, o Renegado que podia transformar qualquer desenho em realidade, que desenhos complexos e detalhados podiam ser impressionantes, mas eram os simples que funcionavam melhor. Ele poderia ter desenhado um aparelho de escuta cheio de tecnologia, com antena de rádio e capacidade de abafar ruídos de fundo, mas para que tanta enrolação? Então ele desenhou uma corneta acústica antiquada, pontuda de um lado e larga do outro, para absorver ondas sonoras e canalizá-las para o seu canal auditivo. Era algo que os idosos talvez usassem centenas de anos antes, e Adrian não se sentiu muito sexy quando tirou o desenho do tecido e levou até a orelha.

Mas deu certo. De repente, a voz do seu pai chegou a ele com clareza, como se estivesse ao seu lado.

— ... grande dívida — disse Hugh com um tom bem mais calmo do que quando entrou no quarto —, o que está nos colocando em uma posição horrível. Você tem certeza de que ele teria morrido se o Sentinela não o tivesse trazido até aqui tão rápido?

— Nada é certo — disse outra voz masculina, a do dr. Sutner, Adrian reconheceu. O médico civil que tinha assumido os cuidados de Max quando nenhum

dos curandeiros prodígio pôde chegar perto dele. — Talvez Max tivesse conseguido sozinho, principalmente com o gelo estancando o sangramento. Mas...

Ele não terminou a frase. Não precisava.

Adrian sentiu uma pontada de felicidade no peito por saber que ele tinha ao menos feito uma coisa certa. Ele tinha ficado tentado naquela noite, muito tentado, a ir atrás de Pesadelo quando ela fugiu. Mas ele escolheu Max. Escolheu tentar salvar seu irmãozinho em vez de se vingar da pessoa que o atacou.

A vingança podia esperar.

— Bem... se um dia eu o encontrar, ele terá minha gratidão — disse Hugh, embora houvesse um peso nas palavras dele. — Mesmo que precise ser detido.

— Detido, Capitão? — disse o médico. — Mas... ele não trabalha pra você?

— Claro que não. Ele é um justiceiro. Não segue nosso código desde o primeiro dia.

— Certo. Sim. É o que a imprensa diz. Eu só tinha suposto... — O dr. Sutner parou de falar.

— Ele não é um Renegado. Ele não é um de nós. — A voz de Hugh assumiu um tom de ressentimento. — Talvez tenha feito algumas coisas boas pra nós, mas... é difícil não criticar os métodos dele. Ele devia ter entrado pra organização em vez de agir sozinho. Deu muitas ideias às pessoas sobre heroísmo e luta contra o crime, e isso é perigoso quando não fica nas mãos de profissionais. Pessoas se machucaram e só vai piorar.

Adrian desejou poder pegar o espelho para conseguir ver a expressão do pai, mas não podia usar ao mesmo tempo o espelho e a corneta acústica. Ainda assim, tinha a sensação de que sabia o que seu pai estava pensando. Tinham falado muito sobre a captura do vilão mais reverenciado do mundo pelo Sentinela. Parecia meio injusto, porque Oscar, Ruby e Danna tinham ajudado e deveriam ter recebido parte do crédito. Mas depois de descobrirem que Adrian era o Sentinela, foi ideia de Ruby deixar um bilhete para os Renegados quando foram buscar Ace Anarquia. O bilhete dizia:

CONSIDEREM ISSO
UMA OFERTA DE PAZ.

— SENTINELA

Assim, explicou Ruby, eles saberiam que o Sentinela estava do lado deles. Que ele não era vilão. Que precisavam parar de persegui-lo.

Mas, apesar das boas intenções dela, o bilhete só pareceu ter irritado mais o Conselho. As pessoas acharam que talvez o Sentinela estivesse debochando ao rastrear o pior inimigo deles, um inimigo que os Renegados acreditavam havia muito que estava morto. Além disso, o aumento da atividade de justiceiros tinha disparado nos meses anteriores, conforme as notícias das vitórias do Sentinela sobre criminosos iam se espalhando. As pessoas estavam começando a achar que os Renegados e seu código não bastavam. Precisava haver medidas mais drásticas se queriam impedir o aumento do crime na cidade.

Teria sido lisonjeiro, só que nem todo mundo era feito para ser super-herói, e muitas boas intenções levaram civis a se ferirem com gravidade. Um homem ambicioso quase tinha sido morto tentando impedir um roubo de carro e uma mulher inocente levou um tiro no braço quando um justiceiro entusiasmado supôs erroneamente que ela estava tentando invadir o apartamento do vizinho dele. (Na verdade, o vizinho tinha pedido que ela cuidasse do cachorro dele por alguns dias.)

Quanto mais pessoas tentavam fazer justiça com as próprias mãos, mais histórias assim surgiam.

Não era que os Renegados nunca cometessem erros, mas, pela primeira vez desde que Adrian tinha colocado a armadura do Sentinela, ele estava começando a entender por que o Conselho dava tanta importância ao código.

— Sua equipe sabe que tem que ficar de olho nele? — perguntou Hugh, chamando a atenção de Adrian de volta à conversa.

— Como você pediu. Não houve sinal. Se bem que... Se ele viesse ao hospital, nós provavelmente não o reconheceríamos.

— Eu sei, mas tenho a sensação de que ele virá... É um comportamento heroico comum querer ver a pessoa que foi salva. Eu vejo nos Renegados, o tempo todo, como querem manter conexão com as pessoas que ajudaram a salvar. Algo me diz que o Sentinela vai tentar ver o Max de novo.

— O que leva à pergunta, Capitão — disse o médico, parecendo meio hesitante.
— Como ele conseguiu trazer Max até aqui sem ser afetado pelo poder do garoto?

Hugh ficou em silêncio por muito tempo, embora Adrian sentisse que era mais por ele estar em dúvida do que deveria revelar e não por estar refletindo sobre a pergunta. Ele acabou admitindo:

— Nós não fazemos ideia. Há muitas coisas sobre ele que não sabemos. Acho que o que sabemos é que, ao longo de uma noite, ele conseguiu capturar o Ace Anarquia e salvar a vida do meu filho. Apesar de tudo... de quanto ele é perigoso, de quanto está mal orientado... eu não consigo deixar de ter esperanças de poder agradecer um dia.

CAPÍTULO SEIS



ERA A PRIMEIRA VEZ que Nova voltava ao departamento de armas e artefatos desde a noite em que roubou o elmo do Ace. Ela estava com um nó nas entranhas quando subiu de elevador até o galpão carinhosamente conhecido como cofre. Seu uniforme de Renegada parecia estar estrangulando-a, o tecido repuxando os braços e as pernas, apertando as costelas e o pescoço até ela mal conseguir se mexer.

As palavras no espelho estavam gravadas nos pensamentos dela, e em parte, uma parte grande, Nova se perguntava se Mel não estava certa. Talvez fosse hora de desistir. Ela não achava que podia salvar Ace, achava? Principalmente antes de ser descoberta. E agora, com um cretino desconhecido a perseguindo e fazendo ameaças, ela estava questionando se valia a pena.

Apesar de brincar com o próprio destino com frequência, ela odiava a ideia de outra pessoa ter seu destino nas mãos. Isso não era bom.

Nova havia avaliado muitas possibilidades na noite anterior, a maioria acabando com ela descobrindo quem era o chantagista e o encharcando com uma das misturas mais dolorosas do Leroy. Porque a ideia de ceder às exigências, mesmo que só para temporariamente apaziguar a pessoa, a repugnava. Ela era uma Anarquista. Era uma das vilãs mais temidas da Cidade de Gatlon.

Ela *não* apaziguava.

E não seguia as ordens de fantasmas que invadiam seu quarto e deixavam mensagens irritantes.

Mas cada vez que a raiva ameaçava explodir, ela trincava os dentes e a controlava. Ela não precisava de vingança agora. Precisava de tempo.

O elevador apitou, e ela empertigou os ombros e respirou fundo até sentir que os pulmões estourariam.

Ainda estava prendendo o ar quando as portas se abriram e revelaram a pequena recepção do lado de fora do armazém: a mesa da Foto Instantânea, bagunçada como sempre, e a que agora era praticamente de Nova, vazia como sempre.

Foto Instantânea não estava nem o Garoto Maravilha, como Nova tinha passado a chamar Callum em pensamento.

Ela soltou o ar e andou na direção da escrivania.

Não estava pronta para ver Callum, apesar de saber que isso teria que acontecer em algum momento. Não só porque trabalhavam juntos na maior parte do tempo, mas porque ela precisava fingir que queria arrancar dele informações sobre Pesadelo. Seria necessária uma dança cuidadosa. Deixar que ele soubesse das desconfianças do Adrian, levá-lo a acreditar que, sim, Pesadelo podia ser uma espiã na organização, talvez até alguém que tivesse acesso ao cofre. E, ao mesmo tempo, manter as desconfianças longe dela.

Ela não sabia se conseguiria. Tinha ficado boa em mentir, mas não estava certa se chegaria *a esse nível*.

Talvez isso hoje não importasse. Talvez ela não o visse. Talvez não tivesse que olhar na cara dele e se obrigar a sorrir, lembrando-se, o tempo todo, do momento em que ele tentou impedi-la de pegar o elmo e ela foi obrigada a fazê-lo dormir por causa disso.

Ela não costumava sentir culpa quando usava seu poder, principalmente em Renegados, mas isso aconteceu com Callum. Ele tinha usado o poder dele para fazer Nova ver que talvez o mundo pudesse ser diferente. Que talvez a vida dela pudesse ser diferente, caso escolhesse um caminho diferente. E a pior coisa era saber que não era Callum botando os pensamentos na cabeça dela; era saber que estavam lá o tempo todo.

E saber que ela não faria nada em relação àquilo.

Quando Nova decidiu continuar com o plano e pegar o elmo, pareceu uma traição a Callum e a toda a bondade irritante dele. Também pareceu uma traição a uma pequena parte dela. A parte dela que às vezes ainda sonhava em viver uma vida

sem vingança. Uma vida em que ela e Adrian tinham um futuro. Talvez até uma vida de paz.

Mas aquele sonho, ela sabia agora com mais certeza do que nunca, jamais aconteceria. A verdade estava se fechando em torno dela. Suas mentiras não podiam continuar para sempre. Além do mais, paz e aceitação não trariam de volta a família que ela tinha perdido.

Não importa, ela disse para si mesma repetidamente. Pegar o elmo era para ser o fim daquela mentira. Na ocasião, ela teve certeza de que jamais teria que olhar na cara do Callum de novo... nem de Adrian, na verdade.

Mas as coisas nunca aconteciam de acordo com os planos, e agora havia consequências. Sempre havia consequências, e ela não conseguia parar de pensar nisso. Ela precisava continuar agindo. Continuar seguindo o fluxo. Mentir. Roubar. Trair.

Porque era assim que ela libertaria Ace.

Era assim que destruiria os Renegados.

Era assim que acabaria com essa batalha contínua nos seus pensamentos. A guerra entre Pesadelo e Insônia. Heroína e vilã. Ela já tinha feito sua escolha.

Nova se sentou na cadeira e ligou o computador. Abriu um modelo de memorando e digitou às pressas o comunicado que já tinha elaborado mentalmente. Quando acabou, releu o texto e decidiu acrescentar um errinho de digitação, porque Tina, a diretora do departamento de artefatos, era sempre meio caótica e o memorando pareceria mais autêntico assim.

Depois de imprimir a página, Nova foi até a segunda mesa vazia e pegou uma caneta em uma caneca junto do teclado, a roxa com uma margarida roxa gigante na ponta. Aí rabiscou uma assinatura no pé da página.

Tina Lawrence

Foto Instantânea

Diretora

Depois de colocar a caneta no lugar, ela passou um momento remexendo nas gavetas em busca do carimbo que Tina usava às vezes em documentos oficiais do departamento de armas e artefatos.

Ela já tinha revirado cada gaveta duas vezes quando desistiu com um resmungo e bateu a última gaveta. Suspirou, inspecionou a bagunça na mesa com mais atenção,

mas não achou o carimbo.

Com o papel na mão, foi para a sala de arquivo. Não tinha dado dois passos lá dentro quando viu o carimbo, esquecido atrás de uma pilha de pastas de papel pardo vazias.

— Sinceramente — murmurou ela, andando até a pilha e usando o carimbo no memorando embaixo da assinatura falsa. Depois de botar o carimbo de lado, ela dobrou a folha em três partes.

— Oi, Nova.

O coração dela pulou para a garganta, ela falou um palavrão e se virou.

Callum também se assustou, surpreso com a reação exagerada.

— Caramba, você me deu um susto!

— Desculpa — disse ele com um sorriso tímido. — Eu não sabia que tinha alguém aqui.

— Claro. Tudo bem. — Ela limpou a garganta. — Eu só não estou acostumada com as pessoas chegando sem eu perceber.

Isso era um eufemismo. Como ela não o tinha ouvido se aproximando às suas costas?

A resposta ocorreu a ela um segundo depois. Nas semanas em que ela conhecia Callum, ela nunca tinha ficado *sem* ouvi-lo. Se não estava empurrando um carrinho com rodinhas barulhentas carregado de artefatos, ele estava falando daquele jeito incessante dele, conseguindo ser ao mesmo tempo encantador e irritante.

— Eu não sabia se você viria hoje.

Callum inclinou a cabeça, e ela se deu conta de que ele estava tentando ver a carta dobrada na mão dela.

— Por que eu não viria? É meu turno hoje.

Ele a encarou e sustentou o olhar dela por um momento longo demais antes de voltar a abrir um sorriso.

— Eu devo ter esquecido.

A expressão de Callum não era exatamente crítica, mas havia algo errado. Uma desconfiança.

Uma coisa bem atípica do Callum.

Nova abriu o próprio sorriso como uma arma, já elaborando uma mentira sobre a carta que tinha na mão.

Mas ele não perguntou.

Isso foi mais estranho do que tudo. O fato de que ele *continuava* sem falar.

— Ah! — disse ela, fingindo um ofego. — Fiquei sabendo do seu encontro com a Pesadelo. Você está bem?

Um lado da boca de Callum tremeu.

— Sim, sim. Ela fez aquela coisa de me fazer dormir. Sabe, eu ouvi falar que muita gente tem dores de cabeça horríveis depois que ela as faz dormir, mas eu fiquei bem. Me senti bem descansado no dia seguinte, na verdade.

— Ah... que bom. — Nova esperava parecer confusa. — Talvez você só seja mais resiliente do que o resto de nós.

Ou talvez eu tenha sido gentil.

— Duvido muito. — Ele franziu a testa e o sorriso sumiu de verdade desta vez. — É estranho pensar que talvez ela tenha pegado leve comigo.

Nova riu. Soou tão falso que ela tremeu.

— Pesadelo, pegar leve com alguém? Não parece muito a cara dela.

— É, eu sei. — Ele apertou os olhos e examinou Nova como se soubesse de alguma coisa. A pulsação dela disparou. — Eu sei que pode soar estranho, mas ela pareceu familiar.

As sobrancelhas de Nova se ergueram até quase encostarem na raiz do cabelo.

— Engraçado você dizer isso — disse ela, baixando a voz de um jeito que, com sorte, ia inspirar confiança e proximidade. — Pode não ser tão estranho quanto você pensa.

Ele piscou e por um momento pareceu um coelho sobressaltado pronto para fugir. Ela sabia que ele desconfiava dela. Que ele estava bem ciente de por que Pesadelo pareceu familiar.

Mas ela precisava convencê-lo do contrário.

— A minha unidade de patrulha fez uma reunião ontem — disse ela, atravessando a sala até ele. A postura de Callum era uma mistura de curiosidade e nervosismo. Ele devia estar com medo de estar tão perto dela. Se realmente acreditava que ela era Pesadelo, ele sabia como podia ser perigosa. Que podia botá-lo para dormir com facilidade. Se bem que talvez ele estivesse torcendo para que ela fizesse exatamente isso.

Seria prova da sua desconfiança.

— Adrian tem uma teoria — continuou Nova. — E no começo pareceu meio absurda, mas agora já não tenho tanta certeza.

Os ombros de Callum relaxaram quando ficou claro que aquilo não se tornaria uma confissão.

— Que tipo de teoria?

— Sobre a Pesadelo. Ele está investigando essa garota já faz meses, desde o ataque no desfile. Ele compilou uma quantidade chocante de informações e... bem.

— Ela baixou a voz para um sussurro. Callum se inclinou mais para perto. — Ele acha que ela pode *ser* uma Renegada.

Ele não disse nada. Depois de outro momento estranhamente silencioso, ela o viu ficar desconfiado de novo. Tentando adivinhar suas intenções.

Enfim, ele respondeu apenas:

— Ah, é?

— Eu não tive certeza no começo, mas, quando Adrian começou a listar todas as coincidências... tipo que ela sabia sobre o elmo e tinha acesso ao Agente N... e, ah! Sabe os mísseis de névoa? Até que faz algum sentido, né? E se ela for uma espiã?

Callum inclinou a cabeça para o lado.

— E se ela for uma espiã.

— Explicaria muita coisa.

— Sim. Explicaria.

— Então... você acha que Adrian pode estar certo?

Callum abriu a boca, mas hesitou. Apesar de ter sentido certeza antes, ela agora sentia hesitação. Um defeito do otimismo dele. Da crença na humanidade.

Ela percebeu que Callum não queria que ela fosse Pesadelo. Ele estava procurando um motivo para duvidar das próprias desconfianças.

Era a fresta de que ela precisava.

— Callum? — repetiu. — Você acha que ela pode ser uma espiã?

— Eu acho possível, sim.

Ela se permitiu parecer preocupada.

— Então deve ser fácil descobrir quem ela é, né? — Nova indicou a área da recepção. — Nós podemos olhar o histórico de empréstimos. Descobrir quem pode ter demonstrado interesse nos mísseis de névoa. Podemos olhar as imagens da câmera de segurança. Seja lá quem for, ela deve ter deixado rastro. Pistas que

podemos seguir. Ruby sugeriu que ela talvez seja recruta recente, mas acho que é mais provável que seja civil. Alguém fingindo que não tem superpoder nenhum.

— Ela é baixa — disse Callum.

As palavras de Nova, fossem quais fossem as coisas desconexas que ia dizer em seguida, evaporaram na língua.

— Como?

Callum tinha quase a mesma altura que Adrian, e Nova nunca tinha se dado conta do quanto ele olhava para baixo para falar com ela até aquele momento. Mas isso não era incomum. Quase todo mundo era mais alto do que ela.

— Ela é baixa — repetiu ele. — Que nem você.

Ela abriu a boca. Fechou. Tentou de novo.

— Isso é... uma informação importante. Vai ajudar a eliminar algumas pessoas. Vou ver se consigo mais detalhes com Genissa Clark e a equipe dela. Pra comparar percepções. Hum... você notou mais alguma coisa na Pesadelo? Qualquer coisa que pudesse nos ajudar a... identificá-la...?

Ele a encarou. Encarou *mesmo*.

E ela sentiu as palavras pairando entre os dois. *É você, é você, só pode ser você.*

Mas as palavras foram eclipsadas por dúvida e um sorriso envergonhado em seguida.

— Não sei. Estava bem escuro e... tudo aconteceu tão rápido. Além disso, você sabe, tem a máscara.

— Claro. Mas, se você pensar em alguma coisa...

— Eu te falo — disse ele. — Eu te falo, com certeza.

— Tudo bem. Ótimo. E vou mencionar o lance da altura para o Adrian. Acho que a patrulha tem registros de saúde bem completos de todas as unidades, e isso pode incluir a altura, então é um lugar para começarmos. Obrigada, Callum. Ajuda muito.

Ela começou a se afastar, a folha de papel estalando entre os dedos.

Mas, pouco antes de sair pela porta, ela parou e se virou. Sua expressão se suavizou.

— Sabe, estou bem feliz de você estar bem.



NO ANDAR MAIS ALTO do quartel-general dos Renegados, sob um gigantesco candelabro de vidro, ao lado de um quadro enorme que retratava a morte falsa de Ace Anarquia, Nova entregou o memorando a Prisma, a recepcionista pessoal do Conselho. Luzes nas cores do arco-íris dançaram em cima da mesa, reflexos dos dedos de cristal de Prisma, quando ela abriu o papel e leu o bilhete.

Ela franziu a testa. Não desconfiada, mas confusa.

— Foto Instantânea quer que você leve a imitação para o departamento de artefatos?

— Ela está com medo de que deixar o elmo falso em exibição pública possa criar drama desnecessário — explicou Nova. — Considerando o roubo do verdadeiro, as pessoas vão começar a ficar curiosas com a imitação. Algumas podem achar que o Conselho estava mentindo o tempo todo quando disse que o elmo tinha sido destruído. — *E foi o que aconteceu*, completou Nova em pensamento. — Foto Instantânea acha que seria prudente deixar a imitação longe do público até que o verdadeiro elmo tenha sido recuperado... ou até o Conselho ter tempo de decidir o que é melhor fazer.

Prisma pensou nisso por apenas três segundos e deu de ombros.

— Tudo bem, pode pegar. O display está destrancado.

CAPÍTULO SETE



N OVA ESTAVA ANSIOSA PARA deixar essa enganação para trás. Assim que saiu do quartel-general com o elmo falso em uma ecobag comum, ela foi direto para Blackmire, uma das estações desativadas da antiga linha de metrô da Cidade de Gatlon. Ela e os Anarquistas moraram lá por três anos depois do Dia do Triunfo, e Nova só se deu conta do quanto odiava os túneis úmidos e abafados quando foram expulsos de lá pelos Renegados e obrigados a procurar abrigo na casa decrepita de Wallowridge.

Apesar de não terem saído por escolha própria e de não quererem deixar Ace lá, sozinho, se pudessem ter evitado, ela não tinha como negar que a casa era bem melhor. Ela não estava animada para voltar lá para baixo agora, mas as instruções do chantagista só podiam significar uma coisa.

QUARTO DA AR — BLACKMIRE

Quarto da Abelha-Rainha, estação Blackmire.

Mel, que era conhecida como Abelha-Rainha pela maioria da sociedade, tinha transformado um velho armário de manutenção perto da linha principal em seus aposentos particulares. Não era aconchegante — nada nos túneis podia ser descrito como *aconchegante*. Mas ela arrumou o local da melhor maneira que pôde, pendurando lenços nas paredes e levando um abajur antigo que lançava um brilho agradável nas paredes de concreto. E havia as colmeias. Por todo lado, colmeias e o

zumbido constante das abelhas, que voavam com agitação até a superfície em busca de néctar e pólen todos os dias, só para voltar obedientemente, ainda que contrariadas, para a rainha quando o sol estava se pondo.

Nova estava tensa conforme andava pelo túnel, o caminho iluminado pelo raio da lanterna. Suas botas-padrão dos Renegados faziam barulho nos trilhos do trem. Ratos guincharam, os olhos brilhando na luz, antes de correrem para suas tocas. Aromas familiares chegaram a ela. O ar úmido. O fedor de água parada. O leve odor de urina antiga. Mas havia cheiros novos também. Enxofre e fumaça e o odor ácido dos venenos de Cianeto, que permaneciam desde o dia em que os Renegados os atacaram.

Fora o cheiro de guerra e o fato de que todos os pertences deles tinham sido confiscados pelos Renegados, pouca coisa havia mudado.

Seus nervos estavam vibrando quando ela chegou ao quarto de Mel. A porta pesada de ferro estava aberta, mas tudo que ela via eram sombras.

Nova levou a mão até a arma de choque, quase esperando uma armadilha. Não seria surpresa se o chantagista a atacasse assim que ela entrasse no quarto, porque esse era o tipo de coisa que um vilão anônimo faria. Ela pousou o dedo no gatilho quando chutou a porta e apontou a lanterna para dentro.

Nada.

Não só sem chantagista, mas também sem as coisas da Mel.

E isso era perturbador, ainda que não fosse inesperado. Nova sabia que todos os pertences que os Anarquistas não puderam levar tinham sido levados para o quartel-general dos Renegados e estavam naquele momento em um depósito temporário nos fundos do departamento de artefatos, esperando para serem separados. Ela vira os vestidos da Mel lá, além de caixas de bijuterias, até o abajur bonito.

A única coisa que os Renegados deixaram foi uma cômoda velha, na qual havia um espelho lascado em um canto e tinta da moldura descascando. As gavetas tinham sido retiradas e ela estava afastada da parede, sem dúvida para que os Renegados pudessem procurar pistas e provas contra os Anarquistas. Eles deviam ter concluído que a cômoda daria trabalho demais para levar pela escada. Nova não sabia como Mel conseguiu levá-la lá para baixo.

Ela guardou a arma e tirou o elmo falso da bolsa. Na luz fraca, o buraco no crânio era quase imperceptível, e ninguém conseguiria perceber a leve diferença de cor,

que a maioria das pessoas desconhecia. Foi a falta de brilho daquele elmo que sinalizou a fraude para Nova. Muitos artefatos de prodígios, inclusive tudo que seu pai tinha feito, tinham um brilho único. Uma luminescência que era difícil de detectar se não se soubesse o que procurar.

Ultimamente, Nova tinha começado a procurar.

— É todo seu — murmurou ela para as sombras, colocando o elmo na cômoda. Seu chantagista devia estar se esgueirando pelas curvas do túnel, esperando que ela fosse embora para poder entrar sorrateiramente e pegar o prêmio.

Por ela, tudo bem. Ela mal podia esperar para sair dali.

Mas, assim que passou pela porta, um corpo se chocou contra ela. Alguém a segurou pela nuca e a empurrou na parede áspera.

— Eu sabia que você ia voltar! — rosnou seu agressor. — Eu sabia... — Ele parou em seguida. — No...?

Ela bateu com o calcanhar no arco do pé dele, e ele soltou um berro e pulou para longe dela. Com a arma na mão, Nova se virou, o dedo no gatilho...

— No-va...

Ela ficou paralisada. Seu braço pendeu inerte ao lado do corpo.

— *Adrian?*

— Desculpa — gemeu ele, se abaixando e colocando o pé machucado por cima do joelho. Ele desamarrou o cadarço do tênis. — Eu achei que você fosse a Pesadelo.

Nova olhou para ele, boquiaberta, enquanto Adrian tirava o sapato e massageava o pé no local onde ela havia pisado.

— Você não...

Ela olhou para o quarto, onde o elmo ainda estava, inocente, sobre a cômoda. Era *Adrian* o chantagista?

Não. Não fazia sentido. Fazia?

Seus pensamentos estavam à toda, e ela balançou a cabeça, tentando organizá-los.

— O que você está fazendo aqui? — disse ela, guardando a arma.

Ele flexionou os dedos e massageou o arco do pé.

— Eu vim para cá algumas vezes desde a invasão, pra ver se sobrou alguma pista. As equipes de limpeza são boas, mas nunca se sabe. — Ele começou a calçar o sapato. — Me desculpa por ter te agarrado desse jeito. Eu vi a lanterna, e, no escuro, você meio que parecia...

— Tudo bem. É isso que eu mereço por ficar me esgueirando por túneis escuros. Ela fechou a porta, torcendo para Adrian não querer entrar. Ela não sabia como explicaria o que estava fazendo com o capacete falso ali e por que o estava deixando lá.

— E o que você está fazendo aqui? — perguntou Adrian.

— O mesmo que você. Depois da nossa reunião naquele dia, fiquei pensando muito sobre a questão da Pesadelo poder estar se passando por um Renegado. Eu me perguntei se haveria alguma coisa aqui que pudesse indicar... você sabe, se essa desconfiança tem alguma base.

Adrian se levantou.

— Na verdade, tem uma coisa que a equipe de limpeza deixou passar.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Tem?

— Tem. Não sei se ajuda a essas alturas, mas vem. Vou te mostrar.

Ele tirou uma lanterna do bolso de trás e, para o alívio de Nova, levou-a para longe do quarto da Mel, na direção de um cruzamento de túneis onde ficava o vagão *dela*, perto da parede. Havia folhas de papel coladas no túnel e nas janelas do vagão, “provas” deixadas pelos Renegados, indicando qualquer coisa que tenha parecido digna de nota na ocasião.

Para sua surpresa, Adrian não foi para o vagão da Pesadelo, mas para um túnel adjacente. O raio da lanterna dele dançou pela parede de pôsteres antigos de propaganda alinhados, todos mais altos do que Nova. Seus pulmões se apertaram quando ela percebeu o que ele tinha descoberto.

Ao se aproximar do último pôster, uma propaganda de um livro de suspense, Adrian enfiou os dedos embaixo do canto da moldura. O pôster se moveu na direção deles, como tinha feito centenas de vezes quando Nova tinha ido visitar Ace.

— Uau — comentou ela, dando um passo à frente enquanto fingia examinar o local. Ela apontou a lanterna para o túnel estreito, as laterais exibindo marcas e arranhões onde ela e os outros Anarquistas tinham passado. — Aonde vai dar?

— Nas catacumbas debaixo da catedral — disse Adrian.

— É mesmo? Deve ficar a pelo menos um quilômetro e meio de distância.

— Pouco menos de um quilômetro — disse ele. — O túnel segue em linha reta. Levaria bem mais pela superfície. Eu acho que esse túnel deve ter sido usado depois

da Batalha de Gatlon. Deve ser como os Anarquistas conseguiram fugir. E como ficaram indo e vindo, visitando Ace Anarquia e levando comida e suprimentos para ele. — Ele balançou a cabeça. — Lembra que eu vim aqui semanas atrás, quando estava tentando procurar a marionete que Winston Pratt queria? Eu vi esse pôster e... tive uma intuição. Eu estava tão perto de descobrir na ocasião. Nós teríamos conseguido encontrar o Ace Anarquia.

Ela forçou uma risadinha apesar da acidez que sentia no estômago.

— Que bom que não encontrou. Dar de cara com o Ace Anarquia assim? Você teria... — Ela parou de falar, sem querer magoar os sentimentos do Adrian. Mas os dois sabiam que ele não teria tido a menor chance contra Ace, mesmo que Ace estivesse bem mais fraco do que dez anos antes. Pelo menos, ela esperava que Adrian soubesse disso. Ele era talentoso, mas nem *tanto*. — Fiquei chocada que o Sentinela conseguiu capturá-lo.

Adrian torceu a boca, e ela percebeu que ele queria dizer alguma coisa, provavelmente defender as próprias habilidades, mas resistiu.

— Bom, dizem que o Ace Anarquia estava bem fraco quando o encontraram. Sem o elmo, ele é só um telepata qualquer.

Agora foi a vez dela de resistir à vontade de discutir.

— Se você quer saber a minha opinião, o Sentinela teve sorte.

Adrian grunhiu, mas ela não achava que ele concordava.

— Então... — começou ela, se balançando nos pés. — Você voltou às catacumbas?

— Só uma vez. Mas não descobri nada que já não soubéssemos. Mas estive aqui algumas vezes depois daquilo. Fico achando que a Pesadela vai acabar aparecendo aqui em algum momento, não é?

Ela deu de ombros.

— Pode ser que não. Pode ser que ela saiba que os Renegados estão de olho.

— Pode ser. — Ele colocou o pôster no lugar. A expressão dele mudou, o começo de um sorriso provocador aparecendo nos cantos dos lábios. Nova ficou tensa na mesma hora. — Bela pulseira, aliás.

Ela piscou.

E piscou de novo.

Ela levou a mão à manga e a puxou por instinto, mas era tarde demais para cobrir a estrela que estava inexplicavelmente encaixada na pulseira... brilhando de forma óbvia demais nos túneis escuros.

— Eu não roubei — disse ela apressadamente. — Ao menos... eu não pretendia roubar. Só meio que...

Adrian riu.

— Eu não estou com raiva. Pode ficar com ela. — Ele inclinou a cabeça, os olhos ainda brilhando por trás dos óculos. — Eu percebi que tinha sumido depois que você foi embora, mas você não disse nada, então achei que era melhor ficar quieto também. Mas a curiosidade está me matando. — Ele segurou a mão dela e empurrou delicadamente a manga, revelando não só a estrela, mas a pulseira delicada que o pai dela tinha feito anos antes, a última coisa que ele fez. — Encaixa perfeitamente. Como se tivesse sido feita para ela.

Adrian estava impressionado.

Nova ficou mais impressionada com a sensação de eletricidade com o toque dele. Não era a primeira vez que ele tocava nela, então como ainda a afetava assim?

— Como você sabia que encaixaria na pulseira? Ela foi parte do sonho que você teve?

— Não — respondeu ela. — Eu não tinha ideia de que ia... — Ela olhou a estrela, sem saber como explicar o que tinha acontecido. — Eu voltei para a sala pra olhar depois que você dormiu. Eu só queria tocar nela, ver se faria alguma coisa. E ela... meio que brilhou, sabe? E, quando percebi, já estava na minha pulseira. — Ela fez uma careta, envergonhada. — Eu devia ter te contado, mas é que... era a sua casa. Fiquei com uma sensação de estar roubando.

— No que me diz respeito, aquela sala foi feita pra você — disse Adrian. — Pode pegar qualquer coisa nela. Os papagaios, as flores, o fone de ouvido com cancelamento de ruído...

Ela ficou vermelha, lembrando-se muito bem do som abafado dos batimentos deles se sincronizando enquanto ela adormecia pela primeira vez em dez anos. Talvez tenha sido o momento mais mágico da vida dela. Ainda havia ocasiões em que ela se perguntava se tinha imaginado tudo, com a certeza de que tinha sido fantástico demais, surreal demais, para realmente ter acontecido.

Mas Adrian estava ali, os dedos entrelaçados nos dela, os pés praticamente se tocando, e *tinha* acontecido.

— Bom, obrigada — disse ela, chegando só um pouco mais perto dele. — Eu fiquei um pouco apegada à estrela e... parece mesmo ter sido feita para a pulseira.

— Fico feliz de você ter gostado. Foi a primeira vez que dei uma joia pra uma garota, o que é uma coisa meio importante e...

Ela apertou os olhos.

— Você não me deu uma joia. Você me deu uma selva.

Ele riu.

— Isso, e um dia quase inteiro de sono tranquilo.

— Bom, para de caçar elogios. Eu admito que você é ótimo em dar presentes.

— Ela se inclinou para a frente e se ergueu na ponta dos pés.

— Estou tentando — disse Adrian, curvando-se para perto dela.

O beijo foi tudo de que ela se lembrava. Um calor percorrendo os membros. Estrelas cadentes cintilando por trás das pálpebras. Uma alegria tão perfeita, mas ainda desejando mais.

Um estrondo sobressaltou os dois, algo caindo com força no chão. Eles deram um pulo para longe um do outro e se viraram para os túneis escuros do metrô de onde tinham vindo.

A pulsação de Nova disparou sob a pele; ela *sabia* que tinha sido o elmo. O chantagista tinha percebido que era falso? Tinha jogado no chão?

— Deve ter sido um rato — disse ela, sem fôlego por mais de um motivo.

— Eu não acho que tenha sido um rato. — Ainda segurando a mão dela, Adrian começou a voltar na direção do quarto de Mel.

Nova firmou os pés. A última coisa de que ela precisava era de um encontro com alguém que conhecia os segredos dela e não hesitaria em revelá-los, principalmente para Adrian Everhart.

— Espera! E se for... e se for a Pesadelo? Ou outro Anarquista? Não é melhor a gente pedir apoio?

Adrian olhou para ela com perplexidade e, mesmo na iluminação fraca, ela viu a confusão dele.

— *Você* quer pedir apoio?

Ele estava certo. Não parecia coisa dela.

— É que... — Ela ergueu a outra mão para ele. — Você não está de uniforme!

Ele virou a cabeça para o lado por um segundo, balançou-a e começou a puxar Nova outra vez.

— Vem.

Ela engoliu um palavrão e foi atrás. Ela bancaria a burra. Negaria qualquer coisa que o chantagista dissesse. Se precisasse, tomaria medidas desesperadas e silenciaria a pessoa antes que qualquer coisa pudesse ser revelada.

Ou talvez ela pudesse derrubar Adrian logo, antes de ele encontrar a pessoa e ter a chance de descobrir alguma coisa. Nova olhou para a pele exposta da nuca dele. Podia inventar uma história, dizer que *era* Pesadelo nos túneis, que tinha pulado das sombras e feito os dois dormirem antes que Nova pudesse impedir.

É... podia dar certo...

Seus dedos tremeram. Nova e Adrian estavam quase no armário de manutenção onde ela havia deixado o elmo. Ele estava dobrando a esquina. Ainda não havia sinal de ninguém, nem mesmo o brilho de uma lanterna ou passos fugindo. Só a movimentação dos pés dos dois nos trilhos.

Será que o chantagista ainda estava no quarto da Mel?

A porta ainda estava fechada, como Nova a tinha deixado. Adrian a abriu, com a caneta na mão. Nova não tinha percebido quando ele a pegou.

Ela mordeu o lábio inferior e esticou a mão na direção da nuca dele. Mas algo a fez parar. Um movimento no aposento. Uma sombra indo na direção deles.

Adrian se abaixou, pulou para a frente e enfiou o punho no agressor.

Um estrondo reverberou pelo aposento. Adrian soltou uma série de xingamentos. Nova apontou a lanterna para ele.

Não havia agressor nem chantagista. Era só o reflexo de Adrian no espelho, que estava estilhaçado com o soco.

— Certo — grunhiu ele, aninhando a mão junto ao peito, o rosto contorcido de dor. — Não vou mais atacar ninguém sem dar uma boa olhada antes.

— Talvez seja melhor — disse Nova, mas suas palavras soaram distraídas.

A atenção dela tinha sido atraída pela superfície da cômoda, onde tinham caído alguns estilhaços de espelho.

O elmo tinha sumido.

CAPÍTULO OITO



ADRIAN ANDAVA DE UM lado para o outro da sala de espera. Simon estava sentado na beira de um dos sofás, as mãos unidas e balançando os dedos. Eles não tinham se falado muito desde a chegada ao hospital. Hugh tinha ido ver Max, sendo o único imune a ele. O *supostamente* único imune a ele. A confissão do Adrian estava na ponta da língua desde então.

Era tão frustrante estar tão perto quando não havia motivo para ele não poder estar com Max no momento. Sua tatuagem o protegeria. Ele só precisava contar aos pais sobre as tatuagens, explicar que era imune ao poder do Max também e que podia ficar lá com o irmão.

Mas as palavras não vinham. Haveria perguntas demais. Explicações que ele não estava pronto para dar.

Então, ele continuou andando. De um lado para o outro. Passando pelas plantas de plástico. Pelas mesas cheias de revistas de moda e de celebridades; ele reparou que uma tinha o rosto dos seus pais em uma foto pequena no canto, mas Adrian não leu a manchete. Nada importava além de Max.

Porcaria, por que não estava lá com ele?

Pareceram horas até que *finalmente* Hugh surgiu pela porta dupla de vaivém com um sorriso no rosto. A esperança correu pelas veias do Adrian. Simon se levantou.

— Ele vai ficar bem — disse Hugh.

Foi só o que conseguiu dizer antes de eles se abraçarem. Hugh puxou Adrian para perto e apertou os ombros dele, e Simon passou os braços em volta dos dois. Adrian

lutou para segurar as lágrimas de alívio que ameaçavam cair. Ele se afastou e deixou os pais se abraçarem mais um pouco enquanto ele se recompunha.

— O médico disse que agora ele já passou pelo pior — continuou Hugh, a voz rouca de emoção. — Esperam uma recuperação completa, mas ele vai ficar com uma cicatriz que tenho certeza de que vai ter orgulho pelo resto da vida. E o Max está... Ele está bem. Ainda fraco, mas bem. Ele está animado. Se as coisas não estivessem tão caóticas no quartel-general, acho que poderíamos levá-lo de volta até o fim do mês.

— Quartel-general? — disse Adrian, virando-se para olhar para eles. — Ele não pode voltar para o quartel-general.

— Não tão cedo, obviamente — disse Hugh, passando a mão pelo cabelo louro. — Vai demorar pra reconstruir a quarentena. Ele vai ter que ficar quietinho até lá, mas sei que os funcionários aqui vão deixá-lo bem acomodado. Dizem que ele vai poder ir pra um quarto novo em alguns dias, feito para pacientes que precisam de cuidado mais prolongado.

— Espera aí — retrucou Adrian. — A quarentena? Vocês vão reconstruir a quarentena?

Hugh e Simon o encararam, perplexos.

— Bem... claro que vamos — disse Simon. — Ele não pode ficar no hospital pra sempre.

Adrian balançou a cabeça.

— Não. Vocês não podem fazer isso!

— Como assim? — perguntou Hugh. — O que você achou que aconteceria?

Adrian deu um passo para trás.

— Eu só achei...

O que ele tinha pensado que aconteceria com Max quando ele pudesse sair do hospital? Que ele poderia ir para a mansão? Que poderia dormir no porão com Adrian, que poderiam ser irmãos de verdade?

Não era possível. Não com Simon morando sob o mesmo teto.

Mas voltar para a quarentena?

— Essa não pode ser a única opção. Ele odeia a quarentena. E agora que nós não precisamos dele para o Agente N...

— Nós ainda precisamos protegê-lo — disse Simon. — Ele é uma ameaça para todos os prodígios, o que significa que pode ser alvo a qualquer momento.

— Ou que pode ser usado como arma contra nós — acrescentou Hugh. — E é perigoso para ele estar livre por aí. Você viu a trabalhadeira que deu só para garantir que nenhum curandeiro prodígio passasse sem querer pelo quarto enquanto ele estivesse lá. Não. É mais seguro que ele fique no quartel-general, onde podemos ficar de olho nele.

O coração de Adrian estava disparado, como se lembrando a ele a tatuagem de imunidade que tinha no peito. Ele engoliu em seco. Seus pais ainda não sabiam sobre as tatuagens. Fariam perguntas, exigiriam saber mais... e todas aquelas perguntas e exigências podiam ameaçar a identidade do seu alter ego.

Mas uma ideia estava se desenvolvendo nos pensamentos dele por meses e estava ficando cada vez mais difícil de ignorar. E se pudesse tatuar os outros prodígios? E se pudesse dar imunidade a Simon contra o Max? Não só a Simon, mas aos amigos. Nova, Ruby, Oscar, Danna...

Ele não sabia se daria certo, mas havia uma chance. Ele não devia ao Max tentar?

Só pensar nisso fez sua pulsação acelerar. E se seus pais descobrissem seu segredo? O que eles fariam se soubessem que ele era o Sentinela?

Seu estômago ficou embrulhado por causa do seu próprio egoísmo, mas ele não conseguiu contar.

Eu vou contar, pensou. Se não houver outra forma de libertar Max da quarentena, eu vou contar.

— Talvez seja seguro no quartel-general — admitiu Adrian —, mas não é o melhor. Ele só tem dez anos. Merece ter uma vida.

Simon suspirou enquanto Hugh começou a massagear a têmpora.

— Lamento que isso te chateie tanto, mas não sei o que mais você espera que a gente faça. E, sinceramente, Adrian, nós já tomamos nossa decisão.

— Ele é meu irmão! Eu mereço participar dessa conversa. Droga, *ele* merece participar dessa conversa.

— Vocês dois são jovens demais pra entender tudo que está em jogo aqui — disse Hugh.

— Mas não somos jovens demais pra arriscar as nossas vidas lutando contra o crime todos os dias? Max não era jovem demais para ser levado pra uma batalha

contra Ace Anarquia quando tinha *um ano*? Vocês passaram a vida dele toda controlando o Max, e isso é... Vocês não podem fazer isso com ele de novo.

— Você sabe que nós o amamos — disse Simon com aparência cansada. — Estamos tentando fazer o que é melhor pra ele. Você tem ideia de quanta gente quer fazer mal a ele? Ou usá-lo? Isso é para o bem dele.

— Além do mais, ele ainda é o mesmo Max — acrescentou Hugh. — Pode parecer fraco e frágil agora, mas ainda é... perigoso.

Adrian contraiu a mandíbula, mas assentiu, fingindo entender.

Simon afundou no sofá de novo e se virou para Hugh.

— Me conta tudo que o médico disse. Cada palavra.

— Eu vou dar uma volta — disse Adrian antes de Hugh começar a falar coisas médicas. — Vejo vocês em casa mais tarde.

Eles não tentaram impedi-lo. Adrian passou pela porta de vaivém e saiu do hospital por uma entrada secundária, pois a porta principal do pronto-socorro ainda estava fechada, desde que o Sentinela a quebrou quando trouxe Max.

Em minutos, Adrian estava pulando para o telhado adjacente, saltando por cima da viela na direção do quinto andar e, depois de verificar que não havia mais ninguém dentro, abriu a janela do quarto do Max.

Max estava sentado na cama ajustável, apoiado em travesseiros brancos. Quando viu Adrian entrando pela janela, soltou um gritinho e derrubou uma bandeja de plástico com sobras de comida no chão.

— Adrian! O que...

Adrian o fez parar de falar e se agachou ao lado da cama para o caso de alguém no corredor ter ouvido o barulho. Ele respirou três vezes antes de pegar a bandeja de comida e os pratos caídos de macarrão com queijo, maçã fatiada e um brownie de chocolate.

— Desculpa. Eu não quis te assustar. Mas as pessoas ainda não sabem sobre as tatuagens, então tenho que entrar escondido.

Max inspecionou o macarrão com queijo e reparou em partículas de poeira do chão grudada na massa amarela. Ele franziu o nariz de repulsa. Esticou a mão para o brownie, tirou um pedaço de poeira branca misteriosa e enfiou metade na boca.

Era prova da recuperação dele o fato de ele estar mais interessado em comer do que em dar o abraço que Adrian sabia que merecia.

— Estou tão feliz que você acordou — disse Adrian, sentando-se na cadeira ao lado da cama do Max. — Eu achei... — Ele hesitou e mudou a frase para: — Você nos assustou de verdade.

Max usou um guardanapo de pano branco que acompanhava a refeição para limpar chocolate da boca, embora ainda houvesse um pouco grudado nos dentes da frente quando ele sorriu para Adrian.

— É, o médico disse que eu fiquei mal por um tempo. Disseram que eu tive sorte.

— Teve mesmo. Nós todos temos.

A expressão do Max ficou cheia de malícia.

— Que nada. O Sentinela me salvou, né? Tenho que agradecer a ele. Se um dia eu encontrar o cara pessoalmente, claro.

Adrian riu. Durante semanas Max tinha sido o único a saber sua identidade secreta. Depois da luta nas catacumbas, ele foi obrigado a contar a Ruby e Oscar, e desconfiava que Danna também sabia, embora ele só fosse saber o que ela achava quando eles conseguissem encontrar uma forma de ajudá-la a se transformar de volta à forma humana.

Ele sabia que teria que contar a Nova alguma hora. Oscar e Ruby não eram os Renegados mais discretos da força-tarefa, e ele queria que Nova soubesse por ele.

— Ah, bom, dizem que o Sentinela talvez goste de você, garoto. — Ele esticou a mão e bagunçou o cabelo do Max. Por só saber como era fazer isso havia poucas semanas, ele ainda ficava surpreso com a maciez do cabelo dele. — A equipe vai ficar feliz da vida quando eu contar a novidade, e eu talvez traga uma surpresa na minha próxima visita.

Max olhou para ele de um jeito que era mais desconfiado do que empolgado.

— Tudo bem, vou te contar. Adivinha o que nós encontramos andando nos escombros no quartel-general? Vou te dar uma pista. É deste tamanho — ele juntou os dedos a uns três centímetros um do outro —, ficou extinto milhões de anos atrás e rima com... — Adrian fez uma pausa. — Hã... Burbo.

Max estava balançando a cabeça, mas seu sorriso voltou.

— Essas foram as piores pistas do mundo. Você poderia ter dito que as patas dele são usadas pra correr e pra estripar a presa, mas só se a presa for menor do que um

rato. Ou que deve ser um dos poucos da espécie dele a ter escamas em vez de penas. Ou talvez que os bebês dele nasceriam de ovos, apesar de ele não ter nascido de um.

As sobrancelhas de Adrian subiram.

— Você acabou de pensar nisso aí?

Max deu de ombros e comeu outro pedaço de brownie.

— Não, sério, foi muito bom. Talvez pensar em charadas seja outro superpoder ainda oculto. Mas... o que você quer dizer com penas?

— Eles tinham penas — disse Max com a boca cheia.

— Os velociraptors?

Max assentiu e engoliu.

— Você não sabia que os pássaros vieram daí?

— Bom, sabia, mas... — Adrian franziu a testa e imaginou um velociraptor em miniatura que era mais uma cruz de T-rex com galinha. — As penas o deixariam bem menos intimidador, sabe? Se bem que Danna tem medo de pássaros, então acho que tudo é subjetivo. Ainda assim. Penas. Quem poderia imaginar?

Max terminou o brownie e inspecionou o prato para tentar encontrar mais alguma coisa segura para consumo. Adrian pensou em contar sobre Danna, que ela estava presa na forma de bando desde a noite do ataque e eles não sabiam bem o motivo, mas achou que era melhor o garoto ficar concentrado na recuperação dele por enquanto.

— Bom — disse ele —, vou trazer o Turbo pra te ver na minha próxima vinda. Estou cuidando bem dele. Descobri que ele gosta muito de peito de peru.

— Não sei se ele é capaz de gostar muito de uma comida — disse Max. — Uma vez vi ele tentar comer um lápis.

Adrian riu.

— Falando sério, estou muito feliz por você estar bem. Quando cheguei ao quartel-general e vi a Pesadelo agachada ao seu lado...

Ele parou. Queria manter o clima leve, mas era impossível não pensar no quanto Max estava pálido e fraco. E havia tanto sangue...

Max limpou os dedos no guardanapo.

— É. Foi estranho, né? Sei que tenho sorte de estar vivo, mas também sei que não deveria estar. Vivo. Ela devia ter me matado. Não faz sentido ela não ter feito isso.

— Não foi por falta de tentativa — murmurou Adrian. — Ela fugiu assim que me viu. Eu teria ido atrás dela, mas... Bom, você era mais importante. Obviamente. Max franziu a testa.

— Mas eu vou encontrá-la — disse Adrian, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Eu juro. A equipe e eu já estamos trabalhando em uma nova investigação e nós temos umas pistas bem promissoras. Eu vou encontrar a Pesadelo e vou fazer com que pague por isso. Ela nunca vai poder te machucar de novo.

O rosto do Max ficou mais confuso. Ele encarou Adrian, atônito, e empurrou lentamente a bandeja de comida. Adrian se levantou, pegou a bandeja e a colocou na mesinha ao lado da cama.

— Quer água ou alguma outra coisa?

— Adrian...

O tom de voz do Max fez Adrian hesitar. Ele olhou para baixo, mas o foco de Max estava no cobertor branco de algodão sobre as pernas. Seus dedos apertaram o tecido.

— O quê? — perguntou Adrian, afundando na cadeira de novo. — O que houve?

Max lambeu os lábios e, pela primeira vez, Adrian reparou como estavam secos. Ele teria que falar com a enfermagem. Talvez comprar aquele protetor labial de ingredientes naturais que era vendido nas farmácias chiques.

— A Pesadelo não tentou me matar.

Adrian ficou olhando para Max. Ele ainda estava tão pálido. Havia hematomas espalhados pela parte interna dos braços, nos pontos onde ele recebeu transfusões de sangue e acesso de soro. A camisola de hospital azul-clara pendia nos ombros magros.

— Max — disse ele lentamente —, ela perfurou sua barriga com uma lança de cromo gigante. O único motivo para ela não ter te matado foi que eu apareci a tempo de impedir.

Max balançou a cabeça.

— Foi a Geladura quem me perfurou, não a Pesadelo.

O mundo pareceu ficar mudo enquanto Adrian tentava entender essas palavras.

— *Geladura?*

Max continuou sem encará-lo, e Adrian viu as pupilas dele dançarem ao redor. Ele estava repassando a noite na cabeça, vendo a luta, não o cobertor.

— Ela estava com a lança do papai e ia pra cima da Pesadelo, mas a Pesadelo se abaixou. Eu estava atrás dela, invisível, e a Geladura me acertou, enfiou a lança em mim. Não foi a Pesadelo.

Adrian abriu a boca e voltou a fechá-la. Seu conhecimento do que tinha acontecido no saguão do quartel-general começou a se reorganizar numa nova ordem de eventos. Uma nova realidade.

— Mas mesmo assim. A Pesadelo não exatamente...

— Ela tentou me ajudar — interrompeu Max. Ele fechou os dedos no cobertor.
— Eu pedi pra ela tirar a lança, e no começo ela não quis fazer isso porque não é bom remover a arma do ferimento, né? Mas eu supliquei, e ela cedeu, e quando percebeu que o gelo estava ajudando, ela... ela obrigou Geladura a me dar o poder dela. Pesadelo puxou a Geladura pra perto e me deixou absorver tudo. Ela estava tentando me salvar.

O queixo de Adrian caiu enquanto ele tentava visualizar a cena, mas só conseguia ver Pesadelo reclinada sobre o corpo do Max. O vidro quebrado, as mãos dela ensanguentadas.

— Isso... não faz sentido.

— Eu sei.

Max finalmente ousou erguer o olhar. Os olhos dele estavam brilhando.

— Tem certeza? Você perdeu muito sangue. Podia estar delirando. Talvez você esteja confundindo o que aconteceu...

— Eu tenho certeza. Pergunta pra Geladura.

— Geladura já...

Adrian fez uma pausa. Geladura já tinha dado um depoimento oficial e declarado que Pesadelo tinha perfurado Bandido, como todos tinham suposto. Admitir que tinha machucado Max por engano não seria bom para ela.

E Genissa Clark nunca fazia nada que não fosse bom para ela.

Adrian se encostou na cadeira, querendo acreditar em Max, mas sem compreender por completo o que ele estava contando. Pesadelo era uma Anarquista. Tinha todos os motivos para querer matar Max, a fonte do Agente N e o catalisador da derrota do Ace Anarquia durante a Batalha de Gatlon.

Que motivo ela teria para tentar ajudá-lo?

Será que havia algum motivo sinistro para os Anarquistas quererem manter Bandido vivo? Seria possível que fossem tentar usá-lo para benefício próprio?

Não era totalmente inacreditável, mas era um plano quase diabólico demais para Adrian botar na cabeça.

— O que realmente não faz sentido — disse Max lentamente — é que ela não ficou enfraquecida por mim. Eu a vi fazer a Geladura dormir e isso foi logo depois que ela tentou me ajudar a parar o sangramento. Ela devia estar fraca ou mesmo totalmente neutralizada, mas pareceu bem. Então, como...?

— Eu não tenho certeza — disse Adrian —, mas acho que ela pode estar com o Amuleto da Vitalidade.

Os olhos de Max se arregalaram de surpresa, mas a expressão logo virou uma careta.

— Que pena. Eu não me incomodaria de ter o poder dela.

Adrian inclinou a cabeça.

— É mesmo? Quando você ia querer botar as pessoas pra dormir?

— Eu só acho que poderia ser útil. Tipo quando aqueles cientistas vão tirar amostras de sangue. Seria bom poder fazê-los dormir um tempo quando eu não estiver com vontade de cooperar.

Adrian deu um sorrisinho.

— Sabe, você é mais rebelde do que qualquer um gostaria de admitir.

— É... — Max deu um meio sorriso e revelou de leve a covinha na bochecha direita. — Eu herdei isso do meu irmão mais velho.

CAPÍTULO NOVE



N OVA EXAMINOU A ANTIGA planta da Penitenciária Cragmoor, as mãos fechadas apoiadas nos quadris, uma dor de cabeça latejando nas têmporas. Mel e Leroy tinham ido dormir horas antes, e ela não tinha visto Fobia a noite toda. Estava determinada a solucionar aquele enigma antes de ver os outros de novo de manhã.

Havia um jeito de salvar Ace. Tinha que haver.

E eles tinham a arma que poderia dar uma vantagem enorme a eles, mesmo que parecesse quase errado usá-la.

Eles tinham o elmo do Ace Anarquia.

O pai de Nova tinha criado o elmo usando fios de energia que ele conseguia moldar do ar. Tinha feito uma arma capaz de ampliar as habilidades do irmão. Até onde Nova sabia, Ace era a única pessoa que já tinha usado o elmo.

Mas Nova desconfiava de que o elmo não funcionaria só com o tio. Havia uma possibilidade de que ele pudesse amplificar *qualquer* poder, o que explicaria por que os Renegados estavam tão determinados a mantê-lo trancado por toda eternidade.

Ela alongou a coluna, se perguntando há quanto tempo estava parada ali sem se mover. Sua atenção pousou no armário de casacos que ficava no corredor estreito entre a sala e a cozinha. Havia algo de irônico no que poderia ter sido o artefato prodígio mais temido e respeitado de todos os tempos agora relegado a um mero armário de casacos em uma casa velha de Wallowridge. Ele merecia coisa melhor.

Mas as opções eram limitadas.

Nova não tocava no elmo desde que o guardara no armário na noite da invasão. Todos os dias, quando chegava em casa, ela abria a porta só para verificar que ainda estava lá e logo a fechava.

A visão do elmo provocava uma dor no peito dela.

Mas agora ela se obrigou a abrir a porta. A luz azulada da cozinha bateu no elmo, mas não conseguiu diminuir seu brilho dourado natural. O equipamento parecia estar observando Nova pelos buracos vazios dos olhos. Esperando.

Antes que pudesse mudar de ideia, Nova esticou os braços e aninhou o elmo nas mãos. A estrela no pulso pulou e brilhou com um pouco mais de força, a pulseira atraída na direção do elmo como se os dois tivessem atração magnética.

Soltando todo o ar dos pulmões, Nova virou o elmo, fechou os olhos e o colocou na cabeça.

Era grande demais para ela. Era óbvio que, se ela se mexesse, mesmo que só um pouco, ele chacoalharia como a cabeça de uma boneca quebrada. Mas ela não se mexeu. Só esperou. Sentiu o cheiro meio metálico do interior do elmo. Sentiu seu hálito na superfície, não muito diferente de quando ela usava a máscara de metal da Pesadelo.

Nada aconteceu.

Nova abriu os olhos e ofegou, cambaleando até a parede. O elmo girou na cabeça dela, mas ela rapidamente o ajeitou.

O aposento estava cintilando. Ondas de luz acobreada dançavam na frente dela, como uma aurora boreal dourada enchendo a sala caindo aos pedaços. Parecia que estavam girando para fora... do elmo, *dela*.

Seus olhos começaram a lacrimejar. Ela tirou o elmo da cabeça.

As luzes sumiram; não todas de uma vez, como uma lâmpada sendo desligada, mas uma desintegração lenta, como se ela estivesse esquecendo como ver.

Ela piscou para limpar a visão.

Aquelas luzes, aqueles raios de energia... seriam os mesmos riscos brilhantes que Nova vira o pai conjurar do ar tantos anos antes? Quando criança, ela supusera que ele os criava do nada, mas aquilo era muito familiar. Era possível que sempre estivessem lá, invisíveis no éter, esperando alguém com um poder como o do pai para puxá-los para a realidade? Para criar algo brilhante com eles?

O mais estranho era que ela sabia que já tinha visto aqueles riscos de luz, quando pegou a estrela na sala pintada no porão do Adrian. E ela não estava com o elmo na ocasião.

Ela botou o elmo na cabeça de novo. As luzes reapareceram, tão constantes e impressionantes quanto antes. Nova apertou os olhos por causa do brilho e esticou a mão. A estrela na pulseira latejou. Perguntando-se se conseguiria tocar nos riscos de energia, até mesmo manipulá-los, como seu pai tinha feito, ela esticou o dedo na direção de um que dançava a uma curta distância à frente.

Sua mão passou através dele. A luz brilhou, impávida. Tão efêmera quanto uma sombra.

Ela tentou de novo. E outra vez. Mas, independentemente de como esses fragmentos de energia reagiam às ordens do pai dela, eles pareciam ignorá-la completamente.

Com a cara amarrada, ela arrancou o elmo e viu a visão sumir.

Nova foi tomada pela decepção. Não devia ter se sentido diferente? Mais forte? Mais poderosa? Invencível? Foi assim que Ace sempre pareceu a ela quando ela era mais jovem. Depois que o elmo foi capturado, ele praticamente definhou com a perda. O efeito do elmo nela não deveria ter sido *mais*, de alguma forma?

Nova nunca dormia. O elmo não deveria ter ampliado sua energia ilimitada e inexaurível?

Ela conseguia fazer as pessoas dormirem com um toque. O elmo não deveria... Ela não sabia. Permitir com que ela pudesse fazer isso a distância? Ou... até talvez matá-las com o toque?

Nova ficou surpresa com o tremor que se apossou dela com aquele pensamento. Seria um poder incrível e certamente a ajudaria a invadir a prisão, mas a ideia a repelia mais do que seduzia.

Com uma bufada, ela enfiou o elmo no armário e bateu a porta.

Havia uma figura no corredor, com uma máscara de solda no rosto.

Nova deu um gritinho e pulou para trás. Sua mão foi instintivamente para a arma, mas ela não estava de cinto.

Não importava. Não dependia de armas. Ela *era* uma arma.

Ela se preparou para lutar, mas a figura deu um passo para trás e esticou a palma da mão na direção dela.

— Eu fiz um seguro pela minha vida — disse uma voz feminina.

Nova hesitou. A voz parecia levemente familiar.

— Eu tenho um aliado esperando meu retorno. Se eu não voltar, ilesa, nos próximos vinte minutos, ele vai alertar o Capitão Cromo e o resto dos Renegados sobre a sua identidade e a localização do seu esconderijo secreto.

Nova apertou os olhos enquanto inspecionava a expressão vazia da máscara. Lembrava a armadura do Sentinela, o que a irritou mais do que deveria.

— Esconderijo secreto? Isso por acaso é uma história em quadrinhos?

— Isso não é um jogo — disse a garota. — Eu quero o elmo do Ace, agora!

— Eu já te dei o elmo.

— Você me deu uma imitação, e você tem sorte de eu não ter ido direto até os Renegados quando descobri. Esta é sua última chance, Nova *Artino*.

— Eu não sou um serviço de entregas e não gosto de ser ameaçada.

Nova deu um pulo para a frente e bateu com o cotovelo na garganta da garota, prendendo-a à parede. Com a outra mão, arrancou a máscara e a jogou no chão.

Ela ofegou.

— *Narcissa?*

Estava mais magra, com olheiras escuras. Narcissa Cronin, neta de Gene Cronin, o Bibliotecário, que foi morto na luta na Biblioteca Cloven Cross. Ingrid tinha atirado nele para proteger a identidade de Nova.

Essa informação se encaixou nos pensamentos de Nova e muitas coisas começaram a fazer sentido. Narcissa era capaz de viajar entre espelhos. Foi assim que ela chegou ao quarto do andar de cima e ao quarto de Mel nos túneis, as duas vezes sem ser vista, sem deixar rastros. Foi assim que ela descobriu a identidade de Nova.

Narcissa a empurrou, e Nova, enfraquecida pela surpresa, deu um passo para trás.

— Narcissa — disse ela de novo, ainda sem compreender totalmente que aquela garota, que sempre pareceu tão calada, tão dócil, tão... *não vilã* podia ser quem a tinha chantageado. — Como você me encontrou?

Um toque de arrogância surgiu no rosto de Narcissa.

— Eu sabia que você estava se passando por Renegada e esperei do lado de fora do quartel-general e te segui até em casa.

Nova balançou a cabeça.

— Eu teria notado se estivesse sendo seguida.

— Tem certeza? — perguntou Narcissa de forma quase provocativa. — Você verificou cada reflexo pelo qual passou? Há muitos espelhos entre o QG dos Renegados e Wallowridge. Quando eu soube em que rua você estava, fui de casa em casa, de penteadeira em penteadeira, até te encontrar. E agora que estou aqui, você vai me dar aquele elmo!

Com o rosto contorcido de raiva, Narcissa pegou uma pistola que estava enfiada na cintura.

Os instintos e o treinamento fizeram Nova dobrar os joelhos. Ela se agachou e bateu com uma perna nos tornozelos de Narcissa. A garota gritou e caiu para trás, batendo no chão de lado com um gritinho de dor. Tentou se levantar, mas sua coluna dobrou e ela soltou um grito estridente. Largou a arma e levou a mão ao ombro, quase acertando a vespa de pontos amarelos que fugiu dos dedos dela. Pousou no tênis preto e tinha começado a entrar embaixo da barra da calça jeans quando Nova gritou:

— Mel, não! Para!

A vespa parou, as asas batendo nos cadarços da garota.

Nova olhou para cima, ofegante. Mel estava parada no alto da escadaria, o cabelo em rolinhos enormes e um roupão de seda enrolado frouxo na cintura. Leroy estava atrás dela, olhando com interesse mudo Narcissa se contorcer no chão. Uma nuvem de abelhas circulava a cabeça deles, o zumbido ecoando na escada.

Nova parou e pegou a arma, reparando que a trava de segurança ainda estava acionada. Sufocando um suspiro, ela não se deu ao trabalho de destravá-la ao mirar na testa de Narcissa.

Narcissa estava com dor demais para notar. Havia lágrimas grandes escorrendo pelas bochechas dela quando apertou a mão na ferroadada no ombro.

Nova olhou para Mel.

— Você pode fazer a dor parar?

Mel ergueu uma sobrancelha.

— Por que eu deveria? Ela tentou te matar.

— Não muito bem.

Mel grunhiu.

— Não é preciso ser competente para ser o inimigo.

— *Mel.*

Ela revirou os olhos.

— A ardência do veneno vai passar em um ou dois minutos, mas vai ficar dolorido por alguns dias. A não ser que ela seja alérgica. Nesse caso, ela vai morrer.

— Mel curvou o dedo, e a vespa voou para ela. — A gente conhece essa aí?

— Mais ou menos. — Nova olhou para baixo outra vez e viu que a trança ruiva comprida de Narcissa tinha saído de dentro da gola da camisa. — Ela é a neta do Bibliotecário. É capaz de viajar entre espelhos.

— Do Bibliotecário? — disse Mel. — Você quer dizer o vendedor de armas?

Narcissa rosnou em meio à dor.

— Ele tinha nome. E era mais do que um traficante de armas. Mais do que o vilão que todos dizem que era! — As narinas dela se dilataram. — Ele era um homem bom. Um estudioso. Uma pessoa que se preocupava com a comunidade. E vocês o mataram! Só pra salvar a própria pele!

Nova engoliu em seco. Ela não conhecia Narcissa bem, mas, durante os poucos e breves encontros, sempre tinha gostado dela. Narcissa pareceu tão singela. Tão desinteressada em qualquer coisa relacionada a vilões e heróis. Ela costumava ficar com a cara enfiada num livro e parecia satisfeita assim.

Mas não havia mais nada disso. Narcissa estava magra demais, pálida demais e hostil demais. Obviamente, os sentimentos carinhosos que Nova já tinha tido por ela não eram recíprocos.

— Eu não o matei — disse Nova. — Foi a Detonadora.

— É, por *você*. — Narcissa usou a manga para limpar o catarro do nariz. — Mas vocês, Anarquistas, sempre foram egoístas. Nunca ligaram pra ninguém além de vocês mesmos. — Ela ficou de joelhos, fez uma careta quando apoiou o peso no braço e ergueu o queixo. — É por sua causa que meu avô está morto. A biblioteca não existe mais. Vocês tiraram tudo que eu tinha!

— A Detonadora fez isso tudo! — repetiu Nova, mais alto agora. — Eu estava tentando impedir!

— Se não fosse você, ela não teria se voltado contra nós. Fingir ser uma Renegada... Usar meu avô e a biblioteca dele como peões no seu jogo... Devia ter sido você! Não ele, *você*!

Nova trincou os dentes e largou a arma no colo de Narcissa. A garota se sobressaltou e começou a recuar, como se a arma fosse uma cobra venenosa. Mas aí ela se controlou e fechou as duas mãos na coronha. Mas não mirou em Nova outra vez, embora sua expressão ainda fosse assassina.

— Seu avô — disse Nova — era um dos traficantes de armas no mercado clandestino mais notório desta cidade. Os Renegados o encontraram, e Ingrid viu uma oportunidade de usar a operação deles como armadilha. Nada disso é culpa minha.

Narcissa se levantou, segurando a arma.

— Os Renegados o encontraram? É, porque ele vendeu uma arma pra *você*, e você foi descuidada a ponto de tentar matar o Capitão Cromo com ela.

— Na verdade — disse Leroy —, ele vendeu a arma pra mim.

Narcissa se virou para ele.

— Então vocês deviam estar todos mortos! Mas aqui estão vocês, ainda fazendo joguinhos enquanto mais prodígios sofrem! Bem, eu fiz uma promessa de que levaria esse elmo de volta aos Rejeitados e de que nós o usaríamos para restaurar o equilíbrio do mundo. O equilíbrio que foi destruído por pessoas desesperadas por poder como os Anarquistas e os Renegados. E não vou sair daqui sem ele.

Ela firmou os pés e, apesar de ter ficado pálida, fosse da ferroada ou por causa dos seus medos, ficou ereta quando encarou Nova.

Consternada, Nova ergueu as mãos.

— Quem são os Rejeitados?

As narinas de Narcissa se dilataram.

— Os rejeitados pela sociedade por serem prodígios. Os rejeitados pelos Renegados por não se encaixarem nos padrões heroicos perfeitos. Mas juntos... nós somos mais do que párias. Nós somos poderosos e não vamos mais tolerar esse abuso!

Nova esperou. Ficou claro que Narcissa já tinha repetido esse discurso algumas vezes.

O estranho era que se parecia muito com algo que Ace teria dito.

Ela estava prestes a sugerir que talvez o ódio de Narcissa estivesse mal direcionado quando a caminhante de espelhos continuou.

— Vocês têm uma escolha — disse ela, jogando a trança por cima do ombro. — Você pode me matar, e o meu pessoal vai se certificar de que seus inimigos saibam todos os seus segredos até amanhã de manhã. Ou pode me dar o elmo e me deixar ir embora, para poder continuar vivendo, seja como Pesadelo ou como Insônia ou como quem você achar que é.

O silêncio foi breve.

— Tudo bem — disse Mel, passando uma unha pontuda pelas costas de uma abelha gorducha que estava andando pelo dedo mindinho dela. — Posso?

Leroy bocejou.

— Vou esquentar o carro. Vocês acham melhor jogar o corpo na baía ou no rio?

— O rio fica mais perto — disse Mel. — E acho que ninguém vai sentir falta dela, apesar dessa história de Rejeitados. — O sorriso dela ficou malicioso. — Eu pago pra ver.

A coragem de Narcissa sumiu quando sua atenção se voltou para as abelhas.

Era preciso muito veneno, mesmo das mais perigosas vespas, para matar uma pessoa que não era alérgica, mas era possível.

Era um jeito terrivelmente sofrido de morrer.

— *Morte* — disse uma voz rouca. — E abelhas, ao menos no momento.

A forma de Fobia se solidificou nas sombras e ocupou a passagem para a cozinha. Havia um pouco de luar entrando pelas janelas, e um raio de luz cintilou na lâmina da foice.

— E aranhas, cobras, baratas, ratos — continuou Fobia, listando os medos que conseguia detectar no fundo da mente de Narcissa. — Escorpiões. Humilhação pública. Afogamento. — Ele riu baixo. — Ace Anarquia.

— Que coisa maravilhosa — murmurou Leroy. — Pelo menos ela finge coragem direitinho.

— Mas, mais profundamente — continuou Fobia, e a voz rouca ficou debochada —, ela tem um medo quase paralisante de nunca vivenciar o amor verdadeiro.

— Ah, ela é *dessas*. — Mel deu um gemido dramático. — Infelizmente, parece que esse medo vai se realizar.

— Esperem — disse Nova, levantando a mão. — Narcissa, nós nunca vamos te dar o elmo, mas talvez a gente possa se ajudar. Seus... *Rejeitados*... Parece que a questão deles é com os Renegados, não conosco. Você não precisa morrer por isso.

Narcissa a encarou com olhar frio.

— Você deveria estar preocupada com você mesma, Pesadelo. Você está realmente preparada para os Renegados saberem quem você é depois de todo o seu esforço pra se esconder?

As palmas das mãos de Nova estavam suando. A resposta era não, claro que ela não estava preparada. Ela ainda precisava resgatar Ace. Ainda precisava derrubar os inimigos.

E seus pensamentos se voltaram para Adrian. Para a forma como ele sorria para ela. Para a forma como ele a *beijava*.

Isso acabaria.

Ela não estava preparada.

— Não importa — disse Nova. — Vão descobrir a qualquer momento. Minha identidade não é a moeda de troca que você acha que é, Narcissa. E nós precisamos do elmo. Vamos libertar o Ace Anarquia, e, quando fizermos isso, ele vai usar o elmo pra acabar com os Renegados e a tirania deles de uma vez por todas. — Ela abriu os dedos quase em súplica. — Por que não nos ajudar a fazer isso?

Elas se encararam por muito tempo. Lentamente, Narcissa voltou a atenção para Fobia. Ela engoliu em seco, olhou para Mel e Leroy e enfim para Nova outra vez.

Nova percebeu que os muros estavam ruindo. Apesar da raiva que ela nutria pelos Anarquistas e pelo que tinha acontecido na biblioteca, ela estava vendo a lógica nas palavras de Nova, porque pareceu estar dividida entre tentação e incerteza.

Mas o que ela ia dizer foi interrompido pelo cantar de pneus na rua.

Narcissa curvou os lábios com alívio.

— O tempo acabou, Pesadelo.

Algo acertou a janela da frente. O vidro se estilhaçou. Nova se agachou instintivamente e Narcissa passou por ela com um empurrão.

Uma pedra enorme rolou mais alguns centímetros e parou ao lado da poltrona, na hora que a trança ruiva de Narcissa desapareceu na escada.

Alguém gritou lá fora. Berros de comemoração e alguém gritando “*Rejeitados pra sempre! Poder aos prodígios!*” antes dos pneus cantarem de novo e o veículo seguir pela rua.

Nova falou um palavrão e subiu a escada correndo, dois degraus de cada vez. Ela viu Narcissa agachada em cima da penteadeira da Mel. Uma das mãos estava

segurando a moldura do espelho grande, a outra segurava um pote de vidro. A borboleta dourada e preta batia asas freneticamente lá dentro.

Nova ficou paralisada enquanto os olhos de Narcissa se enchiam de intriga.

— Estão falando dessa Renegada nos noticiários. *Monarca*. A que levou a equipe até o esconderijo do Ace Anarquia. — Ela inclinou a cabeça. — Coincidência interessante.

Narcissa ergueu o braço para trás e jogou o pote na parede mais distante do quarto.

Nova deu um grito. No mesmo momento em que Narcissa estava sumindo na superfície do espelho, Nova mergulhou para pegar o pote, mas sabia que não chegaria a tempo. Pareceu mover-se em câmera lenta pelo ar.

Bateu na parede e explodiu em mil estilhaços.

A borboleta voou para cima, espiralando para o teto. Fugiu das mãos de Nova e partiu na direção da janela, que tinha ficado aberta por causa das abelhas.

Com um palavrão, Nova foi atrás. A borboleta voou para baixo. Nova pulou, braço esticado, dedos tensos.

A borboleta estava voando direto para a janela. Havia abelhas ao seu redor, que repararam em uma nova presa.

A borboleta passou pela abertura.

Nova mergulhou. Um joelho no parapeito da janela, uma das mãos mal se segurando na moldura para não cair. A mão esticada fechada em punho.

Ela ficou ali, imóvel exceto pela respiração errática. Embora estivesse cercada de abelhas e vespas e de algumas até ousarem pousar em suas mãos para inspecionar os dedos apertados, não houve ferroadas.

Tremendo de adrenalina, Nova voltou para dentro do quarto.

Atordoada, Nova olhou para baixo e viu uma colmeia com uma marca de pegada no centro do quarto. Ela havia se movido tão rápido que nem reparou que tinha pisado na colmeia. As abelhas que chamavam aquela colmeia de casa estavam voando em volta, furiosas, o zumbido ensurdecedor, mas não eram os insetos que a preocupavam.

Nova soltou o ar e abriu de leve os dedos.

As asas da borboleta estavam quebradas. O corpo peludo e pontilhado ainda estava tremendo.

Com o estômago embrulhado, ela largou a criatura no chão. Foi cercada na mesma hora pelas abelhas.

Não sobraria nada dela.

Nova limpou o pó das mãos. Seu corpo estava tremendo.

Aquela borboleta estava morta, e embora Danna não fosse reter as lembranças do que tinha visto ali, havia centenas de outras borboletas que se reformariam agora e poderiam contar o que talvez tivessem descoberto. O que mais Danna tinha descoberto ao seguir Nova antes de aquela borboleta ali ser capturada?

O coração dela ricocheteou dentro do peito. Nova se sentia vazia. Apavorada.

Não sabia se Narcissa ou Danna informaria os Renegados primeiro, mas não importava. Nova tinha certeza de uma coisa.

Seu tempo tinha acabado. Danna poderia se tornar humana a qualquer momento. Talvez já tivesse se tornado.

Quanto tempo até alguém saber a verdade?

— Leroy! Mel! — gritou ela, correndo para o térreo. — Espero que aquele explosivo de que você falou esteja pronto. Temos que ir agora.

Leroy e Mel estavam em meio ao vidro quebrado na sala. Leroy estava examinando a pedra que tinha sido jogada pela janela.

Rosnando, Mel balançou a cabeça.

— Uma pedra qualquer — disse ela, perplexa. — Isso aqui está um show de amadorismo.

— Vocês ouviram? — perguntou Nova, a voz carregada de pânico. — A borboleta morreu. Se Monarca já não recuperou a forma humana, vai recuperar em breve. Não sei o quanto ela sabe, mas... — Ela parou de falar.

— Mas é quase certamente o suficiente pra te incriminar — disse Leroy, largando a pedra. Caiu com um baque pesado no tapete. — E trazê-los até nós. Na pior das hipóteses, eles estarão aqui em... dez minutos?

— Antes, se enviarem a patrulha mais próxima — disse Nova. — Talvez mais se... se o Conselho tornar isso prioridade pessoal. Mas não muito mais.

Leroy assentiu.

— Vou preparar o explosivo e ficar pronto para detoná-lo ao primeiro sinal de Renegados se aproximando. Peguem só o que for necessário. Não se preocupem com deixar provas. Nada vai ficar reconhecível quando eu acabar.

CAPÍTULO DEZ



N A ÚLTIMA VEZ QUE Adrian tinha corrido pelos telhados da Cidade de Gatlon de armadura do Sentinela, ele estava carregando Max nos braços, à beira da morte. Estava só um pouco menos em pânico agora. A mensagem de Ruby tinha sido muito enfática e ao mesmo tempo totalmente vaga. Ele respondeu na mesma hora, desesperado para saber por que ela estava convocando a equipe, mas ainda não tinha recebido resposta.

Por isso, ele correu.

Ou pulou.

Alguns poderiam até dizer que voou. Foi o mais perto que ele chegaria, ao menos até conseguir descobrir como tatuar asas nas próprias costas.

As molas tatuadas nas solas dos pés o impulsionavam para a frente, saltando sobre ruas e arranha-céus. Ele não estava sendo particularmente discreto, mas já havia descoberto que pouca gente na cidade parava e olhava para cima, e, se alguém fizesse isso, ele esperava que a pessoa pensasse que o brilho da armadura não passava de uma ilusão do sol de meio-dia. Mesmo que reconhecessem o famoso vigilante, ele já teria sumido antes que pudessem pensar em detê-lo.

Ruby morava com a família em um apartamento de três quartos no bairro de Shademont. Para muita gente na cidade, um apartamento de três quartos podia parecer um lugar espaçoso, mas ainda era apertado para a família dela: Ruby, os irmãos gêmeos (Esterlino e Jade), os pais e a avó. Adrian não conseguia se lembrar de já ter ouvido Ruby reclamar de dividir o quarto com os meninos, que fariam doze

anos em alguns meses, mas também nunca tinha questionado por que ela não convidava o grupo para ir à casa dela. Nas raras ocasiões em que eles se reuniam na casa de alguém, era sempre na do Adrian.

Ele estava ofegante quando parou no telhado do prédio dela, a respiração embaçando o interior do elmo. Um último pulo e ele caiu com um baque alto na viela abaixo. Um gato miou e sibilou antes de fugir pela esquina.

Adrian bateu com a mão no peito e o traje se recolheu e se dobrou até poder entrar debaixo da pele no esterno. Ele tinha passado a usar camisetas de mangas compridas com três botões no pescoço, com acesso fácil ao traje, e fechou os botões com uma certa dificuldade enquanto andava até a entrada do prédio. Suas pernas sempre ficavam meio bambas depois de tanto pular, mas ele ignorou a sensação.

Estava firme de novo quando chegou ao apartamento dos Tucker, no segundo andar. A porta se abriu antes de ele poder bater. Não foi Ruby, mas a avó dela, uma mulher pequenina com mechas grisalhas no cabelo que já tinha sido ruivo. As mãos estavam curvadas da artrite, que Ruby mencionara que eram resultado de anos no ramo de joias, usando os dedos para as menores e mais detalhadas tarefas. Ainda assim, ela tinha uma pose e uma força na expressão que Adrian admirava desde a primeira vez em que a viu.

— Estão no quarto das crianças — disse ela, chegando para trás para deixá-lo passar. — Última porta à esquerda.

Adrian agradeceu e correu pelo corredor. A porta estava entreaberta e ele ouviu vozes no quarto: os irmãos gritando com empolgação e Ruby parecendo frenética, mandando que eles parassem.

Ele empurrou a porta. Os gêmeos, sentados juntos no colchão de cima do beliche, pararam de falar na mesma hora e olharam para ele. Oscar estava lá, as pernas também penduradas na cama de cima, a bengala presa em um dos degraus da escada. Primeiro, Adrian ficou surpreso por Oscar ter chegado antes, mas lembrou que o amigo não morava longe, enquanto ele tinha percorrido quilômetros vindo do hospital.

— O atrasadinho chegou — disse Oscar, sorrindo.

Aquele sorriso ajudou a acalmar o coração disparado de Adrian.

Ele entrou no quarto. Ruby estava sentada no pé da cama, que ficava paralela ao beliche. Os únicos outros móveis que cabiam no quarto eram uma cômoda alta e

uma escrivadinha pequena que tinha sido enfiada no espaço entre as camas.

E havia mais uma pessoa, deitada sobre a colcha de Ruby.

— Danna! — gritou ele, percorrendo os dois passos necessários para chegar a ela.

Ela estava inconsciente, mas o sono estava agitado, as pálpebras tremendo e a testa coberta de suor. Usava o uniforme de Renegada, os dreadlocks louros espalhados no travesseiro.

— Onde ela... *Como?*

— Não sei — disse Ruby. — Ela está comigo desde que encontramos o Ace Anarquia, você sabe, em modo de bando.

Adrian assentiu. As borboletas tinham se tornado a sombra de Ruby desde a noite em que Danna os levou até as catacumbas, onde encontraram Ace Anarquia.

— E eu estava sentada, começando a me arrumar para as patrulhas de hoje. As borboletas estavam espalhadas por aqui, pousadas, como costumavam ficar, quando, do nada, começaram a rodopiar. Sabe quando ela faz aquela coisa que parece um ciclone? E aí, ela retomou a forma humana. Estava *péssima*, cansada e trêmula. E meio assustada. Ela disse “Chama o Adrian, *só* o Adrian”. Eu sei que ela queria dizer mais, mas desmaiou.

— Ela é mestra em fazer entradas impactantes — disse Oscar.

— Minha mãe acha que é só fome — replicou Esterlino... ou foi Jade? Adrian ainda não sabia como diferenciar os dois. Ele teria que perguntar a Ruby se tinha alguma diferença.

— Ou desidratação — acrescentou o outro.

Adrian se agachou ao lado de Danna.

— Ela nunca deve ter ficado tanto tempo em modo de bando. Deve pesar no corpo dela. — Ele apertou a mão de Danna. — Por que eu? E o que o Oscar está fazendo aqui, então?

Ruby se afastou um pouco, meio envergonhada.

— Bom, eu não podia *não* chamar o Oscar. Mas mandei a mensagem pra você primeiro.

— Aqui está! — disse a mãe de Ruby, entrando no quarto com uma bandeja de madeira nas mãos.

— Oba — exclamou Oscar. — Lanchinho!

A sra. Tucker olhou para ele com expressão fulminante.

— É pra Danna. Mas boa lembrança: Jade, Esterlino, por que vocês não vão pegar um lanchinho pras visitas?

Os garotos ignoraram a escada, pularam até o chão e saíram correndo do quarto.

Oscar sorriu para eles.

— Eu amo essa família.

A mãe da Ruby apoiou a bandeja, que continha uma cumbuca de caldo, pão, um copo grande de água e um paninho úmido.

— Alguma mudança? — perguntou ela, botando o pano na testa de Danna.

— Eu faço isso, mãe. — Ruby pegou o pano da mão dela e cuidou de Danna, o rosto contorcido de preocupação. — É estranho ela estar tão... agitada? As pessoas não costumam sonhar quando desmaiam assim, né?

— Não sei — disse Adrian, franzindo a testa para a forma como o peito de Danna subia e descia rápido.

— Ela passou por uma experiência difícil — disse a sra. Tucker. — Mas é uma Renegada. Ela vai superar. E tenho que dizer que não vou sentir falta de ter nossas amigas borboletas lotando nosso apartamento. Ela sempre é bem-vinda, mas aquilo foi meio esquisito. — A sra. Tucker piscou. — Vou deixar a bandeja aqui. Me avisem se alguma coisa mudar.

— Será que a gente deveria levá-la para o QG? — perguntou Oscar quando a sra. Tucker tinha saído. — Ou para o hospital? Ou chamar um curandeiro?

— É — disse Adrian. — O Conselho também vai querer saber que ela está de volta.

Ele começou a elevar o braço do comunicador, mas Ruby o impediu.

— Não sei. Ela disse pra chamar você e mais ninguém. Pareceu... pela cara dela... pareceu que era muito importante.

— Mas por que eu? O que eu posso fazer por ela?

Ruby não tinha resposta. Seus lábios se apertaram com indecisão.

De repente, Danna inspirou e tremeu. Todos voltaram a atenção para ela.

— Danna — disse Ruby, passando o pano pelas bochechas dela. — Está me ouvindo?

As pálpebras da Danna tremeram e se abriram lentamente. A respiração dela ainda estava irregular, mas pareceu desacelerar quando seu olhar percorreu o quarto,

vendo primeiro Ruby, depois Adrian e por fim Oscar. Um sorrisinho surgiu no rosto dela.

— Céus — gemeu ela, e se encolheu quando um ataque de tosse subiu pela garganta. Ela segurou o braço de Ruby e tentou se levantar, mas Ruby e Adrian empurraram os ombros dela.

— Está tudo bem — disse Ruby. — Você precisa se acalmar. E descansar.

O ataque de tosse passou e Danna desabou no travesseiro, ainda chiando.

— Eu achei que nunca... — Ela limpou a garganta de novo. — É tão bom ver vocês por um par de olhos só.

Ruby sorriu em meio a lágrimas não derramadas.

— O que aconteceu?

Danna ficou séria e tentou se sentar de novo, afastando a mão do Adrian quando ele pediu de novo que ela relaxasse.

— Tem mais alguém aqui? — perguntou ela, a voz rouca quase num sussurro.

— Só a minha mãe, minha avó e meus irmãos — disse Ruby. — Aliás... tenho que avisar pra minha mãe que você está bem. Ela queria...

Ruby começou a se levantar da cama, mas Danna segurou o pulso dela.

— Espera — disse Danna. — Fecha a porta. Eu preciso contar uma coisa.

Ruby olhou para ela.

— Isso pode esperar, Danna. Você precisa comer e descansar e...

— Não pode esperar.

Adrian foi até a porta e a fechou.

— O que foi, Danna?

Ela fixou a atenção nele.

— Adrian... — murmurou ela, e houve uma expressão de pena que o fez ficar imóvel. Ele a viu apertar mais o braço da Ruby. — Cadê a Nova?

Adrian ficou tenso pela forma como ela disse aquele nome, com um tom que parecia quase amedrontado.

— Sei lá. Em casa, acho. Ou talvez no quartel-general. — Ele voltou até a cama. Oscar desceu a escada e se juntou a eles ao lado da Danna. — Por quê? Tem alguma coisa errada? Ela está em perigo?

— Adrian — repetiu ela, e falar parecia doloroso. O peito dele se apertou. Ele já estava planejando a rota na mente, o jeito mais rápido de chegar na casa da Nova. —

Eu estava seguindo a Nova. Achei... É que ela estava agindo de um jeito estranho, suspeito. Eu tinha que ter certeza, então a segui e...

— Danna, o que está acontecendo? — disse ele, o tom mais duro do que ele pretendia. — O que você viu?

O rosto de Danna desmoronou com um lamento.

— Sinto muito, Adrian, mas... é ela. — A voz de Danna mal passava de um sussurro. — Nova é a Pesadelo.

CAPÍTULO ONZE



A PESAR DE ELES TEREM discutido um plano de contingência para o que fariam quando os segredos de Nova fossem descobertos, ela torceu para que não tivesse que ser posto em prática. Esperava poder sair dos Renegados quando estivesse preparada, não porque eles descobrissem quem ela era.

Mas não havia tempo para ficar pensando nisso. Tinha que se concentrar em reunir as coisas de que precisava e sair da casa antes que os Renegados chegassem.

No quarto que compartilhavam, Mel abriu a janela de guilhotina e começou a gritar para as abelhas lá dentro para *voarem livres, voarem livres!* As abelhas obedeceram a ordem e voaram pela janela numa grande nuvem, onde as vespas do jardim abaixo se uniram a elas. Juntas, elas passaram pela casa do vizinho e desapareceram. Nova não sabia como nem quando elas encontrariam sua rainha de novo, mas Mel não pareceu preocupada quando foi pegar uma caixa de joias e uma braçada de vestidos para enfiar numa mala. Não dava para salvar os ninhos e colmeias espalhados pelo quarto, mas não importava. Nova acreditou em Leroy quando ele disse que tudo seria destruído. Ela duvidava que fossem sobrar sequer cinzas daquelas estruturas.

Enquanto Mel ia até os cosméticos da penteadeira, Nova pegou a bolsa de viagem, esquecida no canto por semanas. Tinha guardado alguns dos pertences dos túneis do metrô e não havia muito mais a pegar. Ela enfiou o traje de Pesadelo dentro, guardando a máscara de metal no meio das dobras, depois as estrelas termossensíveis, os mísseis de névoa alterados, a caneta com a câmara escondida

para dardos, a arma de choque e as luvas de escalar paredes, a bazuca reformulada, o binóculo aperfeiçoado ao longo de meses...

Ela parou e olhou ao redor ao mesmo tempo que ouvia o motor do carro esportivo de Leroy na viela.

O que mais havia para levar?

Pela janela, ela viu Leroy sair do carro. Ele deixou a porta do motorista aberta para uma fuga rápida e abriu o pequeno porta-malas. Fobia também estava lá, parado no meio das colmeias abandonadas. Se tinha alguma expressão no rosto dele, Nova não conseguia dizer qual era embaixo das sombras escuras da capa.

— Pega! — gritou ela, jogando a bolsa.

Ela não esperava que nenhum dos dois se movesse para pegar e ficou surpresa quando, no último momento, Fobia girou a foice e segurou a alça da bolsa com a lâmina curva.

— Aqui, joga a minha também — disse Mel, empurrando a mala para ela. — Vou começar a arrumar as coisas de química do Leroy.

Nova tentou não pensar no tempo escorrendo entre seus dedos. Em poucos minutos eles já estavam reunidos atrás do carro, enfiando os pertences no porta-malas. Nova aninhou o elmo do Ace na caixa de plástico onde estavam os béqueres e ferramentas de medição do Leroy e fechou a tampa.

— É só isso? — perguntou ela, ofegante, olhando para o quase lar deles.

— Vai ter que ser — disse Leroy, tirando um pequeno dispositivo do bolso. — Aprendi esse truque com a Ingrid. Às vezes sinto saudade dela. — Ele ajustou um botão que podia ter sido tirado de um timer de cozinha comum. — O que você acha? Dois minutos?

Assim que falou isso, eles ouviram o som de sirenes, distante, mas se aproximando.

O estômago de Nova embrulhou. Talvez os Renegados estivessem atendendo um chamado de roubo ali perto ou salvando um gatinho preso numa árvore. Mas ela sabia que não devia ter esperanças.

— Sugiro trinta segundos — respondeu Mel, entrando no banco do passageiro. Ela chegou até o console central e abriu espaço para Nova.

— Trinta segundos, então — disse Leroy, apertando um botão no dispositivo detonador.

Com os cabelos da nuca em pé, Nova foi na direção da porta aberta do carro, mas parou.

— Espera. O Amuleto da Vitalidade. Mel, você pegou o Amuleto da Vitalidade?

Mel se inclinou para a frente para olhar para Nova por baixo do teto do carro.

— Você está falando do colar? Não. Mas, Nova, não dá tempo...

Ela falou um palavrão e correu para a casa.

— Vão sem mim! Eu alcanço vocês!

— Nova! — gritou Leroy, mas ela o ignorou e seguiu para a casa. Foi pela cozinha, contornou o corrimão da escada e subiu a escada pela última vez. O ambiente fedia aos produtos químicos que Leroy tinha jogado no chão e paredes minutos antes. A pequena bomba na cozinha seria detonada remotamente pelo dispositivo do Leroy e a explosão causaria uma reação em cadeia com as substâncias elaboradas com fórmulas precisas para pegar fogo uma atrás da outra, jogando uma onda de vapor quente por toda a estrutura e, de acordo com Leroy, destruindo tudo em que tocasse.

Inclusive Nova, se ela não corresse.

No quarto, ela voou até o colchão fino no chão e enfiou a mão embaixo. Seus dedos se fecharam na corrente e ela a puxou. Correu para a janela e se inclinou por ela na hora que o carro amarelo estava saindo da viela e entrando na rua.

Com as mãos apoiadas dos dois lados da janela, ela desceu para o parapeito e observou o quintalzinho. Miraria nas colmeias e ninhos vazios, que dariam ao menos um pouco de amortecimento ao salto. Com o pingente na mão fechada, ela olhou a área e se preparou mentalmente para o salto quando ouviu batidas abaixo. Um punho na porta de entrada.

Seu coração pulou na garganta. Quanto tempo tinha se passado desde que Leroy armou o dispositivo? Dez segundos? Doze?

A porta da frente se estilhaçou quando alguém a chutou para entrar. Passos pesados foram ouvidos na sala.

— Nova! — alguém gritou.

Ela ficou sem ar.

Adrian.

— Nova, sou eu! Nós temos que conversar!

A bomba. Os produtos químicos.

Nada vai ficar reconhecível quando eu acabar.

Uma mancha escura chamou sua atenção para a viela. Fobia apareceu onde antes estava o carro.

Ainda na janela, Nova deu impulso com o braço e jogou o Amuleto da Vitalidade para ele. Ele o pegou com facilidade com a mão esquelética. O capuz tremeu e ele sumiu.

Nova voltou para o quarto e correu para a escada. Pulou todo o lance e caiu no corredor de baixo com um único salto.

Adrian parou ao lado do armário de casacos, sobressaltado.

— Nova...

— Nós temos que sair daqui — ela praticamente gritou, segurando o cotovelo dele e o puxando para a porta de entrada destruída. Adrian começou a resistir, mas Nova gritou: — *Agora*, Adrian! A gente tem que sair daqui agora!

Talvez tenha sido o tom de voz ou talvez apenas o fato de ele ter ido por ela e nenhum outro motivo, mas Adrian permitiu que ela o puxasse pela porta e fosse para a calçada antes de firmar os pés e passar a mão no pulso dela.

— Nova, para! Danna voltou e ela... Eu vim pra...

— *Vem* — rosnou Nova, puxando o braço dele. Ele cedeu, mas só permitiu que ela o levasse até o outro lado da rua antes de parar de novo.

— Nova, para! — gritou ele. — Me escuta! Você...

A explosão acertou os dois por trás e os derrubou no chão. Nova rolou algumas vezes no concreto até parar de costas no chão, os ouvidos ecoando e o corpo parecendo ter sido atropelado por uma escavadeira. Ela só conseguia ver pontinhos brancos indefinidos bloqueando o céu enquanto uma estática ensurdecedora rugia nos seus ouvidos.

Nova não tinha ideia de quanto tempo passou ali. Quanto tempo passou incapacitada, sem conseguir se mexer, sem conseguir pensar, até que a realidade dos arredores começou a tomar forma bem lentamente.

A estática diminuiu o suficiente para captar o barulho das sirenes e vozes gritando. Seus pulmões começaram a inspirar gradualmente, o ar com gosto de enxofre e cinzas. Quando sua visão ficou límpida, foi só para ver uma nuvem de fumaça preta cobrindo a vizinhança.

Ela conseguiu apoiar a mão no chão e usar o apoio para se levantar do asfalto. Adrian estava a uma distância curta, já sentado e olhando para a casa.

Ou o que restava da casa, que parecia ser pouco mais do que a fachada, e até uma boa parte disso estava espalhada em pedaços de escombros na calçada. O fogo estava vindo mais das casas adjacentes. Nova mal teve condição de ficar agradecida por estarem ambas abandonadas.

Ela virou a cabeça na hora em que Adrian também desviou a atenção da casa destruída e a encarou, de boca aberta, as costas do uniforme dos Renegados cobertas de fuligem.

— Você está bem? — perguntou ela. Nova sabia que devia estar gritando, mas mal conseguia ouvir a própria voz.

Adrian não respondeu. Só ficou olhando, como se ela tivesse falado em outro idioma.

E, para a surpresa dela, ele chegou mais perto e esticou a mão para ela.

Suspirando, Nova enfiou a mão na dele e, juntos, eles se levantaram.

— Adrian... eu...

As palavras ficaram entaladas na hora em que os dedos do Adrian apertaram os dela. A outra mão foi até o fecho da pulseira.

Ela tentou se soltar, mas a pulseira caiu do pulso dela. Adrian a pegou e a encarou, a expressão ao mesmo tempo perturbada e determinada.

— O que você está fazendo? Devolve.

Ela tentou ir para cima dele, mas seu corpo não estava cooperando totalmente e seus movimentos estavam descoordenados, lentos demais. Adrian recuou. Nova tentou de novo, esticou a mão para a pulseira, mas sentiu metal frio se fechando no pulso agora vazio.

Uma algema. Do tipo que envolvia a mão toda. Uma algema feita para prodígios. Para vilões.

Seu outro braço foi puxado para trás e, em segundos, a outra mão também estava aprisionada. Ela olhou por cima do ombro, sentindo um amargor subindo pelo peito dolorido, mas a raiva morreu quando ela viu Ruby parada ali e Oscar, não muito atrás. Os dois olhando para ela com a mesma consternação e a mesma determinação. Depois que Nova estava algemada, Ruby mal pode esperar para se afastar dela.

— Estou confiscando a pulseira como possível prova — disse Adrian, chamando a atenção de volta para ele.

— Prova? — questionou ela, surpresa por sua voz estar funcionando. — Mas é... Foi meu pai que fez. É a única coisa que eu tenho dele. Você não pode... Adrian! Prova de quê?

— Prova dos seus crimes contra a sociedade e os Renegados. — Ele fez uma careta como quem sente dor física quando falou: — Você está presa... Pesadelo.

CAPÍTULO DOZE



QUANDO TSUNAMI E TORRENTE apagaram as chamas em Wallowridge, a casa estava em ruínas, junto com boa parte das casas vizinhas. Ruby tinha enviado uma mensagem para os pais do Adrian contando sobre o retorno de Danna e sobre Nova... sobre *Pesadelo*.

As entranhas de Adrian ainda estavam embrulhadas, e ele não conseguiu evitar a onda de negação que eclipsava seus pensamentos, mesmo depois de tudo. Mesmo depois de ter dito as palavras: *Você está presa, Pesadelo*. Mesmo depois de ter repassado todas as provas que ele estava guardando na cabeça e que acabaram fazendo tudo parecer tão óbvio, assim que a última peça do quebra-cabeça foi encaixada, mesmo assim...

Não tão óbvio.

Tinha que ser Nova. Claro que tinha. Quem mais saberia sobre o Agente N e sobre o Amuleto da Vitalidade, sobre o elmo e sobre a segurança do QG? Quem mais era tão observadora, tão inteligente, tão determinada?

Nova adorava Max. Pesadelo tinha tentado salvá-lo.

Pesadelo abominava o Sentinela. Nova não tinha se esforçado muito para esconder o mesmo sentimento em relação ao justiceiro.

Nova esteve na casa do Adrian na noite em que o Amuleto da Vitalidade sumiu e... Caramba, *ele tinha caído no sono*. Eles estavam se beijando e ele caiu no sono, e Adrian era um idiota por não ter feito a ligação antes.

Até os superpoderes eram relacionados. Nova nunca dormia. Pesadelo botava os outros para dormir. Havia um equilíbrio harmonioso que não era incomum no mundo dos prodígios.

Era tão óbvio.

E ainda assim.

E ainda assim.

A negação continuava lá, gritando dentro do crânio dele. Seu punho estava apertando tanto a pulseira que tinha tirado dela que a filigrana estava deixando marquinhos na palma da sua mão.

Nova, não. Não podia ser Nova. A garota que correu para a quarentena para ajudar Max quando ele se machucou. A garota que observou a arte de Adrian tão impressionada. A garota que adormeceu nos braços dele.

A garota que o beijou, e ele sabia, *sabia* que o beijo tinha significado algo. Não podia ter sido mentira, manipulação. Não, ele sentiu. Teve certeza de que ela sentia o mesmo por ele.

Mas aí... ela o botou para dormir.

Foi ela. O poder dela. O toque dela.

Ele gemeu e passou a mão pelo cabelo enquanto andava de um lado para o outro na frente dos restos fumegantes da casa.

Nova... não, *Pesadelo*. Ele precisava começar a pensar nela como Pesadelo. Ela não ficaria presa nem temporariamente no quartel-general ou na prisão de segurança média a poucos quilômetros fora do limite da cidade, como acontecia com os criminosos comuns enquanto se decidia o melhor local para eles. Não. Ela havia sido levada em um veículo blindado direto para as docas, onde um barco estaria esperando para transportá-la para a Penitenciária Cragmoor.

Já havia provas suficientes acumuladas contra ela, mesmo que, até agora, fossem todas circunstanciais e boatos. A acusação de Danna e muitas outras coincidências. Coincidências demais.

No momento, eles só precisavam de uma prova. Uma prova real. O elmo do Ace Anarquia ou a máscara e o uniforme da Pesadelo ou qualquer outra das armas que ela usara nos anos anteriores. Ou algo que a conectasse com os outros Anarquistas. Prova de que estava envolvida com Cianeto ou Abelha-Rainha, com Titereiro ou com Fobia, ou mesmo com o próprio Ace Anarquia.

Ele se viu desejando que Danna estivesse ali. Monarca tinha informações sobre os Anarquistas que o resto deles só podia tentar adivinhar, e a perspectiva dela poderia ter sido valiosa. Mas Ruby insistira para que Danna fosse para o quartel-general ser examinada pelos curandeiros enquanto eles iam atrás da Pesadelo. Foi a decisão certa; Danna estava prestes a desmaiar de novo quando contou a eles a verdadeira identidade da Nova. Mas isso não mudava o fato de que Adrian gostaria de ter a equipe toda de serviço agora.

Ele precisava estar cercado de pessoas em quem sabia que podia confiar.

Com as últimas chamas apagadas, Tsunami, junto com Torrente e um elemental do fogo que era imune a queimaduras, seguiu para os escombros. Adrian, Ruby e Oscar receberam ordens de esperar do lado de fora até eles declararem que era seguro entrar.

Irritado, Adrian voltou a andar na calçada, esforçando-se para ignorar os olhares de pena dos amigos.

Ele não precisava botar o pé nos restos da casa para saber que aquela não tinha sido uma explosão normal e que aquele não tinha sido um incêndio normal. Já tinha visto os efeitos do fogo na Biblioteca Cloven Cross, mas aquilo era totalmente diferente. O cheiro da fumaça densa se misturava ao fedor acre de substâncias químicas. As marcas de queimadura nos muros de tijolo vizinhos cintilavam com um tom cinza-perolado, e a destruição era bem maior do que Adrian teria esperado. Não foram só os materiais inflamáveis que sucumbiram ao calor e às chamas: as cortinas e pisos, a mobília estofada e as paredes internas de *drywall*.

O que quer que tivesse causado aquela explosão tinha criado uma onda de calor tão extrema que até uma parte da alvenaria tinha derretido com a explosão. As janelas tinham se estilhaçado, mas alguns cacos de vidro tinham se liquefeito em poças prateadas no chão e estavam começando a se solidificar de novo enquanto esfriavam. Adrian talvez não tivesse permissão de entrar, mas, pelo que podia ver, havia restado pouca coisa. O telhado já era — tinha sido desintegrado, achava —, embora restassem sinais de telhas e tijolos da chaminé espalhados pela rua. Não havia sobrado nada das paredes internas além de uma nuvem densa de poeira e um pedaço ocasional de gesso. Onde o térreo ficava, agora havia uma cratera vazia revelando o porão abaixo.

Se em algum momento havia alguma prova naquela casa que esclarecesse a identidade da Pesadelo ou a conexão dela com os Anarquistas, Adrian não estava otimista de que ainda estaria lá.

A única esperança deles, pensou, seria encontrar o elmo. Ele estava confiante de que aguentaria até aquela explosão. Se o encontrassem ali, na casa da Nova, teriam todas as provas de que precisavam.

Pesadelo, a vilã que os tinha assombrado todos aqueles meses, estaria acabada.

E se o elmo não estivesse lá?

Bem, ainda havia muitas provas contra ela. Mesmo a explosão parecia provar sua culpa. Pesadelo devia ter percebido que sua identidade estava comprometida e, por isso, ela ou um dos aliados deflagrou a explosão para impedir que os Renegados confiscassem algum outro pertence deles.

Fazia sentido.

Mas Adrian não conseguia afastar os pensamentos do momento em que Nova correu pela escada e o empurrou pela porta. O pânico na expressão dela foi palpável. O terror quando ela o arrastou da casa foi inegável.

Ela podia estar pensando em salvar a própria vida, mas... Adrian não achava que fosse isso. Ela estava tentando salvá-lo também.

Adrian não conseguia acreditar que tinha sido fingimento.

E se Nova... não, *Pesadelo*, gostasse mesmo dele? Realmente gostasse dele?

Não importava.

Porque ela era uma vilã e uma Anarquista. Era sua inimiga. Tinha mentido para ele sobre tudo.

Ele engoliu a bile que ardeu de repente no fundo da garganta.

Odiava Pesadelo. Odiava-a até o âmago do seu ser.

Adrian repetiu esses pensamentos várias vezes, torcendo para que a pontada incômoda nas entranhas passasse se ele ficasse lembrando a si mesmo da verdade.

Eu a odeio. Eu a odeio. Eu a odeio.

— Rabisco?

Ele ergueu a cabeça de repente. Tsunami ainda estava parada na moldura enegrecida da porta de entrada da casa, as luvas brancas manchadas de cinzas prateadas.

— Nós liberamos as equipes de perícia e limpeza para começarem a inspecionar a casa. Você também pode dar uma olhada. Mas... como você com certeza notou, não há muito pra ver.

Suspirando, ele assentiu para Ruby e Oscar. Tsunami desapareceu na casa, mas Adrian não tinha dado dois passos quando sentiu alguém tocar seu braço.

— Você não precisa entrar lá, sabe — disse Ruby.

O maxilar dele tremeu.

— Você ouviu Tsunami. É seguro. — Havia um tom claro de ressentimento na voz dele, mas ele não se importou. Ele *estava* ressentido. E irritado. E magoado.

— Não é disso que estou falando. — Ruby inclinou a cabeça para cima, o rosto tomado de pena. — Você pode deixar isso com a equipe de limpeza. Não precisa ser você.

— Na verdade, precisa — respondeu ele. — Eu a conhecia melhor do que todo mundo. Devia ter percebido a verdade.

— Ela enganou todos nós, Adrian, não só você. Ela era minha amiga. Foi assistir a meus irmãos competirem naquela Olimpíada dos Ajudantes idiota. Dançou com Oscar no baile. Ela...

— Ela me beijou — interrompeu ele. — Ela me fez pensar que eu...

Adrian parou de falar um pouco antes de confessar as palavras brutais que estavam entranhadas nele desde o momento em que descobriu a verdade. *Eu talvez estivesse apaixonado por ela.*

Mas não era verdade. Não era real. Nunca tinha sido real.

Ruby ficou tensa.

— Adrian...

— Além do mais — prosseguiu ele —, ela não enganou todos nós. Danna descobriu semanas atrás.

— Ainda assim, foi bastante tempo depois de ela ter entrado pra nossa equipe. Lembra que Danna levou umas coisinhas pra Nova quando ela estava na ala médica? E ela não jantou na sua casa, com seus pais? Sinceramente, se conseguiu enganar o Conselho, então...

— Eu devia ter percebido. — Adrian afastou o braço dela. — É tão óbvio, não é? — Ele apertou os olhos quando as lembranças o dominaram. A biblioteca. O desfile. Seu porão. Ele tremeu, e, pela primeira vez quando pensava naquela noite,

não foi um tremor bom. — Eu devia ter percebido antes, e todo mundo vai saber disso. — Doeui demais ver a pena de Ruby, então ele se virou para Oscar. Infelizmente, a expressão do Oscar não estava muito melhor. — Não importa agora. Nós finalmente sabemos quem a Pesadela é. Ela foi capturada e o Ace Anarquia também. O bem contra o mal. Os Renegados vencem de novo. — Ele indicou a casa. — Agora, vamos ver o que mais podemos descobrir sobre nossos inimigos.

Mas, assim que Adrian passou pela soleira da casa, teve certeza de que não descobririam muita coisa. A casa não passava de uma casca com paredes de pedra, e até as superfícies dessas paredes pareciam murchas, como se tivessem chegado perto demais do sol. Tsunami e os outros estavam no porão, de pé na terra preta e nas cinzas entre as paredes de pedra da base, mas ele via pela consternação deles que só estavam cumprindo os procedimentos agora. Ninguém esperava que aquela investigação revelasse algo de útil.

Adrian deu alguns passos para dentro da casa, andando com cuidado pela parede estreita da fundação. Ficou surpreso de ver um corredor e um lavabo à esquerda com pedaços de papel de parede ainda visíveis no gesso e um toalheiro pendurado em um parafuso até se dar conta de que estava vendo a casa abandonada ao lado. A parede que as separava antes não existia mais.

Ele deu mais alguns passos, apesar de não saber bem por que se deu ao trabalho. Em certo ponto, percebeu que Ruby e Oscar não tinham vindo com ele. Ainda estavam na soleira, espiando o espaço vazio que antes era a casa de Nova. Não havia nada lá.

Um movimento chamou sua atenção, e Adrian se moveu para olhar o espelho oval que ficava pendurado sobre a pia de pedestal no cômodo depois. A pia de cerâmica tinha uma rachadura grande no meio e metade do espelho parecia ter entortado com a explosão química, a superfície agora ondulada e distorcida. O movimento foi o reflexo do próprio Adrian na superfície.

Ou foi o que ele pensou de primeira, até que outro rosto apareceu no reflexo. Uma garota, pálida e assustadora e quase reconhecível...

Ele deu um pulo de susto, mas, antes que pudesse chamar, o fantasma tinha sumido.

Seus próprios olhos o encararam, arregalados e sem piscar. Ele esfregou a palma da mão no espelho, tentando limpar a visão.

Que ótimo. Além de sofrer de um coração partido e de uma traição debilitante, agora estava tendo alucinações com a Pesadelo também?

Pesadelo. Ele se deu conta de como o codinome tinha ficado adequado.

Com os dentes trincados, ele seguiu para a entrada.

— Não adianta — murmurou ele ao passar por Ruby e Oscar. — Vamos voltar para o quartel-general e ver como Danna está.

Ele quase se chocou com uma figura na calçada. E recuou, sobressaltado.

— Ah, desculpa, Pega — disse ele, observando a máscara de proteção contra poeira e a cara amarrada constante da garota. — Eu estava distraído. — Ele fez um gesto indiferente na direção da casa. — Acho que vai ser moleza. Não sobrou muita coisa pra limpar.

Com os ombros encolhidos, ele começou a desviar dela.

— Você deve estar se sentindo bem burro.

Ele parou. Uma mistura de raiva e constrangimento cresceu nele pelo tom arrogante de Pega. Ele queria que uma resposta rápida lhe ocorresse, mas o desejo passou rápido perante a verdade inevitável.

— É — murmurou ele. — Entre outras coisas.

Pega se encostou em uma amurada de escada. Do outro lado da rua, mais dois membros da equipe de limpeza estavam mexendo em uma van dos Renegados, pegando caixas de equipamentos.

— Eu nunca gostei dela — disse Pega.

Ele trincou os dentes e lembrou como Nova se irritava toda vez que Pega estava por perto.

— Tenho quase certeza de que o sentimento era mútuo.

— Mas daquela pulseira eu *gostava*. — Pega tirou a máscara e fixou o olhar no punho fechado do Adrian. Ele se encolheu instintivamente. — O que você está planejando fazer com ela, afinal?

Ele olhou para baixo e, com uma certa relutância, abriu os dedos. A pulseira de Nova cintilou. A filigrana delicada cor de cobre que envolvia o pulso dela desde o dia em que ele a conheceu — provavelmente desde bem antes. O fecho que ele mesmo tinha consertado uma vez, antes de ter ideia de quem Nova era, do que ela era.

O que ela representaria para ele.

E havia a estrela. Com um brilho dourado fraco, iluminava a poeira que pontilhava o ar ao redor. Era quente ao toque e, em alguns momentos desde que a tirara do pulso de Nova, Adrian poderia ter jurado que sentia uma pulsação nela, quase como se estivesse viva.

Ele queria saber por que Nova tinha tirado a estrela da estátua no porão dele. Queria saber o que era, o que seria capaz de fazer e como tinha passado a existir. Não estava na pintura, mas *estava* no sonho de Nova, o que ele tinha se esforçado para recriar.

Tudo aquilo fazia sua cabeça girar.

Mas, mais do que tudo, uma parte profunda dele queria se livrar daquela coisa e nunca mais olhar para ela. Mesmo enquanto segurava o bracelete com a estrela, lembrando-se daquela noite na floresta criada por ele, com Nova respirando suavemente enquanto pegava no sono nos seus braços, seu sangue ficou gelado.

Ela era Pesadelo. Tinha sido Pesadelo o tempo todo.

— Eu não sei — disse ele, apertando a pulseira de novo, cortando a luz da estrela. — Dar para o departamento de Artefatos, acho.

— Pode dar pra mim — disse Pega com um tom que foi meio apressado demais, meio insistente demais.

Adrian ficou tenso.

Ao perceber que tinha chegado perto demais, Pega deu um passo para trás.

— Quero dizer, eu posso levar para o QG. Entrego isso com o resto do... Você sabe, com o que encontrarmos aqui hoje. Pra ser catalogada e... sei lá. Eu posso cuidar disso pra você.

Adrian apertou os dedos. Um instinto sutil o avisou para não soltar a pulseira. Havia um significado nela que ele ainda não tinha descoberto.

Além do mais, havia algo na expressão de Pega. Uma sombra de desespero que o irritou. Um sussurro de intuição lhe disse que ela estava mentindo. Ela realmente entregaria a pulseira quando chegasse ao QG?

A esperança de Pega se transformou em uma expressão aborrecida e ela esticou a mão com a palma para cima.

— Anda, Rabisco. Esse é meu trabalho, não o seu.

Ele olhou para a mão dela e achou aquele argumento surpreendentemente persuasivo. Ela era da equipe de limpeza. Era uma Renegada.

E ele abominava a ideia de carregar aquela estrela por mais tempo.

— Duvido que você encontre mais alguma coisa pra levar — disse ele. — Mas acho que não importa. — Deixando a relutância de lado, ele colocou a pulseira na mão dela. Pega afastou a mão na hora, como se tivesse medo de que ele mudasse de ideia. — Não vá perder. Essa pulseira era importante pra No... Pesadelo. Pode ser importante pra nossa investigação.

Pega não mudou a expressão.

— Você acha que é meu primeiro trabalho?

Ela colocou a pulseira em um bolso na calça do uniforme e entrou na casa destruída sem dizer mais nada.

O nó no estômago do Adrian afrouxou só um pouco por ele ter se livrado daquilo. Quanto antes pudesse esquecer cada momento de alegria que tinha tido na companhia de Nova McLain, melhor.

CAPÍTULO TREZE



AS ONDAS DA BAÍA Harrow bateram no barquinho e jogaram borrifos de água pela lateral. Dentro da cabine, que tinha bancos de plástico aparafusados no chão, Nova olhou para o vidro úmido com vapor, tentando ignorar os dois guardas que estavam em cada ponta da cabine e que não tiravam os olhos dela. Fora os guardas, ela estava sozinha, a única prisioneira naquele trajeto de barca, indo para a famosa Penitenciária Cragmoor. Ela a viu surgir na neblina densa e nas ondas indefinidas como uma fortaleza medieval, cercada por penhascos e um mar implacável. Nova tremeu quando a viu, mas pode ter sido pelo ar gelado dentro do barco.

Quando pararam na doca maltratada, a corrente que prendia as algemas dela ao gancho de ferro no chão foi solta. Os guardas a seguraram pelos cotovelos, tomando o cuidado de não tocar na pele enquanto a escoltavam para fora do barco. Um deles assentiu em uma despedida simpática para o capitão, que inclinou o chapéu em resposta. Nova quase riu com aquela interação tão normal, ali, naquela ilha brutal, onde nada podia ser normal.

Mais dois guardas e o diretor da prisão estavam esperando no fim da doca. Ela foi enfiada em um pequeno veículo motorizado e novamente suas mãos cobertas foram acorrentadas, desta vez a um gancho no teto do veículo. Ninguém falou muito. O diretor e o guarda que estava dirigindo trocaram algumas palavras, baixas demais para Nova identificar por conta do motor barulhento. Mas ela gostou de ficar

sozinha; inspecionou as paredes da prisão enquanto o carro seguia derrapando pelas curvas estreitas do penhasco.

Quando o chão ficou plano, ela viu as torres da guarda, cuidadas por Renegados com uniformes cinzentos familiares. Dois portavam armas. Os outros não tinham armas visíveis, mas ela sabia que isso só significava que os superpoderes deles eram perigosos o suficiente para armas serem supérfluas.

O muro em volta da prisão era de pedra grossa com arame farpado em cima. Nenhuma surpresa. Também não a surpreendeu o portão que se abriu para deixar o veículo passar. A prisão em si era uma estrutura retangular no centro do complexo, construída com apenas uma visão utilitária em mente. Sem janelas. Nova só via uma porta, o que combinava com as informações das plantas. Ela sabia o que esperar, mas, mesmo assim, ficou atônita. Era de uma desesperança terrível.

Ela não foi levada diretamente para a prisão, mas para um prédio menor que tinha janelas, embora fossem estreitas e estivessem sujas de anos de lama jogada pela ventania constante da ilha. Um homem sentado a uma mesa falou brevemente com o diretor antes de preencher uma linha em um livro. Ele virou a página para Nova e pediu para ela assinar na caixa.

Sentindo-se entorpecida até o âmagô, Nova olhou para as palavras na página enquanto um dos guardas abriu a algema da mão direita e soltou os dedos para que ela pudesse segurar a caneta. A data e a hora estavam borradas no papel, mas o nome estava bem claro. Nova McLain. Ver aquele nome a abalou: ela percebeu que eles ainda não tinham descoberto seu nome real.

Vinha seguido de um número de prisioneiro, 792, e do codinome dela, *Pesadelo*.

Sua mão tremeu quando ela pegou a caneta, que estava presa na mesa para o caso de alguém tentar perfurar o administrador com ela.

Antes que pudessem impedi-la, ela riscou *Pesadelo* e escreveu *Insônia*.

— Ei! — protestou o homem por trás da mesa, começando a puxar o livro na hora em que Nova estava assinando correndo o nome na caixa vazia. Ele e o diretor trocaram um olhar.

— Tudo bem — disse o diretor. — Vamos só acabar logo com isso. Você já designou uma cela?

— Eu tenho algumas opções — disse o administrador, ainda parecendo aborrecido com o pequeno ato de rebelião de Nova. — Ela vai para a solitária como

o último?

O diretor sorriu com desprezo.

— Por favor. Ela faz as pessoas *dormirem*. É a habilidade menos ameaçadora que temos nesta ilha.

O homem atrás da mesa grunhiu.

— Cella B-26, então.

Depois de admitida, Nova foi levada para uma salinha de concreto e recebeu um macacão listrado. As algemas foram removidas e Nova massageou os pulsos, não só por causa da dor causada por elas, mas para confirmar que o vazio que sentia era real. Sua pulseira tinha sumido. Adrian tinha mesmo tirado a pulseira dela, a última conexão que tinha com o pai.

Uma guarda ficou por perto enquanto ela se trocava e depois a instruiu a colocar todos os pertences em uma caixa que apareceu em um buraco na parede. Não importava. Por ela, podiam queimar as roupas e as botas chiques dos Renegados. A única coisa que importava já tinha sido tirada dela.

Bom, a única além da sua liberdade. Da família. Do futuro.

Ela trincou os dentes e se repreendeu pelo pensamento. Não tinha passado nem um dia ali. Não tinha visto a cela. Era cedo demais para desistir.

Estava vestindo o macacão quando uma coisa a perfurou nas costas, entre a coluna e a escápula esquerda. Nova deu um grito e se virou. A guarda estava segurando um dispositivo que parecia um pouco a arma de choque caseira de Nova.

— O que foi isso? — gritou Nova, levando a mão ao ponto das costas que estava ardendo. Ela sentiu uma coisa dura cravada na pele.

— Rastreador — disse a guarda com voz entediada, deixando a arma de lado. — Os prisioneiros tentavam fugir antes. Agora, a gente quase torce para vocês tentarem. Ninguém chega muito longe com isso, e uma fuga deixa as coisas aqui mais animadas por um ou dois dias.

Nova enfiou os braços pelas mangas e fechou os botões.

— Você podia ter me avisado.

— Ah, é? E você teria ficado parada e dito “Obrigada, senhora” quando eu terminasse? Seria a primeira.

Algumada de novo, com os mesmos guardas de cada lado, Nova foi finalmente levada pelo pátio lamacento até a prisão. Desde que Ace tinha sido capturado, tinha

passado muito tempo tentando imaginar como devia ser dentro da Penitenciária Cragmoor, e agora tentou achar graça de que, depois de tudo, ela estava ganhando o passeio VIP. Sabia que a parte externa do prédio original tinha ficado relativamente intocada, mas o interior tinha sido demolido e reconfigurado muitas vezes desde que eles tinham começado a abrigar prodígios. Sabia que a prisão estava sempre sendo reformada e remodelada para conter novos superpoderes e as muitas complicações que eles geravam aos captores.

Mas nada que Nova tivesse lido tinha dado muita indicação de como era o interior da prisão, e tinha imaginado camadas de celas ocupando o comprimento do prédio, unidas por passarelas estreitas e amuradas altas.

A realidade não era nada assim.

Quando entrou no bloco de celas, foi recebida por um espaço aberto e amplo entre paredes de pedra. Até seu olhar seguir para cima, para onde o teto era reforçado com vigas de aço quase cinco andares acima. As celas, cada uma delas uma caixa solitária, ficavam suspensas nas vigas por cabos grossos.

Havia uma passarela estreita, mas, em vez de conectar as celas, seguia pelo perímetro das paredes ao redor, por onde os guardas podiam fazer as rondas e ficar de olho nos detentos.

Se havia prisioneiros dentro das celas suspensas, ela não conseguia vê-los de baixo. O local era silencioso como um cemitério, um silêncio ainda mais completo por causa do vento uivando nas muralhas externas e depois pelos passos deles.

Havia números de celas pintados com tinta spray na parede de pedra e eles pararam na frente do B-26. O guarda assentiu na direção de uma sala cercada de vidro preto no segundo andar. Um segundo depois, o ruído de metal das engrenagens ecoou ao redor e uma das celas começou a descer. Nova viu a aproximação lenta, em parte desejando que caísse e a esmagasse e acabasse com aquele sofrimento todo antes mesmo que começasse. Novamente, ela xingou a si mesma por se sentir tão desesperançosa. Ela era uma Anarquista. Era a sobrinha do Ace Anarquia. Ela nunca ficava sem esperança.

Mas era difícil se convencer disso agora, quando a cela bateu no chão com um estrondo e ela se viu olhando para um espaço com um terço do tamanho do quarto dela na casa de Wallowridge, e até lá a sensação era de aperto.

Um dos guardas empurrou suas costas. Ela apertou os lábios e pensou em perguntar se iam deixar que ela ficasse com as lindas novas algemas. Mas sua boca estava seca e ela não estava a fim de falar.

Que diferença fariam alguns quilos de correntes àquela altura?

As correntes estalaram quando ela entrou na cela. Escura. Fria. Desprovida de conforto. Pareceu um pouco com voltar para os túneis do metrô, mas, desta vez, não haveria descanso da penumbra infinita.

Seus pés atravessaram a soleira, e uma porta gradeada se fechou atrás dela com um baque reverberante. Ela se virou e observou a grade horizontal, provavelmente de ferro. Uma segunda série de grades, agora verticais, se fechou depois da primeira. Ela engoliu em seco. Fibra de carbono, supôs ela, uma precaução extra com detentos capazes de manipular metal. Ela ouviu um zumbido e viu um tremeluzir leve de luz vermelha nas bordas da cela. E ergueu as sobrancelhas. *Lasers também?*

Caramba.

Pareceu hilário de repente que Nova tivesse sonhado em invadir aquele lugar. Ela não só tinha sonhado em resgatar Ace dali, mas achou que poderia conseguir. Ela não sabia *como*, mas o fracasso não parecia uma opção.

Agora se dava conta de quanto todo o seu planejamento foi inútil.

Eles jamais resgatariam o Ace.

Da mesma forma que ninguém jamais a resgataria.

Assim que a cela ficou protegida, um dispositivo interno nas correntes estalou e as algemas caíram dos pulsos de Nova em uma pilha aos seus pés.

O barulho de engrenagens ecoou ao redor e a cela começou a subir. Os guardas foram ficando para baixo e a única coisa que ela conseguiu ver além da grade foi a parede externa do bloco de celas. Uma camada grossa de pedra e argamassa.

Apesar de saber que havia outras celas suspensas no ar a poucos metros de distância da dela, não fazia diferença elas estarem lá nem se estavam ocupadas ou não.

Ela estava sozinha.

Só tinha se sentido *verdadeiramente* sozinha uma vez na vida: nos momentos seguintes ao assassinato dos seus pais e de Evie. Depois que botou o assassino para dormir, ela ficou parada junto ao corpo inconsciente, segurando a arma ainda quente

da mão dele, dizendo para si mesma que deveria matá-lo. Matá-lo. *Matá-lo*. Ela estava sozinha nessa hora e sabia. Sem família. Sem ninguém para cuidar dela. Sem ninguém para ajudá-la a ser corajosa. Sem ninguém para ajudá-la a passar por aquilo.

Até que Ace chegou e ela lembrou: não, ela não estava sozinha. Ela ainda tinha família. Ainda tinha o tio Ace, e ele era tudo que tinha, e ela se agarrou a esse pequeno consolo com o máximo de força que seus pequenos punhos trêmulos conseguiram.

Agora, Nova observou a cela. Paredes cinzentas, feitas de um material que ela não conseguia adivinhar, mas algo lhe dizia que podia ser cromo. Havia um colchão fino como papel no canto. Uma pia junto à parede e uma privada com um pequeno tanque séptico no canto. Era tão apertado que seus pés tocariam o colchão enquanto ela fizesse as necessidades.

Sem saber o que mais fazer, Nova se sentou no colchão e tentou pensar em todas as escolhas que tinha feito que a levaram até ali. Todos os erros. Todos os fracassos.

Ela tentara assassinar o Capitão Cromo. Era Anarquista e vilã. Não muito tempo antes, teria suposto que punição seria prisão perpétua, mas ainda lembrava o que o Capitão tinha dito na manhã seguinte ao ataque dela ao quartel-general. Em pouco tempo, os Renegados revelariam o Agente N para o público, e parte da grande apresentação deles incluiria a “neutralização pública de todos os prodígios que foram até agora condenados por comportamento vilão”. Sem dúvida, àquelas alturas, aquilo a incluiria.

Ela sabia que os Renegados estavam testando o Agente N em detentos de Cragmoor, a critério deles. Nenhum juiz nem júri tinha aprovado a remoção permanente de seus poderes. Os Renegados não tinham necessidade de práticas tão antiquadas; faziam o que era melhor para eles. Quem ligava para o que acontecia com uns poucos criminosos, afinal? Quem ligava se eram tratados como cobaias descartáveis?

As emoções dela eram uma mistura de raiva e ressentimento que encobria o que poderia ter sido tristeza.

Nova se deu conta, no meio da reflexão carregada de pena de si mesma, que os dedos da sua mão direita estavam envolvendo o pulso esquerdo, apertando com tanta força que as pontas dos dedos esquerdos estavam começando a formigar pela falta de circulação. Ela engoliu em seco, baixou a cabeça e soltou a mão. Sua pele estava com

um aro branco no local onde tinha apertado, mais grosso do que a leve linha pálida que destacava onde a pulseira tinha ficado por quase toda a sua vida.

Ficar sem a pulseira era como se alguém tivesse cortado um membro seu. E a estrela também, embora ela a tivesse por bem menos tempo. Ainda assim, a estrela parecia uma coisa que *ela* tinha feito. Uma coisa que seu sonho tinha feito existir. Com a ajuda do Adrian, talvez, mas isso não mudava o sentimento intenso de propriedade que tinha por ela. A forma como se prendia, um encaixe perfeito na base vazia da pulseira parecia confirmar que era dela. Ela não tinha percebido direito o conforto que a luz pulsante regular lhe dera nas semanas anteriores, enquanto o resto da sua vida tinha se tornado uma tormenta cada vez maior.

Agora, ambas estavam longe. A pulseira. A estrela. Ela odiava pensar nelas nas mãos dos Renegados, sendo examinadas e inspecionadas. Provavelmente, acabariam nas mãos de Callum em algum momento. Ele escreveria uma descrição para a base de dados. Ele e Foto Instantânea discutiriam sobre como deveria ser classificada: joia, artefato histórico, matéria extraterrestre misteriosa?

Eles saberiam que a estrela tinha sido cúmplice na destruição da caixa de cromo que antes protegia o elmo do Ace? Ela tremeu ao lembrar que, em uma explosão de raiva, tinha arremessado a lança de cromo na caixa, e, no momento em que a lança saiu da mão dela, a estrela soltou uma onda de luz que a cegou e transformou a lança no que pareceu um pedaço de pura energia.

Quando ela conseguiu olhar, a caixa indestrutível estava aos pés dela em pedaços e o elmo estava livre.

Era um mistério que Nova só tivera tempo de contemplar nos momentos mais tranquilos e silenciosos das semanas anteriores, que foram bem poucos. Agora, presa dentro da sua própria caixa indestrutível, ela achou reconfortante ter um mistério para contemplar em vez de seus próprios crimes e traições.

Um sonho. Uma estrela. Um mural pintado que ganhou vida. Fios de energia dourada no ar. O elmo. Seu pai. A lança de cromo. Dezenas de artefatos que brilhavam em um tom acobreado fraco.

Tudo parecia conectado, mas como? O que significava?

Fantasmas da família dela flutuavam nos pensamentos. As linhas de sorriso em volta dos olhos do pai. As mãos gentis da mãe. As covinhas da Evie. E, pela primeira

vez, pensar neles não a fez querer correr pelas ruas da Cidade de Gatlon e destruir o primeiro dito herói que ela visse.

Pela primeira vez, pensar neles só a deixou triste.

Ela havia fracassado com todos.

Gemendo, Nova escondeu a cabeça nos braços, aquela única palavra ecoando na cabeça.

Fracasso. Fracasso. Fracasso.

Ela havia fracassado com a família. Com Ace. Com os outros Anarquistas.

Até com... Adrian.

Sempre na superfície dos seus pensamentos, Adrian.

Daquela vez, a primeira vez em muito tempo, ela não conseguia nem acessar a lembrança do sorriso aberto dele. Nem a sensação dos beijos. Nem a forma como a mão dele segurava a caneta enquanto desenhava. Nem como ele tocou no pulso dela quando os dois se encontraram no desfile. Nem...

Tudo isso tinha sumido, tinha sido enterrado embaixo de uma avalanche de sofrimento.

Agora, quando ela pensava no Adrian, só pensava na forma como ele olhara para ela, com a traição e repulsa e abominação que temera por tantos meses.

Nova não tinha se dado conta até aquele momento, mas estava bem claro agora.

Ela estava vivendo seu pior pesadelo.

CAPÍTULO QUATORZE



— **N**ADA — MURMUROU ADRIAN consigo mesmo, passando os olhos pelo relatório digital. — Nada foi encontrado nos restos do número 9416 de Wallowridge que possa confirmar de forma conclusiva que algum vilão conhecido com ou sem afiliação aos Anarquistas, incluindo aquela de codinome Pesadelo, tenha visitado recentemente ou ocupado a casa. — Ele olhou para os companheiros. — Em seguida, tem uma lista de tudo que encontraram, coisas aleatórias que poderiam estar enterradas na fundação da casa desde décadas atrás. Duas garrafas de vidro, grampos de cabelo, restos de fiação elétrica. E por aí vai.

— Não significa nada — disse Oscar. — A casa foi completamente queimada. Claro que não encontraram nada. Não sobrou nada para encontrar.

Adrian assentiu, mas não conseguiu afastar a decepção. Ele acreditava na Danna. De verdade. Não dava para negar que, de uma forma bizarra, fazia sentido Nova ser Pesadelo, por mais que ele odiasse admitir. Havia coincidências demais.

Mesmo assim. Alguma prova concreta teria ajudado muito a acalmar suas dúvidas. E se eles estivessem errados? E se Danna tivesse se enganado?

Mas era só sonho. Um desejo ardente de não ser o Renegado que tinha se apaixonado por uma das suas piores inimigas. Uma necessidade desesperada de Nova não ser a mentirosa, a espiã, a vilã que de repente tinha se tornado.

— Já sabem o que provocou a explosão? — perguntou Ruby, espiando a tela por cima do braço do Adrian. Eles estavam na sala de treinamento, no subsolo do quartel-general, esperando outra sessão obrigatória de Agente N começar. Mas, a

julgar pelas expressões lançadas na direção deles pelas outras equipes reunidas em volta dos tatames e áreas de tiro, ninguém estava falando sobre o Agente N.

Adrian se esforçou para ignorar os colegas super-heróis, alguns com expressões cheias de pena, outros com arrogância e desprezo. Como se *eles* fossem imunes a serem enganados como ele foi, ignorando o fato de que Nova McLain tinha enganado a todos ali.

— Encontraram traços de vários compostos químicos que quase certamente são responsáveis pela explosão, mas exatamente o que são e como entraram em combustão ainda está sendo investigado.

Adrian rolou a tela com o documento.

— Nova seria capaz de criar uma bomba — disse Oscar.

— É, eu sei — replicou Adrian, a testa franzida. Ele não sabia se tinha parado de franzir a testa desde o momento em que Nova foi presa. — E compostos químicos incomuns são marca registrada do trabalho do Cianeto. Eles podiam estar com isso planejado havia muito tempo.

— Só esperando que a gente descobrisse que ela é uma vilã — disse Ruby com um suspiro.

Adrian não respondeu. Era como se ele ficasse esquecendo a verdade de propósito.

Ela é uma vilã.

Ruby ofegou e o sobressaltou.

— Danna!

Ele e Oscar se viraram e viram Danna descendo uma das escadarias estreitas da passarela acima. Ela acenou para eles. Apesar de ainda ter olheiras escuras, ela já estava com a aparência muito melhor do que quando reassumiu forma humana. A cor tinha voltado às bochechas e os dreadlocks tinham sido arrumados num coque frouxo na nuca. Ela parecia a antiga Danna, corajosa, confiante e pronta para agir.

— Como você está se sentindo? — perguntou Ruby quando chegou até eles.

Danna esticou as mãos com alegria acima da cabeça.

— Ótima — disse ela sem indicação de sarcasmo. — Vocês não têm ideia de como é bom ter dedos de novo.

— Então você não sofreu nenhuma lesão séria? — perguntou Adrian.

— Não. Eu estava desidratada, e ficar no modo de bando por muito tempo deixou meus sintomas bagunçados, mas nada que uma boa noite de sono não resolvesse.

— Ouvi a Pássaro do Trovão dizer que você talvez ganhe licença — disse Ruby.
— Não querem te forçar a voltar a campo antes de estar pronta.

Danna riu com deboche.

— É, ela me pegou hoje de manhã pra falar sobre isso. Algo sobre práticas injustas de trabalho e violações de direitos humanos... Sei lá, acho que estão todos nervosos por causa das reclamações da Genissa Clark. Mas não tem como eu ficar de fora, agora que estamos tão perto de encontrar o resto dos Anarquistas. Eu quero fazer parte.

— Mas e se você precisar se transformar de novo? — perguntou Ruby.

— O que tem?

— Hã... você está pronta pra isso? Tão pouco tempo depois...

Em um piscar de olhos, Danna se dissolveu e seu corpo foi substituído por centenas de asas batendo. Elas voaram em círculo pelo salão de treinamento, chamando a atenção das outras unidades de patrulha que aguardavam. Depois de uma volta inteira, as borboletas rodopiaram e Danna ressurgiu.

— Eu não tenho medo do meu superpoder — disse ela, os braços cruzados.

Ruby sorriu e passou os braços no pescoço da Danna.

— Que bom. Porque essa equipe não é a mesma sem você.

Mas, assim que Danna falou, seu sorriso sumiu e ela recuou só um pouco e lançou um olhar de nervosismo para Adrian.

Ele sabia que ela estava pensando em Nova. Embora não fosse parte da equipe há tanto tempo quanto Danna, ainda parecia que a equipe não era a mesma sem ela também.

Porém, não adiantava pensar nisso. Ela nunca tinha sido parte da equipe de verdade.

— E aí? — perguntou Danna, dividindo a atenção entre eles. — Encontraram alguma coisa na casa?

Adrian balançou a cabeça e contou sobre o relatório. Os restos do incêndio não ofereceram provas que pudessem conectar Nova à Pesadelo nem indicar onde os outros Anarquistas poderiam estar escondidos. Com Ace Anarquia e Pesadelo

presos, o Titereiro neutralizado e a Detonadora morta, só restavam três Anarquistas conhecidos à solta: Cianeto, Abelha-Rainha e Fobia. Os Renegados colocaram vigias perto da catedral desde o dia em que Ace Anarquia fora capturado, na esperança de que um dos seguidores dele voltasse para o local, e estavam conduzindo verificações rotineiras nos túneis do metrô por toda a cidade, mas, até ali, não havia sinal dos vilões desaparecidos.

— É possível que eles tenham saído da cidade? — perguntou Oscar. — Depois que o Ace foi capturado, será que decidiram desistir?

— É cedo demais para determinar isso — disse Adrian. — E, se eles não foram embora depois de passar tantos anos naqueles túneis, duvido que fossem fugir agora.

— E se tiverem ficado sem opção? — perguntou Ruby. — Estou falando da Abelha-Rainha, do Cianeto e do Fobia. Nenhum deles é exatamente mestre dos disfarces. Era de se pensar que, se estivessem vagando pela cidade, alguém teria reparado neles em algum lugar.

— Há muitos prédios abandonados nesta cidade — disse Adrian. — Há muitos lugares onde se esconder.

Danna grunhiu e indicou o relatório na tela do Adrian.

— O que significa que eles poderiam estar em qualquer lugar e que nada disso aí vai nos dar nenhuma pista.

— É, mas agora é o melhor que temos. — Adrian baixou a voz. — A não ser que o Ace Anarquia ou a Pesadelo nos deem algo com que trabalhar.

— Muito bem, patrulhas — gritou Luz Negra, andando no meio dos grupos com sua jaqueta preta de couro e a calça apertada de sempre. Ele estava carregando uma caixa de plástico grande. — Venham pra cá, venham. Eu sei que foi um dia agitado, mas nós temos coisas importantes a resolver antes de todo mundo ser liberado para fofocar mais. Como vocês sabem, nossa revelação pública do Agente N é em menos de quatro semanas. Vai acontecer na arena e teremos jornalistas de todo o mundo presentes. Nós temos que estar totalmente preparados para todas as patrulhas estarem equipadas com o soro antes disso. Como o ataque recente ao quartel-general compreensivelmente deixou algumas pessoas tensas, vamos implementar algumas novas precauções para garantir que o Agente N não possa ser usado contra os nossos.

— Precauções? — disse Bola de Demolição, fechando as mãos e as apoiando nos quadris. — Tipo destruir tudo que restou do Agente N e nunca mais falar nisso?

Luz Negra lançou um olhar fulminante para ela.

— Rá, rá. Nada tão drástico assim. Eu entendo a sua preocupação; nós todos entendemos e ficamos arrasados de perder Geladura e a equipe dela. Mas essa arma foi um investimento importante pra nós e continua sendo nossa melhor esperança de eliminar vilões e prodígios perigosos da nossa cidade. Não estávamos preparados para um inimigo ter acesso ao Agente N, é verdade, mas não vamos cometer esse erro de novo.

— Investimento — desdenhou outro Renegado, Coiote. — Estou começando a achar que a Genissa está certa: é só com isso que o Conselho se preocupa. Seus investimentos.

Adrian franziu a testa para a nuca do Coiote. Embora as palavras tenham saído abafadas e baixinhas, ficou claro que a intenção era que fossem ouvidas. Mas Adrian discordava. O Conselho ligava para eles, para cada um deles, e para todos os cidadãos da cidade. Mas, ao mesmo tempo, ele se perguntou se a ansiedade do Conselho estava cegando os chefes para os riscos do uso do Agente N. Com todos os ataques da imprensa e as dúvidas do público sobre a capacidade dos Renegados de manter as pessoas em segurança, eles estavam desesperados para demonstrar que ainda permaneciam no controle.

Mas a que custo? Eles realmente acreditavam que podiam manter os próprios Renegados protegidos do Agente N depois do que tinha acontecido com a equipe da Geladura?

Luz Negra colocou a caixa na mesa e tirou uma máscara de gás volumosa.

— Nossos amigos da tecnologia fizeram modificações nessas máscaras e, depois de uma série de testes, confirmamos que elas vão proteger qualquer prodígio do Agente N em forma gasosa, o que, como sabem, foi um dos métodos que a Pesadelo usou para neutralizar a Geladura e os outros. Começando imediatamente, todas as patrulhas serão equipadas com uma máscara de gás durante o trabalho.

Ele começou a jogar as máscaras para as pessoas. Os patrulhas as pegaram, quase contrariados. Havia desgosto escrito na cara de todos enquanto inspecionavam as máscaras incômodas.

Luz Negra jogou uma para Adrian, e ele entendeu rapidamente a irritação dos colegas. O elástico para prender a máscara na cabeça era de borracha e o filtro bulboso sobre a boca era pesado e horrendo.

— A gente vai ter que usar isso durante as patrulhas? — perguntou Tiro Explosivo.

— Só se acharem que estão em perigo junto a um inimigo que poderia ter acesso ao Agente N.

Ruby levantou a mão.

— Como a gente vai saber quem pode ou não ter acesso ao Agente N? Quem sabe pra quem Nov... Pesadelo pode ter dado aquelas bombas?

— Atualmente, não temos motivo para desconfiar de que qualquer vilão além dos companheiros da Pesadelo, os Anarquistas, tenha o Agente N.

— Certo, mas e dardos envenenados? — perguntou Zodíaco. — Era esse o método que íamos usar pra neutralizar nossos inimigos, então como vamos saber se os Anarquistas vão continuar usando o Agente N em forma de gás? Como nós vamos nos proteger para não levar disparos dessa coisa? Nossos uniformes não vão nos proteger. — Ela puxou a manga de tecido elástico apertado para enfatizar o que estava dizendo.

— Isso é uma preocupação — disse Luz Negra, e Adrian percebeu que ele estava ficando cansado das perguntas, mesmo que fossem válidas. — Nós estamos discutindo o desenvolvimento de trajes blindados de corpo inteiro que vão substituir seus uniformes atuais no futuro.

— Trajes blindados? — indagou Coiote com uma risada. — Como o do Sentinela?

— Não... exatamente — disse Luz Negra com uma tensão na voz.

Adrian teve a sensação de que os uniformes que eles estavam planejando eram exatamente como o que seu alter ego usava.

Oscar o cutucou nas costelas e abriu um sorriso de orgulho. Adrian encarou o amigo de cara feia.

— Quanto tempo até esses trajes estarem disponíveis? — perguntou Homem-Mundo. — Algo me diz que não vai ser antes da revelação ao público.

— E como eu vou poder usar meu poder se estiver preso dentro de uma armadura? — perguntou Camaleão.

— Eu lembro que o médico disse que o Agente N também podia ser ingerido. E se os vilões começarem a envenenar nossa comida?

Uma enxurrada de perguntas começou a vir de todos os lados da sala. As bochechas do Luz Negra ficaram quase tão vermelhas quanto a barba, e ele levantou as mãos, tentando se defender.

Um raio voou pelo teto e acertou uma lâmpada, que explodiu com o impacto, gerando uma cascata de fagulhas, no mesmo momento em que um rugido de trovão sacudiu o piso embaixo deles. Foi um som tão alto que fez Adrian cambalear alguns passos para trás, com a sensação de que um tambor gigante tinha sido batido dentro da sua cabeça.

— *Chega!*

Quando o silêncio ocupou o espaço deixado pelo trovão, todos olharam para cima e viram Pássaro do Trovão na passarela, o rosto tenso de raiva.

— Nenhum de vocês tem autoridade para questionar as decisões do Conselho de forma tão desrespeitosa.

Adrian engoliu em seco, sem conseguir se lembrar de ter visto Tamaya Rae tão furiosa. E só porque um grupo de Renegados ousou questionar o Conselho? Eles podiam fazer isso, não podiam?

Luz Negra limpou a garganta.

— Eu estava com tudo sob controle. Só pra deixar registrado.

— Nós temos questões mais urgentes pra resolver — disse Pássaro do Trovão rispidamente. — Há um problema no saguão principal. Sua presença é necessária imediatamente. — Com a mandíbula ainda tensa, ela observou as patrulhas. — E vocês estão dispensados.

Sem esperar resposta, ela voltou pela passarela, as asas roçando na amurada dos dois lados.

— Certo — disse Luz Negra. — Continuamos depois.

Ele deixou a caixa quase vazia para trás e seguiu Pássaro do Trovão na direção dos elevadores com o máximo de dignidade que conseguiu.

As unidades de patrulha deixadas para trás trocaram olhares intrigados por um minuto, depois perseguiram os membros do Conselho. Com um dar de ombros para os companheiros, Adrian foi atrás.

CAPÍTULO QUINZE



O SAGUÃO AINDA ESTAVA SENDO reformado, agora coberto de placas de pedra quebradas e cercado com fita de isolamento. Ao que parecia, também estavam ali todos os Renegados de serviço no prédio. Eles tinham formado um círculo em volta do piso esfacelado, onde uma longa rachadura ainda era vista indo do *R* vermelho no centro do saguão até onde a quarentena tinha caído do mezanino.

A pilha de vidro e escombros havia sido retirada e as vigas de aço que protegiam a sacada tinham sido recolocadas. No segundo andar, bem longe da beirada da passarela, havia uma moldura de torres de aço, como uma gaiola de passarinho incompleta. Ao lado, painéis enormes de vidro curvo estavam encostados nas paredes do laboratório.

Adrian fez uma careta ao vê-los lá, imaginando o que se tornariam. A ideia de botar Max de volta naquela prisão de vidro o repugnava, mas ele não tinha conseguido falar com os pais sobre isso de novo desde que Max acordara.

Vozes altas chamaram a atenção dele para a multidão, inclusive o som da voz do Capitão Cromo, parecendo tensa, embora Adrian não conseguisse identificar as palavras.

Danna, em forma de bando, voou para ver o que estava acontecendo do alto enquanto Oscar e Ruby subiam no balcão de informações curvo para ver acima da cabeça das pessoas. Adrian fez o mesmo.

Perto do *R* ladrilhado estava o Conselho; todos os cinco, as mãos fechadas apoiadas nos quadris ou cruzadas sobre o peito. Uns dez passos à frente, iluminados

por trás pelas janelas enormes da fachada do prédio, estavam Genissa Clark, Trevor Dunn e Mack Baxter, anteriormente conhecidos como Geladura, Gárgula e Sismo.

Arraia também estava ao lado deles, a cauda farpada se movimentando para lá e para cá no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou Adrian.

Um prodígio próximo fez *shhh*, mas Pirotécnico, do outro lado, sussurrou:

— Clark acha que o Conselho tem uma dívida com ela.

— ... absolutamente ridículo — disse Luz Negra, a voz alta o suficiente para ser ouvida pela multidão, chamando a atenção de Adrian de volta para o Conselho. — Claro que não podem voltar para as patrulhas. Não são mais prodígios!

O Guardião Terror lançou um olhar irritado para Luz Negra, mas foi ignorado enquanto ele balançava o braço na direção de Genissa e do grupo.

— Bom, é verdade! É absurdo sequer considerar! — Ele deu um passo à frente. — Desculpe dizer, mas você está agindo como uma princesa mimada, srta. Clark. Além do mais, foi você que disse que não era mais super-heroína. Ninguém aqui te forçou a sair, mas nós todos sabemos que foi a decisão certa. Então, por que você não vai para casa e começa a pensar em um uso mais produtivo do seu tempo? Nós temos coisas melhores pra resolver.

O Capitão Cromo botou a mão no ombro do Luz Negra e o puxou para trás. Murmurou alguma coisa, mas foi baixo demais para Adrian ouvir.

Mas ele não teve a menor dificuldade em ouvir Genissa Clark, que pareceu animada por ter plateia.

— Eu mudei de ideia. E, agora que estamos de volta, vocês vão nos varrer pra baixo do tapete, fingir que a gente não existe? Como se a gente não tivesse sacrificado nossos poderes a serviço dessa organização? Vocês não podem fingir que o que aconteceu não é culpa de vocês!

— Nós somos super-heróis! — gritou Luz Negra. — O que você esperava, que a gente fosse ficar sentado tomando chá o dia todo?

— Já chega, Evander — rosnou Pássaro do Trovão.

Bufando, Luz Negra cruzou os braços e murmurou:

— Ridículo.

— Nós exigimos compensação pelo que aconteceu conosco — disse Genissa, que tinha se colocado à frente do grupo. Ela parecia relativamente igual por fora: o

mesmo cabelo branco-prateado, os mesmos olhos azuis frios, embora a pele parecesse ter um leve rubor que sempre lhe faltara antes. Mas a frieza do olhar dela permanecia idêntica. — Nós entramos para os Renegados como prodígios, com habilidades que nos pertenciam. Mas, graças ao seu descuido ao desenvolver o Agente N e ao seu fracasso em deixá-lo fora do alcance dos inimigos, nós estamos sofrendo. Não dá para substituir nossas habilidades perdidas, mas esperamos compensação. Vocês têm uma dívida conosco!

— Que tal irmos pra algum lugar com privacidade pra discutir isso? — perguntou Tsunami, indicando os elevadores. — Nossos escritórios estão...

— Vamos ficar bem aqui — interrompeu Genissa. — Meus colegas precisam ouvir o que vocês têm a dizer. Afinal, qualquer um deles pode ser o próximo.

— Genissa, nós lamentamos pelo que aconteceu a vocês — disse o Guardião Terror —, e em boa parte porque odiamos perder você e sua equipe. Vocês eram uma das nossas unidades mais fortes. Mas vocês escolheram ser Renegados. Escolheram os riscos que acompanham essa vida.

— Na verdade — retrucou Genissa, apoiando as mãos com arrogância nos quadris —, quando entramos para os Renegados, *esse* risco não existia. Criminosos, sim. Vilões, claro. Mas o Agente N existe porque *vocês* o criaram. Como nós poderíamos ter escolhido isso?

— Além do mais — disse Trevor Dunn, cuja pele antes alternava entre compostos de rochas, mas agora estava coberta de descamações rosadas —, eu nunca assinei contrato nenhum que entregasse minha vida e meus poderes a serviço dos Renegados. E vocês? Assinaram alguma coisa?

Ele indicou o aposento e recebeu em resposta muitas testas franzidas com desconforto.

— Claro que não — disse Genissa. — Um contrato sugeriria que, se houvesse algum problema, nós talvez tivéssemos direito a algum tipo de compensação pelo trauma e pelo sofrimento. Mas, ah, não. Temos que lutar pelos Renegados, defender as pessoas desta cidade, nos jogar constantemente em situações perigosas, tudo em nome do *heroísmo*. E nós somos heróis. Juramos proteger os fracos e defender a justiça. Mas quem vai nos defender? Eu não contaria com *elas*. — Ela indicou o Conselho. — Assim que não precisam mais de nós, nos jogam de lado, e eu é que não vou defender isso. — Ela ergueu os braços. — E nenhum de vocês deveria fazer

isso. Os Renegados não são nada sem nós. Nós somos o coração e os músculos dessa organização, e eles precisam de nós mais do que nós precisamos deles. Eu quero que o Conselho reconheça que nós não somos lixo descartável. Nós somos Renegados! Vocês não podem tirar isso de nós também!

— Olha, Genissa — replicou o Capitão —, nós queremos tratar todo mundo de forma justa, principalmente os nossos. Mas vocês não podem voltar para a força como unidade de patrulha. Não seria seguro! Tenho certeza de que podemos encontrar algum outro papel na organização que seja satisfatório pra vocês. Não temos exatamente procedimentos para esse tipo de coisa. E sinto muito, mas não é prioridade agora.

— Talvez devesse se tornar — disse Genissa. — E sugiro que isso aconteça rápido, porque minha agenda está cheia de entrevistas esta semana, e eu posso dizer como os Renegados cuidam bem dos seus... ou posso contar a verdade. E, com todo o esforço que vocês dedicaram a essa grande revelação do Agente N, bem, seria terrível se o segredo vazasse antes... não?

— Pelos céus — murmurou Luz Negra. — Quer saber... tudo bem! Vamos deixar que eles voltem pra equipe! Eles que morram, se é isso que querem! — Ele balançou a cabeça. — Super-heróis não prodígios. Vocês não podem...

— Nós não... — O Capitão rosnou baixinho, mas pareceu relativamente calmo quando fixou a atenção em Genissa. — Eu não posso, em sã consciência, deixar que vocês continuem arriscando a vida quando não têm superpoderes com que se defender. Sinto muito. — Ele abriu os dedos. — O que mais posso oferecer a vocês?

Para a surpresa de Adrian, essa pareceu ser a pergunta mágica. Genissa lançou um sorriso vitorioso para os companheiros.

— Na verdade — respondeu ela lentamente —, tem uma coisa que *pode* satisfazer nossa necessidade de... Bem, ainda que não seja bem compensação, pelo menos um pouco de retaliação.

O Conselho trocou olhares idênticos de desconfiança, mas Genissa seguiu em frente.

— Ouvimos boatos de que a revelação do Agente N ao público também vai incluir uma execução pública.

O Capitão Cromo estreitou os olhos.

— É verdade. Pelos crimes dele contra a humanidade, Ace Anarquia foi sentenciado à morte.

— Por que parar aí? — disse Genissa. — Eu argumentaria que os cúmplices dele merecem o mesmo destino. — Ela ergueu o queixo, os olhos azuis faiscando. — Pesadelo merece o mesmo destino. Pesadelo tem que morrer... e eu quero ser a pessoa a fazer isso.

As palavras pareceram sugadas por um vácuo. Adrian sentiu o chão afundar embaixo de si. Como se o mundo tivesse se estreitado e virado uma cabeça de alfinete.

Pesadelo tem que morrer.

Ele tinha certeza de que seus pais desprezariam a sugestão, mas seus rostos estavam estoicos e ilegíveis.

Foi Luz Negra que falou primeiro. Com uma risada baixa, ele disse:

— Basta isso pra eles pararem de reclamar? Por mim, tudo bem.

Simon olhou para ele.

— Estamos falando de vidas.

— Vidas de vilões — disse Luz Negra. — Pesadelo merece tanta misericórdia quanto o Ace Anarquia. Foi *ela* quem os neutralizou, então me parece justo.

— Pensem bem — acrescentou Genissa. — As pessoas estão perdendo a fé em vocês cada vez mais rápido. Todos os dias, ouvimos pessoas perguntando se os Renegados são mesmo capazes de protegê-las, de atender às necessidades crescentes desta cidade. O Conselho precisa demonstrar uma frente unida. Vocês não podem tolerar prodígios que se recusem a seguir o código. E você não quer que ex-Renegados como nós — ela indicou Mack e Trevor — saiam por aí dizendo como são fracos quando surgem ameaças verdadeiras, como a Pesadelo e os Anarquistas.

A visão do Adrian ficou enevoada, turva nas bordas, até ele só conseguir ver o sorriso irritante da Genissa Clark. Ela já estava adorando a ideia de ser a pessoa a acabar com a vida da Pesadelo. Ela queria vingança pelos poderes perdidos.

Mas o Conselho não permitiria isso... certo?

Alguém segurou seu cotovelo; Ruby, oferecendo apoio. Isso arrancou Adrian dos pensamentos.

Não era Nova. Era Pesadelo. Era uma vilã.

Mas, mesmo assim... *morta*? Sem julgamento? Sem esperança de redenção?

— Capitão — disse Tsunami —, eu não tenho certeza de que seja um caminho inteligente. O Conselho precisa discutir...

— Ah, nossa, desculpa interromper — disse Genissa, olhando um relógio invisível —, mas a gente tem que ir! Não queremos perder nossa entrevista no noticiário noturno, não é?

Ela deu meia-volta, mas nem tinha se movido quando o Capitão Cromo disse:

— Nós aceitamos.

— Não — sussurrou Adrian, balançando a cabeça. Ruby apertou mais o braço dele. — Eles não podem deixar que ela...

Adrian parou de falar quando, no centro do saguão, Genissa Clark se virou de volta para o Conselho com um sorrisinho malicioso.

— Como?

— Uma execução dupla acontecerá durante a revelação — disse o Capitão, os punhos fechados. — Você, Geladura, pode ser responsável pela morte da Pesadela, que é nossa antiga inimiga e uma ameaça persistente aos Renegados e aos civis que juramos proteger. Essa execução vai acontecer como punição pelos crimes dela contra a sociedade e contra os nossos.

— Bem — disse Genissa, fazendo uma reverência debochada na direção do Conselho —, obrigada por serem tão compreensivos. Vamos considerar sua proposta com carinho e entraremos em contato.

Com uma piscadela, Genissa e equipe desfilaram na direção das portas giratórias, seguiram para a rua, onde todos foram cercados imediatamente pelos repórteres que estavam acampados na calçada desde que o elmo foi roubado.

— De volta ao trabalho, todos vocês! — gritou o Capitão, a voz atipicamente furiosa. A multidão na mesma hora se agitou, embora Adrian duvidasse que muitos fossem “trabalhar”. Ele já via a multidão se dividindo em grupos, indo na direção dos lounges e salas de treinamento para discutir o que tinha acontecido.

— Adrian — disse Oscar, cutucando o pé do amigo com a bengala. — Você está bem?

— Por que não estaria? — perguntou ele.

Uma hesitação foi seguida por Oscar sussurrando para Ruby:

— Isso é *não*, né?

— Com licença — disse Adrian, descendo do balcão.

Ele abriu caminho pela multidão na direção de onde os cinco membros do Conselho estavam subindo a escada recém-construída na direção do mezanino.

— Pai!

O Capitão ficou tenso e sua expressão estava meio contraída quando ele encarou Adrian.

— Sinto muito. Nós não tínhamos...

— Pena de morte? Sério? — Adrian olhou para cada um dos membros do Conselho.

— E por que não? — rugiu Luz Negra. — Você tem ideia de quantos milhares de pessoas morreram nas mãos do Ace Anarquia e dos comparsas dele? Já está mais do que na hora de começarmos a combater fogo com fogo. Quem não tem misericórdia não merece misericórdia.

— E quantas pessoas a Pesadelo matou? — perguntou Adrian. — Fora a Detonadora, claro.

— Você talvez lembre que ela tentou *me* matar — disse Hugh.

Adrian sentiu o rosto começar a arder.

— Eu não esqueci — replicou ele em voz baixa. — Mas ela também salvou o Max.

Os dois pais dele recuaram com surpresa.

Simon foi o primeiro a se recuperar.

— Salvou o Max? Ela jogou uma lança nele!

Adrian balançou a cabeça com veemência. Ele sentia-se chegando perigosamente perto de revelar seus próprios segredos; seus pais ainda não sabiam que ele podia se aproximar do Max, não sabiam sobre as tatuagens. Mas ele não podia deixar Nova continuar a levar a culpa, não por isso. — Foi Genissa que fez isso. Sem querer, quando ele estava invisível. Foi a Nova... Pesadelo que tentou ajudar. Ela o ajudou a pegar o poder da Genissa pra poder estancar o sangramento.

Hugh deu um passo na direção do Adrian.

— Não foi o que Genissa nos contou.

— Eu sei. Mas é a verdade. Conversa com o Max.

— E como *você* sabe disso? — perguntou Simon.

Adrian engoliu em seco.

— É uma longa história — disse ele, tentando não esconder o fato de que estava desviando da pergunta. — Mas, se for verdade, talvez a gente deva alguma coisa a ela. Além do mais, nós ainda somos os mocinhos, né? Nós não executamos pessoas.

— Exatamente — disse Pássaro do Trovão, as penas das asas se balançando. Adrian percebeu que ela não concordava com aquilo, e que Tsunami e até o Guardião Terror tinham dúvida no rosto.

— Há questões políticas em jogo aqui que você não entende — disse Hugh, mas a fúria de antes tinha sumido da voz dele. — A imprensa e nossos detratores estão tentando nos dividir em todas as oportunidades. Tudo que nós fazemos está sendo criticado e questionado. Como podemos governar uma cidade, que dirá o mundo todo, se estivermos ocupados lidando com toda besteira burocrática trivial que aparecer? — Ele passou a mão pelo cabelo. — Isso resolve dois problemas de uma vez: tranquiliza Genissa e a equipe dela, e mostra ao mundo que vamos agir contra os nossos inimigos de forma rápida e eficiente. Nós precisamos disso agora. E — ele olhou em volta e encarou cada um — precisamos estar unidos nessa decisão.

— E por que, exatamente? — disse Adrian, sentindo o veneno na garganta. — Para evitar que o mundo descubra que isso na verdade é uma ditadura?

A mágoa ficou evidente nos olhos de Hugh.

Adrian foi tomado de culpa, mas se recusou a demonstrar. Ele esperou a réplica, a discussão, mas seu pai só balançou a cabeça.

— Essa decisão não envolve você — disse ele antes de se virar e sair andando.

O resto do Conselho foi atrás, exceto Simon, que botou a mão no ombro de Adrian.

Antes que pudesse dizer qualquer que fosse a coisa reconfortante que estivesse planejando, Adrian se afastou da mão dele e desceu a escada. Seu sangue estava correndo à toda, quente e latejante na superfície da pele. Ele estava pronto para brigar. Queria brigar. Ou talvez só quisesse alguém com quem gritar, precisando de uma desculpa para explodir. Só uma vez.

Mas com quem ele poderia brigar?

Pesadelo, que antes ele achava ser sua maior inimiga, já estava presa.

E, em poucas semanas, estaria morta.

CAPÍTULO DEZESSEIS



NOVA LOGO ENTROU NA rotina da Penitenciária Cragmoor. De manhã, ela não sabia dizer em que horário exato, as celas da prisão eram descidas até o chão e, uma a uma, as grades eram abertas e os guardas de serviço gritavam para os prisioneiros saírem das celas e fazerem fila. Eles estavam sempre gritando, embora Nova só tivesse testemunhado os detentos agindo de forma totalmente obediente. Ela se perguntou por que ninguém nunca perdia a voz.

Eles saíam da construção onde ficavam as celas e eram levados até o chamado aposento sanitário, onde tinham noventa segundos para tomar uma chuveirada com água fria e sessenta para escovar os dentes e pentear o cabelo na frente de uma pia comprida com várias torneiras. Uma vez por semana, eles recebiam macacões recém-lavados.

Eles tinham vinte minutos para “esticar as pernas” no pátio, embora a maioria dos detentos passasse o tempo em grupos perto do muro para evitar a lama. Estava quase sempre chovendo, um chuvisco frio com neblina, e mesmo quando não estava, o vento atravessava os macacões como adagas. Nova não falava com ninguém, não só porque os guardas estavam sempre vigiando e sua impressão clara era a de que conversas no pátio eram desencorajadas, mas também porque, quando ela ousava se aproximar de outro prisioneiro, a pessoa sempre olhava para ela com desprezo e dava as costas para ela. Bastaram poucas rejeições para Nova decidir que era melhor ficar na dela. Ela não sabia de onde se originava o desprezo universal por ela; se era porque achavam que ainda podia ter alguma lealdade para com os Renegados ou

porque sabiam que era uma vilã que tinha fracassado na missão de derrubar os inimigos, mas também não sabia se queria descobrir.

Estava se acostumando a ficar sozinha.

Depois do breve tempo de recreação, eles recebiam a única refeição do dia em um refeitório com mesas estreitas e bancos presos ao chão, a cozinha atrás de uma parede de pedra, com uma única abertura estreita por onde eles pegavam as bandejas de comida.

A qualidade da comida era exatamente o que Nova esperava. O que queria dizer que não era muito pior do que ela consumira nos túneis do metrô durante a maior parte da vida. Na maioria dos dias, a refeição consistia em um pãozinho duro, um legume irreconhecível cozido até virar pasta, uma batata assada e peixe. Nova não sabia qual peixe, mas achava que era o que os cozinheiros conseguissem comprar barato. Aos domingos, se o prisioneiro tivesse passado a semana sem confusão, ele também recebia uma fatia de queijo.

Em seguida, eles eram devolvidos para as celas, umas duas horas depois de terem sido tirados delas, para passar o resto do dia em isolamento silencioso até a hora do apagar das luzes. Alguns prisioneiros que estavam lá havia muito tempo a ponto de ganhar certa confiança dos guardas eram enviados para trabalhar na lavanderia ou na cozinha. No começo, isso pareceu uma punição, mas não demorou para Nova reconhecer que as longas horas de solidão eram bem piores.

Pela primeira vez na vida, a incapacidade de dormir de Nova pareceu mais uma maldição do que um dom. O que ela não teria dado para passar oito horas a menos por noite sozinha com seus pensamentos em turbilhão.

E assim os dias se passaram, monótonos e insuportavelmente tediosos.

Todos os dias, Nova esperava ver algum sinal do Ace, mas ele nunca estava no pátio nem no refeitório. Ela supôs que estivesse na solitária, mas, quando tentou perguntar a uma outra prisioneira, a mulher olhou para ela como se estivesse falando outra língua e respondeu simplesmente:

— Ace Anarquia está morto.

Nova esperava que isso significasse que a captura e o confinamento do Ace estivessem sendo escondidos dos prisioneiros, não que ele tinha chegado... e já morrido.

Ela não suportaria isso. Não depois de tudo.

Mal se mantendo sã, ela achou que seria melhor não perguntar a mais ninguém, mesmo que isso fosse só um sinal patético de autopreservação. Ela simplesmente não aguentaria outra perda.

No décimo sétimo dia de aprisionamento, Nova parou na frente da pia, a boca cheia de bicarbonato de sódio e espuma enquanto escovava os dentes, tentando ser o mais detalhista possível no tempo que tinha. Os músculos das costas onde o rastreador tinha sido inserido tinham finalmente parado de doer.

Ela estava se esforçando para apreciar essas pequenas coisas quando, pela primeira vez desde que chegara, a rotina sofreu uma alteração. O diretor entrou no aposento sanitário e conversou baixo com um dos guardas.

Era tão incomum que o padrão fosse quebrado que todos os detentos ficaram paralisados.

A atenção do guarda se voltou para *ela* e seus olhares se encontraram no espelho comprido e sujo.

Nova se curvou e cuspiu. Enxaguou rapidamente a boca e a escova foi arrancada da mão dela um segundo depois, pelo mesmo guarda que sempre a pegava, porque, evidentemente, uma escova de dentes era uma arma em potencial.

Por um bom motivo, achava. Nova poderia fazer um bom estrago com uma se quisesse.

Quando estava se levantando, ela viu um rosto no espelho. Não o rosto *dela*, nem o do prisioneiro ao lado.

Seu estômago se contraiu. *Narcissa*. Ela ainda estava atrás do vidro, olhando para Nova com uma intensidade perturbadora. Levou um dedo aos lábios e balançou a cabeça rapidamente.

E sumiu.

Nova ficou olhando para sua expressão sobressaltada, se perguntando se tinha imaginado aquilo. Por que Narcissa se mostraria para Nova ali, agora? E o que ela quis dizer com aquele sinal de silêncio? O que ela achava que Nova ia dizer?

— Sete-nove-dois! — gritou o guarda.

Nova levou um susto e se virou para ele de cara feia.

— Nova — disse ela por entre os dentes. — Meu nome é Nova.

Ao lado do guarda, o diretor a observou com um olhar de avaliação.

— Você tem visita... Sete-nove-dois.

O restante dos detentos a encarou, o que era mais atenção do que Nova tinha recebido desde o dia em que chegou. Ela se perguntou quais seriam os boatos. E o que significava receber visita naquele lugar. Eles teriam inveja dela, ou receber uma visita era sinal de problema?

Ela usou a manga do macacão para secar a boca e, de cabelo ainda úmido do chuveiro, foi na direção do diretor. Os guardas a encontraram na metade do caminho e colocaram as algemas familiares nas mãos.

Os pensamentos de Nova ainda estavam fervilhando por causa da aparição de Narcissa, e foi só quando já estavam na metade do pátio, indo na direção de um prédio no qual ela ainda não tinha entrado, que lhe ocorreu que a visita podia ser Adrian.

De repente, seus pulmões estavam com dificuldade de respirar.

Suas palmas começaram a suar dentro das luvas sólidas.

Ela esperava que fosse Adrian.

E, ao mesmo tempo, esperava que não fosse.

Como ela poderia encará-lo? Como poderia olhar nos olhos dele e mentir *de novo*? Mentir mais do que já tinha mentido? Mentir na cara de tantas verdades?

Ela pensou em Narcissa. O dedo nos lábios. O movimento de cabeça.

O momento era coincidência demais. Ela devia saber sobre a visita de Nova. O que tinha tentado dizer? Para Nova ficar quieta? Para guardar os segredos, mesmo agora?

Seus pensamentos rodopiavam. Se era esse o caso, Narcissa não precisava ter se dado ao trabalho. Nova tinha determinado, desde o momento em que foi presa... não, desde o momento em que decidiu participar dos testes e fazer parte dos Renegados, que nunca admitiria seu golpe. Ela não diria nada que pudesse ser usado contra ela ou contra os Anarquistas.

No que dependia de Nova, ela ainda era Nova Jean McLain e tudo que ela sempre quis foi ser uma Renegada.

Ela sabia que as mentiras viriam facilmente, como sempre. Era capaz de encarar o Capitão Cromo sem piscar. Podia até encarar os companheiros de equipe: Oscar, Ruby e mesmo Danna, apesar de tudo que tinha feito com ela. E podia insistir na sua inocência com um lábio trêmulo e olhar de súplica. Ela abalaria a certeza deles, ainda que não pudesse destruí-la completamente.

Pelo menos até saber o que tinham contra ela.

Mas, se fosse Adrian...

Por favor, Adrian não.

Por outro lado...

Por favor, por favor, que seja Adrian. Que eu possa vê-lo mais uma vez.

Os guardas a levaram para um aposento com uma cadeira dura presa no meio de uma plataforma circular de metal. Um vão tinha sido deixado em volta da plataforma, exceto por uma tábua estreita que a conectava à entrada gradeada, para manter os prisioneiros longe das paredes pretas brilhantes dos dois lados.

Fora Nova e seus guardas, o aposento estava vazio.

A cadeira não parecia nada convidativa, não só por causa do metal frio, mas também por causa dos ferros nos braços e das correntes em volta das pernas.

Ela não resistiu quando os guardas a colocaram na cadeira. Prenderam os tornozelos dela nas pernas da cadeira e enfiaram os casulos de metal em volta de suas mãos nos apoios de braço. Seus dedos tinham espaço suficiente só para tremer dentro do confinamento.

A sensação foi um pouco de ser levada para o seu fim, e ela se perguntou se a história da visita tinha sido mentira. Talvez fosse acontecer ali; já, tão rápido. Era bem fácil imaginar alguém de jaleco branco aparecendo e enfiando uma seringa cheia de Agente N no braço dela.

Os guardas desapareceram atrás dela, para um lugar onde ela não conseguia ver por causa das costas altas da cadeira.

Diretamente à frente, do outro lado do vão, havia uma parede preta brilhosa. A base dela desaparecia debaixo da plataforma, e Nova não tinha ideia da profundidade da queda. Não havia nada de impressionante na parede tirando sua textura lisa e sua altura. Impossível de escalar, ou era essa a impressão. Não que houvesse sentido em escalá-la. O teto, nove metros acima, só tinha algumas fileiras de luzes fluorescentes esmaecidas.

Ela ouviu um clique, e a parede à frente não era mais só uma parede. Uma parte na sua frente, com três metros de altura e indo de um lado a outro da câmara, se acendeu, revelando que era na verdade uma janela.

Nova estava olhando diretamente para o rosto de Adrian Everhart.

Ela estremeceu, tomada pela mistura de alívio e medo que percorreu seu corpo.

Percebeu no primeiro momento em que seus olhos se conectaram que ele tinha conseguido vê-la desde o momento em que foi levada para aquele aposento e que tinha tido tempo de se preparar. O rosto de Adrian estava neutro e frio, de uma forma que não combinava nadinha com ele.

Mas, por trás das lentes dos óculos, seus olhos revelavam o que as feições firmes escondiam.

Descrença. Dor. Traição.

Ódio.

Nova sentiu seu queixo tremer, mas não foi a mentira que tinha planejado.

— Adrian... — sussurrou.

A única reação dele foi uma breve contração da mandíbula.

Havia mais duas pessoas do outro lado do vidro. Os pais de Adrian, o Capitão Cromo e o Guardião Terror. Os três juntos, todos usando o traje tradicional dos Renegados (capa preta, armadura azul e aquele *R* desprezível costurado no uniforme do Adrian) formavam uma equipe intimidadora. Mas o medo nem de longe era uma das emoções mais turbulentas de Nova.

O Guardião Terror começou a falar, e Nova ficou sobressaltada ao se dar conta de que não conseguia ouvi-los. O instinto a fez se inclinar para a frente o máximo que pôde estando presa na cadeira, mas não fez diferença.

Adrian arrancou o olhar dela e assentiu. Ele falou. Nova tentou ler os lábios dele, mas não conseguiu. O Capitão Cromo colocou uma das mãos no ombro de Adrian, mas foi por um instante. Ele fez um gesto para o fundo da sala.

Adrian assentiu de novo. Falou de novo. Olhou brevemente para os pais. As feições deles estavam sérias, mas gentis.

Os dois membros do Conselho saíram e Adrian ficou sozinho no local.

O coração de Nova disparou, mas parecia que também estava acorrentado pelo aperto que ela sentia no peito.

— Adrian? — disse ela, o nome saindo como uma respiração.

Adrian fez uma careta, o que confirmou que *ele* a ouvia.

O pomo de adão dele subiu e desceu enquanto ele esticava a mão até uma base ao seu lado e apertava um botão em um controle remoto.

Nova ouviu um clique e a câmara ficou cheia do silêncio dos dois.

Seus olhos se encontraram, e ela não sabia se ele estava esperando que ela dissesse alguma coisa ou que reunisse coragem para falar primeiro.

Antes que se desse conta, Nova começou a chorar. Lágrimas se empoçaram nos olhos e começaram a descer rapidamente pelas bochechas. Ela ofegou pela sensação de duas trilhas quentes seguindo para o queixo e sentiu vontade de secá-las, mas não podia se mover. Nova fungou alto, torcendo para conseguir puxar as lágrimas de volta para o corpo, mas era tarde demais.

Adrian chegou mais perto da janela e já tinha desistido de tentar parecer desprovido de emoções. A dor estava clara agora: na tensão na testa, na contração do maxilar, no aperto dos olhos castanhos profundos pela ameaça das próprias lágrimas.

— Como você pôde fazer isso? — disse Adrian, seu tom cruel e ríspido. O som da raiva tão descontrolada surpreendeu as lágrimas e causou um cessar-fogo temporário.

Nova ficou olhando para ele, boquiaberta, e percebeu que não tinha resposta para aquilo.

Sua mente estava vazia. Desprovida de tudo, exceto do som da repulsa de Adrian.

Ela se lembrava de tudo. Cada mentira. Cada traição. O peso da arma na mão quando estava se preparando para matar o Capitão Cromo. Sua euforia quando recuperou o elmo. A imagem da borboleta da Danna batendo nas laterais do pote de vidro.

Nova se preparou quando uma última lágrima desceu, seguindo o mesmo caminho das anteriores, e disse, com tanta convicção que quase conseguia acreditar em si mesma:

— Adrian, eu sou inocente.

CAPÍTULO DEZESSETE



O RISO DE DEBOCHE DO Adrian foi tão alto e inesperado que só serviu para desafiar Nova ainda mais. Ela conseguiria convencê-lo da sua inocência. Tinha que conseguir.

Ele abriu a boca para falar, mas Nova insistiu, deixando o verdadeiro desespero permear seu tom.

— Estou falando sério, Adrian. Não sei o que está acontecendo, mas eu não sou a Pesadelo!

— A Danna te viu! — gritou ele. — Ela te seguiu até aquelas ruínas... aquela catedral. Ela nos levou até o Ace Anarquia e teria nos levado até você também, se você não tivesse... — Ele hesitou, lutando com uma breve incerteza. — Se você não tivesse feito sei lá o que fez pra impedir que ela voltasse à forma humana!

Nova o observou, a mente em disparada, devorando e dissecando cada palavra.

Danna tinha visto Nova ir para as ruínas da catedral... mas não para a casa?

E eles não sabiam sobre a borboleta no pote, o que devia significar que Nova estava certa. As lembranças daquela borboleta tinham se perdido quando Nova a matou. Aquela borboleta, pelo menos, a única que teria visto Nova e os outros Anarquistas na casa, não podia incriminá-la.

Ela engoliu em seco. Dava para trabalhar com isso.

Tomara.

— Eu não sei o que Danna acha que viu — disse ela —, mas não era eu. Não sei se estão me incriminando, mas...

— Ah, por favor, Nova — disse Adrian. — As invenções. O acesso ao departamento de artefatos. O conhecimento sobre o Max e o Agente N. Eu não acredito que a gente não se deu conta antes. Nem sei se Nova é seu nome verdadeiro.

— Claro que é meu nome verdadeiro! Mas eu não sou a Pesadelo! Eu não sou uma Anarquista. Adrian, você me conhece!

Ele fez uma careta.

— É. Foi o que eu achei também.

— Por favor, só me conta o que a Danna te disse e eu posso...

— Pode o quê? Mentir mais? Inventar histórias mais absurdas sobre seu tio e a *criação de abelhas*? Que tal quando você estava preocupada porque seu tio não estava se sentindo bem e precisou sair do baile, convenientemente logo antes da invasão do quartel-general? Ou que tal sua casa ter sido destruída bem na hora em que nós fomos te prender? Você vai me dizer que isso também foi coincidência?

— Eu estava criando uma arma — disse Nova, que tinha tido muito tempo para elaborar aquela explicação. — Estava trabalhando com uns produtos químicos novos, tentando montar um explosivo que pensei que seria útil para as patrulhas. Mas fugiu ao meu controle e... Bom, você viu. Mas pensa bem, Adrian! Se eu soubesse que você estava indo me prender, por que teria ficado? Por que não teria fugido quando tive oportunidade?

— Porque você precisava destruir as provas — disse Adrian. — Tudo faz sentido. A única coisa que não faz sentido é...

Ele hesitou e o coração de Nova deu um salto. Ela esperou, segura de que as palavras seguintes seriam algo relacionado a ele, a *eles*, mas os olhos de Adrian estavam ardendo nela de novo e apagaram rapidamente essa esperança.

Ela balançou a cabeça.

— Você está procurando provas que não existem. Talvez... talvez haja coincidências, mas eu juro, não sou...

— Para com isso, Nova.

— Mas, Adrian...

— *Para*.

Ela apertou os lábios.

Adrian ergueu os óculos e apertou o alto do nariz.

— Eu não vim ouvir suas mentiras e desculpas... Não vim nem ouvir uma confissão. Eu só... — Ele abaixou as mãos para as laterais do corpo. — Eu preciso de respostas. Por favor, Nova. Se você já... Se alguma coisa foi real, então, por favor... só me diz... quem matou a minha mãe?

Ela piscou.

Abriu a boca, mas não encontrou palavras.

Se alguma coisa foi real...

Tinha sido real, ela queria dizer. Tinha sido mais real para ela do que ele poderia imaginar.

Mas aquilo? A mãe dele? O assassinato?

Ela não tinha respostas para ele.

— Não sei — sussurrou.

Ele apertou as mãos em punhos.

— Adrian, eu sei que você não acredita em mim neste momento, mas não tenho ideia de quem matou a Lady Indomável, é sério. Se soubesse, teria te contado muito tempo atrás, mas eu não sou...

— Pesadelo — disse ele, cuspidando o nome como se tivesse gosto de esgoto. — Me conta quem a matou.

— Adrian...

— Me conta! — gritou ele, batendo com a mão no vidro.

Nova ofegou e se encolheu na cadeira.

Ele abriu a mão na janela, como se a coisa que mais quisesse fosse arrancar Nova das correntes e sacudi-la.

— Você sabe sobre o bilhete. Pesadelo disse... eu te ouvi dizer...

Ela franziu a testa, mas Adrian pareceu não conseguir continuar.

— O quê? — perguntou ela, a curiosidade superando a preocupação. — De que você está falando?

— “Quem não tem medo não pode ser corajoso.”

Adrian ficou em silêncio e deixou as palavras preencherem a sala fria.

Nova, boquiaberta, olhou para ele por tanto tempo que sua boca começou a ficar seca. *Quem não tem medo não pode ser corajoso?*

O que mais a surpreendeu, o que ela não esperava, era que realmente conhecia a frase. Ela tinha ouvido aquelas palavras dezenas de vezes nos dez anos anteriores,

tinha até dito algumas vezes.

Mas o que tinha a ver com Lady Indomável? E quando Pesadelo *falou* aquelas palavras para Adrian?

Finalmente, quando o silêncio deles ficou insuportável, Nova lambeu os lábios e disse, de forma gentil e lenta:

— Sinto muito, Adrian, mas eu não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

Ele pareceu se retrair ao ouvir essa declaração. Talvez estivesse perdendo as esperanças de conseguir respostas naquele dia. Talvez aquele interrogatório estivesse sendo mais difícil para ele do que queria admitir.

— Essas palavras foram encontradas em um pedaço de papel deixado no corpo da minha mãe — disse ele, observando-a em busca de uma reação.

Nova não tinha motivo para esconder a surpresa. Por que ele nunca tinha lhe contado isso?

E, naquele momento, ocorreu a Nova que ela havia mentido para Adrian novamente, só não de forma voluntária agora.

Talvez, só talvez, ela soubesse quem matou a mãe dele.

O pensamento fez as veias dela parecerem frágeis e frias.

Se alguma coisa foi real...

Ela foi tomada de dor, que a envolveu como um cobertor. Seus sentimentos por ele tinham sido reais. Ainda eram reais.

Mas... evidentemente, não o suficiente.

— Sinto muito — sussurrou ela, quase engasgando nas palavras —, mas eu não sou a Pesadelo. Não sei quem matou a sua mãe. Sinto muito mesmo, Adrian. Eu quero te ajudar, mas eu...

— Tudo bem — disse ele com rispidez.

Nova se encolheu. As lágrimas estavam surgindo de novo. Ela não chorava tanto assim havia anos. Naquele ritmo, acabaria derramando mais lágrimas naquela cadeira do que desde o dia em que sua família foi tirada dela, mas não dava para evitar. Seus muros estavam se desintegrando. As forças protetoras que passara anos construindo ao redor do coração estavam sob ataque. Um cerco feito de cada tremor da mandíbula do Adrian, de cada franzimento da testa, de cada expressão de repulsa que ele demonstrava por ela.

De repente, ele mudou. Suas emoções endureceram naquela mesma neutralidade que o envolvera no começo da visita. Os ombros ficaram empertigados. O queixo, erguido. Ele empurrou os óculos no nariz e olhou para ela com indiferença calculada.

Nova tremeu.

— Eu tinha esperanças de que você me falasse a verdade, mas não vim aqui só pra perguntar da minha mãe. Vim como representante dos Renegados, e nós temos uma proposta pra você.

A desconfiança começou a secar rapidamente as poças nos olhos de Nova.

— Proposta?

— Você está ciente de que todos os vilões encarcerados aqui em Cragmoor atualmente serão neutralizados, como parte da nossa revelação pública do Agente N. Entretanto, o Conselho decidiu... — Ele abaixou a cabeça, procurando palavras ou talvez se preparando para o que já sabia que tinha que dizer. A voz dele soou firme, mas rouca, quando continuou: — A neutralização pública vai também incluir uma execução pública.

Nova ergueu as sobrancelhas.

— Como é?

— Os vilões conhecidos como Ace Anarquia e sua cúmplice Pesadelo serão executados em uma transmissão mundial, como consequência de seus crimes contra a sociedade.

Pena de morte? Dos *Renegados*? Ela não sabia por que a chocava tanto assim, mas era difícil compreender que aquilo era realidade. Ela ainda estava tendo dificuldades de imaginar que tirariam seus poderes, e agora eles a matariam?

O rosto de Adrian estava quase solidário quando ele terminou de recitar seu discurso.

— O Capitão Cromo vai executar o Ace Anarquia. — Ele hesitou. Limpou a garganta e continuou. — Genissa Clark foi designada para executar a Pesadelo.

Nova o observou, esperando que as palavras dele fizessem sentido.

Em seguida, riu. Não conseguiu se controlar.

Genissa Clark? Genissa Clark a executaria? Era tão absurdo, tão inesperado.

Mas a expressão de Adrian transformou a risada abrupta dela em uma tosse afetada.

— Os Renegados não executam criminosos — gaguejou ela, a respiração ficando acelerada. — Eles nunca...

— Eles acham... — Adrian hesitou. — Nós achamos que são circunstâncias especiais. O Conselho quer enviar a mensagem de que nossos cidadãos nunca mais serão ameaçados por Ace Anarquia e seus seguidores.

O olhar de Nova percorreu a parede íngreme e brilhosa embaixo da janela, a forma como desaparecia nas sombras. Era adequado, pensou ela, que Geladura se oferecesse para tal responsabilidade. Sem dúvida ela estava ansiosa para se vingar das habilidades perdidas, e ela não podia culpar Max.

Nova não tinha medo de morrer. Pelo menos foi isso que ela disse para si mesma. Talvez fosse até menos doloroso do que viver sabendo que tinha fracassado com Ace e com os outros. Que tinha traído o tio ao confiar no Adrian. Que ela nunca se vingaria pelos pais, por Evie.

Ela fungou uma vez e voltou a atenção para Adrian.

— Você disse que havia uma proposta?

As mãos do Adrian estavam fechadas ao lado do corpo de novo, os sinais de pena já ausentes.

— Eu falei para os meus pais que você salvou o Max... ou ajudou, pelo menos, depois que ele foi atingido.

Os pulmões dela se expandiram. Ela não imaginava que Adrian sabia que Pesadelo tinha feito aquilo. Genissa tinha ficado feliz em deixar todo mundo acreditar que fora Pesadelo a responsável por machucar o garoto. Como Adrian podia ter descoberto a verdade?

A não ser que...

— Ele acordou? — gaguejou ela. — O Max, ele está bem?

A expressão do Adrian se suavizou, como sempre acontecia quando ele falava do irmãozinho.

— Ele saiu do coma. Ele... me contou tudo que aconteceu. Que você tentou estancar o sangramento. Que obrigou Genissa a abrir mão dos poderes pra ajudá-lo.

Ela afundou na cadeira fria de metal, tomada de alívio.

E aí, se lembrando de quem era, de quem deveria ser, forçou sua expressão a ficar confusa e cheia de dúvidas de novo.

— A Pesadelo *ajudou* o Max? Eu achava que tinha sido ela quem o atacou. Por que ela faria isso?

Adrian ficou um longo minuto sem se mover, e ela se perguntou se aquele era o primeiro sinal de dúvida que ela via surgir nos olhos dele. Mas Adrian fez um som de deboche, ainda que não de forma tão agressiva quanto antes.

— A questão é que... nós somos gratos. — Pareceu sofrido dizer essa palavra, e ele não a encarou. — Meus pais e eu. Por ter ajudado o Max, nós concordamos em te dar uma chance pra mudar a execução pra uma sentença perpétua de neutralização e aprisionamento.

Uma resposta sarcástica encheu sua boca. Ela não tinha certeza de qual opção preferia no momento.

Mas pensou em Genissa Clark, que devia estar eufórica por agir como executora de Pesadelo, e engoliu o sarcasmo de volta.

— Com uma condição — continuou ele. — Você tem que nos contar onde o elmo do Ace Anarquia, o Amuleto da Vitalidade e o resto dos Anarquistas estão. Me conta onde eles estão e nós vamos poupar a sua vida.

Ela sustentou o olhar dele e ele sustentou o dela enquanto seu coração murchava no peito. Todos os pensamentos sumiram, deixando sua cabeça parecendo uma caverna que ecoava apenas as palavras dele.

O doce e compassivo Adrian Everhart.

Rabisco.

Um Renegado e, verdadeiramente agora, seu inimigo.

— Só me conta onde eles estão, Nova. Por favor. Eu não... — O rosto dele desmoronou, e foi como se ela estivesse assistindo-o lutar consigo mesmo. A batalha entre seu ódio por Pesadelo e o que ele já tinha sentido por Nova McLain.

Ódio contra afeto.

Fúria contra compaixão.

De um para o outro, sem parar.

— Eu não quero vê-los te matarem... Nova. — O sussurro saiu tão baixo que ela quase não o ouviu pelo alto-falante que os conectava. — Apesar de tudo que você fez... eu não...

A pulsação dela se acelerou com esperança surpreendente e injustificada.

Não esperança de escapar da punição, mas de Adrian ainda gostar dela. Mesmo acreditando que ela era Pesadelo. Nova tinha certeza, o tempo todo, de que qualquer sentimento que Adrian guardasse por ela sumiria assim que ele soubesse a verdade. Seria possível que houvesse um pouco de carinho ainda alojado no coração dele?

Ele estremeceu de repente.

— Porque você ajudou o Max — disse ele de novo com firmeza. — E porque, mesmo que você estivesse agindo como espiã, fez algumas coisas boas como Renegada. Você matou a Detonadora e protegeu as pessoas no Cosmopolis. Salvou aquela criança do incêndio na biblioteca. Mesmo tendo sido fingimento, isso importa. Então, só... conta onde você escondeu o elmo e o Amuleto da Vitalidade. Conta o que sabe sobre os Anarquistas. É só isso que você tem que fazer pra não ter que morrer.

Apesar de ele estar barganhando pela vida dela e apesar de Nova saber quais seriam suas palavras seguintes, aquela fagulha de esperança era persistente. Ela tinha passado a conhecer Adrian Everhart bem o suficiente para saber que havia mais naquela proposta do que as explicações práticas que ele estava dando. A verdade estava evidente por trás das molduras escuras dos óculos dele, e isso fez seu peito estufar ao ponto de quase explodir.

Ao menos uma partezinha mínima do Adrian ainda gostava dela.

Não mudava nada. E mudava tudo.

Encarando os olhos que tanto a hipnotizaram nos meses anteriores, Nova ficou feliz, muito feliz por não precisar mentir para ele de novo.

— Obrigada, Adrian — sussurrou ela. — Obrigada por pelo menos... querer que eu tenha uma chance. Você não sabe o que isso significa pra mim. Mas a verdade é que eu não tenho a menor ideia de onde estejam o amuleto e o elmo. Nem os Anarquistas. Sinto muito, mas eu não sei.

A expressão dele se transformou e, depois de um longo silêncio, Adrian assentiu solenemente. Ele começou a se virar.

— Adrian?

Ele parou e encarou o olhar dela depois de uma breve hesitação.

Nova engoliu em seco.

— Foi bem real — sussurrou ela. — Espero que você saiba disso.

Ele a encarou sem se mover, sem expressão. Por fim, falou:

— Eu queria poder acreditar nisso, Nova. Mas nós dois sabemos que é só mais uma mentira.

CAPÍTULO DEZOITO



— QUANDO VOCÊ COMEÇOU A desconfiar dela? — perguntou Adrian. Seus pés estavam apoiados na cama de hospital do Max, um bloco no colo dele.

Ele estava trabalhando em um novo design de tatuagem. Um coração cercado dos torreões impenetráveis de uma torre de pedra.

Adrian ainda não tinha decidido exatamente que poderes a tatuagem teria, mas o estresse todo com Nova... não, Pesadelo, o deixara abalado, vazio e vulnerável. Havia considerado se transformar no Sentinela só para sentir a segurança da armadura no corpo. A proteção do anonimato. Uma barreira entre ele e o mundo.

— Não sei bem — disse Max.

Ele tinha cortado um lenço de papel para criar um ninho na palma da mão, onde Turbo estava dormindo encolhido, a respirationzinha chiando em intervalos de segundos. Turbo estava doente, e os dois percebiam. Max pareceu estar encarando o declínio lento da criatura com coragem, apesar do laço que tinham formado.

Quanto ao próprio Max, ele estava mais forte a cada dia: melhorando impressionantemente rápido, talvez graças em parte à mistura de superpoderes que guardava dentro de si. As bochechas estavam coradas de novo. Havia um brilho nos olhos. O cabelo estava desgrehado, como sempre.

— Houve um momento no quartel-general, quando eu ainda estava na quarentena, vendo a Pesadelo lutar com a Geladura e os outros. Deu uma sensação familiar, como se eu estivesse vendo os testes de novo. E, em determinado

momento, a Pesadelo olhou para cima, direto pra mim, e eu poderia ter jurado... Mas ignorei a sensação porque, sabe como é. É a *Nova*.

— É a Nova — murmurou Adrian.

O lápis arranhou o papel enquanto ele botava sombreado nos detalhes das pedras. Ele ficou tentado a acrescentar algumas seteiras na lateral da torre, como num castelo medieval de verdade, mas desistiu. Queria que aquele muro fosse impenetrável. Sem pontos fracos. Sem formas de entrar.

— Mas aí, quando acordei e comecei a pensar em tudo que tinha acontecido, acho que uma parte minha sabia. Eu ficava me perguntando: por que a Pesadelo me protegeu? A única coisa que fazia sentido era... se ela fosse alguém conhecido. E Nova era a única pessoa...

Quando ele parou de falar, Adrian ergueu o olhar. Max retorceu a boca para o lado enquanto avaliava a culpa de Nova, o segredo de Pesadelo. Balançou a cabeça e esticou a mão livre para a caixinha de achocolatado que uma das enfermeiras tinha levado junto com um canudinho vermelho. Depois de botar a caixinha de volta na bandeja, ele encostou a cabeça nos travesseiros.

— Não vão matar ela de verdade, vão?

Adrian fez uma careta e voltou o foco para o desenho.

— Não sei. Talvez. Ela não quer confessar. Não quer nos dar informações. E o Conselho está convencido de que isso vai mostrar pra todo mundo que temos os Anarquistas sob controle. As pessoas surtaram quando souberam que o Ace Anarquia estava vivo e escondido todos esses anos, e elas estão questionando se pode haver outros vilões por aí, passando o tempo, esperando pra começar uma nova Era da Anarquia. Temos que ter uma postura firme agora, temos que mostrar pra todo mundo que não teremos misericórdia por criminosos. Pelo menos, é isso que o Conselho fica dizendo.

— Acho que eu entendo o lado deles — disse Max. — Mas... é a Nova.

Adrian suspirou.

— Não, Max. É a Pesadelo.

Max franziu a testa e sussurrou:

— Como você acha que Genissa vai fazer?

Adrian tremeu. A pergunta estava se esgueirando em meio aos seus pensamentos desde que Genissa Clark fez a sugestão de executar Pesadelo ela mesma. Ele ficava

revendo-a junto com a equipe, perto das docas, torturando a vilã Espinheiro. Torturando, literalmente. Ele não queria acreditar que o Conselho permitiria que algo assim acontecesse, principalmente com o mundo todo assistindo, mas... não teria acreditado que sequer considerariam pena de morte, principalmente sem julgamento, nem permitir que alguém como Genissa tivesse participação nisso.

Ele não sabia mais em que acreditar.

Acabou respondendo:

— Não sei. Mas não acho que ela tenha dado essa sugestão porque queria ser misericordiosa.

Um silêncio os envolveu, preenchido só pelo ruído do lápis do Adrian.

Depois de um longo momento, Max começou a comer uvas, uma a uma, o ruído ensurdecedor no quartinho. Ele ficou olhando cegamente para a parede, mastigando como um robô. Quando a travessa ficou vazia e seus dedos só encontraram os cabos, ele passou a acariciar com um dedo as costas de Turbo, distraído. A criatura soltou um gemidinho enquanto dormia.

— Em que você está trabalhando?

— Ideia nova de tatuagem.

Adrian virou o caderno para ele ver. Max o observou por um momento, mas não fez nenhum comentário sobre o desenho. Um brilho inesperado surgiu em seu olhar.

— Isso me faz lembrar. Eu tive uma ideia de tatuagem pra você. Me passa sua caneta?

Adrian tirou a caneta do bolso e entregou para ele. Max passou um momento considerando a caneta na mão direita e o dinossauro na esquerda. Por fim, enfiou Turbo e o ninho de lenço de papel no espaço entre os joelhos. O dinossauro acordou, gritou e tentou arranhar os dedos do Max com as garras afiadas.

— Ah, menos — murmurou Max, afofando os pedaços de lenço de papel. Ainda emburrado, o dinossauro girou no papel algumas vezes, ajustou a cobertura fina abaixo de si com os dentes, se deitou e pegou no sono de novo.

Com as duas mãos agora livres, Max rabiscou alguma coisa nas pontas dos dedos. Adrian se inclinou para a frente, mas não conseguiu ver o que era. Depois de fechar a caneta, Max deu um sorriso malicioso e estalou os dedos.

Pequenas fagulhas surgiram nas pontas dos dedos dele, brilhando em branco e dourado.

Adrian ergueu as sobrancelhas.

— Sabia que eu vivo esquecendo que você roubou um pouco do meu poder?

— Eu diria que peguei emprestado, mas... — Max deu de ombros e esticou a mão para mostrar a Adrian os pequenos raios que tinha desenhado na pele. — Eu só consigo fazer fagulhas, mas pensei que você deve conseguir disparar raios de verdade das mãos. Incrível, né?

Adrian começou a sorrir, mas pensar em raios o fez se lembrar da Pássaro do Trovão, o que o fez se lembrar de...

O sorriso dele sumiu.

— A ideia é legal, mas tento deixar as tatuagens escondidas. Meus pais podem começar a se perguntar por que tenho raios desenhados nas mãos.

Max ficou desanimado.

— Faz sentido. E não seria a mesma coisa se saíssem dos seus cotovelos.

— Infelizmente. — Adrian bateu com a ponta de borracha no papel. — Você andou treinando seu novo poder de manipulação de gelo?

— Que nada. Fiz uns cubos de gelo pras minhas bebidas. Não sei se é só porque eu nunca gostei da Geladura, mas... o poder do gelo nunca me interessou. Mas quem sabe? Talvez um dia eu faça patinação no gelo.

Adrian riu, achando graça da ideia de Max deslizando por aí de patins de gelo. Mas pensou na construção sendo feita no quartel-general e, novamente, a leveza do momento passou.

— Ei, Max... Hugh já falou com você sobre... como vai ser depois que você sair do hospital?

— Ainda não. Eu sei que não posso ir morar com vocês, ao menos até aquele Amuleto da Vitalidade aparecer, para o Simon. E também quando você puder dar a notícia pra eles de que você tecnicamente também é imune a mim.

Adrian fez uma careta, embora Max não tivesse falado de um jeito cruel. Ainda assim, ele sabia que seria mais fácil ir ver Max se contasse aos pais a verdade sobre as tatuagens e sobre como conseguiu essa invencibilidade específica. Mas não sabia como poderia fazer isso sem deixar pistas sobre as outras tatuagens. Seus outros poderes. E sua outra identidade.

— Lembra quando você me levou escondido até o 39º andar no QG pra podermos ficar juntos fora da quarentena?

Adrian assentiu.

— Eu estava pensando que a gente podia remodelar aquele andar pra ser um apartamento pra mim. A gente podia botar umas placas enormes de NÃO ENTRE e avisar a todo mundo que não é seguro prodígios passem por lá. Será que daria certo?

Mas Max parecia em dúvida, e Adrian não conseguiu mentir e dizer que, sim, talvez desse certo. Ele sabia que o Conselho não deixaria Max andar livremente pelo quartel-general. Era perigoso demais.

Por outro lado, pensar nas paredes de vidro sendo instaladas, formando a nova prisão do Max, deixava seu estômago embrulhado.

— O que foi?

Adrian se libertou dos pensamentos. Max estava de testa franzida para ele.

— Tem alguma coisa que você não está me dizendo — disse ele. Não era uma pergunta.

Adrian engoliu em seco e precisou tentar algumas vezes para conseguir falar:

— Estão reconstruindo a quarentena.

Max ficou imóvel. Ele não pareceu exatamente surpreso. Na verdade, só pareceu levemente decepcionado enquanto pegava o brownie na bandeja. Mas o colocou de volta sem dar nenhuma mordida e passou a raspar o chocolate dos dedos com os dentes.

— Eu fiquei pensando nisso — disse, enfim.

— Vou falar com eles sobre isso — falou Adrian, largando o caderno de desenho no chão e tirando os pés da cama. Ele se inclinou para a frente, determinado. — Bom, eu já tentei, mas vou tentar de novo. Eles não podem fazer isso com você, Max. Não podem te deixar trancado pra sempre. Você é filho deles, não um prisioneiro. E é um Renegado. Depois da forma como você lutou pra proteger o elmo, ninguém pode negar isso.

Um sorriso leve surgiu nos lábios de Max.

— Eu não protegi o elmo. Pesadelo fugiu com ele e, por minha causa, nós perdemos a Geladura.

— Quem liga pra Geladura? Estamos melhor sem ela.

Max deu uma risada debochada e cética.

— Você é o Bandido. Ajudou a derrotar o Ace Anarquia.

— Eu nem andava quando isso aconteceu.

— Não importa. A questão é que eles não podem te trancar como se fosse um animal. Não é justo. Agora que consigo ficar perto de você, eu posso fazer alguma coisa.

— Às vezes — disse Max, mexendo no guardanapo de pano que estava caído na beirada da bandeja —, eu penso em estar lá fora, andando na cidade. Ou em uma equipe de patrulha, como você. Impedindo criminosos. Sendo incrível. Mas aí penso no que aconteceria se algum outro prodígio passasse por mim e, antes que alguém soubesse o que estava acontecendo, eu tirasse o poder dele. A pessoa não estaria fazendo nada de errado, só... estaria no lugar errado na hora errada. Perto de *mim*. — Ele suspirou. — E isso também não seria justo.

— Nós podemos pensar em jeitos de garantir que isso não aconteça. Tem que haver algum outro lugar pra onde você possa ir. Um lugar onde não fique cercado de prodígios.

— E você vai convencer o Conselho disso, é? De deixar a maior ameaça e a arma mais poderosa que eles têm ao mesmo tempo andar solta por aí?

Adrian piscou. Ele nunca tinha pensado em Max dessa maneira e se perguntou se era mesmo assim que Max se via. Uma ameaça. Uma arma.

Ele era só uma criança.

Merecia fazer coisas normais de criança. Merecia uma vida.

— Eu queria que você pudesse ir pra casa comigo — disse ele. — A mansão é tão grande...

— Mas tem o Simon — disse Max.

Adrian suspirou. *Mas tem o Simon*.

Se ao menos eles ainda tivessem o Amuleto da Vitalidade. Aí Max poderia viver na mansão e os três ficariam protegidos dos poderes dele. Ele poderia finalmente ter uma família. Uma família de verdade.

— Ai! — gritou Max de repente e sacudiu a mão.

O velociraptor tinha mordido seu dedo.

— Olha, se você quer comida, eu pego comida — resmungou Max, mexendo nas sobras da bandeja e achando uns pedacinhos de presunto.

Adrian empurrou os óculos para cima e viu Turbo devorar o banquete. Os movimentos dele iam ficando mais lentos a cada dia, a coordenação, pior. Qualquer

dia ele ia simplesmente parar de se mover. Parar de comer. Parar de morder. Ele não pararia de existir, mas se tornaria um daqueles dinossauros de plástico que as crianças ganhavam em máquinas de moedas na sala de espera do hospital, os que vinham em ovos transparentes de acrílico.

— Olha — disse Max, a atenção voltada quase com nervosismo para o animalzinho. — Você já pensou em...

Ele hesitou.

— O quê?

Max limpou a garganta e tentou agir com indiferença, ajeitando os ombros magrelos no travesseiro.

— Você acha que as tatuagens funcionariam se fossem feitas em outras pessoas? Tipo... será que você poderia deixar Simon imune a mim?

Adrian bateu com a ponta do lápis na têmpora.

— Já passou pela minha cabeça, mas eu não sei se...

— Eu sei, eu sei — interrompeu Max. — Pode não funcionar em outras pessoas. E... você teria que contar a eles sobre as tatuagens e isso poderia levar a muitas perguntas e...

— Mas eu pensei nisso — disse Adrian. — Talvez pudesse testar no Oscar primeiro. Ou em Ruby ou em Danna. Eu poderia testar em algum deles. Se der certo...

Max o observou, e Adrian o viu tentando segurar as esperanças. O olhar o encheu de culpa. Valia a pena preservar o segredo do Sentinela se isso significava que Max ficaria preso para sempre naquela semivida protegida?

— Se der certo — continuou ele, mais insistente agora —, aí eu conto para o Hugh e o Simon e ofereço uma tatuagem para o Simon também. Aí você poderia ir pra casa morar com a gente.

— Não precisa — insistiu Max. — Eu não quero que eles descubram quem você...

— Não, eu *tenho* que fazer isso — disse Adrian. — Se a tatuagem funcionar em outras pessoas, não tem discussão. Você é mais importante do que o Sentinela.

Max se encostou de novo, apesar de parecer mais preocupado do que excitado, pois sua mente começou a percorrer todos os resultados possíveis — se a tatuagem não funcionasse e se funcionasse.

— Tudo bem — ele acabou concordando. — Quanto tempo até a gente saber?

— Vou falar com a equipe amanhã, ver quem aceita ser a cobaia, e vamos marcar um dia pra fazer. A tatuagem precisa de alguns dias pra cicatrizar, e aí... vamos ter que realizar um teste.

— Uma semana, talvez?

Adrian refletiu. Parecia uma estimativa otimista. Ele precisava estar muito concentrado quando estivesse fazendo o desenho, senão corria o risco de o poder ficar enfraquecido pela distração.

E foco era uma coisa que faltava a ele ultimamente.

Mas o que mais ele podia dizer?

— Claro. Uma semana. Talvez.

Max ainda estaria no hospital ou a quarentena já estaria pronta? Ele já teria sido levado para o quartel-general? Adrian tinha a sensação de que a nova quarentena teria medidas rigorosas de segurança acrescentadas, bem mais rigorosas do que a primeira. Talvez fosse mais difícil testar a eficiência da tatuagem quando estivesse cicatrizada.

Mas havia uma ideia rondando seus pensamentos. Uma ideia que talvez fosse meio imprudente. Uma ideia que seus pais certamente reprovariam.

E não seria a primeira vez.

— O que *agora*? — perguntou Max, olhando para ele com cautela.

Adrian se inclinou para perto.

— Por que esperar aqui até a semana que vem? E se a gente tirasse você daqui escondido?

Max riu.

— E me levar pra onde? Uma ilha deserta?

Adrian coçou atrás da orelha com a borracha do lápis e sentiu um sorriso surgindo no rosto. O que pareceu o primeiro sorriso verdadeiro desde que Danna tinha lhe contado a verdade.

— Eu tenho um lugar mais hospitaleiro em mente.

CAPÍTULO DEZENOVE



— **E**M QUE MOMENTO EU devo te lembrar de que isso é uma péssima ideia? — sussurrou Max.

— Vai ficar tudo bem — disse Adrian, encostado na parede. Eles estavam escondidos em uma pequena alcova com uma pia depois da esquina da estação de enfermagem.

Bem, Adrian estava escondido.

Max estava invisível.

Turbo estava na caixinha, que Max ficou segurando para que ficasse invisível também.

Havia dois enfermeiros: um homem de pé no balcão olhando um arquivo e uma mulher sentada na frente de um computador, comendo distraidamente uma salada verde com um garfo de plástico. O homem tentou algumas vezes envolver a mulher em uma fofoca sobre um dos médicos da equipe, mas ela não pareceu nem um pouco interessada.

Por fim, depois de verificar alguma coisa em uma prancheta, o homem enfiou o arquivo debaixo do braço e saiu andando pelo corredor. Adrian se apertou na parede e prendeu o ar até ele sumir.

— Beleza. Lembra o que dizer?

— Isso nunca vai dar certo — respondeu Max.

— É essa a ideia. — Adrian ajeitou a gola e se aproximou do balcão. — Oi — disse, abrindo um sorriso brilhante.

A mulher ergueu o olhar. Aí arregalou os olhos.

— Oi? — gaguejou ela. — Você não é...?

— Adrian Everhart.

Ele esticou a mão, que ela apertou com uma certa surpresa.

— Isso! Eu estou ajudando a cuidar do Max. É um prazer te conhecer. Nossa, você é igualzinho às fotos das revistas.

— Acho que sim — disse ele com uma risada constrangida.

— Me desculpe, mas você não pode visitar o Max, considerando a... — ela tropeçou nas palavras — condição dele. Mas posso garantir que ele está reagindo muito bem ao tratamento e...

— Na verdade, eu estava querendo falar com você sobre o Max e o tratamento dele. — Ele se inclinou sobre o balcão e baixou a voz. — Em particular, se não houver problema.

— Ah. Hum. — Ela franziu a testa para o computador, insegura. — Sempre tem que ter alguém...

— Só por um segundo. É... você sabe como é... coisa de Renegados. E é importante.

Um toque de curiosidade surgiu no rosto dela.

— Claro. Só me deixe fechar isto...

Ela desconectou o computador, enfiou o garfo no meio das folhas de alface e se levantou. Adrian seguiu na frente, passando pela alcova em que ele sabia que Max estava esperando. Adrian fez um sinal de positivo discreto e parou de frente para a enfermeira. Pensou ter ouvido o ruído abafado de uma camisola de hospital ali perto, mas era difícil saber, com os ruídos e apitos constantes das máquinas naquela ala do hospital.

— Bom... — começou Adrian. — Primeiro, quero que você saiba como minha família está impressionada com o cuidado que Max está recebendo aqui. A qualidade da equipe é evidente e nós simplesmente... nós agradecemos pela atenção de vocês, enfermeiros e médicos, fisioterapeutas e todo mundo mesmo. Está claro o quanto vocês se importam com os pacientes.

A mulher corou.

— Bom, a gente se esforça.

Adrian sorriu para ela.

— Dá para perceber.

Ele viu movimento na estação de enfermagem. O microfone do sistema de comunicação sendo erguido.

— E nós sabemos como o tratamento do Max foge do convencional — continuou Adrian, tentando manter a atenção na enfermeira. — Eu sei que os curandeiros prodígios que trabalham aqui carregam muita responsabilidade, mas sua equipe civil se destacou na recuperação do Max. Vocês fizeram de tudo para garantir que ele receba... nada menos que... o melhor cuidado possível, mesmo sem um curandeiro prodígio.

— Obrigada — disse a enfermeira, ao mesmo tempo que uma hesitação surgia no tom dela. — Mas havia alguma coisa que você precisava discutir...?

Ela começou a olhar na direção do computador.

— Remédios! — disse Adrian.

Ela deu um pulo, sobressaltada.

— Nós, hã... nós sabemos que está havendo falta de alguns fármacos, principalmente depois do roubo que saiu no noticiário um tempo atrás, e queríamos verificar se... o estoque de vocês está sob controle. Com tudo que...

Um alto-falante estalou no teto, seguido de uma voz explodindo no corredor. Era a voz do Max, mas mais grave, numa tentativa de parecer mais velho, repetindo as palavras que Adrian tinha treinado com ele depois de ouvi-las algumas vezes durante as visitas.

— Três dois um! Três dois um! Todos os funcionários de emergência disponíveis, apresentem-se no quarto 116 imediatamente! Precisamos que *todos* os curandeiros prodígios se apresentem imediatamente. Repito, um alerta três dois um!

A enfermeira inclinou a cabeça.

— Queria saber quem foi esse — refletiu ela. — Deve ser novo.

— Pareceu importante — disse Adrian enquanto, com o canto do olho, via o microfone ser colocado no lugar. — É melhor eu te liberar. Podemos discutir isso depois.

— Ah, esse alerta só se aplica a curandeiros pro...

— Continue o bom trabalho!

Adrian deu um tapinha em seu braço e passou por ela, depois pela estação de trabalho.

— Viu? — sussurrou ele, torcendo para Max estar ao seu lado quando virou no corredor seguinte. — Nada de curandeiros, nada de prodígios, nada de preocupação. Vem por aqui. — Ele foi na direção dos elevadores do lado sul.

— Isso até que é divertido — sussurrou Max. — Eu me sinto como um espião em um daqueles filmes antigos de ação.

As bochechas do Adrian se ergueram com um sorriso, e ele se perguntou se seria mais legal ser espião ou super-herói. Talvez eles fossem um pouco dos dois.

— Você seria um espião incrível.

— Eu sei. Ninguém nunca desconfia da criança.

Adrian riu.

— Por isso e por essa coisa aí da invisibilidade.

— Isso nem precisa dizer.

Adrian levou um susto com o som de passos indo na direção deles. Chegou mais perto da parede e esticou o braço para botar Max para trás de si (uma coisa que devia parecer bem estranha), mas nenhum dos dois homens de uniforme azul prestou atenção nele.

Mas, quando eles estavam a vinte passos, o mais baixo dos dois tropeçou inesperadamente e quase caiu em cima de um carrinho cheio de bandejas praticamente vazias e copos de papel.

O amigo dele parou.

— Você está bem?

— Estou. Só me sinto... estranho de repente — disse o médico, colocando a mão no peito. — Não como se fosse um ataque cardíaco, mas...

— *Merda, merda, merda* — sussurrou Max. — Fui eu. Ele é prodígio. Eu...

Adrian esticou a mão no ar e encontrou o braço do irmão, puxou Max para a frente, apesar de o garoto resistir um pouco, tentando puxar Adrian na outra direção, para longe dos médicos. Adrian segurou com firmeza. Ao perceber que era inútil, Max parou de protestar e eles se apressaram pelo corredor.

Os médicos ignoraram Adrian enquanto o mais alto tentava ajudar o amigo a se sentar em uma cadeira em uma alcova com um computador.

Antes de virarem a esquina seguinte, Adrian olhou para trás. O curandeiro prodígio estava mais empertigado, assentindo para alguma coisa que o companheiro estava dizendo para ele.

— *Todos* os curandeiros vão direto para o primeiro andar! — exclamou Max, ficando visível, presumivelmente para que Adrian pudesse ver o olhar mortal dele. — Foi o que você me falou. Um alerta três dois um vai garantir que *não* haja prodígios...

— Tudo bem, tudo bem — disse Adrian, levantando as mãos. — Aquele estava indo devagar.

— É exatamente por isso que eu não devia ter te deixado me convencer disso. Aquele cara tem vidas pra salvar! Pacientes! Responsabilidades! E agora...

— Ele está bem — disse Adrian, indo na direção do elevador. Max foi atrás dele, ainda carregando a gaiola do Turbo nas duas mãos. — Você nem chegou perto dele. Só deve ter tirado um pouquinho do poder dele.

— Mas e se esse pouquinho for a diferença entre uma cirurgia cardíaca bem-sucedida e uma aorta cortada?

Adrian fingiu uma expressão confusa.

— O que é aorta?

— É a artéria grande que... — Max fez uma pausa. — Você está fugindo da pergunta.

Turbo deu um berro de raiva.

Com uma risada, Adrian apertou o botão de subir com o polegar.

— Ele está bem. Você também. Nós não vamos passar por mais nenhum curandeiro prodígio.

Max fez um ruído de deboche.

— E pacientes prodígios? Enfermeiras? Familiares fazendo visitas? Além disso... por que nós vamos subir? Achei que a ideia era sair do hospital.

— Tenho um plano. E, olha, eu sei que você passou a vida toda cercado de prodígios, mas eles não são tão comuns assim fora do quartel-general. As chances de a gente dar de cara com mais algum são bem baixas. Confia em mim, está bem?

Max amarrou a cara, mas não discutiu quando o elevador chegou e as portas se abriram.

Uma enfermeira começou a sair e Max ficou paralisado e se empertigou.

— Sr. Everhart? O que você está fazendo aqui? O que... — Ela reparou na gaiola nas mãos do Max, mas Turbo tinha adormecido de novo, e talvez ela tenha achado que era um dinossauro de plástico da máquina. Sem esperar resposta, ela apertou os

olhos e esticou os braços, segurou o cotovelo do Max e o guiou de volta para o corredor. — Eu sei que você deve estar ficando inquieto por ter que ficar naquela cama o dia todo, mas não pode ficar zanzando pelos corredores sem supervisão. Você sabe disso, né? — Ela lançou um olhar reprovador de testa franzida para Adrian. — Sei que seu amigo vai entender. Agora, venham, vou levar vocês... dois...

A voz dela ficou arrastada. A atenção dela ainda estava em Adrian quando as pálpebras começaram a se fechar. O pé deslizou mais meio passo para a frente e ela começou a cair de cara na direção do linóleo.

Adrian quase não conseguiu pegá-la; segurou-a pelas axilas e a testa dela bateu em seu peito.

Ele olhou para Max e para os braços magrelos e pálidos do garoto, as partes internas dos cotovelos pontilhadas de hematomas novos e antigos.

Adrian entendeu na mesma hora o que tinha acontecido. A julgar pela expressão do Max, os dois entenderam.

— Eu achava que não tinha tirado nenhum poder da Pesadelo.

— Eu também não — disse Max. — Entrei em pânico agora. Não pensei... só aconteceu. Mas... mas a Pesadelo não pareceu afetada por mim quando ela... — Ele parou de falar e arregalou os olhos. — Ah.

— Ah?

— Na quarentena. Eu devo ter assimilado quando a Nova entrou na quarentena.

Adrian engoliu em seco. Sim. Claro. A noite em que Pesadelo roubou o elmo não foi a primeira vez em que ela cruzou o caminho do Max.

Era só mais uma prova contra ela e, embora mais um lembrete de quem e o que ela era não devesse tê-la magoado, foi o que aconteceu.

Ele pensou de novo na tatuagem que estava planejando e imaginou botar outra pedra no muro em volta do coração.

— De qualquer modo, bom trabalho — disse Adrian.

A porta do elevador começou a se fechar e Adrian a segurou com o pé. Abriu de novo com um apito. Ao ver uma maca vazia perto da parede, Adrian colocou a moça nela.

— Duvido que você tenha assimilado muito do poder da Pesadelo, então a enfermeira não deve ficar apagada muito tempo. Vem.

Eles entraram no elevador na hora em que um zumbido irritante começou a soar nas portas, alertando que iam fechar desta vez, quer eles quisessem ou não.

— Eu ficaria invisível de novo, se fosse você.

Max sumiu na hora em que Adrian apertou o botão do último andar.

Segundos depois, eles saíram em uma sala de espera serena, com cheiro de talco e o som de um bebê chorando vindo de um corredor próximo.

— *Não* — disse Max de forma enfática, puxando a manga do Adrian. — A maternidade? Você está louco? Não ligo para o que você disser, pode haver uma mãe prodígio aqui... ou e se houver um bebê? Não posso...

— Será que dá para você relaxar? — sussurrou Adrian para ele, ganhando um olhar estranho da enfermeira sentada na recepção. Ele sorriu e segurou discretamente a camisola de hospital do Max para puxá-lo para a frente. — Oi — disse ele, apoiando o cotovelo livre no balcão ao lado de uma lista de visitantes. — Tem como chegar ao terraço a partir deste andar?

A expressão já desconfiada se fechou ainda mais.

— O terraço não fica aberto ao público — disse ela, como se isso nem fosse necessário dizer.

— Ah, eu sei — disse ele com uma risada leve. — Eu sou Adrian Everhart. Meus pais são Hugh Everhart e Simon Westwood, sabe?

Isso foi recebido com reconhecimento imediato. A boca da enfermeira formou um O surpreso.

— Certo — continuou ele. — E, como tenho certeza de que você sabe, meu irmão, Max, está internado aqui e, bem, os outros membros do Conselho passam aqui de vez em quando para ver como as coisas estão indo. Nós somos uma grande família feliz de super-heróis lá no quartel-general, e todo mundo está preocupado com o garoto.

Houve um ruído de deboche vindo da direção onde Max estava.

— *Então* — persistiu Adrian —, Tamaya, er, Pássaro do Trovão vai passar aqui a qualquer hora e me pediu para dar um relatório completo da condição do Max. E você sabe que a Pássaro do Trovão sempre voa pelos telhados. Nunca usa a entrada principal. Coisa de super-heróis. Se eu tivesse asas...

Max cutucou a lateral do Adrian com força, e Adrian segurou um grunhido.

— Ou seja... como a gente chega ao telhado daqui?

A enfermeira os levou até uma porta simples e digitou um código em um teclado numérico enquanto Adrian garantia a ela que um autógrafo do Capitão Cromo não seria problema. Ele tentou se lembrar de cumprir aquela promessa quando Max e ele subiram correndo as escadas e chegaram ao topo do hospital.

O vento leste soprou. Lá de cima, Adrian conseguia ver a ponte Sentry, a Torre Merchant... até a garagem onde ele e Nova fizeram a vigilância do hospital quando estavam tentando impedir Espinheiro e a gangue dela.

Ele passou pelo heliporto no meio do terraço e foi na direção da parede norte.

Max, visível agora, parou ao lado dele e observou os telhados da cidade: as torres de água, as saídas de incêndio, as janelas cintilando no sol do fim de tarde.

— Você pediu um helicóptero pra nós?

Ele riu com ironia.

— Nada glamoroso assim.

— Então o que a gente está fazendo no terraço?

— Você queria evitar estar perto de prodígios o máximo possível, né? Bom, como você disse, nas ruas nunca se sabe por quem podemos passar. Mas aqui em cima, o céu é nosso.

Max deu um passo para trás com as mãos erguidas.

— Aah, não. Sei que você teve que me carregar como se eu fosse um saco de batatas quando me trouxe para cá, e isso já é bem constrangedor. Você não vai se tornar meu modo de transporte usual. Valeu, mas dispenso.

— Você estava à beira da morte. Não tem nada de constrangedor nisso.

— Ah, bem, vamos ver como você vai se sentir na próxima vez que quase morrer e *eu* tiver que te carregar por metade da cidade.

— Parece relaxante. Olha, eu não vou te carregar pra lugar nenhum. Não preciso. Me deixa segurar o Turbo pra você se concentrar.

— Me concentrar em quê? — perguntou Max enquanto entregava a gaiolinha.

— Só olha.

Adrian inspecionou a estrutura mais próxima, um prédio comercial quadrado do outro lado da rua, aninhou a gaiola no braço e se agachou. Ele sentiu as tatuagens de mola se ativarem nas solas dos pés. Ele pulou.

O ar zumbiu em seus ouvidos e, pelo mais breve dos momentos, ele sentiu como se estivesse voando.

Adrian chegou ao terraço seguinte e se agachou, com uma das mãos apoiadas no concreto áspero.

Acordado novamente, o velociraptor arranhou com infelicidade as grades do confinamento, tentando fugir. Adrian o ignorou. Limpou os dedos na calça e se virou para Max.

O garoto estava com cara de intrigado. Abriu os braços e gritou pelo vão:

— Eu não tirei tanto do seu poder assim! Eu não consigo fazer o que você faz!

— Eu sei — disse Adrian. — Mas consegue fazer o que o Ace Anarquia faz.

Max deixou os braços penderem. Ele recuou, confuso.

— Você tem telecinese — lembrou Adrian. — Eu sei que consegue levitar. O que significa que consegue *voar*.

O queixo do Max se moveu sem emitir som por um momento, depois ele sacudiu a cabeça.

— Eu nunca fiz mais do que flutuar alguns metros no ar.

Adrian deu de ombros.

— É a mesma coisa.

— É, exceto pela queda de vinte andares!

— Se você cair, eu te pego.

Max observou a rua lá embaixo com as sobrancelhas franzidas. Começou a esfregar os braços. Não estava usando roupas de frio, e menos ainda algo que impedisse os ventos intensos que vinham da baía.

— Você consegue. Você é o Bandido. É um Renegado.

Max fechou os olhos e abriu as mãos com as palmas para cima. Seus pés deixaram a borda do prédio até que pairasse a trinta centímetros do terraço.

Um sorriso se abriu no rosto do Adrian. Como a habilidade do Ace Anarquia, o controle do Max sobre a telecinese costumava se aplicar só a objetos inanimados, não a humanos nem a animais. A única exceção era ele mesmo. Adrian sabia havia um tempo que Max era capaz de levitar, mas era diferente ver com os próprios olhos.

— Isso mesmo — murmurou Adrian para si mesmo, sem querer distraí-lo.

Um alarme soou em algum lugar dentro do hospital.

Max ofegou e voltou ao chão.

— Vem! É agora ou nunca! — gritou Adrian.

Max pareceu imobilizado, paralisado pela indecisão.

E aí, para o horror do Adrian, ele balançou a cabeça e começou a andar de volta para a escada. Para a segurança do quarto de hospital. Para a segurança entorpecedora da quarentena.

— Max!

O garoto se virou de novo e saiu correndo. Desta vez, não hesitou. Saltou da borda do telhado com os braços esticados.

Adrian prendeu a respiração e se preparou para pular e segurar o irmão ao primeiro sinal de perigo.

Mas não foi necessário.

Uma risada orgulhosa saiu da boca de Adrian quando Max soltou um grito de alegria.

Adrian estava certo. O Bandido era capaz de voar.

CAPÍTULO VINTE



O REFEITÓRIO DA PRISÃO ESTAVA sinistramente silencioso, como sempre. Não havia nada além de fungadas de narizes escorrendo por conta do vento gelado lá fora e o clique de talheres de plástico em bandejas de plástico. Nova estava no fim da fila, invejando que as pernas do macacão na frente dela cabiam na pessoa que o usava. Ela sempre tinha que dobrar as dela.

A fila andou.

Ela andou junto.

Sua atenção se deslocou para a mesa mais próxima, onde dois detentos estavam sentados lado a lado, virados para a parede dos fundos do refeitório. Para desencorajar conversas, todos os assentos ficavam de um lado só das mesas, e todos os detentos ficavam virados para o mesmo lado enquanto comiam. Nova olhou para as bandejas deles, apesar de não saber para quê. Ela já sabia o cardápio de cor. Pão. Legume misterioso. Batata. Peixe. Não devia ser domingo, porque ela não viu ninguém com a desejada fatia de queijo.

Um gesto estranho chamou sua atenção. Uma das detentas sentadas bateu com o cabo do garfo duas vezes na lateral da bandeja antes de pegar uma garfada de legumes. Um segundo depois, o prisioneiro ao lado dela passou os dentes do talher no canto da bandeja dele.

Nova não sabia o que significava, mas tinha certeza de que eles estavam se comunicando.

Alguém grunhiu atrás dela e, ao perceber que a fila tinha andado, ela chegou para a frente e pegou uma bandeja.

Ela se sentou no lugar de sempre, entre as pessoas de sempre, que, como sempre, não tentaram falar com ela. Mas observava o salão com interesse renovado. Agora que tinha reparado na interação astuta, começou a ver outros sinais do que achava ser uma linguagem secreta entre os detentos. Alguns gestos eram tão sutis (uma coçada no nariz, um movimento de sapato, uma colher girada no sentido anti-horário na mesa) que boa parte podia ser coincidência.

Mas Nova tinha certeza de que boa parte não era. Os detentos tinham encontrado um jeito de falar uns com os outros, afinal.

Ela se perguntou quanto tempo teria que ficar ali para começar a entender aqueles sinais.

— Você conhece o Titereiro?

A pergunta foi feita em uma voz tão baixa que Nova quase achou que tivesse imaginado.

Ela olhou para o lado, para um homem careca cuja pele e olhos eram amarelo-néon. Com isso e as listras do macacão, olhar para ele quase machucava os olhos.

Ele manteve a atenção na comida.

Nova enfiou o garfo no peixe e o cortou em pedaços. Antes de colocar um bocado na boca, murmurou:

— Sim.

Por muito tempo, seu vizinho ficou em silêncio, e ela achou que a conversa deles podia ter acabado.

Mas depois:

— Ele está bem?

Ela fez uma pausa, com um pedaço de pão parcialmente destruído na boca. Winston estava bem?

Depois de engolir, ela respondeu:

— Não sei. Faz tempo que não vejo.

Ela pensou em contar que Winston tinha sido neutralizado. Que os Renegados tinham tirado os poderes dele. Mas não sabia se os detentos sabiam sobre o Agente N, e achava que não conseguiria explicar aquilo em frases curtas murmuradas.

Seu vizinho continuou colocando comida na boca.

Nova passou a comer mais devagar. Normalmente, ela comia rápido, para engolir o máximo de comida possível sem precisar sentir o gosto. Mas era tão bom falar com alguém, ter alguma interação humana, que ela já estava temendo a hora que acabaria.

— Pegaram ele semanas atrás — disse o homem. — Achei que já devia estar de volta.

Nova pensou sobre isso. Para *onde* tinham levado Winston depois que ele foi neutralizado? Ela achava que fazia sentido ele não ter sido enviado de volta a Cragmoor, afinal não era mais prodígio. Ele teria sido enviado para aquela prisão civil no norte? Ou para uma instituição de saúde mental? Ou será que ainda estava no quartel-general dos Renegados, servindo de cobaia para mais experimentos para os quais não tinha se voluntariado?

— Ele disse que você que entregou ele — continuou o homem.

Nova demorou um pouco para entender que ele estava falando sobre o desfile, quando ela jogou Winston do balão e permitiu que ele fosse capturado pelos Renegados enquanto se salvava. Seu estômago se contraiu de culpa, não pela primeira vez.

Mas quando ela ousou lançar um olhar de lado para o estranho, ela viu que ele estava sorrindo.

— Disse que você nunca desiste. Disse que era disso que ele gostava em você.

O olhar dele se desviou para o lado e encontrou o dela. Eram tão brilhosos aqueles olhos que era um pouco como olhar para sóis gêmeos.

Nova murchou os ombros. Ele era atroz, o Winston. Como Titereiro, tinha feito coisas horríveis, coisas que até os outros Anarquistas viam com desconfiança. Mas ela não conseguiu evitar a ternura que tomou conta dela quando pensou em Winston, naquele lugar frio e brutal, dizendo coisas gentis sobre ela, mesmo depois do que ela tinha feito com ele.

Alguém segurou a cabeça de Nova de repente e forçou seu rosto para longe do vizinho.

— Olhos pra frente! — gritou o guarda. — Sem conversinha!

Ela trincou os dentes. Houve um momento em que soube que a mão do guarda estava tocando o *suficiente* de pele para ter conseguido usar o poder nele. E Nova quase estava com raiva suficiente para fazer isso.

Mas resistiu. Não disse nada nem olhou de cara feia para as costas do guarda quando ele se afastou. Os nós dos seus dedos estavam brancos, apertando a colher, mas ela não revidou. Não daria a eles a satisfação de a punirem por isso.

Nova jogou toda a sua fúria na mandíbula e mastigou outro pedaço de pão.

Ela sentiu a mudança mais do que ouviu. O salão já estava bem silencioso, mas de repente o silêncio ficou palpável. As mastigações, o movimento de talheres... foi quase como se até as respirações parassem.

Nova ergueu a cabeça.

O diretor estava indo até o fundo do salão, de forma que todos os detentos estivessem virados para ele. Estava com um terno cinza idêntico ao que usava todas as vezes em que ela o vira.

— Prestem atenção — gritou o diretor. — Tenho um anúncio a fazer e não pretendo explicar mais de uma vez. — Ele parou no centro do salão, franziu o cenho para os detentos e se virou para um dos guardas. — Está faltando um.

— Ele está sendo trazido da solitária agora — respondeu o guarda.

O diretor expirou, exasperado, mas não teve que esperar muito. Momentos depois, uma porta se abriu perto do canto da sala, uma porta que Nova só tinha visto fechada.

E ali estava Ace.

Ele estava ladeado por dois guardas, sendo levado lentamente para o refeitório.

Nova enrijeceu. Ace estava quase irreconhecível. Tinha definhado ainda mais desde que ela o vira pela última vez e não se parecia mais com ele mesmo. A pele pendia das bochechas. Os olhos estavam afundados no rosto, a pele em volta praticamente translúcida. Os pés se arrastavam como se ele mal conseguisse andar, e ficou claro que ele sentia dor a cada passo hesitante.

Ainda assim... os outros prisioneiros o reconheceram. Pelo menos muitos pareceram reconhecer. Ela percebeu, não só pelo silêncio impressionado, mas pela forma como os mais próximos deram um aceno quase imperceptível quando ele passava, demonstrando respeito pelo homem que já tinha liderado tantos deles na revolução.

Os guardas, por sua vez, ficavam em posição de sentido, com as mãos nas armas ou os dedos esticados, preparados para usarem seus poderes se necessário. Eles

ficavam tensos com Ace no salão e olhavam para ele como se fosse um tigre que pudesse ou não ter força para arrebentar a guia.

O medo que sentiam era indevido. Como não percebiam? Ace estava doente. Estava morrendo.

Os guardas o fizeram dar a volta nas mesas até uma mesa solitária separada das outras. Ele estava a poucas mesas de distância dela quando os olhos de Ace de repente se iluminaram com reconhecimento. Seus olhos encontraram os de Nova e se arregalaram. Ele parou de repente e sobressaltou os guardas ao lado.

Ace olhou para ela boquiaberto, e Nova viu a compreensão tomando conta dele. Tinha sido capturada. Era prisioneira, como ele. A tristeza franziu sua testa, e Nova sentiu sua própria desesperança crescer outra vez.

Ela queria pedir desculpas... por ter falhado com ele de novo. Queria dizer o quanto ainda o amava. Que não tinha desistido.

Ace começou a tossir. Não foi uma tosse polida, causada pelo tempo gelado, mas uma tosse rouca e agitada que logo o fez se curvar e ter dificuldade de ficar de pé. Nova ofegou e se levantou do banco, mas o garfinho de plástico foi arrancado de repente da mão dela. Em um movimento, foi virado e os dentes enfiados na manga do macacão, prendendo-a na mesa. Ela amarrou a cara e pegou o garfo. O cabo se partiu no meio, mas os dentes continuaram enfiados no tecido.

Ela bufou e, ao erguer os olhos, viu que não tinha sido a única a querer ajudar Ace. Três dos detentos mais próximos dele também tinham pulado dos assentos. Um até conseguiu segurar o braço do Ace para que ele não caísse para a frente e batesse a cabeça, antes que os guardas comessem a gritar e os empurrar para trás. No meio da confusão, Ace foi empurrado na parede e deslizou até o chão, uma das mãos apertando o peito enquanto as tosses diminuía até um chiado doloroso.

Mais detentos estavam de pé agora, gritando para os guardas. *Façam alguma coisa. Ajudem. Ele precisa de um médico.*

Um dos guardas bateu com as palmas das mãos uma na outra e uma onda de pressão se espalhou e derrubou todos no caminho. Vários prisioneiros caíram no chão. Um bateu com a cabeça em um banco. Embora Nova não tivesse recebido o impacto mais forte, o ataque inesperado a empurrou para trás.

Só então a pressão nos dentes do garfo diminuiu. Ela puxou o braço da mesa e arrancou com raiva o plástico do tecido.

— Qual é o problema de vocês? — gritou o homem ao lado dela, o que conhecia Winston. Ele não tinha se levantado com os outros, mas a fúria estava clara no rosto dele. E apontou para Ace com a colher. — Ele não é uma ameaça pra vocês, qualquer um pode ver. Ele precisa de ajuda!

— Ah, é? — disse outro guarda enquanto se curvava para segurar as algemas do Ace. Ele o puxou para que ficasse de pé, fazendo questão de não ser gentil. — Ele matou um monte de pessoas. Quem as ajudou?

Nova mordeu a bochecha por dentro. Ainda estava segurando o cabo do garfo quebrado e se viu tentada a pular por cima da mesa e enfiar aquilo no olho de um daqueles guardas. Nem ligava muito para qual seria.

Mas um movimento chamou sua atenção. O que havia restado de comida estava se rearrumando. As migalhas de pão, a casca da batata, alguns pedaços do que ela imaginava ser repolho cozido. Tudo se juntou e se retorceu em formatos familiares para passar uma mensagem.

Dizia simplesmente: *Não*.

Ela engoliu em seco e ergueu o olhar.

Ace não estava olhando para ela. Seu foco ficou longe dela o tempo todo, desde o momento em que ele foi arrastado pelo refeitório até ser colocado no banco da mesa solitária.

O diretor bateu palmas três vezes, alto e lento.

— Sempre com suas entradas impactantes — disse ele com expressão de desdém.

Ace o ignorou. Ainda estava respirando com dificuldade, meio caído sobre a mesa. A forma como os guardas próximos apontavam as armas para ele era quase cômica.

Até que Nova olhou para a palavra no prato e lembrou que, mesmo naquele estado, Ace não estava impotente.

— Eu fui informado pelo quartel-general dos Renegados — comunicou o diretor — que, no fim do mês, todos nós vamos fazer um passeiozinho.

Uma onda de interesse se espalhou entre os detentos, acompanhada de desconfiança.

— Nessa excursão, nós esperamos cooperação total. Vocês vão ficar algemados juntos durante toda a viagem. Vão estar com as mãos protegidas. Criamos máscaras e

vendas especiais para os que têm habilidades que funcionam além dos limites dos membros. Arranjos especiais serão feitos para os que têm talentos peculiarmente impossíveis de conter.

A voz dele abaixou, em tom de aviso, com um olhar para Ace. Era como se o diretor estivesse olhando um cadáver, pela total falta de reação dele.

Nova mordeu a bochecha por dentro.

A revelação pública do Agente N. A neutralização. Sua execução. Tudo ia acontecer, e em pouco tempo.

— Teremos reforços para ajudar com a segurança — continuou o diretor. — Se em algum momento algum de vocês piscar de uma forma que nos desagradar — ele fez uma pausa dramática, o olhar grudado nos detentos —, não vamos hesitar em matá-los.

Ninguém falou. Ninguém se moveu.

— Eu admito — disse o diretor com um sorriso arrogante — que estou com esperanças de que algum de vocês queira testar essa promessa.

Ele assentiu para os guardas e foi na direção da saída do refeitório.

— Mas aonde a gente vai? — perguntou um dos detentos. — E pra quê?

O diretor parou, com expressão arrogante.

— Vocês vão ver. Eu detestaria estragar a surpresa.

Ele saiu; os guardas não perderam tempo e já foram tirar Ace do salão. A respiração de Nova se acelerou enquanto ela o via sair.

Quando a porta se fechou, ela afundou no banco, infeliz novamente. Solitária e impotente mais uma vez.

O silêncio pairou sobre as mesas enquanto os detentos trocavam olhares perplexos e curiosos. Um guarda gritou:

— Dois minutos! Tragam a bandeja se tiverem terminado, agora!

— Melhor comer mais um pouco — murmurou seu vizinho.

Nova rosnou e ficou com vontade de dizer que tinha perdido o apetite. Mas os olhos amarelos dele se dirigiram para baixo e ela se deu conta do que ele queria dizer. A mensagem ainda estava lá.

Ainda segurando o cabo do garfo com aperto mortal, ela empurrou a comida pelo prato até a palavra deixar de existir.

Alguns detentos se levantaram e começaram a empilhar as bandejas, mas a maioria ficou no lugar, fingindo terminar a refeição. Nova reparou em mais daqueles gestos minúsculos acontecendo, quase em sincronia agora, enquanto os guardas conversavam distraidamente entre si.

Ela observou os prisioneiros com irritação, desejando saber o que todo mundo ao seu redor estava dizendo.

— Ei — murmurou seu vizinho.

— O quê? — respondeu ela, alto demais. Um guarda olhou para eles de cara feia antes de assentir para algo que o colega dele estava dizendo.

Ao seu lado, o homem com olhos néon pegou a colher e bateu com a parte de trás uma vez na mesa.

Nova olhou. Primeiro para a colher, e depois para ele.

O sorriso dele foi largo e meio torto.

— Significa que estamos unidos — disse ele. — Vilões até o fim.

CAPÍTULO VINTE E UM



— **T**EM CERTEZA DE QUE a Ruby não está em casa? — perguntou Max, tão perto do irmão que não parava de pisar nos calcanhares de Adrian enquanto seguiam pela calçada.

— Claro que ela não está em casa. Eu mandei uma mensagem pra ela duas horas atrás — disse Adrian. — Eu não colocaria a Ruby em risco.

— Tudo bem, mas... e se um dos irmãos dela for um prodígio e ninguém souber ainda? Ou um dos vizinhos? Ou...

— Não são — interrompeu Adrian. — Os irmãos dela idolatram os Renegados, se tivessem demonstrado qualquer sinal de superpoderes, fariam questão de que todo mundo soubesse. Quanto aos vizinhos, depois que você estiver dentro do apartamento, vai ficar tudo bem. Nenhum prodígio vai chegar perto e você não vai ter que se preocupar de roubar os poderes deles sem querer, está bem?

Max não disse nada, e Adrian visualizou facilmente a expressão de dúvida dele.

— Olha, vai ficar tudo bem — disse Adrian. Ele passou um braço pelo pescoço do Max e o puxou para perto. O garoto grunhiu e lutou, mas sem muito empenho. — A família da Ruby concordou com isso. Ninguém quer te ver preso numa quarentena de novo. E, quando eu conversar com o Hugh e o Simon, sei que eles vão entender.

— Eles vão ficar tão zangados.

— Eu sei. Mas vão superar. E... — Adrian parou na frente de um prédio de cinco andares com fachada de tijolos gastos — ... chegamos. A famosa residência

Tucker.

— Famosa como? — perguntou Max, olhando com cautela para as fileiras de janelas altas, para a saída de incêndio e para as poucas sacadas que só tinham espaço para alguns vasos de plantas.

— Porque é o lar da Assassina Vermelha e dos seus ajudantes gêmeos. Vem.

Max o seguiu para dentro do prédio, e eles subiram o primeiro lance de escadas. Um papel de parede desgastado, porém elegante, cobria as paredes do corredor estreito iluminado por arandelas acesas. Adrian parou na frente do apartamento de Ruby e estava prestes a bater quando a porta se abriu e revelou dois garotos idênticos, só um pouco mais velhos do que Max. O rosto deles estava brilhando de tanta empolgação, os dois meninos usando fantasias de Renegado que a mãe e a avó deles tinham feito para a Olimpíada dos Ajudantes.

Adrian tinha perguntado a Ruby como identificar os gêmeos e ele só levou um momento para lembrar, a explicação dela fazendo sentido rapidamente. O cabelo do Jade era mais comprido e mais bagunçado, enquanto Esterlino usava o cabelo em um corte mais baixinho. Ele tinha começado a pensar no menino como Esterlino Baixinho, apesar de os garotos terem a mesma altura.

— Vocês chegaram! — disse Jade.

Enquanto isso, Esterlino gritava por cima do ombro:

— Mãe! Vó! Eles chegaram!

— Entra, entra. — Jade acenou com a mão e os convidou a entrar. — Isso é tão legal. A Ruby disse que você roubou o poder do Ace Anarquia, né? É verdade?

— E você consegue levitar? — perguntou Esterlino.

— E ficar invisível, como o Guardiã Terror, né? — acrescentou Jade.

— Você tem superforça como o Capitão? Se levasse um tiro na cabeça, você morreria?

— Cara. — Jade bateu no ombro do irmão. — Ele estava no hospital porque enfiaram uma lança na barriga dele. O que você acha?

— Ei, o que é isso? — Ignorando o irmão, Esterlino apontou para a pequena gaiola que Max estava segurando.

— Garotos, garotos, não fiquem em cima deles assim! — disse a mãe dos gêmeos, saindo de um quarto nos fundos. Ela abriu um sorriso de desculpas para Adrian. — Se vocês não perceberam, eles ficaram meio empolgados quando

contamos sobre o nosso hóspede novo. Você deve ser o Max. Ruby falou tanto sobre você. É um prazer te conhecer. E muito bom te ver de novo, Adrian.

Max aceitou graciosamente o aperto de mão dela, mas Adrian percebeu que ele estava nervoso e agitado por causa da atenção dos gêmeos.

— Meninos, por que vocês não levam o Max até seu quarto pra ele se acomodar? Você pode ficar com a cama da Ruby ou brigar com esses dois pestinhas pelo beliche de cima. O jantar fica pronto em uns vinte minutos. Adrian, você vai jantar com a gente?

Adrian fez uma careta.

— Talvez... — respondeu ele, olhando para Max. — Mas tenho que me encontrar com o resto da equipe pra começar a fase seguinte da nossa investigação dos Anarquistas.

— Eu vou ficar bem — disse Max, ainda nervoso, mas se esforçando para fingir que não. — Onde a Ruby vai ficar enquanto eu estiver aqui?

— Com Danna — respondeu a sra. Tucker. — E a mãe do Oscar disse que ela é bem-vinda também se for necessário.

— Tem vários quartos de hóspedes na mansão do prefeito também — disse Adrian. — E sempre há alojamentos livres no quartel-general.

A sra. Tucker uniu as mãos.

— Ela vai ficar bem. Nós estamos felizes de receber você aqui, Max. Você pode ficar pelo tempo que precisar. Jade, Esterlino? — Ela inclinou o queixo na direção dos fundos do apartamento.

— Ah, é, vem! — gritou Jade, seguindo pelo corredor. — O quarto é pra cá.

— Essa coisa aí é *de verdade*? — perguntou Esterlino, que não tinha parado de olhar para Turbo.

— Hum, é. — Max ergueu a gaiola para eles olharem. — Ele está meio doente agora, mas... este é o Turbo. Ele é um velociraptor. Mais ou menos. Adrian que fez.

— Não acredito — murmurou Esterlino. Aí gritou para o irmão: — Jade! Você tem que ver isso!

Ele saiu correndo. Com uma risada constrangida, Max começou a ir atrás dele, aí hesitou e se virou para Adrian com uma pergunta no olhar.

— Vou vir te visitar o tempo todo — disse Adrian. — Se precisar de alguma coisa, manda uma mensagem pra Ruby que ela me avisa.

Max assentiu.

— Você vai dizer pra eles onde eu estou?

Adrian sabia que *eles* eram o Capitão Cromo e o Guardião Terror.

— Não agora — admitiu ele. — Pensei em revelar quando aquela quarentena estiver oficialmente desmontada.

Com um sorriso fraco, Max seguiu os meninos. Depois que desapareceu por uma porta, Adrian ouviu um deles perguntar:

— É verdade que te chamam de Bandido? Que codinome maneiro. Se eu fosse Renegado, meu nome seria Cobra Prateada e eu teria língua bifurcada e presas venenosas. E meu irmão...

Adrian expirou, reconfortado pela falação fácil dos meninos. Max não tinha muitos amigos, e nenhum da idade dele. Era normal ficar tímido, mas algo dizia a Adrian que os três se dariam bem.

— Eu devo me preocupar com a ira do Conselho?

Ele fez uma careta e se virou para a sra. Tucker.

— Provavelmente não tanto quanto eu.

Ela apertou o braço dele.

— Vai ficar tudo bem. Ruby nos contou sobre a quarentena e os testes pra fazer aquele... tal sêrum no qual estão trabalhando.

— Isso deveria ser confidencial.

Ela deu de ombros.

— Nossa família não guarda segredos. O que quero dizer é que ele é uma criança. Não merece tanto peso nas costas.

— Exatamente o que eu penso.

— Sei que o Capitão e o Guardião Terror se importam com ele assim como se importam com você. Eles vão entender. E, enquanto isso, prometo cuidar bem dele.

— Obrigado, sra. Tucker.

Ela se inclinou e deu um abraço nele, o que Adrian não estava esperando.

— Vai — disse ela. — Vai fazer coisas de heróis. E diz pra aquela minha filha que ela tem que me ligar todos os dias. Não é porque ela não está morando debaixo deste teto que não é mais minha responsabilidade, com ou sem superpoderes.

Ele sorriu.

— Vou passar a mensagem, pode deixar.



ADRIAN NÃO TINHA SE afastado três quarteirões do apartamento quando recebeu uma mensagem no comunicador. As palmas das mãos ficaram grudentas de medo antes mesmo de ele olhar para baixo para ver de quem era, e ele estava certo.

Ele se preparou e aceitou a ligação.

— Cadê ele? — gritou o Capitão Cromo. — Adrian, o que você fez?

— Então... você recebeu o recado? — disse Adrian, tentando manter o tom leve.

Sem querer que os pais entrassem em pânico e achassem que Max tinha sido sequestrado do hospital por uma gangue qualquer de vilões, eles tinham deixado um bilhete para a equipe do hospital, explicando que Max estava com o irmão e que os Renegados não precisavam se preocupar com ele.

— Sim, recebi o recado! O que está acontecendo? Cadê o Max?

— Ele está num lugar seguro — disse Adrian. Ele parou na calçada e se encostou em um poste de luz. — Confia em mim.

— *Confiar* em você? O que isso...

Hugh foi cortado, houve uma agitação do outro lado e a voz do Simon entrou na ligação.

— Adrian, nós confiamos em você. E confiamos no Max. Mas isso é sério. Nós temos que saber onde ele está. Você, mais do que todo mundo, deveria entender como é perigoso ele ficar sozinho por aí no mundo.

— Ele não está sozinho — disse Adrian. — Nenhum outro prodígio está correndo risco e ele está confortável e seguro, talvez até feliz, que é melhor do que a gente poderia dizer se ele fosse enfiado de novo naquela quarentena.

Houve um breve silêncio. Hugh voltou a falar, o pânico agora mais controlado.

— Como você conseguiu tirá-lo do hospital? Encontrou o Amuleto da Vitalidade?

— Não, pai. Mas eu... — Adrian hesitou e considerou por um momento contar a verdade no lugar da história que ele tinha passado o dia elaborando. Mas, não, a hora não era a certa. — Eu peguei um dos trajes de proteção do QG e botei no Max. A barreira me protegeu dos poderes dele o suficiente até a gente chegar.

— Um traje de proteção? — disse Simon. — E ninguém reparou em um garoto de dez anos andando pelos corredores de traje de proteção?

Adrian esperou um momento e ouviu um ofego sutil de Simon, seguido de um gemido.

— Invisibilidade. Certo. É que eu esqueço que ele também tem.

— Você deu pra ele — disse Adrian —, então, tecnicamente, é como se *you* o tivesse ajudado a fugir.

— Não banque o espertinho — disse Hugh. — E ele não precisava *fugir*. Ele não é prisioneiro!

— Não? — perguntou Adrian. — Olha, eu sei que vocês amam o Max, mas eu não vou deixar que o coloquem de volta na quarentena, fim de papo. Por enquanto, ele está seguro onde está até a gente encontrar uma solução mais permanente.

— Não, Adrian, você vai nos contar onde ele está agora mesmo, pra podermos levá-lo de volta para o hospital e cuidar pra que...

— Vamos falar disso depois — interrompeu Adrian. — Estou atrasado pra uma reunião da equipe. Tudo bem? Amo vocês, tchau!

O comunicador soou com uma falação enfurecida que foi silenciada com um aperto do polegar dele. Adrian fez uma careta, se perguntando se estava velho demais para ficar de castigo. Quando ele era criança e desobedecia às regras deles, eles sempre ameaçavam tirar suas revistas em quadrinhos ou videogames, mas essas coisas não lhe importavam mais. O que poderiam tirar dele agora que faria diferença?

Ele acalmou a respiração. Tudo ficaria bem. De todas as coisas que tinha feito nos meses anteriores que podiam deixar seus pais bravos ou decepcionados, levar Max para um lugar secreto e seguro não era a pior. Parte dele até esperava que um dia os pais reconhecessem que ele tinha feito a coisa certa por Max e pela família.

Ainda que não tecnicamente a melhor coisa para os Renegados.

Como se o centro de comunicações dos Renegados soubesse que Adrian estava violando mais regras do Conselho naquele momento, um alarme tocou no comunicador. Ele quase esquecera que tinha patrulha naquela noite até ver a tarefa na telinha.

Invasão na Loja de Depto Dallimore, 29 com Merchant, roubo em andamento, comparecer imediatamente.

Adrian sorriu.

Fazer justiça do jeito tradicional era exatamente o que ele precisava.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



— A H, CARA, COMO É bom ser heroína! — disse Ruby, alongando um braço para cima. Ela estava ao lado de dois ladrões algemados e inconscientes que tinham sido pegos quebrando um display de joias na loja de departamentos Dallimore.

Adrian tinha que concordar. Era bom ser herói. No mínimo, a prisão tinha ajudado a tirar Max da cabeça por um tempo, e Nova também.

Oscar se sentou em uma mesa no meio de pilhas de camisetas femininas de várias cores.

— E pelo menos Rabisco não precisou recorrer às suas habilidades *especiais*. — Ele apontou a bengala na direção do Adrian. — É bom te ver voltando ao tradicional.

Adrian fez uma cara feia, mas sabia que a provocação era de brincadeira.

— Caso você tenha esquecido, eu já defendia a justiça por anos antes de... — Ele fez uma pausa e olhou para os ladrões, e, embora parecessem estar inconscientes, terminou com um simples: — Vocês sabem.

Oscar balançou as pernas e observou a loja, com a iluminação fraca de algumas luzes fluorescentes de teto dois andares acima e pela iluminação do display que estava fazendo as vitrines de joias próximas cintilarem, inclusive a que tinha sido estilhaçada. — Vocês acham que tem uma máquina de lanches aqui?

— Como é que é? O Cortina de Fumaça está com fome? — perguntou Ruby, fingindo surpresa enquanto enrolava o fio com a pedra na ponta no pulso. Ela tinha

usado aquilo para fazer os ladrões tropeçarem quando estavam correndo para a saída de emergência. Adrian viu uma linha vermelha na mão dela, onde o fio quase tinha cortado a pele.

— Ei, eu sou um super-herói em idade de crescimento — disse Oscar. — Preciso de sustância.

Um turbilhão de borboletas desceu da sacada superior, onde Danna tinha ido olhar se o cofre do escritório não havia sido arrombado.

— Tudo certo — disse ela, o corpo se remoldando ao lado de Ruby. — E eu não vi nenhuma máquina de lanches, mas tem uma hamburgueria a dois quarteirões daqui. A gente pode ir pra lá quando terminar aqui.

Oscar esticou o punho na direção da Danna, que retribuiu o cumprimento com entusiasmo.

— Certo — replicou Adrian, digitando um código no comunicador. — A loja está vazia, os suspeitos estão presos esperando extradição e limpeza.

Ele pegou a pasta de produtos roubados e jogou para Oscar, que a abriu e começou a colocar as joias na mesa para a loja poder verificar depois, junto aos registros, para ter certeza de que não estava faltando nada.

— Até que a seleção de artigos não foi ruim — disse Oscar, exibindo um colar com um pingente de pedra vermelha fina pendurado. — Ei, Assassina Vermelha, acho que os designers estão começando a te imitar.

Ela sorriu e balançou o heliotrópio como um pêndulo.

— Ah. Eu sou influenciadora. E é tão bonito.

— É o que parece. — Oscar ergueu o colar na direção da luz. — Não tão bonito quanto você... o seu. — Ele corou e desviou rapidamente a atenção para a pasta. — Além do mais, o seu é mil vezes mais mortal. Ah, uau, isso aqui são brincos? — Ele tirou um conjunto de brincos candelabro, cada um quase do tamanho da mão dele. — Parece mais... levantamento de peso para as orelhas.

As bochechas de Ruby ficaram coradas com o escorregão dele. Ela parecia querer dizer alguma coisa, mas Oscar mostrou-se determinado a seguir adiante depois do elogio que podia ou não ter sido intencional, e assim ela enrolou o fio no pulso e se virou para Adrian.

— Como está o Max?

— Bem, acho — disse Adrian. — Não tenho nem como agradecer a você e à sua família por fazerem isso.

Ruby balançou a mão.

— Eu faria qualquer coisa pelo Max. E você devia ter visto como meus irmãos ficaram loucos quando souberam que um Renegado abre aspas *de verdade* fecha aspas ia ficar com eles. Porque, óbvio que eu não conto.

Ela empurrou para o lado uma pilha de camisas dobradas e se sentou na mesa ao lado do Oscar.

— Eles ficaram muito empolgados — disse Adrian. — Max vai precisar de um tempo para se acostumar, mas acho que vai ser bom. Ele nunca teve amigos da idade dele. Eu só queria...

Ele parou de falar e segurou os pensamentos antes que escapassem pela boca.

Os outros o observaram e ficaram inquietos na mesma hora.

— O quê? — encorajou Ruby.

— Nada. — Ele fez uma careta, odiando a mentira quase tanto quanto odiava a verdade. — Eu ia dizer... Eu só queria que pudesse contar pra Nova sobre isso. Acho que ela ficaria bem feliz de vê-lo livre.

A equipe ficou em silêncio por muito tempo, até Ruby perguntar em voz baixa:

— Você conversou com seus pais sobre... sobre a execução? Eles não vão mesmo... Vão?

Adrian olhou para o chão de cara feia.

— Parece que vão. A não ser que ela nos dê alguma informação útil.

— E ela ainda não confessou? — perguntou Ruby.

Ele fez que não.

— Você vai? — perguntou Oscar. — Para a... você sabe.

Adrian olhou por cima das molduras dos óculos.

— Não é só uma execução. É a revelação pública do Agente N. Então, sim. Acho que as pessoas esperam que eu vá.

— É, mas... elas entenderiam se decidisse não ir — disse Ruby, e embora estivesse tentando ser gentil, aquela conversa estava deixando o estômago de Adrian mais embrulhado a cada momento que passava.

— Por quê? — perguntou ele. — Ela me traiu tanto quanto a vocês e todo mundo.

Os outros trocaram olhares.

— Olha — disse Oscar —, meio que foi pior com você, sim. Ela era, tipo, sua namorada.

Adrian trincou os dentes.

— Eu não quero mais falar disso.

Danna colocou a mão no antebraço dele. Ele ficou tenso, mas não se afastou.

— Eu sinto muito — disse ela. — Todo mundo aqui gostava da Nova, sabe. Não era só você. Não posso dizer que confiava totalmente nela, mas gostava dela. Eu só... Eu sinto muito por ser ela.

Adrian abriu a boca para responder, mas não sabia bem o que queria dizer. Que ele também sentia muito? Que não era culpa de Danna? Que não importava?

Ele limpou a garganta, ansioso para mudar de assunto.

— Ruby, você disse mais cedo que faria qualquer coisa pelo Max. Estava falando sério?

— Qualquer coisa dentro do viável — disse ela com desconfiança. — Por quê?

Adrian empertigou os ombros.

— Você sabe que ando fazendo as tatuagens em mim mesmo pra poder...

Ele foi interrompido por um som de palmas, palmas lentas e metódicas que ecoaram pela loja de departamentos.

Adrian se virou e viu uma figura escura descendo de uma plataforma de manequins. Os manequins estavam de calças jeans rasgadas e tops de lantejoulas, mas a figura estava toda de preto.

Calça e botas pretas. Um cinto preto e luvas pretas sem dedos.

Um moletom preto com capuz.

E uma máscara prateada cobrindo a metade de baixo do rosto.

Adrian ficou paralisado.

Ele sentiu a equipe ficar tensa ao redor. Ruby e Oscar já tinham descido da mesa, com filetes de fumaça envolvendo os pés de Oscar e o fio de Ruby esticado entre os dedos.

— Seus sentimentos são *tão fofos* — disse... disse... *Pesadelo?*

Ela estava a uns cem passos de distância, as luzes da cidade entrando pela vitrine e cintilando na máscara de metal, e as armas familiares penduradas nos quadris. O

capuz preto sobre o rosto coberto por sombras tornava impossível ver os olhos. Adrian piscou e resistiu à vontade de tirar os óculos e limpar as lentes.

— Vocês todos *gostavam* dela — disse Pesadelo. — Vocês todos lamentam *tanto* que fosse ela. — Ela estalou a língua em reprovação. — Bom, odeio ir contra a corrente, mas, pra ser sincera, eu não lamentei nenhuma. Nova McLain merece tudo que aconteceu.

A boca de Adrian ficou tão seca que ele achou que não conseguiria falar, mesmo se tivesse algo a dizer. Mesmo se a única palavra ressoando nos pensamentos dele não fosse simplesmente *Impossível*.

Impossível. Impossível. Impossível.

Não era Nova. Isso estava claro, não só porque Nova estava presa em uma ilha que ficava a três quilômetros da costa, mas também porque a voz não batia. Agora que ele estava bem na frente da Pesadelo. Agora que ele podia parar um momento para comparar aquilo de que tinha apenas vagas lembranças, a diferença era clara.

Ainda sardônica. Ainda seca.

Mas não era Nova.

— Meus elogios para a sua captura impressionante desses dois bandidinhos — disse Pesadelo, e Adrian levou um momento para se lembrar dos ladrões inconscientes. — Duvido que dois não prodígios tenham sido tão difíceis de apreender, mas, ainda assim, é bom testemunhar uma das raras ocasiões em que os Renegados não demonstram total incompetência.

— Quem é você? — disse Danna, a voz cortando a neblina nos pensamentos de Adrian, lembrando a ele de onde eles estavam, de quem eles eram. Renegados. Heróis.

Enfrentando uma vilã.

A mesma vilã. Sempre Pesadelo. Repetidamente.

Ele começou a se questionar se estava sonhando, mas um aperto rápido na tatuagem nova, ainda dolorida ao toque, garantiu que estava bem acordado.

— Você sabe quem eu sou — respondeu Pesadelo. E riu, colocando a mão na bolsinha no quadril, de onde Adrian a tinha visto tirar aquelas estrelas em batalhas anteriores. — Ah, espera, acho que vocês não sabem quem eu sou, porque acham que sou aquela *garota*. Obrigada, aliás, por finalmente perceberem todas as pistas que deixei. Vocês demoraram muito pra solucionar o enigma, mas cá estamos, de

novo falando da sua famosa incompetência. Admito que foi mais difícil incriminá-la do que achei que seria, mas é isso que ganho por depender das habilidades de observação de um bando de *heróis*. Vocês não poderiam ser mais óbvios.

— Chega de fingimento — disse Danna, dando um passo para mais perto. Seu corpo estava rígido, as mãos fechadas em punhos, e Adrian percebeu que ela estava se preparando para entrar em modo bando. — Nós sabemos que você não é a Pesadelo. A verdadeira Pesadelo está na prisão, que é o lugar dela.

— Tem certeza disso? — perguntou Pesadelo, batendo com os dedos na bolsinha.

Adrian engoliu em seco, odiando a confusão que tinha surgido em seus pensamentos. Porque não... não, de repente ele não tinha mais certeza de nada.

— Nova McLain é a Pesadelo — disse Danna por entre dentes. — Então, quem é você?

— Nova McLain é uma Renegada — retrucou Pesadelo, o tom carregado de desdém. — *Insônia* — disse, quase cuspiendo a palavra. — Mas ela não era uma heroína muito boa, né? Merece ficar presa depois de não ter conseguido salvar meu avô. Ela merece que o mundo a veja como a mentirosa fraudulenta que é. Vocês, super-heróis, ficam prometendo salvar as pessoas. Mas ela fez alguma coisa pra salvar o meu avô quando a Detonadora atirou nele? Não! Ela só ficou olhando e deixou acontecer. — A postura da Pesadelo mudou de relaxada a furiosa, apertando as mãos. — Nunca vou me arrepender do que fiz a ela. Eu precisava de uma isca, e ela era uma oportunidade perfeita demais para eu deixar passar. Alguém tinha que cair no meu lugar, já que vocês não saíam do meu pé desde o incidente do desfile.

— Você está mentindo — disse Danna. Com um rosnado, ela se transformou. O grupo de borboletas voou na direção de Pesadelo.

Pesadelo inclinou a cabeça e o capuz se deslocou de forma que a luz dos displays de joias iluminou um lado do rosto dela, mas Adrian não conseguiu determinar se estava surpresa ou achando graça.

Pesadelo deu um único passo para a esquerda e desapareceu.

Ruby perdeu o fôlego. Talvez eles todos tenham perdido. Adrian correu, o coração trovejando, enquanto as borboletas de Danna formavam um turbilhão em volta da coluna dentro da qual Pesadelo aparentemente tinha entrado.

A coluna espelhada.

Danna voltou à forma humana, uma das mãos encostada no espelho, o rosto incrédulo.

— O que foi isso?

— E eu que achava que a nossa conversa estava indo tão bem.

Eles se viraram. Pesadelo reapareceu na entrada de um provador, os braços cruzados, encostada no batente.

Adrian trocou olhares com a equipe. Apesar de não estar menos confuso do que ficou quando Pesadelo apareceu na plataforma de manequins, ele estava começando a se dar conta de que ficar parado olhando para ela não responderia suas perguntas... nem deixaria o mundo mais seguro.

— Meu plano estava indo tão bem, tenho que dizer — continuou Pesadelo, como se não tivesse havido interrupção. — Quero deixar claro que não lamento por Nova McLain estar na prisão. *Excelente*. Ninguém mais está procurando pela Pesadelo. *Perfeito*. Mas, não, seu precioso Conselho não podia deixar as coisas assim, né? Eles tinham que estragar tudo. — Ela deu um suspiro profundo. — Há boatos por aí, e me corrijam se eu estiver enganada, de que os Renegados vão executar Nova McLain. Vocês vão matá-la! — Ela encostou o dedo no queixo, como se refletindo. — Apesar de todas as provas contra ela serem meramente circunstanciais? Caramba, isso não parece uma coisa que os Renegados fariam, né? Mas foi o que ouvi. Primeiro eu pensei: melhor ainda. Com Nova McLain morta, ela não vai mais ficar se declarando inocente. E ela não salvou meu avô, então, o que vai, volta...

Avô.

Pelo menos uma peça encaixou na mente do Adrian.

A caminhante de espelhos. Ela era a caminhante de espelhos que eles tinham visto na Biblioteca Cloven Cross... neta de Gene Cronin!

Mas... como ela também podia ser Pesadelo?

— No entanto, eu sou uma vilã com princípios — prosseguiu Pesadelo, a voz ficando mais dura de novo —, por mais difícil que seja pra vocês acreditarem. E, por mais que eu despreze aquela candidata a super-heroína pelos seus fracassos, não posso deixar que esse bando de imbecis mate alguém só porque vocês acham que eu sou ela. Posso ser uma vilã, mas não sou um monstro. — Ela se afastou da porta e

abriu bem as mãos. — Então, aqui estou eu, revelando a vocês o grande segredo. Eu enganei os Renegados de novo. *Eu* sou a Pesadelo. Vocês pegaram a garota errada.

— E como vamos saber que você não é só uma impostora? — gritou Danna, mas virou borboletas de novo antes de dar à vilã a chance de responder.

Desta vez, Adrian também se moveu, usando as molas dos pés para saltar por cima de uma série de mesas cheias de bolsas e lenços.

Pesadelo voltou para o provador.

Danna e Adrian correram atrás dela, as borboletas a uma curta distância na frente. A porta se estreitava em um corredor curto. À esquerda, fileiras de portas fechadas de cabines. À direita, um tríptico de espelhos de corpo inteiro arrumado em uma plataforma acarpetada.

Pesadelo estava na plataforma, encostada no espelho central. As luzes estavam apagadas, e Adrian talvez não a tivesse visto no escuro se não fosse pelo brilho da máscara. Danna deve ter reparado nela ao mesmo tempo, pois o bando de borboletas foi na direção dela.

Pesadelo acenou.

As borboletas começaram a se juntar.

Adrian mergulhou para cima dela na hora em que o corpo estava entrando no espelho, a superfície ondulando como a de um lago preto. A mão de Danna agarrou o ar, o dedo quase pegando o capuz antes de Pesadelo entrar no espelho e o tecido escapar. O impulso de Adrian o fez passar direto por Danna. Ele esticou o braço no último momento e atingiu o espelho. O vidro rachou e uma teia de rachaduras se espalhou a partir do impacto, junto com a dor no braço. Ele pulou para trás, xingando e massageando o ombro.

Atrás do vidro, eles ainda a viam, uma garota agora quebrada em uma dezena de estilhaços. O capuz tinha caído da cabeça e soltado uma trança ruiva comprida.

Apesar de não conseguir ver a boca da garota, Adrian sabia que ela estava com um sorrisinho debochado. Pesadelo levou dois dedos à máscara e fingiu jogar um beijo antes de a imagem sumir, e eles ficarem olhando para os próprios reflexos.

Reflexos que estavam igualmente divididos entre furiosos e intrigados.

— O que está acontecendo? — perguntou Danna.

— Sei lá — admitiu Adrian, ainda examinando o local onde Pesadelo estava antes. Pesadelo, que era capaz de atravessar espelhos. Pesadelo, que tinha cabelo

ruivo e comprido. — Mas eu conheço aquela garota.

Danna levou um susto.

— O quê?

— Você não estava com a gente na Biblioteca Cloven Cross — disse ele. — Quando nós fomos ver se o Bibliotecário ainda estava vendendo armas no mercado clandestino.

— E?

— Aquela era a neta dele. Ela estava trabalhando na biblioteca naquele dia.

Ele saiu andando na direção da porta, apesar de a pele ainda estar arrepiada com a sensação de estar sendo observado. Ele se perguntou se Pesadelo ainda estava em algum lugar atrás do espelho, esperando para ver o que fariam agora.

Ele quase atingiu Ruby ao sair, e Oscar não estava muito atrás dela, apesar de estar indo mais devagar com a bengala depois da pressa para capturar os ladrões mais cedo, e Adrian via que ele já estava sem fôlego por causa da corridinha pela loja.

— Ela foi embora de novo — disse ele. — Ela está viajando pelos espelhos.

— Espelhos? — questionou Oscar. — Como aquela garota da biblioteca?

— Ela é a garota da biblioteca — disse ele. Adrian levou um momento para se lembrar do nome dela. — Narcissa Cronin.

— A neta do Bibliotecário? — gritou Ruby. — Mas ela era... ela é... Não tem como aquela garota ser a Pesadelo!

— Por quê? — perguntou Adrian.

A pergunta dele deixou todos paralisados. Olhando para si mesmo no escuro, Adrian viu as emoções batalhando nos rostos deles também.

— Mas ela era tão... — disse Ruby de novo, fazendo careta ao procurar a palavra certa.

— Não vilã? — sugeriu Oscar.

— Sim! A gente só esteve com ela um minuto, mas ela pareceu tão tímida e... e estava lendo um romance!

— Qual é o problema com romances? — perguntou Danna.

Ruby bufou.

— Nada! É só que...

— É só que vilões só leem manuais sobre morte e destruição? — perguntou Danna, erguendo uma sobrancelha.

Adrian cruzou os braços.

— Então você admite que pode ser ela?

Danna olhou para ele.

— Eu não estou admitindo nada! Só não acho que as preferências de leitura de uma pessoa a descartem como inimiga.

— Ela tem contatos vilanescos... — refletiu Oscar. — Inclusive conexão com os Anarquistas, se o avô dela vendeu armas para eles por anos. E acho que ela tem motivo pra odiar a Nova, se realmente acha que Nova poderia ter impedido a Detonadora naquele dia.

— Nada disso importa — disse Danna — porque ela *não é* Pesadelo. Ela está só imitando!

— Como você sabe? — perguntou Adrian.

Danna olhou para ele, frustrada de início, mas talvez com uma certa pena também. Adrian se irritou.

— Qual é o superpoder da Pesadelo?

Adrian amarrou a cara.

Foi Oscar quem respondeu.

— Fazer as pessoas dormirem.

Danna abriu os braços, como se isso fosse prova suficiente.

— Fazer as pessoas dormirem. *Não* andar por espelhos.

— É... — começou Ruby, batendo com o dedo distraidamente na ponta do heliotrópio. — Mas Adrian tem múltiplos superpoderes. Max também. Não é totalmente inédito.

— Pessoal. Eu segui a Nova — disse Danna. — Eu a *vi*.

— O que exatamente você viu? — perguntou Adrian. — Você nunca nos contou os detalhes.

Ela gemeu.

— Não tem tantos detalhes. Eu desconfiava dela e comecei a segui-la. Em um determinado momento, ela me levou até a catedral, e foi assim que eu soube que era pra levar vocês até lá, mas não me lembro direito, porque o lepidóptero que estava seguindo a Nova morreu.

Quando ela parou de falar, um silêncio se espalhou entre eles, e Adrian soube que não era o único com aquele pensamento. Ele via a dúvida surgindo até no rosto

da Danna. Incerteza. Talvez até uma pontada de horror.

— Não foi truque — insistiu ela. — Ela não poderia...

— Ter te enganado — disse Oscar. — Ter *nos* enganado.

— Seria possível — disse Adrian lentamente, porque ele não queria que Danna achasse que ele a estava acusando de nada — que, enquanto você estava seguindo a Nova, seu... lepidóptero... tivesse encontrado outra pista e seguido a verdadeira Pesadelo até a catedral?

— Mas... — Danna balançou a cabeça. — Não. Isso é absurdo. Ela é uma imitação. Uma impostora.

— Mas por quê? — perguntou Adrian. — Por que a Narcissa Cronin fingiria ser a Pesadelo? A gente nem tinha pensado nela antes disso, e agora parece que ela quer que a gente volte a caçá-la?

Danna olhou para ele de cara feia, mas não podia evitar. A cada tique-taque do relógio grande nos fundos da loja, sua percepção de Pesadelo e Nova e Narcissa Cronin ia mudando. Mesclando-se e se separando de novo.

— Não sei — disse Danna —, mas vocês acham mesmo que ela mudou de ideia e decidiu que ia se revelar só pra impedir a morte de uma Renegada? Uma Renegada que ela odeia?

Oscar deu de ombros.

— Eu não ia querer a morte de uma pessoa inocente nas minhas mãos, mesmo que eu a odiasse.

— Você não é vilão! — exclamou Danna.

Mas Adrian nem ouviu direito. As palavras de Oscar atingiram Adrian com mais força do que ele devia pretender. Ou uma palavra em particular. Uma palavra em torno da qual a mente de Adrian vinha dançando, se recusando a parar e contemplar tudo que significaria.

Nova era...

Não. Nova não era inocente. Não podia ser. Não depois de tudo. Ele balançou a cabeça, tentando se livrar do pensamento antes que ganhasse força. Havia provas demais contra ela, mas agora, de alguma forma, todas as provas que pareceram tão certas horas antes pareciam... qual foi a palavra que Pesadelo usou? *Circunstanciais*.

Que prova eles tinham de verdade?

Era possível que eles tivessem se enganado?

Inocente.

Se fosse verdade, se eles tivessem prendido a Pesadelo errada... Nova era inocente.

Por outro lado, também significava que eles não haviam conseguido capturar Pesadelo, a verdadeira Pesadelo.

Ela ainda estava por aí, provocando-os, provocando-o. O mistério não estava solucionado. Ela continuava solta, um perigo para a sociedade, para a organização e para todo mundo de quem ele gostava. Era uma notícia terrível. Era um erro vergonhoso. Era outra mancha negra no registro dos Renegados.

Mas seu peito se expandia a cada momento que passava.

— Como podemos ter certeza? — sussurrou ele, interrompendo uma discussão entre Danna e Oscar que ele não estava ouvindo. — Como podemos provar que a Nova não é a Pesadelo, que a verdadeira Pesadelo ainda está à solta?

Danna massageou a testa.

— Não vamos nos empolgar. Eu sei que você quer que isso seja real, que todos vocês querem, mas...

— Ah, esqueci de mencionar uma coisinha.

Todos deram um pulo ao ouvir o som da voz da Pesadelo vinda lá de cima.

— Caramba — murmurou Oscar, uma mania que ele devia ter aprendido com Nova, o que fez o coração do Adrian doer de novo. Ele apontou a bengala e gritou: — Eu bem que queria que você parasse de fazer isso!

Sentada na amurada do segundo andar, não muito longe da escada rolante, Pesadelo o ignorou.

— Podem executar o Ace Anarquia, se acham que matar um velho fraco e indefeso vai aumentar sua popularidade. Vocês, Renegados, façam o que acharem melhor. — Ela pegou uma coisa atrás de si e mostrou para eles. A reação foi um ofegar coletivo de surpresa vindo de Adrian e da equipe.

O elmo do Ace Anarquia.

— Ah, vocês sabem o que é isso? — disse ela. — Então devem saber que nós não precisamos mais do Ace. Já temos tudo de que precisamos pra destruir vocês.

Com isso, ela puxou as pernas para o outro lado da amurada e saiu andando. Não demorou para o ruído das botas sumir, quando ela entrou em outro espelho.

O som foi quase imediatamente seguido por sirenes tocando lá fora. Adrian ficou confuso por um segundo até se lembrar dos ladrões, do roubo de joias, da equipe que estava vindo para levar os criminosos para a prisão.

Ele não ligava para nada daquilo.

Esperança e clareza cresceram dentro dele.

Nova era inocente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



NOCENTE.

Ela era inocente.

De acordo com os Renegados, Nova Jean McLain era inocente.

As emoções de Nova flutuavam em intervalos de segundos, de euforia a descrença a uma certeza absoluta de que era uma armadilha. Ninguém lhe contara o que tinha sido descoberto. Que novas evidências tinham sido encontradas para provar sua repentina inocência. Ela revirou o cérebro pensando que provas falsas os Anarquistas poderiam ter plantado para levar os Renegados àquela conclusão, mas não conseguiu pensar em nada que fizesse sentido. Não depois de terem tanta certeza da culpa dela. Não com a verdade, pairando sobre a sua cabeça, de que ela era de fato culpada.

Mas ali estava ela, recebendo uma caixa com as roupas e botas e ouvindo que estava livre para ir embora. A mesma guarda que tinha inserido o rastreador entre as omoplatas dela usou um dispositivo ainda mais dolorido para retirá-lo. Nova trincou os dentes e não reclamou.

Recebeu um bolo de gaze e uma balinha.

Seria um truque?

Daquela vez, ela pôde se trocar sozinha. Soltando o ar pelas narinas, ela vestiu as roupas, depois bateu na porta para avisar que estava pronta.

Mais dois guardas estavam a postos na saída, mas a ignoraram quando ela passou. Ela ouviu os trincos e mecanismos rugirem dentro das muralhas enormes. Viu o

portão se abrir, e dois guardas de Cragmoor a levaram pelo vento revolto e gelado que vinha do mar. Eles estavam armados, mas era a primeira vez que Nova saía da cela sem as mãos algemadas. Os guardas não disseram muita coisa. Um deles, uma mulher com olhos totalmente negros como tinta, sem sinal de branco, quase sorriu.

— Nós vamos acompanhá-la até a doca — disse ela.

Ela pareceu quase estar se desculpando, embora não o suficiente.

Será que aquilo era um truque?

As mãos de Nova ficavam tremendo de vontade de tocar nos guardas e fazê-los dormir antes que eles pudessem levá-la para a armadilha que a esperava, mas ela se segurou.

Afinal, e se fosse real? E se o nome dela estivesse mesmo limpo?

E, se sim... *como?*

Nova ficou com a pele toda arrepiada, em parte por causa do vento que soprou sua franja, mas também pela expectativa de uma emboscada. Talvez sua execução fosse acontecer mais cedo. Talvez os Renegados não quisessem que acontecesse de forma pública. Ela quase esperava uma bala nas costas a qualquer momento, mas, quando olhou para as torres da guarda dos dois lados do portão, viu os fuzis apontados para o céu. Um deles fez uma saudação sem expressão. O outro estava atento às ondas agitadas do mar e à névoa que escondia os contornos distantes da cidade.

A ilhota parecia fazer parte de outro universo, e a sensação provocou um arrepio por dentro de Nova.

O pequeno veículo a levou, junto com seus acompanhantes, até a doca, onde um barco blindado balançava na água turbulenta. Nele, o mesmo capitão e o mesmo grupo de guardas que tinham levado Nova para a ilha agora esperavam para levá-la de volta.

E aí, ela o viu.

Ele estava esperando na doca, um casaco pesado de lã, um gorro de tricô, calça jeans.

Adrian Everhart, bonito demais para ser verdade naquele lugar úmido e temeroso.

Na mão esquerda, ele segurava um buquê de flores, as margaridas amarelas mais intensas que Nova já tinha visto na vida. Na direita, havia um cinto de ferramentas

parecido com o que Nova usava com o uniforme dos Renegados.

Nova só se deu conta de que tinha parado de andar quando a guarda de olhos pretos pigarreou educadamente. Nova começou a descer os degraus irregulares, passou pelas rochas escuras que brilhavam com umidade da neblina, a superfície coberta de craca e algas.

Ela parou na frente de Adrian, o cabelo ficando úmido dos borrifos de água e a língua tomada pelo gosto de sal.

— Flores ou armas? — perguntou Adrian, oferecendo os presentes para ela. — Eu não sabia qual serviria melhor como pedido de desculpas.

Nova voltou a atenção para as margaridas e depois para o cinto antes de olhar novamente para Adrian. Embora o tom dele fosse alegre, ela via a ansiedade por baixo.

— Estou supondo que suas invenções foram destruídas na explosão — continuou ele. — Achei que um novo cinto de ferramentas poderia ser um... novo começo?

Ele abaixou as mãos quando Nova não pegou as coisas.

— Me desculpe — falou por fim, com o peso de mil desculpas. — Eu deveria ter acreditado em você. Deveria ter confiado em você. Eu falhei quando você precisava que eu fosse seu defensor, e sei que isso me torna oficialmente o pior namorado na história do mundo, e por mais que eu queira compensar, vou entender se você não quiser saber de mim. Mas se... se você puder me perdoar, vou fazer tudo que puder pra compensar. Sei que não posso mudar o que você passou, mas... ainda gosto de você, Nova. Nunca parei de gostar e percebo como fui babaca. Fico morrendo de vergonha quando penso nas coisas que te falei, na forma como te tratei lá dentro... quando penso que não te defendi nenhuma vez, nem quando você ficou insistindo que não era a Pesadelo. Eu devia... — Ele fez uma careta e balançou a cabeça. — Eu devia ter acreditado em você. Me desculpe.

Adrian hesitou, os olhos brilhando com palavras ainda não ditas. Foi recebido por silêncio. Sopros de vento. Borrifos do mar.

Finalmente, sussurrou:

— Diz alguma coisa, por favor.

Nova engoliu em seco.

— Cadê minha pulseira?

Adrian se encolheu, como se aquela fosse a única pergunta que ele esperava que ela não fizesse.

— Foi entregue à Pega — disse ele, e Nova teve a distinta impressão de que ele estava fugindo da responsabilidade. — Tenho certeza de que ela deixou no quartel-general.

Nova ergueu uma das sobrancelhas. Ela também tinha certeza de que aquela ladrazinha tinha ficado com a pulseira.

Não importava. Ela podia resolver aquilo depois.

— Você desenhou as flores? — perguntou ela.

Adrian balançou a cabeça.

— Compradas com dinheiro de verdade, em uma floricultura de verdade.

— Hum. — Nova esticou a mão, pegou o cinto dele e o prendeu na cintura. — Bom, esse é o melhor pedido de desculpas. Mas... — Ela pegou as flores. — Aceito esse também.

Ele sorriu, mas foi um sorriso passageiro.

— Você vai ver que tem outro presente aí — disse ele, indicando uma bolsinha do cinto. — Do Conselho, na verdade.

Com uma pontada de desconfiança, Nova abriu a bolsinha e pegou...

Uma máscara de metal.

Não era a máscara *dela*, mas era tão parecida que suas mãos começaram a suar e sua mente voltou à repetição: *É uma armadilha!*

Ela se perguntou o quanto Adrian devia odiá-la para ter aceitado fazer parte de uma emboscada tão cruel. Mas a expressão dele permaneceu sincera e calorosa.

Nova voltou o foco para a máscara e a virou algumas vezes. Era maior do que a máscara da Pesadelo, com aberturas paralelas na frente e pequenos filtros que ficariam nas bochechas.

— É uma máscara de gás — disse Adrian. — O design é meio rudimentar, mas não quiseram atrasar a fabricação. Todas as unidades de patrulha estão sendo equipadas com elas daqui para a frente. Sabe como é, depois que a Pesadelo botou as mãos no Agente N e fez aquelas bombas de gás.

— Ah — disse Nova. — Certo. — Seus dedos estavam tremendo quando ela guardou a máscara de volta na bolsinha. — Obrigada?

Ela contornou Adrian e foi na direção do barco.

Ninguém deu um pulo para impedi-la. Não havia armas apontadas para ela. O capitão até tirou o quepe para lhe dar boas-vindas a bordo.

Assim que Nova tirou os pés das docas, ondas de euforia pulsaram embaixo da sua pele. A maior parte dos pedidos de desculpas de Adrian se perdeu no tumulto dos seus pensamentos confusos, mas houve partes que ficaram marcadas com clareza.

Adrian não tinha deixado de gostar dela... nem quando achava que ela era Pesadelo? Ela queria insistir nessa declaração, mas resistiu, sabendo que não merecia o remorso dele.

Além disso... *namorado*? Isso também ecoou na sua memória enquanto Nova se sentava no primeiro banco estreito, onde parou ao lado da janela do barco e ficou agradecida por nenhum guarda ter se adiantado para prender o tornozelo dela nos anéis de metal no piso molhado. Ela colocou as flores no colo e o embrulho de papel fez barulho em seus joelhos.

Adrian se sentou ao lado dela, mas deixou um espacinho entre os dois.

Um guarda soltou o barco da doca e o outro bateu no teto para indicar que podiam zarpar. O motor roncou e em segundos eles estavam se afastando das pedras, da ilha e da prisão cinzenta e fria que ocupava de forma sinistra o alto do penhasco, as muralhas enormes e torres da guarda se perdendo na névoa penetrante.

Nova tremeu quando viu a prisão desaparecer, dividida entre a alegria pelo pedido de desculpas do Adrian, o alívio por estar livre daquele lugar, mas também o fato de que Ace ainda estava lá.

— Aqui — disse Adrian, desabotoando o casaco. Nova observou em silêncio quando ele tirou os braços das mangas e o colocou nos ombros dela. Um calor a envolveu, misturando-se com o odor de especiarias da loção pós-barba que ela nem sabia que já reconhecia. Só serviu para fazer o momento parecer ainda mais irreal.

— Como você está se sentindo? — perguntou Adrian. — Eles não... Você não foi ferida lá, foi?

— Não — respondeu ela, voltando o foco para a ilha, embora logo a prisão já tivesse se tornado um contorno fantasmagórico e mais nada. — Mas ninguém me falou nada. O que houve? Por que fui liberada?

Adrian fez uma careta.

— Fomos informados de que todas as provas que achamos que tínhamos contra você eram... circunstanciais.

Nova ousou encará-lo, ignorando como seu coração pulou ao ver que Adrian estava novamente olhando para ela com afeição. A afeição que ela tivera certeza de que jamais voltaria a ver. Ela não tinha se dado conta do quanto ansiava por um olhar suave do Adrian ou por um dos sorrisos típicos dele. Não tinha se dado conta do quanto tinha passado a desejar a presença firme, a bondade inabalável. Ela enfiou os dedos no tecido do casaco e o apertou sobre os ombros.

— Não atrapalhou — continuou ele com uma certa ironia — o fato de que foi a própria Pesadelo que nos informou isso.

Nova levou um susto e achou que devia estar mergulhada demais nas próprias emoções para ter ouvido direito.

— Como é?

Adrian começou a contar uma história que a deixou mais perplexa do que já estava. Pesadelo apareceu em uma loja de departamentos e ficou fazendo provocações sobre ter incriminado Insônia? Pesadelo era... Ela era a *caminhante de espelhos*?

O queixo de Nova caiu.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu sei, também tive dificuldade para aceitar no começo. Mas, quanto mais eu penso, mais faz sentido. Claro que ela ia querer te incriminar depois do que aconteceu entre a Detonadora e o Bibliotecário. E por que ela escolheria a casa maluca do parque de diversões como local de esconderijo? Tinha aquela sala de espelhos, lembra? E foi assim que ela entrou na minha casa pra roubar o Amuleto da Vitalidade sem ser vista pelo sistema de segurança, como pegou todas as coisas no departamento de artefatos. Todos os banheiros têm espelhos, e todo prédio tem banheiros. É assim que ela se desloca com tanta facilidade. Além do mais, tinha acesso a todas aquelas armas do mercado clandestino e ligação com os Anarquistas, por meio dos negócios do avô. Tudo se encaixa.

Nova olhou para ele boquiaberta, sentindo-se insultada.

Eles achavam que *Narcissa Cronin* era Pesadelo? Ela já tinha visto a garota lutar e não era muito impressionante.

— Além do mais — acrescentou Adrian —, ela estava com o elmo.

— Com o elmo? — repetiu Nova, a mente ainda girando. — Você quer dizer... o elmo?

Adrian assentiu.

— Foi isso que convenceu todo mundo quando contamos para o Conselho. Eles ordenaram que você fosse libertada imediatamente. Todos estão de volta ao quartel-general, lutando para protegê-lo da Pesadelo agora que sabemos de tudo isso. Tirando todos os espelhos. Preciso ir fazer isso em casa também, mas precisava vir aqui ver você primeiro. Eu te devia isso.

Ele baixou a cabeça com tristeza, e Nova viu outra série de pedidos de desculpas sendo preparada. Antes que ele pudesse começar, ela perguntou:

— E Danna?

Ele se encostou no banco, as mãos entrelaçadas no colo.

— Ela se recuperou totalmente. Está ótima.

— Quer dizer... O que ela disse quando... ficou sabendo que ela estava errada? Que eu não sou a Pesadelo?

Adrian de repente evitou o olhar dela e se voltou para a água, na direção para onde eles estavam indo. Havia uma parede que os separava do capitão no leme, e o único guarda do barco tinha ficado do lado de fora, no convés, então eles estavam sozinhos naquele lugar apertado com bancos gelados de metal e janelas cobertas de bolor.

— Ela... admitiu que pode ter se enganado — respondeu Adrian por fim, fazendo com que fosse fácil Nova deduzir o que ele não estava dizendo.

Danna não estava convencida. Ela ainda seria uma ameaça, mas Nova esperava que fosse uma ameaça pelo menos temporariamente anulada.

Nova tinha outras coisas com que se preocupar. Tipo o que ia fazer para salvar Ace, com a execução chegando.

E por que, pelo amor de todos os esquemas diabólicos, Narcissa Cronin estava fingindo ser ela?

— Adrian — disse ela quando o contorno de Gatlon começou a aparecer na neblina densa —, ainda vão executar o Ace Anarquia?

Adrian se virou para ela, mas desta vez era Nova que estava evitando seus olhos, para que ele não visse seu horror.

— Sim — disse ele. — Na revelação do Agente N, depois que neutralizarem o resto dos detentos de Cragmoor. O Conselho está convencido de que é a melhor forma de mostrar ao mundo que... bem, que os Renegados não vão tolerar crime e anarquia.

Ela contraiu o maxilar. Perguntou-se, não pela primeira vez, se Adrian tinha ideia de como o que o Conselho considerava crime e anarquia era parecido com o que ela considerava liberdade e independência.

Mas não importava. Ela tivera muito tempo para pensar enquanto estava na cela em Cragmoor e estava voltando para a Cidade de Gatlon com novos planos. Até alguns ideais novos.

Tinha começado a sonhar com um futuro para ela e para os outros que era diferente de qualquer coisa que tivesse ousado imaginar antes. E embora na época ela tivesse acreditado que não teria futuro nenhum, agora não conseguia deixar de imaginar o que poderia ser possível.

Mas em primeiro lugar, acima de tudo, ela precisava encontrar uma forma de impedir a morte de Ace. Precisava salvá-lo, como ele tinha feito com ela tantos anos antes.

O som de uma buzina marítima se espalhou sobre as ondas agitadas. Era cedo, e as luzes da cidade ainda cintilavam no ar úmido. Luzes alaranjadas brilhavam no contorno do píer onde o barco logo atracaria. Nova apertou os olhos e conseguiu ver uma série de sombras esperando lá, mas não conseguiu identificar quem podiam ser. Ela teve uma breve fantasia de que seria sua família, a coisa mais próxima de família que ela já tinha tido. Mel. Leroy. Fobia.

Bom, Fobia nem tanto.

Ou até Ruby e Oscar. Até mesmo Danna, de quem Nova percebeu que gostava apesar das desconfianças óbvias. Ou Max, pensou ela. Nova ficou sobressaltada quando sua mente inseriu até Simon Westwood e Hugh Everhart na imagem. Uma família, aguardando para lhe dar as boas-vindas. *Qualquer* família.

Ela suspirou, sabendo que todas aquelas fantasias tinham defeitos. Sabendo que aquele futuro não aconteceria nunca.

Uma palma da mão quente e forte deslizou sobre a dela e fez o embrulho das flores estalar no silêncio. Nova virou a mão e entrelaçou os dedos nos dele.

— Nova...

— Eu te perdoo — sussurrou, sorrindo para ele. — Obrigada por não desistir de mim.

As rugas de preocupação no rosto de Adrian sumiram lentamente, se suavizando com o alívio. Ela apertou a mão dele, e ele apertou a dela, e foi nessa hora que Nova percebeu o caroço na base do pulso dele. Nova virou a mão de Adrian e empurrou a manga para cima, revelando um quadrado grosso de curativo no antebraço.

— O que houve?

— Não é nada — disse ele.

Um pouco rápido demais.

Nova franziu a testa para ele.

Adrian fez uma careta.

— Quer dizer, é uma coisa. Eu... estou experimentando uma coisa nova. Aqui.

— Ele puxou um lado do curativo. Onde ela esperava ver uma ferida havia... uma tatuagem.

Era bem recente, ao que parecia. Havia uma casquinha por cima das linhas pretas de tinta, e a pele em volta estava inchada e vermelha.

Nova segurou o braço dele e o girou na direção da luz cinzenta que entrava pela janela. A tatuagem exibia uma torre, como um torreão de castelo, em cima de uma colina. A parte de cima de um coração podia ser vista parcialmente por cima da amurada, enquanto o gramado na base da torre estava cheio de flechas caídas.

— Certo... — disse Nova, sem saber como interpretar. — O que significa?

— Proteção. — Adrian pareceu estar encabulado quando botou o curativo no lugar. — Eu... — Ele limpou a garganta. — Eu tive uma ideia recentemente de que talvez meu poder possa se transferir pra tatuagens. Se não importa se o desenho é com a minha caneta ou giz de cera ou tinta... por que não tinta de tatuagem?

— Você fez isso sozinho?

— Fiz. E sei que pode parecer meio doido, mas... achei que deveria tentar e ver o que acontece.

— Tentar o que exatamente?

— Ver se consigo fazer uma tatuagem em mim mesmo que seja... mais do que só uma tatuagem. — Ele encostou o polegar de leve no curativo antes de puxar a manga para baixo. — Achei que essa poderia ser útil em uma luta. Uma coisa que eu poderia usar para proteção se precisasse.

Nova ficou olhando, sem ter certeza se tinha entendido.

— Então... você tatuou uma torre no braço numa tentativa de... fazer o que mesmo?

— Bem, *se* der certo — disse Adrian, abrindo um sorriso atrevido —, vai ser tipo me dar outro superpoder. Em teoria, vou poder usá-la pra criar uma barreira em torno de mim e de quem estiver por perto para desviar ataques de outros prodígios.

Ela se encostou na janela.

— É... uma teoria interessante.

Ele limpou a garganta, desconfortável, e Nova teve a impressão clara de que havia alguma coisa que ele não estava contando.

— Acho que vamos ver no que vai dar. Deve estar cicatrizada em uns dois dias, aí vou poder testar.

— Você não parece tão preocupado por talvez ter tatuado um castelo medieval em si mesmo sem motivo nenhum.

Ele riu e pareceu que queria dizer alguma coisa, mas Nova sentiu sua incerteza. Finalmente, Adrian respondeu:

— Bem, ter tatuagens faz um cara parecer durão, não é?

Ela riu.

— Claro.

O rugido dos motores parou de repente. Nova levou um susto ao ver que já estavam nas docas. A neblina tinha se dissipado quase toda e revelado os prédios junto ao píer e os arranha-céus atrás. O sol tinha aparecido no horizonte e seus raios cortavam o que restava da névoa.

Ela pegou o buquê de flores e seguiu Adrian para fora do barco. Percebeu com uma certa decepção que nenhuma das figuras que tinha visto na doca era das ditas famílias que tinha imaginado. Eram todos estranhos: um administrador dos Renegados que pediu que ela assinasse um formulário declarando que tinha voltado ao continente em segurança depois da libertação, um funcionário que foi amarrar o barco e a imprensa.

Havia algumas dezenas de jornalistas e fotógrafos reunidos, já tirando fotos de Nova e gritando perguntas que logo se misturaram sem fazer sentido.

Adrian colocou a mão na lombar dela e a guiou de forma que atravessassem o grupo.

— Você não precisa falar com eles — murmurou no ouvido dela, e Nova se perguntou quantos jornais e tabloides divulgariam aquela foto nos dias seguintes. Adrian Everhart cochichando no ouvido da garota que tinha sido suspeita de ser Pesadelo... sem mencionar as margaridas amarelas. Ela corou e se esforçou para ignorar os gritos que ficaram para trás: *Nova! Srta. McLain! Insônia!*

— Deixamos um carro aqui — disse Adrian, apontando para um estacionamento pequeno conforme atravessavam as fileiras de barcos cujos cascos se batiam secamente na água.

Mas, enquanto Adrian estava guiando Nova para o estacionamento, uma figura desconhecida saiu de trás de um táxi que esperava do outro lado da rua.

— Nova! — gritou ele, correndo na direção dela. — Ah, graças aos céus!

Nova parou e franziu a testa, não tanto pelo homem, mas pela forma como ele disse o nome dela. Como se a conhecesse.

Ela observou o rosto dele. Ele devia ter uns cinquenta e tantos anos, cabelo grisalho e barba desgrenhada. Estava usando uma calça jeans, mocassins e um suéter puído e desbotado que quase certamente não era quente o suficiente para o tempo.

Nova tinha certeza de que nunca tinha visto aquele homem na vida.

Ela ficou tensa, uma das mãos indo na direção da arma de choque no cinto até se lembrar de que tinha jogado todas as armas na bolsa que ficou no porta-malas do carro do Leroy.

Assim que chegou a ela, o homem segurou a mão de Nova com carinho. A pele dele era coriácea e parecia bem mais velha do que as feições sugeriam.

— Estou tão aliviado — disse ele. — Achei que nunca mais ia te ver!

Para a surpresa dela, havia lágrimas nos olhos cinza-azulados.

Talvez percebendo a perplexidade de Nova, Adrian segurou o cotovelo dela e a puxou gentilmente para perto.

— Desculpe, mas você é...? — perguntou Adrian.

— Tio dela — disse o homem, sorrindo e esticando a mão para apertar a de Adrian. — Você deve ser Adrian.

Nova enrijeceu. Seu *tio*?

Adrian aceitou o aperto com hesitação, mas o homem balançou a mão dele com entusiasmo.

— Ela me contou tanta coisa. Não para de falar de você. É tão bom finalmente te conhecer. E em uma ocasião tão feliz! — O sorriso dele se alargou e, antes que Nova pudesse entender inteiramente o que estava acontecendo, o homem passou os braços em volta dela.

O poder de Nova correu para a superfície da pele, formigou com a tentação de anular aquela ameaça, de apagá-lo antes que ele pudesse lhe fazer mal. Mas ele não estava fazendo mal nenhum, se essa era a intenção. Na verdade, ele a estava abraçando como...

Bem. Como alguém da família.

— Tio? — experimentou ela.

Ele se afastou, mas manteve as mãos nos ombros de Nova.

— Eu tentei te visitar depois que te levaram, mas nossos documentos foram destruídos na explosão e eu não tinha como provar quem era. Não acreditaram em mim. E como eles estavam achando que você era aquela... aquela *vilã*... — Ele cuspiu as palavras, e suas narinas se dilataram de repulsa. — Botaram tanta segurança em cima de você que não tinha como me deixarem chegar perto. Sinto muito. Eu estava morrendo só de pensar em você lá, sozinha. Não queria que você achasse que eu tinha te abandonado, mas não consegui...

— Tudo bem — gaguejou ela. — Eu estou bem. Eu... — Ela olhou para Adrian. — Estou livre agora.

— Eu sei. Não consegui acreditar quando ouvi, mas, ao mesmo tempo, sabia que isso seria resolvido. Sabia que eles não iam acreditar naquelas mentiras sobre você pra sempre, não depois de tudo que fez por eles. — Ele soltou os ombros dela e voltou a olhar para Adrian. — Eu fiquei tão orgulhoso dela quando passou pelos testes e foi escolhida. Ser Renegada é um sonho desde que ela é pequena.

Adrian sorriu, a cautela da expressão sumindo aos poucos.

— Nós temos sorte da Nova estar na equipe. Não tenho como expressar o quanto lamentamos esse engano. Nova merecia mais consideração da nossa parte.

— Agora é passado. — O homem esticou a mão e deu um tapinha na cabeça de Nova, e ela não conseguiu resistir a rosnar e se desviar. — Vem. Vamos pra casa, pra você poder descansar. Bom... não pra *casa*, obviamente. É uma forma de falar. Mas

aluguei um apartamentinho legal que vai servir até a gente resolver tudo. Não é ruim. A gente vai se virar, como sempre fez.

— Os Renegados podem providenciar moradia temporária — sugeriu Adrian. — É o mínimo que podemos fazer, considerando...

— Não, não — disse o homem. — É muita generosidade, mas tem gente nesta cidade que precisa mais de caridade do que nós. Muito obrigado, mas a minha pequena Nova e eu vamos ficar bem.

Ele começou a guiar Nova para o táxi, mas Adrian chamou o nome dela, o que a fez parar e se virar.

Ele pareceu tímido de repente, a respiração se condensando no ar entre os dois. Pareceu lutar com palavras que não sabia bem como dizer enquanto Nova esperava, o coração disparado. O mundo ficou mais indefinido; a cidade, os jornalistas, seu falso tio, tudo foi sumindo, exceto Adrian e aquele seu olhar nervoso fixo nela.

— Sempre foi real pra mim também — ele acabou dizendo, a voz pouco mais do que um sussurro. — Espero que você saiba disso.

Nova estremeceu. Antes que ela pudesse se convencer de que não deveria, deu o buquê de flores para o estranho e diminuiu a distância entre ela e Adrian. Passou os braços em torno do pescoço dele e o puxou para perto. Flashes piscaram e jornalistas correram para eles com avidez, fazendo perguntas, mas Nova nem reparou, com a sensação de completude que tomava seu corpo, das bochechas coradas aos dedinhos dos pés encolhidos de felicidade. Ela só se importava em transmitir naquele momento, naquele beijo, o que talvez não tivesse outra oportunidade de dizer.

Aquilo era real. Apesar de tudo, seus sentimentos por Adrian Everhart eram reais, e ela ia guardar aquele momento no coração pelo resto da vida. Não importava o que o futuro trouxesse; ela apreciaria aquele beijo e as palavras dele para sempre.

Adrian estava com um sorriso largo quando ela se afastou. Nova se permitiu o luxo de aninhar o rosto dele nas mãos geladas e memorizar aquele sorriso, aqueles olhos, aquelas covinhas elusivas e preciosas.

Em seguida, saiu dos braços dele e tirou o casaco dele dos ombros. Mesmo sem o casaco, o calor do beijo permaneceu nela, aquecendo-a de dentro para fora.

— Obrigada — disse ela, devolvendo o casaco e torcendo para que ele soubesse que ela estava falando de mais do que só o casaco. — A gente se vê no quartel-

general, acho.

Adrian assentiu, ainda sorrindo.

— Te vejo lá.

Sem encarar seu tio de mentira, Nova pegou as flores e foi para o táxi do outro lado da rua.

Ela afundou no banco de trás e esperou que a porta se fechasse antes de se virar para o estranho.

— Quem é você?

O homem abriu um sorrisinho e começou a tirar fios soltos do suéter.

— Um ótimo ator, modéstia à parte. Se bem que talvez não tão bom quanto você. — Ele lançou para ela um olhar sugestivo.

Mas Nova não se importou com as bochechas coradas e com a pulsação errática, nem se aquele homem achava que o beijo tinha sido fingido.

— Você pode me responder?

— Se você não gosta de “tio”, pode me chamar de Peter. Peter McLain.

Ela trincou os dentes, mas o homem continuou.

— E acredito que agora eu tenha confirmado o resto da sua história. O tio estranhamente sumido... *encontrado*. Isso deve silenciar o resto das dúvidas, ao menos por um tempo. De nada.

Nova ficou olhando para o estranho, simultaneamente irritada e um pouco impressionada. Ele estava certo. Em algum momento, Adrian e os Renegados teriam feito perguntas sobre o tal tio que nunca tinha ido atrás dela depois da prisão. O tio que ninguém nunca tinha visto.

— Tudo bem — disse ela. — Mas *quem é você?*

— Ele é um aliado.

Ela levou um susto e olhou para a frente quando o motorista empurrou para o lado a divisória de acrílico que os separava. Ela viu os olhos dele no retrovisor, a pele em volta manchada e com cicatrizes, as sobrancelhas queimadas havia muito tempo. Seu coração pulou.

— Leroy!

Ele sorriu para ela.

— Bem-vinda de volta, pequena Pesadelo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



O SUPOSTO TIO DE NOVA não estava morando em um velho apartamento alugado; no fim das contas, o resto dos Anarquistas também não.

Leroy os levou para o bairro de Barlow e parou na esquina da rua East 16th com a avenida Skrein. Nova foi para a calçada e se viu inspecionando vitrines gradeadas que exibiam uma variedade de bens: duas guitarras, uma furadeira, um toca-discos vintage. Uma placa desbotada no alto da construção dizia em letras enormes: CASA DE PENHORES DO DAVE.

Nova observou a rua e reparou em uma boate fechada, uma loja de conveniência e algumas lojas vazias com placas de ALUGA-SE penduradas nas vitrines. A julgar pelo quanto os anúncios estavam amarelados nas bordas, eles estavam pendurados desde a Era da Anarquia.

Seu “tio” fez um chaveiro tilintar ao abrir a porta da loja de penhores, também equipada com barras de metal impressionantes.

— Você é o Dave? — perguntou Nova quando ele e Leroy a levaram para dentro.

— Não, Dave só deixou a gente usar o porão — respondeu o homem, entrando pela loja. — Por um preço, claro. Tudo pra ganhar dinheiro, né?

As luzes do teto estavam apagadas, mas uma série de vitrines de vidro dentro da loja tinham luzes embutidas que lançavam um brilho suave nas mercadorias. Relógios e joias em caixas, pôsteres de filmes antigos emoldurados nas paredes, prateleiras nos fundos cheias de computadores, aspiradores e rádios. Não havia muitos

eletrodomésticos e eletroeletrônicos que Dave *não* tivesse em estoque, coisas que iam desde eletrônicos práticos a produtos luxuosos caros.

Lojas de penhores eram importantes durante a Era da Anarquia, quando boa parte do sistema financeiro desmoronou e a economia mundial tinha sido amplamente substituída por um sistema de trocas e permutas. Esses negócios continuaram indo bem mesmo depois que os Renegados tinham assumido o controle, afinal a economia seguia com dificuldade para deslanchar de novo e a segurança de emprego continuava inexistente. As pessoas ainda precisavam de comida, e às vezes o jeito mais rápido e fácil de conseguir dinheiro era penhorando a coleção antiga de alfinetes de chapéu da vovó por uma fração do preço pré-Anarquia.

Eles passaram pela loja e foram até uma sala dos fundos, onde prateleiras de metal estavam lotadas de mais eletrônicos e uma variedade de peças. Tinha cheiro de graxa e mofo e roupas comidas por traças, tudo fazendo Nova se lembrar dos túneis do metrô.

Leroy e o homem pegaram uma bancada de consertos pequena e juntos a empurraram para o lado.

Havia uma porta escondida no piso velho de linóleo, iluminada por uma luz amarelada que vinha de baixo.

Sorrindo de uma forma que exibia os dentes que faltavam, Leroy indicou que era para Nova ir primeiro.

Ela apertou o buquê de margaridas que Adrian dera a ela e, sem saber bem o que fazer, colocou-o debaixo do braço ao se virar para descer os degraus da escada vertical. O papel estalou alto quando ela entrou no porão. Sua bota mal tinha tocado o concreto quando braços a envolveram e puxaram da escada.

— Pesadelo, minha querida! — disse Mel, apertando-a por trás. — Nós sentimos tanto a sua falta!

Ela virou Nova para poder aninhar o rosto dela com as mãos de unhas pintadas. Havia filetes de delineador preto, escorrido e seco nas bochechas, e ela parecia estar mais coberta das amigas abelhas do que o habitual; nove ou dez estavam presas no cabelo louro, e Nova viu pelo menos mais dez andando pelo pescoço e pelos ombros.

— Se eu acreditasse em milagres, diria que conseguimos um. Você está livre! — continuou Mel.

— Estou livre — concordou Nova enquanto Leroy descia a escada ao lado delas.

— E, ah, flores! Leroy se lembrou de levar pra você? Que atencioso.

Nova olhou para Leroy. Agora que estava de volta em território vilão, a última coisa que queria era confessar que, na verdade, as flores eram de Adrian Everhart.

Leroy piscou para ela e não disse nada.

— Vou encontrar algum lugar onde colocá-las — disse Mel, pegando da mão dela o buquê, que foi imediatamente infestado por um bando de abelhas entusiasmadas.

O porão da casa de penhores não era bem um porão, mas sim um abrigo antibombas, com paredes grossas de concreto e dois corredores que levavam a outras direções. Nova supôs que o abrigo devia ocupar quase todo o quarteirão. Naquela área central havia cadeiras dobráveis bambas, tapetes surrados sobrepostos no chão e engradados de comida e suprimentos encostados na parede.

Mas o que foi mais surpreendente para ela do que descobrir que seus aliados tinham ido morar no abrigo antibombas embaixo da Casa de Penhores do Dave foi saber que eles não estavam sozinhos.

Nova foi recebida por pelo menos trinta rostos, quase todos estranhos, que ficaram olhando para ela, basicamente sem expressão. Nova reconheceu sinais de habilidades inerentes. Uma garota, alguns anos mais velha do que ela, com cabelo castanho-avermelhado denso que flutuava como algas no ar. Um homem com fungos e cogumelos cobrindo o braço direito. Um garoto de uns treze ou catorze anos com olhos gigantescos, com pupilas em formato de estrelas de seis pontas.

Havia indicadores mais sutis. Uma tatuagem de duas flechas cruzadas em um pergaminho, símbolo do Cartel Vândalo, que tinha sido a gangue do Bibliotecário anos antes. Dois garotos novos usando vestes douradas, remissentes dos Harbingers. Nova sabia que algumas gangues vilãs que não haviam sido dizimadas no Dia do Triunfo tinham fugido e continuavam existindo, lutando para sobreviver. Aquelas pessoas estavam escondidas, roubando quando precisavam, lutando pelas necessidades, existindo nas sombras, muitas passando a vida escondendo o fato de que eram prodígios, para não chamar atenção dos Renegados que as rotulariam como vilãs.

Mas ela nunca tinha ouvido falar de uma reunião delas em um grupo unificado. Aquilo estava acontecendo sem o conhecimento dos Anarquistas aquele tempo todo?

Ela viu Fobia no canto dos fundos, a foice cintilando acima das cabeças das pessoas. Nova engoliu em seco. As palavras de Adrian, carregadas de raiva, voltaram a ela.

Quem não tem medo não pode ser corajoso... Essas palavras foram encontradas em um pedaço de papel deixado no corpo da minha mãe.

Quantas vezes Nova tinha ouvido Fobia dizer aquilo? Era uma frase que ouvira em muitos momentos durante a vida e que lhe parecia ao mesmo tempo verdadeira e encorajadora. Não havia problema em ter medo às vezes, pois só então seria possível escolher ter coragem.

Mas as palavras tinham um significado bem diferente para Adrian.

Fobia teria matado Lady Indomável? Seria *ele* o assassino da mãe de Adrian?

Nova ficou pensando se perguntaria a ele se tivesse oportunidade. Ela não tinha certeza do quanto realmente queria saber.

Virando-se para Leroy, ela perguntou:

— Alguém quer me explicar o que está acontecendo?

Mas não foi Leroy que respondeu.

— Talvez seja bom começar com o enorme *obrigada* que você nos deve.

Nova se virou.

Narcissa Cronin estava ao lado do garoto com olhos de estrela e de uma senhorinha que podia muito bem ser a avó de alguém, com exceção do fato de que estava naquele aposento sujo cercada de vilões. Narcissa estava de braços cruzados, e seu rosto demonstrava a mesma repulsa que exibia na última vez em que elas se cruzaram, quando Narcissa atacou Nova em casa e algum aliado desconhecido dela jogou uma pedra pela janela.

— Nós salvamos a sua vida — disse Narcissa com uma retorcida azeda dos lábios. Ainda era estranho vê-la espumando de raiva considerando que ela parecia tão dócil antes. Era quase como se estivesse usando uma máscara.

Falando em máscaras, Nova começou a se perguntar onde estava seu traje. Narcissa devia tê-lo usado para incorporar Pesadelo, mas isso significava que Leroy e Mel tinham dado suas coisas para Narcissa de vontade própria.

— Obrigada — disse Nova, embora tenha parecido meio mecânico. — Mas ainda não sei o que está acontecendo.

— Nós tivemos que salvar a sua vida — disse Mel, que tinha encontrado uma jarra de plástico barata para as flores, que agora estavam em um canto. Ela passou o braço em volta de Nova e apertou a cabeça na dela. — Você é nossa pequena Pesadelo. Nós não somos os mesmos sem você.

— É, eu tive esperanças de que vocês fossem tentar fazer alguma coisa pra me tirar de lá — disse Nova —, mas quem são todas essas pessoas? O que a gente está fazendo aqui?

— Esses — disse Leroy — são nossos novos aliados.

Diferentemente de Nova, ele pareceu relaxado, as mãos enfiadas nos bolsos, um sorriso suave nos lábios caídos.

Nova apontou para Narcissa.

— Na última vez que te vi, você estava tentando me matar.

— Eu tive tempo de reconsiderar algumas coisas — replicou Narcissa. — Depois da nossa conversa, passou pela minha cabeça que talvez nossos objetivos não sejam tão diferentes assim. — O tom dela sugeria que era uma admissão sofrida para ela. — Eu odeio o que a Detonadora fez com a minha família, com o meu avô e com a biblioteca. E eu culpei você por ter deixado acontecer. Mas aí... Bom, você matou a Detonadora, e eu acho que isso vale alguma coisa. Além do mais...

Ela hesitou e olhou para a mulher idosa, que assentiu com encorajamento.

Nova se deu conta, com um sobressalto, de que reconhecia a mulher, embora, na última vez que a tivesse visto, tenha sido a bordo de uma casa de barco apertada na rodovia costeira.

— Millie?

— Oi de novo, srta. *McLain* — disse Millie com uma piscadela divertida. Por ter a psicomетria como habilidade, Millie era capaz de ver o passado de qualquer objeto em que tocasse, mas era o talento para a falsificação que costumava ser mais valorizado pelas gangues vilãs. Havia sido ela que criara os documentos falsos para a candidatura de Nova aos Renegados. De certa forma, tinha criado o alter ego dela, lhe dando um novo nome, um novo passado, uma nova identidade.

— Millie me convenceu de que os Anarquistas podiam ser bons aliados pra nós — relatou Narcissa. — Considerando sua presença nos Renegados e a forma como você conseguiu chegar tão perto do Conselho, ela achou que seria melhor te dar outra chance.

— Fiquei bem orgulhosa daquela identidade nova que criei pra você — disse Millie. — Odiaria desperdiçar tudo quando estamos tão perto de ver a organização desmoronar.

— Então você fingiu ser eu — disse Nova — pra que eles tivessem que me soltar.

Narcissa assentiu.

— De nada.

Foi um risco, um risco *enorme*, Nova sabia. Narcissa tinha se colocado em um perigo imenso para executar aquele plano.

Mas tinha dado certo. Nova estava livre.

E agora...

Agora o quê?

Todo mundo estava olhando para ela, quase com expectativa, mas Nova estava cansada demais para entender o que queriam. O que esperavam.

Ela observou o aposento. Sua atenção parou num garoto magrelo de cabelo escuro perto dos fundos. Ela levou um momento para identificá-lo, até se dar conta de que o tinha visto nos testes dos Renegados. O garoto que fazia criaturas de origami ganharem vida.

Os Renegados o tinham rejeitado. O que ele estava fazendo ali agora?

Seu coração deu um salto. Eles o tinham rejeitado.

Os Rejeitados.

Aquele era o grupo sobre o qual Narcissa tinha falado, para o qual ela estava tentando roubar o elmo. Eles eram os Rejeitados.

Mas... ela ainda não sabia bem o que aquilo significava.

— Tudo bem — disse Nova, terminando a avaliação do grupo reunido e determinando que não reconhecia mais ninguém. — E o restante de vocês, quem são?

— Não é óbvio? — indagou Mel, dando risadinhas. — Nós somos os vilões da Cidade de Gatlon!

— Não, nós não somos vilões — disse Narcissa com firmeza.

Mel deu uma risada irônica e chegou perto do ouvido de Nova.

— Ela odeia quando eu digo isso.

— Nós somos prodígios com objetivos diferentes dos Renegados — disse Narcissa com as bochechas ficando vermelhas. — Somos prodígios que desejam ser quem são e o que são. Desejamos viver como queremos, sem medo de os Renegados aparecerem a qualquer momento e nos intimidarem e nos maltratarem ou mesmo nos neutralizarem com aquela arma deles, só porque não queremos ser um deles.

— Nem porque nossas gangues tiveram uma guerra com eles mais de uma década atrás — acrescentou um dos garotos de dourado.

— Todo mundo aqui era fornecedor ou cliente do meu avô — disse Narcissa. — Quando ele morreu, estava segurando um livro, um livro de registro. Uma listagem de todos os prodígios e gangues com quem tinha trabalhado ao longo dos anos. Eu passei os últimos meses procurando aquelas pessoas na esperança de formar novas alianças, de conseguir trazer alguma mudança para esta cidade. — Ela hesitou e, apesar do entusiasmo momentâneo, começou a parecer meio acanhada. — Os Anarquistas estavam no livro também. Não só a Detonadora, mas inclusive o Cianeto e a Abelha-Rainha. Até você foi mencionada uma vez, Pesadelo. Considerando as circunstâncias, acho que meu avô ia querer que trabalhássemos juntos. Os Renegados dificultaram, tornaram quase impossível que alguém que recebesse o estigma de *vilão* seguisse uma vida normal, e meu avô sofreu por isso. Nós todos sofremos. Ele teria gostado de ver as coisas ficarem diferentes. Mas é impossível mudar se ninguém nos oferece empregos ou aluga apartamentos para nós ou sequer nos vê como cidadãos normais da cidade. Quando o simples fato de sermos prodígios que *não são* Renegados nos torna automaticamente suspeitos.

— Suspeitos e alvos — disse o homem com os fungos. — Você sabia que só quinze por cento dos crimes desta cidade são cometidos por prodígios? Mas os Renegados colocam oitenta por cento da força-tarefa deles para caçar criminosos prodígios e ignoram o resto. Se eles ligassem mesmo pra justiça e pra proteção dos fracos, era de se imaginar que fariam um esforço maior para resolver o problema real.

— Aos olhos deles, nós somos o único problema real — disse Narcissa. — Nós levamos a culpa por tudo que há de errado nesta cidade. Tudo para os Renegados poderem fingir ser grandiosos e honrados. “Olha, nós pegamos outro prodígio, o que roubou uma loja de conveniência seis anos atrás! Vocês não se sentem seguros

agora?” É preconceito, tanto quanto das pessoas que nos apedrejavam por sermos demônios.

— E agora eles têm esse tal Agente N — disse uma voz estrondosa e mal-humorada. Nova deu um pulo, mas não identificou de onde tinha vindo.

— Esse é o Megafone — apresentou Narcissa, indicando um homem que não passava de um metro de altura com barba preta desgrenhada que estava no meio de um grupinho de prodígios.

— O corpo é pequeno — disse ele ao perceber a surpresa de Nova —, mas a voz é alta.

E era mesmo. Embora ele não estivesse gritando, a voz ecoava como uma explosão sônica pelo espaço fechado.

— Vocês sabem sobre o Agente N — disse Nova.

— Saiu no noticiário — disse uma garota de olhos puxados que tinha uma fileira de escamas reflexivas como um moicano na cabeça careca. — Aqueles três Renegados que perderam os poderes em uma luta contra a Pesadelo. Nós achamos que era uma coisa que vocês Anarquistas tinham criado, uma arma nova pra derrubar os Renegados, mas o Cianeto nos contou a verdade.

Nova firmou as mãos nos quadris.

— Eles estão desenvolvendo o Agente N há anos, e a intenção é usá-lo contra prodígios que não sigam o código deles. Qualquer Renegado que ache que alguém está utilizando mal seu poder terá autorização de neutralizá-lo imediatamente.

— Não vamos nos enganar — disse Millie. — Eles não vão precisar de motivos novos pra neutralizar quase todas as pessoas desta sala. Mais da metade de nós era leal a várias gangues durante a Era da Anarquia e, como Narcissa disse de forma tão sucinta, não tem sido fácil nos apresentar sob uma nova luz nos últimos dez anos. Nossas transgressões passadas vão ser prova suficiente para os Renegados de que somos uma ameaça para a sociedade. Eu imagino que vão fazer disso um jogo, caçar seus inimigos da Era da Anarquia e se livrar de nós, um por um.

Nova não respondeu. Ela não achava que aquela fosse a intenção do Conselho, mas sabia que Geladura e a equipe dela teriam feito exatamente isso quando tivessem acesso ao sêrum. Haveria outros como eles, mais do que dispostos a abusar daquele poder. Independente das intenções do Conselho, Nova não confiava neles para

defenderem o direito dos prodígios que já tinham sido membros de gangue ou que ainda precisavam lutar e roubar para conseguir viver em um mundo implacável.

Seu peito pareceu vazio quando ela encarou as pessoas ao redor. Nova sentiu uma solidariedade intensa por aquele grupo de desajustados, que nunca poderiam ser super-heróis, mas que também não mereciam ser chamados de vilões. Que chance eles tiveram de viver as vidas que queriam? Sob o governo dos Renegados, eles ainda eram culpados. Ainda eram oprimidos. Ainda eram uma ameaça a ser exterminada ao menor vacilo.

Ela via a exaustão deles, embora estivesse acompanhada de resiliência. Eles tinham sobrevivido até ali, mas não queriam mais simplesmente sobreviver. Estavam prontos para resolver aquilo com as próprias mãos e acreditavam que ela podia ajudar. Acreditavam que os Anarquistas podiam ajudá-los.

Seria uma guerra de novo. Heróis contra vilões. Uma luta nova por dominação.

Nova já tinha acreditado que estava preparada para aquilo. Estavam finalmente na beira do precipício que ela havia passado a vida escalando.

Mas a sensação era diferente agora, ao olhar para o futuro incerto. E se as linhas não estivessem tão claras? E se ela não fosse heroína nem vilã? E se ela fosse as duas coisas?

— Então estamos aqui porque queremos que as coisas mudem? — perguntou ela.

— E porque, pela primeira vez em dez anos, temos chance — acrescentou Leroy. — Os Renegados estão mais fracos agora do que nunca, desde a Batalha de Gatlon. As pessoas estão perdendo a fé neles. Seus recursos estão se esgotando. Estão tentando ser coisas demais, mas não têm a força de trabalho nem a infraestrutura necessárias pra cumprir as promessas. É a hora perfeita pra atacar.

Nova tremeu, perguntando-se por que as palavras dele pareciam tão distantes e impossíveis para ela, ao mesmo tempo que os estranhos ao redor estavam assentindo intensamente em concordância. Sim, a popularidade dos Renegados tinha sofrido nos últimos tempos, mas ainda eram poderosos. Seria ingenuidade pensar o contrário.

— Qual é o seu plano? — perguntou ela, virando-se para Narcissa. — Você nos reuniu aqui. E agora?

Narcissa se encolheu um pouco sob a atenção dela.

— Nosso plano — respondeu Leroy por ela — era trazer você de volta. Agora que conseguimos esse objetivo, está na hora de determinar qual será o próximo.

Nova riu.

— Então não existe plano.

— Essas coisas não acontecem da noite para o dia — disse Millie.

— Além do mais — disse Mel —, o Ace sempre foi nosso visionário antes, e ultimamente... — Ela olhou bem na cara de Nova, e o significado ficou claro. Ultimamente, Nova era a mais recente visionária daquele pequeno grupo.

Nova expirou devagar.

— Eu... talvez tenha uma ideia. Uma coisa em que pensei muito quando estava na prisão. Uma coisa que pode nos dar tudo de que precisamos e que queremos. Liberdade. Autonomia. Controle sobre nossas vidas para variar.

— Morte aos Renegados? — disse Mel, lambendo um pouco de mel dos lábios.

Nova fez uma careta. Ela mordeu a língua, sem conseguir dizer a verdade para aquele grupo de Rejeitados e Anarquistas, que já tinham ouvido mentiras e sido manipulados vezes demais.

Mas, se pudesse fazer as coisas seguirem o jeito dela, Nova conseguiria evitar outra guerra. Ela nunca tinha se imaginado pensando isso, mas... se tudo desse certo, os Renegados seriam poupados.

— Eu preciso de mais tempo pra pensar — disse, evitando o olhar de Mel e Leroy —, mas, pra começar... a gente tem que trazer o Ace de volta. Ele é o verdadeiro visionário, não eu, e nós não vamos seguir em frente sem ele.

Foi quase imperceptível... *quase*. A onda de medo e incômodo que percorreu o grupo.

Até os vilões tinham medo do Ace Anarquia.

— Nós lamentamos muito que vocês tenham perdido seu líder — disse Narcissa —, mas o Ace Anarquia não é preocupação nossa. Temos que fazer alguma coisa em relação a esse tal de Agente N. Precisamos encontrar um jeito de começar a viver sem sentirmos medo o tempo todo.

— Temos que derrubar os Renegados! — gritaram do fundo.

Nova balançou a cabeça.

— Vocês arriscaram tudo pra me trazer para cá, e agora estou pedindo pra confiarem em mim. Ace Anarquia é nossa maior chance de sucesso.

— Você diz isso — rosnou o garoto com olhos de estrela —, mas estava com o Ace Anarquia do seu lado durante dez anos e nenhum de nós sequer sabia. Todo mundo achava que ele estava morto. O que ele fez de útil?

— Ele está doente — respondeu Nova. — O elmo foi tirado dele na Batalha de Gatlon e isso o enfraqueceu. Mas nós estamos com o elmo agora... — Ela hesitou. — Nós *estamos* com o elmo, né?

— Claro — disse Leroy. — Fobia cuida dele noite e dia.

Ela engoliu em seco e fingiu que isso não a incomodava. Fobia ainda era Anarquista, ela lembrou a si mesma. Nova nunca tinha pensado nele como amigo, mas ele ainda era seu aliado.

Mesmo se tivesse matado a mãe do Adrian.

— Não tenha medo — disse Fobia com a voz taciturna e rouca. Nova se virou e levou um susto ao vê-lo tão perto. O elmo do Ace estava pendurado na lâmina da foice, que entrava pelo buraco do pescoço e saía pela abertura dos olhos. — Pra maioria dos prodígios, esse elmo seria mais um fardo do que um presente.

Nova não sabia muito bem o que sentia sobre o elmo, que talvez fosse a maior realização do pai. Ela não chamaria o poder dele de fardo, mas um medo pesado se acomodou no estômago de Nova quando esticou a mão na direção do objeto. Ela segurou o elmo e o tirou da lâmina. O metal estava quente ao toque, ainda emitindo aquele brilho familiar aninhado nas mãos dela.

— Ace lutaria por qualquer um de nós — disse ela. — *Lutou* por nós. Tudo que ele fez foi para melhorar a vida dos prodígios. Nós não podemos deixá-lo naquele lugar. Não podemos deixar que seja executado.

— É impossível — murmurou alguém, embora Nova não conseguisse saber quem. Não importava. Ela podia ver aquele pensamento espelhado em todos os rostos ao redor.

— Não é impossível — insistiu ela. — Hoje de manhã, eu era prisioneira na Penitenciária Cragmoor e só tinha três aliados aqui fora. — Ela indicou Mel, Leroy e Fobia. — E agora, cá estou eu. Cá estamos todos nós. Se vocês estiverem falando sério sobre querer mudar as coisas, então nem temos o que discutir. Ace fez mais pela causa dos prodígios no mundo do que qualquer humano vivo, e nós não vamos abandoná-lo. Além do mais, ele é meu tio. Ele me salvou quando precisei dele. Eu vou salvá-lo agora ou vou morrer tentando.

— Bom, pelo menos um desses cenários parece provável — murmurou Narcissa.
— Você vai morrer tentando invadir Cragmoor.

Nova fez cara feia, mas sentiu a expectativa latejando nas veias. Era o zumbido familiar de adrenalina de quando ela estava traçando um plano, avaliando a logística, decidindo de que era realmente capaz.

— Nós não vamos atacar a prisão. Vamos impedir a execução.

Um homem parrudo que tinha idade para ser avô de Nova soltou uma risada.

— Ah, que beleza, então! Vai ser bem mais fácil. Não vamos precisar nos preocupar com o fato de que todos os Renegados vão estar lá.

— Você tem razão; os Renegados estarão presentes em peso lá — disse Nova. — Mas os Renegados costumam ficar arrogantes quando estão em grupos grandes. Eles abaixam a guarda. E, embora talvez esperem que a Pesadelo tente salvar o Ace — ela olhou para Narcissa —, não vão imaginar um ataque de todos nós. Mas preciso de tempo pra pensar. E vou precisar voltar ao quartel-general. Tem algumas coisas...

— É só isso? — perguntou Narcissa. — Nós arriscamos tudo pra te tirar da prisão e você só nos dá umas esperanças vagas sobre salvar o Ace de alguma maneira que exija arriscar nossas vidas? A questão aqui é maior do que o Ace Anarquia, maior do que os Anarquistas.

— Eu sei que é — insistiu Nova. — Mas preciso de tempo pra pensar nisso. Vocês vão ter que confiar em mim.

— Nós confiamos em você — disse Leroy. — Foi você que roubou o elmo do Ace de volta, e do cofre dos próprios Renegados, ainda por cima.

— Ah! — disse Mel. — Falando em coisas roubadas dos Renegados, você acha que vai precisar disto? — Ela enfiou a mão na gola e tirou um medalhão preto de dentro do vestido. O Amuleto da Vitalidade.

Nova sentiu uma onda de apreensão enquanto olhava para o desenho no metal preto. Embora o amuleto a tivesse protegido do Agente N, em parte Nova tinha tido esperanças de que nunca mais precisaria dele de novo.

Mas ela não disse nada quando passou o cordão pela cabeça e enfiou o amuleto debaixo da blusa.

— Vamos nos reunir de novo em algumas horas — disse ela. — Vou precisar saber o que cada um de vocês é capaz de fazer, pra ver se as suas habilidades serão úteis enquanto penso em um plano.

— Seus antigos medos voltaram, pequena Pesadelo — acrescentou Fobia, a voz baixa, mas não o suficiente. — Estão mais fortes do que nunca agora. Um medo quase paralisante de fracassar... *de novo*.

Nova espiou o sombrio poço sem fundo que havia embaixo do capuz do Fobia. As tentativas dele de analisá-la psicologicamente costumavam enchê-la de irritação. Parecia uma violação de privacidade ele ficar remexendo na cabeça dela daquele jeito, procurando seus medos mais profundos, revelando seus segredos mais bem guardados.

Mas não pareceu importar tanto naquele momento. Ela estava mesmo com medo de fracassar de novo. Estava com medo de decepcionar todo mundo; não só Ace e os Anarquistas e aquele novo e inesperado grupo de aliados, mas também Adrian e os amigos que tinha feito nos Renegados.

Sim, *amigos*. A palavra era estranha e quase inacreditável, mas Nova tinha enfrentado a verdade naquela cela de prisão. A ideia era forte e dolorosa demais para ser ignorada. Nova tinha passado a amar aquelas pessoas, que a acolheram e confiaram nela. E mesmo assim ela as traíra. Saber que elas a desprezariam pelo resto da vida a deixava se sentindo quase tão vazia quanto saber que Ace jamais olharia para ela com orgulho.

— É, eu tenho medo de fracassar de novo — disse, ainda olhando para o nada da cara de Fobia. — Mas quem não tem medo não pode ser corajoso.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



MUITAS VEZES, DESDE QUE Adrian e os pais se mudaram para a antiga mansão do prefeito, ele teve o pensamento insistente de que o lugar tinha muito mais espaço do que os três precisavam. Não só porque havia um salão formal, uma sala de jantar formal e quatro quartos de hóspedes que ainda não tinham recebido hóspede nenhum, mas também porque três homens adultos não tinham utilidade para sete (dá para acreditar?) banheiros.

Cada um, claro, vinha equipado com espelho. E isso não era nem considerando os espelhos dos armários e o que ficava pendurado acima da lareira na sala, e provavelmente alguns outros nos quais ele nem tinha pensado ainda. Parecia que havia reflexos para todo lado agora.

Adrian soltou o armário com espelho da parede do terceiro banheiro do térreo, pensando pela milésima vez que não tinha dado crédito suficiente para o poder de Narcissa Cronin quando a conheceu na Biblioteca Cloven Cross. Claro que viajar entre os espelhos parecia um truque legal, mas agora ele estava começando a realmente se dar conta de como a habilidade podia ser útil.

Havia espelhos *em toda parte*.

Era quase como ter uma chave mestra para praticamente qualquer porta do mundo.

Ele ficava furioso cada vez que pensava no assunto. Tinha estado no mesmo aposento que Pesadelo naquele dia na biblioteca. Ela estava *bem na frente dele*, mas

Adrian não tinha a menor ideia. Ficava doente de pensar no quanto Narcissa devia ter rido pelas costas dele.

Ao perceber como seria tedioso se livrar de todos os espelhos da casa, ele ficou tentado a quebrá-los, ou só cobri-los com panos grossos. Mas achava que seus pais não ficariam muito felizes se voltassem e encontrassem a casa cheia de estilhaços de vidro, e ele não sabia o suficiente sobre a habilidade de percorrer espelhos da Pesadela para saber se um pano grosso seria suficiente para impedir que ela entrasse.

Por isso, eles tinham que ser retirados.

O último parafuso caiu na mão dele, e Adrian tirou o espelho da parede. Ele não tinha se dado ao trabalho de tirar as coisas de dentro e ouviu as embalagens escorregando e batendo umas nas outras enquanto carregava o armário pelo corredor e pela escada até seu quarto no porão. Ele passou pela cama e pela televisão, pela mesa onde tinha ficado horas desenhando em cadernos e, mais recentemente, fazendo tatuagens em si mesmo, e entrou na sala que já tinha sido chamada de estúdio de arte.

A sala que tinha sido convertida em selva viva.

Ele não entrava lá desde que Nova foi presa. Tinha lembranças demais que ficaram azedadas pela crença de que Nova era sua inimiga mais odiada. Lembranças da cabeça dela aninhada no ombro dele, o rosto tranquilo no sono. Lembranças da surpresa dela ao ver o mural que Adrian tinha pintado naquelas paredes, depois de ver o espanto indescritível quando ele começou a dar vida às árvores e plantas e flores exóticas.

Desde aquela noite, a selva tinha começado a definhar, como aconteceu com Turbo. O poder de Adrian não incluía imortalidade. Suas criações murchavam e morriam, assim como as coisas na vida real, até mais rápido, na verdade. Agora, quando entrou naquela sala, o perfume das flores tinha sido substituído pelo cheiro de decomposição e podridão. As cores vibrantes das plantas tinham desbotado para cinza e marrom, as pétalas sedosas pendendo, secas como papel. As gavinhas penduradas em galhos de árvores tinham ficado frágeis ao toque e várias se quebraram, se desintegrando no chão de musgo morria e revelava o piso de concreto embaixo.

Só a estátua na extremidade da sala parecia intocada... mas também ela nunca tinha sido viva.

Adrian encostou o espelho na parede junto com os outros que já tinham sido removidos. Pensou que, se Pesadelo atravessasse um deles, ela ficaria tão confusa com a flora moribunda que acharia que tinha passado pela entrada errada na terra dos espelhos, ou como quer que aquilo funcionasse.

Como precaução extra, ele criou umas armadilhas pela sala que o alertariam sobre intrusos, inclusive uma rede que cairia da copa de uma árvore e a prenderia. Adrian esperava que ela acionasse aquela. Seria bem feito, pensou ele, lembrando-se da arma parecida com uma bazuca que ela usara para prendê-lo na figura do Sentinela em uma rede similar.

Só de pensar na batalha deles no desfile, ele já trincava os dentes. Pesadelo o tinha constrangido vezes demais. Embora ele estivesse feliz, eufórico até, por Nova não ser a vilã, estava mais frustrado do que nunca por saber que a verdadeira Pesadelo continuava um passo à frente.

— Certo — murmurou ele, observando os espelhos e as armadilhas que ele tinha montado. — Cinco já foram. Só faltam treze.

Ele estava passando pelo saguão quando o rangido de uma tábua no andar de cima o fez parar.

A adrenalina quente correu pelas suas veias enquanto Adrian prestava atenção em busca de algum outro sinal de vida na antiga mansão, mas só havia silêncio. Ele tirou uma caneta do bolso e andou até a escada, seu coração de repente a coisa mais barulhenta na casa.

Com uma memória fraca da mãe o repreendendo uma vez por rabiscar com giz de cera a parede do apartamento, Adrian pegou a caneta e começou a desenhar uma arma rápida nos lambris. Não uma arma de fogo; ele sempre foi ruim de mira. Desenhou uma coisa que lembrava vagamente um atizador de lareira, com uma ponta afiada de cada lado. Ele expirou ao tirar a arma da parede, segurou-a em uma das mãos e manteve a caneta preparada na outra. Com sorte, aquilo impediria que ele tivesse que recorrer aos poderes do Sentinela. A última coisa que queria era soltar uma bola de fogo dentro de casa.

Adrian começou a subir a escada, sabendo onde colocar os pés para que ela não rangesse. Parou antes do patamar e olhou o corredor para a direita, mas só viu sombras e portas fechadas.

A porta dupla do quarto dos pais estava entreaberta e, sem conseguir lembrar se já estava assim antes, ele entrou. Havia um suéter no encosto de uma cadeira. Alguns livros e jornais em uma mesa de cabeceira. Sabendo que havia um espelho de corpo inteiro no closet, Adrian se preparou para ver o próprio reflexo se movendo entre trajes e botas e capas, mas a visão o fez pular mesmo assim. Ele duvidava de que voltaria a olhar um espelho do mesmo jeito.

Nada parecia fora do lugar.

Adrian fechou a porta do closet e desenhou um sino para deixar pendurado na maçaneta, de forma que, se Pesadelo entrasse por aquele espelho e tentasse abrir a porta, ele saberia imediatamente. Fez o mesmo na porta do banheiro da suíte, por ainda não ter retirado os espelhos acima da pia dupla, e parou para ouvir.

Silêncio.

Bem quando ele estava começando a achar que tinha imaginado o barulho, veio um baque no corredor.

Ele pegou o atizador e saiu correndo da suíte, e foi aí que reparou em uma luz passando por baixo da porta do escritório. Adrian tinha certeza de que aquela luz estava apagada antes.

Com a pulsação disparada, ele foi na direção da porta e fechou os dedos em torno da maçaneta.

Ele se preparou.

Aí, abriu a porta de supetão, a arma pronta.

Adrian olhou para a janela panorâmica atrás da mesa. A faixa das cortinas tinha sido aberta e os tecidos balançavam na brisa da noite. O som de chuva lá fora parecia ensurdecedor de repente. Ele praguejou e foi até a janela, procurando sinais de movimento no gramado, observando a lateral da casa em busca da sombra de uma garota que sabia escalar prédios com facilidade.

Passos soaram atrás dele, quase inaudíveis na chuarada.

Ele se virou na hora em que a figura toda de preto, como ela costumava usar, disparou para o corredor.

— Ei!

Adrian correu atrás. Ela entrou no quarto e bateu a porta. Rosnando, ele a abriu com força, se preparando para jogar a arma como um dardo na mesma hora que a

tatuagem do braço direito começou a brilhar em branco, preparando um raio de energia para incapacitá-la.

O sino tilintou quando Pesadelo, mais de dez passos à frente, abriu a porta do armário. Ela estava com o que pareciam ser arquivos debaixo de um braço e nem olhou para trás enquanto corria.

Adrian demorou uma fração de segundo para decidir: raio de energia ou lança?

Ele poderia matá-la. Poderia acabar com ela agora.

O segundo passou. Ele ergueu o braço direito, o punho apertado, e mirou.

Um pedaço de papel voou da mão dela quando Pesadelo se arremessou no espelho no fundo do armário, no mesmo momento em que o raio de luz do diodo que tinha surgido da pele dele disparou.

O raio acertou o espelho. O espelho se quebrou, e o impacto fez estilhaços voarem pelo tapete, pelas roupas penduradas e alguns sem dúvida caindo dentro dos sapatos bem organizados dos pais.

Adrian falou um palavrão e, por garantia, arremessou o atizador também. Acertou o fundo do espelho, abriu um buraco e ficou espetado lá.

— Droga, droga, droga — murmurou, deixando o diodo de laser afundar de volta na pele enquanto passava as mãos pelo cabelo. Adrian entrou no closet, feliz por estar de sapatos ao ouvir vidro esmagado, e chegou até a segurar a arma, mas pensou melhor. Aquilo ao menos explicaria como o vidro tinha quebrado.

Bufando, ele se curvou e pegou o pedaço de papel que Pesadelo tinha deixado cair, se perguntando o que fizera com que a vilã fosse xeretar a casa deles de novo. Ele esperava a planta do quartel-general ou descobertas da pesquisa sobre o Agente N, talvez até uma lista de endereços domiciliares de todos os Renegados ativos na organização.

A mera ideia de que a caminhante de espelhos soubesse onde seus amigos moravam o fazia tremer.

Mas, quando virou o papel, Adrian ficou surpreso de ver que não era nenhuma dessas coisas.

Era um desenho.

Ele apertou os olhos para a ilustração, feita em uma combinação de caneta hidrocor e giz de cera. Era uma das versões de infância do monstro que tinha assombrado seus pesadelos por anos. Sua mãe dissera que uma das formas de

combater pesadelos era colocá-los no papel, que fazer isso podia ensinar ao cérebro que aquilo era apenas produto da sua imaginação e não algo de que se devia ter medo.

Ele tinha desenhado o monstro incontáveis vezes, e aquilo nunca tinha tornado os pesadelos menos reais.

Depois de amassar o desenho, Adrian refez os passos até o escritório para ver se conseguia identificar o que mais Pesadelo tinha tirado de lá. Aquele desenho só podia ser acidental, uma coisa que ela pegou por acaso junto com o verdadeiro objetivo daquela invasão.

Mas todas as gavetas da mesa e do arquivo estavam fechadas. As pilhas de papel estavam arrumadas. Nada tinha sido tirado das estantes.

Nada, exceto uma única caixa que costumava ficar escondida no canto da prateleira inferior e que agora estava no tapete. Adrian se ajoelhou ao lado dela e começou a remexer nos papéis que restavam, todos desenhos de infância que seus pais quiseram guardar.

Por que Pesadelo se interessaria por aquilo?

Ele chegou ao fundo da caixa e um pensamento lhe ocorreu.

Um pensamento horrível.

As palmas das mãos dele ficaram suadas enquanto remexia nos papéis de novo, torcendo para estar enganado. Torcendo para estarem em outro lugar, para nunca terem estado naquela caixa.

Mas, não... tinham sumido.

Pesadelo levou os quadrinhos dele. As três edições de *Rebelde Z* que Adrian tinha feito quando criança, sobre um garoto que desenvolve superpoderes depois que um cientista maluco faz experimentos nele, e que usa esses poderes para se transformar em um herói superforte.

O Sentinela.

Adrian se apoiou nos calcanhares e ficou massageando a testa. Ela *sabia*. Ele não conseguia sequer supor como ela sabia, mas Pesadelo teria provas suficientes nas páginas daquelas revistas. O suficiente para tentar chantageá-lo ou para revelar o segredo dele para o mundo.

Em meio ao medo que corroía os pensamentos de Adrian, outra coisa lhe ocorreu.

Ele se levantou e pensou na porta aberta do escritório. Ela devia ter ficado escondida atrás da porta, e ele devia ter passado por ela quando correu até a janela.

Ao seu alcance.

A gafe era *tão evidente*, em retrospecto, que pensar em como ele estivera vulnerável o deixou até meio nauseado. Em todas as vezes que tinham lutado, ele não se lembrava de Pesadelo ter perdido uma oportunidade de desarmar o oponente, de conseguir uma vantagem.

E, daquela vez, Pesadelo tivera uma oportunidade de deixá-lo inconsciente.

Então... por que não a aproveitou?

CAPÍTULO VINTE E SEIS



ANTES DE SER PRESA, Nova tinha a sensação de que cada entrada no quartel-general dos Renegados podia ser o seu fim. Agora eles teriam descoberto seu segredo. Agora estariam esperando para acorrentá-la.

Portanto, foi com uma leveza peculiar que ela empurrou a porta giratória no dia seguinte à sua libertação da Penitenciária Cragmoor. De alguma forma, o pior tinha acontecido. Ela foi descoberta. Foi presa e enviada para a cadeia. Seus segredos foram revelados. E, mesmo assim, saiu ilesa.

Suas mentiras agora pareciam mais seguras do que nunca. Tendo não só um álibi, mas um bode expiatório (Narcissa Cronin, que tinha assumido o papel do seu alter ego), Nova sentia que o peso da paranoia e da desconfiança constante tinha saído de seus ombros.

Pela primeira vez em muito tempo, ela quase sentia como se o QG fosse seu lugar. Como se tivesse conquistado o direito de estar lá.

— Insônia! — gritou Sampson Cartwright, o recepcionista não prodígio que cuidava do balcão de informações. Ele acenou quando Nova passou. — Que bom te ver de volta!

Nova sorriu e retribuiu o aceno com certa vergonha, apesar de saber que Sampson era uma das pessoas mais genuínas da equipe. Ela sentia um quentinho no coração ao pensar que talvez algumas pessoas ali, além de Adrian e da equipe, pudessem ter sentido falta dela.

Nova foi recebida por uma mistura de emoções nos rostos dos Renegados e funcionários conforme seguia para os elevadores. Alguns a olhavam com desconfiança clara, ainda sem acreditar na inocência dela. Outros olhavam de um jeito que ficava entre um sorriso simpático e uma careta, misturados com culpa pela prisão indevida. Algumas unidades de patrulha que ela mal conhecia trocaram *high fives* entusiasmados com ela. Outros tomavam todo o cuidado para evitar contato visual.

Nova estava quase nos elevadores quando ouviu seu nome sendo gritado do outro lado do saguão. Ela se virou e viu Ruby correndo para ela.

— Me desculpa! — gritou Ruby, puxando Nova para um abraço. — Me desculpa mil vezes! — Ela recuou e segurou os ombros de Nova, que não sabia se os olhos dela estavam brilhando de lágrimas não derramadas ou de mero júbilo. — Estou tão absurdamente feliz de você não ser a Pesadelo, mas também me sinto um ser humano terrível por ter acreditado que era. A gente deveria ter te deixado explicar antes... Bom, eu só quero pedir desculpa.

— Tudo bem — disse Nova com sinceridade. Ruby tinha acreditado que ela era a vilã notória que tinha lutado contra eles nos telhados acima do desfile. Ela não podia ficar ofendida. — É coisa do passado. Agora estou de volta.

— E nós estamos felizes da vida — disse Oscar, aparecendo ao lado delas e erguendo o punho, em que Nova deu um soquinho. — Tenho que admitir que passei a gostar de você e do seu jeito objetivo e durão. E também peço desculpas, aliás.

— Chega de desculpas. Está tudo bem. Qualquer pessoa teria feito o mesmo no lugar de vocês.

A atenção de Nova se voltou para a terceira pessoa do grupo. Embora Danna tivesse seguido Ruby e Oscar, ficou alguns passos para trás, com os braços cruzados e a mandíbula firme.

Claramente sem querer pedir desculpas.

Mas Nova tinha se preparado para aquilo. De todas as pessoas que ela teria que convencer da sua inocência, Danna estaria entre as mais difíceis. Foi a acusação dela que fez Nova ir parar na prisão. Nova ainda não sabia direito o que Danna tinha visto; só sabia que o testemunho devia ter sido incerto o suficiente para permitir dúvidas depois que Narcissa apareceu com a máscara da Pesadelo e o elmo na mão.

Assim, apesar da postura distante de Danna, Nova sorriu para ela da forma mais irrestrita e alegre que pôde.

— Danna, nós estávamos tão preocupados. Ficar presa no modo de bando por tanto tempo... Eu sei que deve ter sido pesado pra você, mas estou muito feliz de ver que você está bem.

A expressão de Danna se anuviou... mas só um pouco, e só superficialmente. A expressão nos olhos continuava incerta.

— Obrigada. Estou feliz de não haver ressentimentos.

— De jeito nenhum. Ainda não sei se entendi como a Pesadelo conseguiu me incriminar daquele jeito, mas, do meu ponto de vista, você foi tão vítima quanto eu. Só espero que a gente possa trabalhar junta pra acabar com ela, de verdade, agora.

Algo passou pelo rosto de Danna e, embora Nova não tivesse certeza, achou que talvez fosse um sinal de dúvida. Uma pergunta contínua. Será que ela estava enganada sobre Nova, afinal?

O que quer que ela tivesse visto ali, permaneceria sem interpretação, pois Oscar bateu com a bengala no piso.

— Um viva a isso! Nós vamos *destruir* a Pesadelo. Mas primeiro...

Ele sorriu para Ruby e, ao mesmo tempo, os dois gritaram:

— Pizza!

— Você tem que vir com a gente — disse Oscar. — É um jantar comemorativo de “viva, nossa recruta mais recente não é uma vilã assassina, afinal”.

O estômago de Nova se contraiu com o insulto.

— Na verdade, eu...

— Não esquenta, o Adrian também vai — disse Ruby, piscando com malícia quando segurou o cotovelo da Nova. — Ele ia visitar o Max e depois vai nos encontrar lá.

Ao ouvir o nome do Max, os pensamentos de Nova viraram um turbilhão. Max. *Max*. Ela ficou tão perdida quando foi solta da prisão, tão cheia de descrença e tão ansiosa para encontrar uma forma de obter a liberdade do Ace, que tinha se esquecido completamente do Max.

— Como ele está? — perguntou ela, se recusando a sair do lugar enquanto Ruby tentava levá-la para a saída. — A última notícia que eu tive era que ele estava se recuperando, mas...

— Ah, você não sabe! — exclamou Ruby. — Ele saiu do coma e está ótimo! Na verdade, Adrian teve a brilhante ideia de deixá-lo ficar...

— *No hospital.* — Danna praticamente gritou, sobressaltando todo mundo. — Por mais um tempo. Pra que ele possa se recuperar totalmente antes de levá-lo para outro lugar.

Ela olhou de cara feia para Ruby e Oscar, com um olhar que não foi nada sutil.

— Hum... tudo bem... — disse Ruby, inclinando a cabeça para Danna.

— E estão reconstruindo a quarentena — acrescentou Danna, apontando com o polegar para a área de construção na extremidade do saguão. — Mas vão fazer mais legal, maior... pra que ele tenha mais conforto ainda.

Nova ficou de boca seca quando viu as paredes de vidro que estavam esperando para ser concluídas no mezanino.

— Eu achei que não fossem reconstruir a quarentena.

— Bom, o lugar mais seguro para o Max *é* aqui — completou Danna. — Você sabe. De todas as pessoas que fariam mal a ele. Tipo a Pesadelo e os Anarquistas.

Oscar limpou a garganta.

— Olha só, tem uma cestinha de pão de alho gritando meu nome a três quarteirões daqui... Vamos?

— Podem ir na frente — respondeu Nova.

— Ah, Nova, não! — disse Ruby. — Você tem que vir! Com certeza que vão te dar o dia de folga depois de tudo que você passou.

— Na próxima vez, prometo — insistiu Nova. Ela soltou o braço de Ruby e andou de costas enquanto dava um tchauzinho. — Divirtam-se. Digam para o Adrian que mandei um oi.

— Ele vai ficar arrasado! — gritou Oscar. — Se as lágrimas de decepção dele caírem na minha fatia de frango com pesto, a culpa vai ser sua! Eu não gosto de pizza salgada demais!

— Combinado — disse Nova, batendo continência para ele.

Os três companheiros de equipe dela foram andando com mau humor para a porta. Nova começou a se virar, mas se chocou contra uma muralha inesperada. Ou... um peito que mais parecia uma muralha.

Ela inclinou a cabeça para trás e encarou as bochechas rosadas e o sorriso brilhante do Capitão Cromo.

— Ops, desculpa, Nova.

— Ah... oi — gaguejou ela, sem saber como chamá-lo. Capitão Cromo ou só Capitão? Sr. pai do Adrian? Sr. Everhart?

Ela foi salva de tomar essa decisão quando Hugh segurou a mão direita dela e deu um aperto de mão firme.

— Eu pedi ao Sampson que me avisasse quando você chegasse. Queria ser um dos primeiros a te dar as boas-vindas de volta à equipe.

— Ah. Obrigada.

— Além disso — continuou ele, interrompendo o aperto de mãos e o sorriso ofuscante. A testa dele se franziu de arrependimento. — Eu queria fazer um pedido de desculpas formal por esse mal-entendido absurdo. Tenho vergonha de pensar em como te tratamos, uma das nossas, quando sua lealdade e dedicação foram tão firmes. É que... — Ele balançou a cabeça. — Tem tanta tormenta acontecendo ultimamente, sabe? O desfile, o parque Cosmopolis, o ataque ao quartel-general, Ace Anarquia... Às vezes tenho a sensação de que estamos pulando por aros em chamas e que cada um é menor do que o anterior. Se não nos mantivermos à frente de todas as ameaças e perigos, qualquer dia desses vai tudo pegar fogo.

Nova estreitou os olhos, sem ter certeza de que era uma analogia boa e também se perguntando se o Capitão estava ciente da insensibilidade daquela frase, considerando o que tinha acontecido na casa de Wallowridge.

Mas, não... ela percebeu que ele não se deu conta.

Então ela riu, compreensiva.

— Ah, que bom que você é invencível, pelo menos.

— É — disse ele, dando de ombros de leve. — Posso até ser, mas muitas pessoas de quem gosto não têm esse privilégio, então só estou fazendo o que posso pra protegê-las. Espero que você entenda que nós fizemos o que era necessário, considerando as circunstâncias.

As circunstâncias, pensou ela. Essas circunstâncias que significavam que eles estavam dispostos a executá-la sem um julgamento adequado. Porque eles eram o Conselho, e a palavra deles era lei. Porque eles eram os Renegados, e os Renegados podiam ser juízes, jurados e executores se achassem necessário para a proteção das pessoas. Das pessoas *normais*. Não vilões. Não prodígios que podiam ser perigosos. A proteção do direito deles não importava.

Mas Nova não disse nada daquilo. Ela só continuou sorrindo, a mandíbula travada.

— Claro.

— Que bom. Porque você é parte da família dos Renegados agora, e é importante pra mim e pra todo o Conselho que todos aqui sintam que estão sendo tratados com justiça. Que são parte desta equipe.

De repente, ficou claro para Nova que aquilo não era só um pedido de desculpas.

Hugh Everhart estava preocupado. Considerando o drama com Genissa Clark, que continuava abalando a reputação deles, ele estava com medo de que Nova também fosse procurar a imprensa para expor o mau tratamento dentro do grupo.

Ele estava tentando impedi-la antes que ela agisse.

Naquele momento, Nova ficou quase eufórica ao se dar conta de que tinha roubado mais um pouco de poder do Conselho. Eles tinham construído a organização em uma base frágil e ela podia causar mais uma rachadura fatal nela.

Para a sorte do Capitão Cromo e do Conselho, ela não planejava procurar a imprensa com a história da prisão injusta. Tinha outros planos para o futuro.

Mas isso não significava que ela não podia usar aquela conversa a seu favor. E se pudesse fazer a mudança de que precisava bem ali, naquele momento?

— Eu não culpo o senhor nem o Conselho pelo que aconteceu — falou. — Vocês receberam uma informação e tiveram que agir. Eu entendo por que fizeram isso.

Antes que Hugh Everhart pudesse parecer aliviado demais, Nova acrescentou:

— Mas fiquei surpresa com toda aquela história de execução.

Ele afastou o olhar.

— Sim... foi uma infelicidade que *nós*... Bem, eu odeio pensar no que você passou. Mas também estou feliz de ter dado tudo certo.

— Sim — disse ela lentamente —, deu certo pra mim, felizmente. Mas tenho que admitir que sempre quis acreditar que os Renegados eram, bem, melhores do que quem defende a pena de morte. Acabar com a vida de alguém, sem dar à pessoa uma chance de mudar, e fazer isso sem nem oferecer um julgamento justo, parece... como posso dizer isso? Meio que coisa de vilão.

Para a surpresa dela, o Capitão riu, como se a ideia de o Conselho fazer uma coisa remotamente parecida com “coisa de vilão” fosse absurda demais para se

considerar.

— Pra ser justo, a gente acreditava que você era a Pesadelo, e a Pesadelo *tentou* me matar.

Ela se irritou.

— Eu estou ciente disso, mas... você não acha que ela ao menos mereceria outra chance?

O Capitão ergueu as sobrancelhas.

Percebendo que estava chegando perto demais de uma esperança não dita, ela recuou na mesma hora.

— Ou talvez não a Pesadelo especificamente. Mas pensa só. Eu estive naquela prisão, por engano, tudo bem, mas mesmo assim tive tempo pra pensar na minha vida e nas minhas escolhas e pra decidir que, se saísse de lá, faria as coisas de um jeito diferente. Os Renegados precisam estar dispostos a olhar além dos erros que as pessoas cometeram no passado e entender que elas podem mudar. E não estou nem falando só da execução. Eu sei que vocês nunca vão perdoar o Ace Anarquia pelo que ele fez, e talvez também nunca perdoem a Pesadelo, mas tem dezenas de prodígios naquela ilha, alguns que estão lá há mais de uma década. Mas não temos sistemas em andamento pra verificar se são tão perigosos quanto achamos. Pra ver se merecem a punição que estão recebendo. Talvez alguns queiram se tornar cidadãos úteis; talvez alguns mereçam essa chance. Mas vocês querem tirar os poderes deles sem nem lhes dar a chance de explicar por que fizeram as coisas que fizeram ou o quanto mudaram nos anos que passaram lá. Muitos ainda estão sendo processados por crimes que cometeram na Era da Anarquia... Você não fez nada naquela época de que não se orgulha?

Embora o Capitão parecesse confuso durante a maior parte do discurso, ao ouvir isso uma compreensão surgiu nas feições dele.

— Nós fizemos o que era necessário para impedir as gangues vilãs, para trazer ordem e paz à população. Nós faríamos tudo de novo se preciso.

— Mesmo que isso significasse fazer coisas que você não permitiria hoje segundo o Código de Autoridade?

Ele apertou os lábios e ela soube que ele não podia negar.

— Talvez alguns prisioneiros tenham feito coisas que eram... justificáveis de alguma forma. Talvez tenham roubado coisas porque não conseguiam emprego.

Talvez tenham lutado contra as autoridades porque elas abusavam e excluía gente como eles. Talvez eles agissem de forma diferente agora, se tivessem uma chance.

— Nova... — começou ele, e antes que outra palavra fosse enunciada, Nova sentiu sua frustração crescer, sabendo o que o Capitão ia dizer. — Dá para ver que você tem opiniões fortes sobre esse assunto, mas... precisa entender que as pessoas naquela prisão não são como você. Você *é* inocente. Não deveria ter ido para lá. Eles *são* criminosos e vilões, praticamente selvagens, alguns deles.

— Como você sabe? Com quantos conversou recentemente? Ou quantos receberam um julgamento justo?

Ele suspirou e olhou em volta. Nova percebeu que, por estarem perto dos elevadores, tinham começado a atrair plateia. Renegados estavam parados ali perto, fingindo estarem absortos nos jornais do dia ou em algo nos comunicadores.

— O que você está sugerindo? — perguntou ele, a voz baixa. — Que nós adiemos a revelação do Agente N até podermos... o quê, entrevistá-los? Ou será que devemos dedicar nossos recursos a reunir provas de eventos que aconteceram dez anos atrás, só para podermos provar o que já sabemos? Eles são vilões.

— Eu não sou vilã — disse Nova, quase acreditando em si mesma. — Mas isso não ia impedir vocês de me executarem.

Hugh se encolheu.

— E, não — continuou ela —, não estou sugerindo que a revelação seja adiada por um tempo, estou sugerindo que seja adiada indefinidamente. Na verdade, acho que o Agente N deveria ser destruído.

Ele deu um passo para trás, surpreso.

— Tudo — insistiu ela, com mais vigor. — Junto com qualquer maneira através da qual ele pudesse ser recriado.

A estupefação de Hugh se transformou em compreensão.

— Se isso é por causa do que aconteceu com a Geladura e a equipe dela, é importante que todos saibam que estamos trabalhando pra garantir a segurança da equipe completa dos Renegados...

— Não é disso que estou falando — interrompeu Nova. — Não tem a ver com as unidades de patrulha nem com formas de nos defendermos com mais eficiência, nada disso. O mundo não gira em torno dos Renegados!

Ela abriu bem os dedos, surpresa com o quanto aquilo parecia importante de repente. Nova não tinha ido ao quartel-general esperando ter essa conversa, mas os pensamentos estavam girando e crescendo na sua mente desde o momento em que vira o Agente N. Desde o momento em que vira a substância transformar Winston Pratt para sempre. Desde o momento em que o significado de uma arma dessas ficou claro.

— Não é nossa responsabilidade diminuir a distância entre as pessoas? Reconhecer que nós todos temos que viver neste mundo juntos? Temos que começar a ver os outros prodígios não como vilões, mas como... Bem, como outros seres humanos, que talvez não sejam tão diferentes assim de nós. Eu quero acreditar que podemos acabar com essa divisão entre nós, mas... o Agente N não é a resposta.

Hugh ficou em silêncio por muito tempo. Mais tempo do que Nova jamais o vira ficar em silêncio, percebeu enquanto tentava ler os pensamentos inescrutáveis dele.

— Eu sei que suas intenções são boas — disse ele por fim, a voz assumindo um tom diferente. — Não espero que você entenda os desafios do nosso mundo nem as decisões difíceis que já tivemos que tomar, mas posso garantir que nenhuma delas foi tomada de forma leviana.

— Eu sei disso, mas...

— Tudo que o Conselho fez nos últimos anos foi a serviço do povo que precisa da nossa ajuda, por proteção e por justiça. Infelizmente isso não está aberto a debate, Nova. Nossa decisão em relação ao Agente N e ao destino daqueles vilões já foi tomada. E nossa decisão é final.

CAPÍTULO VINTE E SETE



NORMALMENTE, NOVA TINHA FACILIDADE de afastar a decepção que com frequência sentia em relação aos Renegados e ao Conselho. Eles a tinham decepcionado tantas vezes, começando com quando tinha só seis anos, uma criança cheia de convicção de que os Renegados apareceriam. Uma criança que estava errada.

Não deveria ter sido diferente daquela vez. Ela e os Renegados nunca teriam os mesmos princípios. A fé dela no Conselho jamais seria restaurada.

Nova se sentiu boba de ter pensado, mesmo que só por um momento, que as coisas podiam ser diferentes.

E se sentiu mais boba ainda pela sensação de rejeição que a seguiu pelo elevador e até o armazém de artefatos. Nova não tinha tempo de ficar pensando na decisão do Capitão Cromo, mesmo sabendo que ele estava enganado. Ela não se permitiria se importar tanto.

Se alguém ia ajudar os prodígios daquele mundo, os prodígios que não encaixavam em um molde perfeito de como um super-herói deveria ser, não seria o Conselho dos Renegados.

Ela saiu do elevador em uma recepção que não tinha mudado durante sua ausência: duas mesas, uma bagunçada, uma impecável. Uma prancheta com um formulário para o acompanhamento de retirada de equipamentos do cofre.

Tentando se distrair, ela se sentou e pesquisou pelo Espelho Oco. De acordo com os registros, ele não tinha sido retirado por nenhum Renegado em anos e estava

disponível no cofre.

Ela torceu para ser um bom sinal.

Nova mudou os parâmetros e pesquisou *estrela*. Depois, *joia*, *pedra preciosa* e *pulseira*. Cada termo levou a uma lista substancial de possibilidades, mas, a julgar pelas descrições, nenhuma era a pulseira *dela*.

Ela não ficou surpresa, mas ficou decepcionada mesmo assim.

Depois de pensar por um momento, ela fechou a base de dados dos artefatos e abriu a lista dos Renegados. Pega foi fácil de encontrar.

Margaret White. Codinome: Pega. Habilidade: Percepção de utilidade, subcategoria: telecinese.

— Percepção de utilidade — murmurou Nova. Ela achava que aquilo significava “alguém capaz de localizar coisas valiosas”, que parecia ser a essência da habilidade de Pega, até onde ela sabia.

Ela passou para a informação de residência e franziu a testa.

Residência atual: desconhecida.

Residência anterior: Lar Infantil para Prodígios da Cidade de Gatlon.

Ela estava familiarizada com a instituição, que era um orfanato mas tinha se tornado um depósito de crianças abandonadas por famílias que não queriam saber da prole com superpoderes.

Um adendo no final do perfil dela listava uma série de delitos menores, a maioria pequenos roubos e furtos, pelos quais Pega não recebera punição além de uma bronca severa.

Nada que ajudasse Nova a recuperar a pulseira.

Ela estava olhando a tela de cara feia, batucando com os dedos na bochecha, quando o elevador apitou e Callum chegou. Já sorrindo, porque ele estava *sempre* sorrindo. E, no segundo que levou até reparar nela, Nova se preparou para ver o sorriso sumir. Ela sabia das desconfianças dele sobre Pesadelo depois que tentou impedi-la de roubar o elmo. Ela não ficaria surpresa se Callum, como Danna,

mantivesse aquele ar de desconfiança. E, por motivos que não sabia explicar, a opinião dele significava... bem, muito. Talvez por ele ser o tipo de pessoa que estava sempre disposto a dar o benefício da dúvida. Ele via o bem em todo mundo, não importava se a pessoa merecia ou não.

Ela queria que ele visse o bem nela.

Quando a viu, Callum ficou paralisado, um pé ainda no elevador.

Nova também ficou parada.

E aí...

— Insônia! Você voltou!

Ele saiu correndo e deu a volta na mesa. Antes que Nova se desse conta do que estava acontecendo, Callum a puxou da cadeira de rodinhas e a envolveu em um abraço tão apertado que talvez achasse que era um ataque se não o conhecesse tão bem.

— Eu não queria acreditar — disse ele, se afastando. — Quer dizer, eu *acreditei*, porque... Sabia que você e a Pesadelo têm quase a mesma altura? — Ele colocou uma das mãos na altura da cabeça de Nova. — Estranho, mas não é motivo pra imaginar o pior sobre alguém. Me desculpa. Mas, em minha defesa — ele olhou para ela com malícia —, parte de mim achou que seria até legal estar trabalhando lado a lado com uma Anarquista. Quer dizer, que diferença de perspectiva, hein? Quais são as chances? Enfim. Estou feliz de você ter voltado. Passei a te ver como minha alma gêmea obcecada por artefatos.

Ela riu. Não só de alívio por Callum não a desprezar, mas também pela ideia de que ela era tão obcecada pelos objetos do cofre quanto ele. Nova tinha quase certeza de que ninguém chegava aos pés dele nesse assunto.

— Obrigada — disse ela. — Estou pronta pra voltar ao trabalho e deixar isso tudo pra trás.

— Que ótimo plano! — Ele uniu as mãos. — Vamos voltar às nossas vidas incríveis de antes. — Ele pegou uma prancheta na mesa. — As coisas andam lentas por aqui, com todo mundo concentrado na reconstrução do saguão e no anúncio iminente do Agente N. Você quer ficar um pouco na mesa ou prefere guardar os artefatos? Não é muita coisa... só uns sete ou oito itens, se me lembro bem.

— Eu posso guardar. Não estou a fim de ficar sentada agora. Passei muito tempo sentada em Cragmoor.

— Ah, cara, deve ter sido horrível — disse Callum, a expressão ficando distante. O momento solene foi breve, e ele voltou a sorrir. — Mas aquele lugar tem uma história irada. É até legal você ter visto de perto, né? Se aquelas paredes pudessem falar... — Ele balançou a cabeça. — Eu adoraria fazer uma visita um dia. Deve ser fascinante.

Nova riu e pegou a prancheta da mão dele.

— Não, você não adoraria.

Ela foi na direção do cofre, mas parou.

— Ei, Callum. Por acaso você sabe onde a Pega está?

— Aquela encenqueira? — Ele refletiu sobre a pergunta. — Bom. Acho que eu olharia se as equipes de limpeza foram convocadas pra algum serviço hoje. Fora isso... talvez nos lounges?

Nova assentiu.

— Valeu, vou tentar.

Ela passou pela sala do arquivo quase esperando ver Tina (ou Foto Instantânea, a guardiã oficial do cofre), mas a sala estava vazia. Nova entrou no armazém enorme com inúmeras fileiras de estantes altíssimas, cada uma cheia de artefatos — famosos ou nem tanto — relacionados a prodígios, e soltou o ar vagarosamente.

Ela empertigou os ombros, pegou o carrinho com um punhado de objetos recém-limpos, pôs a prancheta em cima e o empurrou pelo corredor principal. Colocou os dois primeiros objetos no lugar correto na coleção (o Mapa Errante e o baralho de tarô criador de futuro), mas, quando foi para os fundos guardar os dois itens seguintes, fez um desvio pela seção de ferramentas e armas feitas por prodígios.

Ela viu o Amortecedor de Som de Tormenta na prateleira e lembrou que tinha emprestado o objeto para Genissa Clark no que parecia ser séculos antes, apesar de nunca ter descoberto para que Geladura o queria.

Não muito longe do Amortecedor ficavam os mísseis de névoa da Fatalia. O rótulo permanecia na prateleira, mas os mísseis não estavam mais lá. Nova os tinha levado quando ela e Leroy estavam convertendo as amostras roubadas do Agente N em arma química, e, com poucos ajustes, os mísseis acabaram sendo o estojo perfeito de que precisavam. Nova tinha usado dois na luta contra Genissa Clark e a

equipe dela. Os quatro restantes foram guardados com as coisas do Leroy na casa e estavam agora em segurança embaixo da Loja de Penhores do Dave.

Do outro lado do Amortecedor de Som estava o objeto que Nova queria. Ela sentiu parte da tensão sumir do corpo ao vê-lo. Depois que Adrian contou que todos os espelhos estavam sendo retirados do quartel-general para impedir outras invasões da caminhante de espelhos, ela ficou com medo de aquele também ter sido levado para um lugar mais seguro.

Parecia que os Renegados tinham deixado de verificar o armazém de artefatos poderosos. Embora, para ser justa, o objeto quase não parecesse um espelho. Nova o pegou na prateleira: era uma superfície oval grande, do comprimento do braço dela, emoldurada com estanho simples, o que deixava o objeto inesperadamente pesado para o tamanho. Nova o inclinou para cima e olhou seu reflexo. A superfície era escura e distorcida, e seu rosto pareceu um fantasma dela mesma.

O Espelho Oco, relatado como um espelho que refletia a forma da alma da pessoa quando usado sob o luar do equinócio.

Sabe-se lá o que aquilo queria dizer.

Nova tinha um uso bem mais simples em mente para ele.

Não era tão grande quanto um de trocador nem como o espelho grande que ela vira Narcissa atravessar na biblioteca, mas Narcissa era pequena e magra (embora fosse ao menos sete centímetros mais alta do que Nova, o que surpreenderia Callum se ele encontrasse a impostora).

Ela achava que seria suficiente.

Teria que ser suficiente.

Perguntando-se se aquele poderia ser seu último sua última artimanha enquanto se passava por Renegada, Nova enfiou o espelho na prateleira de baixo do carrinho e o empurrou para a entrada.



MENOS DE UMA HORA depois, Nova encontrou Pega em um canteiro de obras ali por perto. Ela descobriu, ao conversar com um pessoal da central telefônica do QG, que, em dias em que não havia cena de crime para investigar, as equipes de limpeza costumavam ser enviadas para projetos de reconstrução da comunidade. Embora a

Cidade de Gatlon tivesse mudado bastante nos últimos dez anos, ela ainda carregava as cicatrizes da Era da Anarquia, com muitos bairros sofrendo com prédios velhos, feios e nada seguros, quase ruínas parcialmente demolidas, com parques com mato alto e descuidado e coisas do tipo. O projeto do dia era uma escola abandonada que os Renegados tinham esperança de reformar para que virasse um centro recreativo comunitário.

Nova não pôde deixar de se perguntar, quando se aproximou da construção com a pilha de entulho do lado de fora, as janelas quebradas e as telhas faltando, por que um trabalho daqueles tinha caído nas mãos dos Renegados. Não havia trabalhadores civis que precisavam do emprego? Carpinteiros que poderiam levantar paredes e instalar janelas tão bem quanto um prodígio?

Depois de passar pela fileira de cones de segurança laranja, Nova entrou debaixo da marquise do prédio. Ao ver o uniforme cinza e vermelho, a maioria dos trabalhadores a ignorou e continuou fazendo suas coisas.

Nova levou só alguns minutos para encontrar Pega em uma sala dos fundos. Ela estava remexendo em uma pilha de entulho e usando os poderes telecinéticos para separar qualquer coisa que pudesse ser considerada reutilizável, de um lustre intacto a um emaranhado de fios de cobre.

Ela parecia imensamente entediada.

Até que Pega ergueu o olhar e viu Nova. Ela levou um susto e os fios de cobre caíram de volta nos escombros.

Aí fez uma expressão de desprezo, que era exatamente o que Nova esperava.

Callum, sempre alegre. Pega, sempre rabugenta.

— Você está com uma coisa que é minha — disse Nova, atravessando a sala e esticando a mão. — Eu gostaria que você devolvesse.

Pega se afastou e fez um movimento incrivelmente sutil: uma das mãos apertou por um segundo a lateral da calça cargo. Mas ela logo disfarçou, fechando as mãos e apoiando nos quadris.

— Eu não sei do que você está falando.

Nova ergueu uma sobrancelha e considerou colocar logo a garota para dormir e seguir com seu dia. Ela não tinha tempo para aquilo. Mas sabia que uma atitude assim poderia ter várias consequências negativas.

Então só respirou fundo e falou:

— Minha pulseira. Agora.

— Eu não estou com aquele lixo de pulseira — falou Pega, o que era a coisa mais incriminadora que ela poderia dizer, considerando que já tinha tentado roubar a joia e praticamente ficou babando na estrela quando a viu no baile. As duas sabiam que Pega não achava a pulseira um *lixo*.

— Eu sei que Adrian te deu — disse Nova. — Você falou que ia entregar para os Artefatos, mas eu verifiquei e não está lá.

Pega deu de ombros, mudou de posição e cruzou os braços.

— Callum pode ter esquecido de anotar.

Nova trincou os dentes até a mandíbula começar a doer.

— Tudo bem — concordou. — Vou olhar de novo.

— Faz isso. — Pega relaxou, só um pouco, e foi nessa hora que Nova pulou em cima dela.

Segurando o braço de Pega, Nova a virou enquanto torcia a mão dela para as costas. Pega gritou, mais de surpresa do que de dor, embora Nova não estivesse tentando ser gentil.

— Me solta!

Nova ignorou a luta dela e enfiou a mão no bolso que Pega tinha sinalizado antes. Seus dedos se fecharam em alguns objetos soltos. Ela empurrou Pega para longe e abriu a mão.

Ela se sentia capaz de dançar de euforia ao ver a pulseira de novo, intacta, a estrela tão brilhante quanto sempre.

O segundo objeto na palma da mão dela era um pouco menos convencional. Ela esperaria que a patife mirim carregasse moedas ou joias roubadas, ou até alguma coisa útil, como ferramentas de arrombamento, mas não...

— Isso é uma bala? — perguntou Nova, segurando o objeto entre dedos. O projétil era pesado para o tamanho, o brilho, antes prateado, agora fosco com o tempo.

— Devolve! — gritou Pega, o rosto vermelho. Ela pulou para pegar a bala, mas Nova a tirou facilmente do alcance dela.

— Por que você tem...

Pega abriu os dedos. A bala foi arrancada da mão de Nova e voou até a dela. Ela fechou bem a mão e segurou o punho junto ao peito.

— Não é da sua conta! — berrou Pega, o rosto cheio de veneno.

Nova riu com deboche.

— E você tentou chamar a *minha* pulseira de lixo? Quando sai por aí carregando uma...

— Não é lixo! — berrou Pega. Ela estava bem nervosa agora, o rosto vermelho, as mãozinhas fechadas e tremendo. — Essa bala me deu meus poderes! Sem ela, eu... eu não... — Ela soltou um grunhido frustrado e repetiu: — Não é da sua conta!

Nova inclinou a cabeça para o lado.

— Uma bala te deu seus poderes?

Antes que Pega pudesse responder, alguém bateu na porta que tinha sido deixada aberta. As duas pularam ao ver o supervisor de limpeza olhando as duas com preocupação.

— Tudo bem aqui?

Nova olhou com raiva para Pega. Nenhuma das duas falou por um longo momento.

Finalmente, Nova bufou e começou a prender a pulseira no pulso, usando o mesmo fecho que Adrian tinha desenhado para ela uma vez.

— Sim — disse ela, passando por Pega, que se encolheu para seus ombros não se tocarem. — Tudo está como deveria estar.

CAPÍTULO VINTE E OITO



— ENTÃO... PESADELO ENTROU NA casa e roubou uns gibis? — perguntou Max, a expressão mais do que um pouco cética.

— Meus gibis do *Rebelde Z* — esclareceu Adrian. — Que eu desenhei quando tinha a sua idade.

— Eu não me lembro de você desenhar quadrinhos.

— Nunca te mostrei esses. Não se preocupe, você não perdeu muita coisa. E eu só fiz três revistas.

Como Max não podia se aventurar pelo mundo, Adrian tinha tornado sua prioridade como irmão mais velho apresentar o máximo do mundo para ele. Essa responsabilidade incluía levar para Max vários filmes, livros e videogames populares, além dos favoritos de Adrian, gibis. Max tinha aprendido a ler com a coleção de HQs do Adrian, mas o garoto nunca tinha achado *Rebelde Z* bom o suficiente para mostrar para alguém.

— Por que você parou de desenhar?

Adrian pegou uma bola de futebol que tinha rolado até a cômoda da Ruby.

— Sei lá. Cheguei numa parte em que o personagem se transformava num super-herói poderoso e... comecei a perder o interesse. Eu não tinha pensado além disso em termos de história, e começou a parecer mais trabalho do que qualquer outra coisa.

Ele jogou a bola na parede, onde quicou e caiu certinho em um cesto de roupa suja.

Os dois estavam sentados no chão do quartinho, e era estranho estar lá sabendo que aquele deveria ser o espaço de Ruby... que *era* o espaço de Ruby, pelo menos daquele lado do quarto, onde havia os quadrinhos dos *Super Scouts* na prateleira abaixo da janela, um alvo de dardos pintado à mão atrás da porta, um pôster de emoticons sarcásticos ao lado da cama. O restante do quarto, com o beliche e cestos cheios de bonecos, pertencia aos gêmeos.

Agora o quarto era para ser do Max também, mas ele não tinha levado nenhum pertence: nenhum livro favorito, nenhuma arte engraçadinha, nada que sugerisse que ele era o novo ocupante do espaço que tinha cheiro de pipoca e do xampu de morango da Ruby. Ele se perguntou quanto tempo levaria para Max transformar aquilo num lar, e torceu para nunca ter que descobrir. Ele queria um lar permanente para o Max e, por mais grato que ele estivesse à família Tucker por receber o garoto de braços abertos, sabia que ali não era o lugar dele.

— A questão — disse Adrian, encostando a cabeça na colcha de retalhos da cama — é que aquelas revistinhas foram a inspiração para o Sentinela. O personagem praticamente *se torna* o Sentinela no terceiro volume, e eu usei aquilo que desenhei na época como modelo pra minha armadura.

— E você acha que foi por isso que a Pesadelo quis pegar? Pra te chantagear?

— Pode ser. Ou só pra ter provas que possam revelar ao mundo quem eu sou.

Max franziu a testa, aparentemente sem se convencer.

— Mas como ela ficou sabendo dessas revistas? Pra quantas pessoas você mostrou isso?

— Não muitas. Meus pais viram, mas tem muito tempo, acho que nem lembram tão bem. E... — Ele parou de falar e refletiu. Ele não tinha lembrança de ter mostrado as revistinhas para mais ninguém. — Acho que só.

— E Ruby ou o pessoal da equipe?

— Não, eu não mostrei pra eles. Não via essas revistas havia anos. Não tenho ideia de como Pesadelo ficou sabendo.

— Você não mostrou elas pra Nova? — perguntou Max, enfileirando uma série de bonequinhos no tapete.

— Não. Eu me lembraria se tivesse feito isso.

Max murmurou, mas Adrian não conseguiu interpretar o som.

— O quê?

— Sei lá — disse Max, ajeitando um dos bonecos. — Você nunca comentou com ela?

Adrian abriu a boca, mas hesitou. Na verdade, seus pais tinham falado alguma coisa sobre o *Rebelde Z* naquela vez em que Nova foi jantar com eles, mas... foi só um comentário aleatório, nada que pudesse levar alguém a se interessar pelas revistas, e menos ainda a desconfiar que aquelas páginas guardavam a identidade do Sentinela.

Além do mais...

— Nova não é Pesadelo.

— Eu sei — disse Max, mas o tom dele dizia outra coisa.

— Max, ela *não* é. Ela estava na prisão quando...

— A neta do Bibliotecário apareceu na loja de departamentos e ela estava com o elmo, eu sei, eu sei, eu sei. — Max deu um peteleco na cabeça de um dos bonequinhos e o derrubou no tapete antes de encarar Adrian. — Mas não faz sentido.

— Claro que faz sentido — insistiu Adrian. — Eu passei muito tempo pensando nisso, e com todos os espelhos e o acesso dela a...

— Não isso. Não faz sentido ela ter *me* ajudado. — Max passou a mão pelos brinquedos e derrubou todos de uma vez para poder começar de novo. Desta vez, arrumando-os em linhas opostas preparadas para se enfrentar em batalha. Heróis de um lado, vilões de outro. — Eu não conheço a neta do Bibliotecário. Por que ela se arriscaria pra me ajudar como fez?

Adrian refletiu sobre isso enquanto via os bonecos sendo jogados lentamente uns contra os outros.

— Talvez ela tivesse alguma conexão com os Baratas. Talvez conhecesse seus pais biológicos, sei lá.

Max bufou.

— Os que tentaram me matar? Nesse caso, seria de se imaginar que ela estaria mais do que disposta a terminar o serviço. Além do mais, não explica como acabei com o poder dela. Se ela roubou o Amuleto da Vitalidade, estava protegida de mim, tudo bem. Mas então como eu botei aquela enfermeira pra dormir?

— Bom... De novo, você pode ter interagido com ela quando era bebê. O avô dela devia vender armas para os Baratas e você talvez tenha tido contato com ela.

Max balançou a cabeça.

— Se eu fosse capaz de fazer as pessoas dormirem desde bebê, acho que eu saberia.

— Mas talvez não — disse Adrian. — Você não teve muito contato humano.

Max grunhiu.

— Eu saberia.

Adrian afastou o olhar. Ele não queria duvidar do Max, mas... ele sabia que tinha que haver alguma explicação, alguma peça do quebra-cabeça de que não sabiam.

Porque Nova não era Pesadelo. Nova era inocente.

— Enfim — disse ele, observando o ponto acima da cômoda onde antes havia um espelho, a silhueta delineada pela cor desbotada da tinta em volta. — Espero que não tenha dado trabalho demais tirar todos os espelhos. Tenho certeza de que a Pesadelo ainda está com o Amuleto da Vitalidade, o que te torna vulnerável até conseguirmos encontrá-la e recuperá-lo.

— Os Tucker não pareceram se importar com isso. Eles são bem tranquilos com as coisas. Eu te contei que o Turbo entrou na escrivaninha da sra. Tucker e picou umas fotos e cartões-postais antigos dela? Ela tentou fingir que não era nada de mais, mas eu me senti péssimo.

Adrian fez uma careta.

— Bom, não é sua culpa. Fui eu que criei o Turbo.

— Eu sei. Talvez na próxima vez você possa fazer, sei lá, um bicho-preguiça. Ou um ornitorrinco.

Adrian riu e observou o quarto, que era formado cinquenta por cento de brinquedos, quarenta por cento de roupas sujas e dez por cento de camas. Ele se perguntou como Max ou os gêmeos conseguiam encontrar as coisas, mas achou que provavelmente também era bagunceiro assim quando tinha a idade deles. Não admirava que seus pais nunca iam ao porão se não fosse necessário.

— Cadê o Turbo, aliás?

Max apertou os lábios e apontou para a gaveta de cima da cômoda, que estava aberta alguns centímetros.

— Dormindo.

Adrian se levantou e olhou lá dentro. A criaturinha estava encolhida em cima de uma pilha de camisetas. Adrian enfiou a mão na gaveta e pegou Turbo na palma da

mão, depois se sentou ao lado de Max. Os dois passaram um momento olhando o dinossaurinho, que não se mexeu quando Adrian o tocou. Isso por si só era incomum. Além do mais, a cor estava estranha, mais cinzenta do que antes, e a respiração estava tão superficial que Adrian quase não conseguia senti-la na pele.

— Ele não parece muito bem — murmurou Adrian.

— Eu sei — disse Max. — Está assim desde ontem. Tentei dar comida pra ele ontem à noite, mas só comeu dois pedacinhos de bacon. Ele normalmente ama bacon... — Max tirou Turbo da mão do Adrian com delicadeza. — Eu sabia que ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas... vou sentir falta dele.

— Eu posso desenhar outro, quer?

Max fez que não.

— Não. Ele é insubstituível.

Adrian não discutiu. Ele entendia o sentimento.

Com Turbo na palma de uma das mãos, Max voltou o foco para a cena de batalha arrumada e avaliou os bonecos como um senhor da guerra preparando a estratégia. Mas, quando olhou para Adrian, havia uma preocupação evidente no rosto dele.

— Sobre a Pesadelo e espelhos...

— O quê?

— Eu estou colocando os Tucker em perigo por estar aqui, né?

Não adiantava negar. A presença do Max sempre seria acompanhada de algum perigo. Então, Adrian disse:

— Você também estaria colocando a equipe do hospital em perigo.

— Mas eu poderia voltar para o quartel-general.

— Você não vai voltar para o quartel-general.

— Mas... eu não ficaria mais seguro lá também? Pelo menos até vocês encontrarem Pesadelo?

Adrian abraçou os joelhos.

— Você quer voltar?

Max demorou para responder.

— Eu gosto de morar aqui, mas... não quero fazer mal a mais ninguém.

Adrian sentiu uma pontada de dor no peito. Ele sabia que Max carregava muita culpa pelos superpoderes que tinha roubado em seus poucos anos de vida e sabia que não havia justificativa que fosse fazer o garoto se sentir melhor. Não era culpa dele,

ele não tinha como evitar, e, além do mais... Max tinha impedido Ace Anarquia, o que valia bem mais do que alguns poderes roubados de tempos em tempos.

Como se lendo os pensamentos dele, Max acrescentou:

— Eu andei tendo pesadelos com o Ace Anarquia. — Ele pegou um dos bonequinhos, um homem musculoso de roupa cinza, capa e elmo, que poderia ter sido inspirado no famoso vilão. — Fico sonhando que ele vem atrás de mim, mas, nesse caso, em vez de ele ficar mais fraco quando chega perto de mim, é o oposto. Eu fico mais fraco e ele fica cada vez mais forte.

— São só sonhos — disse Adrian. Ele esticou a mão, tirou o boneco da mão do Max e o ergueu. — Eu conheci o Ace Anarquia, lembra? Ele não é nada assim. Não é mais tão assustador, só um velho frágil e mal-humorado. E, em poucos dias...

— Ele vai estar morto — murmurou Max.

Adrian jogou o boneco no meio da batalha. Caiu de cara para baixo no tapete.

Derrotado.

Max ficou olhando por muito tempo, mas pegou o boneco e o colocou de volta na linha de combatentes.

— Então — disse ele, o tom mais animado, embora Adrian sentisse uma certa tensão. — O que você vai fazer sobre as revistinhas desaparecidas?

— Não sei direito. Mas talvez seja hora de abrir o jogo. De contar a verdade pra todo mundo.

Max se virou para ele, surpreso.

— Sério?

— Não sei. Não me sinto pronto, mas também fico enjoado de pensar que Pesadelo tem esse segredo pra usar contra mim. O que quer que ela esteja planejando, se eu me revelar primeiro, vou tirar esse trunfo dela. Além do mais, com todo mundo tão concentrado no Ace Anarquia, na publicidade do Agente N e nas ameaças da Genissa Clark e agora na procura contínua pela Pesadelo e pelo resto dos Anarquistas... talvez a história do Sentinela não pareça nada de mais. Talvez possa passar batido, sabe?

As bochechas de Max tremeram com uma gargalhada sufocada.

— Claro. O justiceiro que está constrangendo os Renegados há meses e desafiando sem parar o código de autoridade no fim das contas é o próprio Adrian Everhart. — Ele assentiu com expressão de sabedoria. — Não vai abalar ninguém.

— Valeu pela força.

O sorriso torto do Max voltou, de verdade agora.

— Pelo lado bom... ninguém mais acha que a sua namorada é a vilã mais procurada do mundo.

A pulsação de Adrian saltou quando ele ouviu Max se referindo a Nova como namorada dele. Vindo de outra pessoa fazia com que parecesse tão... *oficial*.

— Verdade — concordou. — Isso torna tudo mais fácil.

Pensar em Nova o deixava ainda mais determinado em consertar o que ele tinha estragado quando não acreditou na inocência dela. O jeito como ela o beijou no pír parecia sugerir que ela já o tinha perdoado, mas Adrian não queria correr nenhum risco. Ele nunca mais queria perdê-la.

Os pensamentos dele foram interrompidos por um grito agudo baixinho. Adrian levou um susto, mas Max, acostumado com o barulho, levantou a mão e olhou para Turbo.

— Já estava na hora de você acordar, amigão. Está com fome?

O velociraptor abriu a boca no que poderia ser um bocejo e esticou as patas de trás. Precisou de algumas tentativas desajeitadas para ficar de pé. Max suspirou.

— É, você não está se sentindo muito bem. Eu sei. Sinto muito.

Turbo ficou olhando para Max com os olhos pretos. O dinossaurinho emitiu outro som, um miado patético, e estendeu a pata dianteira bem devagar, esticando a garra que mais parecia uma agulha até tocar na ponta do nariz do Max.

E aí, como um brinquedo de corda sem corda, o bichinho ficou imóvel.

Max e Adrian ficaram um tempão em silêncio. Adrian queria dizer algo para consolar Max enquanto ele olhava para a criatura, agora tão imóvel quanto um dos bonecos de plástico, mas não sabia o que dizer.

Enfim, Max expirou lentamente.

— Estou feliz por você ter feito ele. Turbo era um carinha corajoso.

— Era, sim.

Um sorrisinho malicioso surgiu no rosto de Max. Ele colocou o dinossauro, paralisado na postura final, no meio do campo de batalha.

— E agora vai ser um supervilão incrível.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



— E U NÃO SEI SE consigo viajar por um espelho mágico.
Nova encarou Narcissa sem acreditar.
— Seria bom ter essa informação ontem.

Narcissa olhou para ela exasperada.

— Bom, talvez você devesse ter me contado o que estava planejando! Tudo bem que vocês Anarquistas são todos “cada um por si”, mas eu imaginaria que passar tanto tempo com os Renegados teria te ajudado a trabalhar melhor em equipe.

Nova abriu a boca para refutar a ideia de que ela poderia aprender alguma coisa de útil com os Renegados, mas parou. Na verdade, Narcissa talvez tivesse razão. Bufando, ela perguntou:

— Você acha mesmo que não vai funcionar?

Narcissa fez um bico para o lado, refletindo sobre a pergunta.

— Acho que vai, provavelmente? Mas depende de que tipo de... encantamento tem nele, sei lá. — Ela deu de ombros. — Nós temos alguma outra opção?

Nova soprou uma mecha de cabelo da cara.

— Não, então por enquanto vamos supor que vai dar certo. Eu guardei o espelho aqui, numa pilha de equipamento de obra. — Ela desenhou um X na planta que mostrava a disposição do andar térreo do quartel-general e do mezanino, inclusive as primeiras plantas dos laboratórios perto da quarentena. — Quando estiver lá dentro, você vai seguir por esse corredor, vai virar à esquerda nessa porta, e o depósito fica à direita. Não sei em qual sala do depósito, você pode ter que olhar em

todas. E também não sei mais quem vai estar de plantão, mas pode apostar que vão estar de olho nesse andar, então terá que ser rápida depois que entrar.

Narcissa não pareceu impressionada.

— E eu que estava esperando ter um tempo pra ler um pouquinho por lá.

Nova a ignorou e acrescentou:

— E não esquece de levar o espelho junto, caso precise de uma saída rápida.

— Pode parar com o óbvio. Eu faço isso a vida toda.

— Tudo bem.

— E se o depósito estiver trancado?

— Vai estar. — Nova enfiou a mão na pilha de pastas ao lado delas e remexeu nos papéis até tirar um cartão branco, o mesmo que tinha roubado de um administrador inconsciente em frente à sala de segurança dos Renegados. — Isso deve te dar acesso.

— Deve? — disse Narcissa secamente, guardando o cartão. — E se não funcionar?

— Você é boa de arrombar fechaduras?

Narcissa ergueu as sobrancelhas com consternação.

— Estou brincando. Se isso não der certo, dá o fora de lá e volta. A gente muda para o plano B.

— Qual é o plano B?

— Não sei ainda.

— Isso me deixa bem mais tranquila — retrucou Narcissa.

— Foi você que me tirou da cadeia. Você queria que eu ajudasse com estratégia, e é isso que estou fazendo.

— É, mas achei que nós estaríamos planejando o declínio final dos Renegados, algo que levaria meses, talvez até anos. Não achei que teríamos menos de uma semana pra salvar o supervilão mais famoso de todos os tempos.

— Eu gosto de sonhar alto.

Narcissa riu, mas não havia muito humor na risada.

— Vou falar com o Cianeto e ver como está a imitação. Esteja pronta pra agir esta noite. O quartel-general costuma ficar mais vazio entre as três e quatro da madrugada.

— Sim, sim. Vou estar pronta — disse Narcissa. — Mas, olha, preciso ser sincera com você. Acho que tentar impedir a execução e resgatar o Ace Anarquia é uma péssima ideia e sei que muitos dos Rejeitados pensam assim também. Talvez você consiga persuadir alguns deles a se juntarem a você nessa cruzada, mas eu não vou ser um deles e não vou forçar ninguém mais a participar.

— Do que você está falando? Você acabou de dizer...! — Nova apontou para a planta.

— Eu sei, eu vou fazer isso — disse Narcissa. — Mas não por você e não pelo Ace Anarquia. Vou fazer isso por todos os prodígios que foram oprimidos pelos Renegados. Vai ser um golpe enorme pra eles e para o poder deles, e com isso eu concordo. Era o que meu avô ia querer que eu fizesse. Mas não vou me sacrificar com você, e não sei quantos dos outros irão voluntariamente. Estamos fazendo isso pra ter vidas melhores, em paz e com liberdade. Mas pessoas vão morrer se você fizer isso, e esse não é um risco que estamos todos dispostos a correr. Não em nome do Ace Anarquia, pelo menos.

Nova cruzou os braços.

— Que espírito de equipe, hein. Você não sabe o quanto o Ace Anarquia fez por nós? Por todos nós?

— Sim, eu sei o que ele fez. Mas ele também levou todo mundo pra uma guerra! Eu sei que você gosta do Ace, mas... não sei se concordo que precisamos dele pra derrubar os Renegados. Podemos fazer isso sem ele. E se você e os Anarquistas não voltarem... então vamos fazer isso sem vocês. Você está nos dando uma arma incrível aqui.

Nova olhou para a planta. A sensação era de traição, mas ela conhecia Narcissa havia muito pouco tempo e não sabia por que estava surpresa.

— Tudo bem. — Nova começou a enrolar a planta. — Você não seria muito útil na arena de qualquer forma, mas preciso saber quem está conosco pra poder elaborar minha estratégia. E não deixe nada do Agente N quando sair daquele depósito.

— Claro.

Um dos Harbingers apareceu no corredor, a veste dourada se agitando em volta das pernas.

— Cianeto me pediu pra dizer que a substância imitação está quase... Ai! — Ele apertou o braço e se virou.

Nova deu um pulo, já se preparando para um ataque. Mas era só Leroy, vindo por trás do garoto com uma agulha pequena na mão. Ele deu um sorriso encabulado. — Peço desculpas. Eu precisava ter certeza...

Antes que terminasse de falar, o garoto Harbinger soltou um gemido e desabou junto à parede.

— Sinto muito — disse Leroy.

Mel apareceu, indo ver o que tinha causado o grito. Ela se mostrou um pouco intrigada ao olhar o garoto inconsciente.

— O que houve com ele?

— Vai ficar bem. Deve passar em dez minutos. Vinte, no máximo. — Leroy ergueu a agulha e mostrou para Nova. — Boa notícia. O veneno de paralisia está pronto. Vou chamar de *Agente P*.

Nova fez uma careta.

— Só pra deixar as pessoas a nosso favor, vamos tentar procurar voluntários da próxima vez que você precisar testar alguma coisa, está bem? Mas... bom trabalho.

— Obrigado.

— Isso ainda não resolve o problema de como vamos injetar isso simultaneamente em centenas de Renegados — continuou Nova. Esse dilema foi causa de muita discussão desde que ela avaliou a possibilidade de salvar Ace. No início, eles planejavam dar aos Renegados uma dose de anestesia gasosa bombeada pelo sistema de ventilação, só que, graças às bombas de Agente N da Pesadelo, a maioria dos Renegados agora estava equipada com uma máscara de gás.

— Não se preocupe — disse Mel. — Leroy e eu estamos trabalhando em algumas alternativas. Concentre-se em tirar o Ace de lá e fazer com que a revelação do Agente N falhe. Nós cuidamos do resto. — Ela passou um braço pelos ombros do Leroy e o guiou na direção do laboratório improvisado no canto do porão.

Nova os viu se afastarem, o estômago tenso de apreensão. Havia tantas coisas que podiam dar errado.

Mas não havia tempo para ficar pensando nelas.

— Tudo bem — disse ela, virando-se para Narcissa, que ainda estava olhando estupefata para o Harbinger inconsciente. — Você encontrou o que pedi na mansão?

Narcissa encarou Nova, confusa por alguns segundos, antes de sair do transe.

— Encontrei, sim. Bem onde você disse que estaria. — Narcissa pegou uma bolsa nas costas e a colocou na mesa. Enfiou a mão lá dentro e tirou uma pilha de papéis, muitos amarelados pelo tempo e enrolados nos cantos, com alguns rasgos consertados com fita adesiva transparente. — Primeiro achei que era coisa da sua paixãozinha pelo tal Everhart, mas agora... eu saquei.

Nova ficou tensa.

— Você leu?

— Claro que li. — Narcissa folheou algumas páginas e parou em um desenho infantil de um monstro sombreado com olhos brancos apertados. — É só uma meleca no começo, mas, conforme ele foi ficando mais velho e a arte foi ficando melhor... — Ela continuou folheando. Os papéis estavam mais organizados do que quando Nova os viu pela primeira vez, enfiados em uma caixa esquecida numa prateleira esquecida. Narcissa devia tê-los arrumado em ordem cronológica, e o resultado era impressionante. Ela ficou olhando enquanto, página após página, o fantasma de Adrian ia ganhando forma.

No final da pilha havia os três volumes de *Rebelde Z*, a revistinha que Adrian tinha começado a fazer quando criança. Nova tinha olhado rapidamente a primeira quando estava xeretando o escritório, mas Narcissa foi devagar agora, virando uma página de cada vez. Na história, um garoto de rua que se parecia muito com um Adrian criança era abduzido por um cientista do mal. Ele, junto com vinte e cinco outras crianças, era sujeitoado a testes cruéis. Narcissa parou em uma página que mostrava uma das outras crianças amarrada em uma maca, gritando de dor enquanto o médico e os assistentes aplicavam umas sondas de alta tecnologia no crânio e no peito dela.

Narcissa virou outra página e Nova prendeu o ar.

O garoto na mesa parecia morto e, surgindo dos lábios azuis entreabertos, vinha um monstro, a mesma figura sombreada que tinha assombrado a arte de Adrian por tantos anos. Mas não era mais vaga e obscura. Agora, as bordas estavam delineadas em preto.

Uma capa com capuz pairava sobre o corpo do garoto, curvando-se como se para olhar dentro dos olhos do garoto morto.

Um dedo ósseo saía de uma manga ondulante.

Havia uma arma na mão oposta, cintilando de leve no laboratório do médico.

Uma foice.

— Pode ser coincidência — sussurrou Nova.

— Eu também achei — disse Narcissa, baixando a voz. — Aí, perguntei a Mel sobre ele. A maioria dos Anarquistas seguia o Ace por décadas; alguns estavam com ele desde antes do começo da Era da Anarquia, até. Mas o Fobia apareceu do nada, mais ou menos um ano antes do Dia do Triunfo, e disse para o Ace que seu propósito era levar o terror aos inimigos mútuos dos dois. Até onde a Mel sabe, ele nunca contou a ninguém seu verdadeiro nome nem quem era antes de se tornar o Fobia. — Ela tremeu. — A linha do tempo funciona. Adrian Everhart devia ter... o quê? Cinco ou seis anos quando começou a desenhar essas... coisas. — Ela tirou uns desenhos velhos da pilha. — A habilidade dele ainda não era lá muito boa, mas parece seguro dizer que ele estava desenhando o Fobia... mesmo naquela época.

Nova massageou a têmpora. Ela meio que esperava aquilo. Pensamentos sobre Fobia e Lady Indomável a atormentaram na cela de prisão quase tanto quanto os pensamentos sobre o próprio Adrian. Era um enigma que tinha se resolvido rapidamente quando ele contou sobre o cartão encontrado no corpo da mãe dele. *Quem não tem medo não pode ser corajoso.*

O poder do Fobia era se alimentar dos medos mais profundos do inimigo, e o próprio Adrian tinha contado a Nova que seu maior medo de infância era que um dia sua mãe fosse embora e nunca mais voltasse.

Ela esperava estar enganada. Mas agora...

— Ele criou o Fobia — sussurrou ela, pegando o papel da mão de Narcissa e inspecionando o desenho infantil com medo crescente. Ela ficou sobressaltada ao perceber sua visão ficando embaçada ao tentar imaginar o que Adrian sentiria se soubesse a verdade. — Ele criou o monstro que matou a mãe dele.

— Nova... — Narcissa esticou a mão e pegou o desenho de volta. — Adrian Everhart é um Renegado. Ele não está do nosso lado.

Nova se endireitou e piscou para afastar qualquer sinal de lágrimas.

— Eu sei disso.

— É, mas... — Narcissa franziu a testa, em dúvida. Ora, ela parecia estar quase *com pena* de Nova.

Nova amarrou a cara, pegou os papéis e os enfiou de volta na bolsa.

— Obrigada por pegar isto. Preciso conversar com Millie e...

— Opa, opa, tinha outra coisa que eu queria te mostrar. — Narcissa pegou as revistinhas do *Rebelde Z* antes que Nova pudesse guardá-las. — Você leu isto?

— Eu não tenho tempo.

— Mas tem uma coisa...

— Depois — disse Nova com rispidez. Mas, sentindo-se culpada, ela forçou um sorriso. Não estava com raiva de Narcissa; estava com raiva de toda aquela situação impossível.

Adrian Everhart era seu inimigo.

Fobia era seu aliado.

Então, por que parecia que seu coração estava se partindo só de saber como Adrian sofreria se soubesse a verdade sobre a ligação entre eles?

— Desculpa — completou. — Você me mostra depois, tá? É que... eu preciso muito falar com a Millie sobre umas coisas. É importante.

Batendo os dedos na capa da revistinha, Narcissa assentiu lentamente.

— Claro, pode esperar. Não muda muita coisa a essas alturas.



NOVA TINHA UMA LISTA longa na cabeça de tudo que precisava fazer e de todo mundo com quem precisava falar para ter certeza de que as coisas estavam indo de acordo com o plano, o plano que ainda estava se formando conforme os minutos se passavam. Principalmente agora que ela sabia que nem todos os Rejeitados da Narcissa estariam dispostos a participar, como tinham feito com que ela acreditasse.

Mas Nova queria falar com Millie primeiro. Ela esperava que a psicometrista pudesse dar respostas que Nova duvidava que fosse encontrar em outros lugares.

O porão embaixo da casa de penhores era dividido em uma série de salões, onde alguns membros da aliança em formação tinham ocupado um canto aqui ou montado uma cama ali. Havia um banheiro e um chuveiro com água corrente que nunca chegava a ficar quente, e só os prodígios procurados pelos Renegados passavam a maior parte do tempo no esconderijo subterrâneo. Muitos dos outros ainda tinham casas para onde voltar, embora Nova tivesse insistido que eles se reunissem em momentos específicos para desenvolver os detalhes do plano que nascia.

Dos prodígios que ficavam de forma mais consistente no abrigo, Millie tinha ganhado um espaço próprio e dividia um armário convertido com o gerador que roncava e estalava sem parar. Quando Nova chegou ao aposento, viu Millie sentada de pernas cruzadas em uma almofada velha de sofá, aninhando uma xícara de chá entre as mãos. Seus olhos estavam fechados quase com alegria, mas um se abriu com irritação quando Nova bateu na porta de compensado.

— Você pode pesquisar uma coisa pra mim? — pediu Nova, entrando no aposento antes que Millie pudesse expulsá-la.

Grunhindo, Millie espiou dentro da xícara, que Nova percebeu que estava vazia.

— Estou ocupada.

— Isso é importante.

— Vocês, jovens, acham que tudo é importante.

Nova ficou tensa, irritada com a ideia de que os problemas *dela* pudessem ser triviais.

— Se fracassarmos, o Ace Anarquia vai morrer. Ou eu sou a única que liga pra isso?

Millie cantarolou, inabalada, enquanto virava a xícara de cabeça para baixo e a examinava.

— Porcelana de ossos do século XVIII. Borda dourada. Desenho botânico pintado à mão. — Ela passou o polegar por uma marca vermelha embaixo. — Carimbo bem demarcado. Na época em que coisas bonitas eram mais valiosas do que são hoje, isto teria sido vendido por mais de dois mil dólares.

Embora Nova estivesse irritada com o descaso proposital da Millie em relação às suas palavras, ao ouvir isso suas sobrancelhas se ergueram com surpresa. Nova observou a xícara com mais atenção agora, mas, para ela, continuou parecendo uma antiguidade, útil só para colocar chá.

Com um sorriso torto, Millie colocou a xícara na mesa.

— Pelo menos, é isso que ela quer que você acredite. Na verdade, é uma falsificação. Uma réplica de qualidade, mas ainda assim uma impostora. É interessante, não acha, como uma impostora, por melhor que seja, nunca vá ser tão valorizada quanto a original? — A expressão dela ficou meio debochada. — Você deve saber algo sobre isso, não é, jovem Renegada?

— Acho que sim — murmurou Nova. — Isso é da loja de penhores?

— Foi trazida para ser penhorada ontem de manhã. Dave me paga pra avaliar as mercadorias há anos. As pessoas trazem muitas coisas aleatórias para serem vendidas, e pode ser bem difícil separar o joio do trigo. Por sorte, esse é meu talento.

— Vir pra cá foi ideia sua?

Ela deu de ombros.

— A srta. Cronin me procurou no barco e me contou o que estava planejando, tentar reunir os velhos companheiros do avô dela. Eu gostei da ideia; está ficando cada vez mais difícil fazer negócio com os Renegados sempre fungando nos nossos cangotes. Mas nós não íamos caber todos no meu barquinho, então sugeri a loja do Dave. Os Demônios e algumas outras gangues faziam reuniões aqui embaixo.

— E o seu barco? — perguntou Nova. — Você não fica preocupada de deixá-lo desprotegido enquanto está aqui?

— Vai ficar bem — disse Millie, os olhos cintilando. — Leroy me ajudou a criar umas defesas. Se tentarem roubar meus tesouros, vão se arrepender. — Ela botou a xícara no chão, cruzou as mãos no colo e voltou a atenção para Nova. — O que você queria que eu olhasse?

Nova fechou a porta. Atravessou o aposento enquanto soltava a pulseira, os dedos lutando com o fecho que Adrian tinha desenhado para ela. A corrente deslizou pela pele. A estrela se iluminou por um momento antes de voltar ao brilho suave de sempre.

— Eu quero saber mais sobre isto — disse ela, oferecendo a pulseira para Millie. — Quando roubei o elmo, minha pulseira reagiu, quase como se os dois fossem atraídos um pelo outro. E a — ela engasgou na palavra *estrela* e acabou dizendo: — pedra também teve uma reação. Ela me ajudou a quebrar a caixa de cromo em que o elmo estava guardado. Eu sinto que há alguma conexão entre os dois.

O rosto de Millie quando ela olhou para a pulseira foi parecido com o de uma curadora observando uma obra de arte, mas a mulher mais velha não esticou a mão para pegá-la.

— Eu não toquei no elmo e pode ser que não veja a história compartilhada dos dois, se é isso que você espera.

— Posso pedir para o Fobia trazer o elmo se precisar — disse Nova. — Andei pensando que talvez todo mundo devesse experimentar e ver como afeta nossos

poderes. Teoricamente, ele amplifica qualquer habilidade de prodígio, o que pode ser útil. E vamos precisar de toda vantagem que pudermos obter.

Millie riu.

— Pode ir em frente, mas eu já vi dificuldade demais na vida. — Ela se levantou e andou até uma mesinha cheia de pratos variados. Selecionou uma caneca de cerâmica lascada, mas, em vez de café, ela pegou uma garrafa verde e encheu a caneca de vinho tinto, quase até a borda. — A destruição gerada por mil relíquias, as tragédias de recordações de famílias demais para contar. — Ela voltou a se sentar, aninhou a caneca nas mãos e tomou um gole enquanto olhava para Nova. — Eu não preciso ver o que o elmo viu.

Nova tentou não pensar muito nos primórdios da Era da Anarquia. Os sacrifícios que Ace fizera a serviço da visão dele. As pessoas que foram mortas, a devastação gerada na cidade e no mundo enquanto outros prodígios seguiam o exemplo dele.

Ela não podia culpar Millie por também não querer pensar nessas coisas.

— Você pode dar uma olhada nisso, pelo menos? — pediu ela, oferecendo a pulseira de novo. — O que é? De que é feita? Qualquer coisa que você possa me contar vai ajudar.

Millie apertou os olhos, mas manteve as mãos na caneca.

— Esse badulaque bonito não estava aí na última vez em que vi essa pulseira. — Ela curvou a boca em provocação. — Eu quase tinha me esquecido do garoto que vi na época, o que consertou o fecho. Agora que eu me lembro do rosto dele...

— Eu sei — disse Nova, sentindo o calor subir pelo pescoço. — Era Adrian Everhart, mas eu não sabia disso na época. Isso é só coincidência.

Millie riu.

— Quando se viu tanta história quanto eu, você para de acreditar em coincidências. — Ela tomou outro gole de vinho, um gole grande, como se estivesse se preparando.

Ela suspirou e colocou a caneca no chão, ao lado da cadeira.

Finalmente, esticou a mão.

Com uma pontada de nervosismo, Nova colocou a pulseira na mão dela.

Millie teve um sobressalto. Ela olhou para Nova com surpresa. Foi um olhar breve e, sem explicação, ela colocou a outra mão sobre a estrela e fechou os olhos.

Nova viu com curiosidade crescente as feições de Millie passarem por uma série de expressões. Às vezes, as sobrancelhas subiam bem alto, outras vezes se franziam com força. Às vezes, os lábios se moviam como se Millie estivesse falando sozinha e às vezes a velha ria inexplicavelmente ou trincava os dentes de preocupação.

Nova não disse nada o tempo todo. Depois do primeiro minuto, ela pegou uma cadeira bamba de madeira no canto da sala e se sentou nela, os dedos batucando nas coxas.

Cinco minutos inteiros se passaram até Millie abrir os olhos de novo, o olhar meio desfocado. Ela parecia estar acordando de um sonho confuso enquanto observava o que havia ao redor.

— Bem — disse ela. — Isso responde pelo menos uma pergunta.

Nova se inclinou para a frente.

— Você sente a conexão entre essa pulseira e o elmo do seu tio porque eles têm uma conexão *profunda*. Foram feitos a partir da mesma matéria-prima, tirada da mesma fonte.

Nova olhou para as mãos de Millie, ainda fechadas em torno da estrela, escondendo-a.

— E que material é esse, exatamente?

Millie riu.

— Poeira de estrelas — suspirou ela, quase com deboche, e Nova se deu conta de que ela devia ter visto um pouco da conversa de Nova com Adrian quando eles estavam discutindo a estrela impossível na selva dele.

Nova se irritou. Ela sabia que aquilo não era uma estrela. Estrelas eram sóis, a bilhões de anos-luz de distância.

Aquilo era só uma bolinha bonita.

Mas como ela devia chamar?

— Você parece cética — disse Millie. Aninhando a pulseira em uma das mãos, ela se inclinou e pegou o vinho com a outra. — Me conta uma coisa, srta. Artino. Você conhece a teoria de Monteith sobre a origem dos prodígios?

O ceticismo de Nova aumentou.

— Preciso pensar. É a que diz que todos os prodígios são descendentes de deuses antigos? Ou a que viemos a bordo de espaçonaves alienígenas? Ou, não, não, essa tem a ver com lama radioativa, certo?

— Na verdade, o dr. Stephan Monteith era um astrofísico que especulava que todas as habilidades de prodígios são resultado dos nossos sistemas físicos reagindo a um coquetel de substâncias químicas e biológicas e à poeira estelar que está adormecida na nossa constituição física.

Nova riu com deboche.

— Poeira estelar. Certo. Eu prefiro a lama.

— Não desconsidere a ideia tão rapidamente. Eu fiz a ligação da história de vários artefatos prodígios até a estrela exata da qual as habilidades místicas deles se originaram. — Millie se inclinou para a frente. — Considere que todas as substâncias químicas do nosso mundo são formadas de estrelas que explodiram há muito tempo. Do sal nos mares até o cobalto na tinta daquela xícara.

— Uma pessoa não pode se chamar *Nova* sem saber sobre supernovas — disse ela, cansada da conversa. — Você vai me contar sobre a pulseira ou...

— Eu estou fazendo isso, se você prestar atenção.

Nova mordeu a parte interna da bochecha.

— De acordo com Monteith — continuou Millie, parando para tomar outro gole antes de continuar —, as partículas de uma supernova particularmente poderosa chegaram ao nosso sistema solar muitos séculos atrás. Elas vieram para o nosso planeta, uma invasão invisível, se acomodaram na terra e nos mares e ocuparam o ar que respiramos. Essas partículas, essa *energia*, se tornaria a substância que seu pai conseguiu detectar no nosso mundo. Essa energia está em toda parte, mas só é visível para alguns sortudos.

Finalmente, algo com que Nova se identificava.

— A energia que o meu pai conseguia ver — disse ela, chegando para a ponta da cadeira. — Eu também vi. Ou acho que vi. Quando a estrela se prendeu na pulseira na primeira vez. Teve uma outra vez também, quando eu botei o elmo. Tipo uns raios de luz ao meu redor.

— Agora, pense — disse Millie —, e se essa energia não estiver simplesmente no ar. Estiver dentro de nós. Todos os seres humanos deste planeta têm quantidades detectáveis dessa supernova dentro deles, e essa energia contém potencial para um grande poder, mas só se for despertado por uma reação química. Essa era a teoria de Monteith. Todo mundo tem potencial para se tornar prodígio, mas, para quem não nasce já com esse poder inerente desperto, os poderes só se revelam perante um

grande trauma. Monteith acreditava que as substâncias químicas liberadas na corrente sanguínea durante momentos de estresse extremo criam as condições necessárias para despertar nossas habilidades latentes.

— Seeeeei — disse Nova, tentando disfarçar a descrença. — Então uma estrelona qualquer explodiu, as micropartículas dela caíram na Terra e agora todos nós temos o potencial para sermos super-heróis? Claro. Ótimo. — Ela apontou para as mãos unidas da Millie. — O que isso tem a ver com a minha pulseira? Você está me dizendo que *isso* é o núcleo da estrela que explodiu ou algo assim?

— Claro que não. Só estou comentando que o seu pai reunia e usava essa energia, que deve ser a substância mais poderosa da nossa galáxia. Ele fez o elmo, entre outras coisas, e fez essa magnífica pedra também. — Ela abriu a mão e mostrou a pulseira de Nova.

Nova franziu a testa.

— Não, não. Meu pai fez a pulseira, mas a pedra foi feita por...

— Adrian Everhart? Ah, eu *vi*.

Nova ficou corada de vergonha.

— O mural ficou impressionante, mas, não. Como posso explicar? — Millie passou o polegar na estrela. — Como um dos últimos atos ainda em vida, seu pai fez esta pulseira, não foi?

— Foi.

— Bom, o encaixe não ficou vazio porque ele não teve tempo de terminar. Na verdade, ele já tinha criado a pedra que preencheria o encaixe alguns meses antes e a escondeu em um lugar em que achava que ninguém encontraria. — Millie se inclinou para a frente e encostou o dedo no coração de Nova. — Ele escondeu dentro de você.

Nova piscou, sentindo de novo que estava sendo sacaneada.

— Como é que é?

— Eu não quis dizer *aqui* de verdade — disse Millie, batendo com o dedo no peito de Nova de novo. — Isso só pareceu mais dramático do que a verdade. Ficou guardada na base da sua amígdala. Não é tão romântico, mas... Ah, bem. Tenho certeza de que seu pai teve os motivos dele.

Nova levantou a mão.

— Você viu isso tudo?

Com uma risada, Millie ofereceu a pulseira a ela. Millie a pegou e aninhou nos dedos.

— Você veio atrás de respostas, não foi?

Nova passou o polegar pela superfície da estrela. Ficou mais brilhante com o toque.

— Mas... por quê? Por que meu pai fez isso? Por que esconder dentro de mim?

— Nós só podemos supor. — Millie massageou a bochecha e esticou a pele pálida e fina com os dedos finos e pálidos. Aí tomou outro gole grande de vinho. — Talvez tivesse a intenção de ser uma arma, como o elmo.

Nova mordeu a bochecha por dentro. Era possível. Sua família nunca tinha tido comida suficiente quando ela era pequena, e com Evie ficando maior, as coisas estavam mais desesperadas do que nunca. Outra arma criada por David Artino seria incrivelmente valiosa. Ele poderia ter vendido para quem pagasse mais.

Mas isso não parecia certo.

Uma lembrança distante passou pela cabeça da Nova. No dia em que seus pais foram assassinados, seu pai disse para ela que esperava que a pulseira consertasse parte dos grandes males que ele tinha causado ao mundo.

Mas o que aquilo significava?

Os dedos de Nova estavam gelados quando ela prendeu a joia de volta no pulso, lembrando-se do poder que a estrela exibira, imbuindo a lança de cromo com força adicional. Com a ajuda da estrela, ela havia destruído uma caixa teoricamente indestrutível.

Se a intenção da estrela era ser uma arma, e se seu pai a tivesse feito *para* Ace, para ser usada contra os Renegados? Os Renegados tinham prometido proteger a família dos Baratas, mas parte dela sempre se perguntou por que seus pais não procuraram Ace e os Anarquistas em busca de proteção. Talvez, mesmo naquela época, sua família soubesse que os Renegados não eram de confiança. Talvez seu pai tivesse feito uma arma que fosse ainda mais forte do que o elmo.

Uma arma que fosse forte o suficiente para derrotar até o invencível Capitão Cromo.

CAPÍTULO TRINTA



ADRIAN NEM TINHA VISTO Nova direito desde que ela saíra de Cragmoor. A culpa que ele sentia por não ter acreditado nela ficava mais forte a cada dia e se misturava com o medo de que ele poderia ter estragado tudo. Adrian queria que as coisas voltassem a ser como eram na noite em que ela adormeceu na casa dele. Eles ficaram à vontade com a presença um do outro. Ele sentiu que podia lhe contar qualquer coisa e que tinha conquistado a mesma confiança da parte dela. Tinha começado a pensar que podia até estar se apaixonando por Nova.

Mas as coisas tinham mudado, e ele sabia que a culpa era sua.

Nova não tinha se juntado a eles para a patrulha das últimas noites, e Adrian não podia culpá-la depois do que a tinha feito passar. Eles se cruzaram algumas vezes no quartel-general, mas as conversas foram hesitantes e constrangedoras. Adrian passava o tempo todo sonhando em lhe contar sobre o Sentinela, perguntando-se se compartilhar seu maior segredo poderia mostrar, de alguma forma, o quanto confiava nela.

Mas ele se lembrou da repulsa com que ela falava o nome de Sentinela e soube que não era a hora certa.

Não houve mais nenhuma aparição de Pesadelo desde que os desenhos dele tinham sumido, o que aumentava a ansiedade de Adrian. Ele tinha certeza de que ela estava planejando o próximo ataque.

Com a execução do Ace Anarquia em poucas horas, ele desconfiava de que aquele ataque aconteceria logo. Queria acreditar que Pesadelo não seria arrogante o

suficiente para atacar em um evento em que quase todos os Renegados da cidade estariam presentes, mas, por outro lado, ela nunca hesitou em assumir grandes riscos.

Adrian andou pela arquibancada de concreto da arena, bem onde aconteciam os testes todos os anos. Os assentos não estavam tão cheios agora. Membros da imprensa tinham sido convidados para a revelação da nova arma dos Renegados, assim como para a execução do Ace Anarquia, mas esses procedimentos não seriam abertos ao público em geral.

Adrian nunca tinha estado na arquibancada da arena, só no campo. Era uma perspectiva completamente diferente: a vibração de energia da plateia fez os pelos dos braços dele se arrepiarem, a vista elevada do campo fazendo-o se sentir mais um espectador do que um participante. E ele supunha que era mesmo.

Ele era um Renegado, mas não era necessário na revelação do Agente N. Na neutralização de dezenas de vilões conhecidos. Na execução do Ace Anarquia.

Seus pais, por outro lado, ficariam sob os holofotes, como sempre. Ele viu Simon já no campo, de pé ao lado de Tsunami, conversando com um grupo de jornalistas.

Ao ver Oscar e Danna na primeira fileira, Adrian desceu os degraus correndo para se juntar a eles.

— Oi — disse, se sentando. — Ruby ainda não chegou?

— Ainda não — respondeu Oscar. Ele olhou para a arquibancada, como se a procurando, e se inclinou de forma conspiratória para Adrian. — Antes de ela chegar, posso pedir sua opinião sobre uma coisa?

— A minha opinião não foi suficiente, por acaso? — perguntou Danna, esticando os braços e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

Oscar deu de ombros.

— Eu só estou tentando pensar por todos os ângulos.

— Não é poesia, é? — perguntou Adrian.

— É melhor do que poesia. Olha só. — Oscar fez as mãos em formato de pistola e mirou no ar. Um fluxo de fumaça saiu do dedo esquerdo e formou um coração cinza pálido à frente deles. Foi seguido de uma seta de cupido saída do dedo direito, que atravessou o coração. A imagem durou poucos segundos, quando a fumaça começou a se dissipar.

— Eu achei que podia completar com umas palavras, tipo *Ei, Ruby... eu gosto muito de você! Tanto que só de pensar nisso me faz querer espalhar meus tacos do café da manhã nessa arquibancada inteira.*

— Inspirado — murmurou Danna quando os Renegados da fileira ao lado olharam para Oscar com preocupação.

Oscar suspirou.

— Pelo menos é verdade. Eu li em algum lugar que a honestidade é fundamental em uma relação saudável.

Adrian coçou a nuca.

— Enfim — continuou Oscar —, eu ainda estou pensando. Achei que lembraria aqueles aviões antigos que escreviam no céu nos eventos esportivos, sabe? O que você acha? Sobre a ideia geral, não sobre a parte de espalhar o café da manhã na arquibancada.

Adrian olhou para Danna a tempo de vê-la revirar os olhos.

— Isso era uma coisa que você estava querendo tentar *hoje*?

— É, talvez — disse Oscar, esfregando as mãos. — Eu faria o coração bem maior, colocaria em algum lugar acima do telão para que todos pudessem ver. Perguntei para o Conselho se podia botar uma mensagem na tela antes da parada do Agente N, mas meu pedido foi negado. Pássaro do Trovão não é *nada* romântica.

— Oscar — disse Adrian. — Eles vão sugar os poderes de alguns dos vilões mais perigosos da sociedade e executar uma pessoa.

O amigo o observou sem expressão por um momento.

— Então você acha que pode ser de mau gosto?

— Só um pouco.

— Eu falei — disse Danna.

Oscar amarrou a cara e afundou no banco de plástico.

— Vocês têm ideia de como tem sido difícil encontrar a hora certa pra fazer uma declaração dramática? Parece que sempre tem alguém sendo preso ou solto ou um criminoso sendo apreendido ou um vilão derrubado... Quando um cara deve agir no meio disso tudo?

— Você poderia tentar *não* fazer uma declaração dramática — sugeriu Danna. — Só chama a Ruby pra sair. Não é uma coisa assim tão importante.

Oscar gemeu.

— Não é tão importante? Eu estou tentando dizer pra garota dos meus sonhos que ela é, você sabe... a garota dos meus sonhos! Essa é a coisa mais importante da minha vida! — Ele balançou a cabeça, a testa franzida de ansiedade. — E estou com medo de estragar tudo.

— Mas que droga é essa, Adrian? — gritou Ruby, descendo a escada de repente.

Oscar ficou tenso e bateu em Danna e Adrian com um *shh* apressado, como se eles estivessem se preparando para entregá-lo. Danna bateu nele e fez *shh* também.

— Oi, Ruby — disse Adrian, se levantando para ela poder passar por ele. — O que houve?

— As lanchonetes estão fechadas — respondeu ela, indicando os fundos da arena. — Todas. Quem manda nessa espelunca?

— Prova de que vocês foram feitos um para o outro — murmurou Danna.

Ruby olhou para ela.

— Hã?

— Nada — disse Danna, balançando a cabeça. — Isto não é um evento esportivo. Vamos demonstrar um pouco de respeito.

Ruby bufou.

— Não há ocasião em que não caiba a venda de pipoca velha e balas de alcaçuz. É praticamente um direito humano básico.

— Protesto — disse Oscar, assentindo estoicamente.

Ruby se sentou na cadeira e cruzou os braços.

— Cadê a Nova?

Adrian fez uma careta, mas tentou não demonstrar.

— Acho que ela não vem.

Ele tentou ignorar a sobrancelha arqueada da Danna. Ele sabia que a amiga ainda tinha dúvidas sobre a inocência de Nova e aquilo estava começando a irritá-lo. Eles tinham visto Pesadelo, e não era Nova. Por que ela não aceitava isso?

— Por quê? — perguntou Ruby, surpresa.

Ele empurrou os óculos para cima.

— Ela sempre foi contra o Agente N, e acho que depois que passou um tempo em Cragmoor ficou *realmente* contra. Meu pai contou que a Nova fez uma súplica apaixonada para eles cancelarem a neutralização. Acha que os criminosos deveriam ter uma chance de reabilitação.

— Imagina só — disse Danna.

Adrian lhe lançou um olhar irritado, que ela ignorou.

— Acho que eu entendo — disse Ruby, decepcionada. — Quase não falei com a Nova desde que ela voltou. Estou com medo de ela estar com raiva de nós...

— Imagina — retrucou Adrian. — Só acho que ela está tentando lidar com muita coisa agora. Sabe, a explosão, Cragmoor, reencontrar o tio... Dá um tempo pra ela.

— Claro — disse Ruby, embora não parecesse encontrar muito consolo nas palavras dele. Adrian não conseguia culpá-la. Ele tinha dito exatamente aquilo para si mesmo ultimamente. Ele daria a Nova todo o espaço de que precisasse. Seria paciente. E, quando ela precisasse, ele estaria ao lado dela.

Mas falar era fácil. A verdade era que ele sentia saudade dela. Sentia mais saudade agora do que quando ela estava na prisão. Pelo menos naquela época ele podia dizer a si mesmo que era melhor assim.

— Ah, olha só, a Genissa — disse Oscar, apontando. — Um raio de sol como sempre.

Genissa Clark estava no campo, com uma besta impressionante presa nas costas. Ela estava falando com o Capitão Cromo. Mesmo da arquibancada, Adrian conseguia ver que um estava frustrado com o outro.

— Aquilo é um isopor? — perguntou Danna, indicando a caixa aos pés de Genissa.

— É — disse Oscar. — Safada. Ela deve ter se lembrado de trazer sanduíches.

— Não acho que sejam sanduíches — disse Adrian. — Eu ouvi falar que ela estava planejando executar a Pesadelo com uma lança de gelo, achando que seria alguma espécie de justiça poética. Aposto que ela trouxe uma.

Ruby fez um ruído de repulsa.

— Isso teria sido tão...

— Desnecessário. E que bagunça — disse Oscar.

— E exagerado demais — acrescentou Danna.

— Vocês preferem um enforcamento clássico? — perguntou Adrian, as entranhas embrulhadas ao pensar que Nova tinha escapado por pouco desse destino. — Ou que ela fosse queimada na fogueira, como faziam pra matar prodígios antigamente?

— *Não* — disse Ruby. — Eu preferiria... Sei lá. Não tem um jeito de fazer a pessoa dormir primeiro, pra não sentir nada?

Adrian olhou para os amigos e percebeu que todos estavam pensando a mesma coisa. Fazer pessoas dormirem era a especialidade da Pesadelo, o ataque preferido dela. Nunca tinha passado pela cabeça dele que também podia ser um ato de misericórdia.

— Como seu pai vai, você sabe... — começou Oscar — fazer com o Ace Anarquia?

Adrian observou Hugh por um segundo, ainda discutindo com Genissa.

— Eu não sei o que ele planejou. Mas... acho que agora a Genissa deve estar tentando ficar com essa honra. Ela passou a semana toda ameaçando o Conselho, desde que a Nova foi solta, dizendo que merece ao menos um pouco de glória, já que não vai ter vingança. Ela diz que, se não deixarem, vai destruir os Renegados entregando para a imprensa uma lista de reclamações de uns três quilômetros de comprimento.

Danna grunhiu.

— Aquela garota tem uma noção esquisita de glória.

— Mas as pessoas estão falando — disse Oscar. — Eu nunca tinha pensado antes, mas... é estranho, não é? Que ninguém tenha parado para considerar o que pode ser melhor pra nós e não só pra organização? Nós todos escolhemos esta vida. Estamos dispostos a arriscar muita coisa pela causa. Mas... — Ele parou de falar.

— Mas será que a gente não deveria ter um pouco mais de voz sobre qual é a causa? — sugeriu Ruby. — E o que exatamente estamos arriscando?

Ele suspirou.

— Odeio que pensem que estou do lado da Genissa, mas isso me fez pensar.

— Você não está só falando como a Genissa — disse Danna, um pouco provocadora. — Está quase parecendo um Anarquista.

Oscar franziu o nariz.

— Desnecessário.

— Eu acho que vai começar — disse Ruby, chamando a atenção deles de volta para o campo. Um palco comprido tinha sido erguido, ocupando quase todo o comprimento do campo, e sete cadeiras estavam montadas em fila no centro, ao lado de um pódio estreito. A imprensa tinha sido levada para o camarote em frente ao

palco. Adrian não tinha certeza de onde Genissa fora parar. Quando o Conselho se aproximou dos seus lugares, a multidão começou a se aquietar.

Junto com o Conselho (Capitão Cromo, Guardiã Terror, Tsunami, Luz Negra e Pássaro do Trovão), apareceu a dra. Hogan, uma das pesquisadoras e desenvolvedoras principais do Agente N. E...

Adrian se inclinou para a frente, apertando os olhos. Eles estavam distantes o suficiente para Adrian achar que seus olhos podiam estar lhe pregando uma peça.

— Aquele é o Titereiro?

— Pelos céus, acho que é — murmurou Ruby. — Mas... ele está tão diferente.

Na última vez que Adrian tinha visto Winston Pratt, a pele dele estava pálida, quase tanto quanto na época em que havia maquiagem permanente na cara dele, com bochechas rosadas e linhas pretas no maxilar remetendo a um boneco de ventríloquo. Essas marcas físicas do codinome e do superpoder dele sumiram quando ele recebeu a injeção de Agente N. Em menos de um minuto, o poder dele, que era a habilidade sinistra de transformar crianças em marionetes descerebradas, tinha desaparecido. O Titereiro não existia mais.

Adrian tinha visto Winston poucas vezes desde aquele dia, quando foi interrogá-lo sobre Pesadelo e os outros Anarquistas. Mas, nesses encontros, Winston estava desanimado e fraco, uma sombra de quem era antes. Esse não era o homem no palco agora. Ele estava de costas eretas. Uma cor saudável tinha voltado à sua pele.

Ele estava *sorrindo*.

E não era um sorriso cruel de quem está se preparando para manipular uma criança de seis anos, mas algo genuíno e inesperadamente caloroso.

Ele estava quase irreconhecível.

Enquanto os outros se sentavam, o Capitão Cromo se aproximou do microfone. Passou um momento dando as boas-vindas à plateia e à imprensa, que tinha se reunido para o anúncio importante que fariam, dizendo que o propósito dos Renegados era e sempre havia sido garantir a segurança dos cidadãos, ao mesmo tempo que trabalhavam para melhorar a qualidade de vida de prodígios e não prodígios do mundo todo. Ele falou sobre seu entusiasmo pelo novo artigo que estavam prestes a revelar e o orgulho que sentia de fazer parte do seu desenvolvimento. Que previa o potencial para aquela ferramenta ser algo que mudaria o mundo, literalmente.

A plateia aplaudiu com educação, o Capitão deu um passo para trás e deu lugar à dra. Hogan no microfone.

O discurso dela foi quase exatamente o mesmo de quando ela introduziu o conceito do Agente N para as unidades de patrulha dos Renegados. *O Agente N oferece uma solução não violenta com resultados imediatos... É completamente seguro para ser usado com civis não prodígios... Isso vai fornecer uma punição humanitária para prodígios que desafiam as regulamentações...*

Adrian manteve a atenção na imprensa reunida no camarote. Na surpresa e interesse deles. Nas canetas rabiscando em bloquinhos. Nas câmeras apontadas para a cara da médica.

Ele se perguntou o que os noticiários relatariam em breve. O Conselho esperava que aquilo substituísse os boatos de que os Renegados eram incompetentes e ineficientes. O Agente N era a grande chance de mostrarem ao mundo a que vinham dedicando todos os seus esforços durante tantos anos. Aquela era a chance de demonstrarem como pretendiam lidar com prodígios desobedientes. Era a chance de mostrar que a vilania não seria tolerada. Não enquanto eles estivessem no comando.

E Adrian queria acreditar. A caneta dele estava na mão, embora ele não se lembrasse de tê-la tirado do bolso, e percebeu que seus dedos mexiam nela inconscientemente. Ele não estava nervoso, mas sim... inquieto.

Ele se lembrou de ver Geladura e sua equipe intimidando os Anarquistas, tentando forçá-los a se incriminarem, mesmo que não estivessem envolvidos no ataque do desfile. Ele vira o grupo de Renegados torturar Espinheiro, matá-la e incriminar o Sentinela pelo ataque brutal.

Os Anarquistas e Espinheiro eram vilões. Talvez eles não merecessem solidariedade.

Mas, naqueles momentos, Adrian foi obrigado a questionar quem eram os verdadeiros vilões.

Se a equipe de Geladura se safou, ele sabia que outros Renegados também poderiam fazer o mesmo. Quem os deteria? Quem tentaria?

— Em pouco tempo, teremos uma demonstração do que o Agente N é capaz de fazer — disse a médica —, pra que vocês possam ver a eficácia com seus próprios olhos e testemunhar como é uma arma rápida e misericordiosa. Mas primeiro queremos convidar uma das nossas maiores histórias de sucesso para oferecer uma

opinião sobre o sêrum e seus efeitos revolucionários. Me acompanhem para chamar ao microfone ninguém menos que um antigo vilão e companheiro do próprio Ace Anarquia. Vocês o conhecem pelo nome de Titereiro, mas hoje ele é conhecido apenas como sr. Winston Pratt.

Houve aplauso, mas hesitante e incerto. Murmúrios se espalharam pela plateia quando Winston se levantou e parou em frente ao microfone. Tudo parecia tão surreal. No dia em que ele foi neutralizado, usou um jovem Renegado para tentar atacar a dra. Hogan. Tinha sido retirado do palco em algemas.

O que havia mudado para fazê-lo parecer tão relaxado, tão... *jovial*?

— Minha gratidão, dra. Hogan — disse Winston, se curvando na direção do microfone que tinha sido dobrado para a médica e agora estava baixo demais para o corpo esbelto dele. — Eu *estou* grato. Não só pela forma que a minha vida mudou devido ao Agente N e à equipe de médicos e terapeutas que estão trabalhando comigo, mas também agradeço pela oportunidade de contar minha história.

Ele sorriu de novo, mas foi um sorriso mais tímido agora. Adrian percebeu que ele estava nervoso. Winston passou um momento ajeitando o microfone com um certo constrangimento, limpou a garganta e pegou algumas fichas no bolso.

— Eu conheci muitos... vilões... ao longo dos anos. Fui Anarquista por mais de metade da minha vida. Comecei com apenas catorze anos. Eu me juntei à causa do Ace Anarquia depois de fugir de casa. — Ele fez uma pausa e alinhou as fichas no púlpito. — Muitas vezes, quando um novo membro se juntava a nós, nós falávamos sobre nossas “histórias de origem”. É um assunto popular entre nós, prodígios, tanto heróis quanto vilões, acho. Não pensei muito nisso na época, mas... ficou claro para mim que todas as nossas histórias tinham algo em comum. Com a exceção daqueles de nós que nasceram com suas habilidades, o restante se tornou prodígio depois... bem, de um grande trauma. Embora falássemos das nossas origens com orgulho, na verdade essas histórias muitas vezes eram... horríveis. E dolorosas. Talvez o fato de termos sobrevivido nos deixasse orgulhosos, mas eu... eu nunca pensei em perguntar aos meus companheiros nem... a mim mesmo... se não estaríamos melhor se nunca tivéssemos passado por esses traumas.

Adrian franziu a testa. Olhou para os companheiros de equipe. Danna, como ele, tinha nascido com o dom. Mas Oscar se tornara prodígio depois de quase morrer em

um incêndio, e Ruby ganhara os poderes depois de ser atacada cruelmente por um membro da gangue Chacais.

Na verdade, todas as histórias de origem que ele conhecia tinham base em algum tipo de trauma.

— Quanto a mim — continuou Winston, o tom ficando cansado —, eu nunca compartilhei minha verdadeira história. Nem com os Anarquistas nem com ninguém, por todos esses anos. A história de como eu me tornei o Titereiro não me trazia orgulho. Só vergonha e raiva. — O sorriso fácil de minutos antes tinha sumido. Ele hesitou e olhou para alguém na plateia. Adrian seguiu o olhar dele e reconheceu a conselheira que estava trabalhando com Winston depois da neutralização. Ela fez um movimento de cabeça encorajador.

Winston se curvou e abriu uma sacola que estava aos seus pés. Os jornalistas na boca do palco ficaram tensos, talvez esperando que ele tirasse de lá uma bomba ou uma arma.

Mas era só uma boneca. Adrian reconheceu Hettie, a boneca de infância de Winston que ele dera para o ex-vilão em troca de informações sobre Pesadelo.

— Esta é Hettie — disse Winston, segurando a boneca para todo mundo ver. — Meu pai a fez pra mim no meu sétimo aniversário. Parte de mim achava que eu talvez estivesse grande demais para bonecas, mas... havia algo nela. Eu a amei imediatamente. — Ele fez uma pausa e uma sombra eclipsou sua expressão. — Alguns meses depois, meus pais saíram uma noite e um vizinho estava cuidando de mim. Um... amigo antigo da família que costumava ficar de babá. Ele se interessou por Hettie e... sugeriu que fizéssemos uma brincadeira... — Winston fez uma pausa e Adrian sentiu seu peito apertar no silêncio horrível que se seguiu. Por fim, Winston balançou a cabeça e colocou a boneca no púlpito, como se incapaz de olhar para ela. Os olhos pretos e brilhantes da boneca encaravam, cegos, a multidão. — Eu não entendi na época, mas a brincadeira virou um disfarce para ele... ele... me molestar. Pela primeira vez. E... não foi a última.

A plateia pipocou com arfadas horrorizadas. Mãos tapavam bocas que não sabiam o que dizer. Olhares de pena e horror. Com o canto do olho, Adrian viu Ruby apertar o braço de Oscar.

— Eu nunca tinha me sentido tão impotente. Tão envergonhado e confuso. — Winston estava observando a boneca enquanto contava a história. — Eu só

perceberia que tinha me tornado um prodígio semanas depois, quando, na escola, minha raiva explodiu e eu ataquei um garoto um ano mais velho que tinha pegado a última fatia de pizza no refeitório. Antes que eu entendesse o que estava fazendo, as cordas estavam em volta dele. Eu o fiz... — Ele fez uma pausa e limpou a garganta. — Eu o fiz bater com a cara na bandeja. Quebrei o nariz dele.

Houve um silêncio longo depois dessa declaração.

— Meus poderes começaram a mudar depois disso — continuou Winston. — Eles me mudaram por dentro e por fora. Desde aquele dia, eu fiz mal a mais crianças do que consigo contar. Não da forma que me fizeram mal, mas como vítimas impotentes sob o meu controle. Não conto essa história a vocês por querer sua pena. Também não quero justificar as coisas que fiz nem dar desculpas pelo papel que tive como Anarquista e... vilão. — Ele ajustou a postura, não mais encolhido sobre o microfone. — Conto tudo isso porque muitos prodígios vão insistir que seus poderes são um dom. Eu também acreditava nisso. Meus poderes eram a minha identidade. Eram a fonte da minha força, do meu controle. Só percebi recentemente, depois que meus poderes foram neutralizados pelo Agente N, que não eram nada disso. Eram um fardo. Uma maldição. Eles me mantiveram na mentalidade de vítima o tempo todo e *me* transformaram em monstro. Eu sei que nunca vou me libertar do trauma que vivenciei nem das lembranças das coisas horríveis que fiz. Mas, graças ao Agente N, sinto... pela primeira vez, sinto que pode haver um caminho para a frente. Pela primeira vez, sinto que estou começando a me curar. A falar por mim mesmo e talvez, um dia, em nome de crianças que sofreram como eu. Sinto muito pelo mal que causei. Eu talvez nunca consiga compensar as muitas crianças que usei como marionetes, mas espero poder compensar esse sofrimento da forma que puder. Não posso dizer que outros prodígios que forem neutralizados vão sentir o mesmo, mas falo por mim ao dizer que não estou triste por estar livre dos meus poderes.

Ele pegou Hettie e colocou a boneca no chão do palco, depois esticou a mão para o Capitão Cromo.

O Capitão se levantou e elevou o pique de cromo que estava encostado na cadeira dele. A Lança de Prata. Ele a entregou para Winston.

Winston recuou e segurou o pique com as duas mãos.

— Eu não sou mais vítima! — gritou ele. Com isso, golpeou. A ponta achatada bateu na boneca, que se estilhaçou com o impacto; a cabeça afundou, um braço voou do palco, uma perna deslizou para baixo da cadeira de Tsunami. Winston bateu de novo: duas, três vezes.

Ele finalmente parou depois do sexto golpe, restando da boneca pouco mais do que pedaços quebrados e roupas rasgadas. Ofegante, Winston devolveu a lança para o Capitão e levou a boca mais uma vez até o microfone.

— Mas, ainda mais importante do que isso — disse ele, a voz cheia de emoção —, não sou mais vilão.

CAPÍTULO TRINTA E UM



MESMO COM O VENTO forte, Nova ouviu pelo fone de ouvido a plateia dentro da arena explodir. Ela se encolheu com o barulho, os aplausos estrondosos como uma trovoadas.

Ela aproveitou o momento para recuperar o fôlego. Não estava exausta por escalar a parede externa da arena. Na verdade, a sensação era a de que quase não tinha respirado durante o discurso do Winston. Ela deveria estar se concentrando no trabalho à frente, mas estava absorta na história dele. A garganta de Nova estava seca. O coração parecia preso em um torno. Ela se perguntou como era possível viver debaixo do mesmo teto (ou nos mesmos túneis de metrô) com uma pessoa por dez anos e saber tão pouco sobre ela.

Quando a cacofonia na arena sossegou, Nova ouviu a voz de Fobia no ouvido.

— *Traidor.*

Nova se encolheu. Embora soubesse que Fobia estava falando de Winston, pareceu uma acusação contra ela e contra sua solidariedade.

Ficou em silêncio.

— Ele que escolha a fraqueza e a mediocridade, se é o que deseja — disse Mel.

— Nós precisamos nos concentrar em trazer nosso Acey de volta.

— Exato — disse Leroy. — Pesadelo, qual é seu status?

Afastando a sensação prolongada de sofrimento, Nova verificou de novo a leitura no medidor a laser.

— Quase na posição — respondeu, marcando o contorno externo de seu ponto de entrada. Precisão era importante. Cortar o ponto de entrada muito longe faria com que ela acabasse em uma queda livre de trinta metros, bem nos braços dos Renegados. — Mais trinta segundos — disse ela, a voz abafada atrás da máscara de metal.

— Não precisa correr — disse Leroy. — Só estão trazendo os prisioneiros agora. Mel deu um suspiro profundo.

— E, conhecendo o Capitão Cromo, ele vai ficar falando por pelo menos mais vinte minutos até que algo de interessante aconteça.

Nova esperava que o Capitão estivesse se sentindo bem verborrágico.

Depois dos cálculos completos, ela prendeu o medidor a laser no cinto e pegou a serra elétrica com lâmina de diamante. Esperou até a voz alta do Capitão começar no fone, transmitida para o grupo por Cifra — um dos aliados de Narcissa que os Renegados não conheciam —, que não tinha tido dificuldade para conseguir entrar no evento, junto com outros dezesseis do grupo, depois que Millie preparou passes de imprensa falsos para eles. Eles estariam espalhados pela arena, esperando para ajudar Nova e os Anarquistas a completarem a missão.

O objetivo de Nova era simples.

Levar o elmo até Ace.

O teto curvo da arena estremeceu embaixo dos seus joelhos, tanto pela vibração da serra quanto pelos falantes lá dentro. Ela parava sempre que o Capitão parava, tentando sincronizar o ruído que estava fazendo com as vezes em que o discurso dele ficava mais apaixonado.

Com uma das mãos segurando a ventosa que tinha prendido no telhado, ela terminou o último corte. Deu um puxão, e o pedaço de telhado se soltou. Ela o empurrou para longe do buraco.

Exatamente vinte e cinco metros abaixo dela havia uma plataforma para um dos operadores de luz e som. Ela só via o topo da cabeça da mulher, coberta com fones de ouvido grandes, a atenção no holofote enorme que mirava no campo abaixo.

O fecho de luz estava seguindo a fila de prisioneiros que estavam sendo retirados do que antes era o vestiário da arena, onde Nova esperara sua vez nos testes. Os prisioneiros estavam todos com os macacões em preto e branco da prisão de Cragmoor. Os pés estavam presos com tornozeleiras, que se conectavam às do

prisioneiro seguinte da fila. As mãos estavam totalmente envoltas em proteções de cromo. Vários guardas armados andavam ao lado deles — a maioria Nova reconhecia de Cragmoor —, as armas apontadas para os prodígios mais perigosos da fila.

Ace era o último, e, mesmo lá de cima, Nova sentiu a agitação na plateia quando ele apareceu. A pele dele estava pálida demais, com olheiras roxas e profundas. Pendia dos ossos como se pudesse se soltar a qualquer momento. Ele estava quebrado e derrotado, as costas curvadas e a cabeça pesada enquanto ele seguia a corrente de prisioneiros. Uma sombra do prodígio que já tinha sido. Ele não era ameaça. Não era para ser temido, não mais.

Nova trincou os dentes, odiando vê-lo reduzido àquilo.

— Todos em seus lugares — disse ela, apertando as alças da mochila. Nova abandonou a serra no telhado, sem querer carregar mais peso. Apoiou os braços nas laterais do buraco, enfiou as pernas, ficou um momento pendurada e se soltou.

Ela caiu com um baque atrás da operadora de luz. A mulher levou um susto, mas, antes que pudesse se virar, sua nuca foi tocada pelos dedos de Nova e ela desabou em seus braços. Nova a colocou na plataforma.

— Entrei.

Ela se certificou de que o holofote ainda estivesse apontado para o palco. Era um de quatro, todos apontando para o Capitão Cromo, que estava no púlpito de novo enquanto os detentos ficavam lado a lado no campo.

Sabendo que os outros três operadores muito provavelmente seriam os primeiros a notar a ausência da colega, Nova voltou na direção do andaime que conectava as plataformas no perímetro do telhado e começou a seguir para o operador seguinte.

Ela se esforçou para ignorar a voz monótona do Capitão, mas algumas palavras ainda chegaram à sua consciência enquanto ela andava pelas sombras.

Vilões... neutralizados... execução.

Ela chegou ao segundo operador e o derrubou com a mesma facilidade da primeira. Menos dois...

Abaixo, o Capitão estava listando os muitos crimes de Ace contra a humanidade na tentativa de justificar a escolha deles de o matarem daquela forma pública.

— Antes de prosseguirmos — disse o Capitão —, concedo uma dignidade que esse vilão nunca ofereceu a nenhuma das suas vítimas. Por favor, acompanhem Ace Anarquia ao palco.

No fim da fila, as tornozeleiras do Ace foram soltas. Os guardas o cutucaram, fazendo com que ele fosse na direção da escada e da plataforma. Ace fixou a atenção no Capitão, que o esperava no púlpito. O ódio entre os dois homens era palpável.

A arena ficou em silêncio. Nova foi mais devagar, para seus pés não emitirem som, enquanto seguia para a terceira plataforma o mais sorrateiramente possível.

Quando Ace parou na frente do Conselho, o Capitão Cromo falou novamente no microfone.

— Neste momento, pergunto ao meu antigo rival, esse inimigo da humanidade, Alec James Artino, se você gostaria de expressar suas últimas palavras.

Ele deu um passo para trás e ofereceu o microfone para Ace.

Nova engoliu em seco. Queria parar e olhar, ouvir, mas sabia que não havia tempo para isso.

Ela chegou à terceira plataforma e botou a mulher que encontrou lá para dormir.

Faltava uma pessoa.

Abaixo dela, a arena estava em silêncio. Seus pensamentos se desviaram para Winston, que ainda estava no palco, a poucos metros do Ace. Ela se perguntou se os dois fizeram contato visual quando Ace foi levado para o pódio. Perguntou-se se Ace tinha ouvido a história do Winston. Será que ele, assim como Fobia, veria Winston como traidor ou sentiria a mesma pena que Nova tinha sentido?

Ela também pensou no Adrian, que sabia estar em algum lugar na plateia. Perguntou-se se voltaria a vê-lo, sabendo que, se tudo ocorresse conforme o plano, a resposta provável era não.

Ela se perguntou se acabaria se arrependendo de não ter dado um jeito de se despedir.

Ace se aproximou do púlpito. Parecia que a arena inteira estava imóvel. Até Nova precisou se lembrar de continuar respirando enquanto andava pela passarela.

A voz dele, quando soou, pareceu frágil e áspera pela falta de uso.

— Agora que estou aqui, na frente de vocês... — disse ele, as palavras um grunhido. Nova se encolheu ao pensar em como ele já tinha sido, poderoso e forte, um verdadeiro visionário. Agora, mal passava de uma relíquia, uma lembrança de uma era esquecida. — Sabendo que meu tempo restante aqui na Terra vai ser curto, estou perante uma verdade excruciante. Houve uma época em que destruí uma ordem mundial na qual prodígios eram condenados e perseguidos por quem nos

temia, quem não conseguia apreciar nosso potencial. E agora... — Ele olhou para o Capitão. — Agora nós somos condenados e perseguidos por nossos semelhantes. — Ele ergueu o queixo. — Alec James Artino já está morto, mas a Anarquia seguirá viva. Vai persistir no coração de todos os prodígios que se recusam a se curvar a essa ditadura. Nossa luta não acabou, e nós não vamos descansar até haver liberdade e autonomia para todos os nossos irmãos. Até não precisarmos mais temer pelo nosso bem-estar, nem da parte dos que nos temem, nem da parte dos que nos odeiam, nem da parte dos que nos invejam. Os Renegados vão cair, e nós vamos nos erguer de novo!

O quarto operador estava esticando a mão para pegar o walkie-talkie, provavelmente sem entender por que as outras três luzes estavam imóveis, quando os dedos de Nova surgiram das sombras e roçaram na mão dele. Ela o segurou, como tinha feito com os outros, e expirou fundo.

Fase um, completa.

Lá embaixo, Ace estava sendo levado de volta para o campo, enquanto um desfile de homens e mulheres de jaleco marchava para se juntar aos prisioneiros, cada um segurando uma seringa.

O espetáculo era surreal demais. Parecia uma produção teatral coreografada, como se tudo tivesse sido planejado com mais consideração pelas fotos que depois apareceriam nas primeiras páginas dos jornais do que pela dignidade dos envolvidos.

Nova examinou as armações que sustentavam a iluminação e as caixas de som, um labirinto complicado de estruturas de metal cruzando todo o teto da arena. Ela subiu na amurada em volta da plataforma do holofote, esticou a mão para a armação mais próxima e subiu.

Luz Negra teve a honra de iniciar a neutralização. Todos os detentos seriam neutralizados simultaneamente, e ele começou a fazer uma contagem regressiva a partir de dez. Nova se esforçou para ignorar o que estava acontecendo lá embaixo e se concentrou em colocar as mãos uma na frente da outra enquanto engatinhava na direção do centro da arena.

Mas ela fez uma pausa quando Luz Negra chegou ao número um. Espiou pelas barras de metal.

Nova só conseguia ver o topo das cabeças: dos prisioneiros, dos técnicos de laboratório, do Conselho. De Winston e Ace. Não conseguia ver a expressão de

nenhum deles. Estava longe demais para saber se algum prisioneiro se encolheu quando as agulhas foram enfiadas nos braços deles.

Um segundo se passou. Dois. Dez segundos. Vinte.

Mesmo daquele ponto de vista elevado, Nova percebeu quando os técnicos começaram a se mexer com desconforto. Ela viu o Conselho se ajeitando nas cadeiras, trocando olhares. Reparou na dra. Hogan olhando o relógio.

A arena estava silenciosa o bastante para ela ouvir um jornalista tossir no camarote.

Nem todos os prodígios tinham características físicas que indicavam seus poderes, mas muitos tinham. Não só o amigo de pele amarela de Nova, mas também Colosso, que tinha mais de três metros de altura, e Billie Bode, que tinha chifres pontudos saindo do alto da cabeça, e Garrancho, de cuja boca costumava vazar tinta preto-azulada que manchava a parte da frente do macacão. Naquele momento, todas aquelas características já deveriam estar sumindo. Naquele momento, aqueles vilões já deveriam ter sido reduzidos a humanos comuns.

Mas, como os Renegados estavam começando a perceber, isso não estava acontecendo.

Até os detentos estavam incomodados, sem saber se deveriam estar sentindo algo diferente.

Nova viu um leve movimento na arquibancada quase imóvel. Ela não precisava estar perto para saber que era uma cegonha de papel bem pequena, feita do papel rosa e dourado mais delicado que havia.

Ela sorriu.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



A ATENÇÃO DA PLATEIA SE desviou da fila de prisioneiros no campo (que aparentemente *não* tinha sido neutralizada) para o pássaro de papel flutuando acima da cabeça deles. Adrian levou um susto e franziu a testa com desconfiança quando o pássaro fez um círculo completo sobre a arquibancada antes de descer e parar na frente do Capitão Cromo. Ele o pegou no ar e amassou suas asas dentro do punho fechado. O semblante já estava sombrio quando ele desdobrou o quadrado de papel. Devia haver alguma coisa escrita dentro, porque ele franziu ainda mais a testa antes de esmagá-lo de novo e jogá-lo no palco. Ele estava prestes a falar quando uma voz estrondosa soou na arena.

— Senhoras e senhores, prodígios e prisioneiros, super-heróis e cientistas...

A voz não parecia vir dos alto-falantes superiores. Na verdade, parecia estar vindo de todos os lugares ao mesmo tempo.

— Pedimos desculpas pelo atraso na programação patrocinada pelos Renegados — continuou a voz, com um tom de sarcasmo. — Enquanto os honrados membros do Conselho resolvem essas dificuldades técnicas, nós esperamos que vocês apreciem esse entretenimento gratuito, com cumprimentos do... *Garça*.

Adrian franziu a testa para a equipe, que estava toda com a mesma expressão perplexa.

— O Garça? — perguntou Ruby. — Ele não estava nos testes?

— O cara do origami? — questionou Oscar.

Foi aí que Adrian viu. Foi aí que *todo mundo* viu: centenas, talvez milhares de garças de papel, na mais linda variedade de tons pastel e brilhantes voando pela arena. Adrian ficou de pé. Ele não estava sozinho, pois a arquibancada em volta toda explodiu com preocupação.

Mas só *um pouco* de preocupação, Adrian notou.

Eram só garças de papel.

— Elas estão entrando pelos dutos de ventilação — disse Danna, segurando a amurada, os nós dos dedos pálidos.

— Será que é uma distração? — perguntou Ruby.

Adrian não respondeu. Ele não sabia as respostas, mas tinha a sensação de que Pesadelo e os Anarquistas estavam metidos com aquilo.

Ele afrouxou a gola para facilitar o acesso à tatuagem de zíper.

As garças se espalharam pela plateia, pairando a centímetros das cabeças. Uma foi pega por Fiona Lindala, ou Peregrina, que estava na fileira ao lado com sua amada ave de rapina empoleirada no ombro. Adrian a viu desdobrar o papel e o falcão inclinar a cabeça com curiosidade. Ao redor dele, os Renegados estavam fazendo o mesmo. Pegando passarinhos de papel no ar. Desdobrando-os para revelar segredos.

Fiona gritou de surpresa, o que atraiu a atenção de Adrian. Ela estava com olhos arregalados, embora talvez mais de surpresa do que de dor. Ela largou a garça, mas o que saiu de lá foi outra criatura.

Uma abelha gorducha, peluda, preta e amarela, na palma da mão dela.

Adrian mal tinha registrado a imagem quando o peregrino se inclinou para a frente e pegou a abelha com o bico.

— Me picou — disse Fiona para ninguém em particular, tirando o ferrão da mão.

E mais surgiram. Mais abelhas, quase adoráveis de tão gorduchas, saindo da proteção das garças de papel e zumbindo na direção dos Renegados mais próximos.

— Abelha-Rainha — disse Adrian, espantando uma abelha. Ao redor, ele ouvia grunhidos incomodados, mas os sons eram mais de irritação ou surpresa do que qualquer outra coisa. Não era divertido levar uma ferroadinha de abelha, mas, em comparação à vida diária de Renegado, também não era muito apavorante.

O rosto de Danna estava retorcido de descrença.

— Por que abelhas? Por que não vespas ou...

Adrian deu um gritinho de surpresa e bateu na nuca. Puxou os dedos aninhando o corpo peludo de uma abelha. Ele a jogou no chão e massageou o local da ferroada.

Em volta dele, as pessoas estavam esmagando abelhas nas mãos e embaixo de botas, rasgando as lindas garças de papel em pedacinhos. Perplexas. Confusas.

Até que um berro horrível soou.

Começou com Peregrina, que estava encarando horrorizada os olhos inteligentes do companheiro.

— Não — gritou ela, esticando um dedo para fazer carinho na asa da ave. Mas o falcão se afastou. Andou pelo braço esticado da mulher e ficou olhando para ela como se não tivesse certeza de que ela era comestível. — Pern, por favor, sou eu.

O peregrino afastou a cabeça e afundou as garras no antebraço dela. Abriu as asas enormes e levantou voou acima da arquibancada. Fiona gritou e esticou a mão, mas não havia esperanças de pegá-lo. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não consigo mais senti-lo — gaguejou. — Ele não entende... o que está acontecendo? — Ela olhou em volta, procurando respostas nos rostos próximos. — Meu poder. Sumiu.

Adrian entendeu tão subitamente quanto se tivesse levado um tiro. Ele olhou para a plateia enquanto, ao redor, as expressões de confusão se transformavam em pânico. Renegados inspecionavam as mãos esticadas enquanto sentiam os poderes sumirem. Enquanto escamas desapareciam e davam lugar à pele humana macia, enquanto antenas de sexto sentido se encolhiam embaixo de cabelo humano. Uma garota feita de brasas pretas fumegantes viu a pele se transformar em pele humana comum. Um garoto com chifres gritou quando eles se partiram e caíram como unhas cortadas no chão. Fagulhas se apagaram. Energia evaporou. Sombras se dispersaram.

A voz voltou, ecoante e divertida.

— Se você for um dos azarados que acabou de receber uma ferroada, pedimos que mantenha a calma. Vai sentir um leve desconforto, talvez uma certa náusea, mas em poucos momentos você voltará ao normal. Cem por cento, completamente normal.

— Agente N — disse Adrian. — Os ferrões têm Agente N.

Oscar falou um palavrão e esmagou uma abelha com a bengala, embora Adrian tivesse quase certeza de que já estava morta.

— As seringas deviam conter uma substância falsa — disse Adrian. — Os Anarquistas a trocaram, sabe-se lá como.

— Adrian — disse Danna. — Seus poderes?

Ele fez que não.

— Minha tatuagem vai me proteger, acho. Mas algo me diz que isso não é o pior. Preciso encontrar um lugar pra me transformar.

— A gente vai com você — retrucou Danna.

Ele saiu da fileira e se preparou para subir a escada correndo para os fundos da arena, mas foi detido por uma voz fraca e trêmula.

— Pessoal?

Ele se virou. Danna e Oscar também pararam, e todos olharam para Ruby.

O rosto dela estava pálido, os olhos lacrimejando e arregalados. Na palma da mão direita, segurava uma abelha morta.

Na esquerda, estava a pedra vermelha que sempre ficava pendurada no seu pulso.

O coração de Adrian se apertou.

— Ruby... não...

Todos viram a pedra começar a derreter e se dissolver em uma gosma grudenta e sangrenta que escorreu pelos dedos e pingou no chão de concreto.

Ruby engoliu em seco e tentou fazer uma expressão de coragem apesar do choque.

— Meus irmãos — sussurrou ela — vão ficar tão decepcionados.



NOVA ESTAVA NA METADE do primeiro suporte de iluminação quando se deu conta do que estava acontecendo. Ela se segurou no aço frio e olhou para a plateia enquanto os gritos iam de confusos a horrorizados.

Ela encostou a mão no fone no ouvido, torcendo para estar enganada. Talvez estivesse interpretando errado, por não conseguir enxergar claramente estando tão longe.

— O que está acontecendo lá embaixo?

A voz de Mel soou entrecortada.

— Não dá pra perceber? A gente está finalmente vencendo.

As mãos de Nova estavam suadas, mas ela estava em uma posição precária demais para secá-las. Sua mandíbula latejava embaixo da máscara.

— Me diz que não é o Agente N... Era pra ser o veneno do Leroy! Vocês só iam paralisá-los por alguns minutos!

— Fica calma, Pesadelo — disse Leroy. — Nós precisamos que você continue concentrada na sua missão.

— Como é que posso ficar concentrada quando vocês mudaram o plano no meio? — Ela percebeu que estava praticamente gritando, mas sabia que ninguém a ouviria com o caos lá embaixo. Ela se viu observando as arquibancadas, procurando Adrian e os outros, mas os assentos estavam lotados demais, confusos demais com Renegados uniformizados idênticos.

— Foi ideia minha — disse Mel, parecendo muito orgulhosa. — Por que nós deixaríamos nossos inimigos paralisados por uns minutos se poderíamos neutralizá-los pra sempre? Não é diferente do que eles teriam feito com a gente.

— Mas não foi isso que nós combinamos!

— Porque você não teria concordado! — respondeu Mel com rispidez. — Porque você passou a gostar desses super-heróis. Mas eles merecem o que está acontecendo, e você sabe disso!

Nova apertou as barras de ferro. Quantas abelhas Mel tinha soltado? Quantos Renegados não seriam mais prodígios?

E por que isso a enchia de fúria se, não muito tempo antes, ela teria ficado satisfeita? Teria até apoiado o plano?

— Era pra eles ficarem *paralisados* — repetiu ela. — Vocês sabem o quanto dificultaram as coisas pra mim?

— Você sabe se virar. Vai dar um jeito — disse Mel. — Eu fiz o que era melhor para os Anarquistas, o que é melhor pra *nós*. Chega de jogar dos dois lados, Pesadelo. Está na hora de escolher com quem você está de verdade.

Nova se encolheu. Abaixo, os Renegados estavam se espalhando pelo campo. A maioria das abelhas tinha sido morta, e era impossível saber quantos super-heróis tinham sido ferroados. Metade? Mais?

Enquanto o Conselho berrava ordens, tentando levar os jornalistas civis para algum lugar seguro no subsolo ao mesmo tempo em que montava um perímetro defensivo, uma segunda onda de abelhas surgiu pelos dutos de ventilação. Desta vez,

Mel não se deu ao trabalho de usar o disfarce das garças de papel. O enxame se espalhou, centenas de pontinhos pretos, da perspectiva de Nova, e mergulhou na multidão.

Em meio ao caos, o foco de Nova recaiu sobre Ace. Ele estava quase sereno na frente da plataforma, os pulsos e tornozelos ainda algemados.

Ela sentiu o peso da mochila.

Embora a raiva continuasse pulsando pelas veias, Nova firmou o queixo e seguiu em frente.



ADRIAN FALOU UM PALAVRÃO quando viu um novo enxame de abelhas entrando na arena. A voz do Capitão Cromo soou pelos alto-falantes pedindo aos Renegados para protegerem os membros da imprensa, cujos gritos de pânico se misturavam com o zumbido alto dos insetos, ao mesmo tempo em que tentava organizar outros em uma espécie de contra-ataque. Mas nenhum inimigo tinha aparecido, só as abelhas, e elas eram tão pequenas e velozes que a maioria dos poderes dos Renegados era inútil contra elas.

— Eu sei que nem precisava dizer — disse Adrian —, mas Oscar e Danna... tentem não ser ferroados.

— Que sensibilidade, Rabisco — disse Ruby. Ela ainda estava com expressão abalada, mas Adrian percebeu que ela estava tentando não demonstrar o quanto estava arrasada pela perda dos poderes.

— Eu tenho uma ideia melhor do que só não ser ferroados — rosnou Oscar. A expressão dele era de uma rara ferocidade, evidente quando ele levantou as duas mãos e começou a espalhar fumaça de aroma doce pela arquibancada e pela arena.

— O que você está fazendo? — perguntou Adrian. A fumaça mudou rapidamente de uma névoa fina para uma neblina densa. Não demorou para Adrian mal conseguir ver as próprias mãos nem os companheiros ao lado... nem as abelhas que ouvia zumbindo perto. — Cortina de Fumaça, isso era pra ajudar?

— São abelhas — disse Oscar. — Fumaça faz com que fiquem mais calmas.

Adrian tentou piscar para afastar a fumaça que ardia nos olhos, mas em pouco tempo sua irritação passou. Realmente: os zumbidos diminuía conforme a fumaça

enchia a arena.

— Bem pensado — admitiu ele, mas ouviu vários colegas começarem a tossir.

A fumaça oferecia outro benefício. Agora escondido, Adrian levou a mão à tatuagem de zíper no esterno. Com um chiado e uma série de estalos, a armadura do Sentinela se desdobrou do bolso inexistente embaixo da pele, se estendeu pelos braços, desceu pelo peito e pelas costas, cobriu braços e pernas e se fechou na cabeça. O visor foi a última coisa, cobrindo o rosto.

— Ah, caramba, isso não é muito simpático com as abelhas, meu amigo fumacento — disse a voz estrondosa de novo. — Isso quer dizer que vamos ter que recorrer ao plano B... — Ele riu.

O que veio em seguida foi um pandemônio puro. Com todos desorientados pela fumaça, era impossível saber o que estava acontecendo na arena, mas Adrian sentiu pela gritaria e pelos grunhidos que não era coisa boa. Ele viu flashes de luz no campo abaixo e teve um vislumbre das asas de Pássaro do Trovão se movendo na fumaça. Sentiu o estrondo de uma explosão sob os pés. Danna se dissolveu em borboletas e foi na direção do campo. Lentamente, a neblina se dissipou. Havia abelhas em encostos de cadeiras e em amuradas, mas elas não pareciam mais inclinadas a atacar. Algo passou por cima do elmo de Adrian... uma flecha? Uma lança? À esquerda, ele ouviu um ricochete metálico. À direita, o que pareceu o rugido de uma fera selvagem.

Uma coisa estava clara: eles estavam sob ataque, e não mais só de abelhas.

Adrian esperou a névoa se dissipar o suficiente para ele poder ver formas vagas no meio da arena e não esmagar ninguém sob seu peso. Quando se preparou para se jogar no palco, um movimento no teto o fez parar.

Ele apertou os olhos para a sombra percorrendo o andaime perto da abóbada da arena. Esperou até ter certeza absoluta do que estava vendo.

Suas manoplas se apertaram em punhos.

Pesadelo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



NOVA ESTAVA QUASE NO centro do sistema de iluminação da arena quando o suporte onde estava tremeu com um impacto. Ela deu um grito quando o andaime balançou.

Ela se segurou em um cabo de aço de segurança e olhou para trás.

— Ah, você só pode estar de sacanagem comigo.

O Sentinela estava empoleirado precariamente no andaime, as mãos cobertas pela armadura segurando a barra enquanto ele tentava se equilibrar. Ele levantou a cabeça e, embora não desse para ver o rosto, Nova praticamente sentiu o ódio a atingir como uma onda.

Ela se levantou, usando o cabo para se equilibrar. Sua outra mão estava perto do cinto.

— Eu não esperava te ver aqui hoje — disse ela. — O que você está fazendo invadindo uma festa dos Renegados assim?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — disse ele enquanto tentava se levantar. Mas o andaime oscilou com o peso dele, e o Sentinela logo voltou a se agachar. — Só que acho que sei agora. E não vai dar certo.

— Até agora está tudo ótimo — retrucou ela.

Segurando-se com a mão esquerda, o Sentinela levantou o punho direito. A manopla começou a brilhar em um branco quente.

Ela fez expressão de desprezo.

— Não desta vez, soldadinho de chumbo. — Ela tirou uma arma do coldre no quadril, uma que tinha criado precisamente para aquele momento.

Os dois miraram.

Dispararam.

O raio de concussão do Sentinela acertou o cotovelo esquerdo de Nova, que cambaleou para trás. Por um momento, houve apenas ar embaixo dela, antes que sua mão se agitasse e segurasse o cabo de segurança de novo. Ela ficou pendurada, a mão direita no cabo, um joelho enganchado em uma barra grossa.

Ela suspirou de alívio.

O Sentinela não teve tanta sorte. O projétil o acertou bem no peito, se magnetizou na armadura dele e liberou um choque elétrico poderoso. Nova, atordoada com o disparo que levou, nem percebeu o gritinho de dor dele. E ele caiu.

Ela ouviu o impacto quando o Sentinela caiu no campo abaixo, junto com gritos sobressaltados de quem estava em volta.

Nova grunhiu. Seu braço esquerdo estava dormente por causa do disparo. Ela falou um palavrão, com suor se acumulando no pescoço enquanto lutava para se erguer com apenas uma das mãos.

— Cretino — murmurou ela, junto com alguns palavrões até estar com os dois joelhos firmes na estrutura. Uma observação rápida da cena abaixo revelou o corpo do Sentinela estatelado no chão. Ela se perguntou brevemente se o choque tinha matado o cara. Ela não tivera tempo para testar a efetividade da nova arma.

Não importava. Estava claro que ela havia perdido o elemento-surpresa. Múltiplos pares de olhos se voltaram para ela. O olhar ardente de Pássaro do Trovão se grudou em Nova. Ela se preparou para se jogar no ar, um raio estalando no punho, quando Cianeto apareceu na neblina e enfiou alguma coisa nas costas dela. Pássaro do Trovão berrou de dor e se virou para encará-lo. Em segundos, o raio na mão dela piscou, soltou um brilho forte uma vez e se dissolveu no ar.

Ela mergulhou em cima de Cianeto com a fúria de uma tempestade.

Nova afastou a atenção disso e procurou Ace. Ele não estava mais parado estoicamente na plataforma; tinha caído de joelhos, com a cabeça inclinada para baixo e com uma das mãos no coração. Havia detritos em volta dos pés dele em um

círculo perfeito, e Nova percebeu que ele estava usando a pouca habilidade que ainda tinha para se proteger de estilhaços e objetos caindo.

Os poderes dele foram suficientes, por um triz, para mantê-lo seguro em meio à carnificina. Mas a força dele não duraria. Ela só podia imaginar o quanto tinha custado a ele desviar das armas e dos projéteis que tinham sido lançados na direção dele desde o começo da batalha.

Era só questão de tempo até ele ser alvo, apesar da fragilidade e das algemas.

Nova tinha tido esperanças de descer o mais perto dele possível, mas, enquanto olhava as armações à frente, percebeu que demoraria demais para atravessar o resto do caminho com o braço ferido. Ela seria mais veloz correndo, mesmo que houvesse mais obstáculos no chão.

Ela ajustou a mochila, mexeu no clipe no cinto e o prendeu no cabo de segurança. Seus lábios se contorceram quando ela avaliou a distância. Nunca tinha feito rapel com apenas uma das mãos e não estava feliz pela oportunidade de tentar agora.

Nova abriu uma bolsinha no cinto, pegou uma das luvas e usou os dentes para colocá-la na mão. Soltoou a corda de náilon, observou enquanto ela se desenrolava até o chão e prendeu os tornozelos em volta. Sua mão a sustentou; ela respirou fundo e desceu.

A corda chiou entre as botas. Apesar da luva protetora, ela sentiu o calor da fricção na palma da mão. Seu braço esquerdo começou a formigar.

Alguns segundos depois, ela soltou e caiu agachada no meio de um campo de batalha. Tirou a luva, enfiou-a na bolsinha do cinto e saiu correndo na direção do Ace. Serpenteou entre as confusões e lutas, entre as armas brilhosas e os projéteis e disparos e gritos. Ela viu Chaveiro se movendo pela fila de prisioneiros da forma mais sorrateira possível, soltando as algemas uma a uma. Viu Leroy preso no chão por uma mulher de cabelo escuro que estava se esforçando para estrangulá-lo ao mesmo tempo que ele enfiava dedos, que soltavam ácido, na cara dela. A expressão dele estava louca e maníaca, quase como se estivesse gostando da luta, e com um choque passou pela cabeça de Nova que era *Pássaro do Trovão* que apertava a garganta dele. *Pássaro do Trovão*... sem asas.

Ele tinha neutralizado uma integrante do Conselho.

Um chicote envolveu o tornozelo de Nova e a derrubou no chão. Ela grunhiu com o impacto. Um segundo depois, estava sendo arrastada pela terra. Ela se virou de costas, voltando-se para a Renegada, Chicotinho, com um rosnado. Tirou a estrela do cinto e jogou na adversária. Chicotinho deu um grito quando a arma acertou seu braço e largou o cabo do chicote. A distração dela deu tempo para Nova soltar a perna e, um segundo depois, pular na mulher, que mostrou os dentes e levantou as mãos para receber o ataque de Nova.

As mãos nuas.

Grande erro.

Assim que as peles se tocaram, Chicotinho arregalou os olhos com entendimento, meio segundo antes de as pálpebras se fecharem e ela cair no chão.

Nova verificou a segurança da mochila e saiu correndo. Embora sua atenção estivesse focada em alcançar Ace, ela não pôde deixar de observar os rostos dos Renegados quando passou correndo, se perguntando se Adrian estava por perto. Mas o único membro da sua equipe que ela vislumbrou foi uma borboleta-monarca no meio da confusão.

Quando viu Ace de novo, ela levou um susto ao perceber que ele a observava. Ainda estava curvado e de joelhos, ofegante. Seu olhar tinha um desespero incomum. Uma súplica.

— Estou chegando — sussurrou ela, tanto para si mesma quanto para o tio. — Não vou falhar com você. Não desta vez.

Nova desviou de uma cauda farpada (*Arraia?*) e se jogou por cima de uma poça suspeita de gosma preta. Seus pés tocaram no chão de novo na hora em que uma onda enorme caiu sobre ela e a derrubou de lado. A água se afastou e a deixou aos engasgos enquanto o chão de terra virava lama grudenta. Ela xingou Tsunami e ficou de pé, preparada para lutar, mas a Conselheira já estava se defendendo do ataque de um prisioneiro libertado.

Com o braço formigando conforme a sensação voltava aos músculos, Nova afastou a franja encharcada da cara e ajustou o capuz pesado sobre o rosto. Com a lama e a roupa ensopada, parecia que cada passo na direção do Ace estava mais difícil.

Tinha acabado de recuperar o fôlego quando seu nome soou nos seus ouvidos.

— Nova! NÃO!

Ela se virou a tempo de ver Winston Pratt se jogando nela.

Nova recuou e se preparou para uma luta.

Mas Winston não a atacou. Ele estava respirando com dificuldade e caiu apoiado em um joelho enquanto a encarava em choque.

Nova demorou tempo demais para entender o que estava acontecendo. Demorou tempo demais para reparar na mancha vermelha se espalhando pela frente da camisa dele. Demorou tempo demais para ver vidro transparente saindo do peito dele, molhado de sangue.

Ao longe, ela ouviu uma pessoa falando um palavrão. Olhou por trás do Winston e viu Genissa Clark segurando uma besta. Ela tirou outro projétil de um isopor pequeno aos seus pés e o colocou na besta. Não era vidro, Nova percebeu. *Gelo*.

O rosto de Genissa estava vermelho de fúria, os dentes arreganhados enquanto ela alinhava o visor com o coração de Nova.

Nova mergulhou no chão. A seta de gelo passou voando e se estilhaçou em algo atrás dela. Nova ficou de pé e mergulhou para cima de Genissa. A garota estava com outra seta de gelo na mão, mas não teve tempo de prendê-la na besta antes de Nova atacar. As duas caíram no chão. Genissa virou a seta de gelo para tentar furar Nova com a ponta, mas Nova segurou o pulso dela e prendeu no chão.

O corpo de Nova estava ardendo de raiva. O sangue pulsava com adrenalina enquanto ela repetia em pensamento a voz em pânico de Winston gritando seu nome.

Naquele momento, o que ela mais queria era matar Genissa Clark.

Em vez disso, ela só gritou o mais alto que pôde, o desprezo arranhando a garganta:

— *Você tem tanta sorte de eu não ter tempo pra isso!*

Então pressionou a testa de Genissa com a palma da mão e liberou seu poder como uma marreta no crânio da garota. A cabeça de Genissa caiu inerte na terra, os lábios abertos, a pele pálida coberta de terra e lama.

Ofegante, Nova se levantou. Meros segundos tinham se passado desde que ela ouvira Winston chamar seu nome, mas ele não tinha se mexido. Ainda estava ajoelhado na terra, de costas para ela, o pedaço de gelo se destacando na mancha vermelha na roupa.

— Winston.

Ela se abaixou ao lado dele, uma das mãos no ombro. Ele a encarou, e Nova percebeu que ele já estava próximo da morte. A pele estava pálida como na época do Titereiro.

— Está tudo bem — sussurrou ela. — Está tudo bem. Eu não posso tirar o gelo por enquanto porque... o sangramento... — Ela fungou e observou a arena, se perguntando se havia algum curandeiro Renegado na plateia. Ela sabia que nenhum dos novos aliados dos Anarquistas tinha habilidade de cura, mas, se os Renegados realmente viam Winston como um *deles* agora, talvez o ajudassem. — Vou procurar alguém. Aguenta firme...

— Pesadelo — disse com uma leve tosse. Ele oscilou, se sentou nos calcanhares e fez uma careta ao se mover. — Desculpa por... te chamar de Nova... antes.

— Tudo bem. Acho que ninguém estava prestando atenção. Você consegue andar? Nós temos que...

— Pesadelo... — Ele segurou a mão dela, e ela se deu conta de que Winston estava chorando. Naquele momento, ela percebeu que também estava. — A gente era amigo, não era? — Ele tossiu. Um borrico de sangue manchou o lábio inferior. — Eu sei que nem sempre fui... um bom amigo... mas eu... eu gostava de ter você por perto naquela época. Quando você era pequena. Era bom ser... criança... de novo.

A respiração dela começou a sair em intervalos erráticos.

— Claro. Claro que a gente era amigo.

Ele sorriu, mas foi um sorriso cheio de dor. Seus olhos estavam perdendo foco.

— Eu queria te dizer... — Ele tossiu. O gelo no peito dele estremecia a cada movimento. — Eu não sei mais... se fui feito para ser... vilão. — Seu olhar se suavizou com afeto quando ele apertou a mão dela. Nova não sabia quando ele tinha começado a segurar. — Também não sei se você é. Talvez... nenhum de nós...

Uma explosão próxima fez Nova pular. Ela abriu bem os braços, como se para proteger Winston da explosão. A uns dez passos dos dois, uma nuvem de fumaça estava se espalhando, fazendo Rejeitados, prisioneiros e Renegados cobrirem o rosto.

— Winston, eu preciso chegar ao Ace. Aí vou te tirar daqui, está bem? — Ela olhou para ele de novo. — Ace e eu vamos...

As palavras dela sumiram, misturadas à fumaça e à terra.

Winston tinha caído para a frente, sustentado por pouco pelo braço de Nova e pelo gelo que impedia que o peito dele afundasse.

Ele já estava morto.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



NOVA SE LEVANTOU COM dificuldade, sentindo como se suas entranhas tivessem sido reviradas com um garfo. Ela girou, atordoada, esperando que outro ataque contra sua vida surgisse a qualquer segundo e de qualquer direção. Não viu sinal de Leroy ou de Pássaro do Trovão. Viu Mel na arquibancada, que entrou quando a luta começou, a nuvem de vespas e abelhas tão densa que o corpo parecia uma colmeia viva. Viu Fobia na mesma hora em que seu corpo se transformou em um amontoado vibrante de cobras venenosas que pulou em um grupo de Renegados e o separou. Os prisioneiros, livres das algemas, tinham entrado na batalha. Nova viu aliados e inimigos fazendo o melhor para sobreviver. Fazendo o melhor para machucar e matar.

Ela viu muito sangue. Muito horror. Muitos corpos caídos.

Com a pulsação rápida, olhou para cima e piscou para afastar a poeira dos olhos.

Ace.

Se conseguisse chegar a Ace, poderia acabar com aquilo.

Levou a mão à alça da mochila e ficou paralisada.

Tinha sumido.

Ela se virou, procurando freneticamente. *Ali.* Não muito longe do corpo inconsciente de Genissa Clark. Nova correu na direção da mochila, se abaixou e deslizou pela terra enquanto sua mão segurava as alças.

Na mesma hora, soube que havia algo de errado.

— *Não. Não, não, não!*

O zíper estava um pouco aberto, e embora ela já soubesse da verdade, suas mãos funcionaram no piloto automático e terminaram de abri-lo.

Para revelar uma mochila vazia.

Nova a jogou no chão e procurou Ace, torcendo para que talvez ele tivesse usado o poder que lhe restava para chamar o elmo de volta. Mas, não; viu o tio meio caído na beira da plataforma, a respiração irregular. O elmo não estava por perto. Mil possibilidades passaram por sua cabeça, cada uma pior do que a outra, enquanto ela observava a arena com desespero. Queria acreditar que o elmo talvez tivesse caído durante a luta, talvez tivesse rolado para baixo de uma cadeira, ou ficado enterrado na lama, ou...

— Procurando isso?

Ela levantou a cabeça de repente.

Pega estava na primeira fileira da arquibancada, segurando o elmo de Ace Anarquia.

— Devia cuidar melhor dessas coisas.

Nova soltou um rosnado e correu na direção dela, já calculando a melhor forma de escalar o muro baixo até os assentos da plateia. Pega não ficou parada. Subiu correndo a escada, dois degraus de cada vez.

Ela tinha uma vantagem, mas Nova era mais rápida. Quando pulou a amurada, Pega estava no alto do primeiro nível. Mas, em vez de correr para a saída, a menina percorreu uma fileira de assentos e gritou:

— *Segura!*

O coração de Nova disparou quando ela imaginou Pega dando o elmo para o Capitão Cromo, ou para o Guardião Terror, ou mesmo Adrian, ou... ou...

Pega o arremessou com o máximo de força que conseguiu. O olhar de Nova acompanhou o arco que o elmo fez acima da arquibancada, uma das mãos segurando a amurada que havia acabado de pular, a boca seca.

Um par de mãos desajeitadas agarrou o objeto.

Nova piscou, consternada. Tropeçou. *Callum?*

Ele também parecia confuso, quase assustado, quando olhou de Pega para Nova. Estava praticamente sozinho na arquibancada, pois a maioria dos Renegados tinha ido para o campo participar da luta. Callum observou o elmo que estava de repente nas

suas mãos, não com uma avidez faminta, como alguns fariam. Mas também não com repulsa por sua história.

Ele só estava com cara de Callum. Impressionado e eufórico.

— O que está esperando? — gritou Pega para ele. — Bota na cabeça!

Nova franziu os lábios e começou a andar pela fileira de assentos mais próxima. Callum era um alvo fácil. Ela só precisava chegar perto e colocá-lo para dormir. Não seria a primeira vez.

Callum ergueu o elmo e o enfiou na cabeça.

Ficou parecendo uma criança brincando de se fantasiar.

Nova rosnou e pulou para a fileira seguinte. Callum não era um oponente formidável. Ela pegaria o elmo e completaria sua missão.

Porém, não tinha dado nem dez passos quando foi atingida por um pensamento tão impressionante, tão brilhante, que acabou caindo de maduro. Seu joelho bateu com força no braço de plástico de um dos assentos, mas Nova nem sentiu direito a dor, porque...

Ainda estava viva.

Ela riu, meio sobressaltada com a percepção. Quantas tentativas de acabar com a vida dela tinham sido feitas só nos últimos quinze minutos? E, ainda assim, sobrevivera a todas. Ainda estava de pé, respirando e...

Havia mais: não era a única.

Paralisada, Nova observou toda a arena e sentiu como se a estivesse vendo claramente pela primeira vez. Sim, houvera mortes. Não só Winston — *Winston, que se sacrificou por mim* —, mas outros também, heróis e vilões. Havia caos. Ruína.

Mas, em meio a tudo aquilo, ainda havia esperança. Esperança de que as coisas pudessem mudar. Esperança de que aquilo não fosse o fim.

Os pulmões de Nova se contraíram. Ela havia recebido o poder indutor de maravilhamento de Callum vezes suficientes para saber que o que sentia era produto da habilidade dele. Mas também sabia que seus pensamentos eram verdadeiros ou, no mínimo, o que ela pensava ser verdade.

Ainda havia esperança de que as coisas poderiam ser diferentes. De que poderiam ser melhores.

Ela não era a única que tinha ficado paralisada com o peso dessa percepção. Ao seu redor, as pessoas trocavam olhares sem falar nada. Havia uma clareza nas

expressões, nascida da imobilidade do momento.

Apesar de tudo, ela ainda era dona daquela vida preciosa. Ainda tinha a chance de fazer as coisas de um jeito diferente. O que significava que *todos* poderiam fazer as coisas de um jeito diferente. Poderiam escolher um futuro diferente, um destino diferente. Juntos, poderiam acabar com aquela destruição sem sentido. Poderiam escolher reconstruir, criar, em vez de derrubar e destruir. Não era isso que Callum estava tentando dizer para ela o tempo inteiro?

Nova percebeu que Callum olhava para ela por trás do visor do elmo de Ace e soube, sem dúvida nenhuma, que ele a reconhecia. Ele a via. Sabia quem ela era.

Mesmo assim, Callum não a encarou como se fosse inimiga. O que teria parecido impossível momentos antes agora parecia não apenas possível, como inevitável.

A vida era cheia de segundas chances.



MENOS DE DOIS MINUTOS antes, Adrian tinha acordado estatelado no chão usando a armadura do Sentinela, com a sensação de que tinha sido atingido por um raio e atropelado por um caminhão logo depois. Ele não sabia o que Pesadelo havia disparado nele, mas esperava nunca mais entrar em contato com aquilo. Nos primeiros segundos após abrir os olhos, sentiu dor e ficou confuso e meio chocado por não ter sido pisoteado. A arena estava um desastre. A luta não mostrava sinais de acabar, não até que um dos lados fosse completamente exterminado.

Ele se levantou com dificuldade, torcendo para que o formigamento que sentia nos membros passasse agora que estava se mexendo, e começou a procurar sinais de Pesadelo. Toda a sua antiga fúria voltou, e Sentinela jurou que aquela era a última vez em que ela o derrotaria numa luta corpo a corpo.

Muitas vezes, jurara para si mesmo que encontraria Pesadelo e a destruiria.

Desta vez, pretendia mesmo fazer isso.

Ou tinha pretendido.

Nos dois minutos que se passaram, a batalha caiu em um cessar-fogo inesperado. Adrian olhou em volta, impressionado não com o caos, mas com o mero fato de todos ali estarem dispostos a lutar com tamanha convicção pela própria causa. Como podiam se sentir tão compelidos a arriscar tudo pelo que acreditavam? Ele viu os pais

em meio à confusão — Simon ajudava Zodíaco a ir para um lugar seguro, pois ela parecia ter quebrado a perna, e Hugh atipicamente imóvel, sorrindo para a arquibancada com lágrimas nos olhos azuis.

Adrian ficou feliz por ver os dois. Sabia que as perdas eram terríveis, mas percebeu que poderiam ter sido bem piores.

Percebeu um grupo de homens e mulheres usando uniforme de prisioneiros de Cragmoor e se lembrou da súplica de Nova para darem a eles uma oportunidade de reabilitação. Pensou na mãe, que morreu defendendo o povo da cidade que tanto amava. Pensou nos pais, que tinham trabalhado sem descanso nos últimos anos para reconstruir uma sociedade caída.

Era possível que as linhas que os dividiram por tanto tempo pudessem ser tratadas com um pouco mais de compreensão, borradas com um pouco mais de empatia e até apagadas por completo com um pingo de comprometimento?

Ficou tão sobressaltado com o pensamento que começou a rir. Procurou seus amigos na multidão, com vontade de perguntar se eles também sentiam que haviam lidado com as coisas da maneira errada o tempo todo.

Não achou Oscar, Ruby e Danna na confusão... mas sua atenção se voltou para Pesadelo.

Ela estava na arquibancada, segurando o encosto de um assento, observando a arena com surpresa aparente. Até seu olhar pousar nele.

Logicamente, Adrian sabia que podia ser só coisa da cabeça dele. Seus pensamentos práticos lutaram para permanecer no controle, para lembrá-lo de que não havia como ter certeza do que Pesadelo pensava. Mas, de alguma forma, sentia que uma compreensão havia surgido entre eles naquele momento.

Eu lutei para proteger as pessoas que amo. Lutei para defender minhas crenças.

Vejo agora que você também.

Somos mesmo tão diferentes?

Nada tinha mudado.

Mas tudo tinha mudado. Dois minutos antes, ele a teria matado. À luz daquela epifania maravilhosa, porém, nada bastaria além da trégua.

Nada além de uma chance para a paz, para a compaixão, para...

Uma forma escura surgiu na lateral de sua visão. Adrian inclinou a cabeça quando sentiu uma perturbação nessa nova realidade impressionante como uma faca

cortando um lenço de papel.

Fobia apareceu na arquibancada, parado atrás de um garoto que estava, inexplicavelmente, usando o elmo do Ace Anarquia. O menino não pareceu reparar em Fobia às suas costas.

Era como se tudo acontecesse em câmera lenta. Em um instante, a cabeça de Adrian estava cheia de promessas, possibilidades e verdades. De segundas chances e esperança.

No seguinte — puro horror.

— *Não!*

Seu grito fez Pesadelo se virar para ver o que tinha chamado sua atenção.

Fobia golpeou com a foice. A lâmina perfurou o abdome do garoto e o cortou do umbigo ao esterno.

O mundo parou. O ar sumiu dos pulmões de Adrian e se recusou a voltar.

Ele ouviu um grito e achou que poderia ter sido da Pesadelo.

Quando o garoto caiu, Fobia puxou a lâmina e espalhou sangue pela arquibancada.

Ele pegou o elmo com a mão de esqueleto e o tirou da cabeça do menino.

Callum Treadwell. Maravilha.

— Quem não tem alma não pode ficar deslumbrado — disse Fobia, e quase parecia haver humor na voz frágil. — Assim como quem não tem medo não pode ser corajoso.

Adrian piscou. Ainda estava em choque pela insensatez daquilo tudo. Atordoadado não só por ver o corpo sem vida de Callum caído sobre um assento, mas pela confusão de ideologias se chocando em seus pensamentos.

Heróis e vilões. Amigos e inimigos. E aquelas palavras... aquela frase...

Quem não tem medo...

Um gosto amargo encheu a boca de Adrian. Ele olhou para Fobia e sentiu a injustiça da morte de Callum se espalhar por seu corpo enquanto as palavras que o assombraram por quase a vida inteira penetraram em sua cabeça.

Fobia.

Foi Fobia.

E agora, parado acima do corpo de Callum, ele tinha o elmo do Ace Anarquia nas mãos. Ergueu a voz para que todos o ouvissem enquanto o feitiço de esperança

evaporava de suas cabeças.

— Vocês lutaram bravamente — disse Fobia. — E agora... está na hora de conhecerem o medo.

Ele virou um fantasma, um monstro de tinta transiente pairando como uma ave de rapina, a capa parecendo a escuridão. Atravessou a plataforma sem fazer barulho, pousou no centro da arena e ergueu o elmo sobre a cabeça.

O elmo saiu de sua mão, permaneceu no ar por um momento e se acomodou nos ombros do Ace Anarquia.

Ace Anarquia ergueu a cabeça.

As algemas em seus pulsos fizeram um estalo alto e caíram na terra.

— Mestre da Anarquia — disse Fobia com a voz rouca. — Erga-se novamente e nos permita vê-los cair.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



ASSIM QUE ACE ANARQUIA estava de posse do elmo, tudo mudou. Ele não se levantou exatamente, mas flutuou para cima, a coluna se empertigando e as mãos se flexionando, como se estivesse recuperando a sensação nas extremidades.

A arena começou a tremer. A madeira rachou e o metal gemeu. Assentos que estavam aparafusados na arquibancada foram arrancados e arremessados na direção dos Renegados que ainda tinham forças para lutar, prendendo vários deles no local onde estavam. As vigas de aço que sustentavam a iluminação foram arrancadas das estruturas, caindo sobre os inimigos do Ace e se curvando para formar jaulas improvisadas.

Adrian sentiu como se estivesse vendo a cena de algum lugar fora de si mesmo. Nada parecia real: nem a armadura pesada em sua pele, nem o sangue pingando na arquibancada, nem Ace Anarquia de repente, por mais impossível que parecesse, voltando a ter poder.

Sentindo que logo perderiam a luta se não o impedissem, os Renegados restantes voltaram a atenção para Ace. Aquilo poderia tê-los deixado vulneráveis a ataques dos Anarquistas e dos prisioneiros de Cragmoor, mas os membros de ambos os grupos pareciam atordoados com a mudança rápida de eventos. Com que velocidade os pontos de vista deles foram alterados e testados no espaço de alguns minutos!

Primeiro, Callum Treadwell, e agora, aquilo.

No campo, Luz Negra jogou uma luz cegante na cara do Ace Anarquia. O vilão abaixou a cabeça instintivamente e fez uma breve pausa no ataque na arena.

Foi o suficiente para o Capitão arremessar o pique de cromo. A arma atravessou o ar, cintilando nos holofotes ainda apontados para o palco.

Ace voou. O pique não o acertou por centímetros. Anarquia rosnou para o Capitão e, com um sorriso maligno e um movimento de pulso, ergueu as correntes que antes seguravam os prisioneiros de Cragmoor e as jogou em Luz Negra.

Uma corrente envolveu o tronco de Luz Negra, prendendo os braços junto ao corpo. Outra se enrolou na cabeça como uma mordança.

— Não! — gritou Adrian, a voz se misturando com centenas de outras.

Mas não foi o bastante.

Ace estalou os dedos.

As correntes foram puxadas em direções opostas e quebraram o pescoço de Luz Negra.

Um suor frio escorreu pela nuca de Adrian, e a arena se encheu de gritos. Ele ouviu seu pai gritando:

— *Evander!*

A fúria rugiu dentro de Adrian. Ele acionou o diodo de laser no antebraço do traje. Cada parte dele que antes estava cheia de esperança quando Callum usara o elmo estava agora cheia de fúria. Fagulhas brancas cintilavam em sua visão, e a manopla começou a brilhar.

Ele não era o único enfurecido pela morte do Luz Negra. No campo, Tsunami soltou um grito gutural e lançou uma onda em cima do vilão, mas, com um único movimento do pulso, Ace fez toda a plataforma em que tinha sido algemado virar de lado, criando uma barreira. A onda quebrou longe dele e inundou metade da arena. Os dedos de Ace se moveram e a plataforma foi arremessada em Tsunami. Ela gritou e levantou os braços para se defender na hora em que o palco caiu em cima dela.

Naquele momento, Ace rugiu de dor, um braço se movendo para trás, mas acertando apenas o ar.

Adrian apontou o punho para o vilão, mas hesitou. Ace se virou e Adrian viu uma faca enterrada nas costas dele, perto do rim esquerdo. Adrian não percebera ninguém a arremessando, o que significava... que o Guardião Terror tinha enfiado a faca ali.

Engoliu em seco. Ace estava tão longe. Sua tentativa de acertá-lo colocaria seu pai invisível em risco.

Não teve tempo para tomar uma decisão. Da arquibancada do outro lado do campo, Abelha-Rainha gritou ao ver sangue sujando o uniforme de prisão do Ace Anarquia. Jogou os braços para a frente e todas as vespas voaram na direção do Ace, em busca do agressor invisível. Elas o encontraram com facilidade, a nuvem preta de insetos que zumbiam formando a silhueta do Guardiã Terror. Adrian ouviu o grito de dor dele. Simon apareceu e sumiu algumas vezes antes de ficar totalmente visível e cair de joelhos, encolhendo-se em uma tentativa de se defender do veneno doloroso da picada dos insetos.

Adrian ajustou a mira e disparou.

O raio de energia acertou Abelha-Rainha no peito, provavelmente o melhor disparo que ele já tinha feito tão de longe. Ela caiu para trás, desabando sem jeito em cima de uma fileira de assentos plásticos.

O enxame se afastou do Guardiã Terror e voltou voando para proteger a rainha caída.

Mas Ace estava esperando. A faca tinha saído das costas dele, e assim que o caminho entre ele e o Guardiã Terror ficou livre, a arma foi arremessada na direção da garganta do inimigo.

Outra agitação substituiu o enxame de abelhas: borboletas douradas, convergindo na frente do Guardiã Terror. Danna bloqueou a lâmina com o antebraço e a derrubou no chão.

— Bela tentativa — murmurou ela.

Ace inclinou a cabeça.

— Eu me lembro de você. Na última vez que nos vimos, acredito que você estava presa em uma *fronha*.

Qualquer contra-ataque que os dois estivessem planejando foi interrompido por uma nova saraivada de agressões na direção do Ace, desviando sua atenção de Danna e do Guardiã Terror. Ninguém ousava atacá-lo com armas, considerando a facilidade com que ele desviava delas e as virava sozinhas, então Ace foi atingido por tempestades de areia, chuva ácida e até ondas sonoras ensurdecedoras. Ele bloqueou os golpes que pôde, usando tudo ao seu dispor para criar uma série de barreiras: assentos, portas, o púlpito, blocos de concreto arrancados de paredes, folhas de

metal tiradas do teto. O próprio Adrian atirou uma série de bolas de fogo e raios de energia, mas nada atravessou as defesas.

Durante todo o tempo, o olhar de Ace estava brilhando, como se aquilo fosse um jogo que ele sabia que ia perder.

Até que uma nuvem de fumaça preta o atingiu direto no rosto, gerando em Ace um ataque de tosse e arrancando o sorriso da cara dele. Adrian se encheu de orgulho. Ele tinha certeza de que havia sido lançada por Oscar de algum lugar da arena.

Danna se transformou de novo no bando de borboletas. Guardiã Terror estava de pé, ainda visível, tentando sair do caminho de destruição, mas seus movimentos eram erráticos, e ele escorregava sem parar no chão irregular e lamacento.

Adrian se agachou, saltou e caiu com um ruído alto na lama. Correu o restante da distância até o pai e deslizou ao lado dele na hora em que Simon tropeçou e caiu com um joelho no chão. De perto, viu as marcas das dezenas de ferroadas — áreas vermelhas com marcas brancas inchadas — que ele levara na face, nas mãos e no pescoço, em todas as partes que o uniforme não cobria.

— Você está bem? — perguntou Adrian.

Simon olhou para cima, surpreso. Segundos depois, Hugh pousou do outro lado, respirando com dificuldade por ter corrido. Seu olhar de aço observou o Sentinela, mas se voltou na mesma hora para o marido, enquanto o chão roncava e as paredes rachavam em volta.

— Simon, o que houve? Qual é o problema?

— Pelo menos uma daquelas vespas devia ter Agente N — respondeu. Ele quase pareceu pedir desculpas quando olhou para Hugh. — Fui neutralizado.

Hugh cerrou os dentes, e Adrian sabia que ele estava esperando aquela resposta.

O ar sumiu dos pulmões de Adrian. Guardiã Terror — um membro do Conselho, um dos Renegados originais — de uma hora para outra virou um ser humano normal.

— Temos que tirar você daqui — disse Hugh, passando um braço em volta de Simon. — Consegue ficar de pé?

Simon ignorou a pergunta e a oferta de ajuda.

— Você viu Adrian?

Adrian se encolheu com a preocupação compartilhada de seus pais. Quando Hugh negou, Adrian teve que morder a língua para segurar a verdade.

— Vamos encontrá-lo — disse Hugh enquanto ajudava Simon a se levantar. — Ele é forte. Deve estar bem. — Sua voz parecia conter uma ameaça ao universo.

Adrian fez uma careta.

Simon quase caiu assim que apoiou o peso do corpo nas pernas.

— Estou bem — disse ele, dispensando a preocupação de Hugh com um gesto. — É só que... meu corpo todo parece estar queimando de dentro para fora. O veneno daquelas vespas... — Ele gemeu.

— Deixa que eu levo ele — disse Adrian.

Hugh franziu a testa.

— Você precisa impedir o Ace Anarquia — falou Adrian, sabendo que tinha sorte de ainda não ter atraído a atenção do vilão. Ele se lembrava da facilidade com que Ace assumira o controle da armadura do Sentinela nas catacumbas, e aquilo foi sem o elmo. Se tentasse lutar com Ace Anarquia agora, ele seria mais uma desvantagem do que uma vantagem.

A expressão de Hugh relaxou, mas bem pouco.

— Obrigado.

— Não morra — murmurou Simon.

Hugh quase sorriu.

— Gostaria de vê-lo tentar. — E foi embora.

Simon só suspirou quando os dois estavam sozinhos.

— Eu não.

— Ele vai ficar bem. Venha. Apoie seu peso em mim.

Adrian sustentou o peso de Simon e juntos foram na direção da saída mais próxima, um túnel de concreto que levava para a área administrativa da arena. Apesar da dor e da consternação de ter perdido os poderes, Simon ficou olhando em volta, os olhos apertados por causa da fumaça e da poeira.

Adrian sabia que o pai estava procurando por *ele*.

Estavam na metade do caminho quando Simon tropeçou na perna esticada de um prisioneiro caído... se morto ou inconsciente, Adrian não saberia dizer. Simon grunhiu de dor quando seu ombro bateu no chão.

Adrian se curvou ao lado dele para tentar ajudá-lo a se levantar ao mesmo tempo que ficava de olho na luta no centro do campo. O chão em volta de Ace estava cheio de escombros e corpos caídos. Muitos Renegados tentavam se proteger na arquibancada, mas era inútil, pois o vilão conseguia arrancar os assentos com facilidade. Capitão Cromo alcançou o pique caído.

Simon segurou os antebraços de Adrian e se levantou, mas os dois ficaram parados, hipnotizados e esperançosos, vendo Capitão Cromo sair correndo na direção de Ace Anarquia.

— Vai, Hugh — sussurrou Simon.

Hugh ganhou velocidade. Adrian segurou o cotovelo de Simon enquanto via seu pai reduzir a distância de seu antigo inimigo.

Ele estava a seis metros.

Ace estava de costas. Os ataques dos Renegados ficaram menos frequentes porque mais e mais deles estavam presos embaixo de pilhas de escombros e assentos. Eles, no entanto, não tinham desistido. Ace derrubara uma parte tão grande do teto da arena que havia um buraco enorme acima, uma abertura para o céu frio e nublado da noite. As bordas da forma abobadada estavam começando a ceder sem a sustentação adequada, mas ele continuava arrancando pedaços de folhas de metal e vigas enquanto desviava um raio de eletricidade, bloqueava um fluxo de lava e fazia um grupo de Renegados correr para se esconder ao lançar uma saraivada de canos de aço para cima deles.

Capitão Cromo estava a quatro metros. Três. *Dois e meio...*

Uma algema se ergueu da plataforma que ruíra abaixo e prendeu os tornozelos do Capitão. Ele caiu, estatelado no chão. O pique se prendeu na terra perto de onde Ace estava.

— *Não!* — gritaram Adrian e Simon em uníssono. Simon fez que ia na direção do Hugh, mas Adrian segurou o braço dele e o manteve no lugar.

Quando Ace Anarquia se virou para o inimigo, outra algema surgiu dos detritos e prendeu os pulsos do Capitão.

— Use sua força impressionante para se livrar dela, *Capitão*. — Alguém na arquibancada arremessou uma bola de energia elétrica em Ace. Ele inclinou a cabeça e a tela gigantesca da arena caiu no chão e absorveu o disparo. — Ou perdeu a força nos dez anos em que não nos vimos?

— Continua — sussurrou Adrian. — Eu vou ajudá-lo. — Ele soltou Simon e se virou para Ace Anarquia, apesar de o medo estar latejando em seu crânio. *Quem não tem medo não pode ser corajoso.*

Seus punhos se apertaram.

— Sem querer ofender — disse Simon —, mas não acho que esse seu traje de lata vai proteger você.

— Eu sei, pai. Mas confia em mim. Deixa comigo.

Houve uma pausa e Simon perguntou:

— O que você falou?

Adrian expirou e apertou a mão no peito.

A armadura começou a se desfazer.



NOVA TINHA PARADO DE tentar reavivar Callum. Desde o começo, ela sabia que era inútil, mas tinha passado incontáveis minutos tentando estancar o sangramento que saía do seu abdome. Não adiantava. Ela duvidava que até o mais talentoso dos prodígios curandeiros pudesse ter fechado uma ferida daquelas.

Por fim, ela cambaleou para longe do corpo. Não houve lágrimas, mas Nova mal conseguia respirar. Olhou em volta. Tinha quase esquecido onde estava. A arena ficara irreconhecível em comparação ao lugar onde havia lutado com Gárgula e conquistado um lugar em meio aos inimigos.

Morte e destruição.

Ace não era conhecido por isso?

Não era exatamente o que Callum desejara impedir a qualquer custo?

Havia tantos cadáveres, de heróis e de vilões. Ela viu um bom número de Renegados escondido atrás de paredes caídas e assentos virados, ousando se revelar de vez em quando para lançar um ataque a Ace, mas de nada adiantava. Não eram páreo para ele. Não tinham sido dez anos antes, e parecia que nenhum tempo havia passado. O tio doente e frágil de quem ela e os outros cuidaram na última década desaparecera em um piscar de olhos e foi substituído pelo vilão de quem o mundo lembrava.

Nova não sabia se *ela* se lembrava daquele vilão. Quem era ele?

Fosse como fosse, a batalha se tornara um show de Ace agora. Ela viu Mel do outro lado da arena, na arquibancada, caída sobre duas cadeiras enquanto as abelhas andavam pelo seu corpo. Lembrou a Nova larvas em um cadáver, e estremeceu, torcendo para que a Abelha-Rainha não estivesse morta.

Fobia foi mais difícil de encontrar, até que reparou em uma jiboia preta como breu se contorcendo na direção de Tamaya Rae, agora sem asas e lembrou que a Conselheira supostamente tinha medo de cobras. Seu estômago se contraiu, e Nova ficou surpresa pela solidariedade que sentiu. Não morria de amores por Pássaro do Trovão, mas... a mulher já não tinha sofrido o suficiente?

Ela afastou sua atenção daquilo e viu Leroy perto do muro baixo que cercava o campo, junto com um grupo de detentos de Cragmoor. Todos estavam cobertos de sangue e terra, olhando para Ace Anarquia com assombro e incerteza e, no caso de Leroy, um sorriso ávido.

Depois de encontrar seus aliados, Nova ousou procurar Adrian. Ela não o vira nenhuma vez durante tudo aquilo. Talvez tivesse ficado em casa, fazendo um protesto silencioso contra o Agente N e a execução. Era uma esperança absurda demais?

Teve vislumbres ocasionais das borboletas da Danna na confusão. E, sim, ali: Ruby e Oscar estavam juntos em uma das cabines de comentaristas no alto da arquibancada. O vidro fora quebrado, e Oscar disparava dardos de fumaça em Ace, para tentar ajudar. Ela se perguntou por que Ruby não tinha entrado na briga no campo. Não era típico dela ficar de fora de uma luta. De qualquer modo, ficou aliviada de ver os dois vivos.

Mas onde estava Adrian?

Ela cambaleou para longe do cadáver de Callum, as pernas pesadas como chumbo.

Ace destruiria a todos se ela não colocasse um fim àquilo. Ele estava com o elmo agora. Foram bem-sucedidos.

Podiam ir embora.

Por que não fizeram isso?

No fim do corredor, ela quase tropeçou em uma pessoa encolhida junto ao último assento de plástico. Então congelou.

Pega não ergueu a cabeça, embora sem dúvida soubesse que Nova estava ali. Que *Pesadelo* estava ali. Seus joelhos estavam junto ao peito, os braços em volta. O rosto estava coberto de poeira com marcas de lágrimas.

Nova não sabia o que fazer. Pega era uma Renegada, uma inimiga. Ela nunca nem tinha gostado da garota, para início de conversa.

Mas alguma coisa dentro dela se recusou a se afastar.

— Ele me irritava pra caramba — disse Pega, soluçando. Nova ficou surpresa de ela estar falando e, ainda por cima, sem fazer comentários petulantes. Ela fungou. — Mesmo assim... eu pensei que, se ele estivesse com o elmo, talvez a gente conseguisse vencer. Ele era chato à beça, mas sempre foi... mais heroico do que qualquer um de nós. Não merecia... — Pega fez uma careta. — Foi culpa minha. Não devia ter dado o elmo para ele.

Nova limpou o suor da testa, sem dúvida deixando marcas de sangue.

— A culpa é de Fobia.

Fungando de novo, Pega virou a cabeça para *Pesadelo*, os olhos cheios de ódio.

— É culpa sua também.

Nova engoliu em seco.

— Eu sei.

Ela esticou a mão. Pega começou a se encolher, mas era tarde demais. Os dedos de Nova roçaram na testa dela e a garota caiu nos degraus, adormecida.

Nova desceu cambaleando o restante da escada e pulou a amurada. Estava exausta demais para uma queda graciosa e acabou caindo no chão quando encostou no campo lamacento. Ela se obrigou a ficar de pé e seguir em frente.

Então, reparou *nele*. O Sentinela, parado na frente do Guardião Terror, que, por mais incrível que parecesse, estava visível. Visível, com o rosto coberto de bolotas inchadas. Ace falava de novo, provocando o Capitão Cromo, que tinha algemas nos pulsos e tornozelos.

Nova ainda podia acabar com aquilo. Tudo havia fugido de controle rápido demais. Não era isso que planejava ou desejara.

Ela precisava chegar até Ace.

— Ace — disse Nova, mas o que saiu mal passava de um grunhido. Quantas vezes naquela noite tinha gritado? De raiva, de dor, de negação. — Ace...

O Sentinela se posicionou entre Ace Anarquia e o Guardião Terror, agindo como um escudo. Nova balançou a cabeça. Ele era um idiota se não percebesse como o traje seria vulnerável a um telecinético como Ace.

Só que... foi o Sentinela quem o capturou...

De repente, o Sentinela apertou o peito com a mão, e as placas da armadura começaram a se condensar e o traje a se dobrar. Foi como ver um boneco de origami ficando menor e menor até desaparecer por completo no peito de um garoto humano.

Nova ficou paralisada.

O mundo sumiu e um túnel se formou em volta da visão dela. Foi como espiar por um binóculo estreito que botou o mundo num foco intenso e, ao mesmo tempo, não conseguir entender o que estava vendo.

O garoto...

O Sentinela...

Era *Adrian*.

Enquanto olhava e tentava compreender, seu tio erguia mil armas dos escombros, cercando Adrian e o pai dele com tudo, desde lâminas abandonadas a vigas de madeira quebradas.

— Não... — Sua voz falhou.

Ace não ouviu.

Ela andou, cambaleante. Estava tendo dificuldade em alinhar a identidade de Adrian com o Sentinela, mas dava para ver que Ace pretendia matá-lo. Seria impossível sobreviver a um ataque de tantas armas ao mesmo tempo.

Ela não conseguia olhar. Ele, não. *Qualquer um* menos Adrian...

— Ace! — gritou Nova. — Ace, espera!

Ele não esperou.

Com um movimento de dedo, Ace arremessou os estilhaços para cima de Adrian.

Nova gritou.

Adrian esticou a mão esquerda.

Algo saiu da palma da mão do rapaz, se expandiu, envolveu a ele e Simon antes que o grito de Nova falhasse.

As lanças, as adagas, os pedaços de concreto quebrado — tudo o acertou com força mortal e ricocheteou inofensivamente para longe.

O grito silenciou. De choque. De descrença total.

O que *era* aquilo?

Uma espécie de muralha. Uma barreira protetora feita de tijolos invisíveis, todos unidos por uma argamassa cor de cobre brilhante. Parecia uma torre circular em volta de Adrian e do pai. Uma torre medieval, imbuída de uma espécie de campo de força...

Como ele fez aquilo?

Pensando melhor, como tinha feito qualquer uma das coisas que o Sentinela era capaz de fazer? Ele era Adrian. Era *Rabisco*.

Ace também pareceu surpreso. Observou Adrian através da muralha cintilante que os separava.

— Você é cheio de truques — falou. — Mas não seja arrogante. Ainda não encontrei um muro que não fosse capaz de derrubar.

— A tatuagem? — murmurou Nova, se lembrando da tatuagem que ele tinha feito no pulso. A torre de castelo. *Em teoria, vou poder usá-la pra criar uma barreira em torno de mim e de quem estiver por perto...*

Ela afastou o olhar de Adrian e foi na direção do tio.

— Ace — disse ela, ofegante, segurando o braço do homem. Ele levou um susto, como se tivesse esquecido que havia alguém ali além de seus inimigos. — Temos que ir.

Pelo visor estreito do elmo, ele a observou.

— Ir? As coisas acabaram de ficar interessantes.

— Ace — disse ela, mais insistente agora. — Você conseguiu sua liberdade. Conseguiu seu elmo. Nós sacrificamos muito por isso. Temos que cuidar de nossos feridos. Temos que nos reagrupar.

Ele soltou um ruído debochado.

— O que temos que fazer é terminar o que começamos. — Com um rugido, Ace ergueu uma das mãos para o céu e puxou o punho fechado na direção do chão.

Vigas de aço explodiram das paredes. Blocos de concreto se soltaram do chão. Um ciclone de pedra, madeira, gesso e vidro girou pela arena, se chocando com a barreira iridescente. Adrian estava imóvel, a expressão demonstrando um leve sinal de medo enquanto sua barreira era atacada por todos os lados, enquanto Ace Anarquia fazia o melhor que podia para destruí-la.

Mas a muralha de Adrian aguentou.

— Ace! — gritou Pesadelo, a voz quase inaudível pela tempestade que ele tinha criado. — Para! *Tio Ace, por favor!*

O caos tremeu, diminuiu e acabou parando. A expressão de Ace ainda estava cheia de fúria, o rosto contorcido de ódio.

— Se isso for por causa *dele*...

— É por *noossa* causa — disse ela, mentindo um pouquinho. — Seus aliados e amigos. Sua família. Olha em volta. Fizemos o suficiente por hoje. Agora, precisamos cuidar de nosso pessoal.

Ace olhou ao redor, e Nova só podia imaginar o que ele estava sentindo. A devastação da batalha, a destruição que ele e o elmo haviam gerado, os corpos, tantos corpos...

Um chiado alto fez um tremor percorrer sua espinha. Nova se virou e viu a jiboia se erguendo, os olhos brancos sinistros se encontrando com os dela. O corpo da cobra derreteu em um líquido denso e Fobia ressurgiu, a capa tremendo e cintilando de leve como pele de cobra antes de se solidificar em volta do corpo. O capuz oscilou com a respiração rouca, a boca inexistente.

Nova sentiu as acusações antes mesmo de Fobia falar e não queria ouvi-las. Ela não queria que Ace ouvisse.

A verdade.

Estava morrendo de medo de Ace Anarquia vencer aquela luta.

Ela levantou a mão para Fobia e seus lábios se curvaram num rosnado.

— Agora não — falou antes de voltar a atenção para o tio. — Ace, por favor. Nós viemos buscar você e conseguimos. Lembre-se de seu propósito. Um mundo sem perseguição. Uma sociedade com livre-arbítrio. Podemos conseguir isso. Mas não aqui. Não assim.

Tão rápido quanto a onda de raiva havia chegado, Ace voltou a ser a imagem do temperamento tranquilo. Os músculos relaxaram. Os dedos se abriram.

Tudo que estava no ciclone caiu. Os aliados deles apareceram devagar em meio aos escombros, saindo dos esconderijos. Não só os Anarquistas e os Rejeitados, mas os prisioneiros também.

Ace os observou em silêncio e permitiu que seu olhar se demorasse um pouco mais em Capitão Cromo, Guardião Terror e Adrian. Havia uma promessa no silêncio

dele. Uma promessa e uma ameaça.

Nova tentou não pensar nela.

Ace se virou para os detentos de Cragmoor, os que ainda estavam em meio ao caos, e esticou os dedos. O grupo fez uma careta e se curvou simultaneamente, os rostos contorcidos de dor. Nova estremeceu, certa de que Ace os estava machucando, embora não conseguisse imaginar por quê.

E aí, um dos detentos, o mesmo que tinha se sentado ao lado dela no refeitório, ergueu a mão até a gola do macacão e arrancou o tecido frágil.

Um pequeno dispositivo caiu no chão aos pés dele.

O rastreador que fora enfiado na pele, agora molhado de sangue e coberto de terra.

Ace também se libertou do dispositivo, arrancando-o da pele e o guiando pela manga até deixar que caísse na terra e o esmagasse com o calcanhar.

Ace puxou uma placa ampla de concreto para o meio deles e subiu nela, chamando os outros com um gesto. Nova sentiu uma pontada de alívio quando viu Mel viva, apesar de suja e trôpega, apoiada nos ombros do Leroy, os dois mancando na direção de Ace. Outros foram atrás, os Rejeitados, os detentos, reunindo-se ao lado de Ace no meio do campo de batalha. Todos menos Fobia, que se dissolveu em um filete de fumaça preta sem dizer mais nada.

Os mortos ficaram para trás, inclusive Winston Pratt. Nova lançou um olhar de tristeza na direção do corpo dele e do de Callum quando Ace levantou as palmas das mãos e a placa de concreto subiu no ar, se movendo de forma lenta e suave sobre o campo da arena.

Ajoelhada para manter o equilíbrio, Nova se obrigou a olhar para Adrian. Ele ainda estava parado, corajoso e desafiador atrás da muralha transparente que os separava. A muralha que ele tinha construído para se proteger dela e de seus aliados.

Ela foi tomada de mais emoções do que era capaz de expressar quando seus olhares se encontraram ao longe.

Os vilões passaram pelo teto destruído da arena e foram embora.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



ELAS NÃO PLANARAM POR muito tempo, embora, pela serenidade e força nos olhos de Ace, Nova acreditasse que o tio teria conseguido mantê-los no ar por um ano se quisesse. Ele não estava cansado. Não estava inseguro. Leroy guiava Ace, e o tempo deles passado no ar depois de sair da arena foi curto. Nova não estava preparada para enfrentar o que viria em seguida.

Ela ainda se sentia abalada pela verdade do que testemunhara. Seu cérebro ficava repetindo os últimos momentos na arena sem parar. O Sentinela era Adrian. Adrian era o Sentinela.

Cem outras revelações lhe ocorreram em rápida sucessão. A habilidade sinistra do Sentinela de obter novos poderes quando ela o enfrentava. Adrian achar que podia usar tatuagens para incrementar suas habilidades. O fato de que o Sentinela sempre parecia estar por perto quando ela e o restante da equipe estava lá. O fato de ela nunca ter visto os dois no mesmo lugar e na mesma hora. O Sentinela ter parecido um assassino quando a viu ao lado do corpo inconsciente de Max. A vez em que ele a salvou enquanto a biblioteca Cloven Cross queimava ao redor deles.

Adrian. O Sentinela.

O Sentinela. Adrian.

Ela se sentiu a maior idiota da história por não ter percebido antes.

Adrian Everhart. Que tinha consertado sua pulseira. Dado vida ao seu sonho de infância. Tornado possível uma noite em que conseguiu dormir, sentindo-se pela primeira vez segura e protegida.

Ele era seu inimigo. Era quem a tinha caçado aquele tempo todo. Foi ele quem capturou Ace. *Adrian*.

O estômago dela se contraiu e se embrulhou até ela ter certeza de que vomitaria.

Ace mudou a trajetória e desceu o pedaço de concreto na direção que Leroy indicou.

Nova segurou a bile azeda que havia enchido sua boca. Ela não pensaria naquilo. Não em Adrian. Não no Sentinela. Não em Winston. Não em Callum. Não nos que tinham morrido, não nas centenas de Renegados que estavam agora sem poderes.

E nem no fato de que até os Anarquistas tinham mentido para ela.

Ela fizera o que decidira fazer naquele dia e se permitiria um instante para sentir orgulho. Embora esperasse uma destruição bem menor, de *ambos* os lados, o que estava feito era fato e não dava para voltar atrás. Ela tentou encontrar consolo em saber que os Anarquistas estavam juntos de novo. Ace tinha seu elmo. Os Renegados não podiam mais ameaçá-los com o Agente N.

As coisas não saíram como Nova esperava, mas pelo menos ela não tinha fracassado.

Fora um bom dia.

Ace desceu na rua, na frente da Loja de Penhores do Dave. Um homem fumando um cigarro perto da viela lateral ficou olhando o grupo esfarrapado, com os macacões sujos de lama, as roupas ensanguentadas, Ace com o elmo. O queixo dele caiu enquanto o cigarro queimava, esquecido, até chegar aos dedos.

Ace tremeu e o cigarro caiu no chão, se apagando em uma poça d'água embaixo do poste mais próximo.

O homem soltou um grito trêmulo e apavorado, se virou e saiu correndo. Em pouco tempo, o som dos passos dele fugindo pela viela era o único som que ouviam. Isso e os estalos elétricos da placa fluorescente de FECHADO que iluminava a vitrine da loja.

Um dos Rejeitados limpou a garganta e disse baixinho:

— Aquele era o Dave.

Ninguém falou nada por um bom tempo. Ninguém se moveu na direção da loja. Todo mundo parecia estar esperando Ace dar o primeiro passo. Mas, quando Nova ousou olhar para o tio, viu a repulsa nos olhos por trás do elmo.

Por fim, Leroy explicou:

— Tem espaço no subsolo para todo mundo. Não é muito, mas...

— Nós não vamos ficar aqui — disse Ace. — Não vamos ser obrigados a nos esconder e nos manter em segredo como ratos, não mais. Não desta vez.

Ele levantou a mão e a porta trancada da loja de penhores voou para fora na direção deles, arrancando dobradiças, destruindo trincos e trancas. Um sino tocou, mas logo foi silenciado quando a porta caiu com um estrondo na calçada.

O barulho foi tão intenso e inesperado que o grupo todo deu um pulo. Menos Ace, que atravessou a abertura como se nada tivesse acontecido.

— Temos mais aliados aqui? — perguntou ele, observando as prateleiras de eletrodomésticos e eletroportáteis, as vitrines de bijuterias. — Informe-os que chegamos e que está na hora de ir.

Um dos Rejeitados foi na direção da sala dos fundos, mas não era necessário. Atraída pela agitação, Narcissa levou meros segundos para sair da loja com uma arma na mão.

Ela parou quando os viu, e Millie tropeçou às suas costas com a parada brusca. Narcissa quase não conseguiu se apoiar em uma prateleira próxima. Em pouco tempo, estavam todos lá, se espalhando no meio das estantes, olhando para Ace Anarquia com o queixo caído. O uniforme de prisão dele estava todo rasgado e ensanguentado. Os pulsos finos tinham as marcas das algemas. Mas ele ainda era impressionante com seu elmo reconhecível, a postura ereta e um inegável senso de poder que parecia cintilar ao seu redor, como se o próprio mundo estivesse eletrificado com a presença dele.

Ace permitiu que olhassem. Permitiu que recuperassem o fôlego. Permitiu que aceitassem o retorno dele.

E, sem preâmbulos, falou:

— Entendo que escolheram não participar da luta esta noite. Optaram por proteger seus interesses em vez de se juntar aos meus companheiros em uma tentativa de garantir minha liberdade. Escolheram suas vidas no lugar da minha.

Mesmo na luz fraca, Nova viu Narcissa empalidecer. Medo surgiu nas expressões dos Rejeitados que tinham se mantido longe da arena naquela noite.

Nova abriu a boca, preparada para falar em defesa deles. Ace precisava saber que eles tinham ajudado, ainda que não tivessem lutado. Mas, antes que pudesse falar, Ace começou a rir. Foi um som baixo e divertido.

— Vocês são Anarquistas agora. Assim, têm permissão de *sempre* escolher sua vida antes da de qualquer um. Eu os parabeno. E... os perdoo.

Ninguém se moveu. Ninguém mais ousou rir ou parecer aliviado.

Então Ace balançou o braço, como se os enxotasse.

— Peguem seus pertences e qualquer suprimento útil. Vocês têm dois minutos.

Ace se virou e fez sinal na direção de uma arara de roupas junto da parede mais distante. Uma jaqueta militar comprida se soltou do cabide e voou até ele, cobrindo seus ombros e o macacão nojento. Quando os botões dourados se fecharam sozinhos, Ace voltou para a rua, como se não pudesse suportar ficar mais um segundo cercado daquele lixo medíocre.

Os vilões trocaram olhares, os corpos tensos na sala escura. Algumas expressões estavam eufóricas e esperançosas. Outras, cheias de dúvida e até medo.

Mas não houve discussão. Nenhuma pergunta feita. Nenhuma história contada.

Eles começaram a trabalhar.



QUANDO O GRUPO DESCEU do céu pela segunda vez, o destino deles pareceu a Nova não ser mais hospitaleiro do que a loja de penhores.

Ace os levou de volta para as ruínas onde sua catedral ficava mais de dez anos antes. Assim que os pés deles tocaram no chão, Narcissa, com uma mochila de pertences recolhidos às pressas, tremeu de alívio e se apoiou em uma coluna caída.

Boa parte do lado nordeste da catedral ainda estava de pé: a biblioteca, a sala capitular, a capela principal. Até a torre do sino estava lá, embora boa parte do telhado e da parede sul tivesse desmoronado, deixando alguns dos sinos de bronze enormes visíveis nas ruínas de pedra. Tirando isso, o lugar não era nada além de uma pilha de escombros. A nave, o coral, tanta arquitetura complexa, tudo fora destruído no cataclismo entre heróis e vilões.

Nova já sentia a consternação dos companheiros. A loja de penhores podia não ser muito, mas oferecia abrigo e segurança. Ace não podia achar que eles ficariam ali.

O semblante de Ace, no entanto, estava totalmente diferente quando ele parou diante das ruínas, observando a torre do sino abandonada com a luz suave do

crepúsculo cintilando no elmo. Nova começou a se perguntar se seu tio, quando não estava oprimido e sofrendo, tinha preferência por coisas grandiosas.

Ele deu um passo à frente e abriu caminho pelos escombros com um movimento dos dedos. Parou a uma curta distância do local em que antes ficava a entrada principal, onde os paroquianos teriam entrado na nave por um par de portas amplas e decoradas de madeira entalhada.

— Estou orgulhoso de todos vocês — disse ele, olhando para o pessoal. — Prodígios do mundo serão encorajados pela nossa vitória hoje.

Leroy levantou a mão na direção de Nova.

— Nossa pequena Pesadelo merece a maior parte do crédito. Ela planejou tudo. — Ele piscou para a garota. — As coisas vão mudar agora. Você vai ver, Nova. Nada será em vão.

Nova franziu a testa, com lembranças da luta surgindo nos pensamentos. Callum. Winston. *Adrian*.

Ela não queria crédito pelo que tinha acontecido, e com certeza não havia planejado tudo. Leroy e Mel a traíram quando usaram o Agente N. Talvez a decisão tivesse resultado em uma espécie de vitória, mas Nova não conseguia evitar a sensação de que perdera tanto quanto ganhara.

Fobia estava distante do grupo, segurando a foice com uma das mãos enquanto olhava os prédios da cidade além das ruínas.

— Haverá uma quantidade deleitável e exorbitante de medo hoje — disse ele, a voz se espalhando na brisa da noite. — Pânico. Desespero. — Sua capa tremeu quando ele virou a cabeça para Ace. — Retaliação. Não vai demorar para virem atrás de nós.

— Que venham. — Ace parecia quase empolgado com a perspectiva. — Estaremos prontos quando vierem. Não vou cair nas mãos dos Renegados de novo. — Ele moveu os dedos no ar e os escombros tremeram aos seus pés. Filetes de terra desceram pelas laterais de arcos caídos. Estilhaços coloridos de vitrais cintilaram sob o sol poente.

— Ah, Ace — disse Mel, babando. Com um sobressalto, Nova se deu conta de que Mel estava chorando. O rímel escuro já deixava marcas nas bochechas. Ela caiu de joelhos ao lado de Ace, segurou a mão dele e esfregou o rosto nela. — É tão bom ter você de volta. Ver você na sua velha forma.

Ela foi beijar os dedos de Ace, mas ele puxou a mão.

— Levante-se — disse ele com um toque de rispidez.

Mel levou um susto e olhou para ele, mas Ace já estava indo para a base onde antes ficava a nave. Pedra e bancos quebrados se abriram para ele passar.

— Você é uma rainha, Mel Harper — declarou ele, levantando as mãos de ambos os lados. As pedras quebradas subiram e pairaram no ar. Um milhão de peças de escombros, esperando.

Narcissa ofegou e pulou para fora do grupo quando ela também começou a subir. Quando *tudo* começou a subir.

Parecia a ameaça de um terremoto debaixo dos pés deles.

— Você nunca deve se ajoelhar — falou Ace. — Nem para mim. Nem para ninguém. Nenhum de nós vai se ajoelhar, nunca mais.

Ele girou em um círculo lento, observando os destroços que agora enchiam o ar. Nova se lembrou daquela expressão da época de infância. Ace sempre tinha visto o mundo de um jeito diferente, como uma série de blocos de construção cujos segredos ele podia aprender se os observasse com mais cuidado.

A confiança dele era impressionante.

Ele enfim voltara a ficar completo.

— Meus amigos — falou, a voz cheia de carinho. — Meu sonho nunca foi ser um rei perante seus súditos. Jamais desejei governar. Mas a história deixou meus erros claros. Se a arrogância é a maior falha de nossos inimigos, a apatia foi a minha. Não fiz o suficiente para guiar a humanidade pelo caminho da verdadeira liberdade. Fui passivo demais. Satisfeito em deixar o livre-arbítrio seguir seu rumo, fiquei nas sombras enquanto outros tomaram o controle. Mas agora meu destino está claro. Hoje não é o dia em que eu me torno rei. — Ele levantou as mãos na direção do céu, que estava clareando. — Mas é o dia em que nos tornamos deuses.

O sol cintilou na parede da catedral, os raios caindo sobre Ace e deixando a figura toda luminosa. Ele estava deslumbrante. Dourado e imbatível.

Enquanto olhavam, imóveis, Ace fez o que Nova nunca o tinha visto fazer.

Pela primeira vez, ele não destruiu.

Ele criou.

Ele reconstruiu.

Foi como ver um cataclismo reverso. Grandes rachaduras na base da catedral se fundiram. As paredes de pedra se remontaram, pedaço por pedaço. As colunas altas se ergueram como soldados enquanto as vigas abobadadas do teto se acomodaram lá no alto. Estilhaços de vidro se mesclaram e formaram uma galeria de janelas lindíssimas em cada parede. Lascas de madeira foram coladas em bancos e assentos de coral e corrimões foram polidos. Não faltou nem mesmo um pedaço da fachada oeste: todas as torres, todas as gárgulas, todos os arcos góticos, todos os santos em alerta.

Quando o rugido da terra se calou, Ace não podia mais ser visto pois estava dentro da construção opulenta. O restante estava do lado de fora da nave, os entalhes decorados exatamente como Nova lembrava: campos de trigo, cordeiros e serenidade.

Ninguém se mexeu. Os olhos de Nova ardiam por causa da poeira que tinha sido levantada na reconstrução, mas ela nem ousava piscar, caso aquilo fosse tudo ilusão.

Tantas vezes ela ouvira histórias da ruína que Ace Anarquia havia espalhado pela cidade. Nos primeiros dias da revolução, ele derrubara pontes inteiras, destruíra bairros por completo. Ele estava cheio de fúria e paixão. Queria ver aquele mundo cruel queimado até o chão.

Mas o elmo e o poder do Ace podiam ser usados com outros objetivos.

Que maravilha.

Que dom.

Com os batimentos disparados, Nova se viu fechando a mão na estrela do pulso. Era feita do mesmo material, criada pelas mãos do seu pai, assim como o elmo. Ela sabia que era poderosa, mas seria capaz de algo tão milagroso?

Fobia se moveu primeiro. Com a lâmina da foice erguida, foi na direção da entrada. As portas se abriram quando ele se aproximou, e Nova não conseguiu saber se foi Fobia quem as controlou ou Ace.

Desperta daquele estado de torpor, Nova foi atrás, ainda meio atordoada. Os outros a seguiram.

Ela não conseguiu conter um suspiro de surpresa quando entrou na catedral. Estava precisamente como ela lembrava. Nova se sentiu a mesma criança, abalada e com medo, que entrara naquele espaço tantos anos antes, depois de sua vida ser destruída. Apesar da dor, ela tinha perdido o fôlego naquela época. Não foi imune à

magnificência que a cercava. Cada pequeno detalhe da igreja a impressionou e ainda impressionava enquanto ela olhava lá para o alto, para o teto abobadado.

Só faltava uma coisa.

Ace.

— Para onde ele foi? — sussurrou Mel, e o tremor em sua voz sugeria que nenhum dos Anarquistas tinha visto Ace fazer coisa parecida.

De repente, o tilintar dos sinos ecoou ao redor deles.

Eles trocaram olhares. Narcissa e muitos dos Rejeitados pareciam um bocado hesitantes, enquanto uma série de detentos resgatados de Cragmoor ficou perto da porta, com cautela e em dúvida.

Narcissa estava tão pálida quanto as paredes de pedra branca.

Nova precisou se lembrar de que não havia nada a temer. Nenhum deles precisava ficar com medo. Não de Ace, pelo menos. Por isso, foi na direção da torre do sino, seguindo um caminho que pareceu como percorrer uma lembrança esquecida.

Sem saber o que fazer, os outros foram atrás.

Vários aliados estavam ofegantes quando chegaram ao topo da escadaria em espiral da torre. Ace estava em uma das janelas abertas, observando a cidade além das ruínas. O quartel-general dos Renegados podia ser visto se destacando na paisagem.

Os sinos tinham parado de tocar.

Era quase como se Ace *quisesse* que os Renegados fossem atrás dele. Estava tão ansioso assim por outra luta? Os nervos de Nova ficaram em frangalhos. Havia tanta coisa que precisavam discutir, e rápido, antes que aquilo fosse longe demais.

Hoje é o dia em que nos tornamos deuses.

Não.

Nova não queria ser uma deusa. Tinha um plano bem diferente na cabeça, um que foi semeado no tempo em que passou em Cragmoor e que parecia mais necessário agora do que nunca.

— Ace — disse ela —, eles vão saber exatamente para onde viemos. — Ela indicou os outros, torcendo para ter o apoio deles. — Temos que conversar sobre o que fazer a partir daqui? Bolar um plano? — Ela limpou a garganta antes de acrescentar: — Eu... tenho algumas ideias.

Ace se virou, sorrindo para ela.

— Você sempre foi cheia de ideias, pequena Pesadelo. Devo tanto a você. Você me devolveu minha força, meu poder. Criou a base da nossa vitória final. Conseguiu para nós a arma dos Renegados, o que garantiu não apenas nossa sobrevivência, mas o fim deles.

Ace começou a andar pela torre. Apesar de ter acabado de ser reconstruída, as tábuas de madeira embaixo dos pés dele geraram exatamente da forma que acontecia quando Nova era criança. Ele deixou seu foco permanecer no contorno da cidade quando passou por cada janela, oito no total, cada uma com um sino próprio, embora nenhum tão grande quanto os sinos que ficavam no centro da torre. O campanário acima era um labirinto de vigas de sustentação se cruzando, com polias e cordas. Nova mal conseguia acreditar que estava ali de novo depois de tantos anos. Que o lugar estava igual.

— Eu ganhei um grande dom nos últimos dez anos — disse Ace. — É raro que tenhamos a oportunidade de ponderar sobre nossos fracassos e nos preparar para um novo caminho. Por isso, sempre serei agradecido aos Renegados e pelo que eles fizeram. Comigo. *Conosco*. — Ele passou os dedos pelos parapeitos de pedra. — Agora tenho uma clareza de propósito que não tinha antes. Eu não estava preparado para guiar nosso mundo para a sociedade que eu vislumbrava. Mas isso mudou. Acredito na liberdade do homem de criar a própria vida, de fazer suas escolhas sem a intromissão de um poder maior. Sem a interferência de leis arbitrárias. Sem a imposição forçada dos princípios de outra pessoa, tudo sob a desculpa de gerar um *bem maior*.

Ele riu com deboche. Desde que Nova lembrava, aquela era uma das expressões mais odiadas por Ace. Aquela noção vaga e totalmente subjetiva de um suposto bem maior. O que significava, ele perguntara tantas vezes. Quem decidia o que constituía esse bem maior e o que era digno de sacrifício em seu favor?

— O que é a anarquia além do direito de ter nossos próprios pensamentos e manifestá-los? Ter nossos próprios desejos e usar nossos próprios recursos para obtê-los? Não ter que viver com medo de que tudo pelo qual trabalhamos seja tirado de nós contra nossa vontade? *E ainda assim...* — Ele suspirou e sua voz ficou baixa. — Preciso admitir que não é da natureza humana permitir que a anarquia prevaleça. Uma nova ordem de comando sempre vai surgir e tomar o poder. No passado, permiti que outras gangues e seus líderes se tornassem essa ordem.

Ele observou os prodígios em volta. Muitos deles tinham lutado ao lado de Ace na arena. Nova se perguntou quantos ele reconhecia como membros de gangues do passado.

— Desde que não estivéssemos mais sendo perseguidos e as pessoas que eu amasse estivessem seguras — o olhar dele repousou brevemente em Nova —, não me incomodei com a forma como a cidade era governada nem com quem lucrava e quem sofria como resultado. Não queria me tornar a elite governante que sempre desprezei. Não acreditava que cabia a mim escolher os vencedores e perdedores desse mundo, como tiranos prévios tinham escolhido. Mas temos que ter uma visão para o futuro. Meus amigos. Meus companheiros. Desta vez, tenho uma visão.

Ace levantou os braços.

— Quando uma sociedade desmorona, um novo mestre vai surgir para substituir o antigo. Desta vez, nós seremos esse mestre. Seremos a ordem de comando. Se a humanidade está tão determinada a ter um rei para seguir e um deus para idolatrar, seremos esses reis. Seremos esses deuses. — A voz dele ecoou pela torre. — Mas primeiro temos que destruir os Renegados e tudo que eles construíram.

A pele de Nova formigou. Ela sabia que deveria estar feliz de vê-lo tão animado. Era isso que ela queria também, lembrou a si mesma. Nada de Renegados. Nada de Conselho. Nada de gangues vilãs. Só os Anarquistas... invencíveis.

Sem super-heróis para salvar o dia, a sociedade se corrigiria sozinha. Ninguém ficaria esperando ganhar nada, esperando ser salvo. As pessoas aceitariam a própria responsabilidade. Defenderiam suas famílias. E, quando alguém tratasse mal outro ser humano, a punição viria da sociedade em si, não de um governo sem noção.

Foi por isso que ela lutou.

Não mais, porém. Ela tinha uma visão e, pela primeira vez, essa visão não se alinhava com a de Ace nem com seus ideais. Não totalmente.

Assim, ela ergueu a voz e declarou:

— Não.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



A
DRIAN FICOU PARADO POR muito tempo, tremendo, ouvindo os gemidos das vigas de aço comprometidas e o esfarelar de gesso quebrado.

Os vilões tinham ido embora.

A arena estava em ruínas. Os Renegados também.

Mas ele tinha enfrentado Ace Anarquia pela segunda vez e sobrevivido *de novo*. Não era pouca coisa.

— Adrian...

A voz de Simon atrás dele estava contida, e Adrian, chocado, rememorou lembranças que tinham sido enterradas na tempestade que Ace Anarquia havia criado.

Tenso, ele engoliu em seco e fechou o punho. A torre transparente e cintilante se dissolveu no ar como os restos de fogos de artifício caindo sobre eles.

Pensar em fogos o fez pensar em Evander.

Tremeu quando se virou para encarar Simon, preparado para a decepção, talvez até para a raiva. Sua identidade como Sentinela fora revelada. Não houvera escolha, mas não tinha certeza se estava pronto para as consequências.

Simon, no entanto, pareceu mais aliviado do que qualquer outra coisa quando se levantou ainda sentindo muita dor. Eles trocaram olhares enquanto recuperavam o fôlego. Uma parte do inchaço no rosto e nos braços do Simon estava começando a passar, a dor sumindo aos poucos dos olhos.

Simon abriu os braços.

Adrian expirou e se jogou no abraço. Simon se encolheu, e Adrian diminuiu o aperto.

— Desculpe.

— Tudo bem — disse Simon. — Estamos bem. — Ele se afastou e olhou em volta. — Temos que ajudar os feridos, fazer uma fila de prioridade das lesões para qualquer curandeiro que não tenha sido neutralizado, levar o restante para o hospital. Preciso ver Tsunami...

— Vou buscá-la. Ajuda o papai a se livrar daquelas algemas.

Adrian correu na direção do palco de madeira desmoronado, virado e quebrado a ponto de parecer uma pilha de madeira velha e não a plataforma que tinha sido poucas horas antes. Começou a afastar os escombros e logo outros vieram ajudá-lo, os que ainda tinham força para isso. Atrás dele, dava para ouvir Simon gritando ordens, mandando os Renegados ajudarem os feridos e recolherem os mortos.

Adrian tinha afastado metade das tábuas quando viu a bota branca de Tsunami.

— Por favor, ah, por favor — murmurou, se mexendo rápido para chegar a ela. Em pouco tempo, o corpo estava descoberto. Os olhos dela estavam fechados e um fluxo de sangue escuro e seco cobria metade do rosto, resultado de um corte fundo na cabeça.

Adrian se ajoelhou ao lado dela e procurou a pulsação.

Primeiro, não teve certeza se estava confundindo a própria pulsação rápida com a dela. Mas... não, lá estava, baixa, mas regular.

— Ela está viva! — gritou Adrian na mesma hora em que colocaram um pano na ferida da cabeça dela. Outros começaram a abrir caminho para Tsunami poder ser levada a um local onde um grupo de curandeiros estava se preparando para cuidar dos feridos.

Adrian pegou Kasumi nos braços. Ela parecia frágil, mas ele a conhecia por tempo suficiente para saber que o corpo pequeno enganava. Ela era forte. Superaria aquilo.

Depois que a entregou para os curandeiros, ele andou pelos destroços em busca de mais sobreviventes. Seus pulmões pareciam cheios de poeira. A fumaça fazia os olhos arderem. O chão estava coberto de abelhas mortas e pedaços de gesso, plástico derretido e marcas de queimadura, poças de água imunda e vidro quebrado.

Ele começou a avaliar as perdas, embora a visão de tantas mortes o fizesse sentir como se estivesse sendo destruído aos poucos. Não conhecia todos os colegas tão bem, mas os conhecia bem o suficiente para ter uma ideia de quais ainda moravam com os pais e quais tinham filhos. Quem fora desafiado nos testes e quem preferira trabalhar com administração e não ser enviado para patrulhar. Ele sabia que todos acreditavam no propósito deles: fazer justiça, proteger os fracos, defender os inocentes.

Ele viu o corpo de Genissa Clark caído junto a um muro. E, na arquibancada, a teimosa Pega na escada. Viu Winston Pratt em uma poça de sangue, e Callum Treadwell, *Callum*, que quase conseguiu deter a chacina quando estava com o elmo. Que, só por um instante, mostrou a eles um caminho diferente.

Viu Evander Wade. Luz Negra. Adrian o idolatrava quando era criança, convencido de que era o mais legal dos membros fundadores dos Renegados. Ele parecia tão livre, tão tranquilo, tão divertido.

Agora, estava morto.

Pássaro do Trovão tinha sido neutralizada. Ele a viu cuidando dos feridos e quase não a reconheceu, não só porque ela não tinha mais as asas pretas dobradas nas costas, mas também porque o rosto estava inchado e queimado no local onde Cianeto tocara. Ela sempre foi intimidadora, não só com as asas enormes, mas com os raios que conseguia conjurar com um estalo de dedos. Embora Capitão Cromo costumasse receber o crédito de ser o mais poderoso do grupo, Adrian desconfiara muitas vezes de que Pássaro do Trovão era a mais forte; ela só não era exibida. Essa discussão jamais voltaria a acontecer.

Simon também estava transformado para sempre. O Guardião Terror não existia mais. Simon Westwood nunca mais ficaria invisível, nunca mais sumiria em um piscar de olhos.

Ao menos, pensou Adrian, ele poderia visitar Max agora, pelo tempo que desejasse.

Era um consolo pequeno, mas, ainda assim, um consolo.

Se Tsunami estivesse bem, ela e Capitão Cromo seriam os últimos do Conselho com as habilidades intactas. Era um pensamento perturbador.

O estrago feito nos Renegados naquela noite foi inconcebível. Não apenas em vidas, mas em superpoderes também. Quantos tinham sido picados pelas abelhas?

Quantos super-heróis não existiam mais?

Ele procurou seus pais. Hugh tinha conseguido se soltar usando o pique de cromo para quebrar as algemas e estava agora limpando os escombros e procurando qualquer pessoa que pudesse ter ficado presa embaixo de uma parede desmoronada ou viga caída.

Adrian ia na direção deles quando uma coisa estalou embaixo de sua bota. Ele parou e olhou. Era um quadrado de papel de origami rosa e dourado, ainda com as marcas onde tinha sido dobrado para formar uma garça delicada. Adrian o reconheceu como a garça que tinha voado diretamente para o Capitão Cromo antes de tudo se dissolver em caos.

Pegou o papel e o virou para ler a mensagem escrita.

Todo mundo tem um pesadelo.

Bem-vindo ao seu.

Com os dentes cerrados, ele rasgou o papel em dois, depois em quatro, foi rasgando até não sobrar nada além de confete caindo na lama.

— Adrian?

Teve um sobressalto e ficou aliviado de ver os amigos correndo na direção dele nos escombros.

Sorriu, feliz por ver todos vivos. Ele os encontrou no meio do caminho, recebeu um abraço de Ruby e um tapinha nas costas de Oscar. Passou um braço pelos ombros de Danna e todos se apoiaram uns nos outros, suados, abalados e exaustos.

Com um grunhido, Oscar se sentou em um banco cujo lugar original era no alto da arquibancada, mas que agora estava no campo, meio afundado na lama. Ele começou a massagear as juntas das pernas, coisa que Adrian nunca o tinha visto fazer em público, por mais difícil que uma luta tivesse sido. Aquela batalha levou todos ao limite.

— Ruby, como estão suas... feridas? — perguntou Adrian, sem saber direito como distinguir entre feridas velhas e novas. Ruby tinha tirado a jaqueta cinza do uniforme, expondo uma regata simples e os curativos que ela sempre mantinha enrolados no braço e nos ombros. Ela nunca havia parado de sangrar desde o ataque que despertou seu poder anos antes, mas aquela era a primeira vez em que Adrian via os curativos encharcados de sangue de verdade.

— Não tem mais cristais — disse ela, e Adrian não conseguiu saber se o tom de sua voz era triste ou só verdadeiro. — Agora, vão parar de sangrar. Mas estou bem. Vou conversar com um dos curandeiros depois que cuidarem das pessoas que realmente precisam de ajuda.

— Aqui — disse Adrian, pegando a caneta. — Posso dar pontos em você.

Ruby hesitou, mas assentiu. Danna ajudou a tirar os curativos e revelou os cortes fundos que estavam ali, sem cicatrizar, havia anos.

— Dói? — perguntou Oscar enquanto Adrian limpava o sangue da melhor forma que podia e começava a desenhar pontos na pele dela.

— Sempre — disse Ruby baixinho, sem expressão no rosto.

Oscar levou um susto. Isso também era novidade para Adrian, que nunca tinha ouvido Ruby reclamar das feridas. Ela sempre focara mais nos resultados. Os heliotropos que transformara em arma, a super-heroína que tinha se tornado.

— Vai quebrar o galho — disse Adrian. — Assim, não vai perder muito sangue antes de os curandeiros poderem te ajudar, pelo menos.

Ruby tocou delicadamente as linhas pretas que tinham se tornado fio segurando as feridas fechadas.

— Obrigada, Rabisco — sussurrou ela. Seu lábio começou a tremer, mas ela logo disfarçou com um sorriso radiante. — Não sei como vou contar para os gêmeos. Ser uma super-heroína era a única coisa que me mantinha remotamente relevante aos olhos deles. — Ela riu, mas a risada pareceu forçada.

— Isso não é verdade — replicou Oscar.

Ela olhou para ele de soslaio.

— Você conhece meus irmãos, né?

— Conheço, e é por isso que sei que eles te idolatram, e não só por você ser uma Renegada ou porque sangra rubis. — Oscar fez um gesto para Ruby, movendo uma das mãos das mairias-chiquinhas tingidas de preto e branco até os pés das botas cobertas de lama. — É porque você é a irmã mais velha mais maneira que qualquer criança poderia desejar. Você consegue acertar um alvo com uma adaga a uma distância de quinze metros. Você conhece três tipos de artes marciais. Sabe usar um *gancho*.

— Ah. — Ruby deu um suspiro saudoso. — Vou sentir falta do meu gancho.

— Vou te dar um gancho novo — disse Oscar, esticando a mão para segurar a dela. — Você ainda é a Assassina Vermelha. Ainda é uma super-heroína poderosa. — Ele provavelmente notou como os olhos de Ruby começaram a brilhar, porque continuou e foi ficando mais enfático a cada palavra. — Você ainda é a pessoa mais legal que já conheci, exceto talvez pelo Capitão Cromo, mas essa não é uma comparação justa.

Ela riu.

— Oscar...

— E você é mais do que relevante. Você é a coisa *para a qual* as outras coisas tentam ser relevantes. É feroz, leal e absurdamente adorável quando está jogando Batalha até a Morte, e até admito, e olha que não é fácil admitir, mas você está certa. Você me venceu de forma justa no último jogo, apesar de eu...

— Oscar, para! — disse ela, rindo alto agora. — Já entendi. Obrigada.

Ele fez uma pausa e limpou a garganta.

— Certo. É. Desculpe. Eu só estava dizendo... — Ele hesitou e olhou para as mãos entrelaçadas. Engoliu em seco. — Só... mais uma coisinha?

Ruby fingiu uma revirada de olhos exasperada.

— Ah, se insiste.

Oscar levantou a cabeça.

— Você é a garota dos meus sonhos.

Ruby virou a cabeça de repente para ele, o sorriso indiferente evaporando.

— Com ou sem superpoderes — acrescentou Oscar, sustentando o olhar.

As bochechas de Ruby se encheram de cor. Lágrimas novas começaram a surgir nos olhos dela até que, sem muito aviso, ela segurou o uniforme do Oscar e o beijou.

Adrian ergueu as sobrancelhas, se virou e encontrou o olhar de Danna se divertindo por meio segundo antes dos dois passarem um tempo inspecionando o teto danificado acima.

— Adrian?

Adrian se virou e se viu cara a cara com os pais. As feições deles estavam indecifráveis. Cansadas. Cautelosas. Um pouco aliviadas, um pouco decepcionadas, mas não *com raiva*, até onde ele conseguia perceber.

Eles deviam ter acabado de organizar os outros, de garantir que, quem precisasse, receberia ajuda e que a limpeza da arena fosse iniciada. Estava na hora de se concentrar em outros problemas.

Evidentemente, o filho era o primeiro.

Adrian engoliu em seco.

— Desculpe não ter contado.

Hugh apertou os lábios, e ali estava a raiva que Adrian tinha esperado. Mas durou pouco. Ele relaxou, deu um passo à frente e puxou Adrian para um abraço apertado.

Adrian também o abraçou.

— Obrigado, pai. Eu estou bem.

— Isso é o mais importante — disse Hugh. — *Você* é o mais importante. — Ele se afastou, estoico de novo. — Mas ainda nos deve muitas explicações. Não só como, mas por quê. Violou um monte de regras e tirou vantagem de nossa confiança. Mas... — Ele deu um suspiro profundo. — Hoje, pelo menos, estou feliz de você ter feito o que fez. Você foi muito corajoso e... salvou um monte de gente.

Adrian se encolheu, sentindo que não tinha salvado o suficiente.

— Nós somos super-heróis — murmurou. — Esse é o nosso trabalho.

— O assunto de primeira ordem — disse Simon, interrompendo-o. — Você precisa nos dizer onde Max está. É provável que Ace Anarquia tente ir atrás dele. Temos que protegê-lo, e não podemos fazer isso se não soubermos onde ele está.

Adrian assentiu.

— Ele está com a família de Ruby.

— Eu posso ir — disse Ruby, parando ao lado dele. — Posso buscá-lo e levá-lo para onde quiserem.

Simon franziu a testa.

— Mas e...? — Ele hesitou, observando os pontos no braço. A compreensão ficou evidente nas feições dele. — Ah. Sinto muito, Ruby.

Ela deu de ombros, e Adrian percebeu que ela segurava a mão do Oscar.

— Não foram essas feridas que me tornaram uma super-heroína.

— Você está certa — disse Hugh. Ele olhou para toda a arena, para todos os prodígios neutralizados. — Espero que não seja a única que pense assim.

— O que vamos fazer? — perguntou Danna, ainda mancando quando se juntou a eles. — Temos apenas uma fração dos prodígios que tínhamos antes. Como vamos

derrotar Ace Anarquia agora?

— Só temos uma fração aqui na Cidade de Gatlon — respondeu Simon —, mas já começamos a fazer contato com filiais internacionais. Vão enviar reforços. Todos os Renegados disponíveis vão chegar nas próximas 24 horas para nos ajudar a agir contra os Anarquistas.

— Mas nós nem sabemos para onde eles foram — disse Adrian.

— Na verdade — retrucou Hugh com um tom sombrio —, sabemos exatamente para onde eles foram.

— Ace Anarquia nunca foi conhecido por sua sutileza — acrescentou Simon. — Ele voltou para a catedral.

Adrian o encarou, lembrando-se das ruínas em que ele e a equipe lutaram contra Fobia.

— Para a catedral? Por que ia querer voltar para lá?

— Talvez ele seja sentimental — sugeriu Oscar.

Simon balançou a cabeça.

— É brilhante, na verdade. Ele está familiarizado com a paisagem, com a localização, com as forças e as fraquezas. Além do mais, com as ruínas em volta, é impossível tomar a catedral de surpresa. Vão ver alguém se aproximando bem antes da pessoa chegar lá.

— Mas... não passa de uma pilha de escombros e uma torre de sinos — disse Adrian.

— Não mais. Ele a reconstruiu — disse Hugh. — Você é novo demais para se lembrar da extensão das habilidades do Ace Anarquia, mas não é tão surpreendente para nós. A imprensa conseguiu imagens da catedral sendo... reconstruída.

O queixo de Adrian caiu. Ele tinha ouvido diversas histórias sobre Ace Anarquia usando os poderes para derrubar prédios, mas nunca soubera que a telecinese também podia refazer tudo.

Adrian passou os olhos pela arena. Tanta violência. Tantas mortes. Enquanto eles esperavam que a ajuda das filiais internacionais chegasse, Ace Anarquia estaria desenvolvendo estratégias para destruir os Renegados de uma vez por todas.

Podiam se dar ao luxo de esperar?

Hugh bateu no braço dele de brincadeira.

— Não fique com essa cara de quem não pode fazer nada. Eu ainda sou invencível, sabe? Ainda não fomos vencidos.

Adrian olhou para ele.

— E você vai impedi-lo sozinho?

— Se precisar. Já fiz isso antes.

— Não fez, não. Você... — Adrian parou de falar, sem querer lembrar a todos qual era *realmente* a maior arma deles. Não o Capitão Cromo. Nem mesmo o Agente N.

A maior arma deles era Max, sempre fora Max.

Mas Adrian não queria Max perto do Ace Anarquia.

— Você teve ajuda — falou ele, desajeitado.

— E ainda tem — acrescentou Danna. — Aqueles vilões não derrotaram a gente ainda. Estou pronta para o segundo round.

Adrian mordeu a bochecha por dentro, pensando. Ela tinha razão. Eles estavam abatidos, mas não derrotados.

Ace esperaria que eles realinhassem as forças antes de agir. Aguardaria um ataque total à catedral, porque era assim que os Renegados operavam: com incursões espalhafatosas e exibições extravagantes de poder. Já os Anarquistas tinham se adaptado para serem furtivos e cheios de segredos. Usavam o elemento-surpresa, e foi assim que eles superaram os Renegados daquela vez. Era assim que Pesadelo sempre os vencia.

Talvez pudessem vencer fazendo o jogo dela.

Ele olhou para os pais. Já estavam discutindo contra-ataques e manobras de batalha quando os interrompeu.

— Quanto Agente N você acha que eles ainda têm?

Hugh balançou a cabeça.

— É impossível dizer com certeza, mas, pela quantidade que tínhamos em estoque e o que foi usado hoje... — Ele franziu a testa, ponderou sobre a pergunta e voltou a balançar a cabeça. — Não acho que tenha sobrado muito.

— Tomara que não mesmo — disse Adrian. — Se vamos tentar um contra-ataque, seria bom se eles não tivessem mais daquilo disponível.

— Seria — disse Hugh —, mas não tem como ter certeza. Não deve ter sido necessário muito Agente N para armar as abelhas. Mas posso conversar com o

laboratório para ver se eles conseguem fazer uma estimativa.

— E sobrou para a gente? — perguntou Adrian.

Simon levou um segundo para a pergunta ser registrada. Por fim, respondeu:

— Eles substituíram nosso suprimento por uma substância falsa.

— É, eu sei, mas deve ter um pouco em algum lugar.

— Eu tenho.

Ele ficou tenso ao ouvir a voz arrogante de Genissa Clark, mas se esforçou para esconder o desprazer quando olhou para ela. A mulher tinha uma aparência péssima, a pele quase transparente, com manchas roxas embaixo dos olhos. Estava com as mãos na cabeça como se ela fosse rolar dos ombros se não a segurasse. Adrian ficou surpreso de vê-la. Meio que esperava que ela estivesse morta, mas Genissa estava só inconsciente.

Coisa da Pesadelo?

— Peguei um pouco quando fomos atrás de Espinheiro — disse ela, soltando uma arma do quadril. — Ainda tenho um dardo.

Adrian queria parecer grato, mas já estava tentando pensar no que diria quando Genissa insistisse para se juntar a eles na missão arriscada que estava elaborando.

Para a surpresa dele, a mulher lhe ofereceu a arma.

— Pode ficar — disse ela, quase com raiva. — Não quero mais brincar de herói e vilão. De verdade. Os Renegados não valem a pena.

Ele pegou a arma e viu quando ela tentou sair caminhando com displicência, apesar de estar com movimentos rígidos e trêmulos. Adrian abriu o compartimento do projétil e viu o dardo solitário lá dentro, cheio de líquido verde.

— Opa — disse Oscar. — Estou sentindo uma inquietação justiceira séria a caminho.

Adrian olhou para ele de cara feia porque não queria que os pais lembrassem que ainda estavam aborrecidos com ele.

— A única maneira de derrotarmos Ace Anarquia é se pudermos pegar o elmo de volta ou neutralizá-lo — falou.

— Para isso — disse Hugh —, precisamos entrar na catedral. E, como eu falei, com aquela destruição em volta...

— Eles vão ver que estamos chegando — interrompeu Adrian. — Mas conheço outra entrada.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



FIZ-SE SILÊNCIO NA TORRE da catedral, quase tão alto nos ouvidos de Nova quanto os sinos que tinham acabado de tocar. A rebelião dela ecoava entre bronze e madeira, aquela proclamação única e simples.

Não.

Ace, os braços ainda esticados pelo discurso grandioso, se virou devagar para ela. Era diferente vê-lo de elmo, a força e a vitalidade renovadas tão rápido, depois de anos vendo o corpo dele se deteriorando um dia após o outro.

Ela sempre supusera que a mudança seria para melhor, mas agora, ao ver a frieza desconhecida no olhar dele, sentiu um tremor de apreensão descendo pela coluna.

— Pequena Pesadelo?

Nova deu um passo para a frente do grupo.

— Eu compartilho de suas crenças, tio, e de sua convicção. Mas discordo do caminho em que você nos colocaria para atingir esses objetivos. Sei que falamos em destruir os Renegados por anos. Entendo que você acredita que só podemos restabelecer uma sociedade funcional se primeiro desmantelarmos a sociedade que opera sob o comando de nossos inimigos. Mas você está enganado. Não precisamos lutar. Não precisamos destruir. Precisamos *ir embora*.

A expressão de Ace se contraiu, mas Nova seguiu em frente.

Ela precisava fazer eles entenderem.

— Não temos que ficar em Gatlon. Não há nada nos prendendo aqui. Deixe que os Renegados fiquem com a cidade. Nós podemos ir para outro lugar. Podemos

estabelecer nossa própria comunidade, com regras e princípios nossos. — Os nervos de Pesadelo vibraram enquanto ela falava, sabendo que havia uma coisa que poderia mantê-la em Gatlon.

Mas Adrian era apenas um sonho. Sempre fora. Um dia, ele saberia a verdade. Um dia, tudo se desmantelaria.

Melhor que esse dia fosse hoje.

— Os Renegados não estão mais relegados à Cidade de Gatlon — disse Fobia, a voz seca e irritada, como se isso devesse ser óbvio. — A influência deles se espalhou pelo mundo. Há filiais deles em quase todos os países.

— Nas grandes metrópoles, sim — disse Nova. — Não estou sugerindo que troquemos uma cidade por outra. Acabaríamos com os mesmos conflitos que temos aqui. Estou dizendo para começarmos do zero. Encontrarmos um lugar que seja só nosso. — Ela inspecionou os rostos que a observavam com surpresa, alguns marcados de curiosidade, outros com um leve toque de desconfiança. — Podemos construir a sociedade com que sonhamos. Construí-la do nada, literalmente. Veja o que você fez aqui, tio. Em questão de minutos, transformou uma pilha de escombros *nisso*. — Ela indicou a torre do sino ao redor deles. — Nós poderíamos ir para qualquer lugar e transformá-lo no lar que merecemos.

Ace ficou olhando para ela, calculando. Mas o fato de não tê-la silenciado encheu Nova de coragem.

— Olha — disse ela com mais ênfase agora, indo para o centro do ambiente, nas tábuas velhas embaixo dos sinos centrais. Eles amplificaram sua voz. — Nós discutimos muito sobre responsabilidade pessoal. Talvez seja hora de assumirmos a responsabilidade por nosso papel no que esta cidade se tornou. Não gosto da forma como os Renegados comandam as coisas, mas, como Ace acabou de lembrar, as coisas também não eram ótimas quando estávamos no comando. Nós ajudamos a instaurar o caos aqui, e, apesar de tantos defeitos, eu... estou convencida de que os Renegados estão tentando deixar as coisas melhores. De verdade. Podemos não concordar com os métodos deles, mas é como o mundo funciona agora. Se não gostamos, então, em vez de tentar destruir, vamos liderar pelo exemplo. Construir algo novo, algo melhor. Se formarmos uma comunidade fora do controle dos Renegados, se mostrarmos que somos capazes de nos governar pela mudança...

talvez seja assim que a gente mude o mundo. E, se não mudarmos o mundo, quem liga? Talvez não seja problema nosso. Pelo menos, a guerra vai ter acabado.

Mel falou primeiro, a voz irada e os braços cruzados apertados sobre o peito.

— É aquele garoto falando, né? Eu sabia. Ele fez lavagem cerebral em você.

— Eu não sofri lavagem cerebral! — disse Nova, as bochechas ficando quentes.

— Você quer fugir — acusou Mel de forma ríspida. — Quer desistir. Logo agora, quando temos uma chance de vencê-los!

— Só estou dizendo que talvez a gente não *precise* vencê-los. Esse é o problema, não é? Sempre é *nós* ou *eles*. Heróis ou vilões. Prodígios ou civis. Os poderosos ou os impotentes. Eu quero uma chance de vida melhor. Para todos nós e para qualquer um que queira nos seguir. Quero uma vida em que a gente não seja mais vilão! — A voz dela ficou mais alta, determinada, mas havia também o medo de eles não entenderem. — Nós podemos ir para qualquer lugar. Podemos ser livres em qualquer lugar. Por que aceitar isso?

Por fim, um sinal de emoção nos olhos de Ace, ainda na sombra da estrutura do elmo.

Mas não foi de compreensão. Na verdade, ele pareceu magoado.

— Aceitar? — disse ele. — Aceitar, por Gatlon? — Ele se moveu na direção dela. — Essa cidade é nossa. Nosso lar. Não vou *aceitar* menos que isso. Não vou me acovardar perante os inimigos que a roubaram de mim.

Nova encolheu os ombros. Ela balançou a cabeça.

— Nós não estaríamos...

— Chega.

Ela foi para trás, a rispidez na voz dele parecendo um golpe.

— Se somos os vilões para os heróis deles, que seja. Vamos dar a eles motivo para nos temer. — Ele andou pela torre, majestoso, com o sobretudo roubado. — Não vamos fugir. Não vamos nos esconder. Vamos ficar e lutar. E, desta vez, vamos vencer. Esta cidade ficará sob nosso poder!

Um rugido de aprovação se espalhou pela torre.

Nova tremeu. Quando os outros se adiantaram, ela se sentiu quase invisível. Sua língua estava grudada na boca.

A garota tinha mesmo achado que, quando Ace estivesse livre, os outros concordariam com ela. Ir embora fazia sentido. Havia esperado alívio por parte dos

outros, por eles poderem ter liberdade sem sacrificar mais vidas, sem outra batalha.

Ela não fora convincente o bastante? Não tinha transmitido o poder de suas ideias?

Como era possível, com o mundo livre para eles, que eles preferissem ficar e lutar?

— Não estávamos preparados quando os Renegados nos cercaram na Batalha de Gatlon dez anos atrás — disse Ace, se aproximando de uma das janelas abertas. — Mas não vamos cometer os mesmos erros.

Ele ergueu as mãos, os dedos esticados para o horizonte. A região deserta depois da catedral ocupava um terreno amplo em todas as direções, cercado de um alambrado medíocre. Uma rotatória de asfalto destruído, escombros de prédios desmoronados, carros esmagados e virados.

Essas ruínas começaram a tremer.

Os outros se adiantaram e foram para trás de Ace.

Nova ainda estava tentando verbalizar seus pensamentos, ainda estava pensando em como poderia persuadir Ace e os outros a fazer uma escolha diferente, quando pedaços de escombros começaram a subir da destruição. Compensado e portas quebradas. Folhas de metal e vigas de aço. A lateral arrancada de um ônibus, ainda com uma propaganda desbotada. Tijolos e pedras, eletrodomésticos e telhas, vidro quebrado, vergalhões e canos de cobre, placas de rua e um escorrega de plástico de parquinho infantil, escadas, banheiras de porcelana, sinais de trânsito...

Incontáveis pedaços de materiais surgindo dos destroços. Tudo começou a se fundir no limite da área de ruínas. Pouco a pouco. Pedaço a pedaço.

Ace estava construindo um muro.

Nova se afastou dos outros até o lado oposto da torre. Ali também os materiais estavam se entrelaçando. Diferente da barricada cintilante e quase transparente que Adrian usara para se proteger na arena, aquele muro era denso e impenetrável, escuro e caótico. Cercava a catedral em todas as direções, ficando cada vez mais alto, eclipsando até mesmo a grande torre do sino onde estavam. Ainda mais alto, chegando acima do teto íngreme da catedral. Mais alto ainda, até a estrutura caótica se arquear para dentro e se unir acima. Bloqueou a cidade abaixo. Bloqueou o céu.

Quando Ace terminou, estavam presos debaixo de um domo de beiradas afiadas e ferrugem.

Foi como estar nos túneis de novo.

Foi como o oposto de liberdade.

— Pronto — disse Ace. — Isso vai atrasá-los.

Nova engoliu em seco, pensando em todos os Renegados que tinha conhecido. Adrian conseguiria passar por aquela muralha? O *Sentinela*?

E Max, com a telecinese e a habilidade de manipular metais?

Ou o Capitão Cromo, com as armas inquebráveis?

Ela mordeu o lábio inferior, lembrando-se de quantos Renegados não eram mais prodígios. Seus poderes haviam sido drenados.

Como teriam feito com você, lembrou ela.

Aquilo, porém, não diminuiu o gosto amargo em sua boca.

— Ainda assim, não vai segurá-los para sempre.

Ace olhou para o grupo, feroz e faminto.

— Vocês lutaram bravamente hoje, mas precisamos nos preparar para a próxima batalha. — Ele se concentrou em Leroy e Mel. — Os dois conseguiram usar a substância Agente N com grande efeito. Sobrou?

Leroy fez que não.

— O que tiramos do depósito dos Renegados está quase no fim. Só temos alguns dispositivos de liberação de gás que Nova elaborou e menos de metade de um contêiner de líquido.

— É suficiente — disse Ace. — Com sorte, vamos enfim conseguir a resposta de um mistério antigo... o Capitão Cromo é mesmo invencível? — Com um sorriso maligno, ele fez um gesto com o braço indicando o aposento. — Companheiros Anarquistas, acomodem-se e descansem até serem avisados. Gostaria de ter um momento sozinho com minha sobrinha.

Nova ficou tensa. Alguns vilões olharam para ela com expressões arrogantes e esnobes. Outros pareceram nervosos por ela. Leroy sorriu de forma reconfortante e piscou, o movimento repuxando de um jeito estranho o lado esquerdo paralisado do rosto dele.

Nova sorriu para ele.

Era só Ace.

Em questão de minutos, a torre do sino ficou vazia, o barulho dos passos na escadaria inferior mais distante a cada segundo.

Só um dos vilões ficou para trás. Para a surpresa de Nova, era Narcissa, a expressão cheia de preocupação. Embora tivesse assumido um papel de liderança entre os Rejeitados antes, ela permanecera distante desde que chegaram à catedral. O medo que sentia perante Ace Anarquia era palpável, e para Nova sua expressão sugeria uma hesitação em deixá-la sozinha com ele. Havia algo quase gentil estampado em seu rosto. Algo quase protetor.

Nova se animou um pouco de pensar que talvez a caminhante de espelhos não a odiasse mais.

— Gostaria de dizer algo, caminhante de espelhos? — perguntou Ace.

Narcissa abriu a boca, mas hesitou. A voz tremeu quando falou.

— Eu concordo com Pesadelo — disse ela, pouco mais de um sussurro. — Acho que a gente deveria sair de Gatlon.

Ace a observou e Narcissa se encolheu devagar com o olhar.

— Há um espelho na casa capitular — disse Ace. — Eu não faço prisioneiros. Pode ir quando quiser.

Narcissa engoliu em seco.

— Mas, se ficar, vou esperar sua cooperação nos esforços para destruir nossos inimigos. Não vou tolerar uma traição.

Ela ficou pálida. Seu olhar se encontrou outra vez com o de Nova, por um instante, antes de ela também desaparecer escada abaixo.

A porta de madeira se fechou atrás de Narcissa. O ar dentro da torre ficou imóvel; a brisa do mundo externo não conseguia passar pela barreira de Ace. A torre tinha cheiro de ferro-velho e de terra remexida depois de muito tempo parada.

Nova esperou Ace falar. Ela sentia falta de poder ler as expressões do tio. As rugas nas bochechas. A testa franzida. Ele parecia mais distante agora do que durante todo o tempo em que ficou escondido nas catacumbas, e Nova ficou surpresa de descobrir que já estava com saudade do homem que tinha passado a conhecer, mesmo que aquele homem fosse frágil e fraco. Pelo menos, ela nunca tivera medo dele, mas agora não conseguia impedir uma pontada de apreensão enquanto ele fixava a atenção nela.

— Não posso culpar você por querer mais do que a vida que podemos dar — disse ele. — Nem por ser atraída pelas mentiras que os Renegados tentam vender para o mundo. É uma história linda, de retidão, coragem e justiça. Mas é só uma

história. — Ace botou as mãos no parapeito, embora não houvesse nada para ver agora além da jaula escura e irregular montada com os restos indesejados de uma guerra antiga. — Seu pai tinha uma fé nos Renegados que nunca consegui entender. Eu me ofereci para proteger você e sua família. Teria mandado meus companheiros vigiarem seu apartamento dia e noite. Mas ele não quis minha ajuda. Insistiu que os Renegados protegeriam vocês. Achei que ele estava sendo tolo, mas não cabia a mim intervir. David queria fazer as escolhas dele, encontrar o caminho dele por aqueles tempos sombrios. — Ele baixou a cabeça. — É meu maior arrependimento até hoje. Eu queria ter estado presente para vocês. Para o David. Para a sua mãe e irmã.

— Não foi culpa sua — sussurrou Nova.

Foi dos Baratas e do assassino que eles contrataram.

Foi dos Renegados e das falsas promessas que fizeram.

Ela fechou os olhos e a lembrança estava lá, eternamente dolorosa. Tiros ricocheteando no crânio dela. Sangue espalhado na porta da frente. O choro de Evie silenciado para sempre.

— Mas, Ace — sussurrou ela, sentindo como se seu coração estivesse sendo rasgado em pedaços —, é assim que queremos vingar a morte deles? Durante todos esses anos, foi tudo que eu quis, ver os Renegados de joelhos depois que eles falharam conosco. Mas... esse ódio também está nos destruindo. Está *me* destruindo. É isso que meus pais iam querer?

As feições de Ace se encheram de remorso.

— Não é vingança, pequena Pesadelo. Não podemos trazê-los de volta, mas podemos honrar a morte deles impedindo que a mesma tragédia aconteça com outras famílias. Podemos impedir que os Renegados espalhem suas falsidades. Podemos mostrar ao mundo quem eles são. Falsos ídolos. Impostores. Mentirosos.

Nova chegou mais perto de Ace.

— Nem todos são ruins — insistiu ela. — Também não são todos bons, mas... acredito agora que a maioria quer ajudar as pessoas, mesmo sem saber bem como fazer isso. Eles não são os valentões famintos por poder que achávamos que eram. Não são todos mentirosos.

— Como Adrian Everhart?

Ela ficou paralisada.

Para sua surpresa, Ace levou as mãos ao elmo e o tirou da cabeça. Colocou-o no parapeito e se virou para Nova. Ele não parecia irritado. Na verdade, havia compaixão nas feições dele.

— Ele mentiu para você também. Acho que sabe disso.

Um tremor percorreu o corpo dela. O Sentinela.

— Foi ele quem me encontrou nas catacumbas, ele e aqueles amigos dele. — Os olhos do tio se apertaram nos cantos em uma expressão de pena. — Eles sabiam a verdadeira identidade do Sentinela. Mas não te contaram, não é?

Nova afastou a mão e andou junto à parede da torre. Ruby e Oscar sabiam a verdade? Danna também? Há quanto tempo?

Eles eram uma equipe. Nova achava que confiavam uns nos outros. Achava que Adrian sentia coisas por ela que iam além da camaradagem, além até da amizade. Ela sabia que era hipocrisia ficar com raiva por ele guardar aquele segredo quando também tinha tantos, mas doeu pensar que toda a unidade dela sabia e não compartilhou a informação.

— Não dá para confiar neles, Nova. Você não é como eles, por mais que deseje.

Ela ficou de costas para Ace, torcendo para ele não perceber como aquilo a magoara.

— Você é uma de nós. É parte *desta* família. — A mão pousou no ombro dela. — Se quiser ir embora, abro caminho para você. Não vou mantê-la aqui se não quiser mais ser parte da nossa revolução. Você já fez tanto pela nossa causa, e, por isso, sempre terá minha gratidão e meu respeito. Mas, Nova... — Ele baixou a voz. — Você sabe o que os Renegados vão tentar fazer conosco quando ultrapassarem essa barreira, inclusive Adrian Everhart. Espero que escolha ficar e lutar. Espero que não tenha se sentido tão abalada pelas promessas deles a ponto de não ver mais o que tem nos feito seguir adiante durante todos esses anos. Fique ao lado de sua família, Nova. Fique conosco e lute por nosso futuro, não o deles.

Ele bateu no ombro dela uma vez, delicadamente, e tirou a mão. Ela o ouviu pegar o elmo e seguir para o alçapão.

E ouviu os tiros.

E ouviu Evie chorando.

E ouviu a voz firme do Capitão Cromo: *Fizemos o que tínhamos que fazer para impedir as gangues vilãs, para gerar ordem e paz. Fariamos de novo se precisássemos.*

— Ace?

A torre do sino ficou silenciosa, mas ela sabia que o tio ainda estava ali. Sua mão tremia quando Nova a fechou na pulseira e se virou para olhar para ele. Ele olhou para a sobrinha. Sempre paciente. Sempre esperando.

A estrela pulsou na pele dela.

— Eu encontrei uma coisa — falou. — Uma coisa que meu pai fez antes de morrer.

Ele ergueu o queixo, interessado.

— Eu acho... acho que ele pode ter criado uma arma para destruir o Capitão Cromo.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



NA ÚLTIMA VEZ QUE Adrian parou na frente do pôster sinistro dentro dos arrepiantes túneis do metrô, Nova estava ao seu lado. Até agora, ela era a única pessoa para quem ele tinha contado sobre o túnel que conectava o metrô às catacumbas, e ele teria dado qualquer coisa para tê-la ali com ele novamente.

Adrian teria preferido estar trocando uns beijos com ela de novo a estar se preparando para arriscar a vida a fim de garantir a derrota de Ace Anarquia, mas teria ficado satisfeito só de estar com ela ali. Ela era uma aliada feroz e uma lutadora implacável, as habilidades dela teriam deixado a mente dele tranquila enquanto os dois faziam os preparativos antes de se esgueirar para a catedral.

Fora isso, ele não estaria dedicando um canto do cérebro a se preocupar com ela.

Ele não tinha tido notícias de Nova desde o ataque na arena, apesar das numerosas tentativas de fazer contato pelo comunicador. Ela devia ter ouvido as notícias; todo mundo na Cidade de Gatlon já sabia o que tinha acontecido. Mas Nova não estivera na arena e, até onde ele sabia, ninguém havia ouvido falar dela no quartel-general também.

Ele teria ido até ela em pessoa e contado sobre o plano de entrar sorrateiramente na catedral enquanto o Capitão Cromo liderava os Renegados em um ataque de distração acima, torcendo para que ela se juntasse a eles. Só que... Adrian não sabia onde ela estava. A casa de Wallowridge não existia mais, e ele não fazia ideia de onde ficava o apartamento em que ela e o tio moravam.

Quanto mais pensava, mais seus dedos tremiam de ansiedade.

E se alguma coisa tivesse acontecido com ela?

Mas ele sabia que precisava parar de pensar naquilo. Uma crise de cada vez, disse para si mesmo. A atual era impedir Ace Anarquia e proteger o mundo que eles conheciam.

Adrian esticou a mão para o canto do pôster e o puxou, revelando o túnel estreito atrás.

Oscar assobiou. Danna ficou em silêncio.

Os três estavam sozinhos e parecia haver um desequilíbrio sem Nova, que agora tinha se tornado uma figura confiável do grupo, e Ruby, que tinha ido vigiar Max até que se certificassem de que Ace Anarquia não iria atrás dele. Embora a família de Ruby tivesse sido instruída a remover todos os espelhos da casa, ele ainda tinha medo de que Pesadelo tivesse outras formas de descobrir a localização de Max. A última coisa que queria era subestimá-la ou algum dos Anarquistas.

Capitão Cromo queria ir com eles. Na verdade, no começo insistira em ir sozinho até a catedral para enfrentar Ace e os outros. Mas a liderança dele era necessária no quartel-general, para organizar os Renegados que estavam vindo de filiais internacionais e prepará-los para o contra-ataque que aconteceria em breve. Foi apenas depois que Adrian lembrou aos seus pais que ele e sua equipe já tinham lutado com Ace Anarquia e vencido, e apenas depois de dar uma série de demonstrações de suas habilidades como Sentinela para provar que tinha se transformado em um dos prodígios mais poderosos de todos os tempos, e somente depois de comentar que seu plano exigia ação sorrateira, uma habilidade que o Capitão Cromo não tinha, que Hugh e Simon concordaram, ainda que relutantes, em deixar sua equipe tentar fazer a invasão. Eles sabiam, assim como Adrian, que pegar Ace Anarquia de surpresa era a melhor chance que tinham de neutralizá-lo. De roubar o elmo de volta. De derrotá-lo de uma vez por todas.

— Vou ver se está tudo ok — disse Danna. Ela se transformou e o bando de borboletas desapareceu nas sombras, as asas batendo sob a luz da lanterna de Adrian.

Apoiado na bengala, Oscar olhou para Adrian.

— Nós vamos sobreviver, né?

Adrian engoliu em seco.

— Claro. Somos Renegados.

Oscar assentiu. Nenhum deles se deu ao trabalho de observar que muitos Renegados não haviam sobrevivido à batalha na arena.

— Que bom — disse ele com uma certa avidez. — Porque quero muito ver Ruby de novo depois disso.

Adrian entendia. Ele também queria muito ver Nova depois daquilo. Havia coisas demais que não tinham sido ditas.

Eles esperaram em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, mas deviam ter sido poucos minutos. Danna voltou, ou melhor, duas das borboletas dela, dançando brevemente em volta da cabeça deles antes de voltar pela passagem.

Com a caneta em uma das mãos e a lanterna na outra, Adrian foi atrás.

As catacumbas estavam exatamente como eles as tinham deixado depois da luta contra Ace Anarquia. Ossos e crânios cobriam o piso de pedra, tornando a tarefa de andar em silêncio quase impossível. Estátuas de mármore estavam em pedaços, sarcófagos estavam virados, havia rachaduras gigantescas na base grossa da igreja.

Eles seguiram o mais sorrateiramente que puderam, pelas câmaras das catacumbas e subindo a escadaria estreita de pedra. Antes, a escada dava na área destruída, cercada de ruínas e destruição. Mas agora, quando Adrian se aproximou do patamar superior, não havia luz entrando pelo céu aberto. Apenas mais sombras e os passos deles ecoando em paredes grossas de pedra.

Adrian prendeu a respiração quando eles saíram em uma câmara circular pequena. Uma segunda escadaria continuava para cima, mas havia duas portas, uma de cada lado, ladeadas por estátuas de figuras encapuzadas. Ele sabia que Ace havia reconstruído a catedral, mas tinha imaginado uma estrutura caótica. Pedra quebrada e madeira mal apoiada com cimento velho e pregos enferrujados. Estava esperando algo frágil e precário, pronto para desmoronar ao menor toque.

No entanto, a câmara em volta deles parecia antiga e sólida, como se estivesse lá há anos. As paredes grossas de pedra encaixavam perfeitamente, sem sinal de terem sido espalhadas no chão. Era como se a Batalha de Gatlon jamais tivesse acontecido.

Ele lançou um olhar incomodado para Oscar. O fato de Oscar não ter dito nada era prova da surpresa dele. Na verdade, a catedral estava tão silenciosa quanto as catacumbas abaixo. Adrian sabia que o silêncio não duraria. Em pouco tempo, o Capitão Cromo e todos os Renegados que ainda eram capazes de lutar, inclusive os que tinham chegado do exterior, atacariam a barreira com toda a força que tivessem.

Adrian esperava que isso criasse distração suficiente e levasse a maioria ou todos os vilões para fora da catedral enquanto ele, Oscar e Danna tentavam encontrar e neutralizar Ace Anarquia.

Mas encontrá-lo talvez fosse um problema.

Algumas das borboletas de Danna foram na direção da nave, a área ampla central da igreja, e Adrian foi atrás dela, prestando atenção a sinais dos vilões.

Enquanto andava embaixo de uma janela enorme de vitral que ia até o teto abobadado, Adrian ficou atônito de pensar que aquilo tudo era escombros antes. Como um único prodígio podia ser capaz de fazer aquilo em tão pouco tempo?

Ele foi na direção do corredor central, cheio de bancos de madeira, castiçais de ferro e pilares de pedra de ambos os lados.

Seu olhar percorreu o corredor longo e amplo.

Ele ficou paralisado.

Ali, na extremidade da nave, parecendo a um quilômetro de distância, diminuído pelo teto alto e por janelas monumentais, estava Ace Anarquia. Esperando por eles, o elmo cintilando na luz de cem velas acesas nas laterais do coral.

E não estava sozinho. Havia mais de dez vilões ao seu redor.

E, alguns passos na frente do altar, estava Nova.

O sangue de Adrian gelou. Quando os vilões a encontraram? Há quanto tempo ela era prisioneira ali?

A visão dele ficou vermelha, e, antes de saber o que estava fazendo, Adrian disparou pelo corredor. Seu antebraço direito começou a brilhar. Uma bola de fogo girou em volta do punho esquerdo.

Danna gritou.

— Rabisco... *não!*

Segundos depois, uma borboleta monarca dançou na frente do rosto dele. Adrian a espantou.

O ciclone de asas apareceu na frente dele, e a própria Danna em seguida, as mãos erguidas.

— Adrian, pare!

Algo bateu no chão aos pés de Danna. Um vapor verde explodiu da cápsula. Isso, mais do que a súplica de Danna, fez Adrian parar. Ela ofegou e virou um monte de

borboletas de novo, que voaram para cima. Estavam na metade do caminho até o teto abobadado quando começaram a convergir.

Adrian observou, horrorizado, a nuvem de asas douradas e pretas se reformarem. Elas viraram Danna e ela estava caindo, a doze metros do chão. O grito dela ressoou pela nave.

Adrian permitiu que a chama sumisse e saltou. Ele a pegou no ar e caiu com ela fora do alcance do vapor, que estava se dissipando. O ar ficou subitamente com cheiro de substâncias químicas e queimou sua garganta.

Danna tossiu e rolou dos braços dele até cair agachada e apoiada em um joelho.

— Não — murmurou ela, apertando o peito com a mão. — *Não*.

Um raio de fumaça preta passou por eles. Adrian levantou a cabeça a tempo de ver a flecha de fumaça acertar Ace Anarquia na cara. Ele cambaleou para trás, tossindo no cotovelo. Outro raio logo em seguida, depois outro, tão rápido quanto Oscar conseguia enviá-los, cada um acertando um vilão na extremidade da nave.

Oscar deu um grito.

Adrian olhou para trás e viu que a bengala de Oscar tinha sido arrancada da mão dele. GANHOU vida própria e acertou a parte de trás dos joelhos dele até o garoto cair no chão.

— Cortina de fumaça, me dá cobertura! — gritou Adrian.

Oscar levantou uma das mãos para bloquear outro golpe da bengala possuída enquanto esticava a outra para Adrian. Uma camada de névoa branca densa começou a rolar pelo corredor, a ocupar os bancos, mas Oscar gritou de dor e deu um tapa no pescoço.

Ele inspecionou a mão e viu uma coisa pequena e preta grudada nos dedos.

Abelha-Rainha riu.

— É o pagamento por aquele truquezinho que você fez na arena!

Oscar encarou Adrian. A expressão dele estava feroz, mas o amigo conseguia ver o tormento por trás. A abelha devia ter Agente N, assim como as da arena.

A névoa se dissipou.

Adrian trincou os dentes. Apertou os punhos.

Danna segurou seu braço.

— Adrian, para. É uma armadilha.

Ele soltou o braço e voltou a correr. Como tinha estado tão perto do míssil de névoa e da nuvem de Agente N, deviam achar que ele também tinha sido neutralizado.

Estavam enganados.

Nova não se mexera. Ela o viu correr na direção dela, o rosto pálido, um medo como ele nunca antes vira nos olhos.

— Soltem ela! — gritou ele quando outra chama explodiu da palma de sua mão. Adrian se preparou para correr, para atacar, para destruir Ace Anarquia e seus comparsas se eles tivessem feito qualquer coisa para machucá-la...

Ele só viu a rede quando era tarde demais. Até seu pé ter atravessado uma marca invisível e os nós de corda o prenderem. Ele tropeçou e rolou algumas vezes, se enroscando ainda mais.

Com dificuldade de respirar, Adrian tentou se levantar, mas uma perna ficou presa. Sentiu-se como um animal selvagem na armadilha de um caçador, e as palavras de Danna voltaram para ele, incendiando sua raiva ainda mais.

Incendiando.

Relembrando a primeira vez que tinha ficado preso em cordas assim, ele rosnou e fechou a mão esquerda em volta da corda mais próxima. Conjurou sua chama e deixou que queimasse o mais quente possível.

O fogo foi um inferno que quase engoliu o corpo de Adrian quando ele percebeu que não estava funcionando. As cordas ficaram grudentas, mas não se queimaram.

— Cobertura resistente a fogo — disse Cianeto, atraindo a atenção dele de volta para os vilões. — Tentamos aprender com os nossos erros.

Com suor escorrendo pela nuca, Adrian moveu o braço direito para poder mirar pela rede. Sua pele se acendeu. Ele mirou em Ace Anarquia, que não estava longe de Nova, e disparou.

Uma série de bancos formou um muro entre Adrian e os vilões. Em seguida, eles caíram no chão, os assentos de madeira lascada deixando só o espaço de um corredor estreito no centro da nave.

— Impressionante — disse Abelha-Rainha. Com um passo para a frente, ela cruzou o braço com o de Nova. Adrian ficou tenso e todos os nervos foram tomados pelo pânico. — Se a quer tanto, toma. Pode ficar com ela.

Com um sorriso açucarado, Abelha-Rainha empurrou Nova para a frente. Ela cambaleou os poucos degraus no caminho longo e estreito que separava o coral da nave. Ela parou e hesitou.

— Nova — disse Adrian, a voz carregada de desespero, os braços forçando as cordas. — Você está bem?

Ela o encarou e engoliu em seco.

Ela não disse nada quando começou a andar pelo corredor. Parecia atormentada e insegura. Ele *nunca* tinha visto Nova, a corajosa e confiante Nova, daquele jeito.

Mas, quando ela chegou mais perto, ele reparou em outra coisa.

Ela não estava amarrada, como ele imaginaria que uma prisioneira Renegada ficaria.

Ela não estava com o uniforme dos Renegados nem com as roupas civis de sempre, e, sim, com uma jaqueta preta e um cinto utilitário que parecia bem familiar.

O estômago de Adrian ficou embrulhado. Ele teria recuado, mas estava preso, olhando para ela pelas cordas que o apertavam tanto quanto sua própria caixa torácica.

— Ela se saiu bem, não foi? — disse Ace Anarquia, falando pela primeira vez. A voz dele estava com um tom de quem achava graça, mas Adrian nem o ouviu direito, com a verdade e a descrença que travavam uma batalha em sua cabeça. — Seu plano foi inteligente, de se aproximar sorrateiramente pelas catacumbas. Poderia ter dado certo se você já não tivesse contado à minha sobrinha que conhecia o túnel. Agora que estão aqui, temos que garantir que aquela entrada seja selada, para que ninguém pense em seguir seus passos. — Ele indicou dois vilões. — Amarrem os outros e os prendam na tesouraria por enquanto. Levem o Everhart para a capela do leste e aguardem instruções.

Ele nem registrou as ordens de Ace Anarquia direito.

Nova estava bem perto de Adrian agora. O medo que ele tinha visto antes estava sumindo e sendo substituído pela típica determinação dela. A mandíbula contraída, os ombros firmes.

Ele apenas imaginara o tormento antes? O arrependimento? A dúvida?

— Nova — sussurrou ele, quase tossindo a palavra enquanto sua própria confusão de emoções entalava na garganta. — Quem é você?

Ela se agachou para eles ficarem na mesma altura. Estavam tão próximos agora quanto no baile, quando dançaram. Tão próximos quanto a vez em que ele colocou fones com cancelamento de ruído nos ouvidos dela para ela poder dormir. Tão próximos quanto na vez em que se beijaram no túnel do metrô, perto da entrada escondida da catacumba.

Os fiapos finais de negação murcharam dentro dele. A verdade venceu. De repente, ele soube.

Quando Danna acusou pela primeira vez Nova de ser sua pior inimiga, a vilã que ele caçava havia meses, ele ficou com raiva. Envergonhado. Até repugnado.

Agora, só tinha sobrado uma sensação profunda e arrasadora de perda.

Os ombros dele murcharam sob o peso das cordas que o prendiam.

Nova esticou a mão para a de Adrian e colocou dois dedos no nó do dedo dele. Ele se encolheu ao toque e pensou, só por um momento, que talvez tivesse notado um vislumbre de dor nos olhos de Nova. Mas foi sua imaginação, porque, um segundo depois, a expressão dela estava dura, fria e impenetrável.

— Todo mundo tem um pesadelo — disse ela. — Acho que eu sou o seu.

Foi a última coisa de que ele se lembrava antes que a escuridão o levasse.

CAPÍTULO QUARENTA



— **O** LHA, QUE INTELIGENTE — disse Abelha-Rainha inspecionando a parte de baixo do pé descalço de Adrian. Ele se esforçou para ignorá-la. Estava tentando ignorar todos, a rotação contínua de Anarquistas e vilões, mesmo quando eles tentavam táticas cada vez mais irritantes para arrancar alguma reação dele.

Seu olhar determinado ficava grudado em Nova sempre que ela estava no aposento.

Os olhos determinados *dela* ficavam afastados.

— Molas — disse Abelha-Rainha, passando uma unha afiada na sola do pé de Adrian. Ele se esforçou para não tremer. — Para pular mais longe. Não é inteligente, meu amor?

Ele tinha quase certeza de que *amor*, nesse caso, era Nova, mas era difícil saber, pois Nova parecia tão determinada a ignorar a Abelha-Rainha quanto ele.

Mel Harper examinar as solas dos pés dele foi a última de uma longa lista de indignidades que Adrian aguentara desde a captura. Ele não sabia o que havia acontecido com Oscar e Danna nem em que parte da catedral estavam. Quando voltou a si, Adrian estava em uma capelinha circular. Em comparação à magnificência da nave, a capela parecia uma lembrança posterior, tão terrível e insignificante que ele se perguntou se o santo cujo nome ela levava tinha feito alguma coisa para irritar o arquiteto encarregado de homenageá-lo. Fora um altar preto e liso e uma série de janelas estreitas de vitrais, parecia vazia. Paredes ecoantes de pedra, piso duro de

pedra. A atmosfera não melhorava muito com a penumbra. Adrian não tinha como saber que horas eram, pois nem a luz do sol nem o luar podiam penetrar na estrutura que Ace erguera por cima da catedral, deixando-os cobertos em constante escuridão. A única luz vinha de um lampião pequeno no canto que espalhava sombras oscilantes nas paredes.

Adrian estava amarrado com as costas no altar gelado. Um dos vilões tinha cortado as mangas e a gola da camisa para deixar à mostra as tatuagens nos braços e peito dele.

Nova entrava e saía da capela com frequência, toda paramentada para batalha. O cinto tinha duas armas diferentes, cordas, dardos e munição, luvas, sinalizadores, uma faca de caça e aquelas estrelas horríveis de que Pesadelo sempre gostara. Mas, por algum motivo, ela não tinha colocado a máscara de metal, e, embora Adrian soubesse que não devia atribuir significado àquilo, não conseguiu evitar.

Sem a máscara, ele não conseguia vê-la como Pesadelo. Só conseguia ver Nova.

Nova, que o traía de cem formas diferentes. Mas, mesmo assim, Nova.

Ele tinha tentado perguntar a ela para onde Oscar e Danna haviam sido levados, se estavam bem, mas ela parecia determinada a ficar em silêncio. Adrian não sabia se a garota estava lá para impedi-lo de tentar fugir ou só para ter certeza de que não estava sendo maltratado.

Talvez a pior parte fosse que Fobia também ia e vinha. Adrian demorou um tempo para reparar nele, observando, em silêncio, de um canto. O lugar estava tão escuro e ele ficava tão imóvel que, às vezes, o vilão parecia mais um produto de sua imaginação.

Mas era real. Era bem real, e cada vez que Adrian reparava nele um arrepio descia pela coluna. As palavras cruéis de Fobia, faladas enquanto estava parado ao lado do corpo do Callum, ecoavam sem parar na mente de Adrian.

Quem não tem alma não pode ficar deslumbrado. Assim como quem não tem medo não pode ser corajoso...

Era ele. Adrian sabia agora, soube no momento em que Fobia falou aquelas palavras odiosas. O bilhete deixado no corpo. O terror descontrolado no rosto dela.

Fobia tinha matado a mãe de Adrian.

Adrian fez uma expressão de desprezo e mostrou os dentes para o vilão, cuja única resposta foi girar a foice em um círculo regular sobre a cabeça.

As notícias disseram que Lady Indomável caíra para a morte de um prédio de sete andares. Não havia outras lesões nem ferimento que não fosse resultado direto da queda. O que quer que Fobia tivesse feito, o que quer que tivesse mostrado a ela, havia provocado tanto medo que, por um momento, ela esqueceu que sabia voar. Ficou petrificada. Literalmente morreu de medo.

O que não fazia sentido era Nova poder estar do lado daquela *coisa*.

Mas ele sabia que não deveria ficar surpreso. Sua mãe fora uma Renegada. Nova era uma Anarquista. Por que Nova se importaria se Lady Indomável tivesse sido assassinada mais de dez anos antes? Uma super-heroína a menos com quem lidar.

Ele ficou grato quando Fobia foi embora, sumindo do ambiente de forma tão silenciosa quanto tinha entrado.

Cianeto também desapareceu um tempo antes, murmurando algo sobre um experimento, e Adrian não tinha visto a caminhante de espelhos desde que chegara. Outros tinham ido e vindo. Reconheceu alguns de testes passados dos Renegados, prodígios que, como Garça, não tinham sido aceitos. Ele tinha certeza de que outros eram procurados por vários crimes na cidade, frequentemente caçados por unidades de patrulha. Isso fez com que desejasse ter feito mais como Sentinela para encontrar criminosos e cuidar para que fossem presos.

— Deixei alguma passar? — perguntou Abelha-Rainha, virando uma lanterna para os braços de Adrian, fazendo-os girar nas amarras. — Vamos ver... aqui tem o fogo, a tal torre, o pulo, o traje, o... o que é isso? — Ela enfiou a unha no antebraço direito dele. — Ah, sim, a coisa de laser. — A expressão dela mudou de jovial para maligna. — Eu me lembro muito bem dessa.

Adrian olhou para ela de cara feia.

— Você estava tentando matar meu pai — disse ele, quebrando seu voto de silêncio.

Ela estalou a língua.

— Seu pai não devia ter esfaqueado Acey.

— Ace ia matar todos nós! — Ele lançou um olhar para Nova, quase esperando que ela desse uma opinião, talvez até argumentasse em defesa dele, mas a garota permaneceu em silêncio. Ela estava de costas para os dois, parada na entrada em arco da capela, observando um corredor cheio de estátuas.

Abelha-Rainha soprou com a língua entre os lábios superbrilhosos.

— Não ia matar *todos nós* — disse ela. — Só vocês. E seus entes queridos. — Ela piscou como se fosse uma piada. Havia uma vespa andando no lóbulo da orelha dela, mas a mulher não pareceu notar. — Agora, Pesadelo querida, com qual você acha que devemos começar?

Nova se moveu quase imperceptivelmente na direção dela.

— Com qual o quê?

— Tatuagem. A gente não pode deixar que ele fique com elas depois do problema que causaram.

Nova se mexeu de novo e observou Mel com mais atenção, mas sem voltar o olhar para Adrian nenhuma vez.

— De que está falando?

Mel deu um suspiro dramático.

— Temos que cortá-las fora. — Ela abriu a fenda da coxa do vestido de lantejoulas e tirou uma faca de ponta fina da meia.

Adrian ficou tenso.

— Você não está falando sério — disse Nova.

Mel abriu um sorrisinho.

— O que esperava? — Ela tocou com a ponta da faca na tatuagem de imunidade no coração de Adrian. Ele engoliu em seco. — O garoto é imune ao Agente N, então não podemos simplesmente dar uma injeção nele e resolver a questão. E não podemos correr o risco de ele se soltar e estragar tudo. Então, as tatuagens têm que ir embora. — Ela firmou a mão no quadril. — Se não quiser ver, pode ir procurar uns curativos. — Ela piscou para Adrian. — Não somos animais, sabe.

Ele a ignorou e se concentrou em Nova. Não dava para saber se a Abelha-Rainha só queria intimidá-lo, mas, mesmo assim, ele esperava que sua súplica silenciosa pudesse ter algum impacto em Nova.

Se ao menos ela *olhasse* para ele.

— Eu acho que... essa vai ser a primeira — disse Mel, encostando a lâmina da faca no antebraço direito dele, de onde saía o canhão do raio de energia. — Vai ser minha vingancinha. Além do mais, não queremos que você fique nervoso e abra um buraco no nosso telhado. O prédio acabou de ser reformado.

Ela torceu a faca e a ponta rompeu a pele.

Adrian encostou a cabeça no altar com os dentes trincados. Na porta, Nova tinha cruzado os braços sobre o peito. Seu foco estava na lâmina cortando a pele de Adrian.

O menino inspirou fundo.

Aquilo doeu, mas ele já tinha sofrido coisa pior.

Mel parou e afastou a faca.

— Ou você quer fazer isso? — disse ela, virando o cabo na direção de Nova. — Os poderes dele deram muito mais dor de cabeça para você do que para mim.

Nova contraiu a mandíbula e se virou de novo para o corredor. Pela postura rígida, Adrian percebeu que ela estava incomodada com aquilo, mas não se moveu para defendê-lo.

— Como quiser — retrucou Mel.

A faca afundou no braço dele de novo. Ele contraiu o rosto, se recusando a emitir sequer um grunhido enquanto a mulher cortava as camadas superiores da pele.

Quando terminou de cortar a tatuagem, ela usou a ponta da faca para jogar longe o pedaço de pele.

— Repulsivo — disse ela com uma risadinha cruel. Ela deixou a ferida sangrar enquanto andava até o outro lado dele. — Agora, vamos ver aqui... a próxima provavelmente vai ser a chama. — Ela beliscou a pele onde havia a espiral de fogo.

Adrian acendeu uma bola de fogo no punho fechado.

Mel ofegou e recuou, sacudindo a mão que tinha sido queimada pelo fogo.

Então começou a rir.

— Ah, que truque fofo — disse ela, fazendo carinho nas costas de uma vespa preta com o polegar. — Um que merece punição.

A vespa zumbiu para Adrian e de repente pareceu que um ferro quente foi enfiado no pescoço dele logo abaixo da orelha. Ele gritou e lutou para se afastar, mas as cordas não cederam.

— Mel! — gritou Nova. — Para!

A vespa saiu voando, mas o veneno continuou a queimar e latejar. Adrian apertou os olhos quando lágrimas quentes começaram a cair.

O lado positivo foi que ele nem sentiu o corte seguinte da faca, quando Mel Harper arrancou a tatuagem de chama.

Quando o veneno quente se espalhou pelo tronco e pelos braços, Adrian ousou abrir os olhos. Ele procurou Nova outra vez, desesperado.

Mas ela estava de costas para ele, sem fazer nada enquanto a mulher passava a lâmina da faca no antebraço dele.

Ele achou que os ombros dela talvez estivessem tremendo, mas podia ter sido a visão borrada dele causando a distorção.

— Isso é nojento demais — disse Mel quando terminou com a tatuagem de chama. — Acho que podemos esperar Leroy para fazer o restante. O que você acha, pequena Pesadelo?

Nova não respondeu.

Adrian olhou para as vigas altas do teto, que convergiam em um único ponto acima da cabeça dele. Toda a parte superior do corpo estava em chamas agora, mas, conforme o veneno se espalhava, a intensidade da dor diminuía, mesmo que um pouco. Inspirou. Expirou.

— Interessante — murmurou Mel. — O inchaço já está passando. Costuma durar um dia ou mais.

A tatuagem de imunidade, pensou Adrian. Ela o protegia, livrando seu organismo do veneno mais rápido do que o habitual.

Mas ficou de boca fechada. Não adiantava lembrá-la disso agora. Ele murmurou para si mesmo:

— Os Renegados vão vir me buscar.

Nova se virou tão rápido que ele só percebeu que ela havia se movido quando a garota estava agachada na frente dele, os olhos brilhando de fúria e lágrimas não derramadas.

— Não — disse ela. — Os Renegados *não vão vir*.

Ele sustentou o olhar, grato por ter a atenção dela pela primeira vez, apesar do ódio nas palavras.

— Sim — retrucou Adrian —, eles vão vir, Nova. — A boca dele se curvou em um sorriso cansado. — Talvez até já estejam aqui.

Ela franziu a testa brevemente em confusão e soltou uma risada trêmula.

— Eu — disse ela, se levantando de novo. — Você acha que *eu* vou ajudar você? Depois de tudo isso?

— É óbvio que eu não te conheço tão bem quanto achava — disse Adrian —, mas sei que, lá no fundo, você não é como eles. Você é melhor do que isso, Nova.

Ela fechou a cara.

— Desde o dia em que eu te conheci, você fica dizendo que a Pesadelo é uma vilã. É praticamente sua missão de vida me caçar e me destruir. E agora, de repente, sou melhor do que isso?

— É — disse ele, enfático. Estava tendo muitas revelações desde que fora arrastado para aquela capela. Muitas coisas começaram a fazer sentido. Nova tinha dito para ele que o tio a salvou do assassino que matou seus pais. E, durante a luta na arena, ele tinha certeza de que tinha ouvido Pesadelo chamar Ace Anarquia de “tio”.

— Ace Anarquia é seu parente e você quer ser leal a ele. Eu entendo... de certa forma. Mas você não é assim.

Ela se inclinou para ele e sussurrou:

— Você não faz ideia de como eu sou.

Ele percebeu o brilho de uma corrente no pescoço dela, que desaparecia na gola. Seu sangue gelou.

— Esse é o Amuleto da Vitalidade?

Nova se empertigou e uma das mãos foi até a blusa, no local onde o medalhão deveria estar escondido.

Ela não precisou responder. Sua expressão foi a única resposta de que Adrian precisou. Ele foi tomado de raiva e se inclinou para a frente, mesmo com as cordas.

— Você estava com isso o tempo todo, mesmo sabendo que era a única forma de qualquer um chegar perto do Max!

Ela pareceu surpresa por um instante. Mas cerrou a mandíbula, puxou o zíper da jaqueta até o pescoço e fez cara feia.

— Você pode chegar perto de Max sem problema nenhum.

Foi a vez de Adrian ficar surpreso.

— O Sentinela não foi afetado quando carregou Max por metade da cidade até o hospital — disse ela. — Quanto tempo depois de descobrir o amuleto você decidiu fazer essa tatuagem? — Ela apontou com o queixo para a tatuagem de imunidade. — Por quanto tempo planejava guardar esse segredo?

Ele franziu os lábios. Não costumava oferecer explicações, ainda mais considerando que ela não dera nenhuma. Então, respondeu:

— A gente precisava dele.

— Nós também — disse ela com rispidez. Uma declaração simples que não diminuiu a fúria crescente do garoto. Nova balançou a mão para Abelha-Rainha. — Vou procurar uns curativos.

Adrian tremeu, sobressaltado de Nova deixá-lo ali sozinho com Mel Harper e a faca dela.

— Nova... espere.

Ela o ignorou, mas só tinha dado alguns passos quando Fobia apareceu no corredor, bem mais alto do que ela.

Adrian recuou para perto do altar, rosnando.

— Ace quer falar conosco — disse Fobia. O capuz dele tremeu e Adrian teve a sensação incômoda de que Fobia tinha voltado o foco para *ele*. — Vou mandar um dos Rejeitados para ficar de vigia.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



N OVA PASSOU PELA SALA que já tinha sido a tesouraria da catedral, onde tomos antigos e estátuas delicadas de anjos e santos ficavam guardadas. Agora, era onde Oscar e Danna estavam presos, as mãos e joelhos atados com cordas de náilon.

Os dois olharam de cara feia quando Nova passou.

Ela trincou os dentes, desejando ter seguido um caminho diferente em volta da nave para não ver.

Mel, andando alguns passos à frente dela, não pareceu notar.

— Mel — disse Nova, correndo para a frente até ficar ao lado dela. — Posso fazer uma pergunta sobre o Fobia?

— Claro, mas eu provavelmente não vou saber a resposta. — Mel olhou para ela de um jeito sinistro. — Tantos anos se passaram e ele ainda me assusta tanto quando no dia em que se juntou a nós.

— *Como* ele entrou para os Anarquistas?

Mel inclinou a cabeça, pensando.

— Se me lembro bem, ele simplesmente apareceu no meio de uma luta contra a Pássaro do Trovão e a Lady Indomável. A gente estava tomando uma surra, éramos eu e o Animus, e ele morreu pouco depois disso, acho que você nem o conheceu. Pensei que nós dois íamos morrer quando o Fobia apareceu, sinistro como sempre, e, de repente, os Renegados fugiram apavorados. Fobia disse que queria conhecer o Ace e nós o levamos conosco.

Nova franziu a testa, sem achar as pistas que queria na história da Mel. Por que uma das criações de Adrian quis se juntar a Ace?

— Ele matou a Lady Indomável, não foi? — perguntou Nova.

Mel olhou para ela, surpresa.

— Como você...? — Ela fez uma pausa. — Alguém te contou isso?

— Adrian me falou sobre um bilhete que foi encontrado no corpo dela.

— Ah, sim, os *bilhetes*. Ainda bem que ele parou com isso. Eram tão pretensiosos.

Então era verdade. Nova sabia, mas uma pequena parte dela se agarrou à esperança de talvez ela não ser aliada do vilão que tinha matado a mãe de Adrian.

— Isso tem alguma coisa a ver com o que a caminhante de espelhos encontrou na mansão do seu namorado? — perguntou Mel, olhando para ela com desconfiança.

Nova engoliu em seco.

— Ora, ora — disse Mel —, antes de você sair por aí espalhando mais mentiras, ouvi as duas conversando quando estávamos na loja de penhores. Algo sobre o garoto Everhart, o Fobia e... revistas em quadrinhos?

— É... complicado — replicou Nova, tendo a sensação ruim de que *não* queria que Mel soubesse a verdade sobre a origem de Fobia. — Acho que talvez tenha alguma conexão entre eles, mas não sei. Talvez esteja enganada.

Mel parou de andar de repente. Nova levou um susto.

— É mesmo? — disse Mel com provocação na voz. — Você acha que nosso amigo sombrio tem alguma conexão com o garoto Everhart? Diga-me, o que mais descobriu com esse trabalho de detetive?

Os cabelos se eriçaram na nuca de Nova. Ela teve a clara impressão de que Mel estava procurando algo específico.

Seria possível que ela já soubesse das origens de Fobia? Que o próprio Adrian tinha criado o vilão?

Ou era outra coisa?

— Não muito — mentiu ela. — Só que o Fobia entrou para os Anarquistas pouco tempo antes de mim. Eu queria ver com você, saber se era verdade.

O olhar da Mel foi longo e observador até um sorriso sutil surgir nos lábios cintilantes.

— É verdade. E, como você, ele é um membro valoroso desde essa época.

Ela abriu uma porta grande de carvalho e passou pela arcada em volta do claustro. Nova hesitou, segura de que havia alguma coisa que Mel não estava contando. Mas o estalo dos saltos de Mel nas pedras acelerou, deixando claro que a conversa tinha acabado.

Quando chegaram à casa capitular, quase todos os aliados já estavam reunidos. Fora da catedral, dava para ouvir os sons da guerra na barreira que Ace tinha erigido. Os Renegados haviam chegado e estavam atacando o muro com uma série de explosões e armas. Cada impacto sacudia o chão debaixo dos pés deles. Até o momento, a barreira aguentava os golpes, mas Nova sabia que não duraria para sempre. Os Renegados podiam estar fracos, com números reduzidos, mas ainda não eram inúteis.

Ela não conseguiu deixar de repassar na cabeça a conversa na torre do sino e desejar que as coisas tivessem sido diferentes. Poderiam estar do outro lado do mundo agora, trabalhando para começar uma nova vida. Mas estavam cercados, Adrian era prisioneiro deles e Nova se sentia sufocada pelas expectativas de todos.

Ace esperava que ela fosse a pequena Pesadelo que ele a tinha criado para ser.

Os Anarquistas esperavam que ela terminasse o serviço que começou e que derrubasse os Renegados de uma vez por todas.

E Adrian esperava... o quê? Ele não podia esperar que ela o ajudasse. Já deveria ter entendido. Ela ainda sentia o olhar penetrante dele. Crítico e enojado.

Mas havia horas em que ele parecia quase esperançoso.

Sempre tão irritantemente otimista.

Estar na presença de Adrian a deixou se sentindo tão forte quanto uma lesma em um banho de sal. Agora, a uma certa distância, Nova tentou se concentrar nos sons de guerra fora da casca protetora e nos prodígios que estavam reunidos ao seu lado, se preparando para vencer a batalha que daria a todos a chance de uma vida melhor.

Ela estava ali, com Ace, e estava pronta para lutar, como sempre pretendia. Em pouco tempo, aquilo acabaria e ela poderia ficar tranquila de novo. Poderia ser ela mesma. Poderia ser a Pesadelo que o mundo temia.

— Não vou declamar poesia sobre nossas chances de vitória — disse Ace quando todos estavam presentes. — Sei que vamos ter sucesso. Os Renegados vão cair. — Ele passou um tempo questionando todos sobre seus respectivos papéis. Cianeto tinha preparado as reações químicas necessárias? Chaveiro havia protegido as

entradas do leste? E assim por diante até encarar Nova. Naquele momento, não havia gentileza de família na expressão dele, só uma intensidade que fez o coração da garota dar um salto.

— Vou iniciar as negociações quando o Conselho se revelar. Nossa moeda de troca está pronta?

Ela engoliu em seco. A moeda de troca era Adrian. Ele era um bem agora, um elemento de negociação. Como Ace sempre soubera que ele seria. Durante meses ele encorajara Nova a se aproximar de Adrian, sabendo que poderia ser usado contra os pais.

De alguma forma, ela nunca tinha imaginado as coisas chegando àquele ponto, embora provavelmente devesse ter visto tudo.

As palavras entalaram na garganta dela, e foi Mel quem respondeu.

— Ele vai estar pronto.

Ace sustentou o olhar de Nova por mais um instante e assentiu.

— Assumam suas posições e aguardem meu sinal.

Eles se dispersaram. Nova temia voltar até Adrian, ser abordada outra vez por aquele olhar de esperança misturado com repulsa. Ficou aliviada quando Narcissa correu até ela no claustro, segurando uma pilha familiar de quadrinhos, mas aquilo durou pouco, pois logo ouviu Mel falando com ela.

— Vou indo na frente para cuidar do prisioneiro. Não precisa se apressar, querida.

Bile subiu até a boca de Nova, pensando em Mel e naquela faca. Mas não era problema dela, disse para si mesma, lutando contra todos os instintos de seguir a mulher.

Adrian não era mais problema dela.

Nova enterrou a apreensão e se virou para Narcissa.

— Que bom ver que você ficou.

— É, bem... — Narcissa bateu com a ponta do pé no chão de pedra. — Prometi aos Rejeitados que os ajudaria a conseguir um futuro melhor. E ainda não conseguimos isso.

— Você tem razão — disse Nova com um tom meio sombrio. Ela se perguntou se algum deles, quando estavam planejando a revolução, tinha previsto *aquilo*.

— Você sabe agora, não sabe? Sobre o Sentinela?

Nova ficou tensa.

— Sei — disse ela devagar. — Você já sabia?

— Era o que eu queria te mostrar naquele outro dia.

Narcissa começou a folhear as revistinhas, mas uma explosão alta acima da barreira as fez pular e ela deixou as páginas grampeadas caírem aos pés de Nova. Quando se curvou para pegar a revista, o ar ficou preso em seus pulmões. As páginas estavam abertas no final. Mostrava o personagem principal, o garoto conhecido como Rebelde Z, se transformando em um super-herói. O super-herói que ele precisava se tornar para se vingar do cientista maluco.

Na imagem, ele usava uma armadura incrivelmente parecida com a do Sentinela.

Nova examinou a imagem, se perguntando se isso teria mudado alguma coisa caso ela tivesse visto aquilo antes do ataque na arena. Ela se perguntou se mudava alguma coisa agora.

— Os quadrinhos são bons — disse Narcissa. — Uma pena ele não ter terminado a história.

Nova engoliu em seco, se perguntando se era certo ela ter esperanças de que um dia ele tivesse chance de terminar.

— Obrigada por me mostrar — disse ela. — Mas você estava certa antes. Não muda muita coisa a essa altura.

Nova começou a voltar para a capela onde Adrian, o gentil e correto Adrian, estava algemado em um altar frio, mas, ao dobrar a esquina mais próxima, chocou-se com Mel Harper. Sem fingimento, Mel arrancou a revistinha da mão de Nova.

— Ei! — disse Nova, sem conseguir pegar a revista de volta porque Mel girou para longe e começou a andar pelo corredor, virando as páginas.

— Então foi isso que provocou tanto interesse entre você e a garota dos espelhos? — perguntou Mel, virando as páginas para lá e para cá, inspecionando os desenhos com ar de desprezo. — O que é exatamente?

— Não é... nada — gaguejou Nova. — Devolve, Mel.

— Suponho que seu jovem artista tenha desenhado — disse ela, ignorando Nova. — Deve ter um tempinho. Ele melhorou, né? — Ela riu. — Não que eu seja capaz de fazer coisa melhor.

Ela parou de andar de repente. Estava segurando a revista com as duas mãos, amassando as páginas frágeis, com descuido.

— É quem eu estou pensando que é?

— Não importa — disse Nova. — Nós já sabíamos que ele era o Sentinela, então... — Ela parou de falar, reparando na página em que Mel tinha parado. Não mostrava o Rebelde Z com armadura do Sentinela. Mostrava uma figura encapuzada com dedos ossudos e sombras onde deveria estar o rosto. — Ele... desenhou isso quando tinha uns onze anos — disse Nova. — Devia ter ouvido falar de Fobia da época da Era da Anarquia. Pode ter sido a inspiração para essa... essa coisa... de vilão.

Mel fechou a revista, os olhos cintilando com uma alegria que fez um arrepio descer pela coluna da Nova.

— Mas você não acredita nisso — disse Mel. — Eu ouvi as duas conversando. Há mais desenhos, né? Alguns não tão recentes? — Mel não esperou Nova responder, o que não foi problema, porque ela não sabia o que dizer. Nova não queria mentir para a mulher, mas já via a mente dela calculando o que aquilo significava.

De repente, Mel soltou uma gargalhada alta e botou a mão sobre a boca.

— Ora, ora — disse ela por entre dedos. — Aquele pequeno artista... e ele nem faz ideia, né?

— Não importa. Não há motivo para...

— Perdão, mas discordo! — disse ela, se virando nos saltos. — Mal posso esperar para ver isso.

— Mel, não, espera!

Nova correu atrás dela e pegou a revista, torcendo para que isso a segurasse, mas ela nem pareceu notar enquanto seguia pelos corredores da catedral.

— Mel, por favor! Precisamos manter o foco. Isso não significa nada!

Mel deu um sorrisinho para ela.

— Cuidado, Pesadelo. Estou começando a achar que você talvez esteja se sentindo mal pelo refém.

Nova fez uma careta e parou com as súplicas, mas ficou atrás dela, cada passo a enchendo cada vez mais de medo.



ADRIAN NUNCA TINHA SENTIDO medo de abelhas na vida. Mas também nunca tinha ficado cheio dessas criaturas andando nele como guardinhas com abdômes gordos e listrados e ferrões finos como agulhas que tremiam cada vez que ele se movia. Embora um dos vilões tivesse coberto de gaze os cortes fundos nos braços dele, o sangue havia encharcado alguns pontos e as abelhas pareciam atraídas por ele, amontoando-se nas ataduras.

Tentou se distrair pensando nas criaturas não como arautas de veneno e dor, mas como pequenos milagres da natureza. Ele não sabia quantas espécies Abelha-Rainha conseguia controlar, mas tinha contado nove variedades diferentes enquanto estava sentado ali sozinho. Algumas todas pretas e peludinhas como uma lagarta. Outras finas e de um azul metálico, com envergadura similar às borboletas de *Danna*. Com listras pretas e amarelas. Com listras pretas e vermelhas. Com corpos longos e estreitos, que pareciam mais de uma libélula, e com corpos grossos e de casca brilhante, que mais pareciam besouros, e tudo entre as duas coisas.

Ele estava começando a achar que seus esforços para se distrair poderiam estar equivocados quando ouviu passos no corredor. Abelha-Rainha apareceu com um sorriso largo que deixou Adrian nervoso na mesma hora, se perguntando que nova tortura ela estava elaborando.

Era besteira, ele sabia, mas não deu para evitar sentir um certo alívio quando Nova apareceu atrás dele. Não que ela tivesse feito qualquer coisa para impedir que Abelha-Rainha cortasse suas tatuagens.

— Acabei de descobrir um segredo incrível sobre você! — disse Abelha-Rainha, unindo as mãos na frente do rosto.

Nova abriu a boca para dizer alguma coisa, mas se segurou e a fechou com uma careta.

— Será que consegue adivinhar o que é? — Abelha-Rainha se sentou ao lado de Adrian, o braço encostado no dele. O cheiro de laquê encheu seus pulmões e ele virou o rosto, mas ela não pareceu notar. — Vou dar uma dica. Tem a ver com nosso amigo esquelético sinistro, que gosta de ficar falando de *medo*, *coragem* e *blá-blá-blá*. — Ela revirou os olhos fingindo repulsa.

Com a mandíbula contraída, Adrian olhou para Nova sem acreditar, antes de voltar a observar Abelha-Rainha de soslaio.

— Fobia matou minha mãe — disse ele por entre os dentes. — Não é mais segredo, mas, uau, estou feliz que tenha sido tão divertido para você.

Em vez de parecer decepcionada, Abelha-Rainha ofegou e apertou a mão dramaticamente na base do pescoço.

— É *verdade*, ele matou a Lady Indomável. Ora — os olhos dela cintilaram com crueldade —, isso torna tudo mais interessante ainda, não é?

— Mel — disse Nova, a voz cortante. — Isso não é brincadeira.

— Ah, relaxe — falou Abelha-Rainha, agitando os dedos na direção dela. — Você passou meses saltitando pela cidade com seus amigos Renegados. Está na hora de eu me divertir um pouco também. — Ela piscou para Adrian, mas sua expressão ficou pensativa. Colocou a mão no antebraço dele, bem em cima da ferida, e apertou apenas o suficiente para ele se encolher. Algumas abelhas voaram para longe dele e foram para a mão dela. — Acabei de pensar em uma coisa. Você acredita em arqui-inimigos? Sabe como é, que um herói e um vilão estão destinados a ficar presos em uma batalha eterna até que um enfim destrua o outro? Porque sempre achei que a ideia era meio careta, se é que me entende, a despeito do Ace Anarquia e do seu querido pai, mas estou começando a questionar minha opinião. Porque é tão... — Ela bateu com o dedo nos lábios brilhantes e grudentos. — *Perfeito*. Sua própria mãe, a pessoa que você deve ter amado mais do que qualquer outra no mundo, tirada cruelmente de você por... sua própria... criação.

Adrian olhou para ela e teria continuado olhando, só que uma vespa decidiu naquele momento tentar entrar na orelha dele, e ele soltou um gritinho e sacudiu a cabeça.

— Ah, permita-me — disse Abelha-Rainha, passando o dedo no lóbulo da orelha dele e tirando a criatura de lá.

Adrian tremeu.

— Do que você está falando? Minha criação?

— Veja você mesmo. Pesadelo?

Nova não tinha se movido, então Adrian só percebeu agora que ela estava segurando uma coisa. Uma pilha de papéis. A garota pareceu relutante em entregá-los. Pareceu relutante em fazer qualquer outra coisa além de ficar ali parada, os ombros contraídos e o rosto quase pedindo desculpas, mas ele não achava que fosse a

captura, as amarras ou a tortura que ela lamentava, o que o fez ficar gelado de desconfiança.

— De que ela está falando? — perguntou Adrian.

Nova continuou parada e calada.

— Não seja tímida. Nosso hóspede fez uma pergunta. — Mel se levantou e pegou os papéis da mão dela, que não resistiu. — Vamos ver, onde estava?

Quando começou a virar as páginas, Adrian percebeu o que eram. Seus quadrinhos.

Ele fez expressão de desprezo.

— O Sentinela também não é mais segredo.

— Paciência, paciência — disse Abelha-Rainha. Ela folheou a revista inteira, a terceira e última que Adrian tinha feito, em que o Rebelde Z vestia a armadura e se transformava em um super-herói buscando vingança. Ela chegou ao fim, franziu a testa e começou a voltar, virando as páginas com descuido e pressa. Ele ouviu papel rasgando. Ela chegou na página inicial de novo e suspirou. Segurando a revista só pela capa, inclinou a cabeça para o lado e começou a folhear as páginas *de novo*, como se essa nova perspectiva pudesse ajudar.

Adrian ergueu uma sobrancelha para Nova.

Nova soltou um gemido, entrou na sala e arrancou as páginas da mão de Abelha-Rainha. Ficou de joelhos na frente de Adrian, colocou o terceiro volume de lado e encontrou o primeiro na pilha, em que o Rebelde Z era capturado por vilões famintos por poder, era aprisionado e torturado enquanto todos os amigos sofriam em volta dele.

Parecia bizarramente profético.

Adrian tentou não pensar nisso enquanto olhava seus velhos desenhos. Apesar de saber que não importava no momento, não pôde deixar de fazer caretas pelas feições estranhas e mãos que pareciam estrelas-do-mar gordinhas.

Nova parou em uma página em que uma das crianças sequestradas estava sendo torturada e virou a revista, segurando de um jeito que ele conseguisse ver.

Ele observou o desenho e não conseguiu evitar a surpresa que sentiu. Uma das crianças sequestradas estava morta, ainda presa a uma mesa cirúrgica enquanto o médico e uma enfermeira olhavam de longe. Uma figura e sombras surgiam do

corpo do garoto, como um filete de fumaça preta disforme, mas com uma única mão ossuda apontando para os olhos mortos do menino.

Havia muito tempo que Adrian não via aquelas revistas. Ele se lembrava vagamente das mãos esqueléticas, da capa escura e cheia de sombras. Lembrava vagamente que a criatura fantasma ficaria mais forte ao longo da série e se tornaria um dos inimigos mais temidos do Rebelde Z. Lembrava vagamente o que a criatura tinha se tornado: um vilão feito de medo e morte, sem rosto, sem alma e com uma foice de aparência sinistra que Adrian achou que seria divertido usar em cenas de lutas épicas.

Ele levou só um segundo para adivinhar o que Nova e Abelha-Rainha estavam sugerindo.

Porém... o que estavam sugerindo era ridículo.

— Onde quer chegar? — perguntou ele, olhando de cara feia por cima do papel.

Nova baixou a revista.

— Acho que esse é o Fobia — disse ela com tanto carinho na voz que Adrian sentiu sua fúria se acender de forma irracional.

— Isso aí — replicou ele, indicando a revistinha — é a alma descarnada de um garoto perturbado que foi usado como experimento científico por uma ala maligna do governo.

— Aaah — disse Abelha-Rainha, unindo as mãos. — Olha, eu leria isso.

Nova suspirou e botou a revista no chão.

— Não são só essas revistas. Vi seus desenhos de quando você era pequeno. Bem pequeno. Sabe o fantasma de seus sonhos? Você o desenhou, e muito. E, com o tempo, ele estava virando *isso*. — Ela apontou para as páginas de novo.

Adrian soltou uma risada rouca.

— Espera aí. Você acha que eu o criei? O Fobia?

Nova franziu os lábios até ficarem brancos. Havia tanta pena nos olhos dela que Adrian sentiu vontade de gritar. Ele tinha mesmo ficado aliviado de vê-la poucos minutos antes?

— Faz sentido cronologicamente — disse ela. — Faz sentido com o pouco que sabemos sobre Fobia. Faz sentido porque ninguém tem ideia de quem ele era nem de onde veio. Ele só... apareceu do nada, e bem na época que você tinha idade para começar a desenhá-lo.

— Eu teria quatro anos! — disse ele. — *Talvez* cinco. Eu podia ser bom, mas não era tão bom.

Ela balançou a cabeça.

— Mas não tem a ver com habilidade, não é?

Ele fez cara feia e segurou a irritação. Ela estava certa. O superpoder dele não funcionava com base em sua habilidade artística. Funcionava pela intenção, pelo que ele acreditava que os desenhos podiam se tornar.

— Não — disse ele, balançando a cabeça. — Mas me lembraria de ter criado... aquilo.

— Lembraria? — perguntou Abelha-Rainha. Ela ainda sorria, como se estivesse curtindo uma novela particularmente interessante. — Você se lembra de todos os desenhos que fez quando tinha quatro, *talvez* cinco anos?

Ele olhou para ela de cara feia e sua respiração começou a acelerar.

Claro que ele não se lembrava de todos os desenhos. Sua mãe brincou uma vez que a Cidade de Gatlon teria que abrir uma nova fábrica de papel com a quantidade de páginas e páginas de desenhos de giz de cera que ele fazia.

— Tem também aquela frase que ele diz — disse Nova. — A que ele deixava nas vítimas.

Adrian olhou para ela de cara amarrada.

— O que tem?

— Você me disse que é uma coisa que a sua mãe dizia, sobre ter coragem. Eu acho que você deu essa frase para ele, ou seu cérebro deu, quando era pequeno. Você o criou com aquele pensamento na cabeça.

O coração dele estava disparado agora, ameaçando quebrar o esterno.

— Não — disse ele com firmeza. — Impossível.

— E... Adrian... — O rosto de Nova se contorceu de dor. — Ele trabalha por meio dos maiores medos das pessoas, e você me contou que, naquela época, seu maior medo era... era que um dia sua mãe fosse embora e nunca voltasse.

Um arrepio desceu pela coluna dele. Ele afastou o olhar dela e fitou o canto escuro onde Fobia tinha ficado não muito tempo antes.

O assassino de sua mãe.

Não era possível. Adrian não... ele não podia...

— Sinto muito — sussurrou Nova.

— O que há para lamentar? — observou Mel Harper. — A gente deveria agradecer. Fobia pode não ser o mais encantador dos colegas de quarto, mas se mostrou um vilão eficiente.

— Mel, *por favor* — disse Nova. — Será que pode sair daqui?

Abelha-Rainha abriu para Adrian um sorriso arrogante e vitorioso, e foi esse olhar, cheio de tanta alegria, que fez com que parecesse quase real.

Os pulmões dele tiveram um espasmo e expulsaram o pouco ar que tinham.

— Claro, Pesadelo — respondeu Mel. — Vou dar um tempo para vocês ficarem sozinhos, deixar que nosso jovem herói aceite o fato de que, pensando bem... ele praticamente matou a própria mãe.

— Mel!

Abelha-Rainha saiu da capela, a gargalhada estridente ecoando.

Nova massageou as têmporas.

— Adrian, isso não é culpa sua. Você precisa saber disso. Você era só uma criança. Não tinha como saber o que estava...

— Para.

O som foi tão frio, tão abrupto, que Adrian quase não conseguiu acreditar que tinha saído de sua própria boca.

Mas deu certo. Nova ficou em silêncio.

Seus pulmões não estavam mais colaborando. Parecia impossível fazer seu peito expandir o suficiente naquelas cordas. Cordas que ficavam cada vez mais apertadas, afundando na pele. Havia um suor frio escorrendo pelas costas expostas. O altar de repente tinha ficado insuportavelmente frio.

Fobia era um vilão. Um Anarquista responsável por incontáveis mortes, inclusive da própria mãe de Adrian.

Nova esticou a mão na direção do garoto, mas ele virou a cabeça, e ela parou.

— É impossível — disse ele outra vez, mais intensamente agora. — Minhas criações não duram tanto tempo. Elas morrem. Elas... se apagam depois de algumas semanas, *talvez* meses. Mas não anos. — Ele balançou a cabeça. — Não tem como eu ter criado o Fobia.

— Adrian... — disse Nova outra vez, os dedos tremendo, como se ela quisesse consolá-lo. Mas como poderia?

Eles eram inimigos.

Isso tinha ficado bem claro.

— Se isso for verdade, como você explica os desenhos? O momento deles, as similaridades...

— Coincidência — disse ele com rispidez.

Nova se balançou nos calcanhares, e ele percebeu que ela queria acreditar nele, mas não conseguia.

Ele rosnou, a voz ficando mais alta.

— Eu não criei aquele monstro, Nova! Você acha mesmo que eu seria capaz disso?

Depois de uma certa hesitação, ela balançou devagar a cabeça.

— Não — sussurrou ela. — Mas... não sei se ainda acredito em coincidências.

Os sapatos da Mel reverberaram pela capela de novo e ela apareceu na porta um momento depois.

— Sei que não deve ter sido tempo suficiente para você aceitar essa novidade horrível — disse ela, sorrindo com doçura para Adrian. — A boa notícia é que seu sofrimento vai acabar em breve. — Ela sorriu para Nova. — Ace quer nos ver na torre do sino.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



NOVA PARECEU SE DOER com as feridas nos antebraços de Adrian, mas Abelha-Rainha não teve problema nenhum em segurar os braços dele quando elas fizeram Adrian ficar de pé.

— O que está acontecendo na torre do sino? — perguntou ele.

— Só o seu *fim* — disse Mel com uma risadinha.

Adrian olhou para ela de cara feia.

— Isso é uma ocasião formal? Porque destruíram minha camisa.

— Acredite em mim, essa é a menor das suas preocupações — disse Mel, dando tapinhas no ombro dele.

Nova tirou uma arma do cinto e, apesar de não apontá-la para ele, a ameaça ficou clara.

Adrian balançou a cabeça para ela, ainda abalado pela sugestão absurda de que ele talvez tivesse criado Fobia.

— Você não vai atirar em mim.

Nova o encarou com um olhar tão vazio e desconhecido que Adrian quis na mesma hora retirar as palavras que disse.

Mas pelo menos ela estava olhando para ele, e com o que não era apenas pena pela suposta criação dele. Adrian sustentou seu olhar até Nova ser forçada a desviar os olhos.

Apesar de tudo, continuava impossível imaginar Nova atirando nele. Ele tinha se enganado demais sobre ela, de tantas formas. Mas aquilo a mente dele se recusava a

aceitar.

Nova não o mataria. Nisso ele tinha que acreditar.

Mas será que ela ficaria sem fazer nada quando os outros Anarquistas decidissem que ele não era mais útil? Disso Adrian não tinha tanta certeza.

Era bem provável que ele fosse morrer naquela catedral. Talvez fosse o próprio Ace Anarquia a fazer as honras. Ou até Fobia.

Fobia. O assassino da sua mãe. Uma abominação, talvez, mas não uma com que Adrian tivesse relação. Ele tinha certeza disso.

Não tinha?

Ele não conseguia afastar uma pontada de dúvida. Mel e Nova foram persuasivas, e os desenhos dele *pareciam* com o vilão... mas Fobia atormentava os Renegados havia anos. Era provável que a arte de Adrian tivesse sido inspirada no vilão em um nível inconsciente. Não provava nada. Além do mais, nada que ele tivesse feito tinha vivido tanto assim. Por que Fobia seria diferente?

Ele tremeu só com a ideia; se Nova estivesse certa, ele tinha criado o assassino da sua mãe.

Mas não era verdade. Não podia ser verdade.

Ele trincou os dentes e tentou se convencer de que aquilo era só uma manipulação por parte delas. Algo para distraí-lo. Para deixá-lo desanimado e sem esperanças. Era só isso.

Nova e Abelha-Rainha o levaram por um corredor de estátuas alertas, passando pelo altar principal, até o transepto norte. Abelha-Rainha foi carregando a lanterna, que oferecia luz suficiente para enxergarem, ainda que não o suficiente para iluminar os cantos cheios de sombras. Nova abriu uma porta de madeira pesada e inclinou a cabeça para indicar que Adrian devia ir primeiro.

Ele subiu uma escadaria de mármore que contornava a parede de uma torre grande e quadrada. Dava para ouvir os Renegados dali, os ataques deles acertando a barreira. Embora as janelas fossem estreitas demais para escapar, ele ficava procurando no mundo exterior qualquer sinal do que estivesse acontecendo. Mas só dava para ver vislumbres do domo e da escuridão que o preenchia. Os Renegados ainda não tinham atravessado a barreira.

Eles passaram por dois andares e atravessaram outra porta ainda mais estreita que levava à parte superior da torre. Os degraus mudaram de mármore para madeira.

Tinham chegado a um lugar em que visitantes e fiéis não entravam, onde só sineiros deviam ter pisado no passado.

A escada parecia continuar em espiral até a eternidade e desaparecer nas sombras acima. As janelas ainda eram de estilo gótico, com vitrais presos com chumbo, cercadas de molduras de pedra, mas, fora isso, aquela seção da torre era simples e utilitária. Paredes sem decoração e vigas de sustentação de madeira se cruzavam por baixo da escada bamba.

Adrian subiu. A madeira embaixo dos seus pés descalços estava gasta a ponto de estar macia, e ele ficou agradecido por Mel não ter começado as mutilações em seus pés, senão a caminhada teria sido uma tormenta. Eles contornaram um canto até outro lance de escadas, e ele aproveitou a oportunidade para dar uma olhada em Nova. Ela se irritou e empurrou o cano da arma nas costas dele.

No topo de uma seção particularmente íngreme e estreita da escada, eles chegaram a uma plataforma sólida de madeira. Nova esticou a mão à frente de Adrian para empurrar o alçapão, fazendo tudo que podia para evitar tocar nele.

A porta se abriu com um baque e uma nuvem de poeira saiu pela abertura. Adrian virou o rosto e tossiu.

— Heróis primeiro — disse Mel Harper.

Foi complicado subir o final da escadinha sem poder usar as mãos para se equilibrar, mas Adrian conseguiu fazer isso sem cair de cara no chão. Ele se viu no campanário, onde havia dois sinos enormes suspensos nas aberturas junto às paredes externas. As janelas ali não tinham vidro, para permitir que o badalar ecoasse pelo bairro ao redor.

Quando havia um bairro ao redor.

Lá no alto, os sons da guerra eram mais pronunciados, cada golpe no escudo enorme reverberando pelas tábuas do assoalho. Explosões. Batidas e impactos. Um estalo regular que acertava o domo repetidamente. Adrian não conseguiu deixar de se perguntar que tipo de dano os Renegados poderiam ter provocado se não tivessem sofrido tantas perdas na arena. No fim das contas, ele estava orgulhoso de ouvi-los lutando de forma tão feroz.

Ele foi levado até uma janela, onde um dos sinos menores estava pendurado alguns metros acima, onde podia ver o terreno morto e destruído. A barreira de Ace subia algumas dezenas de metros acima, bloqueando a cidade. Bloqueando o céu.

Para sua surpresa, Abelha-Rainha apagou a lanterna. Embora não estivesse um breu total, estava escuro o suficiente para, por um momento, Adrian mal conseguir enxergar os contornos dos Anarquistas. Nova acendeu alguns dos microssinalizadores e os jogou pela janela. Alguns caíram no telhado inclinado da catedral abaixo, alguns na arcada ampla que acompanhava o lado norte da igreja. Outros caíram na terra estéril lá embaixo. Embora tenham conseguido afastar um pouco das sombras mais escuras, a luz fraca só serviu para deixar a atmosfera ainda mais ameaçadora.

Ao perceber que a atenção de Nova estava na frente da catedral, Adrian seguiu o olhar dela e viu figuras surgindo nos telhados das duas torres a oeste que ladeavam a entrada da grande catedral. Seu sangue ficou gelado quando ele viu Fobia entre elas.

O próprio Ace Anarquia apareceu, reconhecível pelo elmo que parecia emitir um brilho suave próprio. O vilão levantou os braços de forma dramática, e Adrian sentiu Nova e Abelha-Rainha ficarem tensas ao seu lado.

Os escombros que tinham sido reunidos para formar o domo começaram a tremer. Filetes de poeira caíram.

Bem à frente, virado diretamente para a fachada ocidental, um facho de luz apareceu inesperadamente na base da barreira. Não luz do sol, mas algo branco, ofuscante e artificial, como se houvesse um holofote gigante voltado para a barreira. Como portas gigantescas se abrindo, a parede se moveu dos dois lados da abertura. Metal e madeira e pedra raspavam na superfície, se dobrando para dentro até um túnel em arco se abrir entre a área estéril e o mundo lá fora. Adrian apertou os olhos por causa do facho inesperado de luz abrindo caminho direto pela entrada da igreja.

Por um momento, tudo ficou imóvel. Adrian se perguntou o que os Renegados fariam com aquele convite, que só podia ser uma armadilha.

Assim que o caminho se abriu, o ataque no domo externo parou. Um silêncio intenso preencheu o espaço. Adrian sentiu os pelos do braço se arrepiarem, a apreensão pairando no ar como uma carga elétrica.

Eles esperaram. Na imobilidade, ele ouvia a respiração de Nova. Apesar de estar ao lado dele, ela parecia tomar o cuidado de não tocar em Adrian, e, estranhamente, ele traduziu isso como sinal de que ela ainda gostava dele. Adrian sentia uma percepção apurada da proximidade dela e não pôde deixar de acreditar que, se não

sentisse nada por ele, Nova não estaria tomando um cuidado tão grande de evitar um roçar ocasional de pele.

Adrian se obrigou a parar antes que seus pensamentos pudessem seguir por esse caminho, porque essas ideias geravam uma série de perguntas incômodas sobre seus próprios sentimentos, perguntas que ele não estava preparado para encarar. Não com Nova usando uma jaqueta preta com capuz e segurando uma arma apontada para as suas costas.

Engraçado, pensou Adrian, como, na época da prisão dela, ele estava pronto para interpretar a relação dos dois como apenas um jogo para Nova, mas agora se via resistindo à ideia. Talvez, depois de já ter passado por essas dúvidas, seu coração estivesse se recusando a passar por elas de novo. Talvez a negação fosse mais fácil.

Seus pensamentos perigosos foram interrompidos por uma risada cruel de Mel Harper.

— Bingo — sussurrou ela.

Uma figura tinha aparecido na abertura. Uma única silhueta, uma que Adrian reconheceu imediatamente. Ombros largos acentuados pelas ombreiras da armadura. Braços e pernas musculosos usando lycra apertada. Cabelo dourado cintilando na luz, sem nenhuma mecha fora do lugar.

Capitão Cromo entrou, a cabeça altiva ao passar pelo túnel e adentrar a área devastada. Ele estava carregando uma corrente longa de cromo em uma das mãos e a Lança de Prata na outra, a própria imagem do super-herói que tinha subido ao poder na Era da Anarquia.

Assim que ele atravessou o limite da barreira de Ace, o muro rugiu e se fechou atrás dele. Um grito enfurecido pôde ser ouvido dos Renegados que ficaram para trás do outro lado, e Capitão Cromo fez uma pausa. Quando se deu conta de que estava sozinho, ele empertigou os ombros e se virou para a catedral, observando Ace Anarquia e os vilões reunidos nas torres da frente.

Ele parou na metade do caminho e enfiou a ponta do pique no chão. Parecia pronto para destruir os Anarquistas sozinho, e Adrian quase acreditava que ele era capaz.

— Olá mais uma vez, meu querido amigo — disse Ace, a voz ecoando na câmara ampla. — Está sentindo falta de alguma coisa? Ou... de alguém?

Se a provocação teve efeito no Capitão, era impossível dizer. Ele manteve o olhar grudado em Ace Anarquia, tranquilo e inabalado.

— Nós já tivemos essa luta muitas vezes, Alec — respondeu ele. O silêncio, combinado com o domo fechado, fez um eco que espalhou a voz dele até o topo da torre do sino. — Vamos mesmo passar por isso de novo?

— Ah, espero que sim — disse Ace. — Meu plano é que teremos um resultado diferente desta vez.

— Você sabe que não tem como me derrotar.

Ace riu.

— É revigorante ver que sua arrogância não mudou em todo esse tempo. Vamos relembrar: na última vez em que estivemos aqui, você só me superou com a ajuda de um *bebê*.

Adrian tremeu ao ouvir a menção a Max.

— Isso não faz sentido — disse o Capitão Cromo. — Você sabe que não pode me matar. O que está esperando conseguir aqui?

— Bem, pra começar — disse Ace —, eu tenho fantasias antigas de te acorrentar num tanque e te ver submergir até o fundo do mar, pra nunca mais se ter notícias suas.

— Só pra você ter controle sobre uma cidade que não te quer?

— Eu fico satisfeito com vingança neste momento. Vingança por dez anos sendo impotente enquanto *você* corria por aí minimizando quem somos e do que somos capazes. Seus testes transformaram prodígios em atrações de circo, e a forma como você puxa o saco da imprensa é nojento. Você liga mais pra sua própria reputação, pra aprovação dos cidadãos, do que pra cuidar da sua cidade. E talvez isso tenha ido bem por um tempo. Você foi idolatrado. Foi adorado. Mas como está a situação ultimamente?

— Meu trabalho é deixar este mundo mais seguro pra todo mundo, civis e prodígios — disse o Capitão. — O que seria bem mais fácil se nós não tivéssemos que ficar nos defendendo de vilões como vocês!

— Esses civis nos tratavam como abominações! — rugiu Ace. — Você não lembra como era antes de eu decidir que estava na hora de algumas mudanças? Eles nos caçavam! Nos torturavam! Matavam bebês inocentes, só por medo do que eles

poderiam se tornar! E vão se virar contra nós de novo, se não os colocarmos no lugar deles.

— Que lugar é esse? Devemos escravizá-los para os nossos propósitos, então?

— Por que não? — perguntou Ace. — Você sabe que é o que eles teriam feito conosco se pudessem.

O Capitão balançou a cabeça.

— Com você no poder, tudo que as pessoas conheceram foi medo. Eu me esforcei pra resolver suas confusões. Não vou deixar que você faça isso de novo!

Ace fez um ruído de deboche.

— Admito que cometi alguns erros, mas aprendi com eles. Não basta destruir a ordem mundial existente. Você precisa destruí-la... e reconstruir o mundo de acordo com sua visão.

— Não, Alec. Nós recebemos um dom. Temos que usar esses dons pra melhorar a sociedade, não só pra inflar nossos egos. Não apenas pra nos botar em pedestais.

Ace riu, achando graça.

— Muito engraçado ouvir isso vindo de você. Eu não me lembro de nenhum momento em que não tenha se colocado em um pedestal. Além do mais... você está enganado, meu velho amigo. Nós não temos obrigação de usar nossos poderes pra ajudar as pessoas deste mundo, não depois do que fizeram com a gente. Nossa única obrigação é com nós mesmos. E quando os prodígios não forem mais governados por medo ou *códigos* arbitrários, vão reconhecer o lugar deles. Em breve, nós estaremos em uma segunda Era da Anarquia, mas desta vez não seremos vilões. Nós seremos deuses!

O Capitão balançou a cabeça.

— Você está louco, Alec. Você não tem como me derrotar.

— Eu não preciso te derrotar, meu velho amigo. Você vai derrotar a si mesmo. Em pouco tempo, vai saber o que é se sentir impotente, assim como me deixou tantos anos atrás. Cianeto, você pode fazer as honras?

Cianeto enfiou a mão em um bolso interno do sobretudo. Capitão Cromo ficou tenso e apertou os olhos. O vilão tirou uma coisinha do bolso e a ergueu.

Adrian se inclinou para a frente.

— É uma garrafa?

Abelha-Rainha fez *shhh* para ele.

A garrafa saiu da mão de Cianeto e foi enviada flutuando até o Capitão lá embaixo. Hugh rosnou e se preparou, apontando o pique para a garrafa quando ela chegou perto do rosto dele.

— Meu químico-chefe destilou uma remessa particularmente potente da substância que vocês chamam de Agente N — disse Ace. — Nós queríamos fazer um experimento pra ver se você é mesmo invencível ao seu próprio veneno. Você só precisa... beber.

— Por que eu faria isso?

— Porque, se não fizer — disse Ace lentamente —, nós vamos matar seu filho.

Isso também não gerou reação no Capitão, que já deveria estar esperando aquilo. A voz dele permaneceu firme, ainda que com um tom novo de desafio.

— Eu imagino que ele já esteja morto.

— Você acha que eu desperdiçaria um refém como esses? — Ace moveu o braço na direção da torre do sino. — Veja bem. São e salvo.

Abelha-Rainha acendeu o lampião e encheu o campanário com uma luz sutil e firme, chamando a atenção do seu pai para eles. O rosto do Capitão foi tomado de alívio.

— Eu estou bem! — gritou Adrian. — Não se preocupe comigo!

Ele ficou surpreso com a confiança na própria voz.

Ao seu lado, Nova ergueu a arma para que o pai dele pudesse ver e a apontou para a têmpora de Adrian.

Adrian virou a cabeça para olhar para ela e não se afastou nem quando o cano frio encostou na sua testa.

— Você não está me enganando com isso — disse Adrian.

Ela o ignorou, concentrada na cena abaixo.

Ace riu.

— Como você pode ver, ele *não* está bem. O que significa que você tem uma decisão a tomar. Sacrificá-lo para proteger seus próprios poderes ou se sacrificar pra salvar o garoto que criou desde pequeno, que já sofreu tanto na jovem vida. É uma escolha difícil. Vamos ver o quanto você realmente se importa com o *bem maior*.

Hugh observou a lateral da torre e o telhado da catedral, e Adrian conseguia imaginá-lo tentando encontrar outra solução. Um jeito de ser o herói como sempre era.

— Não perca seu tempo — disse Ace. A garrafa balançou no ar. — Esse acordo tem prazo de validade. Além do mais... pode ser que nem te afete. Sua invencibilidade pode persistir. Como vamos saber se não tentarmos?

— Não! — gritou Adrian. — Não faz...

Abelha-Rainha segurou a cabeça dele e bateu na moldura da janela. Ele grunhiu e caiu apoiado em um joelho, a cabeça ecoando como o sino acima. O golpe reverberou pelo seu crânio até os dentes.

Ela o segurou com a cabeça inclinada por cima do parapeito.

Adrian estava prestes a levantar o queixo de novo, preparado para mostrar a Mel e a Nova, a Ace e ao seu pai, como ele podia ser desafiador, quando ouviu um clique e sentiu a arma sendo encostada na cabeça.

Ele soltou uma risada seca.

— Para com isso, Nova.

— Fica quieto — rosnou ela.

Adrian ergueu a cabeça o máximo que conseguiu. Hugh estava olhando para ele com horror pulsando por baixo da fachada firme.

Talvez ele tivesse se engando de novo. Talvez Nova o matasse.

Talvez isso também fosse uma espécie de justiça própria. Ele tinha confiado nela tão profundamente. Ele a tinha recebido de braços abertos nos Renegados, sem hesitação. Começado a se apaixonar por ela. Foi em parte por causa da cegueira dele que ela conseguiu provocar tanto sofrimento.

Adrian se obrigou a ficar calmo. Deixou o corpo relaxar. Ergueu o queixo e encostou a nuca com força na arma. Sustentou o olhar do pai e tentou transmitir o que os dois sabiam que era verdade.

Hugh Everhart não podia se sacrificar. Se Adrian ia morrer hoje, precisava morrer sabendo que os Renegados seguiriam em frente. Que deteriam Ace Anarquia. Que acabariam com aquela guerra entre heróis e vilões... de novo. De uma vez por todas.

Adrian desejou poder transmitir aqueles pensamentos para o pai. Acreditava nele e na organização que ele tinha criado, mesmo tendo lutado contra tantas das suas regras. Ele não tinha medo de morrer. Era um super-herói. O filho de Lady Indomável... e também de Guardiã Terror e de Capitão Cromo. Estar preparado para se sacrificar pelo bem maior fazia parte do emprego.

E os dois sabiam que Adrian não era o super-herói de que aquela cidade precisava. Capitão Cromo era.

Enquanto olhava, ele viu uma coisa surgir no olhar do seu pai. Um pedido de desculpas?

Ele enfiou o pique no chão, pegou a garrafinha no ar e soltou a tampa com o polegar.

— Não! — gritou Adrian.

Seu pai virou a cabeça para trás e bebeu.

Com o coração disparado, Adrian ficou olhando, todos ficaram olhando Capitão Cromo virar a garrafa para mostrar que estava vazia antes de largá-la no chão.

Eles esperaram.

Adrian se perguntou quais seriam as indicações físicas. Os músculos começariam a murchar? A corrente e a lança de cromo derreteriam, como tinha acontecido com o heliotrópio de Ruby?

Capitão Cromo arrancou a lança do chão e a segurou enquanto os segundos se passavam.

Dez.

Vinte.

Trinta.

O ar voltou para os pulmões de Adrian e ele se viu rindo quando a verdade ficou clara para todos.

Não tinha funcionado.

A invencibilidade dele tinha aguentado.

— Que decepcionante — disse Ace. — Mas há mais de um jeito de destruir um herói. — Ele indicou a torre do sino. — Pesadelo, você já foi obrigada a ver seus entes queridos serem assassinados na sua frente por causa da negligência deste homem que se diz herói. Hoje, você vai ter sua vingança! Hoje, o Capitão Cromo vai conhecer a dor que você sentiu quando também testemunhar a morte da pessoa mais preciosa para ele. Eu sentencio Adrian Everhart à morte! Pesadelo, pode fazer as honras.

— NÃO! — gritou Hugh.

Quando Adrian levantou a cabeça, se recusando a se acovardar perante seu destino, Capitão Cromo ergueu o braço e arremessou a lança com toda a sua força

extraordinária na direção da torre.

Na direção de Nova.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



N OVA CAMBALEOU PARA LONGE da janela na mesma hora em que Adrian empurrou a lateral do corpo dela com o ombro, derrubando-a no chão. O dardo voou por cima da cabeça de Adrian, errando por centímetros, e se alojou em uma das vigas de madeira que sustentavam os sinos. Uma nuvem de poeira explodiu pela torre.

Tonta com a onda de adrenalina, Nova se apoiou nos cotovelos e olhou para Adrian.

Ele a encarou, parecendo tão surpreso quanto.

Mel Harper riu.

— O que foi *isso*? Você salvou a vida dela? Ah, querido, se você não fosse tão repugnantemente nobre, até eu meio que estaria apaixonada por você agora.

Adrian não afastou o olhar de Nova.

— Ela salvou a minha vida uma vez — explicou ele. — Algumas vezes, na verdade.

Nova engoliu em seco. Do lado de fora, ela ouviu o Capitão, ainda gritando. O som estava carregado de raiva e medo e da promessa de aniquilar qualquer um que encostasse um dedo no filho dele.

Nova recuperou o fôlego e se obrigou a afastar o olhar de Adrian e de todas as emoções no rosto dele. Da intensidade, da abertura.

Ela salvou minha vida uma vez...

Ela não tinha largado a arma, embora a mão estivesse tremendo quando ficou de pé e voltou para a janela. O Capitão estava correndo na direção da entrada da catedral. Os vilões estavam imóveis nas torres ocidentais, vendo-o chegar. Nova não sabia se estavam nervosos por esse herói supostamente invencível estar pronto para demolir a igreja em busca de Adrian, mas ainda estavam em maior número e tinham a vantagem do terreno mais alto e a familiaridade com a catedral e... Ace.

Eles ainda tinham Ace.

Mas Ace não estava prestando nenhuma atenção no seu arqui-inimigo, Nova percebeu, sobressaltada. Ele estava olhando para *ela*. A boca se moveu, mas, com o barulho alto, ela não conseguia mais ouvi-lo. Ele franziu a testa e chamou Megafone.

Um momento depois, a voz de Megafone explodiu pelo espaço apertado.

— Você queria uma execução, não queria? Que seja!

Ace assentiu para Nova.

Tremendo, ela ergueu a arma. Adrian não se moveu quando ela mirou na têmpora dele de novo.

O coração de Nova estava ricocheteando dentro do peito.

Capitão Cromo soltou outro grito de guerra. Arrastando a corrente atrás de si ao correr, parecia que ele pretendia destruir a igreja, pedra por pedra. Qualquer coisa para deter Nova. Qualquer coisa para manter Adrian em segurança.

Ele foi parado quando uma série de pedaços de madeira se desalojaram do domo e caíram na frente dele.

Ele rugiu e, com um único soco, a primeira viga se partiu. O Capitão pegou outra e jogou de lado, depois firmou a mão na terceira viga e saltou por cima como se fosse um corredor olímpico. Mas, para cada obstáculo que ele saltava, outro estava pronto para assumir o seu lugar. Pneus de borracha. Portões de ferro. Blocos de concreto.

Ace estava brincando com ele. Não estava preocupado de seu antigo rival estar usando toda a força que tinha para chegar à igreja, para chegar a Adrian.

Ace lançou outro olhar interrogativo para Nova, esse carregado de desconfiança.

Ela ajustou a arma na mão. Botou o cano na pele de Adrian. Ele estava virado para a frente, o foco grudado na luta abaixo. Seus óculos tinham escorregado um pouco no nariz. Nova viu a curva dos cílios dele quando ele piscou. O subir e descer regular dos ombros.

Puxa o gatilho, Nova.

A arma ficou pesada. O cabo pareceu grudento na palma da mão dela.

Adrian abriu os lábios. O olhar dele se desviou na direção dela. Ele ainda estava sem camisa, as feridas ainda sangrando pela gaze, e ela sabia que ele devia estar com dor. Mas ele estava tão imóvel. Tão firme.

Só esperando.

Puxa o gatilho.

— O pai dele fez a escolha por você, pequena Pesadelo.

Ela levou um susto. Ace estava no ar, levitando sobre o telhado íngreme da nave.

— E agora — continuou ele —, nós temos que cumprir nossa palavra. Não fazemos ameaças vazias.

Ela tentou assentir, mas não sabia se tinha conseguido. Desta vez, não olhou para Adrian. Seria mais fácil assim. Não vê-lo. Não sentir a respiração dele se movendo por ela. Não lembrar as batidas regulares do coração dele na vez em que ela encostou a cabeça no peito dele.

Os lábios dela se moveram desta vez, dizendo as palavras para si mesma. *Puxa logo o gatilho.*

Isso era tudo que ela precisava fazer, e Ace ficaria orgulhoso, Capitão Cromo ficaria arrasado e os Anarquistas venceriam. A família dela finalmente venceria.

A respiração dela saiu em soluços estrangulados. Ela era a garotinha assustada de novo, olhando para o corpo inconsciente do homem que tinha assassinado sua família. Estava paralisada, sem conseguir mover o dedo, fazer a pequena ação que vingaria a morte da família dela.

Seu pai. Sua mãe. Evie. Tudo que ela amava roubado dela de forma tão brutal e inconsequente.

Seu braço começou a tremer.

Aquilo era para ser sua vingança, mas... não era a vingança que ela desejava. Aquela dor era de um tipo totalmente novo.

Ela não podia perder Adrian também.

Um rugido veio lá de baixo, seguido de um estrondo. Ace se virou. O Capitão tinha contornado a fachada frontal e estava escalando a parede norte da catedral. O estrondo tinha sido uma estátua de um santo sendo jogada no chão, a pedra se estilhaçando.

As mãos do Ace se curvaram em garras. Ele desceu até um dos contrafortes de pedra, rosnando quando o Capitão se jogava de um pilar até um arco de janela, de uma gárgula até um remate. Cada vez que caía em algum lugar, ele abria um buraco novo nas pedras, formando apoios de mão para si enquanto ia subindo mais.

Ace levantou as mãos na direção do Capitão, mas Nova não saberia o que aconteceu em seguida.

Alguém arrancou alguma coisa de seu cinto. Ela ofegou e se virou. Mel tinha pegado sua faca.

— Por todos os esquemas diabólicos — disse Mel. — Se você não consegue fazer, eu faço!

Mel pegou a testa do Adrian e puxou a cabeça dele para trás. Esticou a mão e se preparou para passar a faca pela garganta dele.

— Não! — Nova pegou o braço de Mel e tentou arrancar a faca dela. As duas giraram, ela trincou os dentes e empurrou Mel na parede. — Por favor.

Foi um apelo patético, uma súplica, um apelo desesperado.

A expressão da Mel foi de sobressalto, mas logo se fechou. Ela empurrou Nova, que cambaleou, mas recuperou o equilíbrio. Ela ainda estava com a arma, mas não a apontaria para Mel. Sua aliada. Sua amiga.

— Eu achei que a gente já tinha superado isso — rosnou Mel. — Ele é um Renegado, Nova. É um *deles*.

— Eu sei — respondeu ela, a voz soando fraca mesmo para si. — Eu sei.

Foi tudo que conseguiu dizer. Porque Mel estava certa. E não havia como Nova explicar naquele momento que não se importava. Não podia nem pedir a Mel para não fazer mal a ele. Não podia sugerir que o soltassem, pois para onde ele iria? E o que Ace pensaria?

Mas... mesmo assim.

Mesmo assim.

Ela achou que conseguiria. Achou que sim... por Ace. Pelos Anarquistas. Pela família. Por aquele mundo. Ela conseguiria se fosse isso o necessário para a visão do Ace se tornar realidade. Para os Renegados serem destruídos de uma vez por todas. Para todos os prodígios se libertarem da tirania. Para o equilíbrio de poder voltar na direção de um equilíbrio real.

Mas ela havia se enganado.

Ela não podia matá-lo.

Não conseguia.

E também não podia ficar ali e assistir a outra pessoa matando-o. Não aquele garoto, que tinha lhe dado um sono tranquilo e sem sonhos. Que tinha lhe dado uma estrela. Que tinha lhe dado esperança.

Não ele. Não Adrian.

O rosto de Mel se contorceu.

E Nova ouviu os zumbidos.

Ela mal tinha inclinado a cabeça quando a primeira vespa pousou acima do cotovelo dela e enfiou o ferrão na pele.

Nova tinha visto as abelhas da Mel trabalhando, tinha ouvido os gritos de sofrimento... mas nada a tinha preparado para aquilo. Foi como um prego quente sendo enfiado na pele.

Nova gritou. A arma caiu no chão.

Um segundo ferrão perfurou sua coxa. Um terceiro embaixo da omoplata. Um quarto na panturrilha. Cada um era mais doloroso do que ela poderia ter imaginado. E elas continuaram vindo. Agulhas ardentes sendo enfiadas nela sem parar.

— Para! — berrou ela, caindo encostada na parede. — Mel... para!

Todos os instintos a mandaram fugir, se jogar da torre para fugir dali. Mas um pensamento a mantinha ali, apesar da dor. Se ela fugisse, Mel ia matar Adrian.

— *Por favor* — suplicou ela, batendo em uma vespa vermelha. — Mel... — Ela ofegou quando um ferrão entrou no seu peito. — Isso é errado, Mel! Nós não precisamos... mais... lutar com eles!

— É mesmo? — gritou Mel. — É sério que você achou que ficaria com um deles pra ser seu namorado? Ou que perdoaria o pai Conselheiro dele? Você nunca entendeu, Nova. Você sempre foi jovem demais pra entender.

Outro ferrão penetrou na pele macia atrás da orelha de Nova. Ela tentou cobrir a cabeça e o pescoço enquanto lágrimas quentes borravam sua visão. Ela as sentia em toda parte. Não só os ferrões venenosos, mas as patinhas andando pela pele, as asas batendo no cabelo, o zumbido ensurdecador em volta.

Sua visão turva pousou na pele exposta do tornozelo da Mel. Seu poder pulsou pelo corpo, mais desesperado do que ela já tinha sentido antes.

Só precisava tocar nela...

Ela se jogou para a frente com o braço esticado.

Mel levantou o pé e pisou com o salto nas costas da mão de Nova. Nova gritou.

— Bela tentativa — disse Mel. Ela levantou o sapato e chutou a mão de Nova. — Ace te deu uma ordem e, se você não é capaz de cumpri-la, eu vou fazer isso. O Capitão Cromo tirou tudo de nós. Tudo! E agora... — Ela se virou para Adrian, ainda encostado na parede, as mãos amarradas nas costas. — Agora eu vou tirar tudo dele.

Ela pulou.

Adrian chegou para o lado. Mel bateu no parapeito da janela e derrubou o lampião. O fogo se apagou ao cair e o lampião rolou uma curta distância no piso de madeira, derramando óleo. Mel virou, brandindo a faca sem graciosidade pelo ar. Adrian continuou recuando, desviando dos golpes dela da melhor forma que pôde, observando os passos nas tábuas irregulares. A lâmina roçou no ombro dele.

Nova tentou se concentrar, mas seus pensamentos estavam embotados de dor, os movimentos involuntários enquanto ela se contorcia e se debatia, tentando desesperadamente escapar do enxame.

Seu olhar incerto pousou na arma.

Seu cérebro estava lento pela dor, porque seu corpo inteiro parecia estar queimando por dentro.

As costas de Adrian bateram em um apoio de madeira embaixo dos sinos.

Mel sorriu.

Adrian se curvou para a frente de repente, gritando de dor. Uma vespa preta estava andando no ombro dele. Ele se virou, tentando tirá-la dali... e foi direto para cima de Mel.

Um uivo saiu da garganta de Nova. Ela levantou a arma, com suor pingando no olho.

Outro ferrão afundou no pulso de Nova.

Mel ergueu a faca e se preparou para enfiá-la no peito de Adrian.

Nova firmou a mandíbula para não emitir outro grito e puxou o gatilho.

O coice a jogou na parede de pedra. A arma voou da mão dela, ricocheteou em um dos sinos menores com um estrondo alto e caiu pela janela da torre.

Nova caiu de lado, quando outro ferrão entrou em seu joelho, e choramingou, desejando que aquilo parasse, suplicando para que parasse.

De repente, parou.

Não a dor, mas a saraivada de ferroadas, pelo menos.

Nova soltou um soluço e tremeu quando as vespas cobrindo seu corpo começaram a levantar voo.

Elas voltaram para a Mel. Voltaram para a rainha, cujo corpo estava caído todo torto no piso velho de madeira. Uma pequena poça de sangue estava se formando embaixo do cabelo louro dela. Nova piscou para afastar as lágrimas e viu as abelhas andarem pela pele da Mel. Elas pareciam a estar inspecionando.

Nova começou a tossir. Usou a manga para limpar o catarro do nariz. Ela não parava de tremer. Não conseguia pensar muito além da dor que se espalhava pelo seu organismo. Seu corpo parecia uma série de feridas abertas cobertas por ácido.

Uma das abelhas se afastou de Mel, zumbiu na direção dos sinos centrais por um momento e ficou esperando lá, insegura. Nova gemeu e se encolheu para longe, apavorada, mas a abelha não deu atenção para ela. As outras também começaram a abandonar o corpo da Mel. Só algumas poucas no começo, depois mais, dezenas de cada vez, se dispersando pelas janelas abertas da torre. Abandonando a catedral. Abandonando a rainha.

Só quando o último zumbido tinha sumido foi que Nova teve certeza de que Mel Harper estava morta.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



N OVA APOIOU A BOCHECHA no piso áspero de madeira e chorou. Ela estava ciente apenas da ardência, da dor e do latejar. Queria poder fazer a si mesma dormir. Preferia ficar inconsciente e vulnerável a ter que aguentar aquilo. Preferia estar morta.

Algo estalou no chão e bateu na barriga dela.

Tremendo, Nova abriu os olhos inchados e viu a faca. Adrian estava se aproximando dela de joelhos. Quando chegou bem perto, ele se deitou com o rosto a centímetros do dela. Havia tanta preocupação estampada nas feições dele que ela começou a chorar ainda mais.

— Nova — disse ele. Com gentileza. Suavidade. — Eu posso te ajudar, mas você precisa me soltar. Pode fazer isso?

Ela virou a cabeça e tossiu no piso. As palavras dele soaram distantes. Impossíveis. Ela nem achava que conseguia se sentar, menos ainda usar uma faca. Menos ainda fazer algo de útil.

Mas tinha que fazer alguma coisa. Não podia ficar deitada ali chorando.

— Eu sei — sussurrou ele, encostando a testa na dela. — Eu sei.

Ela fungou. Engasgou-se mais um pouco. Assentiu, trêmula.

Embora sua pele estivesse pegando fogo, e os músculos, duros como pedra, ela apoiou os cotovelos por baixo da testa e se obrigou a se levantar, mas parou e se apoiou de lado no chão. Engoliu um grito de dor quando cada movimento fazia o veneno arder pelas veias de novo.

Adrian se sentou para ela poder ver suas mãos. Ela olhou para a corda pelo que pareciam séculos. Sua visão estava embaçada. Sua mente se recusou a funcionar.

— A faca? — disse Adrian.

Nova a pegou e segurou com uma das mãos com toda a força que conseguiu. Com a outra, apoiou os pulsos de Adrian e começou a cortar. Demorou uma eternidade, mas Adrian foi paciente. Ele virou o corpo da melhor forma possível para facilitar para ela, embora as amarras deversem estar cortando seus braços.

Quando o último pedaço de corda caiu, Nova largou a faca e desabou com um gemido. Adrian se virou e a tomou nos braços. Ela não conseguiu retribuir o abraço, só esconder o rosto no espaço entre o pescoço e o peito dele. Estava chorando de novo.

Com um braço em volta dela, Adrian botou a outra mão na cintura, procurando algo no cinto dela.

Uma gargalhada gorgolejada e histérica saiu dela quando passou pela sua cabeça que aquilo, tudo aquilo, podia ser apenas Adrian se preparando para traí-la. Ele poderia matá-la com facilidade ou amarrá-la com a corda ou pegá-la no colo e jogá-la da torre.

Ela provavelmente merecia.

Mas Nova sentiu o toque de uma caneta na pele embaixo da orelha. Adrian se moveu de leve e ela o sentiu desenhar na sua nuca. Depois de um momento, sentiu uma coisa fria, úmida e calmante pressionando a ferida.

Ela suspirou, praticamente em êxtase com a sensação de conforto.

— O Amuleto da Vitalidade está te protegendo — disse Adrian. — Senão você já estaria morta com tanto veneno no organismo.

— Parece que estou morrendo — disse ela, as palavras arrastadas em algo que era quase incoerente.

— Sinto muito que não faça mais pra aliviar a dor, mas, acredita em mim, seria pior sem ele.

Adrian abriu o zíper da jaqueta dela, despiu-lhe os ombros, tirando os braços das mangas, com cuidado. Ela choramingou cada vez que o tecido encostou na pele inchada.

Depois de deixar a jaqueta de lado, ele mexeu o corpo dela para que Nova ficasse aninhada nele enquanto ele desenhava nos braços dela. Nova observou em silêncio

enquanto Adrian usava a caneta, a mesma em que Nova tinha instalado um compartimento secreto de zarabatana, para desenhar uma lágrima gorducha em volta de cada ferida inchada e depois massagear com carinho usando o polegar. O rabisco virou um unguento fresco com o toque dele. Depois, ele desenhou uma série de curativos e cobriu cada ferroadada.

— É uma pomada contra o veneno — disse Adrian, terminando o primeiro braço e começando uma lágrima nova no outro. — Mel e anti-histamínico. E isto — ele desenhou outro curativo — é uma compressa gelada, pra diminuir o inchaço e a dor.

Os cílios dela se fecharam. Ainda estavam úmidos e pesados das lágrimas, mas ela não estava mais chorando. Embora seu corpo doesse e ardesse, a dor no pescoço e nos braços já tinha diminuído bastante.

— Tudo bem — disse ele, terminando com os braços. Ele inclinou a cabeça e ela sentiu que ele a estava observando, mas manteve a atenção nas compressas que agora cobriam seus membros. — Onde mais?

Ela fez uma careta, se inclinou para a frente e levantou a camisa para que ele visse as ferroadas nas costas. Ele desenhou em cada uma delas, de forma regular e meticulosa, e, quando chegou a hora das pernas, Adrian olhou para o outro lado enquanto ela tirava a calça, chiando e se contorcendo o tempo todo. Ele entregou a jaqueta para ela se cobrir o máximo que pudesse enquanto tratava as feridas, mas Nova sentiu que a modéstia era tanto para o benefício dele quanto para o dela. Ela não ligava para o que ele veria desde que fizesse o sofrimento passar.

Ao longe, ela reconheceu a cacofonia estrondosa de uma batalha. Embora parecesse a quilômetros de distância, ela sabia que estava bem mais perto do que isso. Não parecia que os Renegados tinham rompido a barreira improvisada sobre a catedral, e ela imaginava os vilões nas torres ocidentais, esperando para ver se a estrutura de Ace aguentaria. Prontos para defender o território recém-conquistado com as próprias vidas se necessário.

Esse era o plano. Caso os Renegados atravessassem a muralha de Ace, os vilões defenderiam a catedral a todo custo. Ace insistiu que eles não podiam perder o santuário. Os Renegados estavam fracos, de qualquer modo. Quase metade deles tinha sido neutralizada. Manter a catedral seria fácil.

Nova se viu torcendo para que os Renegados não conseguissem entrar. Ela não aguentava a ideia de outra batalha em que todo mundo ia perder.

Quando Adrian terminou, a dor tinha se tornado uma vibração distante e embotada pelo seu corpo.

Novamente, Adrian lhe deu privacidade quando ela se levantou e vestiu a calça, ocupando-se com os próprios ferimentos. Nova passou as costas das mãos pelas bochechas.

— Obrigada — murmurou Nova, e sentiu lágrimas surgindo de novo. Lágrimas de gratidão, mas também de culpa. Parte dela queria se deitar no piso sujo e antigo e não fazer nada além de chorar até aquela provação horrível acabar. Ela mal se aguentava de pé. — Você não precisava... depois de tudo... — Ela escondeu o rosto nas mãos. — Eu não sei mais o que estou fazendo. Não sei o que é certo e errado e...

— Nova, para. Me escuta. — Adrian segurou os pulsos e afastou as mãos dela do rosto. — Eu nem consigo imaginar como foi sua vida, mas nada disso importa agora. O que importa é que você é boa e forte e corajosa e está disposta a lutar pelas pessoas de quem gosta. Certo?

Ela olhou para ele, sem saber direito se aquela descrição dela era precisa. Quem ela *era*? Quem tinha se tornado?

— Oscar e Danna estão em algum lugar lá embaixo. E o meu pai... — A voz dele tremeu. Parecia que uma eternidade tinha passado desde que o Capitão Cromo tinha escalado a parede da catedral para tentar chegar a Adrian.

Ele estava lutando com Ace, talvez naquele exato momento.

Mas ele era invencível. Ace não tinha como fazer mal a ele.

Certo?

— Me ajuda — disse Adrian. — Ace Anarquia quer que todo mundo morra. Por favor, me ajuda a detê-lo.

— Ele é meu tio — sussurrou ela.

— Ele é um Anarquista.

— *Eu sou* uma Anarquista.

— Não. Você é uma Renegada.

Ela fez uma careta.

— Adrian...

— É, sim, Nova. Se não acredita, você vai ter que confiar em mim.

Ela hesitou. As palavras dele a lembraram o que Ace tinha dito no que pareciam ser séculos antes. *Você não pode confiar neles, Nova. Você não é um deles, por mais que deseje o contrário.*

Mas ela confiava no Adrian. Sempre tinha confiado. Mesmo ele sendo um Renegado. Mesmo não tendo contado para ela sobre o Sentinela. Ela confiava nele.

Ela só não sabia como era possível que ele ainda confiasse nela.

— Adrian, eu preciso que você saiba que sinto muito. Por tudo. Não foi tudo mentira. Meus sentimentos por você...

Adrian aninhou o rosto dela nas mãos.

— Eu sei. E, quando isso tudo acabar, nós vamos ter uma conversa séria sobre guardar segredos um do outro.

Ela riu, embora tenha sido um som nervoso.

— Como você pode ainda confiar em mim? Depois de tudo?

— Nós não temos mais nada sobre o que mentir, certo? Você é a Pesadelo. Eu sou o Sentinela. Ace Anarquia é seu tio. Você e eu podemos ser arqui-inimigos. Mas... — Ele deu de ombros, um pouco triste. — Por acaso eu ainda quero te beijar.

A pele dela ficou arrepiada.

— Quer?

— Tanto quanto sempre.

E ele a beijou.

O beijo foi mais carinhoso do que os beijos apaixonados que eles tinham trocado antes, cheios de fome e urgência. Foi mais paciente. Mais consciente.

Totalmente desprovido de segredos.

Ele começou a se afastar, mas Nova o impediu, passou um braço pelo pescoço dele e o puxou para juntar os lábios aos dela de novo. Ela derreteu junto a ele. Um beijo com mais palavras do que tinham tempo para dizer.

Ela não conseguiu afastar a emoção sufocante da voz quando eles se separaram, a descrença e a esperança que explodiam dentro dela.

— Eu tinha certeza de que você ia me odiar quando descobrisse a verdade.

Adrian fez uma careta.

— Eu tentei no começo. Mas é como você falou. Todo mundo tem um pesadelo.
— Ele encostou a testa na dela. — Talvez eu queira que você seja o meu.

O coração dela inflou, mas ela não conseguiu segurar um sorriso provocador quando chegou para trás.

— Você está guardando isso há um tempo, não está?

— Só há algumas horas. — Ele sorriu. — Mas estou feliz de ter tido a oportunidade de usar.

Nova ficou tentada a beijá-lo de novo quando passos soaram abaixo. O barulho seguiu pela escada de madeira. O alçapão se abriu e Leroy apareceu, ofegante.

— O que está... — Ele parou. Sua atenção foi de Adrian para Nova, para Mel e para as tábuas encharcadas de sangue. O lado direito do rosto dele se contorceu de fúria quando ele se jogou no chão da torre. — Sai de perto dela! — gritou ele, pegando um dos frascos presos numa bandoleira que tinha no peito.

— Leroy... — disse Nova, dando um passo na direção dele. — Espera!

Adrian levantou a mão para interceder.

Leroy soltou a rolha do frasco e o jogou por cima do ombro de Nova.

Nova se virou a tempo de ver um muro cintilante sair da palma da mão do Adrian, como o que tinha protegido a ele e seus pais na arena. O frasco de Leroy se estilhaçou nos tijolos invisíveis, pintando-os com uma mancha de líquido amarelo que chiou e estalou.

Nova se encolheu com o odor rançoso de ácido de tormiceno, uma das misturas favoritas do Leroy. Era conhecido pelas bolhas imediatas que fazia na pele humana, que começariam a apodrecer em uma hora.

— Leroy, escuta, por favor. Para...

— Ele está te manipulando, Nova — disse ele. — Fazendo lavagem cerebral pra você pensar que eles são bonzinhos. Confia em mim. Ele só liga pra salvar a própria pele. — Ele empurrou Nova para longe. Para longe dele, para longe de Adrian.

O muro tremeluziu, a parede dourada se dispersou no ar, e Adrian deu um passo hesitante para a frente.

— Eu não estou manipulando ninguém. Eu gosto da Nova e acho que você também. Se nós pudéssemos...

— Conversar? — sugeriu Leroy com uma risada aguda. — Como você conversou com a Mel, que amava a Nova como se fosse uma filha?

Nova balançou a cabeça.

— Mel tentou matar...

Ela não conseguiu terminar. Em um piscar de olhos, Leroy jogou um segundo frasco; não em Adrian desta vez, mas no chão perto dos pés dele, onde uma poça de óleo do lampião quebrado tinha se formado.

Assim que as duas substâncias se misturaram, elas explodiram com a força de uma banana de dinamite. O piso antigo de madeira desmoronou como um lenço de papel. Adrian berrou e caiu.

Nova gritou e tentou pular para pegá-lo, mas Leroy a segurou, envolvendo com os dois braços a cintura dela para segurá-la. Ela ficou olhando, ofegante, enquanto o corpo de Mel caía no buraco, enquanto madeira e pedra afundavam em volta deles e nuvens de poeira subiam no ar, invadindo seus pulmões.

— Ele é nosso inimigo, Nova. Você precisa entender. Espero que entenda um dia.

Soou um baque pesado abaixo, uma série de estrondos... e uma figura apareceu no buraco. Adrian, praticamente voando. Ele caiu com força apoiado em um joelho na borda do abismo. O piso estalou e gemeu com o peso dele.

— Não, Leroy — disse Nova, a voz carregada de emoção. — Eu espero que você entenda um dia.

Ela passou os dedos na mão encouraçada dele.

— Nov...

Ela não viu se o rosto dele mostrava raiva ou traição. Só deixou que ele caísse no chão, os braços escorregando da cintura dela, e mergulhou para Adrian.

— Espera! — gritou Adrian, tarde demais, a palavra abafada pelo barulho de madeira se partindo e estruturas gemendo. Ele pegou Nova nos braços. O canto do piso, comprometido por causa dos produtos químicos, começou a ceder. — Aguenta firme!

Eles caíram. A explosão tinha perfurado o andar mais alto da escada de madeira, deixando uma confusão de pontas afiadas e vigas abaixo. Lascas de madeira e pedra choveram em volta da cabeça de Nova e ela passou os braços pelo pescoço do Adrian, se preparando para a queda acabar. Ela viu o corpo de Mel na plataforma de madeira seguinte.

Nova olhou para cima, para onde ouvia sinos tocando, e viu o corpo de Leroy escorregando na beirada.

Leroy, inconsciente, caindo.

— Não!

Adrian bateu na plataforma de madeira com um impacto que sacudiu seus ossos. Ele usou o impacto para subir de novo. Pareceu que eles estavam voando. Suas cabeças se chocaram com detritos caindo. O ar assobiou pelos seus ouvidos. As janelas estreitas da torre ficaram embaçadas na visão dela.

Com um braço em volta de Nova, Adrian usou o outro para segurar Leroy pelo tronco. Eles saíram do piso destruído e caíram juntos até a borda do campanário, onde uma pequena parte do piso ainda não tinha cedido às vigas fracas. Nova caiu de lado com um estalo doloroso. O corpo de Leroy bateu na parede de pedra embaixo de um dos sinos externos.

— Esse piso não vai aguentar — gritou Adrian enquanto o gemido delator de madeira e pregos ecoava abaixo deles.

Ignorando as costelas latejando, Nova se levantou e esticou a mão para a janela aberta. Com a argamassa e as pedras, foi fácil encontrar apoios para os dedos, e em segundos tinha subido até a barra que sustentava o sino enorme de bronze. Balançou com o peso dela, o sino tocando como um alarme.

Apertando os olhos em meio à fumaça e aos escombros, ela viu que Adrian estava com Leroy por cima do ombro enquanto usava o pique de cromo que tinha se alojado numa viga acima para subir na enorme estrutura de madeira no centro da torre.

— Não machuca ele, por favor — disse Nova, se segurando nas paredes para manter o equilíbrio.

Leroy começou a escorregar. Adrian o pegou por pouco e grunhiu com o esforço. Ele conseguiu botar Leroy na viga antes de subir também. Curvado de exaustão, ele olhou para Nova.

Nuvens de poeira giravam no ar em volta deles. A madeira continuou gemendo e grunhindo nos andares abaixo.

— Você está bem? — perguntou Adrian.

Ela riu e tirou a franja da testa.

— Não — disse ela. — Leroy é como um segundo pai pra mim. — Ela hesitou e acrescentou: — Ele e o Ace.

Adrian a encarou.

— Não quero parecer cruel, mas acho que a gente precisa arrumar exemplos novos pra você.

Ela amarrou a cara.

— Seus pais também não são perfeitos.

— Eu sei que não, mas, caramba. — Ele indicou o corpo inerte de Leroy.

Nova ajustou o equilíbrio para não se sentir tão instável, os tornozelos presos nas laterais do sino.

— Eu sei que pode não parecer agora, mas ele é um cara legal... — Ela parou de falar, se perguntando como nunca, em todo o tempo em que percebeu que estava se apaixonando por Adrian, considerou como seria se ele conhecesse Leroy e o resto da “família” dela. Nunca valeu considerar porque ela sabia que aquilo jamais aconteceria.

— Bom — disse Adrian com uma risadinha seca —, espero que a gente tenha chance de se conhecer, então.

Ela se concentrou nele de novo, grata por não ter descartado a ideia imediatamente.

— Obrigada por não deixá-lo cair.

— Nós ainda não estamos seguros. — Adrian olhou para o buraco irregular abaixo. — Eu vou ter que me transformar. Sou mais forte com a armadura do Sentinela. Vou conseguir levá-lo para baixo com segurança, mas não sei se consigo levar os dois de uma vez.

— Eu consigo descer — disse Nova, verificando se a bolsinha com as luvas estava presa no quadril. — Só me deixa recuperar o fôlego primeiro.

Pelo menos o corpo dela não estava mais latejando pelas ferroadas de vespa, percebeu ela, apertando a mão sobre a blusa no local onde o Amuleto da Vitalidade estava escondido.

As coisas podiam estar piores.

— Nova? — perguntou Adrian. A expressão dele era de preocupação. — O que Ace está planejando? Para que isso tudo?

— Ele quer destruir os Renegados, principalmente o Conselho, para podermos tomar o controle da cidade. Ele vê os Renegados como tiranos que estão oprimindo os outros prodígios e... e fica dizendo que nós vamos ser deuses.

Adrian bufou com desprezo.

— E ele chama meu pai de arrogante.

Um estrondo súbito sacudiu a torre. Nova deu um gritinho, certa de que a conclusão da explosão faria a torre cair em volta deles. Ela olhou para o telhado da catedral e seu coração subiu para a garganta.

Capitão Cromo estava em cima da torre sul, segurando o pináculo alto com uma das mãos enquanto girava a enorme corrente no ar com a outra. Ace estava levitando acima do pico do telhado, usando seus poderes para arrancar gárgulas de pedra da arquitetura e arremessá-las no inimigo. O Capitão estava tentando acertar Ace com a corrente enquanto bloqueava os ataques constantes.

Nova tremeu. Não por ver os dois em batalha, mas porque Ace estava gargalhando enquanto arrancava as telhas.

— Minha obra de arte, tão recentemente reconstruída e tão facilmente destruída de novo! — disse Ace, parecendo mais alegre do que consternado. — A única coisa que importa agora é que vocês Renegados fiquem enterrados embaixo dos escombros. Vai ser um final adequado depois do que vocês fizeram comigo dez anos atrás!

— Nova — disse Adrian —, a gente tem que impedi-lo. Você sabe disso, né?

Ela ficou com a boca seca.

Era impossível. Eles? Impedirem Ace Anarquia?

Mas ela sabia que ele estava certo.

Chega de heróis.

Chega de vilões.

Inspirando, trêmula, ela o encarou e assentiu.

— Eu sei.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



UM GRITO SOBRESSALTADO CHAMOU a atenção de Adrian para os pináculos da catedral. Seu pai estava caindo, despencando do telhado inclinado. Ele se segurou em um arcobotante e ficou pendurado por um momento antes de se erguer. Com um grunhido, arrancou uma gárgula de boca aberta da estrutura e jogou na cabeça do Ace. Foi desviado com facilidade. Ace nem piscou. Mas, no mesmo momento, o Capitão atacou com a corrente e acertou Ace no peito. O vilão foi jogado para trás, as costas batendo no interior do domo improvisado.

— Ace não consegue controlar as armas do seu pai, não é? — perguntou Nova.

Adrian balançou a cabeça.

— Nunca conseguiu. Não são feitas de metal comum.

— É, eu sei. Sua família é meio assustadora.

Adrian olhou para ela.

— *A minha?*

Ela ousou mostrar um toque de sorriso. Adrian hesitou e começou a rir. Foi uma risada longa, cansada e ofegante.

— Eu vou me transformar no Sentinela agora — disse ele, levando a mão ao esterno. — Tem certeza de que consegue descer?

Nova abriu um sorrisinho.

— Você não sabe com quem está falando?

Ela começou a remexer em uma bolsinha no cinto quando o barulho de madeira se partindo e metal gritando sacudiu a torre. Os dois sinos gigantescos no centro do

campanário estavam sendo arrancados da moldura de madeira.

Adrian puxou o zíper no esterno e, em segundos, a armadura o tinha engolido. Ele pegou o corpo inconsciente de Cianeto e o jogou no ombro quando uma série de parafusos de aço se soltou e caiu nas profundezas da torre estripada.

Ele pulou da viga, conseguindo por pouco se segurar direito no sino ao lado do que Nova estava usando como apoio. Balançou com o peso dele e o badalo bateu nas laterais. Ele se pendurou na barra de sustentação enquanto a outra mão segurava o peso morto de Cianeto e olhou para trás a tempo de ver os sinos centrais se virando para cima e puxando os apoios de forma não natural. A madeira cedeu com um estalo trovejante e os sinos voaram direto para a parede lateral. Adrian se segurou com mais força quando os sinos explodiram pela parte externa de pedra do campanário com uma cacofonia ecoante. Pedras e argamassa voaram para fora e caíram no telhado enquanto os sinos voavam pelo ar na direção do Capitão.

Seu pai se apoiou no alto do arcobotante. Ele se abaixou e o primeiro sino passou por cima da cabeça dele e se espatifou no domo, depois levantou as duas mãos e segurou a borda do segundo sino. O badalo bateu na parede de bronze. Usando o impulso do sino, ele girou e o jogou no Ace.

Ace desviou. O sino passou a centímetros dele e se chocou com a barreira. Uma chuva de detritos caiu no chão.

Adrian ainda estava segurando Cianeto, ainda olhando os sinos, quando a torre começou a gemer.

Já tinha aguentado o máximo de destruição que podia.

Ele olhou para Nova... mas ela não estava mais na janela.

— Nova? — gritou ele, procurando no interior da torre, mas não havia sinal dela. — *Nova!*

O telhado acima cedeu. O pináculo alto caiu para a frente, despencou pelas janelas demolidas e partiu traves e vigas. O peso desequilibrado iniciou uma reação em cadeia que puxou as paredes fracas. Pedras caíram no vão. Decorações de gesso se soltaram e desapareceram no abismo abaixo.

Adrian ainda estava procurando Nova freneticamente quando o parapeito em que ele estava empoleirado se inclinou e ele caiu.

Por favor, ah, por favor, que ela não esteja fazendo nada imprudente agora, pensou ele, vendo a aproximação rápida do telhado da catedral e tentando determinar um lugar

seguro no qual pular. Ele ajustou o braço segurando o vilão inconsciente, murmurando para ninguém especificamente:

— Aguenta aí...

Eles se chocaram com o telhado, que cedeu com o peso. Pedacos da torre caíram em volta, bateram no traje de Adrian, e ele fez o possível para proteger Cianeto dos escombros.

Ele tentou virar o corpo para apoiar as pernas embaixo dos dois e poder usar a mola para absorver o choque do impacto, mas não houve tempo. Eles caíram em um piso de pedra dentro da catedral, pousando com um baque que ricocheteou pelo seu corpo todo. O resto da torre desmoronando caiu pelo telhado fraco e destruiu a parede norte da igreja. Ela explodiu para fora e se espalhou pelo terreno. Os sinos restantes caíram com tanta força que abriram crateras no chão e quebraram pedras.

Adrian estava no meio dos destroços, cada centímetro do corpo doendo.

— Nova — grunhiu ele. Ele verificou se Cianeto estava bem antes de se levantar, trôpego. Mal conseguia enxergar com a nuvem de poeira ao redor. — Nova!

— Eu estou... bem.

Essa foi a resposta fraca. Com o coração saltando, Adrian andou pelos escombros na direção da voz dela.

Ele estava a uma distância curta quando um sino que tinha caído de cabeça para baixo rolou da parede de pedra em que tinha se chocado e acertou o chão com um ruído metálico.

— *Ai* — gemeu Nova.

Adrian ficou paralisado. Ele se inclinou para olhar melhor e lá estava ela. O corpo aninhado dentro do sino de bronze, os braços e pernas apoiados nas laterais curvas.

— Nova — sussurrou ele, chegando para a frente e a ajudando a sair. Ele a puxou junto ao peito, embora o abraço não fosse igual agora que ele estava de armadura.

— Seu traje me deu a ideia — disse ela, a voz abafada junto ao peitoral.

— Genial — respondeu ele. — Você se machucou? — Depois de um momento de consideração, ele acrescentou: — Muito?

Nova grunhiu, mas disse:

— Não muito. Leroy?

— Ele está vivo. A gente tem que encontrar um lugar para colocá-lo antes que tudo isso desmorone.

Nova se afastou e tirou alguns escombros do capuz enquanto Adrian limpava poeira do visor do elmo. Eles observaram os destroços. A torre do sino que tinha desmoronado abriu um buraco naquela parte da catedral, demolindo quase todo o canto nordeste.

O corpo de Adrian permaneceu tenso, esperando a próxima catástrofe acontecer. Mas só houve o craquelar contínuo de poeira e detritos.

— Nós podemos botar Leroy dentro de um dos sinos — sugeriu Nova. — Acho que ele vai caber, vai ser o lugar mais seguro que a gente vai conseguir encontrar.

Cianeto coube dentro do sino, embora provavelmente fosse acordar com um torcicolo horrível depois.

— Então — disse Adrian, vendo Nova pegar alguns frascos na bandoleira de Cianeto e enfiá-los em um bolsinho do cinto. — Como a gente detém o Ace?

O rosto dela se franziu. Ele demorou um segundo para lembrar que ela não via o rosto dele por trás do visor. Ele apertou um botão na lateral do elmo para abrir a proteção facial.

— Desculpa.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei se Ace pode ser impedido, não enquanto estiver com o elmo. A não ser que possamos encontrar uma forma de neutralizá-lo.

— Tem mais Agente N?

Ela pensou nisso.

— Você ainda está com a minha caneta? Eu tenho um dardo com Agente N na câmara.

— Está aqui. Se a gente conseguir te levar até o telhado, você acha que consegue chegar perto o suficiente para usar?

— Talvez — disse Nova. — Mas se ele perceber o que estamos tentando fazer... vai quebrar o dardo como se fosse um graveto.

— Se alguém é capaz de fazer isso, esse alguém é você.

Ela olhou para ele de esguelha.

— E Oscar e Danna? — perguntou ele. — Onde eles estão?

— Foram trancados na tesouraria quando isso tudo começou. Vem.

Ela o levou por um lance curto de escadas e por um corredor curvo, passando por uma capela que era só um pouco menos assustadora do que aquela onde ele tinha ficado antes.

Nova ficou paralisada, olhando para a sala adjacente à capela. Antes havia portas de vitral ao redor, mas o vidro tinha se espatifado todo. O aposento estava vazio e arrumado comparado com a destruição no resto da catedral. E estava desocupado.

— Eles estavam aqui — disse Nova, as botas esmagando vidro quebrado.

Adrian reparou em cordas cortadas jogadas no chão.

— Devem ter encontrado uma forma de fugir.

Nova não pareceu convencida.

— Talvez.

Eles trocaram um olhar carregado de uma pergunta.

Encontrar Oscar e Danna... ou tentar impedir Ace Anarquia?

Adrian suspirou e tentou guardar uma esperança no fundo da mente de que seus amigos estivessem bem, onde quer que estivessem.

— O telhado?

A expressão de Nova endureceu e ele reconheceu a mesma determinação que fez seu coração saltar quando ele a viu nos testes.

Ela assentiu.

— Vamos acabar com isso.

Os dois correram pela capela, mas, quando estavam passando pelo coral, um grito agudo fez os dois pararem. Adrian olhou pela parede na direção do altar.

Ele ofegou e puxou Nova de volta para o corredor.

— O que é? — perguntou Nova.

— Pássaros!

Ela hesitou só por um momento, empurrou o braço de Adrian e olhou.

O santuário que cercava o altar estava cheio de corvos negros enormes. Em toda parte, olhos pretos brilhantes, bicos pretos afiados, pés pretos. Eles estavam empoleirados nas amuradas que separavam o santuário do coral, nas decorações dos grandes pilares e nos parapeitos altos que iam até o teto abobadado. As asas negras batiam no ar enquanto os corvos voavam pelo espaço, como uma nevasca escura como tinta. Um clamor de grasnidos furiosos ecoava pelo aposento.

No centro do tumulto, agarradas uma à outra na base do altar estavam Danna e, quem imaginaria, *Narcissa*. Danna estava encolhida em posição fetal, a cabeça no colo de Narcissa enquanto ela tentava se proteger com os braços. Narcissa estava com um braço em volta dela, embora seu rosto estivesse pálido de pavor e o outro braço ficasse se balançando no ar para afastar os pássaros.

Não estava adiantando. Eles enfiavam as garras nos membros das duas. Bicavam as pernas de Danna.

— Ah, para com *isso* — suplicou Narcissa para ninguém. — Pássaros eram uma coisa de que eu *não* tinha medo!

Adrian ainda estava tentando entender o que via quando uma figura surgiu de trás de um pilar, portando um castiçal antigo como espada. Oscar rugiu grosseiramente para o bando, tentando afastá-lo enquanto ia na direção do altar.

— Monarca! — gritou ele. — Você precisa se levantar!

Assim que Oscar subiu na plataforma, os corvos convergiram em um redemoinho, prendendo os três dentro de um funil. As asas e corpos eram tão densos que pareciam impenetráveis.

E aí, os pássaros pegaram fogo.

— É o Fobia — disse Nova. — Danna tinha medo de pássaros e eu tenho quase certeza de que Oscar tem medo de fogo.

A pele de Adrian se arrepiou com a menção do assassino da sua mãe, o fantasma que era tão bizarramente parecido com seu pesadelo de infância.

— Eu preciso de algo em que desenhar — disse ele, pegando a caneta de Nova. — Nós precisamos de água. Uma mangueira ou sprinklers?

Nova fez uma careta.

— Ele só vai se transformar em outra coisa.

— Então o que a gente faz?

— Não sei. Ele não é um prodígio normal. Até onde eu sei, ninguém nunca conseguiu machucá-lo, não com armas nem superpoderes. — O olhar dela ficou intenso. — Mas... Adrian... se você o *fez*...

— Isso não é verdade! — disse ele rispidamente.

Nova se encolheu.

— Tudo bem — disse ela, apaziguadora. — Mas estou dizendo que, se por um acaso foi você, será que não tem um jeito de você o destruir?

— Só que eu não...

Narcissa gritou, um som de pura agonia, quando o fogo chegou mais perto. Adrian nunca teve certeza do quanto a habilidade do Fobia era mera ilusão, mas a dor da garota pareceu bem real. Ele se encolheu.

— Eu não o criei e, mesmo que tivesse criado, não saberia como detê-lo.

— Bom, começa a pensar em algo — disse Nova. — Uma coisa que eu sei é que o melhor jeito de lutar contra o Fobia — ela empertigou os ombros — é sendo corajosa. — Ela desceu a escada para o santuário e parou virada para as chamas ardentes. Eram tão intensas que Adrian precisou abaixar o visor de novo para poder olhar, mas Nova nem se encolheu.

— Nova? — Ele sentiu o calor das chamas mesmo com a armadura, e ela estava bem mais perto do que ele. Estava impressionado por ela aguentar.

Aí ela entrou no fogo.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



— **N**OVA! — GRITOU ADRIAN... e seu grito rompeu o silêncio repentino e inesperado. O furacão de chamas havia desaparecido tão rapidamente quanto tinha começado.

Nova, incólume, estava a uma curta distância dos outros, abraçados no chão. O rosto deles estava pálido, os cabelos encharcados de suor.

Quanto tempo Fobia tinha passado atormentando-os? Há quanto tempo eles estavam tentando enfrentar seus maiores medos enquanto o Anarquista os exauria lentamente com suas maiores fraquezas?

BAM.

Todos pularam ao ouvir o tiro. Foi alto de estourar os tímpanos, e Adrian se virou, tentando encontrar a fonte, com a certeza de que o som tinha sido disparado a centímetros da cabeça dele. Mas o santuário estava vazio.

BAM.

Nova choramingou, o que atraiu a atenção de Adrian de volta para ela. Os olhos dela estavam bem fechados e ela estava tremendo da cabeça aos pés, as duas mãos segurando a cabeça.

BAM!

Uma sombra surgiu na frente de Nova. Por um momento, Adrian viu o contorno irregular de Fobia se formando, capa ondulando, a foice afiada, mas ele se metamorfoseou em outra coisa em seguida.

Um homem. Um homem enorme, bem mais alto do que o corpo pequeno de Nova. O queixo dele estava coberto de barba por fazer. Ele tinha cabelo claro preso na base da nuca. Havia uma mancha de sangue seco na testa.

Ele estava segurando uma arma, encostada na testa de Nova.

Um ódio como Adrian nunca tinha sentido cresceu dentro dele e, quando se deu conta, estava atacando o homem pela lateral do corpo. Os dois caíram. O homem bateu de costas ao lado do altar, mas o impulso de Adrian o jogou rolando pelo chão. Ele acertou uma coluna, que sacudiu com o impacto da armadura.

Do outro lado do santuário, Nova soltou o ar, trêmula, e caiu de joelhos.

O homem começou a rir. O corpo dele se dissolveu em filetes de fumaça escura antes de se reformar em uma capa preta comprida. A arma se alongou em um cajado com lâmina curva.

— Mestre Everhart — disse Fobia, a voz rouca fazendo Adrian se contorcer de repulsa. — Eu tinha esperanças de que nossos caminhos se cruzariam novamente antes do fim desta noite.

Adrian se levantou, uma das mãos apoiada em um armário com entalhamento detalhado. Ele espiou a escuridão onde um rosto deveria estar e se deu conta de que aquele era o momento que ele tinha passado anos imaginando. Havia encontrado o assassino da sua mãe. A justiça estava ao seu alcance.

— Você matou minha mãe — disse ele por entre dentes. A imagem surgiu espontaneamente na cabeça dele. O corpo quebrado da mãe, o grito silencioso. Ele foi tomado de medo de novo, mas precisava ganhar tempo. Precisava pensar.

Atrás de Fobia, ele viu Nova mandando os outros correrem. Narcissa pareceu gostar da ideia, mas Oscar e Danna estavam olhando para Nova sem acreditar. Eles não confiavam nela. Por que confiariam?

Mas, por outro lado... como tinham passado a confiar na caminhante de espelhos?

— Matei — disse Fobia. — Talvez tenha sido minha morte favorita. Você sabe qual era o maior medo dela?

Adrian apertou as mãos.

— É fácil de adivinhar. Mães sempre têm medos tão previsíveis. — As palavras transbordavam repulsa e tédio. — Ela temia perder você. Temia que esse mundo

sombrio e cruel fosse estragar o filhinho querido dela. Que o estragasse ou matasse, o que viesse primeiro. — Ele riu. — Quer saber qual foi a última coisa que ela viu?

Adrian não disse nada.

— *Eu...* segurando o corpo do filho dela morto nos meus braços. Nem precisei dizer nada. Ela deu uma olhada, começou a gritar e... desistiu. Acho que talvez tenha esquecido que sabia voar. — Ele estalou a língua, decepcionado. — O grito dela foi uma sinfonia. Ouço até hoje.

Com um rugido gutural, Adrian pegou o armário estreito ao seu lado e o jogou em Fobia.

O vilão se dissolveu antes do impacto e desapareceu em uma nuvem de fumaça. O armário caiu de lado, a porta se abriu e uma variedade de cálices e urnas se espalharam pelo chão.

Fobia reapareceu acima do altar.

— Você é muito parecido com ela, sabia?

Adrian arrancou uma estátua de uma alcova próxima e também a arremessou. Fobia a bloqueou com o cabo da foice e fez a figura de mármore deslizar até o coral.

— Você também tem medo de perder as pessoas que ama. É um medo comum. Compartilhado por prodígios e humanos. Mas, pra você, tem um elemento a mais de... responsabilidade. Seu maior medo é perder seus entes queridos sem que você possa impedir.

Adrian deu um salto e pulou no altar. Desta vez, levou a mão ao pescoço de Fobia, como se para estrangulá-lo, mas, novamente, o vilão sumiu assim que foi tocado.

Ele reapareceu atrás de Danna e segurou a testa dela com a mão esquelética. Puxou-a com força para junto da capa e virou a foice para que a ponta da lâmina ficasse encostada no ponto mais macio da base da garganta.

— Não há nada tão debilitante — sussurrou Fobia — quanto ver uma pessoa amada sofrer.

Adrian invocou o raio de energia do braço e só depois lembrou que Abelha-Rainha tinha cortado a tatuagem da pele.

— Não!

Rosnando, Danna segurou dois dedos esqueléticos de Fobia e os dobrou para trás com o máximo de força que conseguiu. Os dedos se quebraram na mão dela. Fobia

chiou e seu aperto afrouxou o suficiente para ela fugir. Assim que Danna se afastou, uma saraivada de estrelas cortou a capa de Fobia. Ele desapareceu no ar, assim como os ossos que Danna tinha arrancado da mão dele. As estrelas bateram na parede do outro lado do santuário, uma se alojando na argamassa, as outras duas quicando e deslizando pelo chão.

— Danna, Oscar, saiam daqui! — gritou Nova. Ela passou correndo pelo altar e pegou as estrelas. — Vocês não são mais super-heróis, e ele só vai ficar usando vocês contra o Adrian se não forem embora!

Oscar olhou para ela com expressão exausta e se virou para Adrian.

— Desculpa, a gente está fazendo isso de novo?

— O quê? — perguntou Adrian.

— Confiando nela! — gritou Oscar.

Antes que Adrian pudesse responder, Fobia surgiu de novo, bem acima de Oscar. Ele levantou a foice e Adrian ofegou, já visualizando a lâmina cortando o pescoço do amigo.

Mas um grito de guerra ecoou pela câmara e Danna veio correndo pelo corredor. Ela se jogou em uma série de saltos que a levaram para debaixo do braço esticado de Fobia. Aconteceu tão rápido que só quando Danna subiu em um canto e derrubou velas apagadas foi que Adrian percebeu que ela tinha roubado a foice.

— Podemos não ser mais prodígios — disse Danna, lançando um olhar na direção de Nova —, mas ainda somos super-heróis.

— Que gracinha. — Fobia apontou um dedo pálido na direção dela e a foice se tornou uma serpente se contorcendo na mão de Danna. Ela gritou e a largou. Assim que a criatura bateu no chão de pedra, se transformou em um milhão de aranhas pretas, que saíram correndo em todas as direções. Narcissa e Oscar gritaram.

As aranhas se mesclaram com a capa do Fobia e ele pareceu ficar mais alto, como se estivesse sugando as sombras ao redor.

A mente de Adrian procurou opções. Ele podia pular bem alto, podia levantar coisas pesadas, podia bater com a manopla em paredes de concreto, podia... desenhar coisas. O que ele poderia desenhar? Tudo parecia inútil com Fobia.

— Tudo bem, *Pesadelo* — disse Oscar, a voz carregada de desdém. — Você deve conhecer a fraqueza dele, né? Como a gente derrota esse cara?

Fobia continuou crescendo, a escuridão o cercando como uma névoa. Seu corpo se esticou para cima até ele parecer ocupar todo o santuário. Era um gigante composto de sombras e fumaça, prestes a engolir todos eles.

— E aí? — perguntou Oscar.

Nova balançou a cabeça.

— Não sei.

O pânico dela era evidente.

Como se mata um fantasma? Como se mata um pesadelo?

— Útil, como sempre — murmurou Oscar.

— Eu mandei vocês fugirem! — gritou Nova.

Adrian deu um passo para trás e esticou o pescoço quando a forma enorme do Fobia se expandiu, um buraco negro vivo sugando a luz do aposento. A foice estava na mão dele de novo, uma lâmina ameaçadora acima.

O sangue latejou nas têmporas de Adrian.

Como se mata um fantasma?

— Vocês querem conhecer medo? — disse Fobia, a voz berrando de todas as direções. A forma dele engoliu todos e bloqueou o resto do mundo. — Medo do escuro. Medo de ficar preso. Medo da morte. Sou mestre disso tudo. — Enquanto o santuário sucumbia a uma escuridão impenetrável, Adrian e os outros foram forçados a se aproximar e se juntaram no altar.

— Eu não tenho medo de você — disse Adrian, ousando dar um passo à frente nas sombras. Suas botas pesadas estalaram no piso de pedra.

— Na verdade, tem — disse Fobia com uma risada baixa e sinistra. — Mas tem mais medo ainda de saber a verdade.

Adrian hesitou.

A voz de Fobia baixou a um sussurro.

— Ou você já sabe?

Um calor subiu pelo pescoço de Adrian. Não era verdade. Não podia ser.

— Acho que eu deveria agradecer — disse Fobia. — É um dom raro conhecer seu criador.

Adrian se encolheu e colidiu com a parede.

Outro jogo, ele disse para si mesmo. Fobia estava brincando com ele.

— É impossível — disse ele. — Você teria morrido anos atrás. Teria se desfeito, como todo o resto!

— É mesmo?

O capuz do Fobia tinha chegado ao domo, e a escuridão engoliu o ambiente. Só havia sombras em todas as direções. Parecia a própria morte se fechando sobre eles, sugando o calor do ar, os sufocando lenta e agonizantemente...

— Acho que eu deveria estar morto — disse Fobia —, mas você foi inteligente na sua juventude temerosa ao me imbuir de uma fonte infinita de força. Um poço de poder infinito. Seus... próprios... medos.

Adrian tremeu.

— De que você está falando?

— Eu tinha medo de passarem, conforme você envelhecesse, mas eu não precisava ter me preocupado. Os medos podem mudar, mas não desaparecem nunca. Houve uma época em que você temia perder a sua mãe acima de tudo, mas quando esse pesadelo se tornou realidade... havia outro espreitando para assumir o lugar dele. Medo de perder sua nova família. Medo do fim dos Renegados. Medo da vitória de Ace Anarquia. Medo de sempre ficar na sombra dos seus pais. Medo de perder mais pessoas amadas. Medo de ficar fraco e impotente quando mais importava. — Ele riu, quase com prazer. — Não há fim para os seus medos, mestre Everhart, e não há fim para a vida que eles me dão.

Adrian tentou engolir em seco, mas foi como engolir um monte de areia. Ele começou a se engasgar.

A repetição persistiu no fundo dos pensamentos dele (*impossível*), mas ele sabia que era só porque Fobia estava certo. Ele morria de medo daquela verdade.

Porque, se ele tinha criado aquele monstro, isso significava que tinha criado o assassino da sua mãe. Mas, em vez da raiva que o tinha motivado a procurar o assassino, ele agora só sentia uma perturbação e um cansaço profundos. Tinha criado aquela coisa. Em algum nível, *ele* era responsável por cada ato indescritível que o Fobia já tinha cometido. Sua imaginação tinha elaborado uma criatura desalmada e ele a soltou no mundo. Ele era o responsável por Fobia ser vilão, assassino, tudo que Adrian abominava.

Adrian trincou a mandíbula até achar que seus dentes quebrariam.

Fobia era seu pior pesadelo ganhando vida, e era tudo culpa do Adrian.

E agora, Fobia o mataria, mataria seus amigos, mataria Nova. Pessoas que ele daria qualquer coisa para proteger.

Havia uma espécie de sentido nisso. Adrian até se viu se perguntando se talvez merecesse morrer, agora que sabia que um dos seus desenhos tinha provocado tanto sofrimento. A culpa se acomodou no seu âmago.

Talvez uma morte nas mãos do Fobia fosse adequada. Ele desconfiava, embora não tivesse certeza, de que todas as suas criações fossem perecer quando sua vida terminasse. Isso ofereceria uma espécie de justiça própria se a morte de Adrian e de Fobia estivessem intrinsecamente entrelaçadas. Só faltava aquele momento de satisfação que Adrian talvez sentisse por ver o assassino da mãe liquidado de uma vez por todas. Só faltava sua vontade de vingança.

Nova acreditava que havia uma forma de Adrian destruir Fobia. Talvez fosse essa. Talvez a morte dele fosse o único jeito.

Uma gargalhada alta sacudiu as paredes.

— Ah, a doce coragem de alguém pronto para morrer — disse Fobia. — Mas não se entregue ainda às suas fantasias de sacrifício. Eu não vou *te* matar. — A foice enorme balançou preguiçosamente acima, um raio de luz prateada cintilando na escuridão. — Vou matar é a *elas*, enquanto você assiste e sabe que não pode fazer nada para me impedir.

— Não! — Adrian deu um pulo para a frente, mas caiu sobre um joelho. A escuridão tinha se adensado e se tornado tangível, deixando-o preso. Ele mal conseguia ver os rostos abalados dos seus amigos nas sombras. — Não... você não pode...

Fobia conhecia seus medos bem demais. Sabia como isso atormentaria Adrian. Estar impotente, perder as pessoas amadas e não poder impedir, assim como tinha perdido a mãe. Suas costelas se contraíram, sufocando-o. Ele não podia deixar que isso acontecesse. Não podia deixar Fobia vencer. Tinha que haver um jeito de derrotá-lo. Ele faria qualquer coisa. *Qualquer coisa*.

De repente, ele soube.

Ou teve uma esperança.

Porque, se não desse certo, seria o maior erro da sua vida.

Tossindo contra a pressão das sombras, Adrian esticou a mão para a armadura e retraiu o traje protetor. As placas de metal se dobraram para dentro por seus

membros, deixando-o com o que restava do uniforme de Renegado, ainda sem camisa, a pele pontilhada de sangue seco e os curativos que ele tinha desenhado às pressas no campanário.

— Adrian! — gritou Nova pelo vão. Ele mal conseguia vê-la na escuridão. — O que você está fazendo?

— Eu tive uma ideia — respondeu ele, abrindo a caneta de Nova, a que tinha a câmara com o dardo escondido. Ele a abriu e tirou o dardo de dentro, cheio com o líquido verde denso familiar. Sua boca ficou seca.

— Não vai dar certo! — gritou Nova. — Não desperdiça!

Adrian a ignorou, pegou do templo um tomo enorme com capa de couro e o abriu no chão. Encostou a caneta no papel e começou a desenhar.

A voz de Fobia soou estrondosa na catedral.

— Estou impressionado. — O olhar de Adrian percorreu as sombras e foi até o vazio embaixo do capuz do Fobia, que agora estava roçando nas vigas do telhado, bem acima. — Sua coragem é impressionante para criaturas tão insignificantes. Mas você sabe o que dizem sobre coragem. Quem não tem...

— ... medo não pode ser corajoso, blá-blá-blá — disse Adrian, lembrando como Winston Pratt tinha debochado da frase favorita do Fobia. — Mas sabe o que dizem sobre o medo?

O capuz tremeu em volta do rosto obscurecido do Fobia.

Adrian apertou a mão no livro e tirou o desenho das páginas frágeis. Uma vara estreita, do comprimento do seu antebraço, com uma cruz achatada em uma ponta. Brilhou como uma brasa acesa no escuro.

A mão dele começou a tremer.

— Adrian — grunhiu Nova. — Isso é um *ferro de marcar*?

Adrian a ignorou e olhou para as sombras.

— Não pode ter medo — disse ele — quem não tem nada a perder.

Seu estômago se embrulhou e ele virou o ferro para si mesmo.

— Adrian! — gritou Nova, a voz carregada de pânico. — *Adrian!*

Ele se preparou e, antes que pudesse se convencer a mudar de ideia, enfiou o ferro quente na tatuagem de imunidade no peito. Um grito de dor foi arrancado dele. Quase na mesma hora, o odor enjoativo de pele queimada encheu o santuário.

Quando ele afastou o ferro, um X vermelho profundo tinha destruído a tatuagem.

Ele largou o ferro com um tremor. Sentiu-se tonto de dor de repente, com pontos brancos surgindo na visão, mas a adrenalina e a força de vontade o mantiveram de pé.

Ele fechou a mão no dardo cheio de Agente N e observou as profundezas do capuz do Fobia. O fantasma que tinha assombrado seus sonhos de infância. O pesadelo que roubara sua mãe.

O monstro que ele tinha criado.

Fobia chiou, pareceu quase preocupado por um momento, mas sua risada grave sacudiu o santuário de novo.

— Não seja tolo. Mais do que qualquer prodígio que eu já encontrei, *você* tem medo de ficar sem poderes. Você nunca...

Adrian trincou os dentes e enfiou a agulha na própria coxa.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



ADRIAN CAIU, APOIADO EM um joelho, sabendo que não havia mais nada que pudesse fazer. Ou aquilo daria certo, ou ele tinha desistido de tudo por uma loucura. Por uma ideia. Ele nem sabia se era uma das boas.

Além disso, seu peito estava ardendo demais, e ele achou que talvez desmaiasse de dor e da perda de sangue, e as sombras da capa do Fobia ainda o envolviam, ainda se fechavam em volta dele e dos amigos, ainda os engolia inteiros.

Quando o Agente N começou a fazer efeito, ele estava quase fraco demais para notar. A sensação foi parecida com a de estar na quarentena com Max antes de descobrir o Amuleto da Vitalidade e fazer a tatuagem. Foi como uma fagulha se apagando dentro dele. Um arrepio percorreu seu corpo. Uma drenagem lenta de força, concentrada nas mãos. Nos dedos que tinham desenhado tantas coisas incríveis em seus quase dezessete anos.

Os dedos que tinham desenhado o próprio Fobia.

Eles formigaram e ficaram frios até Adrian quase não conseguir senti-los.

Ele ouviu uma tosse rouca.

— Não — sussurrou Fobia. — Isso não é... Você não pode...

Ele gritou quando começou a desaparecer. Sua capa sumiu como uma névoa numa brisa, uma nuvem de cinzas ondulando sobre o piso do santuário. A capa, os dedos de esqueleto, o capuz de sombras e, por fim, a foice... Uma espiral de fumaça a girando no ar antes de desvanecer.

Adrian prendeu o ar. Contou até dez.

Fobia não voltou.

Adrian caiu para a frente. Um calor estava voltando aos dedos, mas não vinha da sensação de poder que ele conhecera a vida toda. Sabia, sem dúvida nenhuma, que poderia desenhar cem flores ou mil armas ou um milhão de dinossauros e nenhum deles voltaria a ter vida.

E tudo que ele tinha feito antes... sumiria? Todos os trabalhos que ele tinha feito reconstruindo a mansão do prefeito... a selva no porão...

Enquanto ele considerava isso, Nova ofegou e algo tilintou e caiu no chão. Ela se curvou e pegou a pulseira. O fecho estava quebrado de novo.

Mas a estrela ainda estava lá, brilhando forte, indiferente à vitória deles. Ele também tinha desenhado aquilo, mas...

Seus pensamentos travaram.

Não. Ele não tinha desenhado a estrela. No mural, a estátua estava de costas e as mãos não podiam ser vistas. A estrela era sonho de Nova, não dele.

Nova enfiou a pulseira no bolso e se agachou ao lado de Adrian.

— Não acredito que você fez isso — disse ela, inspecionando a queimadura no peito dele. — Caramba, Adrian. Um ferro de marcar?

— Foi o método mais rápido em que eu consegui pensar — disse ele. — Não é tão ruim. Acho que queimou as terminações nervosas. Sério. Quase nem estou sentindo.

Nova se sentou nos calcanhares, olhando para Adrian com algo que se parecia com assombro. Não era a primeira vez que ela olhava para ele assim, com algo mais do que admiração, mais do que respeito. Com algo parecido com maravilhamento.

Ele faria qualquer coisa para que ela continuasse olhando para ele assim.

Ele ainda estava tenso, o corpo todo contraído, esperando que Fobia reaparecesse dando a risada sombria.

Mas só o som das respirações irregulares deles persistiu e, depois de um momento, a voz de Oscar na escuridão.

— Isso foi ao mesmo tempo a coisa mais corajosa e mais burra que eu já vi.

Adrian tentou sorrir, apesar de saber que foi um sorriso fraco.

— Eu criei Fobia. Tinha que ser eu.

Oscar abriu a boca, mas Adrian levantou a mão.

— Eu explico depois.

Oscar limpou a garganta e disse:

— A lista de coisas que você vai explicar depois só cresce. — Ele se apoiou no altar e se levantou, fraco. Quando o resto se levantou, Adrian se perguntou quanto tempo havia que Oscar estava sem a bengala.

Um ronco distante sacudiu as paredes da catedral. Adrian olhou na direção da nave. Na luta contra Fobia, ele quase tinha se esquecido de que seu pai ainda estava lá fora, batalhando com o vilão mais famoso de todos os tempos. Ele sabia que Ace Anarquia era poderoso, mas ainda era inacreditável que qualquer um pudesse ser páreo para o Capitão.

Mas ele lembrou que seu pai tinha aberto mão da arma favorita, a Lança de Prata, quando a jogou na torre. O pique devia estar enterrado debaixo dos escombros da torre.

Haveria alguma esperança de encontrá-lo? Daria vantagem ao seu pai? Ninguém poderia vencer Capitão Cromo, nem Ace Anarquia, não era?

— Adrian — disse Nova. — O Agente N acabou. A única forma de impedirmos o Ace agora é se conseguirmos pegar o elmo, mas...

— Eu tenho Agente N — disse Narcissa.

Nova ficou imóvel e depois se virou para ela.

— Tem? — indagou Adrian.

Ao mesmo tempo, Nova perguntou:

— Por que você está nos ajudando?

Narcissa cruzou os braços.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa.

— Ela ajudou a gente a fugir — disse Danna. — Quer dizer, nós só chegamos até aqui, mas ela derrubou as portas e cortou as cordas. E ela nem precisava ficar, poderia ir embora por um espelho a qualquer momento. Até onde eu sei, ela é mais de confiança do que você.

— Todo mundo aqui é de confiança — insistiu Adrian. — Estamos todos do mesmo lado. — Ele apertou o ombro de Narcissa. — Obrigado por ajudar meus amigos.

— Eu não fiz isso por *vocês*. Eu só... — A atenção dela foi de Adrian para Nova, depois para Oscar e para Danna. Ela limpou a garganta. — Meu avô era muitas coisas pra mim, mas eu nunca pensei nele como vilão. Sei que ele fazia coisas ruins,

mas só estava tentando sobreviver, cuidar de mim e da biblioteca. Acho que ele não ia querer isso pra mim e... não sei se quero participar disso. — O rosto dela foi tomado de culpa. — Mais do que já participei.

— Nós todos fizemos coisas de que não nos orgulhamos hoje — disse Nova.

— Fale por você — murmurou Danna.

— Danna está certa — disse Oscar. — Eu fui incrível hoje.

— Você disse que ainda tem Agente N? — perguntou Adrian.

Narcissa enfiou a mão em uma bolsinha na cintura e tirou um dardo cheio de líquido verde. Adrian o reconheceu como o projétil que Geladura tinha lhe dado, o que ele levou com intenção de neutralizar Ace Anarquia desde o começo.

— Eu afanei quando a gente te tirou da capela. Achei que dariam para o Cianeto, mas... — ela franziu a testa para Nova —, depois do discurso do Ace Anarquia sobre nos tornarmos deuses, eu fiquei preocupada que esse plano fosse pelos ares. Achei que poderia ser útil em algum momento, e... Eu não sabia se confiaria em ninguém mais com esse troço. — Depois de um momento de hesitação, ela ofereceu o dardo a Pesadelo. — Não me faça me arrepender disso.

— Vou fazer o possível — disse Nova, guardando o dardo no cinto. — Agora, vamos pensar em como posso chegar perto dele.

Oscar levantou a mão.

— Só para deixar claro, você está oficialmente na nossa equipe de novo, né?

— Claro que está — disse Adrian, mais na defensiva do que pretendia.

— Não — disse Danna, apertando as mãos nos quadris. — Nada de *claro que está*. Ela nos traiu. Deixou que eles nos neutralisassem! Ela não pode simplesmente...

— Ela matou a Abelha-Rainha — interrompeu Adrian — e salvou a minha vida. Tudo bem que as coisas estão confusas agora, mas eu confio nela.

O olhar de Danna só ficou mais intenso.

Nova deu um passo à frente.

— Eu sei que não significa muito, mas me desculpa.

Danna bufou, mas Oscar fez uma careta, como se talvez o pedido de desculpas significasse *alguma coisa*.

— Olha, a gente vai ter que resolver isso depois — disse Adrian. — Vocês três — ele indicou Oscar, Danna e Narcissa —, venham comigo. Meu pai jogou a lança

na torre do sino antes do desmoronamento. É a arma mais forte dele, e Ace não consegue controlá-la. Vamos ver se conseguimos encontrá-la e devolvê-la pra ele.

— Lança, torre, entendi — disse Oscar, batendo continência. Ele inclinou a cabeça para Nova. — E o que ela vai fazer?

Adrian se virou para Nova.

Ela respirou fundo para se acalmar.

— Eu talvez seja a única que pode conseguir chegar perto do Ace para neutralizá-lo. Eu tenho que tentar.



ADRIAN ESTAVA TÃO CONCENTRADO em garantir que Nova estivesse bem depois que a torre desmoronou que não percebeu o tamanho da destruição. A torre tinha caído pelo telhado do transepto, deixando uma pilha gigante de escombros embaixo de um telhado quebrado. A poeira tinha começado a baixar, mas mesmo assim Adrian cobriu a boca para não inalar muito pó enquanto atravessava o terreno difícil. Ele via a porta que levava às catacumbas, agora amplamente coberta por destroços. Alguns sinos se destacavam no caos onde tinham caído, agora silenciosos.

— Opa — disse Oscar, que tinha tirado um castiçal de piso da igreja para usar como bengala improvisada... e possivelmente arma, caso necessário. — Acho que encontrei um corpo.

Adrian se encolheu, sem querer ver Abelha-Rainha de novo. Mas Oscar tinha se agachado na frente de um sino caído, de onde um pé se projetava da abertura.

— É o Cianeto! — disse Narcissa.

Adrian assentiu.

— Ele estava tentando me matar e Nova o colocou para dormir. Nós achamos que ele ficaria em segurança dentro do sino caso a catedral desmoronasse ao redor.

Eles começaram a remexer nos escombros em busca do pique de cromo. Não demorou para Adrian perceber o quanto sentiria falta da força que acompanhava o traje do seu alter ego. Cada bloco de pedra, cada pedaço de madeira, tudo parecia mais pesado do que os anteriores. Ele já estava exausto, e não demorou para os seus músculos pedirem arrego. Adrian estava feliz de Oscar estar ali. Ele pelo menos

tinha se dado ao trabalho de levantar peso na sala de treinamento. Ao contrário de Adrian, que só ficou bom mesmo em desenhar halteres.

— Ali! — gritou Danna, de pé em uma pilha de escombros.

Adrian correu para o lado dela e viu o que havia sobrado do andaime de madeira que sustentava os sinos da torre central. O pique ainda estava enfiado em um pedaço de madeira.

No fim das contas, os quatro e uma quantidade constrangedora de esforço e grunhidos foram necessários para arrancar a lança da madeira. Quando finalmente se soltou, eles caíram para trás com um grito em cima de uma pilha de pedras e cimento. Uma gárgula quebrada cutucou o quadril do Adrian. Ele chiou, pegou-a e jogou-a de volta na pilha.

— Fase um: completa — disse ele. — Agora, vamos levar para o Capitão.

Adrian começou a se levantar quando um par de pés descalços apareceu a alguns metros de distância. Ele ficou paralisado e permitiu que seu olhar subisse por uma veste dourada comprida até estar olhando o rosto de um garoto que devia ser alguns anos mais jovem do que ele. Apesar da idade, o uniforme sugeria que ele era um Harbinger, uma das gangues mais poderosas da Era da Anarquia.

Ele não estava sozinho. Vilões cercavam Adrian e seus amigos, inclusive pelo menos um outro Harbinger, muitos dos detentos de Cragmoor que ele reconhecia da arena e dois prodígios dos quais ele se lembrava vagamente de terem sido rejeitados nos testes dos Renegados. Mas também havia alguns homens e mulheres que ele nunca tinha visto na vida. Algumas dezenas, no mínimo. Alguns carregavam armas: de fogo, de corte, um cajado alto. Mas ele sabia que a maioria não precisaria de arma.

Ele queria acreditar que os vilões tinham aparecido das sombras como Fobia, porque esse é o tipo de coisa sinistra que vilões faziam, mas, não. Ele e seus aliados tinham simplesmente ficado preocupados demais em pegar o pique e não ouviram os outros se aproximarem.

Adrian engoliu em seco, ciente demais da sua falta de superpoderes.

Ele espalmou as mãos no que esperava que fosse visto como uma súplica por paz, mas não conseguiu deixar a lança no chão, então a usou como apoio para se levantar.

— É, hum, será que você não quer calçar sapatos antes de chegar mais perto? — disse Oscar, cortando a tensão. — Tem muitas coisas cortantes aqui.

Os dois Harbingers o observaram, mas não disseram nada.

— Narcissa? — disse uma mulher mais velha com uma arma pendurada em um ombro. — Você está ajudando esse pessoal?

Adrian lançou um olhar para o lado. A caminhante de espelhos saiu do meio dos destroços e parou de frente para seus antigos aliados, a expressão consternada. Ela abriu a boca, mas hesitou.

— Está — respondeu Adrian, com tanta convicção que surpreendeu até a si mesmo. — E eu pediria a cada um de vocês para nos ajudar também. — Adrian viu algumas sobrancelhas erguidas e alguns olhares desconfiados. Mas ninguém os atacara ainda, e ele não pôde deixar de ver isso como um bom sinal. — Nós somos inimigos há muito tempo. Alguns de nós — ele olhou para os dois garotos mais novos — devem ter nascido inimigos. Nós fomos criados para odiar uns aos outros. Passei a vida toda ouvindo que os Renegados são os mocinhos e que qualquer prodígio que nos desafie é um inimigo que precisa ser destruído. Ou pelo menos trancado e isolado da sociedade. Mas e se eu estava enganado? Não quero lutar com vocês. Assim como não quero lutar com Narcissa... e não quero lutar com a Pesadela. — Os nós dos dedos dele ficaram brancos em volta da lança. Seus músculos se contraíram, se preparando para erguê-la para se defender, ao mesmo tempo que ele suplicava para o universo que não precisasse fazer isso. — Nós podemos parar com isso. Mais ninguém precisa morrer hoje.

Um homem riu com deboche.

— Belo discurso, Renegado. Mas é fácil fazer belos discursos quando se está em menor número.

— Odeio te dar essa má notícia — disse Danna, parando ao lado de Narcissa —, mas nós não estamos em menor número. Os Renegados ainda não ultrapassaram a barreira — ela indicou o mundo fora da catedral —, mas, quando isso acontecer, vai haver milhares de super-heróis atacando vocês, prontos para destruir tudo que virem.

— Milhares? — disse Garça. — Nós estávamos na arena. Vimos o que as abelhas fizeram com vocês.

— Nós recebemos reforços — replicou Danna. — Vieram super-heróis de todas as filiais do mundo. Não vão ficar parados vendo a Cidade de Gatlon cair. Não para Ace Anarquia.

Os vilões trocaram olhares, mas Adrian não conseguiu interpretá-los.

— Os Renegados estão certos — disse Narcissa, encontrando a voz. — Quando juntei esse grupo, prometi que encontraríamos uma forma de ter uma vida melhor. Eu ainda quero fazer isso. Ainda acredito nisso. Mas não vai ser Ace Anarquia quem vai nos dar isso. — Ela ergueu o queixo, preparada para aceitar o destino se os aliados se voltassem contra ela. — Talvez a forma de mudar as coisas seja finalmente acabando com a divisão entre heróis e vilões, em vez de nos atacarmos cegamente de novo.

— Nós sabemos, Narcissa — disse a mulher mais velha. — Acredite ou não, nós não viemos do alto daquela torre pra arrumar briga. Nem mesmo com o garoto Everhart. — Ela abriu um sorrisinho debochado para Adrian. — Nós entramos nessa cruzada louca porque já passou da hora de as coisas mudarem. Nós merecemos uma revolução, e por isso estamos dispostos a lutar. Mas Ace Anarquia... A única coisa com que ele se importa é vingança. Ele só quer saber de destruir o Capitão Cromo. Não está fazendo isso por nós nem por um mundo melhor. Não era isso que a gente queria.

— E agora você está nos dizendo que estamos cercados de milhares de Renegados? — disse uma mulher com unhas compridas de madeira. — Bom, o que você acha que vai acontecer com a gente quando eles chegarem aqui? Pode falar o quanto quiser sobre paz e perdão. Eles vão nos massacrar assim que nos virem.

— E quem não massacrarem — disse um homem com pele amarelo-néon — vai ser enviado pra Cragmoor na hora. — Ele balançou a cabeça. — Não posso voltar pra lá. Prefiro morrer.

— Então, bonitinho Everhart das palavras bonitinhas — disse a mulher mais velha, dando tapinhas na arma no ombro. — Você tem outra alternativa pra nós? Porque não estamos querendo morrer hoje, assim como você não quer.

Adrian estava com a boca seca. Eles estavam certos. Ele poderia pedir a trégua que quisesse, mas assim que os Renegados chegassem, eles não parariam para ouvir aqueles prodígios e seus pedidos. Não ligavam para revolução, liberdade e aceitação. Aquilo era uma guerra. Os inimigos tinham que ser destruídos antes que pudessem causar mais danos.

Será que *ele* conseguiria impedir os Renegados? Conseguiria persuadi-los a deixar o ódio de lado por tempo suficiente até encontrar soluções que fossem além de

morte e aprisionamento?

Não naquele dia. Não tão pouco tempo depois da batalha na arena. Não com as mortes, as neutralizações, a luta ainda acontecendo entre Ace Anarquia e Capitão Cromo. O ódio era profundo demais e uma mudança levaria tempo.

Mas as coisas tinham que mudar. E, se não fosse ele a iniciar a mudança, quem faria isso?

— Vocês podem fugir pelas catacumbas — disse ele. — Saiam pelos túneis para o metrô. Vocês estarão longe quando os Renegados perceberem. E, se nossos caminhos voltarem a se cruzar... talvez não seja como inimigos.

— Nós não podemos ir pelas catacumbas — replicou Narcissa. — Ace fechou o túnel com uma pilha de caixões de mármore. Pra chegar lá, nós precisaríamos de...

— Dinamite? — perguntou uma voz cansada e rouca.

Adrian se virou. Cianeto estava sentado de pernas cruzadas dentro do sino de bronze, os dedos batucando nos joelhos. Quando eles estavam na torre, Cianeto estava determinado a matar Adrian. Agora, ele o estava olhando com uma expressão de avaliação.

— Hã... é — gaguejou Narcissa. — Dinamite funcionaria, provavelmente.

— Infelizmente, isso eu não tenho — disse Cianeto. — Mas tenho algumas outras misturas que vão funcionar direitinho.

— Combinado, então — replicou Adrian. — Vocês vão sair daqui e, quando isso acabar, eu vou ser o primeiro entre os Renegados a defender a tolerância... ou direitos dos prodígios... ou o que for necessário pra acabar com essa guerra entre nós. De vez.

Cianeto abriu um sorrisinho torto e debochado com alguns dentes faltando. Saiu do sino, mancou na direção de Adrian e colocou a mão no ombro dele.

— Só se lembre de uma coisa. Se Pesadelo morrer lá fora hoje, eu vou te encontrar e vou mergulhar suas extremidades em um ácido que vai comer sua pele e sua carne até só sobrares esses seus dentes perolados lindos.

Adrian apertou bem os lábios, não tanto por medo, mas para não sorrir. Era engraçado com uma ameaça pôde fazê-lo gostar de repente do sujeito.

— Entendido.

Cianeto seguiu à frente do grupo de vilões para a escadaria na direção das catacumbas.

Narcissa hesitou, dividida entre antigos e novos aliados. Foi com expressão de desculpas que ela se virou para Adrian e para os outros, com um olhar particularmente arrependido para Danna, o que fez Adrian desconfiar que o trauma das horas passadas fez mais para unir as duas do que qualquer conversa.

— Eu tenho que ir com eles — disse Narcissa. — Sei que não sou uma grande líder, mas... fiz muitas promessas quando juntei essas pessoas e quero cumpri-las. Tenho que cuidar pra que as coisas mudem pra nós, e pra melhor.

— Você vai conseguir — disse Danna. — E não vai fazer isso sozinha. — Ela esticou a mão. — Amigas?

Narcissa relaxou de alívio e apertou a mão dela.

— Amigas.

Depois que ela foi embora, Adrian falou:

— Vocês dois podem ir com eles, sabe. Talvez seja mais seguro lá embaixo.

— Até parece. Boa tentativa — disse Oscar. — Ruby está em algum lugar do outro lado daquela barreira. Quando cair, eu vou estar esperando.

Danna abriu um sorriso determinado.

— Heróis até o fim.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



NOVA SUBIU CORRENDO OS degraus da torre noroeste. Quando chegou ao telhado, espiou por uma das janelas estreitas. Ace e o Capitão estavam em um telhado plano que exibia uma série de arcobotantes de estilo gótico. O Capitão estava de cabeça abaixada enquanto atravessava cada obstáculo que Ace botava entre eles, os punhos estilhaçando pedras e arremessando pilares grossos para o outro lado do claustro. Apesar da força, Capitão Cromo estava com o rosto vermelho, a testa brilhando de suor. Até ele estava ficando exausto dos ataques implacáveis de Ace.

Nova passou os olhos pelo patamar da escada. Um nicho de pedra abrigava a estátua de uma mulher rezando. Ela a arrancou da base e jogou na janela. A estátua explodiu pelo vitral e encheu o telhado lá embaixo de estilhaços coloridos. Ela chutou as bordas irregulares que restavam e passou para pular no telhado.

O Capitão tinha subido em um dos arcobotantes para tentar achar uma forma de chegar ao vilão.

— Ace! — gritou Nova.

Em um sinal de exaustão, Capitão Cromo levou um susto e quase caiu. Ele se segurou na cabeça de uma gárgula para se apoiar.

Nova o ignorou. Sua atenção estava no tio. Ela ainda não sabia o que diria ou faria, mas, se ia neutralizá-lo, ela teria que chegar mais perto.

Talvez ela conseguisse chegar perto o suficiente até para fazê-lo dormir, o que tornaria tudo bem mais fácil.

Mas primeiro ela precisava que ele descesse para o telhado.

Ace olhou para ela, os olhos entreabertos de desconfiança.

— Ora, se não é a minha pequena Pesadelo. Que atencioso da sua parte se juntar a nós. — Ele olhou a torre atrás dela. — Não trouxe o garoto Everhart junto?

Nova ergueu o queixo, usando tudo que tinha aprendido nos meses anteriores sobre mentiras e traição.

— Ele morreu — respondeu, a voz rígida e calma. — Eu o matei, como você pediu. Desculpe se eu hesitei antes. Não vai acontecer de novo.

Ela viu Ace considerando as palavras. Talvez se perguntando se podia confiar nela.

— Você está mentindo! — gritou o Capitão Cromo.

Nova olhou para ele e, embora desejasse poder comunicar que, sim, estava mentindo, ela não podia arriscar fazer isso na frente do Ace.

Ela ergueu a voz. Deixou-a fria. Mais dura.

— Quando ele morreu, todas as coisas que desenhou morreram com ele. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou a pulseira, o fecho quebrado, mas a estrela brilhando mais do que nunca. — Ele consertou o fecho da minha pulseira tempos atrás. — Ela deu de ombros. — Acho que desta vez vou ter que levar ao joalheiro.

O Capitão se deixou cair no telhado, furioso, e segurou a corrente de cromo. Nova mal teve tempo de piscar e a ponta já estava voando na direção dela com tal força que provavelmente poderia ter arrancado sua cabeça.

Um pináculo de pedra se quebrou na torre atrás de Nova e interceptou a corrente, estilhaçando-se em mil pedaços.

Nova cambaleou até a parede, sentindo o vidro sendo esmigalhado debaixo das botas.

— Você ousa atacar o sangue do meu sangue? — rugiu Ace, se colocando entre Nova e o Capitão. A pulsação dela saltou com a oportunidade... mas o tio ainda estava dez passos na frente dela, longe demais para um toque.

A bolsinha com o restante do Agente N pesava no quadril dela. Ela verificou se o zíper estava aberto e começou a se adiantar enquanto Ace ainda estava de costas.

— Chega de jogos, Capitão — disse Ace. Ele olhou para Nova. Ela ficou paralisada, sentindo-se pega, mas Ace estava sorrindo. — Sabe como minha brilhante sobrinha conseguiu pegar meu elmo? Ela me contou sobre a sua caixinha. Desconfio que você achasse que era invencível, como você... mas não era, né? Nós temos uma arma, a última que meu irmão fez, a mais poderosa.

Nova se encolheu, desejando não ter contado a Ace sobre a estrela e o que era capaz de fazer... O que ela achava que era capaz de fazer.

— Talvez — disse Ace, enunciando com cuidado — essa arma seja poderosa o suficiente para destruir até *você*. — Ace esticou a palma aberta. — Me dá a estrela, Nova.

Ela fechou a mão na pulseira por instinto.

Ace franziu a testa.

— Nova. Me dá a estrela.

A estrela pulsou novamente na pele dela, quase como um batimento cardíaco. Ou talvez fosse seu coração trovejando.

— Me deixa fazer isso — disse ela subitamente. — Meu pai deixou a estrela pra mim. E... e o Capitão Cromo precisa pagar pelo que aconteceu com a minha família.

Ace ainda parecia em dúvida, quase irritado.

— Sobrinha? — questionou Capitão Cromo, o tom cheio de descrença.

Só alguns momentos antes ele pareceu prestes a partir Nova no meio, mas agora sua cabeça estava inclinada para o lado, uma ruga entre as sobrancelhas. Olhando com atenção para Nova, como se a visse pela primeira vez.

Ace ficou tenso, como se tivesse percebido que tinha dito uma coisa que não deveria.

— Mas isso quer dizer que... você é filha de David Artino.

O nome foi um choque, vindo dele, aquele homem que deveria ter protegido sua família. Que deveria ser um super-herói.

Mas ele não tinha aparecido.

— Sim — disse ela na defensiva. — Sou.

— E eu não poderia sentir mais orgulho dela — replicou Ace, lançando um sorriso carinhoso.

Ela tentou retribuir, mas o rosto dela se contorceu em uma careta. Durante a vida toda ela desejava aqueles olhares de Ace, o reconhecimento de que tinha agido bem. Ele a acolhera, dera um lar e uma família quando tudo estava perdido. E agora ela o trairia.

Mas não havia outro jeito. Ele estava machucando gente demais. Não estava mais buscando um mundo melhor para os prodígios. Só buscava a própria vingança.

Uma raiva repentina eclipsou as feições jovens do Capitão. Ele mostrou os dentes para Ace.

— Ela sabe?

— Sabe o quê? — perguntou Ace. Baixo. Rispidamente.

O capitão berrou:

— Ela sabe que você matou a família dela?

Nova cambaleou um passo para trás.

— *O quê?* — Ela se virou para Ace, mas ele estava observando o inimigo.

— Uma mentira desesperada e patética — cortou Ace. — Ele diria qualquer coisa para nos botar um contra o outro. Qualquer coisa para se salvar.

Nova voltou a atenção para o Capitão.

— Eu vi o assassinato deles. Minha família foi morta por um invasor, um assassino contratado pelos Baratas, quando meu pai se recusou a continuar criando armas pra eles. Ace me salvou.

— Não — disse o Capitão, balançando a cabeça. — *Ele* contratou o assassino. Um mercenário sem escrúpulos que não seria conectado aos Anarquistas.

A garganta dela se apertou. Ela olhou para Ace.

— Você sabe que não é verdade — insistiu ele, mas seu olhar continuava a fugir dela. — Você sabe que eu matei os Baratas em retaliação pelas mortes do seu pai e da sua família, que eu amava.

A expressão do Capitão ficou quase gentil, pensou Nova, o que talvez fosse pior do que a raiva dele. Pior do que o choque. Ele a estava observando com pena. Capitão Cromo, o herói que não veio salvá-los, mesmo depois de ela ter botado toda a sua fé nele... Ele *tinha pena* dela.

— Seu pai se arrependeu de ter criado o elmo — disse ele. — Se sentiu responsável pelas coisas que Ace tinha feito. Ele nos procurou e suplicou pra que impedíssemos o irmão dele. Nos contou sobre o elmo... Antes disso, nós achávamos que a força do Ace Anarquia era inerente, mas quando David explicou que a maioria dos poderes dele vinha do elmo em si, nós pudemos formular um plano pra derrotá-lo. Mas David sabia...

Ele hesitou, as feições bonitas se retorcendo de dor.

— David sabia que Ace ia querer se vingar pela traição dele. Em troca da informação, nós prometemos... proteger a família dele. — A voz dele falhou. —

Mas nós fracassamos. Me desculpe, Nova. Me desculpe.

— Não! — gritou Nova, surpreendendo até a si mesma com a explosão. Lágrimas encheram seus olhos e ela as secou com as costas da mão. — Você não pode pedir desculpas! Por que você não nos salvou? — A voz dela soou alto, dez anos de fúria ardendo dentro dela. — Por que você não estava lá? *Onde você estava?*

O olhar implacável do homem.

Bam.

Sua mãe suplicando por misericórdia.

Bam.

O choro de Evie silenciado para sempre.

Bam.

— Por quê? — murmurou ela quando a primeira lágrima escapou.

— Nós estávamos lá — sussurrou ele.

— Mentiroso! — gritou ela.

A voz de Hugh Everhart permaneceu firme.

— Nós colocamos uma pessoa de vigia no seu prédio dia e noite. Por semanas.

— Não. Ninguém apareceu. Ninguém...

— Lady Indomável estava lá na noite dos assassinatos.

A respiração dela travou.

— O quê?

— Ela também foi morta naquela noite — disse ele. — E embora eu nunca tenha tido certeza, me perguntei se Ace também tinha orquestrado aquela morte. Acredito que ele tenha enviado outro vilão pra distrair a Georgia enquanto os assassinatos aconteciam.

Nova ficou tonta de repente.

Havia uma Renegada lá naquela noite? Para proteger sua família, para *protegê-la*...

Não qualquer Renegada. Lady Indomável. A mãe do Adrian.

Fobia a matou... naquela mesma noite...

Seus pulmões latejaram, expelindo ar tão rápido quanto ela conseguia inspirar.

— Me desculpe, Nova — disse Hugh de novo. — Eu fracassei com você. Fracassei com toda a sua família. Não se passou um dia da minha vida em que não tenha lamentado isso.

Nova virou a cabeça e olhou para Ace.

— É verdade?

Ele a encarou. Inabalável, inabalado. E, quando finalmente falou, foi sem remorso nenhum.

— Seu pai me traiu — respondeu ele, falando com a voz baixa e tranquilizadora que Nova conhecia tão bem da infância. — Ele vendeu meu maior segredo para o meu pior inimigo. Uma traição dessas não podia passar incólume.

Um grito saiu dos lábios dela.

— Você mandou matá-lo! — gritou ela. — E a minha mãe e — um soluço subiu pela garganta — e... e *Evie*. Como pôde?

— Eu sei — disse Ace, ainda repugnantemente calmo. — É horrível. Eu sei. Mas você sabe como nosso mundo funciona. É necessário passar uma mensagem forte para que os outros não pensem em também te trair um dia.

Nova pressionou os olhos com as palmas das mãos.

— E os Baratas? Você me disse que matou todos eles, a gangue toda, em retaliação...

— E matei, cada um deles — disse Ace. Ele deu de ombros, sem remorso. — Eu não poderia permitir que você descobrisse a verdade. Não depois de ter visto o que você era capaz de fazer.

— O que eu era capaz de fazer! — A pulsação de Nova acelerou. — Meu pai nunca te contou que eu era prodígio, né? Porque... se você soubesse... teria tentado me transformar em vilã. — O lábio dela tremeu quando ela se deu conta de que tinha se tornado exatamente o que seu pai tinha tentado evitar. — Eu deveria ter morrido naquela noite também. Você só me salvou porque...

— Porque eu vi seu potencial — insistiu Ace. — Porque você era a minha pequena Pesadelo. Me escuta, Nova. Eu sei o quanto você amava sua família e como a tragédia de perdê-la te motivou todos esses anos. Mas, mesmo com todos os talentos que tinha, seu pai era fraco. Ele não pertencia ao nosso mundo. Sua família não era como nós. E agora... olhe ao redor. Olhe o que conquistamos juntos. Nós destruímos o Conselho. Os Renegados estão em frangalhos. Mas nós continuamos de pé, Ace Anarquia e sua Pesadelo. — Ele levantou os braços para ela. — Nós somos fortes e conquistamos hoje por *sua* causa.

O sangue dela gelou de repulsa, de consternação.

Mas, com todo o tumulto dos pensamentos em turbilhão, ela teve um brilho de clareza.

Aquele momento era aquilo para o qual ela estava trabalhando a vida toda.

Vingança.

— Não — disse ela, a voz tremendo. — *Eu* sou forte. Você é um assassino e um mentiroso. Você já foi derrotado uma vez. Pode ser derrotado de novo.

Em um instante, o calor nos olhos dele sumiu e foi substituído por uma precisão calculista.

— Me entristece ter me enganado tanto sobre você. Ainda assim, você sempre vai ter minha gratidão por me trazer a esse momento. E... por me trazer *isto*.

Ele esticou os dedos na direção de Nova.

A pulseira voou da mão dela. Nova gritou, mas era tarde demais para pegá-la no ar enquanto voava até Ace.

Ela soltou um grito de ódio e partiu para cima do tio, sem pensar agora em estratégia, só pensando que ele não poderia ficar com a pulseira, que ela não *permitiria* que ele abusasse do último presente do seu pai...

Ace cortou o ar com um gesto. A estrela brilhou e iluminou brevemente a atmosfera com ondas elétricas ofuscantes.

Uma força invisível acertou Nova e ela foi jogada para trás. Seu corpo tombou sem peso por quase seis metros antes de bater de costas na parede de pedra da nave, deixando-a sem fôlego.

Ace riu.

— Finalmente! Tantos anos ficando limitado apenas ao controle de objetos inanimados. Meu irmão era um verdadeiro gênio.

Nova lutou para respirar, mas seus pulmões não se expandiam.

Nova!

O grito soou abafado na sua cabeça, eclipsado pelo pânico crescente e pela dor latejante.

— Adrian! Você está vivo! — gritou Capitão Cromo.

Ela abriu os olhos com esforço, fazendo uma careta.

Uma figura estava correndo na direção dela. Alta e de ombros largos. Pele escura e óculos grossos e um pique de metal em uma das mãos. Caramba, ele era a imagem

mais bonita de um herói que ela já tinha visto, mas Nova foi tomada de um pavor abjeto por ele estar ali.

Ace o destruiria.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE



— **P** AI, PEGA! — GRITOU Adrian.

Capitão Cromo pegou o pique com uma das mãos.

— Não fica confiante demais — disse Ace, dando trela. — As regras desse jogo mudaram. — Com a estrela em uma das mãos, ele esticou a outra na direção da corrente de cromo que estava enrolada não muito longe dos pés de Adrian. O metal ganhou vida e deslizou como uma cobra na direção de Ace, e uma ponta se enrolou no braço esticado dele. Ace puxou o braço para trás e atacou o Capitão.

O Capitão bloqueou com a lança, uma, duas vezes, o som de metal contra metal ecoando pela área deserta. Mas Capitão Cromo estava perdendo terreno, cada golpe o levando mais para perto da beira do telhado. Ele olhou para baixo novamente para se situar e a corrente subiu e se enrolou no pescoço dele.

Adrian gritou e correu até o pai. Tentou enfiar os dedos entre a corrente e a pele enquanto o metal ia apertando mais. Seu pai se apoiou em um joelho, sufocando.

O grito mais agudo de partir o tímpano e deixar a pele arrepiada ecoou no alto. Adrian se encolheu e resistiu à vontade de cobrir os ouvidos, ainda puxando a corrente. Começou a se soltar quando Ace voltou a atenção para a barreira acima.

Com um gemido reverberante, a parte traseira enorme de um caminhão enferrujado que estava presa à barreira se soltou. Caiu com um estrondo ressonante no chão, a poucos metros da parede lateral do templo, espalhando uma nuvem enorme de poeira.

Capitão Cromo puxou a corrente por cima da cabeça e a jogou longe, ofegante e massageando o pescoço.

Adrian apertou os olhos para o buraco gigantesco deixado pelo caminhão e viu o pedaço de céu. Deveria haver estrelas, mas uma luz artificial estava iluminando o domo e as bloqueando.

— Quem ousa interferir? — rosnou Ace.

Como se convocada, uma cabeça apareceu na borda onde antes estava o caminhão. Com a figura delineada pelas luzes fortes, Adrian não conseguiu identificar detalhes, mas reconheceria aquele cabelinho em qualquer lugar.

Ele não sabia se estava mais eufórico ou horrorizado.

— Desculpa! — gritou Max. — Está todo mundo bem? Não acertou ninguém, né?

Em resposta, Ace soltou um grito enfurecido e subiu no ar. Segurando a corrente, Ace puxou o braço para trás e chicoteou na direção da abertura. Max arregalou os olhos e sumiu.

A corrente acertou a barreira e soltou uma roda de alumínio. Ace ficou paralisado, pairando sobre a catedral enquanto a corrente balançava ao seu lado. Ele observou a barreira, tenso e alerta, enquanto descia gradualmente até o telhado.

Um pináculo alto e estreito se quebrou na torre oeste e despencou na direção de Ace. Ele fez uma expressão de desprezo e jogou a corrente na direção do pináculo. A corrente se iluminou, como se feita de ouro derretido. Quando acertou, pareceu o som de uma bomba explodindo. Choveram pedras e estilhaços em volta deles, alguns do tamanho da cabeça de Adrian, atingindo o telhado e a área destruída abaixo.

Adrian ouviu um grito de dor. Piscou para afastar a poeira e procurou no telhado da catedral.

Max apareceu de novo. Ele tinha seguido Ace, tentando chegar mais perto, e agora estava preso no deslizamento. Ele levantou os braços para se proteger do estrondo.

Ace rugiu ao ver o garoto.

— Eu tinha esperanças de que nós nos encontraríamos de novo! Você e eu temos negócios inacabados.

Max levou um susto quando se deu conta do seu erro. Ele piscou e ficou invisível de novo, mas a corrente já estava voando pelo ar.

Quebrou uma janela e acertou a parede acima do vitral quebrado quando Ace a puxou de volta. Pedras voaram para fora, deixando uma cratera onde Max estava antes.

Adrian procurou na nuvem de poeira, o corpo tremendo de medo e adrenalina.

— Eu estou bem! — disse Max, a voz sem corpo meio sem fôlego. — Não se preocupem com...

Ace chicoteou com a corrente de novo, mirando no ponto de onde a voz de Max estava vindo. Acertou um dos arcobotantes, espalhando mais pedras e derrubando uma gárgula enorme pela lateral do templo.

— Não deveria ser possível — disse Hugh, chamando a atenção de Adrian, horrorizado e pálido, com marcas vermelhas no pescoço onde a corrente tinha afundado na pele. Ele estava observando Ace. — Ele nunca conseguiu usar minhas armas. Elas sempre desafiaram a telecinese.

— É a estrela — disse Adrian. — Ela o mudou de alguma forma.

Era difícil ver seu pai assim, mais fraco do que Adrian seria capaz de imaginar.

— Você acha que pode me deter? — berrou Ace. — Uma criança?

— Já fiz isso uma vez, né? — Max apareceu de novo, agachado na beira de uma torre, se segurando em um dos pináculos decorativos para se equilibrar. — Além do mais, você vai ter que me matar pra me impedir. Eu só preciso chegar perto de você. — Ele se levantou, a mandíbula contraída. Seus pés flutuaram acima do telhado e ele pairou ali por um momento antes de descer para o nível de Ace. Alguns metros mais perto do que antes.

A visão deixou Adrian impressionado. Max estava usando um uniforme dos Renegados. Talvez estivesse meio longo nos braços e nas pernas (Adrian achava que era da Ruby), mas, pelos céus, seu irmãozinho parecia mesmo um super-herói.

Adrian ouviu um gemido e olhou para Nova. Ela estava caída junto à parede do outro lado do telhado, longe demais de seu alcance. Ele se encheu de alívio ao vê-la consciente, usando a parede para se apoiar e se levantar, cambaleante.

Ele queria dizer para Max tomar cuidado, para não chegar perto demais de Nova, mas mordeu a língua. Ela ainda estava com o Amuleto da Vitalidade embaixo da jaqueta. Estava protegida.

Além do mais, Max tinha muito com que se preocupar ao enfrentar Ace.

Ele só precisava chegar perto...

Enquanto dava um passo para trás, mantendo a distância entre os dois, Ace curvou um dedo na direção da nave. Um vitral em arco se estilhaçou. Max se abaixou e protegeu a cabeça quando o vidro foi na direção dele, as pontas afiadas cortando a pele, um se alojando na coxa. Ele berrou de dor.

Com um grito furioso, Hugh saiu correndo na direção do Ace com vigor renovado. Ele estava brandindo o pique, segurando-o como um dardo, pronto para perfurar o vilão na barriga.

Ace se virou para olhar para ele, balançando a corrente no alto.

Capitão Cromo pulou no mesmo momento em que Ace atacou com a corrente. Outro brilho do pulso de Ace, incendiando a arma.

O Capitão estava no ar quando a corrente o acertou no peito. A aura dourada ondulou, uma explosão de luz e som, queimando o ar onde a corrente invencível tocou no corpo invencível do Capitão.

Seu pai caiu, o corpo inerte jogado para trás, rolando pela lateral do templo.

Adrian não sabia se o grito tinha vindo dele ou do Max, talvez até da Nova. Ele não se lembrava de correr até a beira do telhado. Uma esperança desesperada cresceu nele quando se inclinou pela balaustrada curta de pedra. Ele imaginou ver o Capitão Cromo tão feroz quanto sempre, já escalando a parede.

Mas não foi isso que viu.

Capitão Cromo estava caído de costas, os olhos fechados, a Lança de Prata a uma curta distância da mão inerte. Uma nuvem de poeira voava em torno do corpo.

Adrian ficou imóvel, esperando. Esperando que o pai acordasse. Esperando que ele gemesse e sacudisse a poeira e voltasse para a luta.

Mas o Capitão Cromo não se mexeu.

— Incrível — murmurou Ace. — Eu me lembro desse sentimento.

Adrian se afastou da beira do telhado.

O vilão estava levitando de novo, os olhos entreabertos de euforia.

— Na primeira vez que usei este elmo, eu era um homem transformado. Tudo que sou, tudo que esperava ser, estava ao meu alcance. E agora, ultrapasso até esses limites. O mundo na ponta dos meus dedos, maleável como argila...

Um chiado de dor chamou a atenção do Adrian para o Max. Ele viu Max tirar o pedaço de vidro da coxa e se levantar sobre pernas fracas, dezenas de cortes vertendo sangue no traje cinza. Ele não parava de tossir. Gotas de suor cobriam sua

testa. Mesmo assim, ele franziu o rosto em concentração, e a parede atrás de Ace começou a tremer. Uma vibração pequena no começo, até que, de repente, a grande placa de pedra se soltou da argamassa e se arremessou no Ace.

Ele estava distraído demais pela própria glória para notar. O bloco o atingiu nas costas, e Ace caiu de joelhos enquanto o resto da parede desmoronava em volta dele.

Por um momento, o vilão não se moveu, e Adrian quase teve esperanças de que isso fosse o bastante... ele ainda era apenas um homem, não era?

Mas Ace soltou um grito gutural, e as pedras voltaram voando na direção do Max.

— Max! — gritou Adrian, sem conseguir fazer nada enquanto as pedras atingiam o corpo magro do Max.

Ele caiu e se encolheu em posição fetal enquanto a tempestade desabava em volta. Adrian correu pelo telhado, sofrendo por saber que havia tão pouco que ele poderia fazer. O que ele não daria para ter os poderes do Sentinela de novo...

— Eu não serei derrotado! — gritou Ace. — Não por você! Não de novo!

Adrian deslizou ao lado do Max e começou a tirar os escombros. Ele ficou aliviado ao ver algumas pedras se movendo sozinhas quando Max as levantou com seus poderes.

— Eu estou... bem — murmurou Max, claramente nada bem.

— Para de desperdiçar sua energia atacando o cara — disse Adrian, passando um braço nos ombros do Max e o ajudando a se levantar. — Se concentra em chegar perto. Você é o Bandido, lembra?

— Não estão prontos pra se render? — perguntou Ace, rindo enquanto via Adrian e Max se levantarem, trôpegos. — Vocês não têm ideia do que sou capaz! Não têm ideia do poder...! — Ele parou de falar e um brilho cruel surgiu nos olhos dele. — Talvez uma demonstração seja necessária.

Adrian e Max deram um passo à frente, e o corpo do Max desabou em cima dele com o esforço. Adrian percebeu que Max não estava apoiando no pé direito. Será que a perna estava quebrada?

Ele levantou a cabeça de novo e grudou a atenção no Ace Anarquia, que estava na extremidade do telhado. A distância poderia ser de quilômetros.

— Tô contigo — disse Adrian. — A gente consegue fazer isso.

Uma explosão chocante de energia chamou a atenção de Adrian de volta para a barreira acima. Seus pés tropeçaram. A barreira estava se movendo. Começando pela abertura que Max tinha criado, a coisa toda parecia estar se abrindo. Canos de esgoto, caixas utilitárias, sinais de trânsito. Pedacos aleatórios de arquitetura e maquinário, veículos abandonados e prédios destruídos. Tudo se abrindo na direção da cidade. Sendo desmontado pouco a pouco. O brilho de holofotes enormes que tinham sido erigidos sobre uma série de caminhões banhou o terreno deserto, fazendo Adrian apertar os olhos por causa do brilho.

Conforme o buraco foi ficando maior, ele revelou o contorno da cidade ao longe e um céu noturno com um leve toque de azul-elétrico no horizonte a leste.

Helicópteros da imprensa voavam no ar. Foi desorientador, depois da batalha concentrada na pequena bolha do Ace, ser jogado de repente de volta ao mundo real.

Isso até Ace rosnar e mover o braço como se estivesse espantando mosquitos. Os dois helicópteros viraram e despencaram do céu.

Adrian trincou os dentes. Não havia tempo para se preocupar se os pilotos tinham paraquedas. Ele apertou o braço em torno do Max e começou a se mover outra vez, mas ouviu um som novo: um grito vindo de todas as direções.

Seu coração deu um pulo. Os Renegados estavam esperando do lado de fora da barreira, desesperados para entrar. Agora, com a muralha caída, eles não perderam tempo para atacar pela região desolada. A visão foi hipnotizante: onda após onda de uniformes cinza idênticos. Milhares de super-heróis vindos de todos os cantos do mundo. Até muitos dos Renegados que tinham sido neutralizados na arena estavam lá, prontos para serem heróis, com ou sem superpoderes. Ele viu Tamaya Rae, sem asas, segurando um tridente elétrico que reconheceu do departamento de artefatos.

Ela não era a única. A multidão estava brandindo uma variedade de armas e artefatos. Todos poderosos.

Eles deviam ter feito uma limpa no cofre.

A multidão seguiu em frente, mais unida do que nunca. Embora fosse caótico, Adrian não pôde deixar de procurar as pessoas de quem mais gostava. Encontrou-as com facilidade, como se atraído por elas. Simon. Ruby. E, no terreno ao redor, se preparando para se juntarem a eles, Oscar e Danna.

Ele ficou feliz por saber que os vilões tinham abandonado Ace e a catedral. Ao ver os Renegados agora, Adrian percebeu que a luta teria se tornado um massacre.

Agora, o único inimigo que restava era Ace.

— Não é fofo? — disse o vilão, vendo os Renegados se aproximarem. A forma como ele falou, despreocupado, até achando graça, gerou um arrepio nos ossos de Adrian. — Infelizmente... temo que seja tarde demais.

Ace deixou a corrente de cromo escorregar da mão e aninhou a estrela com ambas as palmas. Ela brilhou e, por um momento, Adrian viu raios de energia no ar, brilhando em volta deles, até onde conseguia enxergar. Ace esticou as mãos na direção da cidade.

CAPÍTULO CINQUENTA



A PESAR DE MAL SE aguentar em pé, Nova se obrigou a se afastar da parede. Um joelho dobrou e ela meio que caiu na pedra dura. Uma lasca de um pináculo quebrado pressionou sua patela e ela fez uma careta. Firmou as mãos no chão e se levantou. Tonta e oscilante por um momento, mas depois seguiu em frente. Um pé na frente do outro, enquanto uma onda de tontura a dominava. Passo a passo, enquanto seus músculos se rebelavam.

Um movimento ao longe a fez hesitar, e o pequeno impulso que tinha conseguido quase a fez cair de novo. Ela mal se segurou.

Seu queixo caiu quando viu.

Além da catedral, além da área deserta e da onda insurgente de Renegados, mais Renegados do que já tinha visto na vida, o contorno da cidade começou a se erguer. Centenas de prédios tremendo, ondulando, subindo no ar. Nova viu um hotel de muitos andares ser arrancado da base. Viu o majestoso fórum, com seus pilares romanos, se desconectar da escada imponente de entrada. Viu o enorme *G* iluminado no alto do prédio da *Gazeta de Gatlon* virar enquanto a estrutura embaixo oscilava para cima. Prédio atrás de prédio sucumbiu ao poder do Ace, jogando pedaços de concreto nas ruas abaixo. Canos se romperam, jorrando água e esgoto nas crateras das bases vazias. Fios e vergalhões pendiam das bases de estruturas que levitavam.

A malha de energia foi afetada, o que fez áreas inteiras da cidade mergulharem em escuridão. Foi como ver alguém apagar as luzes de um bairro atrás do outro.

Da escuridão repentina vieram gritos. Os gritos de pessoas que apareciam nas janelas dos apartamentos e viam o chão de repente longe demais. Os gritos dos que estavam abaixo e sentiam o peso ameaçador dos prédios acima, sem nada que os impedisse de cair.

Foram os gritos que fizeram os Renegados no terreno em volta hesitarem. Eles se viraram para ver o que estava acontecendo. Com a cidade. Com as pessoas que eles tinham jurado proteger.

Uma sensação estranha de déjà-vu passou pela memória da Nova, e ela pensou na noite em que pegou Max praticando telecinese na quarentena. Ela o viu erguer os prédios de vidro em miniatura da cidade de vidro em miniatura, deixando que pairassem sem peso no ar ao redor, quase exatamente como Ace estava fazendo agora.

Nova ficou surpresa na época por Max ser tão poderoso a ponto de erguer tantos blocos de vidro ao mesmo tempo, um feito que poucos telecinéticos teriam conseguido.

Mas aquilo...

Ela encarou Ace Anarquia, seu tio, e a raiva e a abominação foram momentaneamente diminuídas pelo medo. De quem ele era de verdade. Do que ele era capaz de fazer.

Graças ao pai dela e às armas dele.

Graças a *ela*.

Ela cambaleou mais alguns passos. Estava bem mais perto do Ace do que Max, e não sabia o quanto Max teria que ficar próximo para que tivesse efeito no seu tio.

Seus dedos tremeram, tentados a fazer contato, a fazê-lo dormir.

Mas o que aconteceria com a cidade se ela fizesse isso? Sem Ace, tudo cairia. Todos os prédios, todas as vidas. Não daria para impedir.

— Grandes poderes — sussurrou ela, percebendo a terrível inevitabilidade. Ace ia destruir a cidade. Os poucos que sobrevivessem não teriam motivo para ficar, cercados de escombros e ruínas. Gatlon se tornaria apenas uma lenda esquecida. Uma história de terror para alertar crianças sobre os perigos do poder: de ter poder demais ou de não ter o suficiente.

Ela se lembrou das palavras de Callum como se ele estivesse ao seu lado. *Ele matou e destruiu e deixou o mundo em pedaços.*

Nova tentou reunir as emoções em uma bola apertada e falou com toda a calma que conseguiu.

— Ace — disse ela, dando outro passo à frente. — Pensa no que você está fazendo. Você ama essa cidade. Quer governar essa cidade. Se você a destruir, de que vai adiantar tudo isso?

Ele riu profundamente. Embora ela não pudesse ver seu rosto, dava para imaginar a expressão: lábios retorcidos de forma cruel.

— Ah, minha jovem sobrinha, tão sábia. Você viu o que eu fiz com essa catedral, e isso foi antes de eu ter esse presente. Antes de eu entender o que era possível. — Ele estalou a língua. — Posso destruir essa cidade. Desfazê-la, tijolo por tijolo. E, quando acabar... vou reconstruir Gatlon de acordo com minha visão de perfeição. — Ele inclinou a cabeça para trás, como se apreciando uma luz de sol que não estava lá. — O mundo vai ter aprendido a lição. Ninguém vai ousar enfrentar Ace Anarquia.

A estrela na mão dele pulsou, e uma torre final subiu na direção do céu. O prédio mais alto da cidade. O quartel-general dos Renegados, a fachada reluzente de vidro que servia como ícone de esperança para o mundo.

Nova observou a ascensão, diminuindo tudo que estava ao redor.

— Aguenta firme, Max.

A voz do Adrian a sobressaltou. Ele e Max cobriram metade da distância, mas ainda estavam a pelo menos cinquenta passos. Os dois pareciam prestes a desmoronar.

O quanto mais eles teriam que avançar? Quanto tempo até Ace sentir suas capacidades sendo sugadas lentamente?

Não seria o suficiente. Eles não chegariam a tempo.

No terreno abaixo, os Renegados estavam divididos. Alguns tinham voltado a atacar, mas Nova sabia que nunca chegariam a tempo de impedir Ace. Outros estavam correndo de volta para a cidade, desesperados para ajudar as pessoas presas na catástrofe iminente do Ace, mas o que eles poderiam fazer perante tanto poder?

Ela enfiou a mão na bolsinha do cinto e fechou a mão no projétil.

Calculou a distância, desviando o foco de Ace para Max e para Ace de novo.

Fechando a mão no dardo, Nova correu.

A agulha estava a centímetros do ombro do Ace quando ele se virou e segurou o antebraço dela, prendendo-a com um aperto debilitante. Enquanto a outra mão permanecia esticada, segurando a estrela na direção da cidade, ele levou o punho de Nova à altura do olho e estudou a seringa. O líquido amarelo brilhante balançou dentro. Ele franziu a testa.

— Isso não é o agente neutralizante — disse ele.

— Não, é uma das misturas do Leroy — replicou Nova. — *Isto* é o Agente N.

Ela moveu a outra mão e enfiou o dardo na lateral do corpo de Ace.

O tio soltou o braço dela e recuou. No mesmo momento, Nova ergueu a mão e arrancou o elmo da cabeça dele. Ace gritou de surpresa, mas ela já estava correndo, apertando com os braços o elmo junto ao peito.

Seus pés foram erguidos no ar quando Ace puxou o elmo de volta para si. Nova segurou com força, encolhendo o corpo em volta do elmo que voava de volta para Ace, levando-a junto. Ela girou no ar. Seu ombro bateu em Ace e o derrubou em uma coluna.

Nova caiu no chão, mas seu corpo estava dormente depois de tantos golpes e ela continuou abraçada ao elmo, se preparando para ser jogada por metade do telhado de novo.

Mas não houve outro ataque.

Ousando levantar a cabeça, ela viu Ace examinar os dedos da mão aberta, o rosto enrugado, o cabelo grisalho e desgrenhado.

O Agente N estava agindo.

Ela não tinha tempo. Nova se levantou e esticou a mão na direção do tio para arrancar a pulseira dele.

Ele nem pareceu reparar.

Ao longe, os primeiros prédios começaram a cair, a escorregar do céu.

— Adrian! — gritou ela, jogando o elmo com o máximo de força que conseguiu pelo telhado.

Adrian o pegou com uma das mãos.

— O que...

— Para o Max! Rápido!

Apesar do rosto se contraindo de confusão, ele enfiou o elmo na cabeça do Max. O garoto ofegou e levantou as mãos para tirá-lo.

— *A cidade!* — gritou Nova.

Max parou. Olhou para a cidade. Para as centenas de estruturas que estavam fugindo do controle do Ace, sendo tomadas pela gravidade, começando a despencar de volta para terra. Um shopping a céu aberto bateu no chão com força. Uma torre de banco perfurou a rua Mission, quarenta andares de vidro e aço implodindo.

Max se encolheu com a imagem ao mesmo tempo que erguia os braços na direção dela.

Os prédios desaceleraram a queda e foram parando gradualmente.

Max gemeu. Seu corpo todo tremeu.

— Adrian, isto também!

Nova jogou a estrela. Adrian a pegou e na mesma hora a largou com um gritinho, sacudindo a mão como se o metal tivesse queimado sua pele.

Ele olhou para Nova, e ela olhou para ele, atordoada.

Adrian trincou os dentes e se curvou para pegá-la de novo, mas Max esticou a mão e a estrela pulou para ele. Houve um brilho, e Nova viu aqueles filetes de energia de novo girando pelo terreno como uma tempestade que se aproximava.

Os membros do Max pararam de tremer quando a estrela lhe deu força.

Em todas as direções, os prédios começaram a se acomodar com hesitação nas bases.

Nova expirou, sentindo a primeira onda de alívio, mas as pontas dos seus dedos começaram a formigar. Ela ofegou e olhou para a palma da mão aberta.

Uma sensação de fragilidade percorreu seus membros enquanto uma fraqueza enevoada e sonolenta penetrava em sua mente. Parecia impotência. Foi exatamente como na vez em que ela chegou perto demais do Max na quarentena.

Ela apertou o Amuleto da Vitalidade debaixo da blusa. Deveria estar protegendo-a, mas...

O elmo.

Estava ampliando os poderes dele.

Talvez o amuleto não conseguisse mais protegê-la.

Max, concentrado em reacomodar incontáveis prédios no lugar, pareceu alheio ao que estava fazendo. Nova deu um passo para trás, depois outro, se perguntando se teria forças para se afastar antes que ele absorvesse tudo.

Ela não chegou longe.

Nova deu um gritinho quando seus pés foram erguidos subitamente do chão. Ace estava com uma das mãos no braço dela, a outra passada por baixo da perna quando a ergueu acima da cabeça. Nova gritou e se debateu nas mãos dele, balançando os braços em uma tentativa de encontrar pele, qualquer parte.

Adrian gritou o nome dela, que mal ouviu em meio ao seu próprio pânico. Ace correu até a beira do telhado, e ela se deu conta de que ele pretendia jogá-la lá de cima.

Ela usou todas as técnicas que conhecia, chutou e se debateu, tentou se encolher para virar um alvo menor ou balançar o corpo de um lado para outro. Mas seus pensamentos estavam frenéticos demais, confusos demais, e o aperto de Ace parecia de ferro, o grito dele o berro de um animal quando chegou à borda e se preparou para jogá-la vinte e cinco metros abaixo.

Algo cintilou nos holofotes intensos, indo na direção deles.

Nova sentiu o impacto no corpo de Ace. Ouviu seu grito estrangulado.

O aperto afrouxou e Nova arqueou as costas, rolou das mãos dele e caiu de quatro ao seu lado.

E ficou de boca aberta.

Ace Anarquia estava na beirada do telhado da catedral dele. Um deus entre homens. Um revolucionário. Um visionário. Um vilão.

Com uma lança de cromo empalada no coração.

Nova correu para trás, colidiu com outro corpo, e um par de braços a envolveu por trás. Ela gritou e tentou se soltar, já invocando o poço de poder que tinha nas entranhas.

Adrian a segurou de novo, o rosto transtornado de preocupação.

Com a adrenalina sumindo das pontas dos dedos, Nova se virou. Ace pareceu paralisado no tempo. A cabeça estava inclinada para trás. Os olhos no céu cada vez mais brilhante. Os holofotes em volta do terreno iluminaram o metal enfiado no peito dele.

Ace Anarquia se inclinou para a frente e caiu.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM



— **T**ODO MUNDO BEM AÍ em cima? — chamou uma voz rouca.
Nova espiou pela beirada, evitando a visão do corpo quebrado de Ace lá embaixo. Uma onda de alívio a percorreu quando ela viu Hugh Everhart de pé, ainda que com dificuldade.

Com um sorriso exausto, ele limpou a testa com o braço.

— Uma vez, eu jurei te proteger. Desculpa ter me atrasado tanto.

Ela riu, meio delirante de gratidão de não ser o corpo quebrado *dela* aos pés da catedral.

— Pai! — gritou Adrian, se jogando contra a balaustrada a uma curta distância dali. — Você está vivo!

Hugh riu.

— Estou. Mas não sou mais invencível, acho. — Ele tentou disfarçar a dor que surgiu nas feições dele enquanto voltava a atenção para o outro lado do telhado. — Como está Max?

Nova olhou para Max, observando os membros trêmulos e o elmo grande demais para ele. O pequeno Max, de dez anos, que era inteligente e corajoso e agora talvez tivesse roubado os superpoderes do Ace Anarquia e do Capitão Cromo, provavelmente os dois prodígios mais fortes do mundo.

E de Pesadelo também, Nova sabia com certeza absoluta. Não havia necessidade de testar a teoria. Quando ela invocou seu poder, aquela força sutil que sempre pulsou por baixo da superfície da sua pele não estava mais lá.

Ela nunca mais faria ninguém dormir.

Mas o que a surpreendeu, mais do que tudo, foi que ela de repente reconheceu Max de uma forma que nunca tinha reconhecido antes. Olhar para ele foi como ver uma ilusão.

Ele estava tão imóvel quanto as gárgulas que os cercavam, o rosto coberto pelo elmo, os braços esticados como se oferecendo um presente para o mundo. A estrela pairava alguns centímetros acima das mãos em concha.

Ele parecia com a estátua. A que ela havia conjurado uma vez em sonho. A que segurava a estrela nas mãos.

A estrela brilhou e, por um momento, ela viu o lampejo das linhas de energia de novo, os fios em dourado e cobre que seu pai conseguia manipular, os restos de uma supernova que havia trazido superpoderes para a humanidade. As linhas ainda estavam lá, mas agora mais esparsas do que ela jamais tinha visto, e, de um jeito desconcertante, estavam fluindo em uma única direção.

Estavam fluindo para Max.

Ela piscou e a visão sumiu. Nova ficou olhando boquiaberta para o garoto, com medo do que aquilo poderia significar.

— Adrian — sussurrou.

Ele estava concentrado no irmão, o rosto contraído de preocupação. Nova chegou mais perto e segurou a mão dele, mas ele chiou de dor e puxou a mão para longe. Nova levou um susto. Adrian olhou para ela com um certo constrangimento e virou a mão para mostrar as bolhas nos pontos em que a estrela tinha queimado a pele.

— Não está tão ruim.

Ela então passou o cotovelo pelo dele.

— Não entre em pânico — disse —, mas acho que Max pode estar absorvendo todos os superpoderes que restaram... talvez do mundo todo.

Adrian franziu a testa.

— O quê?

— O elmo está amplificando o poder dele — explicou ela. — Ele já tirou o meu poder e o do seu pai.

Adrian arregalou os olhos.

— Eu acho que está pegando todos os poderes.

Ao longe, o último prédio se encaixou no lugar. Concreto quebrado e vigas partidas reassentaram-se. Os esqueletos de andaimes quebrados e saídas de incêndio partidas se prenderam de volta às fachadas. Ruas de asfalto que tinha explodido afundaram e se nivelaram. Paredes desabadas se endireitaram. Tijolos e argamassa se encaixaram como peças de quebra-cabeça. Água suja escoou para o esgoto. O mundo todo voltou para o lugar, como se as feridas causadas por Ace Anarquia não tivessem sido nada além de um longo pesadelo do qual eles finalmente podiam acordar.

A eletricidade não foi restaurada, deixando a cidade — que antes estaria iluminada com um milhão de janelas douradas — banhada na luz de um milhão de estrelas e do céu azul-índigo. O horizonte brilhava com a promessa do alvorecer. Estava de tirar o fôlego.

— Ele conseguiu — sussurrou Nova.

Adrian não respondeu.

Ela lançou um olhar para o rosto dele e viu que Adrian não testemunhava a mesma visão incrível que ela. A atenção dele estava voltada para o irmãozinho, os lábios abertos com horror crescente.

— O que está acontecendo com ele?

Nova seguiu seu olhar.

Filetes brilhantes apareceram embaixo da pele das mãos de Max, como veias de ouro derretido desaparecendo sob os punhos do uniforme dos Renegados. Havia mais no pescoço, onde o elmo não cobria. Brilhavam com uma intensidade que era ao mesmo tempo linda e apavorante, o calor pulsando em sincronia com a estrela.

A estrela também tinha começado a mudar. Estava maior agora, do tamanho de uma noz, e tinha se transformado em uma massa laranja que se contorcia. Como uma esfera de lava derretida.

— Max? — chamou Adrian com insegurança. Ele afastou o braço de Nova e se aproximou do irmão. Nova foi atrás e, ao se aproximar, viu os olhos de Max se abrirem pelo visor do elmo.

Ela soltou um arfar de surpresa. Adrian ficou paralisado.

As íris dos olhos castanhos de Max tinham sumido e sido substituídas por ouro líquido. Algumas gotículas tinham vazado pelos cantos, como lágrimas.

Um tremor percorreu o corpo dela.

— MAX! — gritou Adrian, correndo o resto do caminho até ele e segurando seu cotovelo. Ele o sacudiu, mas o garoto não reagiu. Adrian olhou para Nova em pânico. — O que acontece com alguém que absorve poder demais?

Ela balançou a cabeça. Como poderia saber? Será que alguma coisa do tipo já tinha acontecido antes? Mais perto do Max agora, ela sentiu uma corrente elétrica no ar, uma carga que fez os pelos do braço dela se eriçarem.

Adrian pegou o elmo, tirou-o dos ombros do Max e o jogou do outro lado do telhado.

— Max... — Ele apertou o ombro do garoto em súplica. — Max, fala comigo. Me diz como te ajudar.

Por um longo momento no qual Nova desconfiava que até seu próprio coração tinha parado de bater, Max não reagiu.

Pairando alguns centímetros além dos dedos dele, a estrela continuou crescendo, agora quase do tamanho de uma granada.

— Eu...

Nova e Adrian deram um pulo e se aproximaram ainda mais de Max. A voz dele estava tão baixa que era como se estivesse sendo arrancada à força.

— Estou aqui, Max. Fala comigo — insistiu Adrian.

— Eu... não... quero...

Uma lágrima dourada pingou do queixo dele, e Nova esticou a mão por instinto. Caiu na palma da mão dela, quente, mas não queimando. Lembrou-a dos fios dourados de energia que ela viu o pai puxar do nada e usar para fazer brinquedos e armaduras e joias e... armas.

Ela o visualizou sentado sozinho à mesinha deles, com fios acobreados iluminados entre os dedos. Ele estava trabalhando em algo especial naquela noite. Isso ele tinha contado. Nova achou que tinha solucionado esse mistério, mas, não... seu pai não estava criando a estrela como arma para destruir Capitão Cromo. Ele queria impedir Ace.

O que você está fazendo, papai?

Alguma coisa que espero que conserte parte dos grandes males que causei a este mundo.

Os grandes males que ele tinha causado àquele mundo.

Ele sentia tanta culpa por ter criado o elmo. Queria contrabalançar o poder enorme que tinha dado ao irmão. Por isso, fez um novo presente para o mundo,

elaborando-o a partir de luz e energia e poeira estelar.

A gota foi absorvida pela palma da mão dela, e Nova sentiu uma pontada familiar de poder formigar nas pontas dos dedos. Ela apertou a mão e engoliu em seco.

— Eu vou tirar isso da mão dele — disse Adrian, pegando o que restava de um pináculo de pedra quebrado.

— Espera — replicou Nova, olhando de Max para a cidade escura, para o mar e para o mundo além.

Certa vez, ela tinha sonhado com uma estátua cercada de ruínas, mas o sonho não tinha a ver com destruição. Era sobre a esperança que persistia quando todo o resto parecia perdido. Era sobre a esperança de que o mundo talvez ainda pudesse ser salvo.

Era sobre corrigir os grandes males que Ace e o elmo tinham causado e tornar realidade o desejo final do pai dela.

Nova olhou para Max outra vez. Observou os olhos, cobertos de ouro líquido, e a estrela, que tinha escurecido até um vermelho intenso.

Ele absorveria tudo, cada gota de poder daquele mundo. Ela não sabia se era isso que seu pai pretendia, mas sabia que seria melhor assim. Em pouco tempo, não haveria mais prodígios. Não haveria mais heróis nem vilões. Era o mundo que Nova desejara, convencida de que era a única forma de a humanidade atingir algo parecido com companheirismo e igualdade.

Mas nenhum humano poderia acumular tanto poder e sobreviver. Se Max fizesse aquilo, ele morreria.

Nova tremeu.

Os Anarquistas acreditavam em sacrifícios.

Os Renegados acreditavam em um bem maior.

Nova não sabia mais em que acreditava, mas acreditava no Max. E em Adrian. E em si mesma.

Ela não podia deixar que aquilo acontecesse.

A superfície da estrela estalou alto e a fez pular. Fissuras pretas surgiram na superfície vermelho-sangue.

— Está tudo bem, Max — disse ela, passando o braço pelos ombros dele, impressionada com o quanto ele parecia pequeno e frágil. Ela esticou a outra mão

pelo braço dele até sentir o calor da estrela embaixo da palma. — Você não precisa carregar isto. Pode soltar.

Ela olhou para Adrian, que ainda estava segurando o pináculo, e fez um movimento de cabeça para ele se aproximar. Embora na dúvida, ele botou a pedra no chão e imitou os gestos dela do outro lado do Max, passando um braço pelo ombro dele e colocando a palma da mão em cima da de Nova.

Houve outra fratura em algum outro lugar dentro da estrela, e uma onda pulsante de energia se libertou. Ela sentiu nas juntas dos dedos e nos espaços entre as costelas. O poder encarnado. Uma força infinita. Uma sabedoria ilimitada. Sua mente foi invadida de clareza, e ela sentiu como se fosse capaz de compreender todos os mistérios do universo se parasse para pensar neles. Mas, ao mesmo tempo, ela não queria parar para nada. Ela queria correr e voar e *planar*.

Lágrimas borraram a visão quando a sensação de força se expandiu pelos membros, e passou pela cabeça dela que aquilo devia ser só uma fração do que Max estava sentindo. Um potencial infinito. Um poder insondável.

No espaço entre as mãos deles, a estrela tinha escurecido. Estava quase totalmente preta agora, mas mantinha uma teia de fraturas finas como fios de cabelo ardendo em branco.

Esse poder, essa sensação... não pertencia a ela, e Max não conseguiria contê-la por muito mas tempo.

— Agora, Max — disse ela. — Solta. Vamos fazer isso juntos.

Ele choramingou. As veias douradas pulsavam debaixo da pele dele.

A estrela começou a afundar em si mesma, e aí...

Um brilho. Uma explosão de energia... não só dourada, mas em tons de azul-esverdeado e ametista, magenta e laranja metálico, se espalhando em todas as direções. A onda de choque varreu o terreno, se espalhou pela cidade, encheu os rios e a baía e manchou a água de dourado-acobreado até onde Nova conseguia enxergar.

Era destruição e criação ao mesmo tempo.

Era uma supernova.

E aí... acabou. Depois do cataclismo, a estrela se encolheu na pulseira quebrada de Nova, parecendo um pedaço de pedra de lava polida.

Nova expirou. Era como se estivesse liberando uma respiração que estava segurando havia anos. Ela cobriu a estrela morta com a mão e viu os restos da luz dela sumirem no oceano além dos portos da cidade. Houve mais algumas luzes coloridas esporádicas, um brilho debaixo da superfície da água, então tudo ficou imóvel.

Por um momento, o telhado da catedral pareceu um ambiente pacífico. O mundo todo ficou em silêncio. Esperando para ver o que aconteceria em seguida.

Max gemeu e caiu para a frente. Adrian quase não conseguiu pegá-lo antes que sua cabeça batesse na amurada de pedra.

— Max! — gritaram eles simultaneamente, agachando de cada lado dele. Adrian o puxou para o peito e afastou o cabelo encharcado de suor.

— Ele está respirando? — perguntou Nova, verificando a pulsação. As veias douradas tinham sumido e a pele dele estava agora pálida como papel.

Mas, sim, ele estava respirando. Sim, o coração dele estava batendo.

— Max! — gritou Adrian. — Vamos lá, maninho, fica comigo.

Max começou a abrir os olhos, que tremeram com cautela, e Nova sentiu seu alívio espelhado em Adrian. Não só de ver os olhos de Max abertos, mas de ver que tinham voltado ao normal, ainda que um pouco úmidos e desfocados.

— Nós fomos heroicos? — gemeu ele.

Adrian riu e apertou o irmão no peito.

— Acho que você acabou de redefinir *heroico* — disse ele em meio às lágrimas.

— Max! Adrian!

Nova se apoiou na parede, sentindo que levaria semanas para que ela conseguisse ficar de pé sem os músculos tremerem, se virou e viu Hugh Everhart e Simon Westwood correndo pelo telhado, embora Simon hesitasse na metade, a expressão dividida.

— O que foi aquilo? — disse Hugh, caindo de joelhos e envolvendo os dois filhos com os braços fortes. — Nós estávamos subindo a escada quando sentimos, e agora... — Ele recuou, perplexo. — O que você fez?

Nova demorou um momento para entender. Tinha ficado tão sufocada pela onda de poder inexplicável que estava dentro dela, mesmo que por tão pouco tempo, que não conseguiu reparar na mudança que ainda permanecia em si. Ela engoliu em seco, flexionou e esticou os dedos. Formigaram de forma encorajadora.

Uma risada saiu de seus lábios. Seu poder. Tinha voltado.

Ela notou que Adrian estava tendo a mesma percepção. Eles eram prodígios outra vez. Nova foi tomada de euforia, e o primeiro pensamento que cruzou sua cabeça foi que Adrian poderia consertar sua pulseira.

Mas isso era um pedido para outra hora. Sorrindo para ele, ela enfiou a pulseira no bolso.

A estrela tinha devolvido os dons deles.

Mas... Adrian ainda estava com o braço em volta do irmãozinho e nada estava acontecendo. Nova não sentiu fraqueza na presença dele.

Seria possível que Max não fosse mais o Bandido?

Simon continuou a se aproximar, cauteloso, e pareceu mais seguro, a cada passo que dava, que o poder de Max não teria efeito nele. Ele também começou a rir; todos riram enquanto a família se reunia, se abraçando em meio a pedras quebradas e cacos de vidro.

Sentindo-se como uma invasora em um momento importante, Nova se levantou e cambaleou pelo telhado. Ela se curvou para pegar o elmo do Ace. Olhou pela abertura por onde os olhos do seu tio já tinham olhado para ela, amorosos e orgulhosos.

Mas esse orgulho, ela sabia agora, nunca tinha sido por quem ela era de verdade. Era só pelo que ela era capaz de fazer. Pelo que poderia fazer por ele. Ela duvidava que ele jamais a tivesse amado de verdade.

— Era indestrutível quando o peguei da primeira vez.

Nova se virou. Capitão Cromo tinha se separado da família e estava parado cautelosamente a alguns metros. Estaria com medo de Nova ainda o desprezar? Agora que ele sabia a verdade sobre quem ela era, Nova achava que era impossível ele não pensar que ela tinha tentado matá-lo na frente de milhares de cidadãos apaixonados.

— Duvido que a gente consiga destruir agora — acrescentou ele.

Nova virou o elmo para um lado e para o outro. Dava para sentir o peso da estrela morta no bolso, e ela se perguntou se poderia ter sido usada para destruir o elmo. Mas era tarde demais agora. O poder que a estrela teve tinha sumido, espalhado pelo mundo.

— Nós podemos colocá-lo nas catacumbas — sugeriu ela. — Vamos enterrá-lo lá e torcer pra que ninguém encontre.

— Em um caixão de cromo? — replicou Hugh, e embora seus olhos cintilassem como se fosse piada, Nova gostou da ideia.

— Com Ace — disse ela.

O humor sumiu do rosto de Hugh.

— Qualquer tumulto público vai ser depredado — disse ela. — Não posso perdoá-lo pelo que ele fez com a minha família... — A voz dela falhou. Ela inspirou, trêmula, e se obrigou a continuar. — Mas ele me *deu* algo em que acreditar e pelo que lutar. A visão de mundo dele não era de todo ruim.

Hugh assentiu, compreensivo.

— Um caixão de cromo para Ace Anarquia e seu elmo. — Ele começou a se virar.

— Capitão? — disse Nova.

Ele fez uma pausa.

— O que você acharia se... se uma vilã se apaixonasse pelo seu filho?

Ele a encarou com um tremor no canto da boca, embora lutasse para permanecer sério.

— Pra ser sincero, não sei se ainda existem vilões. — Ele deu de ombros. — Talvez nunca tenham existido.

Ele saiu andando e voltou até a família. Adrian estava olhando os dois com o braço em volta do Max e uma pergunta nos olhos.

Nova sorriu, torcendo para Hugh estar certo. Talvez não existissem vilões.

Mas, ao olhar para Adrian e Max, ela teve certeza de que existiam heróis.

Nova estava começando a se perguntar se talvez não fosse um deles.

EPÍLOGO



NO FINAL, NÓS TODOS SOMOS heróis.

Pelo menos, era isso que as pessoas gostavam de dizer para si mesmas.

O que, na sua humilde opinião, era uma baboseira completa.

Ela sentia falta dos dias em que o Desfile dos Renegados significava alguma coisa. Quando as pessoas viam os carros alegóricos passando e ficavam impressionadas com o que representavam. Dons e habilidades que eram verdadeiramente extraordinários. Poder grande demais para ser quantificado. Quando a palavra *super-herói* era mais do que um recurso de marketing.

Isso foi antes da “Supernova”, como começou a ser chamada.

Em um minuto, o mundo estava em caos pelo retorno do maior supervilão de todos os tempos. Pânico em massa, terror em massa, a imprensa falando sem parar do fim do mundo.

E aí... a destruição colidiu com a criação. A devastação se encontrou com o renascimento.

De repente, todo mundo tinha superpoderes.

Foi o fim do heroísmo como ela havia conhecido, o que foi bem triste considerando que ela nunca tinha se impressionado muito com heroísmo para começo de conversa.

Naquele ano, o Desfile dos Renegados teve uma sensação diferente. Em vez de botar o Conselho e seus companheiros em um pedestal, era a celebração de *todos* os prodígios, de todos os dons, extraordinários ou não. Foi cheia de boas energias e

gente dizendo coisas como “Agora, qualquer um pode ser um super-herói!” e esse tipo de besteira em que as pessoas acreditavam.

O espetáculo continuou impressionante, claro. Os carros alegóricos estavam vivos com chamas e gelo, raios e fogos de artifício, torres de água suspensa, adereços que desafiavam a gravidade e os prodígios no centro: as engrenagens que faziam tudo funcionar.

Mas eles tinham se livrado dos carros alegóricos dos vilões, que agora eram vistos como desrespeitosos e grosseiros. Ela não sabia quem exatamente deveriam que respeitar agora. Os Anarquistas? As gangues vilãs? O próprio Ace Anarquia?

Por favor.

Os carros alegóricos de vilões foram substituídos por memoriais aos guerreiros perdidos. Luz Negra. Abelha-Rainha. Até Titereiro, aquele escroto, o que era o auge da ironia, considerando que ele tinha atacado o mesmo desfile apenas um ano antes.

Havia até um carro alegórico com uma estátua dedicada a Callum Treadwell.

O coração dela deu um pulo quando o viu, mas ela nunca contaria a ninguém. Pelas maravilhas, Callum podia ter sido um nerd ridículo, mas merecia coisa melhor do que ser colocado com aquela gente.

Ela assistiu a tudo do meio da multidão, os braços cruzados, a cara amarrada para cada carro. O que eles tinham a celebrar agora? A ideia de que todos tinham passado de civis impotentes a super-heróis corajosos? Risível. O que era então? A segunda queda do Ace Anarquia? A grande equalização?

Um retorno à mediocridade?

Ninguém parecia ter percebido, mas ela sabia que perceberiam logo. Era um fato inescapável.

Se todo mundo é especial... ninguém é.

Um carro alegórico dobrou a esquina, trazendo junto um coral de gritos ávidos.

O Conselho, naturalmente, continuava o puro suco da palhaçada política que sempre foi. Sem Luz Negra, faltava um certo senso de espetáculo ao carro: não havia mais luzes estroboscópicas nem fogos de artifício e brilhos. Fora isso, não tinha mudado muita coisa.

Apesar de ter os próprios superpoderes, as pessoas tentavam emular o Conselho. Ao passar os olhos pela multidão, ela viu pelo menos dez fantasias de Capitão

Cromo, junto com varinhas iluminadas e máscaras de plástico. Também viu uma faixa grande pendurada numa loja próxima.

OUSADIA. VALENTIA. JUSTIÇA. VOCÊ TEM O NECESSÁRIO PARA SER UM SUPER-HERÓI?

TEM, SIM!

Mas era mentira. Para começar, nem todos os poderes eram iguais, e ela sabia que a hierarquia começaria a se estabelecer em pouco tempo, assim que aquela baboseira de “igualdade” passasse. E nem todo mundo tinha sido feito para ser heroico, mesmo que fosse capaz de ferver água com o bafo ou hipnotizar cachorrinhos com um apito mágico. Nem todos eram empoderados, por mais que quisessem que fosse verdade.

Empoderados. Que nojo. Ela sentia vontade de vomitar sempre que ouvia aquela palavra.

A multidão irrompeu em mais gritos. Um carro alegórico apareceu com um modelo da Cidade de Gatlon, todo feito de vidro, bem como ela se lembrava do quartel-general. Era bonito e cintilou na luz forte da tarde. Ela levou um minuto para notar o garoto no centro da cidade. Ele parecia bem mais velho do que na última vez em que ela o viu.

Max Everhart.

O recluso assustador que ela vira tantas vezes observando os Renegados por trás das paredes da quarentena. Ele era uma lenda agora. Se *alguém* era herói, esse alguém era ele, depois de ter reconstruído sozinho a Cidade de Gatlon quando Ace Anarquia tentou destruí-la.

O engraçado era que Max Everhart talvez fosse o único ser humano do planeta que não tinha superpoderes. Não mais.

Ele poderia ter tido todos, mas escolheu abrir mão deles.

Não tê-los mais.

Ela o admirava por isso. Às vezes, ela se perguntava se ele tinha arrependimentos. Às vezes, sonhava em ter encontros aleatórios com Max Everhart em que pudesse perguntar como tinha sido ter tanto poder, mesmo que só por um momento.

Na verdade, ela pensava muito em Max Everhart agora. Em algum momento no ano anterior, passou pela cabeça dela que ele até era bonitinho, e ela se perguntou se

ele sempre tinha sido assim e ela nunca tinha reparado porque, ora, ninguém reparava no Max Everhart antes.

Mas as pessoas reparavam nele agora, e ela não pôde evitar reparar também.

Ela também nunca contaria *isso* para ninguém.

Em seguida veio um carro alegórico todo pintado de preto, com luz brilhando por um milhão de buraquinhos, lembrando o céu da noite. Uma estrela gigante de cinco pontas ocupava o centro do carro. Em um braço estava Monarca, ao lado de uma garota mais baixa de cabelo ruivo com uma trança comprida e estreita que ia até o quadril, as duas acenando com exuberância para as pessoas. Do lado oposto da estrela estavam Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha. Com aquele sorriso de olhos entorpecidos, Cortina de Fumaça apontou um dedo para o céu e soltou um fluxo de nuvens brancas fofas que se dobraram nelas mesmas e formaram um coração. Um segundo depois, uma segunda explosão de fumaça gerou uma flecha cortando o coração, e Assassina Vermelha o observou com uma cara de que ele tinha acabado com a fome mundial ou algo assim.

No alto da estrela havia outro casal feliz.

Ela amarrou a cara. Seu lábio se curvou de repulsa por vontade própria ao mesmo tempo que a multidão gritava com alegria nos ouvidos dela.

Eles eram a prova, as pessoas ficavam dizendo. Adrian Everhart e Nova Artino eram prova de que podia haver um meio-termo. De que a divisão entre heróis e vilões não era tão ampla quanto eles sempre pensaram.

De que o amor vencia tudo.

Ela não sabia de nada daquilo, mas ficou bem claro que os dois estavam repugnantemente apaixonados um pelo outro.

A atenção dela pousou na pulseira de bronze filigranada que Nova estava usando. Ainda era bonita, e uma pontada de desejo ainda surgia nela cada vez que a via, mas não tanto agora que a pedra tinha sido retirada. Ela nunca conseguiu identificar o que foi tão atraente antes, fora o fato de ela ter um sexto sentido para o valor das coisas, e aquela pedra valia mais do que qualquer badulaque que já tivesse afanado. Do que todos os badulaques juntos.

Mas tinha sido trocada agora, por um pedaço de ônix ou safira negra ou algo assim. Não dava para saber tão de longe.

Havia muitos boatos circulando sobre o que tinha acontecido na catedral naquele dia. Boatos sobre a estrela, uma explosão, uma arma nova feita pelo próprio David Artino. Boatos sobre Ace Anarquia e Fobia e Capitão Cromo e Max Everhart.

Boatos sobre Pesadelo.

No carro alegórico, Nova se inclinou para falar com Adrian e algo passou entre eles. Olhares mais suaves. Sorrisos mais largos.

Eles se beijaram, e ela teve que virar a cara para não vomitar.

Já tinha visto o suficiente. Qualquer esperança de que o Desfile dos Renegados pudesse valer a pena foi destruída. Ela abriu caminho pela multidão, desviando de pessoas embriagadas de animação e cerveja barata, crianças apoiadas nos ombros dos pais para ver melhor.

Não sabia bem quais boatos eram verdade, mas os únicos aos quais deu atenção foram os que falavam sobre o elmo do Ace Anarquia. Estavam dizendo que ainda não tinha sido destruído. Estavam dizendo que era indestrutível, e que o poder contido nele jamais sumiria. Tinha ouvido rumores de que o elmo estava escondido embaixo das ruínas da catedral. Enterrado nas profundezas das catacumbas.

Sua pulsação disparava só de pensar.

Ela já fantasiara mais de uma vez ultimamente em ser a pessoa a escavar um tesouro daqueles.

Se os boatos fossem verdade.

Uma fagulha chamou sua atenção, e ela parou ao reparar em um broche chique preso ao blazer cinza de uma mulher. Era o icônico *R* dos Renegados, feito de pedras vermelhas. Não deviam ser pedras de verdade, mas era bonito o suficiente para fazê-la hesitar.

Ela seguiu em frente, concentrada na joia. Visualizou o alfinete afiado enfiado no tecido da lapela da mulher. Imaginou o fecho se abrindo. O pino se soltando. O broche caindo do tecido.

Ela esbarrou na mulher no mesmo momento em que o broche caiu na palma da sua mão aberta. Fechou os dedos bem rápido e sentiu o furo do pino no dedo. Fez uma careta, mas a mulher estava olhando para ela com desconfiança, então transformou a careta em um sorriso largo e soltou um pedido de desculpas efusivo antes de voltar para o meio da multidão.

Nessa hora, sentiu o olhar de alguém. Ousando olhar para cima, ela viu um homem em meio às pessoas, um sobretudo surrado sobre o corpo volumoso. Ele estava olhando para ela como se a reconhecesse, embora ela soubesse que nunca o tinha visto. Não se esquece de um rosto daqueles: uma colcha de retalhos de pele inchada, com uma bochecha mais caída do que a outra, puxando para baixo o lado esquerdo da boca, sem sobrancelhas e com cicatrizes altas entrecruzadas na testa. Ela se perguntou que tipo de superpoder lamentável se manifestaria *assim*.

Ele sorriu para ela. Foi um sorriso de conhecimento, meio torto.

Sentindo-se envergonhada, e com medo de ele ter testemunhado o roubo e estar prestes a levantar um alarme (o que era muito arriscado agora que *todo mundo* se via como justiceiro de certa forma), ela deu meia-volta e saiu correndo na direção oposta.

Esperou até estar a meio quarteirão dali e abriu a mão para inspecionar o broche. Definitivamente bijuteria vagabunda, mas daria uns dólares na loja de penhores, pelo menos.

Ela segurou o broche na camisa, sobre o coração, e usou a mente para enfiar a ponta no tecido e acionar o fecho.

Depois de colocar o dedo na boca para sugar o sangue, ela enfiou a outra mão no bolso para tirar o resto dos tesouros do dia. Uma carteira, dois relógios e uma aliança de ouro. Sentia-se um pouco culpada por essa última, mas, sem saber o que aconteceria com os Renegados, ela achava que precisava entrar em modo de sobrevivência.

Se era boa em alguma coisa, era em sobreviver.

Ela guardou suas descobertas, mas ficou com o último item que tinha tirado do bolso, o amuleto da sorte que estava sempre com ela, escondido por segurança: uma bala pequena de prata. A que deveria tê-la matado. Quando era bebê, ela levou um tiro de um ladrão que invadiu o apartamento da família. Naquela noite, seus pais foram mortos. Naquela noite, sua irmã mais velha tinha desaparecido, fugido ou sido sequestrada, e nunca mais se teve notícias dela.

Naquela noite, seus poderes adormecidos foram despertados.

Claro que ela não se lembrava de nada disso, só do que a equipe do orfanato tinha contado. Disseram que ela havia sido encontrada pelo senhorio, encharcada de sangue e gritando loucamente, o projétil na mão gordinha. Disseram que isso foi

menos de uma hora depois do Capitão Cromo em pessoa ter passado lá para investigar o crime e declará-la morta, junto com os pais.

E os Renegados se perguntavam por que todo mundo achava que eram incompetentes.

Durante anos, ela sonhou com a irmã indo buscá-la. Com... qualquer pessoa, na verdade, indo buscá-la. Mas acabou se dando conta de que ninguém apareceria. Ninguém ligava para mais um prodígio órfão e indesejado.

Ela só podia contar consigo mesma.

E tudo bem. Não precisava de mais ninguém. Era uma sobrevivente. A bala era prova disso.

Ela apertou o punho, enfiou a bala no bolso e foi na direção da loja de penhores para vender os bens antes que fosse pega.

Sabia que não era mais Renegada. Muita gente estava dizendo que nem se precisava mais dos Renegados, assim como não era mais preciso temer vilões. Não havia mais prodígios desejando poder e pessoas normais presas no meio. Todos podiam recuperar o controle da cidade, da sociedade, da vida.

Mas era só questão de tempo. A ganância voltaria. As lutas por poder. Os conflitos. Essa fase passaria, e os problemas ainda estariam ali. Só que agora cada lado teria um exército maior, com armas mais fortes.

Quando isso acontecesse, eles veriam que nem todo mundo estava disposto a proteger os inocentes, a defender os fracos, a lutar por justiça. Perceberiam que alguns prodígios eram mais fortes por um motivo. Mais corajosos por um motivo. Alguns foram feitos para serem heróis.

Assim como outros foram feitos para serem vilões.

AGRADECIMENTOS



MAIS UMA SÉRIE COMPLETA (viva!), e não sei o que teria acontecido sem o apoio incrível de tanta gente. Principalmente, quero agradecer à minha agente, Jill, que me ajudou a ver o verdadeiro coração da história de Nova e Adrian, e à minha editora, Liz, que ajudou a me guiar por esse caminho, mesmo quando ficou bem mais longo e sinuoso do que acho que nós esperávamos. Eu talvez tivesse desistido desses livros sem a sabedoria de vocês duas e sou muito grata pelo seu constante apoio.

Também quero agradecer a todos da Jill Grinberg Literary Management — Denise, Katelyn, Sam, Sophia e Cheryl (que saudade de vocês!), assim como a Matthew Snyder, da CAA — vocês são os melhores, sem dúvida nenhuma.

A toda a minha equipe na Macmillan Children's — Jean, Jon, Mary, Jo, Morgan, Rich, Mariel, Allison, Caithin, Jordin, Katie H., Katie Q. e tantos outros —, que são verdadeiros heróis no mundo da literatura juvenil. Obrigada por me ajudarem a moldar minhas histórias até se tornarem os melhores livros que poderiam ser.

Sou eternamente grata à minha antiga leitora beta, Tamara Moss, que não só me ajuda a ver as fraquezas na minha escrita, mas também me dá confiança e motivação para torná-la melhor.

Muitos, muitos agradecimentos à minha extraordinária copidesque, Anne Heausler, por fazer comentários e sugestões tão atenciosas sobre o texto. É sempre um conforto ter seus olhos nisso!

Tenho uma dívida de gratidão imensa a Laurel Harnish, cuja participação na minha competição “Crie seu super-herói” resultou na criação de Callum Treadwell.

Callum se tornou, na minha mente, um dos maiores heróis desta saga, e foi um privilégio escrevê-lo.

Agradeço ao meu maravilhoso grupo de escritores locais: Gennifer Albin, Kendare Blake, Jennifer Chushcoff, Kimberly Derting, Corry Lee, Lish McBride, Lily Meade, Sajni Patel (sentimos sua falta!), Rori Shay, Breeana Shields e Emily Varnell, pelas muitas tardes de produtividade e camaradagem, pelos conselhos atenciosos e pela amizade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família e aos meus amigos, que foram meus defensores e torcedores incríveis desde o começo: minha mãe e meu pai, minha avó, Jeff e Wendy, Bob e Clarita, Connie, Chelsea, Pat e Carolyn, Leilani, Calli, Sarah, Steph, Matt e Melissa, Ash e Christina, Eddy e Melissa, e tenho certeza de que estou esquecendo alguém (aff, odeio essa sensação!). E, claro, agradeço às minhas lindas filhas, Delaney e Sloane, pelos indescritíveis amor e alegria que dão à minha vida, e a Jesse, meu marido, meu melhor amigo, meu companheiro de viagens favorito e meu ser humano favorito neste planeta. Nas palavras de Sandol Stoddard Warburg: *Eu continuaria te escolhendo e você continuaria me escolhendo, para sempre.*

Título original

SUPERNOVA

Book Three of The Renegades Trilogy

Copyright do texto © 2019 *by* Rampion Books.

Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends Book,
um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar

Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

preparação de originais

ULISSES TEIXEIRA

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

CLARICE GOULART

Edição digital: julho, 2022.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56s

Meyer, Marissa

Supernova [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2022.

recurso digital (Renegados ; 3)

Tradução de: Supernova

ISBN 978-65-5595-129-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

22-77789

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A AUTORA



MARISSA MEYER é autora da série Crônicas Lunares: *Cinder*, *Scarlet*, *Cress*, *Winter*, *Levana* e *Stars Above*, e também dos bestsellers do *The New York Times* *Sem Coração* e *Renegados*, primeiro livro da trilogia.

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Renegados](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Lista de personagens](#)

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

[Arqui-inimigos](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Lista de personagens](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

[Supernova](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Lista de personagens](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)
[Capítulo trinta e um](#)
[Capítulo trinta e dois](#)
[Capítulo trinta e três](#)
[Capítulo trinta e quatro](#)
[Capítulo trinta e cinco](#)
[Capítulo trinta e seis](#)
[Capítulo trinta e sete](#)
[Capítulo trinta e oito](#)
[Capítulo trinta e nove](#)
[Capítulo quarenta](#)
[Capítulo quarenta e um](#)
[Capítulo quarenta e dois](#)
[Capítulo quarenta e três](#)
[Capítulo quarenta e quatro](#)
[Capítulo quarenta e cinco](#)
[Capítulo quarenta e seis](#)
[Capítulo quarenta e sete](#)
[Capítulo quarenta e oito](#)
[Capítulo quarenta e nove](#)
[Capítulo cinquenta](#)
[Capítulo cinquenta e um](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Créditos](#)
[A Autora](#)